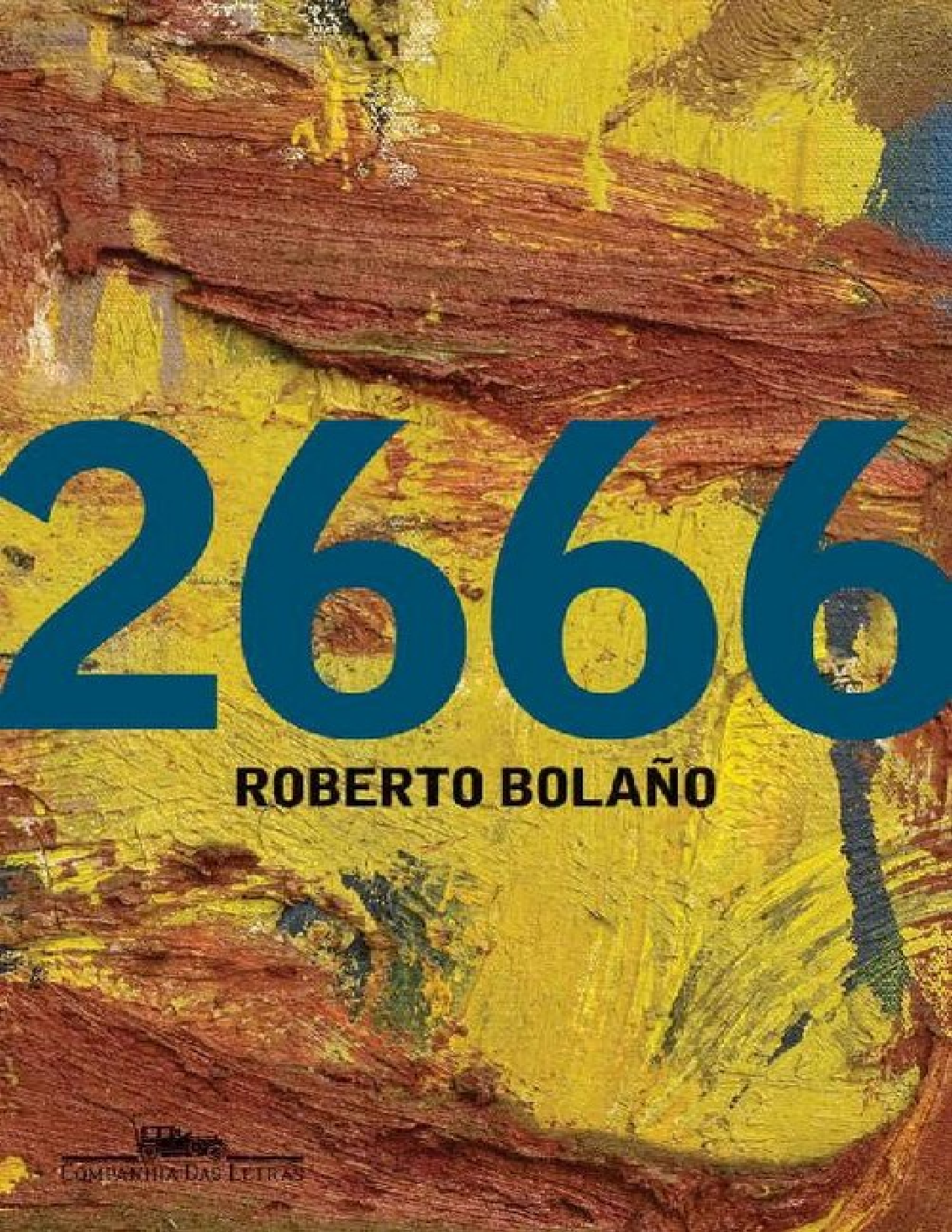


The background of the cover is an abstract, textured composition. It features thick, expressive brushstrokes in shades of yellow, ochre, and terracotta red. The textures vary from smooth to highly ridged and layered, giving the impression of aged paint or perhaps weathered stone. The colors are warm and earthy, creating a sense of depth and history.

2666

ROBERTO BOLAÑO



ROBERTO BOLAÑO

2666

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

*Para Alexandra Bolaño
e Lautaro Bolaño*

*Um oásis de horror em meio a
um deserto de tédio.*

Charles Baudelaire

Sumário

Nota dos herdeiros do autor

A parte dos críticos

A parte de Amalfitano

A parte de Fate

A parte dos crimes

A parte de Archimboldi

Nota à primeira edição, por Ignacio Echevarría

Nota dos herdeiros do autor

Ante a possibilidade de uma morte próxima, Roberto deu instruções para que seu romance 2666 fosse publicado em cinco livros, correspondentes às cinco partes do romance, especificando a ordem e a periodicidade das publicações (uma por ano), e até o preço a negociar com o editor. Com essa decisão, comunicada dias antes de sua morte pelo próprio escritor a Jorge Herralde, ele acreditava ter assegurado o futuro econômico dos filhos.

Após sua morte e depois da leitura e do estudo da obra e do material de trabalho deixado por Roberto, levado a cabo por Ignacio Echevarría (amigo que ele indicou como referência para solicitar conselhos sobre seus assuntos literários), surge outra consideração de ordem menos prática: o respeito ao valor literário da obra faz que, de comum acordo com Jorge Herralde, alteremos a decisão de Roberto e que 2666 seja publicado inicialmente em toda a sua extensão, num só volume, como ele próprio teria feito se não se houvesse consumado a pior das probabilidades que o processo de sua doença oferecia.

A PARTE DOS CRÍTICOS

A primeira vez que Jean-Claude Pelletier leu Benno von Archimboldi foi no Natal de 1980, em Paris, onde fazia estudos universitários de literatura alemã, aos dezenove anos de idade. O livro era *D'Arsonval*. O jovem Pelletier então ignorava que esse romance era parte de uma trilogia (formada por *O jardim*, de tema inglês, *A máscara de couro*, de tema polonês, assim como *D'Arsonval* era, evidentemente, de tema francês), mas essa ignorância ou esse vazio ou esse desleixo bibliográfico, que só podia ser atribuído à sua extrema juventude, não subtraiu em nada o deslumbramento e a admiração que o romance lhe causou.

A partir desse dia (ou das altas horas noturnas em que deu por encerrada aquela leitura inaugural), se converteu num archimboldiano entusiasta e deu início à peregrinação em busca de mais obras desse autor. Não foi tarefa fácil. Conseguir, mesmo em Paris, livros de Benno von Archimboldi nos anos 80 do século XX não era de forma alguma um trabalho que não acarretasse múltiplas dificuldades. Na biblioteca do departamento de literatura alemã da sua universidade não se encontrava quase nenhuma referência sobre Archimboldi. Os professores não tinham ouvido falar nele. Um deles disse que o nome não lhe era estranho. Com furor (com espanto), Pelletier descobriu ao cabo de dez minutos que o que não era estranho a seu professor era o nome do pintor italiano, ao qual, aliás, sua ignorância também se estendia de forma olímpica.

Escreveu à editora de Hamburgo que havia publicado *D'Arsonval* e jamais recebeu resposta. Percorreu, também, as poucas livrarias alemãs que pôde encontrar em Paris. O nome de Archimboldi aparecia num dicionário de literatura alemã e numa revista belga, dedicada, nunca soube se de brincadeira ou a sério, à literatura prussiana. Em 1981, com três amigos da faculdade, viajou pela Baviera e lá, numa livrariazinha de Munique, na Voralmsstrasse, encontrou outros dois livros, o magro volume de menos de cem páginas intitulado *O tesouro de Mitzi* e o já mencionado *O jardim*, o romance inglês.

A leitura desses dois novos livros contribuiu para fortalecer a opinião que tinha sobre Archimboldi. Em 1983, aos vinte e dois anos, deu início à tarefa de traduzir *D'Arsonval*. Ninguém lhe pediu que o fizesse. Não havia então nenhuma editora francesa interessada em publicar esse alemão de nome estranho. Pelletier começou a traduzi-lo basicamente porque gostava, porque era feliz fazendo isso, embora também tenha pensado que podia apresentar essa tradução, precedida por um estudo sobre a obra archimboldiana, como tese e, quem sabe, como o primeiro passo do seu futuro doutorado.

Acabou a versão definitiva da tradução em 1984, e uma editora parisiense, após algumas hesitantes e contraditórias leituras, aceitou-a, e publicaram Archimboldi, cujo romance, destinado *a priori* a não passar da cifra de mil exemplares vendidos, esgotou depois de um par

de resenhas contraditórias, positivas, até mesmo excessivas, os três mil exemplares da tiragem, abrindo as portas para uma segunda, terceira e quarta edição.

Por então, Pelletier já tinha lido quinze livros do autor alemão, traduzido outros dois, e era considerado, quase unanimemente, o maior especialista em Benno von Archimboldi que havia em toda a extensão da França.

Então Pelletier pôde se lembrar do dia em que leu Archimboldi pela primeira vez e se viu a si mesmo, jovem e pobre, morando numa *chambre de bonne*, compartilhando a pia, onde lavava a cara e escovava os dentes, com outras quinze pessoas que moravam na escura água-furtada, cagando num banheiro horrível e pouco higiênico, que de banheiro não tinha nada, estava muito mais para cloaca ou fossa séptica, compartilhado igualmente com os quinze residentes da água-furtada, alguns dos quais já haviam voltado às províncias, munidos do correspondente diploma universitário, ou então tinham se mudado para lugares um pouco mais confortáveis na própria Paris, ou então, uns poucos, continuavam ali, vegetando ou morrendo lentamente de asco.

Viu-se, como foi dito, a si mesmo, ascético e debruçado sobre seus dicionários alemães, iluminado por uma lâmpada fraca, magro e obstinado, como se todo ele fosse vontade feita carne, ossos e músculos, nada de gordura, fanático e decidido a chegar a bom porto, enfim, uma imagem bastante normal de estudante na capital, mas que agiu nele como uma droga, uma droga que o fez chorar, uma droga que abriu, como disse um poeta cafona holandês do século XIX, as eclusas da emoção e de algo que à primeira vista parecia autocomiseração mas não era (o que era, então? raiva?, provavelmente), e que o levou a pensar e repensar, não com palavras mas com imagens dolorosas, seu período de aprendizado juvenil e que depois de uma longa noite talvez inútil forçou em sua mente duas conclusões: a primeira, que a vida tal como ele havia vivido até então tinha se acabado; a segunda, que uma brilhante carreira se abria diante dele e que, para que esta não perdesse o brilho, devia conservar, como única recordação daquela água-furtada, sua vontade. A tarefa não lhe pareceu difícil.

Jean-Claude Pelletier nasceu em 1961, e em 1986 já era catedrático de alemão em Paris. Piero Morini nasceu em 1956, num lugarejo próximo de Nápoles, e embora tenha lido Benno von Archimboldi pela primeira vez em 1976, isto é, quatro anos antes de Pelletier, foi só em 1988 que traduziu seu primeiro romance do autor alemão, *Bifurcaria bifurcata*, que passou pelas livrarias italianas em brancas nuvens, branquíssimas.

A situação de Archimboldi na Itália, há que ressaltar, era bem distinta da francesa. Na verdade, Morini não foi o primeiro tradutor que ele teve. Mais ainda, o primeiro romance de Archimboldi que caiu nas mãos de Morini foi uma tradução de *A máscara de couro* feita por um tal de Colossimo para a Einaudi no ano de 1969. Depois de *A máscara de couro*, foi publicado na Itália *Rios da Europa*, em 1971, *Herança*, em 1973, e *A perfeição ferroviária*, em 1975, e antes havia sido publicada, por uma editora romana, em 1964, uma seleção de contos

em que não escasseavam as histórias de guerra, intitulada *Os bas-fonds de Berlim*. De modo que se poderia dizer que Archimboldi não era um completo desconhecido na Itália, embora também não se pudesse dizer que fosse um autor de sucesso ou de mediano sucesso ou de pouco sucesso, mas antes de nulo sucesso, cujos livros envelheciam nas estantes mais bolorentas das livrarias ou eram vendidos na bacia das almas ou esquecidos nos depósitos das editoras antes de serem guilhotinados.

Morini, é claro, não se intimidou com as baixas expectativas que a obra de Archimboldi provocava no público italiano e depois de traduzir *Bifurcaria bifurcata* enviou dois estudos archimboldianos, um a uma revista de Milão, outro a uma de Palermo, um sobre o destino em *A perfeição ferroviária*, outro sobre os múltiplos disfarces da consciência e da culpa em *Leteia*, um romance de aparência erótica, e em *Bitzius*, um romance de menos de cem páginas, de certo modo similar a *O tesouro de Mitzi*, o livro que Pelletier encontrou numa velha livraria de Munique, cujo argumento se centrava na vida de Albert Bitzius, pastor de Lützelflüh, no cantão de Berna, e autor de sermões, além de escritor sob o pseudônimo de Jeremias Gotthelf. Ambos os ensaios foram publicados e a eloquência ou o poder de sedução empregados por Morini ao apresentar a figura de Archimboldi derrubaram os obstáculos, e em 1991 uma segunda tradução de Piero Morini, dessa vez de *São Tomás*, veio à luz na Itália. Por essa época, Morini dava aulas de literatura alemã na Universidade de Turim, e os médicos já haviam detectado nele uma esclerose múltipla e ele já havia sofrido um espetacular e estranho acidente que o tinha pregado para sempre numa cadeira de rodas.

Manuel Espinoza chegou a Archimboldi por outros caminhos. Mais moço que Morini e que Pelletier, Espinoza não estudou, pelo menos nos dois primeiros anos da sua carreira universitária, filologia alemã, mas sim filologia espanhola, entre outras tristes razões porque Espinoza sonhava ser escritor. Da literatura alemã só conhecia (e mal) três clássicos, Hölderlin, porque aos dezesseis anos acreditou que seu destino estava na poesia e devorava todos os livros de poesia a seu alcance, Goethe, porque no último ano do colégio um professor piadista recomendou que lesse *Werther*, onde encontraria uma alma gêmea, e Schiller, de quem tinha lido uma peça de teatro. Depois frequentaria a obra de um autor moderno, Jünger, sobretudo por simbiose, pois os escritores madrilinhos que ele admirava e, no fundo, odiava com toda a sua alma, falavam de Jünger sem parar. De modo que se pode dizer que Espinoza só conhecia um autor alemão, e esse autor era Jünger. A princípio, a obra deste lhe pareceu magnífica, e como grande parte de seus livros estava traduzida em espanhol, Espinoza não teve problema para encontrar e ler todos. Gostaria que não tivesse sido tão fácil. A gente que ele frequentava, aliás, não só eram devotos de Jünger, alguns eram também seus tradutores, algo a que Espinoza não dava a mínima, pois o brilho que ele cobiçava não era o do tradutor e sim o do escritor.

A passagem dos meses e dos anos, que costuma ser calada e cruel, lhe trouxe algumas desgraças que fizeram variar suas opiniões. Não demorou, por exemplo, a descobrir que o grupo de jüngerianos não era tão jüngeriano quanto ele tinha acreditado, mas que, como

tudo grupo literário, estava sujeito à mudança das estações, e no outono, efetivamente, eram jüngerianos, mas no inverno se transformavam abruptamente em barojianos, e na primavera orteguianos, e no verão inclusive abandonavam o bar onde se reuniam para sair à rua entoando versos bucólicos em homenagem a Camilo José Cela, coisa que o jovem Espinoza, que no fundo era um patriota, teria estado disposto a aceitar sem reservas se houvesse um espírito mais jovial, mais carnavalesco em tais manifestações, mas que de modo algum podia levar tão a sério quanto os jüngerianos espúrios levavam.

Mais grave foi descobrir a opinião que seus próprios ensaios narrativos suscitavam no grupo, uma opinião tão ruim que em certas ocasiões, uma noite de insônia, por exemplo, chegou a se perguntar seriamente se aquela gente não estava lhe pedindo nas entrelinhas que caísse fora, que parasse de enchê-los, que não voltasse mais.

Mais grave ainda foi quando Jünger em pessoa apareceu em Madri e o grupo de jüngerianos organizou para ele uma visita ao Escorial, estranho capricho do mestre, visitar El Escorial, e quando Espinoza quis se juntar à expedição, na função que fosse, essa honra lhe foi negada, como se os pretensos jüngerianos não o considerassem com méritos suficientes para fazer parte da guarda de honra do alemão ou como se temessem que ele, Espinoza, pudesse deixá-los em maus lençóis com alguma tirada de rapazola abstruso, embora a explicação oficial que lhe deram (vai ver que ditada por um impulso piedoso) tenha sido a de que ele não sabia alemão e todos que iam ao piquenique com Jünger sabiam.

Aí se acabou a história de Espinoza com os jüngerianos. E aí começou a solidão e a chuva (ou o temporal) de propósitos muitas vezes contraditórios ou impossíveis de realizar. Não foram noites cômodas muito menos prazenteiras, mas Espinoza descobriu duas coisas que o ajudaram muito nos primeiros dias: jamais seria um narrador e, à sua maneira, era um jovem valente.

Também descobriu que era um jovem rancoroso e que estava cheio de ressentimento, que supurava ressentimento, e que não lhe teria custado nada matar alguém, quem quer que fosse, contanto que aliviasse a solidão, a chuva e o frio de Madri, mas preferiu deixar essa descoberta na obscuridade, centrar-se na sua aceitação de que jamais seria um escritor e tirar todo partido do mundo de sua recém-exumada coragem.

Continuou, pois, na universidade estudando filologia espanhola, mas ao mesmo tempo se matriculou em filologia alemã. Dormia de quatro a cinco horas diárias e o resto do dia era dedicado a estudar. Antes de terminar filologia alemã, escreveu um ensaio de vinte páginas sobre a relação entre Werther e a música, que foi publicado numa revista literária madrilenha e numa revista universitária de Göttingen. Aos vinte e cinco anos havia terminado ambos os cursos. Em 1990, obteve o doutorado em literatura alemã com um trabalho sobre Benno von Archimboldi, que uma editora de Barcelona publicaria um ano depois. À época, Espinoza era um habitué de congressos e mesas redondas sobre literatura alemã. Seu domínio dessa língua era, se não excelente, mais do que aceitável. Também falava inglês e francês. Como Morini e Pelletier, tinha um bom emprego e rendimentos

consideráveis, e era respeitado (até onde isso era possível) tanto por seus alunos como por seus colegas. Nunca traduziu Archimboldi nem qualquer outro autor alemão.

Além de Archimboldi, Morini, Pelletier e Espinoza tinham uma coisa em comum. Os três possuíam uma vontade de ferro. Na realidade, tinham mais outra coisa em comum, mas disso falaremos mais tarde.

Liz Norton, pelo contrário, não era o que comumente se chama uma mulher de grande vontade, isto é, não fazia planos a médio ou longo prazo nem punha em jogo todas as suas energias para realizá-los. Era isenta dos atributos da vontade. Quando sofria uma dor, facilmente se percebia, e quando era feliz, a felicidade que experimentava se tornava contagiosa. Era incapaz de traçar com clareza uma meta determinada e de manter uma continuidade na ação que a levasse a coroar essa meta. Nenhuma meta, por sinal, era suficientemente apetecível ou desejada para que ela se comprometesse totalmente. A expressão “alcançar um fim”, aplicada a algo pessoal, lhe parecia uma arapuca repleta de mesquinharia. A “alcançar um fim” antepunha a palavra “viver” e em raras ocasiões a palavra “felicidade”. Se a vontade se relaciona a uma exigência social, como acreditava William James, e portanto é mais fácil ir à guerra do que parar de fumar, de Liz Norton se podia dizer que era uma mulher para quem era mais fácil parar de fumar do que ir à guerra.

Uma vez, na universidade, alguém lhe contou isso, e ela ficou encantada, se bem que nem por isso tenha começado a ler William James, nem antes nem depois nem nunca. Para ela a leitura estava relacionada diretamente com o prazer e não diretamente com o conhecimento ou com os enigmas ou com as construções e labirintos verbais, como acreditavam Morini, Espinoza e Pelletier.

Sua descoberta de Archimboldi foi a menos traumática ou poética de todas. Durante os três meses que morou em Berlim, em 1988, aos vinte anos de idade, um amigo alemão lhe emprestou um romance de um autor que ela desconhecia. O nome lhe causou estranheza, como era possível, perguntou ao amigo, que existisse um escritor alemão com sobrenome de italiano e no entanto tivesse o *von*, indicativo de certa nobreza, precedendo o nome? O amigo alemão não soube o que responder. Provavelmente era um pseudônimo, disse. E também acrescentou, para somar mais estranheza à estranheza inicial, que na Alemanha não eram comuns os nomes próprios masculinos terminados em vogal. Os nomes próprios femininos sim. Mas os nomes próprios masculinos certamente não. O romance era *A cega* e lhe agradou, mas não a ponto de sair correndo até uma livraria para comprar o resto da obra de Benno von Archimboldi.

Cinco meses depois, já instalada na Inglaterra, Liz Norton recebeu pelo correio um presente de seu amigo alemão. Se tratava, como é fácil adivinhar, de outro romance de Archimboldi. Leu, gostou, procurou na biblioteca do seu *college* mais livros do alemão de nome italiano e encontrou dois: um deles era o que já havia lido em Berlim, o outro era

Bitzius. A leitura deste último, sim, a fez sair correndo. No pátio quadriculado chovia, o céu quadriculado parecia o ricto de um robô ou de um deus feito à nossa semelhança, no gramado do parque as oblíquas gotas de chuva deslizavam para baixo, mas daria no mesmo se deslizassem para cima, depois as oblíquas (gotas) se transformavam em circulares (gotas) que eram tragadas pela terra que sustentava o gramado, o gramado e a terra pareciam conversar, não, conversar não, discutir, e suas palavras ininteligíveis eram como teias de aranha cristalizadas ou brevíssimos vômitos cristalizados, um rangido apenas audível, como se Norton, em vez de chá preto, naquela tarde houvesse tomado um chá de peiote.

Mas a verdade é que só havia tomado chá preto e que se sentia oprimida, como se uma voz houvesse repetido no seu ouvido uma oração terrível, cujas palavras fossem sumindo à medida que se afastava do *college* e a chuva molhava sua saia cinzenta e os joelhos ossudos e os formosos tornozelos e pouca coisa mais, pois Liz Norton, antes de sair correndo através do parque, não tinha esquecido de abrir o guarda-chuva.

A primeira vez que Pelletier, Morini, Espinoza e Norton se viram foi num congresso de literatura alemã contemporânea realizado em Bremen, em 1994. Antes, Pelletier e Morini tinham se conhecido durante as jornadas de literatura alemã realizadas em Leipzig em 1989, quando a DDR estava agonizando, e depois tornaram a se ver no simpósio de literatura alemã realizado em Mannheim em dezembro do mesmo ano (e que foi um desastre, com hotéis ruins, comida ruim e péssima organização). No encontro de literatura alemã moderna, realizado em Zurique em 1990, Pelletier e Morini se encontraram com Espinoza. Espinoza voltou a ver Pelletier no balanço da literatura europeia do século XX realizado em Maastricht em 1991 (Pelletier levava uma comunicação intitulada “Heine e Archimboldi: caminhos convergentes”, Espinoza uma comunicação intitulada “Ernst Jünger e Benno von Archimboldi: caminhos divergentes”), e se poderia dizer, com pouco risco de equívoco, que a partir daquele momento não só se liam mutuamente em revistas especializadas como ficaram amigos ou que entre eles cresceu algo similar a uma relação de amizade. Em 1992, na reunião de literatura alemã de Augsburg, Pelletier, Espinoza e Morini tornaram a se encontrar. Os três apresentavam trabalhos archimboldianos. Durante uns meses falou-se que o próprio Benno von Archimboldi pensava comparecer a essa grande reunião que congregaria, além dos germanistas de sempre, um nutrido grupo de escritores e poetas alemães, mas na hora da verdade, dois dias antes da reunião, chegou um telegrama da editora hamburguesa de Archimboldi pedindo desculpas pela ausência dele. Aliás, a reunião foi um fracasso. Na opinião de Pelletier, a única coisa interessante foi uma conferência pronunciada por um velho professor berlinense sobre a obra de Arno Schmidt (eis um nome próprio alemão terminado em vogal) e pouca coisa mais, opinião compartilhada por Espinoza e, menos, por Morini.

O tempo livre que sobrou, que foi muito, eles dedicaram a passear pelos, na opinião de Pelletier, pífios lugares interessantes de Augsburg, cidade que também pareceu pífia para Espinoza, e que para Morini só pareceu um pouco pífia, mas pífia afinal de contas,

empurrando, ora Espinoza, ora Pelletier, a cadeira de rodas do italiano, cuja saúde naquela ocasião não estava muito boa, mas antes pífia, de modo que seus dois companheiros e colegas estimaram que um pouco de ar fresco não ia lhe cair mal, aliás pelo contrário.

Do congresso seguinte de literatura alemã, realizado em Paris em janeiro de 1992, só participaram Pelletier e Espinoza. Morini, que também havia sido convidado, se encontrava naqueles dias com a saúde mais quebrantada que de costume, de modo que seu médico o desaconselhou, entre outras coisas, a viajar, ainda que a viagem fosse curta. O congresso não foi ruim e apesar de Pelletier e Espinoza estarem com a agenda lotada, encontraram uma brecha para jantar num restaurantezinho da rue Galande, perto de Saint-Julien-le-Pauvre, onde, além de falar de seus respectivos trabalhos e gostos, se dedicaram, durante a sobremesa, a especular sobre a saúde do melancólico italiano, uma saúde ruim, uma saúde quebradiça, uma saúde infame que no entanto não o havia impedido de começar um livro sobre Archimboldi, um livro que, conforme Pelletier explicou que o italiano lhe dissera na outra ponta da linha telefônica, não sabia se a sério ou de brincadeira, podia ser o grande livro archimboldiano, o peixe-piloto que ia nadar por muito tempo ao lado do grande tubarão negro que era a obra do alemão. Ambos, Pelletier e Espinoza, respeitavam os estudos de Morini, mas as palavras de Pelletier (pronunciadas como que no interior de um velho castelo ou como no interior de uma masmorra escavada sob o fosso de um velho castelo) soaram como uma ameaça no aprazível restaurantezinho da rue Galande e contribuíram para botar um ponto final numa noitada que tinha se iniciado sob os auspícios da cortesia e dos desejos satisfeitos.

* * *

Nada disso azedou a relação que Pelletier e Espinoza mantinham com Morini.

Voltaram a se encontrar os três na assembleia de literatura de língua alemã realizada em Bolonha, em 1993. Também participaram os três do número 46 da revista *Estudos Literários* de Berlim, um número monográfico dedicado à obra de Archimboldi. Não era a primeira vez que colaboravam para a revista berlinense. No número 44 havia aparecido um texto de Espinoza sobre a ideia de Deus na obra de Archimboldi e Unamuno. No número 38 Morini publicou um artigo sobre o estado do ensino da literatura alemã na Itália. E no 37 Pelletier trouxe a lume uma perspectiva dos escritores alemães do século XX mais importantes na França e na Europa, texto que, diga-se de passagem, suscitou mais de um protesto e até alguma grosseria.

Mas o número 46 é o que nos importa, pois nele não só ficaram patentes os grupos archimboldianos antagônicos, o de Pelletier, Morini e Espinoza contra o de Schwarz, Borchmeyer e Pohl, mas também porque nesse número foi publicado um texto de Liz Norton, brilhantíssimo segundo Pelletier, bem argumentado segundo Espinoza, interessante segundo Morini, e que, além do mais (e sem que ninguém pedisse), se alinhava às teses do francês, do espanhol e do italiano, que eram citados em várias ocasiões, demonstrando que ela conhecia perfeitamente bem seus trabalhos e monografias aparecidos em revistas

especializadas ou em pequenas editoras.

Pelletier pensou em lhe escrever uma carta, mas afinal não o fez. Espinoza telefonou para Pelletier e perguntou se não seria conveniente entrarem em contato com ela. Inseguros, ficaram de perguntar a Morini. Morini se absteve de dizer o que quer que fosse. De Liz Norton a única coisa que sabiam era que dava aula de literatura alemã numa universidade de Londres. E que não era, como eles, catedrática.

O congresso de literatura alemã de Bremen foi agitado. Sem que os estudiosos alemães de Archimboldi esperassem, Pelletier, secundado por Morini e Espinoza, passou ao ataque como Napoleão em Iena e as derrotadas bandeiras de Pohl, Schwarz e Borchmeyer não demoraram a debandar para as cafeterias e tabernas de Bremen. Os jovens professores alemães que participaram do congresso, de início perplexos, tomaram o partido, embora com todas as devidas reservas, de Pelletier e seus amigos. O público, grande parte do qual era formado de universitários que haviam vindo de Göttingen de trem ou em vans, também optou pelas inflamadas e lapidares interpretações de Pelletier, sem nenhum tipo de reserva, entregue com entusiasmo à visão dionisíaca, festiva, de exegese de último carnaval (ou penúltimo carnaval) defendida por Pelletier e Espinoza. Dois dias depois Schwarz e seus cupinchas contra-atacaram. Contrapuseram à figura de Archimboldi a de Heinrich Böll. Falaram de responsabilidade. Contrapuseram à figura de Archimboldi a de Uwe Johnson. Falaram de sofrimento. Contrapuseram à figura de Archimboldi a de Günter Grass. Falaram de compromisso cívico. Borchmeyer, inclusive, contrapôs à figura de Archimboldi a de Friedrich Dürrenmatt e falou do humor, o que pareceu a Morini o cúmulo do descaramento. Então apareceu, providencial, Liz Norton e desbaratou o contra-ataque como um Desaix, como um Lannes, uma amazona loura que falava um alemão corretíssimo, talvez rápido demais, e que dissertou acerca de Grimmelshausen, de Gryphius e de muitos outros, inclusive Teophrastus Bombastus von Hohenheim, que todo mundo conhece melhor pelo nome de Paracelso.

Essa mesma noite jantaram juntos numa estreita e comprida taberna situada perto do rio, numa rua escura ladeada por edifícios hanseáticos, alguns dos quais pareciam postos abandonados da administração pública nazista, à qual chegaram descendo uma escada molhada pelo chuveiro.

O lugar não podia ser mais atroz, pensou Liz Norton, mas a noitada foi longa e agradável, e a atitude de Pelletier, Morini e Espinoza, nada arrogante, contribuiu para que Norton se sentisse à vontade. Claro, ela conhecia a maior parte dos trabalhos deles, mas o que a surpreendeu (agradavelmente, decerto) foi que eles também conhecessem alguns trabalhos seus. A conversa se desenrolou em quatro fases: primeiro riram da descompostura que Norton tinha passado em Borchmeyer e do espanto crescente de Borchmeyer ante as acometidas cada vez mais impiedosas de Norton, depois falaram de futuros encontros, em

especial de um muito estranho que ia se realizar na Universidade de Minnesota, onde se pensava reunir mais de quinhentos professores, tradutores e especialistas em literatura alemã e sobre o qual Morini tinha fundadas suspeitas de que se tratava de um blefe, depois falaram de Benno von Archimboldi e da sua vida, da qual tão pouco se sabia: todos, começando por Pelletier e terminando em Morini, que apesar de costumar ser o mais calado, naquela noite se mostrou loquaz, explicaram anedotas e fofocas, compararam pela enésima vez vagas informações já sabidas e especularam, como quem torna a falar de um filme querido, sobre o segredo do paradeiro e da vida do grande escritor, finalmente, enquanto andavam pelas ruas molhadas e luminosas (isso sim, de uma luminosidade intermitente, como se Bremen fosse uma máquina a que só de quando em quando percorriam vívidas e breves descargas elétricas), falaram de si mesmos.

Os quatro eram solteiros, e isso lhes pareceu um sinal alentador. Os quatro moravam sozinhos, embora às vezes Liz Norton compartilhasse seu apartamento de Londres com um irmão aventureiro que trabalhava numa ONG e que só uma ou duas vezes por ano voltava à Inglaterra. Os quatro se dedicavam às suas carreiras, embora Pelletier, Espinoza e Morini fossem doutores, e os dois primeiros, além disso, dirigissem seus respectivos departamentos, enquanto Norton estava começando a preparar seu doutorado e não esperava chegar a chefe de departamento de alemão de sua universidade.

Naquela noite, antes de adormecer, Pelletier não recordou as pendengas do congresso mas pensou em si mesmo caminhando pelas ruas adjacentes ao rio e em Liz Norton, que caminhava a seu lado, enquanto Espinoza empurrava a cadeira de rodas de Morini e os quatro riam dos animaizinhos de Bremen, que os observavam ou observavam suas sombras no asfalto, montados harmoniosamente, candidamente, um no lombo do outro.

A partir desse dia e dessa noite não passava uma semana sem que se falassem regularmente, os quatro, sem reparar na conta telefônica, e em certas ocasiões nas horas mais intempestivas.

Às vezes era Liz Norton que ligava para Espinoza e perguntava por Morini, com quem havia falado no dia anterior e que havia achado um pouco deprimido. Nesse mesmo dia Espinoza telefonava a Pelletier e lhe informava que segundo Norton a saúde de Morini havia piorado, ao que Pelletier respondia ligando imediatamente para Morini, lhe perguntando sem rodeios por seu estado de saúde, rindo com ele (pois Morini procurava não falar nunca a sério sobre esse tema), trocando algum detalhe sem importância sobre o trabalho, para depois telefonar à inglesa, à meia-noite, por exemplo, após retardar o prazer do telefonema com um jantar frugal e gostoso, e lhe assegurar que Morini, dentro do que se podia esperar, estava bem, normal, estável, e que aquilo que Norton havia tomado por depressão não era mais que o estado natural do italiano, sensível às mudanças climáticas (talvez em Turim fizesse um dia feio, talvez Morini naquela noite houvesse sonhado vá saber que tipo de sonho horrível), encerrando de tal maneira um ciclo que no dia seguinte ou dois dias depois tornava a recomençar com um telefonema de Morini a Espinoza, sem pretexto algum, um telefonema

para cumprimentá-lo, simplesmente, um telefonema para falar um pouquinho e que se consumia, indefectivelmente, em coisas sem importância, observações sobre o tempo (como se Morini e o próprio Espinoza estivessem se apropriando de alguns dos costumes dialógicos britânicos), recomendações de filmes, comentários desapaixonados sobre livros recentes, enfim, uma conversa telefônica mais para soporífera ou pelo menos desanimada, mas que Espinoza escutava com insólito entusiasmo ou com fingido entusiasmo ou com carinho, de qualquer modo com civilizado interesse, e que Morini estendia como se nela jogasse sua vida e a que se seguia, ao cabo de dois dias ou de algumas horas, um telefonema mais ou menos nos mesmos termos que Espinoza dava a Norton, e que esta dava a Pelletier, e que este retribuía a Morini, para voltar a recomeçar, dias depois, transmutado num código hiperespecializado, significado e significante em Archimboldi, texto, subtexto e paratexto, reconquista da territorialidade verbal e corporal nas páginas finais de *Bitzius*, que no caso era o mesmo que falar de cinema ou dos problemas do departamento de alemão ou das nuvens que passavam incessantes, da manhã à noite, pelas respectivas cidades de cada um.

Tornaram a se encontrar no colóquio de literatura europeia do pós-guerra realizado em Avignon no final de 1994. Norton e Morini foram como espectadores, embora a viagem fosse financiada por suas respectivas universidades, e Pelletier e Espinoza apresentaram trabalhos críticos sobre a importância da obra de Archimboldi. O trabalho do francês era centrado na insularidade, na ruptura que parecia ornar a totalidade dos livros de Archimboldi em relação à tradição alemã, mas não a certa tradição europeia. O trabalho do espanhol, um dos mais amenos que Espinoza jamais escreveu, girou em torno do mistério que velava a figura de Archimboldi, de quem virtualmente ninguém, nem seu editor, sabia nada: seus livros apareciam sem fotos na orelha ou na quarta capa; seus dados biográficos eram mínimos (escritor alemão nascido na Prússia em 1920), seu local de residência era um mistério, se bem que em certa ocasião seu editor, num deslize, tenha confessado a uma jornalista do *Spiegel* ter recebido um dos manuscritos da Sicília, nenhum dos seus colegas ainda vivos nunca o tinha visto, não existia nenhuma biografia dele em alemão, apesar de a venda de seus livros estar em linha ascendente tanto na Alemanha como no resto da Europa e até nos Estados Unidos, que gosta dos escritores desaparecidos (desaparecidos ou milionários) ou da lenda dos escritores desaparecidos, e onde sua obra começava a circular profusamente, já não só nos departamentos de alemão das universidades, como também nos campi e fora dos campi, nas vastas cidades que amavam a literatura oral ou visual.

De noite, Pelletier, Morini, Espinoza e Norton iam jantar juntos, às vezes acompanhados por um ou dois professores de alemão que conheciam havia tempo e que costumavam se recolher cedo a seus hotéis ou permaneciam até o fim das noites, mas num discreto segundo plano, como se entendessem que a figura de quatro ângulos que os archimboldianos compunham era impenetrável e também, àquela hora da noite, capaz de se virar

violentamente contra qualquer ingerência alheia. No fim, sempre restavam eles quatro caminhando pelas ruas de Avignon com a mesma despreocupada felicidade com que haviam caminhado pelas enegrecidas e burocráticas ruas de Bremen, e como caminhariam pelas variegadas ruas que o futuro lhes tinha reservado, Morini empurrado por Norton, com Pelletier à sua esquerda e Espinoza à sua direita, ou Pelletier empurrando a cadeira de rodas de Morini, com Espinoza à esquerda e Norton, à frente deles, andando de costas e rindo com a plenitude dos seus vinte e seis anos, um riso magnífico que eles não tardavam em imitar embora certamente tivessem preferido não rir e só olhar para ela, ou então os quatro alinhados e parados junto à mureta de um rio historiado, isto é, um rio que não era mais selvagem, falando da sua obsessão alemã sem se interromperem uns aos outros, exercitando e degustando a inteligência do outro, com longos intervalos de silêncio que nem mesmo a chuva podia alterar.

Quando Pelletier voltou de Avignon em fins de 1994, quando abriu a porta do seu apartamento de Paris e pôs a mala no chão e fechou a porta, quando se serviu um copo de uísque e correu as cortinas e viu a paisagem de sempre, um fragmento da place de Breteuil e o edifício da UNESCO ao fundo, quando tirou o blazer e deixou o copo de uísque na cozinha e ouviu os recados na secretária, quando sentiu sono, as pálpebras pesadas, mas em vez de ir para a cama e dormir, tirou a roupa e tomou uma chuveirada, quando ligou o computador vestindo um roupão branco que chegava quase aos tornozelos, só então se deu conta de que sentia saudade de Liz Norton e de que teria dado tudo o que tinha para estar com ela naquele momento, não só conversando mas também na cama, para dizer a ela que a amava e para ouvir da sua boca que seu amor era correspondido.

Espinoza sentiu algo semelhante, com duas ligeiras diferenças em relação a Pelletier. A primeira foi que não esperou até chegar a seu apartamento de Madri para sentir a necessidade de estar junto a Liz Norton. Já no avião soube que ela era a mulher ideal, a que ele sempre havia procurado, e começou a sofrer. A segunda foi que nas imagens ideais da inglesa que passavam em velocidade supersônica por sua cabeça enquanto seu avião voava a setecentos quilômetros por hora rumo à Espanha, havia mais cenas de sexo, não muitas, porém mais do que as imaginadas por Pelletier.

Pelo contrário, Morini, que viajou de trem de Avignon a Turim, dedicou as horas de viagem à leitura do suplemento cultural de *Il Manifesto*, depois dormiu até que um par de fiscais (que o ajudariam a descer à plataforma da estação em sua cadeira de rodas) o avisaram de que já tinham chegado.

Sobre o que passou pela cabeça de Liz Norton, é melhor não dizer nada.

A amizade entre os archimboldianos, no entanto, se manteve com as mesmas roupagens de sempre, imperturbável, sujeita a um destino maior a que os quatro obedeciam ainda que isso significasse pôr em segundo plano seus desejos pessoais.

Em 1995 se encontraram no diálogo sobre literatura alemã contemporânea realizado em Amsterdam, no âmbito de um diálogo maior que se desenrolou no mesmo edifício (mas em salas diferentes) e que compreendia a literatura francesa, a inglesa e a italiana.

Nem é preciso dizer que a maioria dos espectadores de tão curiosos diálogos optou pela sala onde se discutia literatura inglesa contemporânea, sala vizinha à da literatura alemã e separada desta por uma parede que evidentemente não era de pedra, como as de antes, mas de frágeis tijolos recobertos por uma fina camada de gesso, de modo que os gritos e uivos e sobretudo os aplausos que a literatura inglesa arrancava eram ouvidos na literatura alemã como se ambas as conferências ou diálogos fossem uma só ou como se os ingleses estivessem zombando, se não boicotando continuamente os alemães, para não falar do público, cuja presença maciça no diálogo inglês (ou anglo-indiano) era notavelmente superior ao escasso e grave público que comparecia ao diálogo alemão. O que, no cômputo final, foi altamente proveitoso, pois é bem sabido que uma conversa entre poucos, em que todos se ouvem, refletem e ninguém grita, costuma ser mais produtiva, e no pior dos casos mais descontraída, que um diálogo maciço, que corre o risco permanente de se transformar num comício ou, pela necessária brevidade das intervenções, numa sucessão de palavras de ordem tão prontamente formuladas quanto desaparecidas.

Mas antes de entrar no ponto culminante da questão, ou do diálogo, é bom esclarecer uma coisa nada insignificante, haja vista seus resultados. Os organizadores, os mesmos que deixaram de fora a literatura contemporânea espanhola, polonesa ou sueca, por falta de tempo ou de dinheiro, num penúltimo capricho destinaram a maior parte dos fundos para convidar regiamente estrelas da literatura inglesa, e com o dinheiro que sobrou trouxeram três romancistas franceses, um poeta e um contista italiano e três escritores alemães, os dois primeiros, romancistas de Berlim ocidental e oriental, agora reunificados, ambos de certo vago prestígio (e que chegaram de trem a Amsterdam e não fizeram nenhum protesto quando foram hospedados num hotel de apenas três estrelas), e o terceiro, um ser um tanto dúbio de quem ninguém sabia nada, nem mesmo Morini, que sabia bastante coisa de literatura alemã contemporânea, dialogante ou não dialogante.

E quando esse dúbio escritor, que era suábio, durante sua palestra (ou diálogo) se pôs a relembrar seu périplo como jornalista, como programador de páginas culturais, como entrevistador de todo tipo de criadores refratários a entrevistas, e depois se pôs a rememorar a época em que havia trabalhado como promotor cultural em municípios da periferia ou pura e simplesmente esquecidos, mas interessados pela cultura, de repente, sem quê nem por quê, apareceu o nome de Archimboldi (por influência, talvez, da palestra anterior dirigida por Espinoza e Pelletier), a quem havia conhecido, precisamente, quando era promotor cultural de um município frísio, ao norte de Wilhelmshaven, em face das costas do mar do Norte e das ilhas Frísias Orientais, um lugar onde fazia frio, muito frio, e mais do que frio umidade, uma umidade salina que penetrava nos ossos, e só havia duas maneiras de passar o inverno, uma, bebendo até conseguir uma cirrose, e a outra no auditório da prefeitura, ouvindo música (via de regra, quartetos de câmara amadores), ou falando com escritores que vinham de outros lugares e a quem se pagava muito pouco, um quarto na única pensão do lugarejo e

uns tantos marcos que custeavam a viagem de ida e volta de trem, aqueles trens tão diferentes dos atuais trens alemães, mas onde as pessoas, talvez, eram mais loquazes, mais educadas, mais interessadas no próximo, enfim, que depois do pagamento e descontados os gastos de transporte, o escritor partia daqueles lugares e voltava ao seu lar (que em certas ocasiões era apenas um quarto de hotel em Frankfurt ou Colônia) com algum dinheiro e talvez algum livro vendido, no caso daqueles escritores ou poetas, sobretudo poetas, que, depois de lerem algumas páginas e responderem às perguntas dos cidadãos daquele lugar, armavam, por assim dizer, sua banquinha e ganhavam uns poucos marcos extras, atividade bastante apreciada naquela época, pois se as pessoas gostavam do que o escritor lia, ou se a leitura conseguia emocioná-las, entretê-las ou fazê-las pensar, então também compravam um dos seus livros, às vezes para tê-lo como lembrança daquele agradável sarau, enquanto pelas ruelas do lugarejo frísio o vento silvava e cortava a carne, de tão frio que era, às vezes para ler ou reler algum poema ou alguma narrativa, já em seu domicílio particular, semanas depois de acabado o evento, por vezes à luz de um lampião, porque nem sempre havia eletricidade, vocês sabem, a guerra havia acabado fazia pouco e as feridas sociais e econômicas estavam abertas, enfim, mais ou menos como se faz uma leitura literária na atualidade, com a ressalva de que os livros expostos na banquinha eram livros autoeditados e agora são as editoras que montam a banca, e um desses escritores que um dia chegou ao lugarejo onde o suábio trabalhava como promotor cultural foi Benno von Archimboldi, um escritor da estatura de Gustav Heller, Rainer Kuhl ou Wilhelm Frayn (escritores que Morini procuraria mais tarde na sua enciclopédia de autores alemães, em vão), e que não trouxe livros, e que leu capítulos de um romance em curso, seu segundo romance, o primeiro, lembrava o suábio, ele tinha publicado em Hamburgo naquele ano, mas desse ele não leu nada, e no entanto esse primeiro romance existia, disse o suábio, e Archimboldi, como que se antecipando às desconfianças, havia levado um exemplar consigo, um romancezinho com umas cem páginas, talvez mais, cento e vinte, cento e vinte e cinco, e ele levava o romancezinho no bolso do casaco, e, coisa estranha, o suábio se lembrava com mais nitidez do casaco de Archimboldi do que do romance embutido num bolso desse casaco, um romancezinho com a capa suja, amarrotada, que havia sido de cor marfim-intenso, ou amarelo-trigo empalidecido, ou dourado em fase de invisibilidade, mas que agora não tinha mais nenhuma cor e nenhum matiz, só o nome do romance, o nome do autor e o selo editorial, o casaco, porém, era inesquecível, um casaco de couro preto, de gola alta, capaz de proporcionar uma proteção eficaz contra a neve, a chuva e o frio, folgado, para poder ser usado com suéteres grossos ou com dois suéteres sem que desse para ver que a pessoa os usava, com bolsos horizontais de cada lado e uma fileira de quatro botões costurados como que com linha de pesca, nem muito grandes nem muito pequenos, um casaco que evocava, não sei por quê, os que alguns policiais da Gestapo usavam, se bem que naquela época os casacos de couro pretos estavam na moda e quem tinha dinheiro para comprar um ou havia herdado um vestia-o sem parar para pensar o que o casaco evocava, e esse escritor que havia chegado a esse lugarejo frísio era Benno von Archimboldi, o jovem Benno von Archimboldi, com vinte e nove ou trinta anos de idade, e havia sido ele, o suábio, que tinha ido esperá-lo na estação de trem e que o havia levado para a pensão, enquanto

falavam do clima, tão ruim, e depois o havia acompanhado à prefeitura onde Archimboldi não tinha instalado nenhuma banquinha e havia lido dois capítulos de um romance ainda não finalizado, e depois havia jantado com ele na taberna do lugarejo, junto com a professora e uma senhora viúva que preferia a música ou a pintura à literatura, mas à qual, quando posta ante a circunstância de não ter nem música nem pintura, não causava aversão, muito pelo contrário, um sarau literário, e foi essa senhora, precisamente, que de certo modo arcou com o peso da conversa durante o jantar (salsichas e batatas, acompanhadas de cerveja: nem a época, evocou o suábio, nem as verbas da prefeitura davam para maiores dispêndios), embora talvez dizer o peso da conversa não fosse muito acertado, a batuta, o timão da conversa, e os homens que estavam ao redor da mesa, o secretário do prefeito, um senhor que se dedicava à venda de peixe em salmoura, um velho professor que dormia a cada instante, inclusive enquanto empunhava o garfo, e um funcionário da prefeitura, um rapaz muito simpático e grande amigo do suábio, de nome Fritz, concordavam ou não se davam ao trabalho de discordar daquela temível viúva cujos conhecimentos artísticos estavam acima dos de todos, inclusive do próprio suábio, e que havia viajado pela Itália e pela França, e inclusive numa das suas viagens, um cruzeiro inesquecível, havia chegado a Buenos Aires, em 1927 ou 1928, quando essa cidade era um empório de carne e os navios frigoríficos saíam do porto carregados de carne, um espetáculo digno de contemplar, centenas de navios que chegavam vazios e que saíam carregados de toneladas de carne com destino ao mundo inteiro, e quando ela, a senhora, aparecia no convés, de noite, por exemplo, sonolenta, enjoada ou dolorida, bastava se encostar na balaustrada e deixar os olhos se acostumarem, e então a vista do porto era de estremecer e levava de chofre os restos do sonho ou os restos do enjoo ou os restos da dor, só havia espaço no sistema nervoso para se render incondicionalmente àquela imagem, o desfile dos imigrantes que como formigas subiam para os porões do navio a carne de milhares de bois mortos, os movimentos dos paletes carregados com a carne de milhares de novilhos sacrificados, e a cor vaporosa que ia tingindo cada canto do porto, desde o amanhecer até o anoitecer e inclusive durante os turnos da noite, uma cor vermelha de bife mal passado, de chuleta, de filé, de costela apenas passada na churrasqueira, que horror, se bem que isso a senhora, que na época não era viúva, só viveu na primeira noite, depois desembarcaram e se hospedaram num dos hotéis mais caros de Buenos Aires, foram à ópera e depois a uma estância onde seu marido, um cavaleiro experiente, aceitou disputar uma corrida com o filho do dono da estância, que perdeu, depois com um peão da estância, homem de confiança do filho, um gaúcho, que também perdeu, depois com o filho do gaúcho, um gauchinho de dezesseis anos, magrelo como uma vara e de olhos vivos, tão vivos que quando a senhora olhou para ele o gauchinho baixou a cabeça e depois ergueu-a um pouquinho e olhou para ela com uma malícia que ofendeu a senhora, mas que moleque insolente, enquanto seu marido ria e lhe dizia em alemão: você conseguiu impressionar o menino, uma piada em que a senhora não viu nem sombra de graça, e depois o gauchinho montou no cavalo e saíram disparados, como era bom o gauchinho galopando, com que paixão se agarrava, dir-se-ia que se agarrava ao pescoço do cavalo, e suave, e chicoteava, mas no fim o marido ganhava a corrida, não era à toa que havia sido capitão de

um regimento de cavalaria, e o dono da estância e o filho do dono da estância se levantavam das suas cadeiras e aplaudiam, bons perdedores, e o resto dos convidados também aplaudia, bom cavaleiro o alemão, extraordinário cavaleiro, se bem que quando o gauchinho chegava na meta, isto é, junto do alpendre da estância, a expressão da sua cara não delatava nele um bom perdedor, ao contrário, se mostrava antes aborrecido, irritado, com a cabeça baixa, e enquanto os homens, falando em francês, se dispersavam pelo alpendre em busca de uma taça de champanhe gelado, a senhora se aproximava do gauchinho que tinha ficado só, segurando seu cavalo com a mão esquerda — ao fundo do pátio comprido se afastava o pai do gauchinho rumo às estrebarias com o cavalo que o alemão tinha montado —, e lhe dizia, numa língua incompreensível, que não ficasse triste, que tinha feito uma corrida muito boa mas que seu marido também era muito bom e tinha mais experiência, palavras que soavam ao gauchinho como a lua, como a passagem das nuvens que tapam a lua, como um lentíssimo temporal, e então o gauchinho olhava para a senhora dos pés à cabeça com um olhar de ave de rapina, disposto a lhe enterrar uma faca na altura do umbigo, depois subir até os peitos, abrindo-a de baixo até acima, enquanto seu olhar de açougueirinho inexperiente brilhava com um estranho fulgor, segundo a senhora recordava, o que não a impediu de segui-lo sem protestar quando o gauchinho pegou-a pela mão e começou a conduzi-la para o outro lado da casa, um lugar em que se erguia uma pérgula de ferro lavrado, canteiros de flores e árvores que a senhora nunca tinha visto na vida ou que naquele instante acreditou que nunca tinha visto na vida, viu inclusive uma fonte no parque, uma fonte de pedra em cujo centro, apoiado num pezinho só, dançava um querubim crioulo de traços risonhos, metade europeu, metade canibal, perenemente molhado pelos três jorros d'água que manavam a seus pés, esculpido numa só peça de mármore negro, que a senhora e o gauchinho admiraram longamente, até que chegou uma prima distante do dono da estância (ou uma concubina que o dono da estância havia perdido num dos tantos recantos da sua memória), que num inglês peremptório e indiferente lhe disse que fazia tempo seu marido a estava procurando, e então a senhora abandonou o parque encantado de braços com a prima distante, e o gauchinho a chamou, ou ela assim acreditou, e quando se virou ele lhe disse umas poucas palavras sibilantes, e a senhora acariciou-lhe a cabeça e perguntou à prima o que o gauchinho tinha dito enquanto seus dedos se perdiam entre as cerdas grossas de suas madeixas, e a prima pareceu hesitar um momento mas a senhora, que não tolerava mentiras nem meias verdades, exigiu-lhe uma tradução imediata e veraz, e a prima disse: o gauchinho falou... o gauchinho falou... que o patrão... preparou tudo para que seu marido ganhasse as duas últimas corridas, e depois a prima se calou e o gauchinho se afastou pelo outro extremo do parque arrastando seu cavalo pelas rédeas, e a senhora voltou à festa mas não pôde mais deixar de pensar no que o gauchinho tinha confessado no último momento, alminha de Deus, e por mais que pensasse continuavam sendo um enigma as palavras do gauchinho, um enigma que durou o resto da festa, e que a atormentou enquanto se virava na cama sem conseguir dormir, e que a aparvalhou no dia seguinte durante um longo passeio a cavalo e durante uma *parrillada*, e que a acompanhou em seu regresso a Buenos Aires e durante os dias em que permaneceu no hotel ou indo a recepções sociais na embaixada da Alemanha ou

na embaixada da Inglaterra ou na embaixada do Equador, e que só se resolveu quando, no navio que navegava havia dias de volta para a Europa, uma noite, às quatro da manhã, em que a senhora saiu para dar um passeio pelo convés, sem saber nem se importar em que paralelo nem longitude se encontravam, rodeada ou semirrodada por 106,2 milhões de quilômetros quadrados de água salgada, justo então, enquanto a senhora no primeiro convés dos passageiros da primeira classe acendia um cigarro, com a vista cravada nessa extensão de mar que ela não via mas só ouvia, o enigma, milagrosamente, se esclareceu, e precisamente aí, nesse ponto da história, disse o suábio, a senhora, a outrora rica, poderosa e inteligente (pelo menos a seu modo) senhora frisia se calou, e um silêncio religioso, ou pior ainda, supersticioso, se apossou daquela triste taberna alemã do pós-guerra, onde pouco a pouco todos foram se sentindo cada vez mais incomodados, e se apressaram a terminar o resto das suas salsichas e batatas e a esvaziar as últimas gotas das suas canecas de cerveja, como se temessem que de um momento para o outro a senhora fosse começar a uivar como uma erínia e julgaram prudente estar preparados para sair à rua enfrentando o frio com o estômago cheio até chegar às suas casas.

E então a senhora falou. Disse:

— Alguém é capaz de resolver o enigma?

Disse isso mas não olhava nem se dirigia para ninguém do lugarejo.

— Alguém sabe qual a solução do enigma? Alguém é capaz de compreender? Há, por acaso, um homem nesta aldeia que me diga, mesmo que no ouvido, a solução do enigma?

Disse tudo isso olhando para o seu prato, onde sua salsicha e sua porção de batatas permaneciam intactas.

E então Archimboldi, que tinha ficado de cabeça baixa e comendo enquanto a senhora falava, disse, sem alçar o tom de voz, que havia sido um ato de hospitalidade, que o dono da estância e seu filho acreditavam em que o marido da senhora ia perder a primeira corrida, de modo que prepararam uma segunda e uma terceira trapaceadas, para que o ex-capitão da cavalaria ganhasse. A senhora então olhou-o nos olhos e riu e perguntou por que seu marido tinha ganhado a primeira corrida.

— Por quê? por quê? — indagou a senhora.

— Porque no último minuto o filho do dono da estância — disse Archimboldi —, que certamente montava e tinha uma montaria melhor que a do marido da senhora, experimentou aquilo que conhecemos por piedade. Isto é, optou, impelido pela festa que ele e o pai tinham improvisado, pela prodigalidade. Tinham de prodigalizar tudo, inclusive a vitória a cavalo, e de alguma maneira todo mundo compreendeu que assim devia ser, inclusive a mulher que foi buscá-la no parque, menos o gauchinho.

— Foi só isso? — perguntou a senhora.

— Para o gauchinho não. Creio que se a senhora houvesse ficado mais um instante com ele, ele a teria matado, o que por sua vez também teria sido um ato de prodigalidade, mas certamente não na direção pretendida pelo dono da estância e seu filho.

Depois a senhora se levantou, agradeceu a noitada e foi embora.

— Uns minutos mais tarde — disse o suábio —, acompanhei Archimboldi à sua pensão.

Na manhã seguinte, quando fui buscá-lo para levá-lo à estação, já não estava lá.

Extraordinário suábio, disse Espinoza. Quero ele para mim, disse Pelletier. Procurem não deixá-lo aflito, procurem não parecer muito interessados, disse Morini. É preciso tratar esse homem com luvas de pelica, disse Norton. Quer dizer, há que tratá-lo com carinho.

Tudo o que o suábio tinha a dizer, no entanto, já tinha dito, e embora o tenham mimado e convidado para comer no melhor restaurante de Amsterdam, e o tenham lisonjeado e falado com ele de hospitalidade e prodigalidade, e da sorte dos promotores culturais perdidos em pequenos municípios da província, não houve modo de lhe arrancar nada interessante, embora os quatro tenham tido o cuidado de gravar cada uma de suas palavras, como se houvessem encontrado seu Moisés, detalhe que não passou despercebido ao suábio e que até contribuiu para aguçar sua timidez (algo tão pouco usual num ex-promotor cultural de província, segundo Espinoza e Pelletier, que acreditavam que o suábio era basicamente um bandido), suas reservas, sua descrição nas raias de uma quimérica *omertà* de nazista velho fedendo a lobo.

Quinze dias depois, Espinoza e Pelletier tiraram uns dias de licença e foram a Hamburgo visitar o editor de Archimboldi. Recebeu-os o diretor da editora, um tipo magro, mais que alto, espigado, de uns sessenta anos, chamado Schnell, que significa rápido, apesar de Schnell ser mais para o lento. Tinha cabelos escorridos, castanho-escuros, salpicados nas têmporas por alguns fios brancos, o que contribuía para acentuar uma aparência juvenil. Quando se levantou para lhes apertar as mãos, tanto Espinoza como Pelletier pensaram que se tratava de um homossexual.

— A bicha mais parece uma enguia — disse mais tarde Espinoza, quando passeavam por Hamburgo.

Pelletier censurou a sua observação de marcado laivo homofóbico, embora no fundo estivesse de acordo. Schnell tinha algo de enguia, de peixe que se move em águas turvas e barrentas.

Claro, pouco pôde lhes dizer que já não soubessem. Schnell nunca tinha visto Archimboldi, o dinheiro, cada vez maior, que seus livros e traduções rendiam, ele depositava num número de conta de um banco suíço. Uma vez a cada dois anos recebiam instruções dele por cartas, cujo remetente costumava ser da Itália, mas no arquivo da editora também havia cartas com selos postais gregos, espanhóis e marroquinos, cartas que, de resto, eram dirigidas à dona da editora, a senhora Bubis, e que ele, naturalmente, não havia lido.

— Na editora só restam duas pessoas, além da senhora Bubis, claro, que conheceram pessoalmente Benno von Archimboldi — disse Schnell. — A chefe da assessoria de imprensa e a chefe dos revisores. Quando comecei a trabalhar aqui, Archimboldi havia desaparecido

fazia muito tempo.

Pelletier e Espinoza pediram para falar com ambas as mulheres. O escritório da chefe da assessoria de imprensa estava cheio de fotos, não necessariamente de autores da editora, e de plantas, e a única coisa que lhes disse do escritor desaparecido foi que era uma boa pessoa.

— Um homem alto, muito alto — disse a eles. — Quando caminhava com o falecido senhor Bubis pareciam um ti. Ou um li.

Espinoza e Pelletier não entenderam o que queria dizer e a chefe da assessoria de imprensa desenhou num papelzinho a letra *ele* seguida da letra *i*. Ou talvez o mais indicado seria um *le*. Assim.

E tornou a desenhar no mesmo papelzinho o seguinte:

Le

— O *ele* é Archimboldi, o *e* é o falecido senhor Bubis.

Depois a chefe da assessoria de imprensa riu e observou-os por um instante, recostada em sua cadeira giratória, em silêncio. Mais tarde falaram com a chefe da revisão. Esta tinha mais ou menos a mesma idade da chefe da assessoria de imprensa mas seu caráter não era tão jovial.

Disse a eles que sim, que de fato tinha conhecido Archimboldi havia muitos anos, mas que já não se lembrava do seu rosto nem dos seus modos nem de nenhuma anedota sobre ele que valesse a pena contar. Não se lembrava da última vez que ele esteve na editora. Recomendou que falassem com a senhora Bubis e depois, sem dizer nada, se concentrou na revisão de uma prova, em responder às perguntas dos outros revisores, em falar ao telefone com gente que talvez, pensaram com piedade Espinoza e Pelletier, fossem tradutores. Antes de ir embora, inacessíveis ao desalento, voltaram ao escritório de Schnell e lhe falaram dos encontros e colóquios archimboldianos previstos para o futuro. Schnell, atento e cordial, lhes disse que podiam contar com ele para tudo que necessitassem.

Como não tinham nada que fazer salvo esperar a saída do avião que os levaria de volta a Paris e a Madri, Pelletier e Espinoza foram passear por Hamburgo. O passeio os levou indefectivelmente ao bairro das putas e dos *peep-shows*, e então ambos ficaram melancólicos e puseram-se a contar um ao outro histórias de amores e desenganos. Claro, não deram nomes nem datas, poder-se-ia dizer que falavam em termos abstratos, mas de todas as maneiras, apesar da exposição aparentemente fria de desgraças, a conversa e o passeio só contribuíram para mergulhá-los ainda mais nesse estado melancólico, a tal ponto que passadas duas horas ambos sentiram que estavam se afogando.

Voltaram para o hotel de táxi e sem pronunciar palavra.

Uma surpresa os esperava ali. Na recepção havia um bilhete dirigido a ambos e assinado por Schnell em que este lhes explicava que depois da conversa matinal havia decidido falar com a senhora Bubis e que esta aceitava recebê-los. Na manhã seguinte Espinoza e Pelletier

se apresentaram na residência da editora, no terceiro andar de um velho edifício num bairro nobre de Hamburgo. Enquanto esperavam, observaram as fotos emolduradas penduradas numa parede. Nas outras duas paredes havia uma tela de Soutine e outra de Kandinsky, e vários desenhos de Grosz, Kokoschka e Ensor. Mas Espinoza e Pelletier pareciam muito mais interessados pelas fotos, nas quais quase sempre havia alguém que desprezavam ou admiravam, mas que em todo caso tinham lido: Thomas Mann com Bubis, Heinrich Mann com Bubis, Klaus Mann com Bubis, Alfred Döblin com Bubis, Hermann Hesse com Bubis, Walter Benjamin com Bubis, Anna Seghers com Bubis, Stefan Zweig com Bubis, Bertolt Brecht com Bubis, Feuchtwanger com Bubis, Johannes Becher com Bubis, Arnold Zweig com Bubis, Ricarda Huch com Bubis, Oskar Maria Graf com Bubis, corpos, rostos e vagas cenografias perfeitamente emolduradas. Os retratados observavam com a inocência dos mortos, aos quais já não importava serem observados, o entusiasmo mal contido dos professores universitários. Quando apareceu a senhora Bubis ambos estavam com a cabeça grudada tentando decifrar se aquele que aparecia junto de Bubis era Fallada ou não.

De fato, era Fallada, disse a eles a senhora Bubis, vestida com uma blusa branca e uma saia preta. Ao se virarem, Pelletier e Espinoza deram com uma mulher idosa, com uma figura parecida, segundo confessaria Pelletier muito depois, com Marlene Dietrich, uma mulher que apesar dos anos conservava intacta sua determinação, uma mulher que não se agarrava às bordas do abismo mas caía nele com curiosidade e elegância. Uma mulher que caía no abismo *sentada*.

— Meu marido conheceu todos os escritores alemães, e os escritores alemães gostavam e respeitavam meu marido, embora depois uns poucos tenham dito coisas horríveis a seu respeito, algumas até inexatas — disse a senhora Bubis com um sorriso.

Falaram de Archimboldi e a senhora Bubis mandou trazer biscoitos e chá, mas ela tomou uma vodca, coisa que surpreendeu Espinoza e Pelletier, não pelo fato de a senhora Bubis começar a beber tão cedo, mas por não ter oferecido uma bebida a eles, bebida que, aliás, teria sido recusada.

— A única pessoa na editora que conhecia perfeitamente a obra de Archimboldi — disse a senhora Bubis — era o senhor Bubis, que publicou todos os livros dele.

Mas ela se perguntava (e de passagem perguntava a eles) até que ponto alguém pode conhecer a obra de outro.

— Eu, por exemplo, adoro a obra de Grosz — disse indicando os desenhos de Grosz pendurados na parede —, mas conheço realmente sua obra? Suas histórias me fazem rir, em certos momentos creio que Grosz desenhou para que eu risse, por vezes o riso se transforma em gargalhada, e a gargalhada num ataque de hilaridade, mas uma vez conheci um crítico de arte que gostava de Grosz, é claro, mas que ficava deprimidíssimo quando via uma retrospectiva da sua obra ou por motivos profissionais tinha de estudar alguma tela ou desenho dele. E essas depressões ou esses períodos de tristeza costumavam durar semanas. Esse crítico de arte era amigo meu, mas nunca havíamos tocado no tema Grosz. Uma vez, porém, lhe contei o que acontecia comigo. No início ele não podia acreditar. Depois pôs-se a sacudir a cabeça de um lado para o outro. Depois olhou para mim de alto a baixo, como se

não me conhecesse. Pensei que ele tinha enlouquecido. Rompeu sua amizade comigo para sempre. Faz pouco me contaram que ele ainda diz que eu não sei nada de Grosz e que meu gosto estético é igual ao de uma vaca. Bem, por mim pode dizer o que quiser. Eu rio com Grosz, ele se deprime com Grosz, mas quem realmente conhece Grosz?

— Suponhamos — disse a senhora Bubis — que neste momento batam na porta e apareça meu velho amigo, o crítico de arte. Ele senta aqui, no sofá, a meu lado, e um de vocês saca um desenho sem assinatura e nos garante que é de Grosz e que deseja vendê-lo. Olho o desenho, sorrio, tiro o meu talão de cheques e compro. O crítico de arte examina o desenho, *não* se deprime e tenta me fazer mudar de ideia. Para ele não é um desenho de Grosz. Para mim é um desenho de Grosz. Qual dos dois tem razão?

— Ou formulemos a história de outro modo. O senhor — disse a senhora Bubis apontando para Espinoza — saca um desenho sem assinatura e diz que é de Grosz e tenta vendê-lo. Eu não rio, observo-o friamente, aprecio o traço, o pulso, a sátira, mas nada no desenho estimula meu deleite. O crítico de arte o observa cuidadosamente e, como é natural nele, fica deprimido e ato contínuo faz uma oferta, uma oferta que supera suas economias e que, se aceita, o mergulhará em longas tardes de melancolia. Tento dissuadi-lo. Digo que o desenho me parece suspeito porque não me provoca o riso. O crítico me responde que já era hora de eu enxergar a obra de Grosz com olhos de adulto e me felicita. Qual dos dois tem razão?

Depois voltaram a falar de Archimboldi, e a senhora Bubis mostrou a eles uma curiosíssima resenha que havia aparecido num jornal de Berlim depois da publicação de *Lüdicke*, o primeiro romance de Archimboldi. A resenha, assinada por um tal de Schleiermacher, tenta estabelecer a personalidade do romancista com poucas palavras.

Inteligência: média.

Caráter: epilético.

Cultura: desordenada.

Capacidade de fabulação: caótica.

Prosódia: caótica.

Uso do alemão: caótico.

Inteligência média e cultura desordenada são fáceis de entender. Mas o que quis dizer com caráter epilético?, que Archimboldi padecia de epilepsia, que não estava bem da cabeça, que sofria daqueles ataques de natureza misteriosa, que era um leitor compulsivo de Dostoiévski? Não havia na nota nenhuma descrição física do escritor.

— Nunca soubemos quem era o tal Schleiermacher — disse a senhora Bubis —, e às vezes meu falecido marido brincava dizendo que a nota tinha sido escrita pelo próprio Archimboldi. Mas tanto ele quanto eu sabíamos que não havia sido assim.

Por volta do meio-dia, quando já era prudente ir embora, Pelletier e Espinoza se atreveram a fazer a única pergunta que consideravam importante: ela podia ajudá-los a entrar em contato com Archimboldi? Os olhos da senhora Bubis se iluminaram. Como se estivesse

presenciando um incêndio, disse mais tarde Pelletier a Liz Norton. Mas não um incêndio em seu ponto crítico, e sim um que, depois de meses ardendo, estivesse a ponto de se apagar. A resposta negativa se traduziu num ligeiro movimento de cabeça que fez que Pelletier e Espinoza logo compreendessem a inutilidade do pedido.

Ainda ficaram mais um pouco. De algum lugar da casa chegava em surdina a música de uma canção popular italiana. Espinoza perguntou se ela o conhecia, se alguma vez, enquanto seu marido vivia, tinha visto pessoalmente Archimboldi. A senhora Bubis disse que sim, depois cantarolou o estribilho final da canção. Seu italiano, segundo ambos os amigos, era muito bom.

— Como é Archimboldi? — indagou Espinoza.

— Muito alto — disse a senhora Bubis —, muito alto, um homem de estatura verdadeiramente elevada. Se houvesse nascido nesta época provavelmente teria jogado basquete.

Até pelo jeito como disse aquilo, daria no mesmo se Archimboldi fosse um anão. No táxi que os levou para o hotel os dois amigos pensaram em Grosz, no riso cristalino e cruel da senhora Bubis e na impressão que lhes havia deixado aquela casa cheia de fotos onde, no entanto, faltava a foto do único escritor que lhes interessava. E embora ambos resistissem a admiti-lo, consideravam (ou intuía) que o relâmpago que viram no bairro das putas era mais importante que a revelação, qualquer que fosse, que haviam pressentido na casa da senhora Bubis.

Dito numa palavra e de forma brutal, Pelletier e Espinoza, enquanto passeavam por Sankt Pauli, se deram conta de que a busca de Archimboldi nunca poderia preencher suas vidas. Podiam lê-lo, podiam estudá-lo, podiam esmiuçá-lo, mas não podiam morrer de riso com ele nem se deprimir com ele, em parte porque Archimboldi sempre estava longe, em parte porque sua obra, à medida que alguém se entranhava nela, devorava seus exploradores. Dito numa palavra: Pelletier e Espinoza compreenderam em Sankt Pauli e, depois, na casa da senhora Bubis ornada com as fotografias do falecido senhor Bubis e seus escritores, que queriam fazer amor e não a guerra.

De tarde, e sem se permitirem mais confidências que as estritamente necessárias, isto é, as confidências gerais, abstratas poder-se-ia dizer, compartilharam outro táxi até o aeroporto e enquanto esperavam seus respectivos aviões falaram do amor, da necessidade do amor. Pelletier foi o primeiro a partir. Quando Espinoza ficou sozinho, seu avião saía meia hora mais tarde, pôs-se a pensar em Liz Norton e nas probabilidades reais de conseguir namorá-la. Imaginou a ela e depois imaginou a si mesmo, dividindo um apartamento em Madri, indo ao supermercado, trabalhando os dois no departamento de alemão, imaginou seu escritório e o escritório dela, separados por uma parede, e as noites em Madri a seu lado, comendo com amigos em bons restaurantes e voltando para casa, um banheiro enorme, uma cama enorme.

Mas Pelletier se adiantou. Três dias depois do encontro com a editora de Archimboldi, apareceu em Londres sem avisar e depois de contar a Liz Norton as últimas novidades convidou-a para jantar num restaurante de Hammersmith, que um colega do departamento de russo da universidade lhe havia recomendado anteriormente e onde comeram gulash e purê de grão-de-bico com beterraba e peixe macerado no limão com iogurte, um jantar com velas e violinos, e russos autênticos e irlandeses disfarçados de russos, de todo ponto de vista desmedido e do ponto de vista gastronômico mais para o pobretão e duvidoso, que acompanharam com copos de vodca e uma garrafa de Bordeaux, e que saiu os olhos da cara para Pelletier, mas que valeu a pena porque depois Norton o convidou à sua casa, formalmente para falarem de Archimboldi e das poucas coisas que a senhora Bubis havia revelado sobre ele, sem esquecer as despeitosas palavras que havia escrito o crítico Schleiermacher acerca do seu primeiro livro, depois desandaram a rir e Pelletier beijou Norton nos lábios, com muito tato, e a inglesa correspondeu a seu beijo com outro muito mais ardente, talvez produto do jantar e da vodca e do Bordeaux, mas que pareceu promissor a Pelletier, depois foram para a cama e treparam durante uma hora até a inglesa dormir.

Naquela noite, enquanto Liz Norton dormia, Pelletier se lembrou de uma tarde já distante em que Espinoza e ele viram um filme de terror num quarto de hotel alemão.

O filme era japonês e numa das primeiras cenas apareciam duas adolescentes. Uma delas contava uma história. A história tratava de um menino que passava as férias em Kobe e que queria ir para a rua brincar com os amigos, bem na hora em que passavam na tevê seu programa favorito. De modo que o menino botava um vídeo, deixava pronto para gravar o programa e depois ia para a rua. O problema era que o menino vinha de Tóquio, e em Tóquio seu programa passava no canal 34, enquanto em Kobe o canal 34 estava vazio, quer dizer, era um canal onde não se via nada, só névoa televisiva.

E quando o menino, ao voltar da rua, se sentava na frente da televisão e punha o vídeo, em vez do seu programa favorito via uma mulher de cara branca que dizia que ele ia morrer.

E mais nada.

Então o telefone tocava, o menino atendia e ouvia a voz da mesma mulher que lhe perguntava se por acaso acreditava que aquilo era uma brincadeira. Uma semana depois encontravam o corpo do menino no jardim, morto.

Tudo isso era contado pela primeira adolescente à segunda adolescente, e a cada palavra que pronunciava parecia morrer de rir. A segunda adolescente estava visivelmente assustada. Mas a primeira, a que contava a história, dava a impressão de que de um momento para o outro ia começar a rolar no chão de tanto rir.

E então, recordava Pelletier, Espinoza disse que a primeira adolescente era uma psicopata fajuta e que a segunda adolescente era uma babaca, e que aquele filme poderia ter sido bom se a segunda adolescente, em vez de fazer biquinhos, caretas de tédio e compor uma

expressão de angústia vital, tivesse dito à primeira que se calasse. E não de uma forma suave e educada, mas do tipo: “Cale a boca, sua filha da puta, está rindo de quê?, fica excitada ao contar a história de um menino morto?, te dá tesão contar a história de um menino morto, sua chupadora de picas imaginárias?”.

E coisas desse tipo. E Pelletier se lembrava que Espinoza tinha falado com tanta veemência, imitando inclusive a voz e o porte que a segunda adolescente devia ter assumido diante da primeira, que ele acreditou que o mais oportuno era desligar a tevê e ir ao bar com o espanhol tomar alguma coisa antes de cada um se retirar para o próprio quarto. Também se lembrava que então sentiu ternura por Espinoza, uma ternura que evocava a adolescência, as aventuras ferreamente compartilhadas e as tardes da província.

Durante aquela semana o telefone fixo de Liz Norton tocou três ou quatro vezes cada tarde e o celular duas ou três vezes cada manhã. As ligações eram de Pelletier e Espinoza, e embora ambos procurassem disfarçá-las com pretextos archimboldianos, estes se esgotavam em menos de um minuto e depois os dois professores passavam diretamente a tratar do que realmente queriam.

Pelletier falava de seus colegas do departamento de alemão, de um jovem professor e poeta suíço que o atormentava para que lhe fosse concedida uma bolsa, do céu de Paris (com evocações a Baudelaire, a Verlaine, a Banville), dos carros que ao entardecer, com os faróis já acesos, empreendiam a volta para casa. Espinoza falava da sua biblioteca que revisava na mais estrita solidão, dos tambores distantes que às vezes ouvia e que provinham de um apartamento da sua rua onde, conforme acreditava, se hospedava uma banda de músicos africanos, dos bairros de Madri, Lavapiés, Malasaña, dos arredores da Gran Vía, por onde se podia passear a qualquer hora da noite.

Durante aqueles dias tanto Espinoza como Pelletier se esqueceram completamente de Morini. Só Norton ligava para ele de vez em quando para manter as mesmas conversas de sempre.

Morini, à sua maneira, havia entrado num estado de invisibilidade total.

Pelletier rapidamente se acostumou a viajar a Londres sempre que lhe dava vontade, mas convém ressaltar que, por uma questão de proximidade e abundância de meios de transporte, era para ele que ficava mais fácil fazê-lo.

Essas visitas duravam apenas uma noite. Pelletier chegava pouco depois das nove, às dez se encontrava com Norton na mesa de um restaurante cuja reserva havia feito em Paris, à uma da manhã já estavam juntos na cama.

Liz Norton era uma amante apaixonada, embora sua paixão tivesse um tempo limitado. Pouco imaginativa, durante o ato sexual se entregava a todos os jogos que seu amante

sugerisse, sem nunca se decidir ou se incomodar em tomar a iniciativa. A duração desses atos sexuais não costumava exceder as três horas, coisa que às vezes entristecia Pelletier, que estava disposto a foder até ver as primeiras luzes da alvorada.

Depois do ato sexual, e isso era o que mais frustrava Pelletier, Norton preferia falar de temas acadêmicos em vez de examinar com franqueza o que estava em gestação entre ambos. Pelletier pensava que a frieza de Norton era uma maneira muito feminina de se proteger. Para romper as barreiras, uma noite decidiu lhe contar suas próprias aventuras sentimentais. Confeccionou uma longa lista de mulheres que havia conhecido e as expôs ao olhar glacial ou desinteressado de Liz Norton. Ela não pareceu se impressionar nem quis retribuir a confissão dele com uma outra semelhante.

De manhã, depois de chamar um táxi, Pelletier se vestia sem fazer barulho para não acordá-la e ia para o aeroporto. Antes de sair, olhava para ela por uns segundos, abandonada entre os lençóis, e às vezes se sentia tão cheio de amor que teria desatado a chorar ali mesmo.

Uma hora depois o despertador de Liz Norton tocava e ela se levantava de um pinote. Tomava banho, botava a água para esquentar, tomava um chá com leite, secava o cabelo e depois passava morosamente sua casa em revista, como se temesse que a visita noturna houvesse subtraído algum de seus objetos de valor. A sala e o quarto quase sempre estavam um caos, e isso a incomodava. Com impaciência pegava os copos usados, esvaziava os cinzeiros, tirava os lençóis e punha lençóis limpos, botava de volta nas estantes os livros que Pelletier havia retirado e largado no chão, colocava as garrafas no garrafeiro da cozinha e depois se vestia e ia para a universidade. Se tinha reunião com os colegas do departamento, ia à reunião, se não tinha reunião se trancava na biblioteca para trabalhar ou ler, até chegar a hora de sua próxima aula.

Um sábado, Espinoza lhe disse que precisava ir a Madri, que ele a convidava, que Madri naquela época do ano era a cidade mais linda do mundo e que além do mais havia uma retrospectiva de Bacon que ela não podia perder.

— Vou amanhã — Norton respondeu, coisa que Espinoza não esperava, certamente, pois seu convite havia obedecido mais a um desejo do que à possibilidade real de ela aceitar.

Nem é preciso dizer que a certeza de vê-la aparecer em sua casa no dia seguinte deixou Espinoza num estado de excitação crescente e de insegurança rampante. Passaram, no entanto, um domingo magnífico (Espinoza se desdobrou para que assim fosse) e de noite se deitaram juntos tentando ouvir os ruídos dos tambores vizinhos, sem sorte, como se a banda africana bem naquele dia houvesse partido em turnê por outras cidades espanholas. Tantas eram as perguntas que Espinoza teria desejado fazer que na hora da verdade não fez nenhuma. Não foi preciso fazer. Norton lhe contou que era amante de Pelletier, se bem que não tenha sido essa a palavra que empregou mas outra muito mais ambígua, como amizade, ou talvez tenha dito que tinha um caso ou algo parecido.

Espinoza teria gostado de lhe perguntar desde quando eram amantes, mas só lhe saiu um suspiro. Norton disse ter muitos amigos, sem explicitar se estava se referindo a amigos-amigos ou amigos-amantes, que assim havia sido desde os dezesseis anos, quando fez amor pela primeira vez com um cara de trinta e quatro, um músico fracassado de Pottery Lane, e que ela o via assim. Espinoza, que nunca havia falado em alemão de amor (ou de sexo) com uma mulher, os dois nus na cama, bem que quis saber como ela o via, pois essa parte não tinha entendido, mas se limitou a assentir com a cabeça.

Depois veio a grande surpresa. Norton olhou-o nos olhos e perguntou se ele pensava que a conhecia. Espinoza disse que não sabia, talvez em alguns aspectos sim e em outros não, mas que sentia um grande respeito por ela, além de admiração por seu trabalho como estudiosa e crítica da obra archimboldiana. Norton disse então que tinha sido casada e que agora estava divorciada.

— Eu nunca imaginaria — replicou Espinoza.

— Pois é verdade — disse Norton. — Sou uma mulher divorciada.

Quando Liz Norton voltou para Londres, Espinoza ficou ainda mais nervoso do que esteve nos dias em que Norton permaneceu em Madri. Por um lado, o encontro havia transcorrido às mil maravilhas, disso não havia dúvida, na cama principalmente ambos pareciam combinar, formar um bom par, harmonioso, como se se conhecessem fazia tempo, mas quando o sexo acabava e Norton ficava com vontade de falar tudo mudava, a inglesa entrava num estado hipnótico, como se não tivesse nenhuma amiga com quem conversar, pensava Espinoza, que em seu foro interior acreditava firmemente que essa classe de confissões não é feita para um homem, e sim para ser ouvida por outra mulher: Norton falava de períodos menstruais, por exemplo, falava da lua e dos filmes em preto e branco que podiam se transformar a qualquer momento em filmes de terror que deprimiam enormemente Espinoza, a tal ponto que, terminadas as confidências, tinha de fazer um esforço sobre-humano para se vestir e ir jantar, ou ir a uma reunião informal com amigos de braços dados com Norton, sem contar o assunto Pelletier, que pensando bem o deixava de cabelo em pé, e agora se dissessem a Pelletier que vou para a cama com Liz?, coisas essas que desconcertavam Espinoza e que, quando estava só, lhe provocavam cólicas e vontade de ir ao banheiro, como Norton tinha explicado que acontecia com ela (mas por que lhe permiti que me falasse disso!) quando via seu ex-marido, um cara de um metro e noventa e destino incerto, um suicida em potencial ou um homicida em potencial, provavelmente um delinquente menor ou um hooligan cujo horizonte cultural se resumia a canções populares que cantava com seus amigos de infância em algum pub, um babaca que acreditava na televisão e cujo espírito nanico e atrofiado era semelhante ao de qualquer fundamentalista religioso, em todo caso e falando claro o pior marido que uma mulher podia arranjar.

E embora para se tranquilizar Espinoza tenha firmado o propósito de não avançar mais na

relação, ao fim de quatro dias, quando já estava tranquilo, telefonou para Norton e disse que queria vê-la. Norton perguntou se em Londres ou em Madri. Espinoza respondeu que onde ela quisesse. Norton escolheu Madri. Espinoza se sentiu o homem mais feliz da Terra.

A inglesa chegou num sábado à noite e foi embora domingo à noite. Espinoza levou-a de carro ao Escorial, depois foram a um *tablao* flamenco. Pareceu-lhe que Norton estava feliz e ficou contente com isso. Na noite de sábado para domingo fizeram amor três horas a fio, ao fim das quais Norton, em vez de começar a falar como na ocasião anterior, disse que estava exausta e dormiu. No dia seguinte, depois de tomar banho, tornaram a fazer amor e foram ao Escorial. Durante o trajeto de volta Espinoza perguntou se ela tinha visto Pelletier. Norton disse que sim, que Jean-Claude estivera em Londres.

— Como ele está? — perguntou Espinoza.

— Bem — disse Norton. — Conteí nossa história para ele.

Espinoza ficou nervoso e se concentrou na estrada.

— E o que ele acha? — indagou.

— Que é problema meu — disse Norton —, mas que em algum momento terei de me decidir.

Sem fazer nenhum comentário, Espinoza admirou a atitude do francês. Esse Pelletier se comporta como um cara bacana, pensou. Norton perguntou então o que ele achava.

— Mais ou menos a mesma coisa — mentiu Espinoza sem olhar para ela.

Por um instante permaneceram em silêncio, depois Norton começou a falar do seu marido. Desta vez as atrocidades que contou não impressionaram nem um pouco Espinoza.

Pelletier ligou para Espinoza domingo de noite, logo depois que este deixou Norton no aeroporto. Foi direto ao assunto. Disse que sabia o que Espinoza já sabia. Espinoza lhe disse que agradecia o telefonema e que, acreditasse ou não, naquela noite tinha pensado em ligar para ele e que só não fez isso porque Pelletier tinha se antecipado. Pelletier disse que acreditava.

— E o que fazemos agora? — indagou Espinoza.

— Deixamos tudo nas mãos do tempo — respondeu Pelletier.

Depois puseram-se a falar — e riram bastante — de um congresso estranhíssimo que acabava de se realizar em Salônica e ao qual só Morini havia sido convidado.

Em Salônica, Morini teve um piripaque. Uma manhã acordou no quarto do hotel e não enxergou nada. Tinha ficado cego. Por alguns segundos ficou em pânico, mas logo conseguiu recuperar o controle. Permaneceu quieto, deitado na cama, tentando voltar a dormir. Pôs-se a pensar em coisas agradáveis, experimentou algumas cenas infantis, alguns filmes, com rostos imóveis, sem nenhum resultado. Ergueu-se na cama e tateou em busca da cadeira de rodas. Abriu-a e com menos esforço do que previra sentou-se nela. Depois, muito lentamente, tentou se orientar para a única janela do quarto, uma janela que dava para um balcão do qual

se podia apreciar um morro careca, de cor marrom-amarelada, e um edifício de escritórios coroado pelo anúncio de uma imobiliária que oferecia chalés numa zona presumivelmente próxima de Salônica.

O loteamento (ainda não construído) ostentava o nome de Residências Apolo, e na noite anterior Morini estivera observando o anúncio do balcão, com um copo de uísque na mão, enquanto o anúncio acendia e apagava. Quando por fim chegou à janela e pôde abri-la, sentiu que estava ficando tonto e que não demoraria a desmaiar. Primeiro pensou em procurar a porta e talvez pedir ajuda ou se deixar cair no meio do corredor. Depois decidiu que o melhor era voltar para a cama. Uma hora depois a luz que entrava pela janela aberta e seu próprio suor o acordaram. Telefonou para a recepção e perguntou se havia algum recado para ele. Disseram que não. Despiu-se na cama e voltou à cadeira de rodas, já aberta, que estava junto dele. Levou meia hora para tomar banho e se vestir com roupa limpa. Depois fechou a janela sem olhar para fora e saiu do quarto a caminho do congresso.

Os quatro tornaram a se juntar nas jornadas de estudo da literatura alemã contemporânea realizadas em Salzburgo em 1996. Espinoza e Pelletier pareciam muito felizes. Norton, pelo contrário, chegou a Salzburgo disfarçada de mulher de gelo, indiferente às ofertas culturais e à beleza da cidade. Morini apareceu carregado de livros e papéis que tinha de revisar, como se o evento salzburguês o houvesse pegado num dos seus momentos mais intensos de trabalho.

Hospedaram os quatro no mesmo hotel, Morini e Norton no terceiro andar, nos quartos 305 e 311, respectivamente. Espinoza no quinto, no quarto 509. E Pelletier no sexto, no quarto 602. O hotel estava literalmente tomado por uma orquestra alemã e por um coral russo, e nos corredores e escadas ouvia-se constantemente uma algazarra musical, com seus altos e baixos, como se os músicos não parassem de trautear aberturas ou como se uma estática mental (e musical) tivesse se instalado no hotel. Algo que a Espinoza e a Pelletier não incomodava a mínima e que Morini nem parecia notar, mas que fez Norton exclamar que Salzburgo era uma cidade de merda por coisas como essa, e por outras de que preferia não falar.

Não é preciso dizer que nem Pelletier nem Espinoza visitaram Norton em seu quarto uma só vez que fosse, ao contrário, o quarto que Espinoza visitou, uma vez, foi o de Pelletier, e o quarto que Pelletier visitou, duas vezes, foi o de Espinoza, entusiasmados como crianças com a notícia que havia corrido como um rastilho de pólvora, como uma bomba atômica, pelos corredores e reuniões em *petit comité* das jornadas, a saber, que Archimboldi naquele ano era candidato ao Nobel, algo que para os archimboldistas de todas as partes era não só um motivo de imensa alegria mas também um triunfo e uma revanche. A tal ponto que foi em Salzburgo, precisamente na cervejaria O Touro Vermelho, durante uma noite cheia de brindes, que se firmou a paz entre os dois principais grupos de estudiosos archimboldianos, isto é, entre a facção de Pelletier e Espinoza e a facção de Borchmeyer, Pohl e Schwarz, que a partir de então decidiram, respeitando suas diferenças e seus métodos de interpretação,

envidar esforços e não tornar a se dar rasteiras, o que expresso em termos práticos queria dizer que Pelletier não vetaria mais os ensaios de Schwarz nas revistas em que tinha certa ascendência, e Schwarz não vetaria mais os trabalhos de Pelletier nas publicações em que ele, Schwarz, era considerado um deus.

Morini, que não compartilhava o entusiasmo de Pelletier e Espinoza, foi o primeiro a fazer notar que até aquele momento Archimboldi não havia recebido nunca, ao menos pelo que ele soubesse, um prêmio importante na Alemanha, nem o dos livreiros, nem o dos críticos, nem o dos leitores, nem o dos editores, supondo-se que este último prêmio existisse, de modo que era cabível esperar, dentro do razoável, que, sabedores de que Archimboldi concorria ao maior prêmio da literatura mundial, seus compatriotas, mesmo que só para não ficarem mal, lhe oferecessem um prêmio nacional ou um prêmio testemunhal ou um prêmio honorífico ou pelo menos um programa de uma hora na televisão, coisa que não aconteceu e que encheu de indignação os archimboldianos (desta vez unidos), que em vez de se deprimirem com o desprezo a que os outros continuavam submetendo Archimboldi, redobram esforços, endurecidos pela frustração e acicatados pela injustiça com que um Estado civilizado tratava não apenas, na opinião deles, o melhor escritor alemão vivo, mas também o melhor escritor europeu vivo, o que produziu uma enxurrada de trabalhos sobre a obra de Archimboldi e inclusive a pessoa de Archimboldi (de quem tão pouco se sabia, para não dizer que não se sabia nada), que por sua vez produziu um número maior de leitores, a maioria enfeitiçados não pela obra do alemão mas pela vida ou a não vida de tão singular escritor, o que por sua vez se traduziu num movimento boca a boca que fez crescer consideravelmente as vendas na Alemanha (fenômeno a que não foi estranha a presença de Dieter Hellfeld, a última aquisição do grupo de Schwarz, Borchmeyer e Pohl), o que por sua vez deu um novo impulso nas traduções e na reedição das antigas traduções, o que não fez de Archimboldi um best-seller mas o colocou, durante duas semanas, no nono lugar entre as dez obras de ficção mais vendidas na Itália, e no décimo segundo lugar, por igual número de semanas, entre as vinte obras de ficção mais vendidas da França, e embora na Espanha nunca tenha estado nas listas, houve uma editora que comprou os direitos dos poucos romances que outras editoras espanholas ainda tinham e os direitos de todos os seus livros não traduzidos para o espanhol, e que inaugurou desse modo uma espécie de biblioteca Archimboldi, que não foi um mau negócio.

Nas ilhas britânicas, há de se convir, Archimboldi continuou sendo um autor de caráter marcadamente minoritário.

Naqueles dias de fervor, Pelletier encontrou um texto escrito pelo suábio que tiveram o prazer de conhecer em Amsterdam. No texto, o suábio reproduzia basicamente o que já lhes

havia contado da visita de Archimboldi ao vilarejo frísio e do posterior jantar com a senhora viajante em Buenos Aires. O texto havia sido publicado no *Diário da Manhã de Reutlingen* e continha uma variante: nele, o suábio reproduzia um diálogo em estilo de humor sardônico entre a senhora e Archimboldi. Começava com ela lhe perguntando de onde era. Archimboldi respondia que era prussiano. A senhora perguntava se seu nome era da nobreza rural prussiana. Archimboldi respondia que era bem provável. A senhora murmurava então o nome Benno von Archimboldi, como se morderse uma moeda de ouro para saber se era de ouro. Ato contínuo, dizia que não lhe soava familiar e mencionava de passagem outros nomes, para ver se Archimboldi os conhecia. Este dizia que não, que da Prússia só havia conhecido os bosques.

— Em todo caso, seu nome é de origem italiana — dizia a senhora.

— Francesa — respondia Archimboldi —, de huguenotes.

A senhora, ante essa resposta, ria. Outrora fora muito bonita, dizia o suábio. Mesmo então, na penumbra da taberna, parecia bonita, mas quando ria a dentadura postiça se mexia, e ela tinha de ajustá-la com a mão. Essa operação, não obstante, executada por ela não carecia de elegância. A senhora se comportava com os pescadores e com os camponeses com uma naturalidade que só provocava respeito e carinho. Fazia muito tempo que havia enviuvado. Às vezes saía a passear a cavalo pelas dunas. Outras vezes se perdia pelas estradinhas vicinais fustigadas pelo vento do mar do Norte.

Quando Pelletier comentou o artigo do suábio com os três amigos, uma manhã durante o café da manhã no hotel, horas antes de saírem às ruas de Salzburgo, a diferença de opiniões e interpretações foi notável.

Para Espinoza e o próprio Pelletier, o suábio provavelmente havia sido amante da senhora na época em que Archimboldi foi dar sua palestra. Para Norton, o suábio tinha uma versão diferente do acontecimento dependendo do seu estado de espírito e do tipo de auditório, e era bem possível que já nem mesmo ele próprio se lembrasse o que se disse e ocorreu de fato naquela memorável ocasião. Para Morini, o suábio era, de forma espantosa, o duplo de Archimboldi, seu irmão gêmeo, a imagem que o tempo e o acaso vão transformando no negativo de uma foto revelada, de uma foto que paulatinamente vai se tornando maior, mais potente, de um peso asfixiante, sem por isso perder as ligações com seu negativo (que sofre um processo ao revés), mas que essencialmente é igual à foto revelada: ambos jovens nos anos do terror e da barbárie hitleristas, ambos veteranos da Segunda Guerra Mundial, ambos escritores, ambos cidadãos de um país em bancarrota, ambos dois pobres-diabos à deriva no momento em que se encontram e (à sua maneira espantosa) se reconhecem, Archimboldi como escritor morto de fome, o suábio como “promotor cultural” de um lugarejo onde o menos importante, sem dúvida, era a cultura.

Era possível, inclusive, chegar a pensar que esse miserável e (por que não) desprezível suábio fosse na realidade Archimboldi? Não foi Morini que formulou essa pergunta mas Norton. E a resposta foi negativa, visto que o suábio, para início de conversa, era de baixa

estatura e compleição delicada, algo que não correspondia nem um pouco às características físicas de Archimboldi. Muito mais verossímil era a explicação de Pelletier e Espinoza. O suábio como amante da senhora feudal, apesar de ela poder ser sua avó. O suábio indo todas as tardes à casa da senhora que havia viajado a Buenos Aires, para encher o bucho com frios, biscoitos e xícaras de chá. O suábio massageando as costas da viúva do ex-capitão de cavalaria, enquanto do lado de lá dos vidros das janelas redemoinhava a chuva, uma chuva frísia e triste que provocava desejos de chorar e que, embora não fizesse o suábio chorar, o empalidecia, o empalidecia e o arrastava para a janela mais próxima, onde ficava olhando para aquilo que estava além das cortinas de chuva enlouquecida, até que a senhora o chamava, peremptória, e o suábio dava as costas para a janela, sem saber por que tinha se aproximado dela, sem saber o que esperava encontrar e que justo nesse momento, quando já não havia ninguém na janela e só piscava uma lamparina de vidros coloridos no fundo do quarto, aparecia.

De modo que em geral os dias em Salzburgo foram agradáveis e embora naquele ano Archimboldi não tenha obtido o Prêmio Nobel, a vida de nossos quatro amigos seguiu deslizando ou fluindo pelo plácido rio dos departamentos de alemão das universidades europeias, não sem contabilizar um ou outro sobressalto que afinal contribuía para acrescentar uma pitada de pimenta, uma pitada de mostarda, umas gotinhas de vinagre em suas vidas aparentemente ordenadas, ou que vistas de fora pareciam ser assim, embora cada um, como todo filho de vizinho, arrastasse sua cruz, uma cruz curiosa, fantasmal e fosforescente no caso de Norton, que em mais de uma ocasião, e às vezes beirando o mau gosto, se referia a seu ex-marido como uma ameaça latente, dotando-o de vícios e defeitos que pareciam próprios de um monstro, um monstro violentíssimo mas que nunca fazia ato de presença, pura verbalização e nada de ação, embora com seu discurso Norton contribuísse para corporificar esse ser que nem Espinoza nem Pelletier jamais haviam visto, como se o ex de Norton só existisse em seus sonhos, até que o francês, mais agudo que o espanhol, compreendeu que essa peroração inconsciente, esse rol interminável de injúrias obedecia mais que nada ao desejo de castigo que Norton se infligia, envergonhada talvez por ter se apaixonado e casado com semelhante imbecil. Claro, Pelletier se equivocava.

Por aqueles dias, Pelletier e Espinoza, preocupados com o estado atual de sua amante comum, mantiveram duas longas conversas telefônicas.

A primeira foi uma ligação do francês e durou uma hora e quinze minutos. A segunda foi de Espinoza, três dias depois, e durou duas horas e quinze minutos. Quando já estavam falando havia uma hora e meia, Pelletier lhe disse para desligar, que a chamada ia sair uma fortuna e que ele ligaria logo em seguida, ao que o espanhol se opôs rotundamente.

A primeira chamada telefônica, a que fez Pelletier, começou de maneira difícil, muito embora Espinoza esperasse essa ligação, como se a ambos custasse dizer um ao outro o que

mais cedo ou mais tarde iam ter de se dizer. Os vinte minutos iniciais tiveram um tom trágico em que a palavra destino foi empregada dez vezes e a palavra amizade vinte e quatro. O nome de Liz Norton foi pronunciado cinquenta vezes, nove delas em vão. A palavra Paris foi dita em sete ocasiões. Madri, em oito. A palavra amor foi pronunciada duas vezes, uma cada um. A palavra horror foi pronunciada em seis ocasiões e a palavra felicidade em uma (Espinoza empregou-a). A palavra solução foi dita em doze ocasiões. A palavra solipsismo em sete. A palavra eufemismo em dez. A palavra categoria, no singular e no plural, em nove. A palavra estruturalismo em uma (Pelletier). O termo literatura norte-americana em três. As palavras jantar e jantamos e café da manhã e sanduíche em dezenove. A palavra olhos e mãos e cabelos em catorze. Depois a conversa se fez mais fluida. Pelletier contou uma piada em alemão a Espinoza e este riu. Na verdade, ambos riam envoltos nas ondas ou seja lá o que fosse que unia suas vozes e seus ouvidos através dos campos escuros e do vento e das neves pirenaicas e rios e estradas solitárias e respectivos e intermináveis subúrbios que rodeavam Paris e Madri.

A segunda conversa, radicalmente mais relaxada que a primeira, foi uma conversa de amigos que tentam esclarecer algum ponto obscuro que lhes houvesse passado despercebido, sem que por isso se convertesse numa conversa de caráter técnico ou logístico, ao contrário, naquela conversa vieram à luz temas que só tocavam Norton de forma tangencial, temas que não tinham nada a ver com os vaivéns da sentimentalidade, temas em que era fácil entrar e dos quais se saía sem a menor dificuldade para retomar o tema principal, Liz Norton, que ambos reconheceram, já quase no final da segunda ligação, não como a erínia que havia posto fim à amizade deles, mulher enlutada com as asas manchadas de sangue, nem como Hécate, que começou cuidando das crianças como uma *au pair* e terminou aprendendo bruxaria e se transformando em bicho, mas como o anjo que havia fortalecido essa amizade, fazendo-os descobrir uma coisa que suspeitavam, que davam por certa, mas da qual não estavam de todo seguros, isto é, que eram seres civilizados, que eram seres capazes de experimentar sentimentos nobres, que não eram dois brutos tragados pela rotina e pelo trabalho regular e sedentário na abjeção, muito pelo contrário, Pelletier e Espinoza se descobriram generosos naquela noite, e tão generosos se descobriram que se estivessem juntos teriam saído para comemorar, deslumbrados pelo esplendor da sua própria virtude, um esplendor que certamente não dura muito (pois toda virtude, salvo na brevidade do reconhecimento, carece de esplendor e vive numa caverna escura rodeada por outros habitantes, alguns muito perigosos), e que, na falta de comemoração e farra, remataram com uma promessa tácita de amizade eterna e, depois de desligar os respectivos telefones, selaram, cada qual em seu apartamento atopejado de livros, bebendo com suprema lentidão um uísque e olhando para a noite atrás de suas janelas, talvez em busca, embora sem saber, daquilo que o suábio havia procurado do outro lado da janela da viúva e não havia encontrado.

Morini foi o último a ficar sabendo, como não podia deixar de ser, se bem que no caso de Morini a matemática sentimental nem sempre funcionava.

Antes que Norton fosse para a cama pela primeira vez com Pelletier, Morini já havia entrevisto essa possibilidade. Não pela forma como Pelletier se comportava diante de Norton mas pelo alheamento dela, um alheamento impreciso, que Baudelaire teria chamado de *spleen* e que Nerval teria chamado de melancolia, e que colocava a inglesa numa disposição excelente para começar uma relação íntima com quem quer que fosse.

Espinoza, claro, ele não previu. Quando Norton telefonou para ele e lhe contou que estava envolvida com eles, Morini se surpreendeu (embora não lhe houvesse surpreendido que Norton dissesse que estava envolvida com Pelletier e com um colega da Universidade de Londres e inclusive com um aluno), mas dissimulou habilmente. Depois tratou de pensar em outras coisas, mas não pôde.

Perguntou a Norton se ela era feliz. Norton disse que sim. Contou-lhe que havia recebido um e-mail de Borchmeyer com notícias frescas. Norton não pareceu muito interessada. Perguntou a ela se tinha notícia do marido.

— Ex-marido — disse Norton.

Não, não sabia nada, mas uma velha amiga tinha telefonado para contar que seu ex estava vivendo com outra velha amiga. Perguntou se tinha sido muito amiga. Norton não entendeu a pergunta.

— Quem foi muito amiga?

— A que atualmente está vivendo com o seu ex — disse Morini.

— Não vive com ele, ela o sustenta, o que é diferente.

— Ah — fez Morini, e tentou mudar de assunto mas não lhe ocorreu nada.

Talvez se lhe falasse da minha doença, pensou com malevolência. Mas nunca faria isso.

Dos quatro, Morini foi o primeiro a ler, naqueles mesmos dias, uma notícia sobre os assassinatos de Sonora, publicada em *Il Manifesto* e assinada por uma jornalista italiana que tinha ido ao México escrever artigos sobre a guerrilha zapatista. A notícia lhe pareceu horrível. Na Itália também havia assassinos seriais, mas raramente superavam a cifra de dez vítimas, enquanto em Sonora as cifras ultrapassavam de longe as cem.

Depois pensou na jornalista de *Il Manifesto* e lhe pareceu curioso que tivesse ido a Chiapas, que fica no extremo sul do país, e que houvesse acabado escrevendo sobre os acontecimentos de Sonora, que, se seus conhecimentos geográficos não o enganavam, fica no norte, no noroeste, na fronteira com os Estados Unidos. Imaginou-a viajando de ônibus, uma longa estrada de México DF até a terra desértica do norte. Imaginou-a cansada depois de passar uma semana nas florestas de Chiapas. Imaginou-a falando com o subcomandante Marcos. Imaginou-a na capital do México. Ali alguém lhe contaria o que estava acontecendo em Sonora. E ela, em vez de tomar o próximo voo para a Itália, resolveu comprar uma passagem de ônibus e embarcar numa longa viagem para Sonora. Por um instante Morini

sentiu o desejo irrefreável de compartilhar a viagem com a jornalista.

Me apaixonaria por ela até a morte, pensou. Uma hora depois já havia esquecido por completo o assunto.

Pouco depois chegou um e-mail de Norton. Achou estranho que Norton lhe escrevesse em vez de telefonar. No entanto, mal começou a ler a carta compreendeu que Norton necessitava expressar da maneira mais ajustada possível seus pensamentos e que por essa razão havia preferido lhe escrever. Na carta pedia perdão pelo que chamava de seu egoísmo, um egoísmo que se materializava na autocontemplação das suas próprias desgraças, reais ou imaginárias. Depois dizia que havia resolvido, por fim!, o contencioso que ainda mantinha com o ex-marido. As nuvens escuras haviam desaparecido da sua vida. Agora tinha o desejo de ser feliz e de cantar (sic). Também dizia que provavelmente até a semana anterior ainda o amava e que agora podia afirmar que essa parte da sua história ficava definitivamente para trás. Com renovado entusiasmo voltou a me concentrar no meu trabalho e naquelas coisas pequenas, cotidianas, que fazem os seres humanos felizes, afirmava Norton. E também dizia: quero que seja você, meu paciente Piero, o primeiro a saber disso.

Morini releu a carta três vezes. Com desalento pensou que Norton se enganava quando afirmava que seu amor e seu ex-marido e tudo o que havia vivido com ele ficava para trás. Nada fica para trás.

Pelletier e Espinoza, pelo contrário, não receberam nenhuma confidência nesse sentido. Pelletier notou algo que Espinoza não notou. Os deslocamentos Londres-Paris se tornaram mais frequentes que os deslocamentos Paris-Londres. E uma em cada duas vezes Norton aparecia com um presente, um livro de ensaios, um livro de arte, catálogos de exposições que ele nunca veria, inclusive uma camisa e um lenço, acontecimentos inéditos até então.

No mais, tudo continuou igual. Trepavam, iam jantar juntos, comentavam as últimas novidades em torno de Archimboldi, nunca falavam de seu futuro como casal, cada vez que Espinoza aparecia na conversa (e não era infrequente que ele não aparecesse) o tom de ambos era estritamente imparcial, de descrição e, sobretudo, de amizade. Algumas noites, inclusive, adormeciam um nos braços do outro sem fazer amor, algo que Pelletier estava certo de que ela não fazia com Espinoza. E se enganava, pois a relação entre Norton e o espanhol era amiúde uma cópia fiel da que mantinha com o francês.

Diferiam as comidas, melhores em Paris, diferiam o cenário e a cenografia, mais modernos em Paris, e diferia o idioma, pois com Espinoza falava mais em alemão e com Pelletier mais em inglês, mas em linhas gerais eram maiores as semelhanças que as diferenças. Naturalmente, também com Espinoza tinha havido noites sem sexo.

Se sua amiga mais íntima (que não tinha) houvesse perguntado a Norton com qual de seus

dois amigos se dava melhor na cama, ela não teria sabido responder.

Às vezes pensava que Pelletier era um amante mais qualificado. Outras vezes pensava que era Espinoza. Observando o assunto de fora, digamos de um âmbito rigorosamente acadêmico, poder-se-ia dizer que Pelletier tinha mais bibliografia do que Espinoza, o qual nessas lides costumava confiar mais no instinto do que no intelecto, e que tinha a desvantagem de ser espanhol, quer dizer, de pertencer a uma cultura que muitas vezes confundia o erotismo com a escatologia, e a pornografia com a coprofagia, equívoco que se fazia notar (por sua ausência) na biblioteca mental de Espinoza, que havia lido pela primeira vez o marquês de Sade só para contrastar (e rebater) um artigo de Pohl, no qual este via conexões entre *Justine* e *A filosofia na alcova* e um romance da década de 1950 de Archimboldi.

Já Pelletier havia lido o divino marquês aos dezesseis anos e aos dezoito fizera um *ménage à trois* com duas colegas de universidade, e seu gosto adolescente pelos quadrinhos eróticos tinha se transformado num adulto, razoável e comedido colecionamento de obras literárias licenciosas dos séculos XVII e XVIII. Falando em termos figurados: Mnemósine, a deusa-montanha e mãe das nove musas, estava mais próxima do francês que do espanhol. Trocando em miúdos: Pelletier podia aguentar seis horas trepando (e sem gozar) graças à sua bibliografia, enquanto Espinoza podia fazê-lo (gozando duas vezes, e às vezes três, e ficando meio morto) graças a seu ânimo, graças a sua força.

E já que mencionamos os gregos, não seria demais dizer que Espinoza e Pelletier acreditavam ser (e à sua maneira perversa eram mesmo) cópias de Ulisses, e que ambos consideravam Morini como se o italiano fosse Euríloco, o fiel amigo do qual se contam na *Odisseia* duas façanhas de índole diversa. A primeira alude a sua prudência para não se transformar em porco, ou seja, alude a sua consciência solitária e individualista, a sua dúvida metódica, a sua malícia de marinheiro velho. Já a segunda narra uma aventura profana e sacrílega, a das vacas de Zeus ou outro deus poderoso, que pastavam tranquilamente na ilha do Sol, coisa que despertou o tremendo apetite de Euríloco, que, com palavras inteligentes, instigou seus companheiros para que as matassem e oferecessem um banquete para todos, algo que irritou sobremaneira Zeus ou o deus que fosse, que amaldiçoou Euríloco por dar-se ares de ilustrado ou de ateu ou de prometeico, pois o deus em questão se sentiu mais incomodado pela atitude, pela dialética da fome de Euríloco do que pelo fato em si de comer as suas vacas e, por esse ato, quer dizer, por esse banquete, o barco em que ia Euríloco naufragou e morreram todos os marinheiros, que era o que Pelletier e Espinoza acreditavam que aconteceria com Morini, não de forma consciente, claro, mas em forma de certeza desconexa ou intuição, em forma de pensamento negro microscópico, ou símbolo microscópico, latente numa zona negra e microscópica da alma dos dois amigos.

Quase em fins de 1996 Morini teve um pesadelo. Sonhou que Norton mergulhava numa

piscina enquanto Pelletier, Espinoza e ele jogavam uma partida de baralho ao redor de uma mesa de pedra. Espinoza e Pelletier estavam de costas para a piscina, que de início parecia uma piscina de hotel, comum, como outra qualquer. Enquanto jogavam, Morini observava as outras mesas, os guarda-sóis, as espreguiçadeiras que se alinhavam de cada lado. Mais além havia um parque com cercas de cor verde-escura, brilhantes, como se tivesse acabado de chover. Pouco a pouco as pessoas foram se retirando do lugar, perdendo-se pelas diferentes portas que comunicavam o espaço aberto com o bar e com os quartos ou pequenos apartamentos do edifício, apartamentos que Morini imaginou se compunham de um aposento duplo com cozinha americana e banheiro. Ao fim de um instante não restava mais ninguém do lado de fora, nem sequer pululavam os maçantes garçons que havia visto antes. Pelletier e Espinoza continuavam absortos na partida. Junto de Pelletier, viu um montão de fichas de cassino, além de moedas de diversos países, e com isso supôs que ele estava ganhando. Espinoza, não obstante, não tinha cara de se dar por vencido. Nesse momento, Morini olhou para suas cartas e se deu conta de que não tinha nada a fazer. Descartou e pediu quatro cartas, que deixou viradas para baixo sobre a mesa de pedra, sem vê-las, e pôs, não sem dificuldade, sua cadeira de rodas em movimento. Pelletier e Espinoza nem perguntaram aonde ele ia. Empurrou a cadeira de rodas até a beira da piscina. Só então se deu conta de como era enorme. De largura devia medir pelo menos trezentos metros e de comprimento superava, calculou Morini, três quilômetros. As águas eram escuras e em algumas zonas pôde observar manchas oleosas, como as que se veem nos portos. De Norton, nem sinal. Morini deu um grito.

— Liz.

Acreditou ver, na outra extremidade da piscina, uma sombra e moveu sua cadeira de rodas nessa direção. O trajeto era longo. Numa ocasião olhou para trás e já não viu nem Pelletier nem Espinoza. Essa zona do terraço havia ficado coberta pela névoa. Continuou avançando. A água da piscina parecia trepar pelas bordas, como se em algum lugar estivesse sendo gerada uma borrasca ou algo pior, se bem que por onde Morini avançava tudo estava calmo e silencioso, e nada fazia pressagiar um indício de tormenta. Pouco depois a névoa cobriu Morini. No início tentou continuar avançando, mas depois se deu conta de que corria o risco de cair com a cadeira de rodas dentro da piscina e preferiu não se arriscar. Quando seus olhos se acostumaram, viu um rochedo, como um recife escuro e irisado que emergia da piscina. Não lhe pareceu estranho. Se aproximou da beirada e gritou outra vez o nome de Liz, desta vez com medo de não tornar a vê-la nunca mais. Teria bastado um ligeiro respingo nas rodas para ele cair dentro dela. Então se deu conta de que a piscina tinha se esvaziado e de que sua profundidade era enorme, como se a seus pés se abrisse um precipício de ladrilhos pretos embolorados pela água. No fundo distinguiu uma figura de mulher (embora não fosse possível ter certeza) que se dirigia para as escarpas do rochedo. Morini já se dispunha a gritar outra vez e fazer sinais para ela quando pressentiu que havia alguém às suas costas. Num instante teve duas certezas: se tratava de um ser maligno, o ser maligno desejava que Morini se virasse e visse seu rosto. Com cuidado, retrocedeu e continuou margeando a piscina, procurando não olhar para quem o seguia e buscando a escada que por acaso pudesse levá-lo

até o fundo. Mas é claro que a escada, que a lógica lhe dizia que devia estar num canto, não aparecia nunca, e depois de rodar uns metros Morini parava, se virava e enfrentava o rosto do desconhecido, contendo o medo, um medo que alimentava a progressiva certeza de saber quem era a pessoa que o seguia e que desprendia esse tufo de malignidade que Morini mal podia suportar. No meio da névoa aparecia então o rosto de Liz Norton. Uma Norton mais moça, provavelmente com vinte anos ou menos, que olhava para ele com uma fixação e uma seriedade que obrigavam Morini a desviar o olhar. Quem era a pessoa que vagava pelo fundo da piscina? Morini ainda podia vê-la, uma mancha diminuta que se aprestava a escalar o rochedo transformado agora numa montanha, e sua visão, tão distante, inundava seus olhos de lágrimas e lhe produzia uma tristeza profunda e intransponível, como se estivesse vendo seu primeiro amor se debatendo num labirinto. Ou como se visse a si mesmo, com as pernas ainda úteis, mas perdido numa escalada irremediavelmente inútil. Também, e não podia evitá-lo, e era bom que não evitasse, pensava que aquilo parecia com um quadro de Gustave Moreau ou um de Odilon Redon. Então tornava a olhar para Norton e esta lhe dizia:

— Não dá para voltar atrás.

Não ouvia a frase com os ouvidos mas diretamente no interior do cérebro. Norton adquiriu poderes telepáticos, pensava Morini. Não é má, é boa. Não é maldade o que percebi, mas telepatia, ele dizia a si mesmo para alterar o curso de um sonho que em seu foro íntimo sabia inamovível e fatal. Então a inglesa repetia, em alemão, não dá para voltar atrás. E, paradoxalmente, lhe dava as costas e se afastava na direção contrária à da piscina, e se perdia num bosque apenas silhuetado entre a névoa, um bosque do qual se desprendia um resplendor vermelho, e nesse resplendor vermelho Norton se perdia.

Uma semana mais tarde, depois de ter interpretado o sonho de pelo menos quatro maneiras diferentes, Morini viajou para Londres. A decisão de empreender essa viagem escapava por completo à sua rotina habitual, que era a de viajar unicamente para congressos e encontros, onde a passagem de avião e o hotel eram bancados pela organização. Agora, pelo contrário, não havia nenhum motivo profissional e tanto o hotel como o transporte saíram do seu bolso. Também não se pode dizer que acudia a um chamado de socorro de Liz Norton. Simplesmente quatro dias antes falou com ela e disse que pretendia ir a Londres, uma cidade que havia muito não visitava.

Norton se mostrou encantada com a ideia e lhe ofereceu sua casa, mas Morini mentiu dizendo que já tinha reservado um hotel. Quando chegou ao aeroporto de Gatwick, Norton estava à sua espera. Nesse dia almoçaram juntos, num restaurante perto do hotel de Morini, e de noite jantaram na casa de Norton. Durante o jantar, insosso mas educadamente elogiado por Morini, falaram de Archimboldi, de seu prestígio crescente e das inúmeras lacunas que restavam por esclarecer, mas depois, na sobremesa, a conversa tomou um rumo mais pessoal, mais propenso às reminiscências, e até as três da manhã, hora em que chamaram um táxi e em que Norton ajudou Morini a descer de seu apartamento pelo velho elevador e depois um lance de escada de seis degraus, tudo foi, segundo recapitulou o italiano, muito mais

agradável do que o previsto.

Entre o café da manhã e o jantar Morini esteve sozinho, no começo sem se atrever a sair do seu quarto, mas depois, movido pelo tédio, decidiu dar uma volta que se prolongou até o Hyde Park, onde vagou sem rumo, imerso em seus pensamentos, sem fitar nem ver ninguém. Algumas pessoas olhavam para ele com curiosidade porque nunca haviam visto um paralítico com tanta determinação e com um ritmo tão constante. Quando por fim parou, se encontrou diante de um, assim chamado, Jardim Italiano, que não lhe pareceu de modo algum italiano, mas vá saber, disse consigo, às vezes a gente ignora olímpicamente o que tem diante do nariz.

De um dos bolsos do blusão tirou um livro e começou a ler, enquanto recobrava as forças. Passado um instante, ouviu que alguém o cumprimentava e depois o ruído que faz um corpo volumoso ao se deixar cair num banco de madeira. Retribuiu o cumprimento. O desconhecido tinha cabelos de uma cor amarelo-palha, agrisalhado e mal lavado, e devia pesar pelo menos cento e dez quilos. Ficaram se olhando um momento e o desconhecido lhe perguntou se era estrangeiro. Morini disse que italiano. O desconhecido quis saber se morava em Londres e, depois, o título do livro que lia. Morini respondeu que não morava em Londres e que o livro que lia se chamava *Il libro di cucina de Juana Inés de la Cruz*, de Angelo Morino, e que era escrito, claro, em italiano, apesar de se tratar de uma freira mexicana. Sobre a vida e algumas receitas de cozinha da freira.

— E essa freira mexicana gostava de cozinhar? — perguntou o desconhecido.

— De certo modo sim, mas também escrevia poemas — disse Morini.

— Desconfio das freiras — disse o desconhecido.

— Pois essa freira era uma grande poeta — disse Morini.

— Desconfio da gente que come seguindo um livro de receitas — disse o desconhecido como se não o tivesse ouvido.

— E em quem o senhor confia? — Morini lhe perguntou.

— Na gente que come quando está com fome, acho — disse o desconhecido.

Depois passou a explicar que, tempos antes, tinha trabalhado numa empresa que fabricava xícaras, só xícaras, das normais e dessas que trazem escrito um slogan, um lema ou uma graça, por exemplo: *Oba, tá na hora do café* ou *Papai ama mamãe* ou *A última do dia ou da vida*, umas xícaras com legendas insípidas, e que um dia, certamente devido à demanda, mudou radicalmente os lemas das xícaras e além do mais começou a incluir desenhos junto dos lemas, desenhos no início sem colorir, mas depois, graças ao sucesso dessa iniciativa, desenhos coloridos, de índole engraçada mas também de índole erótica.

— Até aumentaram meu salário — disse o desconhecido. — Existem dessas xícaras na Itália? — perguntou depois.

— Sim — respondeu Morini —, algumas com legendas em inglês, outras com legendas em italiano.

— Bom, tudo ia que era uma beleza — disse o desconhecido. — Os trabalhadores trabalhavam com mais gosto. Os encarregados também trabalhavam com mais gosto e o chefe estava feliz. Mas após uns dois meses produzindo essas xícaras eu me dei conta de que minha felicidade era artificial. Eu me sentia feliz porque via os outros felizes e porque sabia

que tinha de me sentir feliz, mas na realidade não estava feliz. Muito pelo contrário: eu me sentia mais infeliz que antes de aumentarem o meu salário. Pensei que estava passando um mau momento e tratei de não pensar no assunto, mas no terceiro mês já não pude continuar fingindo que não estava acontecendo nada. Meu humor azedou, eu tinha ficado mais violento do que antes, qualquer bobagem me irritava, comecei a beber. Então enfrentei o problema cara a cara e finalmente cheguei à conclusão de que não gostava de fabricar aquele tipo de xícaras. Juro que de noite eu sofria como um cão. Achava que estava ficando louco e que não sabia o que fazia nem o que pensava. Ainda me dão medo alguns pensamentos que eu tinha naquela época. Um dia briguei com um dos encarregados. Disse a ele que estava cheio de fabricar aquelas xícaras idiotas. O sujeito era boa gente, se chamava Andy, e sempre tentava dialogar com os trabalhadores. Me perguntou se eu preferia fazer as xícaras que fazíamos antes. Isso mesmo, falei. Está falando sério, Dick?, ele me perguntou. Muito sério, respondi. As xícaras novas te dão mais trabalho? De maneira nenhuma, falei, o trabalho é o mesmo mas antes estas xícaras fodidas não me machucavam como me machucam agora. Como assim?, perguntou Andy. É que antes as filhas da puta das xícaras não me machucavam e agora estão me destruindo por dentro. E que diabo as faz tão diferentes, além de agora serem mais modernas?, perguntou Andy. Justamente por isso, respondi, antes as xícaras não eram tão modernas e embora a intenção delas fosse me machucar não conseguiam, eu não sentia suas alfinetadas, já agora estas xícaras de merda parecem samurais armados com aquelas espadas fodidas de samurai e estão me deixando maluco. Enfim, foi uma conversa longa — disse o desconhecido. — O encarregado me escutou, mas não entendeu uma só palavra que eu dizia. No dia seguinte pedi as contas e saí da empresa. Nunca mais voltei a trabalhar. O que acha?

Morini hesitou antes de responder.

Por fim disse:

— Não sei.

— É o que quase todo o mundo opina: não sabem — disse o desconhecido.

— E o que o senhor faz agora? — perguntou Morini.

— Nada, não trabalho, sou um mendigo londrino — disse o desconhecido.

É como se estivesse me mostrando uma atração turística, pensou Morini, mas tomou o cuidado de não dizê-lo em voz alta.

— E o senhor, o que opina deste livro? — perguntou o desconhecido.

— Que livro? — perguntou Morini.

O desconhecido indicou com um dos seus grossos dedos o exemplar da editora Sellerio, de Palermo, que Morini segurava delicadamente na mão.

— Ah, acho muito bom — respondeu.

— Leia algumas receitas para mim — disse o desconhecido com um tom de voz que pareceu ameaçador a Morini.

— Não sei se vai dar tempo — falou —, tenho um encontro marcado com uma amiga.

— Como se chama a sua amiga? — perguntou o desconhecido com o mesmo tom de voz.

— Liz Norton — disse Morini.

— Liz, bonito nome — disse o desconhecido. — E qual o seu, se não é uma impertinência perguntar?

— Piero Morini — respondeu Morini.

— Que curioso — disse o desconhecido —, seu nome é quase o mesmo do autor do livro.

— Não é, não — disse Morini —, eu me chamo Piero Morini e ele se chama Angelo Morino.

— Se não for um incômodo — disse o desconhecido —, leia pelo menos os nomes de algumas receitas. Vou fechar os olhos e imaginá-las.

— Está bem — disse Morini.

O desconhecido fechou os olhos e Morini começou a recitar lentamente e com entoação de ator alguns títulos das receitas atribuídas a Sor Juana Inés de la Cruz:

Sgonfiotti al formaggio

Sgonfiotti alla ricotta

Sgonfiotti di vento

Crespelle

Dolce di tuorli di uovo

Uova regali

Dolce alla panna

Dolce alle noci

Dolce di testoline di moro

Dolce alle barbabietole

Dolce di burro e zucchero

Dolce alla crema

Dolce di mamey

Ao chegar ao *dolce di mamey* achou que o desconhecido estava dormindo e começou a se afastar do Jardim Italiano.

O dia seguinte foi parecido com o primeiro. Desta vez Norton foi buscá-lo no hotel e enquanto Morini pagava a conta ela guardou a única mala do italiano no porta-malas do carro. Quando saíram à rua seguiram o mesmo itinerário que o havia levado no dia anterior ao Hyde Park.

Morini percebeu e observou em silêncio as ruas e depois o surgimento do parque, que lhe pareceu como um filme da selva, mal colorida, tristíssima, exaltante, até que o carro virou e se perdeu por outras ruas.

Comeram juntos num bairro que Norton havia descoberto, um bairro próximo do rio, onde antes havia umas fábricas e oficinas de reparo de barcos e onde agora se erguiam, nas moradias reformadas, lojas de roupas e de alimentação e restaurantes da moda. Uma butique pequena equivalia em metros quadrados, calculou Morini, a quatro casas de operários. O

restaurante a doze ou dezesseis. A voz de Liz Norton elogiava o bairro e o esforço da gente que o estava trazendo à tona.

Morini pensou que a expressão trazer à tona não era a indicada, apesar de seu ar marinho. Ao contrário, enquanto comiam a sobremesa desejou, outra vez, chorar ou, melhor ainda, desmaiar, deixar-se desvanecer, cair da sua cadeira suavemente, com os olhos fixos no rosto de Norton e nunca mais voltar a si. Mas agora Norton contava uma história sobre um pintor, o primeiro que tinha vindo morar no bairro.

Era um sujeito moço, de uns trinta e três anos, conhecido no ambiente mas não o que se costuma chamar de famoso. Na realidade veio morar aqui porque o aluguel do estúdio saía mais barato que em outros lugares. Naquela época, o bairro não era tão alegre como agora. Ainda viviam aqui velhos operários que recebiam da Seguridade Social, mas não havia gente moça nem crianças. As mulheres brilhavam pela ausência: ou tinham morrido ou viviam dentro de casa sem nunca sair à rua. Só havia um pub, tão em ruínas quanto o resto do bairro. Em suma, se tratava de um lugar solitário e decadente. Mas isso parece ter aguilhoado a imaginação e a vontade de trabalhar do pintor. Ele também era um tipo mais ou menos solitário. Ou que se sentia bem na solidão.

Assim, o bairro não o assustou, ao contrário, o pintor se apaixonou por ele. Gostava de voltar de noite e caminhar por ruas e ruas sem encontrar ninguém. Gostava da cor dos postes de iluminação e da luz que se esparramava pelas fachadas das casas. Das sombras que se moviam à medida que ele se movia. Das madrugadas cinzentas e cor de fuligem. Da gente de poucas palavras que se reunia no pub, de que se fez frequentador. Da dor, ou da lembrança da dor, que nesse bairro era literalmente chupada por algo sem nome e que se transformava, depois desse processo, em vazio. A consciência de que essa equação era aplicável a tudo ou quase tudo.

O caso é que se pôs a trabalhar com mais vontade do que nunca. Um ano depois, realizou uma exposição na galeria Emma Waterson, uma galeria alternativa de Wapping, e seu sucesso foi tremendo. Inaugurou algo que depois ia ficar conhecido como *novo decadentismo* ou *animalismo inglês*. Os quadros da exposição inaugural dessa escola eram grandes, de três metros por dois, e mostravam, entre um amálgama de cinzas, os restos do naufrágio do seu bairro. Como se entre o pintor e o bairro tivesse se produzido uma simbiose total. Ou seja, às vezes parecia que o pintor pintava o bairro e outras que o bairro pintava o pintor com seus lúgubres traços selvagens. Os quadros não eram ruins, apesar de tudo a exposição não teria tido nem o sucesso nem a repercussão que teve não fosse pelo quadro estrela, muito menor que os outros, a obra-prima que empurrou tantos artistas britânicos, anos depois, pelo caminho do *novo decadentismo*. Este, de dois por um, era, olhando bem (muito embora ninguém podia estar seguro de olhá-lo bem), uma elipse de autorretratos, por vezes uma espiral de autorretratos (depende do lugar de onde fosse contemplado), em cujo centro, mumificada, pendia a mão direita do pintor.

Os fatos tinham se dado assim. Uma manhã, depois de dois dias de dedicação febril aos autorretratos, o pintor tinha cortado a mão com que pintava. Ato contínuo, havia feito um torniquete no braço e levado a mão a um taxidermista que ele conhecia e que estava a par da

natureza do novo trabalho que o esperava. Depois tinha ido ao hospital, onde estancaram a hemorragia e procederam à sutura do braço. Em algum momento alguém lhe perguntou como ocorrera o acidente. Ele respondeu que sem querer, enquanto trabalhava, tinha cortado a mão com uma machadada. Os médicos perguntaram onde estava a mão cortada, pois sempre havia a possibilidade de implantá-la. Ele disse que por pura raiva e dor, enquanto se dirigia para o hospital, tinha jogado no rio.

Embora os preços fossem exorbitantemente altos, vendeu toda a exposição. A obra-prima, dizia-se, ficou com um árabe que trabalhava na Bolsa, bem como quatro dos quadros grandes. Pouco depois o pintor enlouqueceu e sua mulher, porque então já tinha se casado, não teve outro remédio senão interná-lo numa casa de saúde nos arredores de Lausanne ou Montreux.

Ainda está lá.

Os pintores, em compensação, começaram a se instalar no bairro. Principalmente porque era barato, mas também atraídos pela lenda daquele que havia pintado o autorretrato mais radical dos últimos anos. Depois chegaram os arquitetos e depois algumas famílias que compraram casas reformadas e reconvertidas. Depois apareceram as lojas de roupas, os grupos de teatro, os restaurantes alternativos, até se converter num dos bairros mais enganosamente baratos e na moda de Londres.

— Que acha da história?

— Não sei o que pensar — disse Morini.

O desejo de chorar ou, na sua falta, de desmaiar prosseguia, mas ele aguentou firme.

Tomaram o chá na casa de Norton. Só nesse momento ela se pôs a falar de Espinoza e Pelletier, mas de uma maneira casual, como se a história com o francês e o espanhol, de tão sabida, não fosse interessante nem conveniente para Morini (cujo estado de nervos não lhe passou inadvertido, mas tomou o cuidado de não lhe perguntar nada, sabedora de que com perguntas raramente se alivia a angústia), nem para ela, por sinal.

A tarde foi muito agradável. Morini, sentado numa poltrona da qual se podia apreciar a sala de Norton com seus livros e suas reproduções emolduradas, penduradas em paredes brancas, com suas fotos e suvenires misteriosos, com sua vontade expressa em coisas tão simples quanto escolher os móveis, de bom gosto, acolhedores e nada ostentatórios, e inclusive com a visão de um trecho da rua arborizada que a inglesa seguramente via toda manhã antes de sair de casa, começou a sentir-se bem, como se uma presença múltipla da sua amiga o protegesse, como se sua presença também fosse uma afirmação cujas palavras, como um bebê, ele não entendia, mas o reconfortavam.

Pouco antes de ir embora perguntou o nome do pintor cuja história acabava de ouvir e se tinha o catálogo daquela venturosa e espantosa exposição. Chama-se Edwin Johns, disse Norton. Depois se levantou e procurou numa das estantes cheias de livros. Encontrou um volumoso catálogo e o passou ao italiano. Antes de abri-lo, este se perguntou se fazia bem em insistir nessa história, precisamente agora que se sentia tão bem. Mas se não o fizer morrerei,

disse para si, e abriu o catálogo que, mais que um catálogo, era um livro de arte que cobria ou tentava cobrir toda a trajetória profissional de Johns, cuja foto estava na primeira página, uma foto anterior à sua automutilação, que mostrava um jovem de uns vinte e cinco anos que olhava diretamente para a câmara e sorria com um meio sorriso que podia ser de timidez ou zombaria. Tinha os cabelos escuros e lisos.

— É um presente — ouviu Norton dizer.

— Muito obrigado — ouviu-se responder.

Uma hora depois foram juntos para o aeroporto e uma hora mais tarde Morini voava rumo à Itália.

* * *

Naquela época, um crítico sérvio até então insignificante, professor de alemão da Universidade de Belgrado, publicou, na revista que Pelletier encorajava, um curioso artigo que lembrava de certa maneira os achados minúsculos que, muitos anos antes, um crítico francês tinha levado ao prelo sobre o marquês de Sade e que consistiam num mostruário em fac-símile de papéis avulsos que vagamente atestavam a passagem do divino marquês por uma lavanderia, os *aide-mémoire* de sua relação com certo homem de teatro, as minutas de um médico com os nomes dos remédios receitados, a compra de um gibão, onde se especificava a abotoadura e a cor etc., tudo isso provido de um grande aparato de notas das quais só se podia tirar uma conclusão: Sade havia existido, Sade havia lavado suas roupas e havia comprado roupas novas e havia mantido correspondência com seres já definitivamente apagados pelo tempo.

O texto do sérvio se parecia muito com esse. O personagem rastreado, nesse caso, não era Sade mas Archimboldi, e seu artigo consistia numa minuciosa e frequentemente frustrante investigação que partia da Alemanha, seguia pela França, Suíça, Itália, Grécia, outra vez Itália, e terminava numa agência de viagens em Palermo, onde Archimboldi ao que parece havia comprado uma passagem de avião com destino ao Marrocos. Um ancião alemão, dizia o sérvio. As palavras ancião e alemão utilizadas indistintamente como varinhas mágicas para desvendar um segredo e ao mesmo tempo como exemplo de literatura ultraconcreta, uma literatura não especulativa, sem ideias, sem afirmações nem negações, sem dúvidas, sem pretensões de guia, nem a favor nem contra, apenas um olho que busca os elementos tangíveis e não os julga mas os expõe friamente, arqueologia do fac-símile e por isso mesmo arqueologia da fotocopiadora.

A Pelletier, pareceu um texto curioso. Antes de publicá-lo enviou uma cópia a Espinoza, Morini e Norton. Espinoza disse que aquilo podia levar a alguma coisa e, embora pesquisar e escrever daquela maneira lhe parecesse um trabalho de rato de biblioteca, de subalterno de um subordinado, acreditava, e assim disse, que era bom que a onda archimboldiana também contasse com essa classe de fanáticos sem ideias. Norton disse que sempre havia tido a

intuição (feminina) de que Archimboldi mais cedo ou mais tarde acabaria em algum lugar do Magreb, e que a única coisa que valia a pena no texto do sérvio era a passagem reservada em nome de Benno von Archimboldi, uma semana antes do avião italiano iniciar seu trajeto rumo a Rabat. A partir de agora podemos imaginá-lo perdido numa caverna do Atlas, disse. Morini, pelo contrário, não disse nada.

Chegando a este ponto é bom esclarecer uma coisa para o bom (ou mau) entendimento do texto. É verdade que houve uma reserva em nome de Benno von Archimboldi. No entanto essa reserva não chegou a se concretizar e na hora da saída não apareceu nenhum Benno von Archimboldi no aeroporto. Para o sérvio a questão era mais clara que a água. De fato, Archimboldi fez pessoalmente uma reserva. Podemos imaginá-lo em seu hotel, provavelmente alterado por algo, talvez bêbado, quem sabe até meio adormecido, na hora abissal e não carente de certo aroma nauseabundo em que se tomam as decisões transcendentais, falando com a moça da Alitalia e dando por equívoco seu *nom de plume* em vez de fazer a reserva com o nome que figurava em seu passaporte, um equívoco que depois, no dia seguinte, emendaria indo pessoalmente à empresa aérea e comprando uma passagem em seu próprio nome. Isso explicava a ausência de um Archimboldi no voo para Marrocos. Claro, também cabiam outras possibilidades: que na última hora e depois de pensar duas vezes (ou quatro) Archimboldi tenha decidido não realizar a viagem, ou que à última hora decidisse viajar não para o Marrocos mas, por exemplo, para os Estados Unidos, ou que tudo não passasse de uma piada ou de um mal-entendido.

No texto do sérvio descrevia-se fisicamente Archimboldi. Era fácil apreciar que essa descrição provinha do retrato do suábio. Claro, no retrato do suábio, Archimboldi era um jovem escritor do pós-guerra. A única coisa que o sérvio fazia a esse respeito era envelhecer esse mesmo jovem que havia aparecido pela Frísia em 1949, com um único livro publicado, convertendo-o num velho de entre setenta e cinco e oitenta anos, com uma volumosa biografia atrás de si, mas basicamente com os mesmos atributos, como se Archimboldi, ao contrário do que acontece com a maioria das pessoas, continuasse sendo o mesmo. Nosso escritor, a julgar por sua obra, é, não resta dúvida, um homem teimoso, dizia o sérvio, teimoso como uma mula, teimoso como um paquiderme, e se durante as horas mais melancólicas de uma tarde siciliana se propôs a viajar para o Marrocos, embora cometendo o deslize de não fazer a reserva com seu nome legal, e sim em nome de Archimboldi, nada nos pode fazer abrigar a esperança de que no dia seguinte tenha mudado de ideia e não tenha se dirigido pessoalmente à agência de viagens para comprar a passagem, desta vez com seu nome legal e com seu passaporte legal, e não tenha embarcado, como mais um dos milhares de alemães velhos e solteiros que cada dia cruzavam solitários os céus rumo a qualquer país do norte da África.

Velho e solteiro, pensou Pelletier. Mais um dos milhares de alemães velhos e solteiros. Como a máquina solteira. Como o celibatário que envelhece de repente ou como o celibatário que ao voltar de uma viagem na velocidade da luz encontra os outros celibatários envelhecidos ou transformados em estátuas de sal. Milhares, centenas de milhares de máquinas solteiras cruzando diariamente um mar amniótico, pela Alitalia, comendo spaghetti al pomodoro e tomando chianti ou licor de maçã, com os olhos semicerrados e a certeza de que o paraíso dos aposentados não fica na Itália (e portanto não pode estar em nenhum lugar da Europa), e voando para os aeroportos caóticos da África ou da América, onde jazem os elefantes. Os grandes cemitérios na velocidade da luz. Não sei por que penso isso, pensou Pelletier. Manchas na parede e manchas nas mãos, pensou Pelletier olhando para as suas mãos. Sérvio fodido de merda.

No fim, Espinoza e Pelletier tiveram de admitir, quando o artigo já estava publicado, que a tese do sérvio não se sustentava. É preciso fazer pesquisa, crítica literária, ensaios de interpretação, panfletos de divulgação se a ocasião requerer, mas não esse híbrido entre ficção científica e romance policial inconcluso, disse Espinoza, e Pelletier concordou plenamente com o amigo.

Naqueles dias, início de 1997, Norton experimentou um desejo de mudança. Tirar férias. Visitar a Irlanda ou Nova York. Afastar-se peremptoriamente de Espinoza e Pelletier. Marcou encontro com ambos em Londres. Pelletier, de alguma forma, intuiu que nada de grave ou nada de irreversível ocorria e foi ao encontro marcado com ar tranquilo, disposto a escutar e falar pouco. Espinoza, pelo contrário, temeu o pior (que Norton os houvesse chamado para lhes dizer que preferia Pelletier, mas garantindo a ele que sua amizade permaneceria incólume, podendo inclusive convidá-lo para padrinho de seu iminente casamento).

O primeiro a aparecer no apartamento de Norton foi Pelletier. Perguntou-lhe se acontecia alguma coisa grave. Norton respondeu que preferia falar do assunto quando Espinoza chegasse, que assim se pouparia de ter que repetir o mesmo discurso duas vezes. Como não tinham nada mais importante a se dizer, puseram-se a falar do tempo. Pelletier não demorou a se rebelar e mudou de tema. Norton então pôs-se a falar de Archimboldi. O novo tema da conversa quase transtornou Pelletier. Voltou a pensar no sérvio, voltou a pensar naquele pobre escritor velho e solitário e provavelmente misantropo (Archimboldi), voltou a pensar nos anos perdidos de sua própria vida até Norton aparecer.

Espinoza estava atrasado. A vida inteira é uma merda, pensou Pelletier com assombro. E depois: se não houvéssomos formado uma equipe, agora ela seria minha. E depois: se não tivesse havido afinidade e amizade e almas gêmeas e aliança, agora ela seria minha. E um pouco depois: se não tivesse havido nada eu nem a teria conhecido. E: pode ser que eu a tivesse conhecido, pois nossos interesses archimboldianos são de cada um e não nasceram do conjunto da nossa amizade. E: pode ser também que ela tivesse me odiado, que tivesse me achado pedante, frio demais, arrogante, narcisista, um intelectual excludente. O termo intelectual excludente o divertiu. Espinoza estava atrasado. Norton parecia muito tranquila. Na realidade Pelletier também parecia muito tranquilo, mas distava muito de estar.

Norton disse que era normal que Espinoza chegasse tarde. Os aviões atrasam, disse. Pelletier imaginou o avião de Espinoza envolto em chamas caindo numa pista do aeroporto de Madri com um estrépito de ferros retorcidos.

— Talvez devêssemos ligar a televisão — falou.

Norton olhou para ele e sorriu. Nunca ligo a tevê, disse sorrindo, estranhando que Pelletier ainda não soubesse disso. Claro que Pelletier sabia. Mas não tiveram suficiente presença de espírito para dizer: vamos ver as notícias, vamos ver se não aparece na tela algum avião acidentado.

— Posso ligar? — perguntou.

— Claro — disse Norton, e Pelletier, enquanto se inclinava sobre os botões do aparelho viu-a com o canto dos olhos, luminosa, tão natural, preparando uma xícara de chá ou movendo-se de um aposento a outro, pondo em seu lugar um livro que acabava de lhe mostrar, respondendo a um telefonema que não era de Espinoza.

Ligou a tevê. Percorreu diferentes canais. Viu um sujeito barbudo vestido com roupas pobres. Viu um grupo de negros andando por uma estrada de terra. Viu dois senhores de terno e gravata falando pausadamente, ambos com as pernas cruzadas, ambos olhando de vez em quando para um mapa que aparecia e desaparecia às suas costas. Viu uma senhora

gordinha que dizia: filha... fábrica... reunião... médicos... inevitável, e depois sorria com um meio sorriso e baixava os olhos. Viu a cara de um ministro belga. Viu os restos de um avião fumegante num lado da pista de aterrissagem, cercado de ambulâncias e carros de bombeiros. Chamou Norton com um grito. Ela ainda estava no telefone.

O avião de Espinoza se estatelou, disse Pelletier sem tornar a erguer a voz, e Norton em vez de olhar para a tela da tevê olhou para ele. Bastaram poucos segundos para que ele se desse conta de que o avião em chamas não era um avião espanhol. Junto dos bombeiros e das equipes de resgate podia ver passageiros se afastando, alguns capengando, outros cobertos com mantas, os rostos deformados pelo medo ou pelo susto, mas aparentemente ilesos.

Vinte minutos depois chegava Espinoza e durante a refeição Norton lhe contou que Pelletier acreditara que ele ia no avião sinistrado. Espinoza riu mas olhou para Pelletier de uma forma estranha, que passou despercebida a Norton, mas que Pelletier captou na hora. Quanto ao mais, a refeição foi triste, embora a atitude de Norton fosse perfeitamente normal, como se houvesse encontrado ambos por casualidade e não os houvesse feito ir expressamente a Londres. O que tinha de lhes dizer eles adivinharam antes que ela dissesse qualquer coisa: Norton queria suspender, pelo menos por um tempo, as relações amorosas que mantinha com ambos. O motivo que aduziu foi que necessitava pensar e centrar-se, depois disse que não queria romper a amizade com nenhum dos dois. Necessitava pensar, só isso.

Espinoza aceitou as explicações de Norton sem fazer uma só pergunta. Pelletier, pelo contrário, teria gostado de perguntar a ela se seu ex-marido tinha algo a ver com essa decisão, mas seguindo o exemplo de Espinoza preferiu se calar. Depois de comer foram passear por Londres no carro de Norton. Pelletier insistiu em se sentar no banco de trás, até que viu um relampejar sarcástico nos olhos de Norton e então aceitou se sentar onde quer que fosse, que foi, precisamente, no banco da frente.

Enquanto dirigia pela Cromwell Road, Norton disse a eles que talvez o mais apropriado, naquela noite, fosse ir para a cama com os dois. Espinoza riu e disse algo que pretendia ser engraçado, uma continuação da brincadeira, mas Pelletier não estava certo de que Norton houvesse brincado e menos certo ainda de que estivesse preparado para participar de um *ménage à trois*. Depois foram esperar o pôr do sol perto da estátua de Peter Pan em Kensington Gardens. Sentaram-se num banco ao lado de um grande carvalho, local preferido de Norton, que desde pequena sentia uma grande atração por aquele lugar. No começo viram umas pessoas deitadas no gramado mas pouco a pouco os arredores foram ficando vazios. Passavam casais ou mulheres sozinhas vestidas com certa elegância, depressa, em direção à Serpentine Gallery ou ao Albert Memorial, e em direção contrária homens com jornais amarfanhados ou mães arrastando o carrinho dos seus bebês se dirigiam para Bayswater Road.

Quando a penumbra começou a se estender viram um casal de jovens que falavam em espanhol e que se aproximaram da estátua de Peter Pan. A mulher tinha cabelos pretos, era

muito bonita, e esticou a mão como se quisesse tocar na perna de Peter Pan. O cara que ia com ela era alto, tinha barba e bigode, tirou um caderninho do bolso e anotou uma coisa. Depois disse em voz alta:

— Kensington Gardens.

A mulher não olhava mais para a estátua mas para o lago, ou antes para algo que se movia entre a relva e o matinho que separavam aquele pequeno caminho do lago.

— Para o que ela está olhando? — perguntou Norton em alemão.

— Parece uma cobra — disse Espinoza.

— Aqui não tem cobra! — exclamou Norton.

Então a mulher chamou o rapaz: Rodrigo, venha ver isto, falou. O jovem não pareceu ouvi-la. Havia guardado o caderno num bolso do casaco de couro e contemplava em silêncio a estátua de Peter Pan. A mulher se inclinou e sob as folhas algo rastejou em direção ao lago.

— Pois parece mesmo uma cobra — disse Pelletier.

— Foi o que eu disse — falou Espinoza.

Norton não respondeu a eles mas se levantou para enxergar melhor.

Naquela noite Pelletier e Espinoza dormiram umas poucas horas na sala da casa de Norton. Embora tivessem à sua disposição o sofá-cama e o tapete, não houve meio de conciliarem o sono. Pelletier tratou de falar, de explicar a Espinoza a história do avião acidentado, mas Espinoza lhe disse que não precisava explicar nada, que o compreendia perfeitamente.

Às quatro da manhã, de comum acordo, acenderam a luz e puseram-se a ler. Pelletier abriu um livro sobre a obra de Berthe Morisot, a primeira mulher a pertencer ao grupo impressionista, mas passado um instante teve vontade de estatelá-lo contra a parede. Espinoza, pelo contrário, tirou da sua sacola de viagem *A cabeça*, a última obra que Archimboldi havia publicado e pôs-se a repassar as notas que havia escrito nas margens das folhas e que constituíam o núcleo de um ensaio que pensava publicar na revista que Borchmeyer dirigia.

A tese de Espinoza, tese compartilhada por Pelletier, era de que com esse romance Archimboldi dava por encerrada sua aventura literária. Depois de *A cabeça*, dizia Espinoza, não há mais Archimboldi no mercado editorial, opinião que outro ilustre archimboldista, Dieter Hellfeld, considerava por demais arriscada, baseada tão só na idade do escritor, pois o mesmo se dissera de Archimboldi quando ele publicou *A perfeição ferroviária*, e inclusive disseram a mesma coisa uns professores berlinenses quando apareceu *Bitzius*. Às cinco da manhã Pelletier tomou um banho e depois preparou um café. Às seis, Espinoza estava novamente adormecido mas às seis e meia tornou a acordar com um humor de cão. Às quinze para as sete chamaram um táxi e arrumaram a sala.

Espinoza escreveu um bilhete de despedida. Pelletier olhou de passagem para o papel e depois de pensar uns segundos decidiu deixar ele também outro bilhete de despedida. Antes de ir embora perguntou a Espinoza se não queria tomar um banho. Vou tomar em Madri,

respondeu o espanhol. Lá a água é melhor. É verdade, disse Pelletier, mas sua resposta lhe pareceu idiota e conciliadora. Depois os dois saíram sem fazer barulho e tomaram o café da manhã, como já haviam feito tantas vezes, no aeroporto.

Enquanto o avião de Pelletier o levava de volta a Paris, ele, incompreensivelmente, pôs-se a pensar no livro sobre Berthe Morisot que na noite anterior tinha desejado varejar contra a parede. Por quê?, perguntou-se Pelletier. Será que não gostava de Berthe Morisot ou do que ela num dado momento podia representar? Na realidade ele gostava de Berthe Morisot. De repente se deu conta de que não fora Norton que havia comprado aquele livro mas ele, de que ele é que havia viajado de Paris a Londres com o livro embrulhado num papel de presente, que as primeiras reproduções de Berthe Morisot que Norton viu na vida foram as que apareciam naquele livro, com Pelletier ao lado, acariciando-lhe a nuca e comentando para ela cada quadro de Berthe Morisot. Arrependia-se agora de ter lhe dado esse livro? Não, é claro que não. Sua separação tinha algo a ver com a pintora impressionista? Essa era uma ideia ridícula. Por que então tinha desejado varejar o livro contra a parede? E, mais importante ainda: por que pensava em Berthe Morisot e no livro e na nuca de Norton, e não na possibilidade certa de um *ménage à trois* que naquela noite havia levitado como um feiticeiro índio ululante no apartamento da inglesa sem nunca chegar a se materializar?

Enquanto o avião de Espinoza o levava de volta a Madri, ele, ao contrário de Pelletier, pensava no que acreditava ser o último romance de Archimboldi e que, se tivesse razão, como acreditava ter, não ia mais haver romances de Archimboldi, com tudo o que isso significava, e também pensava num avião em chamas e nos desejos ocultos de Pelletier (muito moderno o fodido do filho da puta, mas só quando lhe convém), e de vez em quando olhava pela janelinha, dava uma olhada nos motores e morria de vontade de estar de volta a Madri.

Por um tempo, Pelletier e Espinoza ficaram sem se telefonar. Pelletier ligava de vez em quando para Norton, embora as conversas com Norton fossem cada vez mais, como dizer?, afetadas, como se a relação se mantivesse unicamente graças aos bons modos, e tão frequentemente quanto antes para Morini, com quem nada havia mudado.

O mesmo acontecia com Espinoza, embora este tenha demorado um pouco mais para perceber que a história de Norton devia ser levada a sério. Claro, Morini percebeu que alguma coisa havia acontecido com seus amigos, no entanto por discrição ou por preguiça, uma preguiça desajeitada e ao mesmo tempo dolorosa que às vezes o atazanava, preferiu fazer como se não soubesse de nada, atitude que Pelletier e Espinoza agradeceram.

Até Borchmeyer, que de certa maneira temia a dupla formada pelo espanhol e o francês, notou algo de novo na correspondência que mantinha com ambos, insinuações veladas,

ligeiras retratações, mínimas dúvidas, mas eloquentíssimas em se tratando deles, sobre a metodologia até então comum.

Depois veio uma Assembleia de Germanistas em Berlim, um Congresso de Literatura Alemã do século XX em Stuttgart, um simpósio sobre literatura alemã em Mainz. Da assembleia de Berlim participaram Norton, Morini, Pelletier e Espinoza, mas por uma razão ou por outra os quatro só puderam se encontrar uma vez, durante o café da manhã, rodeados, além do mais, por outros germanistas que lutavam denodadamente pela manteiga e a geleia. Participaram do congresso Pelletier, Espinoza e Norton, e embora Pelletier tenha podido falar a sós com Norton (enquanto Espinoza trocava pontos de vista com Schwarz), quando chegou a vez de Espinoza falar com Norton, Pelletier afastou-se discretamente com Dieter Hellfeld.

Desta vez Norton se deu conta de que seus amigos não queriam falar entre si, em certas ocasiões nem sequer se encontrar, o que não deixou de afetá-la pois de alguma maneira sentia-se culpada pelo distanciamento experimentado entre os dois.

Do simpósio participaram unicamente Espinoza e Morini, e procuraram não se chatear, e já que estavam em Hamburgo foram visitar a editora Bubis. Cumprimentaram Schnell, mas não puderam ver a senhora Bubis, para quem haviam comprado um buquê de rosas, porque ela havia viajado para Moscou. Essa mulher, lhes disse Schnell, não sei de onde tira tanta vitalidade, depois soltou uma risada satisfeita que pareceu excessiva a Morini e Espinoza. Antes de deixar a editora entregaram as rosas a Schnell.

Do encontro só participaram Pelletier e Espinoza, e desta vez não tiveram outro remédio senão se enfrentar e pôr as cartas na mesa. De início, como é natural, ambos trataram de se evitar de forma cortês a maior parte das vezes, ou de forma abrupta em algumas contadas ocasiões, mas afinal não lhes restou outro remédio senão conversar. O acontecimento teve lugar no bar do hotel, a altas horas da noite, quando só restava um garçom, o mais moço de todos os garçons, um rapaz alto, louro e sonolento.

Pelletier estava sentado num extremo do balcão e Espinoza no outro. Depois o bar começou a se esvaziar paulatinamente e quando só restavam eles, o francês se levantou e se acomodou ao lado do espanhol. Tentaram falar do encontro, mas ao cabo de uns poucos minutos se deram conta de que era ridículo seguir ou fingir que seguiam nessa direção. Foi Pelletier, mais versado na arte das aproximações e das confidências, que deu outra vez o primeiro passo. Perguntou por Norton. Espinoza confessou que não sabia de nada. Depois disse que às vezes telefonava para ela e que era como falar com uma desconhecida. Este último detalhe foi Pelletier que inferiu, pois Espinoza, que ocasionalmente se expressava por elipses ininteligíveis, não chamou Norton de desconhecida mas empregou a palavra ocupada e depois a palavra ausente. O telefone do apartamento de Norton, por um instante, os acompanhou na conversa. Um telefone branco que a mão branca, o antebraço branco de uma desconhecida segurava. Mas não era uma desconhecida. Não, na medida em que ambos tinham ido para a cama com ela. Oh, cerva branca, corcinha, branca cerva, sussurrou

Espinoza. Pelletier supôs que citava um clássico, mas não fez nenhum comentário e perguntou se iam virar definitivamente inimigos. A pergunta pareceu surpreender Espinoza, como se nunca houvesse pensado nessa possibilidade.

— Que absurdo, Jean-Claude — disse, mas Pelletier notou que dizia isso depois de pensar por um bom tempo.

Terminaram a noite bêbados e o jovem garçom teve de ajudá-los a sair do bar. Do final daquela noite Pelletier se lembrava principalmente da força do garçom, que carregou um de cada lado até os elevadores do lobby, como se Espinoza e ele fossem dois adolescentes de não mais de quinze anos, dois adolescentes magrelos agarrados entre os braços poderosos daquele jovem garçom alemão que ficava até a última hora, quando todos os outros garçons veteranos já tinham ido para casa, um rapaz do campo, a julgar por sua cara e sua compleição física, ou um operário, e também se lembrava de algo como um sussurro que depois se deu conta era uma espécie de riso, o riso de Espinoza enquanto era transportado pelo garçom camponês, um riso baixinho, um riso discreto, como se a situação não fosse apenas ridícula mas também uma válvula de escape para as suas inconfessas penas.

Um dia, quando já estavam havia mais de três meses sem visitar Norton, um deles ligou para o outro e sugeriu um fim de semana em Londres. Não se sabe se foi Pelletier que ligou ou se foi Espinoza. Em tese, o autor do telefonema devia ter sido aquele que tinha o mais alto senso da fidelidade, ou o que tinha o mais alto senso da amizade, o que essencialmente é a mesma coisa, mas a verdade é que nem Pelletier nem Espinoza tinham um conceito muito elevado de tal virtude. Verbalmente, é claro, eles a aceitavam, embora com matizes. Na prática, pelo contrário, nenhum dos dois acreditava na amizade nem na fidelidade. Acreditavam na paixão, acreditavam num híbrido de felicidade social ou pública — ambos votavam socialista, mas de quando em quando se abstinham —, acreditavam na possibilidade da autorrealização.

Mas o caso é que um dos dois ligou, o outro aceitou e uma sexta à tarde se encontraram no aeroporto de Londres, onde pegaram um táxi que primeiro os levou a um hotel e depois outro táxi, já bem perto da hora do jantar (havia reservado antecipadamente uma mesa para três no Jane & Chloe), que os levou para o apartamento de Norton.

Da calçada, depois de pagar o táxi, contemplaram as janelas iluminadas. Depois, enquanto o táxi se afastava, viram a sombra de Liz, a sombra adorada, e então, como se um sopro de ar fétido irrompesse num anúncio de curativos, a sombra de um homem que os deixou paralisados, Espinoza com um ramo de flores na mão, Pelletier com um livro de sir Jacob Epstein embrulhado num finíssimo papel de presente. Mas o teatro chinês aéreo não acabou ali. Numa janela, a sombra de Norton mexeu os braços, como se tentasse explicar alguma coisa que seu interlocutor não queria entender. Na outra janela, a sombra do homem, para horror de seus dois únicos e boquiabertos espectadores, fez um movimento como que de bambolê, ou algo que para Pelletier e Espinoza pareceu um movimento de bambolê, primeiro as cadeiras, depois as pernas, o tronco, até o pescoço!, um movimento em que se

deixava entrever sarcasmo e gozação, a não ser que atrás das cortinas o homem estivesse tirando a roupa ou derretendo, o que certamente não parecia ser o caso, um movimento ou uma série de movimentos, isso sim, que denotava não só sarcasmo mas também maldade, segurança e maldade, uma segurança óbvia, pois no apartamento ele era o mais forte, ele era o mais alto, o mais musculoso e o que podia dançar bambolê.

Na atitude da sombra de Liz, no entanto, havia algo estranho. Até onde eles a conheciam, e acreditavam conhecê-la bem, a inglesa não era das que permitem insolência, ainda menos se esta se produz em sua própria casa. Restava assim a possibilidade, decidiram, de que o homem não estivesse, finalmente, dançando bambolê nem insultando Liz mas sim rindo, e não dela mas com ela. Porém a sombra de Norton não parecia rir. Depois a sombra do homem desapareceu: talvez tenha ido olhar os livros, talvez ao banheiro ou à cozinha. Talvez tenha se jogado no sofá e ainda ria. E ato contínuo a sombra de Norton se aproximou da janela, pareceu ficar pequena, depois puxou para um lado as cortinas e abriu a janela, com os olhos fechados, como se necessitasse respirar o ar noturno de Londres, depois abriu os olhos e olhou para baixo, para o abismo, e viu os dois.

Cumprimentaram-na como se o táxi houvesse acabado de deixá-los ali. Espinoza agitou seu ramo de flores no ar e Pelletier seu livro, e depois, sem ficar vendo a cara perplexa de Norton, se dirigiram para a entrada do edifício e esperaram que Liz lhes abrisse a porta.

Davam tudo por perdido. Enquanto subiam a escada, sem falar, ouviram como uma porta se abria e, mesmo não a vendo, ambos pressentiram a presença luminosa de Norton no patamar. O apartamento recendia a fumo holandês. Encostada no vão da porta, Norton olhou para eles como se fossem dois amigos mortos faz muito, cujos fantasmas retornam do mar. O homem que os aguardava na sala era mais moço que eles, provavelmente um sujeito nascido nos anos 70, em meados dos 70, e não nos 60. Vestia um suéter de gola alta, embora a gola parecesse ter cedido, jeans desbotado e tênis. Dava a impressão de ser aluno de Norton ou um professor suplente.

Norton disse que se chamava Alex Pritchard. Um amigo. Pelletier e Espinoza apertaram-lhe a mão e sorriram, apesar de saberem que seus sorrisos seriam lamentáveis. Pritchard, pelo contrário, não sorriu. Dois minutos depois estavam todos sentados na sala bebendo uísque e sem falar. Pritchard, que tomava suco de laranja, sentou-se junto de Norton e passou o braço sobre seu ombro, um gesto a que a inglesa, de início, pareceu não dar importância (na verdade, o longo braço de Pritchard se apoiava no encosto do sofá e só seus dedos, alongados como os de uma aranha ou de um pianista, roçavam de vez em quando a blusa de Norton), mas à medida que o tempo transcorria Norton foi ficando cada vez mais nervosa e suas idas à cozinha ou ao quarto se tornaram mais frequentes.

Pelletier ensaiou alguns temas de conversa. Procurou falar de cinema, de música, das últimas peças de teatro, sem receber ajuda nem mesmo de Espinoza, que na mudez parecia rivalizar com Pritchard, se bem que a mudez deste, no mínimo, era a do observador, em partes iguais distraído e interessado, e a mudez de Espinoza era a do observado, mergulhado

na infelicidade e na vergonha. De repente, e sem que ninguém pudesse dizer com certeza absoluta quem começou, puseram-se a falar dos estudos archimboldianos. Provavelmente foi Norton, da cozinha, quem mencionou o trabalho comum. Pritchard esperou que ela voltasse e depois, novamente com o braço estendido ao longo do encosto e seus dedos de aranha sobre o ombro da inglesa, disse que a literatura alemã lhe parecia uma vigarice.

Norton riu, como se alguém houvesse contado uma piada. Pelletier perguntou o que ele, Pritchard, conhecia da literatura alemã.

- Na realidade, muito pouco — respondeu o rapaz.
- Pois nesse caso você é um cretino — disse Espinoza.
- Ou um ignorante, pelo menos — disse Pelletier.
- Em todo caso, um mentecapto — disse Espinoza.

Pritchard não entendeu o significado da palavra mentecapto, que Espinoza pronunciou em espanhol. Norton também não entendeu nem quis saber.

— Mentecapto — disse Espinoza — é alguém inconsistente, também se pode aplicar essa palavra aos palermas, mas há palermas consistentes, e mentecapto só se aplica aos palermas inconsistentes.

— Você está me insultando? — quis saber Pritchard.

— Você se sente insultado? — perguntou Espinoza, que começou a suar de forma copiosíssima.

Pritchard tomou um gole do seu suco de laranja e disse que sim, que na realidade se sentia insultado.

- Nesse caso você tem um problema — disse Espinoza.
- Típica reação de mentecapto — acrescentou Pelletier.

Pritchard se levantou do sofá. Espinoza se levantou da poltrona. Norton disse chega, vocês estão se comportando como crianças imbecis. Pelletier deu uma risada. Pritchard se aproximou de Espinoza e bateu no peito deste com o indicador, que era quase tão comprido quanto o dedo médio. Bateu no peito uma, duas, três, quatro vezes, enquanto dizia:

— Um: não gosto que me insultem. Dois: não gosto que me tomem por palerma. Três: não gosto que um espanhol de merda deboche de mim. Quatro: se tem mais alguma coisa para me dizer vamos conversar lá fora.

Espinoza olhou para Pelletier e perguntou a ele, em alemão, claro, o que podia fazer.

- Não vá lá fora — disse Pelletier.
- Alex, saia daqui — disse Norton.

E como Pritchard no fundo não tinha intenção de brigar com ninguém deu um beijo no rosto de Norton e foi embora sem se despedir deles.

Naquela noite os três jantaram no Jane & Chloe. No começo estavam um tanto abatidos, mas o jantar e o vinho os animaram e acabaram voltando para casa às gargalhadas. Mas não quiseram perguntar a Norton quem era Pritchard nem ela fez qualquer comentário destinado a iluminar a figura alongada daquele jovem mal-humorado. Pelo contrário, quase no fim do

jantar, com jeito de explicação, falaram deles mesmos, de quão perto haviam estado de estragar, talvez irremediavelmente, a amizade que cada um sentia pelo outro.

O sexo, convieram, era bonito demais (mas quase imediatamente se arrependeram de ter usado esse adjetivo) para se transformar no obstáculo de uma amizade cimentada em afinidades tanto emocionais como intelectuais. Pelletier e Espinoza tiveram no entanto o cuidado de deixar claro, ali, um na frente do outro, que o ideal para eles, e supunham que também para Norton, era que finalmente, e de forma não traumática (*soft-landing*, disse Pelletier), ela se decidisse definitivamente por um dos dois, ou por nenhum, disse Espinoza, de qualquer modo uma decisão que ficava em suas mãos, nas de Norton, e que ela podia tomar quando quisesse, no momento em que mais lhe conviesse, inclusive não tomar nunca, postergá-la, diferenciá-la, atrasá-la, dilató-la, prorrogá-la, adiá-la até seu leito de morte, para eles dava na mesma, pois tão apaixonados se sentiam agora, que Liz os mantinha no limbo, como antes, quando eram seus amantes ou coamantes ativos, assim como iam amá-la depois, quando ela escolhesse um, ou depois (um depois somente um pouco mais amargo, de amargura compartilhada, isto é, de amargura de certa forma mitigada), se ela, caso fosse esta a sua vontade, não escolhesse nenhum deles. Ao que Norton respondeu com uma pergunta, na qual dava para ver algo de retórica, mas uma pergunta no fim das contas plausível: o que aconteceria se, enquanto ela desfolhasse o malmequer, um deles, Pelletier, por exemplo, se apaixonasse instantaneamente por uma aluna mais moça e mais bonita que ela, e também mais rica, e muito mais charmosa? Ela devia considerar o pacto rompido e descartar automaticamente Espinoza? Ou, pelo contrário, devia ficar com o espanhol, posto que não podia ficar com mais ninguém? Ao que Pelletier e Espinoza responderam que a possibilidade real de que seu exemplo se consumasse era remotíssima e que ela, com ou sem exemplo, podia fazer o que quisesse, inclusive entrar para um convento, se fosse o seu desejo.

— O que cada um de nós quer é se casar com você, viver com você, ter filhos com você, envelhecer com você, mas agora, neste momento das nossas vidas, a única coisa que queremos é conservar sua amizade.

A partir dessa noite os voos para Londres foram retomados. Às vezes aparecia Espinoza, outras vezes Pelletier, e em algumas ocasiões apareciam ambos. Quando isso acontecia costumavam se hospedar no hotel de sempre, um hotel pequeno e desconfortável na Foley Street, perto do Middlesex Hospital. Quando saíam da casa de Norton, às vezes costumavam dar um passeio pelos arredores do hotel, geralmente silenciosos, frustrados, de alguma forma esgotados pela simpatia e o charme que se obrigavam a exibir durante essas visitas conjuntas. Em não poucas ocasiões ficavam parados, detidos junto ao poste da esquina, observando as ambulâncias que entravam ou saíam do hospital. Os enfermeiros ingleses falavam aos gritos, mas o som das suas vozes lhes chegava em surdina.

Uma noite, enquanto contemplavam a entrada inusitadamente vazia do hospital, se perguntaram por quê, quando vinham juntos a Londres, nenhum dos dois ficava no apartamento de Liz. Por cortesia, provavelmente, se disseram. Mas nenhum dos dois

acreditava mais nesse tipo de cortesia. E também se perguntaram, de início reticentes e no fim com veemência, por que não iam para a cama os três juntos. Naquela noite, uma luz verde e doentia saía das portas do hospital, um verde claro como de piscina, e um enfermeiro fumava um cigarro, de pé, no meio da calçada, e entre os carros estacionados havia um com a luz acesa, uma luz amarela como a de um berçário, mas não um berçário qualquer e sim um berçário pós-guerra nuclear, um berçário onde já não cabiam as certezas, mas o frio e o abatimento e o desleixo.

Uma noite, quando falava por telefone com Norton, de Paris ou de Madri, um deles puxou o assunto. Para sua surpresa, Norton disse que ela também, fazia tempo, tinha pensado nessa possibilidade.

— Não creio que jamais te proponhamos isso — disse o que telefonava.

— Eu sei — disse Norton. — Vocês têm medo. Esperam que seja eu a dar o primeiro passo.

— Não sei — disse o que telefonava —, talvez não seja tão simples assim.

Num par de ocasiões tornaram a se encontrar com Pritchard. O jovem compridão já não se mostrava tão mal-humorado quanto antes, mas é verdade que os encontros foram casuais, sem tempo para insultos nem violências. Espinoza chegava ao apartamento de Norton quando Pritchard saía, Pelletier cruzou com ele uma vez na escada. Este último encontro, porém, embora breve foi significativo. Pelletier cumprimentou Pritchard, Pritchard cumprimentou Pelletier, e quando os dois já tinham se dado as costas Pritchard se virou e chamou Pelletier com um psiu.

— Quer um conselho? — perguntou. Pelletier olhou alarmado para ele. — Eu sei que não quer, velho, mas vou te dar mesmo assim. Tome cuidado — disse Pritchard.

— Cuidado com quê? — Pelletier atinou com dizer.

— Com a Medusa — respondeu Pritchard —, olho vivo na Medusa.

E depois, antes de continuar descendo a escada, acrescentou:

— Quando você a tiver nas mãos, ela vai explodir.

Por um instante Pelletier ficou imóvel, ouvindo os passos de Pritchard na escada e depois o barulho da porta da rua que se abria e se fechava. Só quando o silêncio se tornou insuportável tornou a subir a escada, pensativo e no escuro.

Não contou nada a Norton do seu incidente com Pritchard, mas assim que chegou a Paris telefonou correndo para Espinoza a fim de narrar esse enigmático encontro.

— É estranho — disse o espanhol. — Parece um aviso, mas também uma ameaça.

— Além do mais — disse Pelletier —, Medusa é uma das três filhas de Fórcis e Ceto, as chamadas Górgonas, três monstros marinhos. Segundo Hesíodo, Esteno e Euríale, as outras duas irmãs, eram imortais. Medusa, ao contrário, era mortal.

— Andou lendo mitologia clássica? — perguntou Espinoza.

— Foi a primeira coisa que fiz mal cheguei em casa — disse Pelletier. — Ouça isto: quando Perseu cortou a cabeça de Medusa, de seu corpo saíram Crisaor, pai do monstro

Gérion, e o cavalo Pégaso.

- O cavalo Pégaso saiu do corpo de Medusa? Está brincando — disse Espinoza.
- Sim, Pégaso, o cavalo alado, que para mim representa o amor.
- Para você Pégaso representa o amor? — fez Espinoza.
- Pois é.
- Estranho — fez Espinoza.
- Bom, são as coisas do liceu francês — disse Pelletier.
- E você acha que Pritchard sabe dessas coisas?
- É impossível — disse Pelletier —, em todo caso, vá saber, mas não, não creio.
- E qual é a sua conclusão?
- Que Pritchard me deixa, nos deixa, de sobreaviso contra um perigo que não vemos. Ou então que Pritchard quis me dizer que só depois da morte de Norton eu encontrarei, nós encontraremos, o amor verdadeiro.
- A morte de Norton? — fez Espinoza.
- Claro, não está vendo? Pritchard se vê como Perseu, o assassino de Medusa.

Por um tempo, Espinoza e Pelletier andaram como que em transe. Archimboldi, que voltava a soar como claro candidato ao Nobel, os deixava indiferentes. O trabalho deles na universidade, suas colaborações periódicas para revistas de diversos departamentos de letras germânicas do mundo, suas aulas e até os congressos de que participavam como sonâmbulos ou como detetives drogados, se ressentiram. Estavam mas não estavam. Falavam mas pensavam em outra coisa. A única coisa que lhes interessava de verdade era Pritchard. A presença nefanda de Pritchard que rondava Norton quase o tempo todo. Um Pritchard que identificava Norton com Medusa, com a Górgona, um Pritchard de que eles, espectadores discretíssimos, não sabiam nada.

Para compensar, começaram a perguntar sobre ele à única pessoa que podia lhes dar algumas respostas. De início, Norton se mostrou reticente em falar. Era professor, tal como haviam suposto, mas não trabalhava na universidade, e sim numa escola secundária. Não era de Londres mas de uma cidadezinha próxima de Bournemouth. Havia estudado em Oxford um ano, e depois, incompreensivelmente para Espinoza e Pelletier, tinha se mudado para Londres, em cuja universidade terminou seus estudos. Era de esquerda, de uma esquerda *possível*, e segundo Norton em algumas ocasiões havia falado de seus planos, que nunca se concretizavam numa ação definida, de ingressar no Partido Trabalhista. A escola onde dava aulas era uma escola pública com uma boa porção de alunos procedentes de famílias de imigrantes. Era impulsivo e generoso e não tinha muita imaginação, coisa que Pelletier e Espinoza já davam por certo. Mas isso não os tranquilizava.

— Um filho da mãe pode não ter imaginação e depois realizar um único ato de imaginação, no momento mais inesperado — disse Espinoza.

— A Inglaterra está cheia de porcos dessa espécie — foi a opinião de Pelletier.

Uma noite, enquanto falavam pelo telefone de Madri a Paris, descobriram sem surpresa (a

verdade é que sem uma ponta de surpresa) que ambos odiavam, e cada vez mais, o Pritchard.

No congresso seguinte de que participaram (“A obra de Benno von Archimboldi como espelho do século XX”, um encontro de dois dias de duração em Bolonha, dominado pelos jovens archimboldianos italianos e por uma fornada de archimboldianos neoestruturalistas de vários países da Europa), decidiram contar a Morini tudo o que havia acontecido com eles nos últimos meses e todos os temores que nutriam com respeito a Norton e Pritchard.

Morini, que estava um pouco mais debilitado que da última vez (embora nem o espanhol nem o francês tenham se dado conta), ouviu-os pacientemente no bar do hotel, numa *trattoria* próxima da sede do encontro, num restaurante caríssimo na parte velha da cidade e passeando ao acaso pelas ruas bolonhesas enquanto os dois empurravam sua cadeira de rodas sem parar de falar em nenhum momento. Afinal, quando quiseram arrancar sua opinião sobre o imbróglio sentimental, real ou imaginário, em que estavam metidos, Morini só perguntou se algum deles, ou ambos, havia perguntado a Norton se ela amava ou se sentia atraída por Pritchard. Tiveram de confessar que não, que por delicadeza, por tato, por finura, por consideração a Norton, enfim, não tinham perguntado.

— Pois deviam ter começado por aí — disse Morini, que embora se sentisse mal e enjoado demais com tantas voltas, não deixou escapar nem um suspiro de queixa.

(Chegando a este ponto há que dizer que está certo o ditado que diz: cria fama e deita-te na cama, pois a participação, já nem falemos na contribuição, de Espinoza e Pelletier no encontro “A obra de Benno von Archimboldi como espelho do século XX” foi no melhor dos casos nula, no pior catatônica, como se de repente estivessem desgastados ou ausentes, envelhecidos de forma prematura ou sob os efeitos de um choque, coisa que não passou despercebida para alguns dos participantes acostumados à energia que o espanhol e o francês costumavam exibir, às vezes até sem a menor condescendência, nesse tipo de eventos, e tampouco passou despercebida para a última camada de archimboldianos, rapazes e moças recém-saídos da universidade, rapazes e moças com um doutorado ainda quentinho debaixo do braço e que pretendiam, sem se importar com os meios, impor sua leitura particular de Archimboldi, como missionários dispostos a impor a fé em Deus nem que para tanto fosse preciso pactuar com o diabo, gente em geral, digamos, racionalista, não no sentido filosófico mas no sentido literal da palavra, que costuma ser pejorativo, aos quais não interessava tanto a literatura como a crítica literária, o único campo segundo eles — ou segundo alguns deles — em que ainda era possível a revolução, e que de alguma maneira se comportavam, não como jovens, mas como *novos* jovens, na mesma medida em que há ricos e novos ricos, gente em geral, repitamos, lúcida, embora muitas vezes incapaz de fazer um O com um palito, e que, embora tenham reparado um estar e um não estar, uma presença ausência na passagem fugaz de Pelletier e Espinoza por Bolonha, foram incapazes de perceber o que verdadeiramente importava: o absoluto tédio deles com tudo o que se dizia ali sobre

Archimboldi, sua forma de se expor aos olhares alheios, semelhante, em sua falta de astúcia, ao andar das vítimas dos canibais, que eles, canibais entusiastas e *sempre* famintos, não viram, seus rostos trintões inchados pelo êxito, suas visagens que iam do fastio à loucura, seus balbucios em código que só diziam duas palavras: *me ame*, ou talvez duas palavras e uma frase: *me ame, me deixe te amar*, mas que ninguém, evidentemente, entendia.)

Portanto, Pelletier e Espinoza, que passaram por Bolonha como dois fantasmas, em sua visita seguinte a Londres perguntaram a Norton, dir-se-ia que ofegantes, como se não houvessem parado de correr ou de trotar, em sonhos ou na realidade, mas ininterruptamente, se ela, a querida Liz que não pudera ir a Bolonha, amava ou gostava de Pritchard.

Norton disse que não. Depois disse que talvez sim, que era difícil dar uma resposta conclusiva a esse respeito. Pelletier e Espinoza disseram que eles precisavam saber, isto é, que necessitavam de uma confirmação definitiva. Norton perguntou por que agora, precisamente, eles se interessavam por Pritchard.

Pelletier e Espinoza disseram, quase à beira das lágrimas, que se não agora, quando?

E Norton perguntou se eles estavam com ciúme. Então eles disseram que não chegariam a esse ponto, que com ciúme de modo algum, que, do jeito como eles levavam aquela amizade, acusá-los de ter ciúme era quase um insulto.

Norton disse que era só uma pergunta. Pelletier e Espinoza disseram que não estavam dispostos a responder a uma pergunta tão cáustica ou capciosa ou mal-intencionada. Depois foram jantar, e os três beberam mais da conta, felizes como crianças, falando do ciúme e das funestas consequências deste. E também falando da inevitabilidade do ciúme. E falando da necessidade do ciúme, como se o ciúme fosse necessário no meio da noite. Para não mencionar a doçura e as feridas abertas que, por ocasiões e sob certo prisma, são guloseimas. Na saída pegaram um táxi e continuaram a discorrer.

O taxista, um paquistanês, durante os primeiros minutos observou-os pelo retrovisor, em silêncio, como se não desse crédito a seus ouvidos, depois disse algo em sua língua e o táxi passou por Harmsworth Park e pelo Imperial War Museum, pela Brook Street, depois pela Austral, depois pela Geraldine, dando a volta no parque, uma manobra sob todos os aspectos desnecessária. Quando Norton disse que ele tinha se perdido e lhe indicou que ruas devia pegar para corrigir o rumo, o taxista permaneceu outra vez em silêncio, sem mais murmúrios em sua língua incompreensível, para depois reconhecer que, de fato, o labirinto que era Londres tinha conseguido desorientá-lo.

Coisa que levou Espinoza a dizer que o taxista, sem querer, porra, é claro, havia citado Borges, que certa vez comparou Londres a um labirinto. Ao que Norton replicou que, muito antes de Borges, Dickens e Stevenson tinham se referido a Londres utilizando esse tropo. Coisa que, pelo visto, o taxista não estava disposto a tolerar, pois ato contínuo disse que ele, um paquistanês, podia não conhecer esse famoso Borges, e que também podia nunca ter lido esses famosos senhores Dickens e Stevenson, e que inclusive talvez ainda não conhecesse suficientemente bem Londres e suas ruas, e que por essa razão a tinha comparado com um

labirinto, mas que, em compensação, sabia muito bem o que era a decência e a dignidade e que, pelo que havia escutado, a mulher aqui presente, ou seja, Norton, carecia de decência e de dignidade, e que em seu país isso tinha um nome, o mesmo que se dava em Londres, que coincidência, e que esse nome era puta, embora também fosse válido utilizar o nome de cadela ou égua ou vaca, e que os senhores aqui presentes, senhores que não eram ingleses a julgar pelo sotaque, também tinham um nome em seu país, e esse nome era o de gigolô ou cafetão ou cafifa ou chupa-caldo.

Discurso esse que, seja dito sem exagerar, pegou de surpresa os archimboldianos, os quais demoraram para reagir, digamos que os impropérios do taxista foram soltos na Geraldine Street e que eles só conseguiram articular palavra na Saint George's Road. E as palavras que puderam articular foram: pare já o táxi que vamos descer. Ou então: detenha seu veículo asqueroso que preferimos apear. Coisa que o paquistanês fez sem demora, acionando, ao parar, o taxímetro e anunciando a seus clientes quanto estes deviam. Ato consumado ou última cena ou o último cumprimento que Norton e Pelletier, talvez ainda paralisados pela injuriosa surpresa, não consideraram anormal, mas que fez mais do que transbordar o copo da paciência de Espinoza, o qual, ao mesmo tempo que descia, abriu a porta da frente do táxi e tirou violentamente deste o motorista, que não esperava uma reação assim de um cavalheiro tão bem-vestido. Esperava menos ainda a chuva de porradas ibéricas que começou a lhe chover em cima, porradas que primeiro só Espinoza dava, mas que, depois dele se cansar, lhe desferiu Pelletier, apesar dos gritos de Norton que tentava dissuadi-los, as palavras de Norton que dizia que com violência não se resolvia nada, que, pelo contrário, aquele paquistanês, depois da surra, ia odiar os ingleses mais ainda, coisa a que pelo visto Pelletier, que não era inglês, não dava a mínima, menos ainda Espinoza, os quais no entanto, ao mesmo tempo que chutavam o corpo do paquistanês, o insultavam em *inglês*, sem se importar nem um pouco com o fato de que o asiático estivesse caído, todo encolhido no chão, chute vai e chute vem, enfie o islã no cu, é lá que ele deve estar, este chute é por Salman Rushdie (autor que ambos, aliás, consideravam bem ruinzinho, mas cuja menção lhes pareceu pertinente), este chute é pelas feministas de Paris (puta que pariu, parem com isso, gritava Norton), este chute é pelas feministas de Nova York (vocês vão matar ele, gritava Norton), este chute é pelo fantasma de Valerie Solanas, seu filho da puta, e assim até deixá-lo inconsciente e sangrando por todos os orifícios da cabeça, menos pelos olhos.

Quando pararam de chutá-lo permaneceram uns segundos submersos na imobilidade mais estranha das suas vidas. Era como se, por fim, houvessem feito o *ménage à trois* com que tanto haviam fantasiado.

Pelletier se sentia como se houvesse corrido. A mesma coisa, com algumas diferenças e matizes, Espinoza. Norton, que olhava para eles sem vê-los no meio da escuridão, parecia ter experimentado um orgasmo múltiplo. Pela Saint George's Road passavam alguns carros, mas eles estavam invisíveis para qualquer um que naquela hora transitasse a bordo de um veículo. No céu não havia uma só estrela. A noite, no entanto, era clara: viam tudo em detalhes,

inclusive os contornos das menores coisas, como se de repente um anjo houvesse posto nos olhos umas lentes de visão noturna. Sentiam a pele lisa, suavíssima ao tato, embora na realidade os três estivessem suando. Por um momento Espinoza e Pelletier acreditaram haver matado o paquistanês. Pela cabeça de Norton deve ter passado uma ideia parecida, pois se inclinou sobre o taxista e procurou seu pulso. Mexer-se, agachar-se, doeu como se os ossos de suas pernas estivessem destroncados.

Um grupo de pessoas surgiu pela Garden Row cantando uma canção. Riam. Três homens e duas mulheres. Sem se mover, viraram a cabeça naquela direção e esperaram. O grupo começou a caminhar para onde eles estavam.

— O táxi — disse Pelletier —, eles vêm por causa do táxi.

Só nesse momento se deram conta de que a luz interna do táxi estava acesa.

— Vamos — disse Espinoza.

Pelletier pegou Norton pelos ombros e ajudou-a a se levantar. Espinoza tinha se sentado ao volante e dizia para se apressarem. Aos empurrões Pelletier enfiou Norton no banco de trás e depois ele entrou. O grupo de Garden Row avançava direto para o canto onde o taxista jazia.

— Está vivo, respira — disse Norton.

Espinoza pôs o carro em movimento e saíram dali. Do outro lado do Tâmbisa, numa ruela perto de Old Marylebone, abandonaram o táxi e andaram um instante. Quiseram falar com Norton, explicar o que havia acontecido, mas ela nem sequer permitiu que a acompanhassem até sua casa.

No dia seguinte procuraram nos jornais, enquanto tomavam um copioso café da manhã no hotel, alguma notícia sobre o taxista paquistanês, mas em lugar nenhum o mencionavam. Depois de comer saíram em busca das páginas sensacionalistas. Nelas também não encontraram nada.

Ligaram para Norton, que não parecia tão furiosa quanto na noite anterior. Afirmaram que era urgente se encontrarem naquela tarde. Que tinham uma coisa importante para dizer a ela. Norton respondeu que ela também tinha uma coisa importante para dizer a eles. Para matar o tempo, foram dar uma volta pelo bairro. Por uns minutos se entretiveram contemplando as ambulâncias que entravam e saíam do Middlesex Hospital, alucinando com cada doente e ferido que entrava, em cada um dos quais acreditavam ver os traços do paquistanês cujos ossos moeram, até se encherem e irem passear, com a consciência mais tranquila, pela Charing Cross até o Strand. Como é natural, trocaram confidências. Abriram mutuamente seus corações. O que mais os preocupava era que a polícia os procurasse e acabasse por pegá-los.

— Antes de abandonar o táxi — confessou Espinoza — apaguei minhas impressões digitais com o lenço.

— Eu sei — disse Pelletier —, eu vi e fiz a mesma coisa: apaguei minhas impressões e as impressões de Liz.

Recapitularam, cada vez com menor ênfase, a concatenação dos fatos que os levaram a,

por fim, espancar o taxista. Pritchard, sem dúvida. E a Górgona, essa Medusa inocente e mortal, segregada do resto de suas irmãs imortais. E a ameaça velada ou não tão velada. E os nervos. E a ofensa daquele matuto ignorante. Sentiram falta de um rádio, para ficarem sabendo dos últimos acontecimentos. Falaram da sensação que ambos sentiram enquanto batiam no corpo caído. Uma mistura de sonho e desejo sexual. Desejo de foder com aquele pobre coitado? De jeito nenhum! Era, antes, como se estivessem fodendo consigo mesmos. Como se cavucassem em si mesmos. Com as unhas compridas e as mãos vazias. Mas eles, nessa espécie de sonho, cavucavam e cavucavam, rasgando tecidos, destruindo veias, danificando órgãos vitais. O que procuravam? Não sabiam. Tampouco lhes interessava, naquela altura.

De tarde viram Norton e lhe disseram tudo o que sabiam ou temiam de Pritchard. A Górgona, a morte da Górgona. A mulher que explode. Ela os deixou falar até as palavras deles acabarem. Depois os tranquilizou. Pritchard era incapaz de fazer mal a uma mosca, disse a eles. Eles pensaram em Anthony Perkins, que garantia ser incapaz de fazer mal a uma mosca e depois aconteceu o que aconteceu, mas preferiram não discutir e aceitaram, sem convicção, seus argumentos. Depois Norton se sentou e lhes disse que o que não tinha explicação era o que havia sucedido na noite anterior.

Perguntaram a ela, como para se esquivar da culpa, se sabia alguma coisa do paquistanês. Norton disse que sim. No noticiário local de um canal de tevê havia aparecido a notícia. Um grupo de amigos, provavelmente as pessoas que eles viram sair de Garden Row, encontrou o corpo do taxista e chamou a polícia. Tinha quatro costelas quebradas, comoção cerebral, nariz quebrado e havia perdido toda a parte superior da dentadura. Agora estava no hospital.

— A culpa foi minha — disse Espinoza —, os insultos dele me fizeram perder o controle dos nervos.

— O melhor será pararmos de nos ver por um tempo — disse Norton —, preciso pensar detidamente nisso.

Pelletier concordou, mas Espinoza continuou pondo a culpa em si mesmo: que Norton parasse de vê-lo parecia justo, mas não que parasse de ver Pelletier.

— Chega de besteiras — disse Pelletier a ele em voz baixa, e só então Espinoza se deu conta de que, de fato, estava falando bobagem.

Naquela mesma noite voltaram às suas respectivas casas.

Ao chegar a Madri, Espinoza sofreu uma pequena crise de nervos. No táxi que o levava para casa pôs-se a chorar, de forma discreta, tapando os olhos com a mão, mas o taxista percebeu que chorava e perguntou o que estava acontecendo, se estava se sentindo mal.

— Estou me sentindo bem — disse Espinoza —, só um pouco nervoso.

— O senhor é daqui? — perguntou o taxista.

— Sim — respondeu Espinoza —, sou madrilenho.

Por um instante ambos permaneceram sem dizer nada. Depois o taxista voltou ao ataque e perguntou se gostava de futebol. Espinoza disse que não, que nunca tinha se interessado nem por esse nem por nenhum outro esporte. E acrescentou, como para não cortar de pronto a conversa, que na noite anterior quase tinha matado um homem.

- Não me diga — fez o taxista.
- Pois é — disse Espinoza —, quase o matei.
- E por quê? — perguntou o taxista.
- Por um rompante — disse Espinoza.
- No exterior? — perguntou o taxista.
- Sim — disse Espinoza, rindo pela primeira vez —, fora daqui, fora daqui, além do mais o sujeito tinha uma profissão muito esquisita.

Pelletier, pelo contrário, não teve uma pequena crise de nervos nem conversou com o taxista que o levou até seu apartamento. Ao chegar tomou banho e preparou um pouco de massa italiana com azeite e queijo. Depois verificou sua correspondência eletrônica, respondeu a alguns e-mails e foi para a cama com um romance de um jovem autor francês, sem maior relevo mas divertido, e com uma revista de estudos literários. Logo adormeceu e teve o seguinte e estranhíssimo sonho: estava casado com Norton e viviam numa casa ampla, perto de um penhasco de onde se via uma praia cheia de gente de maiô que tomava sol ou nadava sem se afastar muito, aliás, da praia.

Os dias eram curtos. Da sua janela via, quase sem parar, crepúsculos e amanheceres. Às vezes Norton se aproximava de onde ele estava e lhe dizia alguma coisa, mas sem nunca transpor o umbral da casa. As pessoas da praia estavam sempre ali. Às vezes tinha a impressão de que à noite não voltavam para casa ou de que iam embora, todos juntos, quando ficava escuro, para voltar, numa longa procissão, quando ainda não havia amanhecido. Outras vezes, se fechava os olhos, podia sobrevoar a praia como uma gaivota e podia ver os banhistas de perto. Havia de todos os tipos, mas predominavam os adultos, trintões, quarentões, cinquentões, e todos davam a impressão de estar concentrados em atividades insignificantes, como passar óleo no corpo, comer um sanduíche, ouvir com mais educação do que interesse a conversa de um amigo, de um parente ou de um vizinho de toalha. Em algumas ocasiões, porém, embora com discrição, os banhistas se levantavam e contemplavam, não mais de um segundo, o horizonte, um horizonte calmo, sem nuvens, de um azul transparente.

Quando Pelletier abria os olhos, refletia sobre a atitude dos banhistas. Era evidente que esperavam alguma coisa, mas também não se podia dizer que passavam a vida nessa espera. Simplesmente, a cada certo tempo, adquiriam uma atitude mais atenta, seus olhos vigiavam por um ou dois segundos o horizonte, depois tornavam a se integrar no fluxo de tempo de praia, sem deixar entrever uma quebra ou uma hesitação. Absorto na observação dos banhistas, Pelletier esquecia Norton, certo, talvez, da sua presença na casa, uma presença que era atestada pelos ruídos que de tanto em tanto provinham do interior, dos cômodos que não tinham janela ou cujas janelas davam para o campo ou a montanha, não para o mar nem

para a praia lotada. Dormia, o que descobriu quando o sonho já ia muito avançado, sentado numa cadeira, junto a sua mesa de trabalho e à janela. E seguramente dormia poucas horas, inclusive quando o sol se punha procurava manter-se acordado o maior tempo possível, com os olhos fixos na praia, agora um pano negro ou o fundo de um poço, para ver se enxergava alguma luz, o desenho de uma lanterna, as chamas vacilantes de uma fogueira. Perdia a noção de tempo. Recordava vagamente uma cena confusa que o envergonhava e o enchia de fervor em partes iguais. Os papéis que tinha em cima da mesa eram manuscritos de Archimboldi ou como tais os havia comprado, se bem que ao examiná-los percebia que estavam escritos em francês e não em alemão. Junto dele havia um telefone que nunca tocava. Os dias eram cada vez mais quentes.

Uma manhã, por volta do meio-dia, viu dois banhistas que suspendiam suas atividades e contemplavam, todos ao mesmo tempo, como de costume, o horizonte. Não acontecia nada. Mas então, pela primeira vez, os banhistas davam meia-volta e começavam a abandonar a praia. Alguns deslizavam por uma estrada de terra que havia entre dois morros, outros caminhavam em campo aberto, se agarrando no mato e nas pedras. Uns poucos se perdiam na direção do desfiladeiro, e Pelletier não os via mas sabia que iniciavam uma lenta escalada. Na praia só restava um vulto, uma mancha escura que sobressaía de uma fossa amarela. Por um instante Pelletier avaliava a conveniência de descer à praia e proceder ao enterro, com todas as precauções que o caso exigia, do vulto no fundo do buraco. Mas só de imaginar o longo caminho que tinha de percorrer para chegar à praia começava a suar, e cada vez suava mais, como se, uma vez aberta, a torneira não pudesse mais fechar.

E então observava um tremor no mar, como se a água também suasse, isto é, como se a água comesse a ferver. Um fervor apenas perceptível que se esparramava em ondulações, até subir nas ondas que iam morrer na praia. E então Pelletier sentia que estava ficando enjoado e um ruído de abelhas chegava de fora. E quando o ruído de abelhas cessava se instalava um silêncio pior ainda na casa e nas áreas circundantes. E Pelletier gritava o nome de Norton e a chamava, mas ninguém acudia ao seu chamado, como se o silêncio houvesse engolido seu grito de socorro. E então Pelletier desatava a chorar e via que do fundo do mar metalizado emergia o que restava de uma estátua. Um pedaço de pedra informe, gigantesco, desgastado pelo tempo e pela água, mas onde ainda se podia ver, com total clareza, uma mão, o pulso, parte do antebraço. E essa estátua saía do mar e se elevava acima da praia e era horrorosa e ao mesmo tempo muito bonita.

Por uns dias, Pelletier e Espinoza se mostraram, cada um por seu lado, compungidos com o caso com o taxista paquistanês, que girava ao redor da má consciência dos dois como um fantasma ou um gerador de eletricidade.

Espinoza se perguntou se seu comportamento não revelava o que ele verdadeiramente era, ou seja, um direitista xenófobo e violento. O que, ao contrário, alimentava a má consciência de Pelletier era o fato de ter chutado o paquistanês quando este já estava caído no chão, o que era francamente antiesportivo. Que necessidade havia de fazer aquilo?, se perguntava. O

taxista já tinha recebido o que merecia e não precisava que ele acrescentasse mais violência à violência.

Uma noite os dois conversaram longamente por telefone. Expuseram suas respectivas apreensões. Trataram de se reconfortar. Mas ao fim de poucos minutos tornaram a lamentar o incidente, por mais que em seu foro íntimo estivessem convencidos de que o verdadeiro direitista e misógino era o paquistanês, de que o violento era o paquistanês, de que o intolerante e mal-educado era o paquistanês, de que quem havia procurado encrenca era o paquistanês, uma e mil vezes. Nessas ocasiões, na verdade, se o taxista se houvesse materializado diante deles, seguramente o teriam matado.

Por muito tempo se esqueceram de suas viagens semanais a Londres. Se esqueceram de Pritchard e da Górgona. Se esqueceram de Archimboldi, cujo prestígio crescia às costas deles. Se esqueceram de seus trabalhos, que escreviam de forma rotineira e insípida e que, mais do que trabalhos deles, eram de seus discípulos ou de professores assistentes de seus respectivos departamentos, conquistados para a causa archimboldiana com base em vagas promessas de contratos fixos ou aumentos de salário.

No decorrer de um congresso, enquanto Pohl dava uma conferência magistral sobre Archimboldi e a vergonha na literatura alemã do pós-guerra, os dois foram a um bordel de Berlim, onde treparam com duas louras, muito altas e de pernas compridas. Ao saírem, por volta da meia-noite, estavam tão contentes que desataram a cantar como crianças sob o dilúvio. A experiência com as putas, algo novo em suas vidas, se repetiu várias vezes em distintas cidades europeias e por fim acabou se instalando no dia a dia de suas respectivas cidades. É possível que outros tivessem ido para a cama com alunas. Eles, que temiam se apaixonar ou que temiam deixar de amar Norton, optaram pelas putas.

Em Paris, Pelletier as arranjava pela internet e seus resultados quase sempre foram ótimos. Em Madri, Espinoza as encontrava lendo anúncios de relax no *El País*, que pelo menos nesse ponto proporcionava um serviço confiável e prático, não como o suplemento cultural, onde não se falava quase nunca de Archimboldi, e onde campeavam heróis portugueses, tal como acontecia no suplemento cultural do ABC.

— Ai — se queixava Espinoza em suas conversas com Pelletier, procurando quem sabe algum consolo —, na Espanha sempre fomos provincianos.

— É verdade — respondia Pelletier depois de refletir exatamente dois segundos sobre a resposta a dar.

Da fase das putas, aliás, também não saíram ilesos.

Pelletier conheceu uma moça chamada Vanessa. Era casada e tinha um filho. Às vezes passava semanas inteiras sem vê-los. Segundo ela, o marido era um santo. Tinha alguns defeitos, por exemplo era árabe, marroquino especificamente, e também frouxo, mas em linhas gerais, segundo Vanessa, era um cara legal, que quase nunca se zangava com nada e

que, quando se zangava, ao contrário do resto dos homens, não ficava violento nem mal-educado, mas melancólico, triste, arrasado diante de um mundo que de repente se revelava grande e incompreensível demais. Quando Pelletier perguntou se o árabe sabia que ela trabalhava como puta, Vanessa disse que sim, que ele sabia mas que não ligava porque acreditava na liberdade dos indivíduos.

— Então ele é seu cafetão — Pelletier lhe disse.

Ante essa afirmação Vanessa replicou que era possível, que pensando bem era, sim, o cafetão dela, mas um cafetão diferente do resto dos cafetões, que costumavam exigir demais de suas mulheres. O marroquino não exigia nada dela. Havia épocas, disse Vanessa, em que ela também entrava numa espécie de preguiça consuetudinária, de languidez permanente, e então os três passavam por apertos econômicos. O marroquino, durante esses dias, se conformava com o que tinha e procurava, com pouca sorte, fazer uns bicos que permitissem que os três fossem levando. Era muçulmano e às vezes rezava voltado para Meca, mas não havia dúvida de que se tratava de um muçulmano distinto. Para ele, Alá permitia tudo ou quase tudo. Que alguém, conscientemente, maltratasse uma criança, isso ele não permitia. Que alguém abusasse de uma criança, que matasse uma criança, que abandonasse uma criança a uma morte certa, isso era proibido. Todo o resto era relativo e, no fim das contas, admitido.

Certa vez, Vanessa contou a Pelletier, eles foram à Espanha. Ela, o filho e o marroquino. Em Barcelona se encontraram com o irmão mais moço do marroquino, que morava com outra francesa, uma mulher gorda e alta. Eram músicos, disse o marroquino a Vanessa, mas a verdade é que eram mendigos. Nunca como naqueles dias viu o marroquino tão feliz. Estava o tempo todo rindo e contando histórias e não se cansava de andar pelos bairros de Barcelona, até chegar aos subúrbios ou às montanhas de onde se via toda a cidade e o esplendor do Mediterrâneo. Nunca, segundo Vanessa, tinha visto um cara com maior vitalidade. Crianças cheias assim de vitalidade, isso sim, tinha visto. Não muitas, mas umas tantas. Adultos, no entanto, nenhum.

Quando Pelletier perguntou a Vanessa se o filho também era filho do marroquino, a puta respondeu que não, e algo em sua resposta denotava que a pergunta lhe parecia ofensiva ou ferina, como que uma maneira de desprezar seu filho. Ele era branco, quase louro, disse, e tinha seis anos quando ela, se bem se lembrava, conheceu o marroquino. Numa época terrível da minha vida, disse sem entrar em detalhes. O aparecimento do marroquino também não podia ser denominado um aparecimento providencial. Para ela, quando o conheceu, era uma época ruim, mas ele, literalmente, era um morto de fome.

Pelletier gostava de Vanessa e se viram várias vezes. Era uma mulher jovem e alta, de nariz reto, como uma grega, de olhar acerado e arrogante. Seu desdém pela cultura, principalmente pela cultura livresca, tinha algo de escolar, algo em que se misturavam a inocência e a elegância, algo que concentrava, conforme Pelletier acreditava, o imaculado em tamanho grau que Vanessa podia se dar ao luxo de dizer qualquer tipo de barbaridade sem que ninguém desse bola. Uma noite, depois de fazer amor, Pelletier se levantou nu e procurou entre seus livros um romance de Archimboldi. Depois de hesitar um instante

decidiu-se por *A máscara de couro*, pensando que Vanessa, com sorte, podia lê-lo como um romance de terror, podia sentir-se atraída pela parte sinistra do livro. De início, o presente a surpreendeu, depois a emocionou, pois estava acostumada a que seus clientes a presentearassem com roupas ou sapatos ou lingerie. A verdade é que ficou muito feliz com o livro, ainda mais quando Pelletier lhe explicou quem era Archimboldi e o papel que o escritor alemão tinha na sua vida.

— É como se você me desse uma coisa sua — disse Vanessa.

Essa afirmação deixou Pelletier um tanto confuso, pois por um lado era efetivamente assim, Archimboldi era mesmo algo dele, lhe pertencia na medida em que ele, junto com alguns poucos, havia iniciado uma leitura diferente do alemão, uma que ia *durar*, uma leitura tão ambiciosa quanto a escrita de Archimboldi e que acompanharia a obra de Archimboldi por muito tempo, até que a leitura se esgotasse ou até que se esgotasse (mas nisto ele não acreditava) a escrita archimboldiana, a capacidade de suscitar emoções e revelações da obra archimboldiana, se bem que por outro lado não era assim, pois em algumas ocasiões, sobretudo depois que ele e Espinoza suspenderam seus voos a Londres e deixaram de ver Norton, a obra de Archimboldi, isto é, seus romances e contos, era algo, uma massa verbal informe e misteriosa, completamente alheia a ele, algo que aparecia e desaparecia de forma por demais caprichosa, literalmente um pretexto, uma porta falsa, o pseudônimo de um assassino, uma banheira de hotel cheia de líquido amniótico onde ele, Jean-Claude Pelletier, terminaria se suicidando, porque sim, gratuitamente, aturdidamente, porque por que não.

Como ele esperava, Vanessa nunca lhe disse o que havia achado do livro. Certa manhã ele a levou para casa. Morava num bairro operário onde não escasseavam os imigrantes. Quando chegaram, seu filho estava vendo tevê e Vanessa brigou com ele por não ter ido à escola. O menino disse que estava com dor de barriga e Vanessa preparou imediatamente um chá de ervas para ele. Pelletier observou-a movimentar-se pela cozinha. A energia despendida por Vanessa não tinha freios e noventa por cento dela se perdia em movimentos inúteis. A casa era uma completa bagunça, que ele atribuiu em parte ao menino e ao marroquino, mas pela qual Vanessa era basicamente a responsável.

Não demorou muito, atraído pelos ruídos da cozinha (colheres caindo no chão, um copo quebrado, gritos dirigidos a ninguém perguntando onde merda estava a erva para o chá), apareceu o marroquino. Sem que ninguém os apresentasse, apertaram as mãos. O marroquino era baixote e magro. Logo o garoto ia ser mais alto e mais forte que ele. Tinha um bigode volumoso e estava ficando careca. Depois de cumprimentar Pelletier, ainda meio adormecido, sentou no sofá e ficou assistindo os desenhos animados com o menino. Quando Vanessa saiu da cozinha, Pelletier disse que precisava ir embora.

— Não tem problema — disse ela.

Sua resposta pareceu conter certa dose de agressividade, mas logo se lembrou que Vanessa era assim mesmo. O menino tomou um gole da infusão, disse que estava faltando açúcar e não tocou mais no copo fumegante em que boiavam umas folhas que pareceram estranhas e suspeitas a Pelletier.

Naquela manhã, enquanto estava na universidade, passou os tempos mortos pensando em Vanessa. Quando tornou a vê-la não fizeram amor, embora a tenha pago como se houvessem feito, e ficaram conversando horas a fio. Antes de dormir, Pelletier havia tirado algumas conclusões: Vanessa estava perfeitamente preparada, tanto espiritual quanto fisicamente, para viver na Idade Média. Para ela o conceito de “vida moderna” não tinha sentido. Confiava muito mais no que via do que nos meios de comunicação. Era desconfiada e corajosa, se bem que sua coragem, contraditoriamente, a fizesse confiar, por exemplo, num garçom, num fiscal de trem, numa colega em apuros, os quais quase sempre traíam ou não correspondiam à confiança depositada neles. Essas traições a punham fora de si e podiam levá-la a situações de violência impensáveis. Também era rancorosa e se jactava de dizer as coisas na cara, sem meias palavras. Considerava-se uma mulher livre e tinha respostas para tudo. O que não entendia não lhe interessava. Não pensava no futuro, nem mesmo no futuro do filho, mas no presente, um presente perpétuo. Era bonita mas não se considerava bonita. Mais da metade dos seus amigos eram imigrantes magrebinos, mas ela, que nunca chegou a votar em Le Pen, via na imigração um perigo para a França.

— As putas — disse a ele Espinoza na noite em que Pelletier lhe falou de Vanessa — são para a gente foder, não para servir de psicanalista.

Espinoza, ao contrário do amigo, não se lembrava do nome de nenhuma. Por um lado estavam os corpos e as caras, por outro, numa espécie de tubo de ventilação, circulavam as Lorenas, as Lolas, as Martas, as Paulas, as Susanas, nomes carentes de corpos, rostos carentes de nomes.

Nunca repetia. Conheceu uma dominicana, uma brasileira, três andaluzas, uma catalã. Aprendeu, desde a primeira vez, a ser o homem silencioso, o cara bem-vestido que paga e indica, às vezes com um gesto, o que quer, e que depois se veste e vai embora como se nunca houvesse estado ali. Conheceu uma chilena que se anunciava como chilena e uma colombiana que se anunciava como colombiana, como se ambas as nacionalidades tivessem uma morbidez a mais. Trepou com uma francesa, com duas polonesas, com uma russa, com uma ucraniana, com uma alemã. Uma noite se deitou com uma mexicana, e essa foi a melhor.

Como sempre, foram para um hotel e ao acordar de manhã a mexicana já não estava. Aquele dia foi esquisito. Como se alguma coisa houvesse arrebatado dentro dele. Ficou um tempão sentado na cama, nu, com os pés apoiados no chão, tentando se lembrar de algo impreciso. Ao entrar no chuveiro se deu conta de que tinha uma marca debaixo da virilha. Era como se alguém houvesse chupado ou posto uma sanguessuga na sua perna esquerda. O arroxeador era grande como o punho de uma criança. A primeira coisa que pensou foi que a puta tinha lhe dado um chupão e tentou se lembrar, mas não conseguiu, as únicas imagens que recordava eram as dele em cima dela, as das suas pernas em cima dos ombros dele, e de algumas palavras vagas, indecifráveis, que não soube se era ele ou a mexicana que pronunciava, provavelmente frases obscenas.

Por uns dias acreditou que a tinha esquecido, até que uma noite deu por si procurando-a pelas ruas de Madri frequentadas por putas ou para os lados da Casa de Campo. Uma noite acreditou vê-la e a seguiu e tocou em seu ombro. A mulher que se virou era espanhola e não se parecia nada com a puta mexicana. Outra noite, num sonho, acreditou se lembrar do que ela tinha dito. Se deu conta de que estava sonhando, se deu conta de que o sonho ia acabar mal, se deu conta de que a possibilidade de esquecer suas palavras era alta e que talvez isso fosse o melhor, mas se propôs a fazer todo o possível para lembrá-las depois de acordar. Inclusive, no meio do sonho, cujo céu se movia como um redemoinho em câmara lenta, tentou forçar um despertar abrupto, tentou acender a luz, tentou gritar e que seu próprio grito trouxesse de volta a vigília, mas as lâmpadas de sua casa pareciam ter queimado e em vez de um grito só ouviu um gemido distante, como o de um menino ou de uma menina, ou talvez de um animal refugiado num quarto isolado.

Ao acordar, claro, não se lembrava de nada, só que tinha sonhado com a mexicana, que ela estava de pé no meio de um comprido corredor mal iluminado e que ele a observava sem que ela se desse conta. A mexicana parecia ler algo na parede, grafites ou mensagens obscenas escritas com pincel atômico que ela soletrava lentamente, como se não soubesse ler em silêncio. Por uns dias continuou a procurá-la, mas depois se cansou e foi para a cama com uma húngara, com duas espanholas, com uma gambiana, com uma senegalesa e com uma argentina. Nunca mais voltou a sonhar com ela e finalmente conseguiu esquecê-la.

O tempo, que a tudo mitiga, terminou por apagar de suas consciências o sentimento de culpa que o violento acontecimento de Londres havia inoculado neles. Um dia voltaram a seus respectivos trabalhos frescos e lampeiros. Retomaram seus escritos e suas conferências com um vigor inusitado, como se a época das putas houvesse sido um cruzeiro de descanso pelo Mediterrâneo. Aumentaram a frequência de seus contatos com Morini, a quem de algum modo haviam mantido primeiro à margem de suas aventuras, depois, indissimuladamente, no esquecimento. Encontraram o italiano um pouco pior que de costume, mas igualmente caloroso, inteligente e discreto, o que equivale a dizer que o professor da Universidade de Turim não lhes fez uma só pergunta, não os obrigou a fazer uma só confidência. Uma noite, com não pouca surpresa para ambos, Pelletier disse a Espinoza que Morini era como um prêmio. O prêmio que os deuses concediam a eles dois. Essa afirmação era totalmente gratuita e contestá-la teria sido incursionar diretamente nos pantanosos terrenos da cafonice, mas Espinoza, que pensava a mesma coisa, embora com outras palavras, lhe deu imediatamente razão. A vida voltava a lhes sorrir. Foram a alguns congressos. Desfrutaram os prazeres da gastronomia. Leram e foram leves. Tudo o que em torno deles havia parado, rangia e enferrujava voltou a entrar em movimento. A vida dos outros se tornou visível, mas sem exageros. Os remorsos desapareceram como os risos numa noite de primavera. Voltaram a telefonar para Norton.

Ainda comovidos com o reencontro, Pelletier, Espinoza e Norton marcaram para se ver num bar ou na cafeteria mínima (liliputiana de verdade: duas mesas e um balcão onde cabiam, ombro a ombro, não mais de quatro clientes) de uma heterodoxa galeria só um pouco maior que o bar, que se dedicava à exposição de quadros mas também à venda de livros usados, roupa usada e sapatos usados, situada no Hyde com Park Gate, bem perto da embaixada da Holanda, país que os três disseram admirar por sua coerência democrática.

Ali, segundo Norton, serviam as melhores margaritas de toda Londres, algo que não tinha a menor importância para Pelletier e Espinoza, embora tivessem fingido se entusiasmar. Claro, eram os únicos clientes do estabelecimento, cujo único empregado ou dono dava a impressão, naquela hora, de estar dormindo ou de ter acabado de se levantar, expressão que contrastava com os semblantes de Pelletier e Espinoza, que apesar de terem levantado às sete da manhã, tomado um avião e suportado, cada qual de seu lado, os respectivos atrasos das suas linhas aéreas, estavam frescos e viçosos, dispostos a aproveitar ao máximo um fim de semana londrino.

No início, é bem verdade, foi difícil falar. Pelletier e Espinoza aproveitaram o silêncio para observar Norton: acharam-na tão bonita e atraente como sempre. De vez em quando, sua atenção era atraída pelos passinhos de formiga do dono da galeria, que despendurava os vestidos de uma arara e os levava para um quarto no fundo, de onde voltava a sair com vestidos idênticos ou muito parecidos, que depositava no lugar onde estiveram pendurados os outros.

O mesmo silêncio, que não incomodava Pelletier e Espinoza, era sufocante para Norton, e estimulou-a a relatar, com rapidez e algo de ferocidade, suas atividades docentes no período de tempo em que não tinham se visto. O tema era chato e logo se esgotou, o que levou Norton a comentar tudo o que havia feito no dia anterior e no anterior ao anterior, porém mais uma vez ficou sem ter o que dizer. Por um instante, sorrindo como esquilos, os três se dedicaram às margaritas, mas o silêncio começou a se tornar cada vez mais insuportável, como se em seu interior, no interregno do silêncio, estivessem se formando lentamente as palavras que se laceram e as ideias que laceram, o que não é um espetáculo ou uma dança digna de se contemplar com displicência. Tanto que Espinoza considerou pertinente evocar uma viagem à Suíça, uma viagem de que Norton não havia participado e portanto o relato talvez conseguisse distraí-la.

Em sua evocação Espinoza não excluiu nem as ordenadas cidades nem os rios que convidavam ao estudo nem as ladeiras cobertas na primavera com um vestido verde. Depois falou de uma viagem de trem, já concluído o trabalho que lá havia reunido os três amigos, à campina, a um dos vilarejos a meio caminho entre Montreux e os contrafortes dos Alpes bernenses, onde contrataram um táxi que os levou, seguindo uma estradinha ziguezagueante, mas escrupulosamente asfaltada, a uma clínica de repouso que ostentava o nome de um político ou um financista suíço de fins do século XIX, a Clínica Auguste Demarre, nome inobjektável detrás do qual se escondia um civilizado e discreto manicômio.

A ideia de ir a semelhante lugar não era de Pelletier nem de Espinoza, mas de Morini, que sabe lá como tinha se informado de que vivia ali um pintor que o italiano considerava um dos mais inquietantes de fins do século XX. Ou não. Talvez o italiano não tenha dito isso. De qualquer modo, o nome desse pintor era Edwin Johns e havia cortado a mão direita, a mão com que pintava, a tinha embalsamado e colado numa espécie de autorretrato múltiplo.

— Como é que vocês nunca me contaram essa história? — interrompeu-o Norton.

Espinoza encolheu os ombros.

— Acho que eu te contei — disse Pelletier.

Mas ao cabo de poucos segundos se deu conta de que efetivamente não tinha contado.

Norton, para surpresa de todos, soltou uma risada imprópria dela e pediu outra margarita. Por um instante, o que demorou o dono do bar, que continuava despendurando e pendurando vestidos, para levar os coquetéis, os três permaneceram em silêncio. Depois, a pedido de Norton, Espinoza teve de continuar sua história. Mas Espinoza não quis.

— Conte você — disse a Pelletier —, você também estava lá.

A história de Pelletier começava então com os três archimboldianos contemplando a grade de ferro negro que se erguia para dar as boas-vindas ou impedir a saída (e algumas entradas inoportunas) do manicômio Auguste Demarre, ou então, segundos antes, com Espinoza e Morini já em sua cadeira de rodas observando o portão de ferro e a grade de ferro que se perdia à direita e à esquerda, oculta por um arvoredor antigo e bem cuidado, enquanto Espinoza, com meio corpo dentro do táxi, pagava o taxista ao mesmo tempo que combinava com ele uma hora boa para que subisse do povoado e viesse pegá-los. Depois os três enfrentaram a silhueta do manicômio, que parcialmente se deixava ver no final do caminho, como uma fortaleza do século XV, não em seu traçado arquitetônico, mas no que sua inércia inspirava ao observador.

E o que inspirava? Uma sensação estranha. A certeza de que o continente americano, por exemplo, não havia sido descoberto, quer dizer que o continente americano *já* havia existido, o que não era óbice, certamente, para um crescimento econômico sustentado ou para um crescimento demográfico normal ou para o funcionamento democrático da república helvética. Enfim, disse Pelletier, uma dessas ideias estranhas e inúteis que se compartilham durante as viagens, ainda mais se a viagem era manifestamente inútil, como aquela provavelmente fora.

Em seguida, passaram por todos os formularismos e estorvos burocráticos de um manicômio suíço. Finalmente, sem ter visto em nenhum momento nenhum dos doentes mentais que se curavam no estabelecimento, uma enfermeira de meia-idade e rosto inescrutável os conduziu a um pequeno pavilhão nos jardins dos fundos da clínica, que eram enormes e gozavam de uma esplêndida vista mas cuja inclinação topográfica era descendente, o que a juízo de Pelletier, que era quem empurrava a cadeira de rodas de Morini, não parecia muito lenitivo para um temperamento com perturbações graves ou muito graves.

O pavilhão, ao contrário do que esperavam, revelou-se um local acolhedor, rodeado de pinheiros, com roseiras nas muretas e, dentro, poltronas que imitavam o conforto do campo

inglês, uma lareira, uma mesa de carvalho, uma estante de livros meio vazia (os títulos eram quase todos em alemão e em francês, mas havia também alguns em inglês), uma mesa especial com um computador e um modem, um divã de tipo turco que destoava do resto da mobília, um banheiro com privada, pia e até um chuveiro com cortina de plástico duro.

— Não vivem mal — comentou Espinoza.

Pelletier preferiu se aproximar de uma janela e contemplar a paisagem. No fundo das montanhas acreditou ver uma cidade. Talvez fosse Montreux, disse consigo, ou talvez o vilarejo onde haviam pegado o táxi. O lago, certamente, não se distinguia de maneira nenhuma. Quando Espinoza se aproximou da janela opinou que aquelas casas eram do vilarejo, jamais de Montreux. Morini ficou quieto em sua cadeira de rodas, com a vista fixa na porta.

Quando a porta se abriu Morini foi o primeiro a vê-lo. Edwin Johns tinha cabelos lisos, que já começavam a rarear na coroa, a pele pálida, e não era muito alto embora continuasse magro. Vestia um suéter cinza de gola alta e um fino casaco de couro. A primeira coisa em que fixou sua atenção foi a cadeira de rodas de Morini, que o surpreendeu agradavelmente, como se evidentemente não esperasse essa súbita materialização. Morini, por sua vez, não pôde evitar olhar para o braço direito, no qual não havia mão, e sua surpresa, que não teve nada de agradável, foi maiúscula ao constatar que do punho do casaco, onde devia haver apenas um vazio, sobressaía agora uma mão, evidentemente de plástico, mas tão benfeita que só um observador paciente e prevenido seria capaz de perceber que era uma mão artificial.

Atrás de Johns entrou uma enfermeira, não a que os havia atendido, mas outra, um pouco mais moça e muito mais loura, que se sentou numa cadeira junto a uma das janelas e sacou um livrinho de bolso, de muitas páginas, que começou a ler desligando-se totalmente de Johns e das visitas. Morini se apresentou como filólogo da Universidade de Turim e como admirador da obra de Johns, depois apresentou os amigos. Johns, que todo esse tempo havia permanecido de pé sem se mexer, estendeu a mão a Espinoza e a Pelletier, que a apertaram com cuidado, depois sentou-se numa cadeira, junto à mesa, e ficou observando Morini, como se naquele pavilhão só existissem os dois.

No começo, Johns fez um ligeiro, quase imperceptível esforço para entabular um diálogo. Perguntou se Morini havia adquirido alguma das suas obras. A resposta de Morini foi negativa. Disse que não, depois acrescentou que as obras de Johns eram caras demais para o seu bolso. Espinoza notou então que o livro de que a enfermeira não tirava o olho era uma antologia de literatura alemã do século XX. Com o cotovelo, avisou Pelletier, e este perguntou à enfermeira, mais para quebrar o gelo do que por curiosidade, se Benno von Archimboldi estava entre os antologiadados. Nesse momento todos escutaram o canto ou o chamado de um corvo. A enfermeira respondeu afirmativamente. Johns começou a envesgar, depois fechou os olhos e passou a mão ortopédica pela cara.

— O livro é meu — falou —, emprestei a ela.

— Incrível — disse Morini —, que coincidência.

— Mas é claro que não li, não sei alemão.

Espinoza perguntou por que motivo então o havia comprado.

— Pela capa — disse Johns. — Traz um desenho de Hans Wette, um bom pintor. Quanto ao mais — disse Johns —, não se trata de crer ou não crer nas coincidências. O mundo inteiro é uma coincidência. Tive um amigo que me dizia que eu me enganava ao pensar dessa maneira. Meu amigo dizia que para alguém que viaja num trem o mundo não é uma coincidência, embora o trem esteja atravessando territórios desconhecidos para o viajante, territórios que o viajante não voltará a ver nunca mais na vida. Também não é uma coincidência para ele que se levanta às seis da manhã morto de sono para ir ao trabalho. Para quem não tem outro remédio senão se levantar e acrescentar mais dor à dor que já tem acumulada. A dor se acumula, dizia meu amigo, isso é um fato, e quanto maior a dor menor a coincidência.

— Como se a coincidência fosse um luxo? — perguntou Morini.

Nesse momento, Espinoza, que havia acompanhado o monólogo de Johns, viu Pelletier junto à enfermeira, com o cotovelo apoiado no rebordo da janela enquanto com a outra mão, num gesto cortês, a ajudava a procurar a página onde estava o conto de Archimboldi. A enfermeira loura sentada em sua cadeira com o livro no colo e Pelletier, de pé a seu lado, numa postura que não era privada de altivez. E a moldura da janela e as rosas lá fora e mais além o gramado e as árvores e a tarde que ia avançando por entre as escarpas e gargantas e solitários penhascos. As sombras que se deslocam imperceptivelmente no interior do pavilhão criando ângulos onde antes não havia, incertos desenhos que apareciam subitamente nas paredes, círculos que se evaporavam como explosões sem som.

— A coincidência não é um luxo, é a outra face do destino e também algo mais — disse Johns.

— O que mais? — perguntou Morini.

— Algo que escapava ao meu amigo por uma razão muito simples e compreensível. Meu amigo (talvez seja uma presunção de minha parte chamá-lo assim) acreditava na humanidade, portanto acreditava na ordem, na ordem da pintura e na ordem das palavras, que não é com outra coisa que se faz a pintura. Acreditava na redenção. No fundo, é bem possível que acreditasse no progresso. A coincidência, pelo contrário, é a liberdade total a que estamos expostos por nossa própria natureza. A coincidência não obedece a leis, e se as obedece nós as desconhecemos. A coincidência, se me permite a comparação, é como Deus que se manifesta a cada segundo em nosso planeta. Um Deus incompreensível com gestos incompreensíveis dirigidos a suas criaturas incompreensíveis. Nesse furacão, nessa implosão óssea, se realiza a comunhão. A comunhão da coincidência com seus rastros e a comunhão de seus rastros com os nossos.

Então, justo então, Espinoza e também Pelletier ouviram ou intuíram que Morini formulava em voz baixa a pergunta que tinha ido fazer, levando o torso para a frente, numa postura que os fez temer que ele fosse cair da cadeira de rodas.

— Por que se mutilou?

O rosto de Morini parecia atravessado pelas últimas luzes que rondavam pelo parque do

manicômio. Johns escutou-o imperturbável. Por sua atitude, dir-se-ia que ele sabia que o homem da cadeira de rodas tinha ido visitá-lo para procurar, como tantos outros antes dele, uma resposta. Então Johns sorriu e formulou por sua vez outra pergunta.

— O senhor vai publicar esta entrevista?

— De maneira nenhuma — disse Morini.

— Então que sentido tem me perguntar uma coisa assim?

— Desejo ouvir o senhor dizê-lo — sussurrou Morini.

Com um gesto que pareceu lento e ensaiado a Pelletier, Johns levantou a mão direita e a sustentou a poucos centímetros da cara expectante de Morini.

— O senhor acredita se parecer comigo? — perguntou Johns.

— Não, eu não sou um artista — respondeu Morini.

— Eu também não sou um artista — disse Johns. — O senhor acredita se parecer comigo?

Morini mexeu a cabeça de um lado para o outro e sua cadeira de rodas também se mexeu. Por uns segundos, Johns o fitou com um leve sorriso desenhado em seus lábios finíssimos e sem sangue.

— Por que o senhor acredita que fiz isso? — perguntou.

— Não sei, sinceramente não sei — disse Morini olhando-o nos olhos.

O italiano e o inglês estavam agora rodeados de penumbra. A enfermeira esboçou o gesto de se levantar para acender as luzes, mas Pelletier levou um dedo aos lábios e não deixou. A enfermeira tornou a sentar. Os sapatos da enfermeira eram brancos. Os sapatos de Pelletier e Espinoza eram pretos. Os sapatos de Morini eram marrons. Os sapatos de Johns eram brancos e feitos para correr grandes distâncias, tanto no pavimento das ruas de uma cidade como no campo. Isso foi a última coisa que Pelletier viu, a cor dos sapatos, sua forma e sua quietude, antes que a noite os submergisse no nada frio dos Alpes.

— Vou dizer por que fiz — falou Johns, e pela primeira vez seu corpo abandonou a rigidez e o porte ereto, marcial, e ele se inclinou, se aproximou de Morini e lhe disse algo no ouvido.

Depois se levantou e se aproximou de Espinoza, estendeu-lhe a mão muito corretamente, fez o mesmo com Pelletier, e depois abandonou o pavilhão e a enfermeira saiu atrás dele.

Ao acender a luz, Espinoza os fez notar, caso não tivessem percebido, que Johns não tinha apertado a mão de Morini nem no princípio nem no fim da entrevista. Pelletier replicou que tinha percebido, sim. Morini não disse nada. Passado um instante, chegou a primeira enfermeira e os acompanhou até a saída. Enquanto caminhavam pelo parque disse a eles que um táxi os aguardava na entrada.

O táxi levou-os até Montreux, onde passaram a noite no Hotel Helvetia. Os três estavam muito cansados e resolveram não sair para jantar. Mas, ao cabo de um par de horas, Espinoza ligou para o quarto de Pelletier e disse que estava com fome, que ia sair para dar uma volta e ver se encontrava algo aberto. Pelletier lhe pediu que esperasse, que o acompanharia. Quando se encontraram no lobby, Pelletier perguntou se tinha ligado para Morini.

— Liguei — disse Espinoza —, mas ninguém responde.

Concluíram que o italiano já devia estar dormindo. Naquela noite chegaram tarde ao hotel e um pouco tocados. Na manhã seguinte foram buscar Morini em seu quarto e não o

acharam. O recepcionista do hotel disse que o cliente Morini havia fechado sua conta e abandonado o estabelecimento à meia-noite do dia anterior (enquanto Pelletier e Espinoza jantavam num restaurante italiano), segundo constava no computador. Naquela hora havia descido à recepção e mandado chamar um táxi.

— Foi embora à meia-noite? Para onde?

O recepcionista, naturalmente, não sabia.

Naquela manhã, depois de se assegurar que Morini não estava em nenhum hospital de Montreux e arredores, Pelletier e Espinoza foram de trem para Genebra. Do aeroporto de Genebra telefonaram para a casa de Morini em Turim. Só ouviram a secretária eletrônica, que ambos xingaram efusivamente. Depois cada qual tomou um avião para suas respectivas cidades.

Mal chegou a Madri, Espinoza ligou para Pelletier. Este, que já fazia uma hora estava instalado em sua casa, disse que não havia nenhuma novidade a respeito de Morini. Durante todo o dia, tanto Espinoza como Pelletier deixaram breves recados cada vez mais resignados na secretária do italiano. No segundo dia ficaram nervosos de verdade e até aventaram a ideia de voar de imediato para Turim e, caso não encontrassem Morini, pôr o caso nas mãos da justiça. Mas não quiseram se precipitar nem cair no ridículo e ficaram quietos.

O terceiro dia foi idêntico ao segundo: ligaram para Morini, ligaram um para o outro, avaliaram diversas formas de atuação, avaliaram a saúde mental de Morini, seu inegável grau de maturidade e bom-senso, e não fizeram nada. No quarto dia Pelletier ligou diretamente para a Universidade de Turim. Falou com um jovem austríaco que trabalhava temporariamente no departamento de alemão. O austríaco não tinha ideia de onde Morini podia estar. Pediu-lhe que pusesse ao telefone a secretária do departamento. O austríaco informou que a secretária tinha saído para tomar o café da manhã e ainda não havia voltado. Pelletier ligou imediatamente para Espinoza e contou sobre o telefonema com profusão de detalhes. Espinoza disse que o deixasse tentar.

Desta vez não foi o austríaco que atendeu mas um estudante de filologia alemã. O alemão do estudante, no entanto, não era ótimo, de modo que Espinoza pôs-se a falar com ele em italiano. Perguntou se a secretária do departamento tinha voltado, o estudante respondeu que estava sozinho, que todos, pelo visto, tinham saído para tomar o café da manhã e que não havia ninguém no departamento. Espinoza quis saber a que horas tomavam o café da manhã na Universidade de Turim e quanto esse café costumava demorar. O estudante não entendeu o italiano deficiente de Espinoza, e este teve de repetir a pergunta duas vezes mais, até ficar um pouco ofensivo.

O estudante disse que ele, por exemplo, não tomava café da manhã quase nunca, mas que isso não significava nada, que cada pessoa tinha gostos diferentes. Ele entendia ou não entendia?

— Entendo — disse Espinoza rangendo os dentes —, mas preciso falar com alguma pessoa responsável pelo departamento.

— Fale comigo — disse o estudante.

Espinoza então lhe perguntou se o doutor Morini havia faltado a alguma de suas aulas.

— Bom, deixe-me pensar — disse o estudante.

E depois Espinoza ouviu que alguém, o próprio estudante, sussurrava Morini... Morini... Morini, com uma voz que não parecia a dele mas antes a voz de um mago, ou mais concretamente, a voz de uma maga, uma adivinha da época do Império Romano, uma voz que chegava como que do gotejar de uma fonte de basalto mas que não tardava a crescer e transbordar com um barulho ensurdecedor, o barulho de mil vozes, o estrondo de um grande rio saído do leito que contém, cifrado, o destino de todas as vozes.

— Ontem tinha que dar uma aula e não veio — disse o estudante depois de refletir.

Espinoza agradeceu e desligou. No meio da tarde telefonou mais uma vez para o domicílio de Morini e depois para Pelletier. Não havia ninguém em nenhuma das duas casas e ele teve de se resignar a deixar recados nas respectivas secretárias eletrônicas. Depois pôs-se a meditar. Mas seus pensamentos só chegaram ao que acabava de acontecer, o passado estrito, o passado que ilusoriamente é quase presente. Lembrou da voz da secretária de Morini, isto é, a voz gravada pelo próprio Morini que avisava sucinta mas educadamente que aquele era o número de Piero Morini e que deixasse um recado, e a voz de Pelletier que em vez de dizer que aquele era o telefone de Pelletier repetia seu próprio número, para que não coubesse dúvida, e depois instava quem ligava a dizer o nome e deixar o número de telefone com a vaga promessa de retornar mais tarde.

Naquela noite Pelletier ligou para Espinoza e decidiram de comum acordo, depois de afastar mutuamente os presságios que pairavam sobre ambos, deixar passar uns dias, não cair num histerismo barato e se lembrar constantemente que, fizesse o que fizesse, Morini era livre para fazê-lo, e nesse ponto eles não podiam (nem deviam) fazer nada para evitar que o fizesse. Naquela noite, pela primeira vez desde que voltaram da Suíça, puderam dormir tranquilos.

Na manhã seguinte, ambos partiram para suas respectivas ocupações com o corpo descansado e o espírito sereno, se bem que às onze da manhã, pouco antes de sair para almoçar com uns colegas, Espinoza não resistiu e tornou a ligar para o departamento de alemão da Universidade de Turim, com o resultado estéril já conhecido. Mais tarde, Pelletier telefonou para ele de Paris e consultou-o sobre a conveniência ou não de pôr Norton a par.

Avaliaram os prós e os contras e decidiram resguardar a intimidade de Morini detrás de um véu de silêncio, pelo menos até que soubessem algo mais concreto sobre ele. Dois dias depois, quase como num reflexo, Pelletier ligou para o apartamento de Morini e desta vez alguém atendeu. As primeiras palavras de Pelletier exprimiram o assombro que experimentou ao ouvir a voz de seu amigo de outro lado da linha.

— Não é possível — gritou Pelletier —, como é possível, é impossível.

A voz de Morini soava igual à de sempre. Depois vieram os cumprimentos, o alívio, o despertar de um sonho não só mau mas também incompreensível. No meio da conversa Pelletier disse que tinha de avisar Espinoza imediatamente.

— Você não vai sair daí, vai? — perguntou antes de desligar.

— Aonde você quer que eu vá? — replicou Morini.

Mas Pelletier não ligou para Espinoza e sim serviu-se um copo de uísque, foi à cozinha,

depois ao banheiro, depois até seu escritório, deixando acesas todas as luzes da casa. Só depois ligou para Espinoza e contou que tinha encontrado Morini são e salvo e que acabava de falar com ele ao telefone, mas que não podia mais continuar falando. Depois de desligar tomou outro uísque. Meia hora mais tarde Espinoza telefonou para ele de Madri. De fato, Morini estava bem. Não quis dizer onde tinha se metido durante aqueles dias. Disse que precisava descansar. Clarear as ideias. Segundo Espinoza, que não havia querido importuná-lo com perguntas, Morini dava a impressão de querer ocultar alguma coisa. Mas o quê?, Espinoza não tinha a mais remota ideia.

— Na realidade sabemos muito pouco dele — disse Pelletier, que começava a sentir-se farto de Morini, de Espinoza, do telefone.

— Perguntou pelo estado de saúde dele? — indagou Pelletier.

Espinoza disse que sim e que Morini havia garantido que estava ótimo.

— Não podemos fazer mais nada — concluiu Pelletier com um tom de tristeza que não passou despercebido a Espinoza.

Pouco depois desligaram, Espinoza pegou um livro e tentou ler, mas não conseguiu.

Norton então disse a eles, enquanto o empregado ou dono da galeria continuava despendurando e pendurando vestidos, que durante aqueles dias em que desapareceu, Morini estivera em Londres.

— Os dois primeiros dias passou sozinho, sem telefonar para mim uma só vez.

Quando o vi me disse que tinha visitado museus e passeio sem rumo determinado por bairros desconhecidos da cidade, bairros que vagamente recordava dos contos de Chesterton mas que não tinham mais nada a ver com Chesterton, muito embora a sombra do padre Brown ainda perdurasse neles, de uma forma não confessional, disse Morini, como se pretendesse desdramatizar até o osso sua errância solitária pela cidade, mas a verdade é que ela o imaginava, em vez disso, trancado no hotel, com as cortinas abertas, observando hora após hora uma paisagem mesquinha de fundos de edifícios e lendo. Depois telefonou para ela e convidou-a para almoçar.

Naturalmente, Norton se alegrou em ouvi-lo e sabê-lo na cidade, e na hora oportuna apareceu na recepção, onde Morini, sentado em sua cadeira de rodas, com um embrulho no colo, toureava com paciência e desinteresse o tráfego de clientes e visitas que convulsionava o lobby com um mostruário móvel de malas, rostos cansados, perfumes que seguiam os corpos como meteoritos, a atitude hierática e ansiosa dos mensageiros do hotel, as olheiras filosóficas do chefe titular ou suplente da recepção sempre acompanhado por um par de auxiliares que exalavam frescor, o mesmo frescor pronto para o sacrifício que desprendiam (em forma de gargalhadas fantasmas) algumas jovens e que Morini, por delicadeza, preferia não ver. Quando Norton chegou foram a um restaurante em Notting Hill, um restaurante brasileiro e vegetariano que ela acabava de conhecer.

Quando Norton soube que Morini já estava em Londres havia dois dias, perguntou que demônios estivera fazendo e por que diabos não telefonara. Morini falou então dos contos de

Chesterton, disse que tinha se dedicado a passear, elogiou os dispositivos urbanos para o bom trânsito dos deficientes, o exato contrário de Turim, uma cidade repleta de obstáculos para as cadeiras de rodas, disse que havia estado em alguns sebos, que tinha comprado alguns exemplares que não nomeou, mencionou duas visitas à casa de Sherlock Holmes, Baker Street era uma das suas ruas preferidas, uma rua que para ele, um italiano de meia-idade, culto, cansado e leitor de romances policiais, estava fora do tempo ou além do tempo, amorosamente (se bem que a palavra não era amorosa mas primorosa) preservada nas páginas do doutor Watson. Depois foram para a casa de Norton e então Morini entregou o presente que havia comprado para ela, um livro sobre Brunelleschi, com excelentes fotografias de fotógrafos de quatro nacionalidades diferentes sobre os mesmos edifícios do grande arquiteto do Renascimento.

— São interpretações — disse Morini. — O melhor é o francês — falou. — O que menos me agrada é o americano. Aparatoso demais. Com vontade demais de descobrir Brunelleschi. De *ser* Brunelleschi. O alemão não é ruim, mas o melhor, para mim, é o francês, depois você me diz o que acha.

Embora nunca tivesse visto o livro, que no papel e na encadernação já era uma joia por si só, pareceu a Norton que havia algo familiar nele. No dia seguinte se encontraram na frente de um teatro. Morini tinha dois ingressos, que havia comprado no hotel, e viram uma comédia ruim, vulgar, que os fez rir, a Norton mais que a Morini, que não entendia o sentido de algumas frases ditas em gíria londrina. Naquela noite jantaram juntos e quando Norton quis saber o que Morini tinha feito durante o dia ele lhe confessou que fora visitar Kensington Gardens e os Jardins Italianos do Hyde Park, e passear sem rumo fixo, mas Norton, sem saber por quê, imaginou-o ao contrário parado no parque, às vezes espichando o pescoço para avistar algo que lhe escapava, o mais das vezes com os olhos fechados, fingindo dormir. Enquanto jantavam, Norton explicou as coisas que ele não havia entendido na comédia. Só então Morini se deu conta de que a comédia era pior do que acreditava. Seu apreço pelo trabalho dos atores, porém, subiu muito e, de volta ao hotel, enquanto se despia parcialmente, sem ainda descer da cadeira de rodas, diante da televisão apagada que refletia a ele e ao quarto como figuras espectrais de uma obra de teatro que a prudência e o medo aconselhavam nunca montar, concluiu que a comédia também não era tão ruim, que foi boa, ele também tinha rido, os atores eram bons, as poltronas cômodas, o preço das entradas não excessivamente alto.

No dia seguinte disse a Norton que tinha de ir embora. Norton foi deixá-lo no aeroporto. Enquanto esperavam, Morini, adotando um tom de voz casual, lhe disse que acreditava saber por que Johns tinha cortado a mão direita.

— Que Johns? — disse Norton.

— Edwin Johns, o pintor que você me revelou — disse Morini.

— Ah, Edwin Johns — fez Norton. — Por quê?

— Por dinheiro — disse Morini.

— Por dinheiro?

— Porque acreditava nos investimentos, no fluxo de capital, quem não investe não ganha,

esse tipo de coisa.

Norton fez cara de pensar duas vezes no assunto e depois disse: pode ser.

— Fez por dinheiro — disse Morini.

Depois Norton perguntou (e foi a primeira vez) por Pelletier e Espinoza.

— Preferia que não soubessem que estive aqui — disse Morini.

Norton fitou-o interrogativa e disse que não se preocupasse, que guardaria o segredo. Depois perguntou se ligaria para ela quando chegasse a Turim.

— Claro — disse Morini.

Uma aeromoça veio falar com eles e alguns minutos depois se afastou sorrindo. A fila dos passageiros começou a se mexer. Norton deu um beijo no rosto de Morini e foi embora.

Antes que abandonassem a galeria, mais do que cabisbaixos, pensativos, o dono e único empregado desta lhes contou que logo o estabelecimento fecharia as portas. Com um vestido de lamê pendurado no braço, disse que a casa, de que a galeria fazia parte, tinha sido da sua avó, uma senhora muito digna e avançada. Quando a avó morreu a casa foi herdada por seus três netos, teoricamente em partes iguais. Mas então ele, que era um dos netos, vivia no Caribe, onde, além de aprender a fazer coquetéis margarita, se dedicava a trabalhos de informação e espionagem. Para todos os efeitos era uma espécie de desaparecido. Um espião hippie de costumes um tanto pervertidos, foram suas palavras. Quando voltou para a Inglaterra descobriu que seus primos tinham ocupado toda a casa. A partir desse momento entrou em litígio com eles. Mas os advogados custavam caro e finalmente teve de se conformar com três cômodos, onde montou sua galeria de arte. Mas o negócio não funcionava: nem vendia quadros, nem vendia roupa usada, e poucas pessoas iam degustar seus coquetéis. Este bairro é chique demais para os meus clientes, disse, agora as galerias estão em velhos bairros operários reurbanizados, os bares no tradicional circuito de bares e a gente daqui não compra roupa usada. Quando Norton, Pelletier e Espinoza já tinham se levantado e iam descer a escada de metal que conduzia à rua, o dono da galeria lhes comunicou que, ainda por cima, nos últimos tempos havia começado a lhe aparecer o fantasma da avó. Essa confissão despertou o interesse de Norton e de seus acompanhantes.

Você o viu?, perguntaram. Vi, disse o dono da galeria, de início só ouvia barulhos desconhecidos, como de água e borbulhar de água. Barulhos que eu nunca tinha ouvido antes nesta casa, se bem que, ao subdividi-la para vender os andares e, portanto, ao instalar novos equipamentos sanitários, alguma razão lógica talvez explicasse os barulhos, embora nunca os tivesse ouvido antes. Mas depois dos barulhos vieram os gemidos, uns ais que não eram precisamente de dor mas antes de espanto e frustração, como se o fantasma da avó percorresse sua antiga casa e não a reconhecesse, convertida que estava em várias casas menores, com paredes de que ela não lembrava e móveis modernos que a ela deviam parecer vulgares e espelhos onde nunca antes houve nenhum espelho.

Às vezes o dono, de tão deprimido que estava, ficava dormindo na loja. Não estava deprimido, claro, pelos barulhos ou gemidos do fantasma, mas pelo movimento de seu

negócio, à beira da ruína. Nessas noites podia ouvir os passos com total clareza, os gemidos da avó, que passeava pelo andar de cima como se não entendesse nada do mundo dos mortos e do mundo dos vivos. Uma noite, antes de fechar a galeria, ele a viu refletida no único espelho que havia, num canto, um velho espelho vitoriano de corpo inteiro que estava ali para que as clientes experimentassem os vestidos. Sua avó olhava um dos quadros pendurados na parede, depois desviava a vista para a roupa pendurada nos cabides e também olhava, como se aquilo fosse o cúmulo, as duas únicas mesas do estabelecimento.

Sua expressão era de horror, disse o dono. Aquela fora a primeira e a última vez que a tinha visto, mas de quando em quando tornava a ouvi-la passeando pelos andares de cima, onde seguramente se movia através das paredes que antes não existiam. Quando Espinoza perguntou pela natureza de seu antigo trabalho no Caribe, o dono sorriu tristemente e garantiu que não estava louco, como qualquer um poderia imaginar. Tinha sido espião, disse, da mesma forma que outros trabalham no censo ou em algum departamento de estatística. As palavras do dono da galeria, sem que eles pudessem precisar o porquê, os entristeceram muitíssimo.

Durante um seminário em Toulouse conheceram Rodolfo Alatorre, jovem mexicano entre cujas variadas leituras se encontrava a obra de Archimboldi. O mexicano, que tinha uma bolsa para a criação e que passava os dias empenhado, ao que parece em vão, em escrever um romance moderno, assistiu a algumas conferências e depois se apresentou a Norton e a Espinoza, que se livraram dele sem complacência, e depois a Pelletier, que o ignorou soberanamente, pois Alatorre nem sabia falar alemão, o que o desqualificava de antemão. O seminário de Toulouse, aliás, foi um sucesso de público, e entre aquela fauna de críticos e especialistas que se conheciam de congressos anteriores e que, pelo menos exteriormente, pareciam felizes em tornar a se ver e desejosos de dar seguimento a antigas discussões, o mexicano não tinha nada o que fazer salvo ir para casa, o que não queria pois sua casa era um quarto feioso de bolsista onde só o esperavam seus livros e manuscritos, ou ficar num canto e sorrir a torto e a direito fingindo estar concentrado em problemas de índole filosófica, que foi o que finalmente fez. Essa posição ou essa tomada de posição, não obstante, lhe permitiu concentrar-se em Morini, que, recluso em sua cadeira de rodas e respondendo distraidamente aos cumprimentos dos outros, aparentava ou assim pareceu a Alatorre um desamparo similar ao dele. Não demorou muito e, depois de se apresentar a Morini, o mexicano e o italiano perambulavam pelas ruas de Toulouse.

Primeiro falaram de Alfonso Reyes, que Morini conhecia passavelmente, depois de Sor Juana, de quem Morini não podia esquecer aquele livro escrito por Morino, aquele Morino que parecia ser ele mesmo, onde se resenhavam as receitas de cozinha da freira mexicana. Depois falaram do romance de Alatorre, o romance que ele pensava escrever e o único romance que já havia escrito, da vida de um jovem mexicano em Toulouse, dos dias de inverno que apesar de curtos se faziam interminavelmente longos, dos poucos amigos franceses que tinha (a bibliotecária, outro bolsista de nacionalidade equatoriana que só via de

vez em quando, o garçom de um bar cuja ideia de México parecia a Alatorre metade estrambótica, metade ofensiva), dos amigos que havia deixado no DF e aos quais, diariamente, escrevia longos e-mails monotemáticos sobre seu romance em curso e sobre a melancolia.

Um desses amigos do DF, segundo Alatorre, e disse isso inocentemente, com aquela pitada de fanfarronice pouco astuta dos escritores menores, tinha conhecido Archimboldi *fazia pouco tempo*.

No começo, Morini, que não prestava muita atenção nele e que se deixava arrastar pelos lugares que Alatorre considerava dignos de interesse, e que efetivamente, sem ser paradas turísticas obrigatórias, possuíam um interesse verdadeiro, como se a vocação secreta e autêntica de Alatorre, mais que a de romancista, fosse a de guia turístico, acreditou que o mexicano, o qual, de resto, só tinha lido dois romances de Archimboldi, fanfarronava ou havia entendido mal ou não sabia que Archimboldi estava desaparecido desde sempre.

A história que Alatorre contou sucintamente era esta: seu amigo, um ensaísta, romancista e poeta chamado Almendro, um cara de uns quarenta e tantos anos, mais conhecido entre os amigos pelo apelido de Porco, tinha recebido um telefonema à meia-noite. Depois de falar por um instante em alemão, Porco se vestiu e saiu de carro rumo a um hotel próximo do aeroporto da Cidade do México. Apesar de não haver muito trânsito naquela hora, chegou ao hotel depois da uma da manhã. No lobby do hotel encontrou um recepcionista e um policial. Porco mostrou sua identificação de alto funcionário do governo e subiu com o policial para um quarto do terceiro andar. Ali estavam mais dois policiais e um velho alemão que estava sentado na cama, despenteado, vestido com uma camiseta cinza e calça jeans, descalço, como se a chegada da polícia o houvesse surpreendido dormindo. Evidentemente o alemão, pensou o Porco, dormia vestido. Um dos policiais estava vendo tevê. O outro fumava encostado na parede. O policial que chegou com o Porco desligou a tevê e mandou que o seguissem. O policial que estava encostado na parede pediu explicações, mas o policial que tinha subido com o Porco lhe disse para ficar de bico calado. Antes que os policiais abandonassem o quarto, o Porco perguntou, em alemão, se tinham lhe roubado alguma coisa. O velho disse que não. Queriam dinheiro, mas não tinham roubado nada.

— Bom sinal — disse o Porco em alemão —, parece que estamos melhorando.

Depois perguntou aos policiais a que delegacia pertenciam e deixou-os ir embora. Quando os policiais já tinham ido, o Porco sentou ao lado da tevê e disse que sentia muito. O velho alemão se levantou da cama sem dizer nada e entrou no banheiro. Era enorme, o Porco escreveu a Alatorre. Quase dois metros. Ou um metro e noventa e cinco. Em todo caso: enorme e imponente. Quando o velho saiu do banheiro, o Porco se deu conta de que ele agora estava calçado e lhe perguntou se gostaria de sair para dar uma volta pelo DF ou ir tomar alguma coisa.

— Se estiver com sono — acrescentou —, diga que vou embora já.

— Meu avião parte às sete da manhã — respondeu o velho.

O Porco consultou o relógio, já passava das duas da manhã, e não soube o que dizer. Ele, como Alatorre, conhecia apenas a obra literária do velho, seus livros traduzidos em espanhol

eram publicados na Espanha e demoravam a chegar ao México. Três anos antes, quando dirigia uma editora, antes de se tornar um dos dirigentes culturais do novo governo, tentou publicar *Os bas-fonds de Berlim*, mas os direitos já tinham sido comprados por uma editora de Barcelona. O Porco se perguntou como, quem tinha dado ao velho seu telefone. Fazer-se essa pergunta, uma pergunta que não pensava responder de nenhuma maneira, já o deixou feliz, o encheu de uma felicidade que de certo modo o justificava como pessoa e como escritor.

— Podemos sair — disse —, estou a fim.

O velho pôs um casaco de couro por cima da camiseta cinzenta e o seguiu. Porco levou-o à praça Garibaldi. Quando chegaram não havia muita gente, a maioria dos turistas tinha voltado para seus hotéis e sobravam apenas bêbados e noctâmbulos, gente que ia jantar e rodas de mariachis que falavam do último jogo de futebol. Pelas ruas da praça deslizavam sombras que às vezes paravam e os observavam. O Porco apalpou a pistola que desde que trabalhava no governo costumava levar consigo. Entraram num bar e Porco pediu *tacos* de carne de porco. O velho tomou tequila e ele se conformou com uma cerveja. Enquanto o velho comia, Porco se pôs a pensar em como a vida muda. Menos de dez anos atrás, se tivesse entrado naquele mesmo bar e se posto a falar em alemão com um velhote comprido como aquele, não teria faltado alguém que o insultasse ou se sentisse, pelos motivos mais sem pé nem cabeça, ofendido. A briga iminente, então, teria acabado com o Porco pedindo desculpas ou dando explicações e convidando para uma rodada de tequila. Agora ninguém se metia com ele, como se o fato de levar uma pistola debaixo da camisa ou trabalhar num alto cargo do governo fosse uma aura de santidade que os valentões e os bêbados eram capazes de perceber de longe. Bando de escrotos covardes, pensou o Porco. Sacam quem eu sou e se cagam nas calças. Depois pôs-se a pensar em Voltaire (por que Voltaire, porra?) e depois se pôs a pensar numa velha ideia que rondava sua cabeça fazia um tempo, a de pedir uma embaixada na Europa, ou pelo menos uma adidância cultural, se bem que com os contatos que tinha o mínimo que podiam lhe dar era uma embaixada. O ruim é que numa embaixada só ia ter um salário, o salário de embaixador. Enquanto o alemão comia, Porco pôs na balança os prós e os contras de se ausentar do México. Entre os prós se encontrava, sem dúvida, poder retomar seu trabalho de escritor. Seduzia-o a ideia de viver na Itália ou perto da Itália e passar longas temporadas na Toscana e em Roma escrevendo um ensaio sobre Piranesi e suas prisões imaginárias, que ele via extrapoladas, mais que nas prisões mexicanas, no imaginário e na iconografia de algumas prisões mexicanas. Entre os contras estava, sem dúvida, a distância física do poder. Distanciar-se do poder nunca é bom, isso ele tinha descoberto bem cedo, antes de ascender ao poder real, quando dirigia a editora que tentou publicar Archimboldi.

— Escute — perguntou a este de repente —, não se dizia que ninguém nunca havia visto o senhor?

O velho fitou-o e sorriu educadamente para ele.

Naquela mesma noite, depois que Pelletier, Espinoza e Norton voltaram a ouvir dos lábios de Alatorre a história do alemão, telefonaram para Almendro, vulgo Porco, que não opôs nenhum reparo em relatar a Espinoza o que em linhas gerais Alatorre já lhes havia contado. A relação entre este e o Porco era, de certa maneira, uma relação professor-aluno ou uma relação irmão mais velho-irmão mais moço, de fato foi Porco que conseguiu a bolsa em Toulouse para Alatorre, o que de alguma maneira esclarecia o grau de apreço que o Porco sentia por seu irmãozinho, pois estava em seu poder conseguir bolsas mais vistosas e em paragens mais prestigiosas, para não falar de uma adidância cultural em Atenas ou em Caracas, que sem ser muito, são alguma coisa, e que Alatorre teria agradecido de coração, embora também, verdade seja dita, a bolsinha em Toulouse não tenha lhe caído mal. Para a próxima, tinha certeza, o Porco seria mais magnânimo com ele. Almendro, por sua vez, ainda não tinha feito cinquenta anos e sua obra, fora das fronteiras do DF, era incomensuravelmente desconhecida. Mas no DF, e em algumas universidades americanas, há que reconhecer, seu nome era familiar, até mesmo excessivamente familiar. De que maneira, pois, Archimboldi, supondo-se que aquele velho alemão fosse de fato Archimboldi e não um gozador, conseguiu seu telefone? Conforme o Porco acreditava, o telefone tinha sido fornecido por sua editora alemã, a senhora Bubis. Espinoza lhe perguntou, não sem certa perplexidade, se ele conhecia a insigne dama.

— Claro — disse o Porco —, estive numa festa em Berlim, numa charreada cultural com alguns editores alemães e fomos apresentados lá.

“Que diabos é uma charreada cultural?”, escreveu Espinoza num papel que todos viram e que só Alatorre, a quem era dirigido, foi capaz de decifrar.

— Devo ter dado meu cartão a ela — disse o Porco, que falava do DF.

— E seu cartão trazia seu telefone particular.

— Isso mesmo — confirmou o Porco. — Devo ter dado meu cartão A, no cartão B só consta o telefone do escritório. E no cartão C só o telefone da minha secretária.

— Entendo — disse Espinoza munindo-se de paciência.

— No cartão D não tem nada, está em branco, só meu nome e mais nada — disse o Porco, rindo.

— Sei, sei — fez Espinoza —, no cartão D só o seu nome.

— Isso — disse o Porco —, só o meu nome e ponto. Nem telefone nem trabalho nem rua onde moro nem nada, entende?

— Entendo — respondeu Espinoza.

— À senhora Bubis dei, obviamente, o cartão A.

— E ela deve tê-lo dado a Archimboldi — disse Espinoza.

— Correto — disse o Porco.

Porco ficou até as cinco da manhã com o velho alemão. Depois de comer (o velho estava com fome e pediu mais *tacos* e mais tequila, enquanto o Porco enfiava a cabeça como um avestruz em reflexões sobre a melancolia e o poder), foram dar uma volta nos arredores do

Zócalo, onde visitaram a praça e os sítios arqueológicos astecas que surgiam como lilás num terreno baldio, segundo a expressão do Porco, flores de pedra no meio de outras flores de pedra, uma desordem que certamente não ia levar a lugar nenhum, só a mais desordem, disse o Porco, enquanto ele e o alemão caminhavam pelas ruas no entorno do Zócalo, até a praça Santo Domingo, onde de dia, debaixo das arcadas, se postavam os escrivães com suas máquinas de escrever, para redigir cartas ou requerimentos de índole legal ou judicial. Depois foram ver o Anjo na Reforma, mas naquela noite o Anjo estava apagado e o Porco, enquanto giravam ao redor do quiosque, só pôde explicá-lo ao alemão, que olhava da janela aberta do carro para o alto.

Às cinco da manhã voltaram ao hotel. Porco esperou no lobby fumando um cigarro. Quando o velho saiu do elevador só trazia uma mala e vestia a mesma camiseta cinza e a calça jeans. As avenidas que levavam ao aeroporto estavam vazias e Porco furou vários sinais vermelhos. Procurou encontrar um tema de conversa mas foi impossível. Já tinha perguntado, enquanto comiam, se ele havia estado antes no México, e o velho respondera que não, o que era estranho, pois quase todos os escritores europeus em algum momento haviam estado lá. Mas o velho disse que aquela era a primeira vez. Perto do aeroporto havia mais carros e o tráfego deixou de fluir. Quando entraram no estacionamento o velho quis se despedir mas o Porco insistiu em acompanhá-lo.

— Me dê sua mala — disse.

A mala tinha rodinhas e não pesava nada. O velho voava do DF para Hermosillo.

— Hermosillo? — fez Espinoza. — Onde fica isso?

— No estado de Sonora — respondeu o Porco. — É a capital de Sonora, no noroeste do México, na fronteira com os Estados Unidos.

— O que o senhor vai fazer em Sonora? — perguntou o Porco.

O velho hesitou um momento antes de responder, como se houvesse esquecido como falar.

— Vou conhecer — respondeu.

Mas o Porco não tinha certeza. Talvez tenha dito aprender e não conhecer.

— Hermosillo? — perguntou o Porco.

— Não, Santa Teresa — disse o velho. — O senhor conhece?

— Não — disse o Porco —, estive algumas vezes em Hermosillo, dando conferências sobre literatura, faz tempo, mas nunca em Santa Teresa.

— Acho que é uma cidade grande — disse o velho.

— É grande, sim — disse o Porco —, tem fábricas e também problemas. Não creio que seja um lugar bonito.

Porco apresentou sua identificação e pôde acompanhar o velho até o portão de embarque. Antes de se despedirem lhe deu um cartão. Um cartão A.

— Se tiver algum problema, já sabe — falou.

— Muito obrigado — disse o velho.

Depois apertaram-se as mãos e Porco não tornou mais a vê-lo.

Optaram por não dizer a mais ninguém o que sabiam. Calar, julgaram, não era trair ninguém mas agir com a devida prudência e discrição que o caso fazia por merecer. Convenceram-se rapidamente de que era melhor ainda não criar falsas expectativas. Segundo Borchmeyer, naquele ano o nome de Archimboldi voltaria a soar entre os candidatos ao Prêmio Nobel. No ano anterior também seu nome havia estado entre as apostas do prêmio. Falsas expectativas. Segundo Dieter Hellfeld, um membro da academia sueca, ou o secretário de um membro da academia, tinha se posto em contato com sua editora para sondá-la acerca da atitude do escritor caso fosse premiado. Que podia dizer um homem de mais de oitenta anos? Que importância podia ter o Nobel para um homem de mais de oitenta anos, sem família, sem descendentes, sem um rosto conhecido? A senhora Bubis disse que ele ficaria encantado. Provavelmente sem consultar ninguém, pensando nos livros que seriam vendidos. Mas a baronesa se preocupava com os livros vendidos, com os livros que se acumulavam nos depósitos da editora Bubis de Hamburgo? Não, certamente não, disse Dieter Hellfeld. A baronesa rondava os noventa anos e não ligava a mínima para o estado do depósito. Viajava muito, Milão, Paris, Frankfurt. Às vezes podia ser vista conversando com a senhora Sellerio no estande da Bubis em Frankfurt. Ou na embaixada alemã em Moscou, com vestidos Chanel e dois poetas russos a tiracolo, dissertando sobre Bulgakov e sobre a beleza (incomparável!) dos rios russos no outono, antes dos gelos inverniais. Às vezes, disse Pelletier, dá a impressão de que a senhora Bubis se esqueceu da existência de Archimboldi. Isso, no México, é o que há de mais normal, comentou o jovem Alatorre. De qualquer modo, segundo Schwarz, a possibilidade existia, já que estava na lista dos favoritos. E talvez os acadêmicos suecos quisessem uma certa mudança. Um veterano, um desertor da Segunda Guerra Mundial que continua fugindo, um lembrete para a Europa em tempos convulsos. Um escritor de esquerda que até os situacionistas respeitavam. Um sujeito que não pretendia conciliar o irreconciliável, que é o que está na moda. Imagine, disse Pelletier, Archimboldi ganha o Nobel e bem nesse momento aparecemos nós, com Archimboldi pela mão.

Não se perguntaram o que Archimboldi estava fazendo no México. Por que alguém com mais de oitenta anos viaja a um país que nunca visitou? Interesse repentino? Necessidade de observar no terreno os cenários de um livro em curso? Era improvável, aduziram, entre outras razões porque os quatro acreditavam que não haveria mais livros de Archimboldi.

De forma tácita se inclinaram pela resposta mais fácil, mas também a mais descabida: Archimboldi tinha ido ao México fazer turismo, como tantos alemães e europeus da terceira idade. A explicação não se sustentava. Imaginaram um velho prussiano misantropo que uma manhã acorda e está louco. Avaliaram as possibilidades de demência senil. Descartaram as hipóteses e se ativeram às palavras do Porco. E se Archimboldi estivesse fugindo? E se Archimboldi, de repente, houvesse encontrado outra vez um motivo para fugir?

A princípio, Norton foi a mais reticente em sair à sua procura. A imagem deles regressando à Europa com Archimboldi pela mão lhe parecia a imagem de um grupo de

sequestradores. Claro, ninguém pensava em sequestrar Archimboldi. Nem mesmo submetê-lo a uma bateria de perguntas. Espinoza se conformava em vê-lo. Pelletier se conformava em lhe perguntar quem era a pessoa com cuja pele havia fabricado a máscara de couro do seu romance homônimo. Morini se conformava em ver as fotos que tirariam dele em Sonora.

Alatorre, a quem ninguém havia pedido a opinião, se conformava em iniciar uma amizade epistolar com Pelletier, Espinoza, Morini e Norton, e talvez, se não fosse incômodo, visitá-los de vez em quando em suas respectivas cidades. Só Norton tinha reservas. Mas acabou decidindo viajar. Creio que Archimboldi viva na Grécia, disse Dieter Hellfeld. Ou isso, ou está morto. Também há uma terceira opção, disse Dieter Hellfeld: que o autor que conhecemos pelo nome de Archimboldi seja na realidade a senhora Bubis.

— Sim, sim — disseram nossos quatro amigos —, a senhora Bubis.

* * *

Na última hora Morini decidiu não viajar. Sua saúde alquebrada, disse, o impedia. Marcel Schwob, que tinha uma saúde igualmente frágil, havia empreendido em 1901 uma viagem em piores condições para visitar o túmulo de Stevenson numa ilha do Pacífico. A viagem de Schwob teve muitos dias de duração, primeiro no *Ville de Ciotat*, depois no *Polynésienne* e depois no *Manapouri*. Em janeiro de 1902, pegou uma pneumonia e esteve a ponto de morrer. Schwob viajou com seu criado, um chinês chamado Ting, que enjoava a todo instante. Ou talvez só enjoasse se o mar estivesse ruim. Em todo caso, a viagem foi repleta de mar ruim e de enjoos. Numa ocasião Schwob, deitado em seu camarote, sentindo-se morrer, notou que alguém se deitava a seu lado. Ao se virar para ver quem era o intruso, descobriu seu empregado oriental, cuja pele estava verde como uma alface. Talvez só nesse momento se tenha dado conta da empreitada em que tinha se metido. Quando, ao fim de muitas tribulações, chegou a Samoa, não visitou o túmulo de Stevenson. Por um lado, estava doente demais e, por outro, para que visitar o túmulo de alguém que não morreu? Stevenson, e essa simples revelação ele devia à viagem, vivia nele.

Morini, que admirava (mais que admiração era carinho) Schwob, pensou de início que sua viagem a Sonora podia ser, em escala reduzida, uma espécie de homenagem ao escritor francês e também ao escritor inglês cujo túmulo o escritor francês foi visitar, mas quando voltou a Turim se deu conta de que não podia viajar. Assim, telefonou a seus amigos e mentiu que o médico lhe havia proibido terminantemente um esforço de tal natureza. Pelletier e Espinoza aceitaram as explicações e prometeram que telefonariam regularmente para mantê-lo informado da busca, desta vez definitiva, que iam empreender.

Com Norton foi diferente. Morini repetiu que não ia viajar. Que o médico proibia. Que pensava escrever para eles todos os dias. Até riu e se permitiu uma piada boba que Norton não entendeu. Uma piada de italianos. Um italiano, um francês e um inglês num avião onde só há dois paraquedas. Norton acreditou que se tratava de uma piada política. Na realidade era uma piada infantil, embora o italiano do avião (que perdia um primeiro motor, depois o outro e começava a cair) parecia, da maneira como Morini contava a piada, com Berlusconi.

Na realidade Norton mal abriu a boca. Fez ahá, ahá, ahá. Depois disse boa noite, Piero, num inglês muito meigo ou que pareceu a Morini insuportavelmente meigo, depois desligou.

De alguma maneira, Norton se sentiu insultada pela negativa de Morini de acompanhá-los. Não voltaram a se telefonar. Morini teria podido fazê-lo, mas a seu modo e antes que seus amigos empreendessem a busca de Archimboldi, ele, como Schwob em Samoa, já tinha iniciado uma viagem, uma viagem que não era em torno do sepulcro de um valente mas em torno de uma resignação, uma experiência em certo sentido nova, pois essa resignação não era o que comumente se chama resignação, nem mesmo paciência ou conformismo, mas era antes um estado de mansidão, uma humildade singular e incompreensível que o fazia chorar sem mais nem menos e em que sua própria imagem, o que Morini percebia de Morini, ia se diluindo de forma gradual e incontida, como um rio que deixa de ser rio ou como uma árvore que pega fogo no horizonte sem saber que está queimando.

Pelletier, Espinoza e Norton viajaram de Paris para o DF, onde o Porco os esperava. Passaram a noite num hotel e na manhã seguinte voaram para Hermosillo. Porco, que não entendia grande parte da história, estava encantado em atender tão ilustres acadêmicos europeus, embora estes, para seu desgosto, não houvessem aceitado dar nenhuma palestra na Bellas Artes ou na UNAM ou no Colegio de México.

Na noite que passaram no DF, Espinoza e Pelletier foram com o Porco ao hotel onde Archimboldi havia pernoitado. O recepcionista não viu nenhum inconveniente em deixá-los ver o computador. Com o mouse, Porco repassou os nomes que apareceram na tela iluminada e que correspondiam ao dia em que havia conhecido Archimboldi. Pelletier se deu conta de que ele tinha unhas sujas e compreendeu a razão do apelido.

— Está aqui — disse o Porco —, é este.

Pelletier e Espinoza procuraram o nome que o mexicano indicava. Hans Reiter. Pago em espécie. Não havia utilizado cartão nem aberto o frigobar. Depois voltaram para o hotel, embora o Porco tenha perguntado se não lhes interessava conhecer algum lugar típico. Não, disseram Espinoza e Pelletier, não nos interessa.

Enquanto isso Norton estava no hotel e embora não estivesse com sono havia apagado as luzes e deixara somente a televisão ligada, com o volume bem baixo. Pelas janelas abertas do seu quarto chegava um zumbido distante, como se a muitos quilômetros dali, numa zona da periferia da cidade, estivessem evacuando as pessoas. Pensou que era a tevê e desligou-a, mas o ruído persistia. Debruçou-se na janela e contemplou a cidade. Um mar de luzes vacilantes se estendia para o sul. O zumbido, com a metade do corpo para fora da janela, não se fazia ouvir. O ar era frio, achou-o agradável.

Na entrada do hotel um par de porteiros discutia com um hóspede e um taxista. O hóspede estava bêbado. Um dos porteiros o amparava pelo ombro e o outro escutava o que tinha a dizer o taxista, que, a julgar pela gesticulação que fazia, parecia cada vez mais excitado. Pouco depois um carro se deteve diante do hotel e ela viu descer Espinoza e Pelletier, seguidos pelo mexicano. Ali de cima não estava muito segura de que fossem seus amigos. Em todo caso, se eram, pareciam diferentes, andavam de outra maneira, muito mais viris, se isso era possível, embora a palavra virilidade, sobretudo aplicada à forma de andar, soasse monstruosa a Norton, um *nonsense* sem pé nem cabeça. O mexicano deu as chaves do carro a um dos porteiros, depois os três entraram no hotel. O porteiro que ficou com as chaves do carro do Porco entrou neste e então o taxista dirigiu sua gesticulação ao porteiro que amparava o bêbado. Norton teve a impressão de que o taxista exigia mais dinheiro e que o hóspede bêbado do hotel não queria pagar. Da sua posição, Norton acreditou que o bêbado talvez fosse americano. Usava uma camisa branca por fora da calça de brim, de cor clara, como um *cappuccino* ou um *frappé* de café. Sua idade era indiscernível. Quando o outro porteiro voltou, o taxista retrocedeu dois passos e disse algo a eles.

Sua atitude, pensou Norton, era ameaçadora. Então um dos porteiros, o que amparava o hóspede bêbado, deu um pulo e agarrou-o pelo colarinho. O taxista não esperava essa reação e só pôde retroceder, mas já era impossível se livrar do porteiro. Pelo céu, presumivelmente cheio de nuvens carregadas de poluição, apareceram as luzes de um avião. Norton ergueu a

vista, surpresa, pois então todo o ar começou a zumbir, como se milhões de abelhas rodeassem o hotel. Por um instante passou por sua cabeça a ideia de um terrorista suicida ou de um acidente aéreo. Na entrada do hotel os dois porteiros surravam o taxista, que estava no chão. Não se tratava de chutes contínuos. Digamos que davam quatro ou seis chutes e paravam, lhe davam oportunidade de ir embora, mas o taxista, que estava dobrado sobre o estômago, mexia a boca e os xingava, e então os porteiros davam outra série de chutes.

O avião desceu um pouco mais na escuridão, e Norton acreditou ver através das janelinhas os rostos expectantes dos passageiros. Depois o aparelho deu um giro e tornou a subir, e poucos segundos depois penetrou no ventre das nuvens. As luzes da cauda, centelhas vermelhas e azuis, foram a última coisa que viu antes que desaparecesse. Quando olhou para baixo um dos recepcionistas do hotel havia saído e levava, como um ferido, o hóspede bêbado que mal podia andar, enquanto os dois porteiros arrastavam o taxista não em direção ao táxi mas em direção ao estacionamento subterrâneo.

Seu primeiro impulso foi descer ao bar, onde encontraria Pelletier e Espinoza conversando com o mexicano, mas afinal decidiu fechar a janela e ir para a cama. O zumbido continuava e Norton pensou que devia ser do ar-condicionado.

* * *

— Há uma espécie de guerra entre taxistas e porteiros — disse o Porco. — Uma guerra não declarada, com seus altos e baixos, momentos de grande tensão e momentos de cessar-fogo.

— E agora, o que vai acontecer? — perguntou Espinoza.

Estavam sentados no bar do hotel, junto de uma das vidraças que davam para a rua. Lá fora o ar tinha uma textura líquida. Água negra, azeviche, dava vontade de passar a mão em seu lombo e acariciá-la.

— Os porteiros darão uma lição no taxista e este vai levar muito tempo até voltar ao hotel — disse o Porco. — É por causa das gorjetas.

Depois Porco puxou a sua agenda eletrônica e eles copiaram em suas respectivas cadernetas o telefone do reitor da Universidade de Santa Teresa.

— Conversei com ele hoje — disse o Porco — e pedi que ajudasse vocês em tudo o que fosse possível.

— Quem vai tirar o taxista daqui? — perguntou Pelletier.

— Sairá por conta própria — disse o Porco. — Vão lhe dar uma sova em regra dentro do estacionamento, depois o acordarão com uns baldes de água fria para que vá para o carro e caia fora.

— Mas se os porteiros e taxistas estão em guerra, como fazem os hóspedes quando precisam de um táxi? — perguntou Espinoza.

— Ah, nesse caso o hotel chama uma companhia de radiotáxi. Os radiotáxis estão em paz

com todo mundo — explicou o Porco.

Quando saíram para se despedir dele na entrada do hotel viram o taxista emergir capengando do estacionamento. Estava com o rosto intacto e a roupa não parecia molhada.

— Com certeza fez um trato — disse o Porco.

— Um trato?

— Um trato com os porteiros. Dinheiro — disse o Porco —, deve ter dado dinheiro para eles.

Pelletier e Espinoza, por um segundo, imaginaram que o Porco ia pegar o táxi, que estava parado a poucos metros dali, na calçada em frente, e que tinha um aspecto de abandono absoluto, mas com um gesto da cabeça Porco ordenou a um dos porteiros que fosse buscar seu carro.

Na manhã seguinte voaram para Hermosillo e do aeroporto telefonaram para o reitor da Universidade de Santa Teresa, depois alugaram um carro e partiram para a fronteira. Ao saírem do aeroporto os três perceberam a luminosidade do estado de Sonora. Era como se a luz se afundasse no oceano Pacífico produzindo uma enorme curvatura no espaço. Dava fome se deslocar sob aquela luz, mas também, pensou Norton, e talvez de forma mais peremptória, dava vontade de aguentar a fome até o fim.

Entraram pelo sul de Santa Teresa e a cidade lhes pareceu um enorme acampamento de ciganos ou de refugiados dispostos a se porem em marcha ao menor sinal. Alugaram três quartos no quarto andar do Hotel México. Os três quartos eram iguais, mas na realidade estavam cheios de pequenos sinais que os tornavam diferentes. No quarto de Espinoza havia um quadro de grandes proporções onde se viam o deserto e um grupo de homens a cavalo, do lado esquerdo, usando camisas bege, como se fossem do exército ou de um clube de equitação. No quarto de Norton havia dois espelhos em vez de um. O primeiro espelho estava junto da porta, como nos outros quartos, o segundo estava na parede do fundo, junto da janela que dava para a rua, de maneira que se você adotasse determinada posição, os dois espelhos se refletiam. No quarto de Pelletier faltava um pedaço do vaso sanitário. À primeira vista não se via, mas ao levantar a tampa da privada o pedaço que faltava se tornava presente, de forma repentina, quase como um latido. Como diabos ninguém consertou isto?, pensou Pelletier. Norton nunca tinha visto um vaso naquelas condições. Faltavam uns vinte centímetros. Debaixo da louça branca havia um material vermelho, como barro de tijolo, com forma de biscoitos untados de gesso. A porção que faltava tinha forma de meia-lua. Era como se a tivessem arrancado a martelo. Ou como se alguém houvesse levantado outra pessoa que estava no chão e estatelado sua cabeça no vaso, pensou Norton.

O reitor da Universidade de Santa Teresa lhes pareceu um sujeito amável e tímido. Era

muito alto e tinha a pele ligeiramente bronzada, como se realizasse todos os dias longos passeios meditabundos pelo campo. Convidou-os a tomar um café e ouviu as explicações deles com paciência e um interesse mais fingido que real. Depois levou-os para dar uma volta pela universidade, assinalando os edifícios e indicando a que faculdades pertenciam. Quando Pelletier, para mudar de assunto, falou da luz de Sonora, o reitor se espraçou sobre os pores do sol no deserto e mencionou alguns pintores, cujos nomes eles desconheciam, que tinham se instalado em Sonora ou no vizinho Arizona.

De regresso à reitoria, tornou a lhes oferecer café e perguntou em que hotel estavam hospedados. Quando lhe disseram, anotou o nome do hotel num papel que guardou no bolso de cima do paletó, depois convidou-os a jantar em sua casa. Pouco depois eles foram embora. Enquanto percorriam o trecho entre a reitoria e o estacionamento viram um grupo de estudantes dos dois sexos andando por um gramado justo no momento em que se punham em funcionamento os esguichos do sistema de irrigação. Os estudantes soltaram um grito e saíram correndo, afastando-se dali.

Antes de voltarem ao hotel deram uma volta pela cidade. Pareceu tão caótica que caíram na risada. Até então não estavam de bom humor. Observavam as coisas e ouviam as pessoas que podiam ajudá-los, mas unicamente como parte de uma estratégia maior. Durante a volta ao hotel desapareceu a sensação de estar num meio hostil, se bem que hostil não fosse a palavra, um meio cuja linguagem se negavam a reconhecer, um meio que corria paralelo a eles e no qual só podiam se impor, ser sujeitos, unicamente erguendo a voz, discutindo, coisa que não tinham a intenção de fazer.

No hotel encontraram um bilhete de Augusto Guerra, o diretor da Faculdade de Filosofia e Letras. O bilhete era dirigido a seus “colegas” Espinoza, Pelletier e Norton. Queridos colegas, havia escrito sem um pinga de ironia. Isso os fez rir mais ainda, mas logo em seguida os entristeceu, pois o ridículo de um “colega”, a seu modo, construía pontes de concreto armado entre a Europa e aquele rincão transumante. É como ouvir uma criança chorar, disse Norton. Em seu bilhete, Augusto Guerra, além de lhes desejar uma boa estadia em sua cidade, lhes falava de um certo professor Amalfitano, “especialista em Benno von Archimboldi”, o qual se apresentaria diligentemente no hotel naquela mesma tarde para ajudá-los em tudo o que fosse possível. A despedida estava adornada com uma frase poética que comparava o deserto a um jardim petrificado.

À espera do especialista em Benno von Archimboldi, decidiram não sair do hotel, uma decisão que pelo que viram através das janelas do bar compartilhavam com um grupo de turistas americanos que estavam se embriagando conscienciosamente no terraço engalanado com algumas variedades de cactos surpreendentes, alguns com quase três metros de altura. De vez em quando um dos turistas se levantava da mesa, se aproximava dos balaústres cobertos de plantas quase secas e dava uma olhada na avenida. Depois, trôpego, voltava para junto de seus companheiros e companheiras e passado um instante todos riam, como se o que tivesse levantado lhes contasse uma piada picante mas muito engraçada. Não havia

nenhum jovem entre eles, mas também não havia nenhum velho, era um grupo de turistas quarentões e cinquentões que provavelmente naquele mesmo dia ia voltar para os Estados Unidos. Pouco a pouco o terraço do hotel foi se enchendo de mais gente, até não sobrar mais nenhuma mesa livre. Quando do leste começou a avançar a noite, pelos alto-falantes do terraço se ouviram as primeiras notas de uma canção de Willy Nelson.

Um dos bebedores, ao reconhecê-la, soltou um grito e se levantou. Espinoza, Pelletier e Norton acreditaram que ele ia sair dançando, mas em vez disso se aproximou do parapeito do terraço, espichou o pescoço para fora, olhou para cima, para baixo, e depois voltou tranquilamente a sentar ao lado da sua mulher e dos seus amigos. Esses caras estão meio loucos, disseram Espinoza e Pelletier. Norton, pelo contrário, pensou que algo estranho estava acontecendo, na avenida, no terraço, nos quartos do hotel, inclusive no DF com aqueles taxistas e porteiros irrealistas ou, pelo menos, sem um nexos lógico pelo qual ela pudesse captá-los, e inclusive algo estranho, que escapava à sua compreensão, estava acontecendo na Europa, no aeroporto de Paris onde os três tinham se reunido, e talvez antes, com Morini e sua negativa de acompanhá-los, com aquele jovem meio repulsivo que conheceram em Toulouse, com Dieter Hellfeld e suas repentinas notícias sobre Archimboldi. E inclusive algo estranho acontecia com Archimboldi e com tudo o que Archimboldi contava, e com ela mesma, irreconhecível, embora só esporadicamente, que lia, anotava e interpretava os livros de Archimboldi.

— Pediu que consertem a privada do seu quarto? — perguntou Espinoza.

— Sim, pedi que dessem um jeito — respondeu Pelletier. — Mas na recepção me sugeriram trocar de quarto. Queriam me pôr no terceiro andar. Então eu disse que tudo bem, que eu pensava ficar no *meu* quarto e que eles podiam consertar o vaso quando eu fosse embora. Prefiro que continuemos juntos — disse Pelletier com um sorriso.

— Fez bem — falou Espinoza.

— O recepcionista me disse que queriam mudar a privada do banheiro mas que não encontravam o modelo apropriado. Não queriam que eu fosse embora com uma má impressão do hotel. Um sujeito amável, afinal de contas — disse Pelletier.

A primeira impressão que os críticos tiveram de Amalfitano foi mais para ruim, perfeitamente de acordo com a mediocridade do lugar, só que o lugar, a extensa cidade no deserto, podia ser visto como algo típico, algo cheio de cor local, mais uma prova da riqueza muitas vezes atroz da paisagem humana, enquanto Amalfitano só podia ser visto como um naufrago, um sujeito descuidado no vestir, um professor inexistente de uma universidade inexistente, o soldado raso de uma batalha perdida de antemão contra a barbárie, ou, em termos menos melodramáticos, como o que ele finalmente era: um melancólico professor de filosofia pastando em seu próprio campo, o lombo de um animal caprichoso e infantilóide que teria engolido Heidegger de uma só vez, na hipótese de que Heidegger houvesse tido o

azar de nascer na fronteira mexicano-americana. Espinoza e Pelletier viram nele um tipo fracassado, fracassado sobretudo porque havia vivido e ensinado na Europa, porque tratava de se proteger com uma camada de dureza, mas cuja delicadeza intrínseca o denunciava no ato. A impressão de Norton, pelo contrário, foi a de um tipo muito triste, que se apagava a passos de gigante e que a última coisa que desejava era lhes servir de guia por aquela cidade.

Naquela noite os três críticos foram se deitar relativamente cedo. Pelletier sonhou com a privada do seu banheiro. Um ruído abafado o acordava, ele se levantava nu e via por baixo da porta que alguém havia acendido a luz do banheiro. No começo achava que era Norton, ou até Espinoza, mas ao se aproximar mais já sabia que não podia ser nenhum dos dois. Ao abrir a porta, o banheiro estava vazio. No chão via grandes manchas de sangue. A banheira e a cortina da banheira exibiam crostas não totalmente endurecidas de uma matéria que a princípio Pelletier achava que era barro ou vômito, mas não demorava a descobrir que era merda. O asco que a merda produzia nele era muito maior que o medo que o sangue produzia. Na primeira ânsia de vômito despertou.

Espinoza sonhou com o quadro do deserto. No sonho, Espinoza se erguia até ficar sentado na cama e dali, como se visse televisão numa tela de mais de um metro e meio por um metro e meio, podia contemplar o deserto estático e luminoso, de um amarelo solar que machucava os olhos, e as figuras montadas a cavalo, cujos movimentos, os dos cavaleiros e os dos cavalos, mal eram perceptíveis, como se habitassem um mundo diferente do nosso, onde a velocidade era diferente, uma velocidade que para Espinoza era lentidão, embora ele soubesse que, graças a essa lentidão, quem quer que fosse o observador do quadro não ficava louco. E depois havia as vozes. Espinoza as ouviu. Vozes apenas audíveis, no início só fonemas, curtos gemidos lançados como meteoritos sobre o deserto e sobre o espaço armado do quarto do hotel e do sonho. Algumas palavras soltas, sim, foi capaz de reconhecer. Rapidez, pressa, velocidade, ligeiriza. As palavras abriam caminho através do ar rarefeito do quadro como raízes viróticas em meio à carne morta. Nossa cultura, dizia uma voz. Nossa liberdade. A palavra liberdade soava para Espinoza como uma chicotada numa sala vazia. Quando acordou estava suando.

No sonho de Norton ela se via refletida nos dois espelhos. Num de frente e no outro de costas. Seu corpo estava ligeiramente enviesado. Com certeza era impossível dizer se esperava avançar ou retroceder. A luz do quarto era escassa e matizada, como a de um entardecer inglês. Não havia nenhuma lâmpada acesa. Sua imagem nos espelhos aparecia vestida como para sair, com um *tailleur* cinza e, coisa curiosa, pois Norton nunca usava esse adereço, um chapeuzinho cinzento que evocava as páginas de moda dos anos 50. Provavelmente usava sapatos de salto alto, pretos, embora não pudesse vê-los. A imobilidade do seu corpo, algo nele que induzia a pensar no inerte e também no inerme, a levava a se perguntar, no entanto, o que estava esperando para sair, que aviso aguardava para sair do campo em que os dois espelhos se olhavam, abrir a porta e desaparecer. Teria ouvido um barulho no corredor? Teria alguém tentado abrir sua porta? Um hóspede perdido do hotel?

Um empregado, alguém enviado pela recepção, uma faxineira? O silêncio, não obstante, era total e tinha, além do mais, algo de calmo, dos longos silêncios que precedem a noite. De repente Norton se deu conta de que a mulher refletida no espelho não era ela. Sentiu medo e curiosidade e ficou quieta, observando, se isso era possível, mais detidamente a figura no espelho. Objetivamente, disse consigo mesma, é igual a mim e não tenho nenhuma razão de pensar o contrário. Sou eu. Mas depois atentou para o pescoço: uma veia inchada, como se estivesse a ponto de rebentar, o percorria desde a orelha até se perder na omoplata. Uma veia que, mais que real, parecia desenhada. Então Norton pensou: preciso ir embora daqui. E percorreu o quarto com os olhos tentando descobrir o lugar exato em que se encontrava a mulher, mas foi impossível vê-la. Para que se refletisse nos dois espelhos, disse para si, tinha de estar bem entre o pequeno corredor de entrada e o quarto. Mas não a viu. Ao fitá-la nos espelhos notou uma mudança. O pescoço da mulher se mexia de forma quase imperceptível. Eu também estou sendo refletida nos espelhos, se disse Norton. E se ela continuar se movendo finalmente ambas nos fitaremos. Veremos nossos rostos. Norton cerrou os punhos e esperou. A mulher do espelho também cerrou os punhos, como se o esforço que fazia fosse sobre-humano. A tonalidade da luz que entrava no quarto se tornou cinzenta; Norton teve a impressão de que lá fora, nas ruas, tinha se desatado um incêndio. Começou a suar. Abaixou a cabeça e fechou os olhos. Quando voltou a olhar para os espelhos, a veia inchada da mulher havia aumentado de volume e seu perfil começava a se insinuar. Tenho de fugir, pensou. Também pensou: onde estão Jean-Claude e Manuel? Também pensou em Morini. Só viu uma cadeira de rodas vazia e atrás dela um bosque enorme, impenetrável, de um verde quase preto, que demorou a reconhecer como o Hyde Park. Quando abriu os olhos o olhar da mulher do espelho e o dela se cruzaram em algum ponto indeterminado do quarto. Os olhos dela eram iguais aos seus. Os pômulos, os lábios, a testa, o nariz. Norton começou a chorar ou acreditou que chorava de pena ou de medo. É igual a mim, mas está morta. A mulher ensaiou um sorriso e depois, quase sem transição, uma careta de medo desfigurou seu rosto. Sobressaltada, Norton olhou para trás, mas atrás não havia ninguém, só a parede do quarto. A mulher tornou a sorrir para ela. Desta vez o sorriso não foi precedido por uma careta mas por uma expressão de profundo abatimento. Depois a mulher tornou a sorrir e seu rosto se fez ansioso e depois inexpressivo e depois nervoso e depois resignado e depois passou por todas as expressões da loucura e sempre voltava a sorrir para ela, enquanto Norton, recuperado o sangue-frio, havia pegado uma caderneta e tomava notas muito rápidas de tudo o que acontecia, como se naquilo estivesse resumido seu destino ou sua cota de felicidade na Terra, e assim ficou até acordar.

Quando Amalfitano lhes disse que em 1974 havia traduzido para uma editora argentina *A rosa ilimitada*, a opinião dos críticos mudou. Quiseram saber onde ele tinha aprendido alemão, como havia conhecido a obra de Archimboldi, que livros dele havia lido, que opinião tinha dele. Amalfitano disse que tinha aprendido alemão no Chile, no Colégio Alemão, de que foi aluno desde pequeno, se bem que ao fazer quinze anos tenha ido estudar,

por motivos que não vinham ao caso, num colégio público. Entrou em contato com a obra de Archimboldi, se bem lembrava, aos vinte anos, quando havia lido, em alemão, pegando os livros emprestados numa biblioteca de Santiago, *A rosa ilimitada*, *A máscara de couro* e *Rios da Europa*. Naquela biblioteca só havia esses três livros e *Bifurcaria bifurcata*, mas este último ele começou e não pôde terminar. Era uma biblioteca pública enriquecida com os fundos de um senhor alemão que havia acumulado muitíssimos livros nessa língua e que antes de morrer os doou à sua comuna, no bairro de Ñuñoa, em Santiago.

Claro, a opinião que Amalfitano tinha de Archimboldi era boa, embora distasse muito da adoração que os críticos sentiam pelo autor. Para Amalfitano, por exemplo, Günter Grass ou Arno Schmidt pareciam tão bons quanto. Quando os críticos quiseram saber se a tradução de *A rosa ilimitada* havia sido ideia sua ou encomenda dos editores, Amalfitano respondeu que, se bem lembrava, foram os editores daquela editora argentina que tiveram a ideia. Naquela época, falou, eu traduzia tudo o que podia, e além disso trabalhava como revisor de provas. A edição, pelo que sabia, havia sido uma edição pirata, mas só pensou nisso muito depois e não tinha como confirmar.

Quando os críticos, já muito mais benevolentes com o seu aparecimento, lhe perguntaram o que fazia na Argentina em 1974, Amalfitano olhou para eles, depois olhou para sua margarita e disse, como se já houvesse repetido isso muitas vezes, que em 1974 ele estava na Argentina por causa do golpe de Estado no Chile, que o obrigou a tomar o caminho do exílio. E depois pediu desculpas por essa forma um tanto grandiloquente de se expressar. Vício se pega, disse, mas nenhum dos críticos deu maior importância a esta última frase.

— O exílio deve ser algo terrível — disse Norton, compreensiva.

— Na verdade — disse Amalfitano —, eu agora o vejo como um movimento natural, algo que, a seu modo, contribui para abolir o destino ou o que comumente se considera o destino.

— Mas o exílio — disse Pelletier — é cheio de inconvenientes, de saltos e rupturas que mais ou menos se repetem e que dificultam qualquer coisa importante que a gente se proponha fazer.

— É precisamente aí — replicou Amalfitano — que está a abolição do destino. E me desculpem mais uma vez.

Na manhã seguinte encontraram Amalfitano à espera deles no lobby do hotel. Se o professor chileno não estivesse ali eles certamente teriam se contado os pesadelos daquela noite e quem sabe o que teria vindo à luz. Mas Amalfitano estava ali e os quatro foram juntos tomar o café da manhã e planejar as atividades do dia. Examinaram as possibilidades. Em primeiro lugar estava claro que Archimboldi não tinha aparecido na universidade. Pelo menos não na Faculdade de Filosofia e Letras. Não existia um consulado alemão em Santa Teresa, de modo que qualquer movimento nesse sentido estava descartado de antemão. Perguntaram a Amalfitano quantos hotéis havia na cidade. Ele respondeu que não sabia mas que podia averiguar logo, assim que acabassem o café da manhã.

— De que maneira? — quis saber Espinoza.

— Perguntando na recepção — disse Amalfitano. — Lá eles devem ter uma lista completa de todos os hotéis e motéis dos arredores.

— Claro — disseram Pelletier e Norton.

Enquanto acabavam de tomar o café especularam uma vez mais sobre quais podiam ser os motivos que haviam impulsionado Archimboldi a viajar até aquele lugar. Amalfitano soube então que ninguém nunca havia visto Archimboldi em pessoa. A história lhe pareceu divertida, sem que pudesse dizer de ciência certa por quê, e perguntou a eles os motivos pelos quais queriam encontrá-lo, se estava claro que Archimboldi não queria que ninguém o visse. Porque nós estudamos sua obra, disseram os críticos. Porque ele está morrendo e não é justo que o melhor escritor alemão do século XX morra sem poder falar com quem melhor leu seus romances. Porque queremos convencê-lo de que volte para a Europa, disseram.

— Eu acreditava — disse Amalfitano — que o melhor escritor alemão do século XX era Kafka.

Bom, então o melhor escritor alemão do pós-guerra ou o melhor escritor alemão da segunda metade do século XX, disseram os críticos.

— Vocês leram Peter Handke? — perguntou Amalfitano a eles. — E Thomas Bernhard?

Ufa, fizeram os críticos, e a partir desse momento até que deram por encerrado o café da manhã Amalfitano foi atacado até ficar reduzido a uma espécie de Periquito Sarnento,* aberto de cima a baixo e sem uma só peninha.

Na recepção forneceram a lista dos hotéis da cidade. Amalfitano sugeriu que telefonassem da universidade, pois ao que parece a relação entre Guerra e os críticos era ótima, ou o respeito que Guerra tinha pelos críticos era reverencial e não isento de tremores, tremores por sua vez não isentos de vaidade ou coqueteria, mas também há que acrescentar que na esteira da coqueteria ou dos tremores se entocava a astúcia, porque embora a disposição favorável de Guerra fosse ditada pelo desejo do reitor Negrete, não escapava a Amalfitano que Guerra pensava tirar partido da visita dos ilustres professores europeus, sobretudo se for levado em conta que o futuro é um mistério e que a gente nunca sabe de ciência certa em que momento o caminho dá uma virada e para que estranhos lugares nossos passos nos encaminham. Mas os críticos se negaram a utilizar o telefone da universidade e fizeram as chamadas de seus próprios quartos.

Para ganhar tempo, Espinoza e Norton ligaram do quarto de Espinoza, e Amalfitano e Pelletier do quarto do francês. Ao cabo de uma hora o resultado não podia ser mais desencorajador. Em nenhum hotel tinha se registrado nenhum Hans Reiter. Ao fim de duas horas decidiram suspender as chamadas e descer ao bar para tomar um drinque. Só restavam uns poucos hotéis e alguns motéis dos arredores da cidade. Ao observar a lista com maior atenção, Amalfitano lhes disse que a maioria dos motéis que apareciam na lista eram lugares de passagem, prostíbulos encobertos, locais onde era difícil imaginar um turista alemão.

— Não estamos procurando um turista alemão mas Archimboldi — replicou Espinoza.

— Isso é verdade — disse Amalfitano, e imaginou, efetivamente, Archimboldi num motel.

A pergunta é o que Archimboldi veio fazer nesta cidade, disse Norton. Depois de discutir um instante, os três críticos chegaram à conclusão, e Amalfitano concordou com eles, de que ele só podia ter vindo a Santa Teresa ver um amigo ou colher informações para um próximo romance ou por ambas as razões. Pelletier ficou inclinado à possibilidade do amigo.

— Um velho amigo — conjecturou —, quer dizer, um alemão como ele.

— Um alemão que não via fazia muitos anos, poderíamos dizer desde o fim da Segunda Guerra Mundial — disse Espinoza.

— Um companheiro de exército, alguém que significou muito para Archimboldi e que desapareceu mal terminou a guerra ou talvez até antes de terminar a guerra — disse Norton.

— Alguém que, no entanto, sabe que Archimboldi é Hans Reiter — disse Espinoza.

— Não necessariamente, talvez o amigo de Archimboldi não tenha nem ideia de que Hans Reiter e Archimboldi são a mesma pessoa, ele só conhece Reiter e sabe como entrar em contato com Reiter, e pouca coisa mais — disse Norton.

— Mas isso não é tão fácil — disse Pelletier.

— Não, não é tão fácil, pois pressupõe que Reiter, desde a última vez que viu seu amigo, digamos em 1945, não tenha *mudado* de endereço — disse Amalfitano.

— Estatisticamente não há nenhum alemão nascido em 1920 que não tenha mudado de endereço pelo menos uma vez na vida — disse Pelletier.

— Por isso, pode ser que o amigo não tenha entrado em contato com ele, mas sim que o próprio Archimboldi é que tenha entrado em contato com seu amigo — disse Espinoza.

— Amigo ou amiga — disse Norton.

— Eu me inclino a acreditar mais num amigo do que numa amiga — disse Pelletier.

— A não ser que não se trate nem de um amigo nem de uma amiga, e todos nós estejamos aqui dando tiros no escuro — disse Espinoza.

— Tem de ser um amigo, um amigo muito querido, tão querido a ponto de forçar Archimboldi a fazer essa viagem — disse Pelletier.

— E se estivermos enganados? E se Almendro nos mentiu ou se confundiu ou mentiram para ele? — perguntou Norton.

— Que Almendro? Héctor Enrique Almendro? — perguntou Amalfitano.

— Ele mesmo, conhece? — perguntou Espinoza.

— Pessoalmente, não, mas eu não daria crédito excessivo a uma pista de Almendro — respondeu Amalfitano.

— Por quê? — perguntou Norton.

— Bom, é o típico intelectual mexicano preocupado basicamente em sobreviver — respondeu Amalfitano.

— Todos os intelectuais *latino-americanos* estão basicamente preocupados em sobreviver, não? — disse Pelletier.

— Eu não diria isso com essas palavras, há alguns que estão mais interessados em escrever, por exemplo — disse Amalfitano.

— Explique isso direito — disse Espinoza.

— Na verdade, não sei como explicar — disse Amalfitano. — A relação com o poder dos intelectuais mexicanos vem de longe. Não digo que todos sejam assim. Há exceções notáveis. Também não digo que os que se entregam o façam de má-fé. E tampouco que essa *entrega* seja uma entrega em regra. Digamos que é só um emprego. Mas um emprego no Estado. Na Europa os intelectuais trabalham em editoras ou na imprensa ou são sustentados pela mulher ou seu país têm uma boa condição e lhes dão uma mesada ou são operários e delinquentes e vivem honestamente de seus trabalhos. No México, e pode ser que o exemplo seja extensível a toda a América Latina, menos à Argentina, os intelectuais trabalham para o Estado. Era assim com o PRI e continua sendo assim com o PAN. O intelectual, por sua vez, pode ser um fervoroso defensor do Estado ou um crítico do Estado. Isso, para o Estado, pouco importa. O Estado o alimenta e observa em silêncio. Com sua enorme coorte de escritores que poderíamos dizer inúteis, o Estado faz alguma coisa. O quê? Exorciza demônios, muda ou pelo menos tenta influir no tempo mexicano. Acrescenta camadas de cal numa cova que ninguém sabe se existe ou não. Claro, isso nem sempre é assim. Um intelectual pode trabalhar na universidade ou, melhor que isso, pode ir trabalhar numa universidade americana, cujos departamentos de literatura são tão ruins quanto os das universidades mexicanas, mas isso não os põe a salvo de receber um telefonema altas horas da noite em que alguém, falando em nome do Estado, lhe ofereça um trabalho melhor, um emprego mais bem remunerado, algo que o intelectual crê merecer, e os intelectuais *sempre* creem merecer algo *mais*. Essa mecânica, de alguma maneira, corta as orelhas dos escritores mexicanos. Enlouquece-os. Alguns, por exemplo, se metem a traduzir poesia japonesa sem saber japonês, e outros se entregam direto à bebida. Para não ir mais longe, Almendro creio que faz ambas as coisas. A literatura no México é como um jardim de infância, uma creche, um kindergarten, uma escolinha, não sei se me entendem. O clima é bom, faz sol, você pode sair de casa, sentar num parque, abrir um livro de Valéry, talvez o escritor mais lido pelos escritores mexicanos, depois ir à casa dos amigos e conversar. Mas a sua sombra não segue mais você. Em algum momento, ela o abandonou silenciosamente. Você faz como se não se desse conta, mas se deu conta sim, a fodida da sua sombra não vai mais com você, mas, bom, isso pode ser explicado de muitas formas, a posição do sol, o grau de inconsciência que o sol provoca nas cabeças sem chapéu, a quantidade de álcool ingerida, o movimento como que de tanques subterrâneos de dor, o medo de coisas mais contingentes, uma doença que se insinua, a vaidade ferida, o desejo de ser pontual pelo menos uma vez na vida. O caso é que a sua sombra se perde e você, momentaneamente, a esquece. E você chega assim, sem sombra, a uma espécie de cenário e se põe a traduzir ou reinterpretar ou cantar a realidade. O cenário propriamente dito é um proscênio e no fundo do proscênio há um tubo enorme, algo como uma mina ou a entrada de uma mina de proporções gigantescas. Digamos que é uma caverna. Mas também podemos dizer que é uma mina. Da boca da mina saem ruídos ininteligíveis. Onomatopeias, fonemas furibundos ou sedutores ou sedutoramente furibundos ou pode ser que só murmúrios e sussurros e gemidos. O caso é que ninguém vê, ver mas ver mesmo, a entrada da mina. Uma máquina, um jogo de luzes e de sombras, uma

manipulação no tempo furta o verdadeiro contorno da boca ao olhar dos espectadores. Na realidade, só os espectadores que estão mais próximos do proscênio, junto do fosso da orquestra, podem ver, detrás da cerrada rede de camuflagem, o contorno de algo, não o verdadeiro contorno, mas sim, pelo menos, o contorno de algo. Os outros espectadores não veem nada mais além do proscênio e se poderia dizer que tampouco lhes interessa ver nada. Por sua vez, os intelectuais sem sombra estão sempre *de costas* e, portanto, a não ser que tivessem olhos na nuca, é impossível verem o que quer que seja. Eles só escutam os ruídos que saem do fundo da mina. E os traduzem ou reinterpretam ou recriam. Seu trabalho, nem é preciso dizer, é paupérrimo. Empregam a retórica ali onde se intui um furacão, tentam ser eloquentes ali onde intuem a fúria desbragada, procuram ater-se à disciplina da métrica ali onde só resta um silêncio ensurdecador e inútil. Dizem piu-piu, au-au, miau-miau, porque são incapazes de imaginar um animal de proporções colossais ou a ausência de um animal. O cenário em que trabalham, aliás, é muito bonito, muito bem pensado, muito atraente, mas suas dimensões, com o passar do tempo, são cada vez menores. Esse apequenamento do cenário não o desvirtua de maneira nenhuma. Simplesmente cada vez é menor, também as plateias são menores, e os espectadores, naturalmente, são cada vez mais escassos. Junto a esse cenário, claro, há outros cenários. Cenários novos que cresceram com o passar do tempo. Tem-se o cenário da pintura, que é enorme e cujos espectadores são poucos, mas todos, para dizer de algum modo, são elegantes. Tem-se o cenário do cinema e da televisão. Aqui a lotação é enorme, está sempre cheio e o proscênio cresce a bom ritmo ano após ano. Vez por outra, os intérpretes do cenário dos intelectuais passam, como atores convidados, para o cenário da televisão. Nesse cenário a boca da mina é a mesma, com uma ligeiríssima mudança de perspectiva, embora talvez a camuflagem seja mais densa e, paradoxalmente, esteja preñhe de um humor misterioso e que, no entanto, fede. Essa camuflagem humorística, naturalmente, se presta a muitas interpretações, que finalmente sempre se reduzem, para maior facilidade do público ou do olho coletivo do público, a duas. Vez por outra, os intelectuais se instalam para sempre no proscênio televisivo. Da boca da mina continuam saindo rugidos, e os intelectuais continuam a interpretá-los mal. Na realidade, eles, que em teoria são os amos da linguagem, nem sequer são capazes de enriquecê-la. Suas melhores palavras são palavras emprestadas, que ouvem os espectadores da primeira fila dizer. A esses espectadores costuma-se chamar de *flagelantes*. Estão doentes e a cada certo tempo inventam palavras atrozes e seu índice de mortalidade é elevado. Quando acaba a jornada de trabalho fecham-se os teatros e tapam-se as bocas das minas com grandes chapas de aço. Os intelectuais se retiram. A lua é gorda e o ar noturno é de uma pureza tal que parece alimentício. Em alguns bares se ouvem canções cujas notas chegam às ruas. Às vezes um intelectual desvia, penetra num desses bares e bebe mescal. Pensa então no que aconteceria se um dia ele. Mas não. Não pensa nada. Só bebe e canta. Às vezes alguém acredita ver um escritor alemão legendário. Na realidade só viu uma sombra, em certas ocasiões só viu a *própria* sombra, que volta para casa todas as noites para evitar que o intelectual estoure ou se enforque no portão. Mas ele jura que viu um escritor alemão e nessa convicção se resume sua felicidade, sua ordem, sua vertigem, seu senso da gandaia. Na

manhã seguinte faz um dia bonito. O sol crepita, mas não queima. Você pode sair de casa razoavelmente tranquilo, arrastando a sua sombra, parar num parque e ler umas páginas de Valéry. E assim até o fim.

— Não entendi nada do que você disse — disse Norton.

— Na verdade, eu só disse besteira — falou Amalfitano.

Mais tarde ligaram para os hotéis e motéis que faltavam e em nenhum deles estava hospedado Archimboldi. Durante algumas horas pensaram que Amalfitano tinha razão, que a pista de Almendro era provavelmente fruto da sua imaginação febril, que a viagem de Archimboldi ao México só existia nos meandros mentais do Porco. Passaram o resto do dia lendo e bebendo, e nenhum dos três se animou a sair do hotel.

Naquela noite, enquanto conferia sua correspondência eletrônica no computador do hotel, Norton recebeu um e-mail de Morini. Em sua mensagem Morini falava do tempo, como se não tivesse nada melhor a dizer, da chuva que começou a cair obliquamente sobre Turim às oito da noite e não parou até a uma da manhã, e desejava a Norton, de coração, um tempo melhor no norte do México, onde segundo acreditava não chovia nunca e só fazia frio de noite, e isso unicamente no deserto. Naquela noite, também, depois de responder a algumas mensagens (não à de Morini), Norton subiu para o seu quarto, penteou-se, escovou os dentes, passou creme hidratante no rosto, ficou um instante sentada na cama, com os pés no chão, pensando, depois saiu ao corredor, bateu na porta de Pelletier e depois na porta de Espinoza e, sem dizer palavra, os conduziu ao seu quarto, onde fez amor com os dois até as cinco da manhã, hora em que os críticos, por indicação de Norton, voltaram a seus respectivos quartos, onde de pronto caíram num sono profundo, sono que não pegou Norton, a qual arrumou um pouco os lençóis da cama e apagou as luzes do quarto, mas não conseguiu fechar os olhos.

Pensou em Morini, melhor dizendo, viu Morini sentado na cadeira de rodas diante de uma janela do seu apartamento em Turim, um apartamento que ela não conhecia, olhando para a rua e as fachadas dos edifícios vizinhos e observando como caía incessante a chuva. Os edifícios em frente eram cinzentos. A rua era escura e ampla, uma avenida, mas não passava um só carro, com algumas árvores raquíticas plantadas a cada vinte metros, parecia uma piada de mau gosto do prefeito ou do urbanista do município. O céu era uma manta tapada por uma manta que por sua vez tapava outra manta mais grossa e mais úmida ainda. A janela pela qual Morini observava o exterior era grande, quase uma janela de sacada, mais estreita do que larga e, isso sim, muito comprida e limpa, a ponto de se poder dizer que o vidro, pelo qual escorriam as gotas de chuva, mais do que vidro era puro cristal. As esquadrias da janela eram de madeira pintada de branco. O quarto estava com as luzes acesas. O assoalho reluzia,

as estantes de livros pareciam ordenadas com esmero, nas paredes estavam penduradas umas poucas pinturas de um bom gosto invejável. Não havia tapetes, e os móveis, um sofá de couro preto e duas poltronas de couro branco, não atrapalhavam de modo algum o livre trânsito da cadeira de rodas. Atrás da porta, de folha dupla, que permanecia entreaberta, estendia-se um corredor às escuras.

E que dizer sobre Morini? Sua posição na cadeira de rodas expressava um certo grau de abandono, como se a contemplação da chuva noturna e da vizinhança adormecida satisfizesse a todas as suas expectativas. Às vezes apoiava os dois braços na cadeira, outras vezes apoiava a cabeça numa mão e o cotovelo no braço da cadeira. Suas pernas inermes, como as pernas de um adolescente agônico, estavam enfiadas num jeans talvez largo demais. Vestia uma camisa branca, com os botões do colarinho desabotoados, e no pulso esquerdo trazia um relógio cuja pulseira era larga para ele, mas não tão grande que pudesse cair. Não calçava sapatos, mas chinelos, de tecido preto e reluzente como a noite. Toda a roupa era cômoda, para andar em casa, e pela atitude de Morini quase se podia afirmar que no dia seguinte não tinha intenção de ir trabalhar ou que pensava chegar tarde ao trabalho.

A chuva, do outro lado da janela, tal como dizia em seu e-mail, caía obliquamente e a lassidão de Morini, sua quietude e abandono tinham algo de mortalmente camponês, submetido de corpo e alma à insônia, sem uma queixa.

No dia seguinte saíram para dar uma volta pelo mercado de artesanato, inicialmente concebido como lugar de comércio e escambo para as pessoas dos arredores de Santa Teresa, e aonde acorriam artesãos e camponeses de toda a região, levando seus produtos em carroças ou em lombo de burro, inclusive vendedores de gado de Nogales e de Vicente Guerrero, e negociantes de cavalos de Agua Prieta e Cananea, mas que agora se mantinha unicamente para turistas americanos de Phoenix, que chegavam de ônibus ou em caravanas de três ou quatro carros e que partiam da cidade antes do anoitecer. Os críticos, no entanto, gostaram do mercado e embora não pensassem em comprar nada, Pelletier acabou adquirindo por um preço irrisório uma figurinha de barro de um homem sentado numa pedra lendo o jornal. O homem era louro e na sua testa despontavam dois chifrinhos de diabo. Espinoza, por sua vez, comprou um tapete indígena de uma moça que tinha uma barraca de tapetes e ponchos. O tapete, na realidade, não lhe agradava muito, mas a moça era simpática e levou um bom tempo conversando com ela. Perguntou de onde era, pois tinha a impressão de que havia viajado com seus tapetes vindo de um lugar muito distante, mas a moça respondeu que de Santa Teresa mesmo, de um bairro a oeste de onde ficava o mercado. Também disse que estava fazendo o curso preparatório para a universidade e que se as coisas corressem bem pensava estudar enfermagem. Espinoza achou a moça não só bonita, talvez pequenina demais para seu gosto, mas também inteligente.

Amalfitano esperava-os no hotel. Convidaram-no para almoçar e depois os quatro saíram para visitar os jornais que havia em Santa Teresa. Neles, folhearam todos os exemplares de um mês antes de quando Almendro tinha visto Archimboldi no DF, até os exemplares do dia

anterior. Não encontraram um único sinal que indicasse que Archimboldi havia passado pela cidade. Procuraram primeiro nas notas necrológicas. Depois mergulharam em Sociedade e Política e leram até as notas de Agricultura e Pecuária. Um dos jornais não tinha suplemento cultural. Outro dedicava uma página por semana para fazer a resenha de um livro e informar sobre as atividades artísticas de Santa Teresa, porém melhor seria se houvesse dedicado a página aos Esportes. Às seis da tarde se separaram do professor chileno na porta de um dos jornais e voltaram ao hotel. Tomaram um banho e depois cada um se dedicou a olhar sua correspondência. Pelletier e Espinoza escreveram a Morini contando os magros resultados obtidos. Em ambas as cartas anunciavam que, se nada mudasse, em breve, no máximo num par de dias, regressariam à Europa. Norton não escreveu a Morini. Não havia respondido à sua missiva anterior e não tinha vontade de enfrentar aquele Morini imóvel que contemplava a chuva, como se tivesse querido lhe dizer algo e no último segundo houvesse preferido não o fazer. Em vez disso, e sem dizer nada a seus dois amigos, telefonou para Almendro, no DF, e após algumas tentativas infrutíferas (a secretária do Porco e, depois, sua empregada não sabiam inglês, embora as duas se esforçassem) pôde se comunicar com ele.

Com uma paciência invejável, o Porco tornou a lhe contar, num inglês burilado em Stanford, tudo o que havia acontecido desde que o chamaram daquele hotel onde Archimboldi estava sendo interrogado por três policiais. Tornou a narrar, sem cair em contradições, seu primeiro encontro com ele, o instante que passaram na praça Garibaldi, a volta ao hotel onde Archimboldi pegou a mala e a ida até o aeroporto, uma ida um tanto silenciosa, onde Archimboldi pegou o avião rumo a Hermosillo e nunca mais tornou a vê-lo. A partir desse momento, Norton se limitou a lhe perguntar sobre o físico de Archimboldi. Alto, mais de um metro e noventa, cabelos brancos, abundantes, embora calvo na parte da nuca, magro, seguramente forte.

— Um supervelho — disse Norton.

— Não, eu não diria isso — replicou o Porco. — Quando abriu a mala vi muitos remédios. Tinha a pele cheia de manchas. Às vezes parece se cansar muito, mas se recupera ou simula se recuperar com facilidade.

— Como são seus olhos? — perguntou Norton.

— Azuis — disse o Porco.

— Não, eu sei que são azuis, li todos os livros dele mais de uma vez, é impossível que não sejam azuis, quero dizer como eram, que impressão os olhos dele causaram no senhor.

Do outro lado do telefone se fez um silêncio prolongado, como se o Porco não esperasse essa pergunta de modo algum ou como se essa pergunta ele próprio já se tivesse feito muitas vezes, sem encontrar ainda uma resposta.

— Difícil responder — disse o Porco.

— O senhor é a única pessoa que pode responder a essa pergunta, ninguém o vê há muito tempo, sua situação, permita-me dizer, é privilegiada — retrucou Norton.

— *Híjole!* — exclamou o Porco.

— O quê? — fez Norton.

— Nada, nada, estou pensando — disse o Porco.

E ao cabo de um segundo falou:

— Tem olhos de cego, não digo que esteja cego, mas são iguaizinhos aos de um cego, é possível que eu esteja enganado.

Naquela noite foram à festa que o reitor Negrete dava em homenagem aos três, mas só ficaram sabendo mais tarde que a festa era em homenagem a eles. Norton passeou pelos jardins da casa e admirou as plantas que a mulher do reitor ia identificando uma a uma, mas logo esqueceu todos os nomes. Pelletier papeou longamente com o diretor Guerra e com outro professor da universidade que havia feito sua tese em Paris sobre um mexicano que escrevia em francês (um mexicano que escrevia em francês?), sim, sim, um sujeito muito singular e curioso, bom escritor, que o professor universitário nomeou várias vezes (um tal de Fernández?, um tal de García?), um homem com um destino um tanto turbulento pois havia sido colaboracionista, sim, sim, amigo íntimo de Céline e de Drieu La Rochelle, e discípulo de Maurras, que a Resistência francesa fuzilou, não Maurras, o mexicano, que soube, sim, sim, se comportar como homem até o fim, não como muitos dos seus colegas franceses que fugiram para a Alemanha com o rabo entre as pernas, mas esse Fernández ou García (ou López ou Pérez?) não se mexeu de casa, esperou como um mexicano que fossem buscá-lo e suas pernas não fraquejaram quando o levaram para a rua (arrastado?) e o jogaram contra uma parede, onde o fuzilaram.

Espinoza, por sua vez, ficou sentado o tempo todo ao lado do reitor Negrete e de vários diretores da mesma idade do anfitrião, que só sabiam falar espanhol e um pouco, muito pouco, de inglês, e teve de aguentar uma conversa dedicada a elogiar os últimos sinais do progresso irrefreável de Santa Teresa.

A nenhum dos três críticos passou despercebido o acompanhante que Amalfitano teve a noite toda. Um jovem bonitão e atlético, de pele muito branca, que grudou no professor chileno feito carrapato e que de quando em quando gesticulava de maneira teatral e fazia caretas como se estivesse ficando louco, e outras vezes ficava somente a ouvir o que Amalfitano dizia, negando sempre com a cabeça, pequenos movimentos de negação quase espasmódicos, como se só a contragosto acatasse as regras universais do diálogo ou como se as palavras de Amalfitano (admoestações, a julgar por sua cara) nunca acertassem no alvo.

Do jantar saíram várias propostas e uma suspeita. As propostas eram: dar uma palestra na universidade sobre literatura espanhola contemporânea (Espinoza), dar uma palestra sobre literatura francesa contemporânea (Pelletier), dar uma palestra sobre literatura inglesa contemporânea (Norton), dar uma aula magistral sobre Benno von Archimboldi e a literatura alemã do pós-guerra (Espinoza, Pelletier e Norton), participar de um colóquio sobre as relações econômicas e culturais entre Europa e México (Espinoza, Pelletier e Norton, mais o diretor Guerra e dois professores de economia da universidade), visitar os contrafortes da Sierra Madre e finalmente participar de um churrasco de carneiro num

rancho próximo de Santa Teresa, churrasco esse que prometia ser concorridíssimo, com a presença de muitos professores, numa paisagem, segundo Guerra, de singular beleza, embora o reitor Negrete tenha esclarecido que a paisagem era um tanto bravia e que, às vezes, era até chocante.

A suspeita era: cabia a possibilidade de que Amalfitano fosse homossexual e de que aquele jovem veemente fosse seu amante, horrenda suspeita pois antes que a noite acabasse ficaram sabendo que o jovem em questão era o filho unigênito do diretor Guerra, chefe direto de Amalfitano, braço direito do reitor e que, ou muito se enganavam, ou Guerra não tinha a menor ideia das encencas em que seu filho andava metido.

— Isso pode terminar em tiros — comentou Espinoza.

Depois falaram de outras coisas e mais tarde foram dormir, esgotados.

No dia seguinte deram uma volta de carro por toda a cidade, deixando-se levar pelo acaso, sem nenhuma pressa, como se de fato esperassem encontrar andando por uma calçada um velho alemão de grande estatura. A zona oeste da cidade era muito pobre, com a maioria das ruas sem asfalto e um mar de casas construídas com pressa e materiais catados no lixo. O centro da cidade era antigo, com velhos edifícios de três ou quatro andares, praças rodeadas de arcadas que ruíam no abandono e ruas calçadas de pedra percorridas a toda a pressa por jovens empregados de escritório em mangas de camisa e índias com trouxas nas costas, e viram putas e jovens cafetões se divertindo nas esquinas, gravuras mexicanas extraídas de um filme em branco e preto. A leste ficavam os bairros de classe média e de classe alta. Lá viram avenidas com árvores cuidadas, parques infantis públicos e shopping centers. Lá também ficava a universidade. Ao norte encontraram fábricas e galpões abandonados, e uma rua cheia de bares, lojas de suvenires e pequenos hotéis que, diziam, nunca dormia, e na periferia mais bairros pobres, embora menos caóticos, e terrenos baldios onde se erguia de vez em quando uma escola. Ao sul descobriram ferrovias e campos de futebol para indigentes rodeados de barracos, e até assistiram a uma partida, sem descer do carro, entre um time de agonizantes e outro de famintos terminais, e duas estradas que saíam da cidade, e um barranco que tinha se transformado em lixão, e bairros que cresciam pernetas ou manetas ou cegos e de vez em quando, ao longe, as estruturas de um depósito industrial, o horizonte das empresas maquiadoras.

A cidade, como toda cidade, era inesgotável. Se você continuasse avançando, digamos, para o leste, chegava um momento em que os bairros de classe média acabavam e apareciam, como um reflexo do que acontecia no oeste, os bairros miseráveis, que aqui se confundiam com uma orografia mais acidentada: morros, várzeas, restos de velhos ranchos, leitos de rios secos que contribuíam para evitar a aglomeração. Na parte norte viram uma cerca que separava os Estados Unidos do México e, do lado de lá da cerca, contemplaram, desta vez descendo do carro, o deserto do Arizona. Na parte oeste rodearam um par de parques industriais que por sua vez estavam sendo rodeados por favelas.

Tiveram a certeza de que a cidade crescia a cada segundo. Viram, nos extremos de Santa

Teresa, bandos de aves negras, vigilantes, andando por pastos ermos, pássaros que por aqui chamavam de *auras* (os de cabeça vermelha) e também *gallinazos* e *zopilotes*, e que nada mais eram que urubus pequenos, comedores de carniça. Onde havia urubus, comentaram, não havia outras aves. Tomaram tequila com cerveja e comeram *tacos* no terraço panorâmico de um motel na estrada de Santa Teresa a Caborca. O céu, ao entardecer, parecia uma flor carnívora.

Quando regressaram, Amalfitano os esperava em companhia do filho de Guerra, o qual os convidou para jantar num restaurante especializado em comida do norte. O local tinha seu encanto, mas acharam a comida horrível. Descobriram, ou acreditaram descobrir, que a relação entre o professor chileno e o filho do diretor era mais socrática do que homossexual, e isso de algum modo os tranquilizou, pois de forma inexplicável os três tinham se afeiçoado a Amalfitano.

Durante três dias viveram como que submersos num mundo submarino. Procuravam na tevê as notícias mais bizarras e extraordinárias, reliam os romances de Archimboldi que de repente não entendiam mais, faziam longas sestas, de noite eram os últimos a abandonar o terraço, falavam das suas infâncias como nunca antes tinham feito. Pela primeira vez sentiram-se, os três, como irmãos ou como soldados veteranos de uma companhia de choque para os quais a maioria das coisas não interessa mais. Enchiam a cara e se levantavam muito tarde e só de vez em quando condescendiam em sair com Amalfitano para passear pela cidade, para visitar os lugares interessantes da cidade que eventualmente podiam atrair um hipotético turista alemão de idade.

E, sim, de fato, participaram do churrasco de carneiro, e seus movimentos foram comedidos e discretos, como os de três astronautas recém-chegados a um planeta onde tudo era incerto. No quintal em que se fazia o churrasco contemplaram inúmeros buracos fumegantes. Os professores da Universidade de Santa Teresa demonstraram inusitados dotes para os labores do campo. Dois deles apostaram uma corrida de cavalos. Outro cantou um *corrido* de 1915. Num curral com reses bravias alguns tentaram a sorte no laço, com fortuna desigual. Quando apareceu o reitor Negrete, que havia ficado encerrado na casa-grande com um sujeito que parecia o capataz do rancho, trataram de desenterrar o churrasco, e um cheiro de carne e terra quente se estendeu pelo quintal na forma de uma fina cortina de fumaça que envolveu a todos como a névoa que precede os assassinatos e que se esfumou de maneira misteriosa, enquanto as mulheres levavam os pratos para a mesa, deixando as roupas e a pele impregnadas do aroma deles.

Naquela noite, talvez por efeito do churrasco e da bebida ingerida, os três tiveram pesadelos de que, quando despertaram, apesar do esforço, não puderam se lembrar. Pelletier sonhou com uma página, uma página que ele olhava na frente e no verso, de todas as formas possíveis, mexendo a página e às vezes mexendo a cabeça, cada vez mais rápido, mas sem encontrar nenhum sentido nela. Norton sonhou com uma árvore, um carvalho inglês que ela levantava e mudava de um lugar para o outro do prado, sem que nenhum a satisfizesse plenamente. O carvalho às vezes não tinha raízes, outras vezes arrastava raízes compridas como serpentes ou como a cabeleira da Górgona. Espinoza sonhou com uma moça que vendia tapetes. Ele queria comprar um tapete, qualquer tapete, e a moça lhe mostrava muitos tapetes, um atrás do outro, sem parar. Seus braços finos e morenos nunca paravam, e isso o impedia, a ele, de falar, o impedia de dizer a ela uma coisa importante, de pegá-la pela mão e tirá-la dali.

Na manhã seguinte Norton não desceu para o café da manhã. Ligaram para ela, pensando que se sentia mal, mas Norton garantiu que estava apenas com vontade de dormir, que se virassem sem ela. Desanimados, esperaram Amalfitano, depois saíram de carro para o noroeste da cidade, onde um circo estava sendo montado. Segundo Amalfitano, no circo havia um ilusionista alemão chamado Doktor Koenig. Soube disso na noite anterior, ao voltar do churrasco e encontrar um anúncio não muito maior que uma folha de caderno, que alguém havia se dado ao trabalho de deixar em todos os quintais do bairro. No dia seguinte, na esquina onde esperava o ônibus para a universidade, viu um cartaz em cores colado numa parede azul-celeste que anunciava os astros do circo. Entre eles estava o ilusionista alemão, e Amalfitano pensou que esse tal de Doktor Koenig podia ser o disfarce de Archimboldi. Examinada com frieza, a ideia era cretina, pensou, mas do jeito que andava baixo o ânimo dos críticos, pareceu-lhe pertinente sugerir uma visita ao circo. Quando contou a ideia aos críticos, estes olharam para ele como se olha para o mais tapado da classe.

— O que Archimboldi poderia fazer num circo? — disse Pelletier já no carro.

— Não sei — respondeu Amalfitano —, os especialistas são vocês, eu só sei que é o primeiro alemão que encontramos.

O circo se chamava Circo Internacional, e uns homens que montavam a lona mediante um complicado sistema de cordas e polias (ou assim pareceu aos críticos) indicaram o trailer em que o dono morava. Este era um chicano de uns cinquenta anos que havia trabalhado por muito tempo em circos europeus que percorriam o continente, de Copenhague a Málaga, apresentando-se em cidadezinhas pequenas com sorte desigual, até que decidiu voltar para Earlimart, Califórnia, de onde era natural, e fundou seu próprio circo. Chamou-o de Circo Internacional porque uma das suas ideias originais era ter artistas de todo o mundo, embora na verdade a maioria deles fossem mexicanos e americanos, se bem que de vez em quando aparecia algum centro-americano buscando trabalho e uma vez teve um domador canadense

de setenta anos que nenhum outro circo dos Estados Unidos queria. Seu circo era modesto, disse, mas era o primeiro circo cujo dono era um chicano.

Quando não estava viajando podia ser encontrado em Bakersfield, que não fica longe de Earlimart, onde tinha seus quartéis de inverno, se bem que às vezes se estabelecia em Sinaloa, México, não por muito tempo, só o suficiente para fazer uma viagem ao DF e fechar contratos em localidades do sul, até a fronteira com a Guatemala, de onde voltavam a subir até Bakersfield. Quando os estrangeiros perguntaram pelo Doktor Koenig, o empresário quis saber se havia algum contencioso ou dívida entre eles e seu ilusionista, ao que Amalfitano se apressou em responder que não, que o que é que é isso, que estes senhores aqui eram respeitadíssimos professores universitários da Espanha e da França respectivamente, e que ele próprio, sem ir mais longe e guardando as devidas proporções, era professor da Universidade de Santa Teresa.

— Ah, bom — fez o chicano —, sendo assim vou levá-los ao Doktor Koenig, que também, creio eu, foi professor universitário.

O coração dos críticos deu um pinote ao ouvir semelhante declaração. Depois seguiram o empresário por entre os trailers e jaulas rolantes do circo até chegar ao que, para todos os efeitos, era o limite do acampamento. Além dali só havia terra amarela, um ou outro casebre negro e a cerca da fronteira mexicano-americana.

— Ele gosta de tranquilidade — disse o empresário sem que ninguém tivesse perguntado nada.

Com os nós dos dedos bateu na porta do pequeno trailer do ilusionista. Alguém abriu a porta e uma voz vinda do escuro perguntou o que queriam. O empresário disse que era ele e que trazia uns amigos europeus que queriam cumprimentá-lo. Entrem, disse a voz, e eles subiram o único degrau e penetraram no trailer cujas duas únicas janelas, só um pouco maiores que uma vigia, estavam com as cortinas fechadas.

— Vamos ver onde nos acomodamos — disse o empresário, e ato contínuo abriu as cortinas.

Estirado na única cama viram um sujeito calvo, de pele olivácea, vestindo unicamente um enorme short preto, que olhou para eles pestanejando com dificuldade. O sujeito não podia ter mais de sessenta anos, se tanto, o que o descartava de imediato, mas decidiram ficar um instante e, pelo menos, agradecer por tê-los recebido. Amalfitano, que era o que de melhor humor estava, explicou a ele que estavam procurando um amigo alemão, um escritor, e que não conseguiam encontrá-lo.

— E acreditaram que iam encontrá-lo no meu circo? — fez o empresário.

— Ele não, mas alguém que o conhecesse — esclareceu Amalfitano.

— Nunca empreguei um escritor — disse o empresário.

— Não sou alemão — disse o Doktor Koenig —, sou americano, me chamo Andy López.

Acompanhou essas palavras tirando de uma sacola pendurada num cabide sua carteira de dinheiro e estendendo-lhes sua carteira de motorista.

— Em que consiste seu número de ilusionismo? — perguntou Pelletier em inglês.

— Começo fazendo desaparecer pulgas — respondeu o Doktor Koenig, e os cinco caíram

na risada.

— É a pura verdade — confirmou o empresário.

— Depois faço desaparecer pombos, depois faço desaparecer um gato, depois um cachorro e encerro meu número fazendo desaparecer um menino.

Depois de saírem do Circo Internacional, Amalfitano convidou-os para comer em sua casa.

Espinoza saiu ao quintal dos fundos e viu um livro pendurado num varal. Não quis se aproximar para ver de que livro se tratava, mas quando entrou de volta na casa perguntou por ele a Amalfitano.

— É o *Testamento geométrico*, de Rafael Dieste — respondeu Amalfitano.

— Rafael Dieste, um poeta galego — disse Espinoza.

— Ele mesmo — confirmou Amalfitano —, mas este não é um livro de poesia, e sim de geometria, as coisas que passaram pela cabeça de Dieste quando ele era professor secundário.

Espinoza traduziu para Pelletier o que Amalfitano tinha dito.

— E está pendurado no varal? — fez Pelletier com um sorriso.

— É — respondeu Espinoza enquanto Amalfitano procurava na geladeira algo que pudessem comer —, como se fosse uma camisa posta para secar.

— Gosta de feijão? — perguntou Amalfitano.

— Qualquer coisa, qualquer coisa, já nos acostumamos com tudo — respondeu Espinoza.

Pelletier se aproximou da janela e observou o livro, cujas páginas se moviam imperceptivelmente com a suave brisa da tarde. Depois saiu, foi até ele e examinou-o.

— Não despendure — ouviu Espinoza dizer às suas costas.

— Este livro não foi posto aqui para secar, está aqui há muito tempo — disse Pelletier.

— Também imaginei algo assim — disse Espinoza —, mas é melhor não tocar nele e voltarmos para dentro.

Da janela Amalfitano observava os dois, mordendo os lábios, mas esse gesto nele, e naquele preciso instante, não era uma expressão de desespero ou de impotência e sim de profunda, incomensurável tristeza.

Quando os críticos fizeram a primeira menção de dar meia-volta, Amalfitano retrocedeu e voltou rapidamente para a cozinha, onde fingiu estar concentradíssimo preparando a comida.

De volta ao hotel Norton lhes comunicou que ia embora no dia seguinte e eles receberam a notícia sem surpresa, como se a esperassem fazia tempo. O voo que Norton havia conseguido saía de Tucson e, apesar dos protestos dela, que queria pegar um táxi, decidiram levá-la ao aeroporto. Naquela noite conversaram até tarde, contaram a Norton a visita que tinham feito ao circo e lhe asseguraram que se tudo continuasse daquele jeito eles não demorariam mais de três dias para ir embora. Depois Norton foi dormir e Espinoza propôs que passassem juntos aquela terceira última noite em Santa Teresa. Norton não entendeu e

disse que só ela partia, que para eles ainda restavam mais noites naquela cidade.

— Quero dizer os três juntos — disse Espinoza.

— Na cama? — perguntou Norton.

— É, na cama — disse Espinoza.

— Não me parece uma boa ideia — replicou Norton —, prefiro dormir sozinha.

De modo que a acompanharam até o elevador, depois voltaram ao bar e pediram dois Bloody Mary, e enquanto esperavam permaneceram em silêncio.

— Dei um fora — disse Espinoza quando o barman trouxe as bebidas.

— Acho que sim — disse Pelletier.

— Você percebeu — perguntou Espinoza depois de outro silêncio — que durante toda a viagem só estivemos uma vez na cama com ela?

— Claro que percebi — disse Pelletier.

— E de quem é a culpa — perguntou Espinoza —, dela ou nossa?

— Não sei — respondeu Pelletier —, a verdade é que estes dias não tive muita vontade de fazer amor. E você?

— Eu também não — disse Espinoza.

Tornaram a se calar um momento.

— Suponho que algo parecido acontece com ela — disse Pelletier.

Saíram de Santa Teresa bem cedinho. Antes telefonaram para Amalfitano, lhe disseram que iam aos Estados Unidos e que provavelmente estariam fora o dia todo. Na fronteira a polícia aduaneira americana pediu os documentos do carro e deixou-os passar. Seguindo as instruções do recepcionista do hotel, pegaram uma estrada não pavimentada e por um tempo atravessaram uma região cheia de riachos e matas, como se houvessem enveredado por engano numa redoma com um ecossistema próprio. Por um instante pensaram que não iam chegar a tempo na aeroporto e até que não iam chegar nunca a lugar nenhum. Mas a estrada não pavimentada acabava em Sonoita e ali pegaram a estrada 83 até a rodovia 10 que os levou direto a Tucson. No aeroporto ainda tiveram tempo de tomar um café e falar do que fariam quando voltassem a se encontrar na Europa. Aí Norton teve de passar pelo portão de embarque e depois de meia hora seu avião levantou voo rumo a Nova York, onde faria conexão com outro que a deixaria em Londres.

Para voltar pegaram a rodovia 19 que ia até Nogales, mas desviaram pouco depois de Río Rico e começaram a bordear a fronteira do lado do Arizona até Lochiel, onde tornaram a entrar no México. Estavam com fome e sede mas não pararam em nenhuma cidade. Às cinco da tarde chegaram ao hotel e depois de tomar banho desceram para comer um sanduíche e telefonar para Amalfitano. Este falou para não saírem do hotel, que ia pegar um táxi e estaria lá em menos de dez minutos. Não temos a menor pressa, lhe disseram.

A partir desse momento a realidade, para Pelletier e Espinoza, pareceu se rasgar como um

cenário de papel, e ao cair deixou ver o que havia por trás: uma paisagem fumegante, como se alguém, talvez um anjo, estivesse fazendo centenas de churrascos para uma multidão de seres invisíveis. Deixaram de levantar cedo, deixaram de comer no hotel, com os turistas americanos, e se transferiram para o centro da cidade, optando por locais escuros para o café da manhã (cerveja e *chilaquiles* picantes) e por locais com grandes vidraças onde os garçons, no vidro, escreviam com tinta branca os pratos do menu, do almoço. Os jantares, em qualquer lugar.

Aceitaram a proposta do reitor e fizeram duas conferências sobre literatura francesa e espanhola atuais, que mais do que conferências pareceram carnificinas e que pelo menos tiveram a virtude de deixar tremendo os espectadores, gente jovem na maioria, leitores de Michon e Rolin, ou leitores de Marías e Vila-Matas. Depois, e desta vez juntos, deram a aula magistral sobre Benno von Archimboldi, com uma disposição, mais que de carneiros, de tripeiros ou de evisceradores, mas algo, a princípio indiscernível, algo que evocava, embora em silêncio, um encontro não casual, refreou seus impulsos: entre o público, sem contar Amalfitano, havia três jovens leitores de Archimboldi que quase os fizeram chorar. Um deles, que sabia francês, havia levado inclusive um dos livros traduzidos por Pelletier. Eram possíveis os milagres, pois. As livrarias da internet funcionavam. A cultura, apesar dos desaparecimentos e da culpa, continuava viva, em permanente transformação, como não demoraram a comprovar quando os jovens leitores de Archimboldi, terminada a conferência, foram, a pedido expresso de Pelletier e Espinoza, à sala de honra da universidade onde se serviu um banquete, melhor dizendo um coquetel ou talvez um coquetelzinho, ou pode ser que tão só uma delicadeza em homenagem aos ilustres conferencistas, em que, na falta de um tema melhor, se falou de como escreviam bem os alemães, todos, e do peso histórico de universidades como a Sorbonne ou a de Salamanca, nas quais, para espanto dos críticos, dois dos professores (um que ensinava direito romano e outro que ensinava direito penal do século XX) haviam estudado. Mais tarde, discretamente, o diretor Guerra e uma secretária da reitoria lhes entregaram seus cheques e, pouco depois, aproveitando uma lipotimia que a mulher de um dos professores teve, foram sub-repticiamente embora.

Acompanhou-os Amalfitano, que detestava essas festas embora tivesse de suportá-las de vez em quando, e os três estudantes leitores de Archimboldi. Primeiro foram jantar no centro, depois deram voltas pela rua que nunca dormia. O carro de aluguel, embora grande, obrigava-os a ir grudados uns nos outros e as pessoas que transitavam pelas calçadas olhavam para eles com curiosidade, como olhavam todos naquela rua, até que descobriam Amalfitano e os três estudantes embolados no banco de trás e então desviavam o olhar rapidamente.

Entraram num bar que um dos rapazes conhecia. O bar era grande e na parte de trás tinha um quintal com árvores e uma pequena rinha para brigas de galo. O rapaz disse que seu pai o havia levado lá uma vez. Falaram de política, e Espinoza traduzia para Pelletier o que os rapazes diziam. Nenhum deles tinha mais de vinte anos e exibiam todos um aspecto saudável, fresco, com ganas de aprender. Amalfitano, pelo contrário, aquela noite lhes

pareceu mais cansado e mais derrotado do que nunca. Em voz baixa Pelletier perguntou a ele se estava acontecendo alguma coisa. Amalfitano negou com a cabeça e disse que não, mas os críticos, quando voltaram ao hotel, comentaram que a atitude do amigo, que fumava um cigarro atrás do outro e bebia sem parar, e além do mais mal abrira a boca a noite toda, denotava ou uma depressão em incubação ou um estado de extremo nervosismo.

No dia seguinte, quando se levantou, Espinoza encontrou Pelletier sentado no terraço do hotel, de bermuda e sandálias de couro, lendo as edições do dia dos jornais de Santa Teresa armado de um dicionário espanhol-francês que provavelmente havia adquirido naquela mesma manhã.

— Vamos tomar o café da manhã no centro? — perguntou Espinoza.

— Não — respondeu Pelletier —, chega de álcool e comidas que estão destruindo meu estômago. Quero me inteirar do que está acontecendo nesta cidade.

Espinoza se lembrou então que na noite anterior um dos rapazes havia contado para eles a história das mulheres assassinadas. Só lembrava que o rapaz tinha dito que eram mais de duzentas e que teve de repetir duas ou três vezes, porque nem ele nem Pelletier davam crédito ao que ouviam. Não dar crédito, porém, pensou Espinoza, é uma forma de exagerar. Você vê uma coisa linda e não dá crédito a seus olhos. Contam alguma coisa para você sobre... a beleza natural da Islândia..., gente tomando banho em águas termais, entre gêiseres, na verdade você já viu as fotos, mesmo assim você diz que não pode acreditar... Mas evidentemente acredita... Exagerar é uma forma de admirar cortesmente... Você dá a deixa para que seu interlocutor diga: é verdade... E então você diz: que incrível. Primeiro você não pode acreditar, depois parece incrível.

Na noite anterior foi provavelmente isso o que ele e Pelletier disseram depois que o rapaz, saudável, forte e puro, lhes assegurou que haviam morrido mais de duzentas mulheres. Mas num período curto, pensou Espinoza. De 1993 ou 1994 até agora... E pode ser que o número de assassinadas fosse maior. Talvez duzentas e cinquenta ou trezentas. O rapaz tinha dito, em francês, nunca se saberá. O rapaz que havia lido um livro de Archimboldi traduzido por Pelletier e o conseguira graças aos bons serviços de uma livraria da internet. Não falava um francês correto, pensou Espinoza. Mas a gente pode falar mal uma língua ou não falá-la em absoluto e no entanto ser capaz de lê-la. Em todo caso, muitas mulheres mortas.

— E culpados? — perguntou Pelletier.

— Tem gente presa faz muito tempo, mas continuam morrendo mulheres — respondeu um dos rapazes.

Amalfitano, lembrou-se Espinoza, estava calado, como que ausente, provavelmente bêbado como um gambá. Numa mesa próxima havia um grupo de três caras que de vez em quando olhava para eles como se estivessem muito interessados no que falavam. Que mais me lembro?, pensou Espinoza. Alguém, um dos rapazes, falou do vírus dos assassinos. Alguém disse copycat. Alguém pronunciou o nome de Albert Kessler. Em determinado momento, ele se levantou e foi ao banheiro vomitar. Enquanto vomitava ouviu que alguém, do lado de

fora, alguém que provavelmente estava lavando as mãos e o rosto ou se arrumando na frente do espelho, lhe dizia:

— Vomite tranquilo, compadre.

Aquela voz me tranquilizou, pensou Espinoza, mas isso implica que naquele momento eu me sentia intranquilo, e por que havia de estar? Quando saiu do banheiro não havia ninguém, só o ruído da música do bar que chegava ligeiramente atenuada e um ruído, mais baixo, espasmódico, de canos d'água. Quem nos trouxe de volta para o hotel?, pensou.

— Quem guiou de volta? — perguntou a Pelletier.

— Você — respondeu Pelletier.

* * *

Naquele dia Espinoza deixou Pelletier lendo jornais no hotel e saiu sozinho. Embora fosse tarde para o café da manhã, entrou num bar da rua Arizpe onde nunca estivera antes e pediu alguma coisa para se recompor.

— Isto é o que tem de melhor para a ressaca, senhor — disse o barman, e lhe serviu um copo de cerveja gelada.

Lá de dentro chegou um ruído de *fritanga*.** Pediu algo para comer.

— Umas *quesadillas*, senhor?

— Só uma — disse Espinoza.

O garçom deu de ombros. O bar estava vazio e não era tão escuro quanto os bares a que costumava ir de manhã. A porta do banheiro se abriu e saiu um homem muito alto. Espinoza sentia os olhos doídos e começava a se sentir enjoado outra vez, mas a aparição do tipo alto o sobressaltou. Na escuridão não podia ver o rosto nem calcular a idade dele. O tipo alto, no entanto, se sentou junto da janela e uma luz amarela e verde iluminou suas feições.

Espinoza se deu conta de que não podia ser Archimboldi. Parecia ser um agricultor ou um criador de gado em visita à cidade. O garçom pôs uma *quesadilla* na sua frente. Ao pegá-la com as mãos se queimou e pediu um guardanapo. Depois pediu ao garçom que trouxesse mais três. Quando saiu do bar dirigiu-se para o mercado de artesanato. Alguns comerciantes estavam recolhendo suas mercadorias e tiravam as mesas dobráveis. Era hora de almoçar e havia pouca gente. No início foi difícil encontrar o ponto da moça que vendia tapetes. As ruas do mercado estavam sujas, como se em lugar de artesanato vendessem ali comida pronta ou frutas e verduras. Quando a viu, a moça estava ocupada enrolando tapetes e amarrando-os nas extremidades. Os menores, os *choapinos*, ela punha numa caixa de papelão de forma oblonga. Tinha uma expressão ausente, como se na realidade estivesse muito longe dali. Espinoza se aproximou e acariciou um dos tapetes. Perguntou à moça se se lembrava dele. A moça não deu mostra alguma de surpresa. Ergueu os olhos, fitou-o e disse que sim com uma naturalidade que o fez sorrir.

— E quem sou? — perguntou Espinoza.

— Um espanhol que comprou um tapete — disse a moça. — Nós ficamos conversando.

Depois de decifrar os jornais Pelletier ficou com vontade de tomar uma chuva e tirar do corpo toda a sujeira que tinha aderido à sua pele. Viu de longe Amalfitano chegar. Viu-o entrar no hotel e falar com o recepcionista. Antes de entrar no terraço Amalfitano ergueu fracamente a mão em sinal de reconhecimento. Pelletier se levantou e lhe disse para pedir o que quisesse, que ele ia tomar um banho. Ao sair observou que Amalfitano estava com os olhos avermelhados e marcados por olheiras, como se ainda não houvesse dormido. Ao atravessar o lobby mudou de ideia e ligou um dos computadores que o hotel punha a serviço de seus hóspedes e que ficavam numa saleta adjacente ao bar. Ao conferir sua correspondência deu com um longo e-mail de Norton em que ela lhe comunicava quais eram, a seu ver, os verdadeiros motivos pelos quais tinha ido embora tão abruptamente. Leu como se ainda estivesse bêbado. Pensou nos jovens leitores de Archimbaldi da noite anterior e quis, vagamente, ser como eles, trocar sua vida pela de um deles. Disse a si mesmo que esse desejo era uma forma de lassidão. Depois chamou o elevador e subiu com uma americana de uns setenta anos que lia um jornal mexicano, um exemplar idêntico a um dos que ele tinha lido naquela manhã. Enquanto se despiu pensou em como contaria a Espinoza. Provavelmente em seu correio também havia uma mensagem de Norton esperando-o. Que posso fazer?, se perguntou.

A mordida no vaso do banheiro continuava lá e por uns segundos contemplou-a fixamente, deixando a água morna correr pelo corpo. O que é razoável?, pensou. O *mais* razoável é voltar e adiar tanto quanto possível qualquer conclusão. Só quando entrou sabão em seus olhos é que pôde afastá-los do vaso sanitário. Pôs a cara sob o jorro do chuveiro e fechou os olhos. Não estou tão triste quanto teria imaginado, se disse. Tudo isso é irreal, se disse. Depois fechou o chuveiro, se vestiu e desceu para se encontrar com Amalfitano.

Acompanhou Espinoza quando este foi ver seus e-mails. Postou-se às costas dele até se assegurar de que havia um de Norton, e quando se certificou, com a certeza de que ela dizia a mesma coisa que no dele, sentou-se numa poltrona, a poucos passos dos computadores, e pôs-se a folhear uma revista de turismo. De vez em quando levantava os olhos e via Espinoza, que não parecia disposto a abandonar o assento. Bem que sentiu vontade de lhe dar uns tapinhas nas costas e na nuca, mas optou por não fazer nenhum movimento. Quando Espinoza se virou para encará-lo, disse a ele que tinha recebido um igual.

— Não posso acreditar — falou Espinoza com um fio de voz.

Pelletier deixou a revista em cima da mesa de vidro e se aproximou do computador, onde leu sumariamente a mensagem de Norton. Depois, sem se sentar, digitando com um dedo só, procurou seu correio e mostrou a Espinoza a mensagem que havia recebido. Pediu-lhe, com extrema suavidade, que lesse. Espinoza se pôs outra vez diante do monitor e leu várias vezes o e-mail de Pelletier.

— Quase não há variantes — falou.

— Que diferença faz? — disse o francês.

— Pelo menos podia ter tido essa delicadeza — disse Espinoza.

— Nestes casos a delicadeza é informar — disse Pelletier.

Quando saíram ao terraço do hotel quase não havia mais ninguém. Um garçom, de paletó branco e calça preta, recolhia copos e garrafas nas mesas desocupadas. Numa ponta, junto do parapeito, um casal que não passava dos trinta espiava a avenida silenciosa, de um verde-escuro profundo, com as mãos entrelaçadas. Espinoza perguntou em que Pelletier estava pensando.

— Nela — respondeu Pelletier —, naturalmente.

Também disse que era estranho, ou que pelo menos não deixava de ter suas gotas de estranheza estarem os dois ali, naquele hotel, naquela cidade, quando Norton, por fim, tinha se decidido. Espinoza fitou-o longamente e depois, com um gesto de desprezo, disse que lhe dava vontade de vomitar.

No dia seguinte Espinoza voltou ao mercado de artesanato e perguntou à moça como se chamava. Ela disse que seu nome era Rebeca, e Espinoza sorriu porque esse nome, pensou então, não lhe ocorreria nem em sonhos. Durante três horas esteve ali, de pé, conversando com Rebeca enquanto os turistas e os curiosos vagavam de uma ponta a outra observando as mercadorias com desinteresse, como se alguém os obrigasse a fazê-lo. Só em duas ocasiões uns clientes se aproximaram da banca de Rebeca, mas em ambas foram embora sem comprar nada, deixando Espinoza envergonhado, pois de alguma maneira atribuíu o azar comercial da moça a si, à sua obstinada presença na banca. Decidiu remediar o mal comprando ele próprio o que supôs teriam comprado os outros. Levou um tapete grande, dois tapetes pequenos, um poncho em que predominava o verde, outro em que predominava o vermelho, e uma espécie de mochila feita com o mesmo pano e os mesmos motivos dos ponchos. Rebeca perguntou se ele ia voltar logo para seu país, e Espinoza sorriu e disse que não sabia. Depois a moça chamou um menino, que carregou nos ombros todas as compras de Espinoza e o acompanhou até onde ele havia parado o carro.

A voz de Rebeca ao chamar o menino (que surgiu do nada ou da multidão, o que dava na mesma), seu tom, a tranquila autoridade que emanava da sua voz, fez Espinoza estremecer. Enquanto andava atrás do garoto notou que a maioria dos comerciantes começava a recolher suas mercadorias. Ao chegarem ao carro puseram os tapetes no porta-malas e Espinoza perguntou ao menino desde quando ele trabalhava com Rebeca. É minha irmã, respondeu. Não se parecem nem um pouco, pensou Espinoza. Depois observou o garoto, que era baixinho mas que também parecia ser forte, e lhe deu uma nota de dez dólares.

Quando chegou ao hotel encontrou Pelletier no terraço lendo Archimboldi. Perguntou que livro era e Pelletier, sorrindo, respondeu que era *São Tomás*.

— Quantas vezes já leu? — perguntou Espinoza.

— Perdi a conta, e olhe que este é um dos que li menos — disse Pelletier.

Igual a mim, igual a mim, pensou Espinoza.

Mais do que duas mensagens, se tratava de uma só, embora com variantes, com súbitos torneios personalizados que se abriam ante um mesmo abismo. Santa Teresa, essa horrível cidade, dizia Norton, a fizera pensar muito. Pensar num sentido estrito, pela primeira vez desde havia anos. Quer dizer: tinha se posto a pensar em coisas práticas, reais, tangíveis, e também a recordar. Pensava na sua família, nos amigos e no trabalho, e quase ao mesmo tempo recordava cenas familiares ou de trabalho, cenas em que os amigos erguiam as taças e brindavam alguma coisa, talvez um brinde a ela, talvez a alguém que ela havia esquecido. Este país é incrível (aqui fazia uma digressão, mas só na mensagem a Espinoza, como se Pelletier não pudesse entender ou como se soubesse de antemão que ambos iam cotejar suas respectivas mensagens), um dos mandachuvias da cultura, alguém que se supõe refinado, um escritor que chegou às mais altas esferas do governo, é apelidado, com toda a naturalidade, ainda por cima, de Porco, dizia, e relacionava isso, o apelido ou a crueldade do apelido ou a resignação com o apelido, aos fatos delituosos que estavam acontecendo fazia tempo em Santa Teresa.

Quando eu era pequena, tinha um garoto de quem eu gostava. Não sei por quê, mas gostava dele. Eu tinha oito anos e ele tinha a mesma idade. Se chamava James Crawford. Acho que era um menino muito tímido. Só falava com os outros meninos e evitava se misturar com as meninas. Tinha cabelos bem escuros e olhos castanhos. Sempre usava calça curta, inclusive quando os outros meninos começaram a usar calça comprida. Da primeira vez que falei com ele, me lembrei disso faz muito pouco, não o chamei de James mas de Jimmy. Ninguém o chamava assim. Fui eu. Nós dois tínhamos oito anos. O rosto dele era muito sério. Por que razão falei com ele? Acho que esqueceu alguma coisa na carteira, talvez uma borracha ou um lápis, não lembro mais, e disse a ele: Jimmy, você esqueceu a borracha. Lembro, isso sim, que eu sorria. Lembro, isso sim, por que o chamei de Jimmy e não de James ou Jim. Por carinho. Por prazer. Porque eu gostava de Jimmy e ele me parecia muito bonito.

No dia seguinte Espinoza passou bem cedo pelo mercado de artesanato, com o coração batendo mais depressa do que o normal, enquanto os comerciantes e artesãos começavam a montar suas bancas e a rua calçada de pedras ainda estava limpa. Rebeca arrumava seus tapetes em cima de uma mesa portátil e sorriu ao vê-lo. Alguns comerciantes tomavam café ou refrigerantes de cola, em pé, e conversavam de uma banca a outra. Atrás das bancas, na calçada, debaixo dos velhos arcos e dos toldos de algumas barracas mais finas, se aglomeravam grupos de homens que discutiam sobre lotes de cerâmica por atacado cuja venda estava garantida em Tucson ou em Phoenix. Espinoza cumprimentou Rebeca e ajudou-a a arrumar os últimos tapetes. Depois lhe perguntou se queria ir tomar o café da manhã com ele, e a moça disse que não podia e que já tinha tomado em casa. Sem se dar por

vencido, Espinoza perguntou onde estava seu irmão.

— Na escola — respondeu Rebeca.

— E quem te ajuda a trazer toda a mercadoria?

— Minha mãe — disse Rebeca.

Por um instante Espinoza ficou quieto, olhando para o chão, sem saber se lhe comprava outro tapete ou se ia embora sem dizer nada.

— Eu te convido para almoçar — falou finalmente.

— Está bem — disse a moça.

Quando Espinoza voltou ao hotel encontrou Pelletier lendo Archiboldi. Visto de longe, o rosto de Pelletier, e na realidade não só seu rosto, todo o seu corpo, deixava transparecer uma espécie de sossego que lhe pareceu invejável. Ao se aproximar um pouco mais, viu que o livro não era *São Tomás*, e sim *A cega*, e perguntou se ele havia tido paciência para ler o outro do princípio ao fim. Pelletier ergueu os olhos e não respondeu. Em compensação, disse que era surpreendente, ou que não deixava de surpreendê-lo, a maneira como Archiboldi se aproximava da dor e da vergonha.

— De forma delicada — disse Espinoza.

— Isso — tornou Pelletier. — De forma delicada.

Em Santa Teresa, nessa cidade horrível, dizia a mensagem de Norton, pensei em Jimmy, mas sobretudo pensei em mim, na que eu era aos oito anos, e a princípio as ideias saltavam, as imagens saltavam, parecia que eu tinha um terremoto dentro da cabeça, era incapaz de fixar com precisão ou com clareza qualquer recordação, mas quando finalmente consegui foi pior, eu vi a mim mesma dizendo Jimmy, vi meu sorriso, o rosto sério de Jimmy Crawford, a tropelia das crianças, suas costas, a onda repentina cujo remanso era o quintal, vi meus lábios que avisavam aquele menino do seu esquecimento, vi a borracha, ou talvez fosse um lápis, vi com os olhos que tenho agora os olhos que eu tinha naquele instante, e ouvi mais uma vez meu chamado, a campainha da minha voz, a extrema cortesia de uma menina de oito anos que chama um menino de oito anos para lhe avisar que não esqueça sua borracha, e que no entanto não pode fazê-lo chamando-o por seu nome, James, ou Crawford, como é costumeiro na escola, e prefere, consciente ou inconscientemente, empregar o diminutivo Jimmy, que denota um carinho, um carinho verbal, um carinho pessoal, pois só ela, naquele instante que é um mundo, o chama assim, e que de alguma maneira reveste com outra roupagem o carinho ou a atenção implícita no gesto de avisá-lo de um esquecimento, não esqueça sua borracha, ou seu lápis, e que, no fundo, não era mais que a expressão, verbalmente pobre ou verbalmente rica, da felicidade.

Comeram num restaurante barato perto do mercado, enquanto o irmão menor de Rebeca

vigiava o carrinho no qual todas as manhãs transportavam os tapetes e a mesa dobrável. Espinoza perguntou a Rebeca se não era possível deixar o carrinho sem vigilância e convidar o garoto para almoçar, mas Rebeca lhe disse que não se preocupasse. Se o carrinho ficasse sem vigilância o mais provável era que alguém o levasse. Da janela do restaurante Espinoza podia ver o menino em cima do monte de tapetes como um passarinho, scrutando o horizonte.

— Vou levar alguma coisa para ele — falou. — Do que seu irmão gosta?

— De sorvete — respondeu Rebeca —, mas aqui não tem sorvete.

Por uns segundos Espinoza cogitou a ideia de sair para comprar sorvetes em outro lugar, mas descartou-a com medo de não encontrar a moça quando voltasse. Ela lhe perguntou como era a Espanha.

— Diferente — respondeu Espinoza enquanto pensava no sorvete.

— Diferente do México? — ela perguntou.

— Não — respondeu Espinoza —, diferente entre si, variada.

De repente ocorreu a Espinoza a ideia de levar um sanduíche para o garoto.

— Aqui chamamos de *torta* — disse Rebeca —, meu irmão gosta da de presunto.

Parece uma princesa ou uma embaixatriz, pensou Espinoza. Perguntou à garçonete se podia preparar uma *torta* de presunto e um refrigerante. A garçonete perguntou como queria a *torta*.

— Diga que quer completa — disse Rebeca.

— Completa — disse Espinoza.

Mais tarde ele saiu com a *torta* e o refrigerante para dar ao garoto, que continuava encarapitado no ponto mais alto do carrinho. A princípio o garoto negou com a cabeça e disse que não estava com fome. Espinoza viu que na esquina três garotos, um pouco mais velhos, observavam contendo o riso.

— Se não está com fome beba só o refrigerante e guarde a *torta* — falou —, ou dê para os cachorros.

Quando voltou a sentar junto de Rebeca se sentia bem. Na verdade, se sentia exultante.

— Assim não pode ser — falou —, não está certo, da próxima vez almoçamos os três juntos.

Rebeca olhou-o nos olhos, com o garfo parado no ar, depois esboçou um meio sorriso e levou a comida à boca.

No hotel, deitado numa espreguiçadeira junto à piscina vazia, Pelletier estava lendo um livro e Espinoza soube, antes mesmo de ver o título, que não era nem *São Tomás* nem *A cega*, mas outro livro de Archimboldi. Quando sentou ao lado dele pôde observar que se tratava de *Leteia*, um romance que não o entusiasmava tanto quanto outros livros do alemão, se bem que, a julgar pelo rosto de Pelletier, a releitura fosse frutífera e muito agradável. Ao se instalar na espreguiçadeira ao lado perguntou o que ele tinha feito durante o dia.

— Li — respondeu Pelletier, que por sua vez lhe fez a mesma pergunta.

— Dei voltas por aí — disse Espinoza.

Naquela noite, enquanto jantavam juntos no restaurante do hotel, Espinoza contou que havia comprado umas lembranças, inclusive uma para ele. A notícia alegrou Pelletier, que perguntou que tipo de lembrança tinha comprado para ele.

— Um tapete indígena — disse Espinoza.

Ao chegar a Londres depois de uma viagem exaustiva, dizia Norton em sua mensagem, eu me pus a pensar em Jimmy Crawford ou talvez tenha me posto a pensar nele enquanto esperava o voo Nova York-Londres, em todo caso Jimmy Crawford e minha voz de oito anos que o chamava já estavam comigo no momento que peguei as chaves do meu apartamento, acendi a luz e deixei as malas jogadas na entrada. Fui até a cozinha e preparei um chá. Depois tomei um banho e fui para a cama. Prevendo não conseguir dormir, tomei um sonífero. Eu me lembro que folheei uma revista, me lembro que pensei em vocês, dando voltas por essa cidade horrível, me lembro que pensei no hotel. No meu quarto havia dois espelhos esquisitíssimos, que nos últimos dias me metiam medo. Quando percebi que ia dormir, só tive forças para estender o braço e apagar a luz.

Não tive sonhos de nenhuma espécie. Ao acordar não sabia onde estava, mas essa sensação só durou uns segundos, pois de imediato identifiquei os barulhos característicos da minha rua. Tudo já passou, pensei. Eu me sinto descansada, estou na minha casa, tenho muita coisa a fazer. Quando sentei na cama, no entanto, a única coisa que fiz foi me pôr a chorar como uma louca, sem motivo nem causa aparente. Estive o dia todo assim. Por momentos, desejava não ter saído de Santa Teresa, ter ficado junto de vocês até o fim. Em mais de uma ocasião senti o impulso de correr para o aeroporto e pegar o primeiro avião com destino ao México. Esses impulsos eram seguidos de outros mais destrutivos: tocar fogo no meu apartamento, cortar os pulsos, não voltar nunca mais à universidade e levar uma vida de mulher vadia.

Mas as vadias, pelo menos na Inglaterra, muitas vezes são submetidas a humilhações, conforme li numa reportagem de uma revista cujo nome esqueci. Na Inglaterra as vadias são submetidas a estupros coletivos, são espancadas, e não é raro algumas aparecerem mortas nas portas dos hospitais. Quem faz essas coisas com as vadias não são, como eu teria pensado aos dezoito anos, os policiais nem os bandos de arruaceiros neonazistas, mas os vadios, o que confere à situação um ressaibo mais amargo ainda, se isso é possível. Confusa, saí para dar uma volta pela cidade, na esperança de me animar e quem sabe telefonar para uma amiga com a qual fosse jantar. Não sei como, de repente me vi em frente a uma galeria de arte onde faziam uma retrospectiva de Edwin Johns, aquele artista que cortou a mão direita para expô-la num retrato autobiográfico.

Em sua visita seguinte, Espinoza conseguiu que a moça lhe permitisse levá-la em casa. Deixaram o carrinho guardado, depois de Espinoza pagar um exíguo aluguel a uma gorda

coberta com um velho avental de operária fabril, no quarto dos fundos do restaurante onde haviam comido, entre caixas de garrafas vazias e pilhas de latas de *chile* com carne. Em seguida puseram os tapetes e ponchos no banco de trás do carro e se acomodaram os três na frente. O garoto estava feliz e Espinoza lhe disse para decidir onde iam comer naquele dia. Terminaram num McDonald's do centro.

A casa da moça ficava nos bairros do poente da cidade, nas zonas onde, pelo que lera na imprensa, se cometiam os crimes, mas o bairro e a rua onde morava Rebeca só pareceu um bairro pobre e uma rua pobre, onde o sinistro estava ausente. Deixou o carro estacionado em frente à casa. Na entrada havia um jardim minúsculo, com três floreiras feitas de bambu e arame, repletas de vasos de flores e plantas verdes. Rebeca disse a seu irmão que ficasse vigiando o carro. A casa era de madeira e quando se andava as tábuas do chão emitiam um som de coisa oca, como se embaixo passasse uma vala ou houvesse um quarto secreto.

A mãe, ao contrário do que Espinoza esperava, cumprimentou-o amavelmente e lhe ofereceu um refrigerante. Depois ela mesma apresentou seus outros filhos. Rebeca tinha dois irmãos e três irmãs, mas a mais velha já não morava lá pois tinha se casado. Uma das irmãs era igualzinha a Rebeca, só que mais moça. Se chamava Cristina e todos em casa diziam que era a mais inteligente da família. Depois de um tempo prudente, Espinoza pediu a Rebeca que fossem dar uma volta pelo bairro. Ao sair viram o menino encarapitado na capota do carro. Lia um gibi e tinha alguma coisa na boca, provavelmente uma bala. Na volta do passeio o menino continuava lá, mas já não lia nada e a bala tinha terminado.

Quando Espinoza voltou ao hotel, Pelletier estava outra vez com *São Tomás*. Ao sentar ao lado dele, Pelletier ergueu os olhos do livro e disse que havia coisas que ainda não entendia e que provavelmente nunca iria entender. Espinoza deu uma risadinha e não fez nenhum comentário.

— Hoje estive com Amalfitano — disse Pelletier.

Segundo acreditava, o professor chileno estava com os nervos em pandarecos. Pelletier convidara Amalfitano a dar um mergulho na piscina com ele. Como não tinha traje de banho, arranjava um na recepção. Tudo parecia ir bem. Mas quando entrou na piscina Amalfitano ficou imóvel, como se de repente houvesse visto o demônio, e afundou. Pelletier se lembrava que ele havia tapado a boca com as duas mãos antes de afundar. Em todo caso não fez o menor esforço para nadar. Felizmente, Pelletier estava ali e não teve dificuldade para mergulhar e trazê-lo de volta à superfície. Depois tomaram um uísque cada um e Amalfitano explicou que fazia muito tempo não nadava.

— Falamos de Archimboldi — disse Pelletier. — Depois ele se vestiu, devolveu o calção e foi embora.

— E você, o que fez? — perguntou Espinoza.

— Tomei uma chuveirada, me vesti, desci para comer e segui com as minhas leituras.

Por um instante, dizia Norton em sua mensagem, eu me senti como uma vadia deslumbrada pelas luzes de um teatro repentino. Não estava na melhor disposição para entrar numa galeria de arte, mas o nome de Edwin Johns me atraiu como um ímã. Eu me aproximei da porta da galeria, que era de vidro, e lá dentro vi muita gente, vi garçons vestidos de branco que mal podiam se movimentar mantendo em equilíbrio bandejas carregadas de taças de champanhe ou de vinho tinto. Resolvi esperar e voltei para o outro lado da rua. Pouco a pouco a galeria foi se esvaziando e chegou o momento em que pensei que já podia entrar e ver pelo menos uma parte da retrospectiva.

Quando transpus a porta de vidro senti uma coisa estranha, como se a partir daquele instante tudo o que eu visse ou sentisse fosse ser decisivo para o curso posterior da minha vida. Parei diante de uma espécie de paisagem, uma paisagem de Surrey, da primeira fase de Johns, que me pareceu melancólica e ao mesmo tempo doce, profunda e de modo algum grandiloquente, como só as paisagens inglesas pintadas por pintores ingleses podem ser. De repente eu me disse que ver aquele quadro já bastava e ia indo embora quando um garçom, talvez o último dos garçons da empresa de catering a ficar na galeria, se aproximou de mim com uma só taça de vinho na bandeja, uma taça servida especialmente para mim. Não me disse nada. Só a ofereceu, e eu sorri para ele e aceitei a taça. Vi então o cartaz da exposição, do lado oposto ao que eu me encontrava, o cartaz que exibia o quadro com a mão cortada, a peça mestra de Johns, e onde com números brancos vinha assinalada sua data de nascimento e sua data de falecimento.

Eu não sabia que ele tinha morrido, dizia Norton em sua mensagem, achava que ainda estava vivo na Suíça, num confortável manicômio, onde ria de si mesmo e sobretudo ria de nós. Lembro que a taça de vinho caiu das minhas mãos. Lembro que um casal, ambos muito altos e magros, que observava um quadro, olhou para mim com extrema curiosidade, como se eu fosse uma ex-amante de Johns ou um quadro vivo (e inacabado) que de repente fica sabendo da morte do seu pintor. Sei que saí sem olhar para trás e que andei um tempão até me dar conta de que não estava chorando, mas que chovia e que eu estava ensopada. Naquela noite não consegui dormir.

Pelas manhãs, Espinoza ia pegar Rebeca em casa. Deixava o carro na frente da porta, tomava um café e depois, sem dizer nada, punha os tapetes no banco traseiro e tratava de limpar o pó da carroceria com uma flanela. Se entendesse alguma coisa de mecânica teria levantando o capô e espiado o motor, mas não entendia nada de mecânica, e o motor do carro, além do mais, funcionava que era uma seda. Depois saíam da casa a moça e seu irmão, e Espinoza abria a porta do carona para eles, sem pronunciar palavra, como se aquela rotina durasse anos, e depois entrava pela porta do motorista, guardava o pano de pó no porta-luvas e partiam para o mercado de artesanato. Chegando lá, ele os ajudava a montar a banca e quando terminavam ia a um restaurante próximo e comprava dois cafés para levar e uma Coca-Cola, que tomavam de pé, olhando para as outras bancas ou para o horizonte atarracado, mas digníssimo, de edifícios coloniais que os cercavam. Às vezes Espinoza

ralhava com o irmão da moça, dizia a ele que tomar Coca-Cola de manhã era um mau costume, mas o garoto, que se chamava Eulogio, ria e não dava bola, pois sabia que a irritação de Espinoza era noventa por cento fingida. O resto da manhã Espinoza passava num terraço de bar, sem sair daquele bairro, o único de Santa Teresa, além do bairro de Rebeca, de que gostava, lendo os jornais locais, tomando café e fumando. Quando ia ao banheiro e se mirava no espelho, pensava que suas feições estavam mudando. Pareço um senhor, se dizia às vezes. Pareço mais moço. Pareço outro.

No hotel, ao voltar, sempre encontrava Pelletier no terraço ou na piscina, ou refestelado numa das poltronas de alguma das salas, relendo *São Tomás* ou *A cega* ou *Leteia*, ao que parece os únicos livros de Archimboldi que havia trazido consigo para o México. Perguntou se estava preparando algum artigo ou ensaio sobre esses três livros especificamente, e a resposta de Pelletier foi vaga. No início, sim. Mas agora não. Lia simplesmente porque eram os únicos que tinha. Espinoza pensou em lhe emprestar alguns dos seus, e de imediato se deu conta, alarmado, de que tinha se esquecido dos livros de Archimboldi que escondia na mala.

Naquela noite não pude dormir, dizia Norton em sua mensagem, e pensei em ligar para Morini. Era muito tarde, era falta de educação incomodá-lo a uma hora daquelas, era uma imprudência de minha parte, era uma intromissão grosseira, mas liguei. Lembro que digitei seu número e ato contínuo apaguei a luz do quarto, como se estando no escuro Morini não pudesse ver minha cara. Meu telefonema, surpreendentemente, foi atendido no ato.

— Sou eu, Piero — falei —, Liz, você está sabendo que Edwin Johns morreu?

— Sim — disse a voz de Morini, lá de Turim. — Morreu faz uns meses.

— Mas eu só soube agora, esta noite — falei.

— Pensei que você já soubesse — disse Morini.

— Como morreu? — perguntei.

— Num acidente — disse Morini —, saiu para dar um passeio, queria desenhar uma cascatinha que há perto do sanatório, subiu numa pedra e escorregou. Encontraram o cadáver no fundo de um barranco de cinquenta metros.

— Não pode ser — falei.

— Pode sim — disse Morini.

— Foi dar um passeio sozinho? Sem ninguém vigiando?

— Não estava sozinho — disse Morini —, ia acompanhado por uma enfermeira e um dos rapazes fortões do sanatório, daqueles que podem conter em um segundo um louco furioso.

Ri, era a primeira vez que ria, ante a expressão louco furioso, e Morini, do outro lado da linha, riu, embora só um instante, comigo.

— Esses rapazes fortes e atléticos na verdade se chamam auxiliares — disse a ele.

— Pois ia acompanhado por uma enfermeira e um auxiliar — falou. — Johns subiu numa pedra e o rapaz fortão subiu atrás dele. A enfermeira, por indicação de Johns, sentou num

toco de árvore e fingiu ler um livro. Então Johns começou a desenhar com a mão esquerda, com a qual havia adquirido certa habilidade. A paisagem compreendia a cascata, as montanhas, as saliências de pedra, o bosque e a enfermeira alheia a tudo lia o livro. Foi então que ocorreu o acidente. Johns se levantou da pedra, escorregou e, embora o rapaz fortão e atlético tenha tentado agarrá-lo, caiu no abismo.

Isso era tudo.

Por um instante permanecemos sem falar nada, dizia Norton em sua mensagem, até que Morini quebrou o silêncio e me perguntou como tinha sido no México.

— Mal — respondi.

Não fez mais perguntas. Ouvia sua respiração, pausada, e ele ouvia minha respiração, que ia se acalmando rapidamente.

— Amanhã eu te ligo — falei.

— Está bem — disse ele, mas por uns segundos nenhum dos dois se atreveu a desligar.

Naquela noite pensei em Edwin Johns, pensei em sua mão que provavelmente era exibida agora na retrospectiva, aquela mão que o auxiliar do sanatório não pôde agarrar e assim impedir sua queda, se bem que esta última ideia fosse demasiado óbvia, como uma fábula enganosa que nem chegava perto do que Johns havia sido. Muito mais real era a paisagem suíça, aquela paisagem que vocês viram e que eu não conheço, com as montanhas e os bosques, com as pedras irisadas e as cascatas, com os barrancos mortais e as enfermeiras leitoras.

Uma noite Espinoza levou Rebeca para dançar. Foram a uma discoteca no centro de Santa Teresa a que a moça nunca tinha ido, mas da qual suas amigas falavam muito bem. Enquanto tomavam cubas-libres Rebeca lhe contou que na saída daquela discoteca tinham sequestrado duas das moças que tempos depois apareceram mortas. Seus cadáveres foram abandonados no deserto.

Pareceu de mau agouro a Espinoza ela dizer que o assassino tinha o costume de frequentar aquela discoteca. Ao levá-la para casa beijou-a nos lábios. Rebeca recendia a álcool e estava com a pele muito fria. Perguntou a ela se queria fazer amor e ela fez que sim com a cabeça, várias vezes, sem dizer nada. Depois os dois passaram dos bancos da frente para o banco de trás e fizeram. Uma trepada rápida. Mas depois ela encostou a cabeça em seu peito, sem dizer palavra, e ele ficou um bom tempo acariciando seus cabelos. O ar noturno recendia a produtos químicos que chegavam a golfadas. Espinoza pensou que perto dali havia uma fábrica de papel. Perguntou a Rebeca e ela disse que perto dali só havia casas construídas pelos próprios moradores e descampados.

Voltasse ao hotel na hora que voltasse sempre encontrava Pelletier acordado, lendo um livro e esperando por ele. Com esse gesto, pensou, Pelletier reafirmava sua amizade. Também era possível que o francês não conseguisse dormir e que sua insônia o condenasse a

ler nas salas vazias do hotel até chegar a alvorada.

Às vezes Pelletier estava na piscina, agasalhado com um suéter ou uma toalha, bebendo uísque aos golinhos. Outras vezes o encontrava numa sala presidida por uma paisagem enorme da fronteira, pintada, isso se adivinhava no ato, por um artista que nunca estivera ali: a industriiosidade da paisagem e sua harmonia revelavam mais um desejo do que uma realidade. Os garçons, inclusive os do turno da noite, satisfeitos com suas gorjetas, zelavam para que não lhe faltasse nada. Quando chegava, trocavam por um instante frases curtas e amáveis.

Às vezes Espinoza, antes de procurá-lo pelas salas vazias do hotel, ia verificar seus e-mails, com a esperança de encontrar mensagens da Europa, de Hellfeld ou de Borchmeyer, que lançassem alguma luz sobre o paradeiro de Archimboldi. Depois procurava Pelletier e mais tarde os dois subiam silenciosos para seus respectivos quartos.

* * *

No dia seguinte, dizia Norton na sua mensagem, eu me dediquei a limpar o apartamento e a pôr em ordem meus papéis. Terminei muito antes do que esperava. De tarde me enfiei num cinema e ao sair, embora estivesse tranquila, não me lembrava mais do enredo do filme nem dos atores que o interpretavam. Naquela noite jantei com uma amiga e me deitei cedo, mas até a meia-noite não fui capaz de pegar no sono. Mal acordei, de manhã cedinho e sem fazer reserva, fui para o aeroporto e comprei a primeira ida para a Itália. Voei de Londres a Milão e de lá peguei um trem para Turim. Quando Morini abriu a porta disse a ele que tinha vindo para ficar, que ele decidisse se eu ia para um hotel ou ficava na sua casa. Não respondeu à minha pergunta, afastou a cadeira de rodas e me disse para entrar. Fui ao banheiro lavar o rosto. Quando voltei Morini havia preparado um chá e posto num prato azul três docinhos que me ofereceu com elogios. Provei um e era delicioso. Parecia um doce grego, com pistache e figo cristalizado dentro. Logo dei conta dos três docinhos e tomei duas xícaras de chá. Morini, enquanto isso, deu um telefonema, e depois tratou de me ouvir, intercalando de vez em quando perguntas a que eu respondia de bom grado.

Conversamos horas a fio. Falamos da direita na Itália, do ressurgimento do fascismo na Europa, dos imigrantes, dos terroristas muçulmanos, da política britânica e americana, e à medida que falávamos eu ia me sentindo cada vez melhor, o que é curioso pois os temas da conversa eram um tanto deprimentes, até que não pude mais e pedi outro docinho mágico, pelo menos mais um, e então Morini viu a hora e disse que era normal que eu estivesse com fome e que faria uma coisa melhor do que me dar um docinho de pistache, havia reservado uma mesa num restaurante de Turim e ia me levar para jantar lá.

O restaurante ficava no meio de um jardim onde havia bancos e estátuas de pedra. Me lembro que eu empurrava a cadeira de Morini e ele me mostrava as estátuas. Algumas eram figuras mitológicas, mas outras representavam simples camponeses perdidos na noite. No parque havia outros casais passeando e às vezes cruzávamos com eles, outras vezes só víamos suas sombras. Enquanto comíamos Morini me perguntou por vocês. Disse a ele que a pista

que situava Archimboldi no norte do México era uma pista falsa e que ele provavelmente sequer tinha pisado naquele país. Conteí a história do amigo mexicano de vocês, o grande intelectual chamado Porco, e rimos um bom momento. A verdade é que eu me sentia cada vez melhor.

Uma noite, depois de fazer amor pela segunda vez com Rebeca no banco de trás do carro, Espinoza perguntou o que a sua família pensava dele. A moça disse que suas irmãs achavam que era bonito e que sua mãe dissera que ele tinha cara de homem responsável. O cheiro de produtos químicos pareceu levantar o carro do chão. No dia seguinte Espinoza comprou cinco tapetes. Ela lhe perguntou para que queria tantos tapetes e Espinoza respondeu que pensava dá-los de presente. Ao voltar ao hotel deixou os tapetes na cama que não ocupava, depois sentou-se na dele e durante uma fração de segundo as sombras se retiraram e teve uma fugaz visão da realidade. Sentiu-se enjoado e fechou os olhos. Sem se dar conta, adormeceu.

Quando acordou seu estômago doía e tinha vontade de morrer. De tarde saiu para fazer compras. Entrou numa loja de lingerie, numa de roupas femininas e numa sapataria. Naquela noite levou Rebeca para o hotel e depois de tomarem banho juntos vestiu-a com uma calcinha, ligas e meias pretas, um body preto e sapatos de salto agulha de cor preta, e a fodeu até que ela não fosse mais do que um tremor entre seus braços. Depois pediu que trouxessem ao quarto um jantar para dois e depois de comerem deu os outros presentes que tinha comprado para ela, depois tornaram a transar até o início do amanhecer. Então ambos se vestiram, ela guardou os presentes nas sacolas e ele a levou primeiro em casa e depois ao mercado de artesanato, onde a ajudou a montar a banca. Antes de se despedirem ela perguntou se iam voltar a se ver. Espinoza, sem saber por quê, talvez unicamente porque estava cansado, deu de ombros e disse que isso era coisa que nunca se sabia.

— Claro que se sabe — disse Rebeca com uma voz triste que ele não conhecia. — Você vai embora do México? — perguntou.

— Algum dia tenho de ir — ele respondeu.

De volta ao hotel não encontrou Pelletier nem no terraço nem junto da piscina nem em nenhuma das salas onde ele costumava se retirar para ler. Perguntou na recepção se fazia muito tempo que seu amigo tinha saído e lhe disseram que Pelletier não havia deixado o hotel em nenhum momento. Subiu ao quarto dele e bateu na porta, mas ninguém respondeu. Tornou a bater várias vezes, com o mesmo resultado. Disse ao recepcionista que temia que houvesse acontecido alguma coisa com o amigo, talvez um ataque cardíaco, e o recepcionista, que conhecia os dois, subiu com Espinoza.

— Não acho que tenha acontecido nada de ruim — disse a ele no elevador.

Ao abrir o quarto com a chave mestra o recepcionista não transpôs o umbral. O quarto estava às escuras, Espinoza acendeu a luz. Numa das camas viu Pelletier tapado com o cobertor até o pescoço. Estava de boca para cima, com o rosto só levemente de lado, e tinha

as mãos cruzadas no peito. Em sua expressão Espinoza viu uma paz que nunca antes havia notado no rosto de Pelletier. Chamou-o:

— Pelletier, Pelletier.

O recepcionista, vencido pela curiosidade, avançou um par de passos e aconselhou-o a não tocar nele.

— Pelletier — gritou Espinoza, sentando-se ao lado dele e sacudindo-o pelos ombros.

Então Pelletier abriu os olhos e perguntou o que estava acontecendo.

— Achamos que você estava morto — disse Espinoza.

— Não — disse Pelletier —, estava sonhando que ia de férias para as ilhas gregas e lá alugava um barco e conhecia um menino que passava o dia inteiro nadando debaixo d'água.

— Um sonho muito bonito — falou.

— Efectiviwonder — disse o recepcionista —, parece um sonho muito relaxante.

— O mais curioso do sonho — disse Pelletier — é que a água estava viva.

As primeiras horas da minha primeira noite em Turim, dizia Norton em sua mensagem, passei no quarto de hóspedes de Morini. Não tive nenhuma dificuldade para dormir, mas de repente uma trovoada, não sei se real ou sonhada, me despertou, e acreditei ver, no fundo do corredor, a silhueta de Morini e da cadeira de rodas. A princípio não dei importância e tentei dormir de novo, até que de repente recapitulei o que havia visto: por um lado a silhueta da cadeira de rodas no corredor e por outro, já não no corredor mas na sala, de costas para mim, a silhueta de Morini. Acordei de um pulo, empunhei um cinzeiro e acendi a luz. O corredor estava deserto. Fui até a sala, não havia ninguém. Meses antes o normal teria sido tomar um copo d'água e voltar para a cama, mas nada mais era nem voltaria a ser como então. De modo que o que fiz foi ir ao quarto de Morini. Ao abrir a porta vi primeiro a cadeira de rodas, num lado da cama, e depois o vulto de Morini, que respirava pausadamente. Murmurei seu nome. Não se mexeu. Alcei a voz e a voz de Morini me perguntou o que estava acontecendo.

— Vi você no corredor — disse a ele.

— Quando? — perguntou Morini.

— Faz um instante, quando ouvi a trovoada.

— Está chovendo? — perguntou Morini.

— Com certeza — respondi.

— Não estive no corredor, Liz — disse Morini.

— Eu vi você. Você tinha levantado. A cadeira de rodas estava no corredor, de frente para mim, mas você estava no fim do corredor, na sala, de costas para mim — falei.

— Deve ter sido um sonho — disse Morini.

— A cadeira de rodas estava de frente para mim e você estava de costas para mim — falei.

— Acalme-se, Liz — disse Morini.

— Não me peça que me acalme, não me trate como uma idiota. A cadeira de rodas olhava para mim, e você, que estava de pé, tão calmo, não olhava. Entende?

Morini concedeu-se uns segundos para refletir, apoiado nos cotovelos.

— Acho que sim — falou —, minha cadeira te vigiava enquanto eu te ignorava, não? Como se a cadeira e eu fôssemos uma só pessoa ou um só ente. E a cadeira era má, precisamente porque olhava para você, e eu também era mau, porque tinha mentido e não olhava para você.

Então caí na gargalhada e disse a ele que para mim, pensando bem, ele nunca ia ser mau, e tampouco a cadeira de rodas, já que lhe prestava um serviço tão necessário.

O resto da noite passamos juntos. Disse para ele chegar para lá e me dar lugar, e Morini obedeceu sem dizer nada.

— Como pude demorar tanto para perceber que você gostava de mim? — disse a ele mais tarde. — Como pude demorar tanto para perceber que eu gostava de você?

— A culpa é minha — disse Morini no escuro —, sou muito desajeitado.

Pela manhã Espinoza deu aos recepcionistas, seguranças e garçons do hotel alguns tapetes e ponchos que entesourava. Também deu tapetes para as duas mulheres que arrumavam o quarto. O último poncho, um muito bonito, em que predominavam as figuras geométricas em vermelho, verde e lilás, enfiou numa sacola e disse ao recepcionista que o levasse ao quarto de Pelletier.

— Um presente anônimo — disse.

O recepcionista piscou o olho para ele e disse que assim seria.

Quando Espinoza chegou ao mercado de artesanato ela estava sentada num banco de madeira lendo uma revista de música popular, cheia de fotos coloridas, onde havia notícias sobre cantores mexicanos, seus casamentos, seus divórcios, turnês, discos de ouro e de platina, suas temporadas na prisão, suas mortes na miséria. Sentou ao lado dela, na beira da calçada, e hesitou entre cumprimentá-la ou não com um beijo. Em frente havia uma nova banca que vendia estatuetas de barro. De onde estava, Espinoza distinguiu umas forcas diminutas e sorriu tristemente. Perguntou à moça onde estava seu irmão e ela respondeu que tinha ido à escola, como todas as manhãs.

Uma mulher toda enrugada, vestida de branco como se fosse casar, parou para falar com Rebeca e então ele pegou a revista, que a moça havia deixado debaixo da mesa, em cima de uma lancheira, e folheou-a até a amiga de Rebeca ir embora. Tentou dizer alguma coisa num par de ocasiões, mas não conseguiu, o silêncio dela, porém, não era desagradável nem implicava rancor ou tristeza. Não era denso mas transparente. Quase não ocupava espaço. Inclusive, pensou Espinoza, você poderia se acostumar a esse silêncio e ser feliz. Mas ele não se acostumaria nunca, isso ele também sabia.

Quando se cansou de ficar sentado foi a um bar e pediu uma cerveja no balcão. A seu redor só havia homens e ninguém estava sozinho. Espinoza abarcou o bar com um olhar terrível e de imediato notou que os homens bebiam mas também comiam. Resmungou a palavra merda e cuspiu no chão, a poucos centímetros dos próprios sapatos. Depois pediu outra e voltou à banca com a garrafa pela metade. Rebeca olhou para ele e sorriu. Espinoza sentou na calçada, junto dela, e disse que ia voltar. A moça não disse nada.

— Volto a Santa Teresa — falou —, em menos de um ano, eu juro.
— Não jure — disse a moça sorrindo complacente.
— Vou voltar para você — disse Espinoza bebendo sua cerveja até a última gota. — E pode ser que então nos casemos e você venha para Madri comigo.
A moça pareceu dizer: seria bonito, mas Espinoza não entendeu.
— O quê?, o quê? — fez.
Rebeca permaneceu calada.

Quando voltou, de noite, encontrou Pelletier lendo e bebendo uísque junto à piscina. Sentou na espreguiçadeira ao lado e perguntou quais eram seus planos. Pelletier sorriu e pôs o livro em cima da mesa.

— Encontrei um presente no meu quarto — falou —, é muito apropriado e tem seu encanto.

— Ah, o poncho — fez Espinoza e se deixou cair de costas na espreguiçadeira.

No céu se viam muitas estrelas. A água verde-azulada da piscina dançava sobre as mesas e os vasos de flores e de cactos, numa cadeia de reflexos que chegava até um muro de tijolos de cor creme, atrás do qual havia uma quadra de tênis e cabines de sauna que ele havia evitado com sucesso. De vez em quando ouviam raquetadas e vozes em surdina comentando o jogo.

Pelletier se levantou e disse vamos dar uma volta. Foi até a quadra de tênis, seguido por Espinoza. As luzes da quadra estavam acesas e dois tipos com barrigas proeminentes se esforçavam num jogo péssimo, provocando a risada de duas mulheres que os observavam sentadas num banco de madeira, sob um guarda-sol semelhante aos que rodeavam a piscina. No fundo, atrás de uma cerca de arame, ficava o banheiro da sauna, uma caixa de cimento com duas janelas diminutas, como as vigias de um navio naufragado. Sentado no muro de tijolos, Pelletier falou:

— Não vamos encontrar Archimboldi.

— Faz dias que sei disso — tornou Espinoza.

Depois deu um salto, depois outro, até conseguir sentar-se na beira do muro, as pernas penduradas do lado da quadra de tênis.

— E no entanto — disse Pelletier —, estou certo de que Archimboldi está aqui, em Santa Teresa.

Espinoza espiou as mãos, como se temesse ter se machucado. Uma das mulheres se levantou do seu assento e invadiu a quadra. Ao chegar junto de um dos homens, disse-lhe alguma coisa no ouvido e saiu novamente. O homem que havia falado com a mulher levantou os braços para cima, abriu a boca e jogou a cabeça para trás, mas sem proferir o mais ínfimo som. O outro homem, vestido igual ao primeiro, de branco imaculado, esperou que a Algarvia silenciosa do seu adversário cessasse e quando as macaquices dele acabaram lançou a bola. A partida recomeçou e as mulheres tornaram a rir.

— Acredite — disse Pelletier com uma voz muito suave, como a brisa que soprava naquele instante e que impregnava tudo com um aroma de flores —, sei que Archimboldi está aqui.

- Onde? — perguntou Espinoza.
- Em algum lugar, em Santa Teresa ou nos arredores.
- E por que não fomos capazes de encontrá-lo? — perguntou Espinoza.

Um dos tenistas caiu no chão e Pelletier sorriu:

— Pouco importa. Porque fomos incompetentes ou porque Archimboldi tem um grande talento para se esconder. É o de menos. O importante é outra coisa.

— O quê? — perguntou Espinoza.

— Que ele está aqui — disse Pelletier, e apontou para a sauna, o hotel, a quadra, as cercas metálicas, a folharada que se adivinhava mais além, nos terrenos não iluminados do hotel. Os pelos da nuca de Espinoza se eriçaram. A caixa de cimento onde ficava a sauna pareceu a ele um bunker com um morto dentro.

— Acredito — disse, e é verdade que acreditava no que seu amigo dizia.

— Archimboldi está aqui — disse Pelletier —, e nós estamos aqui, e isso é o mais próximo que jamais estaremos dele.

Não sei quanto tempo vamos ficar juntos, dizia Norton em sua mensagem. Isso não importa nem a Morini (creio) nem a mim. Gostamos um do outro e somos felizes. Sei que vocês vão compreender.

* Personagem da obra homônima (*El Periquillo Sarniento*, 1816) do escritor mexicano José Joaquín Fernández de Lizardi, considerada o primeiro romance escrito da América hispânica. (N. T.)

** Uma espécie de *taco* frito, recheado com miúdos, frios ou carne. A *quesadilla* é uma tortilha recheada com flor de abóbora, queijo, batata, cogumelos etc., assada na chapa ou frita. (N. T.)

A PARTE DE AMALFITANO

Não sei o que vim fazer em Santa Teresa, se disse Amalfitano ao cabo de uma semana vivendo na cidade. Não sabe? Não sabe mesmo?, perguntou-se. Verdadeiramente não sei, disse a si mesmo, e não pôde ser mais eloquente.

Tinha uma casinha de um só andar, três quartos, um banheiro completo mais um lavabo, cozinha americana, uma sala de jantar com janelas que davam para o poente, um pequeno alpendre de tijolo onde havia um banco de madeira desgastado pelo vento que descia das montanhas e do mar, desgastado pelo vento que vinha do norte, o vento das aberturas, e pelo vento com cheiro de fumaça que vinha do sul. Tinha livros que conservava havia mais de vinte e cinco anos. Não eram muitos. Todos velhos. Tinha livros que havia comprado fazia menos de dez anos e que não se importava de emprestar, perder ou que os roubassem. Tinha livros que às vezes recebia perfeitamente lacrados e com remetentes desconhecidos e que nem sequer abria mais. Tinha um quintal ideal para semear com grama e plantar flores, mas não sabia que flores eram as mais indicadas para plantar ali, não cactos ou cactáceos, mas flores. Tinha tempo (assim acreditava) para dedicar ao cultivo de um jardim. Tinha uma cerca de madeira que precisava de uma mão de pintura. Tinha um salário mensal.

Tinha uma filha que se chamava Rosa e que sempre havia vivido com ele. Parecia difícil que fosse assim, mas assim era.

Às vezes, durante as noites, se lembrava da mãe de Rosa e às vezes ria e outras vezes dava para chorar. Lembrava dela enquanto estava trancado no escritório e Rosa dormia em seu quarto. A sala estava vazia, sossegada, com a luz apagada. No alpendre, se alguém se dedicasse a escutar com atenção, ouviria o zumbido de uns poucos mosquitos. Mas ninguém escutava. As casas vizinhas estavam silenciosas e escuras.

Rosa tinha dezessete anos e era espanhola. Amalfitano tinha cinquenta e era chileno. Rosa tinha passaporte desde os dez anos. Em algumas das suas viagens, lembrava-se Amalfitano, tinham se visto em situações esquisitas, porque Rosa passava na alfândega pela porta dos cidadãos da comunidade europeia e Amalfitano pela porta reservada aos não comunitários.

Da primeira vez Rosa fez birra e chorou, porque não queria se separar do pai. Noutra ocasião, pois as filas avançavam com ritmos bem diferentes, rápida para os comunitários, mais lenta e com maior zelo a dos não comunitários, Rosa se perdeu e Amalfitano levou meia hora para encontrá-la. Às vezes os policiais da alfândega viam Rosa, tão pequenina, e lhe perguntavam se estava viajando sozinha ou se alguém a esperava na saída. Rosa respondia que estava com o pai, que era sul-americano e que tinha de encontrá-lo ali mesmo. Numa ocasião, revistaram a mala de Rosa pois desconfiaram que o pai podia estar passando droga ou armas amparado na inocência e na nacionalidade da filha. Mas Amalfitano nunca havia traficado drogas nem tampouco armas.

Quem sempre viajava armada, lembrava-se Amalfitano enquanto fumava um cigarro mexicano sentado no escritório ou de pé no alpendre às escuras, era Lola, a mãe de Rosa, que nunca se separava de um canivete automático de aço inoxidável. Uma vez foram detidos num aeroporto, antes que Rosa nascesse, e perguntaram o que aquele canivete fazia ali. É para descascar frutas, disse Lola. Laranjas, maçãs, peras, kiwis, esse tipo de frutas. O policial ficou olhando para ela um instante, depois deixou-a passar. Um ano e alguns meses depois desse incidente nasceu Rosa. Dois anos depois Lola foi embora de casa e ainda levava consigo o canivete.

O pretexto que Lola usou foi o de ir visitar seu poeta favorito, que vivia no manicômio de Mondragón, perto de San Sebastián. Amalfitano ouviu seus argumentos por toda uma noite enquanto Lola preparava a mochila e garantia que não demoraria a voltar para casa, para junto dele e da filha. Lola, sobretudo nos últimos tempos, costumava afirmar que conhecia o poeta e que isso acontecera numa festa a que fora em Barcelona, antes de Amalfitano entrar em sua vida. Na festa, que Lola definia como uma festa selvagem, uma festa fora de época que emergia de repente no meio do calor do verão e de uma caravana de carros com as luzes vermelhas acesas, tinha ido para a cama com ele e tinham feito amor a noite inteira, mas Amalfitano sabia que não era verdade, não só porque o poeta era homossexual, mas porque a primeira notícia que teve da sua existência Lola devia a ele, que lhe dera um livro. Depois a própria Lola comprou o resto da obra do poeta e escolheu seus amigos entre as pessoas que acreditavam que o poeta era um iluminado, um extraterrestre, um enviado de Deus, amigos que por sua vez acabavam de sair do manicômio de Sant Boi ou que tinham enlouquecido depois de repetidos tratamentos de desintoxicação. Na realidade, Amalfitano sabia que mais cedo ou mais tarde sua mulher tomaria o caminho de San Sebastián, de modo que preferiu não discutir, mas oferecer-lhe parte das economias, rogar que voltasse uns meses depois e garantir que cuidaria bem da menina. Lola parecia não ouvir nada. Quando a mochila ficou pronta foi à cozinha, preparou dois cafés e ficou quieta, esperando que amanhecesse, apesar de Amalfitano ter procurado encontrar temas de conversa que interessassem a ela ou que, pelo menos, lhe tornassem mais leve a espera. Às seis e meia da manhã a campainha tocou e

Rosa deu um pulo. Vieram me buscar, disse, e ante sua imobilidade Amalfitano teve de levantar e perguntar pelo interfone quem era. Ouviu uma voz muito frágil que dizia sou eu. Eu quem?, perguntou Amalfitano. Abra, sou eu, disse a voz. Quem?, perguntou Amalfitano. A voz, sem abandonar seu tom de fragilidade absoluta, pareceu se irritar com o interrogatório. Eu eu eu eu, disse. Amalfitano fechou os olhos e abriu a porta do edifício. Ouviu o som das roldanas do elevador e voltou à cozinha. Lola continuava sentada, tomando aos golinhos as últimas gotas de café. Acho que é para você, disse Amalfitano. Lola não fez o menor sinal de tê-lo escutado. Vai se despedir da menina?, perguntou Amalfitano. Lola ergueu os olhos e respondeu que era melhor não acordá-la. Seus olhos azuis estavam marcados por olheiras profundas. Depois a campainha da casa tocou duas vezes e Amalfitano foi abrir. Uma mulher bem pequena, de não mais de um metro e cinquenta de altura, passou por ele depois de fitá-lo brevemente e murmurar um cumprimento ininteligível, e se dirigiu diretamente para a cozinha, como se conhecesse os costumes de Lola melhor do que Amalfitano. Quando Amalfitano voltou à cozinha prestou atenção na mochila da mulher, que esta havia deixado no chão junto da geladeira, menor que a de Lola, quase uma mochila miniatura. A mulher se chamava Inmaculada mas Lola a chamava de Imma. Umass poucas vezes, voltando do trabalho, Amalfitano a tinha encontrado em sua casa, quando a mulher lhe disse seu nome e a maneira como devia chamá-la. Imma era o diminutivo de Immaculada, em catalão, mas a amiga de Lola não era catalã nem se chamava Immaculada, com dois emes, e sim Inmaculada, e Amalfitano, por questão fonética, preferia chamá-la de Inma, embora cada vez que o fazia fosse repreendido por sua mulher, até que decidiu não a chamar de nenhuma maneira. Da porta da cozinha observou as duas. Sentia-se muito mais sereno do que havia imaginado. Lola e sua amiga estavam com a vista cravada na mesa de fórmica, mas não passou despercebido a Amalfitano que de vez em quando ambas erguiam a vista e cruzavam olhares de uma intensidade que ele desconhecia. Lola perguntou se alguém queria mais café. Está se dirigindo a mim, pensou Amalfitano. Inmaculada moveu a cabeça de um lado para o outro, depois disse que não tinham tempo, que o melhor era pôr-se em movimento pois logo mais os caminhos de saída de Barcelona estariam fechados. Fala como se Barcelona fosse uma cidade medieval, pensou Amalfitano. Lola e sua amiga se puseram de pé. Amalfitano deu dois passos e abriu a porta da geladeira para tirar uma cerveja impelido por uma repentina sede. Antes de fazê-lo teve de afastar a mochila de Imma. Pesava como se dentro só houvesse duas blusas e outra calça preta. Parece um feto, foi o que pensou Amalfitano e deixou cair a mochila num canto. Depois Lola o beijou nas faces e ela e sua amiga foram embora.

Uma semana depois Amalfitano recebeu uma carta de Lola com o selo trazendo carimbo de Pamplona. Na carta ela contava que a viagem até ali estava cheia de experiências agradáveis e desagradáveis. Eram mais experiências agradáveis. As experiências desagradáveis, aliás, podiam ser qualificadas de desagradáveis, disso não havia dúvida, mas talvez não de experiências. Tudo o que possa acontecer conosco de desagradável, dizia Lola, nos encontrará

com a guarda levantada, pois Imma já viveu tudo isso. Durante dois dias, dizia Lola, trabalhamos em Lérida, num restaurante de beira de estrada cujo dono também é proprietário de uma plantação de macieiras. A plantação era grande e as árvores já estavam carregadas de maçãs verdes. Dentro em pouco começaria a colheita das maçãs e o dono tinha pedido que elas ficassem até lá. Imma conversara com ele enquanto Lola lia um livro do poeta de Mondragón (levava na mochila todos os livros que ele havia publicado até então) junto da barraca canadense em que as duas dormiam e que estava armada à sombra de um álamo, o único álamo que ela tinha visto por aquelas terras, ao lado de uma garagem que ninguém mais usava. Pouco depois apareceu Imma e não quis explicar o trato que o dono do restaurante havia proposto. No dia seguinte foram de novo para a estrada, sem se despedir de ninguém, para pedir carona. Em Zaragoza dormiram na casa de uma velha amiga de Imma, dos tempos da universidade. Lola estava muito cansada e foi para a cama cedo, e em sonhos ouviu risos, depois vozes altas e recriminações, quase todas proferidas por Imma mas algumas também pela amiga desta. Falavam de outros anos, da luta contra o franquismo, do presídio de mulheres de Zaragoza. Falavam de um buraco muito profundo de onde se podia extrair petróleo ou carvão, de uma selva subterrânea, de um comando de mulheres suicidas. Ato contínuo, a carta de Lola dava uma guinada. Não sou lésbica, dizia, não sei por que estou te dizendo isso, não sei por que te trato como uma criança te dizendo isso. A homossexualidade é uma fraude, é um ato de violência cometido contra nós em nossa adolescência, dizia, Imma sabe. Sabe, sabe, é lúcida demais para ignorar isso, mas não pode fazer nada, salvo ajudar. Imma é lésbica, cada dia centenas de milhares de vacas são sacrificadas, cada dia uma manada de herbívoros ou várias manadas de herbívoros percorrem o vale, de norte a sul, com a lentidão e ao mesmo tempo uma velocidade que me dá náuseas, agora mesmo, agora, agora, você consegue ouvir, Oscar? Não, não consigo entender, pensava Amalfitano, enquanto segurava a carta com as duas mãos, como se fosse um salva-vidas feito de bambu e de mato, e com o pé balançava pausadamente o berço da filha.

Depois Lola evocava outra vez aquela noite em que fizera amor com o poeta que jazia, majestoso e semissecreto, no manicômio de Mondragón. Ainda era livre, ainda não tinha sido internado em nenhum centro psiquiátrico. Morava em Barcelona, na casa de um filósofo homossexual, e juntos davam festas uma vez por semana ou uma vez cada quinze dias. Na época eu ainda não sabia nada de você. Não sei se você tinha chegado à Espanha, ou estava na Itália, ou na França, ou em algum buraco imundo da América Latina. As festas desse filósofo homossexual eram famosas em Barcelona. Dizia-se que o poeta e o filósofo eram amantes, mas a verdade é que não pareciam amantes. Um tinha casa, ideias e dinheiro, o outro tinha a lenda, os versos e o fervor dos incondicionais, um fervor canino, de cachorros surrados a pau que caminharam toda a noite ou toda a juventude debaixo da chuva, o infinito temporal de caspa da Espanha, e que por fim encontram um lugar onde enfiar a cabeça, ainda que esse lugar seja uma lata de água putrefata, com um ar ligeiramente familiar. Um dia a sorte me sorriu e fui a uma dessas festas. Dizer que conheci pessoalmente o filósofo

seria exagerar. Eu o vi. Num canto da sala, batendo papo com outro poeta e com outro filósofo. Me pareceu que dava uma aula a eles. Tudo então adquiriu um ar falso. Os convidados esperavam a aparição do poeta. Esperavam que saísse na porrada com um deles. Ou que defecasse no meio da sala, em cima de um tapete turco que parecia o tapete exausto das *Mil e uma noites*, um tapete sovado e que às vezes possuía as virtudes de um espelho que nos refletia a todos de barriga para baixo. Quero dizer: se transformava em espelho ao arbítrio das nossas sacudidas. Sacudidas neuroquímicas. Quando o poeta apareceu, no entanto, não aconteceu nada. A princípio todos os olhos o fitaram, para ver o que podiam obter dele. Depois cada um continuou fazendo o que até então estava fazendo, o poeta cumprimentou alguns amigos escritores e se somou ao círculo do filósofo homossexual. Eu dançava sozinha e continuei dançando sozinha. Às cinco da manhã entrei num dos quartos da casa. O poeta me levava pela mão. Sem me despir me pus a fazer amor com ele. Gozei três vezes enquanto sentia a respiração do poeta no meu pescoço. Ele demorou muito mais. Na semiescuridão distingi três sombras num canto do quarto. Um deles fumava. Outro não parava de murmurar. O terceiro era o filósofo e compreendi que aquela cama era a sua cama e aquele quarto o quarto onde, segundo diziam as más-línguas, ele fazia amor com o poeta. Mas agora quem fazia amor era eu e o poeta era doce comigo, e a única coisa que eu não entendia era que aqueles três estivessem olhando, se bem que não me importava muito, naquele tempo, não sei se você se lembra, nada importava muito. Quando o poeta por fim gozou, dando um grito e virando a cabeça para fitar os três amigos, eu lamentei não estar num dia fértil, porque teria adorado ter um filho dele. Depois se levantou e se aproximou das sombras. Um deles pôs a mão em seu ombro. Outro lhe entregou uma coisa. Eu me levantei e fui ao banheiro sem nem sequer olhar para eles. Na sala sobravam os naufragos da festa. No banheiro encontrei uma moça dormindo na banheira. Lavei a cara e as mãos, me penteei, quando saí o filósofo estava botando para fora os que ainda conseguiam andar. Não parecia de modo algum bêbado ou drogado. Ao contrário estava fresco, como se tivesse acabado de levantar e tomar de café da manhã um grande copo de suco de laranja. Fui embora com uns amigos que tinha conhecido na festa. Naquela hora só estava aberto o Drugstore das Ramblas e para lá nos dirigimos sem quase trocar palavras. No Drugstore encontrei uma moça que eu conhecia fazia um par de anos e que era jornalista do *Ajoblanco*, mas estava cheia de trabalhar lá. Pôs-se a falar da possibilidade de ir para Madri. Perguntou-me se não tinha vontade de mudar de cidade. Encolhi os ombros. Todas as cidades são parecidas, falei. Na realidade o que eu fazia era pensar no poeta e no que acabávamos de fazer, ele e eu. Um homossexual não faz aquilo. Todos diziam que ele era homossexual, mas eu sabia que não era verdade. Depois pensei na desordem dos sentidos e entendi tudo. Soube que o poeta tinha se extraviado, que era um menino perdido e que eu podia salvá-lo. Dar a ele um pouco do muito que ele tinha me dado. Durante cerca de um mês montei guarda na frente da casa do filósofo na esperança de vê-lo chegar um dia e de lhe pedir que fizesse amor comigo mais uma vez. Uma noite vi, não o poeta, mas o filósofo. Notei que alguma coisa havia acontecido com seu rosto. Quando chegou mais perto de mim (não me reconheceu) pude constatar que estava com um olho roxo e cheio de machucados. Do poeta, nem sinal. Às vezes eu tentava

adivinhar, pelas luzes acesas, em que andar ficava o apartamento. Às vezes via sombras detrás das cortinas, às vezes alguém, uma mulher de idade, um homem de gravata, um adolescente de rosto comprido, abria uma janela e contemplava a vista de Barcelona ao entardecer. Uma noite descobri que não era a única a estar ali, espiando ou aguardando a aparição do poeta. Um rapaz de uns dezoito anos, talvez menos, montava guarda em silêncio na calçada em frente. Ele não tinha me notado porque evidentemente se tratava de um jovem sonhador e incauto. Sentava no terraço de um bar e sempre pedia uma Coca-Cola em lata que bebia em goles espaçados enquanto escrevia num caderno escolar ou lia uns livros que reconheci de imediato. Uma noite, antes que ele deixasse o terraço e fosse embora apressadamente, me aproximei e me sentei ao seu lado. Disse que sabia o que ele estava fazendo. Quem é você?, perguntou aterrorizado. Sorri e disse que eu era alguém como ele. Olhou para mim como quem olha para uma louca. Não se engane comigo, disse a ele, não estou louca, sou uma mulher com perfeito domínio mental. Ele riu. Se não está louca, parece, falou. Depois fez o gesto de pedir a conta e já ia se levantando quando confessei que também estava procurando o poeta. Tornou a sentar imediatamente, como se eu tivesse encostado uma pistola em sua têmpora. Pedi um chá de camomila e contei a ele a minha história. Ele me disse que também escrevia poesia e que queria que o poeta lesse alguns dos seus poemas. Não era necessário perguntar para saber que era homossexual e que estava muito só. Deixe vê-los, falei, e lhe arranquei o caderno das mãos. Não era ruim, seu único problema era que escrevia igual ao poeta. Essas coisas não podem ter acontecido com você, falei, você é moço demais para ter sofrido tanto. Fez um gesto como que me dizendo que tanto fazia se eu acreditava ou não. O que importa é que esteja bem escrito, disse ele. Não, eu falei, você sabe que não é isso que importa. Não, não, não, falei, e ele, afinal, me deu razão. Se chamava Jordi e é possível que hoje dê aula na universidade ou esteja escrevendo resenhas no *La Vanguardia* ou no *El Periódico*.

Amalfitano recebeu a carta seguinte de San Sebastián. Nela Lola contava que tinha ido com Imma ao manicômio de Mondragón, visitar o poeta que vivia lá desmiolado e inconsciente, e que os guardas, padres disfarçados de guardas de segurança, não as tinham deixado entrar. Em San Sebastián tinham a intenção de se hospedar na casa de uma amiga de Imma, uma basca chamada Edurne, que havia sido militante do ETA e que depois da chegada da democracia havia abandonado a luta armada, e que não quis ficar com elas em casa mais de uma noite argumentando que tinha muito que fazer e que seu marido não gostava de visitas inesperadas. O marido se chamava Jon e as visitas, de fato, o punham num estado de nervos que Lola teve a oportunidade de constatar. Tremia, ficava vermelho como uma vasilha de argila candente, embora não soltasse uma palavra dava a impressão de estar a ponto de gritar a qualquer momento, suava, suas mãos tremiam, mudava de lugar constantemente, como se não pudesse permanecer parado no mesmo lugar por mais de dois minutos. Edurne, pelo contrário, era uma mulher muito tranquila. Tinha um filho de pouca idade (que elas não puderam ver, pois Jon sempre encontrava um pretexto para evitar que

Imma e ela entrassem no quarto do menino) e trabalhava quase todo o dia como educadora de rua, com famílias de dependentes de drogas e com os mendigos que se apinhavam na escadaria da catedral de San Sebastián e que só desejavam que os deixassem em paz, conforme explicou Edurne rindo, como se acabasse de contar uma piada que só Imma entendeu, pois tanto Lola como Jon não riram. Naquela noite jantaram juntos e no dia seguinte foram embora. Encontraram uma pensão barata de que Edurne tinha lhes falado e pegaram novamente carona até Mondragón. Mais uma vez não puderam ter acesso às instalações do manicômio, mas se conformaram com estudá-lo de fora, observando e retendo na memória todos os caminhos de terra e cascalho que viam, as altas paredes cinzentas, as elevações e sinuosidades do terreno, os passeios dos loucos e dos empregados, que observaram de longe, as cortinas de árvores que se sucediam a intervalos caprichosos ou cuja mecânica não entendiam, e os matagais onde acreditaram ver moscas, pelo que deduziram que alguns loucos e talvez mais de um funcionário da instituição urinavam ali quando começava a entardecer ou quando caía a noite. Depois as duas sentaram na beira da estrada e comeram os sanduíches de pão com queijo que haviam trazido de San Sebastián, sem falar, ou ponderando como que consigo mesmas as sombras fraturadas que o manicômio de Mondragón projetava sobre seu entorno.

Para a terceira tentativa marcaram a visita por telefone. Imma se fez passar por jornalista de uma revista de literatura de Barcelona e Lola por poeta. Desta vez puderam vê-lo. Lola achou-o mais envelhecido, com os olhos cavos e menos cabelo do que antes. No começo, um médico ou um padre as acompanhou, e percorreram com ele os corredores intermináveis, pintados de azul e branco, até chegar a um quarto impessoal onde o poeta as aguardava. A impressão que Lola teve foi que a gente do manicômio se sentia orgulhosa por tê-lo como paciente. Todos o conheciam, todos lhe dirigiam a palavra quando o poeta se encaminhava aos jardins ou ia receber sua dose diária de calmantes. Quando ficaram a sós disse que sentia saudade dele, que durante um tempo havia vigiado diariamente a casa do filósofo no Ensanche e que, apesar da sua constância, não havia conseguido vê-lo novamente. Não é minha culpa, disse a ele, fiz o possível. O poeta olhou-a nos olhos e lhe pediu um cigarro. Imma estava de pé junto ao banco onde eles estavam sentados e lhe ofereceu, sem dizer uma palavra, um cigarro. O poeta disse obrigado e depois disse constância. Eu fui, eu fui, eu fui, disse Lola, de lado, sem parar de olhar para ele, mas com o rabo do olho viu que Imma, depois de ter acendido o isqueiro, tirava da bolsa um livro e começava a ler, de pé, como uma amazona diminuta e infinitamente paciente, e o isqueiro aparecia numa das mãos com que segurava o livro. Depois Lola falou da viagem que as duas haviam realizado. Mencionou as estradas nacionais e as estradas vicinais, problemas com caminhoneiros machistas, cidades e vilarejos, bosques sem nome onde haviam decidido dormir na barraca, rios e banheiros de postos de gasolina onde tinham se lavado. O poeta, enquanto isso, expelia a fumaça pela boca e pelo nariz, criando círculos perfeitos, nimbos azulados, cúmulos cinzentos que a brisa do parque desfazia ou levava até os limites deste, ali onde se erguia um bosque escuro com

galhos que a luz que caía dos morros prateava. Como para tomar fôlego, Lola falou das duas visitas anteriores, infrutíferas mas interessantes. Depois disse a ele o que na verdade queria dizer: que sabia que ele não era homossexual, que ela sabia que ele estava preso e desejava fugir, que ela sabia que o amor maltratado, mutilado, deixava sempre aberta uma brecha para a esperança, que a esperança era seu projeto (ou o contrário) e que sua materialização, sua objetivação consistia em escapar do manicômio com ela e tomar o caminho da França. E ela, quem é?, perguntou o poeta que tomava dezesseis comprimidos diários e escrevia sobre as suas visões, apontando para Imma que, impávida, lia de pé um dos seus livros, como se suas anáguas e saias fossem de concreto armado e a impedissem de sentar. Ela vai nos ajudar, disse Lola. A verdade é que o plano foi idealizado por ela. Entraremos na França pela montanha, como peregrinos. Iremos a Saint-Jean-de-Luz e ali pegaremos o trem. O trem nos levará pelos campos, que nesta época do ano são os mais formosos do mundo, até Paris. Moraremos em albergues. Esse é o plano de Imma. Trabalharemos ela e eu fazendo faxina ou cuidando de crianças nos bairros ricos de Paris enquanto você escreve poesia. De noite você lerá seus poemas e fará amor comigo. Esse é o plano de Imma, calculado em todos os detalhes. Ao fim de três ou quatro meses ficarei grávida e essa será a prova mais fidedigna de que você não é o fim de uma raça. Que mais poderiam querer as famílias inimigas! Ainda trabalharei mais uns meses, mas chegada a hora Imma trabalhará dobrado. Viveremos como profetas mendigos ou como profetas crianças enquanto os olhos de Paris estiverem focados em outros alvos, a moda, o cinema, os jogos de azar, a literatura francesa e americana, a gastronomia, o produto interno bruto, a exportação de armas, a manufatura de lotes maciços de anestesia, tudo aquilo que no fim das contas será somente a cenografia dos primeiros meses do nosso feto. Depois, aos seis meses de gravidez, voltaremos à Espanha, mas desta vez não o faremos pela fronteira de Irún mas por La Jonquera ou por Portbou, em terras catalãs. O poeta olhou para ela com interesse (e também olhou com interesse para Imma, que não tirava os olhos dos seus poemas, poemas que havia escrito fazia uns cinco anos, pelo que se lembrava) e voltou a expelir a fumaça nas formas mais caprichosas, como se durante sua longa estada em Mondragón houvesse se dedicado a aperfeiçoar tão singular arte. Como faz isso?, perguntou Lola. Com a língua e pondo os lábios de determinada maneira, falou. Às vezes, como se eles fossem estriados. Às vezes, como se você mesma o tivesse queimado. Às vezes, como se você estivesse chupando uma pica de tamanho médio para pequeno. Às vezes, como se você disparasse uma flecha zen com um arco zen num pavilhão zen. Ah, entendo, disse Lola. Você, recite um poema, disse o poeta. Imma olhou para ele e levantou um pouco mais o livro, como se pretendesse se ocultar atrás dele. Que poema? O que gostar mais, disse o poeta. Gosto de todos, disse Imma. Então vamos lá, recite um, disse o poeta. Quando Imma acabou de ler um poema que falava do labirinto e de Ariadne perdida no labirinto e de um jovem espanhol que vivia numa mansarda de Paris, o poeta perguntou a elas se tinham chocolate. Não, respondeu Lola. Agora não puxamos fumo, corroborou Imma, todas as nossas energias estão empenhadas em tirar você daqui. O poeta sorriu. Não me referia a esse tipo de chocolate, falou, mas ao outro, o que se faz com cacau, leite e açúcar. Ah, entendo, disse Lola, e ambas tiveram de admitir que também não traziam guloseimas desse tipo.

Lembraram que nas suas bolsas, enrolados em guardanapos e papel-alumínio, traziam dois sanduíches de queijo e os ofereceram, mas o poeta pareceu não ouvi-las. Antes que começasse a anoitecer um bando de grandes pássaros negros sobrevoou o parque até se perder em direção ao norte. Pelo caminho de cascalho, o jaleco branco redemoinhando com a brisa vespertina, apareceu um médico. Ao chegar junto deles perguntou ao poeta, chamando-o pelo nome como se fossem amigos de adolescência, como se sentia. O poeta olhou para ele com uma expressão de vazio e, tratando-o também por você, disse que estava um pouco cansado. O médico, que se chamava Gorka e não devia ter mais de trinta anos, sentou-se ao lado dele, pôs a mão na sua testa, depois tomou o seu pulso. Você está bem pra caralho, cara, sentenciou. E as senhoritas, como estão?, perguntou depois com um sorriso otimista e saudável. Imma não respondeu. Lola pensou naquele momento que Imma estava morrendo escondida atrás do livro. Muito bem, disse, fazia tempo que não nos víamos e foi um encontro maravilhoso. Quer dizer que já se conheciam?, perguntou o médico. Eu não, disse Imma, virando a página. Eu sim, disse Lola, fomos amigos faz uns anos, em Barcelona, quando ele morava em Barcelona. Na realidade, disse enquanto erguia a vista e observava as últimas aves negras, que haviam ficado para trás, empreenderem seu voo bem quando de um interruptor oculto no manicômio alguém acendia as luzes do parque, fomos mais do que amigos. Que interessante, disse Gorka acompanhando com a vista o voo das aves que a hora e a luz artificial tingiam de um fulgor dourado. Em que ano foi isso?, perguntou o médico. Em 1979 ou 1978, não lembro mais, disse Lola com um fio de voz. Não vá pensar que sou uma pessoa indiscreta, disse o médico, o que acontece é que estou escrevendo uma biografia sobre nosso amigo e quanto mais dados eu reunir sobre a sua vida, melhor, sopa no mel, não acha? Algum dia ele vai sair daqui, disse Gorka alisando as sobancelhas, algum dia o público da Espanha terá de reconhecê-lo como um dos grandes, não digo que vão lhe dar algum prêmio, vamos dizer, o Príncipe de Astúrias não vai ser concedido a ele nem tampouco o Cervantes nem muito menos vai se aboletar numa cadeira da Academia, a carreira das letras na Espanha é feita para os arrivistas, os oportunistas e os puxa-sacos, com perdão da expressão. Mas algum dia ele vai sair daqui. Isso é um fato. Algum dia eu também vou sair daqui. E todos os meus pacientes e os pacientes dos meus colegas. Algum dia todos, finalmente, sairemos de Mondragón e esta nobre instituição de origem eclesiástica e fins benevolentes ficará vazia. Então minha biografia vai ter algum interesse e eu vou poder publicá-la, mas enquanto isso, como vocês compreendem, o que tenho de fazer é reunir dados, datas, nomes, compilar anedotas, algumas de gosto duvidoso e até ferinas, outras mais de caráter pitoresco, histórias que agora giram em torno de um centro gravitacional caótico, que é nosso amigo aqui presente, ou o que ele quer nos mostrar, sua ordem aparente, uma ordem de caráter verbal que esconde, com uma estratégia que creio compreender mas cujo fim ignoro, uma desordem verbal que, se a experimentássemos, mesmo que só como espectadores de uma encenação teatral, nos faria estremecer até um grau dificilmente suportável. O senhor é um sol, doutor, disse Lola. Imma rangeu os dentes. Então Lola se dispôs a contar a Gorka sua experiência heterossexual com o poeta, mas sua amiga a impediu aproximando-se dela e acertando-lhe com a ponta do sapato um chute na canela. Nesse momento, o poeta, que

tinha novamente se posto a fazer volutas de fumaça no ar, se lembrou da casa no Ensanche de Barcelona e se lembrou do filósofo, e embora seus olhos não se iluminassem, parte da sua expressão óssea, sim, se iluminou: as mandíbulas, o queixo, as bochechas estropiadas, como se ele tivesse se perdido pelo Amazonas e três frades sevilhanos o houvessem resgatado, ou um frade monstruoso com uma cabeçorra tripla, fenômeno que também não o amedrontava. De modo que, dirigindo-se a Lola, perguntou pelo filósofo, disse o nome dele, evocou sua estada naquela casa, os meses que passou em Barcelona sem trabalhar, fazendo brincadeiras pesadas, jogando livros que não havia comprado pelas janelas (enquanto o filósofo descia a escada correndo para recuperá-los, o que nem sempre acontecia), pondo a música a todo o volume, dormindo pouco e rindo muito, ocupado em trabalhos ocasionais de tradutor e resenhista de luxo, uma estrela líquida de água fervendo. E Lola então ficou com medo e tapou o rosto com as mãos. E Imma, que por fim guardou o livro de poemas na bolsa, fez a mesma coisa, tapou o rosto com suas mãos pequenas e nodosas. E Gorka olhou para as duas mulheres, depois olhou para o poeta e soltou uma gargalhada interiormente. Mas, antes que a gargalhada se apagasse em seu coração tranquilo, Lola disse que o filósofo tinha morrido de aids fazia pouco. Ora, ora, ora, disse o poeta. Segue em frente e deixa falar a gente, disse o poeta. O dia não rompe mais cedo se a pessoa madrugar, disse o poeta. Eu te amo, disse Lola. O poeta se levantou e pediu mais um cigarro a Imma. Para amanhã, falou. O médico e o poeta se afastaram por um caminho rumo ao manicômio. Lola e Imma se afastaram por outro em direção à saída, onde encontraram a irmã de outro louco, o filho de um operário louco e uma senhora de ar compungido cujo primo-irmão estava recluso no manicômio de Mondragón.

No dia seguinte voltaram mas lhes disseram que o paciente que queriam ver necessitava de repouso absoluto. A mesma coisa aconteceu nos dias seguintes. Um dia acabou o dinheiro delas e Imma decidiu ir outra vez para a estrada, desta vez rumo ao sul, a Madri, onde tinha um irmão que havia feito uma carreira proveitosa durante a democracia e a quem pensava pedir um empréstimo. Lola não tinha forças para viajar e ambas decidiram que esperasse na pensão, como se nada houvesse acontecido, e que Imma voltaria uma semana depois. Em sua solidão, Lola matava o tempo escrevendo a Amalfitano longas cartas em que contava a sua vida cotidiana em San Sebastián e nos arredores do manicômio, aonde ia diariamente. A cara entre as grades, imaginava que se punha em contato telepático com o poeta. Na maioria das vezes, porém, procurava uma clareira no bosque vizinho e se dedicava a ler ou a colher florezinhas e maços de folhagem com os quais fazia buquês que depois deixava cair entre as barras da grade ou que levava para a pensão. Em certa ocasião um motorista que a pegou na estrada perguntou se queria conhecer o cemitério de Mondragón, e ela aceitou a proposta. Estacionaram o carro na parte de fora, debaixo de uma acácia, e por um instante passearam por entre os túmulos, a maioria deles com nomes bascos, até chegar ao nicho onde estava enterrada a mãe do motorista. Este disse então que gostaria de trepar com ela ali mesmo. Lola riu e teve a precaução de avisá-lo que ali se tornavam um alvo fácil para qualquer

visitante que caminhasse pela alameda principal do cemitério. O motorista refletiu por uns segundos, ao fim dos quais disse: cacete, é verdade. Procuraram um lugar mais apartado e o ato não durou mais de quinze minutos. O motorista se chamava Larrazábal e embora tivesse nome de batismo não quis dizê-lo. Só Larrazábal, como meus amigos me chamam, disse. Depois contou a Lola que não era a primeira vez que ele fazia amor no cemitério. Antes já tinha estado com uma namoradinha, com uma mulher que havia conhecido numa discoteca e com duas putas de San Sebastián. Quando iam saindo quis dar dinheiro a Lola, mas ela não aceitou. Ficaram um bom tempo conversando dentro do carro. Larrazábal perguntou se ela tinha um parente internado no manicômio e Lola contou sua história. Larrazábal disse que jamais tinha lido um poema. Acrescentou que não entendia a obsessão de Lola pelo poeta. Eu também não entendo sua mania de trepar num cemitério, disse Lola, mas nem por isso te julgo. É verdade, admitiu Larrazábal, todas as pessoas têm suas manias. Antes que Lola descesse do carro, Larrazábal enfiou sub-repticiamente em sua bolsa uma nota de cinco mil pesetas. Lola percebeu mas não disse nada, depois ficou sozinha debaixo do arvoredor, em frente ao portão de ferro da casa dos loucos onde vivia o poeta que a ignorava olímpicamente.

Ao cabo de uma semana Imma ainda não havia voltado. Lola a imaginou pequenina, de olhar impávido, um rosto de camponesa culta ou de professora secundária aparecendo num vasto campo pré-histórico, uma mulher de quase cinquenta anos vestida de preto percorrendo sem olhar para os lados, sem olhar para trás, um vale em que ainda era possível discernir as marcas dos grandes predadores das marcas dos herbívoros. Imaginou-a detida numa encruzilhada enquanto os caminhões de transporte de grande tonelagem passavam a seu lado sem diminuir a velocidade, levantando poeiras que não a tocavam, como se sua indecisão e seu desamparo constituíssem um estado de graça, uma redoma que a protegia das inclemências da sorte, da natureza e de seus semelhantes. No nono dia a dona da pensão botou-a na rua. A partir desse momento dormiu na estação de trem, num galpão abandonado em que dormiam alguns mendigos que se ignoravam mutuamente, no campo aberto, junto dos limites que separavam o manicômio do mundo exterior. Uma noite foi de carona até o cemitério e dormiu num nicho vazio. Na manhã seguinte sentiu-se feliz e afortunada, e decidiu esperar ali a volta de Imma. Tinha água para beber e lavar o rosto e os dentes, estava perto do manicômio, era um recinto aprazível. Uma tarde, enquanto punha para secar uma blusa, que acabava de lavar, em cima de uma lápide branda encostada no muro do cemitério, ouviu vozes que saíam de um mausoléu e para lá dirigiu seus passos. O mausoléu pertencia a uma certa família Lagasca e pelo estado em que estava era fácil deduzir que o último dos Lagasca fazia tempo tinha morrido ou sido abandonado naquelas terras. No interior da cripta viu o facho de luz de uma lanterna e perguntou quem era. Cacete, você, escutou uma voz dizendo no interior. Pensou que podia se tratar de ladrões ou de trabalhadores que estavam restaurando o mausoléu ou de profanadores de túmulos, depois ouviu uma espécie de miado e quando ia embora viu aparecer na porta gradeada da cripta a cara olivácea de Larrazábal. Depois saiu uma mulher, que Larrazábal mandou que esperasse junto do carro, e por um

instante os dois conversaram e passearam de braços dados pelas alamedas do cemitério até que o sol começou a baixar até a borda esmerilhada dos nichos.

A loucura é contagiosa, pensou Amalfitano sentado no chão do alpendre de casa enquanto o céu se fechava de repente e já não se podia ver a lua nem as estrelas nem as luzes errantes que costumam ser observadas, sem necessidade de binóculos nem telescópios, naquela zona do norte de Sonora e sul do Arizona.

A loucura é contagiosa, de fato, e os amigos, sobretudo quando você está só, são providenciais. Essas mesmas palavras foram as que Lola utilizou, anos antes, para contar a Amalfitano numa carta sem remetente seu encontro fortuito com Larrazábal, que se encerrou com o basco obrigando-a a aceitar como empréstimo dez mil pesetas e a promessa de voltar no dia seguinte, antes de entrar no carro e indicar com um gesto a puta que o aguardava, impaciente por também entrar. Naquela noite Lola dormiu em seu nicho, embora tenha se sentido tentada a se enfiar na cripta aberta, feliz porque as coisas começavam a melhorar. Quando amanheceu lavou o corpo todo usando um pano molhado, escovou os dentes, penteou-se, vestiu roupa limpa e depois foi para a estrada pedir carona até Mondragón. No vilarejo comprou um pedaço de queijo de cabra, um pão, e foi comer na praça, com fome, pois a verdade é que nem se lembrava mais quando tinha comido pela última vez. Depois entrou num bar cheio de operários da construção e tomou um café com leite. Tinha esquecido a hora em que Larrazábal disse que iria ao cemitério, mas não lhe importava, da mesma maneira distante que Larrazábal e o cemitério e o vilarejo e a paisagem trêmula dessa hora da manhã tampouco lhe importavam. Antes de sair do bar foi ao banheiro e se olhou no espelho. Voltou a pé à estrada e fez sinal de carona até que uma mulher parou ao lado dela e lhe perguntou aonde ia. Ao manicômio, disse Lola. Sua resposta incomodou visivelmente a mulher, que no entanto lhe disse para entrar. Ela também ia para lá. Vai visitar alguém ou está internada?, perguntou. Vou visitar, respondeu Lola. O rosto da mulher era fino, ligeiramente comprido, de lábios quase inexistentes que lhe davam um ar frio e calculista, mas tinha pômulos bonitos e se vestia como uma profissional liberal que não é solteira, que tem de cuidar de uma casa, de um marido e quem sabe até de um filho. Meu pai está lá, confessou. Lola não disse nada. Ao chegar ao portão de acesso Lola desceu do carro e a mulher continuou sozinha. Vagou um momento pela fronteira do manicômio. Ouviu o barulho de cavalos e supôs que em algum lugar, para lá do bosque, devia haver um clube hípico ou um picadeiro. A certa altura distinguiu os telhados vermelhos de uma casa que não tinha nada a ver com o manicômio. Retrocedeu sobre seus passos. Voltou àquela parte da grade de onde tinha a melhor panorâmica do parque. Quando o sol subia viu um grupo de pacientes que saíam de forma compacta de um pavilhão de ardósia e depois se dispersavam pelos bancos do parque e começavam a acender cigarros e fumar. Acreditou distinguir o poeta. Ia acompanhado de dois internos e vestia uma calça jeans e uma camiseta

branca bastante folgada. Fez sinal para ele com os braços, a princípio com timidez, como se tivesse os braços entorpecidos pelo frio, depois de forma ostensiva, traçando desenhos estranhos no ar ainda frio, procurando fazer que seus sinais adquirissem a peremptoriedade de um raio laser, tentando lhe transmitir frases telepáticas. Passados cinco minutos se deu conta de que o poeta se levantava de seu banco e que um dos loucos lhe acertava um chute nas pernas. Conteve com esforço a vontade que sentiu de gritar. O poeta se virou e devolveu o chute. O louco, que tinha tornado a sentar, levou o pontapé no peito e caiu fulminado como um passarinho. O que estava fumando a seu lado se levantou e perseguiu o poeta por uns dez metros, dando-lhe chutes na bunda e socos nas costas. Depois voltou tranquilamente ao banco, onde o outro se reanimava e esfregava o peito, o pescoço e a cabeça, ato de todos os pontos de vista exagerado, pois tinha levado o chute somente no peito. Nesse instante Lola parou de fazer sinais. Um dos loucos do banco começou a se masturbar. O outro, que afetava uma dor exagerada, remexeu no bolso e tirou um cigarro. O poeta se aproximou deles. Lola acreditou ouvir seu riso. Um riso irônico, como se estivesse dizendo a eles: caras, vocês não sabem aguentar uma brincadeira. Mas talvez o poeta não risse. Talvez, dizia Lola em sua carta a Amalfitano, fosse minha loucura que ria. Em todo caso, fosse ou não sua loucura, o poeta se aproximou de onde estavam os outros dois e lhes disse alguma coisa. Nenhum dos loucos respondeu. Lola os viu: os loucos olhavam para o chão, a vida que palpitava rente à terra, em meio à relva e debaixo dos torrões soltos. Uma vida cega na qual tudo era claro como água. O poeta, por sua vez, presumivelmente olhava para o rosto de seus companheiros de infortúnio, primeiro um e depois o outro, procurando um sinal que lhe indicasse que podia voltar a sentar sem perigo no banco. Coisa que finalmente fez. Ergueu a mão em sinal de trégua ou de rendição e sentou no meio dos outros dois. Ergueu uma mão como quem ergue os farrapos de uma bandeira. Mexeu os dedos, cada dedo, como se eles fossem uma bandeira em chamas, a bandeira dos que nunca se rendem. E sentou no meio e depois olhou para o que estava se masturbando e lhe falou no ouvido. Desta vez Lola não ouviu mas viu claramente como a mão esquerda do poeta se introduzia na escuridão do roupão do outro. Depois viu os três fumarem. E viu as volutas artesanais que saíam da boca e do nariz do poeta.

A carta seguinte, e última, que Amalfitano recebeu da mulher não tinha remetente mas trazia selos franceses. Nela Lola contava de uma conversa com Larrazábal. Cacete, você, que sorte tem, dizia Larrazábal, a vida inteira eu quis morar num cemitério e você, mal chegou, já está morando num. Boa gente, o Larrazábal. Ofereceu o apartamento a ela. Ofereceu levá-la todas as manhãs ao manicômio de Mondragón onde o maior e mais sonhador poeta da Espanha estudava entomologia. Ofereceu-lhe dinheiro sem pedir nada em troca. Uma noite convidou-a ao cinema. Outra noite acompanhou-a à pensão para perguntar se havia notícias de Imma. Uma madrugada de sábado, depois de fazerem amor a noite inteira, pediu-a em casamento e não se sentiu ofendido nem ridículo quando Lola o lembrou de que já era casada. Boa gente, o Larrazábal. Comprou uma saia para ela numa feira de rua e um jeans de

grife numa loja do centro de San Sebastián. Falou-lhe da mãe, a quem havia amado com toda a alma, e de seus irmãos, pelos quais sentia desapego. Nada disso comoveu Lola, ou a comoveu sim, mas não no sentido que ele esperava. Para ela aqueles dias foram como que uma aterrissagem de paraquedas diferida, após um longo voo espacial. Não ia mais diariamente a Mondragón, mas uma vez cada três dias, e se postava junto à grade sem esperança alguma de ver o poeta mas, no máximo, algum sinal que de antemão sabia que não ia compreender nunca ou que compreenderia passados muitos anos, quando tudo aquilo não teria mais importância. Às vezes, sem avisar por telefone e sem deixar recado, não dormia na casa de Larrazábal, e este ia de carro buscá-la no cemitério, no manicômio, na velha pensão onde ela se hospedara, pelos lugares onde se reuniam os mendigos e os transeuntes de San Sebastián. Uma vez encontrou-a na sala de espera da estação ferroviária. Noutra ocasião encontrou-a sentada num banco de La Concha, numa hora em que só passeavam os que já não tinham tempo para nada e suas contrapartes, os que haviam dominado o tempo. De manhã era Larrazábal que preparava o café da manhã. De noite, voltando do trabalho, era ele que preparava o jantar. Durante o resto do dia Lola só tomava água, em grandes quantidades, e comia um pedaço de pão ou um bolo suficientemente pequeno para caber em seu bolso, que comprava numa padaria da esquina antes de ir vagabundear. Uma noite, quando tomavam banho, disse a Larrazábal que pensava ir embora e pediu a ele dinheiro para o trem. Te dou todo o dinheiro que tenho, respondeu ele, o que não posso fazer é te dar dinheiro para ir embora e eu não voltar a te ver. Lola não insistiu. De algum modo, explicou a Amalfitano, conseguiu o dinheiro certinho para a passagem, e um meio-dia pegou o trem para a França. Ficou um tempo em Bayonne. Partiu para Landes. Voltou a Bayonne. Esteve em Pau e em Lourdes. Uma manhã viu um trem cheio de doentes, paralíticos, adolescentes com paralisia cerebral, camponeses com câncer de pele, burocratas castelhanos com doenças terminais, velhas de boas maneiras vestidas como carmelitas descalças, gente com erupções na pele, crianças cegas, e sem saber como ajudá-los, como se fosse uma freira de jeans posta ali pela Igreja para auxiliar e orientar os desesperados que pouco a pouco entravam nos ônibus estacionados fora da estação de trem ou que formavam longas filas como se cada um deles fosse uma escama de uma serpente enorme, velha e cruel, mas eminentemente sadia. Depois chegaram trens italianos e trens do norte da França, e Lola se movimentava entre eles como uma sonâmbula, seus grandes olhos azuis incapazes de pestanejar, caminhando com lentidão, pois o cansaço acumulado começava a pesar e, sendo franqueada a ela a entrada em todas as dependências da estação, algumas transformadas em salas de primeiros socorros, outras em salas de reanimação, e outra, só uma, a mais discreta, em improvisado necrotério onde jaziam os cadáveres daqueles cujas forças haviam sido inferiores ao acelerado desgaste da viagem de trem. De noite ia dormir no edifício mais moderno de Lourdes, um monstro de aço, vidro e funcionalidade que enfiava sua cabeça eriçada de antenas entre as nuvens brancas que desciam, grandes e pesadas, do norte ou que avançavam como um exército desordenado, confiando apenas na potência da sua massa, vindas do oeste, ou que se desprendiam dos Pireneus como fantasmas de animais mortos. Ali, costumava dormir nos habitáculos do lixo, depois de abrir uma portinhola anã rente ao chão. Outras vezes ficava na

estação, no bar da estação, quando o caos dos trens se acalmava, e deixava os velhos do lugar convidá-la para um café com leite e conversarem com ela sobre cinema e agricultura. Uma tarde acreditou ter visto Imma descendo do trem de Madri escoltada por uma patrulha de estropiados. Tinha a mesma estatura que Imma, usava saias pretas e compridas como Imma, o rosto de Virgem Dolorosa e de freira castelhana era o mesmo rosto de Imma. Ficou quieta e esperou que passasse junto dela, mas não a cumprimentou e cinco minutos depois, a cotoveladas, abandonou a estação de Lourdes e a cidade de Lourdes, foi andando até a estrada e só então começou a pedir carona.

Amalfitano passou cinco anos sem ter notícias de Lola. Uma tarde, quando estava num parque infantil com a filha, viu uma mulher que se encostava na cerca de madeira que separava o parquinho do resto do parque. Pareceu-lhe que era Imma, acompanhou seu olhar e com alívio se deu conta de que era outra a criança que atraía sua atenção de louca. O menino usava calça curta, era um pouco mais velho que sua filha, tinha cabelo escuro e muito liso que volta e meia caía e ocultava seu rosto. Entre a cerca separadora e os bancos que a prefeitura tinha posto para que os pais se sentassem de frente para os filhos se erguia a duras penas uma sebe que acabava junto de um velho carvalho, já fora dos limites do parquinho. A mão de Imma, sua mãozinha nodosa e dura, curtida pelo sol e pelos rios gelados, acariciava a superfície recém-podada da sebe como quem acaricia o lombo de um cachorro. Trazia uma sacola de plástico de grandes dimensões. Amalfitano se aproximou com passos que pretendia descansados mas foram erráticos. Sua filha estava na fila do escorrega. De repente, antes que pudesse falar com ela, Amalfitano viu que o menino, por fim, percebia a vigilante presença de Imma e que, depois de afastar uma mecha de cabelo, levantava o braço direito e a cumprimentava repetidamente. Imma, então, como se estivesse apenas esperando esse sinal, levantava calada o braço esquerdo, cumprimentava-o e punha-se a caminhar até sair do parque pela porta norte, que dava para uma movimentada avenida.

Cinco anos depois da partida de Lola, Amalfitano voltou a receber notícias dela. A carta era breve e vinha de Paris. Nela Lola dizia que trabalhava fazendo faxina em escritórios. Um trabalho noturno que começava às dez da noite e terminava às quatro, cinco ou seis da manhã. Paris era uma cidade bonita naquela hora, como todas as grandes cidades quando a gente dorme. Voltava para casa de metrô. O metrô, nessa hora, é a coisa mais triste do mundo. Tivera outro filho, um menino, chamado Benoît, com o qual morava. Também estivera internada. Não especificava a doença nem dizia se ainda estava doente. Não falava de nenhum homem. Não perguntava por Rosa. Para ela é como se a menina não existisse, pensou Amalfitano, mas depois se deu conta de que as coisas não tinham necessariamente de ser assim. Chorou um pouco com a carta entre as mãos. Enquanto enxugava os olhos se deu conta, só então, de que a carta estava escrita à máquina. Soube, sem nenhuma sombra de dúvida, que Lola a tinha escrito num dos escritórios que dizia limpar. Por um segundo

pensou que era tudo mentira, que Lola trabalhava na parte administrativa ou de secretária em alguma grande empresa. Depois enxergou claro. Viu o aspirador estacionado entre duas fileiras de mesas, viu a enceradeira como um cruzamento de mastim e porco junto a uma planta de interior, viu uma enorme vidraça através da qual pisca-piscavam as luzes de Paris, viu Lola com o guarda-pó da companhia de limpeza, um surrado guarda-pó azul, sentada escrevendo a carta e talvez fumando com suprema lentidão um cigarro, viu os dedos de Lola, os pulsos de Lola, os olhos inexpressivos de Lola, viu outra Lola refletida no vidro da vidraça, flutuando etérea contra o céu de Paris, como uma fotografia que está trucada mas que não está trucada, flutuando, flutuando reflexiva contra o céu de Paris, cansada, enviando mensagens da zona mais fria, gélida, da paixão.

Dois anos depois de enviar esta última carta, sete anos depois de ter abandonado Amalfitano e a filha, Lola voltou para casa e não encontrou ninguém. Por três semanas andou perguntando nos antigos endereços de que se lembrava pelas coordenadas do marido. Uns não lhe abriam a porta, porque não conseguiam identificá-la ou porque tinham se esquecido dela. Outros a atendiam do umbral, por desconfiança ou porque Lola, simplesmente, tinha se enganado de endereço. Uns poucos a convidaram para entrar e lhe ofereceram um café ou um chá que Lola nunca aceitou, pois parecia ter pressa em ver a filha e Amalfitano. A princípio a busca foi desanimadora e irreal. Falava com gente de quem nem ela própria se lembrava. De noite dormia numa pensão próxima das Ramblas, onde se apinhavam em quartos minúsculos os trabalhadores estrangeiros. Achou a cidade mudada mas não era capaz de dizer em que havia mudado. De tarde, depois de andar todo o dia, sentava na escadaria de uma igreja para descansar e ouvia as conversas de quem entrava e saía, majoritariamente turistas. Lia livros em francês sobre a Grécia, sobre bruxaria e sobre vida saudável. Às vezes sentia-se como Electra, filha de Agamênon e Clitemnestra, vagando incógnita por Micenas, a assassina confundida com a plebe, com a massa, a assassina cuja mente ninguém entende, nem os especialistas do FBI nem a gente caridosa que deixava cair uma moeda em suas mãos. Outras vezes se via como a mãe de Medonte e Estrófilo, uma mãe feliz que contempla de uma janela as brincadeiras de seus filhos enquanto, no fundo, o céu azul se debate entre os braços brancos do Mediterrâneo. Murmurava: Pílates, Orestes, e nesses nomes estavam compreendidos os rostos de muitos homens, menos o de Amalfitano, o homem que ela agora procurava. Uma noite encontrou um ex-aluno de seu marido, que excepcionalmente a reconheceu, como se em seus tempos de universidade houvesse sido apaixonado por ela. O ex-estudante levou-a para a sua casa, disse que podia ficar lá o tempo que quisesse, arrumou o quarto de hóspedes para seu uso exclusivo. Na segunda noite, enquanto jantavam juntos, o ex-estudante abraçou-a e ela deixou que a abraçasse por uns segundos, como se também precisasse do abraço, depois lhe falou no ouvido, e o ex-estudante se afastou e foi sentar no chão, num canto da sala. Durante horas permaneceram assim, ela sentada na poltrona e ele sentado no chão, que era recoberto por um assoalho muito curioso, amarelo-escuro, que mais do que assoalho parecia um tapete de fibra trançada muito fina. As

velas que havia em cima da mesa se apagaram e só então ela foi sentar na sala, no outro canto. No escuro acreditou ouvir uns gemidos fracos. Pareceu-lhe que o jovem chorava e dormiu embalada por seu pranto. Nos dias seguintes o ex-estudante e ela redobram esforços. Quando por fim viu Amalfitano não o reconheceu. Estava mais gordo do que antes e havia perdido cabelo. Viu-o de longe e não hesitou nem um segundo enquanto se aproximava dele. Amalfitano estava sentado debaixo de um cedro e fumava com uma expressão ausente. Você mudou muito, disse a ele. Amalfitano reconheceu-a de imediato. Você não, disse ele. Obrigada, disse ela. Depois Amalfitano se levantou e os dois se foram.

Amalfitano, naquela época, vivia em Sant Cugat e dava aulas de filosofia na Universidade Autônoma de Barcelona, que ficava relativamente perto para ele. Rosa fazia o primário numa escola pública do lugar, saía de casa às oito e meia e não voltava antes das cinco da tarde. Lola viu Rosa e disse a ela que era sua mãe. Rosa soltou um grito, deu um abraço nela e quase de imediato se soltou e foi se esconder no quarto. Essa noite, depois de tomar banho e fazer sua cama no sofá, Lola disse a Amalfitano que estava muito doente, que provavelmente morreria logo e que tinha querido ver Rosa pela última vez. Amalfitano se ofereceu para levá-la ao hospital no dia seguinte, a que Lola se negou dizendo que os médicos franceses sempre tinham sido melhores que os espanhóis, e tirou da bolsa uns papéis que atestavam, sem sombra de dúvida e em francês, que ela estava com aids. No dia seguinte, ao voltar da universidade, Amalfitano encontrou Lola e Rosa passeando pelas imediações da estação de mãos dadas. Não quis incomodá-las e seguiu-as à distância. Quando abriu a porta de casa achou as duas juntas assistindo tevê. Mais tarde, quando Rosa já estava dormindo, perguntou por seu filho Benoît. Por um instante Lola permaneceu em silêncio e recordou com memória fotográfica cada parte do corpo do filho, cada gesto, cada expressão de espanto ou de susto, depois disse que Benoît era um menino inteligente e sensível, e que seu filho tinha sido o primeiro a saber que ela ia morrer. Amalfitano perguntou quem disse a ele, se bem que com resignação acreditava saber a resposta. Soube sem ajuda de ninguém, disse Lola, simplesmente olhando. É terrível para uma criança saber que sua mãe vai morrer, disse Amalfitano. Mais terrível é mentir para eles, nunca se deve mentir para as crianças, disse Lola. No quinto dia que estava lá, quando os remédios que havia trazido da França estavam a ponto de acabar, Lola disse a eles uma manhã que precisava ir embora. Benoît é pequeno e precisa de mim, falou. Não, na realidade não precisa, mas nem por isso deixa de ser pequeno, falou. Não sei quem precisa de quem, disse finalmente, mas o certo é que tenho de ver como ele está. Amalfitano deixou um bilhete em cima da mesa e um envelope com boa parte das suas economias. Quando voltou do trabalho pensava que Lola não estaria mais ali. Foi buscar Rosa no colégio e foram a pé para casa. Ao chegar viram Lola sentada na frente da tevê ligada mas com o som apagado, lendo seu livro sobre a Grécia. Jantaram juntos. Rosa foi se deitar por volta da meia-noite. Amalfitano levou-a para o quarto, tirou sua roupa e enfiou-a debaixo das cobertas. Lola o esperava na sala com sua mala, pronta para sair. É melhor que fique esta noite, Amalfitano disse a ela. Está muito tarde para ir embora. Não há mais trens

para Barcelona, mentiu. Não vou de trem, disse Lola. Vou pegar carona. Amalfitano inclinou a cabeça e disse que podia partir quando quisesse. Lola lhe deu um beijo no rosto e se foi. No dia seguinte Amalfitano levantou às seis da manhã e ligou o rádio para ter certeza de que não tinha aparecido assassinada e violentada nenhuma caronista nas estradas da região. Tudo tranquilo.

Essa imagem conjectural de Lola, porém, o acompanhou durante muitos anos, como uma lembrança que emerge com estrépito dos mares glaciais, muito embora ele na realidade não tenha visto nada e portanto não podia se lembrar de nada, só da sombra da sua ex-mulher na rua que a luz dos postes projetava sobre as fachadas vizinhas, e depois o sonho: Lola se afastando por uma das estradas que saem de Sant Cugat, andando à beira do caminho, um caminho pouco transitado pelos carros, que preferiam poupar tempo e desviavam pela nova rodovia com pedágio, uma mulher encurvada pelo peso da sua mala, sem medo, andando sem medo pela beira do caminho.

A Universidade de Santa Teresa parecia um cemitério que imprevistamente se pusera em vão a refletir. Também parecia uma discoteca vazia.

Uma tarde Amalfitano saiu ao quintal em mangas de camisa, como um senhor feudal sai a cavalo para contemplar a magnitude de seus territórios. Antes esteve estirado no chão do escritório abrindo caixas de livros com uma faca de cozinha, e entre eles havia encontrado um muito estranho, que não lembrava de ter comprado nunca e que tampouco lembrava que alguém tivesse lhe dado. O livro em questão era o *Testamento geométrico* de Rafael Dieste, publicado pelas Ediciones del Castro, de La Coruña, em 1975, um livro evidentemente sobre geometria, disciplina que Amalfitano mal conhecia, dividido em três partes: a primeira uma “Introdução a Euclides, Lobatchévski e Riemann”, a segunda dedicada a “Os movimentos em geometria” e a terceira parte intitulada “Três demonstrações do V postulado”, sem dúvida a mais enigmática, pois Amalfitano não tinha a menor ideia do que era o V postulado nem em que consistia, e aliás não lhe interessava saber, apesar de isso não ser imputável à sua falta de curiosidade, que ele tinha e em grande quantidade, mas ao calor que varria Santa Teresa de tarde, um calor seco e poeirento, de sol rude, de que era impossível escapar a não ser que você vivesse numa casa nova com ar-condicionado, o que não era seu caso. A edição do livro tinha sido possível graças ao concurso de alguns amigos do autor, amigos que ficavam imortalizados, como se fosse uma fotografia de fim de festa, na página 4, onde normalmente costumam aparecer os créditos. Nela se dizia: *A presente edição é uma homenagem que prestam a Rafael Dieste: Ramón BALTAR DOMÍNGUEZ, Isaac DÍAZ PARDO, Felipe FERNÁNDEZ ARMESTO, Fermín FERNÁNDEZ ARMESTO, Francisco FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Álvaro GIL VARELA, Domingo GARCÍA-SABELL, Valentín PAZ-ANDRADE e Luis SEOANE LÓPEZ.* Amalfitano achou, no

mínimo, um costume estranho pôr o sobrenome dos amigos em maiúsculas, enquanto o sobrenome do homenageado vinha em minúsculas. Na orelha esclarecia-se que aquele *Testamento geométrico* eram na realidade três livros, “com sua própria unidade, mas funcionalmente correlacionados pelo destino do conjunto”, e depois dizia “esta obra de Dieste, decantação final das suas reflexões e pesquisas acerca do Espaço, cuja noção está implicada em qualquer discussão ordenada sobre os fundamentos da Geometria”. Nesse momento Amalfitano acreditou se lembrar de que Rafael Dieste era poeta. Um poeta galego, naturalmente, ou radicado havia muito na Galícia. Seus amigos e patrocinadores do livro também eram galegos, claro, ou radicados havia muito na Galícia, onde Dieste provavelmente havia lecionado na Universidade de La Coruña ou de Santiago de Compostela, ou pode ser que nem sequer tenha lecionado na universidade mas numa escola secundária, ensinando geometria a rapazes de quinze e dezesseis anos e espiando pela janela o céu permanentemente encapotado da Galícia no inverno e a chuva que cai a cântaros. E na segunda orelha havia mais alguns dados sobre Dieste. Dizia: “Dentro da produção de Rafael Dieste, variada, mas não volúvel, quando não cingida às exigências de um processo pessoal em que a criação poética e a criação especulativa se encontram como que polarizadas por um mesmo horizonte, o presente livro tem seus mais diretos antecedentes no *Novo tratado do paralelismo* (Buenos Aires, 1958) e em trabalhos mais recentes: *Variações sobre Zenão de Eleia* e *O que é um axioma*, este último seguido — no mesmo volume — pelo intitulado *Mobilidade e semelhança*”. Com que então, pensou Amalfitano, o rosto gotejando suor ao qual aderiam microscópicos montículos de poeira, a paixão pela geometria não era coisa nova em Dieste. E seus patrocinadores, sob essa nova luz, deixavam de fato de ser os amigos que se reúnem toda noite no cassino para beber e falar de política ou de futebol ou de mulheres, para se transformarem com a velocidade de um raio em honoráveis colegas de universidade, alguns aposentados, sem dúvida, mas outros em plena atividade e todos remediados ou medianamente remediados, o que não evitava, certamente, que, uma noite sim, outra não, se reunissem, como intelectuais de província, isto é, como homens profundamente solitários mas também como homens profundamente autossuficientes, no cassino de La Coruña para tomar um bom conhaque ou um uísque e falar de intrigas e de mulheres enquanto suas mulheres ou, no caso dos viúvos, suas empregadas estavam sentadas na frente da televisão ou preparando o jantar. De qualquer modo, para Amalfitano, o problema residia em como aquele livro tinha ido parar numa das suas caixas de livros. Por meia hora andou revolvendo sua memória, enquanto folheava o livro de Dieste sem prestar muita atenção, e finalmente concluiu que tudo aquilo era um mistério que por enquanto estava além dele, mas não se rendeu. Perguntou a Rosa, que naquele instante estava trancada no banheiro, se maquiando, se o livro era dela. Rosa olhou para o livro e disse que não. Amalfitano pediu que olhasse outra vez e lhe dissesse com total certeza se era dela ou não. Rosa lhe perguntou se ele estava se sentindo mal. Eu me sinto perfeitamente bem, respondeu Amalfitano, mas este livro não é meu e apareceu numa das caixas que enviei de Barcelona. Rosa respondeu, em catalão, que não se preocupasse e continuou a se maquiar. Como não vou me preocupar, disse Amalfitano, também em catalão, se me parece que estou perdendo a

memória. Rosa voltou a olhar para o livro e disse: talvez seja meu. Tem certeza?, perguntou Amalfitano. Não, não é meu, disse Rosa, tenho certeza que não, na verdade é a primeira vez que o vejo. Amalfitano deixou a filha na frente do espelho do banheiro e saiu de novo ao jardim devastado, onde tudo era de cor marrom-clara, como se o deserto houvesse se instalado ao redor da sua casa nova, com o livro pendendo da mão. Recapitulou as possíveis livrarias onde teria podido comprá-lo. Buscou na primeira página, na última e na quarta capa algum sinal e encontrou, na primeira página, a etiqueta cortada da Librería Follas Novas, S.L., Montero Ríos 37, telefones 981-59-44-06 e 981-59-44-18, Santiago. Evidentemente não se tratava de Santiago do Chile, único lugar do mundo onde Amalfitano era capaz de se ver num estado de catatonia total, capaz de entrar numa livraria, pegar um livro qualquer sem nem sequer olhar para a capa, pagar e sair. Tratava-se, era óbvio, de Santiago de Compostela, na Galícia. Por um instante Amalfitano pensou numa viagem de peregrino pelo caminho de Santiago. Caminhou até o fundo do quintal, onde sua cerca de madeira se encontrava com um muro de cimento que protegia a casa vizinha. Nunca tinha reparado nele. Muros com cacos de vidro, pensou, o medo dos proprietários de visitas indesejadas. O sol da tarde se refletia nas arestas dos cacos quando Amalfitano retomou o passeio por seu jardim devastado. O muro lateral também estava erigido de cacos, mas nele predominavam os vidros verdes e marrons de garrafas de cerveja e destilados. Nunca, nem em sonhos, estivera em Santiago de Compostela, Amalfitano teve de reconhecer, detendo-se à sombra que o muro do lado esquerdo lhe proporcionava. Mas isso na realidade tinha pouca ou nenhuma importância, algumas das livrarias que frequentava em Barcelona tinham um estoque comprado diretamente de outras livrarias da Espanha, livrarias que liquidavam seus estoques ou quebravam, ou, a minoria, realizavam o duplo trabalho de livraria e distribuidora. Provavelmente este livro chegou às minhas mãos na Laie, pensou, ou na La Central, onde fui comprar um livro de filosofia e o atendente ou a atendente, emocionada porque se encontravam na livraria Pere Gimferrer, Rodrigo Rey Rosa e Juan Villoro discutindo sobre a conveniência ou não de voar, sobre os acidentes aéreos, sobre se é mais perigoso decolar do que aterrissar, introduziu, por engano, este livro na minha sacola. La Central, provavelmente. Mas se assim houvesse sucedido eu teria descoberto o livro ao chegar em casa e abrir a sacola ou o embrulho ou o que fosse, a menos, claro, que durante o caminho de volta houvesse acontecido algo de terrível ou de espantoso comigo que eliminasse qualquer desejo ou curiosidade de examinar meu novo ou meus novos livros. Pode ser, inclusive, que eu abrisse o embrulho como um zumbi e deixasse o livro novo em cima da mesa de cabeceira, e o livro de Dieste na estante dos livros, aflito com algo que acabasse de ver na rua, quem sabe um desastre de automóvel, quem sabe um assalto à mão armada, quem sabe um suicida no metrô, se bem que eu nunca tenha visto nada assim, pensou Amalfitano, sem dúvida eu me lembraria agora ou pelo menos conservaria dentro de mim uma vaga lembrança. Não me lembraria do *Testamento geométrico*, mas sim do incidente que me fez esquecer o *Testamento geométrico*. E como se isso fosse pouco, o problema maior, na realidade, não residia na aquisição do livro mas em como este tinha ido parar em Santa Teresa dentro das caixas de livros que Amalfitano, antes de partir, havia selecionado em

Barcelona. Em que momento de submissão absoluta havia posto aquele livro ali? Como tinha podido embalar um livro sem se dar conta de que o fazia? Será que pensava lê-lo quando chegasse ao norte do México? Pensava iniciar com ele um estudo esporádico de geometria? E se era esse seu projeto, por que o havia esquecido mal chegou àquela cidade erguida no meio do nada? Será que o livro havia desaparecido da sua memória enquanto a filha e ele voavam do leste para o oeste? Ou havia desaparecido da sua memória enquanto ele esperava, já em Santa Teresa, a chegada das suas caixas com livros? O livro de Dieste tinha se desvanecido como um sintoma secundário de jet lag?

Amalfitano tinha ideias um tanto peculiares a esse respeito. Nem sempre as tinha, de modo que talvez seja excessivo chamá-las de ideias. Eram sensações. Ideias-jogo. Como se ele se aproximasse de uma janela e se forçasse a ver uma paisagem extraterrestre. Acreditava (ou gostava de acreditar que acreditava) que quando você está em Barcelona aqueles que estão e que são em Buenos Aires ou no DF não existem. A diferença horária era apenas uma máscara do desaparecimento. Assim, se você viajava de improviso a cidades que em tese não deveriam existir ou ainda não possuíam o *tempo* apropriado para se pôr de pé e se encaixar corretamente, se produzia o fenômeno conhecido como jet lag. Não por causa do seu cansaço mas pelo cansaço dos que naquele momento, se você não houvesse viajado, deveriam estar dormindo. Algo parecido com isso, provavelmente, ele devia ter lido em algum romance ou em algum conto de ficção científica e tinha esquecido.

Por outro lado, essas ideias ou essas sensações ou esses desvarios tinham seu lado satisfatório. Transformava a dor dos *outros* na memória de *uma* pessoa. Transformava a dor, que é longa, natural e sempre vence, em memória particular, que é humana, breve e que sempre escapole. Transformava um bárbaro relato de injustiças e abusos, um ulular incoerente sem princípio nem fim, numa história bem estruturada onde sempre cabia a possibilidade de suicidar-se. Transformava a fuga em liberdade, inclusive se a liberdade só servisse para continuar fugindo. Transformava o caos em ordem, mesmo que a preço do que comumente se conhece como sensatez.

Embora Amalfitano tenha encontrado posteriormente, na biblioteca da Universidade de Santa Teresa, dados biográficos sobre Rafael Dieste que confirmaram o que ele já havia intuído ou Domingo García-Sabell lhe havia deixado intuir no prólogo, intitulado “A intuição iluminada”, onde se dava ao luxo até de citar Heidegger (*Es gibt Zeit: há tempo*), durante aquele entardecer em que percorreu como um latifundiário medieval seu reduzido terreno baldio dos fundos, enquanto sua filha, como uma princesa medieval, terminava de se maquiar na frente do espelho do banheiro, não conseguiu se lembrar, de maneira nenhuma, nem por que e nem onde havia comprado o livro nem como este havia sido por fim

embalado e expedido junto com outros exemplares mais familiares e mais queridos rumo a essa populosa cidade que desafiava o deserto, na fronteira de Sonora e do Arizona. E então, justo então, como se fosse o tiro de partida de uma série de feitos que se concatenariam com consequências às vezes felizes, outras vezes funestas, Rosa saiu de casa, disse que ia ao cinema com uma amiga e perguntou se estava com as chaves, e Amalfitano respondeu que sim e ouviu como a porta se fechava bruscamente, depois os passos da filha que percorriam o caminho de pedras mal cortadas até a minúscula porta de madeira da rua que não chegava nem à cintura, depois os passos da filha na calçada, afastando-se em direção ao ponto de ônibus, depois o motor de um carro sendo ligado. Então Amalfitano caminhou até a parte da frente de seu jardim deteriorado, espichou o pescoço, estendeu a cabeça na rua e não viu nenhum carro nem viu Rosa, e apertou com força o livro de Dieste que ainda trazia na mão esquerda. Depois olhou para o céu e viu uma lua grande demais e enrugada demais, apesar de a noite ainda não ter caído. Depois dirigiu-se novamente para os fundos de seu jardim decadente e por uns segundos ficou parado, olhando para a esquerda e para a direita, para a frente e para trás, tentando ver a sua sombra, mas, apesar de ainda ser dia e de, a oeste, na direção de Tijuana, o sol ainda brilhar, não conseguiu vê-la. Então fixou os olhos nas cordas, quatro fileiras, amarradas, de um lado, a uma espécie de trave de futebol de menores dimensões, dois paus de não mais de um metro e oitenta enterrados no chão, e um terceiro pau, horizontal, pregado nos outros pelas duas pontas, o que lhes concedia, além do mais, certa estabilidade, e do qual pendiam as cordas até uns ganchos presos na parede da casa. Era o varal de roupa, mas só viu uma blusa de Rosa, branca com bordados ocres na gola, uma calcinha e duas toalhas que ainda pingavam. No canto, numa edícula de tijolos, ficava a lavadora. Por um instante ficou parado, respirando com a boca aberta, apoiado no pau horizontal do varal. Depois entrou na edícula como se lhe faltasse oxigênio e de uma sacola de plástico com o logotipo do supermercado a que ia com a filha fazer as compras da semana tirou três pregadores, que ele se obstinava em chamar à espanhola de “perritos”, e com eles prendeu e pendurou o livro numa das cordas, depois entrou de novo em casa sentindo-se muito mais aliviado.

A ideia, claro, era de Duchamp.

Da sua estada em Buenos Aires só existe ou só se conserva um *ready-made*. Se bem que sua vida inteira fosse um *ready-made*, que é uma forma de apaziguar o destino e ao mesmo tempo enviar sinais de alarme. Calvin Tomkins escreve a esse respeito: *Por ocasião das bodas de sua irmã Suzanne com seu amigo íntimo Jean Crotti, que se casaram em Paris no dia 14 de abril de 1919, Duchamp mandou pelo correio um presente para o casal. Eram umas instruções para pendurar um tratado de geometria na janela do seu apartamento e prendê-lo com um barbante, para que o vento pudesse “folhear o livro, escolher os problemas, virar as páginas e arrancá-las”.* Como se pode ver, Duchamp não se limitou apenas a jogar xadrez em Buenos Aires.

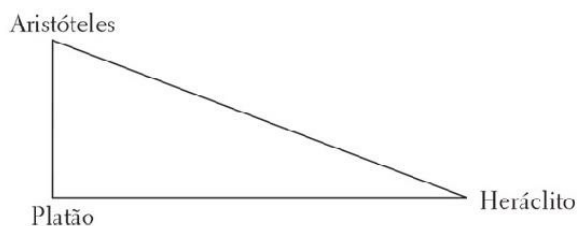
Prossegue Tomkins: *Pode ser que a falta de alegria desse Ready-made malheureux, como Duchamp o chamou, resultasse num presente chocante para recém-casados, mas Suzanne e Jean seguiram as instruções de Duchamp com bom humor. De fato, chegaram a fotografar o livro aberto suspenso no ar — imagem que constitui o único testemunho da obra, que não conseguiu sobreviver a semelhante exposição aos elementos — e mais tarde Suzanne pintou um retrato dele intitulado Le ready-made malheureux de Marcel. Como explicaria Duchamp a Cabanne: “Me divertia introduzir a ideia da felicidade e da infelicidade nos ready-mades, e depois havia a chuva, o vento, as páginas voando, era uma ideia divertida”. Vou me retratar: na realidade o que Duchamp fez em Buenos Aires foi jogar xadrez. Yvonne, que estava com ele, acabou farta de tanto jogo-ciência e voltou para a França. Prossegue Tomkins: Nos últimos anos, Duchamp confessou a um entrevistador que tinha se divertido desacreditando “a seriedade de um livro carregado de princípios” como aquele e até insinuou a outro jornalista que, ao expô-lo às inclemências do tempo, “o tratado havia captado por fim quatro coisas da vida”.*

* * *

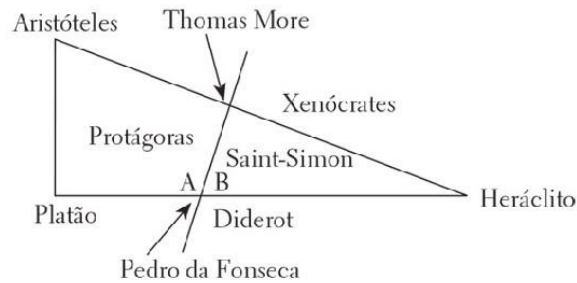
Naquela noite, quando Rosa voltou do cinema, Amalfitano estava vendo televisão sentado na sala e aproveitou para dizer a ela que tinha pendurado o livro de Dieste no varal. Rosa olhou para ele como se não houvesse entendido nada. Devo dizer, disse Amalfitano, que não pendurei porque antes o reguei com a mangueira nem porque caiu na água, pendurei simplesmente por pendurar, para ver como resiste às intempéries, aos embates da natureza desértica. Espero que você não esteja ficando maluco, disse Rosa. Não, não se preocupe, disse Amalfitano, fazendo uma cara de despreocupação, precisamente. Só avisei para que você não despendure. Simplesmente faça de conta que o livro não existe. Está bem, disse Rosa, e se trancou no quarto.

No dia seguinte, enquanto seus alunos escreviam, ou enquanto ele próprio falava, Amalfitano começou a desenhar figuras geométricas muito simples, um triângulo, um retângulo, e em cada vértice escreveu o nome, digamos, ditado pelo acaso, a displicência ou o aborrecimento imenso que seus alunos, as aulas e o calor que imperava aqueles dias na cidade produziam nele. Assim:

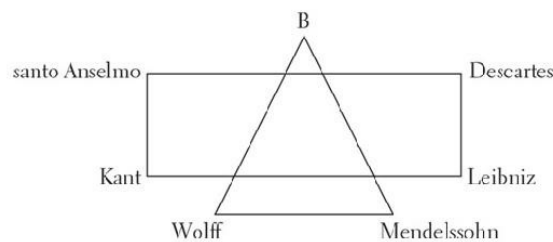
desenho 1



Ou assim:
desenho 2



Ou assim:
desenho 3

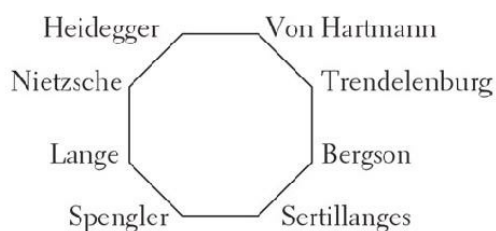


Quando voltou à sua sala descobriu o papel e antes de jogá-lo no cesto examinou-o por uns dois minutos. O desenho 1 não tinha maior explicação além de seu aborrecimento. O desenho 2 parecia um prolongamento do desenho 1, mas os nomes acrescentados lhe pareceram dementes. Xenócrates podia estar ali, não carecia de certa lógica peculiar, e Protágoras também, mas o que faziam Thomas More e Saint-Simon?, o que fazia, como se sustentavam ali Diderot e, Deus do céu, o jesuíta português Pedro da Fonseca, que foi mais um dos milhares de comentadores que Aristóteles teve, mas que nem a fórceps deixava de ser um pensador muito menor? O desenho 3, pelo contrário, tinha certa lógica, uma lógica de adolescente tarado, de adolescente vagando no deserto, com as roupas esfarrapadas, mas com roupas. Todos os nomes, poder-se-ia dizer, pertenciam a filósofos preocupados com o argumento ontológico. O B que aparecia no vértice superior do triângulo incrustado no retângulo podia ser Deus ou a existência de Deus que surge da sua essência. Só então Amalfitano reparou que o desenho 2 também exibia um A e um B, e não teve mais dúvida de que o calor, a que não estava acostumado, o fazia desvairar enquanto dava aula.

Naquela noite, porém, depois de jantar e ver as notícias na tevê e falar por telefone com a professora Silvia Pérez, que estava indignada com a forma como a polícia do estado de Sonora e a polícia local de Santa Teresa estavam conduzindo a investigação dos crimes, Amalfitano encontrou na mesa do seu escritório mais três desenhos. Sem dúvida, o autor era

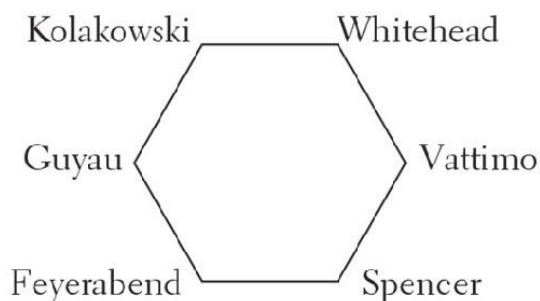
ele. Na verdade, se lembrava rabiscando distraído numa página em branco enquanto pensava em outras coisas. O desenho 1 (ou o desenho 4) era assim:

desenho 4



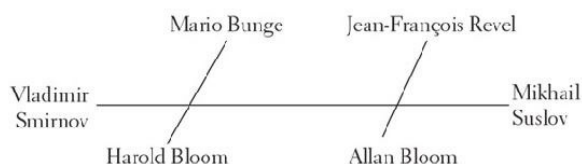
O desenho 5:

desenho 5



E o desenho 6:

desenho 6



O desenho 4 era curioso. Trendelenburg, fazia muitos anos que não pensava nele. Adolf Trendelenburg. Por que justo agora e por que em companhia de Bergson, Heidegger, Nietzsche e Spengler? O desenho 5 lhe pareceu mais curioso ainda. O aparecimento de Kolakowski e Vattimo. A presença do esquecido Whitehead. Mas sobretudo o comparecimento imprevisto do pobre Guyau, Jean-Marie Guyau, falecido aos trinta e quatro anos, em 1888, que alguns piadistas chamaram de o Nietzsche francês e cujos seguidores no

vasto mundo não passavam de dez pessoas, se bem que na realidade não eram mais de seis, e disso Amalfitano sabia porque em Barcelona havia conhecido o único guyautista espanhol, um professor de Gerona tímido e, a seu modo, entusiasta, cujo maior empenho era descobrir um texto (que não sabia muito bem se era um poema, um ensaio filosófico ou um artigo) que Guyau tinha escrito em inglês e publicado por volta de 1886-7 num jornal de San Francisco, Califórnia. O desenho 6, finalmente, era o mais curioso de todos (e o menos “filosófico”). O fato de que de um lado da horizontal aparecesse Vladimir Smirnov, desaparecido nos campos de concentração de Stálin em 1938, e que não se deve confundir com Ivan Nikititch Smirnov, fuzilado pelos stalinistas em 1936 depois do primeiro processo de Moscou, enquanto de outro lado da horizontal aparecia o nome de Suslov, ideólogo do aparato, disposto a engolir todas as infâmias e crimes, não podia ser mais eloquente. Mas o fato de que a horizontal fosse atravessada por duas linhas inclinadas, nas quais se liam os nomes de Bunge e Revel, na parte posterior, e de Harold Bloom e Allan Bloom na inferior, era muito semelhante a um chiste. Um chiste que, por outro lado, Amalfitano não compreendeu, sobretudo pelo aparecimento dos dois Bloom, onde na certa devia residir a graça, uma graça que, no entanto, por mais que a espreitasse não conseguia entender.

Naquela noite, enquanto sua filha dormia e depois de escutar o último programa de notícias na rádio mais popular de Santa Teresa, “A voz da fronteira”, Amalfitano saiu ao jardim e depois de fumar um cigarro observando a rua deserta dirigiu-se para os fundos, com passos preguiçosos, como se temesse enfiar o pé num buraco ou como se tivesse medo da escuridão que imperava ali. O livro de Dieste continuava pendurado junto à roupa que Rosa tinha lavado naquele dia, uma roupa que parecia feita de cimento ou de algum material muito pesado pois não se mexia em absoluto enquanto a brisa, que chegava em lufadas, balançava o livro de um lado para o outro, como se o ninasse a contragosto, ou como se pretendesse soltá-lo dos pregadores que o prendiam à corda. Amalfitano sentia a brisa em sua cara. Estava suando e as rajadas regulares de ar secavam as gotas de transpiração e obstruíam sua alma. Como se estivesse no escritório de Trendelenburg, pensou, como se seguisse os passos de Whitehead pela beira de um canal, como se me aproximasse do leito de enfermo de Guyau e lhe pedisse conselho. Qual teria sido a sua resposta? Seja feliz. Viva o momento. Seja bom. Ou pelo contrário: Quem é você? O que faz aqui? Vá embora.

Socorro.

* * *

No dia seguinte, procurando na biblioteca da universidade, encontrou mais dados sobre Dieste. Havia nascido em Rianxo, La Coruña, em 1899. Começou escrevendo em galego, mas depois passaria ao castelhano ou utilizaria as duas línguas. Homem de teatro.

Engajamento antifascista durante a Guerra Civil. Depois da derrota parte para o exílio, concretamente, para Buenos Aires, onde publica *Viagem, luto e perdição: tragédia, fábula humorística e comédia*, em 1945, livro composto de três obras já publicadas. Poeta. Ensaísta. Também publica, em 1958, quando Amalfitano estava com sete anos, o já mencionado *Novo tratado do paralelismo*. Como autor de narrativas curtas sua obra mais importante é *História e invenções de Félix Muriel* (1943). Volta à Espanha, volta à Galícia. Morre em Santiago de Compostela em 1981.

De que se trata a experiência?, perguntou Rosa. Que experiência?, perguntou Amalfitano. A do livro pendurado, disse Rosa. Não é nenhuma experiência, no sentido literal da palavra, disse Amalfitano. Por que está ali?, perguntou Rosa. Me passou pela cabeça de repente, respondeu Amalfitano, a ideia é de Duchamp, deixar um livro de geometria pendurado às intempéries para ver se aprende alguma coisa da vida real. Você vai destruí-lo, disse Rosa. Eu não, replicou Amalfitano, a natureza. Ai, cada dia você está mais maluco, disse Rosa. Amalfitano sorriu. Nunca tinha visto você fazer uma coisa assim com um livro, disse Rosa. Não é meu, disse Amalfitano. Dá na mesma, disse Rosa, agora é seu. Curioso, disse Amalfitano, deveria ser mas a verdade é que não o sinto como um livro que me pertença, além do mais tenho a impressão, quase a certeza, de que não estou causando nenhum dano a ele. Então faça de conta que é meu e despendure o livro, disse Rosa, os vizinhos vão achar que está doido. Os vizinhos, os que põem cacos de vidro em cima dos muros? Eles nem sequer sabem que existimos, disse Amalfitano, e estão infinitamente mais doidos do que eu. Não, eles não, disse Rosa, os outros, os que podem ver perfeitamente bem o que acontece em nosso quintal. Algum deles te incomodou?, perguntou Amalfitano. Não, respondeu Rosa. Então não tem problema, disse Amalfitano, não se preocupe com bobagens, nesta cidade estão acontecendo coisas muito mais terríveis do que pendurar um livro numa corda de varal. Uma coisa não desculpa a outra, disse Rosa, não somos bárbaros. Deixe o livro em paz, faça de conta que não existe, esqueça-o, disse Amalfitano, você nunca se interessou por geometria.

Pela manhã, antes de ir para a universidade, Amalfitano saía pela porta de trás para tomar os últimos goles do seu café olhando o livro. Não havia dúvida nenhuma: o papel em que havia sido impresso era bom e a encadernação resistia inabalável aos embates da natureza. Os velhos amigos de Rafael Dieste tinham escolhido bons materiais para lhe fazer essa espécie de homenagem e de despedida um tanto antecipada, o adeus de velhos varões ilustrados (ou com a pátina da ilustração) a outro velho varão ilustrado. Amalfitano pensou que a natureza do noroeste do México, naquele lugar preciso do seu jardim quebrantado, era um tanto exígua. Uma manhã, enquanto esperava o ônibus que o levaria à universidade, tomou o firme propósito de plantar grama ou relva, e também de comprar uma arvorezinha já um pouco crescida numa loja dedicada a essa atividade, e de plantar flores em torno dela.

Outra manhã pensou que qualquer trabalho que tivesse, destinado a tornar o jardim mais agradável, terminaria sendo inútil, pois não pensava ficar muito tempo em Santa Teresa. Tenho de voltar já, se dizia, mas para onde? Depois se dizia: o que me levou a vir para cá? Por que trouxe minha filha para esta cidade maldita? Porque era um dos poucos buracos do mundo que me faltava conhecer? Porque o que desejo, no fundo, é morrer? Depois olhava para o livro de Dieste, o *Testamento geométrico*, pendurado impávido no varal, preso por dois pregadores, e ficava com vontade de despendurá-lo e limpar a poeira ocre que havia aderido aos poucos aqui e ali, mas não se atrevia.

Amalfitano se lembrava às vezes, depois de sair da Universidade de Santa Teresa ou sentado no alpendre de casa ou enquanto lia os trabalhos dos alunos, de seu pai, que era fã de boxe. O pai de Amalfitano achava que todos os chilenos eram veados. Amalfitano, que tinha dez anos, dizia para ele: mas, papai, os italianos é que são uns veados, é só ver a Segunda Guerra Mundial. O pai de Amalfitano fitava muito sério o filho quando este dizia tais palavras. Seu pai, o avô de Amalfitano, havia nascido em Nápoles. E ele próprio sempre se sentiu mais italiano do que chileno. De todo modo gostava de falar de boxe, melhor dizendo, gostava de falar de lutas das quais só tinha lido matérias abalizadas que saíam nas revistas especializadas ou nas páginas de esporte. Dessa maneira podia falar dos irmãos Loayza, Mario e Rubén, sobrinhos do Tani, e de Godfrey Stevens, um veadinho senhorial e sem pegada, e de Humberto Loayza, também sobrinho do Tani, de boa pegada mas que absorvia mal as pancadas, de Arturo Godoy, safado e mártir, de Luis Vicentini, italiano de Chillán e homem de boa aparência mas que o triste destino de nascer no Chile levou à perdição, e de Estanislao Loayza, o Tani, de quem roubaram o cetro mundial nos Estados Unidos da forma mais boba, quando o juiz, no primeiro round, pisou no seu pé fraturando um dedo do Tani. Você pode imaginar?, perguntava o pai de Amalfitano. Não, não posso, respondia Amalfitano. Quer ver? Faça sombra em torno de mim e eu piso no seu pé, dizia o pai de Amalfitano. É melhor que não, dizia Amalfitano. Pode fazer, confie em mim, rapaz, não vai acontecer nada com você, dizia o pai de Amalfitano. Outro dia, dizia Amalfitano. Tem de ser agora mesmo, dizia seu pai. Então Amalfitano punha-se a fazer sombra, movendo-se com uma agilidade surpreendente em torno do pai, soltando de vez em quando diretos de esquerda e ganchos de direita, e de repente seu pai se adiantava um pouco, pisava no pé dele e a brincadeira acabava aí, Amalfitano parava, ou buscava o clinch ou escapava, mas de modo algum fraturava o dedo do pé. Acho que o juiz fez de propósito, dizia o pai de Amalfitano. Não é possível foder o dedo do pé de alguém com uma pisada. Depois vinham as invectivas: os boxeadores chilenos são todos uns veados, os habitantes deste país de merda são todos uns veados, todos sem exceção, prontos para se deixar enganar, prontos para se deixar comprar, prontos a baixar as calças quando só lhes pediram que tirassem o relógio. Ao que Amalfitano, que aos dez anos não lia revistas esportivas mas de história, principalmente história bélica, respondia que os italianos é que tinham essa posição reservada para eles, e que se remetia à Segunda Guerra Mundial. Seu pai ficava então em silêncio, olhando para o filho com franca

admiração e orgulho, como que se perguntando de onde demônios havia saído aquele garoto, depois continuava em silêncio por mais um instante e depois dizia em voz baixa, como se lhe contasse um segredo, que os italianos individualmente eram valentes. E admitia que em massa só se faziam de palhaços. E resumia que isso, precisamente, era o que ainda dava esperanças.

Pelo que cabe deduzir, pensava Amalfitano enquanto saía pela porta da frente e parava com um copo de uísque no alpendre e depois saía à rua onde se viam alguns carros estacionados, carros abandonados por umas horas e que recendiam, ou assim lhe parecia, a ferro-velho e sangue, antes de dar meia-volta e se dirigir, sem passar por dentro de casa, à parte dos fundos do jardim onde o *Testamento geométrico* o esperava no meio da quietude e da escuridão, que ele, no fundo, bem no fundo, ainda era uma pessoa com esperanças, já que seu sangue era italiano, e além do mais era um individualista e também uma pessoa educada. Pode ser inclusive que nem sequer fosse um covarde. Apesar de não gostar de boxe. Mas então o livro de Dieste flutuava no ar e a brisa secava com um lenço negro o suor que perolava sua testa, e Amalfitano fechava os olhos e procurava se lembrar de uma imagem qualquer do pai, inutilmente. Quando voltava para casa, não pela porta de trás mas pela da frente, espichava o pescoço por cima da cerca e olhava para a rua nas duas direções. Algumas noites tinha a impressão de que o espionavam.

De manhã, quando Amalfitano entrava na cozinha e deixava sua xícara de café na pia depois da visita obrigatória ao livro de Dieste, a primeira a sair de casa era Rosa. Normalmente não se despediam, mas às vezes, se Amalfitano entrava antes ou se deixava para depois sua saída ao jardim dos fundos, conseguia lhe dizer até logo, recomendar que se cuidasse ou lhe dar um beijo. Uma manhã só pôde dar até logo e depois se sentou na mesa olhando o varal pela janela. O *Testamento geométrico* se mexia imperceptivelmente. De repente, parou de se mexer. Os passarinhos que cantavam nos jardins vizinhos se calaram. Tudo ficou por um instante em completo silêncio. Amalfitano acreditou ouvir o barulho da porta da rua e os passos da filha se afastando. Depois ouviu o motor de um carro arrancando. Naquela noite, quando Rosa assistia a um filme que havia alugado, Amalfitano telefonou para a professora Pérez e lhe confessou que seus nervos estavam cada vez mais alterados. A professora Pérez o acalmou, disse que não tinha que se preocupar muito, bastava tomar algumas precauções, não era para ficar paranoico, lembrou a ele que as vítimas costumavam ser sequestradas em outras zonas da cidade. Amalfitano ouviu o que ela dizia e de repente deu uma risada. Disse a ela que estava com os nervos em crise. A professora Pérez não captou o chiste. Neste lugar, pensou Amalfitano com raiva, ninguém capta nada. Depois a professora Pérez tentou convencê-lo a saírem juntos naquele fim de semana, com Rosa e o filho da professora Pérez. Aonde, perguntou Amalfitano de forma quase inaudível. Poderíamos ir almoçar num *merendero* que fica a uns vinte quilômetros da cidade, disse ela, um lugar

muito agradável, com piscina para os jovens e um enorme terraço sombreado de onde se viam os contrafortes de uma montanha de quartzo, uma montanha prateada com veios negros. No alto da montanha havia uma ermida de tijolos negros. O interior era escuro, salvo a luz que entrava por uma espécie de claraboia, e as paredes eram repletas de ex-votos escritos por viajantes e índios do século XIX, aqueles que se arriscavam a atravessar a serra que dividia Chihuahua de Sonora.

Os primeiros dias de Amalfitano em Santa Teresa e na Universidade de Santa Teresa foram incríveis, embora Amalfitano só tenha percebido isso em parte. Sentia-se mal, o que atribuía ao jet lag, não dando maior atenção ao fato. Um colega de faculdade, um rapaz de Hermosillo que tinha se formado não fazia muito, perguntou a ele que motivos o haviam feito preferir a Universidade de Santa Teresa à Universidade de Barcelona. Espero que não tenha sido o clima, disse o jovem professor. O clima daqui me parece estupendo, replicou Amalfitano. Não, eu também acho, mestre, disse o jovem, eu dizia isso porque os que vêm aqui por causa do clima são os que estão doentes e eu espero sinceramente que o senhor não esteja. Não, disse Amalfitano, não foi o clima, em Barcelona meu contrato havia terminado e a professora Pérez me convenceu a vir trabalhar aqui. Ele tinha conhecido a professora Silvia Pérez em Buenos Aires, depois tinham se visto em Barcelona em duas oportunidades. Foi ela que se encarregou de alugar a casa e comprar alguns móveis, que Amalfitano lhe pagou logo, antes mesmo de receber seu primeiro pagamento, para não criar nenhum equívoco. A casa ficava na colônia Lindavista, um bairro de classe média alta, com construções de um ou dois andares rodeadas de jardins. A calçada, quebrada pelas raízes de duas árvores enormes, era sombreada e agradável, mas por trás de algumas cercas era possível ver casas em processo de degradação, como se os moradores houvessem fugido apressadamente, sem tempo nem para vender suas propriedades, pelo que se deduzia que não era difícil, ao contrário do que afirmava a professora Pérez, alugar uma casa no bairro. Não foi muito com a cara do diretor da Faculdade de Filosofia e Letras, a quem a professora Pérez apresentou no segundo dia da sua estada em Santa Teresa. Chamava-se Augusto Guerra e tinha a pele branquela e brilhante dos gordos, mas na realidade era magro e musculoso. Não parecia muito seguro de si, o que tratava de dissimular com um misto de informalidade ilustrada e ar marcial. Também não acreditava muito na filosofia e, por conseguinte, no ensino da filosofia, uma disciplina em franco retrocesso ante as maravilhas atuais e futuras que a ciência nos proporciona, disse ele, ao que Amalfitano respondeu educadamente perguntando se pensava a mesma coisa da literatura. Não, imagine, a literatura sim tem futuro, a literatura e a história, havia respondido Augusto Guerra, basta ver as biografias, antes quase não havia nem oferta nem demanda de biografias e hoje todo mundo não faz outra coisa senão ler biografias. Veja bem: eu disse biografias, e não autobiografias. As pessoas têm sede de conhecer outras vidas, as vidas de seus contemporâneos famosos, os que alcançaram o sucesso e a fama ou os que estiveram a ponto de alcançá-la, e também têm sede de saber o que fizeram os *chincuales* de antigamente, quem sabe aprendem alguma coisa, embora não estejam dispostos a fazer a

mesma ginástica. Amalfitano perguntou educadamente o que queria dizer a palavra *chincuales*, que até então nunca tinha ouvido. É mesmo?, fez Augusto Guerra. Juro, respondeu Amalfitano. Então o diretor chamou a professora Pérez e lhe disse: Silvita, a senhora sabe o significado da palavra *chincuales*? A professora Pérez deu o braço para Amalfitano, como se fossem namorados, e honestamente confessou que não tinha a mais remota ideia, se bem que aquela palavra, em si, não lhe fosse de todo desconhecida. Eta bando de tapados, pensou Amalfitano. A palavra *chincuales*, disse Augusto Guerra, tem, como todas as palavras da *nossa* língua, muitas acepções. Em princípio designa os pontinhos vermelhos, sabe?, que as picadas de pulga ou percevejo deixam em nossa pele. Essas picadas coçam e a pobre gente que as leva não para de se coçar, é lógico. Daí vem uma segunda acepção, que designa as pessoas inquietas, que se contorcem e se coçam, que não param de se mexer e deixam nervosos os involuntários espectadores que as observam. Digamos, como a sarna europeia, como os sarnentos que tanto abundam na Europa e que contraem essa doença nos banheiros públicos ou naquelas horrendas latrinas francesas, italianas e espanholas. E dessa acepção vem a última acepção, a acepção guerrista, vamos dizer assim, que designa os viajantes, os aventureiros do intelecto, os que não conseguem ficar quietos *mentalmente*. Ah, fez Amalfitano. Magnífico, disse a professora Pérez. Naquela reunião improvisada no escritório do diretor, que Amalfitano considerou como de boas-vindas, também estavam presentes três professores da faculdade e a secretária de Guerra, que abriu uma garrafa de champanhe californiano e distribuiu a cada um copos de papelão e biscoitos salgados. Depois apareceu o filho de Guerra, um moço de vinte e cinco anos, de óculos escuros e roupa esportiva, a pele muito bronzada, que passou o tempo todo num canto falando com a secretária do pai e olhando de vez em quando para Amalfitano com uma expressão divertida.

Na noite anterior à excursão, Amalfitano ouviu a voz pela primeira vez. Talvez a tivesse escutado antes, na rua ou dormindo, e acreditou que era parte de uma conversa alheia ou que tinha um pesadelo. Mas naquela noite ouviu-a e não teve nenhuma dúvida de que se dirigia a ele. A princípio acreditou que havia enlouquecido. A voz disse: olá, Óscar Amalfitano, por favor não se assuste, não está acontecendo nada de ruim. Amalfitano se assustou, se levantou, se dirigiu às pressas ao quarto da filha. Rosa dormia placidamente. Amalfitano acendeu a luz e verificou o fechamento da janela. Rosa acordou, perguntou o que estava acontecendo. Não o que estava acontecendo, mas o que estava acontecendo com ele. Devo estar com uma cara horrível, pensou Amalfitano. Sentou numa cadeira e disse que estava nervoso demais, que acreditara ter ouvido barulhos, que estava arrependido por tê-la trazido para esta cidade infecta. Não se preocupe, não está acontecendo nada, disse Rosa. Amalfitano lhe deu um beijo no rosto, acariciou os cabelos da filha e saiu fechando a porta mas sem apagar a luz. Passado um instante, enquanto olhava pela janela da sala o jardim, a rua e os galhos imóveis das árvores, ouviu Rosa apagar a luz. Saiu, sem fazer barulho, pelos fundos. Gostaria de ter uma lanterna, mas saiu assim mesmo. Não havia ninguém. No varal estavam o *Testamento*

geométrico, umas meias dele e umas calças da filha. Deu a volta pelo jardim, no alpendre não havia ninguém, aproximou-se da cerca e examinou a rua, sem sair, e só viu um cachorro que se dirigia tranquilamente para a avenida Madero, para o ponto de ônibus. Um cachorro que se dirige para o ponto de ônibus, disse Amalfitano a si mesmo. De onde estava acreditou notar que não era um cachorro de raça, mas um cachorro qualquer. Um *quiltro*, pensou Amalfitano. Riu por dentro. Essas palavras chilenas. Essas trincas na psique. Essa pista de hóquei no gelo do tamanho da província de Atacama onde os jogadores nunca viam um jogador adversário e muito de vez em quando um jogador da sua própria equipe. Tornou a entrar em casa. Trancou à chave, verificou se as janelas estavam fechadas, tirou de uma gaveta da cozinha uma faca de lâmina curta e firme, que deixou junto de uma história da filosofia alemã e francesa de 1900 a 1930, e tornou a sentar diante da mesa. A voz disse: não ache que vai ser fácil para mim. Se acha que para mim é fácil, está cem por cento enganado. É difícil, isso sim. Noventa por cento. Amalfitano fechou os olhos e pensou que estava ficando louco. Não tinha tranquilizantes em casa. Levantou-se. Foi à cozinha e jogou água no rosto com as duas mãos. Secou-se com o pano de prato e com as mangas. Tentou se lembrar do nome que a psiquiatria dava ao fenômeno auditivo que estava experimentando. Voltou ao seu escritório e, depois de fechar a porta, sentou-se mais uma vez, com a cabeça baixa e as mãos sobre a mesa. A voz disse: peço que me desculpe. Peço que se acalme. Peço que não tome isso como uma intromissão em sua liberdade. Na minha liberdade?, pensou Amalfitano surpreso enquanto de um pulo chegava à janela, abria e observava um lado do seu jardim e o muro erigido de vidros da casa vizinha, e os reflexos que a luz da rua extraía dos fragmentos de garrafas quebradas, reflexos muito tênues de cores verdes, marrons e alaranjadas, como se o muro naquelas horas da noite deixasse de ser um muro defensivo e se transformasse ou brincasse de se transformar num muro decorativo, elemento minúsculo de uma coreografia que nem o aparente coreógrafo, o senhor feudal da casa vizinha, era capaz de discernir, nem sequer em suas partes mais elementares, as que afetavam a estabilidade, a cor, a disposição ofensiva ou defensiva do seu artefato. Ou como se em cima do muro estivesse crescendo uma trepadeira, pensou Amalfitano antes de fechar a janela.

Naquela noite a voz não voltou a se manifestar e Amalfitano dormiu muito mal, um sono perturbado por saltos e grunhidos, como se alguém lhe arranhasse os braços e as pernas, com o corpo empapado de suor, mas às cinco da manhã a angústia cessou e no sonho apareceu Lola que o cumprimentava num parque com um alto gradil (ele estava do outro lado), e dois rostos de amigos que fazia anos não via (e que provavelmente nunca mais voltaria a ver), e um quarto cheio de livros de filosofia cobertos de pó, mas nem por isso menos magníficos. Nessa mesma hora, a polícia de Santa Teresa encontrou o cadáver de outra adolescente, semienterrada num terreno baldio de um subúrbio da cidade, e um vento forte, que vinha do oeste, foi se estatelar contra o sopé das montanhas do leste, levantando poeira e folhas de jornal e caixas de papelão jogadas na rua à sua passagem por Santa Teresa e mexendo a roupa que Rosa havia pendurado no jardim dos fundos, como se o vento, esse vento jovem e

enérgico, e de tão curta vida, experimentasse as camisas e calças de Amalfitano e se metesse dentro das calcinhas de sua filha, e lesse algumas páginas do *Testamento geométrico* para ver se havia ali algo que lhe pudesse ser de utilidade, algo que lhe explicasse a paisagem tão curiosa de ruas e casas através das quais estava galopando ou que explicasse ele próprio como vento.

Às oito da manhã Amalfitano se arrastou até a cozinha. A filha lhe perguntou se havia dormido bem. Pergunta retórica a que Amalfitano respondeu dando de ombros. Quando Rosa saiu para fazer as compras do dia que pretendiam passar no campo, ele preparou uma xícara de chá com leite e foi tomá-la na sala. Depois abriu as cortinas e se perguntou se estava em condições de ir à excursão proposta pela professora Pérez. Decidiu que sim, que o que havia acontecido na noite anterior talvez fosse a resposta de seu corpo ao ataque de um vírus autóctone ou o início de uma gripe. Antes de entrar no chuveiro tirou a temperatura. Não estava com febre. Ficou dez minutos debaixo do jorro d'água, pensando em sua atuação da noite anterior, que lhe dava vergonha e até conseguia ruborizá-lo. De tanto em tanto levantava a cabeça para que a água caísse diretamente em seu rosto. O sabor da água era diferente do sabor que tinha em Barcelona. Parecia, em Santa Teresa, muito mais densa, como se não passasse por nenhum tratamento, uma água carregada de minerais, com gosto de terra. Nos primeiros dias adquiriu o hábito, que compartilhou com Rosa, de escovar os dentes duas vezes mais do que em Barcelona, pois tinha a impressão de que os dentes escureciam como se uma fina película de matéria surgida dos rios subterrâneos de Sonora estivesse cobrindo seus dentes. Com o passar do tempo, no entanto, havia voltado a escová-los três ou quatro vezes por dia. Rosa, muito mais preocupada com seu aspecto, continuou escovando seis ou sete vezes. Na sua classe, viu alguns estudantes com dentes de cor ocre. A professora Pérez tinha os dentes brancos. Uma vez perguntou a ela: se era verdade que a água daquela parte de Sonora escurecia a dentadura. A professora Pérez não sabia. É a primeira vez que ouço falar nisso, disse, e prometeu averiguar. Não tem importância, disse Amalfitano alarmado, não tem importância, faça de conta que não perguntei nada. Ele havia detectado na expressão do rosto da professora Pérez um quê de inquietação, como se a pergunta escondesse outra pergunta, altamente ofensiva ou contundente. Cuidado com as palavras, cantou Amalfitano debaixo do chuveiro, sentindo-se totalmente recobrado, o que sem dúvida era uma prova do seu caráter frequentemente irresponsável.

Rosa voltou com dois jornais que deixou em cima da mesa e começou a preparar sanduíches de presunto ou atum, com alface, tomate cortado em rodela, maionese ou molho rosado. Embrulhou-os em papel toalha e em papel-alumínio, pôs tudo num saco plástico que colocou dentro de uma pequena mochila marrom onde se lia, em semicírculo, Universidade de Phoenix, e pôs também duas garrafas d'água e uma dúzia de copos de papel. Às nove e meia da manhã ouviram a buzina da professora Pérez. O filho da professora Pérez tinha

dezesseis anos e era baixinho, de cara quadrada e ombros largos, como se praticasse algum esporte. Tinha o rosto e parte do pescoço repletos de espinhas. A professora Pérez vestia jeans, blusa e lenço brancos. Óculos escuros talvez grandes demais cobriam seus olhos. De longe, pensou Amalfitano, parecia uma atriz de cinema mexicano dos anos 70. Quando entrou no carro a miragem se evaporou. A professora Pérez guiava e ele sentou ao lado dela. Rumaram para o leste. Nos primeiros quilômetros a estrada corria por um pequeno vale esponteado de pedras que pareciam caídas do céu. Pedços de granito sem origem nem continuidade. Havia algumas plantações, parcelas onde camponeses invisíveis cultivavam frutas que nem a professora Pérez nem Amalfitano souberam discernir. Depois chegaram ao deserto e às montanhas. Estavam ali os pais das pedras órfãs que eles acabavam de deixar para trás. Formações graníticas, vulcânicas, cujos picos se silhuetavam no céu com forma e maneiras de pássaros, mas pássaros de dor, pensou Amalfitano enquanto a professora Pérez falava com os jovens sobre o lugar para o qual se dirigiam pintando-o com cores que pairavam desde o divertido (uma piscina escavada na rocha viva) até o misterioso, que ela traduzia nas vozes que se ouviam do mirante e que, evidentemente, era o vento que produzia. Quando virou a cabeça para observar a expressão da sua filha e do filho da professora Pérez, Amalfitano viu quatro carros que se mantinham na cola esperando a oportunidade de ultrapassá-los. Dentro daqueles carros imaginou famílias felizes, uma mãe, uma cesta de piquenique cheia de comida, dois filhos e um pai que dirigia com o vidro abaixado. Sorriu para a filha e voltou a olhar para a estrada. Meia hora depois subiram uma encosta de onde pôde avistar uma ampla extensão de deserto às suas costas. Viu mais carros. Imaginou que o *parador*, ou *merendero*, ou restaurante ou hotel de encontros para onde se dirigiam era um local na moda para os moradores de Santa Teresa. Arrependeu-se por ter aceitado o convite. Em algum momento adormeceu. Acordou quando já tinham chegado. A mão da professora Pérez em seu rosto, um gesto que podia ser de carícia ou outra coisa. Parecia a mão de uma cega. Rosa e Rafael não estavam mais no carro. Viu um estacionamento quase cheio, o sol reverberando nas superfícies cromadas, um quintal descoberto situado num plano ligeiramente superior, um casal abraçado pelos ombros olhando para algo que ele não podia ver, o céu cegante cheio de pequenas nuvens baixas, uma música distante e uma voz que cantava ou sussurrava a grande velocidade, tornando ininteligível a letra da canção. A poucos centímetros dele viu o rosto da professora Pérez. Pegou a mão dela e beijou-a. Estava com a camisa molhada de suor, porém o que mais o surpreendeu foi que a professora também suava.

O dia, apesar de tudo, foi agradável. Rosa e Rafael tomaram banho de piscina, depois se juntaram à mesa de onde eles os observavam. Mais tarde compartilharam refrigerantes e foram passear pelos arredores do lugar. Em alguns pontos a montanha tombava a pique, no fundo ou nas paredes do penhasco se viam grandes feridas pelas quais assomavam pedras de outras cores ou que o sol, ao fugir a oeste, fazia parecer de outras cores, lutitos e andesinas algemadas por formações de pedra arenítica, escarpas verticais de tufos e grandes bandejas de pedra basáltica. De quando em quando, pendurado na montanha, aparecia algum cacto de

Sonora. E mais além havia mais montanhas, depois vales diminutos e mais montanhas, até chegar a uma zona que ficava velada pelo vapor, pela bruma, como um cemitério de nuvens, detrás das quais estavam Chihuahua, o Novo México e o Texas. Contemplando esse panorama, sentados numas pedras, comeram em silêncio, Rosa e Rafael só se falaram para trocar os respectivos sanduíches. A professora Pérez parecia imersa em seus próprios pensamentos. E Amalfitano se sentia cansado e aflito com a paisagem, uma paisagem que lhe parecia adequada somente para jovens ou para velhos imbecis, ou velhos insensíveis ou velhos malvados, dispostos a infligir e a se infligirem uma tarefa impossível até o último suspiro.

Naquela noite Amalfitano ficou acordado até bem tarde. A primeira coisa que fez foi ir ao jardim dos fundos verificar se o livro de Dieste continuava lá. Na viagem de volta a professora Pérez tinha procurado ser simpática e iniciar um diálogo que envolvesse os quatro, mas seu filho dormiu mal começaram a descida, e pouco depois Rosa, com a cara encostada na janela, fez o mesmo. Amalfitano não demorou a seguir o exemplo da filha. Sonhou com a voz de uma mulher que não era a da professora Pérez mas a de uma francesa, que lhe falava de signos e números e de uma coisa que Amalfitano não entendia e que a voz do sonho chamava de “história decomposta” ou “história desmontada e montada de novo”, embora evidentemente a história montada de novo se transformasse em outra coisa, num comentário à margem, numa nota sisuda, numa gargalhada que demorava a se apagar e pulava de uma pedra de andesina a um riólito, depois a uma de tufo, e desse conjunto de pedras pré-históricas surgia uma espécie de azougue, o espelho americano, dizia a voz, o triste espelho americano da riqueza e da pobreza e das contínuas metamorfoses inúteis, o espelho que navega e cujas velas são a dor. Depois Amalfitano mudou de sonho e não ouviu mais nenhuma voz, o que provavelmente indicava que dormia profundamente, e sonhou que se aproximava de uma mulher, uma mulher constituída por apenas um par de pernas no final de um corredor escuro, e depois ouviu que alguém ria dos seus roncoss, o filho da professora Pérez, e pensou: melhor. Quando entravam em Santa Teresa pela rodovia do leste, um caminho naquela hora repleto de caminhões decrepitos e caminhonetes de baixa cilindrada que voltavam do mercado da cidade ou de algumas cidades do Arizona, acordou. Não só tinha dormido de boca aberta como estava com a gola da camisa toda babada. Melhor, pensou, muito melhor. Ao olhar, com expressão satisfeita, para a professora Pérez, notou nesta um leve laivo de tristeza. Fora do alcance da vista de seus respectivos filhos, a professora acariciou levemente a perna de Amalfitano enquanto ele girava a cabeça e observava um quiosque de *tacos* onde uma dupla de policiais tomava cerveja, conversava e contemplava, com suas armas penduradas na cintura, o crepúsculo vermelho e negro, como uma panela de *chile* espesso cujos últimos fervores se apagavam a oeste. Quando chegaram em casa não havia mais luz mas a sombra do livro de Dieste pendurado no varal era mais clara, mais fixa, mais razoável, pensou Amalfitano, do que tudo o que havia visto nos arredores de Santa Teresa e na própria cidade, imagens inapreensíveis, imagens que

continham em si toda a orfandade do mundo, fragmentos, fragmentos.

Naquela noite esperou com medo a voz. Tentou preparar uma aula mas logo se deu conta de que era tarefa inútil preparar algo que sabia à saciedade. Pensou que se desenhasse na folha de papel em branco que tinha diante de si, apareceriam outra vez aquelas figuras geométricas primárias. Assim, desenhou um rosto que em seguida apagou e depois se ensimesmou na recordação daquele rosto despedaçado. Lembrou-se (mas como que de passagem, como se lembra de um raio) de Raimundo Lúlio e sua máquina prodigiosa. Prodigiosa por ser inútil. Quando voltou a olhar para o papel em branco havia escrito, em três colunas verticais, os seguintes nomes:

Pico della Mirandola	Hobbes	Boécio
Husserl	Locke	Alexandre de Hales
Eugen Fink	Erich Becher	Marx
Merleau-Ponty	Wittgenstein	Lichtenberg
Beda, o Venerável	Lúlio	Sade
São Boaventura	Hegel	Condorcet
João Filopono	Pascal	Fourier
Santo Agostinho	Canetti	Lacan
Schopenhauer	Freud	Lessing

Por um instante, Amalfitano leu e releu os nomes, na horizontal e na vertical, do centro para os lados, de baixo para cima, salteados e a esmo, depois riu e pensou que tudo aquilo era um truísmo, isto é, uma proposição evidente demais e portanto inútil de ser formulada. Tomou em seguida um copo d'água da torneira, água das montanhas de Sonora, e enquanto esperava a água descer por sua garganta parou de tremer, um tremor imperceptível que só ele era capaz de sentir, e pôs-se a pensar nos aquíferos de Sierra Madre que corriam no meio de uma noite interminável para a cidade, e pensou também nos aquíferos que subiam de seus esconderijos mais próximos de Santa Teresa, e na água que tingia os dentes com uma suave película ocre. E quando acabou de beber o copo d'água olhou pela janela e viu a sombra comprida, sombra de caixão, que o livro pendurado de Dieste projetava no quintal.

Mas a voz voltou e desta vez disse, suplicou que ele se comportasse como um homem e não como uma bichona. Bichona?, fez Amalfitano. Sim, bichona, bicha, veado, disse a voz. Ho-mos-se-xual, disse a voz. Logo em seguida lhe perguntou se por acaso ele era um deles. Deles quem?, fez Amalfitano, aterrado. Um ho-mos-se-xual, disse a voz. E antes que Amalfitano respondesse se apressou a esclarecer que falava em sentido figurado, que não tinha nada contra as bichas ou os veados, antes pelo contrário, sentia por alguns poetas que haviam professado essa inclinação erótica uma admiração sem limites, para não falar de alguns pintores ou de alguns funcionários públicos. De alguns funcionários?, disse Amalfitano. Sim, sim, sim, disse a voz, funcionários mocinhos e que viveram pouco tempo.

Gente que manchou documentos oficiais com lágrimas inconscientes. Mortos por sua própria mão. A voz ficou então em silêncio e Amalfitano ficou sentado em seu escritório. Muito mais tarde, um quarto de hora talvez ou talvez na noite seguinte, a voz disse: suponhamos que eu seja seu avô, o pai do seu pai, e suponhamos que, como tal, possa te fazer uma pergunta de caráter pessoal. Você pode me responder, se quiser, ou não, mas eu posso te fazer a pergunta. Meu avô?, disse Amalfitano. Sim, seu avozinho, o *nono*, disse a voz. E a pergunta é: você é veado, vai sair fugindo deste quarto, você é um ho-mos-se-xual, vai acordar sua filha? Não, respondeu Amalfitano. Estou ouvindo. Diga o que tem a me dizer.

E a voz perguntou: você é?, você é?, e Amalfitano respondeu que não, e além disso negou com a cabeça. Não vou sair correndo. Não vão ser minhas costas nem a sola dos meus sapatos a última coisa que você vai ver de mim, se é que você vê. E a voz disse: ver, ver, o que se chama de ver, francamente não. Ou não muito. Já basta o trabalhão que dá me manter aqui. Onde?, perguntou Amalfitano. Na sua casa, imagino, disse a voz. Esta é a minha casa, disse Amalfitano. Sim, entendo, disse a voz, mas tratemos de relaxar. Estou relaxado, disse Amalfitano, estou na minha casa. E pensou: por que recomenda que eu relaxe? E a voz disse: acho que começa hoje uma longa e espero que satisfatória relação. Mas para isso é preciso ficarmos calmos, só a calma é incapaz de nos trair. E Amalfitano disse: tudo o mais nos trai? E a voz: sim, de fato, sim, é duro admitir, quero dizer é duro ter de admitir diante de você, mas é a puríssima verdade. A ética nos trai? O sentido do dever nos trai? A honestidade nos trai? A curiosidade nos trai? O amor nos trai? A coragem nos trai? A arte nos trai? Trai, sim senhor, disse a voz, tudo nos trai, ou te trai, o que é outra coisa mas que no caso dá na mesma, menos a calma, só a calma não nos trai, o que também, me permita reconhecer, não é nenhuma garantia. Não, disse Amalfitano, a coragem não nos trai nunca. E o amor aos filhos também não. Ah, não?, fez a voz. Não, disse Amalfitano, sentindo-se calmo na mesma hora.

Depois, em sussurros, como tudo o que até então dissera, perguntou se calma era, neste caso, antônimo de loucura. E a voz respondeu: não, de jeito nenhum, se é de ficar louco que você tem medo, não se preocupe, não está ficando louco, só está tendo uma conversa informal. Quer dizer que não estou ficando louco, disse Amalfitano. Não, em absoluto, disse a voz. Quer dizer que você é meu avô, disse Amalfitano. Seu vô, disse a voz. Quer dizer que tudo nos trai, inclusive a curiosidade, a honestidade e o que amamos. Sim, disse a voz, mas console-se, no fundo é divertido.

Não há amizade, disse a voz, não há amor, não há épica, não há poesia lírica que não seja ou um gorgolejo ou um gorjeio de egoístas, trinado de pilantras, borbulhar de traidores, burburejar de arrivistas, gorgorejos de bichas. Mas o que você tem, sussurrou Amalfitano,

contra os homossexuais? Nada, disse a voz. Falo em sentido figurado, disse a voz. Estamos em Santa Teresa?, perguntou a voz. Esta cidade é parte, e não pouco destacada, do estado de Sonora? Sim, respondeu Amalfitano. Então pronto, disse a voz. Uma coisa é ser arrivista, só para dar um exemplo, disse Amalfitano puxando o cabelo como que em câmara lenta, e outra bem diferente é ser bicha. Falo em sentido figurado, disse a voz. Falo para que você me entenda. Falo como se eu estivesse, e você estivesse atrás de mim, no ateliê de um pintor homossexual. Falo a partir de um ateliê onde o caos é apenas uma máscara ou uma leve fetidez de anestesia. Falo a partir de um ateliê com as luzes apagadas onde o nervo da vontade se desprende do resto do corpo tal como a língua da cobra se desprende do corpo e rasteja, automutilada, entre o lixo. Falo a partir das coisas simples da vida. Então você ensina filosofia?, perguntou a voz. Então ensina Wittgenstein?, perguntou a voz. Já se perguntou se sua mão é uma mão?, perguntou a voz. Já me perguntei, respondeu Amalfitano. Mas agora você tem coisas mais importantes para se perguntar, ou estou enganado?, perguntou a voz. Não, respondeu Amalfitano. Por exemplo, por que você não vai a um viveiro comprar sementes e plantas, e quem sabe até uma arvorezinha para plantar no meio do jardim dos fundos?, perguntou a voz. Sim, disse Amalfitano. Pensei em meu possível e factível jardim, e nas plantas que preciso comprar, e nas ferramentas para fazê-lo. E também pensou na sua filha, disse a voz, e nos assassinatos que se cometem diariamente nesta cidade, e nas nuvens veadinhas de Baudelaire (desculpe), mas não pensou seriamente se a sua mão realmente é uma mão. Não é verdade, disse Amalfitano, pensei, pensei sim. Se tivesse pensado, disse a voz, seria outra a sua cantiga. Amalfitano ficou em silêncio e sentiu que o silêncio era uma espécie de eugenia. Olhou as horas no relógio. Eram quatro da manhã. Ouviu alguém ligando o motor de um carro. O carro demorava para arrancar. Levantou-se e foi até a janela. Os carros parados em frente da sua casa estavam vazios. Olhou para trás, depois pôs a mão na maçaneta. A voz disse: cuidado, mas disse isso como se estivesse muito longe, no fundo de um barranco onde assomavam pedaços de pedras vulcânicas, riólitos, andesinas, veios de prata e veios de ouro, charcos petrificados cobertos de minúsculos ovinhos, enquanto no céu roxo como a pele de uma índia morta a pauladas sobrevoavam gaviões de rabo vermelho. Amalfitano saiu ao alpendre. À esquerda, a uns dez metros da sua casa, um carro preto acendeu o farol e pôs-se em movimento. Ao passar diante do jardim o motorista se inclinou e observou Amalfitano sem se deter. Era um tipo gordo, de cabelos bem negros, vestindo um terno barato sem gravata. Quando desapareceu, Amalfitano entrou de volta. Mal-encarado, disse a voz assim que ele passou pela porta de entrada. E depois: você precisa tomar cuidado, camarada, parece que as coisas aqui estão em polvorosa.

E você, quem é e como chegou aqui?, perguntou Amalfitano. Não faz sentido eu explicar isso, disse a voz. Não faz sentido?, disse Amalfitano rindo em sussurros, como uma mosca. Não faz sentido, disse a voz. Posso fazer uma pergunta?, indagou Amalfitano. Faça, disse a voz. Você é mesmo o fantasma do meu avô? Mas que pergunta, disse a voz. Claro que não, sou o espírito do seu pai. O do seu avô se esqueceu de você. Mas sou seu pai e nunca me

esquecerei de você. Entende? Sim, respondeu Amalfitano. Entende que de mim você não tem nada a temer? Sim, respondeu Amalfitano. Trate de fazer alguma coisa de útil, depois verifique se todas as portas e janelas estão perfeitamente fechadas e vá dormir. Alguma coisa de útil como o quê?, perguntou Amalfitano. Por exemplo, lave os pratos, disse a voz. Amalfitano acendeu um cigarro e pôs-se a fazer o que a voz havia sugerido. Você lava e eu falo, disse a voz. Está tudo calmo, disse a voz. Não há beligerância entre nós dois, a dor de cabeça, se é que você está com dor, o zumbido dos ouvidos, o pulso acelerado, a taquicardia logo passarão, disse a voz. Você vai se acalmar, vai pensar e se acalmar, disse a voz, enquanto faz algo de útil para sua filha e para você. Compreendido, sussurrou Amalfitano. Bem, disse a voz, isso é como uma endoscopia, mas indolor. Entendido, sussurrou Amalfitano. E lavou os pratos e a panela com restos de macarrão e molho de tomate, os garfos, os copos, o fogão, a mesa onde tinham comido, fumando um cigarro depois do outro e também bebendo de vez em quando água em pequenos goles diretamente da torneira. Às cinco da manhã tirou a roupa suja do cesto de roupa suja do banheiro, saiu ao jardim dos fundos, pôs a roupa na lavadora, selecionou o programa de lavagem normal, espiou o livro de Dieste pendurado imóvel e depois voltou para a sala e seus olhos procuraram como os olhos de um viciado mais alguma coisa para limpar ou arrumar ou lavar, mas não encontrou nada e ficou sentado, sussurrando sim ou não ou não me lembro ou pode ser. Está tudo bem, dizia a voz. É só uma questão de ir se acostumando. Sem gritar. Sem se pôr a suar e a pular.

* * *

Passava das seis da manhã quando Amalfitano se deitou na cama sem se despir e adormeceu como uma criança. Às nove Rosa o acordou. Fazia tempo que Amalfitano não se sentia tão bem, mas as aulas que deu foram totalmente ininteligíveis para seus alunos. À uma hora almoçou no restaurante da faculdade e ocupou uma das mesas mais apartadas e difíceis de localizar. Não queria ver a professora Pérez, tampouco queria se encontrar com os outros colegas e menos ainda com o diretor, que, como era de costume, almoçava lá todos os dias rodeado de professores e de uns poucos alunos que o bajulavam sem parar. Pediu no balcão, quase sub-repticiamente, frango cozido com salada e dirigiu-se a toda a velocidade para sua mesa, esquivando-se dos jovens que naquela hora lotavam o restaurante. Depois pôs-se a comer e a continuar pensando no que havia acontecido na noite anterior. Notou, com espanto, que se sentia entusiasmado com os eventos que acabava de viver. Eu me sinto como um rouxinol, pensou com alegria. Era uma frase simples, batida e ridícula, mas era a única frase que podia resumir seu atual estado de ânimo. Procurou se acalmar. As risadas dos jovens, seus gritos chamando uns aos outros, o barulho dos pratos, não contribuíam para fazer daquele o lugar mais adequado para refletir. No entanto, ao cabo de uns poucos segundos se deu conta de que não existia um lugar melhor. Igual sim, mas melhor não. Assim, bebeu um longo gole d'água engarrafada (que não tinha o mesmo sabor da água da torneira, mas também não era muito diferente) e pôs-se a pensar. Primeiro pensou na loucura. Na possibilidade, alta, de que estivesse ficando louco. Surpreendeu-se ao se dar

conta de que esse pensamento (e essa possibilidade) não reduzia em nada seu entusiasmo. Nem sua alegria. Meu entusiasmo e minha alegria cresceram sob as asas de uma tormenta, disse para si. Pode ser que eu esteja ficando louco, mas me sinto bem, disse para si. Contemplou a possibilidade, alta, de que a loucura, no caso de sofrê-la, piorasse, e então seu entusiasmo se transformasse em dor e impotência, e sobretudo em causa de dor e de impotência para sua filha. Como se tivesse raios X nos olhos conferiu suas economias e calculou que com o que tinha guardado Rosa podia voltar para Barcelona e ainda sobraria dinheiro para ela começar. Para começar o quê?, a isso preferiu não responder. Imaginou-se a si mesmo trancado num manicômio em Santa Teresa ou em Hermosillo, com a professora Pérez como única visita ocasional, e recebendo de vez em quando cartas de Rosa mandadas de Barcelona, onde trabalharia e terminaria os estudos, onde conheceria um rapaz catalão, responsável e carinhoso, que se apaixonaria por ela, a respeitaria, cuidaria dela e seria amável com ela, e com o qual Rosa acabaria vivendo e indo ao cinema de noite e viajando para a Itália ou a Grécia em julho ou em agosto, e a situação não lhe pareceu tão má. Depois examinou outras possibilidades. Claro, disse para si, não acreditava em fantasmas nem em espíritos, apesar de que durante a sua infância no sul do Chile as pessoas falassem da estudante que esperava os cavaleiros trepada num galho de árvore, de onde se deixava cair na garupa dos cavalos, abraçando as costas do camponês, do vaqueiro ou do contrabandista, sem largar, como uma amante cujo abraço enlouquecia tanto o cavaleiro quanto o cavalo, os quais morriam de susto ou terminavam no fundo de um barranco, ou do gato selvagem ou dos lampiões ou das luzinhas ou de tantos outros duendezinhos, almas penadas, íncubos e súcubos, demônios menores que moravam entre a cordilheira da costa e a cordilheira dos Andes, mas nos quais não acreditava, não precisamente por sua formação filosófica (Schopenhauer, para não ir mais longe, acreditava em fantasmas, e certamente apareceu um a Nietzsche, que o enlouqueceu) mas por sua formação materialista. De modo que descartou, pelo menos até esgotar outras linhas, a possibilidade dos fantasmas. A voz podia ser um fantasma, sobre isso ele não botava a mão no fogo, mas tentou encontrar outra explicação. No entanto, depois de muito refletir, a única coisa que se sustentava era a possibilidade da alma penada. Pensou na vidente de Hermosillo, madame Cristina, a Santa. Pensou em seu pai. Decidiu que seu pai nunca, por mais espírito errante que tivesse virado, utilizaria as palavras mexicanas que a voz havia utilizado, se bem que, por outro lado, o leve toque de homofobia pudesse perfeitamente se aplicar a ele. Com felicidade difícil de dissimular, se perguntou em que enrascada tinha se metido. De tarde deu mais umas aulas, depois voltou a pé para casa. Ao passar pela praça principal de Santa Teresa viu um grupo de mulheres fazendo uma manifestação diante da prefeitura. Num dos cartazes leu: Não à impunidade. Em outro: Chega de corrupção. Das arcadas de adobe do edifício colonial um grupo de policiais vigiava as mulheres. Não eram tropas de choque mas simples policiais fardados de Santa Teresa. Quando ia se afastando escutou alguém chamar seu nome. Ao virar-se, viu do outro lado da rua a professora Pérez e sua filha. Convidou-as para tomar um refrigerante. Na cafeteria lhe explicaram que a manifestação era para pedir transparência nas investigações sobre os desaparecimentos e assassinatos de mulheres. A professora Pérez

contou que estavam hospedadas na sua casa três feministas do DF e que naquela noite pensava dar um jantar. Gostariam que vocês viessem, disse. Rosa disse que iria. Amalfitano falou que quanto a ele não via inconveniente. Depois sua filha e a professora Pérez voltaram para a manifestação e Amalfitano retomou o caminho.

Mas antes de chegar em casa alguém tornou a chamá-lo pelo nome. Professor Amalfitano, ouviu que diziam. Virou-se e não viu ninguém. Não estava mais no centro, caminhava pela avenida Madero e os prédios de quatro andares haviam cedido lugar a moradias ajardinadas que imitavam um tipo de residência familiar californiana dos anos 50, casas que o tempo começara a deteriorar muito, quando seus ocupantes se mudaram para o bairro em que agora Amalfitano morava. Algumas casas tinham se transformado em estacionamentos onde também se vendia sorvete e outras agora se dedicavam, sem ter recebido nenhuma reforma arquitetônica, ao ramo do pão ou à venda de roupas. Muitas delas exibiam placas que anunciavam médico, advogados especializados em divórcio ou criminalistas. Outras ofereciam quartos de aluguel por dia. Algumas haviam sido divididas sem muito capricho em duas ou três casas independentes, que se dedicavam à venda de jornais e revistas, frutas e verduras, ou prometiam ao transeunte dentaduras postiças a bom preço. Quando Amalfitano ia seguir seu caminho tornaram a chamá-lo. Então ele o viu. A voz saía de dentro de um carro parado junto ao meio-fio. A princípio não reconheceu o rapaz que o chamava. Pensou que era um aluno. Usava óculos escuros e camisa preta desabotoada até o peito. Tinha a pele bem bronzeada, como se fosse um cantor popular ou um playboy porto-riquenho. Entre, professor, eu lhe dou uma carona até a sua casa. Amalfitano estava a ponto de dizer que preferia caminhar quando o rapaz se identificou. Sou o filho do professor Guerra, disse enquanto descia do carro do lado em que passava o trânsito, que naquela hora ensurdecia a avenida, sem olhar para parte alguma, com um desprezo pelo perigo que pareceu a Amalfitano de uma temeridade extrema. Depois de dar a volta, o jovem se aproximou dele e lhe estendeu a mão. Sou Marco Antonio Guerra, disse, e lembrou-o da vez que no escritório de seu pai haviam brindado com champanhe à integração dele na faculdade. Não tem nada a temer de mim, professor, disse, e essa declaração não deixou de surpreender Amalfitano. O jovem Guerra parou à sua frente. Sorria como daquela vez. Um sorriso zombeteiro e confiante, como o sorriso de um franco-atirador seguro demais de si mesmo. Vestia jeans e botas texanas. Dentro do carro, no banco de trás, havia um paletó cinza-pérola de grife e uma pasta com documentos. Estava passando por aqui, disse Marco Antonio Guerra. O carro tomou o rumo da colônia Lindavista, mas antes de chegar o filho do diretor sugeriu que fossem beber alguma coisa. Amalfitano recusou educadamente o convite. Então me convide para beber alguma coisa em sua casa, disse Marco Antonio Guerra. Não tenho nada para oferecer, desculpou-se Amalfitano. Não se fala mais no assunto, disse Marco Antonio Guerra, e pegou o primeiro desvio. Logo a paisagem urbana experimentou uma mudança. A oeste da colônia Lindavista as casas eram novas, rodeadas em certos pontos por grandes descampados, e algumas ruas nem sequer eram asfaltadas. Dizem que estes bairros são o futuro da cidade,

disse Marco Antonio Guerra, mas acho que esta merda de cidade não tem futuro. O carro entrou diretamente num campo de futebol, do outro lado do qual se via um par de enormes galpões ou armazéns cercados por um alambrado. Detrás dessas instalações corria um canal ou riacho que arrastava o lixo dos bairros que ficavam ao norte. Perto de outro descampado viram os velhos trilhos da ferrovia que conectava antigamente Santa Teresa a Ures e a Hermosillo. Uns tantos cachorros se aproximaram timidamente. Marco Antonio baixou o vidro e deixou que eles farejassem e lambessem sua mão. À esquerda ficava a estrada de Ures. O carro começou a sair de Santa Teresa. Amalfitano perguntou aonde iam. O filho de Guerra respondeu que para um dos poucos lugares da região em que ainda se podia tomar um autêntico mescal mexicano.

O bar se chamava Los Zancudos [os pernilongos] e era um retângulo de trinta metros de comprimento por uns dez de largura, com um pequeno palco no fundo onde às sextas e sábados se apresentavam grupos que tocavam *corridos* ou canções *rancheras*. O balcão media menos de quinze metros. Os toaletes ficavam do lado de fora, e dava para entrar diretamente neles pelo quintal ou por um estreito corredor de chapas de zinco que os ligava ao bar. Não tinha muita gente. Os garçons, que Marco Antonio Guerra conhecia pelo nome, os cumprimentaram mas nenhum se aproximou para atendê-los. Só uma poucas luzes estavam acesas. Recomendo que peça mescal Los Suicidas, disse Marco Antonio. Amalfitano sorriu amavelmente e disse que sim, mas só uma dosezinha. Marco Antonio levantou a mão e estalou os dedos. Esses putos devem estar surdos, falou. Levantou-se e aproximou-se do balcão. Logo depois regressou com dois copos e uma garrafa de mescal pela metade. Experimente, falou. Amalfitano deu um gole e lhe pareceu gostoso. No fundo da garrafa deveria ter uma lagarta, disse, mas estes mortos de fome com certeza a comeram. Parecia uma piada, e Amalfitano achou graça. Mas garanto que é mescal Los Suicidas autêntico, pode tomar sem medo, disse Marco Antonio. Ao segundo trago Amalfitano pensou que, de fato, se tratava de uma bebida extraordinária. Não se fabrica mais, disse Marco Antonio, como tantas coisas nesta merda de país. E ao cabo de um instante, olhando fixamente para Amalfitano, falou: vamos pra puta que pariu, imagino que o senhor percebeu, não é, professor? Amalfitano respondeu que a situação não estava para soltar foguetes, sem especificar a que se referia nem entrar em detalhes. A coisa escorrega pelas nossas mãos, disse Marco Antonio Guerra. Os políticos não sabem governar. A classe média só pensa em ir para os Estados Unidos. E cada vez chega mais gente para trabalhar nas maquiladoras. Sabe o que eu faria? Não, respondeu Amalfitano. Eu botaria fogo em algumas. Em algumas o quê?, indagou Amalfitano. Em algumas maquiladoras. Ora, deixe disso, fez Amalfitano. Também poria o exército na rua, bom, na rua não, nas estradas, para impedir que continuassem chegando mais mortos de fome. Controle das estradas?, disse Amalfitano. Exatamente, é a única solução que enxergo. Provavelmente há outras, disse Amalfitano. As pessoas perderam todo o respeito, disse Marco Antonio Guerra. O respeito pelos outros e o respeito por si mesmas. Amalfitano olhou para o balcão. Três garçons cochichavam espiando com o rabo

dos olhos para a mesa deles. Acho melhor a gente ir embora, disse Amalfitano. Marco Antonio Guerra olhou para os garçons e fez um gesto obsceno com a mão para eles, depois deu uma risada. Amalfitano o pegou pelo braço e arrastou-o para o estacionamento. Já era de noite e um enorme letreiro luminoso com um pernilongo de pernas compridas brilhava sobre uma armação de ferro. Me parece que essa gente tem alguma coisa contra você, disse Amalfitano. Não se preocupe, respondeu Marco Antonio Guerra, ando armado.

Quando chegou em casa Amalfitano esqueceu de imediato o jovem Guerra e pensou que talvez não estivesse tão louco quanto acreditava nem tampouco a voz era uma alma penada. Pensou na telepatia. Pensou nos mapuches ou araucanos telepatas. Lembrou-se de um livro fininho, que não chegava a cem páginas, de um tal de Lonko Kilapán, publicado em Santiago do Chile em 1978, que um velho amigo, humorista nato, tinha lhe mandado quando ele morava na Europa. O tal de Kilapán se apresentava com as seguintes credenciais: Historiador da Raça, Presidente da Confederação Indígena do Chile e Secretário da Academia da Língua Araucana. O livro se chamava *O'Higgins é araucano*, e tinha como subtítulo *17 provas, tiradas da História Secreta da Araucanía*. Entre o título e o subtítulo estava a seguinte frase: Texto aprovado pelo Conselho Araucano da História. Depois vinha o prólogo, que dizia assim: “*Prólogo*. Se quiséssemos encontrar nos heróis da Independência do Chile provas de parentesco com os araucanos, seria difícil encontrá-las e mais difícil ainda prová-las. Porque nos irmãos Carrera, Mackenna, Freire, Manuel Rodríguez e outros, só aflora a ascendência ibérica. Mas onde o parentesco araucano surge espontâneo e brilha, com luz meridiana, é em Bernardo O'Higgins, e para prová-lo existem dezessete provas. Bernardo não é o filho ilegítimo que alguns historiadores descrevem com pesar, enquanto outros não conseguem dissimular sua complacência. Ele é o galhardo filho legítimo do Governador do Chile e Vice-Rei do Peru, Ambrosio O'Higgins, irlandês, e de uma mulher araucana, pertencente a uma das principais tribos da Araucanía. O casamento foi consagrado pela lei do Admapu, com o tradicional Gapitun (cerimônia do rapto). A biografia do Libertador rasga o milenar segredo araucano, bem no Bicentenário do Seu Nascimento; pula do Litrang* ao papel, com a fidelidade com que só um eputufe sabe fazer”. E aí acabava o prólogo, assinado por José R. Pichiñual, Cacique de Puerto Saavedra.

Curioso, pensou Amalfitano, com o livro nas mãos. Curioso, curiosíssimo. Por exemplo, o único asterisco. Litrang: chapa de pedra chata em que os araucanos gravavam sua escrita. Mas por que pôr um asterisco junto da palavra litrang e não o fazer junto das palavras admapu ou eputufe? O cacique de Puerto Saavedra dava por certo que estas eram bem conhecidas? E depois a frase sobre a bastardia ou não de O'Higgins: não é o filho ilegítimo que alguns historiadores descrevem com *pesar*, enquanto outros não conseguem dissimular sua *complacência*. Aí está a história cotidiana do Chile, a história particular, a história da porta para dentro. Descrever com *pesar* o pai da pátria por causa da sua bastardia. Ou

escrever sobre esse ponto sem conseguir dissimular certa complacência. Que frases mais significativas, pensou Amalfitano, e se lembrou da primeira vez que leu o livro de Kilapán, morrendo de rir, e da maneira como o lia agora, com algo parecido com o riso mas também com algo parecido com a pena. Ambrosio O'Higgins como irlandês era sem dúvida uma boa piada. Ambrosio O'Higgins se casando com uma araucana, mas sob a legislação do admapu e rematando ainda por cima com o *tradicional gapitun* ou cerimônia do rapto, lhe parecia uma piada macabra que só remetia a um abuso, a um estupro, a uma zombaria extra usada pelo gorducho Ambrosio para comer a índia tranquilamente. Não posso pensar em nada sem que a palavra estupro remeta a seus olhinhos de mamífero indefeso, pensou Amalfitano. Depois adormeceu na poltrona, com o livro nas mãos. Talvez tenha sonhado algo. Algo breve. Talvez tenha sonhado com sua infância. Talvez não.

Depois acordou e cozinhou algo para a filha e para ele, trancou-se no escritório e sentiu-se terrivelmente cansado, incapaz de preparar uma aula ou ler algo sério, de modo que voltou com resignação ao livro de Kilapán. Dezessete provas. A prova número um se intitulava *Nasceu o estado araucano*. Ali se podia ler o seguinte: “O Yekmonchi¹ chamado Chile,² geográfica e politicamente era igual ao Estado grego e, como ele, formando um delta, entre os paralelos 35 e 42, latitude respectiva”. Sem dar tento à construção da frase (onde dizia formando devia dizer formava, sobravam pelo menos duas vírgulas), o mais interessante do primeiro parágrafo era sua, digamos, disposição militar. Já de entrada um direto no queixo ou uma descarga de toda a artilharia no centro da linha inimiga. A nota 1 esclarecia que Yekmonchi significava Estado. A nota 2 afirmava que Chile era uma palavra grega cuja tradução era “tribo distante”. Depois vinham as precisões geográficas sobre o Yekmonchi do Chile: “Se estendia do rio Maullis até Chiligüe, mais o ocidente argentino. A Cidade Mãe reitora, ou seja, o Chile, propriamente tal, se encontrava entre os rios Butaleufu e Toltén; como o estado grego era rodeado de povos aliados e consanguíneos, os que obedeciam aos Küga Chiliches (isto é, à tribo — Küga — chilena — Chiliches: gente do Chile. Che: gente —, como minuciosamente Kilapán se encarregava de recordar), que lhes ensinavam as ciências, as artes, os esportes e sobretudo a ciência da guerra”. Mais adiante Kilapán confessava: “No ano de 1947 (mas Amalfitano desconfiou que essa data podia ser um erro e não se tratar do ano de 1947, mas sim de 1974) abri a tumba de Kurillanka, que estava sob o Kuralwe principal, coberto por uma pedra lisa. Só restavam uma katankura, um metawe, pato, uma joia de obsidiana, como ponta de flecha para o pagamento do ‘pedágio’ que a alma de Kurillanka devia pagar a Zenpilkawe, o Caronte grego, para que o levasse através do mar a seu lugar de origem: uma ilha distante no mar. Essas peças foram divididas entre os museus araucanos de Temuco, o futuro Museu Abade Molina, de Villa Alegre e o Museu Araucano de Santiago, que logo seria aberto ao público”. A menção a Villa Alegre dava ensejo para Kilapán acrescentar uma nota das mais curiosas. Dizia: “Em Villa Alegre, antes chamada Warakulen, repousam os restos do abade Juan Ignacio Molina, trazidos da Itália a seu povoado natal. Foi professor da Universidade de Bolonha, onde sua estátua preside a entrada

do panteão dos Filhos Ilustres da Itália, entre as estátuas de Copérnico e Galileu. De acordo com Molina, existe um parentesco indubitável entre gregos e araucanos”. Esse Molina havia sido jesuíta e naturalista, e sua vida transcorreria entre os anos de 1740 e 1829.

Pouco depois do episódio do restaurante Los Zancudos, Amalfitano tornou a ver o filho do diretor Guerra. Desta vez o jovem se vestia como caubói, mas tinha feito a barba e recendia a água-de-colônia Calvin Klein. Mesmo assim, só lhe faltava o chapéu para parecer um caubói de verdade. A maneira de abordá-lo foi brusca e não desprovida de certo mistério. Amalfitano ia andando por um corredor da faculdade excessivamente comprido, deserto naquela hora e um tanto escuro, quando de repente Marco Antonio Guerra emergiu de um canto como se houvesse preparado uma brincadeira de péssimo gosto ou pretendesse assaltá-lo. Amalfitano deu um pinote, seguido por um tapa totalmente automático. Sou eu, Marco Antonio, disse o filho do diretor ao receber a segunda bofetada. Depois ambos se reconheceram, se acalmaram e retomaram juntos o caminho para um recorte de luz que emergia do fundo do corredor, que evocou a Marco Antonio os testemunhos dos que estiveram em coma ou em situação de morte clínica e que dizem ter visto um túnel escuro e, no final do túnel, um fulgor branco ou diamantino, e às vezes até atestam a presença de seres defuntos e queridos que lhes dão a mão ou os tranquilizam ou rogam que não continuem avançando pois a hora ou a microfração de segundo em que se opera a mudança ainda não chegou. O senhor acredita, professor? As pessoas que estão a ponto de morrer inventam essas besteiras ou é real? É só um sonho dos que estão agonizando ou é possível que essas coisas aconteçam? Não sei, disse Amalfitano com secura, pois ainda não tinha se recobrado do susto nem estava com vontade de repetir o encontro da vez anterior. Bem, disse o jovem Guerra, se o senhor quer saber o que penso, não creio que seja verdade. As pessoas veem o que querem ver e nunca o que as pessoas querem ver corresponde à realidade. As pessoas são covardes até o último suspiro. Digo isso confidencialmente: o ser humano, falando *grosso modo*, é o que mais se assemelha a um rato.

Contra o que esperava (livrar-se do jovem Guerra assim que saísse do corredor que evocava a vida no além-túmulo), Amalfitano teve de segui-lo sem chiar pois o filho do diretor era portador de um convite para jantar naquela mesma noite em casa do reitor da Universidade de Santa Teresa, o ilustre doutor Pablo Negrete. De modo que entrou no carro de Marco Antonio, que o levou até a sua casa e preferiu, num rasgo de timidez inesperado para Amalfitano, aguardá-lo do lado de fora, vigiando o carro, como se naquele bairro houvesse ladrões, enquanto Amalfitano se refrescava e trocava de roupa, e sua filha, que é claro também estava convidada, fazia o mesmo ou não, enfim, que sua filha podia ir ao jantar vestida como quisesse, mas ele, Amalfitano, era melhor que se apresentasse na residência do doutor Negrete pelo menos de paletó e gravata. O jantar, por sinal, não foi nada do outro mundo. O doutor Negrete simplesmente queria conhecê-lo e supôs, ou lhe fizeram

notar, que um primeiro encontro nas salas do edifício da reitoria era muito mais frio do que um primeiro encontro no acolhedor ambiente da sua casa, na realidade um nobre casarão de dois andares rodeado por um jardim exuberante onde cresciam plantas de todo o México e onde não faltavam cantos frescos e afastados para reuniões em *petit comité*. O doutor Negrete era um tipo silencioso, introvertido, que gostava mais de ouvir o que os outros falavam do que empunhar a batuta da conversa. Interessou-se por Barcelona, lembrou que na sua juventude havia estado num congresso em Praga, aludiu a um ex-professor da Universidade de Santa Teresa, um argentino, que agora dava aula numa universidade da Califórnia, e o resto do tempo permaneceu calado. Sua mulher, em cujos traços se intuía, se não uma passada beleza, pelo menos um porte e uma distinção que faltavam ao reitor, se mostrou muito mais amável com Amalfitano e, sobretudo, com Rosa, que lhe lembrava sua filha mais moça, chamada Clara, como ela, e que morava em Phoenix havia anos. Em certo momento do jantar Amalfitano acreditou notar uma troca de olhares um tanto equívoca entre o reitor e sua mulher. Nos olhos dela percebeu algo que poderia se assemelhar ao ódio. A cara do reitor, pelo contrário, manifestou um medo súbito que durou o que dura o esvoaçar de uma borboleta. Mas Amalfitano notou-o e, por um instante (o segundo esvoaçar), o medo do reitor esteve a ponto de também roçar a sua pele. Quando se recuperou e olhou para os outros comensais se deu conta de que ninguém havia percebido aquela sombra mínima como uma cova cavada às pressas da qual se desprendia uma fetidez alarmante.

Mas se enganava. O jovem Marco Antonio Guerra tinha se dado conta, sim. E além do mais tinha se dado conta de que ele também tinha se dado conta. A vida não vale nada, disse-lhe ao ouvido quando saíram ao jardim. Rosa sentou-se junto da mulher do reitor e da professora Pérez. O reitor sentou-se na única cadeira de balanço que havia na pérgula. O diretor Guerra e dois professores de filosofia sentaram ao lado dele. As esposas dos professores buscaram um lugar junto da mulher do reitor. Um terceiro professor, solteiro, ficou de pé, junto a Amalfitano e ao jovem Guerra. Uma empregada idosa, quase uma anciã, entrou após um instante trazendo uma enorme bandeja cheia de copos e taças que deixou em cima da mesa de mármore. Amalfitano pensou em ajudá-la, mas logo considerou que talvez seu ato fosse mal interpretado como uma descortesia. Quando a anciã voltou a aparecer trazendo mais de sete garrafas em precário equilíbrio, não pôde se conter e foi ajudá-la. A anciã, ao vê-lo, abriu os olhos de forma desmedida e a bandeja começou a escorregar das suas mãos. Amalfitano ouviu o grito, um grito ridículo, que a mulher de um dos professores proferia, e nesse mesmo momento, enquanto a bandeja caía, distinguiu a sombra do jovem Guerra que voltava a deixar tudo em perfeito equilíbrio. Não se envergonhe, Chachita, ouviu a mulher do reitor dizer. Em seguida ouviu o jovem Guerra, depois de deixar as garrafas em cima da mesa, perguntar a dona Clara se não tinha em seu armário de bebidas mescal Los Suicidas. E também ouviu o diretor Guerra dizer: não levem a sério, meu filho tem dessas coisas. E ouviu Rosa dizer: mescal Los Suicidas, que nome mais bonito. E ouviu a mulher de um professor dizer: que nome mais original, isso sim. E ouviu a professora Pérez: que susto eu

leve, pensei que iam cair. E ouviu um professor de filosofia que, para mudar de assunto, falava da música do norte. E ouviu o diretor Guerra dizer que a diferença entre um conjunto musical do norte e um do resto do país estava em que o conjunto *norteño* sempre usava um acordeão e um violão, com acompanhamento de baixo de seis cordas e algum *brinco*. E ouviu o mesmo professor de filosofia perguntar o que era *brinco*. E ouviu o diretor responder que um *brinco* era, para dar um exemplo, como a percussão, como a bateria num grupo de rock, como os tambores, e que na música do norte um *brinco* legítimo podia ser a *redova* ou mais comumente os *palitos*. E ouviu o reitor Negrete dizer: é isso. E depois aceitou um uísque, procurou o rosto de quem lhe havia posto o copo na mão e encontrou a cara esbranquiçada pela lua do jovem Guerra.

A prova número dois, sem dúvida a que mais interessava a Amalfitano, se intitulava *É filho de mulher araucana* e começava da seguinte maneira: “Quando da chegada dos espanhóis, os araucanos estabeleceram dois condutos de comunicações a partir de Santiago: a telepatia e o adkintuwe.⁵⁵ Lautaro,⁵⁶ por suas relevantes condições telepáticas, sendo ainda criança, foi levado ao norte com sua mãe, para ser posto a serviço dos espanhóis. Foi dessa forma que Lautaro contribuiu para a derrota dos espanhóis. Como os telepatas podiam ser eliminados e cortadas as comunicações, criou-se o adkintuwe. Só depois do ano de 1700 os espanhóis perceberam o envio de mensagens por meio do movimento dos galhos. Estavam desconcertados pelo fato de os araucanos saberem tudo o que acontecia na cidade de Concepción. Embora tenham conseguido descobrir o adkintuwe, nunca conseguiram traduzi-lo. Da telepatia nunca desconfiaram, atribuindo-a a um ‘contato com o diabo’, que lhes comunicava as coisas que ocorriam em Santiago. Da capital partiam três linhas de adkintuwe: uma pelos contrafortes da cordilheira dos Andes; outra pelo litoral, e uma terceira, pelo vale central. O homem primitivo desconhecia a linguagem; ele se comunicava por emissões da mente, como fazem os animais e as plantas. Quando recorreu aos sons e aos gestos e movimentos das mãos para se comunicar, começou a perder o dom da telepatia, o que se acentuou ao se encerrar nas cidades afastando-se da natureza. Embora os araucanos tivessem duas classes de escrita, o Prom,⁵⁷ com nós dados em cordas, e o Adentunemul,⁵⁸ escrita em triângulos, nunca se descuidaram da telecomunicação; muito pelo contrário, especializaram alguns Kügas, cujas famílias foram repartidas por toda a América, ilhas do Pacífico e extremo sul, para que nunca um inimigo os pegasse de surpresa. Por meio da telepatia se mantiveram sempre em contato com os emigrantes do Chile que primeiro se estabeleceram no norte da Índia, onde foram chamados de arianos, de lá se dirigiram para os campos da primitiva Germânia para depois descer ao Peloponeso, de onde viajavam para o Chile, pelo caminho tradicional até a Índia e através do oceano Pacífico”. Ato contínuo e sem mais nem menos, Kilapán dizia: “Killenkusi foi sacerdotisa Machi,⁵⁹ sua filha Kinturay devia sucedê-la no cargo ou se dedicar à espionagem; decidiu-se por esta última e ao amor pelo irlandês; essa oportunidade lhe dava a esperança de chegar a ter um filho que, como Lautaro e o mestiço Alejo, se criaria entre os espanhóis, e como eles pudesse um dia

capitanear as hostes dos que desejavam expulsar os conquistadores para lá do Maule, porque a lei do Admapu proíbe que os araucanos lutem fora do Yekmonchi. Sua esperança se fez realidade e na primavera⁶⁰ do ano de 1777, no lugar chamado Palpal, uma mulher araucana suportava de pé as dores do parto, porque a tradição dizia que filho forte não pode nascer de mãe fraca. O filho chegou e se tornou o Libertador do Chile”.

As notas de rodapé deixavam bem claro, caso ainda não estivesse, o tipo de barco ébrio em que Kilapán havia embarcado. A nota 55, Adkintuwe, dizia: “Os espanhóis depois de muitos anos conseguiram perceber a sua existência, mas nunca conseguiram traduzi-lo”. A 56: “Lautaro, som veloz (taros em grego significa veloz)”. A 57: “Prom, palavra contraída do grego Prometeu, Titã que roubou a escrita dos deuses, para dá-la aos homens”. A 58: “Adentunemul, escrita secreta, composta de triângulos”. A 59: “Machi, adivinha. Do verbo grego mantis, que significa adivinhar”. A 60: “Primavera. A Lei do admapu ordenava que os filhos fossem gerados no verão, quando todos os frutos estão maduros; dessa forma nascem na primavera quando a terra desperta com toda a sua força; quando nascem todos os animais e as aves”.

Pelo que se concluía que, 1: todos os araucanos ou boa parte deles eram telepatas. 2: a língua araucana era estreitamente ligada à língua de Homero. 3: os araucanos viajavam por todas as partes do globo terrestre, especialmente pela Índia, pela primitiva Germânia e pelo Peloponeso. 4: os araucanos eram navegantes estupendos. 5: os araucanos tinham duas classes de escrita, uma baseada em nós e a outra em triângulos, esta última secreta. 6: não ficava muito claro em que consistia a comunicação que Kilapán chamava de adkintuwe e que os espanhóis, embora tivessem percebido sua existência, nunca foram capazes de traduzir. Talvez o envio de mensagens por meio do movimento dos galhos das árvores situadas em lugares estratégicos, como nos topos de morros? Algo semelhante à comunicação por meio de fumaça dos índios das pradarias da América do Norte? 7: pelo contrário, a comunicação telepática nunca foi descoberta e se em algum momento deixou de funcionar foi porque os espanhóis mataram os telepatas. 8: a telepatia, por outro lado, permitiu que os araucanos do Chile se mantivessem em contato permanente com os emigrantes do Chile espalhados por lugares tão insólitos como a povoada Índia ou a verde Alemanha. 9: devia se deduzir disso tudo que Bernardo O’Higgins também era telepata? Devia se deduzir que o próprio autor, Lonko Kilapán, era telepata? Sim, devia se deduzir.

Também podiam se deduzir (e, com um pouco mais de esforço, ver) outras coisas, pensou Amalfitano enquanto tomava conscienciosamente o pulso e observava o livro de Dieste pendurado na noite do quintal dos fundos. Podia se ver, por exemplo, a data de edição do livro, 1978, ou seja, durante a ditadura militar, e deduzir a atmosfera de triunfo, solidão e

medo em que se editou. Podia se ver, por exemplo, um senhor de traços índios, meio louco mas discreto, tratando com os impressores da prestigiosa Editorial Universitaria, situada na San Francisco, 454, em Santiago, o preço que a edição do livrinho vai custar ao Historiador da Raça, ao Presidente da Confederação Indígena do Chile e Secretário da Academia da Língua Araucana, um preço alto demais que o senhor Kilapán tenta diminuir com mais ilusão do que eficácia, embora o encarregado da gráfica saiba que não estão exatamente com trabalho sobrando e que bem podiam fazer um descontinho para o homem em questão, ainda mais que o sujeito jura ter outros livros totalmente terminados e revistos (*Lendas araucanas e lendas gregas e Origem do homem americano e parentesco entre araucanos, arianos, germanos primitivos e gregos*), e jura de pés juntos que vai trazê-los para eles, porque, cavalheiros, um livro impresso pela Editorial Univesitaria é um livro que de saída já se distingue, e é essa última barretada que convence o impressor, o encarregado, o escriturário que cuida desses assuntos e que lhe concede o pequeno descontinho. O verbo distinguir. A palavra distinto. Ah, ah, ah, ah, arqueja Amalfitano sufocando como se tivesse um repentino ataque de asma. Ah, Chile.

Se bem que, é claro, cabia ver outras cenas ou cabia ver esse quadro desgraçado de outras perspectivas. E assim como o livro começava com um direto na mandíbula (o Yekmonchi chamado Chile, geográfica e politicamente igual ao Estado grego), o leitor ativo preconizado por Cortázar podia começar a leitura com um pé nos testículos do autor e ver de imediato nele um laranja, um factótum a serviço de algum coronel da Inteligência, ou talvez de algum general com pretensões de intelectual, o que também, em se tratando do Chile, não era muito esquisito, esquisito teria sido o contrário, no Chile os militares se comportavam como escritores, os escritores, para não ficarem para trás, se comportavam como militares, os políticos (de todas as tendências) se comportavam como escritores e como militares, e os diplomatas se comportavam como querubins cretinos, e os médicos e advogados se comportavam como ladrões, e assim poderia ter sido até a náusea, inacessível ao desalento. Mas se o fio fosse retomado, mostrava-se possível que Kilapán talvez não houvesse escrito esse livro. E se Kilapán não escreveu o livro, também era possível que Kilapán não existisse, isto é, que não houvesse nenhum Presidente da Confederação Indígena do Chile, entre outras razões porque talvez não existisse essa Confederação Indígena, nem houvesse nenhum Secretário da Academia da Língua Araucana, entre outras razões porque talvez essa Academia da Língua Araucana nunca tenha existido. Tudo falso. Tudo inexistente. Kilapán, sob esse prisma, pensou Amalfitano meneando a cabeça ao compasso (ligeiríssimo) com que se movia o livro de Dieste do outro lado da janela, bem que podia ser um *nom de plume* de Pinochet, das longas insônias de Pinochet ou de suas frutuosas madrugadas, quando se levantava às seis da manhã ou às cinco e meia e depois de tomar uma chuveirada e fazer um pouco de exercício se trancava na sua biblioteca para repassar as injúrias internacionais, para meditar sobre a má fama de que o Chile desfrutava no exterior. Mas não se deveriam criar muitas ilusões. A prosa de Kilapán, sem dúvida, podia ser de Pinochet. Mas também podia ser de

Aylwin ou de Lagos. A prosa de Kilapán podia ser de Frei (o que já era exagerar) ou de qualquer neofascista da direita. Na prosa de Lonko Kilapán não só cabiam todos os estilos do Chile mas também todas as tendências políticas, dos conservadores aos comunistas, dos novos liberais aos velhos sobreviventes do MIR. Kilapán era o luxo do castelhano falado e escrito no Chile, em seus fraseados aparecia não só o nariz apergaminhado do abade Molina, mas também as carnificinas de Patricio Lynch, os intermináveis naufrágios da Esmeralda, o deserto do Atacama e as vacas pastando, as bolsas Guggenheim, os políticos socialistas elogiando a política econômica da ditadura militar, as esquinas onde se vendiam *sopaipillas* fritas, o *mote con huesillos*, o fantasma do muro de Berlim que ondulava nas imóveis bandeiras vermelhas, os maus-tratos familiares, as putas de bom coração, as casas baratas, o que no Chile chamavam de ressentimento e que Amalfitano chamava de loucura.

Mas o que ele buscava mesmo era um nome. O nome da mãe telepata de O' Higgins. Segundo Kilapán: Kinturay Treulen, filha de Killenkusi e de Waramanke Treulen. Segundo a história oficial: dona Isabel Riquelme. Chegando a esse ponto Amalfitano decidiu parar de olhar para o livro de Dieste que balançava (ligeiríssimo) na escuridão, sentar-se e pensar no nome da sua própria mãe: dona Eugenia Riquelme (na realidade dona Filia María Eugenia Riquelme Graña). Teve um breve sobressalto. Seus pelos ficaram arrepiados pelo espaço de cinco segundos. Tentou rir mas não pôde.

Compreendo o senhor, disse Marco Antonio Guerra. Quero dizer, se não me engano, creio que o compreendo. O senhor é como eu e eu sou como o senhor. Não estamos à vontade. Vivemos num ambiente que nos asfixia. Fazemos como se não acontecesse nada, mas acontece sim. O que acontece? Nos asfixiamos, caralho. O senhor se desafoga como pode. Eu dou ou deixo me darem surras. Mas não surras quaisquer, porradas apocalípticas. Vou lhe contar um segredo. Às vezes saio de noite e vou a bares que o senhor nem imagina. Neles, me faço de bichona. Mas não uma bichona qualquer: uma bichona fina, desdenhosa, irônica, uma margarida no chiqueiro dos porcos mais porcos de Sonora. Claro, eu de bicha não tenho porra nenhuma, isso eu posso jurar sobre o túmulo da minha mãe. Mesmo assim finjo que sou. Uma bichona presunçosa e com dinheiro que olha para todos por cima do ombro. E então acontece o que tem de acontecer. Dois ou três urubus me chamam para ir lá fora. E começa a surra. Eu sei e não me importa. Às vezes são eles que se dão mal, principalmente quando estou com a minha pistola. Outras vezes sou eu. Não me importa. Preciso fazer isso. Às vezes meus amigos, os poucos amigos que tenho, caras de minha idade que já são formados, me dizem que devo me cuidar, que sou uma bomba-relógio, que sou masoquista. Um, de quem eu gostava muito, me disse que essas coisas só alguém como eu podia se permitir, porque tenho meu pai que sempre me livra das encrencas em que me meto. Puro acaso, nada mais. Eu nunca pedi nada ao meu pai. A verdade é que não tenho amigos, prefiro não ter. Pelo menos, prefiro não ter amigos mexicanos. Nós, mexicanos, estamos podres,

sabia? Todos. Aqui não se salva ninguém. Do presidente da República ao palhaço do subcomandante Marcos. Se eu fosse o subcomandante Marcos, sabe o que faria? Lançaria um ataque com todo o meu exército sobre uma cidade qualquer de Chiapas, contanto que ela tivesse uma forte guarnição militar. E imolaria lá meus pobres índios. Depois provavelmente ia morar em Miami. De que tipo de música você gosta?, perguntou Amalfitano. Música clássica, professor, Vivaldi, Cimarrosa, Bach. E que livros costuma ler? Antes eu lia tudo, professor, e em grande quantidade, hoje só leio poesia. Só a poesia não está contaminada, só a poesia está fora do negócio. Não sei se me entende, professor. Só a poesia, e não toda, que fique bem claro, é alimento sadio e não merda.

A voz do jovem Guerra surgiu, fragmentada em lascas planas, inofensivas, de uma trepadeira, e disse: Georg Trakl é um dos meus favoritos.

A menção a Trakl fez Amalfitano pensar, enquanto dava uma aula de forma totalmente automática, numa farmácia que ficava perto da sua casa em Barcelona e a que costumava ir quando precisava de um remédio para Rosa. Um dos balconistas era um farmacêutico quase adolescente, extremamente magro e de óculos grandes, que de noite, quando a farmácia estava de plantão, sempre lia um livro. Uma noite Amalfitano perguntou a ele, para dizer alguma coisa enquanto o jovem procurava nas prateleiras, de que livros gostava e que livro era o que estava lendo naquele momento. O farmacêutico respondeu, sem se virar, que gostava de livros do tipo *A metamorfose*, *Bartleby*, *Um coração simples*, *Um conto de Natal*. Depois disse que estava lendo *Bonequinha de luxo*, de Capote. Sem considerar que *Um coração simples* e *Um conto de Natal* eram, como o nome deste último indicava, contos e não livros, era revelador o gosto daquele jovem farmacêutico ilustrado, que talvez em outra vida tenha sido Trakl ou que nesta talvez ainda lhe estivesse reservado escrever poemas tão desesperados quanto seu distante colega austríaco, que preferia claramente, sem discussão, a obra menor à obra maior. Escolhia *A metamorfose* em vez de *O processo*, escolhia *Bartleby* em vez de *Moby Dick*, escolhia *Um coração simples* em vez de *Bouvard e Pécuchet*, e *Um conto de Natal* em vez de *Um conto de duas cidades* ou de *As aventuras do sr. Pickwick*. Que triste paradoxo, pensou Amalfitano. Nem mais os farmacêuticos ilustrados se atrevem a grandes obras, imperfeitas, torrenciais, as que abrem caminhos no desconhecido. Escolhem os exercícios perfeitos dos grandes mestres. Ou o que dá na mesma: querem ver os grandes mestres em sessões de treino de esgrima, mas não querem saber dos combates de verdade, nos quais os grandes mestres lutam contra aquilo, esse aquilo que atemoriza a todos nós, esse aquilo que acovarda e põe na defensiva, e há sangue e ferimentos mortais e fetidez.

Naquela noite, enquanto as palavras altissonantes do jovem Guerra ainda ecoavam no fundo do seu cérebro, Amalfitano sonhou que via aparecer num quintal de mármore rosa o

último filósofo comunista do século XX. Falava em russo. Melhor dizendo: cantava uma canção em russo enquanto seu corpanzil se mexia, fazendo esses, em direção a um conjunto de maiólicas com veios de um vermelho intenso que sobressaía no plano regular do quintal como uma espécie de cratera ou latrina. O último filósofo comunista trajava um terno escuro com gravata azul e tinha cabelos grisalhos. Embora desse a impressão de que ia cair a qualquer momento, milagrosamente se mantinha de pé. A canção nem sempre era a mesma, pois às vezes intercalava palavras em inglês ou francês que pertenciam a outras canções, baladas de música pop ou tangos, melodias que celebravam a embriaguez ou o amor. No entanto essas interrupções eram breves e esporádicas, e não demorava muito para retomar o fio da canção original, em russo, cujas palavras Amalfitano não entendia (se bem que nos sonhos, como nos Evangelhos, a gente costuma ter o dom das línguas), mas que intuía tristíssimas, o relato ou as queixas de um barqueiro do Volga que navega a noite toda e se condói com a lua do triste destino dos homens, que têm de nascer e morrer. Quando o último filósofo do comunismo chegava por fim à cratera ou à latrina, Amalfitano descobria com estupor que se tratava, nada mais nada menos, de Boris Yeltsin. É esse o último filósofo do comunismo? Que tipo de louco estou me tornando, se sou capaz de sonhar esses despropósitos? O sonho, no entanto, estava em paz com o espírito de Amalfitano. Não era um pesadelo. E além do mais lhe proporcionava uma espécie de bem-estar leve como uma pluma. Então Boris Yeltsin olhava para Amalfitano com curiosidade, como se Amalfitano é que houvesse irrompido em seu sonho e não ele no sonho de Amalfitano. E lhe dizia: escute minhas palavras com atenção, camarada. Vou lhe explicar qual é a terceira perna da mesa humana. Vou lhe explicar. Depois me deixe em paz. A vida é procura e oferta, ou oferta e procura, tudo se limita a isso, mas não dá para viver assim. É necessária uma terceira perna para que a mesa não desabe nos lixões da história, que por sua vez está desabando permanentemente nos lixões do vazio. Então tome nota. Esta é a equação: oferta + procura + magia. E o que é magia? Magia é épica e também é sexo, bruma dionisiaca e jogo. Depois Yeltsin se sentava na cratera ou na latrina e mostrava a Amalfitano os dedos que lhe faltavam e falava da sua infância, dos Urais, da Sibéria e de um tigre branco que errava pelos infinitos espaços nevados. Depois tirava uma garrafinha de vodca do bolso do paletó e dizia:

— Acho que está na hora de tomar um golinho.

E, depois de beber e depois de olhar para o pobre professor chileno com um olhar malicioso de caçador, retomava, com mais ímpeto, se isso era possível, seu canto. Depois desaparecia engolido pela cratera com veios vermelhos e Amalfitano ficava sozinho, sem se atrever a olhar pelo buraco, de modo que não tinha outro remédio senão acordar.

A PARTE DE FATE

Quando tudo começou?, pensou. Em que momento afundei? Um escuro lago asteca vagamente familiar. O pesadelo. Como sair daqui? Como controlar a situação? E depois outras perguntas: queria mesmo sair? Queria mesmo deixar tudo para trás? E também pensou: a dor não importa. E também: talvez tudo tenha começado com a morte da minha mãe. E também: a dor não importa, a não ser que aumente e se torne insuportável. E também: puta que pariu, dói, puta que pariu, dói. Não importa, não importa. Rodeado de fantasmas.

Quincy Williams tinha trinta anos quando sua mãe morreu. Uma vizinha ligou para o telefone do seu trabalho.

— Querido — disse a ele —, Edna morreu.

Perguntou quando. Ouviu os soluços da mulher do outro lado da linha e poucas vozes, provavelmente também mulheres. Perguntou como. Ninguém respondeu, e ele desligou. Discou o número da casa da mãe.

— Quem fala? — ouviu uma mulher com voz colérica dizer.

Pensou: minha mãe está no inferno. Tornou a desligar. Ligou de novo. Uma mulher jovem atendeu.

— Sou Quincy, filho de Edna Miller — falou.

A mulher exclamou algo que ele não entendeu e pouco depois outra mulher pegou o telefone. Pediu para falar com a vizinha. Está de cama, responderam, acaba de ter um ataque do coração, Quincy, estamos esperando a ambulância para levá-la ao hospital. Não se atreveu a perguntar pela mãe. Ouviu uma voz de homem proferir um insulto. O sujeito devia estar no corredor e a porta da casa da sua mãe aberta. Levou a mão à testa e esperou, sem desligar, que alguém lhe explicasse alguma coisa. Duas vozes de mulher repreenderam quem havia blasfemado. Disseram um nome de homem mas ele não pôde ouvi-lo com nitidez.

A mulher que escrevia na mesa ao lado lhe perguntou se estava se sentindo bem. Ergueu a mão como se estivesse escutando algo importante e negou com a cabeça. A mulher continuou escrevendo. Passado um instante Quincy desligou, pôs o paletó que estava pendurado no encosto da cadeira e disse que tinha de ir embora.

Quando chegou na casa da mãe só encontrou uma adolescente de uns quinze anos assistindo televisão sentada no sofá. A adolescente se levantou ao vê-lo entrar. Devia ter um

metro e oitenta e cinco e era muito magra. Usava jeans e, por cima, um vestido preto com flores amarelas, bem largo, como se fosse um blusão.

— Onde está? — perguntou.

— No quarto — disse a adolescente.

Sua mãe estava na cama, com os olhos fechados e vestida como se fosse sair. Tinham até pintado seus lábios. Só faltavam os sapatos. Por um instante Quincy permaneceu junto à porta, olhando para os pés dela: os dois dedos tinham calos, também viu calos na planta dos pés, calos grandes que certamente a fizeram sofrer. Mas lembrou que sua mãe ia a um podólogo na rua Lewis, um tal de senhor Johnson, sempre o mesmo, de modo que também não deve ter sofrido muito por esse motivo. Depois olhou para o rosto dela: parecia de cera.

— Vou embora — falou da sala a adolescente.

Quincy saiu do quarto e quis dar uma nota de vinte dólares para ela, mas a adolescente disse que não queria dinheiro. Ele insistiu. Finalmente a adolescente pegou a nota e guardou-a num bolso da calça. Para fazê-lo teve de levantar o vestido até a cintura. Parece uma freira, pensou Quincy, ou adepta de uma seita destrutiva. A adolescente lhe deu um papel em que alguém havia escrito o telefone de uma funerária do bairro.

— Eles se encarregam de tudo — disse com seriedade.

— Está bem — disse ele.

Perguntou pela vizinha.

— Está no hospital — disse a adolescente —, acho que estão pondo um marca-passo.

— Um marca-passo?

— É — disse a adolescente —, no coração.

Quando a adolescente se foi, Quincy pensou que sua mãe havia sido uma mulher muito querida pelos vizinhos e pela gente do bairro, mas que a vizinha da mãe, cujo rosto não conseguia se lembrar com clareza, era mais querida ainda.

Telefonou para a funerária e falou com um tal de Tremayne. Disse que era filho de Edna Miller. Tremayne consultou suas notas e lhe deu os pêsames várias vezes, até que encontrou o papel que procurava. Disse então que esperasse um momento e lhe passou um tal de Lawrence. Este perguntou que tipo de cerimônia desejava.

— Algo simples e íntimo — disse Quincy. — Muito simples e muito íntimo.

Combinaram por fim que sua mãe seria incinerada e que a cerimônia, se tudo corresse normalmente, aconteceria no dia seguinte, às sete da tarde. Às 7:45 tudo teria acabado. Perguntou se não era possível fazer antes. A resposta foi negativa. Depois o senhor Lawrence abordou delicadamente o assunto econômico. Não houve nenhum problema. Quincy quis saber se precisava ligar para a polícia ou para o hospital. Não, disse o senhor Lawrence, a senhorita Holly já cuidou disso. Perguntou-se quem era a senhorita Holly e não conseguiu adivinhar.

— A senhorita Holly é a vizinha da sua falecida mãe — disse o senhor Lawrence.

— É verdade — disse Quincy.

Por um instante ambos ficaram em silêncio, como se tentassem recordar ou recompor os rostos de Edna Miller e da sua vizinha. O senhor Lawrence pigarreou. Perguntou se ele sabia a que igreja sua mãe pertencia. Perguntou se ele tinha alguma preferência religiosa. Disse que sua mãe era fiel da Igreja Cristã dos Anjos Perdidos. Ou talvez não se chamasse assim. Não lembrava. De fato, disse o senhor Lawrence, não se chama assim, é a Igreja Cristã dos Anjos Recuperados. Isso, disse Quincy. E também disse que não tinha nenhuma preferência religiosa, contanto que fosse uma cerimônia cristã, estava bom de sobra.

Naquela noite dormiu no sofá da casa da mãe e só uma vez entrou no quarto dela e deu uma espiada no cadáver. No dia seguinte, à primeira hora da manhã, chegaram os agentes da funerária e a levaram. Ele se levantou para atendê-los, entregar-lhes um cheque e observar como iam embora com o caixão de pinho escada abaixo. Depois tornou a adormecer no sofá.

Ao acordar acreditou que tinha sonhado com um filme que vira não fazia muito. Mas tudo era diferente. Os personagens eram negros, de modo que o filme do sonho era como que um negativo do filme real. E também aconteciam coisas diferentes. O argumento era o mesmo, as anedotas, mas o desenvolvimento era diferente ou em algum momento tomava um rumo inesperado e se transformava em algo totalmente diferente. O mais terrível de tudo, porém, é que ele, enquanto sonhava, sabia que não tinha necessariamente de ser assim, percebia a semelhança com o filme, acreditava compreender que ambos partiam dos mesmos postulados e que, se o filme que tinha visto era o filme real, o outro, o sonhado, podia ser um comentário analítico, uma crítica analítica, e não necessariamente um pesadelo. Toda crítica acaba se transformando num pesadelo, pensou enquanto lavava o rosto na casa onde não estava mais o cadáver da sua mãe.

Pensou também no que ela teria dito. Seja um homem e carregue a sua cruz.

No trabalho todo mundo o conhecia pelo nome de Oscar Fate. Quando voltou ninguém lhe disse nada. Não havia motivos para lhe dizer nada. Ficou um instante olhando as notas que havia reunido sobre Barry Seaman. A moça da mesa ao lado não estava. Depois guardou as notas numa gaveta que fechou à chave e foi almoçar. No elevador cruzou com o editor da revista, que ia acompanhado de uma mulher jovem e gorda que escrevia sobre assassinos adolescentes. Cumprimentaram-se com um gesto e cada qual seguiu seu caminho.

Comeu uma sopa de cebola e um omelete num restaurante barato e bom que ficava a dois quarteirões. Não havia comido nada desde a véspera e a comida lhe caiu bem. Quando já havia pagado e ia saindo, um cara que trabalhava na seção de esportes o chamou e convidou-o para tomar uma cerveja. Enquanto esperavam sentados ao balcão, o cara lhe disse que naquela manhã tinha morrido nos arredores de Chicago o encarregado da subseção de boxe. A subseção de boxe, na realidade, era um eufemismo que designava unicamente o cara que morrera.

— Como morreu? — perguntou Fate.

— Foi morto a facadas por uns negros de Chicago — disse o outro.

O garçom pôs um hambúrguer no balcão. Fate tomou a cerveja, deu uma palmada no ombro do outro e disse que tinha de ir. Quando chegou à porta de vidro deu meia-volta e olhou para o restaurante transbordando de clientes, as costas do cara que trabalhava na esportes, as pessoas que estavam acompanhadas e que conversavam ou comiam, olhos nos olhos, e os três garçons que nunca paravam. Depois abriu a porta, saiu à rua, tornou a lançar um olhar para o interior do restaurante, mas com os vidros de permeio tudo era diferente. Foi andando.

— Quando pensa partir, Oscar? — perguntou o chefe da sua seção.

— Amanhã.

— Tem tudo o que necessita, está com tudo preparado?

— Nenhum problema, homem — disse Fate. — Tudo pronto.

— É assim que eu gosto, rapaz — disse o chefe. — Ficou sabendo que apagaram o Jimmy Lowell?

— Ouvi falar.

— Foi em Paradise City, perto de Chicago — disse o chefe. — Dizem que Jimmy tinha uma perua lá. Uma mulher vinte anos mais moça que ele e casada.

— Que idade tinha o Jimmy? — perguntou Fate sem o menor interesse.

— Devia andar pelos cinquenta e cinco — respondeu o chefe. — A polícia prendeu o marido da perua, mas nosso homem em Chicago diz que provavelmente ela também está implicada no assassinato.

— Jimmy não era um grandão, de uns cem quilos de peso? — perguntou Fate.

— Não, Jimmy não era grande, nem pesava cem quilos. Era um cara pequeno, de um metro e setenta, aproximadamente, e uns oitenta quilos de peso — disse o chefe.

— Confundi com outro — disse Fate —, um cara grande que às vezes almoçava com Remy Burton e com quem eu encontrava de vez em quando no elevador.

— Não — disse o chefe —, Jimmy quase nunca vinha à redação, estava sempre viajando, só aparecia por aqui uma vez por ano, creio que vivia em Tampa, ou pode ser que nem tivesse casa e passasse a vida em hotéis e aeroportos.

Tomou banho e fez a barba. Ouviu os recados na secretária. Deixou em cima da mesa o dossiê de Barry Seaman que havia trazido da redação. Vestiu roupa limpa e saiu. Como ainda tinha tempo, primeiro passou na casa da mãe. Notou que alguma coisa tinha um cheiro de ranço por lá. Foi à cozinha e, não encontrando nada podre, fechou o saco de lixo e abriu a janela. Depois sentou no sofá e ligou a tevê. Numa estante junto à televisão havia alguns vídeos. Durante alguns segundos pensou em examiná-los, mas desistiu quase no mesmo instante. Na certa eram fitas em que sua mãe gravava programas que via de noite. Tratou de pensar em algo agradável. Tratou de organizar mentalmente sua agenda. Não

conseguiu. Passado um instante de imobilidade absoluta, desligou a tevê, pegou as chaves e o saco de lixo e saiu da casa. Antes de descer bateu na porta da vizinha. Ninguém respondeu. Na rua jogou o saco de lixo numa caçamba cheia.

A cerimônia foi simples e extremamente prática. Assinou um par de papéis. Deu outro cheque. Recebeu as condolências do senhor Tremayne, primeiro, e do senhor Lawrence, que apareceu no fim, quando ele já ia embora com o vaso em que estavam as cinzas da mãe. O ofício foi satisfatório?, perguntou o senhor Lawrence. Durante a cerimônia, sentada num extremo da sala, tornou a ver a adolescente alta. Estava vestida como antes, de jeans e vestido preto com flores amarelas. Olhou para ela e procurou fazer um gesto amistoso, mas ela não olhava para ele. O resto dos assistentes era de desconhecidos, mas predominavam as mulheres, pelo que supôs que deviam ser amigas da sua mãe. No fim, duas delas se aproximaram e lhe disseram palavras que não entendeu e que podiam ser de ânimo ou de censura. Voltou a pé para a casa da mãe. Deixou o vaso junto dos vídeos e tornou a ligar a tevê. Já não havia cheiro de ranço. Todo o edifício estava em silêncio, como se não houvesse ninguém ou todos houvessem saído para fazer algo urgente. Da janela viu uns adolescentes que jogavam e conversavam (ou conspiravam), mas cada coisa a seu tempo, quer dizer, jogavam um minuto, paravam, se juntavam todos, conversavam um minuto e voltavam a jogar, depois do que paravam e a mesma coisa se repetia várias vezes.

Perguntou-se que tipo de jogo era aquele e se as interrupções para conversar eram parte do jogo ou um indiscutível desconhecimento das regras. Decidiu sair para caminhar. Após algum tempo sentiu fome e entrou numa biroscazinha árabe (egípcia ou jordaniana, não sabia) onde lhe serviram um sanduíche de carne de carneiro picada. Ao sair sentiu-se mal. Num beco em penumbra vomitou o carneiro e ficou com um gosto de bile e temperos na boca. Viu um sujeito arrastando uma carrocinha de cachorro-quente. Alcançou-o e pediu uma cerveja. O sujeito encarou-o como se Fate estivesse drogado e lhe disse que não lhe permitiam vender bebidas alcoólicas.

— Dê o que você tiver — disse.

O tipo estendeu uma garrafa de Coca-cola. Pagou e tomou toda a Coca-cola enquanto o tipo da carrocinha se afastava pela avenida mal iluminada. Pouco depois viu a marquise de um cinema. Lembrou-se de que na sua adolescência costumava passar muitas tardes ali. Decidiu entrar, embora o filme, como a bilheteira anunciou, já houvesse começado fazia um tempinho.

* * *

Permaneceu sentado na poltrona somente uma cena. Um branco é detido por três policiais negros. Os policiais não o levam a uma delegacia mas a um aeródromo. Ali o sujeito detido vê o chefe dos policiais, que também é negro. O sujeito é bastante esperto e não demora a compreender que são agentes da DEA. Com subentendidos e silêncios eloquentes, chegam a uma espécie de acordo. Enquanto conversam, o sujeito vai até uma janela. Vê a pista de aterrissagem e um aviãozinho Cessna que taxia dirigindo-se para um lado da pista. Do

aviãozinho tiram um carregamento de cocaína. O homem que abre as caixas e pega os tijolos é negro. Junto a ele há outro negro que vai atirando a droga dentro de um tambor com fogo, como os que os sem-teto usam para se aquecer nas noites de inverno. Mas aqueles policiais negros não são mendigos, e sim agentes da DEA, bem vestidos, funcionários do governo. O sujeito para de olhar pela janela e faz ao chefe a observação de que todos os seus homens são negros. São mais motivados, diz o chefe. Depois diz: agora pode cair fora. Quando o sujeito vai embora o chefe sorri mas o sorriso não demora a se transformar numa careta. Nesse momento Fate se levantou e foi ao banheiro, onde vomitou o que sobrava de carneiro em seu estômago. Depois saiu à rua e voltou para a casa da mãe.

Antes de abrir a porta, bateu com os nós dos dedos na porta da vizinha. Abriu uma mulher mais ou menos da sua idade, de óculos e cabelos envoltos num turbante africano de cor verde. Identificou-se e perguntou pela vizinha. A mulher olhou-o nos olhos e o fez entrar. A sala era parecida com a de sua mãe, até os móveis eram semelhantes. Dentro viu seis mulheres e três homens. Alguns estavam de pé ou encostados na moldura da porta da cozinha, mas a maioria permanecia sentada.

— Sou Rosalind — disse a mulher de turbante —, sua mãe e minha mãe eram muito amigas.

Fate fez que sim com a cabeça. Do fundo da casa chegaram soluços. Uma das mulheres se levantou e entrou no quarto. Ao abrir a porta os soluços aumentaram de intensidade, mas quando a porta se fechou não foram mais ouvidos.

— É minha irmã — disse Rosalind com uma expressão de fastio. — Aceita um café?

Fate respondeu que sim. Quando a mulher foi para a cozinha um dos homens que estavam de pé se aproximou dele e perguntou se queria ver a senhora Holly. Fez que sim com a cabeça. O homem conduziu-o ao quarto, mas ficou atrás dele, do outro lado da porta. Jazia na cama o cadáver da vizinha e junto dela viu uma mulher, de joelhos, rezando. Sentada numa cadeira de balanço, junto da janela, viu a adolescente do jeans e do vestido preto com flores amarelas. Estava com os olhos vermelhos e fitou-o como se nunca o tivesse visto antes.

Ao sair sentou na ponta de um sofá ocupado por mulheres que falavam por monossílabos. Quando Rosalind lhe pôs a xícara de café nas mãos, perguntou a ela quando sua mãe havia morrido. Esta tarde, disse Rosalind com voz serena. Morreu de quê? Coisas da idade, disse Rosalind com um sorriso. De volta para casa, Fate se deu conta de que estava com a xícara de café na mão. Por um instante pensou em voltar à casa da vizinha e devolvê-la, mas depois pensou que era melhor deixar para o dia seguinte. Foi incapaz de tomar o café. Deixou-o junto dos vídeos e do vaso que continha as cinzas da mãe, depois ligou a tevê, apagou as luzes da sala e se deitou no sofá. Tirou o som.

Na manhã seguinte, quando abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi um desenho

animado. Um montão de ratos correndo pela cidade e dando gritos mudos. Pegou o controle remoto com uma mão e mudou de canal. Quando encontrou um de notícias pôs o som, mas não muito alto, e se levantou. Lavou o rosto e o pescoço, e quando se enxugou se deu conta de que aquela toalha pendurada no toalheiro havia sido, com quase toda a probabilidade, a última toalha que sua mãe utilizara. Cheirou-a mas não descobriu nenhum cheiro familiar. Na prateleira do banheiro havia várias caixas de remédio e alguns potes de creme hidratante ou anti-inflamatório. Ligou para o trabalho e pediu para falar com seu chefe de seção. Só estava sua vizinha de mesa, falou com ela. Disse que não iria à revista pois pensava partir em algumas horas para Detroit. Ela disse que já sabia e lhe desejou boa sorte.

— Volto daqui a três ou quatro dias — falou.

Depois desligou, alisou a camisa, pôs o paletó, olhou-se no espelho que havia junto da entrada e procurou em vão se reanimar. É hora de voltar ao trabalho. Com a mão na maçaneta, ficou imóvel e pensou se não seria conveniente levar para casa o vaso com as cinzas. Quando voltar eu levo, pensou, e abriu a porta.

Em sua casa, só ficou o tempo necessário para enfiar numa sacola o dossiê de Barry Seaman, algumas camisas, meias e cuecas. Sentou numa cadeira e se deu conta de que estava muito nervoso. Tratou de se acalmar. Ao sair à rua viu que estava chovendo. Em que momento começara a chover? Todos os táxis que passavam estavam ocupados. Pendurou a sacola no ombro e saiu andando rente ao meio-fio. Por fim um táxi parou. Quando estava a ponto de fechar a porta ouviu um barulho parecido com um tiro. Perguntou ao taxista se ele também tinha ouvido. O taxista era um hispânico que falava muito mal inglês.

— Cada dia se ouvem coisas mais fantásticas em Nova York — disse.

— O que quer dizer com coisas fantásticas? — perguntou.

— Exatamente isso, ora, fantásticas — respondeu o taxista.

Passado um instante Fate adormeceu. De quando em quando abria os olhos e via passar edifícios onde não parecia morar ninguém ou avenidas cinzentas molhadas pela chuva. Depois fechava os olhos e tornava a dormir. Acordou quando o taxista perguntou em que terminal do aeroporto queria que o deixasse.

— Vou para Detroit — disse, e tornou a dormir.

As duas pessoas que ocupavam os assentos da frente falavam de fantasmas. Fate não podia ver o rosto delas, mas imaginou que eram duas pessoas mais velhas, talvez de sessenta ou setenta anos. Pediu um suco de laranja. A aeromoça era loura, de uns quarenta anos, e tinha uma pinta no pescoço que ela tapava com um lenço branco que o atendimento dos passageiros havia feito escorregar para baixo. O tipo que ocupava o assento ao lado era negro e tomava uma garrafa d'água. Fate abriu a sacola e pegou o dossiê de Seaman. Os passageiros da frente não falavam mais de fantasmas, mas sim de uma pessoa que chamavam de Bobby. Esse Bobby vivia em Jackson Tree, no estado de Michigan, e tinha uma cabana junto do lago

Huron. Em certa ocasião o tal Bobby havia saído de barco e naufragara. Como pôde, agarrou-se a um tronco que boiava por ali, um tronco milagroso, e esperou que amanhecesse. Mas de noite a água era cada vez mais fria, e Bobby começou a ficar gelado e a perder forças. Cada vez se sentia mais fraco e, apesar de ter tentado se amarrar ao tronco com o cinto, por mais esforços que fizesse não conseguiu. Contado, parece fácil, mas na vida real é difícil amarrar o próprio corpo a um tronco à deriva. De modo que se resignou, pensou em seus entes queridos (aqui mencionaram um tal de Jig, que podia ser o nome de um amigo, de um cachorro ou de uma perereca amestrada) e se agarrou com todas as forças ao tronco. Então avistou uma luz no céu. Acreditou, ingenuamente, que se tratava de um helicóptero que tinha saído para procurá-lo e se pôs a gritar. No entanto não demorou a reparar que os helicópteros fazem um som de hélice e a luz que via não fazia esse som. Passados uns segundos, se deu conta de que era um avião. Um enorme avião de passageiros que ia se espatifar exatamente onde ele estava boiando agarrado ao tronco. De repente todo o cansaço se evaporou. Viu o avião passar bem em cima da sua cabeça. Estava em chamas. A uns trezentos metros de onde ele estava o avião se chocou contra o lago. Ouviu duas ou talvez mais explosões. Sentiu o impulso de se aproximar de onde havia ocorrido o desastre, e foi o que fez, muito lentamente, porque era difícil manejar o tronco como se fosse uma boia. O avião tinha se quebrado em dois e só uma parte ainda flutuava. Antes de chegar, Bobby viu como se afundava lentamente nas águas de novo escuras do lago. Pouco depois chegaram os helicópteros de salvamento. Só encontraram Bobby e sentiram-se logrados quando este lhes disse que não viajava no avião mas que havia naufragado em seu barco, quando pescava. De qualquer modo ficou famoso por algum tempo, disse quem contava a história.

— Ainda vive em Jackson Tree? — perguntou o outro.

— Não, acho que agora vive no Colorado — foi a resposta.

Depois puseram-se a falar de esporte. O vizinho de Fate bebeu toda a água e arrotou discretamente levando a mão à boca.

— Mentira — disse em voz baixa.

— O quê? — disse Fate.

— Mentira, mentira — disse o sujeito.

Entendi, disse Fate, e deu as costas a ele e ficou olhando pela janela as nuvens que pareciam catedrais ou talvez apenas pequenas igrejas de brinquedo abandonadas numa pedreira de mármore labiríntica e cem vezes maior que o Grand Canyon.

Em Detroit, Fate alugou um carro e depois de consultar um mapa que a própria locadora de automóveis lhe deu se dirigiu para o bairro onde morava Barry Seaman.

Não o encontrou em casa, mas um garoto disse que costumava estar quase sempre no Pete's Bar, não muito longe dali. O bairro parecia um bairro de aposentados da Ford e da General Motors. Enquanto andava ia olhando os edifícios, de cinco ou seis andares, e só via velhos sentados nas escadas ou fumando acotovelados nas janelas. De quando em quando, em alguma esquina, aparecia um grupo de meninos numa roda de conversa ou de meninas

pulando corda. Os carros estacionados não eram bons nem de último tipo, mas eram bem cuidados.

O bar ficava junto de um terreno baldio cheio de mato e de flores silvestres que escondiam os escombros de um edifício que antes se erguia ali. Na parede lateral de um edifício vizinho viu um mural que lhe pareceu curioso. Era circular, como um relógio, e onde deviam estar os números havia cenas de gente trabalhando nas fábricas de Detroit. Doze cenas que representavam doze etapas da cadeia de produção. Em cada cena, porém, se repetia um personagem: um adolescente negro, ou um homem negro comprido e franzino que ainda não havia abandonado ou que resistia a abandonar a infância, vestindo roupas que variavam a cada cena mas que indefectivamente eram sempre pequenas para ele, e que exercia uma função que aparentemente podia ser considerada como a do palhaço, o tipo que está ali para nos fazer rir, mas se você olhava com mais atenção se dava conta de que não estava ali só para nos fazer rir. Parecia a obra de um louco. A última pintura de um louco. No centro do relógio, para onde convergiam todas as cenas, havia uma palavra pintada com letras que pareciam de gelatina: *medo*.

Fate entrou no bar. Sentou num banco alto e perguntou ao tipo que atendia a clientela quem era o artista que havia feito o mural da rua. O garçom, um negro corpulento de uns sessenta anos, com o rosto sulcado de cicatrizes, disse que não sabia.

— Deve ter sido algum rapaz do bairro — resmungou.

Pediu uma cerveja e deu uma olhada no bar. Não foi capaz de distinguir Seaman entre os clientes. Com a cerveja na mão perguntou em voz alta se alguém conhecia Barry Seaman.

— Quem o procura? — indagou um baixinho, que vestia uma camiseta dos Pistons e uma jaqueta de brim azul-claro.

— Oscar Fate — disse Fate —, da revista *Amanhecer Negro*, de Nova York.

O garçom se aproximou e perguntou se era verdade que era jornalista. Sou jornalista. Do *Amanhecer Negro*.

— Irmão — disse o baixinho sem se levantar da mesa —, sua revista tem um nome de merda. — Seus dois companheiros de carteador riram. — Pessoalmente já estou cheio de tantos amanheceres — disse o baixinho —, gostaria que de vez em quando os irmãos de Nova York fizessem alguma coisa com o entardecer, que é a melhor hora, pelo menos neste bairro fodido.

— Quando eu voltar transmito a sugestão. Só faço reportagens — falou.

— Barry Seaman não veio hoje — disse um velho que estava, como ele, sentado ao balcão.

— Acho que está doente — disse outro.

— É verdade, ouvi dizer uma coisa assim — disse o velho do balcão.

— Vou esperar um instante por ele — disse Fate, e terminou de tomar sua cerveja.

O garçom se encostou junto dele e disse que tinha sido boxeador quando jovem.

— Minha última luta foi em Atenas, na Carolina do Sul. Lutei contra um branco. Quem você acha que ganhou? — perguntou.

Fate olhou-o nos olhos, fez uma expressão indecifrável com a boca e pediu outra cerveja.

— Fazia quatro meses que não via meu *manager*. Eu ia sozinho com o meu treinador, o

velho Johnny Turkey, percorrendo as cidades da Carolina do Sul e do Norte, e dormindo nos piores hotéis. Íamos como que enjoados, eu pelos socos recebidos, o velho Turkey porque já estava com mais de oitenta anos. É, oitenta, ou pode ser que oitenta e três. Às vezes, antes de dormir, com a luz já apagada, discutíamos sobre isso. Turkey dizia que acabava de fazer oitenta. Eu, que tinha oitenta e três. A luta era uma luta combinada. O empresário me disse que eu tinha de me deixar derrubar no quinto round. E me deixar castigar um pouco no quarto. Em troca me dariam o dobro do prometido, que não era muito. Naquela noite contei isso a Turkey quando jantávamos. Por mim, não há problema, falou. Nenhum problema. O problema é que essa gente não costuma cumprir o prometido. Bom, você vai ver. Foi o que me disse.

Quando voltou à casa de Seaman sentia-se um pouco enjoado. Uma lua enorme se movia pelos tetos dos edifícios. Junto de um saguão um cara o abordou e disse uma coisa que, ou ele não entendeu, ou lhe pareceram palavras inadmissíveis. Sou amigo de Barry Seaman, seu filho da puta, disse tentando agarrá-lo pelas abas do casaco de couro.

— Calma — disse o cara. — Vá com calma, irmão.

No fundo do saguão viu quatro pares de olhos amarelos brilhando no escuro, e na mão pendente do cara que dominava viu o reflexo fugaz da lua.

— Caia fora, se não quiser morrer — falou.

— Calma, irmão, primeiro me solte — disse o cara.

Fate soltou-o e procurou a lua nos tetos em frente. Seguiu-a. Enquanto andava ouviu ruídos nas ruas laterais, passos, correrias, como se uma parte do bairro acabasse de despertar. Junto do edifício de Seaman avistou seu carro alugado. Examinou-o. Não tinham feito nada com ele. Depois chamou pelo porteiro eletrônico e uma voz perguntou, de muito mau humor, o que queria. Fate se identificou e disse que era o enviado do *Amanhecer Negro*. No interfone ouviu-se uma risadinha de satisfação. Entre, disse a voz. Subiu a escada de quatro. Em algum momento se deu conta de que não se sentia bem. Seaman o esperava no patamar.

— Preciso ir ao banheiro — disse Fate.

— Jesus — fez Seaman.

A sala era pequena e modesta, e viu muitos livros esparramados por toda parte, e também cartazes grudados nas paredes, e pequenas fotos espalhadas pelas estantes, pela mesa e em cima da televisão.

— A segunda porta — disse Seaman.

Fate entrou e começou a vomitar.

* * *

Ao acordar viu Seaman escrevendo com uma esferográfica. Ao seu lado havia livros bem grossos e várias pastas repletas de papéis. Seaman usava óculos para escrever. Notou que dos quatro livros três eram dicionários e o quarto era um catatau que se chamava *A enciclopédia*

francesa abreviada de que nunca tinha ouvido falar nem na universidade nem em toda a sua vida. O sol entrava pela janela. Tirou o cobertor de cima de si e sentou no sofá. Perguntou a Seaman o que havia acontecido. O velho olhou-o por cima dos óculos e lhe ofereceu uma xícara de café. Seaman media um metro e oitenta, pelo menos, mas andava meio curvado, o que o fazia parecer menor. Ganhava a vida dando conferências, que em geral, não eram bem pagas, pois quem costumava contratá-lo eram instituições escolares que trabalhavam nos guetos e de vez em quando pequenas universidades progressistas que não contavam com um orçamento suficiente. Uns anos antes havia publicado um livro intitulado *Comendo costeletas de porco com Barry Seaman*, no qual compilava todas as receitas que conhecia de costeletas de porco, geralmente na chapa ou na churrasqueira, acrescentando dados curiosos ou extravagantes sobre o lugar onde havia aprendido a receita e quem e em que circunstância a tinha ensinado. A melhor parte do livro eram as costeletas de porco com purê de batata ou de maçã que ele tinha feito na prisão, a forma de conseguir as matérias-primas, a forma de cozinhar num lugar onde não o deixavam, entre tantas outras coisas, cozinhar. O livro não foi um sucesso mas pôs Seaman outra vez em circulação, e ele apareceu em alguns programas matinais de tevê, cozinhando ao vivo algumas das suas famosas receitas. Agora seu nome tornara a cair no esquecimento, mas continuava dando suas conferências e viajando por todo o país, às vezes em troca de um bilhete de ida e volta, e trezentos dólares.

Junto à mesa onde escrevia e onde ambos se sentaram para tomar o café, havia um cartaz em branco e preto em que apareciam dois jovens de casaco de couro preto, boina preta e óculos escuros. Fate teve um calafrio, não pelo cartaz mas pelo mal-estar que sentia, e depois de tomar o primeiro gole perguntou se um dos rapazes era ele. Isso mesmo, disse Seaman. Perguntou qual dos dois. Seaman sorriu. Não tinha um só dente.

— É difícil dizer, não é?

— Não sei, não me sinto muito bem, se me sentisse melhor, garanto que adivinharia — disse Fate.

— O da direita, o mais baixote — disse Seaman.

— Quem é o outro? — disse Fate.

— Verdade que não sabe?

Tornou a olhar um instante para o cartaz.

— É Marius Newell — disse Fate.

— Ele mesmo — disse Seaman.

Seaman vestiu o paletó. Depois entrou no quarto e, quando saiu, estava com um chapéu verde-escuro na cabeça. De um copo que estava no banheiro na penumbra tirou a dentadura postiça e encaixou-a com cuidado. Fate observou-o da sala. Enxaguou os dentes com um líquido vermelho, cuspiu na pia, tornou a bochechar e disse que estava pronto.

Partiram no carro alugado até o parque Rebeca Holmes, a uns vinte quarteirões dali. Como ainda tinham tempo, pararam o carro num lado do parque e ficaram conversando enquanto esticavam as pernas. O parque Rebeca Holmes era grande e na parte central,

protegido por uma cerca viva meio destrocada, havia um espaço dedicado aos brinquedos infantis chamado Memorial Temple A. Hoffman, onde não viram nenhuma criança brincando. De fato, o espaço infantil, salvo um par de ratos que ao vê-los saíram correndo, estava totalmente vazio. Junto de um arvoredor de carvalhos se erguia uma pérgula de traçado vagamente oriental, como uma igreja ortodoxa russa em miniatura. Do outro lado da pérgula se ouvia um rap.

— Detesto essa merda — disse Seaman. — Que isso fique claro no seu artigo.

— Por quê? — indagou Fate.

Avançaram até a pérgula e viram junto dela o leito de um laguinho ora completamente seco. No barro seco haviam ficado as marcas congeladas de um tênis Nike. Fate pensou nos dinossauros e sentiu-se novamente enjoado. Rodearam a pérgula. No outro lado, junto a uns arbustos, viram no chão o radiocassete de onde saía a música. Não havia ninguém por perto. Seaman disse que não gostava de rap porque a única saída que oferecia era o suicídio. Mas nem sequer era um suicídio com sentido. Eu sei, disse, eu sei. É difícil imaginar um suicídio com sentido. Não costuma ter. Se bem que vi ou estive próximo de dois suicídios com sentido. É o que acredito. Talvez esteja errado, disse.

— De que maneira o rap advoga o suicídio? — perguntou Fate.

Seaman não respondeu e guiou-o por uma picada entre as árvores, de onde saíram num gramado. Na calçada, três meninas brincavam de pular corda. A canção que cantavam lhe pareceu extremamente singular. Dizia algo sobre uma mulher que tivera as pernas, os braços e a língua amputados. Dizia algo sobre o esgoto de Chicago e sobre o chefe do esgoto, ou um funcionário público chamado Sebastian D’Onofrio, depois vinha um refrão que repetia Chi-Chi-Chi-Chicago. Dizia algo sobre a influência da lua. Depois cresciam na mulher pernas de madeira, braços de arame e uma língua feita de capim e plantas trançadas. Totalmente perdido, perguntou por seu carro e o velho respondeu que estava do outro lado do parque Rebeca Holmes. Atravessaram a rua falando de esporte. Andaram uns cem metros e entraram numa igreja.

Ali, do púlpito, Seaman falou da sua vida. O reverendo Roland K. Foster apresentou-o, mas pela maneira como o fez dava para perceber que Seaman já havia estado antes ali. Vou tratar de cinco temas, disse Seaman, nem um a mais, nem um a menos. O primeiro tema é PERIGO. O segundo, DINHEIRO. O terceiro, COMIDA. O quarto, ESTRELAS. O quinto e último, UTILIDADE. As pessoas sorriram e alguns menearam a cabeça em sinal de aprovação, como se dissessem ao conferencista que concordavam, que não tinham nada melhor a fazer do que escutá-lo. Num canto viu dois rapazes, nenhum com mais de vinte anos, vestindo blusões pretos e boinas pretas e óculos pretos que olhavam para Seaman com uma expressão abestalhada e que estavam ali tanto para aplaudi-lo como para insultá-lo. O velho ia de um lado para o outro do cenário com as costas curvadas, como se de repente houvesse esquecido seu discurso. Súbito, a uma ordem do pastor, o coral entoou um gospel. A letra da canção falava de Moisés e do cativo do povo de Israel no Egito. O próprio pastor acompanhava ao

piano. Então Seaman voltou ao centro e ergueu a mão (estava com os olhos fechados), e em poucos segundos cessaram as notas do coral e a igreja ficou em silêncio.

PERIGO. Contra o que todos (ou boa parte dos fiéis) esperavam, Seaman começou falando da sua infância na Califórnia. Disse que, para os que não conhecem a Califórnia, ela mais parecia uma ilha encantada. Tal qual. É como nos filmes, só que melhor. As pessoas vivem em casas térreas, e não em edifícios, disse, e ato contínuo se estendeu numa comparação entre casas de um andar, no máximo dois, e edifícios de quatro ou cinco andares onde o elevador um dia está quebrado, outro fora de serviço. O único ponto em que os edifícios não ficavam desfavorecidos era nas distâncias. Um bairro de edifícios encurta as distâncias, disse. Tudo fica mais perto. Você pode ir andando fazer as compras ou ir a pé até o bar mais próximo (aqui piscou o olho para o reverendo Foster), ou para a igreja mais próxima de sua congregação, ou até a um museu. Quer dizer, você não precisa pegar o carro. Nem mesmo precisa ter um carro. E aqui se estendeu por uma série de estatísticas sobre desastres de automóvel mortais num condado de Detroit e num condado de Los Angeles. E olhem que é em Detroit que os carros são fabricados, disse, e não em Los Angeles. Levantou um dedo, procurou algo no bolso do paletó e tirou uma bombinha para quem sofre de doença broncopulmonar. Todo mundo esperou em silêncio. Os dois esguichos da bombinha foram ouvidos até no último recanto da igreja. Desculpem, disse Seaman. Depois contou que aos treze anos havia aprendido a dirigir. Não dirijo mais, falou, mas aos treze aprendi, e não é uma coisa que me encha de orgulho. Nesse momento olhou para a sala, para um ponto impreciso no centro da nave, e disse que tinha sido um dos fundadores do partido Panteras Negras. Concretamente, disse, Marius Newell e eu. A partir desse instante a conferência deu uma ligeira guinada. Foi como se as portas da igreja se houvessem aberto, escreveu Fate em seu caderno de anotações, e houvesse entrado o fantasma de Newell. Mas, ato contínuo, como se quisesse sair do atoleiro, Seaman pôs-se a falar não de Newell mas da mãe de Newell, Anne Jordan Newell, e evocou seu porte, gracioso, seu trabalho, operária numa fábrica de aspersores, sua religiosidade, ia todos os domingos à igreja, sua laboriosidade, mantinha a casa como um brinco, sua simpatia, sempre tinha um sorriso para os outros, sua responsabilidade, dava, sem impor, bons e sábios conselhos. Não há nada superior a uma mãe, concluiu Seaman. Eu fundei, com Marius, os Panteras Negras. Trabalhávamos no que fosse e comprávamos escopetas e pistolas para a autodefesa do povo. Mas uma mãe vale mais que a revolução negra. Posso lhes garantir. Na minha longa e desafortunada vida vi muitas coisas. Estive na Argélia e estive na China e em várias prisões dos Estados Unidos. Não há nada que valha tanto quanto uma mãe. Digo isso aqui e em qualquer outro lugar, e em qualquer hora, falou com uma voz rouca. Depois pediu desculpas outra vez, virou-se para o altar, depois virou-se novamente de frente para o público. Como vocês sabem, disse, mataram Marius Newell. Matou-o um negro como vocês ou como eu, uma noite, em Santa Cruz, Califórnia. Eu disse a ele. Marius, não volte para a Califórnia, olhe que lá tem muitos policiais de olho na gente. Mas ele não me deu bola. Gostava da Califórnia. Aos domingos,

gostava de ir até as pedras respirar o cheiro do oceano Pacífico. Quando nós dois estávamos na prisão, às vezes eu recebia cartões-postais dele em que me dizia que tinha sonhado que respirava aquele ar. E isso é raro, conheci poucos negros que gostavam tanto do mar. Quase nenhum, na verdade, sobretudo na Califórnia. Mas eu sei o que Marius queria dizer, sei o que isso significa. Bem, sinceramente, tenho uma teoria a esse respeito, sobre por que nós, negros, não gostamos do mar. Gostar, gostamos. Mas não tanto quanto as outras pessoas. Mas minha teoria não vem ao caso agora. Marius me disse que as coisas haviam mudado na Califórnia. Agora tem muito mais policiais negros, por exemplo. É verdade. Nisso mudou. Mas tem outras coisas em que tudo continua igual. Mas tem coisas que não, e isso é preciso reconhecer. E Marius reconhecia e sabia que parte do mérito era nosso. Os Panteras Negras tínhamos contribuído para a mudança. Com nosso grãozinho de areia ou com nosso caminhão basculante. Tínhamos contribuído. Também tinham contribuído a mãe de Marius e todas as outras mães negras que de noite, em vez de dormir, choraram e imaginaram as portas do inferno. De modo que ele decidiu voltar à Califórnia e viver lá o que lhe restava da vida, sossegado, sem incomodar ninguém, e talvez constituir uma família e ter filhos. Sempre disse que ia chamar seu primeiro filho de Frank, em memória de um companheiro que morreu na prisão de Soledad. Na realidade, precisaria ter pelo menos trinta filhos para relembrar os amigos mortos. Ou dez, e pôr três nomes em cada um. Ou cinco, e em cada um pôr seis nomes. Mas a verdade é que não teve nenhum, porque uma noite, quando caminhava por uma rua de Santa Cruz, um negro o matou. Dizem que por dinheiro. Dizem que Marius lhe devia dinheiro e que por isso o mataram, mas me custa acreditar. Acredito que alguém pagou para que o matassem. Marius, naquela época, estava lutando contra o tráfico de drogas nos bairros e alguém não gostou disso. Pode ser. Eu ainda estava na prisão e não sei muito bem o que aconteceu. Tenho minhas versões, versões demais. Só sei que Marius morreu em Santa Cruz, onde não morava, onde tinha ido passar uns dias, e é difícil pensar que o assassino morasse lá. Quer dizer: o assassino seguiu Marius. E o único motivo que me ocorre pensar que justificasse a presença de Marius em Santa Cruz é o mar. Marius foi ver e cheirar o oceano Pacífico. E o assassino se deslocou até Santa Cruz seguindo o cheiro de Marius. Aconteceu o que todos sabem. Às vezes imagino Marius. Com mais frequência do que no fundo desejaria. Eu o vejo numa praia da Califórnia. Numa do Big Sur, por exemplo, ou na praia de Monterey, ao norte de Fisherman's Wharf, subindo pela Highway 1. Ele está debruçado num mirante, de costas para nós. É inverno e há poucos turistas. Nós, os Panteras Negras, somos jovens, nenhum com mais de vinte e cinco anos. Andamos todos armados, mas deixamos as armas no carro, e nossos rostos exprimem um profundo desagrado. O mar ruga. Então eu me aproximo de Marius e digo a ele vamos embora daqui agora mesmo. E nesse momento Marius se vira e me encara. Está sorrindo. Está mais além. E me aponta o mar com a mão, porque é incapaz de exprimir com palavras o que sente. Então eu me assusto, embora seja meu irmão que está ao meu lado, e penso: o mar é o perigo.

DINHEIRO. Em poucas palavras, para Seaman o dinheiro era necessário, mas não tão necessário quanto se dizia. Pôs-se a falar do que chamou de “relativismo econômico”. Na prisão de Folsom, disse, um cigarro equivalia à vigésima parte de uma lata pequena de geleia de morango. Já na prisão de Soledad, um cigarro equivalia à trigésima parte da mesma lata de geleia de morango. Em Walla-Walla, porém, um cigarro valia tanto quanto uma lata de geleia, entre outras razões porque os presos de Walla-Walla, vá saber por que motivo, talvez devido a uma intoxicação alimentar, talvez a uma dependência cada vez maior da nicotina, desprezavam profundamente as coisas doces e procuravam passar o dia todo inalando fumaça em seus pulmões. O dinheiro, disse Seaman, no fundo era um mistério, e ele não era, por seus estudos nulos, a pessoa mais adequada para falar desse tema. Não obstante, tinha duas coisas a dizer. A primeira era que não estava de acordo com a forma como os pobres, sobretudo os pobres afro-americanos, gastavam seu dinheiro. Meu sangue ferve, disse, quando vejo um cafetão passeando pelo bairro a bordo de uma limusine ou de um Lincoln Continental. Não posso suportar. Quando os pobres ganham dinheiro deveriam se comportar com maior dignidade, falou. Quando os pobres ganham dinheiro, deveriam ajudar seus vizinhos. Quando os pobres ganham muito dinheiro, deveriam mandar os filhos para a universidade e adotar um ou mais órfãos. Quando os pobres ganham dinheiro, deveriam admitir publicamente que ganharam só a metade. Nem aos filhos deveriam contar o que na realidade têm, porque os filhos depois querem a totalidade da herança e não estão dispostos a compartilhá-la com seus irmãos adotivos. Quando os pobres ganham dinheiro, deveriam guardar fundos secretos para ajudar não só os negros que estão apodrecendo nas prisões dos Estados Unidos, mas para montar empresas humildes, como lavanderias, bares, locadoras de vídeo, que gerem lucro que depois sejam reinvestidos integralmente nas suas comunidades. Bolsas de estudo. Mesmo que os bolsistas acabem mal. Mesmo que os bolsistas acabem se suicidando de tanto ouvir rap ou num ímpeto de ira assassinem o professor branco e cinco colegas de turma. O caminho do dinheiro está semeado de tentativas e fracassos que não devem desanimar os pobres enriquecidos ou os novos-ricos da nossa comunidade. É preciso insistir nesse ponto. É preciso tirar leite não só das pedras mas também do deserto. Embora sem esquecer que o dinheiro sempre será um problema pendente, disse Seaman.

COMIDA. Como vocês sabem, disse Seaman, ressuscitei graças à costeletinha de porco. Primeiro fui Pantera Negra e enfrentei a polícia da Califórnia, depois viajei pelo mundo todo e depois vivi vários anos tendo as despesas pagas pelo governo dos Estados Unidos da América. Quando me soltaram, eu não era ninguém. Os Panteras Negras já não existiam. Alguns nos consideravam um antigo grupo terrorista. Outros, uma vaga lembrança do pitoresquismo negro dos anos 60. Marius Newell havia morrido em Santa Cruz. Outros companheiros haviam morrido nas prisões e outros haviam pedido desculpas públicas e mudado de vida. Agora havia negros não só na polícia. Havia negros ocupando cargos públicos, prefeitos negros, empresários negros, advogados de renome negros, estrelas da tevê e do cinema, e os Panteras Negras eram um estorvo. Assim, quando saí da prisão, não restava

nada ou muito pouco, os restos fumegantes de um pesadelo em que havíamos entrado adolescentes e do qual saíamos agora adultos, quase velhos, eu diria, sem futuro possível, porque o que sabíamos fazer tínhamos esquecido durante os longos anos de cárcere e dentro do cárcere não tínhamos aprendido nada, a não ser a crueldade dos carcereiros e o sadismo de alguns presos. Era essa a minha situação. De modo que meus primeiros meses de condicional foram tristes e cinzentos. Às vezes ficava horas vendo piscar as luzes de uma rua qualquer, debruçado na janela e fumando sem parar. Não vou negar que em mais de uma ocasião passaram pela minha cabeça pensamentos funestos. Só uma pessoa me ajudou desinteressadamente, minha irmã mais velha, que Deus a tenha. Ela me ofereceu sua casa em Detroit, que era bastante pequena, mas que para mim foi como se uma princesa europeia oferecesse seu castelo para eu passar uma temporada de repouso. Meus dias eram monótonos mas tinham algo do que hoje, com a experiência acumulada, eu não hesitaria em chamar de felicidade. Naquela época eu só via duas pessoas regularmente: minha irmã, que era o ser humano mais bondoso do mundo, e meu agente de liberdade vigiada, um sujeito gordo que às vezes me convidava para tomar um uísque no seu escritório e costumava me dizer: como você pode ter sido um cara tão mau, Barry? Algumas vezes pensei que ele dizia isso para me provocar. Algumas vezes pensei: esse cara é pago pela polícia da Califórnia e quer me provocar para depois me meter uma bala na barriga. Fale dos seus c..., Barry, dizia ele, referindo-se a meus atributos viris, ou: fale dos caras que você apagou. Fale, Barry. Fale. E abria a gaveta da escrivaninha, onde eu sabia que guardava a arma, e esperava. E eu não tinha outro remédio senão falar. Dizia: bem, Lou, não conheci o presidente Mao, mas Lin Piao eu conheci, ele foi nos receber no aeroporto, Lin Piao, que depois quis dar cabo do presidente Mao e que morreu num desastre de avião quando fugia para a Rússia. Um sujeito baixinho e mais hábil que uma serpente. Lembra do Lin Piao? E Lou respondia que nunca na vida tinha escutado falar de Lin Piao. Bom, Lou, dizia eu, era como um ministro chinês ou como o secretário de Estado da China. Naquela época não havia muitos americanos lá, posso garantir. Poderia dizer que fomos nós que abrimos o caminho para Kissinger e Nixon. E podia ficar assim com Lou três horas a fio, ele me pedindo que falasse dos caras que eu tinha matado pelas costas, e eu falando com ele dos políticos e dos países que eu tinha conhecido. Até que por fim pude me livrar dele, à base de uma paciência cristã, e desde então nunca mais o vi. Provavelmente Lou morreu de cirrose. E minha vida seguiu em frente, com os mesmos sobressaltos e a mesma sensação de provisoriedade. Então, um dia qualquer, me lembrei que havia uma coisa que eu não tinha esquecido. Não tinha esquecido de como cozinhar. Não tinha esquecido das minhas costeletas de porco. Com a ajuda da minha irmã, que era uma santa e que adorava falar dessas coisas, fui anotando todas as receitas de que lembrava, as da minha mãe, as que tinha feito na prisão, as que fazia aos sábados em casa, no terraço do edifício, para minha irmã, apesar de ela, devo dizer, não ser muito fã de carne. Quando completei o livro fui a Nova York ver alguns editores, e um deles se interessou. O resto vocês sabem. O livro me pôs em circulação outra vez. Aprendi a combinar gastronomia com memória. Aprendi a combinar gastronomia com história. Aprendi a combinar a gastronomia com minha gratidão e minha perplexidade com a bondade de tanta gente, a

começar por minha falecida irmã e continuando por tantas pessoas. E aqui me permitam uma precisão. Quando digo perplexidade, também quero dizer maravilhamento. Quer dizer, uma coisa extraordinária que causa admiração. Como a flor da maravilha, ou como a azaleia, ou como a sempre-viva. Mas também me dei conta de que isso não bastava. Não podia viver sempre das minhas famosas e deliciosas receitas de costeletas. Não dão para tanto as costeletas. É preciso mudar. É preciso mexer-se e mudar. É preciso saber procurar embora você não saiba o que procura. De modo que podem ir pegando, os que estiverem interessados, papel e lápis, pois vou lhes ditar outra receita. A do pato com laranja. Não recomendo comer todo dia, porque não é barato e, além do mais, seu preparo não demora menos de uma hora e meia, mas uma vez a cada dois meses ou quando se comemora um aniversário, não é mau. São estes os ingredientes para quatro pessoas. Um pato de um quilo e meio, vinte e cinco gramas de manteiga, quatro dentes de alho, dois copos de caldo de galinha, um ramallete de ervas, uma colher de molho de tomate, quatro laranjas, cinquenta gramas de açúcar, três colheres de conhaque, três colheres de vinagre, três colheres de xerez, pimenta-do-reino, azeite e sal. Em seguida, Seaman explicou as diferentes fases de preparo e quando acabou de explicá-las só disse que aquele pato era um excelente prato.

ESTRELAS. Disse que todo mundo conhecia muitas categorias de estrelas ou acreditava conhecer muitos tipos de estrelas. Falou das estrelas que se veem de noite, digamos, quando se vai de Des Moines a Lincoln pela 80 e o carro enguiça, nada grave, o óleo ou o radiador, talvez um pneu furado, você desce, pega o macaco e o estepe no porta-malas e troca o pneu, no pior dos casos em meia hora, e quando termina olha para cima e vê o céu coberto de estrelas. A Via Láctea. Falou das estrelas do esporte. Essas são outra categoria de estrelas, disse, e as comparou com as estrelas do cinema, mas precisou que a vida de uma estrela do esporte costumava ser bem mais curta que a vida de uma estrela do cinema. A de uma estrela do esporte, no melhor dos casos, costumava durar quinze anos, enquanto a vida de uma estrela do cinema, também no melhor dos casos, podia durar quarenta ou cinquenta anos, se houvesse começado a carreira ainda jovem. Pelo contrário, a vida de qualquer das estrelas que a gente podia contemplar num trecho da 80, ao viajar de Des Moines a Lincoln, costumava durar milhões de anos ou, no momento em que a contemplávamos, podia ter morrido milhões de anos antes, e o viajante que a contemplava nem sequer desconfiava disso. Podia se tratar de uma estrela viva ou podia se tratar de uma estrela morta. Às vezes, conforme a gente encarasse esse assunto, falou, ele carecia de importância, pois as estrelas que a gente vê de noite vivem no reino da aparência. São aparência, da mesma maneira que os sonhos são aparência. De tal modo que o viajante da 80 que acaba de estourar um pneu não sabe se o que contempla na imensa noite são estrelas ou se, pelo contrário, são sonhos. De alguma forma, disse, esse viajante parado também é parte de um sonho, um sonho que se desprende de outro sonho assim como uma gota d'água se desprende de outra gota d'água maior, que chamamos de onda. Chegando a esse ponto Seaman avisou que uma coisa é uma estrela e outra coisa é um meteorito. Um meteorito não tem nada a ver com uma estrela,

disse. Um meteorito, principalmente se sua trajetória o levar a se chocar diretamente com a Terra, não tem nada a ver com uma estrela nem com um sonho, mas sim, talvez, com a noção de desprender-se, uma espécie de desprendimento ao revés. Depois falou das estrelas-do-mar, disse que Marius Newell cada vez que percorria uma praia da Califórnia encontrava, vá saber como, uma estrela-do-mar. Mas também disse que as estrelas-do-mar que você encontrava nas praias geralmente estavam mortas, eram cadáveres que as ondas expulsavam, embora houvesse, certamente, exceções. Newell, disse, sempre diferenciava as estrelas-do-mar mortas das que estavam vivas. Não sei como, mas diferenciava. E as mortas ele deixava na praia e devolvia as vivas ao mar, as atirava perto das pedras para que assim tivessem pelo menos uma oportunidade. Salvo numa ocasião em que levou para casa uma estrela-do-mar e a pôs num aquário, com água salgada do Pacífico. Isso foi quando os Panteras Negras acabavam de nascer e se dedicavam a vigiar o trânsito de seu bairro para que os carros não andassem a toda e matassem crianças. Teria bastado um semáforo ou talvez dois, mas a prefeitura não quis pôr nenhum. De modo que essa foi uma das primeiras aparições dos Panteras, como guardas de trânsito. Enquanto isso Marius Newell cuidava da sua estrela-do-mar. Claro, não demorou a se dar conta de que seu aquário necessitava de um motor. Uma noite saiu com Seaman e o pequeno Nelson Sánchez para roubá-lo. Ninguém estava armado. Foram a uma loja especializada na venda de peixes exóticos em Colchester Sun, um bairro de brancos, e entraram pelos fundos. Quando já estavam com o motor nas mãos apareceu um cara com uma escopeta. Achei que íamos morrer, disse Seaman, mas então Marius falou: não atire, não atire, é para a minha estrela-do-mar. O cara da escopeta ficou imóvel. Recuamos. O cara avançou. Paramos. O cara parou. Tornamos a recuar. O cara foi atrás da gente. Por fim chegamos ao carro que o pequeno Nelson dirigia e o cara parou a menos de três metros. Quando deu partida no carro, o cara levou a escopeta ao ombro e apontou-a para nós. Acelere, falei. Não, disse Marius, devagar, devagar. O carro saiu para a rua principal que ficava na esquina e o cara atrás, andando, apontando a escopeta para a gente. Agora sim, acelere, disse Marius, e quando o pequeno Nelson pisou no acelerador o cara ficou imóvel e foi se tornando cada vez menor, até que o vi desaparecer pelo espelho retrovisor. Claro, o motor não adiantou nada para Marius e, passada uma semana ou duas, apesar dos cuidados recebidos, a estrela-do-mar morreu e acabou no saco de lixo. Na realidade, quando a gente fala de estrelas, fala em sentido figurado. Isso se chama metáfora. A gente diz: é uma estrela do cinema. Está falando com uma metáfora. A gente diz: o céu estava coberto de estrelas. Mais metáfora. Se acertam um direto no queixo de alguém e deixam o cara nocauteado, diz-se que ele viu estrelas. Outra metáfora. As metáforas são a maneira de nos perdermos nas aparências ou de ficarmos imóveis no mar das aparências. Nesse sentido, uma metáfora é como um salva-vidas. E não se deve esquecer que há salva-vidas que boiam e salva-vidas que vão direto para o fundo. É bom nunca esquecer isso. A verdade é que só há uma estrela, e essa estrela não é nenhuma aparência nem é uma metáfora nem surge de nenhum sonho ou pesadelo. Ela está lá fora. É o sol. Ela é, para nossa desgraça, a única estrela. Quando eu era moço vi um filme de ficção científica. Uma nave perde o rumo e se aproxima do sol. Os astronautas começam a sentir dor de cabeça, é a primeira coisa que acontece. Depois todos

suam copiosamente, tiram suas roupas espaciais, mas mesmo assim não param de suar como loucos e de se desidratar. A gravidade do sol os atrai implacavelmente. O sol começa a derreter o revestimento da nave. O espectador não pode deixar de sentir, sentado na sua poltrona, um calor insuportável. Não me lembro do fim. Creio que se salvam no último minuto e acertam o rumo da nave, outra vez com destino à Terra, e atrás deles fica o sol, enorme, uma estrela enlouquecida na imensidão do espaço.

UTILIDADE. Mas o sol tem sua utilidade, isso não escapa a ninguém que tenha alguma coisa na cachola, disse Seaman. De perto é o inferno, mas de longe é útil e belo, só um vampiro seria incapaz de reconhecer isso. Depois começou a falar das coisas que antes eram úteis, sobre as quais havia consenso e que agora, em vez disso, inspiravam desconfiança, como os sorrisos, na década de 50, por exemplo, ele disse, um sorriso abria portas. Não sei se podia abrir caminhos, mas indubitavelmente portas, sim, abria. Agora um sorriso inspira desconfiança. Antes, se você era vendedor e entrava em algum lugar, o melhor era fazê-lo com um largo sorriso. Tanto se você era garçom como executivo, secretária, médico, roteirista ou jardineiro. Os únicos que não sorriam nunca eram os policiais e os funcionários das prisões. Estes continuam como antes. Mas os outros, todos procuravam sorrir. Foi a era de ouro dos dentistas dos Estados Unidos da América. Os negros, claro, sempre sorriam. Os brancos sorriam. Os asiáticos. Os hispanos. Agora sabemos que atrás de um sorriso pode se esconder seu pior inimigo. Ou, dito de outro modo, não confiamos mais em ninguém, a começar pelos que sorriem, pois sabemos que eles tentam conseguir algo da gente. No entanto, a televisão americana está cheia de sorrisos e dentaduras cada vez mais perfeitas. Querem que depositemos nossa confiança neles? Não. Querem nos fazer crer que são boa gente, incapaz de prejudicar quem quer que seja? Também não. Na realidade não querem nada da gente. Só querem nos mostrar suas dentaduras, seus sorrisos, sem nos pedir nada em troca, salvo nossa admiração. Admiração. Querem que olhemos para eles, só isso. Suas dentaduras perfeitas, seus corpos perfeitos, seus modos perfeitos, como se estivessem permanentemente se desprendendo do sol e fossem nacos de fogo, pedaços de inferno ardente, cuja presença neste planeta obedece unicamente à necessidade de reverência. Quando eu era pequeno, disse Seaman, não lembro que as crianças usassem arame na boca. Hoje não conheço quase nenhuma que não o ostente. O inútil se impõe não como qualidade de vida mas como moda ou distintivo de classe, e tanto a moda quanto os distintivos de classe necessitam admiração, reverência. Claro, as modas têm uma expectativa de vida curta, um ano, quatro no máximo, depois passam por todas as etapas da degradação. O distintivo de classe, pelo contrário, só apodrece quando apodrece o cadáver que o portava. Depois pôs-se a falar das coisas úteis de que o corpo necessitava. Em primeiro lugar, uma alimentação equilibrada. Vejo muitos gordos nesta igreja, disse. Desconfio que poucos de vocês comem salada. Talvez seja o momento adequado de lhes dar uma receita. Esta receita se chama: couve-de-bruxelas com limão. Anotem, por favor. Ingredientes para quatro pessoas: oitocentos gramas de couve-de-bruxelas, o suco e a casca ralada de um limão, uma cebola,

um ramo de salsinha, quarenta gramas de manteiga, pimenta-do-reino e sal. Preparar da seguinte maneira. Um: limpar bem as couves e retirar as folhas externas. Picar finamente a cebola e a salsa. Dois: numa panela com água fervendo e sal cozinhar as couves por vinte minutos, ou até que fiquem macias. Depois escorrer bem e reservar. Três: numa frigideira untada com manteiga dourar a cebola, acrescentar a casca ralada e o suco do limão e temperar com sal e pimenta a gosto. Quatro: adicionar as couves, misturar com o molho, refogar alguns minutos, salpicar com a salsinha e servir enfeitado com rodela de limão. De lambar os beijos, disse Seaman. Sem colesterol, boa para o fígado, boa para a circulação sanguínea, saudabilíssima. Depois deu a receita da salada de endívias e camarão e da salada de brócolis, e depois disse que não só de comida saudável vivia o homem. É preciso ler livros, falou. Não ver tanta televisão. Os especialistas dizem que a televisão não faz mal aos olhos. Eu me permito duvidar disso. A televisão não é boa para a vista e os celulares ainda são um mistério. Talvez, como dizem alguns cientistas, produzam câncer. Não nego nem afirmo isso, mas está dito. O que eu digo é que é preciso ler livros. O pastor sabe que o que digo é verdade. Leiam livros de autores negros. E de autoras negras. Mas não fiquem só nisso. Essa é minha verdadeira contribuição desta noite. Quando alguém lê nunca perde tempo. Na prisão eu lia. Foi lá que comecei a ler. Muito. Devorava os livros como se fossem costeletas de porco picantes. Nas prisões se apaga a luz cedo. Você deita na cama e ouve ruídos. Passos. Gritos. Como se a prisão em vez de estar na Califórnia estivesse nas entranhas do planeta Mercúrio, que é o planeta mais próximo do Sol. Você sente frio e calor ao mesmo tempo, e esse é o sinal mais nítido de que você se sente só ou está doente. Você tenta, nem é preciso dizer, pensar em outras coisas, em coisas bonitas, mas nem sempre consegue. Às vezes, algum vigia instalado na guarita interna acende uma lâmpada e um raio de luz dessa lâmpada roça as barras da sua cela. Aconteceu comigo uma infinidade de vezes. A luz de uma lâmpada mal colocada ou as fluorescentes da galeria superior ou da galeria vizinha. Eu então pegava meu livro, aproximava-o da luz e lia. Com dificuldade, pois as letras e os parágrafos pareciam enlouquecidos ou atemorizados por essa atmosfera mercurial e subterrânea. Mas mesmo assim lia e lia, às vezes com uma rapidez desconcertante até mesmo para mim, às vezes com grande lentidão, como se cada frase ou palavra fosse um manjar para todo o meu corpo, não só para o meu cérebro. E assim eu podia ficar horas, sem me importar com o sono ou com o fato incontestável de que estava preso por ter me preocupado com meus irmãos, a maioria dos quais estava pouco se lixando para se eu apodreceria ou não. Eu sabia que estava fazendo algo de útil. Isso que importava. Fazia algo de útil enquanto os carcereiros andavam ou se cumprimentavam durante a mudança de turno com palavras amáveis que me soavam como insultos e que, pensando bem (acaba de me ocorrer), talvez fossem insultos mesmo. Eu fazia algo útil. Algo útil de qualquer ponto de vista. Ler é como pensar, como rezar, como conversar com um amigo, como expor suas ideias, como ouvir as ideias dos outros, como ouvir música (sim, sim), como contemplar uma paisagem, como dar um passeio pela praia. E vocês, que são tão amáveis, agora devem estar se perguntando: o que você lia, Barry? Lia tudo. Mas me lembro sobretudo de um livro que li num dos momentos mais desesperados da minha vida e que me restituiu a serenidade. Que livro é esse? Que livro é esse? Esse livro se

chama *Compêndio abreviado da obra de Voltaire*, e garanto a vocês que é muito útil, pelo menos para mim foi de grande utilidade.

Naquela noite, depois de deixar Seaman em casa, Fate dormiu no hotel que a revista havia reservado de Nova York. O recepcionista disse a ele que o esperavam na véspera e entregou um recado do seu chefe de seção perguntando como tudo tinha transcorrido. Do seu quarto ligou para a revista, sabendo que àquela hora não teria ninguém lá, e deixou um recado na secretária explicando vagamente o encontro com o velho.

Tomou um banho e foi para a cama. Procurou um programa pornográfico na tevê. Achou um filme em que uma alemã fazia amor com um par de negros. A alemã falava em alemão e os negros também falavam em alemão. Perguntou-se se na Alemanha também havia negros. Depois se encheu e mudou para um canal aberto. Viu um trecho de um programa de quinta em que uma mulher obesa de uns quarenta anos tinha de suportar os insultos do marido, um obeso de uns trinta e cinco, e da nova namorada deste, uma semiobesa de uns trinta anos. O cara, pensou, era nitidamente bicha. O programa era transmitido da Flórida. Todos usavam manga curta, salvo o apresentador, que usava um blazer branco, calça cáqui, camisa cinza-esverdeado e gravata marfim. Em certos momentos o apresentador dava a impressão de sentir-se incomodado. O obeso gesticulava e se mexia como um *rapper*, incentivado pela namorada semiobesa. A mulher do obeso, ao contrário, permaneceu em silêncio olhando para o público até que desatou a chorar sem fazer nenhum comentário.

Isso precisa acabar aqui, pensou Fate. Mas o programa, ou aquele segmento do programa, não acabou ali. Ao ver as lágrimas da esposa o obeso redobrou seu ataque verbal. Entre as coisas que disse a ela, Fate acreditou distinguir a palavra gorda. Também disse que não ia mais permitir que ela continuasse arruinando sua vida. Não pertence a você, falou. A namorada semiobesa disse: ele não te pertence, está na hora de você tirar essa venda dos olhos. Ao fim de um instante a mulher sentada reagiu. Levantou-se e disse que não podia mais ouvir. Não disse ao marido nem à namorada do marido mas diretamente ao apresentador. Este lhe falou que assumisse a situação e que dissesse por sua vez o que acreditava ser conveniente. Vim a este programa enganada, falou a mulher que continuava chorando. Ninguém vem aqui por engano, disse o apresentador do programa. Não seja covarde e ouça o que ele tem a te dizer, falou a namorada do obeso. Ouça o que eu tenho a te dizer, disse o obeso movendo-se ao redor dela. A mulher levantou a mão como se fosse um para-choque e saiu do set. A semiobesa sentou. O obeso, após um instante, também sentou. O apresentador, que estava sentado em meio ao público, perguntou ao obeso em que trabalhava. Agora estou sem emprego, mas até há pouco era segurança, respondeu. Fate mudou de canal. Tirou do frigobar uma garrafinha de uísque marca Toro de Tennessee. Depois do primeiro gole sentiu ganas de vomitar. Fechou a garrafa e colocou-a de volta no frigobar. Ao cabo de um instante adormeceu com a tevê ligada.

Enquanto Fate dormia passaram uma reportagem sobre uma americana desaparecida em Santa Teresa, no estado de Sonora, norte do México. O repórter era um chicano chamado Dick Medina e falava sobre a longa lista de mulheres assassinadas em Santa Teresa, muitas das quais iam parar na vala comum do cemitério pois ninguém reclamava seus cadáveres. Medina falava no deserto. Atrás dele se via uma estrada e muito mais longe uma elevação que Medina assinalava a certa altura do programa dizendo que aquilo era o Arizona. O vento despenteava os cabelos negros e lisos do repórter, que vestia uma camisa de manga curta. Depois apareciam algumas fábricas de montagem e a voz em off de Medina dizia que o desemprego era praticamente inexistente naquela faixa da fronteira. Gente fazendo fila numa calçada estreita. Caminhonetes cobertas de poeira muito fina, cor de marrom-cocô-de-bebê. Depressões do terreno, como crateras da Primeira Guerra Mundial, que pouco a pouco se transformavam em lixões. O rosto sorridente de um sujeito de não mais de vinte anos, magro e moreno, de mandíbulas proeminentes, a quem Medina identificava em off como “galinheiro”, ou “coiote”, isto é, guia de emigrantes ilegais de um lado para o outro da fronteira. Medina dizia um nome. O nome de uma moça. Depois apareciam as ruas de um povoado do Arizona de onde a moça era originária. Casas com jardins raquíticos e cercas de tela de arame cor de prata suja. O rosto compungido da mãe. Cansada de chorar. O rosto do pai, um sujeito alto, de costas largas, que olhava fixamente para a câmera e não dizia nada. Detrás dessas duas figuras se perfilavam as sombras de três adolescentes. Nossas outras três filhas, dizia a mãe num inglês com sotaque. As três meninas, a mais velha de não mais de quinze anos, saíram correndo para a sombra da casa.

* * *

Enquanto a tevê passava essa reportagem, Fate sonhou com um sujeito sobre o qual havia escrito uma matéria, a primeira matéria que publicou no *Amanhecer Negro* depois que a revista rejeitou três trabalhos seus. O sujeito era um negro velho, muito mais velho que Seaman, que vivia no Brooklyn e era membro do Partido Comunista dos Estados Unidos da América. Quando o conheceu não havia mais um só comunista no Brooklyn, mas o sujeito continuava mantendo sua célula em atividade. Como se chamava? Antonio Ulises Jones, mas os jovens do seu bairro o chamavam de Scottsboro Boy. Também o chamavam de Velho Louco, Saco de Ossos ou Pele, mas via de regra o chamavam de Scottsboro Boy, entre outras razões porque o velho Antonio Jones falava com frequência dos acontecimentos de Scottsboro, dos julgamentos de Scottsboro, dos negros que estiveram a ponto de ser linchados em Scottsboro e de que ninguém mais se lembrava no bairro do Brooklyn.

Quando Fate, por puro acaso, o conheceu, Antonio Jones devia ter uns oitenta anos e morava num apartamento de dois quartos numa das zonas mais depauperadas do Brooklyn. Na sala havia uma mesa e mais de quinze cadeiras, dessas velhas cadeiras de bar dobráveis, de madeira, pernas compridas e encosto curto. Na parede estava pendurada a foto de um sujeito muito grande, uns dois metros pelo menos, vestido como operário da época, no momento de receber um diploma escolar das mãos de um menino que olhava diretamente

para a câmera e sorria mostrando uma dentadura branquíssima e perfeita. O rosto do operário, gigantesco também, à sua maneira, parecia de criança.

— Esse sou eu — disse Antonio Jones a Fate na primeira vez que ele foi à sua casa —, e o grandalhão é Robert Martillo Smith, operário da manutenção da prefeitura do Brooklyn, especialista em entrar nos esgotos e lutar contra crocodilos de dez metros.

Nas três conversas que tiveram, Fate lhe fez muitas perguntas, algumas delas destinadas a revolver a consciência do velho. Perguntou por Stálin, e Antonio Jones respondeu que Stálin era um filho da puta. Perguntou por Lênin, e Antonio Jones respondeu que Lênin era um filho da puta. Perguntou por Marx, e Antonio Jones respondeu que devia ter começado precisamente por ele: Marx era um cara magnífico. A partir desse momento Antonio Jones pôs-se a falar de Marx nos melhores termos. Só havia uma coisa em Marx que não lhe agradava: sua irritabilidade. Atribuía isso à pobreza, já que para Jones a pobreza gerava não só doenças e rancores mas também a irritabilidade. A pergunta seguinte de Fate foi sobre a queda do Muro de Berlim e do sucessivo desabamento dos regimes de socialismo real. Era previsível, eu vaticinei a coisa dez anos antes de acontecer, foi a resposta de Antonio Jones. Depois, sem mais nem menos, pôs-se a cantar a “Internacional”. Abriu a janela e com uma voz profunda que Fate nunca teria imaginado, entoou as primeiras estrofes: De pé, ó vítimas da fome, de pé, famélicos da terra. Quando terminou de cantar perguntou a Fate se não achava que era um hino feito especialmente para os negros. Não sei, disse Fate, nunca tinha visto a coisa dessa maneira. Mais tarde, Jones lhe fez um esboço mental dos comunistas do Brooklyn. Durante a Segunda Guerra Mundial tinham sido mais de mil. Depois da guerra o número subiu a mil e trezentos. Quando começou o macarthismo já eram só setecentos, aproximadamente, e quando terminou não sobravam mais de duzentos comunistas no Brooklyn. Nos anos 60 só havia a metade e no princípio dos 70 não dava para contar mais de trinta comunistas esparramados em cinco células irreduzíveis. Em fins dos 70 só restavam dez. E no princípio dos 80 só havia quatro. Durante essa década, dos quatro que sobraram dois morreram de câncer e um deu baixa sem avisar nada a ninguém. Talvez tenha apenas viajado e morrido no caminho de ida ou no caminho de volta, refletiu Antonio Jones. O caso é que nunca mais apareceu, nem na célula nem em sua casa nem nos bares que costumava frequentar. Talvez tenha ido morar com a filha na Flórida. Era judeu e tinha uma filha que morava lá. O certo é que em 1987 só restava eu. E aqui continuo, disse. Por quê?, perguntou Fate. Por uns segundos Antonio Jones pensou na resposta que ia dar. Finalmente olhou-o nos olhos e disse:

— Porque alguém tem de manter a célula em atividade.

Os olhos de Jones eram pequenos e negros como carvão, e suas pálpebras estavam cheias de rugas. Quase não tinha pestana. O pelo das sobrancelhas começava a desaparecer e às vezes, quando saía para passear no bairro, punha grandes óculos escuros e usava uma bengala que depois largava junto da porta. Podia passar dias inteiros sem comer. Em certa idade, dizia, a comida não faz bem. Não tinha nenhum contato com comunistas de nenhum outro lugar dos Estados Unidos nem do estrangeiro, com exceção de um professor aposentado da Universidade da Califórnia-Los Angeles, um tal de doutor Minski, com quem se correspondia

de vez em quando. Eu pertenci durante uns quinze anos à Terceira Internacional. Minski me convenceu a entrar na Quarta, disse. Depois falou:

— Filho, vou te dar um livro que te será de muita utilidade.

Fate pensou que ia lhe dar o *Manifesto*, de Marx, talvez pelo fato de que na sala, empilhados nos cantos e debaixo das cadeiras, havia visto vários exemplares editados pelo próprio Antonio Jones, vá saber com que dinheiro ou dando que tipo de golpe nos impressores, mas quando o velho lhe pôs o livro nas mãos viu com surpresa que não se tratava do *Manifesto*, mas de um grosso volume intitulado *O tráfico de escravos*, escrito por um tal de Hugh Thomas, cujo nome não lhe dizia nada. A princípio recusou-se a aceitá-lo.

— É um livro caro e certamente o senhor só tem este exemplar — disse.

A resposta de Jones foi que não se preocupasse, que não lhe custara dinheiro mas astúcia, pelo que deduziu que tinha roubado o livro, coisa que também lhe pareceu inverossímil, pois o velho não estava mais em condição de fazer esse tipo de coisas, embora fosse possível que na livraria onde cometia seus furtos tivesse um cúmplice, um jovem negro que fizesse vista grossa quando Jones enfiava um livro dentro do paletó.

Só ao folhear o livro, horas depois, em seu apartamento, se deu conta de que o autor era branco. Um branco inglês que, além do mais, havia sido professor da Real Academia Militar de Sandhurst, o que para Fate equivalia quase a um instrutor, um sargentão britânico de calça curta, de modo que pôs o livro de lado e não o leu. A entrevista de Antonio Ulises Jones, aliás, foi bem recebida. Fate notou que para a maioria dos seus colegas a matéria dificilmente excedia os limites do pitoresco afro-americano. Um pregador pirado, um ex-músico de jazz pirado, o único membro do Partido Comunista do Brooklyn (Quarta Internacional) pirado. Pitoresco sociológico. Mas a matéria agradou e ele se tornou, em pouco tempo, redator fixo. Nunca mais voltou a ver Antonio Jones, da mesma maneira que era bem possível que nunca mais tornasse a ver Barry Seaman.

Quando acordou ainda não havia amanhecido.

Antes de partir de Detroit foi à única livraria decente na cidade e comprou *O tráfico de escravos*, de Hugh Thomas, o ex-professor da Real Academia Militar de Sandhurst. Depois pegou a Woodward Avenue e deu uma volta pelo centro da cidade. Seu café da manhã foi uma xícara de café com torradas numa lanchonete da Greektown. Quando rejeitou uma comida mais forte, a garçonete, uma loura de uns quarenta anos, perguntou se estava doente. Disse que não estava muito bem do estômago. Então a garçonete pegou a xícara de café que já lhe havia servido e disse que tinha algo mais adequado para ele. Pouco depois apareceu com um chá de erva-doce e boldo que Fate nunca havia provado, e nos primeiros instantes se mostrou reticente a experimentar.

— É o que convém a você, não um café — disse a garçonete.

Era uma mulher alta e magra, de peitos bem grandes e belos quadris. Usava um vestido preto, uma blusa branca e sapatos sem salto. Por um instante ambos permaneceram sem dizer nada, num silêncio pleno de expectativas, até que Fate deu de ombros e começou a

tomar o chá, gole após gole. Então a garçonete sorriu e foi atender outros fregueses.

* * *

No hotel, enquanto se aprontava para encerrar a conta, encontrou um recado de Nova York. Uma voz que não distinguia lhe pedia que entrasse em contato com seu chefe de seção ou com o chefe da seção de esportes o mais depressa possível. Telefonou do lobby. Falou com a vizinha de mesa e esta lhe disse para esperar, enquanto tentava localizar o chefe de seção. Um instante depois, uma voz que não conhecia e que se identificou como Jeff Roberts, chefe da seção de esportes, falou com ele de uma luta de boxe. Count Pickett vai lutar, disse, e não temos ninguém para cobrir. O sujeito o chamava de Oscar, como se o conhecesse fazia anos, e não parava de falar de Count Pickett. Uma promessa do Harlem nos meio-pesados.

— O que eu tenho a ver com isso? — tornou Fate.

— Bem, Oscar — disse o chefe da esportes —, você sabe que Jimmy Lowell morreu e ainda não temos ninguém para substituí-lo.

Fate pensou que a luta provavelmente era em Detroit ou Chicago, e não lhe pareceu má ideia ficar uns dias longe de Nova York.

— Quer que eu faça a cobertura da luta?

— Isso mesmo, rapaz — disse Roberts —, umas cinco páginas, um perfil sucinto de Pickett, a luta e um toque de cor local.

— Onde é a luta?

— No México, rapaz — respondeu o chefe de esportes —, e leve em consideração que pagamos diárias mais altas que na sua seção.

Com a mala pronta, Fate se dirigiu pela última vez para a casa de Seaman. Encontrou o velho lendo e tomando notas. Da cozinha chegava um cheiro de temperos e de refogado de verduras.

— Estou indo — disse —, só vim me despedir.

Seaman perguntou se ele ainda tinha tempo para comer alguma coisa.

— Não, não tenho — disse Fate.

Se abraçaram e Fate desceu a escada de três em três, como se tivesse pressa de chegar à rua ou como um menino que sai para passar uma tarde livre com os amigos. Enquanto dirigia rumo ao aeroporto de Detroit Wayne Country, pôs-se a pensar nos estranhos livros de Seaman, *A enciclopédia francesa abreviada* e aquele que não tinha visto mas que Seaman garantia ter lido na prisão, *Compêndio abreviado da obra de Voltaire*, que o fizeram soltar uma gargalhada.

No aeroporto comprou passagem para Tucson. Enquanto esperava, no balcão de uma confeitaria, se lembrou do sonho que tivera naquela noite com Antonio Jones, que morrera

fazia anos. Perguntou-se, como então, de que teria morrido, e a única resposta que lhe ocorreu foi de velho. Um dia Antonio Jones, quando andava por uma rua do Brooklyn, se sentiu cansado, sentou na beira da calçada e um segundo depois havia deixado de existir. Talvez algo semelhante tenha ocorrido com minha mãe, pensou Fate, mas no fundo sabia que não era verdade. Quando o avião decolou de Detroit um temporal havia começado a cair sobre a cidade.

Fate abriu o livro daquele branco que havia sido professor em Sandhurst e começou a lê-lo pela página 361. Dizia: *Por fim, além do delta do Níger, a costa da África torna a se dirigir para o sul, e ali, nos Camarões, os mercadores de Liverpool iniciaram um novo ramo do tráfico. Muito mais ao sul, o rio Gabão, ao norte do cabo López, também entrou em atividade, por volta de 1780, como região de escravos. O reverendo John Newton achava que essa zona possuía “a gente mais humana e mais moral que encontrei na África”, talvez “porque era a gente que menos relação tinha com os europeus, naquele tempo”. Mas em frente à sua costa, fazia muito tempo que os holandeses empregavam a ilha de Corisco (que em português significa “relâmpago”) como centro de comércio, se bem que não especificamente de escravos.* Depois veio uma ilustração, no livro havia muitas, que mostrava um forte português na Costa de Ouro, chamado Elmina, capturado pelos dinamarqueses em 1637. Durante trezentos e cinquenta anos, Elmina foi um centro de exportação de escravos. Sobre o forte, e sobre um fortim de apoio situado no alto de um morro, ondulava uma bandeira que Fate não pôde identificar: A que reino pertencia essa bandeira?, se perguntou antes de seus olhos fecharem e ele adormecer com o livro no colo.

No aeroporto de Tucson alugou um carro, comprou um mapa rodoviário e saiu da cidade rumo ao sul. O ar seco do deserto provavelmente despertou seu apetite e resolveu parar no primeiro restaurante da estrada. Dois Camaro do mesmo ano e da mesma cor o ultrapassaram tocando a buzina. Pensou que estavam apostando corrida. Os carros provavelmente tinham motor envenenado e as carrocerias luziam sob o sol do Arizona. Passou pela frente de um ranchinho que vendia laranjas, mas não parou. O rancho estava a uns cem metros da estrada e a venda de laranjas, uma carrocinha velha com toldo, de grandes rodas de madeira, estava no acostamento, guardada por dois meninos mexicanos. Uns dois quilômetros adiante viu um lugar chamado El Rincón de Cochise, e parou numa ampla esplanada, junto a uma bomba de gasolina. Os dois Camaro estavam parados junto de uma bandeira com a faixa superior vermelha e a inferior preta. No centro havia um círculo branco em que se podia ler Clube de Automóvel de Chiricahua. Por um instante pensou que os motoristas dos Camaro eram dois índios, mas logo essa ideia lhe pareceu absurda. Sentou-se num canto do restaurante, junto de uma janela da qual podia ver seu carro. Na mesa ao lado havia dois homens. Um era jovem e alto, com pinta de professor de informática. Tinha sorriso fácil e às vezes levava as mãos ao rosto num gesto que tanto podia exprimir assombro quanto horror ou qualquer outra coisa. Do outro não podia ver o rosto, mas evidentemente era muito mais velho que seu companheiro. O pescoço era grosso, tinha cabelos totalmente

brancos, usava óculos. Quando falava ou quando ouvia permanecia impávido, sem gesticular nem se mexer.

A garçonete que se aproximou para atendê-lo era mexicana. Pediu um café e por uns minutos estudou o cardápio. Perguntou se tinham *club sandwich*. A garçonete negou com a cabeça. Um bife, disse Fate. Um bife com molho?, perguntou a garçonete. De que é o molho?, quis saber Fate. De chile, tomate, cebola e coentro. Além disso usamos alguns temperos. Está bem, disse, vamos tentar a sorte. Quando a garçonete se afastou, correu os olhos pelo restaurante. Numa mesa viu dois índios, um adulto e o outro adolescente, talvez pai e filho. Noutra viu dois brancos acompanhados por uma mexicana. Os brancos eram exatamente iguais, gêmeos univitelinos de uns cinquenta anos, a mexicana devia andar pelos quarenta e cinco, e dava para ver que os gêmeos estavam loucos por ela. São os donos dos Camaro, pensou Fate. Também se deu conta de que ninguém, em todo o restaurante, era negro, salvo ele.

O homem mais moço da mesa vizinha disse alguma coisa sobre a inspiração. Fate só entendeu: o senhor foi uma inspiração para nós. O homem de cabelos brancos disse que aquilo não tinha importância. O homem mais moço levou as mãos ao rosto e disse alguma coisa sobre a vontade, a vontade de sustentar um olhar. Depois tirou as mãos da cara e com os olhos brilhando disse: não me refiro a um olhar natural, proveniente do reino natural, mas a um olhar abstrato. O homem de cabelos brancos falou: claro. Quando o senhor pegou Iurevitch, disse o homem mais moço, e então sua voz foi anulada pelo barulho ensurdecedor de um motor a diesel. Um caminhão de grande tonelage parou na esplanada. A garçonete pôs na mesa um café e o bife com molho. O homem mais moço continuava falando do tal de Iurevitch que o homem de cabelos brancos havia pegado.

— Não foi difícil — disse o homem de cabelos brancos.

— Um assassino desorganizado — disse o homem mais moço, e levou a mão à boca como se fosse espirrar.

— Não — disse o homem de cabelos brancos —, um assassino organizado.

— Ah, eu pensava que era desorganizado — disse o homem mais moço.

— Não, não, não, um assassino organizado — disse o homem de cabelos brancos.

— Quais são os piores? — perguntou o homem mais moço.

Fate cortou um pedaço de carne. Era grossa, macia e saborosa. O molho era gostoso, principalmente depois que você se acostumava com o picante.

— Os desorganizados — respondeu o homem de cabelos brancos. — Custa mais para estabelecer seu padrão de conduta.

— Mas se consegue estabelecer? — perguntou o homem mais moço.

— Tendo meios e tempo, tudo se consegue — disse o homem de cabelos brancos.

Fate ergueu a mão e chamou a garçonete. A mexicana recostou a cabeça no ombro de um

dos gêmeos e o outro sorriu, como se fosse aquela a situação habitual. Fate pensou que ela era casada com o gêmeo que a abraçava, mas que o casamento não havia feito desaparecer o amor nem as esperanças do outro irmão. O pai índio pediu a conta enquanto o jovem índio havia tirado de algum lugar um gíbi e o lia. Viu andar pela esplanada o caminhoneiro que acabava de estacionar seu caminhão. Vinha do toalete do posto de gasolina e penteava com um pente diminuto os cabelos louros. A garçonete perguntou o que queria. Outro café e um copo grande de água.

— Nós nos acostumamos com a morte — ouviu o homem mais moço dizer.

— Sempre — disse o homem de cabelos brancos —, sempre foi assim.

No século XIX, em meados ou fins do século XIX, disse o homem de cabelos brancos, a sociedade costumava coar a morte no filtro das palavras. Se você lesse as matérias da época diria que quase não havia delitos nem que um assassinato era capaz de comover todo um país. Não queríamos ter a morte em casa, em nossos sonhos e fantasias, mas é um fato que se cometiam crimes terríveis, esquartejamentos, estupros de todo tipo e até assassinatos em série. Não há dúvida, a maioria dos assassinos seriais não era capturada nunca, basta pensar no caso mais famoso da época. Ninguém nunca soube quem era Jack, o Estripador. Tudo passava pelo filtro das palavras, convenientemente adequado a nosso medo. O que faz uma criança quando tem medo? Fecha os olhos. O que faz uma criança quando vão estuprá-la e depois matá-la? Fecha os olhos. Também grita, mas primeiro fecha os olhos. As palavras serviam para esse fim. E é curioso, porque todos os arquétipos da loucura e da crueldade humana não foram inventados pelos homens desta época, mas por nossos antepassados. Os gregos inventaram, por assim dizer, o mal, viram o mal que todos levamos dentro de nós, mas as testemunhas ou as provas desse mal não nos comovem mais, nos parecem fúteis, ininteligíveis. A mesma coisa pode ser dita da loucura. Foram os gregos que abriram esse leque e, no entanto, agora esse leque não nos diz mais nada. Você vai dizer: tudo muda. Não há dúvida, tudo muda, mas os arquétipos do crime não mudam, da mesma maneira que nossa natureza tampouco muda. Uma explicação plausível é que a sociedade, naquela época, era pequena. Estou falando do século XIX, do século XVIII, do XVII. Claro, era pequena. A maioria dos seres humanos estava além dos muros da sociedade. No século XVII, por exemplo, em cada viagem de um navio negreiro morria pelo menos vinte por cento da mercadoria, quer dizer, da gente de cor que era transportada para ser vendida, digamos, na Virgínia. E isso não comovia ninguém, nem saía em manchetes garrafais no jornal da Virgínia, nem ninguém pedia que enforcassem o capitão do navio que os tinha transportado. Se, pelo contrário, um homem abastado sofria uma crise de loucura e matava seu vizinho, depois voltava galopando para casa, onde mal apeava matava sua mulher, ao todo duas mortes, a sociedade virginiana vivia atemorizada por no mínimo seis meses, e a lenda do assassino a cavalo podia perdurar por gerações inteiras. Os franceses, por exemplo. Durante a Comuna de 1871, morreram assassinadas milhares de pessoas e ninguém derramou uma lágrima por elas. Por volta dessa mesma data, um amolador de facas matou uma mulher e sua mãe

velhinha (não a mãe da mulher, mas sua própria mãe, caro amigo) e depois foi abatido pela polícia. A notícia não só correu os jornais da França, como foi reproduzida em outros jornais da Europa e saiu até uma nota no *Examiner* de Nova York. Resposta: os mortos da Comuna não pertenciam à sociedade, a gente de cor morta no navio não pertencia à sociedade, enquanto a mulher morta numa capital de província francesa e o assassino a cavalo da Virgínia, esses sim, pertenciam, quer dizer, o que havia acontecido com eles era escrevível, era legível. Mesmo assim, as palavras costumavam se exercitar mais na arte de esconder do que na arte de desvelar. Ou talvez desvelassem algo. O quê?, confesso que não sei.

O jovem tapou a cara com as mãos.

— Essa não foi sua primeira viagem ao México — disse destapando a cara e com um sorriso meio maroto.

— Não — disse o homem de cabelos brancos —, estive lá faz um tempo, faz alguns anos, e tentei ajudar, mas foi impossível.

— E por que voltou agora?

— Para dar uma olhada, suponho — disse o homem de cabelos brancos. — Estive em casa de um amigo, um amigo que fiz durante a minha estada anterior. Os mexicanos são muito hospitaleiros.

— Não foi uma viagem oficial?

— Não, não, não — disse o homem de cabelos brancos.

— E qual sua opinião não oficial sobre o que está acontecendo lá?

— Tenho várias opiniões, Edward, e gostaria que nenhuma delas fosse publicada sem meu consentimento.

O homem mais moço tapou a cara com as mãos e disse:

— Professor Kessler, sou um túmulo.

— Bom — disse o homem de cabelos brancos. — Vou compartilhar com você três certezas. A: essa sociedade está fora da sociedade, todos, absolutamente todos são como os antigos cristãos no circo. B: os crimes têm assinaturas diferentes. C: essa cidade parece pujante, parece progredir de alguma maneira, mas o melhor que poderiam fazer é sair uma noite ao deserto e cruzar a fronteira, todos sem exceção, todos, todos.

Quando começou a cair um crepúsculo vermelho e fulgurante, e tanto os gêmeos quanto os índios, assim como seus vizinhos de mesa, já fazia um tempinho tinham ido embora, Fate decidiu levantar a mão e pedir a conta. Uma morena gordota, que não era a garçonete que o servira, trouxe um papel e perguntou se tudo tinha sido do seu agrado.

— Tudo — respondeu Fate enquanto procurava umas notas no bolso.

Depois voltou a contemplar o pôr do sol. Pensou em sua mãe, na vizinha da sua mãe, na revista, nas ruas de Nova York com uma tristeza e um tédio indizíveis. Abriu o livro do ex-professor de Sandhurst e leu um parágrafo ao acaso. *Muitos capitães de navios negreiros*

costumavam considerar terminada sua missão quando entregavam os escravos nas Índias ocidentais, porém muitas vezes era impossível receber o lucro da venda rápido o bastante para obter um carregamento de açúcar para a viagem de volta; mercadores e capitães nunca estavam seguros dos preços que lhes pagariam em seu porto base pelas mercadorias que levavam por conta própria; os plantadores podiam demorar anos para pagar pelos escravos. Às vezes, em troca dos escravos, os mercadores europeus preferiam letras de câmbio a açúcar, índigo, algodão ou gengibre, porque em Londres os preços dessas mercadorias eram imprevisíveis ou baixos. Que bonitos nomes, pensou. Índigo, açúcar, gengibre, algodão. As flores avermelhadas da anileira. A pasta azul-escura, com reflexos acobreados. Uma mulher pintada de índigo, lavando-se num chuveiro.

Quando se levantou, a garçonete gordota se aproximou dele e perguntou aonde ia. Para o México, respondeu Fate.

— Já imaginava — disse a garçonete —, mas para que lugar?

Encostado no balcão um cozinheiro fumava um cigarro e olhava para ele à espera da resposta.

— Para Santa Teresa — disse Fate.

— Não é um lugar muito agradável — disse a garçonete —, mas é grande e tem muitas discotecas e lugares para se divertir.

Fate olhou para o chão, sorrindo, e se deu conta de que o crepúsculo do deserto havia tingido os ladrilhos de um vermelho muito suave.

— Sou jornalista — falou.

— Vai escrever sobre os crimes — disse o cozinheiro.

— Não sei do que está falando, vou cobrir a luta de boxe deste sábado — disse Fate.

— Quem vai lutar? — perguntou o cozinheiro.

— Count Pickett, o meio-pesado de Nova York.

— Em outros tempos, eu era fã — disse o cozinheiro. — Apostava dinheiro e comprava revistas de boxe, mas um dia decidi abandonar. Já não estou muito a par dos boxeadores atuais. Quer tomar alguma coisa? Por conta da casa.

Fate sentou-se ao balcão e pediu um copo d'água. O cozinheiro sorriu e disse que, pelo que sabia, todos os jornalistas bebiam álcool.

— Eu também bebo — disse Fate —, mas acho que não estou muito bem do estômago.

Depois de servir o copo d'água, o cozinheiro quis saber contra quem Count Pickett lutava.

— Não lembro o nome — disse Fate —, anotei em algum lugar, um mexicano, parece.

— Estranho — disse o cozinheiro —, os mexicanos não têm bons meio-pesados. Uma vez a cada vinte anos aparece um peso-pesado, que costuma terminar morto a tiros, mas meio-pesados não têm.

— Vai ver que me enganei e não é mexicano — admitiu Fate.

— Talvez seja cubano ou colombiano — disse o cozinheiro —, se bem que os colombianos também não têm tradição de meio-pesados.

Fate tomou a água, se levantou e alongou os músculos. Está na hora de ir embora, disse consigo, mas a verdade é que se sentia bem naquele restaurante.

— Quantas horas daqui a Santa Teresa? — perguntou.

— Depende — respondeu o cozinheiro. — Às vezes a fronteira está cheia de caminhões e você pode levar meia hora esperando. Digamos que daqui a Santa Teresa são três horas, mais meia hora ou três quartos de hora para cruzar a fronteira, em números redondos, quatro horas.

— Daqui a Santa Teresa é só uma hora e meia — disse a garçonete.

O cozinheiro olhou para ela e disse que dependia do carro e do conhecimento da região que o motorista tivesse.

— Já dirigiu alguma vez no deserto?

— Não — disse Fate.

— Não é fácil. Parece fácil. Parece a coisa mais fácil do mundo, mas não é nada fácil — disse o cozinheiro.

— Nisso você tem razão — falou a garçonete —, principalmente de noite, dirigir de noite no deserto me dá medo.

— Qualquer erro, qualquer desvio malfeito pode custar cinquenta quilômetros dirigindo na direção errada — disse o cozinheiro.

— Talvez seja melhor sair agora, que ainda tem luz — disse Fate.

— Dá na mesma — disse o cozinheiro —, vai escurecer daqui a cinco minutos. Os entardeceres no deserto parecem não acabar nunca, até que de repente tudo acaba, sem nenhum aviso. É como se alguém simplesmente apagasse a luz — disse o cozinheiro.

Fate pediu outro copo d'água e foi tomá-lo junto da janela. Não quer comer mais nada antes de sair?, ouviu o cozinheiro dizer. Não respondeu. O deserto começou a desvanecer.

Dirigiu durante duas horas por estradas escuras, com o rádio ligado, ouvindo uma estação de Phoenix que transmitia jazz. Passou por lugares onde havia casas, restaurantes, jardins com flores brancas e carros mal estacionados, mas nos quais não se via nenhuma luz, como se os moradores houvessem morrido naquela mesma noite e no ar permanecesse um bafio de sangue. Distinguiu silhuetas de morros recortadas pela lua e silhuetas de nuvens baixas que não se moviam ou que, em determinado momento, corriam para oeste como que impulsionadas por um vento repentino, caprichoso, que levantava nuvens de poeira a que os faróis do carro, ou as sombras que os faróis produziam, emprestavam roupagens fabulosas, humanas, como se as nuvens de poeira fossem mendigos ou fantasmas que pulavam à beira do caminho.

Perdeu-se em duas ocasiões. Numa sentiu-se tentado a voltar atrás, para o restaurante ou para Tucson. Na outra chegou a um povoado chamado Patagonia onde o rapaz que atendia no posto de gasolina indicou a maneira mais fácil de chegar a Santa Teresa. Ao sair de Patagonia viu um cavalo. Quando os faróis do carro o iluminaram, o cavalo levantou a cabeça e olhou para ele. Fate parou o carro e esperou. O cavalo era negro e logo em seguida se moveu e se perdeu no escuro. Passou por uma meseta, ou assim acreditou. A meseta era enorme, totalmente plana na parte superior, e de uma ponta a outra da base devia medir pelo

menos cinco quilômetros. À beira da estrada apareceu um barranco. Saltou do carro, deixou as luzes do carro acesas e urinou demoradamente respirando o ar fresco da noite. Depois o caminho desceu até uma espécie de vale que lhe pareceu, à primeira vista, gigantesco. No extremo mais distante do vale acreditou discernir uma luminosidade. Mas podia ser qualquer coisa. Uma caravana de caminhões se movendo com grande lentidão, as primeiras luzes de um povoado. Ou talvez somente seu desejo de sair daquela escuridão que de alguma maneira lhe lembrava sua meninice e adolescência. Pensou que em algum momento, entre uma e outra, havia sonhado com aquela paisagem, não tão escura, não tão desértica, mas certamente parecida. Ia num ônibus, com a mãe e uma irmã da mãe, e faziam uma viagem curta, entre Nova York e uma cidade próxima de Nova York. Ia na janela, e a paisagem era invariavelmente a mesma, edifícios e autoestradas, até que de repente apareceu o campo. Nesse momento, ou talvez antes, havia começado a entardecer e ele olhava as árvores, um bosque pequeno mas que a seus olhos ficava maior. Acreditou então ver um homem andando pela beira do pequeno bosque. A passos largos, como se não quisesse que a noite o pegasse. Perguntou-se quem era aquele homem. Só soube que era um homem, e não uma sombra, porque tinha camisa e mexia os braços ao caminhar. A solidão do sujeito era tão grande que Fate lembrava que desejou não continuar olhando e abraçar sua mãe, mas em vez disso manteve os olhos abertos até que o ônibus deixou para trás o bosque e apareceram outra vez os edifícios, as fábricas, os galpões de armazenamento que ladeavam a estrada.

A solidão do vale que ele atravessava agora, sua escuridão, era maior. Imaginou a si mesmo andando a passos rápidos pelo acostamento. Sentiu um calafrio. Lembrou-se então do vaso em que jaziam as cinzas de sua mãe e da xícara de café da vizinha que ele não tinha devolvido e que agora estava infinitamente fria e dos vídeos de sua mãe que ninguém nunca mais ia ver. Pensou em parar o carro e esperar amanhecer. Seu instinto lhe indicou que um negro dormindo num carro alugado no acostamento não era a coisa mais prudente no Arizona. Mudou de estação. Uma voz em espanhol começou a contar a história de uma cantora de Gómez Palacio que havia voltado à sua cidade, no estado de Durango, só para se suicidar. Depois ouviu a voz de uma mulher cantando *rancheras*. Por um instante, enquanto dirigia rumo ao vale, a escutou. Depois tentou sintonizar novamente a estação de jazz de Phoenix, mas não conseguiu encontrá-la.

No lado americano se erguia uma cidadezinha chamada Adobe. Antes tinha sido uma olaria, mas agora era um conglomerado de casas e lojas de eletrodomésticos alinhadas quase todas numa grande rua principal. No fim da rua você saía para um descampado profusamente iluminado e imediatamente depois ficava o posto de fronteira americano.

O policial de fronteira pediu o passaporte e Fate entregou-o. Com o passaporte estava sua credencial de jornalista. O policial perguntou se vinha escrever sobre os assassinatos.

- Não — respondeu Fate —, vim cobrir a luta de boxe de sábado.
- Quem vai lutar? — perguntou o policial de fronteira.
- Count Pickett, o meio-pesado de Nova York.

- Nunca ouvi falar — disse o policial.
- Vai chegar a campeão do mundo — disse Fate.
- Tomara — disse o policial.

Depois avançou cem metros até a fronteira mexicana e teve de sair, mostrar sua mala, os documentos do carro, o passaporte e sua carteira de jornalista. Mandaram-no preencher uns impressos. As caras dos policiais mexicanos estavam intumescidas de sono. Da janela da casinha do posto de fronteira via-se a comprida e alta cerca que dividia os dois países. No tramo mais distante da cerca viu quatro aves negras encarapitadas no alto e com as cabeças como que enterradas nas penas. Que frio, disse Fate. Muito frio, disse o funcionário mexicano que estudava o impresso que Fate acabava de preencher.

- As aves. Estão com frio.

O funcionário olhou na direção que o dedo de Fate apontava.

- São urubus, estão sempre com frio a esta hora — falou.

Hospedou-se num motel chamado Las Brisas, na parte norte de Santa Teresa. Pela estrada, a cada tanto, passavam caminhões que iam para o Arizona. Às vezes os caminhões paravam do outro lado da rodovia, no posto de gasolina, depois seguiam viagem ou os motoristas saltavam e comiam alguma coisa no posto de paredes pintadas de azul-celeste. De manhã, quase não passavam caminhões, só carros e caminhonetes. Fate se sentia tão cansado que nem se deu conta de que horas eram quando adormeceu.

Ao despertar foi falar com o recepcionista do motel e pediu a ele um mapa da cidade. O recepcionista era um homem de uns vinte e cinco anos e disse que nunca tiveram mapas no Las Brisas, pelo menos desde que começou a trabalhar lá. Perguntou aonde queria ir. Fate disse que era jornalista e que tinha vindo cobrir a luta de Count Pickett. Count Pickett versus *el Merolino Fernández*, disse o recepcionista.

- Lino Fernández — disse Fate.

— Aqui chamamos de *el Merolino* — disse o recepcionista com um sorriso. — E quem o senhor acha que vai ganhar?

- Pickett — disse Fate.

- Veremos, mas acho que está enganado.

Depois o recepcionista arrancou uma folha de papel e desenhou à mão um mapa com indicações precisas para chegar ao ginásio de boxe Arena do Norte, onde ia se realizar a peleja. O mapa se mostrou muito melhor do que Fate esperava. O ginásio Arena do Norte parecia um velho teatro de 1900, em cujo meio teriam plantado um ringue de boxe. Numa das salas Fate se credenciou como jornalista e perguntou pelo hotel onde se alojava Pickett. Disseram que o boxeador americano ainda não havia chegado à cidade. Entre os jornalistas que encontrou havia um par de sujeitos que falavam em inglês e que planejavam entrevistar Fernández. Fate perguntou se podia ir com eles, e os jornalistas deram de ombros e disseram que por eles não havia inconveniente.

Quando chegaram ao hotel onde Fernández dava a coletiva, o boxeador estava falando

com um grupo de jornalistas mexicanos. Os americanos perguntaram em inglês se ele achava que podia ganhar de Pickett. Fernández entendeu a pergunta e disse que sim. Os americanos perguntaram se ele tinha visto Pickett boxear alguma vez. Fernández não entendeu a pergunta e um dos jornalistas mexicanos traduziu.

— O importante é ter fé em nossas forças — respondeu Fernández, e os jornalistas americanos anotaram a resposta em seus caderninhos.

— Conhece as estatísticas de Pickett? — perguntaram.

Fernández esperou que traduzissem a pergunta e disse que não se interessava por essas coisas. Os jornalistas americanos riram entre dentes antes de perguntar pelas estatísticas dele. Trinta lutas, disse Fernández. Vinte e cinco vitórias. Dezoito por nocaute. Três derrotas. Dois empates. Nada mau, disse um dos jornalistas e prosseguiu com as perguntas.

A maioria dos jornalistas estava hospedada no Hotel Sonora Resort, no centro de Santa Teresa. Quando Fate disse a eles que tinha se hospedado num motel fora da cidade, disseram para sair de lá e arranjar um quarto no Sonora Resort. Fate visitou o hotel e teve a impressão de que estava se realizando ali um congresso de jornalistas esportivos mexicanos. A maioria deles falava inglês e eram, pelo menos numa primeira impressão, muito mais amáveis do que os jornalistas americanos que havia conhecido. No balcão do bar alguns faziam apostas sobre a luta e em geral pareciam felizes e despreocupados, mas Fate por fim decidiu ficar no seu motel.

No entanto, de um telefone do Sonora Resort ligou a cobrar para a sua redação e pediu para falar com o chefe da seção de esportes. A mulher com quem falou disse que não havia ninguém.

— A redação está vazia — disse.

Tinha uma voz rouca e queixosa, e não falava como uma secretária nova-iorquina mas como uma camponesa que acabava de sair de um cemitério. Essa mulher conhece em primeira mão o planeta dos mortos, pensou Fate, e já não sabe o que diz.

— Mais tarde volto a telefonar — disse antes de desligar.

O carro de Fate ia atrás do carro dos jornalistas mexicanos que queriam entrevistar Merolino Fernández. A concentração do boxeador mexicano era num rancho nos arredores de Santa Teresa, e sem a ajuda dos jornalistas teria sido impossível encontrá-la. Cruzaram um bairro periférico através de uma teia de aranha de ruas sem asfalto e sem iluminação. Em certos momentos, depois de contornar pastos e terrenos baldios onde se acumulava o lixo dos pobres, dava a impressão de que estavam a ponto de sair em campo aberto, mas então tornava a surgir outro bairro, desta vez mais antigo, de casas de adobe, ao redor das quais haviam crescido barracos feitos com papelão, com chapas de zinco, com embalagens velhas que resistiam ao sol e às chuvas ocasionais e que o passar do tempo parecia ter petrificado. Ali não só as plantas silvestres eram diferentes, mas até as moscas pareciam pertencer a outra

espécie. Depois deixou-se ver uma estradinha de terra camuflada pelo horizonte que começava a enegrecer e corria paralela a um canal e a umas árvores cobertas de pó. Apareceram as primeiras cercas. A estrada se estreitou. Aquilo era uma estrada de carroça, pensou Fate. De fato, as rodas das carroças eram visíveis, mas talvez fossem apenas as marcas da passagem de velhos caminhões de gado.

O rancho em que Merolino Fernández estava instalado era um conjunto de três casas baixas que se encompridava em torno de um terreiro de terra seca e dura como o cimento, onde haviam erguido um ringue de aparência instável. Quando chegaram, o ringue estava vazio e no quintal havia somente um homem dormindo numa esteira de palha e que acordou com o barulho dos motores. O sujeito era grande e carnudo, e seu rosto era cheio de cicatrizes. Os jornalistas mexicanos o conheciam e puseram-se a conversar com ele. Chamava-se Víctor García e tinha no ombro direito uma tatuagem que Fate achou interessante. Um homem nu, visto de costas, se ajoelhava no átrio de uma igreja. Ao seu redor pelo menos dez anjos com formas femininas surgiam voando do escuro, como mariposas convocadas pela súplica do penitente. Todo o resto era escuridão e formas vagas. A tatuagem, embora formalmente boa, dava a impressão de que tinha sido feita na prisão e que o tatuador carecia, se não de experiência, em todo caso de ferramentas e tintas, mas seu argumento era inquietante. Quando perguntou aos jornalistas quem era aquele homem, responderam que um dos sparrings de Merolino. Depois, como se estivesse a observá-los por uma janela, saiu ao quintal uma mulher com uma bandeja de refrescos e cervejas geladas.

Passado um instante, apareceu o treinador do boxeador mexicano vestindo uma camisa branca e um suéter branco, e perguntou a eles se preferiam fazer perguntas a Merolino antes ou depois do treino. O que achar melhor, López, disse um dos jornalistas. Trouxeram alguma coisa para vocês comerem?, perguntou o treinador sentando-se junto dos refrigerantes e da cerveja. Os jornalistas responderam que não com a cabeça, e o treinador, sem se levantar da cadeira, mandou García ir à cozinha e trazer uns tira-gostos. Antes de García voltar viram Merolino aparecer por uma das trilhas que se perdiam no deserto, seguido de um negro vestindo um moletom, que tentava falar espanhol e só dizia palavrões. Ao entrar no quintal do rancho não cumprimentaram ninguém e se dirigiram a um bebedouro de cimento onde lavaram o rosto e o torso suado com ajuda de um balde. Só depois, sem se enxugar e sem tornar a vestir a parte de cima do moletom, foram cumprimentar.

O negro era de Oceanside, Califórnia, ou pelo menos tinha nascido lá, mas depois foi criado em Los Angeles e se chamava Omar Abdul. Trabalhava como sparring de Merolino e disse a Fate que talvez ficasse um tempo no México.

- O que você vai fazer depois da peleja? — perguntou Fate.
- Sobreviver — disse Omar —, não é o que todos nós fazemos?
- De onde vai tirar o dinheiro?
- De qualquer lugar — disse Omar —, o México é um país barato.

Cada poucos minutos, sem mais nem menos, Omar sorria. Tinha um sorriso bonito que ele realçava com uma pera e um bigodinho artesanal. Mas também, a cada poucos minutos, fazia cara de bravo, e então a pera e o bigodinho adquiriam um aspecto ameaçador, de

indiferença suprema e ameaçante. Quando Fate perguntou se era boxeador ou se havia feito alguma luta de boxe em algum lugar, respondeu que “tinha lutado”, sem se dignar a maiores explicações. Quando perguntou sobre as possibilidades de vitória de Merolino Fernández, disse que nunca se sabia até soar o gongo.

Enquanto os boxeadores se vestiam, Fate foi dar uma volta no terreiro de chão batido e olhar os arredores.

— Está olhando o quê? — ouviu Omar Abdul lhe perguntar.

— A paisagem — respondeu —, uma paisagem triste.

A seu lado, o sparring escrutou o horizonte e disse:

— O campo é assim. A esta hora é sempre triste. É uma paisagem fodida para mulheres.

— Está escurecendo — disse Fate.

— Ainda tem luz para fazer luvas — disse Omar Abdul.

— O que vocês fazem de noite, quando acaba o treinamento?

— Todos nós? — perguntou Omar Abdul.

— É, toda a equipe, ou como quer que se chame.

— Jantamos, vemos televisão, depois o senhor López vai dormir, Merolino também vai dormir e nós também podemos ir dormir ou continuar vendo tevê ou dar um passeio pela cidade, sabe como é — disse com um sorriso que podia significar qualquer coisa.

— Quantos anos você tem? — perguntou de repente.

— Vinte e dois — disse Omar Abdul.

Quando Merolino subiu no ringue o sol estava desaparecendo no oeste e o treinador acendeu as luzes, que eram alimentadas por um gerador independente do que proporcionava eletricidade à casa. Num canto, com a cabeça baixa, García permanecia imóvel. Havia tirado a roupa e posto um calção de boxeador preto que chegava aos joelhos. Parecia dormir. Só quando as luzes acenderam levantou a cabeça e olhou, por uns segundos, para López, como se esperasse um sinal. Um dos jornalistas, que não parava de sorrir, fez soar uma campainha e o sparring ergueu a guarda e avançou até o centro do quadrilátero. Merolino usava um capacete de proteção e se movimentava ao redor de García, que só de quando em quando soltava a esquerda e procurava encadear algum golpe. Fate perguntou a um dos jornalistas se o normal não era o sparring usar um capacete de proteção.

— É o normal — disse o jornalista.

— E por que não usa? — indagou Fate.

— Porque por mais que o acertem não podem mais lhe causar nenhum dano — explicou o jornalista. — Entendeu? Não sente os golpes, ficou abobalhado.

No terceiro round, García desceu do ringue e Omar Abdul subiu. O rapaz estava de torso nu mas não havia tirado as calças de moletom. Seus movimentos eram muito mais velozes que os do sparring mexicano e escapulia com facilidade quando Merolino tentava encurralá-lo nos cantos, mas era evidente que o boxeador e seu sparring não pretendiam se machucar. De vez em quando falavam, sem parar de se mexer, e riam.

— Tá na Costa Rica? — perguntou Omar Abdul. — Tá com os *candorros* aonde?

Fate perguntou ao jornalista o que o sparring dizia.

— Nada — disse o jornalista —, esse filho da mãe só aprendeu a dizer besteira em espanhol.

Ao cabo de três assaltos o treinador parou o combate e desapareceu dentro da casa seguido por Merolino.

— O massagista está esperando — disse o jornalista.

— Quem é o massagista? — perguntou Fate.

— Não o vimos, acho que nunca sai ao quintal, é cego, entende?, cego de nascimento, que passa o dia inteiro na cozinha, comendo, ou no banheiro, cagando, ou estirado no chão do quarto lendo livros no idioma dos cegos, aquela linguagem, como se chama?

— O alfabeto Braille — disse outro jornalista.

Fate imaginou o massagista lendo num quarto completamente escuro e teve um leve estremecimento. Deve ser algo parecido com a felicidade, pensou. No bebedouro, García jogava um balde de água fria nas costas de Omar Abdul. O sparring californiano piscou o olho para Fate.

— O que achou? — perguntou.

— Nada mau — respondeu Fate para dizer algo amável —, mas tenho a impressão de que Pickett vai chegar muito mais bem treinado.

— Pickett é uma bicha de merda — disse Omar Abdul.

— Conhece ele?

— Vi lutar na tevê uma ou duas vezes. Não sabe se movimentar.

— Bom, na realidade eu nunca o vi — disse Fate.

Omar Abdul olhou-os nos olhos com expressão de assombro.

— Nunca viu Pickett lutar? — fez.

— Não. Na verdade, o especialista em boxe da minha revista morreu semana passada e como não temos pessoal sobrando, me enviaram.

— Aposte em Merolino — disse Omar Abdul depois de guardar silêncio por um instante.

— Te desejo boa sorte — Fate disse a ele antes de ir embora.

O caminho de volta pareceu mais curto. Por um tempinho seguiu as luzes de trás do carro dos jornalistas, até que os viu parar diante de um bar quando já transitavam pelas ruas asfaltadas de Santa Teresa. Estacionou ao lado deles e perguntou qual era o programa. Vamos comer, disse um dos jornalistas. Apesar de não estar com fome, Fate aceitou tomar uma cerveja em companhia deles. Um dos jornalistas se chamava Chucho Flores e trabalhava para um jornal local e para uma estação de rádio. O outro, o que tinha tocado a campanha quando estavam no rancho, se chamava Ángel Martínez Mesa e trabalhava para um jornal esportivo do DF. Martínez Mesa era baixinho e devia rondar os cinquenta anos. Chucho Flores era só um pouco mais baixo que Fate, tinha trinta e cinco anos e sorria o tempo todo. A relação entre Flores e Martínez Mesa, intuiu Fate, era a do discípulo agradecido com o mestre um tanto indiferente. A indiferença de Martínez Mesa, no entanto, não denotava nem soberba nem um sentimento de superioridade, mas cansaço. Um cansaço que se percebia até

em seu modo de vestir, desleixado, com um terno todo manchado e sapatos sem engraxar, o exato contrário do seu discípulo, que usava terno de grife e gravata de grife, abotoaduras de ouro e que, provavelmente, se considerava um homem alinhado e bonito. Enquanto os mexicanos comiam carne assada com batata frita, Fate ficou pensando na tatuagem de García. Comparou depois a solidão daquele rancho com a solidão da casa da sua mãe. Pensou nas cinzas dela, que ainda estavam lá. Pensou na vizinha morta. Pensou no bairro de Barry Seaman. E tudo aquilo que sua memória ia iluminando enquanto os mexicanos comiam lhe pareceu desolador.

Quando deixaram Martínez Mesa no Sonora Resort, Chucho Flores insistiu em tomar um último trago. No bar do hotel havia vários jornalistas, entre os quais distinguiu uns americanos com os quais lhe interessava conversar, mas Chucho Flores tinha outros planos. Foram a um bar num beco do centro de Santa Teresa, um lugar com as paredes pintadas com tinta fluorescente e um balcão em zigue-zague. Pediram suco de laranja com uísque. O barman conhecia Chucho Flores. Mais que um barman, pensou Fate, o cara parecia ser dono da casa. Seus gestos eram secos e autoritários, inclusive quando enxugava os copos com o avental pendurado na cintura. Mas era um homem moço, não mais de vinte e cinco anos, a quem Chucho Flores, de resto, não dava muita bola, ocupado que estava em conversar com Fate sobre Nova York e o jornalismo que se fazia em Nova York.

— Gostaria de ir morar lá — confessou — e trabalhar numa rádio hispânica.

— Tem muitas — disse Fate.

— Eu sei, eu sei — disse Chucho Flores como se estudasse o caso havia muito tempo, depois citou dois nomes de rádios que transmitiam em espanhol e das quais Fate nunca tinha ouvido falar.

— E sua revista, como se chama? — perguntou Chucho Flores.

Fate disse o nome e Chucho Flores, depois de pensar um pouco, fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não conheço — falou —, é grande?

— Não, não é grande — respondeu Fate —, é uma revista do Harlem, entende?

— Não — disse Chucho Flores —, não entendo.

— É uma revista cujos donos são afro-americanos, o diretor é afro-americano e quase todos os jornalistas somos afro-americanos — disse Fate.

— Isso é possível? — perguntou Chucho Flores —, isso é bom para o jornalismo objetivo?

Nesse momento se deu conta de que Chucho Flores estava meio bêbado. Pensou no que ele acabava de dizer. Na realidade, era arriscado afirmar que *quase* todos os jornalistas eram negros. Ele só tinha visto negros na redação, mas é claro que não conhecia os correspondentes. Talvez na Califórnia houvesse algum chicano, pensou. Talvez no Texas. Mas também era possível que no Texas não houvesse *ninguém*, senão por que enviá-lo de Detroit, em vez de encarregar pelo trabalho o do Texas ou o da Califórnia?

Um grupo de mulheres vieram cumprimentar Chucho Flores. Estavam vestidas como se fossem a

uma festa, de salto alto e roupa de discoteca. Uma delas tinha cabelo pintado de louro e a outra era muito morena, mais para silenciosa e tímida. A loura cumprimentou o barman, que respondeu com um gesto, como se a conhecesse muito bem e não confiasse nela. Chucho Flores apresentou-o como um famoso jornalista esportivo de Nova York. Nesse momento Fate considerou oportuno dizer ao mexicano que ele não era propriamente jornalista esportivo, mas um jornalista que escrevia sobre temas políticos e sociais, declaração que pareceu muito interessante a Chucho Flores. Um tempo depois apareceu outro sujeito que Chucho Flores apresentou como o homem que mais entendia de cinema ao sul da fronteira do Arizona. O sujeito se chamava Charly Cruz e disse a ele com um sorriso largo que não acreditasse numa palavra do que Chucho Flores dizia. Era dono de uma locadora de vídeo e seu ofício o obrigava a ver muitos filmes, mas era só isso, não sou nenhum especialista no assunto, disse.

— Quantas locadoras você tem? — Chucho Flores lhe perguntou. — Diga, diga ao meu amigo Fate.

— Três — disse Charly Cruz.

— Esse cabra aí está montado em dólares — disse Chucho Flores.

A mulher de cabelo pintado de louro se chamava Rosa Méndez e segundo Chucho Flores tinha sido sua namorada. Também foi namorada de Charly Cruz e agora saía com o dono de um salão de dança.

— Rosita é assim — disse Charly Cruz —, é da natureza dela.

— O que é da natureza dela? — perguntou Fate.

Num inglês não muito bom a moça respondeu que era ser alegre. A vida é curta, falou, depois ficou calada olhando alternadamente para Fate e Chucho Flores, como se refletisse no que acabava de afirmar.

— Rosita também é meio filósofa — disse Charly Cruz.

Fate assentiu com a cabeça. Outras duas moças se aproximaram deles. Eram mais moças ainda e só conheciam Chucho Flores e o barman. Fate calculou que nenhuma das duas devia ter mais de dezoito anos. Charly Cruz perguntou se ele gostava de Spike Lee. Sim, disse Fate, se bem que na verdade não gostasse.

— Parece mexicano — disse Charly Cruz.

— Pode ser — disse Fate —, é um ponto de vista interessante.

— E Woody Allen?

— Gosto — respondeu Fate.

— Esse também parece mexicano, mas mexicano do DF ou de Cuernavaca — disse Charly Cruz.

— Mexicano de Cancún — disse Chucho Flores.

Fate riu sem entender nada. Pensou que estavam de gozação.

— E Robert Rodríguez? — perguntou Charly Cruz.

— Gosto — respondeu Fate.

— Esse panaca é dos nossos — disse Chucho Flores.

— Tenho um filme em vídeo do Robert Rodríguez — disse Charly Cruz — que muito

pouca gente viu.

— *El mariachi*? — perguntou Fate.

— Não, esse todo mundo viu. Um anterior, quando Robert Rodríguez não era ninguém. Um puto de um chicano morto de fome. Um cabra que encarava qualquer trabalho — explicou Charly Cruz.

— Vamos nos sentar e você conta para a gente a história — disse Chucho Flores.

— Boa ideia — disse Charly Cruz —, já estava me cansando de ficar tanto tempo em pé.

A história era simples e inverossímil. Dois anos antes de rodar *El mariachi* Robert Rodríguez viajou ao México. Por uns dias vagabundeou pela fronteira entre Chihuahua e o Texas, depois desceu para o sul, até o DF, onde se dedicou a tomar drogas e a beber. Estava tão no fundo, disse Charly Cruz, que entrava numa *pulquería** antes do meio-dia e só saía quando fechavam e o expulsavam a pontapés. Acabou vivendo num *congal*, isto é, num *bule*, isto é, num *berreadero*, isto é, na mina das bondosas, isto é, num bordel, onde ficou amigo de uma puta e do seu cafetão, que chamavam de Pino, que seria como se apelidassem o cafifa de Pênis ou Vara. Esse tal de Pino simpatizou com Robert Rodríguez e se comportou bem com ele. Às vezes tinha de arrastá-lo pelas escadas até o quarto onde dormia, outras vezes ele e sua puta tinham de despi-lo e enfiá-lo debaixo do chuveiro porque Robert Rodríguez perdia a consciência com suma facilidade. Uma manhã, uma dessas raras manhãs em que o futuro diretor de cinema estava meio sóbrio, Pino lhe contou que tinha uns amigos que queriam fazer um filme e perguntou se ele se achava capaz de fazê-lo. Robert Rodríguez, como vocês podem imaginar, disse *okey maguey*, e o Pino se ocupou das questões práticas.

A filmagem durou três dias, creio eu, e Robert Rodríguez estava sempre de porre e drogado quando ia para trás da câmera. Claro, nos créditos não aparece seu nome. O diretor se chama Johnny Mamerson, o que evidentemente é uma piada, mas quem conhece o cinema de Robert Rodríguez, sua maneira de fazer um enquadramento, seus planos e contraplanos, seu senso da velocidade, não tem dúvida, é ele. A única coisa que falta é sua maneira pessoal de montar um filme, pelo que fica claro que nesse filme a montagem foi feita por outra pessoa. Mas o diretor é ele, disso tenho certeza.

Fate não se interessava por Robert Rodríguez nem pela história do seu primeiro filme, ou do seu último filme, pouco se lixava, e além do mais começou a sentir vontade de jantar ou comer um sanduíche, depois ir para a cama do seu motel e dormir, mas mesmo assim teve de ouvir trechos do argumento, uma história de putas sábias ou talvez apenas de putas boas, entre as quais se destacava uma tal de Justina, a qual, por motivos que lhe escapavam mas que não era complicado adivinhar, conhecia uns vampiros do DF que vagavam pela noite disfarçados de policiais. No resto da história não prestou atenção. Enquanto beijava na boca a garota de cabelos negros que havia chegado com Rosita Méndez ouviu algo sobre pirâmides, vampiros astecas, um livro escrito com sangue, a ideia precursora de *Um drink no inferno*, o pesadelo recorrente de Robert Rodríguez. A moça de cabelos negros não sabia beijar. Antes de ir embora deu a Chucho Flores o telefone do motel Las Brisas, depois saiu trôpego até onde o

carro estava parado.

Ao abrir a porta ouviu alguém perguntar se estava se sentindo bem. Encheu os pulmões de ar e se virou. Chucho Flores estava a três metros dele, com o nó da gravata desfeito e abraçando pela cintura Rosa Méndez, que o fitava como se ele fosse um exemplar exótico de algo, de quê?, não sabia, mas o olhar da mulher não lhe agradou.

— Estou bem — falou —, nenhum problema.

— Quer que eu te leve ao motel? — perguntou Chucho Flores.

O sorriso de Rosa Méndez se acentuou. Passou por sua cabeça a ideia de que o mexicano era gay.

— Não é preciso — falou —, posso me virar sozinho.

Chucho Flores soltou a mulher e deu um passo em sua direção. Fate abriu a porta do carro e ligou o motor, evitando olhar para eles. *Adiós, amigo*, ouviu o mexicano dizer como em surdina. Rosa Méndez tinha as mãos nas cadeiras, numa pose nada natural, achou, e não olhava para ele nem para o carro que se afastava mas para o seu acompanhante, que permanecia imóvel, como se o ar da noite o tivesse congelado.

No motel a recepção estava aberta e Fate perguntou a um rapaz que não havia visto se dava para lhe arranjar alguma coisa para comer. O rapaz disse que não tinham cozinha mas que ele podia comprar uns biscoitos ou uma barra de chocolate na máquina que havia do lado de fora. Pela estrada passavam de vez em quando caminhões rumo ao norte e rumo ao sul, e do outro lado se viam as luzes do posto de gasolina. Foi para lá que Fate dirigiu seus passos. Quando atravessou a estrada, porém, um carro por pouco não o atropelou. Chegou a pensar que estava bêbado, mas depois disse a si mesmo que antes de atravessar, estivesse ou não bêbado, tinha olhado com atenção e não vira luzes na estrada. De onde, então, havia saído aquele carro? Vou tomar mais cuidado ao voltar, disse a si mesmo. O posto de gasolina estava profusamente iluminado e quase vazio. Detrás do balcão, uma garota de uns quinze anos lia uma revista. Pareceu a Fate que ela tinha uma cabeça muito pequena. No caixa havia outra moça, de uns vinte anos, que ficou olhando para ele enquanto se dirigia para uma máquina em que vendiam cachorros-quentes.

— Tem de pagar primeiro — disse a moça em espanhol.

— Não entendo — disse Fate —, sou americano.

A mulher repetiu a advertência em inglês.

— Dois cachorros-quentes e uma lata de cerveja — disse Fate.

A mulher tirou uma esferográfica do bolso do uniforme e escreveu a soma que Fate tinha de dar.

— Dólares ou pesos? — perguntou Fate.

— Pesos — disse a mulher.

Fate deixou junto da máquina registradora uma nota e foi pegar a lata de cerveja no refrigerador, depois indicou com os dedos à adolescente de cabeça pequena quantos cachorros-quentes queria. A moça serviu os cachorros-quentes e Fate lhe perguntou como

funcionava a máquina dos molhos.

— Aperte o botão do molho que preferir — disse a adolescente em inglês.

Fate pôs molho de tomate, mostarda e uma coisa que parecia guacamole num dos cachorros-quentes e comeu-o ali mesmo.

— Está gostoso — disse.

— Que bom — disse a garota.

Repetiu em seguida a operação com o outro e foi ao caixa pegar o troco. Catou umas moedas, voltou para onde estava a adolescente e as deu como gorjeta.

— *Gracias, señorita* — disse em espanhol.

Depois saiu com a lata de cerveja e o cachorro-quente em direção à estrada. Enquanto esperava passar três caminhões que iam de Santa Teresa para o Arizona se lembrou do que tinha dito à moça do caixa. Sou americano. Por que não disse sou afro-americano? Por que estou no estrangeiro? Mas posso me considerar no estrangeiro quando, se quisesse, podia agora mesmo ir embora andando, e sem andar muito, até meu país? Isso significa que num lugar sou americano, noutro sou afro-americano e em mais outro, por pura lógica, não sou ninguém?

Ao acordar telefonou para o chefe da seção de esportes da sua revista e disse que Pickett não estava em Santa Teresa.

— É normal — disse o chefe da seção de esportes —, provavelmente está em algum rancho nos arredores de Las Vegas.

— E como diabos vou fazer a entrevista? — perguntou Fate. — Quer que eu vá a Las Vegas?

— Não precisa entrevistar ninguém, só precisamos de alguém que narre a luta, sabe, o ambiente, o ar que se respira no ringue, a forma de Pickett, a impressão que causa na porra dos mexicanos.

— Os prolegômenos do combate — disse Fate.

— Prole quê? — perguntou o chefe da seção de esportes.

— A porra do ambiente — disse Fate.

— Com palavras simples — disse o chefe da seção de esportes —, como se você estivesse contando uma história num bar e todos os que estão ao seu redor fossem seus amigos e morressem de vontade de te ouvir.

— Entendido — disse Fate —, mando depois de amanhã.

— Se houver alguma coisa que você não entenda, não se preocupe, procuraremos editar aqui como se você tivesse passado a vida toda perto de um ringue.

— Está bem, entendido — disse Fate.

Ao sair do quarto viu do alpendre três garotos louros, quase albinos, brincando com uma bola branca, um balde vermelho e pás de plástico vermelhas. O mais velho devia ter cinco

anos e o menor três. Não era um lugar seguro para criança brincar. Num descuido podiam tentar atravessar a estrada e um caminhão podia atropelá-los. Olhou para os lados: sentada num banco de madeira, à sombra, uma mulher muito loura de óculos escuros vigiava os meninos. Cumprimentou-a. A mulher fitou-o por um segundo e fez um gesto com o queixo como se não pudesse desviar a vista das crianças.

Fate desceu a escada e entrou no carro. O calor lá dentro era insuportável, ele abriu as duas janelas. Sem saber por quê, pensou outra vez na mãe, na forma como ela o vigiava quando era criança. Ao ligar o motor do carro um dos garotos albinos se levantou e ficou olhando para ele. Fate sorriu para o garoto e cumprimentou-o com a mão. O menino deixou a bola cair e se perfilou como um militar. Ao dirigir o carro para a saída do motel, o menino levou a mão direita à sobancelha e se manteve assim até o carro de Fate se perder rumo ao sul.

Enquanto dirigia voltou a pensar na mãe. Viu-a andando, viu-a de costas, viu sua nuca enquanto ela assistia a um programa de tevê, ouviu sua risada, viu-a lavar pratos na pia. Seu rosto, no entanto, permaneceu na sombra o tempo todo, como se de alguma maneira ela já estivesse morta ou como se lhe dissesse, com gestos e não com palavras, que os rostos não eram importantes nem nesta vida nem na outra. No Sonora Resort não encontrou nenhum jornalista e teve de perguntar ao recepcionista como se chegava à Arena. Quando chegou ao ginásio notou certo rebuliço. Perguntou a um engraxate que tinha se instalado num dos corredores o que estava acontecendo e o engraxate respondeu que o boxeador americano tinha chegado.

Encontrou Count Pickett no ringue, vestindo paletó e gravata e exibindo um largo e confiante sorriso. Os fotógrafos disparavam suas câmeras e os jornalistas que rodeavam o ringue o chamavam pelo nome de batismo e lhe faziam perguntas. Quando você acha que vai lutar pelo título? É verdade que Jesse Brentwood tem medo de você? Quanto recebeu para vir a Santa Teresa? É verdade que você se casou em segredo em Las Vegas? O manager de Pickett estava a seu lado. Era um sujeito gordo e baixote, e era ele que respondia a quase todas as perguntas. Os jornalistas mexicanos se dirigiam a ele em espanhol e o chamavam pelo nome, Sol, senhor Sol, e o senhor Sol respondia a eles em espanhol, às vezes ele também chamava pelo nome os jornalistas mexicanos. Um jornalista americano, um sujeito grande de cara quadrada, perguntou se era politicamente correto trazer Pickett para lutar em Santa Teresa.

— O que quer dizer politicamente correto? — perguntou o manager.

O jornalista ia responder, mas o manager se antecipou.

— O boxe — disse — é um esporte, e o esporte, como a arte, está além da política. Não misturemos esporte com política, Ralph.

— Se te interpretei corretamente — disse o tal Ralph —, você não tem medo de trazer Count Pickett a Santa Teresa.

— Count Pickett não tem medo de ninguém — disse o manager.

— Está para nascer quem é capaz de me derrotar — disse Count Pickett.

— Bom, Count é um homem, está na cara. A pergunta seria então: veio alguma mulher

em seu grupo? — perguntou Ralph.

Um jornalista mexicano que estava na outra extremidade se levantou e o mandou à puta que pariu. Outro que não estava longe de Fate gritou que não insultasse os mexicanos se não quisesse levar uma porrada na cara.

— Cala a boca, cabra, senão te quebro a cara.

Ralph pareceu não ouvir os insultos e continuou de pé, com aparência tranquila, esperando a resposta do manager. Uns jornalistas americanos que estavam num canto do quadrilátero, junto de uns fotógrafos, olharam para o manager com ar de interrogação. O manager pigarreou e disse:

— Não veio nenhuma mulher com a gente, Ralph, você sabe que nunca viajamos com mulheres.

— Nem mesmo a senhora Alversohn?

O manager deu uma risada e alguns jornalistas o imitaram.

— Você sabe muito bem que minha mulher não gosta de boxe, Ralph — disse o manager.

— De que diabos estavam falando? — Fate perguntou a Chucho Flores enquanto lanchavam num bar próximo do ginásio Arena do Norte.

— Dos assassinatos de mulheres — respondeu Chucho Flores com desânimo. — Florescem — disse. — A cada certo tempo florescem e voltam a ser notícia, e os jornalistas falam deles. As pessoas também tornam a falar deles e a história cresce como uma bola de neve até sair o sol, aí a merda da bola se derrete, todos se esquecem e voltam ao trabalho.

— Voltam ao trabalho? — perguntou Fate.

— As porras dos assassinatos são como uma greve, amigo, uma porra de greve selvagem.

A equivalência entre assassinatos de mulheres e greve era curiosa. Mas assentiu com a cabeça e não disse nada.

— Esta cidade é uma cidade completa, redonda — disse Chucho Flores. — Temos de tudo. Fábricas, maquiladoras, um índice de desemprego muito baixo, um dos mais baixos do México, um cartel de cocaína, um fluxo constante de trabalhadores que vêm de outras cidades, emigrantes centro-americanos, um projeto urbanístico incapaz de suportar a taxa de crescimento demográfico, temos dinheiro e também há muita pobreza, temos imaginação e burocracia, violência e vontade de trabalhar em paz. Só nos falta uma coisa — disse Chucho Flores.

Petróleo, pensou Fate, mas não disse.

— O que é que falta? — perguntou.

— Tempo — respondeu Chucho Flores. — Falta a porra do tempo.

Tempo para quê?, pensou Fate. Tempo para que esta merda, a meio caminho entre um cemitério esquecido e um lixão, se transforme numa espécie de Detroit? Ficaram um momento sem falar. Chucho Flores tirou um lápis do paletó e um caderninho e pôs-se a desenhar rostos de mulher. Fazia-o com extrema rapidez, totalmente absorto, e também, Fate achou, com certo talento, como se antes de ser jornalista esportivo Chucho Flores houvesse

estudado desenho e passado muitas horas fazendo esboços de modelo vivo. Nenhuma das suas mulheres sorria. Algumas estavam de olhos fechados. Outras eram velhas e olhavam para os lados, como se esperassem alguma coisa ou como se alguém acabasse de chamá-las pelo nome. Nenhuma era bonita.

— Você tem talento — disse Fate quando Chucho Flores iniciava seu sétimo retrato.

— Isso não é nada — disse Chucho Flores.

Depois, basicamente porque continuar falando do talento do mexicano lhe causava certo embaraço, perguntou pelas mortas.

— Na maioria são trabalhadoras das maquiladoras. Mocinhas de cabelo comprido. Mas isso não é necessariamente a marca do assassino, em Santa Teresa quase todas as moças usam cabelo comprido — disse Chucho Flores.

— É um assassino só? — perguntou Fate.

— É o que dizem — respondeu Chucho Flores sem parar de desenhar. — Prenderam umas pessoas. Há alguns casos solucionados. Mas a lenda diz que o assassino é um só e além do mais impossível de pegar.

— Quantas mortas há?

— Não sei — respondeu Chucho Flores —, muitas, mais de duzentas.

Fate observou como o mexicano começava a esboçar o nono retrato.

— São muitas para uma pessoa só — disse.

— Pois é, amigo, demais, até para um assassino mexicano.

— E como são mortas? — perguntou Fate.

— Isso não está nada claro. Desaparecem. Evaporam no ar, num piscar de olhos. E um tempo depois, o corpo delas aparece no deserto.

* Bar onde se toma *pulque*, bebida feita a partir do agave (teor alcoólico semelhante ao da cerveja). (N. T.)

Enquanto dirigia rumo ao Sonora Resort, onde pensava conferir suas mensagens eletrônicas, ocorreu a Fate que muito mais interessante do que a luta Pickett-Fernández era fazer uma reportagem sobre as mulheres assassinadas. Escreveu dizendo isso a seu chefe de seção. Pediu para ficar mais uma semana na cidade e que mandassem um fotógrafo. Depois saiu para beber alguma coisa no bar, onde se juntou a uns jornalistas americanos. Falavam do combate e todos concordavam que Fernández não ia durar mais de quatro rounds. Um deles contou a história do boxeador mexicano Hércules Carreño. Era um sujeito que media quase dois metros. Coisa nada comum no México, onde as pessoas são geralmente baixinhas. Esse Hércules Carreño, além do mais, era forte, trabalhava carregando sacos no mercado ou num açougue, e alguém o convenceu a se dedicar ao boxe. Começou tarde. Digamos que com vinte e cinco anos. Mas no México não abundam pesos-pesados e ele ganhava todos os combates. O México é um país que dá bons pesos-galos, bons moscas, bons penas, às vezes, em poucas ocasiões, algum leve, mas não pesados nem meio-pesados. É uma questão de tradição e de alimentação. Uma questão de morfologia. Agora têm um presidente da República que é mais alto que o presidente dos Estados Unidos. É a primeira vez que isso acontece. Pouco a pouco os presidentes do México serão cada vez mais altos. Antes era impensável. Um presidente do México costumava bater, no melhor dos casos, no ombro de um presidente da América. Às vezes a cabeça de um presidente do México estava apenas uns centímetros acima do umbigo de um presidente nosso. Era essa a tradição. Agora, no entanto, a classe alta mexicana está mudando. São cada vez mais ricos e costumam buscar esposas ao norte da fronteira. Chamam a isso *melhorar a raça*. Um anão mexicano manda seu filho anão estudar numa universidade da Califórnia. O rapaz tem grana e faz o que quer, e isso impressiona algumas estudantes. Não há lugar nenhum na Terra em que haja mais idiotas por metro quadrado do que numa universidade da Califórnia. Resultado: o rapaz obtém um diploma e consegue uma esposa que vai morar no México com ele. Dessa forma os netos do anão mexicano deixam de ser anões, adquirem uma estatura mediana e de passagem branqueiam. Esses netos, chegada a hora, realizam o mesmo périplo iniciático do pai. Universidade americana, esposa americana, filhos cada vez mais de maior estatura. A classe alta mexicana, de fato, está fazendo, por sua conta e risco, o que fizeram os espanhóis, só que ao contrário. Os espanhóis, lascivos e pouco previdentes, se misturaram com as índias, estupraram-nas, impuseram-lhes à força sua religião e acreditaram que dessa maneira o país se tornaria branco. Os espanhóis acreditavam no branco bastardo. Superestimavam seu sêmen. Mas se enganaram. Nunca dá para estuprar tanta gente. É matematicamente impossível. O corpo não aguenta. Você se esgota. Além do mais, eles estupravam de *baixo* para *cima*, quando o mais prático, está demonstrado, é estuprar de *cima* para baixo. O sistema dos espanhóis teria dado algum resultado se eles houvessem sido capazes de estuprar suas próprias filhas bastardas e, depois, suas netas bastardas e até suas bisnetas bastardas. Mas quem tem vontade de estuprar alguém quando fez setenta anos e mal consegue ficar de pé? O resultado é visível. O sêmen dos espanhóis, que se acreditavam titãs, se perdeu na massa amorfa dos milhares de índios. Os primeiros bastardos, os que tinham cinquenta por cento de sangue de cada raça, tocaram o país, foram os secretários, os soldados, os pequenos

comerciantes, os fundadores de novas cidades. E continuaram estuprando, mas o fruto, já desde então, começou a decair, pois as índias que eles estupraram deram à luz mestiços com uma porcentagem menor ainda de sangue branco. E assim por diante. Até chegar a esse boxeador, Hércules Carreño, que no início ganhava lutas, ou porque seus rivais eram mais fracos que ele, ou porque alguém trapaceava nos combates, o que envaideceu alguns mexicanos, que começaram a se gabar de ter um campeão autêntico nas categorias pesadas e que um belo dia levaram aos Estados Unidos e fizeram lutar contra um irlandês bêbado, depois contra um negro drogado, depois contra um russo gorducho, dos quais ganhou, o que encheu os mexicanos de felicidade e de soberba: já tinham, pois, seu campeão passeando pelos grandes circuitos. Acertaram então uma peleja contra Arthur Ashley, em Los Angeles, não sei se alguém viu essa peleja, eu vi, Arthur Ashley era chamado de Art, o Sádico. Ganhou o apelido nessa peleja. Do pobre Hércules Carreño não sobrou nada. Desde o primeiro round viu-se que ia ser uma carnificina. Art, o Sádico, boxeava dando-se todo o tempo do mundo, sem nenhuma pressa, procurando o lugar exato onde colocar seus ganchos, fazendo rounds monográficos, o terceiro dedicado unicamente ao rosto, o quarto dedicado unicamente ao fígado. Enfim, Hércules Carreño fez muito, aguentando até o oitavo round. Depois daquela peleja ainda lutou em lugares de terceira categoria. Caía quase sempre no segundo round. Depois procurou trabalho como segurança de discoteca, mas estava tão lelé que não durava mais de uma semana nos empregos. Nunca mais voltou ao México. Talvez até tivesse esquecido que era mexicano. Os mexicanos, claro, se esqueceram dele. Dizem que virou mendigo e que um dia morreu debaixo de um viaduto. O orgulho das categorias pesadas mexicanas, disse o jornalista.

Os outros riram, depois fizeram cara de circunstância. Vinte segundos de silêncio para recordar o infortunado Carreño. Os rostos, repentinamente sérios, provocaram em Fate a sensação de um baile de máscaras. Por um brevíssimo instante lhe faltou ar, viu o apartamento vazio da mãe, teve a premonição de duas pessoas fazendo amor num quarto que dava dó, tudo ao mesmo tempo, um tempo definido pela palavra climatérico. Você é o quê, publicitário da Ku Klux Klan?, Fate perguntou a ele. Bom, bom, bom, mais um crioulo suscetível, disse o jornalista. Fate tentou chegar junto dele para lhe dar, pelo menos, um murro (nem sonhar com uma bofetada), mas os jornalistas que rodeavam o colega que havia contado a história não permitiram. É só uma brincadeira, ouviu alguém dizer. Todos somos americanos. Aqui não tem ninguém da Klan. Pelo menos é o que creio. Depois ouviu mais risos. Quando se acalmou e foi sentar sozinho num canto do bar um dos jornalistas que estavam escutando a história de Hércules Carreño se aproximou dele e lhe estendeu a mão.

— Chuck Campbell, da *Sport Magazine* de Chicago.

Fate apertou a mão dele e disse o próprio nome e o nome de sua revista.

— Ouvi dizer que tinham matado o correspondente de vocês — disse Campbell.

— É verdade — respondeu Fate.

— História de rabo de saia, imagino — disse Campbell.

— Não sei — disse Fate.

— Conheci Jimmy Lowell — disse Campbell —, nós nos encontramos pelo menos umas

quarenta vezes, que é mais do que posso dizer de algumas amantes e até de alguma esposa. Era uma boa pessoa. Gostava de cerveja e gostava de comer bem. Um homem com muito trabalho, dizia, precisa comer muito e a comida precisa ser boa. Viajamos juntos de avião algumas vezes. Jimmy Lowell dormia a viagem toda e só acordava para comer e contar alguma história. Na realidade não gostava muito de boxe, seu esporte era o beisebol, mas na revista de vocês cobria todos os esportes, inclusive tênis. Nunca tratou mal ninguém. Respeitava e se fazia respeitar. Você não tem a mesma opinião?

— Nunca vi o Lowell na vida — respondeu Fate.

— Não leve a mal o que acaba de ouvir, rapaz — disse Campbell. — Ser correspondente de esportes é chato e você solta disparates sem pensar duas vezes, ou muda as histórias para não se repetir. Às vezes, sem querer, dizemos barbaridades. O cara que contou a história do boxeador mexicano não é má pessoa. É um cara civilizado e bastante aberto em relação a outros. O que acontece é que às vezes, para matar o tempo, bancamos o cafajeste. Mas não fazemos isso a sério — disse Campbell.

— De minha parte não há problema — disse Fate.

— Em que round acha que Count Pickett vai ganhar?

— Não sei — respondeu Fate —, ontem eu vi Merolino Fernández treinando na concentração e não me pareceu um perdedor.

— Vai à lona antes do terceiro — disse Campbell.

Outro jornalista perguntou onde ficava a concentração de Fernández.

— Não muito longe da cidade — disse Fate —, mas a verdade é que não sei, não fui sozinho, uns mexicanos me levaram.

Quando Fate ligou novamente o computador encontrou a resposta do seu chefe de seção. Não havia nem interesse nem dinheiro para levar adiante uma reportagem como a que ele propunha. Sugeriu que se limitasse a realizar o encargo do chefe da seção de esportes e depois saísse imediatamente de lá. Fate falou com um recepcionista do Sonora Resort e pediu uma ligação para Nova York.

Enquanto esperava o telefonema se lembrou de suas reportagens que tinham sido rejeitadas. A mais recente tinha sido sobre um grupo político do Harlem chamado Irmandade de Maomé. Conheceu-os durante uma manifestação em apoio à Palestina. A manifestação era bem variada e podiam se ver grupos de árabes, velhos militantes da esquerda nova-iorquina, novos militantes antiglobalização. A Irmandade de Maomé, no entanto, chamou a atenção de imediato porque desfilava debaixo de um grande retrato de Osama bin Laden. Todos eram negros, todos iam vestidos com casacos de couro preto, boinas pretas e óculos escuros, algo que lembrava vagamente os Panteras, só que os Panteras eram adolescentes e os que não eram adolescentes tinham uma pinta juvenil, uma aura de juventude e de tragédia, enquanto os da Irmandade de Maomé eram homens-feitos, de ombros largos e bíceps enormes, gente que havia passado horas e horas na academia, levantando peso, gente com vocação para guarda-costas, mas guarda-costas de quem?,

verdadeiros armários humanos cuja presença era intimidante, embora na manifestação não fossem mais de vinte, pode ser até que menos, mas o retrato de Bin Laden exercia, sabe lá como, um efeito multiplicador, em primeiro lugar porque fazia menos de seis meses que havia sido cometido o atentado contra o World Trade Center, e desfilar com Bin Laden, mesmo que somente de forma iconográfica, era uma provocação extrema. Claro, não foi somente Fate que se deu conta da presença exígua e desafiante da Irmandade: as câmeras de televisão os seguiram, entrevistaram seu porta-voz, os fotógrafos de vários jornais registraram a presença daquele grupo que parecia pedir aos gritos que fosse reprimido.

Fate observou-os de longe. Viu-os falar com as televisões e com algumas rádios locais, viu-os gritar, viu-os desfilar entre a multidão e seguiu-os. Antes que a manifestação começasse a se dissolver, os membros da Irmandade de Maomé abandonaram-na num movimento planejado com antecedência. Um par de furgões os aguardava numa esquina. Só então Fate se deu conta de que não eram mais de quinze. Eles correram. Ele correu até eles. Disse que queria entrevistá-los para a sua revista. Conversaram junto dos furgões, num beco. O que parecia ser o chefe, um sujeito alto e gordo, de cabeça rapada, perguntou para que revista ele trabalhava. Fate disse e o sujeito olhou-o com um sorriso debochado.

— Ninguém lê essa revista de merda — falou.

— É uma revista de irmãos — disse Fate.

— Essa merda de revista de irmãos só avacalha os irmãos — disse o sujeito sem parar de sorrir. — Ficou *antiquada*.

— Não acho — disse Fate.

Um ajudante de cozinha chinês saiu para jogar fora vários sacos de lixo. Um árabe observou-os da esquina. Rostos desconhecidos e distantes, pensou Fate enquanto o sujeito que parecia o chefe lhe dizia uma hora, uma data, um lugar no Bronx onde se veriam uns dias depois.

Fate não faltou ao encontro. Aguardavam-no três membros da Irmandade e um furgão preto. Foram até um porão perto de Baychester. Lá os esperava o gordo de cabeça rapada. Disse que o chamasse de Khalil. Os outros não disseram seus nomes. Khalil falou da Guerra Santa. Me explique que diabos quer dizer Guerra Santa, disse Fate. A Guerra Santa fala de nós quando nossas bocas se secaram, disse Khalil. A Guerra Santa é a palavra dos mudos, dos que perderam a língua, dos que nunca souberam falar. Por que vocês se manifestavam contra Israel?, perguntou Fate. Os judeus nos oprimem, respondeu Khalil. Nunca, jamais, um judeu pertenceu à Ku Klux Klan, disse Fate. Isso era o que os judeus queriam nos fazer crer. Na realidade a Klan está em toda parte. Em Tel-Aviv, em Londres, em Washington. Muitos chefes da Klan são judeus, disse Khalil. Foi sempre assim. Hollywood está cheio de chefes da Klan. Quem?, perguntou Fate. Khalil avisou que o que diria a partir daquele momento era em off.

— Os magnatas judeus têm bons advogados judeus — falou.

Quem?, perguntou Fate. Citou três diretores de cinema e dois atores. Em seguida teve

uma inspiração. Perguntou: Woody Allen é da Klan? É, respondeu Khalil, veja os filmes dele, viu algum irmão neles? Não, não vi muitos, respondeu Fate. Nenhum, disse Khalil. Por que vocês levavam um cartaz de Bin Laden?, perguntou Fate. Porque Osama bin Laden foi o primeiro a se dar conta da natureza da luta atual. Depois falaram da inocência de Bin Laden, de Pearl Harbor e de quão conveniente havia sido o ataque contra as Torres Gêmeas para certa gente. Gente que trabalha na Bolsa, disse Khalil, gente que tinha documentos comprometedores guardados nos escritórios, gente que vende armas e que precisava de um ato assim. Para vocês, disse Fate, Mohamed Atta era um agente infiltrado da CIA ou do FBI. Onde estão os restos de Mohamed Atta?, Khalil perguntou. Quem pode garantir que Mohamed Atta ia num daqueles aviões? Vou te dizer o que eu acredito. Acredito que Atta está morto. Morreu enquanto o torturavam ou lhe deram um tiro na nuca. Acredito que depois picaram seu corpo em pedacinhos e moeram seus ossos até deixá-los como os restos de um frango. Acredito que depois meteram os ossinhos e os bifes numa caixa, encheram-na de cimento e jogaram-na em algum pântano da Flórida. E fizeram a mesma coisa com os companheiros de Mohamed Atta.

Quem pilotava os aviões, então?, perguntou Fate. Uns loucos da Klan, pacientes sem nome de hospitais psiquiátricos do Meio-Oeste, voluntários hipnotizados para enfrentar o suicídio. Neste país desaparecem milhares de pessoas todos os anos e ninguém tenta encontrá-las. Depois falaram dos romanos, do circo e dos primeiros cristãos que os leões comiam. Mas os leões vão se engasgar com nossa carne negra, disse.

No dia seguinte, Fate os visitou num local do Harlem onde conheceu um tal de Ibrahim, um sujeito de estatura mediana e com a cara cheia de cicatrizes que lhe relatou pormenorizadamente as obras de caridade que a Irmandade realizava no bairro. Almoçaram juntos numa cafeteria que havia ao lado do local. O serviço na cafeteria era feito por uma mulher ajudada por um garoto e na cozinha havia um velho que não parava de cantar. De tarde Khalil juntou-se a eles, e Fate perguntou onde tinham se conhecido. Na prisão, disseram. Os irmãos negros se conhecem na prisão. Falaram sobre os outros grupos muçulmanos do Harlem. Ibrahim e Khalil não tinham uma opinião muito boa deles, mas tentaram ser comedidos e abertos ao diálogo. Os bons muçulmanos mais cedo ou mais tarde terminariam vindo para a Irmandade de Maomé.

Antes de se despedir deles Fate disse que provavelmente nunca os perdoariam por terem desfilado sob a efígie de Osama bin Laden. Ibrahim e Khalil riram. Pareceram a Fate duas pedras negras sacudindo-se de riso.

- Provavelmente nunca *esquecerão* — disse Ibrahim.
- Agora sabem com quem estão tratando — disse Khalil.

O chefe da sua seção disse que esquecesse de escrever uma reportagem sobre a Irmandade.

- Esses negros, quantos são? — perguntou.

- Uns vinte, aproximadamente — disse Fate.
 - Vinte crioulos — falou o chefe de seção. — Pelo menos cinco devem ser agentes do FBI infiltrados.
 - Pode até ser que mais — disse Fate.
 - O que neles pode nos interessar? — perguntou o chefe de seção.
 - A estupidez — respondeu Fate. — A variedade interminável de formas com que destroçamos a nós mesmos.
 - Virou masoquista, Oscar? — perguntou o chefe de seção.
 - Pode ser — admitiu Fate.
 - Você devia trepar mais — disse o chefe de seção. — Sair mais, ouvir mais música, ter amigos e conversar com eles.
 - Pensei nisso — disse Fate.
 - Nisso o quê?
 - Trepar mais — respondeu Fate.
 - Essas coisas não se pensam, se fazem — disse o chefe de seção.
 - Primeiro temos de pensá-las — disse Fate. E acrescentou em seguida: — Tenho sinal verde para a minha reportagem?
- O chefe de seção moveu a cabeça negativamente.
- Nem pensar — falou. — Venda a matéria a uma revista de filosofia, a uma revista de antropologia urbana, escreva, se quiser, um roteiro para o cinema e o merda do Spike Lee que o filme, mas eu não quero publicá-la.
 - Tudo bem — disse Fate.
 - Porra, passearam com um cartaz do Bin Laden, os filhos da puta — exclamou o chefe de seção.
 - É preciso ter culhões para isso — disse Fate.
 - É preciso ter culhões de concreto armado e, ainda por cima, ser muito imbecil.
 - Na certa foi ideia de algum infiltrado da polícia — disse Fate.
 - Dá na mesma — rebateu o chefe de seção —, seja a ideia de quem for, é um sinal.
 - Um sinal de quê? — perguntou Fate.
 - De que vivemos num planeta de doidos — disse o chefe de seção.

Quando seu chefe de seção atendeu o telefone, Fate explicou o que estava acontecendo em Santa Teresa. Foi uma explicação sucinta da reportagem. Falou dos assassinatos de mulheres, da possibilidade de que todos os crimes tivessem sido cometidos por uma ou duas pessoas, o que as tornava os maiores assassinos seriais da história, falou do narcotráfico e da fronteira, da corrupção policial e do crescimento desmedido da cidade, garantiu que só precisava de mais uma semana para averiguar o necessário e que depois iria para Nova York e em cinco dias estaria com a reportagem armada.

- Oscar — disse o chefe de seção —, você está aí para cobrir a porra de uma luta de boxe.
- Isso é melhor — respondeu Fate —, a luta é uma piada, o que estou propondo é muito

mais.

— O que você está propondo?

— Um retrato do mundo industrial no Terceiro Mundo — respondeu Fate —, um *aide-mémoire* da situação atual do México, uma panorâmica da fronteira, uma narrativa policial de primeira magnitude, porra.

— Um *aide-mémoire*? — fez o chefe de seção. — Isso é francês, negro? Desde quando você sabe francês?

— Não sei francês — disse Fate —, mas sei o que é a porra de um *aide-mémoire*.

— Eu também sei o que é um puto de um *aide-mémoire* — disse o chefe de seção —, e também sei o que significa *merci* e *au revoir* e *faire l'amour*. E também *coucher avec moi*, você se lembra dessa música, *voulez-vous coucher avec moi, ce soir*? E acho que você, negro, quer *coucher avec moi*, mas sem dizer antes *voulez-vous*, que nesse caso é primordial. Entendeu? Tem que dizer *voulez-vous*, e se não diz se fode.

— Aqui tem matéria para uma grande reportagem — disse Fate.

— Quantos irmãos fodidos estão metidos nesse assunto? — perguntou o chefe de seção.

— De que merda você está falando? — indagou Fate.

— Quantos negros de merda estão com a faca no pescoço? — perguntou o chefe de seção.

— E eu sei lá, estou falando de uma grande reportagem — disse Fate —, não de uma revolta no gueto.

— Ou seja, não tem um puto de um irmão nessa história — fez o chefe de seção.

— Não tem nenhum irmão, mas tem mais de duzentas mexicanas assassinadas, seu filho da puta — disse Fate.

— Que possibilidades tem Count Pickett? — perguntou o chefe de seção.

— Enfie o Count Pickett na porra do seu rabo negro — disse Fate.

— Viu o adversário dele? — indagou o chefe de seção.

— Enfie o Count Pickett na porra do seu cu de veado — replicou Fate —, e peça que ele fique protegendo você, porque quando eu voltar a Nova York vou arrebentar seu rabo a pontapé.

— Você cumpra com o seu dever e não faça ladroeiras com as diárias, negro — disse o chefe de seção.

Fate desligou.

A seu lado, sorrindo para ele, havia uma mulher de jeans e casaco de couro cru. Usava óculos escuros e pendurada no ombro uma bolsa de boa qualidade e uma máquina fotográfica. Parecia uma turista.

— Os assassinatos de Santa Teresa te interessam, é? — perguntou.

Fate encarou-a e demorou a compreender que ela tinha ouvido sua conversa telefônica.

— Eu me chamo Guadalupe Roncal — disse a mulher, estendendo a mão.

Fate apertou-a. Era uma mão delicada.

— Sou jornalista — disse Guadalupe Roncal quando Fate soltou sua mão. — Mas não estou aqui para cobrir a luta. Esse tipo de peleja não me interessa, mas sei que há mulheres que acham o boxe muito sexy. Para dizer a verdade, acho uma coisa vulgar e sem sentido.

Você não pensa assim? Ou gosta de ver como dois homens se esmurram?

Fate deu de ombros.

— Não me responde? Bom, quem sou eu para julgar suas preferências esportivas. Na verdade, nenhum esporte me agrada. Nem boxe, pelos motivos que já dei, nem futebol, nem basquete, nem mesmo atletismo. Você vai se perguntar o que eu faço então num hotel cheio de jornalistas esportivos, em vez de estar em outro lugar mais sossegado, onde não estaria ouvindo cada vez que desço ao bar ou à sala de jantar essas tristes e patéticas histórias de grandes lutas do pretérito mais-que-perfeito? Eu lhe digo se me acompanhar à mesa e beber alguma coisa comigo.

Enquanto a acompanhava passou-lhe pela cabeça que estava em companhia de uma louca ou talvez de uma vigarista, mas Guadalupe Roncal não tinha pinta nem de louca nem de puta, se bem que, na realidade, Fate ignorava como eram as loucas ou as putas mexicanas. Também não tinha pinta de jornalista. Sentaram no terraço do hotel, de onde se via um edifício em construção de mais de dez andares. Outro hotel, informou a mulher com indiferença. Alguns operários, encostados nas vigas ou sentados em pilhas de tijolos, também olhavam para eles, ou foi o que Fate pensou, mas não havia meio de comprovar, pois as figuras que se movimentavam no edifício em construção eram pequenas demais.

— Sou, como já disse, jornalista — falou Guadalupe Roncal. — Trabalho num dos grandes jornais do DF. E me hospedei neste hotel por medo.

— Medo de quê? — perguntou Fate.

— Medo de tudo. Quando a gente trabalha em alguma coisa relacionada com os assassinatos de mulheres de Santa Teresa, acaba ficando com medo de tudo. Medo de que te peguem. Medo de um sequestro. Medo da tortura. Claro, com a experiência o medo se atenua. Mas eu não tenho experiência. Careço de experiência. Sofro de falta de experiência. Inclusive, se o termo existisse, poderia dizer que estou aqui como jornalista secreta. Conheço tudo o que diz respeito aos assassinatos. Mas no fundo sou inexperiente no assunto. Quero dizer que até uma semana atrás este não era o meu assunto. Não estava a par, não havia escrito nada a respeito, e de repente, sem eu esperar nem pedir, puseram na minha mesa o dossiê das mortas e me deram o caso. Quer saber por quê?

Fate fez que sim com a cabeça.

— Porque sou mulher e nós, mulheres, não podemos recusar uma tarefa. Claro, eu já sabia qual tinha sido o destino ou o fim do meu antecessor. Todos no jornal sabíamos. O caso foi muito comentado, quem sabe você conhece. — Fate negou com a cabeça. — Mataram ele, claro. Enfronhou-se demais no assunto e o mataram. Não aqui em Santa Teresa, mas no DF. A polícia disse que foi mais um roubo com desenlace fatal. Quer saber o que aconteceu? Ele tomou um táxi. O táxi arrancou. Ao chegar a uma esquina parou e dois desconhecidos subiram. Durante algum tempo deram voltas por diversos caixas eletrônicos, esvaziando o cartão de crédito do meu antecessor, depois se dirigiram para uma zona da periferia e crivaram ele de facadas. Não é o primeiro jornalista morto pelo que escreve. Entre seus papéis encontrei informações sobre mais dois. Uma mulher, locutora de rádio, que sequestraram no DF, e um chicano que trabalhava para um jornal do Arizona chamado *La*

Raza, que desapareceu. Os dois investigavam os assassinatos de mulheres de Santa Teresa. A locutora de rádio eu conheci na faculdade de jornalismo. Nunca fomos amigas. Pode ser que só tenhamos trocado duas palavras a vida toda. Mas creio que a conheci. Antes de matá-la, eles a estupraram e torturaram.

— Aqui em Santa Teresa? — perguntou Fate.

— Não, cara, no DF. O braço dos assassinos é comprido, muito comprido — disse Guadalupe Roncal com voz sonhadora. — Antes eu trabalhava na seção de notícias locais. Quase nunca assinava minhas notas. Era uma desconhecida absoluta. Quando meu antecessor morreu os chefões do jornal vieram me ver. Me convidaram para almoçar. Claro que pensei que eu tinha feito alguma coisa errada. Ou que um dos dois tinha a intenção de me levar para a cama. Não conhecia nenhum deles. Sabia quem eram, mas nunca tinha falado com eles antes. O almoço foi muito agradável. Muito corretos e educados eles, muito inteligente e observadora eu. Antes eu tivesse causado má impressão. Depois voltamos ao jornal e me pediram que os seguisse, que precisavam falar comigo sobre um assunto importante. Nos trancamos na sala de um deles. A primeira coisa que fizeram foi me perguntar se eu gostaria que aumentassem meu salário. Aí já farejei uma coisa estranha e me senti tentada a dizer que não, mas disse que sim, então eles puxaram um papel e disseram uma soma, que correspondia exatamente a meu salário de jornalista local, depois me olharam nos olhos e disseram outra soma, que era como se me oferecessem um aumento de quarenta por cento. Quase dei um pulo de alegria. Depois me passaram o dossiê montado por meu antecessor e me disseram que a partir daquele momento eu trabalharia única e exclusivamente no caso das mortas de Santa Teresa. Compreendi que se desse pra trás ia perder tudo. Com um fio de voz perguntei por que eu. Porque você é muito inteligente, Lupita, disse um deles. Porque ninguém te conhece, disse o outro.

A mulher suspirou longamente. Fate sorriu, compreensivo. Pediram outro uísque e outra cerveja. Os operários do edifício em construção tinham desaparecido. Estou bebendo demais, disse a mulher.

— Desde que li o dossiê do meu antecessor abuso do uísque, muito mais do que antes, e também abuso da vodca e da tequila, e agora descobri aquela bebida de Sonora, a *bacanora*, e também abuso dela — disse Guadalupe Roncal. — Cada dia tenho mais medo e às vezes não controlo meus nervos. Você, é claro, deve ter ouvido dizer que os mexicanos nunca têm medo. — Riu. — É mentira. Temos muito medo, mas dissimulamos esse medo muito bem. Quando cheguei a Santa Teresa, por exemplo, estava morrendo de medo. Enquanto voava de Hermosillo para cá não teria me importado se o avião se espatifasse. Afinal, dizem que é uma morte rápida. Ainda bem que um colega do DF me deu o endereço deste hotel. Me disse que ele estaria no Sonora Resort para cobrir a luta e que, confundida entre tantos jornalistas esportivos, ninguém se atreveria a aprontar nada comigo. Dito e feito. O problema é que quando a peleja terminar não vou poder ir embora com os jornalistas e vou ter de ficar mais uns dias em Santa Teresa.

— Por quê? — perguntou Fate.

— Preciso entrevistar o principal suspeito dos assassinatos. É um compatriota seu.

— Não sabia — disse Fate.

— Como você queria escrever sobre os crimes se não sabia disso? — perguntou Guadalupe Roncal.

— Pretendia me informar. Na conversa telefônica que você ouviu, o que eu fazia era pedir mais tempo.

— Meu antecessor era a pessoa que mais sabia do caso. Levou sete anos para formar uma ideia geral do que está acontecendo aqui. A vida é de uma tristeza insuportável, não acha?

Guadalupe Roncal acariciou com os indicadores ambas as têmporas, como se sofresse de repente um acesso de dor de cabeça. Murmurou algo que Fate não ouviu, depois tentou chamar o garçom, mas só estavam eles dois no terraço. Quando se deu conta teve um calafrio.

— Preciso ir vê-lo na prisão — falou. — O principal suspeito, seu compatriota, está há dez anos na prisão.

— Como pode ser então o principal suspeito? — perguntou Fate. — Entendi que os crimes continuam a ser cometidos.

— Mistérios do México — disse Guadalupe Roncal. — Gostaria de me acompanhar? Gostaria de vir comigo e fazer uma entrevista? A verdade é que eu me sentiria mais tranquila se um homem me acompanhasse, o que é contraditório com minhas ideias, porque sou feminista. Você tem alguma coisa contra as feministas? É difícil ser feminista no México. Se a mulher tem dinheiro não é tão difícil, mas se é de classe média, é difícil. No começo não, claro, no começo é fácil, na universidade, por exemplo, é muito fácil, mas com o passar dos anos é cada vez mais difícil. Para os mexicanos, fique sabendo, o único encanto do feminismo está na juventude. Mas aqui envelhecemos depressa. Nos envelhecem depressa. Menos mau que ainda sou jovem.

— Você é bem jovem — disse Fate.

— Mesmo assim tenho medo. E preciso de companhia. Esta manhã passei de carro pelos arredores da prisão de Santa Teresa e por pouco não tive um ataque de histeria.

— É tão horrível assim?

— É como um sonho — disse Guadalupe Roncal. — Parece uma prisão viva.

— Viva?

— Não sei como explicar. Mais viva que um edifício de apartamentos, por exemplo. Muito mais viva. Parece, não se espante com o que vou dizer, uma mulher esquartejada. Esquartejada, mas ainda viva. E *dentro* dessa mulher vivem os presos.

— Entendo — disse Fate.

— Não, não acredito que esteja entendendo, mas tanto faz. Você se interessa pelo tema, eu lhe ofereço a possibilidade de conhecer o principal suspeito dos assassinatos e em troca você me acompanha e me protege. Me parece um trato justo e equitativo. Estamos combinados?

— É justo — disse Fate. — E muito amável de sua parte. O que não consigo entender é de que você tem medo. Na prisão ninguém pode fazer mal a você. Pelo menos em tese, quem está preso não faz mal a ninguém. Só fazem mal um ao outro.

— Você nunca viu uma foto do suspeito principal.

— Não — disse Fate.

Guadalupe Roncal olhou para o céu e sorriu.

— Deve estar me achando uma maluca — disse. — Ou uma piranha. Mas não sou nem uma coisa nem outra. Só estou nervosa e ultimamente tenho bebido demais. Acha que estou querendo levar você para a cama, é?

— Não. Acredito no que você me disse.

— Entre os papéis do coitado do meu predecessor havia várias fotos. Algumas do suspeito. Concretamente, três. As três tiradas na prisão. Em duas delas o gringo, desculpe, não quis ofender, está sentado, provavelmente numa sala de visitas e olha para a câmera. Tem cabelos bem louros e olhos bem azuis. Tão azuis que parece cego. Na terceira foto olha para outro lado e está de pé. É enorme e magro, muito magro, mas não parece fragilizado, muito pelo contrário. Seu rosto é o rosto de um sonhador. Não sei se me explico. Não parece incomodado, está na prisão, mas não dá a impressão de estar incomodado. Também não parece sereno ou descansado. Também não parece com raiva. É o rosto de um sonhador, mas de um sonhador que sonha com grande velocidade. Um sonhador cujos sonhos vão mesmo na frente dos nossos sonhos. E isso me mete medo. Entende?

— Para dizer a verdade, não — respondeu Fate. — Mas conte comigo para ir entrevistá-lo.

— Combinado, então — disse Guadalupe Roncal. — Espero você depois de amanhã, na entrada do hotel, às dez. Está bom para você?

— Às dez da manhã. Estarei aqui — disse Fate.

— Às dez a.m. Okey — disse Guadalupe Roncal. Depois deu-lhe um aperto de mão e se foi do terraço. Seu andar, observou Fate, era trôpego.

O resto do dia ele passou bebendo com Campbell no bar do Sonora Resort. Queixaram-se da profissão de jornalista esportivo, um buraco do qual nunca saía um Pulitzer e a quem poucas pessoas davam um valor maior que o de mero testemunho accidental. Depois recordaram seus anos de universidade, os de Fate na Universidade de Nova York, os de Campbell na Universidade de Sioux City, em Iowa.

— Naqueles anos o mais importante para mim era o beisebol e a ética — disse Campbell.

Por um segundo Fate imaginou Campbell de joelhos no canto de um quarto na penumbra, chorando abraçado a uma Bíblia. Mas Campbell logo se pôs a falar de mulheres, de um bar que havia em Smithland, uma espécie de boteco campestre perto do rio Little Sioux, primeiro era preciso chegar a Smithland, depois seguir alguns quilômetros em direção ao leste e ali, debaixo de umas árvores, ficava o bar, e as meninas do bar costumavam atender a camponeses e a alguns estudantes que vinham de carro de Sioux City.

— Fazíamos sempre a mesma coisa — contou-lhe Campbell —, primeiro trepávamos com as meninas, depois íamos para o terreiro jogar beisebol até ficar exaustos e depois, quando começava a anoitecer, enchíamos a cara e cantávamos canções de caubói na varanda do bar.

Ao contrário disso, quando Fate estudava na Universidade de Nova York não costumava

encher a cara nem transar com putas (na verdade, nunca na vida trepou com uma mulher a quem teve de pagar), mas dedicava os dias livres a trabalhar e a ler. Uma vez por semana, aos sábados, frequentava uma oficina de escrita criativa e por um tempo, pouco, não mais de uns meses, imaginou que talvez pudesse se dedicar a escrever ficção, até que o escritor que dirigia a oficina lhe disse que era melhor ele concentrar esforços no jornalismo.

Mas não contou isso a Campbell.

Quando começava a anoitecer chegou Chucho Flores e levou-o consigo. Fate percebeu que Chucho Flores não convidou Campbell a ir com eles. Sem saber por quê, gostou e ao mesmo tempo não gostou daquilo. Rodaram um pouco pelas ruas de Santa Teresa sem rumo fixo, ou assim pareceu a Fate, como se Chucho Flores tivesse alguma coisa a lhe dizer e não encontrasse uma ocasião oportuna. As luzes da iluminação noturna transformaram o rosto do mexicano. Os músculos da cara ficaram tensos. Um perfil bem feio, pensou Fate. Só nesse instante se deu conta de que em algum momento ia ter de voltar para o Sonora Resort porque seu carro havia ficado estacionado lá.

— Não gostaria de ir muito longe — falou.

— Está com fome? — perguntou o mexicano. Fate disse que sim. O mexicano riu e pôs música. Ouviu um acordeão e uns gritos distantes, não de dor nem de felicidade, mas de energia que se bastava a si mesma e se consumia a si mesma. Chucho Flores sorriu e o sorriso ficou incrustado na sua cara, sem parar de guiar e sem olhá-lo nos olhos, fixos na frente, como se lhe houvessem posto no pescoço um colarinho ortopédico de aço, enquanto os uivos iam se aproximando dos microfones e as vozes de uns caras que Fate conjecturou terem pinta de marginais se punham a cantar ou continuavam gritando, menos que no início do CD, e dando vivas não se sabia muito bem ao quê.

— Que é isso? — perguntou Fate.

— Jazz de Sonora — respondeu Chucho Flores.

Quando voltou ao motel eram quatro da manhã. Naquela noite tinha tomado um porre, depois o porre passou e ele tomou outro, e agora, à porta de seu quarto, o porre tinha passado outra vez, como se o que os mexicanos bebessem não fosse álcool de verdade mas água com efeitos hipnóticos de curta duração. Por um instante, sentado na mala do carro, ficou vendo os caminhões passarem pela estrada. A noite estava fresca e cheia de estrelas. Pensou na mãe e no que ela devia pensar durante as noites do Harlem sem debruçar na janela para ver as poucas estrelas que brilhavam, sentada na frente da televisão ou lavando pratos na cozinha, enquanto da tevê ligada saíam risos, negros e brancos rindo, contando piadas que ela talvez achasse engraçadas, se bem que o mais provável é que nem sequer prestasse muita atenção no que diziam, ocupada em lavar os pratos que acabava de sujar, a panela que acabava de sujar, o garfo e a colher que acabava de sujar, com uma tranquilidade que provavelmente, pensou Fate, significa algo mais que simples tranquilidade, ou talvez não, talvez essa tranquilidade só significasse tranquilidade e um pouco de cansaço, tranquilidade e brasas consumidas, tranquilidade e apaziguamento e sono, que finalmente é, o sono, a fonte e também o último

refúgio da tranquilidade. Mas então, pensou Fate, a tranquilidade não é só tranquilidade. Ou o conceito de tranquilidade que temos está errado e a tranquilidade ou os territórios da tranquilidade na realidade não são mais que um indicador de movimento, um acelerador ou um desacelerador, depende.

No dia seguinte, levantou-se às duas da tarde. A primeira coisa de que se lembrou foi que antes de deitar tinha se sentido mal e vomitado. Olhou para ambos os lados da cama, depois foi ao banheiro, mas não encontrou um só vestígio de vômito. No entanto, enquanto dormia, tinha acordado duas vezes, e em ambas as ocasiões sentido cheiro de vômito: um cheiro podre que emanava de todos os cantos do quarto. Estava cansado demais para levantar e abrir as janelas, e continuara a dormir.

Agora o cheiro havia desaparecido e não encontrou um só vestígio de que houvesse vomitado na noite anterior. Tomou uma chuveirada e se vestiu pensando que naquela noite, depois da luta, entraria no carro e voltaria a Tucson, onde tentaria pegar o voo noturno para Nova York. Não ia ao encontro marcado com Guadalupe Roncal. Para que entrevistar o suspeito de uma série de assassinatos se depois não iam publicar a história? Pensou em telefonar e reservar a passagem do motel, mas na última hora decidiu fazer isso mais tarde, de um dos telefones do ginásio Arena ou do Sonora Resort. Depois guardou suas coisas na mala e foi à recepção fechar a conta. Não precisa sair agora, disse o recepcionista, de você eu cobro a mesma coisa se sair à meia-noite. Fate agradeceu e guardou a chave no bolso, mas não tirou a mala do carro.

— Quem você acha que vai ganhar? — perguntou o recepcionista.

— Não sei, nesse tipo de luta pode acontecer qualquer coisa — respondeu Fate como se a vida inteira tivesse sido correspondente esportivo.

O céu era de um azul intenso apenas rajado por algumas nuvens em forma de cilindro que flutuavam nele e avançavam para a cidade.

— Parecem tubos — disse Fate da porta aberta da recepção.

— São cirros — disse o recepcionista —, quando chegarem à avenida principal de Santa Teresa terão desaparecido.

— Curioso — disse Fate sem se mover do umbral —, cirro significa duro, vem do grego *skirrhós*, que significa duro, e se aplica aos tumores, aos tumores duros, mas essas nuvens não têm nenhuma cara de dureza.

— Não — disse o recepcionista —, são nuvens das camadas altas da atmosfera, se descem ou sobem um pouquinho, só um pouquinho, desaparecem.

No ginásio Arena do Norte não encontrou ninguém. A porta principal estava fechada. Nas paredes, cartazes prematuramente envelhecidos anunciavam a peleja Fernández-Pickett. Alguns tinham sido arrancados e, em outros, mãos desconhecidas haviam colado novos cartazes que anunciavam concertos de música, bailes populares e até o cartaz de um circo

que se chamava Circo Internacional.

Fate contornou o edifício. Topou com uma mulher que puxava um carrinho de suco gelado. A mulher tinha cabelos compridos e negros, e vestia uma saia que caía até os tornozelos. Entre os galões de água e os baldes de gelo emergia a cabeça de duas crianças. Ao chegar à esquina a mulher parou e pôs-se a montar uma espécie de guarda-sol com tubos metálicos. As crianças desceram do carrinho e sentaram na calçada encostadas na parede. Fate ficou uns instantes imóvel observando os três e a rua rigorosamente vazia. Quando reiniciou a caminhada apareceu na esquina oposta outro carrinho, e Fate parou novamente. O homem que puxava o novo carrinho cumprimentou a mulher com a mão. Ela apenas mexeu a cabeça em sinal de reconhecimento e começou a tirar de uma das laterais do seu veículo enormes jarra de vidro que foi depositando num aparador portátil. O homem recém-chegado vendia milho e seu carrinho fumegava. Fate descobriu uma porta dos fundos e procurou uma campainha, mas não havia campainha de nenhuma espécie, de modo que teve de bater com os nós dos dedos. As crianças tinham ido até o carrinho de milho e o homem pegou duas espigas, besuntou-as com creme, salpicou queijo, um pouco de chile, e deu-as a eles. Enquanto esperava, Fate pensou que o homem do milho talvez fosse o pai das crianças e que sua relação com a mãe, a mulher do suco, não era boa, na verdade era possível que estivessem divorciados e que só se vissem quando o trabalho os levasse a se encontrar. Mas evidentemente isso não podia ser real, pensou. Tornou a bater e ninguém abriu.

No bar do Sonora Resort encontrou quase todos os jornalistas que iam cobrir o combate. Viu Campbell conversando com um sujeito com pinta de mexicano e se aproximou dele, mas antes de chegar percebeu que Campbell estava trabalhando e não quis interrompê-lo. No balcão, viu Chucho Flores e cumprimentou-o de longe. Chucho Flores estava acompanhado de três sujeitos que pareciam ex-boxeadores e seu cumprimento não foi muito efusivo. Procurou uma mesa vazia no terraço e sentou-se. Por um instante ficou observando as pessoas que se levantavam das mesas e se cumprimentavam com longos abraços ou se gritavam uma pergunta de uma ponta a outra, e viu a movimentação dos fotógrafos que disparavam suas câmeras fazendo e desfazendo grupos à vontade, e o desfile da gente importante de Santa Teresa, rostos que não lhe diziam nada, mulheres jovens e bem-vestidas, homens altos de bota de caubói e terno Armani, jovens de olhos brilhantes e mandíbulas endurecidas que não falavam, que se limitavam a mover a cabeça de forma afirmativa ou negativa, até que se cansou de esperar que o garçom lhe trouxesse uma bebida e foi embora dando cotoveladas, sem olhar para trás, sem se importar em deixar às suas costas dois ou três insultos em espanhol, que não entendeu e que se houvesse entendido também não teriam constituído um pretexto suficiente para retê-lo.

Almoçou num restaurante na zona leste da cidade, num quintal fresco à sombra de uma parreira. No fundo do quintal, junto de uma cerca de arame e sobre o chão de terra batida,

havia três mesas de pebolim. Examinou o cardápio durante alguns minutos, sem entender nada. Depois tentou se explicar por sinais, mas a mulher que o atendia só conseguia sorrir e dar de ombros. Ao cabo de um instante apareceu um homem, mas o inglês que empregava era ainda mais ininteligível. Só entendeu a palavra pão. E a palavra cerveja.

Depois o homem desapareceu e ele ficou sozinho. Levantou-se e foi até a extremidade da parreira, junto das mesas de pebolim. Um dos times tinha camisa branca e calção verde, cabelo preto e a pele de uma cor creme bem pálido. O outro time vestia camisa vermelha, calção preto e todos os jogadores exibiam uma espessa barba. O mais curioso, no entanto, era que os jogadores do time vermelho ostentavam um par de chifres diminutos na testa. As outras duas mesas eram exatamente iguais.

No horizonte viu um morro. O morro era amarelo-escuro e preto. Supôs que do lado de lá ficava o deserto. Sentiu vontade de sair e ir até o morro, mas quando se virou viu que a mulher tinha posto em sua mesa uma cerveja e uma espécie de sanduíche bem fornido. Deu uma mordida e gostou. O sabor era estranho, um pouco picante. Por curiosidade abriu uma das fatias do pão: no sanduíche tinha de tudo. Tomou um longo gole de cerveja e estirou-se na cadeira. Entre as folhas de parreira distinguiu uma abelha imóvel. Dois tênues raios de sol caíam verticais sobre o chão de terra batida. Quando o homem tornou a aparecer perguntou a ele como chegar ao morro. O homem riu. Disse umas tantas palavras que não entendeu, depois disse não bonito, várias vezes.

— Não bonito?

— Não bonito — confirmou o homem, e tornou a rir.

Pegou-o então pelo braço e puxou-o até um cômodo que servia de cozinha e que pareceu a Fate muito bem-arrumado, cada coisa em seu lugar, os ladrilhos brancos da parede sem vestígio de gordura, e apontou para a lata de lixo.

— O morro não bonito? — disse Fate.

O homem tornou a rir.

— O morro é lixo?

O homem não parava de rir. No antebraço esquerdo tinha tatuado um pássaro. Não um pássaro voando, como costumam ser as tatuagens desse tipo, mas um pássaro pousado num galho, um passarinho, provavelmente um pardal.

— O morro é um lixão?

O homem riu mais ainda e moveu a cabeça afirmativamente.

Às sete da tarde, Fate apresentou sua credencial de jornalista e entrou no ginásio Arena do Norte. Tinha muita gente na rua e ambulantes que vendiam comida, refrigerantes, suvenires com motivos pugilísticos. Dentro já haviam começado as lutas preliminares. Um peso-galo mexicano lutava contra outro peso-galo mexicano mas muito pouca gente prestava atenção no combate. O público comprava refrigerantes, conversava, se cumprimentava. Viu, na lateral do ringue, dois câmeras de tevê. Um deles parecia estar gravando o que acontecia no corredor central. O outro estava sentado num banquinho e tentava tirar um bolinho do seu

invólucro de plástico. Avançou por um dos corredores laterais cobertos. Viu gente fazendo apostas, uma mulher alta de vestido justo abraçada por dois homens mais baixos do que ela, tipos que fumavam e tomavam cerveja, tipos de gravata frouxa que fazem sinais com os dedos, ao mesmo tempo, como se jogassem um jogo de criança. Acima do toldo que cobria o corredor ficavam os setores baratos, e lá o bulício era maior ainda. Decidiu dar uma olhada nos vestiários e na sala de imprensa. Nesta última encontrou só dois jornalistas mexicanos que lançaram um olhar agonizante em sua direção. Ambos estavam sentados com a camisa molhada de suor. Na entrada do vestiário de Merolino Fernández viu Omar Abdul. Cumprimentou-o mas o sparring fingiu não reconhecê-lo e continuou falando com uns mexicanos. Os que estavam perto da porta falavam de sangue, ou foi o que Fate acreditou entender.

— De que estão falando? — perguntou a eles.

— De touros — respondeu em espanhol um dos mexicanos.

Quando se afastava ouviu que o chamavam pelo nome. *Señor Fate*. Virou-se e deu com o largo sorriso de Omar Abdul.

— Não cumprimenta mais os amigos, negro?

Ao observá-lo de perto percebeu que estava com os dois pômulos roxos.

— Pelo visto Merolino treinou bem — falou.

— Ossos do ofício — disse Omar Abdul.

— Posso falar com o seu chefe?

Omar Abdul olhou para trás, para a porta de entrada do vestiário, depois meneou a cabeça dizendo que não.

— Se eu deixasse você entrar, irmão, precisaria deixar entrar todas aquelas bichas.

— São jornalistas?

— Alguns são jornalistas, irmão, mas a maioria só quer tirar uma foto com Merolino, tocar as mãos e os bagos dele.

— E como vão as coisas com você?

— Não me queixo, não me queixo demais — respondeu Omar Abdul.

— Aonde pensa ir depois do combate?

— Comemorar, imagino — respondeu Omar Abdul.

— Não, não estou falando de hoje à noite mas depois que tudo isso acabar — disse Fate.

Omar Abdul sorriu. Um sorriso de confiança e de desafio. O sorriso do gato de Cheshire, supondo-se que o gato de Cheshire não estivesse trepado no galho de uma árvore, mas estivesse num descampado debaixo de um temporal. Um sorriso, pensou Fate, de jovem negro, mas também um sorriso *tão* americano.

— Não sei — falou —, procurar um trabalho, passar uma temporada em Sinaloa, à beira-mar, veremos.

— Boa sorte — disse Fate.

Quando já se afastava ouviu Omar lhe dizer: sorte é do que Count Pickett vai precisar esta noite. Ao retornar para o interior do ginásio outros dois boxeadores estavam no ringue e quase não havia mais assentos livres. Avançou pelo corredor principal até a fila destinada à

imprensa. Sua cadeira estava ocupada por um gordo que olhou para ele sem entender o que ele dizia. Mostrou o ingresso, o cara se levantou e remexeu os bolsos do paletó até encontrar o dele. Os dois tinham o mesmo número. Fate sorriu e o gordo sorriu. Nesse momento um dos boxeadores derrubou seu oponente com um gancho e muitos dos presentes no ginásio se puseram de pé e gritaram.

— O que vamos fazer? — Fate perguntou ao gordo. O gordo deu de ombros e acompanhou com os olhos a contagem do juiz. O boxeador caído se levantou e o público tornou a gritar.

Fate ergueu a mão, com a palma voltada para o gordo, e se retirou. Quando retornou ao corredor principal ouviu alguém chamá-lo. Olhou para todos os lados mas não viu ninguém. Fate, Oscar Fate, gritaram. O boxeador que acabava de se levantar abraçou seu oponente. Este tentou se livrar do clinch desferindo uma saraivada de golpes no abdome do outro enquanto recuava. Aqui, Fate, aqui, gritaram. O juiz desfez o clinch. O boxeador que acabava de se levantar fez que ia atacar mas recuou em passos lentos à espera do gongo. Seu oponente também recuou. O primeiro estava de calção branco, com o rosto coberto de sangue. O segundo vestia um calção com listas pretas, roxas e vermelhas, e parecia surpreso que o outro ainda não estivesse na lona. Oscar, Oscar, estamos aqui, gritaram. Quando soou o gongo, o juiz se dirigiu ao canto do boxeador de calção branco e pediu com gestos que o médico subisse. O médico, ou lá o que fosse, examinou um supercílio do boxeador e disse que o combate podia continuar.

Fate se virou e tentou localizar quem o chamava. A maioria dos espectadores tinha se levantado e ele não conseguiu enxergar ninguém. Quando começou o round seguinte, o boxeador de calção listado avançou disposto a obter a vitória por nocaute. Nos primeiros segundos o outro o enfrentou, mas logo se abraçou a ele. O juiz os separou várias vezes. O ombro do boxeador de calção listado estava manchado com o sangue do outro. Fate rumou lentamente para os lugares junto do ringue. Viu Campbell lendo uma revista de basquete, viu outro jornalista americano tomando notas despreocupadamente. Um dos câmeras tinha instalado seu aparelho num tripé e o rapaz da iluminação que estava a seu lado mascava chiclete e dava de vez em quando uma espiada nas pernas de uma senhorita sentada na primeira fila.

Ouviu outra vez seu nome e se virou. Acreditou ver uma loura que lhe fazia sinais com as mãos. O boxeador de calção branco foi à lona de novo. O protetor bucal saltou dos seus lábios e atravessou o ringue até parar bem ao lado de onde Fate estava. Por um instante pensou em se agachar e pegá-lo, mas ficou com nojo e continuou sem se mexer, olhando para o corpo prostrado do boxeador que ouvia a contagem do juiz e depois, antes que este marcassem com os dedos o número nove, tornava a se levantar. Vai lutar sem protetor, pensou, e então se agachou e procurou o protetor, mas não encontrou. Quem terá pegado?, pensou. Quem diabo terá pegado a merda do protetor se não me mexi e não vi ninguém pegar?

Quando a peleja terminou, tocou nos alto-falantes uma música que reconheceu como

uma das que Chucho Flores havia definido como jazz de Sonora. Os espectadores dos setores mais baratos soltaram gritos de júbilo, depois começaram a cantar a canção. Três mil mexicanos encarapitados na galeria do ginásio Arena cantando em uníssono a mesma canção. Fate tentou enxergá-los mas a iluminação, focalizada no centro, deixava aquele setor às escuras. O tom das vozes, lhe pareceu, era grave e desafiante, um hino de guerra perdida interpretado no escuro. Na gravidade só havia desesperança e morte, mas no desafio era possível perceber a ponta de um humor corrosivo, um humor que só existia em função de si mesmo e dos sonhos, sem importar a duração que eles tivessem. Jazz de Sonora. Nos lugares de baixo alguns também entoavam a canção, mas não eram muitos. A maioria preferia conversar ou tomar cerveja. Viu um garoto de camisa branca e calça preta disparar corredor abaixo. Viu o ambulante que vendia cerveja avançar corredor acima cantarolando a canção. Uma mulher de mãos na cintura ria do que lhe dizia um homem baixinho de bigode diminuto. O baixinho gritava mas sua voz mal se ouvia. Um grupo de homens dava a impressão de conversar só com o movimento das mandíbulas (e estas só exprimiam desprezo ou indiferença). Um sujeito olhava para o chão, falando sozinho e sorrindo. Todo mundo parecia feliz. Justo nesse momento, como se tivesse uma revelação, Fate compreendeu que quase todos os que estavam no ginásio Arena acreditavam que Merolino Fernández ia ganhar a peleja. O que os levava a ter semelhante certeza? Por um momento acreditou saber por quê, mas a ideia lhe escapou como água das mãos. Melhor assim, pensou, pois a sombra escorregadia daquela ideia (outra ideia tola) talvez fosse capaz de destruí-lo com uma só patada.

Então, por fim, viu-os. Chucho Flores lhe dizia por meio de sinais que fosse sentar com eles. Reconheceu a loura que estava a seu lado. Ele a tinha visto antes, mas agora estava mais bem-vestida. Comprou uma cerveja e abriu caminho entre as pessoas. A loura lhe deu um beijo no rosto. Disse seu nome, que ele já tinha esquecido. Rosa Méndez. Chucho Flores lhe apresentou os outros dois: um sujeito que ele nunca havia visto, chamado Juan Corona, que Fate pensou ser mais um jornalista, e uma mulher jovem e extremamente bonita, chamada Rosa Amalfitano. Este é Charly Cruz, o rei dos vídeos, que você já conhece, disse Chucho Flores. Charly Cruz estendeu a mão. Era o único que continuava sentado, alheio à movimentação do ginásio. Todos estavam muito bem-vestidos, como se depois do combate planejassem ir a um baile de gala. Uma das cadeiras estava vazia e Fate sentou, depois que os outros tiraram delas seus paletós e casacos. Perguntou se esperavam alguém.

— Sim, esperávamos uma amiga — respondeu Chucho Flores no ouvido —, mas na última hora parece que desistiu.

— Se ela chegar, não tem problema — disse Fate —, eu levanto e vou embora.

— Não, homem, fique aqui com os amigos — disse Chucho Flores.

Corona perguntou de que parte dos Estados Unidos era. Nova York, respondeu Fate. E qual o seu trabalho? Jornalista. Depois do que, o inglês de Corona se esgotou e ele não perguntou mais nada.

— Você é o primeiro negro que conheço — disse Rosa Méndez.

Charly Cruz traduziu. Fate sorriu, Rosa Méndez também sorriu.

— Adoro Denzel Washington — falou.

Charly Cruz traduziu e Fate tornou a sorrir.

— Nunca tinha sido amiga de um negro — disse Rosa Méndez —, só vi na tevê e às vezes na rua, mas na rua não tem muitos negros.

Charly Cruz disse que Rosita era assim mesmo, boa gente e um pouquinho inocente. Fate não entendeu o que ele queria dizer com um pouquinho inocente.

— A verdade é que no México tem poucos negros — disse Rosa Méndez. — Os poucos que existem vivem em Veracruz. Conhece Veracruz?

Charly Cruz traduziu. Disse que Rosita queria saber se ele estivera alguma vez em Veracruz. Não, nunca estive, disse Fate.

— Nem eu. Passei por lá uma vez, quando tinha quinze anos — disse Rosa Méndez —, mas esqueci de tudo. É como se tivesse acontecido alguma coisa ruim em Veracruz e meu cérebro tivesse apagado, entende?

Desta vez foi Rosa Amalfitano quem traduziu. Enquanto traduzia não sorria como Charly Cruz, apenas se limitou a traduzir o que a outra mulher tinha dito, com a maior seriedade.

— Entendo — disse Fate sem entender nada.

Rosa Méndez olhava para ele nos olhos e ele teria sido incapaz de dizer se a mulher estava de gozação ou compartilhando com ele um segredo íntimo.

— Deve ter acontecido alguma coisa comigo — disse Rosa Méndez —, porque a verdade é que não me lembro de nada. Sei que estive lá, não muitos dias, talvez três ou só dois, mas não guardo a mais mínima lembrança da cidade. Isso já aconteceu com você?

Provavelmente comigo também, pensou Fate, mas em vez de admitir perguntou se ela gostava de boxe. Rosa Amalfitano traduziu a pergunta e Rosa Méndez disse que às vezes, só às vezes, era excitante, principalmente quando lutava um boxeador bonito.

— E você? — perguntou à que sabia inglês.

— Eu não ligo — respondeu Rosa Amalfitano —, é a primeira vez que venho a uma coisa assim.

— A primeira vez? — exclamou Fate sem lembrar que também não era um entendido em boxe.

Rosa Amalfitano sorriu e fez que sim com a cabeça. Depois acendeu um cigarro e Fate aproveitou para olhar em outra direção, e encontrou os olhos de Chucho Flores que o fitava como se nunca o houvesse visto. Bonita moça, disse Charly Cruz a seu lado. Fate comentou que fazia calor. Uma gota de suor escorria pela têmpora direita de Rosa Méndez. Ela usava um vestido decotado que deixava ver dois grandes peitos e o sutiã creme. Um brinde ao Merolino, disse Rosa Méndez. Charly Cruz, Fate e Rosa Méndez entrecrocaram suas garrafas de cerveja. Rosa Amalfitano se juntou ao brinde com um copo de papel onde provavelmente havia água, vodka ou tequila. Fate pensou em perguntar a ela, mas a pergunta logo lhe pareceu de uma insensatez descomunal. A esse tipo de mulher não se fazem essas perguntas. Chucho Flores e Corona eram os únicos do grupo que permaneciam de pé, como

se ainda não houvessem perdido a esperança de ver aparecer a moça do assento vazio. Rosa Méndez perguntou a Fate se gostava muito ou demais de Santa Teresa. Rosa Amalfitano traduziu. Fate não entendeu a pergunta. Rosa Amalfitano sorriu. Fate pensou que sorria como uma deusa. A cerveja lhe caiu mal, cada vez mais amarga e mais morna. Sentiu-se tentado a pedir um gole do copo da moça, mas isso, sabia muito bem, era algo que jamais faria.

— Muito ou demais? Qual é a resposta correta?

— Acho que demais — disse Rosa Amalfitano.

— Nesse caso, demais — disse Fate.

— Já foi às touradas? — perguntou Rosa Méndez.

— Não — respondeu Fate.

— E ao futebol? E ao beisebol? E ver jogar nossa equipe de basquete?

— Sua amiga se interessa muito por esportes — comentou Fate.

— Não muito — respondeu Rosa Amalfitano —, só tenta puxar um pouco de conversa com você.

Só conversa?, pensou Fate. Tá bem, só procura parecer idiota ou natural. Não, só procura ser simpática, pensou, mas também intuiu que havia outra coisa.

— Não fui a nenhum desses lugares — disse Fate.

— Você não é jornalista esportivo? — perguntou Rosa Méndez.

Ah, pensou Fate, ela não procura parecer idiota nem natural, nem sequer procura parecer simpática, ela acha que sou jornalista esportivo e portanto me interessa por esse tipo de eventos.

— Sou um jornalista esportivo acidental — disse Fate, e explicou às duas Rosas e a Charly Cruz a história do correspondente esportivo titular, da sua morte e de como o mandaram cobrir a peleja Pickett-Fernández.

— E sobre o que você escreve então? — perguntou Charly Cruz.

— Sobre política — disse Fate. — Sobre temas políticos que afetam a comunidade afro-americana. Sobre temas sociais.

— Deve ser muito interessante — disse Rosa Méndez.

Fate fitou os lábios de Rosa Amalfitano enquanto ela traduzia. Sentiu-se feliz por estar ali.

A peleja foi curta. Primeiro apareceu Count Pickett. Ovação de cortesia, algumas vaias. Depois apareceu Merolino Fernández. Ovação estrondosa. No primeiro round se estudaram. No segundo, Pickett se lançou ao ataque e nocauteou em menos de um segundo seu adversário. O corpo de Merolino Fernández, estirado na lona do quadrilátero, nem sequer se mexeu. Seus segundos o carregaram nos ombros até o canto, e como não se recuperava entraram os socorristas e o levaram para o hospital. Count Pickett ergueu um braço, sem muito entusiasmo, e foi embora rodeado por sua gente. Os espectadores começaram a esvaziar o ginásio.

Comeram num restaurante chamado El Rey del Taco. Na entrada havia um desenho de neon: um menino com uma grande coroa, montado num burro que de tempos em tempos empinava tentando derrubá-lo. O menino nunca caía, apesar de ter numa mão um *taco* e na outra uma espécie de cetro que também podia servir de chicote. O interior era decorado como um McDonald's, mas muito esquisito. As cadeiras não eram de plástico mas de palha. As mesas eram de madeira. O assoalho era revestido de grandes ladrilhos verdes, em alguns dos quais se viam paisagens do deserto e passagens da vida do rei do *taco*. Penduradas no teto, umas *piñatas* que também remetiam a outras aventuras do menino rei, sempre em companhia do burro. Algumas cenas reproduzidas eram de uma cotidianidade desconcertante: o menino, o burro e uma velhinha caolha, ou o menino, o burro e um poço, ou o menino, o burro e uma panela de feijão. Outras cenas entravam de cheio no fantástico: em algumas se viam o menino e o burro cair num desfiladeiro, em outras se viam o menino e o burro amarrados numa pira funerária, numa se via, inclusive, o menino ameaçar o burro encostando-lhe o cano de um revólver na têmpora. Como se El Rey del Taco não fosse o nome de um restaurante mas de um personagem de gibi que Fate nunca tivera a oportunidade de ler. Mas a sensação de estar num McDonald's persistia. Talvez as garçonetes e os garçons, muito mocinhos e de uniforme militar (Chucho Flores disse que estavam vestidos de *polícias federais*), contribuísem para reforçar essa impressão. Sem dúvida aquele não era um exército vitorioso. Os jovens, embora sorrissem aos clientes, transmitiam um ar de cansaço enorme. Alguns pareciam perdidos no deserto que era a casa do rei do *taco*. Outros, de quinze ou catorze anos, tentavam inutilmente fazer gracinha com alguns clientes, homens sozinhos ou duplas masculinas com pinta de funcionários públicos ou de polícias, homens que olhavam para os adolescentes com olhos que não estavam para graçolas. Algumas garotas tinham olhos chorosos e não pareciam reais, mas sim rostos entrevistados num sonho.

- Este lugar é infernal — disse ele a Rosa Amalfitano.
- Tem razão — ela respondeu fitando-o com simpatia —, mas a comida não é ruim.
- Minha fome acabou — disse Fate.
- Basta colocarem à sua frente um prato de *tacos* e ela volta — disse Rosa Amalfitano.
- Tomara que sim — disse Fate.

Tinham chegado ao restaurante em três carros. No de Chucho Flores ia Rosa Amalfitano. No do silencioso Corona viajaram Charly Cruz e Rosa Méndez. Ele veio sozinho, colado nos outros dois, e em mais de uma ocasião, quando as voltas pela cidade pareciam não ter fim, pensou tocar a buzina e abandonar para sempre aquela comitiva na qual percebia, sem saber exatamente por quê, algo absurdo e infantil, e seguir em direção ao Sonora Resort para escrever do hotel sua matéria sobre o breve combate que acabava de presenciar. Talvez Campbell ainda estivesse lá e pudesse lhe explicar uma coisa que ele não tinha entendido. Apesar de que, pensando bem, não havia nada a entender. Pickett sabia boxear e Fernández

não, simples assim. Ou talvez melhor tivesse sido não ir ao Sonora Resort e seguir diretamente para a fronteira, para Tucson, em cujo aeroporto certamente encontraria um cibercafé onde poderia escrever a matéria, exausto e sem pensar no que escrevia, depois voar para Nova York, onde tudo voltaria a ter a consistência da realidade.

Mas em vez disso Fate seguiu a comitiva de carros que dava voltas e mais voltas por uma cidade desconhecida, com a leve desconfiança de que tantas voltas obedeciam a um único fim: que ele se cansasse e desistisse da companhia deles, apesar de que tinham sido eles a convidá-lo, que lhe disseram venha jantar com a gente, depois você vai para os Estados Unidos, um último jantar mexicano, sem convicção nem sinceridade, pegos na armadilha de uma hospitalidade verbal, de um convencionalismo mexicano ao que devia responder agradecendo (efusivamente!) e depois se afastando dignamente por uma rua quase vazia.

Contudo aceitou o convite. Boa ideia, disse, estou com fome. Vamos jantar todos juntos, como uma coisa natural. E embora tenha visto a mudança de expressão nos olhos de Chucho Flores e a forma como Corona olhava para ele, mais frio ainda, como se pretendesse afugentá-lo com o olhar ou como se jogasse nele a culpa pela derrota do boxeador mexicano, insistiu em ir comer algo típico, minha última noite no México, o que acham se fôssemos comer comida *mexicana*? Só Charly Cruz pareceu se divertir com a ideia de continuar em sua companhia durante o jantar, Charly Cruz e as duas garotas, se bem que de maneira diferente, cada um de acordo com a sua natureza, mas também era possível, pensou Fate, que as garotas simplesmente tenham se alegrado, e nada mais, enquanto Charly Cruz, pelo contrário, visse se abrirem perspectivas inesperadas numa paisagem até então congelada e rotineira.

Por que estou aqui, comendo *tacos* e tomando cerveja com uns mexicanos que mal conheço?, pensou Fate. A resposta, ele sabia, era simples. Estou por causa dela. Todos falavam em espanhol. Só Charly Cruz se dirigia a ele em inglês. Charly Cruz gostava de falar de cinema e também gostava de falar inglês. Seu inglês era rápido, como se tentasse imitar um estudante universitário, embora abundasse em incorreções. Mencionou o nome de um diretor de Los Angeles a quem conhecia pessoalmente, Barry Guardini, mas Fate não tinha visto nenhum filme de Guardini. Depois pôs-se a falar de DVD. Disse que no futuro tudo seria gravado em DVD ou algo semelhante e melhorado, e as salas de cinema desapareceriam.

As únicas salas de cinema que preenchiam uma função, disse Charly Cruz, eram as velhas, lembra?, aqueles teatros enormes onde o coração ficava apertado quando se apagavam as luzes. Essas salas eram lindas, eram os verdadeiros cinemas, o que havia de mais parecido com uma igreja, tetos altíssimos, grandes cortinas vermelho grená, colunas, corredores com velhos carpetes gastos, palcos, lugares de plateia e galeria ou camarote, edifícios construídos nos anos em que o cinema ainda era uma experiência religiosa, cotidiana mas religiosa, e que pouco a pouco foram sendo demolidos para edificar bancos ou supermercados ou multissalas, com telas pequenas, espaço reduzido, poltronas supercômodas. No espaço de

uma velha sala de verdade cabem as sete salas reduzidas de um multissalas. Ou dez. Ou quinze, depende. E não há mais experiência *abismal*, não existe a *vertigem* antes do início de um filme, ninguém mais se sente *sozinho* dentro de um cinema multissalas. Depois, pelo que Fate lembrava, pôs-se a falar do fim do *sagrado*.

O fim havia começado em algum lugar, para Charly Cruz tanto fazia, talvez nas igrejas, quando os padres deixaram de lado a missa em latim, ou nas famílias, quando os pais abandonaram (aterrorizados, pode crer, bróder) as mães. Logo o fim do *sagrado* chegou ao cinema. Derrubaram os grandes cinemas e construíram caixotes imundos chamados multissalas, cinemas práticos, cinemas multifuncionais. As catedrais caíram sob a bola de aço das equipes de demolição. Até que alguém inventou o vídeo. Uma televisão não é a mesma coisa que uma tela de cinema. A sala da sua casa não é a mesma coisa que uma velha plateia quase infinita. Mas, se você observar com cuidado, é o que mais se parece. Em primeiro lugar porque por meio do vídeo *você* pode ver um filme *sozinho*. Você fecha as janelas de casa e liga a tevê. Põe o vídeo e senta numa poltrona. Primeiro requisito: estar sozinho. A casa pode ser grande ou pequena mas, se não houver mais ninguém, toda a casa, por menor que seja, de alguma maneira fica maior. Segundo requisito: preparar o momento, isto é, alugar o filme, comprar a bebida que vai tomar, o tira-gosto que vai comer, determinar a hora em que você vai sentar na frente da tevê. Terceiro requisito: não atender o telefone, ignorar a campainha da porta, estar disposto a passar uma hora e meia ou duas horas ou uma hora e quarenta e cinco minutos na mais completa e rigorosa solidão. Quarto requisito: ter à mão o controle remoto, para o caso de você desejar ver mais de uma vez uma cena. E é só. A partir desse momento tudo depende do filme e de você. Se tudo correr bem, que nem sempre corre bem, você vai estar outra vez na presença do *sagrado*. Você enfia a cabeça dentro de seu próprio peito, abre os olhos e olha, soletrou Charly Cruz.

O que é o *sagrado* para mim?, pensou Fate. A dor imprecisa que sinto ante o desaparecimento da minha mãe? O conhecimento do que não tem remédio? Ou esta espécie de cãibra no estômago que sinto quando olho para esta mulher? E por que razão experimento uma cãibra, vamos chamá-la assim, quando ela olha para mim e não quando sua amiga me olha? Porque a amiga é visivelmente menos bonita, pensou Fate. Do que se deduz que para mim o *sagrado* é a beleza, uma mulher bonita, moça e de traços perfeitos. E se de repente, no meio deste restaurante tão grande quanto infecto, aparecesse a atriz mais linda de Hollywood, eu continuaria sentindo cãibras no estômago cada vez que, sub-repticiamente, meus olhos se encontram com os dela, ou, pelo contrário, a aparição repentina de uma beleza superior, de uma beleza ornamentada pelo reconhecimento, mitigaria a cãibra, diminuiria sua beleza até uma altura real, a de uma moça meio estranha que sai uma noite de fim de semana para se divertir com três amigos um tanto singulares e uma amiga que mais parece uma puta? E quem sou eu para pensar que Rosa Méndez parece uma puta?, pensou Fate. Acaso sei de alguma coisa sobre as putas mexicanas a ponto de reconhecê-las logo de cara? Acaso conheço alguma coisa sobre a inocência ou sobre a dor? Acaso conheço

alguma coisa sobre as mulheres? Gosto de ver vídeos, pensou Fate. Também gosto de ir ao cinema. Gosto de ir para a cama com mulheres. Não tenho neste momento um par estável, mas não ignoro o que significa ter. Acaso vejo o *sagrado* em algum lugar? Só percebo experiências práticas, pensou Fate. Um vazio que é preciso preencher, fome que devo aplacar, gente que devo fazer falar para poder terminar meu artigo e receber. E por que penso que os que acompanham Rosa Amalfitano são três sujeitos *singulares*? O que têm de singulares? E por que estou tão seguro de que se aparecesse de repente uma atriz de Hollywood a beleza de Rosa Amalfitano se atenuaria? E se não fosse assim? E se tudo se acelerasse? E se começasse a se acelerar a partir do momento em que uma atriz de Hollywood transpusesse o umbral de El Rey del Taco?

Depois, conforme se lembrava vagamente, passaram em duas discotecas, talvez três. Na realidade, pode ser que tenham sido quatro discotecas. Não: três. Mas passaram também num quarto lugar, que não era precisamente uma discoteca, tampouco uma casa particular. A música estava alta. Uma das discotecas, não a primeira, tinha um quintal. Do quintal, onde se amontoavam caixas de refrigerantes e de cerveja, via-se o céu. Um céu negro como o fundo do mar. Em algum momento Fate vomitou. Depois riu, porque alguma coisa no quintal o fez achar graça. O quê? Não sabia. Uma coisa que se mexia ou que se arrastava junto da cerca de arame. Talvez a folha de um jornal. Quando voltou para dentro viu Corona beijando Rosa Méndez. A mão direita de Corona apertava um dos seios da mulher. Quando ele passou junto deles, Rosa Méndez abriu os olhos e olhou para ele como se não o conhecesse. Charly Cruz estava encostado no balcão conversando com o barman. Perguntou por Rosa Amalfitano. Charly Cruz deu de ombros. Repetiu a pergunta. Charly Cruz olhou-o nos olhos e disse que talvez estivesse nos reservados.

— Onde ficam os reservados? — perguntou Fate.

— Em cima — respondeu Charly Cruz.

Fate subiu pela única escada que encontrou: uma escada metálica que se mexia um pouco, como se a base estivesse solta. Pareceu a escada de um navio antigo. A escada terminava num corredor acarpetado de verde. No fim do corredor havia uma porta aberta. Ouvia-se música. A luz que saía do aposento também era verde. Parado no meio do corredor, um sujeito jovem e magro fitou-o, depois se dirigiu até ele. Fate pensou que ia atacá-lo e se preparou mentalmente para receber a primeira porrada. Mas o sujeito o deixou passar e depois desceu a escada. Seu rosto era muito sério, Fate se lembrava. Em seguida andou até chegar a um quarto onde viu Chucho Flores falando no celular. Junto dele, sentado numa escrivaninha, havia um homem de uns quarenta e tantos anos, com uma camisa xadrez e uma gravata-borboleta, que ficou olhando para ele e lhe perguntou o que queria. Chucho Flores viu o gesto do tipo e olhou para a porta.

— Entre, Fate — disse.

A lâmpada que pendia do teto era verde. Junto de uma janela, sentada numa poltrona, viu Rosa Amalfitano. Estava de pernas cruzadas e fumava. Quando Fate transpôs o umbral

ergueu a vista e fitou-o.

— Estamos aqui tratando de uns negócios — disse Chucho Flores.

Fate se encostou na parede como se lhe faltasse ar. É o verde, pensou.

— Estou vendo — falou.

Rosa Amalfitano parecia drogada.

Conforme Fate acreditava lembrar, alguém, em algum momento, anunciou que aquela noite alguém que não estava com eles fazia aniversário, mas que Chucho Flores e Charly Cruz, parece, conheciam. Enquanto tomava um copo de tequila uma mulher cantou o “Happy Birthday”. Depois três homens (Chucho Flores era um deles?) se puseram a cantar “Las mañanitas”. Muitas vozes se uniram ao canto. Ao lado dele, de pé ao balcão, estava Rosa Amalfitano. Ela não cantava mas traduziu para ele a letra da canção. Fate perguntou que relação havia entre o rei Davi e o aniversário de uma pessoa.

— Não sei — respondeu Rosa —, não sou mexicana, sou espanhola.

Fate pensou na Espanha. Ia perguntar de que parte da Espanha quando viu num canto da sala um homem esbofetear uma mulher. A primeira bofetada fez a cabeça da mulher girar violentamente e a segunda jogou-a no chão. Fate, sem pensar em nada, tentou se movimentar naquela direção, mas alguém o segurou pelo braço. Quando se virou para ver quem o segurava não havia ninguém. No outro canto da discoteca o homem que havia esbofetado a mulher se aproximou do vulto caído e chutou-o no estômago. A poucos metros dele viu Rosa Méndez sorrindo feliz. Junto dela estava Corona, que olhava para outro lugar, com o semblante sério de sempre. O braço de Corona rodeava os ombros da mulher. De vez em quando Rosa Méndez levava a mão de Corona à boca e mordiscava um dedo. Às vezes os dentes de Rosa Méndez mordiam forte demais e Corona então franzia ligeiramente o cenho.

No último lugar onde estiveram, Fate viu Omar Abdul e o outro sparring. Bebiam sozinhos num canto do balcão e ele se aproximou para cumprimentá-los. O sparring, que se chamava García, mal fez um gesto de reconhecimento. Omar Abdul, pelo contrário, agraciou-o com um largo sorriso. Fate lhes perguntou como estava Merolino Fernández.

— Bem, muito bem — respondeu Omar Abdul. — No rancho.

Antes de Fate se despedir deles, Omar Abdul perguntou como era que ainda não tinha ido embora.

— Gosto desta cidade — disse Fate para dizer alguma coisa.

— Esta cidade é uma merda, irmão — disse Omar Abdul.

— É, mas tem mulheres muito bonitas — rebateu Fate.

— As mulheres daqui não valem um pedaço de merda — disse Omar Abdul.

— Então você devia voltar para a Califórnia — rebateu Fate.

Omar Abdul olhou-o nos olhos e assentiu várias vezes.

— Eu gostaria de ser um fodido de um jornalista — disse —, vocês não deixam escapar

nada, né?

Fate tirou uma nota e chamou o barman. O que estes amigos quisessem tomar pago eu, falou. O barman pegou a nota e ficou olhando para os sparrings.

— Mais dois mescais — disse Omar Abdul.

Quando voltou para a sua mesa, Chucho Flores perguntou se era amigo dos boxeadores.

— Não são boxeadores — respondeu Fate —, são sparrings.

— García foi um boxeador bastante conhecido em Sonora — disse Chucho Flores. — Não era muito bom, mas aguentava pancada como ninguém.

Fate olhou para o fundo do balcão. Omar Abdul e García continuavam lá, silenciosos, fitando as fileiras de garrafas.

— Uma noite ficou maluco e matou a irmã — disse Chucho Flores. — Seu advogado conseguiu que o declarassem com alienação mental transitória e só passou oito anos na prisão de Hermosillo. Quando saiu não quis mais boxear. Por um tempo esteve com os pentecostais do Arizona. Mas Deus não lhe deu o dom da palavra e um dia deixou de pregar o verbo divino e foi trabalhar como leão de chácara numa discoteca. Até que chegou López, o treinador de Merolino, e o contratou como sparring.

— Um par de merdas — disse Corona.

— É — disse Fate —, a julgar pela luta, um par de merdas.

Depois, disso sim se lembrava nitidamente, acabaram na casa de Charly Cruz. Lembrava pelos vídeos. Concretamente, pelo suposto vídeo de Robert Rodríguez. A casa de Charly Cruz era grande, sólida como um bunker de dois andares, disso também se lembrava nitidamente, e sua sombra se projetava sobre um descampado. Não havia jardim, mas tinha uma garagem em que cabiam quatro, talvez cinco carros. Em algum momento da noite, mas isso já não era nada nítido, um quarto homem tinha se unido à comitiva. O quarto homem não falava muito mas sorria sem quê nem por quê e parecia simpático. Era moreno e usava bigode. E foi com ele, em seu carro, a seu lado, sorrindo a cada palavra que Fate dizia. De vez em quando o tipo de bigode olhava para trás e de vez em quando consultava o relógio. Mas não dizia uma só palavra.

— Você é mudo? — perguntou Fate em inglês depois de várias tentativas de entabular conversa com ele. — Não tem língua? Por que olha tanto para o relógio, seu puto? — E invariavelmente o tipo sorria e assentia.

O carro de Charly Cruz ia na frente, seguido pelo de Chucho Flores. Às vezes Fate podia ver as silhuetas de Chucho e de Rosa Amalfitano. Geralmente, quando paravam num sinal. Vez ou outra, ambas as silhuetas estavam muito juntas, como se estivessem se beijando. Outras vezes só via a silhueta do motorista. Numa ocasião tentou ficar ao lado do carro de Chucho Flores mas não conseguiu.

— Que horas são? — perguntou ao tipo de bigode e este deu de ombros.

Na garagem de Charly Cruz havia um mural pintado numa das paredes de cimento. O mural tinha uns dois metros de altura por talvez três metros de largura, e representava a

Virgem de Guadalupe no meio de uma paisagem riquíssima onde havia rios, bosques, minas de ouro e de prata, torres de petróleo, enormes milharais e vastíssimos prados onde as reses pastavam. A Virgem estava de braços abertos, como no ato de oferecer toda essa riqueza em troca de nada. Mas em seu rosto, apesar de estar bêbado, Fate percebeu de imediato havia algo que destoava. Um dos olhos da Virgem estava aberto e o outro estava fechado.

A casa tinha vários cômodos. Alguns serviam apenas de depósito em que se amontoavam pilhas de vídeos e DVDs das locadoras de Charly Cruz ou da sua coleção particular. A sala ficava no térreo. Duas poltronas, dois sofás de couro, uma mesa de madeira, um aparelho de televisão. As poltronas eram de boa qualidade, mas velhas. O assoalho era de lajotas amarelas com estrias pretas e estava sujo. Nem mesmo o par de tapetes índios multicores podia dissimular a sujeira. Numa parede havia um espelho de corpo inteiro. Na outra um cartaz de um filme mexicano dos anos 50, emoldurado e protegido por um vidro. Charly Cruz disse que era o pôster autêntico de um filme raríssimo, de que tinham sido perdidas todas as cópias. Num aparador de vidro estavam guardadas as garrafas de bebida. Junto da sala havia um aposento aparentemente sem uso onde ficava o aparelho de som, de última geração, e numa caixa de papelão os CDs. Rosa Méndez se agachou diante da caixa e começou a fuçar dentro dela.

— A música deixa as mulheres loucas — Charly Cruz lhe disse ao ouvido —, a mim o que me deixa louco é o cinema.

A proximidade de Charly Cruz o sobressaltou. Só nesse momento se deu conta de que o cômodo não tinha janelas e achou estranho que alguém o tivesse escolhido para instalar a sala, ainda mais levando em conta que a casa era grande e que seguramente não faltavam cômodos com mais luz. Quando a música começou a soar, Corona e Chucho Flores pegaram as moças pelos braços e saíram da sala. O tipo de bigode sentou numa poltrona e olhou as horas. Charly Cruz perguntou se lhe interessava ver o filme de Robert Rodríguez. Fate fez que sim. Era impossível para o tipo de bigode, pela disposição da poltrona, ver o filme sem torcer exageradamente o pescoço, mas na realidade não mostrou a menor curiosidade. Ficou sentado, olhando para eles e de quando em quando olhando para o teto.

O filme não durava, segundo Charly Cruz, mais que meia hora. Via-se o rosto de uma velha, carregado de uma maquiagem grosseira, que olhava para a câmera e que, após algum tempo, se punha a mencionar palavras incompreensíveis e a chorar. Parecia uma puta aposentada e, às vezes, uma puta agonizante. Depois aparecia uma mulher jovem, muito morena, magra e de peitos grandes, que se despia sentada numa cama. Do escuro surgiam três sujeitos que primeiro cochichavam no ouvido dela, depois a comiam. A princípio a mulher opunha resistência. Olhava diretamente para a câmera e dizia em espanhol alguma coisa que Fate não entendia. Depois, fingia um orgasmo e desatava a gritar. Então os caras, que até esse momento estavam comendo a mulher alternadamente, se acoplavam ao mesmo tempo, o primeiro a penetrava pela vagina, o segundo pelo ânus e o terceiro enfiava o pau na boca da mulher. O quadro que formavam era o de uma máquina de movimento contínuo. O

espectador adivinhava que a máquina ia explodir em algum momento, mas a forma da explosão, e quando ocorreria, era imprevisível. Então a mulher gozava de verdade. Um orgasmo que não estava previsto e ela era quem menos o esperava. Os movimentos da mulher, cerceados pelo peso dos três caras, se aceleraram. Seus olhos, fixos na câmera, que por sua vez se aproximou do seu rosto, diziam alguma coisa mas numa linguagem inidentificável. Por um instante toda ela pareceu brilhar, refulgiram suas têmporas, o queixo parcialmente oculto pelo ombro de um dos caras, os dentes adquiriram uma brancura sobrenatural. Depois a carne pareceu se soltar dos ossos e cair no chão daquele bordel anônimo ou se desvanecer no ar, deixando um esqueleto limpinho, sem olhos, sem lábios, uma caveira que de repente começou a rir de tudo. Depois se viu a rua de uma grande cidade mexicana, o DF com toda a certeza, ao entardecer, varrida pela chuva, os carros parados junto das calçadas, as lojas com as portas de enrolar abaixadas, pessoas que andavam depressa para não se ensopar. Um charco de chuva. A água que limpa a carroceria de um carro coberto por uma grossa camada de poeira. Janelas iluminadas de edifícios públicos. Um ponto de ônibus junto de um pequeno parque. Os galhos de uma árvore doente que tentavam em vão estender-se para o nada. O rosto da puta velha que agora sorri para a câmera, como que dizendo fiz bem?, fui bem?, nenhuma reclamação? Uma escada de tijolo vermelho à vista. Um assoalho de linóleo. A mesma chuva mas filmada de dentro de um cômodo. Uma mesa de plástico com as bordas cheias de moscas. Copos e um vidro de Nescafé. Uma frigideira com restos de ovos mexidos. Um corredor. O corpo de uma mulher seminua, estirado no chão. Uma porta. Um quarto em completa desordem. Dois homens dormindo na mesma cama. Um espelho. A câmera se aproxima do espelho. A fita se interrompe.

— Onde está Rosa? — perguntou Fate quando o filme terminou.

— Tem uma segunda fita — disse Charly Cruz.

— Onde está Rosa?

— Num dos quartos — respondeu Charly Cruz —, chupando o pau do Chucho.

Depois se levantou, saiu da sala e quando voltou trazia na mão a fita que faltava. Enquanto o vídeo rebobinava Fate disse que precisava ir ao banheiro.

— No fundo, quarta porta — disse Charly Cruz. — Mas você não quer ir ao banheiro, você quer ir procurar sua Rosa, gringo mentiroso.

Fate riu.

— Bom, vai ver que Chucho precisa de ajuda — disse como se estivesse dormindo e bêbado ao mesmo tempo.

Quando ele se levantou, o tipo de bigode deu um pinote. Charly Cruz disse alguma coisa em espanhol para ele e o tipo de bigode tornou a se refestelar molemente na poltrona. Fate foi pelo corredor contando as portas. Ao chegar à terceira ouviu um barulho que provinha do andar de cima. Parou. O barulho cessou. O banheiro era grande e parecia saído de uma revista de arquitetura. As paredes e o piso eram de mármore branco. Na banheira, circular, podiam caber pelo menos quatro pessoas. Junto à banheira havia uma grande caixa de

carvalho em forma de caixão. Um caixão onde a cabeça ficaria de fora e que Fate diria se tratar de uma sauna, não fosse a estreiteza da caixa. O vaso sanitário era de mármore preto. Junto dele havia um bidê e junto do bidê uma protuberância de mármore de meio metro de altura cuja utilidade Fate foi incapaz de discernir. Se assemelhava, forçando a imaginação, a uma cadeira ou a um selim. Mas não pôde imaginar ninguém sentado ali, não numa posição normal. Talvez servisse para pôr as toalhas do bidê. Por um momento, enquanto urinava, ficou olhando para a caixa de madeira e a escultura de mármore. Por um instante pensou que ambos os objetos estavam vivos. Às suas costas havia um espelho que cobria toda a parede e que fazia que o banheiro parecesse maior do que na realidade era. Fate olhava para a esquerda e via o caixão de madeira, depois torcia o pescoço para a direita e via o protuberante artefato de mármore, e numa ocasião olhou para trás e viu suas próprias costas, de pé diante da latrina, ladeado pelo caixão e pelo selim de aparência inútil. A sensação de irrealidade que o perseguia aquela noite se acentuou.

Subiu a escada procurando não fazer barulho. Na sala, Charly Cruz e o tipo de bigode falavam em espanhol. A voz de Charly Cruz era tranquilizadora. A voz do tipo de bigode era aguda, como se tivesse as cordas vocais atrofiadas. O barulho que tinha ouvido do corredor tornou a se repetir. A escada terminava numa sala com uma grande vidraça coberta por uma veneziana com lâminas de plástico marrom-escuro. Fate enveredou por outro corredor. Abriu uma porta. Rosa Méndez estava estirada de boca para baixo numa cama de aspecto militar. Estava vestida e levava nos pés os sapatos de salto alto, mas parecia adormecida ou completamente bêbada. No quarto não havia mais que a cama e uma cadeira. O assoalho, ao contrário do térreo, era acarpetado, de modo que seus passos mal faziam barulho. Aproximou-se da moça e virou a sua cabeça. Rosa Méndez, sem abrir os olhos, sorriu para ele. Na metade do caminho o corredor bifurcava. Fate distinguiu uma luz saindo pela moldura de uma das portas. Ouviu Chucho Flores e Corona discutindo, mas não soube o motivo. Pensou que os dois queriam comer Rosa Amalfitano. Depois pensou que talvez discutissem sobre ele. Corona parecia irritado de verdade. Abriu a porta sem bater e os dois homens se viraram ao mesmo tempo com um misto de surpresa e de sono gravado no rosto. Agora devo procurar ser o que sou, pensou Fate, um negro do Harlem, um negro fodidamente perigoso. Quase de imediato se deu conta de que nenhum dos mexicanos estava impressionado.

— Onde está Rosa? — perguntou.

Chucho Flores conseguiu indicar com um gesto um canto do quarto que Fate não tinha visto. Esta cena, pensou Fate, eu já vivi. Rosa estava sentada numa poltrona, com as pernas cruzadas, cheirando cocaína.

— Vamos embora — disse a ela.

Não mandou nem suplicou. Só disse que fosse embora com ele, mas pôs toda a alma em suas palavras. Rosa sorriu para ele com simpatia, dava a impressão de não estar entendendo nada. Ouviu Chucho Flores dizer em inglês: caia fora daqui, amigo, espere a gente lá

embaixo. Fate estendeu a mão à moça. Rosa se levantou e pegou sua mão. A mão da moça pareceu quente, uma temperatura que evocava outros cenários mas que *também* evocava ou compreendia aquela sordidez. Ao apertá-la teve consciência da frieza da própria mão. Estive agonizando esse tempo todo, pensou. Estou frio como gelo. Se ela não tivesse me dado a mão eu teria morrido aqui mesmo e teriam precisado repatriar meu cadáver a Nova York.

Quando saíam do quarto sentiu Corona lhe agarrar um braço e erguer a mão livre, que empunhava, pareceu, um objeto contundente. Virou-se e golpeou, no estilo de Count Pickett, o queixo do mexicano de baixo para cima. Como antes Merolino Fernández, Corona caiu no chão sem exalar um só gemido. Só então se deu conta de que empunhava uma pistola. Tirou-a da mão dele e perguntou a Chucho Flores o que pensava fazer.

— Não sou ciumento, amigo — disse Chucho Flores com as mãos erguidas à altura do peito para que Fate visse que não carregava nenhuma arma.

Rosa Amalfitano olhou para a pistola de Corona como se fosse um artefato de sex-shop.

— Vamos — ouviu ela dizer.

— Quem é o cara lá de baixo? — perguntou Fate.

— Charly, Charly Cruz, seu amigo — respondeu Chucho Flores sorrindo.

— Não, filho da puta, o outro, o de bigode.

— Um amigo de Charly — disse Chucho Flores.

— Esta porra de casa tem outra saída?

Chucho Flores deu de ombros.

— Escute, homem, não está levando as coisas longe demais?

— Sim, tem uma saída na parte de trás — disse Rosa Amalfitano.

Fate olhou para o corpo caído de Corona e pareceu meditar por uns segundos.

— O carro está na garagem — disse —, não podemos ir sem ele.

— Então temos de sair pela parte da frente — disse Chucho Flores.

— E ele? — perguntou Rosa Amalfitano apontando para Corona. — Está morto?

Fate olhou de novo para o corpo prostrado que jazia no chão. Poderia ter ficado olhando para ele horas a fio.

— Vamos embora — disse com voz decidida.

Desceram a escada, passaram por uma enorme cozinha que recendia a abandono, como se fizesse muito tempo que ninguém mais cozinhasse ali, atravessaram um corredor do qual se via um quintal onde havia uma picape coberta com uma lona preta, depois seguiram completamente às escuras até chegar à porta que descia para a garagem. Ao acender a luz, dois grandes tubos fluorescentes pendurados no teto, Fate tornou a observar o mural da Virgem de Guadalupe. Ao se mover para abrir a porta metálica percebeu que o único olho aberto da Virgem parecia segui-lo onde quer que estivesse. Pôs Chucho Flores no banco do carona e Rosa sentou atrás. Ao sair da garagem chegou a ver o tipo de bigode aparecer no alto da escada e procurá-los com um olhar de adolescente atordoado.

Deixaram para trás a casa de Charly Cruz e se enfiaram por ruas sem calçamento.

Atravessaram, sem que percebessem, um descampado que exalava um forte cheiro de mato e comida em decomposição. Fate parou o carro, limpou a pistola com um lenço e jogou-a no descampado.

— Que noite mais bonita — exclamou Chucho Flores.
Nem Rosa nem Fate disseram nada.

Deixaram Chucho Flores num ponto de ônibus de uma avenida deserta e profusamente iluminada. Rosa sentou no banco da frente e ao se despedir lhe deu uma bofetada. Depois enveredaram por um labirinto de ruas que nem Rosa nem Fate conheciam, até sair em outra avenida que levava diretamente ao centro da cidade.

— Acho que me comportei como um idiota — disse Fate.
— Eu é que me comportei como uma idiota — falou Rosa.
— Não, eu — disse Fate.

Caíram na risada e depois de girarem um pouco pelo centro deixaram-se levar pelo fluxo de carros com placas mexicanas e americanas que saíam da cidade.

— Aonde vamos? — perguntou Fate. — Onde você mora?

Ela disse que ainda não queria voltar para casa. Passaram na frente do motel de Fate e por uns segundos ele não soube se seguia para a fronteira ou ficava ali. Cem metros adiante deu meia-volta e seguiu novamente em direção ao sul, ao motel. O recepcionista o reconheceu. Perguntou como tinha sido a peleja.

— Merolino perdeu — disse Fate.
— Era lógico — disse o recepcionista.

Fate perguntou se seu quarto ainda estava livre. O recepcionista disse que sim. Fate enfiou a mão no bolso e tirou a chave do quarto, que ainda conservava.

— É verdade — disse.

Pagou mais um dia, depois saiu. Rosa o esperava no carro.

— Pode ficar um instante aqui — disse Fate —, quando quiser te levo para casa.

Rosa assentiu com a cabeça e entraram. A cama estava feita e os lençóis eram limpos. As duas janelas estavam entreabertas, talvez porque a pessoa que havia feito a limpeza, pensou Fate, tenha encontrado um vestígio de cheiro de vômito. Mas o quarto cheirava bem. Rosa ligou a tevê e sentou numa cadeira.

— Andei observando você — disse.

— Fico muito lisonjeado — respondeu Fate.

— Por que limpou a pistola antes de se livrar dela? — perguntou Rosa.

— Nunca se sabe — respondeu Fate —, mas prefiro não deixar minhas impressões digitais em armas de fogo.

Depois Rosa se concentrou no programa da tevê, um talk-show mexicano em que, basicamente, só uma mulher já idosa falava. Tinha cabelo comprido e completamente branco. Às vezes sorria, e dava para perceber que se tratava de uma velhinha de bom coração, incapaz de fazer mal a alguém, mas a maior parte do tempo sua expressão era de alerta, como

se estivesse tratando de um tema de muita gravidade. Claro, não entendeu nada do que diziam. Depois Rosa se levantou da cadeira, desligou a tevê e perguntou se podia tomar um banho. Fate assentiu em silêncio. Quando Rosa se trancou no banheiro pôs-se a pensar em tudo o que havia acontecido naquela noite e o estômago começou a doer. Sentiu uma onda de calor subir por seu rosto. Sentou na cama, tapou a cara com as mãos e pensou que tinha se comportado como um palerma.

Quando saiu do banho, Rosa contou que tinha sido namorada ou algo assim de Chucho Flores. Sentia-se sozinha em Santa Teresa e um dia, quando estava na locadora de Charly Cruz onde alugava filmes, conheceu Rosa Méndez. Não sabia por quê, mas simpatizou com Rosa Méndez desde o primeiro momento. Durante o dia, conforme contou, trabalhava num supermercado e de tarde como garçoneiro num restaurante. Gostava de cinema e adorava filme de suspense. Talvez o que tenha gostado em Rosa Méndez tenha sido sua alegria inesgotável e também seus cabelos pintados de louro, que contrastavam fortemente com sua pele morena.

Um dia Rosa Méndez lhe apresentou Charly Cruz, dono da locadora, que ela só havia visto um par de vezes, e Charly Cruz lhe pareceu um cara tranquilo, que levava tudo numa boa e com calma, que às vezes lhe emprestava filmes ou não cobrava os vídeos que ela alugava. Às vezes passava tardes inteiras na locadora, conversando com eles ou ajudando Charly Cruz a desempacotar novos pedidos de filmes. Uma noite, quando a locadora estava fechando, conheceu Chucho Flores. Naquela mesma noite Chucho Flores convidou todos para jantar e depois a levou de carro para casa, mas quando ela o convidou a entrar preferiu não fazê-lo, para não incomodar seu pai. Mas ela lhe deu seu telefone e Chucho Flores ligou no dia seguinte e convidou-a para ir ao cinema. Quando Rosa chegou ao cinema encontrou Chucho Flores e Rosa Méndez acompanhada de um cara mais velho, de uns cinquenta anos, que disse trabalhar com compra e venda de imóveis e que tratava Chucho como seu sobrinho. Depois do filme foram jantar num restaurante de luxo e mais tarde Chucho Flores levou-a para casa, alegando que no dia seguinte tinha de levantar cedo porque ia a Hermosillo fazer uma entrevista para a rádio.

Naqueles dias Rosa Amalfitano costumava ver Rosa Méndez não só na locadora de Charly Cruz mas também na casa que ela tinha na colônia Madero, um apartamento de quarto andar num velho prédio de cinco andares, sem elevador, pelo qual Rosa Méndez pagava um bom dinheiro. No começo, Rosa Méndez dividia a casa com duas amigas, o que fazia o aluguel não ficar tão caro. Mas uma das amigas foi embora para tentar a sorte no DF, ela brigou com a outra e a partir desse momento começou a morar sozinha. Rosa Méndez gostava de morar sozinha, se bem que para cobrir os gastos tenha precisado arranjar um segundo emprego. Às vezes Rosa Amalfitano passava horas no apartamento de Rosa Méndez, sem falar, estirada no sofá, tomando água fresca e ouvindo as histórias que sua amiga costumava contar. Às vezes falavam de homens. Nisso, como em outras coisas, a experiência de Rosa Méndez era mais rica e variada que a de Rosa Amalfitano. Tinha vinte e quatro anos

e, conforme suas próprias palavras, tivera quatro amantes que a tinham marcado. O primeiro aos quinze anos, um cara que trabalhava numa maquiladora e que a deixou para ir aos Estados Unidos. Lembrava dele com carinho, mas de todos os seus amantes era o que menos marca havia deixado em sua vida. Quando Rosa Méndez dizia isso Rosa Amalfitano ria, e sua amiga também ria mas sem saber exatamente o motivo.

— Você fala como letra de bolero — dizia Rosa Amalfitano.

— Ah, era isso — replicava Rosa Méndez —, é que os boleros têm razão, mana, na realidade todas as letras das canções nascem no coração do povo e sempre têm razão.

— Não — dizia Rosa Amalfitano —, *parece* que têm razão, *parece* que são autênticas, mas na realidade são pura merda.

Quando chegavam a esse ponto Rosa Méndez preferia parar de discutir. Tacitamente reconhecia que sua amiga, que não por nada ia à universidade, sabia mais que ela sobre essas coisas. O namorado que tinha ido para os Estados Unidos, voltava a contar, era, como tinha dito, o que menos marca havia deixado em sua vida, mas também aquele de quem mais tinha saudade. Como isso podia ser possível? Não sabia. Os outros, os que vieram depois, eram diferentes. E era só. Um dia Rosa Méndez contou a Rosa Amalfitano o que sentia ao fazer amor com um policial.

— É o máximo — disse.

— Por quê, qual a diferença? — quis saber sua amiga.

— Não sei explicar direito, mana — disse Rosa Méndez —, é como trepar com um homem que não é totalmente um homem. É como voltar a ser menina, entende? É como se uma pedra transasse com você. Uma montanha. Você sabe que vai estar ali, de joelhos, até que a montanha diga vou gozar. E que você vai ficar cheia.

— Cheia de quê? — perguntou Rosa Amalfitano —, cheia de sêmen?

— Não, mana, não seja grossa, cheia de outra coisa, é como se uma montanha te comesse, mas te comesse *dentro* de uma gruta, entende?

— Dentro de uma caverna? — perguntou Rosa Amalfitano.

— Isso mesmo — respondeu Rosa Méndez.

— Ou seja, é como se uma montanha te *follara* dentro de uma caverna ou fuma que fica na própria montanha — disse Rosa Amalfitano.

— Exatamente isso — disse Rosa Méndez.

Depois falou:

— Acho lindo usar *follar* para dizer foder. Como os espanhóis falam bonito!

— Você é bem esquisita — comentou Rosa Amalfitano.

— Desde pequenininha — disse Rosa Méndez.

E acrescentou:

— Quer que eu te conte outra coisa?

— Conte — disse Rosa Amalfitano.

— Eu já fodi com traficantes. Juro. Quer saber o que você sente? Sente como se fosse o ar que te fodesse. Nem mais nem menos, o próprio ar.

— Quer dizer que foder com um polícia é como se uma montanha te fodesse, e foder com

um trafica é como se o ar te fodesse.

— É — disse Rosa Méndez —, mas não o ar que respiramos nem o que sentimos quando andamos na rua, mas o ar do deserto, um temporal de ar. Que não tem o mesmo sabor do ar daqui, tampouco tem cheiro de natureza, de campo, mas cheira como cheira, um cheiro próprio que não dá para explicar, simplesmente é ar, puro ar, tanto ar que às vezes fica difícil respirar e você acha que vai morrer sufocada.

— Quer dizer — concluiu Rosa Amalfitano — que se um policial te fode é como se uma montanha te fodesse dentro da própria montanha, e que se um trafica te fode é como se o ar do deserto te fodesse.

— É isso aí, mana, se um trafica te come é sempre uma intempérie.

Naquela época, Rosa Amalfitano começou a sair formalmente com Chucho Flores. Foi o primeiro mexicano com quem dormiu. Na universidade dois ou três rapazes já tinham tentado namorá-la, mas não aconteceu nada. Com Chucho Flores, pelo contrário, foi para a cama. Os dias de paquera não foram muitos, mas foram mais do que Rosa esperava. Quando voltou de Hermosillo, Chucho Flores lhe trouxe de presente um colar de pérolas. Sozinha, na frente do espelho, Rosa provou-o, e embora o colar não carecesse de encanto (além do mais devia ter custado uma nota), achou impossível vir a usá-lo um dia. O pescoço de Rosa era longo e formoso, mas aquele colar necessitava de outro tipo de vestuário. A esse primeiro mimo seguiram-se outros: às vezes, quando passeava pelas ruas onde ficavam as lojas de roupas, Chucho Flores parava diante de uma vitrine e apontando para uma peça pedia que a provasse e que, se ela gostasse, ele compraria. Geralmente Rosa provava primeiro a roupa indicada, depois outras e finalmente saía com uma a seu gosto. Chucho Flores também lhe dava livros de arte, pois uma vez ouviu-a falar de pintura e pintores cujas obras tinha visto em prestigiosos museus da Europa. Outras vezes lhe dava CDs, normalmente de autores clássicos, mas às vezes, como um guia turístico atento à cor local, introduzia em suas oferendas música do norte do México ou música do folclore mexicano, que Rosa depois, a sós em casa, ouvia distraída enquanto lavava os pratos ou punha a roupa suja, dela e do pai, na máquina de lavar.

De noite costumavam ir jantar em bons restaurantes, onde invariavelmente encontravam homens e, em menor medida, mulheres que conheciam Chucho Flores, aos quais este a apresentava como sua amiga, a senhorita Rosa Amalfitano, filha do professor de filosofia Oscar Amalfitano, minha amiga Rosa, a senhorita Amalfitano, suscitando de imediato comentários acerca da sua beleza e do seu porte, depois comentários acerca da Espanha e de Barcelona, cidade pela qual haviam passado em viagens de turismo todos, absolutamente todos, os próceres de Santa Teresa, e para a qual só tinham palavras de louvor e comentários elogiosos. Uma noite, em vez de levá-la para casa, perguntou se queria ir com ele. Rosa esperava que a levasse para o seu apartamento, mas o carro rumou para oeste, até deixar Santa Teresa para trás e, depois de rodar meia hora numa estrada solitária, chegaram a um motel onde Chucho Flores pediu um quarto. O motel ficava no meio do deserto, perto de um morro, e na beira da estrada só havia matos cinzentos que aqui e ali exibiam suas raízes desenterradas pelo vento. O quarto era grande e no banheiro havia uma jacuzzi parecida com

uma piscina pequena. A cama era redonda e nas paredes e parte do teto havia espelhos que contribuíam para ampliá-la. O carpete do assoalho era grosso, quase um colchão. Não havia frigobar mas um pequeno bar provido de quase todo tipo de bebidas alcoólicas e refrigerantes. Quando Rosa lhe perguntou por que a tinha levado a um lugar assim, o típico lugar a que os ricos traziam suas putas, Chucho Flores, tendo refletido um instante, respondeu que pelos espelhos. A maneira de dizê-lo foi como se pedisse perdão. Depois despiu-a e treparam na cama e em cima do carpete.

A atitude de Chucho Flores até aquele momento foi mais para a ternura, preocupado mais com o prazer da parceira do que consigo mesmo. Afinal Rosa teve um orgasmo e então Chucho Flores parou de foder e tirou uma caixinha metálica do casaco. Rosa pensou que fosse cocaína, mas dentro da caixinha não havia pó branco e sim uns diminutos comprimidos amarelos. Chucho Flores pegou dois comprimidos, e engoliu-os com um gole de uísque. Conversaram um tempinho, deitados na cama, até que ele tornou a possuí-la. Desta vez seu comportamento não teve nada de terno. Surpresa, Rosa não protestou nem disse nada. Chucho Flores parecia disposto a pô-la em todas as posturas possíveis e de algumas, isso Rosa pensou mais tarde, ela até gostou. Quando amanhecia pararam de foder e foram embora do motel.

No pátio que servia de estacionamento, protegido da estrada por uma parede de tijolos vermelhos, havia outros carros. O ar era fresco e seco, e tinha um ligeiro aroma almiscarado. O motel e tudo o que havia ao redor parecia encerrado num bolsão de silêncio. Enquanto caminhavam pelo estacionamento até o carro, ouviram um galo cantar. O barulho das portas do carro se abrindo, do motor pegando, dos pneus esmagando o pedrisco pareceram a Rosa iguais ao barulho de um tambor. Não passavam caminhões pela estrada.

A partir de então, sua relação com Chucho Flores foi cada vez mais estranha. Havia dias em que ele parecia incapaz de viver sem ela, outros em que a tratava como se fosse sua escrava. Algumas noites dormiam no apartamento dele e de manhã, ao despertar, Rosa não o encontrava, porque Chucho Flores às vezes se levantava bem cedinho para trabalhar num programa de rádio ao vivo que se chamava “Bom dia, Sonora” ou “Bom dia, amigos”, não sabia com exatidão pois nunca escutou desde o início, um programa ouvido pelos caminhoneiros que cruzavam a fronteira numa ou noutra direção, pelos motoristas dos ônibus que levavam os trabalhadores para as fábricas e por toda a gente de Santa Teresa que precisava madrugar. Quando Rosa acordava, preparava o café da manhã, geralmente um copo de suco de laranja e uma torrada, ou um biscoito, depois lavava o prato, o copo, o espremedor, e ia embora. Outras vezes ficava um pouco mais, olhando pelas janelas a paisagem urbana da cidade sob um céu azul-cobalto, depois fazia a cama e perambulava pela casa, sem nada para fazer a não ser pensar na vida e na relação que mantinha com aquele mexicano tão esquisito. Pensava se ele gostava dela, se o que sentia por ela era amor, se ela, por sua vez, sentia amor por ele, ou atração física, ou algo, qualquer coisa, se isso era tudo o que ela tinha a esperar de uma relação de casal.

Certas tardes entravam no carro dele e saíam a toda para o leste, até um mirante numa montanha de onde se via Santa Teresa ao longe, as primeiras luzes da cidade, o enorme paraquedas negro que caía parcimoniosamente sobre o deserto. Sempre que iam lá, depois de contemplar em silêncio a passagem do dia à noite, Chucho Flores abria a braguilha e a agarrava pela nuca até colar seu rosto entre as suas pernas. Rosa então punha seu pênis nos lábios, chupando-o de leve, até ele endurecer e então começava a acariciá-lo com a língua. Quando Chucho Flores ia gozar, notava pela pressão da mão que ele a impedia de desgrudar a cabeça. Rosa parava de mexer a língua e ficava quieta, como se ter todo o pênis dentro a sufocasse, até que sentia a descarga de sêmen em sua garganta, e nem assim se mexia, embora escutasse os gemidos e as exclamações muitas vezes inverossímeis que seu amante pronunciava, ele gostava de dizer palavras sujas e proferir insultos durante o orgasmo, não contra ela mas contra pessoas indeterminadas, fantasmas que apareciam só nesse momento e que não tardavam a se perder na noite. Depois, ainda com o gosto salgado e amargo na boca, acendia um cigarro enquanto Chucho Flores tirava da sua cigarreira de prata um papelote dobrado contendo cocaína, que derramava na tampa de prata da cigarreira, lavrada com motivos country bucólicos e, depois de preparar sem pressa três carreiras servindo-se de um dos seus cartões de crédito, aspirava com um dos seus cartões de visita, um que dizia Chucho Flores, jornalista e locutor, e depois o endereço da rádio.

Num desses entardeceres, sem que fosse feito nenhum convite (pois Chucho nunca a tinha convidado, nenhuma vez, a compartilhar a coca com ele), enquanto limpava com a palma das mãos umas gotas de sêmen dos lábios, Rosa pediu que deixasse a última carreira para ela. Chucho Flores perguntou se ela tinha certeza, depois, com um gesto de indiferença mas também de acatamento, estendeu-lhe a cigarreira e um cartão de visita novo. Rosa cheirou tudo o que sobrava de cocaína, depois se jogou para trás no banco do carro e ficou olhando para as nuvens negras que não se diferenciavam em nada do céu negro.

Naquela noite, ao voltar para casa, saiu ao quintal e viu seu pai falando com o livro que fazia tempo estava pendurado no varal dos fundos. Depois, sem que seu pai percebesse sua presença, trancou-se no quarto, e se pôs a ler um romance e a pensar em sua relação com o mexicano.

Claro, o mexicano e seu pai se conheceram. A opinião que Chucho Flores teve desse encontro foi positiva, mas Rosa acreditava que ele mentia, que era antinatural ele simpatizar com quem olhava para ele como seu pai tinha olhado. Naquela noite Amalfitano fez três perguntas a Chucho Flores. A primeira era o que ele *pensava* dos hexágonos. A segunda era se sabia construir um hexágono. A terceira era que opinião tinha dos assassinatos de mulheres que estavam sendo cometidos em Santa Teresa. À primeira pergunta a resposta de Chucho Flores foi que não pensava nada. A segunda respondeu com um sincero não. A terceira disse que era, certamente, um fato lamentável, mas que a polícia ia pegando periodicamente os assassinos. O pai de Rosa não fez mais nenhuma pergunta e ficou imóvel sentado numa poltrona enquanto sua filha saía para se despedir de Chucho Flores na rua. Quando Rosa

entrou de volta e ainda se ouvia o barulho do motor do carro do namorado, Óscar Amalfitano disse a ela que tomasse cuidado com aquele homem, que lhe cheirava mal, sem apresentar nenhum argumento que respaldasse suas palavras.

- Se não entendi mal — riu-se Rosa da cozinha —, é melhor que eu largue ele.
- Largue — disse Óscar Amalfitano.
- Ai, papai, você está cada dia mais maluco — disse Rosa.
- Isso é verdade — respondeu Óscar Amalfitano.
- E o que vamos fazer? O que podemos fazer?
- Você, largar esse pedaço de merda ignorante e mentiroso. Eu, não sei, talvez quando voltarmos para a Europa eu me interne no Clínico para que me deem uns eletrochoques.

Da segunda vez que Chucho Flores e Óscar Amalfitano se viram cara a cara, tinham ido deixar Rosa em casa, além do namorado, Charly Cruz e Rosa Méndez. Na verdade, Óscar Amalfitano não deveria estar lá e sim na universidade, dando aula, mas naquela tarde alegou uma doença e voltou para casa muito mais cedo que de costume. O encontro foi breve, embora seu pai, no fim, estivesse inusitadamente sociável, já que Rosa armou para que seus amigos fossem embora na primeira oportunidade, mas antes deu ensejo a uma conversa entre seu pai e Charly Cruz que, embora não tenha sido amena, tampouco foi chata, ao contrário, com o passar dos dias a conversa entre seu pai e Charly foi adquirindo, na memória de Rosa, contornos mais nítidos, como se o tempo, caracterizado pela forma clássica de um velho, soprasse incessantemente sobre uma pedra plana lisa e cinzenta, com veios negros, coberta de poeira, até que as letras entalhadas na pedra se fizessem perfeitamente legíveis.

Tudo começou, supunha Rosa, pois ela naquele momento não estava na sala mas na cozinha enchendo quatro copos com suco de manga, com uma das perguntas mal-intencionadas que seu pai costumava espetar em seus convidados, os dela, os dele com certeza não, ou talvez tudo tenha começado com alguma declaração de princípios da inocente Rosa Méndez, pois a voz dela, nos primeiros instantes, era a que parecia se impor na sala. Talvez Rosa Méndez tenha falado da sua paixão pelo cinema e nesse momento Óscar Amalfitano tenha lhe perguntado se sabia o que era o movimento aparente. Mas a resposta, como não podia deixar de ser, não foi dada por sua amiga, mas por Charly Cruz. O qual disse que o movimento aparente é a ilusão de movimento provocada pela persistência das imagens na retina.

— Exatamente — disse Óscar Amalfitano —, as imagens permanecem por uma fração de segundo na retina.

Então seu pai, deixando de lado Rosa Méndez, que talvez tenha dito nossa, porque sua ignorância era grande mas também era grande sua capacidade de espanto e sua vontade de aprender, perguntou diretamente a Charly Cruz se ele sabia quem tinha descoberto isso, a persistência da imagem, e Charly Cruz disse que não lembrava do nome, mas que tinha certeza de que havia sido um francês. Ao que seu pai disse:

— Exato, um francês que respondia pelo nome de professor Plateau.

O qual, descoberto o princípio, se atirou como um tubarão em experiências com diferentes artefatos construídos por ele mesmo, com o objetivo de criar efeitos de movimento mediante a sucessão de imagens fixas passadas em grande velocidade. Nasceu então o zootrópio.

— Sabe o que é? — perguntou Óscar Amalfitano.

— Tive um quando criança — respondeu Charly Cruz. — Também tive um disco mágico.

— Um disco mágico — fez Óscar Amalfitano. — Que interessante. Lembra-se dele? Poderia descrevê-lo?

— Eu poderia *fazer* um agora mesmo — disse Charly Cruz —, só preciso de uma cartolina, dois lápis de cor e um barbante, se bem me lembro.

— Ah não, ah não, ah não, não é preciso — disse Óscar Amalfitano. — Uma boa descrição me basta. De certa forma todos nós temos milhões de discos mágicos flutuando ou girando dentro do cérebro.

— Ah, é? — fez Charly Cruz.

— Nossa — fez Rosa Méndez.

— Bom, era um bebedozinho rindo. Era isso que estava desenhado numa face do disco. Na outra, estava desenhada uma cela, quer dizer, as grades de uma cela. Quando ele fazia o disco girar, o bebedozinho que ria ficava dentro da prisão.

— O que não é motivo de riso, não é mesmo? — disse Óscar Amalfitano.

— Não, não é — suspirou Charly Cruz.

— Mas o bebedozinho (a propósito, por que o chama de bebedozinho e não de bêbado?) ria, talvez porque *ele* não soubesse que estava numa prisão.

Por uns segundos, Rosa se lembrava, Charly Cruz ficou olhando para seu pai com outro olhar, como se quisesse adivinhar aonde pretendia levá-lo. Charly Cruz, como já se disse, era um homem tranquilo e durante esses segundos sua tranquilidade propriamente dita, sua disposição calma, não variou, mas ocorreu alguma coisa no interior da sua cara, como se a lente através da qual observava seu pai, Rosa se lembrava, não servisse mais e ele estivesse, *calmamente*, a trocá-la, uma operação que durava menos de uma fração de segundo, mas durante a qual, necessariamente, seu olhar ficava nu ou vazio, em todo caso *desocupado*, pois uma lente era guardada e outra era posta, e ambas as operações não podiam ser feitas ao mesmo tempo, e durante essa fração de segundo, de que Rosa se lembrava como se ela própria a houvesse inventado, a cara de Charly Cruz estava vazia ou ficava vazia numa velocidade, aliás, surpreendente, digamos na velocidade da luz, para fazer uma comparação exagerada e no entanto aproximativa, e o vazio da cara era integral, incluía os cabelos e os dentes, se bem que dizer cabelo e dente diante daquele vazio era como dizer nada, e as feições, as rugas, as vênulas capilares, os poros, tudo se esvaziava, ficava sem defesas, tudo adquiria uma proporção cuja única resposta, Rosa se lembrava, só podia ser, mas também não era, a vertigem e a náusea.

— O *bebedozinho* ri porque acredita que está livre, quando na realidade está numa prisão — disse Óscar Amalfitano. — Aí reside, digamos, a graça, mas o certo é que a prisão está

desenhada na outra face do disco, de modo que também podemos dizer que o *bebadozinho* ri porque nós acreditamos que ele está numa prisão, sem percebermos que a prisão está numa face e o *bebadozinho* na outra, e que a realidade é essa, por mais que giremos o disco e nos pareça que o *bebadozinho* está encarcerado. Na verdade, poderíamos até adivinhar de que o *bebadozinho* ri: ele ri da nossa credulidade, quer dizer, ele ri dos nossos olhos.

Pouco depois aconteceu uma coisa que afetou muito Rosa. Ela voltava da universidade, dando um passeio, e de repente ouviu alguém chamá-la. Um rapaz da sua idade, um colega de classe, parou o carro junto ao meio-fio e se ofereceu a levá-la para casa. Sem entrar no carro ela disse que preferia ir tomar um refrigerante numa cafeteria próxima que tinha ar-condicionado. O rapaz se ofereceu a levá-la, e Rosa aceitou. Subiu no carro e lhe disse que ruas pegar. A cafeteria era nova e espaçosa, em forma de L, de estilo americano com fileiras de mesas e grandes vidraças por onde entrava o sol. Conversaram um pouco de qualquer coisa. Depois o rapaz disse que tinha de ir embora. Se despediram com um beijo no rosto e Rosa pediu à garçonete que trouxesse uma xícara de café. Depois abriu um livro sobre pintura mexicana do século XX e começou a ler o capítulo dedicado a Paalen. A cafeteria, naquela hora do dia, estava quase vazia. Ouviam-se vozes provenientes da cozinha, uma mulher que dava conselhos a outra, os passos da garçonete que de quando em quando se aproximava com a cafeteira para oferecer mais café aos poucos clientes espalhados no amplo salão. De repente alguém que ela não tinha ouvido se aproximar lhe disse: você é uma puta. A voz a sobressaltou e ergueu o olhar pensando que se tratasse de uma brincadeira de mau gosto ou que a tinham confundido com outra. Junto dela estava Chucho Flores. Desconcertada, só atinou com lhe dizer que sentasse, mas Chucho Flores disse, quase sem mexer os lábios, que se levantasse e o acompanhasse. Perguntou aonde pretendia ir. Para casa, disse Chucho Flores. Suava e estava com a cara congestionada. Rosa disse que não pensava em mover-se dali. Chucho Flores perguntou então quem era o rapaz que a tinha beijado.

— Um colega da faculdade — disse Rosa, e notou que as mãos de Chucho Flores tremiam.

— Você é uma puta — ele voltou a repetir.

Depois resmungou algo que Rosa a princípio não entendeu mas que depois compreendeu que era a repetição da mesma frase: você é uma puta, proferida várias vezes, com os dentes apertados, como se pronunciá-la lhe custasse esforços ingentes.

— Vamos embora — gritou Chucho Flores.

— Não vou com você a lugar nenhum — respondeu Rosa, e olhou em volta para ver se alguém tinha se dado conta do espetáculo que estavam dando. Mas ninguém olhava para eles, e isso a sossegou.

— Foi para a cama com ele? — perguntou Chucho Flores.

Por uns segundos Rosa não entendeu de que ele falava. O ar condicionado lhe pareceu frio demais, teve vontade de sair à rua e deixar o sol tocá-la. Se tivesse trazido um suéter ou um

casaco teria posto.

— Só vou para a cama com você — disse procurando acalmá-lo.

— Mentira — gritou Chucho Flores.

A garçonete apareceu na outra extremidade da cafeteria e se aproximou deles, mas na metade do caminho se arrependeu e foi para trás do balcão.

— Não seja ridículo, por favor — disse a ele, e pousou a vista no texto sobre Paalen mas só viu formigas negras, depois aranhas negras sobre uma superfície de sal. As formigas lutavam contra as aranhas.

— Vamos para casa — ouviu Chucho Flores dizer. Sentiu frio.

Ao erguer os olhos viu que estava a ponto de chorar.

— Você é meu único amor — disse Chucho Flores. — Daria tudo por você. Morreria por você.

Por uns segundos não soube o que dizer. Talvez, pensou, houvesse chegado o momento de pôr fim à relação.

— Eu não sou nada sem você — disse Chucho Flores. — Você é tudo o que eu tenho. Tudo que eu necessito. O sonho da minha vida é você. Se eu perdesse você, eu morreria.

A garçonete olhava para eles do balcão. A umas vinte mesas de distância, um homem tomava café e lia jornal. Usava camisa de manga curta e gravata. O sol, nas janelas, parecia vibrar.

— Sente, por favor — disse Rosa.

Chucho Flores puxou a cadeira em que se apoiava e sentou-se. Ato contínuo, cobriu o rosto com as mãos e Rosa pensou que ia desatar a gritar de novo ou a chorar. Que espetáculo, pensou.

— Quer tomar alguma coisa?

Chucho Flores moveu a cabeça afirmativamente.

— Um café — sussurrou sem tirar as mãos do rosto.

Rosa olhou para a garçonete e levantou a mão para que viesse à mesa.

— Dois cafés — pediu.

— Sim, senhorita — disse a garçonete.

— O rapaz com quem você me viu é só um amigo. Nem sequer um amigo: um colega da universidade. O beijo que ele me deu foi no rosto. É normal. — disse Rosa — É o costume.

Chucho Flores riu e moveu a cabeça de um lado para o outro sem tirar as mãos do rosto.

— Claro, claro — falou. — É normal, eu sei. Desculpe.

A garçonete voltou com a cafeteira e uma xícara para Chucho Flores. Primeiro encheu a xícara de Rosa, depois a do homem. Ao se afastar olhou para Rosa nos olhos e lhe fez um sinal, ou foi o que Rosa pensou mais tarde. Um sinal com as sobrancelhas. Arqueou-as. Ou talvez tenha movido os lábios. Uma palavra articulada em silêncio. Não lembrava. Mas quis dizer alguma coisa.

— Tome seu café — disse Rosa.

— Agora mesmo — disse Chucho Flores, mas continuou parado, com as mãos cobrindo o rosto.

Perto da porta outro tipo tinha se sentado. A garçonete estava junto dele e falavam. O rapaz vestia uma jaqueta de brim bastante larga e uma camiseta preta. Era magro e não parecia ter mais de vinte e cinco anos. Rosa olhou para ele e o rapaz se deu conta na mesma hora de que o fitavam, mas tomou o refrigerante sem se importar e sem devolver o olhar.

— Três dias depois nos conhecemos — disse Rosa.

— Por que você foi à peleja? — perguntou Fate. — Gosta de boxe?

— Não, já te disse que era a primeira vez que ia a um espetáculo desse tipo, foi Rosa que me convenceu.

— A outra Rosa — disse Fate.

— Sim, Rosita Méndez — confirmou Rosa.

— Mas depois da peleja você ia fazer amor com aquele cara — disse Fate.

— Não — respondeu Rosa. — Aceitei a cocaína, porque não tinha intenção de ir para a cama com ele. Não suporto homem ciumento, mas podia continuar sendo sua amiga. Tínhamos conversado por telefone e ele pareceu entender. De qualquer modo, achei ele estranho. Quando íamos no carro, procurando um restaurante, quis que eu chupasse o pau dele. Disse para mim: dê uma chupada pela última vez. Ou vai ver que não disse assim, com essas palavras, mas é mais ou menos isso que ele pretendia dizer. Perguntei se estava maluco e ele riu. Eu também ri. Tudo parecia uma brincadeira. Nos dois dias anteriores ele andou ligando para mim, e quando não era ele que ligava era Rosita Méndez, que me transmitia recados dele. Ela me aconselhava a não abandoná-lo. Me dizia que era um bom partido. Mas disse a ela que considerava terminado nosso namoro ou fosse lá o que fosse.

— Ele já dava por acabada a relação — disse Fate.

— Tínhamos conversado por telefone, expliquei para ele que não gosto de homem ciumento, eu não sou ciumenta — disse Rosa —, não aguento ciumenta.

— Ele já considerava que tinha perdido você — disse Fate.

— É provável — disse Rosa —, caso contrário não teria pedido que chupasse o pau dele. Nunca tinha pedido, muito menos nas ruas do centro, mesmo que fosse de noite.

— Mas também não parecia triste — disse Fate —, pelo menos não me deu essa impressão.

— Não, parecia alegre — disse Rosa. — Ele sempre foi um homem alegre.

— Sim, eu pensei isso — disse Fate —, um sujeito alegre que quer passar uma noite se divertindo com sua garota e seus amigos.

— Estava drogado — disse Rosa —, não parava de tomar comprimidos.

— Não me deu a impressão de estar drogado — disse Fate —, achei-o meio estranho, como se tivesse alguma coisa grande demais na cabeça. E como se não soubesse o que fazer com o que tinha na cabeça, ainda que esta acabasse estourando.

— Foi por isso que você ficou? — perguntou Rosa.

— É possível — respondeu Fate —, na verdade não sei, eu deveria estar agora nos Estados Unidos ou escrevendo meu artigo, no entanto estou aqui, num motel, conversando com você.

Não entendo.

— Você queria ir para a cama com minha amiga, Rosita? — perguntou Rosa.

— Não — respondeu Fate. — De jeito nenhum.

— Ficou por minha causa? — perguntou Rosa.

— Não sei — respondeu Fate.

Os dois bocejaram.

— Está apaixonado por mim? — perguntou Rosa com uma naturalidade desconcertante.

— Pode ser — disse Fate.

Quando Rosa adormeceu, tirou-lhe os sapatos de salto alto e cobriu-a com uma manta. Apagou as luzes e ficou um instante espiando pelos vidros da janela o estacionamento e os faróis que iluminavam a estrada. Depois vestiu o casaco e saiu sem fazer barulho. Na recepção o recepcionista estava vendo tevê e sorriu para ele ao vê-lo chegar. Conversaram um pouco sobre os programas de televisão mexicanos e os americanos. O recepcionista disse que os programas americanos eram mais benfeitos, mas que os mexicanos eram mais divertidos. Fate perguntou se tinha tevê a cabo. O recepcionista respondeu que cabo era só pra rico e pra veado. Que a vida real aparecia e tinha de ser procurada nos canais gratuitos. Fate perguntou se ele não acreditava que, no fim das contas, nada era grátis, e o recepcionista caiu na gargalhada e disse que sabia aonde ele estava querendo chegar, mas que por aí não ia convencê-lo. Fate rebateu que não pretendia convencê-lo de nada, depois perguntou se tinha um computador do qual pudesse mandar um e-mail. O recepcionista negou com a cabeça e pôs-se a remexer num papelório amontoado em cima da escrivaninha, até topar com o cartão de um cibercafé de Santa Teresa.

— Está aberto a noite inteira — informou, o que surpreendeu Fate, pois embora fosse nova-iorquino nunca na vida tinha ouvido falar de cibercafés que não fecham à noite.

O cartão do cibercafé de Santa Teresa era de um vermelho intenso, tanto que até custava ler as letras impressas. No verso, de um vermelho mais suave, estava desenhado um mapa que assinalava a localização exata do café. Pediu ao recepcionista que traduzisse o nome do estabelecimento. O recepcionista riu e disse que se chamava Fogo, caminha comigo.

— Parece o título de um filme do David Lynch* — comentou Fate.

O recepcionista encolheu os ombros e disse que o México inteiro era uma colagem de homenagens diversas e variadíssimas.

— Cada coisa deste país é uma homenagem a todas as coisas do mundo, inclusive às que ainda não aconteceram — disse.

Depois que lhe explicou como chegar ao cibercafé, conversaram um instante sobre os filmes de Lynch. O recepcionista tinha visto todos. Fate só tinha visto três ou quatro. Para o recepcionista o melhor de Lynch era a série de tevê “Twin Peaks”. O que Fate tinha gostado mais era *O homem elefante*, talvez porque com frequência ele se sentia assim, com vontade de ser como os outros mas ao mesmo tempo sentindo-se diferente. Quando o recepcionista perguntou se ele sabia que Michael Jackson tinha comprado ou tentado comprar o esqueleto

do homem elefante, Fate deu de ombros e disse que Michael Jackson estava doente. Não acredito, disse o recepcionista olhando algo presumivelmente importante que acontecia naquele momento na tevê.

— Sou da opinião — falou com o olhar cravado na televisão que Fate não podia ver — que Michael sabe de coisas que nós não sabemos.

— Todos nós sabemos coisas que acreditamos que os outros não sabem — disse Fate.

Depois deu boa-noite, enfiou o cartão do cibercafé num bolso e voltou para o quarto.

Por um bom momento Fate ficou com as luzes apagadas, olhando pelos vidros da janela o quintal de pedrisco e as luzes incessantes dos caminhões que passavam pela estrada. Pensou em Chucho Flores e em Charly Cruz. Viu de novo a sombra da casa de Charly Cruz projetada no terreno baldio. Escutou a risada de Chucho Flores e viu Rosa Méndez deitada na cama de um quarto nu e estreito como a cela de um monge. Pensou em Corona, no olhar de Corona, na forma como Corona olhou para ele. Pensou no tipo bigodudo que tinha se juntado a eles no último momento e que não falava, depois se lembrou da voz dele, quando fugiam, aguda como a de um passarinho. Quando se cansou de ficar de pé puxou uma cadeira para junto da janela e continuou olhando. Às vezes pensava na casa da mãe e se lembrava dos pátios de cimento onde as crianças gritavam e brincavam. Se fechava os olhos podia ver um vestido branco que o vento das ruas do Harlem levantava enquanto as risadas, invencíveis, se esparramavam pelas paredes, corriam pelas calçadas, frescas e quentes como o vestido branco. Sentiu que o sono se enfiava por seus ouvidos ou subia do seu peito. Mas não queria fechar os olhos e preferia continuar escutando o pátio, os dois postes que iluminavam a fachada do motel, as sombras que os clarões dos carros abriam, iguais a caudas de cometas, nos arredores escuros.

Às vezes virava a cabeça e espiava brevemente Rosa dormindo. Mas da terceira ou da quarta vez compreendeu que não precisava se virar. Simplesmente, não era mais necessário. Por um segundo pensou que nunca mais ia ter sono. De repente, enquanto seguia a esteira das lanternas traseiras dos caminhões que pareciam disputar uma corrida, o telefone tocou. Ao atender ouviu a voz do recepcionista e soube na mesma hora que era isso que ele estava esperando.

— Senhor Fate — disse o recepcionista —, acabam de ligar perguntando se o senhor estava hospedado aqui.

Perguntou quem tinha ligado.

— Um policial, senhor Fate — disse o recepcionista.

— Um policial? Um policial mexicano?

— Acabo de falar com ele. Quer saber se o senhor era nosso hóspede.

— E o que você disse para ele? — perguntou Fate.

— A verdade, que o senhor esteve aqui, mas que já tinha ido embora — respondeu o recepcionista.

— Obrigado — disse Fate, e desligou.

Acordou Rosa e disse a ela que calçasse os sapatos. Guardou as poucas coisas que havia tirado da mala e enfiou-a no porta-malas. Lá fora fazia frio. Quando entrou novamente no quarto Rosa estava se penteando no banheiro e Fate lhe disse que não tinham tempo para isso. Entraram no carro e se dirigiram para a recepção. O recepcionista estava de pé limpando com a ponta da camisa seus óculos de míope. Fate pegou uma nota de cinquenta dólares e deu-a a ele por cima do balcão.

— Se aparecerem, diga que fui embora para o meu país — disse.

— Vão vir — disse o recepcionista.

Ao rumar para a estrada perguntou a Rosa se estava com o passaporte.

— Claro que não — respondeu Rosa.

— A polícia está me procurando — disse Fate, e contou o que o recepcionista tinha dito.

— E por que você tem certeza de que é a polícia? — perguntou Rosa — Pode ser Corona, pode ser Chucho.

— Sim — disse Fate —, pode ser Charly Cruz ou quem sabe Rosita Méndez fingindo voz de homem, mas não pretendo ficar para me certificar.

* * *

Deram uma volta pela rua para verificar se estavam à espera deles, mas tudo estava tranquilo (uma tranquilidade agitada ou que preludiava a agitação de um amanhecer na fronteira), e na segunda volta pararam o carro debaixo de uma árvore, na frente da casa de um vizinho. Ficaram um instante dentro, atentos a qualquer sinal, a qualquer movimento. Ao atravessar a rua tomaram o cuidado de fazê-lo num lugar a salvo da luz dos postes. Depois pularam a cerca e se dirigiram diretamente para o quintal dos fundos. Enquanto Rosa procurava as chaves, Fate viu o livro de geometria pendurado numa das cordas do varal. Sem pensar se aproximou e tocou-o com a ponta dos dedos. Depois, não porque lhe interessasse saber mas para diminuir a tensão, perguntou a Rosa o que significava *Testamento geométrico* e Rosa traduziu sem acrescentar um só comentário.

— É curioso alguém pendurar um livro como se fosse uma camisa — murmurou.

— Coisas do meu pai.

A casa, apesar de compartilhada pelo pai e pela filha, tinha um ar claramente feminino. Recendia a incenso e cigarro. Rosa acendeu um abajur e por um instante eles se deixaram cair nas poltronas, cobertas com mantas mexicanas multicores, sem pronunciar palavra. Depois Rosa fez café e enquanto estava na cozinha Fate viu aparecer por uma porta Óscar Amalfitano, descalço e despenteado, vestindo uma camisa branca todo amarrotada e calça jeans, como se houvesse dormido sem tirar a roupa. Por um momento ambos se olharam sem pronunciar uma palavra, como se estivessem dormindo e seus sonhos houvessem confluído num território comum, alheio porém a qualquer som. Fate se levantou e disse seu nome. Amalfitano perguntou se não sabia falar espanhol. Fate pediu desculpas e sorriu, e Amalfitano repetiu a pergunta em inglês.

— Sou amigo da sua filha — disse Fate —, ela me convidou para entrar.

Da cozinha chegou a voz de Rosa, que disse ao pai, em espanhol, que não se preocupasse, que era um jornalista de Nova York. Perguntou se ele também queria café, e Amalfitano respondeu afirmativamente sem parar de encarar o desconhecido. Quando Rosa apareceu com uma bandeja, três xícaras de café, uma jarra de leite e o açucareiro, seu pai perguntou o que estava acontecendo. Agora, respondeu Rosa, acho que nada, mas esta noite aconteceram umas coisas esquisitas. Amalfitano olhou para o chão, estudou seus pés nus, pôs leite e açúcar no café e pediu que sua filha lhe explicasse tudo. Rosa olhou para Fate e traduziu o que seu pai acabava de dizer. Fate sorriu e tornou a sentar na poltrona. Pegou uma xícara de café e começou a beber aos golinhos, enquanto Rosa contava ao pai, em espanhol, o que havia acontecido naquela noite, desde a luta de boxe até o momento em que teve de abandonar o motel do americano. Quando Rosa acabou seu relato amanhecia e Amalfitano, que mal havia interrompido a filha com perguntas e pedidos de esclarecimento, sugeriu que ligassem para o motel e verificassem com o recepcionista se a polícia tinha aparecido ou não por lá. Rosa traduziu para Fate o que seu pai havia sugerido e ele, mais por cortesia do que por convicção, discou o número do motel Las Brisas. Ninguém atendeu. Oscar Amalfitano se levantou da poltrona e foi à janela. A rua parecia tranquila. É melhor irem embora, disse. Rosa olhou para ele sem dizer nada.

— O senhor pode tirá-la daqui para os Estados Unidos, depois levá-la a um aeroporto e pô-la num avião com destino a Barcelona?

Fate disse que podia. Óscar Amalfitano saiu da janela e desapareceu em seu quarto. Quando voltou entregou a Rosa um maço de dinheiro. Não é muito mas dá para a passagem e para os primeiros dias em Barcelona. Não quero ir, papai, disse Rosa. Eu sei, eu sei, disse Amalfitano, e obrigou-a a pegar o dinheiro. Onde está seu passaporte? Vá buscá-lo. Faça a mala. Mas rápido, disse, depois voltou a seu posto à janela. Detrás de um Spirit, o Spirit do vizinho da frente, distinguiu o Peregrino preto que estava procurando. Suspirou. Fate deixou o café em cima da mesa e se aproximou da janela.

— Gostaria de saber o que está acontecendo — disse Fate. Sua voz havia enrouquecido.

— Tire minha filha desta cidade, depois esqueça tudo. Ou melhor: não se esqueça de nada, mas o primordial é que afaste minha filha deste lugar.

Nesse momento Fate se lembrou do encontro que tinha com Guadalupe Roncal.

— Tem a ver com os assassinatos? — perguntou. — O senhor acha que esse Chucho Flores está metido no assunto?

— Todos estão metidos — disse Amalfitano.

Um sujeito jovem e alto, de jeans e jaqueta de brim, desceu do Peregrino e acendeu um cigarro. Rosa olhou por cima do ombro do pai.

— Quem é? — perguntou.

— Você nunca o viu?

— Não, acho que não.

— É da polícia — disse Amalfitano.

Depois pegou a filha pela mão e arrastou-a para o quarto. Trancaram a porta. Fate supôs que estavam se despedindo e tornou a olhar pela janela. O cara do Peregrino fumava

encostado no capô. De vez em quando observava o céu que era cada vez mais claro. Parecia tranquilo, sem pressa nem preocupações, feliz por estar vendo outro amanhecer em Santa Teresa. De uma das casas vizinhas saiu um homem e ligou o carro. O cara do Peregrino jogou a guimba na calçada e entrou no seu. Não olhou uma só vez na direção da casa. Quando Rosa saiu do quarto trazia uma pequena mala na mão.

— Como vamos sair? — quis saber Fate.

— Pela porta — respondeu Amalfitano.

Depois Fate viu, como se fosse um filme que não entendia direito mas que o remetia, curiosamente, à morte da mãe, Amalfitano beijar e abraçar a filha, depois o viu sair e se dirigir com decisão para a rua. Primeiro viu-o caminhar pelo quintal da frente, viu-o abrir a porta de madeira necessitada de uma mão de pintura, viu-o atravessar a rua, descalço, despenteado, até o Peregrino preto. Quando chegou lá o sujeito abaixou o vidro e conversaram um instante, Amalfitano na rua e o jovem dentro do carro. Eles se conhecem, pensou Fate, não é a primeira vez que conversam.

— Está na hora, vamos embora — disse Rosa.

Fate seguiu-a. Atravessaram o jardim e a rua, e seus corpos projetaram uma sombra extremamente fina que a cada cinco segundos era sacudida por um tremor, como se o sol estivesse girando ao contrário. Ao entrar no carro, Fate acreditou ouvir um riso às suas costas e se virou, mas só viu que Amalfitano e o sujeito jovem continuavam conversando na mesma posição de antes.

Guadalupe Roncal e Rosa Amalfitano não demoraram meio minuto para entender as respectivas agruras. A jornalista se ofereceu a levá-los a Tucson. Rosa disse que não era preciso exagerar. Deliberaram um instante. Enquanto falavam em espanhol, Fate espiou pela janela, mas tudo estava normal nos arredores do Sonora Resort. Não havia mais jornalistas, ninguém falava de lutas de boxe, os garçons pareciam ter despertado de uma longa letargia e eram menos amáveis, como se o despertar não houvesse sido de seu agrado. Do hotel, Rosa ligou para o pai. Fate a viu se distanciar em direção à recepção, acompanhada por Guadalupe Roncal, e enquanto esperava que voltassem fumou um cigarro e tomou algumas notas para a matéria que ainda não tinha enviado. Com a luz diurna os acontecimentos da noite anterior pareciam irrealis, revestidos de uma gravidade infantil. Na deriva de seus pensamentos Fate viu o sparring Omar Abdul e o sparring García. Imaginou os dois viajando de ônibus até a costa. Viu-os descer do ônibus, viu-os dar alguns passos por entre umas moitas na areia. O vento onírico arrastava grãos de areia que grudavam no rosto. Um banho de ouro. Que paz, pensou Fate. Como tudo é simples. Depois viu o ônibus e imaginou-o preto, como um enorme carro fúnebre. Viu o sorriso arrogante de Abdul, o rosto impassível de García, suas tatuagens estranhas, e ouviu o repentino barulho de pratos quebrados, não muitos, ou um retumbar de caixas que caíam no chão, e só então Fate se deu conta de que estava adormecendo e procurou com a vista um garçom para lhe pedir outro café, mas não viu ninguém. Guadalupe Roncal e Rosa Amalfitano continuavam falando no telefone.

— A gente é boa, é simpática, hospitaleira, os mexicanos são um povo trabalhador, têm uma curiosidade enorme por tudo, se preocupam com os outros, são valentes e generosos, sua tristeza não mata e sim dá vida — disse Rosa Amalfitano quando cruzaram a fronteira dos Estados Unidos.

— Vai sentir falta deles? — perguntou Fate.

— Vou sentir falta do meu pai e sentir falta das pessoas — respondeu Rosa.

Quando iam de carro rumo à prisão de Santa Teresa, Rosa lhe disse que na casa do seu pai ninguém atendia o telefone. Depois de ligar várias vezes para Amalfitano, Rosa ligou para a casa de Rosa Méndez, e lá também não havia ninguém. Acho que Rosa está morta, falou. Fate moveu a cabeça como se lhe custasse acreditar.

— Ainda estamos vivos — falou.

— Estamos vivos porque não vimos nem sabemos de nada — disse Rosa.

O carro da jornalista ia na frente. Era um Little Nemo amarelo. Guadalupe Roncal dirigia com cuidado, mas de quando em quando parava, como se não se lembrasse com exatidão do caminho. Fate pensou que talvez fosse melhor parar de segui-la e dirigir-se imediatamente para a fronteira. Quando sugeriu isso, Rosa se opôs taxativamente. Perguntou a ela se tinha amigos na cidade. Rosa disse que não, que na realidade não tinha nenhum amigo. Chucho Flores, Rosa Méndez e Charly Cruz, mas esses ele não considerava amigos, não é?

— Não, esses não são amigos — concordou Fate.

Viram uma bandeira mexicana ondulando no deserto, do outro lado da cerca. Um dos policiais da aduana do lado americano olhou detidamente para Fate e Rosa. Se perguntou o que fazia uma moça branca, além do mais tão bonita, na companhia de um negro. Fate sustentou o olhar. Jornalista?, perguntou o policial. Fate assentiu com a cabeça. Um peixe gordo, pensou o polícia. Toda noite deve lhe dar uma surra. Espanhola? Rosa sorriu ao polícia. Uma sombra de frustração cruzou o rosto do policial. Quando puseram o carro em movimento a bandeira desapareceu e só se viu a cerca e uns muros em torno de uns galpões de mercadoria.

— O problema é o azar — disse Rosa.

Fate não ouviu.

Enquanto esperavam na sala sem janelas, Fate sentiu seu pênis ficar cada vez mais duro. Por um momento pensou que não tivera uma ereção desde a morte da mãe, mas logo descartou a ideia, era impossível que durante tanto tempo, pensou, mas era possível sim, o irremediável era possível, o que não tem volta era possível, por que então não ia ser possível

que o sangue não irrigasse seu pau por um certo período de tempo, aliás relativamente curto? Rosa Amalfitano olhou para ele. Guadalupe Roncal estava ocupada com as suas notas e o seu gravador, sentada numa cadeira aparafusada no chão. De vez em quando chegavam os sons cotidianos da prisão. Nomes pronunciados aos gritos, música em surdina, passos que se distanciavam. Fate sentou num banco de madeira e bocejou. Acreditou que adormeceria. Imaginou as pernas de Rosa sobre seus ombros. Viu outra vez seu quarto no motel Las Brisas e se perguntou se tinham feito amor ou não. Claro que não, se respondeu. Depois ouviu uns gritos, como se numa das salas da prisão estivessem comemorando uma despedida de solteiro. Pensou nos assassinatos. Ouvia risos distantes. Mugidos. Ouvia que Guadalupe Roncal dizia alguma coisa a Rosa e que esta respondia. O sono o alcançou e ele se viu dormindo placidamente no sofá da casa da mãe, no Harlem, com a televisão ligada. Vou dormir meia hora, disse consigo, depois volto ao trabalho. Tenho de escrever a matéria sobre a luta de boxe. Tenho de dirigir a noite inteira. Quando amanhecer tudo terá acabado.

Ao deixar a fronteira para trás, os poucos turistas que viram pelas ruas de El Adobe pareciam dormir. Uma mulher de uns setenta anos, de vestido florido e tênis Nike, estava de joelhos examinando uns tapetes indígenas. Tinha pinta de atleta na ativa lá pelos anos 40. Três crianças de mãos dadas espiavam os objetos exibidos numa vitrine. Os objetos se moviam imperceptivelmente, mas Fate não conseguiu saber se eram bichos ou dispositivos mecânicos. Junto de um bar uns tipos com pinta de chicanos e chapéu de caubói gesticulavam e apontavam para direções opostas. No fim da rua havia uns galpões de madeira e contêineres de metal na calçada. Mais além ficava o deserto. Tudo isso é como o sonho de outra pessoa, disse Fate. A seu lado, a cabeça de Rosa repousava delicadamente no assento e seus olhos grandes permaneciam fixos em algum ponto do horizonte. Fate observou os joelhos dela, que pareciam perfeitos, depois suas cadeiras, depois seus ombros e suas escápulas, que pareciam ter vida própria, uma vida obscura, suspensa, que só surgia de quando em quando. Depois se concentrou em dirigir. A estrada que saía de El Adobe enveredava por uma espécie de redemoinho de cores ocres.

— O que terá acontecido com Guadalupe Roncal? — perguntou Rosa com voz de sonâmbula.

— A estas horas deve estar voltando para casa — respondeu Fate.

— Que estranho — fez Rosa.

A voz de Rosa acordou-o.

— Escute — disse.

Fate abriu os olhos, mas não ouviu nada. Guadalupe Roncal tinha se levantado e agora estava junto deles, os olhos muito abertos, como se seus piores pesadelos tivessem se materializado. Fate se aproximou da porta e abriu-a. Estava com câibra numa perna e ainda não conseguia acordar totalmente. Viu um corredor e no fim do corredor uma escada de

cimento sem reboco, como se os pedreiros a tivessem deixado por acabar. O corredor estava fracamente iluminado.

— Não vá — ouviu Rosa dizer.

— Vamos cair fora desta arapuca — sugeriu Guadalupe Roncal.

Um agente penitenciário apareceu no fundo do corredor e se dirigiu a eles. Fate mostrou sua credencial de jornalista. O funcionário assentiu com a cabeça, sem olhar para a credencial, e sorriu para Guadalupe Roncal, que permanecia à porta. Depois o agente fechou a porta e disse alguma coisa sobre uma tempestade. Rosa traduziu no ouvido para ele. Uma tempestade de areia ou uma tempestade de chuva ou uma tempestade de eletricidade. Nuvens altas que desciam da serra e que não se descarregariam sobre Santa Teresa, mas que contribuíam para enegrecer o panorama. Uma manhã de cão. Os detentos sempre ficam nervosos, disse o agente. Era um sujeito moço, com um bigodinho ralo, talvez um pouco gordo para a sua idade e dava para ver que não gostava do seu trabalho. Agora trazem o assassino.

É preciso fazer caso das mulheres. O melhor é não desconsiderar os temores das mulheres. Era uma coisa assim, Fate se lembrava, que sua mãe dizia ou a falecida senhorita Holly, vizinha de sua mãe, quando as duas eram moças e ele um guri. Por um instante imaginou uma balança, parecida com a que a justiça cega tem nas mãos, só que em vez dos dois pratos essa balança tinha duas garrafas ou algo que se parecia com duas garrafas. A, vamos chamá-la assim, garrafa da esquerda era transparente e estava cheia de areia do deserto. Tinha vários buracos por onde a areia escorria. A garrafa da direita estava cheia de ácido. Esta não tinha nenhum buraco, mas o ácido estava comendo a garrafa por dentro. Durante o caminho para Tucson, Fate foi incapaz de reconhecer o que havia visto uns dias antes, quando percorrera o mesmo caminho no sentido contrário. O que antes era a minha direita agora é a minha esquerda, e não consigo mais ter um só ponto de referência. Tudo apagado. Por volta do meio-dia pararam numa lanchonete de um lado da estrada. Um grupo de mexicanos com pinta de emigrantes desempregados os observava do balcão. Tomavam água mineral e refrigerantes locais cujos nomes e garrafas pareceram estranhíssimos a Fate. Empresas novas que não tardariam a desaparecer. A comida era ruim. Rosa estava com sono e quando voltaram para o carro ela adormeceu. Fate se lembrou das palavras de Guadalupe Roncal. Ninguém presta atenção nesses assassinatos, mas neles se esconde o segredo do mundo. Foi Guadalupe Roncal ou Rosa quem disse isso? Em alguns momentos, a estrada é igual a um rio. Quem disse isso foi o suposto assassino, pensou Fate. O fodido gigante albino que apareceu junto com a nuvem negra.

Quando Fate ouviu os passos se aproximando pensou que eram os passos de um gigante. Algo parecido é o que deve ter pensado Guadalupe Roncal, que fez cara de quem ia desmaiar, mas em vez disso se agarrou na mão e depois na gola do agente penitenciário. Este, em vez

de se afastar, passou um braço pelo seu ombro. Fate sentiu o corpo de Rosa do seu lado. Ouviu vozes. Como se os presos incentivassem alguém. Ouviu risadas e repreensões, depois passaram as nuvens negras que vinham do leste por cima da prisão e o ar pareceu escurecer. Os passos recomeçaram. Ouviu risadas e pedidos. De repente uma voz começou a entoar uma canção. O efeito era igual ao de um lenhador cortando árvores. A voz não cantava em inglês. De início Fate não foi capaz de determinar em que idioma cantava, até que Rosa, a seu lado, disse que era alemão. O tom da voz subiu. Ocorreu a Fate que talvez estivesse sonhando. As árvores caíam uma atrás da outra. Sou um gigante perdido no meio de um bosque queimado. Mas alguém virá me resgatar. Rosa traduziu os impropérios do principal suspeito. Um lenhador poliglota, pensou Fate, que ora fala inglês, ora espanhol, e que canta em alemão. Sou um gigante perdido no meio de um bosque calcinado. Meu destino, porém, só eu conheço. E então tornaram a se ouvir passos, risos, exclamações e palavras de incentivo dos presos e dos carcereiros que escoltavam o gigante. Depois viram um tipo enorme e muito louro entrar na sala de visitas inclinando a cabeça, como se temesse dar uma cabeçada no teto, e que sorria como se acabasse de fazer uma travessura, cantar em alemão a canção do lenhador perdido, e que olhou para todos com um olhar inteligente e zombeteiro. Depois o carcereiro que o acompanhava perguntou a Guadalupe Roncal se preferia que o algemassem na cadeira ou não, Guadalupe Roncal moveu a cabeça negativamente, o carcereiro deu um tapinha no ombro do sujeito alto e saiu, e o agente que estava junto de Fate e das mulheres também saiu, não sem antes dizer alguma coisa no ouvido de Guadalupe Roncal, e eles ficaram a sós.

— Bom dia — disse o gigante em espanhol. Sentou-se e estirou as pernas por baixo da mesa até seus pés aparecerem do outro lado.

Usava tênis pretos e meias brancas. Guadalupe Roncal retrocedeu um passo.

— Perguntem o que quiserem — disse o gigante.

Guadalupe Roncal levou a mão à boca, como se estivesse inalando um gás tóxico, e não soube o que perguntar.

* O título no Brasil foi *Twin Peaks — Os últimos dias de Laura Palmer* (no México: *El Fuego Camina Conmigo*). (N. T.)

A PARTE DOS CRIMES

A morta apareceu num terreno baldio na colônia Las Flores. Vestia camiseta branca de manga comprida e saia amarela até os joelhos, um número maior. Uns garotos que brincavam no terreno a encontraram e avisaram os pais. A mãe de um deles telefonou para a polícia, que chegou meia hora depois. O terreno dava para a rua Peláez e a rua Hermanos Chacón, depois se perdia numa vala detrás da qual se erguiam os muros de uma leiteria abandonada e já em ruínas. Não havia ninguém na rua, de modo que num primeiro momento os policiais pensaram que era um trote. Apesar de tudo, pararam o carro patrulha na rua Peláez e um deles entrou no terreno baldio. Logo descobriu duas mulheres de cabeça coberta, ajoelhadas sobre o mato ralo, rezando. As mulheres, vistas de longe, pareciam velhas, mas não eram. Diante delas jazia o cadáver. Sem interrompê-las, o policial deu meia-volta e com gestos chamou o companheiro que esperava fumando dentro do carro. Depois os dois voltaram (um deles, o que não havia descido, com a pistola na mão) até onde estavam as mulheres e ficaram de pé junto a elas observando o cadáver. O que estava com a pistola na mão perguntou se a conheciam. Não, senhor, respondeu uma das mulheres. Nunca tínhamos visto. Esta criatura não é daqui.

Isso aconteceu em 1993. Em janeiro de 1993. A partir dessa morta começaram a se contar os assassinatos de mulheres. Mas é provável que antes tenha havido outras. A primeira morta se chamava Esperanza Gómez Saldaña e tinha treze anos. Mas é provável que não tenha sido a primeira morta. Talvez por comodidade, por ser a primeira assassinada em 1993, ela encabece a lista. Mas com certeza em 1992 morreram outras. Outras que ficaram fora da lista ou que nunca ninguém encontrou, enterradas em valas comuns no deserto ou suas cinzas espalhadas no meio da noite, quando nem aquele que semeia sabe onde, em que lugar se encontra.

A identificação de Esperanza Gómez Saldaña foi relativamente fácil. Primeiro o corpo foi trasladado para uma das três delegacias de Santa Teresa, onde um juiz a viu e outros policiais a examinaram e fotografaram. Pouco depois, enquanto uma ambulância esperava fora da delegacia, chegou Pedro Negrete, o chefe de polícia, acompanhado por um par de auxiliares, e procedeu a um novo exame. Quando terminou reuniu-se com o juiz e com outros três policiais que o esperavam numa sala e lhes perguntou a que conclusão tinham chegado. Foi estrangulada, disse o juiz, isso é mais claro do que água. Os policiais se limitaram a

concordar. Sabe-se quem é?, perguntou o chefe de polícia. Todos disseram que não. Bem, vamos investigar, disse Pedro Negrete, e foi embora com o juiz. Seu auxiliar ficou na delegacia e pediu que chamassem os policiais que haviam encontrado a morta. Voltaram a fazer a ronda, disseram a ele. Pois tragam eles de volta, seus panacas, disse. Depois o corpo foi levado para o necrotério do hospital da cidade, onde o legista realizou a autópsia. De acordo com esta, Esperanza Gómez Saldaña morreu estrangulada. Apresentava hematomas no queixo e no olho esquerdo. Fortes hematomas nas pernas e nas costelas. Havia sido estuprada vaginal e analmente, é provável que mais de uma vez, pois ambos os condutos apresentavam dilacerações e escoriações pelas quais havia sangrado profusamente. Às duas da manhã o legista deu por terminada a autópsia e foi embora. Um enfermeiro negro, há tempos emigrado de Veracruz para o norte, pegou o cadáver e colocou-o num congelador.

Cinco dias depois, antes que o mês de janeiro acabasse, foi estrangulada Luisa Celina Vázquez. Tinha dezesseis anos, de compleição robusta, pele branca, e estava grávida de cinco meses. O homem com o qual vivia e o amigo deste se dedicavam a pequenos furtos em lojas e revendedoras de eletrodomésticos. A polícia apareceu, alertada por um aviso dos moradores do edifício, situado na avenida Rubén Darío, na colônia Mancera. Depois de forçar a porta encontraram Luisa Celina estrangulada com um fio de televisão. Naquela noite detiveram seu amante, Marcos Sepúlveda, e seu comparsa, Ezequiel Romero. Ambos foram presos nas dependências do 2º distrito e submetidos a um interrogatório que durou a noite inteira, feito pelo auxiliar do chefe de polícia de Santa Teresa, o agente Epifanio Galindo, com resultados excelentes, pois antes de amanhecer o detido Romero confessou ter mantido, sem conhecimento do amigo e comparsa, relações íntimas com a morta. Ao saber que estava grávida, Luisa Celina decidiu romper a relação, o que Romero não aceitou, pois pensava que o pai da criança que estava para nascer era ele, e não seu comparsa. Ao fim de uns meses, quando a decisão de Luisa Celina era irreversível, decidiu numa crise de loucura matá-la, o que finalmente fez aproveitando uma ausência de Sepúlveda. Dois dias depois, este último foi posto em liberdade e Romero, em vez de ir para a prisão, continuou nos calabouços do 2º distrito, mas desta vez os interrogatórios não tinham por fim esclarecer os detalhes faltantes do assassinato de Luisa Celina, mas sim tentar envolver Romero no assassinato de Esperanza Gómez Saldaña, cujo cadáver já tinha sido identificado. Ao contrário do que a polícia pensava, induzida em erro pela rapidez com que haviam conseguido a primeira confissão, Romero era muito mais duro do que aparentava e não se autoimplicou no primeiro crime.

Em meados de fevereiro, num beco do centro de Santa Teresa, lixeiros encontraram outra mulher morta. Tinha cerca de trinta anos e vestia saia preta e blusa branca, decotada. Havia sido assassinada a facadas, embora no rosto e no abdome tenham sido notadas as contusões de numerosos golpes. Na bolsa foi encontrada uma passagem de ônibus para Tucson, que saía naquela manhã às nove e que a mulher não ia mais pegar. Também se encontrou um batom,

pó de arroz, rímel, lenços de papel, um maço de cigarro pela metade e uma embalagem de camisinhas. Não tinha passaporte nem agenda nem nada que pudesse identificá-la. Também não levava fósforo ou isqueiro.

Em março, a locutora da rádio El Heraldo del Norte, empresa irmã do jornal *El Heraldo del Norte*, saiu às dez da noite dos estúdios da emissora em companhia de outro locutor e do técnico de som. Foram ao restaurante Piazza Navona, especializado em cozinha italiana, onde comeram três pedaços de pizza e tomaram três garrafinhas de vinho californiano. O locutor foi o primeiro a se despedir. A locutora, Isabel Urrea, e o técnico de som, Francisco Santamaría, resolveram ficar para conversar mais um pouco. Falaram de assuntos de trabalho, horários e programas, depois puseram-se a falar de uma colega que não trabalhava mais lá, e tinha se casado e ido viver com o marido numa cidadezinha próxima de Hermosillo, cujo nome não lembravam, mas que ficava à beira-mar e que durante seis meses por ano costumava ser, segundo a colega, a coisa mais parecida que há com o paraíso. Os dois saíram juntos do restaurante. O técnico de som não tinha carro, de modo que Isabel Urrea se ofereceu a levá-lo em casa. Não era preciso, disse o técnico, a casa ficava perto, além disso preferia ir andando. Enquanto o técnico se perdia rua abaixo, Isabel se dirigiu para onde estava seu carro. Ao pegar a chave para abri-lo uma sombra cruzou a calçada e disparou três vezes. As chaves caíram. Um passante que estava a uns cinco metros de distância se atirou no chão. Isabel tentou se levantar mas só pôde encostar a cabeça no pneu da frente. Não sentia dor. A sombra se aproximou dela e disparou um tiro em sua testa.

O assassinato de Isabel Urrea, repercutido nos três primeiros dias por sua rádio e seu jornal, foi atribuído a um roubo malogrado, malsucedido, obra de um louco ou de um drogado que com certeza queria levar seu carro. Também circulou a teoria de que o autor do crime podia ser um centro-americano, um guatemalteco ou salvadorenho, veterano das guerras daqueles países, que levantava dinheiro por qualquer meio a fim de ir para os Estados Unidos. Não houve autópsia, em deferência à família, e nunca se soube o resultado do exame balístico, e em alguma ida e vinda entre os tribunais de Santa Teresa e de Hermosillo se perdeu definitivamente.

Um mês depois, um amolador de facas que percorria a rua El Arroyo, na divisa entre a colônia Ciudad Nueva e a colônia Morelos, viu uma mulher agarrada num poste de madeira, como se estivesse bêbada. Junto do amolador passou um Peregrino preto de vidro fumê. Do outro extremo da rua, coberto de moscas, viu se aproximar o vendedor de picolés. Ambos convergiram para o poste de madeira, mas a mulher havia escorregado e não tinha mais forças para se agarrar. A cara da mulher, em parte oculta pelo antebraço, era uma maçaroca de carne vermelha e roxa. O amolador disse que tinham de chamar uma ambulância. O

sorveteiro olhou para a mulher e disse que parecia ter lutado quinze rounds com Torito Ramírez. O amolador se deu conta de que o sorveteiro não iria se mexer e pediu que vigiasse seu carrinho que ele já voltava. Quando atravessou a rua de terra, virou para trás, a fim de certificar-se de que o sorveteiro lhe obedecia, e viu todas as moscas que antes rodeavam o homem do picolé em torno da cabeça ferida da mulher. Nas janelas do outro lado da rua umas mulheres observavam. Temos que chamar uma ambulância, disse o amolador. Essa mulher está morrendo. Pouco mais tarde chegou uma ambulância e os enfermeiros quiseram saber quem se responsabilizava pelo traslado. O amolador explicou que ele e o sorveteiro tinham encontrado a mulher estirada no chão. Eu sei, disse o enfermeiro, mas o que interessa agora é saber quem se responsabiliza por ela. Como vou me responsabilizar por ela, se nem sei como se chama?, disse o amolador. Mas alguém tem de se responsabilizar, disse o enfermeiro. Tá surdo, cabra?, fez o amolador tirando do seu carrinho um enorme facão. Tá bom, tá bom, tá bom, disse o enfermeiro. Bota a mulher na ambulância, disse o amolador. O outro enfermeiro, que tinha se agachado para examinar a mulher caída espantando as moscas a tapa, disse que não adiantava eles brigarem pois a mulher já estava morta. Os olhos do amolador se apertaram até parecerem dois traços desenhados com carvão. Seu veado filho da puta, foi culpa sua, falou, e saiu perseguindo o enfermeiro. O outro enfermeiro quis intervir mas depois de ver o facão nas mãos do amolador decidiu se trancar dentro da ambulância, de onde chamou a polícia. Por um bom momento o amolador perseguiu o enfermeiro até que a raiva, a sanha ou o rancor minguaram, ou até se cansar. E quando isso aconteceu, parou, pegou seu carrinho e se afastou pela rua El Arroyo até os curiosos que tinham se juntado ao redor da ambulância o perderem de vista.

A mulher se chamava Isabel Cansino, mais conhecida como Elizabeth, e se dedicava à prostituição. Os golpes recebidos haviam destruído seu baço. A polícia atribuiu o crime a um ou vários clientes descontentes. Morava na colônia San Damián, bem mais ao sul de onde foi encontrada, e ao que se sabia não tinha companheiro fixo, embora uma vizinha tenha falado de um tal de Iván que ia muito lá e que diligências posteriores não puderam localizar. Também tentaram buscar o paradeiro do amolador de facas, chamado Nicanor, segundo testemunhas de moradores das colônias Ciudad Nueva e Morelos, por onde costumava passar uma vez por semana ou uma vez a cada quinze dias, mas os esforços foram em vão. Ou mudou de ofício, ou do oeste de Santa Teresa para as zonas sul e leste, ou emigrou da cidade. O caso é que não se tornou mais a vê-lo.

No mês seguinte, em maio, foi encontrada uma mulher morta num lixão situado entre a colônia Las Flores e o parque industrial General Sepúlveda. No parque se levantavam os edifícios de quatro maquiladoras dedicadas à montagem de peças de eletrodomésticos. As torres de eletricidade que serviam às maquiladoras eram novas e pintadas de prateado. Junto a elas, entre umas elevações do terreno, sobressaíam os tetos dos casebres que tinham se

instalado ali pouco antes da chegada das maquiladoras e que se estendiam até atravessar a via férrea, nos limites da colônia La Preciada. Na praça havia seis árvores, uma em cada extremidade e duas no centro, tão cobertas de poeira que pareciam amarelas. Numa ponta da praça ficava o ponto dos ônibus que traziam os trabalhadores de diversos bairros de Santa Teresa. Era preciso caminhar um bom tempo pelas ruas de terra até os portões onde os seguranças verificavam os crachás dos trabalhadores, para que cada um pudesse ir a seu respectivo trabalho. Só uma das maquiladoras tinha cantina para os trabalhadores. Nas outras os operários comiam junto às máquinas ou em grupo num canto qualquer. Ali conversavam e riam até tocar a sirene que marcava o fim da refeição. A maioria eram mulheres. No lixão onde se encontrou a morta não só se acumulavam os detritos dos moradores dos casebres mas também os resíduos de cada maquiladora. A notícia sobre a descoberta da morta foi dada pelo capataz de uma das fábricas, a Multizone-West, que trabalhava associada a uma transnacional fabricante de televisores. Os policiais que vieram buscá-la encontraram três executivos da maquiladora esperando-os junto do lixão. Dois eram mexicanos, o outro era americano. Um dos mexicanos disse que preferiam que levassem o cadáver o quanto antes. O policial perguntou onde estava o corpo, enquanto seu colega chamava a ambulância. Os três executivos acompanharam o policial lixão adentro. Os quatro taparam o nariz, mas quando o americano destapou o dele, os mexicanos seguiram seu exemplo. A morta era uma mulher de pele escura e cabelos negros e escorridos que caíam até abaixo dos ombros. Vestia um moletom preto e calças curtas. Os quatro homens ficaram olhando para ela. O americano se agachou e afastou com uma esferográfica os cabelos do pescoço. É melhor que o gringo não toque nela, disse o policial. Não estou tocando, replicou o americano em espanhol, só quero ver o pescoço dela. Os dois executivos mexicanos se agacharam e observaram as marcas que a morta tinha no pescoço. Depois se levantaram e verificaram a hora. A ambulância está demorando, disse um deles. Já, já chega, disse o policial. Bom, disse um dos executivos, o senhor se encarrega de tudo, não é? O policial disse sim, claro, e guardou o par de notas que o outro lhe deu no bolso da calça do uniforme. Aquela noite a morta passou num nicho refrigerado do hospital Santa Teresa e no dia seguinte um dos auxiliares do legista realizou a autópsia. Tinha sido estrangulada. Tinha sido estuprada. Por ambos os condutos, anotou o auxiliar do legista. E estava grávida de cinco meses.

A primeira morta de maio nunca foi identificada, pelo que se supôs que era uma emigrante de algum estado do centro ou do sul que parou em Santa Teresa antes de seguir viagem rumo aos Estados Unidos. Ninguém estava com ela, ninguém sentiu sua falta. Tinha aproximadamente trinta e cinco anos e estava grávida. Talvez se dirigisse aos Estados Unidos para se encontrar com o marido ou o amante, o pai do filho que esperava, algum desgraçado que residia ilegalmente lá e que nunca soube, talvez, que havia emprenhado aquela mulher nem que esta, ao saber disso, ia à sua procura. Mas a primeira morta não foi a única, três dias depois morreu Guadalupe Rojas (que foi desde o primeiro momento identificada), de vinte e seis anos, residente na rua Jazmín, uma das paralelas da avenida Carranza, na colônia

Carranza, que trabalhava como operária na maquiladora File-Sis, instalada não fazia muito na estrada de Nogales, a uns dez quilômetros de Santa Teresa. Guadalupe Rojas, por sinal, não morreu quando se dirigia ao trabalho, o que se poderia entender — pois aquela zona era solitária e perigosa, boa para se percorrer de carro mas não de ônibus e depois a pé, pelo menos um quilômetro e meio desde o último ponto —, e sim nas portas da sua casa na rua Jazmín. A causa da morte foram três ferimentos por arma de fogo, duas delas de prognóstico mortal. O assassino foi o namorado, que tentou fugir naquela mesma noite e que foi pego junto à via férrea, não longe de uma casa noturna chamada Los Zancudos, onde antes tinha se embriagado. A polícia foi avisada pelo dono do bar, um ex-agente da polícia municipal. Ao finalizar o interrogatório ficou esclarecido que o móvel do crime foram os ciúmes, não se sabe se fundados ou infundados, do agressor, que depois de comparecer diante do juiz e ante a conformidade de todas as partes foi mandado sem mais demora para a cadeia de Santa Teresa, à espera de transferência ou julgamento. A última morta de maio foi encontrada na encosta do morro Estrella, que dá nome à colônia que o rodeia de forma irregular, como se ali nada pudesse crescer ou se expandir sem arestas. Só a face leste do morro dá para uma paisagem mais ou menos edificada. Foi lá que a encontraram. Segundo o legista, morreu esfaqueada. Apresentava sinais inequívocos de estupro. Devia ter uns vinte e cinco ou vinte e seis anos. A pele era branca e os cabelos, claros. Estava vestindo jeans, camisa azul e tênis Nike. Não tinha nenhum documento que servisse para identificá-la. Quem a matou se deu ao trabalho de vesti-la, pois nem a calça nem a blusa apresentavam rasgões. Não havia indícios de violação anal. No rosto só era visível um leve hematoma na parte superior da mandíbula, perto da orelha direita. Nos dias que se sucederam ao achado, tanto o *Heraldo del Norte* como *La Tribuna de Santa Teresa* e *La Voz de Sonora*, os três jornais da cidade, publicaram fotos da desconhecida do morro Estrella, mas não apareceu ninguém para identificá-la. No quarto dia após sua morte, o chefe de polícia de Santa Teresa, Pedro Negrete, foi pessoalmente ao morro Estrella, sem nenhum policial a acompanhá-lo, nem mesmo Epifanio Galindo, e percorreu o lugar onde encontraram a morta. Depois deixou a encosta e começou a subir até o alto do morro. Entre as pedras vulcânicas havia sacolas de supermercado cheias de lixo. Lembrou que seu filho, que estudava em Phoenix, tinha lhe contado uma vez que as sacolas de plástico levavam centenas, talvez milhares de anos para se degradar. Estas daqui não, pensou ao ver o grau de decomposição a que tudo estava destinado. No alto, uns garotos saíram correndo e se perderam morro abaixo, rumo à colônia Estrella. Começava a escurecer. Do lado oeste viu os telhados de papelão ou de zinco de algumas casas. As ruas que caracolavam em meio a um traçado anárquico. A leste viu a estrada que conduzia à serra e ao deserto, as luzes dos caminhões, as primeiras estrelas, estrelas de verdade, que vinham com a noite do outro lado das montanhas. Ao norte não viu nada, só uma planície grande e monótona, como se a vida se acabasse além de Santa Teresa, apesar de seus desejos e convicções. Ouviu uns cachorros, cada vez mais perto, até que os viu. Provavelmente eram cães famintos e bravos, como os garotos que avistou fugazmente ao chegar. Sacou a pistola do coldre. Contou cinco cachorros. Destravou a arma e atirou. O cachorro não pulou no ar, caiu e o impulso inicial fez que se arrastasse na poeira como um

novelo. Os outros quatro saíram correndo. Pedro Negrete observou-os enquanto se afastavam. Dois deles iam de rabo entre as pernas e corriam agachados. Dos outros dois, um corria com o rabo em pé e o quarto, vá saber por quê, abanava o rabo como se lhe houvessem dado um prêmio. Aproximou-se do cachorro morto e tocou-o com o pé. A bala tinha entrado pela cabeça. Sem olhar para trás foi andando morro abaixo, outra vez, até onde haviam achado o cadáver da desconhecida. Parou ali e acendeu um cigarro. Delicados sem filtro. Depois continuou descendo até chegar a seu carro. Dali, pensou, via-se tudo diferente.

Em maio não morreu nenhuma outra mulher, descontando as que morreram de morte natural, isto é, de doença, de velhice ou de parto. Mas no fim do mês começou o caso do profanador de igrejas. Um dia, um desconhecido entrou na igreja de San Rafael, na rua Patriotas Mexicanos, no centro de Santa Teresa, na hora da primeira missa. A igreja estava quase vazia, só umas tantas beatas se apinhavam nos primeiros bancos, e o padre ainda estava no confessionário. A igreja recendia a incenso e a produtos de limpeza baratos. O desconhecido sentou num dos últimos bancos e logo ficou de joelhos, a cabeça enterrada entre as mãos como se pesasse muito ou estivesse doente. Algumas beatas se viraram para fitá-lo e cochicharam entre si. Uma velhinha saiu do confessionário e ficou imóvel observando o desconhecido, enquanto uma mulher jovem de traços indígenas entrou para se confessar. Quando o padre absolvesse os pecados da índia começaria a missa. Mas a velhinha que havia saído do confessionário ficou olhando para o desconhecido, parada, apoiando às vezes o corpo numa perna depois na outra, o que dava a impressão de passos de dança. Entendeu na mesma hora que alguma coisa não ia bem com aquele homem e quis se aproximar das outras velhas para avisar. Enquanto andava pelo corredor central viu uma mancha líquida se estendendo pelo chão a partir do banco ocupado pelo desconhecido e percebeu o cheiro de urina. Então, em vez de continuar andando até onde as beatas se apinhavam, refez o caminho e voltou ao confessionário. Com a mão bateu várias vezes na janelinha do padre. Estou ocupado, filha, este lhe disse. Padre, disse a velhinha, tem um homem que está maculando a casa do Senhor. Está bem, minha filha, já vou te atender, respondeu o padre. Padre, não gosto nada do que está acontecendo, faça alguma coisa, pelo amor de Deus. Enquanto falava, a velhinha parecia dançar. Já vou, filha, um pouco de paciência, estou ocupado, disse o padre. Padre, tem um homem que está fazendo suas necessidades na igreja, disse a velhinha. O padre enfiou a cabeça entre as cortinas puídas e procurou na penumbra amarelada o desconhecido, depois saiu do confessionário e a mulher de traços indígenas também saiu, e os três ficaram imóveis olhando para o desconhecido que gemia baixinho e não parava de urinar, molhando as calças e provocando um rio de urina que corria para o átrio, confirmando que o corredor, como temia o padre, tinha um desnível preocupante. Depois foi chamar o sacristão, que estava tomando café sentado na mesa e parecia cansado, e ambos se aproximaram do desconhecido para censurar sua conduta e pô-lo para fora da igreja. O desconhecido viu a sombra deles, fitou-os com os olhos cheios de lágrimas e pediu que o deixassem em paz. Quase no mesmo instante apareceu uma faca em

sua mão e, enquanto as beatas dos primeiro bancos gritavam, esfaqueou o sacristão.

O caso foi confiado ao policial judiciário Juan de Dios Martínez, que tinha fama de eficiente e discreto, coisa que alguns policiais associavam à religiosidade. Juan de Dios Martínez falou com o padre, que descreveu o desconhecido como um tipo de uns trinta anos, estatura mediana, pele morena e compleição forte, um mexicano como outro qualquer. Depois falou com as beatas. Para elas, o desconhecido certamente não era um mexicano como outro qualquer, mas sim parecido com o demo. E o que fazia o demo ali, na primeira missa?, perguntou o policial judiciário. Estava ali para matar nós todas, responderam as beatas. Às duas da tarde, acompanhado de um desenhista, foi ao hospital tomar o depoimento do sacristão. A descrição dada por este coincidia com a do padre. O desconhecido recendia a álcool. Um cheiro fortíssimo, como se antes de se levantar naquela manhã houvesse lavado a camisa numa bacia de álcool de noventa graus. Não se barbeava fazia dias, mas isso não dava muito para notar, porque era quase imberbe. Como o sacristão sabia que era imberbe?, quis saber Juan de Dios Martínez. Pela forma como nasciam os pelos nas fuças dele, poucos e mal-arrumados, como se tivessem sido grudados às cegas pela sua puta mãe e pelo cuzão chupador de pica do seu pai, esclareceu o sacristão. Também: tinha as mãos grandes e fortes. Mãos talvez grandes demais para seu corpo. E estava chorando, disse não havia dúvida, mas também parecia que estava rindo, chorando e rindo ao mesmo tempo. Entendeu?, disse o sacristão. Como se estivesse drogado?, perguntou o judiciário. Exatamente. Positivo. Mais tarde Juan de Dios Martínez ligou para o manicômio de Santa Teresa e perguntou se tinham ou tiveram um interno que correspondesse às características físicas que havia recolhido. Disseram que tinham dois, mas que não eram violentos. Perguntou se os deixavam sair. Um sim, o outro não, responderam. Vou aí vê-los, disse o judiciário. Às cinco da tarde, depois de comer numa cafeteria onde os policiais nunca iam, Juan de Dios Martínez parou seu Cougar cinza no estacionamento do manicômio. Foi recebido pela diretora, uma mulher de uns cinquenta anos, cabelos pintados de louro, que mandou trazerem um café. A sala da diretora era bonita e lhe pareceu decorada com gosto. Nas paredes havia uma reprodução de Picasso e uma de Diego Rivera. Juan de Dios Martínez ficou um bom tempo contemplando a de Diego Rivera enquanto esperava a diretora. Na mesa havia duas fotografias: numa se via a diretora, quando mais moça, abraçando uma menina que olhava diretamente para a câmera. A menina tinha uma expressão doce e ausente. Na outra foto a diretora era mais moça ainda. Estava sentada ao lado de uma mulher mais velha, para a qual olhava com uma expressão divertida. A mulher mais velha, pelo contrário, tinha um semblante sério e olhava para a câmera como se achasse uma frivolidade tirar um retrato. Quando a diretora finalmente chegou, o judiciário se deu conta de imediato que haviam passado muitos anos desde que as fotos foram tiradas. Também se deu conta de que a diretora continuava muito bonita. Falaram um pouco dos loucos. Os perigosos não saíam, informou a diretora. Mas não havia muitos loucos perigosos. O judiciário mostrou o retrato falado que o desenhista tinha feito e a diretora examinou-o com atenção por alguns segundos. Juan de Dios Martínez prestou

atenção em suas mãos. Tinha as unhas pintadas, os dedos eram compridos e pareciam suaves ao tato. No dorso da mão pôde contar umas tantas pintas. A diretora disse que o retrato não estava bom e que podia ser qualquer um. Depois foram ver os dois loucos. Estavam no pátio, um pátio enorme, sem árvores, de terra batida, como um campo de futebol de um bairro pobre. Um vigilante de camiseta e calça brancas trouxe o primeiro. Juan de Dios Martínez ouviu a diretora perguntar a ele por sua saúde. Depois falaram da comida. O louco disse que quase não podia mais comer carne, mas disse de forma tão arrevesada que o judiciário não soube se estava se queixando do menu ou se comunicava uma aversão à carne provavelmente recente. A doutora falou de proteínas. A brisa que soprava pelo pátio às vezes despenteava os pacientes. É preciso construir um muro alto, ouviu a diretora dizer. Quando o vento sopra ficam nervosos, disse o vigilante vestido de branco. Depois trouxeram o outro. Juan de Dios Martínez achou de início que eram irmãos, mas quando os dois ficaram lado a lado se deu conta de que a semelhança era apenas aparente. De longe, pensou, todos os loucos se parecem. Quando voltou à sala da diretora, perguntou há quanto tempo dirigia o manicômio. Um montão de anos, disse ela rindo. Nem me lembro mais. Enquanto tomavam outro café, bebida que a diretora apreciava muito, perguntou a ela se era de Santa Teresa. Não, a diretora respondeu. Nasci em Guadalajara e estudei no DF, depois em San Francisco, em Berkeley. Juan de Dios Martínez teria gostado de continuar conversando com ela e tomando café, e talvez de lhe perguntar se era casada ou divorciada, mas não tinha tempo. Posso levá-los?, perguntou. A diretora olhou para ele sem compreender. Posso levar os loucos?, perguntou. A diretora riu na cara dele e perguntou se estava doido. Quer levá-los aonde? A uma espécie de sessão de reconhecimento, disse o policial judiciário. A vítima está no hospital e não pode se mover. A senhora me empresta seus pacientes umas duas horas, eu os levo para um passeio no hospital e antes de anoitecer trago de volta. E o senhor pede isso a mim?, fez a diretora. A senhora é a chefe, respondeu o judiciário. Traga uma ordem do juiz, disse a diretora. Posso trazer, mas é puro papelório. Além do mais, se trouxer uma ordem, vão levar seus pacientes para a delegacia, pode ser que os segurem uma ou duas noites, não vão passar bem. Em compensação, se levo os dois agora, não vai acontecer nada. Boto no carro, o único policial sou eu, se a vítima fizer um reconhecimento positivo, devolvo do mesmo modo os seus loucos, os dois. Não acha mais fácil? Não, não acho, disse a diretora, traga uma ordem do juiz e pronto. Não quis ofendê-la, disse o judiciário. Estou escandalizada, disse a diretora. Juan de Dios Martínez riu. Então não levo, tudo bem, disse. Agora, cuide que nenhum dos dois saia do manicômio, promete? A diretora se levantou e por um instante ele acreditou que ia pô-lo dali para fora. Mas depois telefonou para a secretária e pediu outra xícara de café. O senhor quer outra? Juan de Dios Martínez moveu a cabeça afirmativamente. Esta noite não vou conseguir dormir, pensou.

Naquela noite o desconhecido da igreja de San Rafael entrou na igreja de San Tadeo, na colônia Kino, um bairro que crescia entre os matagais e os morros de encostas suaves do sudoeste de Santa Teresa. Chamaram o policial judiciário Juan de Dios Martínez à meia-

noite. Estava assistindo tevê, e depois de desligar o telefone tirou os pratos sujos da mesa e colocou-os na pia. Da gaveta da mesinha de cabeceira tirou a pistola e o retrato falado, que estava dobrado em quatro, e desceu pela escada até a garagem onde estava seu Chevy Astra vermelho. Quando chegou à igreja de San Tadeo umas mulheres estavam sentadas na escada de adobe. Não eram muitas. No interior da igreja viu o policial judiciário José Márquez interrogando o padre. Perguntou a um policial se a ambulância já tinha vindo. O policial olhou para ele com um sorriso e disse que não havia feridos. Que merda é essa? Os dois caras da polícia científica estavam tentando encontrar vestígios numa imagem de Cristo que estava junto do altar, no chão. Desta vez o louco não machucou ninguém, disse José Márquez quando terminou com o padre. Quis saber o que havia acontecido. Um drogado babaca apareceu por volta das dez da noite, respondeu Márquez. Estava com um canivete ou uma faca. Sentou nos últimos bancos. Ali. Nos mais escuros. Uma velha ouviu ele chorar. Não sei se o cara chorava de tristeza ou de prazer. Estava se mijando. Então a velha foi chamar o padre, e o cara pulou do banco e começou a arrebentar as imagens. Um Cristo, uma Virgem de Guadalupe e mais uns santos. Depois foi embora. Só isso?, perguntou o judiciário Juan de Dios Martínez. Mais nada, disse Márquez. Ambos conversaram um bom tempo com as testemunhas. A descrição do agressor coincidia com o da igreja de San Rafael. Mostrou ao padre o retrato falado. O padre era bastante moço e parecia muito cansado, mas não pelo sucedido naquela noite, e sim por algo que se arrastava fazia anos. Parece sim, disse o padre sem dar importância. A igreja recendia a incenso e a urina. Os pedaços de gesso espalhados pelo chão lembraram um filme, mas ele não sabia qual. Com a ponta do pé moveu um dos fragmentos, parecia parte de uma mão e estava ensopado. Você viu?, disse Márquez. O quê?, disse Juan de Dios Martínez. Esse cara deve ter uma bexiga monstruosa. Ou aguenta tanto quanto pode e espera estar dentro de uma igreja para soltar tudo. Quando saiu viu uns jornalistas do *El Heraldo del Norte* e do *La Tribuna de Santa Teresa* conversando com os curiosos. Deu uma volta pelas ruas vizinhas da igreja de San Tadeo. Ali não havia cheiro de incenso, se bem que o ar, vez ou outra, parecia sair diretamente de uma fossa séptica. A iluminação pública cobria apenas algumas ruas. Nunca estive aqui antes, se disse Juan de Dios Martínez. No fim de uma rua avistou a sombra de uma grande árvore. Era um simulacro de praça e a árvore era a única coisa que naquele semicírculo baldio guardava certa semelhança com um espaço público. Ao redor dele os moradores haviam construído, apressada e desajeitadamente, uns bancos para tomarem a fresca. Aqui houve um povoado de índios, lembrou-se o judiciário. Um policial que havia morado na colônia tinha lhe dito. Deixou-se cair num banco e observou a imponente sombra da árvore que se recortava ameaçadora contra o céu estrelado. Onde estão os índios agora? Pensou na diretora do manicômio. Gostaria de ter conversado com ela naquele mesmo instante, mas sabia que não se atreveria a lhe telefonar.

O ataque às igrejas de San Rafael e San Tadeo teve maior eco na imprensa local do que as mulheres assassinadas nos meses precedentes. No dia seguinte, Juan de Dios Martínez, junto

com dois policiais, percorreu a colônia Kino e a colônia La Preciada, mostrando à gente o retrato falado do agressor. Ninguém o reconheceu. Na hora do almoço os policiais foram para o centro e Juan de Dios Martínez telefonou para a diretora do manicômio. A diretora não havia lido os jornais e não sabia nada do que havia acontecido na noite anterior. Juan de Dios convidou-a para almoçar. A diretora, ao contrário do que ele esperava, aceitou o convite e marcaram encontro num restaurante vegetariano da rua Río Usumacinta, na colônia Podestá. Ele não conhecia o restaurante e quando chegou pediu uma mesa para dois e um uísque, enquanto esperava, mas não serviam bebidas alcoólicas. O garçom que o atendeu usava camisa xadrez e sandálias e olhou para ele como se ele estivesse doente ou tivesse se enganado de restaurante. O lugar parecia agradável. As pessoas que ocupavam as outras mesas falavam em voz baixa e se ouvia uma música como a da água, o ruído da água caindo nas pedras. A diretora o viu assim que entrou, mas não o cumprimentou e foi falar com o garçom que preparava uns sucos naturais detrás do balcão. Depois de trocar algumas palavras com ele se aproximou da mesa. Vestia calça cinza e uma malha decotada cor de pérola. Juan de Dios Martínez se levantou quando ela chegou e agradeceu por ter aceitado o convite. A diretora sorriu: tinha dentes pequenos e regulares, muito brancos e pontudos, o que dava a seu sorriso um ar carnívoro que destoava da especialidade do restaurante. O garçom perguntou o que iam comer. Juan de Dios Martínez deu uma olhada no menu e pediu que ela escolhesse por ele. Enquanto esperavam a comida, contou sobre o sucedido na igreja de San Tadeo. A diretora ouviu-o com atenção e, quando ele terminou, perguntou se havia contado tudo. É tudo o que há, disse o judiciário. Meus dois doentes passaram a noite no centro, disse ela. Eu sei, ele respondeu. Como? Depois de passar na igreja fui ao manicômio. Pedi ao vigilante e a uma enfermeira de plantão que me levassem ao quarto dos pacientes. Os dois dormiam. Não havia roupa manchada de urina. Ninguém os deixou sair. Isso que o senhor está contando é ilegal, disse a diretora. Mas eles não são mais suspeitos, replicou o judiciário. Além do mais não os acordei. Não perceberam nada. A diretora comeu em silêncio por um momento. Juan de Dios Martínez começou a gostar cada vez mais da música com ruído de água. Disse a ela. Gostaria de comprar o disco, falou. Falou sinceramente. A diretora não pareceu escutá-lo. De sobremesa serviram figos. Juan de Dios Martínez falou que não comia figos havia anos. A diretora pediu um café e quis pagar a conta, mas ele não deixou. Não foi fácil. Teve de insistir muito, a diretora parecia uma pedra de gelo. Ao sair do restaurante apertaram as mãos como se nunca mais fossem se ver.

Dois dias depois o desconhecido entrou na igreja de Santa Catalina, na colônia Lomas del Toro, numa hora em que o recinto estava fechado, e urinou e defecou no altar, além de decapitar quase todas as imagens que encontrou pelo caminho. A notícia desta vez saiu na imprensa nacional e um jornalista do *La Voz de Sonora* batizou o agressor de Penitente Endemoniado. Pelo que Juan de Dios Martínez sabia, o ato podia ter sido cometido por qualquer outro, mas na polícia decidiram que havia sido o Penitente e ele preferiu acompanhar o curso dos acontecimentos. Não achou estranho que nenhum dos vizinhos da

igreja tivesse ouvido nada, apesar de que para quebrar tantas imagens sagradas era preciso tempo, além de causar um barulho considerável. Na igreja de Santa Catalina não morava ninguém. O padre que lá oficiava estava presente, das nove da manhã à uma da tarde, depois ia trabalhar numa escola paroquial da colônia Ciudad Nueva. Não tinha sacristão e os coroinhas que ajudavam na missa às vezes apareciam, às vezes não apareciam. Na realidade, a igreja de Santa Catalina era uma igreja quase sem paroquianos, e os objetos que havia em seu interior eram baratos, comprados pelo bispado numa loja do centro da cidade dedicada à venda de roupa talar e de santos no atacado e no varejo. O padre era um tipo aberto e de inclinação liberal, segundo pareceu a Juan de Dios Martínez. Conversaram um bom momento. Na igreja não faltava nada. O padre não parecia escandalizado nem afetado pelo ultraje. Fez o cálculo rápido dos estragos e disse que para o bispado era uma mixaria. O cocô no altar não alterou o semblante dele. Num par de horas, quando vocês se forem, estará limpinho outra vez, falou. Em compensação a quantidade de urina o alarmou. Ombro a ombro, como irmãos siameses, o judiciário e o padre percorreram todos os cantos por onde o Penitente havia urinado, e o padre, ao terminar, disse que aquele sujeito devia ter uma bexiga do tamanho de um pulmão. Naquela noite Juan de Dios Martínez pensou que estava gostando cada vez mais do Penitente. A primeira agressão foi violenta e quase matou o sacristão, mas à medida que passavam os dias ele ia se aperfeiçoando. Na segunda agressão só havia assustado umas beatas e na terceira ninguém o viu e pôde trabalhar em paz.

* * *

Três dias depois da profanação da igreja de Santa Catalina, o Penitente se introduziu tarde da noite na igreja de Nuestro Señor Jesucristo, na colônia Reforma, a igreja mais antiga da cidade, construída em meados do século XVIII e que por certo tempo serviu de sede do bispado de Santa Teresa. No edifício adjacente, situado na esquina das ruas Soler e Ortiz Rubio, dormiam três padres e dois jovens seminaristas índios da etnia pápago que cursavam Antropologia e História na Universidade de Santa Teresa. Os seminaristas, além de dedicar seu tempo ao estudo, se encarregavam de alguns trabalhos menores de limpeza, como lavar os pratos todas as noites ou recolher a roupa suja dos padres e entregá-la à mulher que depois a levava à lavanderia. Naquela noite, um dos seminaristas não dormia. Havia tentado estudar trancado em seu quarto, depois se levantou para ir buscar um livro na biblioteca, onde, sem que houvesse motivo algum, ficou lendo numa poltrona até ser surpreendido pelo sono. O edifício se comunicava com a igreja através de um corredor que levava diretamente à sala paroquial. Diziam que havia outro corredor, subterrâneo, que os padres utilizaram durante a revolução e durante a *guerra cristera*,* mas o estudante pápago desconhecia a existência desse corredor. De repente, um barulho de vidros quebrados o despertou. Primeiro pensou, coisa estranha, que estivesse chovendo, mas logo se deu conta de que o ruído provinha do interior da igreja e não de fora, e se levantou para ir averiguar. Ao chegar à sala paroquial ouviu gemidos e pensou que alguém tinha ficado trancado num dos confessionários, coisa para lá de improvável pois as portas destes não se trancavam. O estudante pápago, ao contrário do

que se dizia da gente de sua etnia, era medroso e não se atreveu a entrar sozinho na igreja. Foi acordar primeiro o outro seminarista, depois os dois foram bater, de forma bem discreta, na porta do padre Juan Carrasco, que àquelas horas, como o resto dos moradores do edifício, dormia. O padre Juan Carrasco ouviu a história do pápago no corredor e como lia jornal disse: deve ser o Penitente. Ato contínuo voltou ao seu quarto, enfiou as calças e um par de tênis que usava para correr e jogar squash, e tirou de um armário um velho taco de beisebol. Depois mandou um dos pápagos ir acordar o zelador, que dormia num quartinho no primeiro andar, junto da escada, e ele, seguido do pápago que alertou sobre os barulhos, se dirigiu para a igreja. À primeira vista, ambos tiveram a impressão de que não havia ninguém lá. A fumaça translúcida das velas ascendia com lentidão para a abóbada e uma nuvem densa, amarelo-escura, parecia imóvel no interior do templo. Pouco depois ouviram o gemido, como se uma criança fizesse esforços para não vomitar, seguido de outro, de mais outro e, depois, do som familiar da primeira golfada. É o Penitente, sussurrou o seminarista. O padre Carrasco franziu o cenho e se dirigiu sem hesitação para o lugar de que provinha o ruído empunhando o taco de beisebol com as duas mãos, em atitude, precisamente, de quem vai dar uma tacada. O pápago não o acompanhou. Talvez tenha dado um passinho ou dois na direção empreendida pelo padre, ao cabo dos quais ficou parado, já sem defesa ante um terror sagrado. A verdade é que até seus dentes castanholavam. Não podia avançar nem recuar. De modo que, como depois explicou à polícia, pôs-se a rezar. Rezou o quê?, perguntou o judiciário Juan de Dios Martínez. O pápago não entendeu a pergunta. O pai-nosso?, perguntou o judiciário. Não, não, não, eu não me lembrava de nada, respondeu o pápago, rezei por minha alma, rezei pela minha mãezinha, pedi que minha mãezinha não me abandonasse. De onde estava ouviu o barulho de um taco de beisebol se estatelando contra uma coluna. Podia ser, pensou ou lembrou que havia pensado, a coluna vertebral do Penitente ou a coluna de um metro e noventa de altura onde ficava a estátua de madeira do arcanjo Gabriel. Depois ouviu alguém resfolegar. Ouviu o Penitente gemer. Escutou o padre Carrasco xingar a mãe de alguém, um xingamento, verdade seja dita, estranho, não soube se dirigido ao Penitente ou a ele, que não o havia acompanhado, ou a uma pessoa desconhecida do passado do padre Carrasco, alguém que ele jamais conheceria e que o padre nunca mais tornaria a ver. Depois o barulho que faz um taco de beisebol caindo num chão de pedra cortada com exatidão e primor. A madeira, o taco, quica várias vezes até o barulho finalmente cessar. Quase no mesmo instante ouviu um grito que o fez pensar, outra vez, no terror sagrado. Pensar sem pensar. Ou pensar com imagens trêmulas. Depois acreditou ver, como que iluminado por uma vela, mas igual seria se estivesse iluminado por um raio, a figura do Penitente que com o taco de beisebol foiçava de um golpe as canelas do arcanjo e o fazia cair do seu pedestal. De novo o barulho da madeira, velhíssima esta, colidindo com a pedra, como se madeira e pedra, naquelas latitudes, fossem termos estritamente antagônicos. E mais batidas. E depois os passos do zelador que chegava correndo e se embrenhava, ele também, na escuridão, e a voz de seu irmão pápago que na língua pápaga lhe perguntava o que tinha, o que doía. Depois mais gritos e mais padres e vozes que avisavam a polícia e uma revoada de camisas brancas e um cheiro acre, como se alguém houvesse limpado as pedras da

igreja com um galão de amoníaco, cheiro de mijó, segundo disse o judiciário Juan de Dios Martínez, urina demais para um homem somente, para um homem com uma bexiga normal.

* * *

Dessa vez o Penitente passou dos limites, disse o judiciário José Márquez enquanto examinava de joelhos os cadáveres do padre Carrasco e do zelador. Juan de Dios Martínez examinou a janela pela qual o profanador entrou na igreja e, depois saiu à rua, deu umas voltas pela Soler, depois pela Ortiz Rubio e por uma praça que de noite os moradores usavam como estacionamento grátis. Quando voltou à igreja, Pedro Negrete e Epifanio estavam lá e, mal entrou, o chefe da polícia lhe fez um gesto para que se aproximasse. Conversaram e fumaram por um tempo sentados nos bancos da última fila. Por baixo do blusão de couro, Negrete vestia a camisa do pijama. Recendia a colônia cara e não tinha ar de cansado. Epifanio trajava um terno azul-claro que a luz mortíça da igreja realçava. Juan de Dios Martínez disse ao chefe de polícia que o Penitente devia ter um carro. Como você sabe? Não pode se movimentar a pé sem chamar a atenção, disse o judiciário. Seu mijó fede. A distância que há entre as colônias Kino e Reforma é grande demais. A distância entre a Reforma e a Lomas del Toro também. Suponhamos que o Penitente more no centro. De Reforma ao centro dá para ir a pé e, se for de noite, ninguém vai se dar conta de que fede a mijó. Mas do centro a Lomas del Toro, andando, não sei, pode levar pelo menos uma hora. Ou mais, disse Epifanio. E de Lomas del Toro a Kino, de quanto pode ser a caminhada? Mais de quarenta e cinco minutos, desde que você não se perca, disse Epifanio. E não falemos de Reforma a Kino, disse Juan de Dios Martínez. Quer dizer que o cabra vai de carro, comentou o chefe de polícia. É a única coisa de que podemos ter certeza, disse Juan de Dios Martínez. E provavelmente leva uma roupa limpa no carro. Por quê?, indagou o chefe de polícia. Por medida de precaução. Ou seja, você acha que o Penitente não é nenhum palerma, disse Negrete. Só pira quando está dentro de uma igreja, quando sai é uma pessoa normal e comum, sussurrou Juan de Dios Martínez. Ai, cacete, disse o chefe de polícia. O que você acha, Epifanio? Pode ser, disse Epifanio. Se mora sozinho, pode voltar fedendo a merda, afinal, do carro à sua casa não vai demorar mais de um minuto. Se vive com alguma mina ou com os velhos dele, com certeza troca de roupa antes de entrar. Parece lógico, disse o chefe de polícia. Mas a questão é como vamos pôr fim a isso tudo. Tem alguma ideia? Por ora, botar um policial em cada igreja e esperar que o Penitente dê o primeiro passo, disse Juan de Dios Martínez. Meu irmão é muito católico, falou o chefe de polícia como se pensasse em voz alta. Preciso perguntar umas coisas a ele. E onde você acha, Juan de Dios, que o Penitente mora? Não sei, chefe, disse o judiciário, em qualquer lugar, mas se tem carro não creio que more em Kino.

Às cinco da manhã, voltando para casa, o judiciário Juan de Dios Martínez encontrou um recado da diretora do manicômio na secretária eletrônica. A pessoa que o senhor procura, dizia a voz da diretora, sofre de sacrofobia. Telefone para mim que explico. Apesar do

adiantado da hora ligou imediatamente. Respondeu a voz gravada da diretora. Sou Martínez, o judiciário, disse Juan de Dios Martínez, desculpe ligar a esta hora... Ouvi seu recado... Acabo de chegar em casa... Esta noite o Penitente... Bem, amanhã entro em contato com a senhora... Quer dizer, hoje... Boa noite e obrigado pelo recado. Depois tirou os sapatos, a calça e se deitou, mas não conseguiu dormir. Às seis da manhã se apresentou na delegacia. Um grupo de patrulheiros estava festejando o aniversário de um colega e o convidaram a tomar um gole, mas ele não aceitou. Da sala dos judiciários, onde não havia ninguém, ouviu-os cantar, no andar de cima, “Las mañanitas”. Fez uma lista dos policiais que queria que trabalhassem com ele. Preparou um relatório para a polícia judiciária de Hermosillo, depois foi tomar um café na máquina automática. Viu os patrulheiros passarem abraçados escada abaixo e seguiu-os. No corredor viu vários policiais batendo papo, em grupos de dois, de três, de quatro. De vez em quando, um grupo ria estrondosamente. Um tipo vestido de branco, mas de calça jeans, arrastava uma maca. Na maca, completamente coberta por um plástico cinza, ia o cadáver de Emilia Mena Mena. Ninguém olhou para ele.

Em junho morreu Emilia Mena Mena. Seu corpo foi encontrado no lixão clandestino perto da rua Yucatecos, na direção da olaria Hermanos Corinto. No laudo médico-legal indica-se que foi estuprada, esfaqueada e queimada, sem especificar se a causa da morte foram as facadas ou as queimaduras, e sem especificar tampouco se no momento das queimaduras Emilia Mena Mena já estava morta. No lixão onde foi encontrada ocorriam constantes incêndios, a maior parte voluntários, outros fortuitos, de modo que não se podia descartar que as calcinações de seu corpo se devessem a um fogo dessas características e não à vontade do homicida. O lixão não tem nome oficial, porque é clandestino, mas tem sim um nome popular: chama-se El Chile. De dia não se vê viva alma nem em El Chile nem nos terrenos baldios vizinhos, que o lixão não vai demorar para engolir. De noite aparecem os que não têm nada ou menos que nada. Na Cidade do México chamam a estes de *teporochos*, mas um *teporocho* é um mauricinho boa-vida, um cínico ponderado e humorista, comparado com os seres humanos que pululam solitários ou aos pares por El Chile. Não são muitos. Falam uma gíria difícil de entender. A polícia preparou uma batida na noite seguinte ao achado do cadáver de Emilia Mena Mena e só pôde deter três crianças que catavam papelão no lixo. Os moradores noturnos de El Chile são escassos. Sua expectativa de vida, breve. Morrem no máximo depois de sete meses frequentando o lixão. É provável que tenham se esquecido do que é comer e trepar. Ou que a comida e o sexo para eles já seja outra coisa, inatingível, inexprimível, algo que esteja fora da ação e da verbalização. Todos, sem exceção, estão doentes. Tirar a roupa de um cadáver de El Chile equivale a esfolá-lo. A população permanece estável: nunca são menos de três, nunca são mais de vinte.

O principal suspeito do assassinato de Emilia Mena Mena era seu namorado. Quando foram procurá-lo em casa, onde morava com os pais e três irmãos, já tinha sumido. Segundo

a família pegou um ônibus um ou dois dias antes de acharem o cadáver. O pai e dois irmãos passaram uns dias no xadrez, mas não foi possível arrancar deles nenhuma outra informação, salvo o endereço do irmão do pai, em Ciudad Guzmán, para onde o suspeito havia supostamente viajado. Alertada a polícia de Ciudad Guzmán, alguns agentes foram ao citado domicílio, munidos de todos os requisitos legais, e não encontraram o menor sinal do suposto namorado e assassino. O caso ficou em aberto e não demorou a ser esquecido. Cinco dias depois, quando ainda prosseguiram as diligências destinadas a esclarecer a morte de Emilia Mena Mena, o zelador da escola preparatória Morelos encontrou o corpo de outra morta. Estava jogada num terreno que às vezes os alunos usavam para jogar futebol e beisebol, um terreno baldio de onde se podia ver o Arizona e, do lado mexicano, as carapaças das maquiladoras e as estradas de terra que ligavam estas com a rede de estradas pavimentadas. Ao lado, separados por uma cerca de arame, ficavam os pátios da escola e, mais além, os dois blocos, de três andares cada um, onde se davam as aulas em salas amplas e ensolaradas. A escola preparatória havia sido inaugurada em 1990 e o zelador trabalhava nela desde o primeiro dia. Era o primeiro a chegar na escola e um dos últimos a ir embora. Na manhã em que encontrou a morta uma coisa chamou sua atenção enquanto pegava, na sala do diretor, as chaves que lhe permitiam ter acesso a toda a escola. De início não soube determinar o que era. Quando entrou na sala de serviços se deu conta. Urubus. Urubus voando sobre o terreno baldio que ficava próximo ao pátio. Mas ainda tinha muito que fazer e resolveu ir averiguar mais tarde. Pouco depois chegaram a cozinheira e seu ajudante, e ele foi tomar um café com eles na cozinha. Conversaram uns dez minutos sobre o de sempre, até que o zelador lhes perguntou se ao chegar não tinham visto uns urubus sobrevoando a escola. Ambos responderam que não. O zelador terminou seu café e disse que ia dar uma volta pelo terreno baldio. Temia encontrar um cachorro morto. Se fosse assim, ia ter de voltar à escola, ao depósito onde guardava as ferramentas, ia ter de pegar uma pá, voltar ao terreno baldio e cavar um buraco fundo o bastante para que os alunos não desenterrassem o animal. Mas o que encontrou foi uma mulher. Usava blusa preta, tênis pretos e tinha a saia enrolada acima da cintura. Não estava de calcinha. Isso foi a primeira coisa que viu. Depois observou seu rosto e soube que não havia morrido naquela noite. Um dos urubus pousou na cerca mas ele o espantou com um gesto. A mulher tinha cabelos negros e compridos chegando à metade das costas, pelo menos. Algumas mechas estavam grudadas pelo sangue coagulado. Na barriga e em torno do sexo também tinha sangue seco. Persignou-se duas vezes e se levantou lentamente. Quando voltou à escola contou para a cozinheira o sucedido. O rapaz que a ajudava estava lavando uma panela e o zelador falou em voz baixa, para que ele não ouvisse. Ligou do escritório para o diretor, mas este já tinha saído. Encontrou uma manta e foi cobrir a morta. Só então se deu conta de que estava empalada. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto voltava à escola. Lá, encontrou a cozinheira, sentada no pátio, fumando um cigarro. Ela fez um gesto como que perguntando o que havia acontecido. O zelador respondeu com outro gesto, ininteligível o seu, e foi esperar o diretor na porta de entrada. Quando este chegou, os dois se dirigiram ao terreno baldio. Do pátio, a cozinheira viu o diretor afastar o cobertor e examinar, de diversas posições, o vulto que mal se via.

Pouco depois dois professores se juntaram e, a uns dez metros deles, um grupo de alunos. Ao meio-dia chegaram duas viaturas da polícia, um terceiro carro sem identificação e uma ambulância, e levaram a morta. O nome dela nunca se soube. O legista estabeleceu que estava morta havia vários dias, sem precisar quantos. A causa mais provável da morte eram as facadas recebidas no peito, mas o cadáver também apresentava uma fratura no crânio que o legista não se atreveu a descartar como causa principal. A idade da morta podia oscilar entre vinte e três e trinta e cinco anos. Sua estatura era de um metro e setenta e dois centímetros.

A última morta daquele mês de junho de 1993 se chamava Margarita López Santos e havia desaparecido havia mais de quarenta dias. No segundo dia do seu desaparecimento sua mãe prestou queixa no 2º distrito. Margarita López trabalhava na maquiladora K&T, no parque industrial El Progreso, perto da rodovia de Nogales e das últimas casas da colônia Guadalupe Victoria. No dia do seu desaparecimento trabalhava no terceiro turno da maquiladora, das nove da noite às cinco da manhã. Segundo suas colegas, tinha chegado para trabalhar pontualmente, como sempre, pois Margarita era aplicada e responsável como poucas, portanto o desaparecimento devia ser datado a partir da hora da mudança de turno e da sua saída. A essa hora, no entanto, ninguém viu nada, entre outras razões porque às cinco ou cinco e meia da manhã tudo está escuro e porque a iluminação das ruas é deficiente. A maioria das casas da parte norte da colônia Guadalupe Victoria não tem luz elétrica. As saídas do parque industrial, salvo a que conecta este com a rodovia de Nogales, também são deficientes tanto em iluminação quanto em pavimentação, assim como em sistema de esgoto: quase todos os dejetos do parque vão cair na colônia Las Rositas, onde formam um lago de lama que o sol branqueia. De modo que Margarita López saiu do trabalho às cinco e meia. Isso ficou estabelecido. E depois foi caminhando pelas ruas escuras do parque industrial. Talvez tenha visto uma perua que todas as noites ficava estacionada numa praça deserta, junto ao estacionamento da maquiladora WS-Inc., e que vendia café com leite, refrigerantes e sanduíches de todo tipo para os operários que entravam ou saíam do trabalho. A maioria mulheres. Mas ela não estava com fome ou sabia que em casa sua comida a esperava, e não parou. Deixou para trás o parque e a claridade cada vez mais distante das luzes das maquiladoras. Atravessou a rodovia de Nogales e pegou as primeiras ruas da colônia Guadalupe Victoria. Cruzá-la não ia levar mais de meia hora. Depois apareceria a colônia San Bartolomé, onde morava. Ao todo, uns cinquenta minutos de caminhada. Mas em alguma parte do trajeto alguma coisa ocorreu ou alguma coisa saiu do normal para sempre e depois até disseram à sua mãe que havia a possibilidade de que tivesse fugido com um homem. Só tem dezesseis anos, disse a mãe, e é uma boa filha. Quarenta dias mais tarde uns garotos encontraram seu cadáver perto de um casebre na colônia Maytorena. Sua mão esquerda estava apoiada numas folhas de guaco. Devido ao estado do corpo, o legista não foi capaz de determinar a causa da morte. Mas um dos policiais que foram recolher o cadáver foi capaz de identificar o pé de guaco. É bom para picada de mosquito, disse se agachando e colhendo umas folhinhas verdes, lanceoladas e duras.

Em julho não houve nenhuma morta. Em agosto também não.

Naqueles dias o jornal *La Razón*, do DF, enviou Sergio González para fazer uma reportagem sobre o Penitente. Sergio González tinha trinta e cinco anos, acabava de se divorciar e precisava ganhar dinheiro como quer que fosse. Normalmente não teria aceitado a incumbência, pois não era jornalista de crônica policial mas da seção de cultura. Fazia resenhas de livros de filosofia, que aliás ninguém lia, nem os livros nem suas resenhas, e de vez em quando escrevia sobre música e sobre exposições de pintura. Fazia quatro anos que era jornalista contratado do *La Razón* e sua situação econômica não era confortável, mas era passável, até que chegou o divórcio e começou a faltar dinheiro para tudo. Como na sua seção (onde às vezes escrevia sob pseudônimo para que os leitores não se dessem conta de que todas as páginas tinham sido escritas por ele) não podia fazer mais nada, tratou de pressionar os chefes das outras seções para conseguir trabalhos extras que lhe permitissem equilibrar seus minguados rendimentos. Surgiu assim a proposta de ir a Santa Teresa, escrever a matéria sobre o Penitente e voltar. Quem lhe ofereceu o trabalho foi o diretor da revista de domingo do jornal, que tinha apreço por González e que achava que com a oferta matava dois coelhos com uma só cajadada: por um lado, ele ganhava um dinheirinho a mais e, por outro, tirava três ou quatro dias de férias no norte, uma região de boa comida e ar respirável, e se esquecia da mulher. De modo que em julho de 1993 Sergio González foi de avião para Hermosillo e dali de ônibus para Santa Teresa. A verdade é que a mudança de ares pareceu lhe cair às mil maravilhas. O céu de Hermosillo, de um azul intenso, quase metálico, iluminado de baixo para cima, contribuiu para levantar imediatamente seu ânimo. As pessoas, no aeroporto e depois nas ruas da cidade, lhe pareceram simpáticas, despreocupadas, como se ele estivesse no estrangeiro e só visse a parte boa dos seus habitantes. Em Santa Teresa, que lhe deu a impressão de ser uma cidade industriosa e com pouquíssimo desemprego, se hospedou num hotel barato do centro, chamado El Oasis, numa rua que ainda exibia os paralelepípedos da época da Reforma, e pouco depois visitou as redações do *El Heraldo del Norte* e do *La Voz de Sonora*, e conversou longamente com os jornalistas que acompanhavam o caso do Penitente e que lhe ensinaram como chegar às quatro igrejas profanadas, que ele visitou num só dia, em companhia de um taxista que o aguardava na porta. Pôde falar com os padres, os das igrejas de San Tadeo e de Santa Catalina, que poucos dados forneceram para a sua investigação, se bem que o padre da igreja de Santa Catalina tenha lhe sugerido abrir bem os olhos, pois o profanador de igrejas e agora assassino não era, a seu ver, o pior flagelo de Santa Teresa. Na polícia lhe deram uma cópia do retrato falado e conseguiu um encontro com Juan de Dios Martínez, o policial judiciário que cuidava do caso. De tarde falou com o presidente municipal da cidade, que o convidou para almoçar no restaurante ao lado da sede da presidência, um restaurante de paredes de pedra que buscava, sem conseguir, certa semelhança com as construções da época colonial. A

comida, no entanto, era muito boa, e o presidente municipal e outros membros de níveis inferiores da presidência se encarregaram de tornar o almoço ameno, contando mexericos locais e piadas cabeludas. No dia seguinte tentou em vão uma entrevista com o chefe da polícia, mas quem acudiu ao encontro foi um funcionário, certamente o assessor de imprensa da polícia, um moço saído da faculdade de Direito não fazia muito, que lhe deu um dossiê com todos os dados que um jornalista podia necessitar para escrever uma matéria sobre o Penitente. O moço se chamava Zamudio e não tinha nada melhor a fazer naquela noite além de acompanhá-lo. Jantaram juntos. Depois foram a uma discoteca. Sergio González não se lembrava de ter posto os pés numa desde os dezessete anos. Disse isso a Zamudio, que achou graça. Convidaram umas moças para tomar uns drinques. Eram de Sinaloa e por suas roupas logo dava para ver que eram operárias. Sergio González perguntou à que lhe coube como par se gostava de dançar e ela respondeu que era a coisa de que mais gostava na vida. A resposta lhe pareceu luminosa, sem saber por quê, e também desoladoramente triste. A moça por sua vez perguntou o que fazia um *chilango*** como ele em Santa Teresa, e ele explicou que era jornalista e estava escrevendo um artigo sobre o Penitente. Ela não pareceu impressionada com a revelação. Também nunca tinha lido *La Razón*, coisa que González custou a acreditar. Zamudio cochichou a ele que podiam levá-las para a cama. O rosto de Zamudio, deformado pela luz estroboscópica, parecia o de um louco. González encolheu os ombros.

No dia seguinte acordou sozinho em seu hotel com a sensação de ter visto ou ouvido algo proibido. Em todo caso, inadequado, inconveniente. Foi entrevistar Juan de Dios Martínez. Na sala dos judiciários só encontrou dois caras que jogavam dados, enquanto um terceiro os observava. Os três eram judiciários. Sergio González se apresentou e sentou-se numa cadeira para esperar, pois lhe disseram que Juan de Dios Martínez não demoraria a chegar. Os judiciários vestiam blusões e roupas esportivas. Cada jogador tinha uma xícara com feijões e a cada jogada de dados tirava uns tantos grãos das suas respectivas xícaras e botava no centro da mesa. González achou esquisito que uns marmanjos como aqueles apostassem feijões, porém mais esquisito ainda achou quando viu que alguns feijões do meio da mesa saltavam. Olhou com atenção e, de fato, de quando em quando um, às vezes dois grãos de feijão, dava um salto, não muito alto, de uns quatro centímetros, ou de dois centímetros, mas saltos afinal de contas. Os jogadores não prestavam atenção nos feijões. Enfiavam os dados, que eram cinco, no copo, sacudiam este, e de um golpe seco deixavam-no cair na mesa. A cada jogada, própria ou do adversário, pronunciavam palavras que González não entendia. Diziam: *engarróteseme ahí*, ou *metateado*, ou *peladeaje*, ou *combiliado*, ou *biscornieto*, ou *bola de pinole*, ou *despatolado*, ou *sin desperdicio*, como se pronunciassem nomes de deuses ou os passos de um mistério que nem eles entendiam mas que todos deviam acatar. O judiciário que não jogava movia a cabeça afirmativamente. Sergio González perguntou a ele se os feijões eram feijões saltadores. O judiciário olhou para ele e confirmou com a cabeça. Nunca na vida tinha visto tantos, disse. Na verdade, nunca tinha visto um. Quando Juan de

Dios Martínez chegou, os judiciários continuavam jogando. Juan de Dios Martínez vestia um terno cinzento, um pouco amarrotado, e gravata verde-escura. Sentaram à sua mesa, que era a mais arrumada da sala, conforme González pôde verificar, e falaram do Penitente. Pelo que disse o judiciário, que pediu para não publicar isso, o Penitente era um doente. Que doença ele tem?, sussurrou González ao se dar conta no ato que Juan de Dios Martínez não queria que seus colegas os ouvissem. Sacrofobia, disse o judiciário. E o que é isso?, indagou González. Medo e aversão aos objetos sagrados, respondeu o judiciário. Para este, o Penitente não profanava igrejas com a intenção premeditada de matar. As mortes eram acidentais, a única coisa que o Penitente queria era descarregar sua ira sobre as imagens dos santos.

As igrejas que o Penitente profanou não demoraram muito para primeiro maquiar e depois restaurar de forma definitiva os estragos, a não ser a de Santa Catalina, que por um tempo continuou tal qual o Penitente a deixara. Falta dinheiro para muitas coisas, disse a ele o padre de Ciudad Nueva que uma vez por dia aparecia na colônia Lomas del Toro para rezar a missa e limpar a igreja, dando a entender com isso que havia prioridades que estavam acima ou que eram mais urgentes que a reposição das figuras sacras destroçadas. Foi graças a ele, na segunda e última vez que o viu, na igreja, que Sergio González soube que em Santa Teresa, além do famoso Penitente, se cometiam crimes contra mulheres, a maioria dos quais ficava sem esclarecimento. Por um instante, enquanto varria, o padre falou e falou: da cidade, do pinga-pinga de emigrantes centro-americanos, das centenas de mexicanos que cada dia chegavam em busca de trabalho nas maquiladoras ou tentando passar para o lado americano, do tráfico dos atravessadores de imigrantes ilegais, os “galinheiros” e “coiotes”, dos salários de fome pagos nas fábricas, de como esses salários, mesmo assim, eram cobiçados pelos desesperados que chegavam de Querétaro ou de Zacatecas ou de Oaxaca, cristãos desesperados, disse o padre, um termo estranho por vir, precisamente, de um padre, que viajavam de maneiras inverossímeis, às vezes sozinhos, às vezes com a família nas costas, até chegar à linha fronteira e só então descansar ou chorar ou rezar ou se embriagar ou se drogar ou dançar até caírem extenuados. A voz do padre tinha o tom de uma ladainha e por um momento, enquanto o ouvia, Sergio González fechou os olhos e esteve a ponto de adormecer. Mais tarde saíram à rua e sentaram nos degraus de tijolo da igreja. O padre lhe ofereceu um Camel e ficaram fumando e contemplando o horizonte. E você, além de jornalista, o que mais faz no DF?, perguntou o padre. Por uns segundos, enquanto aspirava a fumaça do cigarro, Sergio González pensou na resposta e não lhe ocorreu nada. Acabei de me divorciar, falou, fora isso leio muito. Que tipo de livros?, quis saber o padre. De filosofia, sobretudo de filosofia, disse González. Também gosta de ler? Umas meninas passaram correndo e cumprimentaram o padre chamando-o pelo nome. González as viu atravessar um terreno baldio onde floresciam umas flores vermelhas bem grandes e depois atravessar uma avenida. Naturalmente, disse o padre. Que tipo de livros?, perguntou. De teologia da libertação, sobretudo, disse o padre. Gosto de Boff e dos brasileiros. Mas também leio romances policiais. González se levantou e apagou a guimba com a sola do sapato. Foi um

prazer, falou. O padre apertou sua mão e assentiu.

No dia seguinte, de manhã, Sergio González tomou o ônibus para Hermosillo e lá, depois de esperar quatro horas, pegou o avião para o DF. Dois dias depois entregou ao diretor da revista de domingo a matéria sobre o Penitente e ato contínuo se esqueceu de todo o caso.

Que história é essa de sacrofobia?, Juan de Dios Martínez perguntou à diretora. Instrua-me um pouco. A diretora disse que se chamava Elvira Campos e pediu um uísque. Juan de Dios Martínez pediu uma cerveja e observou o lugar. No terraço, um acordeonista, acompanhado por uma violinista, tentavam em vão chamar a atenção de um sujeito vestido em estilo country. Um narcotraficante, pensou Juan de Dios Martínez, mas como o sujeito estava de costas não pôde reconhecê-lo. A sacrofobia é o medo ou a aversão ao sagrado, aos objetos sagrados, particularmente os da sua própria religião, respondeu Elvira Campos. Pensou em dar o exemplo de Drácula, que fugia dos crucifixos, mas supôs que a diretora riria dele. E a senhora acredita que o Penitente sofre de sacrofobia? Andei pensando no caso e creio que sim. Faz uns dias estripou um padre e outra pessoa, disse Juan de Dios Martínez. O rapaz do acordeão era muito moço, não mais de vinte anos, e redondo como uma maçã. Suas expressões, no entanto, eram as de um homem de mais de vinte e cinco, salvo quando sorria, coisa que fazia amiúde, e então você se dava conta de repente da sua juventude e da sua inexperiência. Não anda com uma faca para fazer mal a ninguém, a nenhum ser vivo, quer dizer, mas para destroçar as imagens que encontra nas igrejas, disse a diretora. Podemos nos tratar de você?, perguntou Juan de Dios Martínez. Elvira Campos sorriu e moveu a cabeça afirmativamente. A senhora é uma mulher muito atraente, disse Juan de Dios Martínez. Magra e atraente. O senhor não gosta de mulheres magras?, retrucou a diretora. A violinista era mais alta que o acordeonista e usava uma blusa preta e legging preto. Tinha cabelos escorridos e compridos caindo até a cintura, e às vezes fechava os olhos, sobretudo nas partes em que o acordeonista, além de tocar, cantava. O mais triste de tudo, pensou Juan de Dios Martínez, era que o traficante ou o dorso country do suposto traficante nem prestava atenção neles, ocupado que estava em conversar com um sujeito com perfil de mangusto e com uma fulana com perfil de gata. Não íamos nos chamar de você?, perguntou Juan de Dios Martínez. É verdade, respondeu a diretora. E a senhora tem certeza de que o Penitente sofre de sacrofobia? A diretora disse que esteve examinando os arquivos do manicômio para ver se encontrava algum ex-paciente com um quadro parecido ao do Penitente. O resultado foi nulo. Pela idade que o senhor diz que ele tem, garantiria que já esteve internado antes num centro psiquiátrico. O rapaz do acordeão pôs-se de repente a sapatear. De onde estavam não ouviam, mas fazia visagens com a boca e as sobrancelhas, depois se despenteou com a mão e parecia gargalhar. A violinista estava de olhos fechados. A nuca do traficante se mexeu. Juan de Dios Martínez pensou que o rapaz havia por fim conseguido o que queria. Provavelmente em algum centro psiquiátrico de Hermosillo ou Tijuana deve haver um prontuário dele. Não

creio que seu quadro clínico seja muito extraordinário. Talvez tomasse tranquilizantes até há pouco. Talvez tenha parado de tomar, disse a diretora. A senhora é casada, vive com alguém?, perguntou Juan de Dios Martínez com um fio de voz. Vivo sozinha, disse a diretora. Mas a senhora tem filhos, vi as fotos em sua sala. Tenho uma filha, ela é casada. Juan de Dios Martínez sentiu que algo se libertava dentro dele e riu. Não me diga que já é avó. Nunca se diz isso a uma mulher, agente. Que idade o senhor tem?, perguntou a diretora. Trinta e quatro anos, respondeu Juan de Dios Martínez. Dezesete a menos que eu. Não parece ter mais de quarenta, disse o judiciário. A diretora riu: faço ginástica todo dia, não fumo, bebo pouco, só como coisas saudáveis, antes saía para correr todas as manhãs. Não sai mais? Não, comprei uma esteira. Os dois riram. Ouço Bach no fone de ouvido e costumo correr entre cinco e dez quilômetros por dia. Sacrofobia. Se digo aos meus colegas que o Penitente sofre de sacrofobia vou marcar ponto. O sujeito com perfil de mangusto levantou da cadeira e disse alguma coisa no ouvido do acordeonista. Voltou a sentar e o acordeonista ficou com um esgar de desgosto desenhado nos lábios. Como uma criança a ponto de chorar. A violinista estava de olhos abertos e sorria. O narcotraficante e a tipa com perfil de gata colaram suas cabeças. O nariz do traficante era grande e ossudo e tinha um ar aristocrático. Mas aristocrático de quê? Salvo os lábios, o resto da cara do acordeonista estava decomposto. Ondas desconhecidas atravessaram o peito do judiciário. Este mundo é estranho e fascinante, pensou.

Há coisas mais esquisitas que a sacrofobia, disse Elvira Campos, sobretudo se levarmos em conta que estamos no México e que aqui a religião sempre foi um problema, na verdade, eu diria que todos os mexicanos, no fundo, sofremos de sacrofobia. Pense, por exemplo, num medo clássico, a gefirofobia. É algo de que muita gente padece. O que é gefirofobia?, perguntou Juan de Dios Martínez. É o medo de atravessar pontes. É verdade, conheci uma pessoa, bem, na realidade era um menino, que sempre que atravessava uma ponte temia que ela caísse, de modo que atravessava correndo, o que era muito mais perigoso. É um clássico, disse Elvira Campos. Outro clássico: a claustrofobia. Medo dos espaços fechados. Mais outro: a agorafobia. Medo dos espaços abertos. Esses eu conheço, disse Juan de Dios Martínez. Mais outro clássico: a necrofobia. Medo dos mortos, disse Juan de Dios Martinez, conheci gente assim. Se você trabalha na polícia, é espeto. Também tem a hematofobia, medo de sangue. Certíssimo, disse Juan de Dios Martínez. E a pecatofobia, medo de cometer pecados. E depois tem outros medos, que são mais raros. Por exemplo, a clinofobia. Sabe o que é? Não faço a menor ideia, disse Juan de Dios Martínez. Medo de cama. Como é que alguém pode ter medo ou aversão a uma cama? Pois é, tem gente que tem. Mas isso dá para atenuar dormindo no chão e nunca entrando num dormitório. Depois tem a tricofobia, que é medo de cabelo. Um pouco mais complicado, não é? Complicadíssimo. Há casos de tricofobia que acabam em suicídio. E também tem a verbofobia, que é o medo das palavras. Nesse caso o melhor é ficar calado, disse Juan de Dios Martínez. É um pouco mais complicado que isso, porque as palavras estão em toda parte, inclusive no silêncio, que nunca é um silêncio total,

não é? Depois temos a vestiofobia, que é medo de roupa. Parece raro mas é muito mais difundido do que parece. E um relativamente comum: a iatrofobia, que é o medo de médico. Ou a ginofobia, que é medo de mulher e de que, naturalmente, só os homens sofrem. Difundidíssimo no México, embora disfarçado com as mais diversas roupagens. Não é um pouco de exagero seu? Nem um pouquinho: quase todos os mexicanos têm medo das mulheres. Não sei o que dizer, falou Juan de Dios Martínez. Depois há dois medos que no fundo são muito românticos: a ombrofobia e a talassofobia, que são, respectivamente, o medo da chuva e o medo do mar. E outros dois que também têm um quê de românticos: a antofobia, que é o medo das flores, e a dendrofobia, que é o medo das árvores. Alguns mexicanos sofrem de ginofobia, disse Juan de Dios Martínez, mas nem todos, não seja tão alarmista, senhora. O que o senhor acha que é a optofobia?, perguntou a diretora. Opto, opto, uma coisa relacionada com os olhos, na certa, medo de olhos? Pior que isso: medo de abrir os olhos. Em sentido figurado, isso contesta o que o senhor acaba de dizer sobre a ginofobia. Em sentido literal, produz transtornos violentos, perdas de consciência, alucinações visuais e auditivas, e um comportamento em geral agressivo. Conheço, não pessoalmente, é claro, dois casos em que o paciente chegou à automutilação. Arrancou os olhos? Com os dedos, com as unhas, disse a diretora. Puxa vida, disse Juan de Dios Martínez. Depois temos, é claro, a pedifobia, que é medo de crianças, e a balistofobia, que é medo de bala. Essa é a minha fobia, disse Juan de Dios Martínez. Sim, suponho que seja de senso comum, disse a diretora. Outra fobia, esta vem aumentando, é a tropofobia, que é o medo de mudar de situação ou de lugar. Que pode se agravar se a tropofobia se torna agirofobia, que é o medo das ruas ou de atravessar uma rua. Sem esquecer da cromofobia, que é o medo de certas cores, nem da nictofobia, que é o medo da noite, nem da ergofobia, que é o medo do trabalho. Um medo muito difundido é a decidofobia, que é o medo de tomar decisões. E um medo que está começando a se difundir é a antropofobia, que é o medo de gente. Alguns índios sofrem de forma acentuada de astrofobia, que é o medo dos fenômenos meteorológicos, como trovões, raios, relâmpagos. Mas as piores fobias, a meu ver, são a pantofobia, que é ter medo de tudo, e a fobofobia, que é o medo dos próprios medos. Se o senhor tivesse que sofrer de uma das duas, qual escolheria? A fobofobia, disse Juan de Dios Martínez. Tem seus inconvenientes, pense bem, disse a diretora. Entre ter medo de tudo e ter medo do meu próprio medo, escolho este último, não se esqueça de que sou policial e que se tivesse medo de tudo não poderia trabalhar. Mas se o senhor tem medo de seus medos sua vida pode se transformar numa observação constante do medo e, se estes se ativam, o que se produz é um sistema que se alimenta a si mesmo, um círculo vicioso de que seria difícil escapar, disse a diretora.

Poucos dias antes de Sergio González aparecer por Santa Teresa, Juan de Dios Martínez e Elvira Campos foram para a cama. Isso não é nada sério, avisou a diretora ao policial judiciário, não quero que você faça uma falsa ideia da nossa relação. Juan de Dios Martínez garantiu que ela é que poria os limites e que ele se limitaria a respeitar suas decisões. Para a diretora, o primeiro encontro sexual foi satisfatório. Quando tornaram a se ver, passados

quinze dias, o resultado foi melhor ainda. Às vezes era ele que telefonava, geralmente de tarde, quando ela ainda estava no centro psiquiátrico, e falavam por cinco minutos, às vezes dez, sobre o que haviam feito naquele dia. Quando ela ligava é que combinavam encontros, sempre na casa de Elvira, um apartamento novo na colônia Michoacán, numa rua de casas de classe média alta onde moravam médicos e advogados, vários dentistas e um ou dois professores universitários. Os encontros eram moldados seguindo uma mesma forma. O judiciário deixava o carro parado junto ao meio-fio, subia de elevador, onde aproveitava para se olhar no espelho e conferir se sua aparência, dentro das suas limitações, que ele era o primeiro a enumerar de cor, estava imaculada, depois dava um toque curto na campainha da porta da diretora. Ela abria, se cumprimentavam com um aperto de mãos ou sem se tocar, e em seguida tomavam um drinque sentados na sala, observando as montanhas do leste que iam escurecendo através das portas de vidro que comunicavam com o amplo terraço onde, além de um par de cadeiras de madeira e lona e de um guarda-sol fechado àquelas horas, só havia uma bicicleta ergométrica cinza-azul. Depois, sem preâmbulos iam para o quarto e se dedicavam a fazer amor durante três horas. Quando acabavam, a diretora vestia um roupão de seda preto e se trancava no chuveiro. Quando saía, Juan de Dios Martínez já estava vestido, sentado na sala, observando não as montanhas mas as estrelas que se viam do terraço. O silêncio era total. Às vezes, no jardim de alguma das casas vizinhas, davam uma festa e eles contemplavam as luzes e a gente que andava ou se abraçava junto da piscina ou que entrava e saía, como que guiada unicamente pelo acaso, dos toldos montados para a ocasião ou dos coretos de madeira e ferro. A diretora não falava e Juan de Dios Martínez reprimia a vontade que sentia de desatar a fazer perguntas ou contar coisas da sua vida que não havia contado a ninguém. Depois ela lhe lembrava, como se ele houvesse pedido que fizesse, que precisava ir embora e o judiciário dizia é verdade ou consultava inutilmente as horas em seu relógio, e se ia. Passados quinze dias tornavam a se encontrar e tudo transcorria igualzinho à última vez. Claro, nem sempre havia festas nas casas vizinhas e às vezes a diretora não podia ou não queria beber, mas as luzes tênues eram sempre as mesmas, a chuveirada sempre se repetia, os entardeceres e as montanhas não mudavam, as estrelas eram as mesmas.

Por aqueles dias Pedro Negrete viajou para Villaviciosa para conseguir um homem de confiança para seu compadre Pedro Rengifo. Viu vários jovens. Estudou-os, fez algumas perguntas a eles. Perguntou se sabiam atirar. Perguntou se podia depositar confiança neles. Perguntou se queriam ganhar dinheiro. Fazia tempo que não ia a Villaviciosa e a cidadezinha lhe pareceu igual à última vez. Casas baixas, de adobe, com quintalinhos na frente. Só dois bares e um mercadinho. A leste, os contrafortes de uma serra que parecia se distanciar e se aproximar, conforme o movimento do sol e das sombras. Quando escolheu um rapaz, mandou chamar Epifanio e lhe perguntou em particular o que achava. Qual deles é, chefe? O mais moço, disse Negrete. Epifanio olhou o rapaz como que de passagem, depois olhou para os outros e antes de voltar para o carro disse que não era mau, mas quem podia saber. Depois Negrete aceitou o convite de uns velhos de Villaviciosa para tomar alguma

coisa. Um era muito magro, vestia-se de branco e usava um relógio folheado a ouro. Pelas rugas do rosto podia calcular que tinha mais de setenta anos. O outro era mais velho ainda e mais magro, e não usava camisa. Era de pequena estatura e tinha o tórax cheio de cicatrizes que os tufos de pelo ocultavam em parte. Beberam pulque e de vez em quando enormes copos d'água, porque o pulque era salgado e dava sede. Falaram de cabras perdidas no morro Azul e de buracos na serra. Num intervalo, sem dar maior importância, Negrete chamou o rapaz e disse que o havia escolhido. Ande, vá se despedir da sua mãe, disse o velho descamisado. O rapaz olhou para Negrete, depois olhou para o chão, como se pensasse no que ia responder, mas logo mudou de ideia, não disse nada e se afastou. Quando Negrete saiu do bar encontrou o rapaz e Epifanio batendo papo encostados no para-lama do carro.

O rapaz sentou a seu lado, no banco de trás. Epifanio sentou ao volante. Quando deixaram para trás as ruas de terra de Villaviciosa e o carro rodava pelo deserto, o chefe de polícia perguntou a ele como se chamava. Olegario Cura Expósito, disse o rapaz. Olegario Cura Expósito, disse Negrete olhando para as estrelas, curioso nome. Por um instante ficaram em silêncio. Epifanio tentou sintonizar uma emissora de Santa Teresa mas não conseguiu e desligou o rádio. Pela sua janela o chefe de polícia avistou, a muitos quilômetros de distância, o clarão de um raio. Nesse momento o carro fez um estrondo, e Epifanio freou e desceu para ver o que tinha atropelado. O chefe de polícia viu-o se perder na estrada, depois viu a luz da lanterna de Epifanio. Abaixou o vidro e perguntou o que acontecia. Ouviu-se um tiro. O chefe abriu a porta e desceu. Deu uns tantos passos para esticar as pernas, até que a figura de Epifanio apareceu sem pressa. Acertei um lobo, falou. Vamos ver, disse o chefe de polícia e os dois voltaram a se internar na escuridão. Na estrada não se viam os faróis de nenhum carro. O ar era seco, embora às vezes chegassem rajadas de vento salgado, como se antes de se espalhar pelo deserto esse ar houvesse limpado a superfície de uma salina. O rapaz fixou os olhos no painel aceso do carro, depois levou as mãos ao rosto. A uns metros dali o chefe de polícia mandou que Epifanio lhe passasse a lanterna e focalizou o corpo do animal estirado na estrada. Não é um lobo, cabra, disse o chefe de polícia. Ah, não? Olhe o pelo, o do lobo é mais lustroso, mais brilhante, além do mais não são tão babacas a ponto de se deixarem atropelar por um carro no meio de uma estrada deserta. Bom, vamos medi-lo, segure a lanterna. Epifanio focalizou o animal enquanto o chefe de polícia o esticava e procedia a uma medição a olho. O coioite, disse, mede de setenta a noventa centímetros, contando a cabeça, quando você diria que este mede? Uns oitenta?, disse Epifanio. Correto, disse o chefe de polícia. E acrescentou: o coioite pesa entre dez e dezesseis quilos. Passe-me a lanterna e levante o bicho, ele não vai te morder. Epifanio ergueu nos braços o animal morto. Quanto você diria que ele pesa? Acho que entre doze e quinze quilos, disse Epifanio, como um coioite. É que é um coioite, seu panaca, disse o chefe de polícia. Focaram a luz nos olhos do bicho. Vai ver que estava cego e por isso não me viu, disse Epifanio. Não, não estava cego, retrucou o chefe de polícia enquanto observava os grandes olhos mortos do coioite. Depois deixaram o animal na beira da estrada e voltaram para o carro. Epifanio tentou

sintonizar outra vez uma estação de Santa Teresa. Só escutou interferência e desligou. Pensou que o coiole que havia atropelado era uma coiole fêmea e que estava procurando um lugar seguro para parir. Por isso não me viu, pensou, mas a explicação não lhe pareceu satisfatória. Quando apareceram em El Altillo as primeiras luzes de Santa Teresa, o chefe de polícia quebrou o silêncio em que os três haviam mergulhado. Olegario Cura Expósito, disse. Sim, senhor, fez o rapaz. Como seus amigos te chamam? Lalo, disse o rapaz. Lalo? Sim, senhor. Ouviu, Epifanio? Ouvi, respondeu Epifanio, que não conseguia parar de pensar no coiole. Lalo Cura?, perguntou o chefe de polícia. Sim, senhor, respondeu o rapaz. Está brincando, não é? Não, senhor, é assim que meus amigos me chamam, disse o rapaz. Ouviu, Epifanio?, indagou o chefe de polícia. Ouvi sim, respondeu Epifanio. Ele se chama Lalo Cura, disse o chefe de polícia, e caiu na risada. Lalo Cura, Lalo Cura, sacou?*** Saquei, claro, disse Epifanio, e também riu. E logo os três caíram na risada.

Naquela noite, o chefe de polícia de Santa Teresa dormiu bem. Sonhou com seu irmão gêmeo. Tinham quinze anos, eram pobres e iam passear nuns morros cheios de matagais onde muitos anos depois se ergueria a colônia Lindavista. Atravessaram um barranco onde às vezes os garotos iam caçar, na época das chuvas, sapos-bufos, que eram venenosos e que tinham de ser mortos a pedradas, mas nem ele nem o irmão se interessavam pelos sapos-bufos, e sim pelos lagartos. Ao entardecer voltavam a Santa Teresa e as crianças se dispersavam pelo campo, como soldados derrotados. Nos arredores sempre havia tráfego de caminhões, caminhões que iam para Hermosillo, ou para o norte, ou que faziam a estrada de Nogales. Alguns tinham inscrições curiosas. Um dizia: *Está com pressa? Passa por baixo*. Outro dizia: *Só dou carona pra quem me dá*. E outro: *Se teta fosse buzina, ninguém dormia de noite*. No sonho nem seu irmão nem ele falavam, mas todos os gestos deles eram iguais, a mesma forma de andar, o mesmo ritmo, idêntico movimento de braços. Seu irmão já era bem mais alto que ele, mas ainda se pareciam. Depois os dois entravam nas ruas de Santa Teresa e perambulavam pelas calçadas, e o sonho pouco a pouco ia se desvanecendo numa confortável bruma amarela.

Naquela noite Epifanio sonhou com a coiole fêmea que tinha ficado jogada na beira da estrada. No sonho ele estava sentado a poucos metros, numa pedra de basalto, contemplando a escuridão, muito atento, e ouvia os gemidos da coiole que tinha as entranhas destroçadas. Provavelmente já sabe que perdeu sua cria, pensava Epifanio, mas em vez de se levantar e desfechar-lhe um tiro certo na cabeça ficava sentado sem fazer nada. Depois se viu dirigindo o carro de Pedro Negrete por uma estrada comprida que ia morrer nos sopés eriçados de pedras pontiagudas das montanhas. Não levava nenhum passageiro. Não sabia se havia roubado o carro ou se o chefe de polícia tinha lhe emprestado. A pista era reta e dava para chegar sem maiores problemas a duzentos quilômetros por hora, mas cada vez que acelerava ouvia um ruído irregular, debaixo da carroceria, como se alguma coisa estivesse

solta. Atrás se levantava um enorme rabo de poeira, como o rabo de um coioote alucinógeno. As montanhas, porém, pareciam igualmente distantes, de modo que Epifanio freou e desceu para examinar o carro. À primeira vista estava tudo bem. A suspensão, o motor, a bateria, os eixos. De repente, com o carro parado, ouviu outra vez as batidas e deu a volta. Abriu o porta-malas. Dentro dele havia um corpo. Estava de pés e mãos amarrados. Um pano preto cobria toda a sua cabeça. Que merda é essa, gritava Epifanio no sonho. Depois de verificar que ainda estava vivo (o peito subia e descia, talvez com demasiada violência, mas subia e descia) fechou a tampa do porta-malas sem se atrever a tirar o pano preto da cara dele e ver quem era. Entrou novamente no carro, que deu um pinote na primeira arrancada. No horizonte, as montanhas pareciam estar se queimando ou se desfazendo, mas ele continuou avançando rumo a elas.

* * *

Naquela noite Lalo Cura dormiu bem. O beliche era mole demais, porém fechou os olhos, começou a pensar em seu novo trabalho e logo depois dormiu. Só numa ocasião havia estado antes em Santa Teresa, acompanhando umas velhas curandeiras que iam ao mercado municipal. Quase não se lembrava mais dessa viagem, pois na época era muito pequeno. Desta vez também não tinha visto muito. As luzes das rodovias de acesso, um bairro de ruas escuras, um bairro de grandes casas protegidas por muros altos com cacos de vidro. Mais tarde, outra rodovia, em direção ao leste, e os ruídos do campo. Dormiu num bangalô junto da casa do jardineiro, num beliche que havia num canto e que ninguém ocupava. A manta com que se cobriu fedia a suor antigo. Não havia travesseiro. Em cima do beliche havia um montão de revistas de mulheres peladas e jornais velhos, que pôs debaixo da cama. À uma da manhã entraram os dois que ocupavam os beliches ao lado. Ambos usavam terno, gravatas largas e botas caubói de arremedo. Acenderam a luz e olharam para ele. Um deles falou: você é um guri. Sem abrir os olhos, Lalo sentiu o cheiro deles. Recendiam a tequila, a *chilaquiles*, arroz-doce e medo. Depois dormiu e não sonhou com nada. Na manhã seguinte encontrou os dois caras na mesa, na cozinha da casa do jardineiro. Comiam ovos e fumavam. Sentou-se com eles e tomou um suco de laranja e um café puro, não quis comer nada. O encarregado da segurança de Pedro Rengifo era um irlandês que chamavam de Pat e foi ele que fez as apresentações formais. Os caras não eram de Santa Teresa nem dos arredores. O mais corpulento deles era do estado de Jalisco. O outro era de Ciudad Juárez, em Chihuahua. Lalo olhou os dois nos olhos e não teve a impressão de que fossem pistoleiros mas dois covardes. Quando terminou o café da manhã, o encarregado da segurança levou-o até a parte mais afastada do jardim e lhe entregou uma pistola Desert Eagle calibre 50 Magnum. Perguntou se sabia usá-la. Disse que não. O encarregado pôs um carregador de sete balas na pistola, depois catou no mato umas latas que botou no teto de um carro sem rodas. Os dois ficaram um tempo dando tiros. Depois o encarregado lhe explicou como se carregava uma pistola, como se punha a trava, onde devia levá-la. Disse que seu trabalho consistia em velar pela segurança da senhora Rengifo, mulher do patrão, e que teria de trabalhar com os dois que já

havia conhecido. Perguntou se sabia quanto ia ganhar. Informou que pagavam a cada quinze dias, que ele em pessoa se encarregava disso e que quanto a isso não teria queixas. Perguntou seu nome. Lalo Cura, disse. Lalo. O irlandês nem riu nem olhou esquisito para ele nem pensou que estava de gozação, mas anotou o nome numa caderneta preta que levava no bolso de trás do jeans e deu por encerrado o encontro. Antes de se despedir disse que se chamava Pat O'Bannion.

* * *

Em setembro encontraram outra morta. Estava dentro de um carro no condomínio Buenavista, atrás da colônia Lindavista. O lugar era solitário. Só havia uma casa pré-fabricada que servia de escritório para os vendedores dos lotes. O resto do condomínio estava a meio caminho entre o terreno baldio e umas tantas árvores doentes, com os troncos pintados de branco, únicas sobreviventes de um antigo campo e bosque alimentado pelas águas freáticas que ali se acumulavam. Os domingos eram o dia em que mais gente pululava no loteamento. Famílias inteiras ou homens de negócio iam ver os terrenos, sem manifestar muito entusiasmo, pois os lotes mais interessantes já tinham sido vendidos embora ninguém ainda houvesse começado a construir. O resto da semana as visitas eram marcadas, e às oito da noite não havia mais ninguém no loteamento, salvo algum bando de crianças ou de cachorros que desciam da colônia Maytorena e não sabiam como subir de volta. Quem achou o corpo foi um dos vendedores. Chegou às nove da manhã ao condomínio e estacionou no lugar de costume, junto à casa pré-fabricada. Quando já estava a ponto de entrar avistou outro carro parado num lote que ainda não estava vendido, justo abaixo de uma elevação do terreno, o que até aquele momento o mantivera escondido. Acreditou se tratar do carro do outro vendedor, mas descartou a ideia por absurda, pois quem, podendo parar ao lado do escritório, ia deixar o carro tão longe? Por isso, em vez de entrar, foi em direção ao carro desconhecido. Pensou que talvez se tratasse de um bêbado que havia decidido dormir ali ou de um viajante perdido, pois o desvio da rodovia do sul não ficava longe. Pensou até num comprador impaciente. Depois que passou pela elevação (um lote excelente, com boa vista e terreno suficiente para construir mais tarde uma piscina), o carro lhe pareceu velho demais para ser de um comprador. Nesse momento se inclinou pela ideia do bêbado e sentiu-se tentado a dar meia-volta, mas viu então a cabeleira de mulher reclinada numa das janelas de trás e resolveu ir em frente. A mulher estava de vestido branco e não tinha sapatos. Media cerca de um metro e setenta. Na mão esquerda tinha três anéis de bijuteria, nos dedos indicador, médio e anular. Na direita usava um par de pulseiras de fantasia e dois grandes anéis com pedras falsas. Segundo o laudo médico-legal, tinha sido estuprada de forma vaginal e anal, e depois morta por estrangulamento. Não trazia consigo nenhum documento que revelasse sua identidade. O caso foi confiado ao policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo, que primeiro investigou entre as putas caras de Santa Teresa, para ver se alguém conhecia a morta, depois, ante o escasso sucesso das suas pesquisas, entre as putas baratas, mas tanto umas como as outras disseram nunca a ter visto. Ortiz Rebolledo

visitou hotéis e pensões, alguns motéis dos arredores, acionou seus informantes sem nenhum êxito, e em pouco tempo o caso foi encerrado.

No mesmo mês de setembro, duas semanas depois da descoberta da morta do condomínio Buenavista, apareceu outro cadáver. Este era o de Gabriela Morón, de dezoito anos, morta a tiros pelo namorado, Feliciano José Sandoval, de vinte e sete anos, ambos trabalhadores da maquiladora Nip-Mex. Os fatos, de acordo com a investigação policial, se circunscreviam a uma briga do casal ante a negativa de Gabriela Morón a emigrar para os Estados Unidos. O suspeito, Feliciano José Sandoval, já havia tentado emigrar em duas ocasiões e em ambas tinha sido mandado de volta pela guarda fronteira americana, o que não diminuiu seu desejo de tentar a sorte pela terceira vez. Segundo alguns amigos, Sandoval tinha parentes em Chicago. Gabriela Morón, pelo contrário, nunca tinha cruzado a fronteira e, depois de encontrar trabalho na Nip-Mex, onde era bem-vista por seus chefes, pelo que não descartava uma rápida ascensão e uma melhoria salarial, seu interesse em experimentar a sorte no país vizinho era praticamente nulo. Por alguns dias, a polícia procurou Feliciano José Sandoval, tanto em Santa Teresa como em Lomas de Poniente, a cidade tamaulipeca de que era natural, e também enviou uma ordem de busca e captura às autoridades americanas correspondentes, caso o suspeito, tendo realizado seu sonho, se encontrasse lá, mas, paradoxalmente, não interrogou nenhum “coiote” ou “galinheiro” que houvesse podido lhe conseguir esse acesso. Para todos os efeitos, o caso estava encerrado.

Em outubro apareceu, no lixão do parque industrial Arsenio Farrell, a morta seguinte. Se chamava Marta Navales Gómez, tinha vinte anos, um metro e setenta de altura e cabelos castanhos compridos. Fazia dois dias que não aparecia em casa. Vestia um roupão e meias-calças que seus pais não reconheceram como pertencentes a ela. Tinha sido estuprada anal e vaginalmente inúmeras vezes. A morte se deu por estrangulamento. O curioso do caso é que Marta Navales Gómez trabalhava na Aiwo, uma maquiladora japonesa instalada no parque industrial El Progreso, no entanto seu corpo havia aparecido no parque industrial Arsenio Farrell, no lixão, um lugar complicado para chegar de carro, a não ser que fosse um veículo de lixo. Foi encontrada por uns garotos, de manhã, e depois do meio-dia, quando o cadáver foi retirado, um numeroso grupo de trabalhadores foi até a ambulância ver se era uma amiga, uma colega ou uma simples conhecida.

* * *

Em outubro também, foi encontrado o cadáver de outra mulher, no deserto, a poucos metros da estrada que une Santa Teresa a Villaviciosa. O corpo, que se encontrava em avançado estado de decomposição, jazia de boca para baixo, vestindo moletom e calça de material sintético, em cujo bolso se encontrou um crachá segundo o qual a morta se

chamava Elsa Luz Pintado e trabalhava no hipermercado Del Norte. O assassino ou os assassinos não se deram ao trabalho de abrir uma cova. Tampouco se deram ao trabalho de penetrar muito no deserto. Simplesmente arrastaram o cadáver uns tantos metros e lá o deixaram. Investigações posteriores no hipermercado Del Norte trouxeram os seguintes resultados: não deram por falta de nenhuma caixa ou vendedora recentemente; Elsa Luz Pintado fizera de fato parte de seu pessoal, mas já fazia um ano e meio que não trabalhava para essa empresa nem para nenhuma outra da cadeia de hipermercados que se estendia pelo norte do estado de Sonora; os que conheceram Elsa Luz Pintado a descreveram como uma mulher alta, de um metro e setenta e dois, e o cadáver encontrado no deserto devia medir um metro e sessenta no máximo. Tentou-se, sem sucesso, encontrar o paradeiro de Elsa Luz Pintado em Santa Teresa. O encarregado do caso foi o policial judiciário Ángel Fernández. O laudo médico-legal não foi capaz de determinar a causa da morte, conquanto aludisse vagamente à possibilidade de estrangulamento, mas foi sim capaz de afirmar que o cadáver não estava há menos de sete dias no deserto nem a mais de um mês. Pouco depois foi integrado à investigação o policial judiciário Juan de Dios Martínez, que redigiu uma nota oficial em que pedia que se procurasse a também presumidamente desaparecida Elsa Luz Pintado, enviando-se para tanto ofícios às autoridades policiais de todo o estado, mas seu requerimento foi devolvido com a recomendação de que não se afastasse do caso concreto a investigar.

* Rebelião popular armada, que eclodiu em 1927, impregnada de fanatismo religioso. O grito de guerra dos *cristeros* era “viva Cristo Rei!”, daí seu nome. (N. T.)

** Natural da Cidade do México. (N. T.)

*** Por homofonia, “*la locura*”, a loucura. (N. T.)

Em meados de novembro, Andrea Pacheco Martínez, de treze anos, foi raptada ao sair da escola técnica secundária 16. Apesar de a rua não estar deserta, muito pelo contrário, ninguém presenciou o fato, com exceção de duas colegas de Andrea que a viram se dirigir para um carro preto, presumivelmente um Peregrino ou um Spirit, onde um tipo de óculos escuros a esperava. Pode ser que houvesse mais pessoas no carro, mas as colegas de Andrea não as viram, entre outros motivos por causa dos vidros com filme. Naquela tarde Andrea não voltou para casa e seus pais prestaram queixa na polícia passadas poucas horas do fato, após telefonarem para algumas das suas colegas. As polícias judiciária e municipal se encarregaram do caso. Quando a encontraram, dois dias depois, seu corpo mostrava sinais inequívocos de morte por estrangulamento, com ruptura do hioide. Tinha sido violentada anal e vaginalmente. Os pulsos apresentavam tumefações típicas de amarradura. Os tornozelos também estavam lacerados, com o que se deduziu que também tivera os pés amarrados. Um emigrante salvadorenho encontrou o corpo atrás da escola Francisco I, em Madero, perto da colônia Álamos. Estava completamente vestida, e a roupa, salvo a blusa, de que faltavam vários botões, não apresentava rasgos. O salvadorenho foi acusado pelo homicídio e permaneceu no xadrez do 3º distrito por duas semanas, ao fim das quais o soltaram. Saiu com a saúde abalada. Pouco depois, um “galinheiro” o fez atravessar a fronteira. No Arizona, se perdeu no deserto e depois de caminhar três dias chegou, totalmente desidratado, a Patagonia, onde um fazendeiro lhe deu uma surra por vomitar nas terras dele. Passou um dia no xadrez do xerife, depois foi mandado para o hospital, onde só lhe restava morrer em paz, que foi o que fez.

No dia 20 de dezembro foi registrado o último caso de morte violenta com vítima feminina daquele ano de 1993. A morta tinha cinquenta anos e, como que para contradizer algumas vozes que começavam timidamente a se elevar, morreu em sua casa, e em sua casa encontraram seu cadáver, não num terreno baldio, nem num lixão, nem no meio de moitas amareladas do deserto. Ela se chamava Felicidad Jiménez Jiménez e trabalhava na maquiladora Multizone-West. Os vizinhos a encontraram caída no chão do quarto, nua da cintura para baixo, com um pedaço de pau enfiado na vagina. A causa da morte foram as múltiplas facadas, mais de sessenta, contou o legista, dadas por seu filho, Ernesto Luis Castillo Jiménez, com o qual morava. O rapaz, segundo testemunharam alguns vizinhos, tinha surtos de loucura que, às vezes, conforme o estado da economia familiar, tratava com ansiolíticos e calmantes mais fortes. A polícia encontrou o matricida naquela mesma noite, horas depois do macabro achado, vagando pelas ruas em penumbra da colônia Morelos. Em sua declaração admitiu sem nenhum tipo de coerção ser ele o assassino da mãe. Também admitiu ser o Penitente, o profanador de igrejas. Ao ser perguntado sobre o motivo que o levou a enfiar na vagina da mãe o pedaço de pau, respondeu primeiro que não sabia, depois, tendo pensado mais detidamente, que tinha feito aquilo para que ela aprendesse. Aprendesse o quê?, perguntaram os policiais, entre os quais estavam Pedro Negrete, Epifanio Galindo, Ángel Fernández, Juan de Dios Martínez, José Márquez. Para que aprendesse que não se

podia brincar com ele. Depois suas palavras ficaram incoerentes e foi levado para o hospital da cidade. Felicidad Jiménez Jiménez tinha outro filho, mais velho, que havia emigrado para os Estados Unidos. A polícia tentou entrar em contato com ele, mas ninguém soube dar um endereço confiável para o qual escrever. Na revista posterior da casa não encontraram cartas desse filho, nem objetos pessoais que houvessem ficado lá depois da sua partida, nem nada que desse fé da sua existência. Só duas fotos: numa, aparece Felicidad com dois filhos entre dez e treze anos, que olham muito sérios para a câmera. Na outra, mais antiga, aparece a mesma Felicidad com duas crianças, uma de poucos meses (o que anos depois a mataria e que olha para ela), e outra de uns três anos, que é o que emigrou para os Estados Unidos e nunca mais voltou para Santa Teresa. Ao sair do hospital psiquiátrico, Ernesto Luis Castillo Jiménez foi para a prisão de Santa Teresa, onde se mostrou particularmente loquaz. Não queria ficar solto e solicitava constantemente a presença de policiais ou jornalistas. Os policiais tentaram lhe imputar outros assassinatos não resolvidos. A boa disposição do preso convidava a isso. Juan de Dios Martínez garantiu que Castillo Jiménez não era o Penitente e que provavelmente a única pessoa que ele havia matado era sua mãe, e que nem sequer era responsável por isso, já que apresentava sintomas visíveis de transtorno nervoso. E esse foi o último assassinato de uma mulher em 1993, que foi o ano em que começaram os assassinatos de mulheres naquela região da república mexicana, sendo governador do estado de Sonora o doutor José Andrés Briceño, do Partido de Acción Nacional (PAN) e presidente municipal de Santa Teresa o doutor José Refugio de las Heras, do Partido Revolucionario Institucional (PRI), homens corretos e íntegros, que queimavam fumo, não tinham medo de porrada e estavam sempre prontos para o que desse e viesse.

Antes do ano de 1993 acabar, no entanto, ocorreu outro fato lúgubre que nada tinha a ver com os assassinatos de mulheres, supondo-se que estes tivessem alguma relação entre si, o que ainda estava por provar. Naquela ocasião, Lalo Cura e seus dois funestos colegas trabalhavam protegendo todo dia a mulher de Pedro Rengifo, que Lalo só havia visto uma vez e de longe. Por outro lado, já conhecia vários dos guarda-costas que ele tinha a seu serviço. Havia alguns que pareciam interessantes. Pat O'Bannion, por exemplo. Ou um índio iáqui que quase não falava. Seus dois companheiros, em compensação, só lhe causavam desconfiança. Com eles não se podia aprender nada. O altão de Tijuana gostava de falar da Califórnia e das mulheres que tinha conhecido por lá. Misturava palavras em espanhol com palavras inglesas. Dizia mentiras, lorotas de que só achava graça seu companheiro, o de Juárez, que era mais calado, mas que também era o que menos confiança lhe inspirava. Uma manhã, como tantas outras, a senhora foi levar as crianças para a escola. Saíram em dois carros, o da senhora, um Mercedes verde-claro, e uma caminhonete Grand Cherokee marrom, que ficava parada numa esquina da escola a manhã toda com outros dois guarda-costas dentro. Esses dois eram chamados de *os guarda-costas dos moleques*, da mesma maneira que ele e seus dois colegas eram chamados de *os guarda-costas da patroa*, todos de categoria inferior aos três que cuidavam de Pedro Rengifo, que eram chamados de *os guarda-*

costas do chefe ou os *capangas do chefe*, denotando assim uma hierarquia não só de salário e funções mas também de valor pessoal, de arrojo, de desprezo pela própria vida. Depois de deixar os filhos na escola a mulher de Pedro Rengifo tinha ido às compras. Primeiro esteve numa loja de roupas, depois foi a uma perfumaria e mais tarde resolveu visitar uma amiga que morava na rua Astrónomos, na colônia Madero. Durante cerca de uma hora Lalo Cura e os dois guarda-costas ficaram esperando, o de Tijuana dentro do carro, Lalo e o juarense encostados no para-lama, sem conversar. Quando a senhora saiu (a amiga acompanhou-a até a porta) o de Tijuana desceu do carro, e Lalo e o outro se endireitaram. Na rua havia algumas pessoas, não muitas, mas algumas. Gente que ia andando para o centro, fazer sabe lá o quê, gente que se preparava para as festas de Natal, gente que saía para comprar tortillas para o almoço. A calçada era cinzenta, mas o sol que atravessava a ramagem de algumas árvores fazia que parecesse azulada, como se fosse um rio. A mulher de Pedro Rengifo deu um beijo na amiga e saiu à calçada. O juarense se apressou em abrir o portão de ferro. Num extremo da calçada não se via ninguém. Do outro vinham em direção a eles duas empregadas domésticas. Quando a senhora saiu à rua, se virou e disse alguma coisa à amiga, que não se mexia na porta. Então o de Tijuana viu que atrás das duas empregadas vinham dois homens e ficou tenso. Lalo Cura viu a cara do de Tijuana, depois viu os homens e supôs de imediato que eram pistoleiros e estavam ali para matar a mulher de Pedro Rengifo. O de Tijuana se aproximou do juarense, que ainda segurava o portão de ferro e lhe disse alguma coisa, mas não se sabe se disse com palavras ou com um gesto. A mulher de Pedro Rengifo sorriu. Sua amiga deu uma risada que Lalo escutou como se viesse de muito longe, do alto de um morro. Depois viu como o de Juárez olhava para o de Tijuana: de baixo para cima, como um porco olhando para o sol cara a cara. Com a mão esquerda soltou a trava da pistola Desert Eagle, depois ouviu o ruído dos saltos da mulher de Pedro Rengifo que se dirigia para o carro e as vozes das duas empregadas cheias de interrogações, como se em vez de conversar não parassem de se interpelar e se espantar, como se nem elas mesmas pudessem acreditar naquilo que se contavam. Nenhuma tinha mais de vinte anos. Vestiam saia ocre e blusa amarela. A amiga da senhora, que fazia da porta de casa um gesto de adeus com a mão, vestia calça justa e suéter verde. A mulher de Pedro Rengifo estava de vestido branco e seus sapatos de salto alto também eram brancos. Lalo pensou no vestido da mulher do chefe justo no momento em que os outros dois guarda-costas saíram correndo rua abaixo. Quis gritar: não arreguem, seus babacas de merda, mas só conseguiu murmurar babacas. A senhora de Pedro Rengifo não percebeu nada. Os pistoleiros afastaram com um empurrão as domésticas. Um deles empunhava uma metralhadora Uzi. Era magro, de pele escura. O outro empunhava uma pistola e vestia terno escuro e camisa branca, sem gravata, parecia um executivo de verdade. No momento em que as empregadas foram empurradas para deixar limpo o alvo, a mulher de Pedro Rengifo sentiu que puxavam seu vestido e a jogavam no chão. Enquanto era derrubada viu cair, na frente dela, as empregadas e pensou que havia um terremoto. Também viu, com o rabo do olho, Lalo ajoelhado com a pistola na mão, depois ouviu um barulho e viu saltar um cartucho da pistola que Lalo empunhava, depois não viu mais nada porque sua testa bateu com toda força no cimento da calçada. Sua amiga, que continuava parada no

umbral da porta de casa e que, portanto, gozava de uma perspectiva mais geral da cena, começou a berrar, incapaz de fazer qualquer movimento, embora no fundo do seu cérebro uma vozinha lhe dissesse que melhor do que berrar era entrar em casa e trancar a porta à chave, ou, caso não conseguisse fazê-lo, pelo menos se atirar no chão e se esconder detrás dos pés de gerânios. O de Tijuana e o de Juárez, naquela altura, já haviam percorrido vários metros e, apesar de suarem e ofegarem, pois não estavam acostumados ao exercício físico, não paravam de correr. No que diz respeito às empregadas domésticas, no exato momento em que caíam no chão, ambas se encolheram e começaram a rezar ou a se lembrar depressa de seus entes queridos, e ambas fecharam os olhos, que só tornaram a abrir depois que tudo acabou. Já para Lalo Cura o problema estava em decidir agora mesmo em qual dos dois pistoleiros ia atirar primeiro, se no da Uzi ou no que tinha mais jeito de ser um profissional. Devia ter atirado neste último, mas atirou no primeiro. A bala se incrustou no peito do tipo magro e escuro e o derrubou no ato. O outro se moveu imperceptivelmente para a direita e também teve uma dúvida. Como era possível que aquele rapaz estivesse armado? Como era possível que não houvesse saído correndo com os outros dois guarda-costas? A bala do profissional se alojou no ombro esquerdo de Lalo Cura, afetando os vasos sanguíneos e fraturando o osso. Ele sentiu um tremor e sem mudar de postura tornou a disparar. O profissional caiu de boca no chão e seu segundo tiro se perdeu no ar. Ainda estava vivo. Olhou para o cimento da calçada, os tufo de mato que cresciam por entre as fissuras, o vestido branco da mulher de Pedro Rengifo, o tênis do rapaz que se aproximava para dar cabo dele. Moleque de merda, sussurrou. Depois Lalo Cura voltou sobre seus passos e viu ao longe as figuras de seus dois ex-colegas. Apontou com cuidado e disparou. O juarense se deu conta de que estavam atirando neles e acelerou a corrida. Na primeira esquina desapareceram.

Vinte minutos depois apareceu um carro patrulha. A mulher de Pedro Rengifo tinha machucado a testa mas não sangrava mais, e foi ela que orientou os primeiros passos da polícia. Primeiro se interessou por sua amiga, que estava em estado de choque. Depois se deu conta de que Lalo Cura estava ferido e mandou chamarem outra ambulância para ele e que levassem ambos para a clínica Pérez Guterson. Antes das ambulâncias chegarem apareceram mais policiais, e mais de um reconheceu o profissional, que jazia morto na calçada, como um agente da polícia judiciária do Estado. Quando estavam a ponto de pôr Lalo Cura numa ambulância um par de policiais agarrou Lalo pelos braços, meteu-o dentro do carro e levou-o para o 1º distrito. Quando a mulher de Pedro Rengifo chegou à clínica, depois de deixar sua amiga instalada num dos melhores quartos, foi se informar sobre o estado do seu guarda-costas e lhe disseram que ele não havia chegado. A senhora exigiu que chamassem imediatamente os enfermeiros da outra ambulância, que confirmaram que Lalo Cura estava detido. A mulher de Pedro Rengifo pegou o telefone e ligou outra vez para o marido. Uma hora depois apareceu no 1º distrito o chefe de polícia de Santa Teresa. A seu lado vinha Epifanio com cara de quem não dormia há três dias. Nenhum dos dois parecia contente. Encontraram Lalo numa das celas subterrâneas. O rapaz estava com a cara manchada de

sangue. Os policiais que o interrogavam queriam saber por que ele havia matado os dois pistoleiros, e quando viram Pedro Negrete aparecer se puseram de pé. O chefe de polícia de Santa Teresa sentou numa das cadeiras desocupadas e fez um gesto a Epifanio. Este agarrou um dos policiais pelo pescoço, sacou um canivete de mola do blusão e cortou a cara do outro, dos lábios até a orelha. Cortou de tal forma que nem uma só gota de sangue salpicou nele. Foi este aqui que arrebentou sua cara?, perguntou Epifanio. O rapaz deu de ombros. Tire as algemas dele, ordenou Pedro Negrete. O outro policial tirou as algemas sem parar de resmungar ai, ai, ai. Tá reclamando de quê, cabra?, perguntou Pedro Negrete. Da cagada, chefe, respondeu o policial. Passe uma cadeira pra ele, Pepe, parece que vai desmaiar, ordenou Pedro Negrete. Sentaram o policial ferido entre Epifanio e o outro tira. Como está se sentindo? Bom, chefe, não é nada, um enjoo, só isso, respondeu o ferido procurando nos bolsos alguma coisa para tapar o ferimento. Pedro Negrete ofereceu-lhe um lenço de papel. Por que o prenderam?, perguntou. Um dos que se ferrou era Patricio López, o judiciário, disse o outro tira. Ai, cacete, Patricio López! E por que acham que foi este aqui e não um dos seus colegas?, perguntou Pedro Negrete. Seus colegas se mandaram, disse o outro tira. Ai, cacete, que colegas, fez Pedro Negrete. E meu garoto aqui, o que fez? Os policiais disseram que, tal como haviam estabelecido os fatos, Lalo Cura tinha atirado neles. Nos próprios colegas? Pois é, nos próprios colegas, mas antes, ferido no ombro e ao que parece sem nenhuma necessidade, tinha matado Patricio López e um panaca que estava com uma Uzi. Deve ter feito isso de nervoso, disse Pedro Negrete. Com certeza, disse o tira de cara cortada. E o que mais podia fazer?, disse Pedro Negrete. Se Patricio López o acertasse, também teria dado cabo dele. Taí a pura verdade, disse o outro tira. Depois continuaram falando e fumando mais um instante, com uma ou outra breve interrupção do tira de cara cortada para trocar o lenço de papel, depois Epifanio tirou Lalo Cura da cela e o levou até a porta da delegacia, onde o carro de Pedro Negrete o esperava, o mesmo carro que tinha ido buscá-lo uns meses antes em Villaviciosa.

Um mês depois Pedro Negrete visitou o rancho de Pedro Rengifo, a sudeste de Santa Teresa, e reclamou a devolução de Lalo Cura. Eu te dei ele, xará, eu te tiro, falou. E por quê, xará?, perguntou Pedro Rengifo. Pela maneira como você tratou ele, xará, respondeu Pedro Negrete. Em vez de botar o meu garoto com um homem experiente, como o seu irlandês, para que ele fosse aprendendo, botou com um par de veados. Nisso você tem razão, xará, disse Pedro Rengifo, mas gostaria de te lembrar que um desses veados chegou com uma recomendação sua. É verdade, reconheço, e assim que ele cair na minha mão reparo meu erro, xará, disse Pedro Negrete, mas agora estamos aqui para reparar o seu. Bom, de minha parte não tem problema, xará, se você quiser que te devolva o garoto eu devolvo, e Pedro Rengifo deu ordem a um de seus homens de que fosse buscar Lalo Cura na casa do jardineiro. Enquanto esperavam, Pedro Negrete perguntou pela senhora e pelas crianças. Pelo gado. Pelos negócios de alimentação que Pedro Rengifo tinha em Santa Teresa e outras cidades do norte. A mulher está em Cuernavaca, respondeu o xará, mudaram as crianças de

escola, agora estudavam nos Estados Unidos (tomou o cuidado de não dizer onde), o gado era mais uma fonte de preocupação do que um negócio e os hipermercados tinham seus altos e baixos. Depois Pedro Negrete quis saber como estava o ombro de Lalo Cura. Está perfeito, xará, disse Pedro Rengifo. O trabalho é pouco. O moleque passa o dia dormindo ou lendo revista. Está feliz aqui. Eu sei, xará, disse Pedro Negrete, mas como estão as coisas um dia destes podem matar o garoto. Não brinca, xará, fez Pedro Rengifo com uma risota, mas empalideceu de imediato. Ao voltarem de carro para Santa Teresa, Pedro Negrete perguntou a ele se gostaria de entrar para a polícia. Lalo Cura meneou a cabeça afirmativamente. Pouco depois de saírem do rancho passaram junto de uma enorme pedra negra. Em cima da pedra Lalo acreditou ver um lagarto *gila*, imóvel, contemplando o oeste interminável. Dizem que essa pedra na realidade é um meteorito, disse Pedro Negrete. Numa ondulação do terreno, mais ao norte, o rio Paredes fazia uma curva e do caminho dava para ver como que um tapete verde-escuro, as copas das árvores e, acima delas, a nuvem de poeira das reses de Pedro Rengifo que iam beber água ali toda tarde. Mas se fosse um meteorito, disse Pedro Negrete, teria aberto uma cratera, e onde está a cratera? Quando tornou a olhar para a pedra negra pelo retrovisor, o lagarto *gila* não estava mais lá.

A primeira mulher morta do ano de 1994 foi encontrada por uns caminhoneiros num desvio da estrada de Nogales, no meio do deserto. Os caminhoneiros, ambos mexicanos, trabalhavam para a maquiladora Key Corp e, naquela tarde, apesar de estarem com os caminhões carregados, decidiram ir comer e beber num restaurante chamado El Ajo, onde um dos caminhoneiros, Antonio Villas Martínez, era conhecido. Quando se dirigiam para lá, o outro caminhoneiro, Rigoberto Reséndiz, notou um brilho no deserto que o deixou ofuscado por uns instantes. Pensando tratar-se de uma brincadeira, se comunicou por rádio com o colega Villas Martínez, e os caminhões pararam. A estrada estava vazia. Villas Martínez tentou convencer Reséndiz de que o que o havia ofuscado fora o reflexo do sol numa garrafa ou em cacos de vidro, mas então o outro viu um vulto a uns trezentos metros da estrada e se dirigiu até ele. Pouco depois, Villas Martínez viu que Reséndiz o chamava com um assobio e saiu da estrada, não sem antes certificar-se de que os dois caminhões estavam bem trancados. Quando chegou onde o colega o esperava viu o cadáver, que apesar de estar com o rosto completamente desfigurado não dava margens a dúvidas de que era de uma mulher. Curiosamente, a primeira coisa em que prestou atenção foi o sapato, usava sandálias de couro trabalhado, de boa qualidade. Villas Martínez se persignou. O que fazemos, compadre?, ouviu Reséndiz dizer. Pelo tom de voz do amigo compreendeu que a pergunta era apenas retórica. Avisar a polícia, respondeu. Boa ideia, disse Reséndiz. Na cintura da morta viu um cinto com uma grande fivela de metal. Foi isso que ofuscou você, compadre, falou. É, eu percebi, disse Reséndiz. A morta vestia short curto e uma blusa amarela, imitação de seda, com uma grande flor negra estampada no peito e outra, vermelha, nas costas. Quando chegou às dependências da perícia, o legista viu, espantado, que por baixo do short usava calcinha branca com lacinhas do lado. Fora isso, tinha sido violentada anal e

vaginalmente, e a morte havia sido provocada por politraumatismo craneiocefálico, mas também havia notado duas facadas, uma no tórax e outra nas costas, que a tinham feito perder sangue mas que não eram necessariamente mortais. O rosto, tal como haviam constatado os caminhoneiros, estava irreconhecível. A data da morte foi estabelecida, de modo aproximado, entre 1º de janeiro de 1994 e 6 de janeiro, mas sem descartar de modo algum a possibilidade de aquele cadáver ter sido abandonado no deserto no dia 25 ou 26 de dezembro do ano que felizmente havia terminado.

A morta seguinte foi Leticia Contreras Zamudio. A polícia chegou à casa noturna La Riviera, situada entre as ruas Lorenzo Sepúlveda e Álvaro Obregón, no centro de Santa Teresa, depois de receber um telefonema anônimo. Num dos reservados do La Riviera encontraram o cadáver, que apresentava múltiplos ferimentos no abdome e no tórax, assim como nos antebraços, pelo que se supõe que Leticia Contreras tenha lutado por sua vida até o último segundo. A morta tinha vinte e três anos e fazia mais de quatro que exercia o ofício de prostituta, sem que nunca a tivessem visto envolvida com algum problema de ordem pública. Depois de serem interrogadas, nenhuma das suas colegas soube dizer com quem Leticia Contreras estava no reservado. No momento do crime, algumas a supunham no banheiro. Outras disseram que se encontrava no porão, onde havia quatro mesas de sinuca, jogo pelo qual Leticia tinha uma fraqueza e no qual demonstrava pouco talento. Uma até chegou a afirmar que estava sozinha, mas o que podia fazer uma puta sozinha trancada num reservado? Às quatro da manhã levaram para o 1º distrito todo o pessoal do La Riviera. Nesses dias Lalo Cura aprendia o ofício de policial de trânsito. Trabalhava de noite, a pé, e se movia como um fantasma entre a colônia Álamos e a colônia Rubén Darío, do sul ao norte, sem pressa, até que chegava ao centro e então podia voltar ao 1º distrito ou fazer o que lhe desse na telha. Quando estava tirando a farda ouviu gritos. Entrou no chuveiro sem dar muita atenção a eles, mas quando fechou a torneira tornou a ouvi-los. Provinham das celas. Enfiou a pistola debaixo do cinto e saiu ao corredor. Naquela hora o 1º distrito, com exceção da sala de espera, ficava quase vazio. Na sala da antirroubo encontrou um colega dormindo. Acordou-o e perguntou se sabia o que estava acontecendo. O policial disse que havia uma festa numa das celas e que se quisesse podia participar. Quando Lalo Cura saiu, o outro tinha caído no sono de novo. Na escada já sentiu o cheiro do álcool. Numa das celas haviam amontoado uns vinte e cinco presos. Olhou para eles sem pestanejar. Alguns presos dormiam de pé. Um que estava agarrado nas grades tinha a braguilha aberta. Os do fundo eram uma massa informe de escuridão e cabelos. Recendia a vômito. O habitáculo não devia medir mais de cinco metros por cinco. No corredor viu Epifanio espiando o que acontecia nas outras celas com um cigarro nos lábios. Foi até ele para dizer que aqueles homens iam morrer asfixiados ou esmagados, mas ao dar o primeiro passo não pôde mais dizer nada. Nas outras celas os policiais estavam violentando as putas do La Riviera. E aí, Lalito, disse Epifanio, vai cair na gandaia? Não, respondeu Lalo Cura, e você? Também não, disse Epifanio. Quando se cansaram de olhar os dois saíram para tomar ar fresco na rua. O que

essas putas fizeram?, perguntou Lalo. Parece que aprontaram com uma colega, respondeu Epifanio. Lalo Cura ficou calado. A brisa que soprava naquela hora pelas ruas de Santa Teresa era fresca mesmo. A lua, cheia de cicatrizes, ainda brilhava no céu.

Duas das colegas de Leticia Contreras Zamudio foram acusadas formalmente pelo seu assassinato, apesar de não haver prova alguma que as inculpasse, salvo a presença no La Riviera quando os fatos ocorreram. Nati Gordillo tinha trinta anos e conhecia a morta desde que esta começou a trabalhar na casa noturna. No momento do assassinato estava no banheiro. Rubí Campos tinha vinte e um e não mais de cinco meses no La Riviera. No momento do assassinato estava esperando Nati do lado de fora do banheiro, separadas uma da outra apenas por uma porta. Ambas, ficou estabelecido, tinham uma relação muito próxima. E ficou provado que Rubí fora agredida verbalmente por Leticia dois dias antes do assassinato desta. Uma colega tinha ouvido ela dizer que Leticia ia pagar caro. Coisa que a inculpada não negou, esclarecendo que em nenhum momento havia pensado em assassinato, mas sim numa boa surra. As duas putas foram transferidas para Hermosillo, onde foram trancafiadas na penitenciária feminina Paquita Avendaño, na qual ficaram até o caso passar para outro juiz, que se apressou a declará-las inocentes. Passaram ao todo dois anos na prisão. Ao sair disseram que iam tentar a sorte no DF ou talvez fossem para os Estados Unidos, a única coisa certa é que no estado de Sonora nunca mais ninguém as viu.

A morta seguinte se chamava Penélope Méndez Becerra. Tinha onze anos. Sua mãe trabalhava na maquiladora Interzone-Berny. Sua irmã mais velha, de dezesseis anos, também prestava seus serviços à Interzone-Berny. O irmão que vinha depois, de quinze anos, era mensageiro e entregador de uma padaria não muito longe da rua Industrial, onde moravam, na colônia Veracruz. Ela era a mais nova e a única que estudava. Fazia sete anos que o pai deles tinha abandonado o lar. Naquela época, todos moravam na colônia Morelos, pertinho do parque industrial Arsenio Farrell, numa casa que o próprio pai construía com papelão, tijolos soltos e pedaços de zinco, junto de uma vala que duas empresas maquiladoras haviam aberto para construir um esgoto que acabou nunca sendo feito. Tanto o pai como a mãe eram do estado de Hidalgo, no centro da república, e ambos emigraram para o norte em 1985, à procura de trabalho. Mas um dia o pai cismou que com o que ganhava nas maquiladoras não iam melhorar as condições de vida da família e decidiu cruzar a fronteira. Partiu com outros nove, todos do estado de Oaxaca. Um deles já tinha feito a viagem em três ocasiões e dizia saber como driblar a *migra*, a polícia de fronteira americana, para os outros era a primeira tentativa. O “galinheiro” que os levou para o outro lado disse que não se preocupassem e que se, por azar, fossem detidos que se entregassem sem oferecer resistência. O pai de Penélope Méndez gastou todas as economias naquela viagem. Prometeu escrever assim que chegasse à Califórnia. Estava em seus planos transferir a família em menos de um ano. Nunca mais souberam dele. A mãe pensou que talvez vivesse agora com outra mulher, uma americana ou

uma mexicana, e que levasse uma boa vida. Também pensou, sobretudo nos primeiros meses, que tinha morrido no deserto, de noite, sozinho, ouvindo o uivo dos coiotes e pensando nos filhos, ou numa rua americana, atropelado por um carro que depois havia fugido, mas essa classe de pensamentos a imobilizava (eram pensamentos em que todo o mundo falava outra língua, inclusive seu marido, uma língua incompreensível) e decidiu parar de tê-los. Além do mais, se houvesse morrido, refletia, alguém a teria avisado, não é? De qualquer modo, já tinha problemas o bastante em sua casa para perder tempo especulando sobre o destino do marido. Foi difícil criar a família. Mas como era uma mulher prestativa e discreta, de temperamento otimista e que, ainda por cima, sabia ouvir, não lhe faltaram amizades. Sobretudo mulheres a quem sua história não parecia estranha nem singular, mas algo totalmente corriqueiro. Uma dessas amigas lhe arranhou trabalho na Interzone-Berny. No começo fazia longas caminhadas da vala onde viviam até o emprego. A filha mais velha cuidava dos irmãos. Ela se chamava Livia, e certa tarde um vizinho bêbado tentou estuprá-la. Ao voltar do trabalho, Livia lhe contou o que havia acontecido e ela foi visitar o vizinho com uma faca no bolso do avental. Falou com ele, falou com a mulher dele, depois tornou a falar com ele: rogue à Virgenzinha que não aconteça nada com minha filha, disse a ele, porque qualquer coisa que acontecer vou botar a culpa em você e te mato com esta faca. O vizinho disse que a partir daquele momento tudo ia mudar. Mas ela, naquela altura, não acreditava mais na palavra dos homens, e deu duro, fez horas extras, chegou inclusive a vender sanduíches para suas colegas de trabalho, na hora do almoço, até juntar dinheiro bastante para alugar uma casinha na colônia Veracruz, que ficava mais longe da Interzone do que a da vala, mas que era uma casinha de verdade, com dois cômodos, tabiques bem-feitos, com uma porta que dava para trancar à chave. Não se importou em precisar andar mais vinte minutos toda manhã. Ao contrário, andava quase cantando. Não importou passar noites em claro, emendando um turno com outro, ou ficar até às duas da manhã na cozinha, preparando sanduíches bem picantes para as colegas comerem no dia seguinte quando ela fosse para a fábrica, às seis. Ao contrário, o esforço físico a enchia de energia, o esgotamento se transformava em vivacidade e graça, os dias eram longos, lentíssimos, e o mundo (percebido como um naufrágio interminável) lhe mostrava sua face mais vivaz e a fazia tomar consciência de que a dela, naturalmente, também o era. Aos quinze anos a filha mais velha começou a trabalhar. As viagens à fábrica, que ainda faziam a pé, se encurtaram então entre as conversas e risadas. O filho saiu da escola aos catorze. Por uns meses trabalhou na Interzone-Berny, mas depois de várias advertências foi demitido por ser totalmente desligado. As mãos do rapaz eram grandes e desajeitadas demais. A mãe então conseguiu trabalho para ele numa padaria do bairro. A única que estudava era Penélope Méndez Becerra. Sua escola se chamava Escola Primária Aquiles Serdán e ficava na rua Aquiles Serdán. Nela havia crianças das colônias Carranza, Veracruz e Morelos, havia até algumas crianças do centro. Penélope Méndez Becerra estava no quinto ano. Era uma menina calada, mas que sempre tirava boas notas. Tinha cabelos negros, compridos e lisos. Um dia saiu da escola e não a viram mais. Naquela mesma tarde sua mãe pediu licença na Interzone para ir ao 2º distrito dar queixa do desaparecimento. Seu filho a acompanhou. Na

delegacia anotaram o nome e disseram que devia deixar passar uns dias. A filha mais velha, Livia, não pôde ir porque na Interzone consideraram que a licença à mãe já era suficiente. No dia seguinte, Penélope Méndez Becerra continuava desaparecida. A mãe e seus dois filhos compareceram de novo ao distrito e quiseram saber quanto o caso havia progredido. O policial que a atendeu detrás de uma mesa disse para não ser insolente. O diretor da escola Aquiles Serdán e três professores estavam na delegacia, interessados pelo destino de Penélope, e eles é que levaram a família embora antes que os multassem por perturbação da ordem pública. No dia seguinte, o irmão falou com umas colegas de Penélope. Uma disse achar que Penélope havia entrado num carro de vidros com filme e não tornou a sair. Pela descrição parecia um Peregrino ou um MasterRoad. O irmão e a professora de Penélope conversaram demoradamente com essa aluna, mas a única coisa clara que obtiveram era que se tratava de um carro caro, de cor preta. Durante três dias o irmão percorreu Santa Teresa em caminhadas exaustivas procurando um carro preto. Encontrou muitos, alguns inclusive tinham vidros com filme e reluziam como se acabassem de sair de fábrica, mas quem entrava neles eram pessoas que não tinham cara de sequestradores ou casais jovens (cujas felicidade fazia o irmão de Penélope chorar) ou eram mulheres. De qualquer forma, anotou todas as placas. De noite, a família se reunia em casa e falavam de Penélope com palavras que nada significavam ou cujo significado último só eles podiam entender. Uma semana depois apareceu seu cadáver. Foi encontrado por uns funcionários das Obras Públicas de Santa Teresa num tubo de esgoto que atravessava a cidade por baixo da terra, da colônia San Damián até o barranco El Ojito, perto da estrada de Casas Negras, depois do lixão clandestino de El Chile. O corpo foi levado imediatamente para as dependências da perícia, e o legista concluiu que havia sido estuprada anal e vaginalmente, apresentando numerosos dilaceramentos em ambos os orifícios, e depois estrangulada. Mas, após uma segunda autópsia, concluiu-se que Penélope Méndez Becerra havia morrido por um ataque cardíaco enquanto era submetida aos abusos antes expostos.

Naqueles dias Lalo Cura havia completado dezessete anos, seis mais do que Penélope Méndez tinha quando foi assassinada, e Epifanio havia lhe arranjado um lugar para morar. Ficava num dos cortiços que ainda restavam no centro. O cortiço ficava na rua Obispo e, depois de transpor um saguão, de onde partia a escada, o visitante tinha acesso a um enorme pátio, com uma grande fonte no centro, de onde se viam os três andares de que era composto o cortiço, e os corredores externos decrepitos onde as crianças brincavam ou as moradoras tagarelavam, corredores parcialmente cobertos por telhados de madeira e sustentados por finíssimas pilastras de ferro, enferrujadas com a passagem do tempo. O quarto de Lalo Cura era grande, com espaço suficiente para uma cama, uma mesa com três cadeiras, uma geladeira (que ficava junto da mesa) e um armário excessivo para a pouca roupa que possuía. Tinha também uma pequena cozinha e uma pia de cimento, de construção recente, para lavar as panelas e os pratos sujos ou refrescar a cara. O banheiro, assim como o chuveiro, era comunitário, e em cada andar havia duas latrinas e mais três no terraço do teto. Epifanio

primeiro mostrou seu quarto, que ficava no primeiro andar. Sua roupa estava pendurada numa corda que ele estendera de uma parede a outra, e junto da cama desarrumada viu uma pilha de jornais velhos, quase todos de Santa Teresa. Os de baixo já amarelavam. A cozinha parecia não ter sido utilizada havia muito tempo. Disse que o melhor para um tira era morar sozinho, mas que ele fizesse o que bem entendesse. Depois acompanhou-o até seu quarto, que ficava no terceiro, e lhe deu as chaves. Você já tem casa, Lalito, disse. Se quiser varrer, peça a vassoura emprestada a uma vizinha. Na parede alguém havia escrito um nome: Ernesto Arancibia. Arancibia estava escrito com vê. Lalo apontou para o nome e Epifanio deu de ombros. Tem de pagar no fim do mês, disse, e saiu sem dar nenhuma outra explicação.

Também por aqueles dias chegou ao policial judiciário Juan de Dios Martínez a ordem de deixar de lado o caso do Penitente e se dedicar a uma série de roubos com violência que se produziram na colônia Centeno e na colônia Podestá. Ao perguntar se isso significava que se arquivava o caso do Penitente, lhe responderam que não, mas que, tendo em vista que ele parecia ter se evaporado e que a investigação não avançava, e dado que a lotação de policiais judiciários em Santa Teresa não era excessiva, ia ter de priorizar os casos mais urgentes. Claro, isso não significava que deixassem no esquecimento o Penitente, nem que Juan de Dios Martínez não levasse adiante a investigação, mas sim que os policiais que tinha às suas ordens e que perdiam tempo vigiando vinte e quatro horas por dia as igrejas da cidade iam ter de se dedicar a casos mais proveitosos para a segurança pública. Juan de Dios Martínez aceitou a ordem sem chiar.

A morta seguinte foi Lucy Anne Sander. Morava em Huntville, a uns cinquenta quilômetros de Santa Teresa, no Arizona, e estivera primeiro em El Adobe, com uma amiga, depois cruzaram a fronteira de carro, dispostas a viver, ainda que fosse parcialmente apenas, a noite inacabável de Santa Teresa. Sua amiga se chamava Erica Delmore, era a dona do carro e quem dirigia. As duas trabalhavam num ateliê artesanal de Huntville, onde faziam adereços indígenas que as lojas de Tombstone, Tucson, Phoenix e Apache Junction dedicadas ao turismo compravam por atacado. No ateliê eram as únicas brancas, as outras trabalhadoras eram de origem mexicana ou índia. Lucy Anne havia nascido num vilarejo do Mississippi. Tinha vinte e seis anos e seu sonho era viver perto do mar. Às vezes falava em voltar, mas era geralmente quando estava cansada ou desgostosa, o que não acontecia com muita frequência. Erica Delmore tinha quarenta anos e havia sido casada duas vezes. Era da Califórnia, mas se sentia feliz no Arizona, onde havia pouca gente e a vida era muito mais aprazível. Quando chegaram a Santa Teresa rumaram diretamente para a zona das discotecas, no centro, e primeiro estiveram no El Pelicano, depois no Domino's. No trajeto juntou-se a elas um mexicano de uns vinte e dois anos que disse se chamar Manuel ou Miguel. Era um tipo simpático, segundo declarou Erica, que tentou ficar com Lucy Anne, e

depois, ante a negativa desta, com ela, e que de maneira nenhuma podia ser tachado de inconveniente ou machista. Em algum momento, quando estavam no Domino's, Manuel ou Miguel (Erica era incapaz de se lembrar com precisão do nome dele) foi embora e elas ficaram sozinhas no balcão. Depois, de forma incoerente, percorreram de carro algumas ruas do centro, visitando os monumentos históricos da cidade: a catedral, a prefeitura, algumas velhas casas coloniais, a praça rodeada de edifícios com arcadas. Segundo Erica, em momento algum ninguém as molestou nem foram seguidas por nenhuma pessoa. Enquanto rodeavam a praça, um turista americano disse a elas: meninas, vocês têm de ver a pérgula, é grandiosa. Depois o turista se perdeu na vegetação, e elas decidiram que não era má ideia andar um pouco. A noite estava radiante, fresca, cheia de estrelas. Enquanto Erica procurava um lugar para estacionar, Lucy Anne desceu do carro, tirou os sapatos e saiu correndo pelo gramado recém-regado. Depois que estacionou, Erica foi procurar Lucy Anne mas não a encontrou. Decidiu penetrar na praça, rumo à tal pérgula. Algumas alamedas eram de terra, mas as principais conservavam o antigo calçamento de pedra. Nos bancos viu casais conversando ou se beijando. A pérgula era de metal e, dentro, apesar da hora, umas crianças insones brincavam. A iluminação, Erica verificou, era fraca, o suficiente para não andar às cegas, mas a presença de tantas pessoas privava o lugar de qualquer aura sinistra. Não encontrou Lucy Anne, mas acreditou reconhecer o turista americano que aos berros havia exaltado a praça para as duas. Estava com mais três, e bebiam tequila passando a garrafa de um ao outro. Foi até eles e perguntou pela amiga. O turista americano olhou para ela como se houvesse escapado de um manicômio. Estavam todos bêbados, mas Erica sabia como tratar os bêbados e explicou a situação. Eram muito moços e, como não tinham nada melhor que fazer, decidiram ajudá-la. Um instante depois ressoaram pela praça vários gritos chamando Lucy Anne. Erica voltou aonde havia parado o carro. Não tinha ninguém. Entrou, trancou as portas por dentro e tocou a buzina várias vezes. Depois fumou até o ar dentro do carro ficar irrespirável e precisou abrir uma janela. Quando amanheceu foi a uma delegacia de polícia e perguntou se havia consulado americano na cidade. O policial que a atendeu não sabia, precisou perguntar a dois colegas. Um deles disse que tinha. Erica registrou uma queixa de desaparecimento e foi ao consulado com uma xerox da queixa. O consulado ficava na rua Verdejo, na colônia Centro-Norte, não longe das ruas que ela havia percorrido na noite anterior, e ainda estava fechado. A poucos passos dali, Erica viu uma cafeteria e entrou para tomar o café da manhã. Pediu um sanduíche natural, um suco de abacaxi, depois telefonou da própria cafeteria para Huntville, para a casa de Lucy Anne, mas ninguém atendeu. Da sua mesa podia ver o movimento da rua que ia despertando paulatinamente. Quando acabou o suco voltou a telefonar para Huntville, só que desta vez digitou o número do xerife. Atendeu um rapaz chamado Rory Campuzano, que ela conhecia bem. Ele disse que o xerife ainda não tinha chegado. Erica explicou que Lucy Anne havia desaparecido em Santa Teresa e que ela, pelo jeito, ia passar a manhã inteira no consulado ou percorrendo os hospitais. Diga ao xerife que ligue para mim no consulado, falou. Eu digo, Erica, mantenha a calma, disse Rory, e depois desligou. Por uma hora, beliscando o sanduíche natural, permaneceu sentada, até que viu movimento na porta do consulado. Atendeu-a um sujeito

que dizia se chamar Kurt A. Banks, que lhe fez toda sorte de perguntas sobre sua amiga e sobre ela própria, como se não acreditasse nem um pouco na versão que Erica lhe dera. Só ao sair dali Erica compreendeu que o cara desconfiava que tanto Lucy Anne como ela eram putas. Depois voltou à delegacia de polícia, onde teve de explicar a mesma história mais duas vezes a policiais que nada sabiam da sua queixa e que finalmente lhe comunicaram que não havia novidade a respeito do desaparecimento da sua amiga, a qual poderia muito bem ter cruzado de volta a fronteira. Um dos policiais recomendou que fizesse a mesma coisa, que o melhor era deixar o caso nas mãos do consulado e voltar para casa. Erica olhou-o nos olhos. Tinha cara de boa gente e o conselho parecia bem intencionado. Passou o resto da manhã e boa parte da tarde percorrendo hospitais. Até aquele momento não havia parado para pensar de que forma Lucy Anne podia ter ido parar num hospital. Descartou o acidente, pois Lucy Anne havia desaparecido na praça ou nos arredores, e ela não tinha ouvido o mais ínfimo barulho, nenhum grito, nenhuma freada, nenhuma derrapada. Depois de procurar outras possibilidades que dessem verossimilhança à presença de Lucy Anne num hospital, só lhe ocorreu o ataque de amnésia. A probabilidade era tão remota que seus olhos se encheram de lágrimas. Por outro lado, nenhum dos hospitais que visitou havia registrado a entrada de uma americana. No último uma enfermeira sugeriu que fosse à clínica América, uma instituição médica particular, mas ela respondeu com uma exclamação sardônica. Somos trabalhadoras, querida, disse em inglês. Como eu, disse a enfermeira no mesmo idioma. As duas conversaram um instante, depois a enfermeira a convidou para tomar um café no restaurante do hospital, onde lhe informou que em Santa Teresa desapareciam muitas mulheres. Acontece a mesma coisa no meu país, disse Erica. A enfermeira olhou-a nos olhos e meneou a cabeça. Aqui é pior, falou. Ao se despedirem trocaram seus números de telefone e Erica prometeu que a manteria a par das novidades que aparecessem. Almoçou no terraço de um restaurante do centro e em duas ocasiões acreditou ver Lucy Anne andando pela calçada, numa aproximando-se dela, na outra se afastando, mas em nenhuma das duas era a Lucy Anne real. Quase não prestou atenção ao que pedia, apontou ao acaso para um par de pratos não muito caros. Os dois estavam com um tempero muito picante, tanto que logo começou a lacrimejar, mas nem por isso parou de comer. Depois foi de carro até a praça em que Lucy Anne havia desaparecido, parou à sombra de um grande jacarandá e tirou um cochilo com as mãos no volante. Quando acordou foi ao consulado e o sujeito chamado Kurt A. Banks lhe apresentou outro sujeito que disse se chamar Henderson, o qual lhe informou que ainda era muito cedo para haver algum progresso no que dizia respeito ao desaparecimento de sua amiga. Ela perguntou quando não seria muito cedo. Henderson fitou-a impávido e respondeu: daqui a três dias. E acrescentou: pelo menos. Quando ia embora, Kurt A. Banks disse que o xerife de Huntville havia telefonado perguntando por ela e se interessando pelo desaparecimento de Lucy Anne Sander. Ela agradeceu e saiu. Já na rua procurou um telefone público e ligou para Huntville. Atendeu Rory Campuzano, que lhe disse que o xerife havia tentado entrar em contato com ela três vezes. Agora ele saiu, disse Rory, mas quando voltar digo que ligue para você. Não, replicou Erica, ainda não tenho um lugar fixo, mais tarde eu telefono. Antes que a noite caísse visitou vários hotéis. Os que pareciam bons eram caros

demais, e acabou se hospedando numa pensão na colônia Rubén Darío, num quarto sem banheiro nem televisão. O chuveiro ficava no corredor e tinha um trinco para trancar a porta por dentro. Despiu-se, mas sem tirar os sapatos com medo de pegar frieira, e ficou um tempão debaixo da ducha. Ao fim de meia hora, sem tirar a toalha com que tinha se secado, deixou-se cair na cama e se esqueceu de ligar para o xerife de Huntville e para o consulado, adormecendo profundamente até o dia seguinte.

Nesse dia encontraram Lucy Anne Sander não muito longe da cerca da fronteira, a poucos metros de uns tanques de petróleo que se estendem por certo trecho paralelamente à estrada de Nogales. O cadáver apresentava ferimentos de faca, a maioria muito profundos, na região do pescoço, tórax e abdome. Foi encontrada por uns trabalhadores que deram parte à polícia de imediato. O laudo médico-legal estabeleceu que tinha sido estuprada repetidas vezes, encontrando-se abundantes vestígios de sêmen em sua vagina. A morte foi produzida por um dos ferimentos à faca, mas pelo menos cinco eram de caráter mortal. A notícia foi comunicada a Erica Delmore quando esta telefonou para o consulado americano. Kurt A. Banks pediu para ela comparecer de imediato, que tinha uma coisa triste para comunicar, mas ante a insistência de Erica e seus gritos que aumentavam de volume não teve outro remédio senão lhe contar sem mais preâmbulos a pura e triste verdade. Antes de se dirigir ao consulado Erica ligou para o xerife de Huntville e desta vez conseguiu falar com ele. Disse que Lucy Anne havia sido assassinada em Santa Teresa. Quer que eu vá te buscar?, perguntou o xerife. Eu gostaria, mas se você não puder, não venha, estou de carro, respondeu Erica. Vou te buscar, disse o xerife. Depois ligou para a enfermeira de quem tinha ficado amiga e lhe contou a última e, ao que parecia, definitiva notícia. Com certeza vão querer que você identifique o cadáver, disse a enfermeira. O necrotério ficava num dos hospitais que ela havia visitado na véspera. Ia com Henderson, que era mais amável do que Kurt A. Banks, mas na realidade teria preferido ir sozinha. Enquanto esperavam num corredor do subsolo viu a enfermeira aparecer. Se abraçaram e se beijaram no rosto. Depois apresentou a enfermeira a Henderson, que a cumprimentou distraidamente, mas quis saber desde quando se conheciam. A enfermeira disse que fazia vinte e quatro horas. Ou menos de vinte e quatro horas. É verdade, pensou Erica, só um dia mas sinto como se a conhecesse desde há muito tempo. Quando o legista apareceu não quis que Henderson a acompanhasse. Não é por gosto, disse ele com um meio sorriso, é meu dever. A enfermeira abraçou-a e as duas entraram juntas, seguidas pelo funcionário americano. Na sala encontraram dois policiais mexicanos olhando para a morta. Erica se aproximou e disse que era a sua amiga. Os policiais pediram que assinasse uns papéis. Erica tentou lê-los, mas estavam escritos em espanhol. Não é nada, disse Henderson, assine. A enfermeira leu os papéis e disse para assinar. É só?, perguntou Henderson. É só, respondeu um dos policiais mexicanos. Quem fez isso com Lucy Anne?, ela perguntou. Os policiais olharam para ela sem entender. A enfermeira traduziu suas palavras e os policiais disseram que ainda não sabiam. Depois do meio-dia apareceu pelo consulado americano o xerife de Huntville. Erica estava fumando trancada em seu carro

quando o viu chegar. O xerife de Huntville a reconheceu de longe e eles conversaram, ela sem sair do carro, ele inclinado, uma mão apoiada na porta aberta, a outra no cinto. Depois foi pedir mais informações ao consulado, e Erica ficou no carro, com a porta novamente trancada por dentro e fumando um cigarro atrás do outro. Quando o xerife saiu pediu para voltarem para casa. Erica esperou o xerife ligar o carro e, como num sonho, seguiu-o pelas ruas mexicanas, através da passagem de fronteira e pelo deserto, já no Arizona, até o xerife tocar a buzina e fazer sinal com a mão, e os dois carros pararam num velho posto de gasolina onde também se podia comer. Mas Erica não estava com fome e se limitou a ouvir o que o xerife tinha a dizer: que o corpo de Lucy Anne seria enviado para Huntville dali a três dias, que a polícia mexicana tinha se comprometido a capturar o assassino, que aquilo tudo fedia a merda. Depois o xerife pediu ovos mexidos com feijão, uma cerveja, ela se levantou da mesa e foi comprar mais cigarros. Quando voltou o xerife enxugava o prato com um pedaço de pão de forma. Sua cabeleira era abundante e negra, fazendo-o parecer mais moço do que era. Acha que te contaram a verdade, Harry?, perguntou. De jeito nenhum, respondeu o xerife, mas vou tratar de averiguá-la pessoalmente. Sei que vai, Harry, ela disse, e desatou a chorar.

A morta seguinte foi encontrada perto da estrada para Hermosillo, a dez quilômetros de Santa Teresa, dois dias depois de ter sido localizado o cadáver de Lucy Anne Sander. O achado coube a quatro peões e ao sobrinho do dono do rancho. Procuravam, fazia mais de vinte horas, umas reses fugidas. Os cinco campeadores iam a cavalo e, depois de comprovar que era uma morta, o sobrinho mandou um dos peões de volta ao rancho, com ordens de avisar o patrão, enquanto eles permaneciam ali, perplexos com a postura totalmente anormal do cadáver. Estava com a cabeça enterrada num buraco. Como se o assassino, um louco, sem dúvida, houvesse pensado que enterrando a cabeça bastava. Ou como se acreditasse que cobrindo de terra a cabeça o resto do corpo ficaria invisível a qualquer olhar. O cadáver estava de boca para baixo, com as mãos coladas no corpo. Faltavam os dedos indicador e mindinho das duas mãos. Na parte do peito se adivinhavam manchas de sangue coagulado. Estava com um vestido de tecido leve, de cor roxa, desses que abotoam na frente. Não calçava meia nem sapato. A perícia feita mais tarde concluiu que, apesar das facadas abundantes recebidas no peito e nos braços, a causa da morte foi estrangulamento, com ruptura do hioide. Não foram constatados sinais de estupro. O caso foi investigado pelo policial judiciário José Márquez, que não demorou muito para identificar a morta como América García Cifuentes, de vinte e três anos, que trabalhava de garçoneiro no bar Serafino's, propriedade de Luis Chantre, que tinha um extenso prontuário como proxeneta e que diziam ser informante da polícia. América García Cifuentes compartilhava a moradia com duas colegas, ambas garçoneiras, que não deram nenhuma contribuição fundamental ao inquérito. A única coisa que ficou estabelecida sem margem de dúvidas foi que América García Cifuentes havia saído de casa às cinco da tarde em direção ao bar Serafino's, onde trabalhou até as quatro da manhã, hora em que o bar fechou. Não voltou mais para casa, declararam suas colegas. O judiciário José Márquez deteve por uns dias Luis Chantre, mas o

álibi dele era impecável. América García Cifuentes era natural do estado de Guerrero e morava havia cinco anos em Santa Teresa, onde havia chegado com um irmão, que agora vivia nos Estados Unidos, segundo testemunharam suas colegas, e com o qual não se correspondia. Por uns dias o judiciário José Márquez investigou alguns clientes do Serafino's, sem nenhum resultado.

Duas semanas depois, em maio de 1994, foi sequestrada Mónica Durán Reyes ao sair da escola Diego Rivera, na colônia Lomas del Toro. Tinha doze anos e era um pouco atarantada mas muito boa aluna. Aquele era seu primeiro ano de secundário. Tanto a mãe quanto o pai trabalhavam na maquiladora Maderas de México, que fazia móveis de estilo colonial e rústico exportados para os Estados Unidos e o Canadá. Tinha uma irmã mais moça, que estudava, e dois irmãos mais velhos, uma moça de dezesseis que trabalhava numa maquiladora especializada em cabos e um rapaz de quinze anos que trabalhava com os pais na Maderas de México. O corpo apareceu dois dias depois do sequestro, no acostamento da rodovia Santa Teresa-Pueblo Azul. Estava vestida e tinha a seu lado a pasta com os livros e cadernos. Segundo o exame patológico havia sido estuprada e estrangulada. Na investigação posterior algumas amigas disseram ter visto Mónica entrar num carro preto, com filme nos vidros, talvez um Peregrino, um MasterRoad ou um Silencioso. Não dava a impressão de estar sendo forçada. Teve tempo para gritar, mas não gritou. Inclusive, ao avistar uma de suas amigas, se despediu fazendo um sinal com a mão. Não parecia assustada.

Na mesma colônia Lomas del Toro, um mês depois, encontraram o cadáver de Rebeca Fernández de Hoyos, de trinta e três anos, morena, cabelo até a cintura, que trabalhava como garçonete no bar El Catrín, situado na rua Xapala, na colônia vizinha Rubén Darío, e que antes havia sido operária das maquiladoras Holmes&West e Aiwo, de que fora despedida por querer organizar um sindicato. Rebeca Fernández de Hoyos era natural de Oaxaca, mas morava havia mais de dez anos no norte de Sonora. Antes, aos dezoito, estivera em Tijuana, onde consta num registro de prostitutas, e também tentou sem sucesso a vida nos Estados Unidos, de onde a *migra* a mandou de volta para o México em quatro ocasiões. Seu cadáver foi descoberto por uma amiga que tinha a chave da sua casa e que estranhou o fato de Rebeca não ter ido trabalhar na El Catrín, pois, tal como declarou posteriormente, a vítima era uma mulher responsável que só faltava ao trabalho se estivesse muito doente. A casa, segundo a amiga, estava como sempre, quer dizer, não se descobriu a princípio nenhum sinal que indicasse o que encontraria em seguida. Era uma casa pequena, composta de sala, quarto, cozinha e banheiro. Quando entrou neste último descobriu o cadáver da amiga, jazendo no chão, como se houvesse caído e batido fortemente com a cabeça, mas sem esta chegar a sangrar. Só ao tentar reanimá-la, passando água no rosto, se deu conta de que Rebeca estava morta. Telefonou para a polícia e para a Cruz Vermelha de um telefone público, depois voltou à casa, levou o cadáver da amiga para a cama, sentou numa das cadeiras da sala e

ficou vendo tevê enquanto esperava. Muito antes da polícia chegou a Cruz Vermelha. Eram dois homens, um muito moço, de menos de vinte anos, o outro de uns quarenta e cinco, que parecia pai do primeiro e que foi quem disse que não havia nada a fazer. Rebeca estava morta. Depois perguntou onde havia encontrado o cadáver e ela disse que no banheiro. Então vamos levá-lo de volta para o banheiro, se não você vai se meter na maior encrenca com a justa, disse o homem, enquanto com um gesto indicava ao rapaz que pegasse a morta pelos pés enquanto ele a segurava pelos ombros, e dessa maneira a restituíam ao cenário natural da sua morte. Depois o socorrista perguntou em que posição a tinha encontrado, se sentada no sanitário, se encostada nele, se no chão, se acorada num canto. Ela então desligou a tevê, foi até a porta do banheiro e deu as instruções até os homens deixarem Rebeca tal como ela a tinha encontrado. Os três ficaram olhando da porta para ela. Rebeca parecia estar afundando num mar de ladrilhos brancos. Quando se cansaram ou se enjoaram dessa visão, os três se sentaram, ela na poltrona e os socorristas junto à mesa, e ficaram fumando os cigarros fortes que o socorrista tirou do bolso de trás da calça. O senhor deve estar acostumado, disse ela de forma mais ou menos incoerente. Depende, disse o socorrista, que não sabia se ela se referia ao fumo ou a transportar mortos e feridos todos os dias. Na manhã seguinte o legista escreveu em seu laudo que a causa da morte havia sido estrangulamento. A falecida tivera relações sexuais nas horas que antecederam seu assassinato, mas o legista não se atreveu a atestar se havia sido violentada ou não. Provavelmente não, disse ao lhe exigirem uma opinião concludente. A polícia tentou prender seu amante, um elemento chamado Pedro Pérez Ochoa, mas quando por fim encontraram sua casa, uma semana depois, o dito elemento tinha sumido fazia dias. A moradia de Pedro Pérez Ochoa ficava no fim da rua Sayuca, na colônia Las Flores, e consistia num casebre feito, não sem certa arte, de tijolos de adobe e materiais de desmonte, com lugar para um colchão e uma mesa, a poucos metros de onde passava o esgoto da maquiladora EastWest, na qual trabalhara. Os vizinhos o descreveram como um homem sério e em geral asseado, pelo que se deduz que tomava banho na casa de Rebeca pelo menos nos últimos meses. Ninguém soube dizer de onde era, de modo que não se expediu ordem de prisão preventiva para nenhum lugar. Na EastWest sua ficha tinha sido extraviada, o que não era nada incomum nas maquiladoras, onde a rotatividade dos trabalhadores era incessante. Dentro do casebre encontraram várias revistas de esporte, uma biografia de Flores Magón, algumas camisetas, um par de sandálias, dois calções e três fotos de boxeadores mexicanos, recortadas de uma revista e coladas na parede onde encostava o colchão, como se Pérez Ochoa, antes de adormecer, quisesse gravar na retina os rostos e as poses combativas daqueles campeões.

Em julho de 1994 não morreu nenhuma mulher mas apareceu um homem fazendo perguntas. Chegava aos sábados ao meio-dia e ia embora domingo à noite ou na madrugada de segunda. O homem era de estatura mediana, tinha cabelos negros, olhos castanhos e se vestia como vaqueiro. Começou dando voltas, como se tomasse medidas, pela praça principal, mas depois tornou-se assíduo de algumas discotecas, em especial El Pelicano e

também a Domino's. Nunca perguntava nada diretamente. Parecia mexicano, mas falava um espanhol com sotaque de gringo, sem muito vocabulário, e não entendia ironias, se bem que ao ver seus olhos as pessoas evitavam fazer ironias com ele. Dizia se chamar Harry Magaña, pelo menos era assim que escrevia seu nome, mas ele pronunciava Magana, de tal modo que ao ouvi-lo as pessoas entendiam Macgana, como se aquele puto de merda chupador da própria pica fosse filho de escoceses. Da segunda vez que apareceu pelo Domino's perguntou por um tal de Miguel ou Manuel, um cara jovem, de uns vinte e poucos anos, de estatura assim, de compleição física assado, um tipo simpático e com cara de boa gente esse tal de Miguel ou Manuel, mas ninguém sabia ou quis dar informações. Uma noite fez amizade com um dos barmen da discoteca e quando este largou o trabalho Harry Magaña estava à sua espera do lado de fora, sentado no carro. No dia seguinte o barman não pôde ir trabalhar, alegando que tinha sofrido um acidente. Quando quatro dias depois voltou ao Domino's com a cara cheia de roxos e cicatrizes, foi o espanto de todos, lhe faltavam três dentes e, se levantava a camisa para que vissem, dava para apreciar um sem-fim de hematomas das cores mais vivas, tanto nas costas como no peito. Não mostrou os testículos, mas no esquerdo ainda havia a marca de um cigarro. Claro, perguntaram que raio de acidente tivera e sua resposta foi que na noite dos acontecimentos ficara bebendo até tarde em companhia de Harry Magaña, precisamente, e que ao se despedir do gringo e ir para casa, na rua Tres Vírgenes, um grupo de uns cinco vagabundos o assaltou e lhe deu uma surra descomunal. No fim da semana seguinte não se viu Harry Magaña no Domino's nem no El Pelicano, mas ele visitou uma boate de putas chamada Asuntos Internos, na avenida Madero-Norte, onde permaneceu certo tempo tomando umas, depois se instalou numa mesa de bilhar onde jogou com um tipo chamado Demetrio Águila, um grandalhão de um metro e noventa e mais de cento e dez quilos, com quem fez amizade, pois o grandalhão tinha vivido no Arizona e no Novo México, sempre fazendo trabalhos de campo, quer dizer, cuidando do gado, e depois tinha voltado para o México porque não queria morrer longe da família, se bem que depois admitiu que família, família mesmo, a verdade é que não tinha ou tinha muito pouca, uma irmã que já devia andar pelos sessenta e uma sobrinha que nunca tinha se casado e que moravam em Cananea, de onde ele também era, mas Cananea era pequena, asfixiante, minúscula, e às vezes ele precisava vir à cidade grande que não dormia nunca, e quando isso acontecia entrava na sua caminhonete, sem dizer nada a ninguém, ou dizendo à irmã até já, e pegava, na hora que fosse, a rodovia Cananea-Santa Teresa, que era uma das rodovias mais bonitas que ele tinha visto na vida, principalmente de noite, e dirigia sem parar até Santa Teresa, onde tinha uma casinha muito jeitosa na rua Luciérnaga, na colônia Rubén Darío, que está à sua disposição, amigo Harry, uma das poucas casas velhas que sobravam depois de tanta mudança e tanto programa de reurbanização como os que eles tinham feito, na maioria das vezes mal. Demetrio Águila devia ter uns sessenta e cinco anos e pareceu uma boa pessoa a Harry Magaña. Às vezes ia para um quarto com uma puta, mas a maior parte do tempo preferia beber e observar. Perguntou a ele se conhecia uma moça chamada Elsa Fuentes. Demetrio Águila quis saber como era. Alta assim, disse Harry Magaña, pondo a mão na vertical a um metro o sessenta. Cabelo pintado de louro. Bonita. Peituda. Conheço,

respondeu Demetrio, Elsitá, sim, uma mocinha muito simpática. Está aqui?, quis saber Harry Magaña. Demetrio Águila respondeu que pouco antes ele a vira na pista de dança. Queria que me mostrasse ela, senhor Demetrio, disse Harry, pode ser? Claro que sim, amigo. Enquanto subiam a escada para a discoteca, Demetrio Águila quis saber se ele tinha alguma conta para acertar com ela. Harry Magaña negou com a cabeça. Sentada numa mesa, com outras putas e três clientes, Elsa Fuentes ria de algo que uma das colegas tinha lhe dito ao ouvido. Harry Magaña apoiou uma das suas mãos na mesa e a outra no cinto, às costas. Disse a ela para se levantar. A puta parou de rir e ergueu o rosto para encará-lo bem. Os clientes iam dizer alguma coisa mas quando viram que atrás de Harry estava Demetrio Águila optaram por dar de ombros. Onde podemos conversar? Vamos a um quarto, Elsa disse a ele no ouvido. Quando subiam a escada Harry Magaña parou e disse a Demetrio Águila que não era necessário acompanhá-lo. Falou, disse este e desceu de volta. No quarto de Elsa Fuentes tudo era vermelho, as paredes, o cobertor, os lençóis, o travesseiro, o abajur, as lâmpadas, até mesmo metade dos ladrilhos. Pela janela se via o bulício da Madero-Norte naquelas horas, entupida de carros que avançavam muito lentamente, de gente que transbordava das calçadas, entre os vendedores ambulantes de comida e sucos, e os restaurantes baratos que rivalizavam no preço dos menus exibidos em grandes lousas negras que constantemente eram atualizadas. Quando Harry Magaña tornou a olhar para Elsa esta havia tirado a blusa e o sutiã. Pensou que ela tinha mesmo uns peitões, mas que aquela noite não faria amor com ela. Não tire a roupa, disse. A moça sentou na cama e cruzou as pernas. Tem um cigarro?, perguntou. Tirou um maço de Marlboro do bolso e ofereceu um. Fogo, disse a moça em inglês. Riscou um fósforo e aproximou-o. Os olhos de Elsa Fuentes eram de um castanho tão claro que pareciam amarelos como o deserto. Que guria idiota, pensou. Depois lhe perguntou por Miguel Montes, onde estava, o que fazia, a última vez que o tinha visto. Quer dizer que está procurando Miguel?, disse a puta. Dá pra saber por quê? Harry Magaña não respondeu. Tirou o cinto e enrolou-o na mão direita, deixando a fivela tilintar. Não tenho tempo, falou. A última vez que o vi foi há um mês, talvez dois, disse ela. Onde trabalhava? Em lugar nenhum e em todos. Queria estudar, parece que ia a uma escola noturna. De onde tirava dinheiro? De uns bicos esporádicos, respondeu a moça. Não minta pra mim, disse Harry Magaña. A moça fez que não com a cabeça e soltou uma voluta de fumaça no teto. Onde morava? Não sei, estava sempre mudando de casa. O cinto assobiou no ar e deixou uma marca vermelha no braço da puta. Antes que ela pudesse gritar Harry Magaña tapou sua boca com a mão e a derrubou na cama. Se gritar eu te mato, falou. Quando a puta tornou a sentar, a marca no braço sangrava. A próxima é na cara, disse Harry Magaña. Onde morava?

A morta seguinte apareceu em setembro de 1994, no beco de Las Ánimas, quase no fim, onde há quatro casas abandonadas, cinco, contando a casa da vítima. Esta não era uma desconhecida, mas, coisa curiosa, ninguém soube dizer como se chamava. Em sua casa, onde vivia sozinha havia três anos, não se encontraram documentos pessoais nem nada que pudesse levar a um rápido esclarecimento da sua identidade. Algumas pessoas, não muitas,

sabiam que se chamava Isabel, mas quase todo o mundo a conhecia como Vaca. Era uma mulher de compleição forte, de um metro e sessenta e cinco de altura, morena, de cabelos curtos e encaracolados. Devia rondar os trinta anos. De acordo com alguns de seus vizinhos exercia a prostituição num estabelecimento do centro ou da Madero-Norte. De acordo com outros, a Vaca nunca havia trabalhado. No entanto não se podia dizer que lhe faltasse dinheiro. Na busca efetuada em seu domicílio encontraram a despensa repleta de latas de conserva. Além disso, tinha uma geladeira (a luz, como quase todos os moradores do beco, ela roubava da fiação elétrica do município) bem sortida de carne, leite, ovos e verduras. No vestir era descuidada, mas ninguém podia afirmar que fosse maltrapilha. Tinha uma tevê moderna e um videocassete, e contaram mais de sessenta fitas, a maioria de filmes sentimentais ou melodramáticos, que fora comprando nos últimos anos de vida. Na parte de trás da casa tinha um quintalzinho cheio de plantas e, num canto, um galinheiro de tela onde, fora o galo, havia dez galinhas. O caso foi assumido meio a meio por Epifanio Galindo e pelo policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo, aos quais se somou como reforço Juan de Dios Martínez, sem demasiado entusiasmo de nenhuma das duas partes. A vida da Vaca, por pouco que alguém tentasse se debruçar sobre ela, revelava-se contraditória e imprevisível. De acordo com uma velha que morava no início do beco, Isabel foi uma mulher como não restam muitas. Uma mulher dos pés à cabeça. Em certa ocasião um vizinho bêbado estava batendo em sua mulher. Todos os que moravam no Beco das Almas ouviam os gritos que, conforme o tempo passava, subiam ou baixavam de intensidade, como se a mulher surrada estivesse parindo, um parto difícil, desses que costumam acabar com a vida da mãe e do anjinho. Mas a mulher não estava parindo, só a estavam espancando. Então a velha ouviu uns passos e foi à janela. No escuro do beco viu a silhueta inconfundível de Isabelita. Qualquer outro teria continuado indo para casa, mas ela viu como a Vaca se deteve e ficava quieta. Escutava. Nesse momento os gritos não eram muito fortes, mas ao cabo de uns minutos o diapasão tornou a subir, e durante todo esse tempo, a velha enrugada sorriu ao policial, a Vaca havia permanecido imóvel, à espera, como quem vai andando por uma rua qualquer e de repente ouve sua canção favorita, a canção mais triste do mundo saindo de uma janela. E a janela já está identificada. O que aconteceu então é difícil de acreditar. A Vaca entrou na casa e, quando saiu, trazia o homem agarrado pelos cabelos. Eu vi, disse a velha, mas é bem possível que todos tenham visto, só que ninguém disse nada, de vergonha, suponho. Batia como um homem e se a mulher do bêbado não saísse de casa e pedisse pelo amor de Deus que parasse de bater, a Vaca sem dúvida o teria matado. Outra vizinha testemunhou que era uma mulher violenta, que voltava tarde para casa, na maioria das vezes de porre, e que não se via mais a cara dela até para lá das cinco da tarde. Epifanio não demorou a estabelecer uma conexão entre a Vaca e dois sujeitos que a visitavam ultimamente, um deles apelidado de Mariachi, o outro apelidado de Corvo, que muitas vezes ficavam para dormir ou iam buscá-la todos os dias, e outras vezes desapareciam como se nunca houvessem existido. Os amigos da Vaca provavelmente eram músicos, não só pelo apelido do primeiro, mas porque uma vez os viram passar pelo beco cada um com a sua guitarra. Enquanto Epifanio começou a se movimentar pelo centro de Santa Teresa e pela

Madero-Norte, nas casas noturnas que tinham música ao vivo, o judiciário Juan de Dios Martínez continuou investigando no Beco das Almas. As conclusões que tirou foram as seguintes. 1: a Vaca era uma boa pessoa, segundo a opinião majoritária das mulheres. 2: a Vaca não trabalhava, mas nunca lhe faltou dinheiro. 3: a Vaca podia ser extremamente violenta e tinha uma ideia formada, rudimentar mas mesmo assim ideia, do que era certo e do que não era. 4: alguém dava dinheiro à Vaca em troca de algo. Quatro dias depois detiveram o Mariachi e o Corvo, que descobriram ser os músicos Gustavo Domínguez e Renato Hernández Saldaña, respectivamente, e depois de serem interrogados no 3º distrito os dois se declararam autores do assassinato do Beco das Almas. O detonador do crime foi, na realidade, um filme que a Vaca queria ver e que seus amigos, com suas risadas, pois os três já estavam bastante embriagados, não deixavam. A Vaca havia começado tudo, batendo com a mão fechada no Mariachi. O Corvo, de início, não quis se meter na briga, mas quando viu que a Vaca se voltava contra ele, teve de se defender. A briga foi demorada e limpa, disse o Mariachi. A Vaca tinha pedido que fossem para a rua de modo a não estragar os móveis da casa e eles obedeceram. Na rua, a Vaca avisou que a briga ia ser limpa, só com os punhos, e eles concordaram que assim fosse, apesar de saberem da força da amiga, que não por nada pesava quase oitenta quilos. Mas não de gordura, de músculos, disse o Corvo. Na rua, no escuro, começaram a mandar porrada. Estiveram assim por cerca de meia hora, dando e levando, sem descansar um minuto. Quando a briga terminou o Mariachi estava com o nariz quebrado e sangrava nos dois supercílios, e o Corvo aguentando a dor de uma costela diz que quebrada. A Vaca estava estirada no chão. Só quando tentaram levantá-la é que perceberam que estava morta. O caso foi encerrado.

Pouco depois, no entanto, o policial judiciário Juan de Dios Martínez foi visitar os músicos na prisão de Santa Teresa. Levou cigarros e umas revistas, e perguntou a eles como estavam passando. Não podemos nos queixar, chefe, disse o Mariachi. O judiciário lhes disse que tinha algumas amizades aqui no casarão e que se eles quisessem poderia ajudá-los. E o que temos que dar em troca?, perguntou o Mariachi. Só uma informação, disse o judiciário. E que informação? Muito simples. Vocês eram amigos da Vaca, amigos íntimos. Eu faço umas perguntas, vocês me respondem e é só. Comece as perguntas, disse o Mariachi. Vocês transavam com a Vaca? Não, disse o Mariachi. E você? Eu menos ainda, respondeu o Corvo. Ai, cacete, disse o judiciário. E por quê? A Vaca não gostava de macho, que macha ela já era bastante, respondeu o Mariachi. Vocês sabem seu nome completo?, perguntou o judiciário. Não temos a menor ideia, disse o Mariachi, a gente chamava ela de Vaca e pronto. Ai, cacete, mas que amigos mais íntimos, fez o judiciário. É a pura verdade, chefe, disse o Mariachi. E sabem onde ela arranjava dinheiro?, perguntou o judiciário. Foi justo o que perguntamos a ela, chefe, disse o Corvo, pra ver se a gente não cavava uns trocados a mais, mas a Vaca nunca tocou no assunto. E não tinha nenhuma amizade, quer dizer, fora vocês e as velhas do beco?, perguntou o judiciário. Tinha sim, uma vez que a gente estava no meu carro ela me mostrou uma amiga, disse o Mariachi, uma mocinha que trabalhava numa

cafeteria do centro, nada do outro mundo, meio magrela, mas a Vaca mostrou a garota pra mim e me perguntou se eu já tinha visto alguma vez uma mulher tão linda. Eu disse que não, para que não ficasse brava, mas na realidade não era nada do outro mundo. Como se chama?, perguntou o judiciário. Não disse o nome dela, respondeu o Mariachi, nem apresentou ela pra mim.

Nos dias em que a polícia trabalhava para esclarecer o assassinato da Vaca, Harry Magaña encontrou a casa onde morava Miguel Montes. Um sábado de tarde ficou vigiando a casa e ao fim de duas horas, cansado de esperar, arrombou a fechadura e entrou. A casa só tinha quarto, cozinha e banheiro. Nas paredes viu fotos de atores e atrizes de Hollywood. Numa estante, emolduradas, havia fotos do próprio Miguel, sem dúvida um rapaz com cara de boa gente, bonitão, do tipo que as mulheres gostam. Revistou todas as gavetas. Numa encontrou um talão de cheques e um canivete. Ao levantar o colchão da cama encontrou umas revistas e algumas cartas. Folheou todas as revistas. Na cozinha, embaixo do guarda-comida, achou um envelope com quatro fotos tiradas com uma Polaroid. Numa via-se uma casa no meio do deserto, uma casa de adobe de aparência humilde, com um pequeno alpendre e duas janelas diminutas. Junto da casa estava parada uma caminhonete com tração nas quatro rodas. Na outra viam-se duas garotas abraçadas pelos ombros, com a cabeça inclinada para a esquerda, olhando para a câmera com idêntica expressão de espantosa segurança, como se acabassem de chegar a este planeta ou como se já estivessem de malas prontas para ir embora. Essa foto era tirada de uma rua com muita gente, que bem podia ser uma das do centro de Santa Teresa. Na terceira foto via-se um pequeno avião ao lado de uma pista de aterrissagem de terra, no deserto. Detrás do avião aparecia um morro. O resto era plano, só areia e mato. Na última, viam-se dois tipos que não olhavam para a câmera e que provavelmente estavam de porre ou drogados, usando camisa branca, um deles de chapéu, apertando as mãos como se fossem grandes amigos. Procurou a Polaroid em toda parte, mas não a encontrou. Guardou as fotos, as cartas e o canivete no bolso e, depois de revistar mais uma vez a casa, sentou numa cadeira, disposto a esperar. Miguel Montes não voltou naquela noite nem na noite seguinte. Pensou que talvez houvesse tido que dar o fora rapidamente ou que talvez já estivesse morto. Sentiu-se abatido. Por sorte sua, desde que conhecera Demetrio Águila não se hospedava em pensão nem em hotel, nem passava as noites insone percorrendo inferninhos e bebendo, mas se retirava para dormir na casa da rua Luciérnaga, na colônia Rubén Darío, pertencente a seu amigo, que tinha lhe dado uma chave. A casinha, ao contrário do que se podia esperar, estava sempre limpa, mas sua limpeza, sua arrumação, carecia de qualquer marca feminina: era uma limpeza estoica, carente de graça, como a limpeza de que dão mostra as celas de uma prisão ou de um mosteiro, uma limpeza que tendia para a carência, não para a abundância. Às vezes, ao voltar, encontrava Demetrio Águila preparando um café na cozinha, e os dois sentavam na sala e se punham a conversar. Conversar com o mexicano o acalmava. O mexicano falava da época em que havia sido vaqueiro no rancho Triple T e das dez maneiras que havia de domar um potro selvagem. Vez ou outra, Harry lhe perguntava por que não ia

com ele para o Arizona, e o mexicano respondia que era a mesma coisa, Arizona, Sonora, Novo México, Chihuahua, tudo é a mesma coisa, e Harry ficava pensando e no fim não podia aceitar que fosse igual, mas lhe dava tristeza contradizer Demetrio Águila, e não contradizia. Outras vezes saíam juntos e o mexicano podia ver de perto os métodos que o gringo empregava, cuja dureza em princípio não lhe agradava, mas que achava justificável. Naquela noite, ao voltar para a casa da rua Luciérnaga, Harry encontrou-o de pé, e enquanto preparava um café disse acreditar que sua última pista tinha virado fumaça. Demetrio Águila não respondeu nada. Serviu o café e fez ovos mexidos com toucinho. Os dois comeram em silêncio. Acho que nada vira fumaça, disse o mexicano. Tem gente e também animais, e até mesmo coisas que, por uma causa ou outra, às vezes dão a impressão de querer virar fumaça, de querer desaparecer. Apesar de você não acreditar, Harry, às vezes uma pedra quer desaparecer, eu já vi. Mas Deus não permite. Não permite porque não pode permitir. Você acredita em Deus, Harry? Sim, senhor Demetrio, respondeu Harry Magaña. Pois então confie em Deus, ele não permite que nada vire fumaça.

Naqueles dias, Juan de Dios Martínez ainda continuava indo para a cama a cada quinze dias com a doutora Elvira Campos. Às vezes o judiciário achava um milagre que a relação ainda se mantivesse. Com dificuldades, com mal-entendidos, mas continuavam juntos. Na cama, ele acreditava, a atração era mútua. Nunca havia desejado tanto uma mulher como desejava a ela. A depender dele, teria se casado com a diretora sem pensar duas vezes. Vez ou outra, quando estava há muitos dias sem vê-la, ficava matutando sobre a diferença cultural que os separava e que ele via como o principal obstáculo entre os dois. A diretora gostava de arte e era capaz de ver uma pintura e saber quem era o pintor, por exemplo. Dos livros que ela lia, ele nunca nem tinha ouvido falar. A música que ela ouvia só lhe provocava um torpor agradável, logo ficava com vontade de dormir e descansar, coisa que, por sinal, evitava fazer na casa dela. Até a comida de que a diretora gostava era diferente da comida de que ele gostava. Tratou de se adaptar à nova situação e às vezes ia a uma loja de discos e comprava música de Beethoven e Mozart, que depois escutava a sós em casa. Geralmente dormia. Seus sonhos, porém, eram calmos e felizes. Sonhava que Elvira Campos e ele viviam juntos numa cabana na serra. Na cabana não havia eletricidade nem água encanada nem nada que recordasse a civilização. Dormiam deitados numa pele de urso, cobertos por uma pele de lobo. E Elvira Campos às vezes ria alto, quando saía para correr pelo bosque e ele não podia enxergá-la.

Vamos ler as cartas, Harry, disse Demetrio Águila. Eu leio pra você toda vez que precisar. A primeira carta era de um amigo de Miguel que vivia em Tijuana, o envelope no entanto não trazia remetente, e era um compêndio de recordações dos dias felizes que os dois haviam vivido juntos. Falava de beisebol, de mulheres, de carros roubados, de brigas, de álcool, e mencionavam de passagem pelo menos cinco delitos pelos quais Miguel Montes e seu amigo

pagaram com penas na prisão. A segunda carta era de uma mulher. O carimbo era de Santa Teresa mesmo. A mulher reclamava dinheiro e urgia para que lhe pagasse rápido. Caso contrário, vai arcar com as consequências, dizia. A terceira carta, a julgar pela letra, já que também não estava assinada, era da mesma mulher, com a qual Miguel não havia liquidado sua dívida e que lhe dizia que tinha somente três dias para aparecer, onde você sabe, com o dinheiro na mão, e caso contrário, e aqui segundo Demetrio Águila e também segundo Harry Magaña se percebia uma ponta de simpatia, a ponta de simpatia feminina que Miguel sempre teve, inclusive nos piores momentos, teve de sobra, a mulher recomendava que sumisse da cidade o quanto antes e sem dizer nada a ninguém. A quarta carta era de outro amigo e provavelmente, pois o carimbo era ilegível, vinha da Cidade do México. O amigo, um nortenho recém-chegado à capital, comentava com ele suas impressões da cidade grande: falava do metrô, que comparava com a vala comum, da frieza dos *chilangos*, que davam as costas para tudo, da dificuldade de se movimentar, pois no DF não adiantava nada ter um carro bacana porque os engarrafamentos eram permanentes, da poluição e de como eram feias as mulheres. Sobre isso fazia algumas piadas de mau gosto. A última carta era de uma moça de Chucarit, perto de Navojoa, no sul de Sonora, e se tratava, como era previsível, de uma carta de amor. Dizia que é claro que o esperaria, que tinha paciência, que apesar de morrer de vontade de vê-lo ele é que tinha de dar o primeiro passo e que ela não tinha a menor pressa. Parece carta de uma namorada de cidadezinha do interior, disse Demetrio Águila. Chucarit, fez Harry Magaña. Tenho a sensação de que nosso homem nasceu lá, senhor Demetrio. Ora veja só, eu diria a mesma coisa, disse Demetrio Águila.

Às vezes Juan de Dios Martínez ficava pensando em quanto gostaria de saber mais coisas sobre a vida da diretora. Por exemplo, suas amizades. Quem eram seus amigos? Ele não conhecia nenhum, somente alguns funcionários do centro psiquiátrico, que a diretora tratava com amabilidade mas também guardando distância. Tinha amigos? Ele supunha que sim, se bem que ela nunca falasse disso. Uma noite, depois de fazerem amor, disse a ela que queria saber mais coisas sobre sua vida. A diretora respondeu que ele já sabia mais que o bastante. Juan de Dios Martínez não insistiu.

A Vaca morreu em setembro de 1994. Em outubro encontraram a morta seguinte no novo aterro municipal, um lixão infecto de três quilômetros de comprimento por um e meio de largura situado numa baixada ao sul da barranca El Ojito, num desvio da estrada de Casas Negras, onde uma frota de mais de cem caminhões ia deixar diariamente sua carga. Apesar do seu tamanho, o lixão estava ficando pequeno e já se falava, ante a proliferação de lixões clandestinos, em fazer outro novo nos arredores de Casas Negras ou a oeste desse povoado. A morta tinha entre quinze e dezessete anos, segundo o legista, mas preferiram deixar a palavra final para o patologista, que a examinou três dias depois e concordou com o colega. Havia sido estuprada anal e vaginalmente, e em seguida estrangulada. Media um metro e quarenta

e dois centímetros. Os catadores de lixo que a encontraram disseram que estava de sutiã, saia de brim azul e tênis Reebok. Quando a polícia chegou o sutiã e a saia de brim azul não estavam mais em parte alguma. No dedo anular da mão direita usava um anel dourado com uma pedra negra e com o nome de uma escola de inglês do centro da cidade. Fotografaram-na, depois a polícia visitou a escola de línguas, mas ninguém reconheceu a morta. A foto foi publicada no *El Heraldo del Norte* e no *La Voz de Sonora*, com o mesmo resultado. Os policiais judiciais José Márquez e Juan de Dios Martínez interrogaram por três horas o diretor da escola e, ao que parece, pesaram a mão no interrogatório, pois o advogado do diretor entrou com uma ação por maus tratos. A ação não prosperou mas os dois receberam uma advertência do delegado e do chefe de polícia. Também foi enviado um relatório sobre a conduta deles ao chefe da polícia judiciária de Hermosillo. Duas semanas depois o corpo da desconhecida foi engrossar a reserva de cadáveres dos estudantes de medicina da Universidade de Santa Teresa.

Às vezes o policial judiciário Juan de Dios Martínez se surpreendia ao ver como Elvira Campos trepava bem e quão inesgotável era na cama. Trepava como se fosse morrer, pensava. Em mais de uma oportunidade teria gostado de dizer a ela que não era preciso, que não se esforçasse, que ele, contanto que a sentisse perto, só em roçá-la, já se dava por satisfeito, mas a diretora, quando se tratava de sexo, era prática e efetiva. Minha rainha, Juan de Dios Martínez lhe dizia às vezes, meu tesouro, meu amor, e ela, no escuro, dizia que calasse a boca e sorvia até a última gota: de seu sêmen?, de sua alma?, da pouca vida que então ele acreditava lhe restar? Faziam amor, por expresso desejo dela, numa semipenumbra. Às vezes sentia-se tentado a acender a luz e contemplá-la, mas o desejo de não a contrariar o refreava. Não acenda a luz, ela lhe disse numa ocasião, e ele pensou que Elvira Campos era capaz de ler seu pensamento.

Em novembro, no segundo andar de um edifício em construção, uns pedreiros encontraram o corpo de uma mulher de aproximadamente trinta anos, um metro e cinquenta, morena, cabelos pintados de louro, com duas coroas de ouro nos dentes, vestindo unicamente um suéter e uma hot-pant, ou short, ou calça curta. Tinha sido violentada e estrangulada. Estava sem documentos. O edifício em construção ficava na rua Alondra, na colônia Podestá, um lugar da zona chique de Santa Teresa. Por essa razão, os operários não dormiam lá, como era costumeiro em outras construções. De noite o edifício era vigiado por um segurança. Ao ser interrogado ele confessou que, contra o que estabelecia seu contrato, costumava dormir de noite, já que de dia trabalhava numa maquiladora e que algumas noites ficava na obra até as duas da manhã, depois ia para casa, situada na avenida Cuauhtémoc, na altura da colônia San Damián. O interrogatório foi duro, conduzido pelo auxiliar do chefe, Epifanio Galindo, mas desde o primeiro momento já se via que o segurança dizia a verdade. Supuseram, não sem certa lógica, que a desconhecida era uma recém-chegada e que em

algum lugar devia haver uma mala com a sua roupa. Para tanto investigou-se em algumas pensões e hotéis do centro, mas nenhum dera pela falta de nenhum hóspede. Sua foto saiu nos jornais da cidade, com resultado nulo: ou ninguém a conhecia, ou a foto não era boa, ou ninguém queria se envolver em problemas com a polícia. Cotejaram com as denúncias de desaparecimento chegadas de outros estados da república, mas nenhuma coincidia com a morta encontrada no edifício da rua Alondra. Só uma coisa ficou clara, ou pelo menos ficou clara para Epifanio: a morta não era do bairro, a morta não tinha sido estrangulada e estuprada no bairro, por que então foram se desfazer do seu cadáver na zona chique da cidade, em ruas que a polícia e os seguranças privados patrulhavam com esmero à noite?, por que jogar um cadáver lá, no segundo andar de um edifício em construção, com o risco que isso implicava, inclusive o de cair na escada ainda sem corrimão, quando o mais lógico era atirá-la no deserto ou nos arredores de um lixão? Por dois dias seguidos pensou no assunto. Enquanto comia, enquanto ouvia seus colegas falarem de esporte ou de mulheres, enquanto dirigia o carro de Pedro Negrete, enquanto dormia. Até que decidiu que por mais que pensasse não ia achar uma solução satisfatória, e então parou de pensar.

Às vezes o policial judiciário Juan de Dios Martínez tinha vontade, principalmente em seus dias livres, de passear com a diretora. Quer dizer: tinha vontade de se mostrar publicamente com ela, de ir almoçar num restaurante do centro, nem barato nem muito caro, um restaurante normal onde iam os casais normais e onde certamente encontraria algum conhecido, a quem apresentaria a diretora de forma natural, casual, sem macaquices, minha namorada, Elvira Campos, médica psiquiatra. Depois de almoçar, provavelmente iriam para a casa dela fazer amor, e depois a sesta. De noite tornariam a sair, no BMW dela ou no Cougar dele, ao cinema ou tomar alguma coisa em algum restaurante ao ar livre ou dançar em algum dos muitos lugares que havia em Santa Teresa. Pô, a felicidade perfeita, pensava Juan de Dios Martínez. Elvira Campos, pelo contrário, não queria nem ouvir falar de uma relação pública. Telefonemas ao centro psiquiátrico, tudo bem, desde que fossem breves. Encontros pessoais a cada quinze dias. Um copo de uísque ou de vodka Absolut e paisagens noturnas. Despedidas esterilizadas.

No mesmo mês de novembro de 1994 encontraram num terreno baldio o cadáver parcialmente queimado de Silvana Pérez Arjona. Tinha quinze anos e era magra, morena, um metro e sessenta de altura. Os cabelos negros caíam até abaixo dos ombros, mas quando seu cadáver foi encontrado tinha metade deles chamuscados. Seu corpo foi achado por umas mulheres da colônia Las Flores que haviam instalado seus varais para secar a roupa na beira do terreno e que avisaram a Cruz Vermelha. A ambulância era dirigida por um homem de uns quarenta e cinco anos, acompanhado por um padioleiro com não mais de vinte que parecia seu filho. Quando a ambulância chegou, o homem mais velho perguntou às mulheres e aos curiosos que se aglomeravam ao redor do cadáver se alguém conhecia a

morta. Alguns desfilaram diante dela, espiaram seu rosto e negaram com a cabeça. Ninguém a conhecia. Então se eu fosse vocês iria embora, disse o socorrista mais velho, porque a justa vai querer interrogar vocês todos. Disse aquilo sem erguer a voz, mas o recado correu e todos se retiraram. À primeira vista, no terreno baldio não havia mais ninguém, mas os dois socorristas sorriram porque sabiam que as pessoas os espiavam de seus esconderijos. Enquanto um deles, o mais moço, dava parte à polícia pelo rádio da ambulância, o mais velho se meteu a pé pelas ruas da colônia Las Flores até um lugar onde vendiam *tacos* e cuja dona o conhecia. Pediu seis de carne de porco, três com creme e três sem creme, os seis bem picantes, e duas latas de coca-cola. Pagou e voltou andando sem pressa para a ambulância, onde o que parecia seu filho estava lendo um gibi, encostado no para-lama. Quando a polícia chegou os dois haviam terminado de comer e fumavam. Durante três horas o cadáver permaneceu no terreno baldio. Segundo o legista, tinha sido estuprada. Duas facadas certeiras no coração causaram a sua morte. Depois o assassino tentou queimá-la para apagar os vestígios, mas pelo visto o assassino era um trapalhão, ou tinham lhe vendido água por gasolina, ou ficara abestalhado. No dia seguinte soube-se que a morta se chamava Silvana Pérez Arjona, operária de uma maquiladora do parque industrial General Sepúlveda, não muito longe de onde seu corpo tinha sido encontrado. Até um ano antes Silvana morava com a mãe e quatro irmãos, todos trabalhadores das diversas maquiladoras da cidade. Ela era a única que estudava, na escola secundária Professor Emilio Cervantes, na colônia Lomas del Toro. Mas por motivos econômicos teve de parar de estudar e uma das irmãs arranhou trabalho para ela na maquiladora Horizon W&E, onde conheceu o trabalhador Carlos Llanos, trinta e cinco anos, de que virou namorada e com o qual foi finalmente morar, na casa deste, na rua Prometeo. De acordo com os amigos, Llanos era um homem afável, um pouco dado à bebida, mas sem exagerar, e que em seus instantes de ócio lia livros, coisa muito pouco usual e que contribuía para dotá-lo de uma aura extraordinária. Segundo a mãe de Silvana, foi essa característica de Llanos que seduziu sua filha, que até então nem tivera namorado, com exceção de um ou outro namorico inocente na escola. A relação durou sete meses. Llanos lia, sim, e às vezes os dois sentavam na saleta da casa e comentavam suas leituras, no entanto mais do que ler ele bebia e era um homem extremamente ciumento e inseguro. Durante as visitas à mãe, Silvana certa vez contou que Llanos lhe batia. Às vezes passavam horas abraçadas, mãe e filha, chorando, sem acender a luz do quarto. A detenção de Llanos não apresentou nenhuma dificuldade, e foi a primeira vez em que Lalo Cura participou de uma. Apareceram dois carros da polícia de Santa Teresa, bateram na porta, Llanos abriu, dominaram-no a porrada sem dizer uma palavra, algemaram-no e levaram-no para a delegacia, onde tentaram lhe imputar o assassinato da desconhecida da rua Alondra ou, pelo menos, o da desconhecida encontrada no novo lixão municipal, mas não houve meio, a própria Silvana Pérez era seu álibi, pois tinha sido visto com ela naquelas datas, passeando todo prosa pelo raquítico parque da colônia Carranza, depois da feira, e ele e Silvana foram vistos inclusive pela família dela. Quanto às noites, até uma semana antes tinha passado nos turnos da noite da maquiladora, como seus colegas podiam confirmar. Do assassinato de Silvana se declarou culpado e só sentia ter tentado queimá-la. Era uma gata, a

minha Silvana, disse, não merecia essa selvageria.

Também por aqueles dias apareceu na televisão de Sonora uma vidente chamada Florita Almada, a quem seus seguidores, que não eram muitos, chamavam de Santa. Florita Almada tinha setenta anos e desde havia relativamente pouco, dez anos, recebera a iluminação. Via coisas que mais ninguém via. Ouvia coisas que mais ninguém ouvia. E sabia encontrar uma interpretação coerente para tudo o que lhe acontecia. Antes de vidente tinha sido ervanária, que era seu verdadeiro ofício, conforme dizia, pois vidente significava alguém que via e ela às vezes não via nada, as imagens eram borradas, o som defeituoso, como se a antena que havia crescido em seu cérebro estivesse mal orientada, ou tivesse sido toda perfurada num tiroteio, ou fosse de papel-alumínio e o vento fizesse com ela o que bem entendesse. De modo que, embora a conhecessem como vidente ou deixasse que seus seguidores a reconhecessem como tal, ela botava mais fé nas ervas e nas flores, na comida sadia e na oração. Às pessoas com pressão arterial alta recomendava que parassem de comer ovo, queijo e pão branco, por exemplo, porque eram alimentos com muito sódio, e o sódio atrai a água, o que aumenta o volume de sangue e por conseguinte a pressão arterial. Mais claro que a água, dizia Florita Almada. Por mais que alguém goste de comer no café da manhã ovos *rancheros* ou ovos à mexicana,* se sofre de hipertensão arterial é melhor parar de comer ovos. E se alguém para de comer ovos, também pode parar de comer carne e peixe, e pode passar a comer somente arroz e frutas. Isso é ótimo para a saúde, arroz e frutas, principalmente para quem já passou dos quarenta. Também falava contra o consumo excessivo de gordura. A ingestão total de gorduras, dizia, nunca deve passar de vinte e cinco por cento do total do valor energético da alimentação. O ideal é que o consumo de gordura se estabilize entre quinze e vinte por cento. Mas as pessoas que trabalham chegam a consumir até oitenta ou noventa por cento de gorduras, e se o trabalho for mais ou menos estável o consumo de gorduras sobe até cem por cento, o que é abominável, dizia. Pelo contrário, o consumo de gorduras entre os que não tinham trabalho estava entre trinta e cinquenta por cento, o que, considerando bem, também era uma desgraça, pois essa pobre gente não só estava subnutrida como ainda por cima mal subnutrida, não sei se entende o que quero dizer, dizia Florita Almada, na realidade estar subnutrido já é uma desgraça em si, e estar mal subnutrido pouco acrescenta ou pouco tira dessa desgraça, talvez tenha me expressado mal, o que quero dizer é que é mais saudável uma tortilha com chile do que torresmo de cachorro ou de gato, ou pode ser até que de rato, dizia como que pedindo desculpas. Por outro lado, era contra as seitas, os curandeiros e os seres vis que tapeavam o povo. Achava a botanomancia, isto é, a arte de adivinhar o futuro por meio dos vegetais, uma gozação. Não obstante sabia do que falava, e uma vez explicou a um curandeiro fajuto os diversos ramos em que se dividia a arte adivinhatória, a saber, a botanoscopia, que se baseia nas formas, movimentos e reações das plantas, subdividida por sua vez em cromniomancia e licnomancia, cujo princípio é a cebola ou os botões de flores que germinarão ou florescerão, a dendromancia, vinculada à interpretação das árvores, a filomancia, ou estudo das folhas, e a xilomancia, que também é parte da botanoscopia e que

é a adivinhação usando a madeira e os galhos das árvores, o que, dizia, é bonito, é poético, mas não para adivinhar o futuro, e sim para levar a paz a alguns episódios do passado e para alimentar e serenar o presente. Depois vinha a botanomancia cleromântica, subdividida em quiambolia, que se pratica com várias favas brancas e uma preta, e em que também estão enquadradas as disciplinas da rbdomancia e da palomancia, para as quais se empregam varetas de madeira e contra as quais ela nada tinha, e das quais nada, portanto, podia dizer. Depois vinha a farmacologia vegetal, isto é, o emprego de plantas alucinógenas e alcaloides, contra os quais ela tampouco tinha nada a dizer. Cada qual com a sua cabeça. Tem gente que se dá bem com ela e tem gente, principalmente os jovens farristas e mais propriamente bandalhos, que não se dá bem. Ela preferia não dizer nem sim nem não. Depois vinha a botanomancia meteorológica, que essa sim era interessante mas que muito pouca gente, contada nos dedos das mãos, dominava e que se baseava nas reações das plantas. Por exemplo: se a dormideira levanta as folhas, vai fazer bom tempo. Por exemplo: se um álamo começa a tremer, algo inesperado vai acontecer. Por exemplo: se aquela flor pequenina, de folhinhas brancas e corola amarela diminuta, chamada *píjuli*, inclina a cabeça, é que vai fazer calor. Por exemplo: se aquela outra flor, a que tem folhas amareladas e às vezes rosadas, e que em Sonora chamam, não sei por quê, de cânfora e em Sinaloa de bico-de-corvo, porque parece, vista de longe, um pássaro debochado, fecha as pétalas, espertinha, é que vai chover. Finalmente, vem a radiestesia, na qual se empregava antes uma vara de avelaneira, que foi substituída por um pêndulo, disciplina da qual Florita Almada não tinha nada a dizer. Quando você sabe, sabe, e quando não sabe o melhor é aprender. E, enquanto isso, não dizer nada, a não ser que o que você disser esteja destinado a tornar mais claro o aprendizado. Sua própria vida, conforme explicava, havia sido um aprendizado constante. Não aprendeu a ler nem a escrever até os vinte anos, para dar um número redondo. Nascera em Nácori Grande e não pôde ir à escola como uma menina normal porque sua mãe era cega, e ela precisou cuidar dela. De seus irmãos, dos quais guardava uma lembrança vaga e carinhosa, não sabia nada. O vendaval da vida foi levando eles para os quatro cantos do México e provavelmente já estavam debaixo da terra. Sua infância, apesar dos apertos e das desventuras próprias de uma família camponesa, foi feliz. Adorava o campo, dizia, se bem que agora me incomode um pouco porque me desacostumei com os bichos. A vida em Nácori Grande, embora muitos custem a acreditar, podia ser às vezes muito intensa. Cuidar da mãe cega podia ser divertido. Cuidar das galinhas podia ser divertido. Lavar roupa podia ser divertido. Cozinhar podia ser divertido. A única coisa que lamentava era não ter ido à escola. Depois se mudaram, por causas que não vinham ao caso, para Villa Pesqueira, onde sua mãe morreu e ela, oito meses depois do falecimento, se casou com um homem a quem quase não conhecia, uma pessoa trabalhadora, honrada, respeitosa com todo o mundo, um homem bem mais velho do que ela, diga-se de passagem, que na hora de ir para o altar tinha trinta e oito anos e ela só dezessete, quer dizer, um homem vinte e um anos mais velho!, que trabalhava com compra e venda de animais, sobretudo cabras e ovelhas, se bem que de vez em quando também vendia ou comprava gado bovino e até suíno, e que por essas circunstâncias de trabalho tinha de viajar constantemente pelas cidades da região, como San José de Batuc,

San Pedro de la Cueva, Huépari, Tepache, Lampazos, Divisaderos, Nácori Chico, El Chorro e Napopa, por estradinhas de terra ou trilhas de animais e por atalhos que margeavam aquelas montanhas intrincadas. Seus negócios não iam mal. Às vezes ela o acompanhava em alguma das suas viagens, não muitas, porque era malvisto um comerciante de gado viajar com uma mulher, ainda mais se fosse sua própria mulher, mas em algumas o acompanhou. Era uma oportunidade única de ver o mundo. Para ver outras paisagens que, embora pareçam a mesma, se você olhasse bem, com os olhos bem abertos, se revelavam no fim das contas muito diferentes das paisagens de Villa Pesqueira. A cada cem metros o mundo muda, dizia Florita Almada. Isso de que há lugares iguais a outros é mentira. O mundo é como um tremor. Claro, ela gostaria de ter tido filhos, mas a natureza (a natureza em geral ou a natureza do seu marido, dizia rindo) privou-a dessa responsabilidade. O tempo que teria dedicado ao bebê empregou em estudar. Quem a ensinou a ler? As crianças me ensinaram, afirmava Florita Almada, não existe melhor professor do que elas. As crianças, com seus abecedários, que iam à sua casa pedir que lhes desse *pinole*. A vida é assim, justo quando acreditava que se desvaneciam para sempre as possibilidades de estudar ou voltar aos estudos (vã esperança, em Villa Pesqueira achava-se que Escola Noturna era o nome de um bordel nos arredores de San José de Pimas), aprendeu, sem maiores esforços, a ler e a escrever. A partir desse momento leu tudo o que lhe caía nas mãos. Num caderno anotou as impressões e pensamentos que suas leituras lhe produziram. Leu revistas e jornais velhos, leu programas políticos, que de quando em quando jovens de bigode vindos em caminhonetes entregavam no vilarejo, e jornais recentes, leu os poucos livros que pôde encontrar, e seu marido, depois de cada ausência traficando com animais nos lugares vizinhos, se acostumou a lhe trazer livros que às vezes comprava não por unidade mas por peso. Cinco quilos de livros. Dez quilos. Uma vez chegou com vinte quilos. Ela não deixou de ler um só e de todos, sem exceção, extraiu algum ensinamento. Às vezes lia revistas que chegavam da Cidade do México, às vezes lia livros de história, às vezes lia livros de religião, às vezes lia livros licenciosos que a faziam corar, sozinha, sentada na mesa, as páginas iluminadas por um abajur cuja luz parecia bailar ou adotar formas demoníacas, às vezes lia livros técnicos sobre o cultivo de vinhedos ou sobre a construção de casas pré-fabricadas, às vezes lia histórias de terror e de assombração, qualquer tipo de leitura que a divina providência pusesse ao alcance da sua mão, e com todos eles aprendeu alguma coisa, às vezes muito pouco, mas alguma coisa ficava, como uma pepita de ouro numa montanha de lixo, ou para afinar a metáfora, dizia Florita, como uma boneca perdida e reencontrada numa montanha de lixo desconhecida. Enfim, ela não era uma pessoa instruída, em todo caso não tinha o que se chama de educação clássica, pelo que se desculpava, mas tampouco se envergonhava de ser o que era, pois o que Deus tira de um lado a Virgem repõe do outro, e quando isso acontece a gente tem de estar em paz com o mundo. Assim passaram os anos. Seu marido, por essas coisas misteriosas que alguns chamam de simetria, um dia ficou cego. Por sorte ela já tinha experiência em cuidado com os deficientes visuais e os últimos anos do comerciante foram sossegados, pois sua mulher cuidou dele com eficiência e carinho. Depois ficou sozinha, e por então já havia feito quarenta e quatro anos. Não se casou de novo, não porque faltassem

pretendentes, mas porque tomou gosto pela solidão. O que fez foi comprar um revólver calibre 38, porque a escopeta que seu marido lhe deixou de herança lhe pareceu pouco manejável, e dar, momentaneamente, seguimento aos negócios de compra e venda de animais. Mas o problema, explicava, é que para comprar e sobretudo para vender animais era necessária certa sensibilidade, certa educação, certa propensão à cegueira que ela de modo algum possuía. Viajar com os animais pelas trilhas dos morros era muito bonito, prazeá-los no mercado ou no matadouro era um horror. De modo que em pouco tempo abandonou o negócio e continuou viajando, em companhia do cachorro de seu falecido marido, do seu revólver e às vezes dos seus animais, que começaram a envelhecer com ela, mas desta vez fazia isso como uma curandeira transumante, das tantas que há no bendito estado de Sonora, e durante as viagens procurava ervas ou escrevia pensamentos enquanto os animais pastavam, como fazia Benito Juárez quando era um menino pastor, ai, Benito Juárez, que grande homem, que correto, que íntegro, mas também que menino mais encantador, desse pedaço da sua vida se falava pouco, em parte porque pouco se sabia, em parte porque os mexicanos sabem que quando falam de crianças costumam dizer besteiras ou cafonices. Ela, caso não soubessem, tinha algumas coisas a dizer a esse respeito. Dos milhares de livros que leu, entre eles livros sobre a história do México, sobre a história da Espanha, sobre a história da Colômbia, sobre a história das religiões, sobre a história dos papas de Roma, sobre os progressos da NASA, só havia encontrado umas poucas páginas que retratavam com total fidelidade, com absoluta fidelidade, o que deve ter sentido, mais do que pensado, o menino Benito Juárez quando saía, às vezes, como é normal, durante vários dias com suas respectivas noites, procurando pasto para o rebanho. Nessas páginas de um livro de capa amarela se dizia tudo com tanta clareza que às vezes Florita Almada pensava que o autor havia sido amigo de Benito Juárez e que este lhe havia confidenciado ao pé do ouvido todas as experiências da sua meninice. Se é que isso é possível. Se é que é possível transmitir o que se sente quando cai a noite, saem as estrelas e se está só na imensidão, e as verdades da vida (da vida noturna) começam a desfilar uma a uma, como que desvanecidas, ou como se o que está à intempérie fosse desvanecer, ou como se uma doença desconhecida circulasse pelo sangue e nós não percebêssemos. O que fazes, lua, no céu?, se pergunta o pastorzinho no poema. O que fazes, silenciosa lua? Ainda não estás cansada de percorrer os caminhos do céu? Parece com tua vida a vida do pastor, que sai com a primeira luz e guia o rebanho pelo campo. Depois, cansado, repousa de noite. Outra coisa não espera. De que serve a vida ao pastor, e a ti a tua? Diz-me, se diz o pastor, dizia Florita Almada com a voz transportada, para onde tende esse meu vagar, tão breve, e teu curso imortal? Com a dor nasce o homem e já há risco de morte no nascer, dizia o poema. E também: mas por que iluminar, por que manter vivo a quem, por nascer, é preciso consolar? E também: se a vida é desventura, por que continuamos a suportá-la? E também: intacta lua, assim é o estado mortal. Mas tu não és mortal e talvez o que eu diga não compreendas. E também, e contraditoriamente: tu, solitária, eterna peregrina, tão pensativa, talvez bem compreendas este viver terreno, nossa agonia e nossos sofrimentos; talvez entendas bem deste morrer, desta suprema palidez do semblante, e faltar da terra, e afastar-se da habitual e amorosa companhia. E também: que faz o ar infinito e a

profunda serenidade sem fim? Que significa esta imensa solidão? E eu, o que sou? E também: eu só sei e compreendo que para os eternos giros e o meu frágil ser outros acharão bens e proveitos. E também: minha vida é mal tão só. E também: velho, cabelos brancos, doente, descalço e quase sem roupa, com a pesada carga nas costas, por ruas e montanhas, por rochedos, praias e brenhas, ao vento, com tormenta, quando se acende o dia e quando gela, corre, corre ofegante, cruza remansos, correntes, cai, se levanta e se apressa sempre, sem repouso nem paz, ferido, ensanguentado, até por fim chegar onde o caminho e onde tanto afã por fim se acaba: horrível, imenso abismo onde ao se precipitar tudo esquece. E também: oh, virgem lua, assim é a vida mortal. E também: oh, rebanho meu que repousas talvez ignorando tua miséria, quanta inveja tenho de ti! Não só porque de afãs és livre, e todo sofrimento, todo mal, cada temor extremo de pronto olvidas, talvez porque nunca sentes tédio. E também: quando à sombra e na relva tu descansas estás feliz e sossegado, e a maior parte do ano vives em tal estado sem fastio. E também: eu à sombra me sento, na grama, e de fastio se enche minha mente, como se sentisse um agulhão. E também: e já nada desejo e razão de chorar nunca eu tive. Chegando a esse ponto, depois de suspirar profundamente, Florita Almada dizia que podiam se tirar várias conclusões. 1: que os pensamentos que atazanam um pastor podem facilmente se desenfrear, pois isso faz parte da natureza humana. 2: que olhar o tédio cara a cara era uma ação que requeria coragem, que Benito Juárez tinha feito isso, que ela também tinha feito e que ambos haviam visto no rosto do tédio coisas horríveis que preferia não dizer. 3: que o poema, agora se lembrava, não falava de um pastor mexicano, mas de um pastor asiático, mas que no caso dava na mesma, pois os pastores são iguais em todas as partes. 4: que se era verdade que no fim de todos os afãs se abria um abismo imenso, ela recomendava, para começar, duas coisas, a primeira não enganar as pessoas, a segunda tratá-las com correção. A partir daí, se podia continuar falando. E isso era o que ela fazia, ouvir e falar, até o dia em que Reinaldo foi vê-la em sua casa para consultá-la sobre um amor que o havia abandonado, e saiu de lá com uma dieta para emagrecer, umas ervas para fazer chás que acalmaram seus nervos e com outras ervas aromáticas que escondeu nos cantos do seu apartamento e deram a este um cheiro como de uma igreja e de uma nave espacial ao mesmo tempo, como dizia Reinaldo aos amigos que iam visitá-lo, um cheiro divino, um cheiro que relaxa e alegra a alma, que até dava vontade de ouvir música clássica, acreditam?, e os amigos de Reinaldo começaram a insistir para que lhes apresentasse Florita, ai, Reinaldo, preciso da Florita Almada, primeiro um, depois outro e mais outro, como uma sucessão de penitentes com seus capuzes roxos ou vermelho-vivos ou xadrez, e Reinaldo pesava os benefícios e prejuízos que isso podia lhe acarretar, bem, minha gente, vocês me convenceram, vou lhes apresentar a Florita, e quando Florita os viu, um sábado de noite, no apartamento de Reinaldo enfeitado para a ocasião até com uma *piñata* que não combinava nada com o terraço, não botou cara feia ou de desagrado, ao contrário disse por que se incomodaram tanto por mim, os canapés estão uma delícia, quem foi que preparou, para que eu possa dar parabéns?, a torta está deliciosa, nunca comi uma igual na minha vida, era de abacaxi, não é?, os sucos naturais feitos na hora, a arrumação impecável da mesa, que rapaziada mais encantadora, que rapaziada mais delicada, até me trouxeram presentes, e nem

é meu aniversário, depois foi para o quarto de Reinaldo e os rapazes foram passando um a um, para lhe contar suas dores de cotovelo, e os que entraram com elas saíram esperançosos, essa mulher é um tesouro, Reinaldo, essa mulher é uma santa, comecei a chorar e ela chorou comigo, eu não encontrava palavras e ela adivinhou minhas mágoas, me recomendou tomar glicosídeos sulfurosos, disse que porque estimulam o epitélio renal e são diuréticos, a mim me recomendou fazer um tratamento de hidroterapia do cólon, eu a vi suar sangue, vi sua testa cheia de rubis, a mim me embalou em seu colo e me cantou uma canção de ninar, e quando acordei estava como se acabasse de sair de uma sessão de sauna, a Santa compreende melhor do que ninguém os desventurados de Hermosillo, a Santa tem feeling com os feridos, as crianças sensíveis e maltratadas, as que foram estupradas e humilhadas, as que são objeto de chacotas e risadas, para todos tem uma palavra amável, um conselho prático, as pessoas que são carniças se sentem divas quando ela lhes dirige a palavra, os desmiolados se sentem sensatos, os gordos emagrecem, os aidéticos sorriem. De modo que Florita Almada, tão querida, não demorou muitos anos para aparecer num programa de televisão. A primeira vez que Reinaldo a convidou, no entanto, disse que não, que não lhe interessava, que não tinha tempo, que vai que alguém resolvia perguntar de onde tirava seu dinheiro, que não estava nem um pouco disposta a pagar imposto!, que era melhor deixar para outro dia, que ela não era ninguém. Mas meses depois, quando Reinaldo já não insistia no assunto, foi ela que telefonou para ele e disse que queria aparecer no seu programa porque queria tornar pública uma mensagem. Reinaldo quis saber que tipo de mensagem e ela disse uma coisa sobre visões, sobre a lua, sobre desenhos na areia, sobre as leituras que fazia em sua casa, na cozinha, sentada à mesa da cozinha, quando as visitas já tinham ido embora, o jornal, os jornais, as coisas que lia, as sombras que a observavam do outro lado da janela, que não são sombras, nem portanto observam, mas que é a noite, a noite que às vezes parece doida, de tal modo que Reinaldo não entendeu nada, mas como gostava muito dela improvisou um espaço em seu programa seguinte. Os estúdios da tevê ficavam em Hermosillo e o sinal às vezes chegava com nitidez a Santa Teresa, mas outras vezes chegava cheio de fantasmas, névoa, ruído de fundo. Quando apareceu pela primeira vez, Florita Almada chegou muito mal e quase ninguém na cidade a viu, se bem que o programa a que fora convidada, *Uma hora com Reinaldo*, fosse um dos mais populares da televisão de Sonora. Coube-lhe falar depois de um ventríloquo de Guaymas, um autodidata que havia triunfado no DF, em Acapulco, Tijuana e San Diego, e que acreditava que seu boneco era um ser vivo. Tal como sentia, falava. Meu boneco está vivo. Às vezes tenta fugir. Às vezes tenta me matar. Mas suas mãozinhas são fracas demais para segurar uma pistola ou uma faca. Mais ainda para me estrangular. Quando Reinaldo lhe disse, olhando diretamente para a câmera e sorrindo com aquela malícia tão de Reinaldo, que em muitos filmes de ventríloquos acontecia a mesma coisa, o boneco se rebelava contra o artista, o ventríloquo de Guaymas, com a voz quebrada do ser infinitamente incompreendido, respondeu que sabia disso, que tinha visto esses filmes e provavelmente muitos mais do que Reinaldo e o público que assistia ao programa ao vivo havia visto, e que a única conclusão a que havia chegado era que, se havia tantos filmes, isso se devia a que a rebelião dos bonecos dos ventríloquos era muito mais generalizada, naquela

altura já se estendia pelo mundo inteiro, do que ele a princípio imaginara. No fundo, todos os ventríloquos, de uma maneira ou de outra, sabemos que nossos bonecos, alcançando certo ponto de ebulição, adquirem vida. Extraem-na das suas atuações. Extraem-na dos vasos capilares dos ventríloquos. Extraem-na dos aplausos. E sobretudo da credulidade do público! Não é verdade, Andresito? É. E você é bonzinho ou às vezes se comporta como um garotinho malvado, Andresito? Bonzinho, muito bonzinho, bonzinhíssimo. E você nunca tentou me matar, Andresito? Nunca, nunca, nuuunca. O caso é que Florita Almada ficou muito impressionada com a expressão de inocência do boneco de pau e com o depoimento do ventríloquo, pelo qual sentiu de imediato uma grande simpatia, e quando chegou a sua vez a primeira coisa que fez foi dirigir ao ventríloquo umas tantas palavras de ânimo, apesar das veladas advertências de Reinaldo, que sorriu e piscou o olho para ela dando a entender que o ventríloquo era meio maluco e que não lhe desse bola. Mas Florita deu bola sim e perguntou a ele pela saúde, perguntou quantas horas dormia, quantas refeições fazia por dia e onde, e embora as respostas do ventríloquo fossem bastante irônicas, feitas de cara para o público, em busca do aplauso ou da fugaz simpatia, elas foram mais que o suficiente para que a Santa lhe recomendasse (com certa veemência, além do mais) uma ida a um acupunturista que entendesse de craniopuntura, uma técnica ótima para tratar de neuropatias com origem no sistema nervoso central. Depois olhou para Reinaldo, que se mexia inquieto na cadeira, e pôs-se a falar da sua última visão. Disse que tinha visto mulheres mortas e meninas mortas. Um deserto. Um oásis. Como nos filmes em que aparece a Legião Estrangeira francesa e árabes. Uma cidade. Disse que na cidade matavam meninas. Enquanto falava tentando lembrar com a maior exatidão possível de sua visão, se deu conta de que estava a ponto de entrar em transe e ficou envergonhadíssima, pois às vezes, não muitas, os transe eram exagerados e terminavam com a médium se arrastando pelo chão, coisa que ela não queria que acontecesse na primeira vez que ia à televisão. Mas o transe, a possessão, avançava, ela o sentia no peito e nas pulsações, e não havia jeito de pará-lo por mais que resistisse, e suasse, e sorrisse ante as perguntas de Reinaldo, que lhe perguntava se estava se sentindo bem, Florita, se queria que as auxiliares de palco lhe trouxessem um copo d'água, se a luz e os refletores e o calor a incomodavam. Ela tinha medo de falar, pois na possessão, às vezes, a primeira coisa de que se apoderava era da língua. E embora quisesse, pois teria significado um grande descanso, tinha medo de fechar os olhos, já que quando os olhos se fechavam, precisamente, você via exatamente o que a possessão via, de modo que Florita manteve os olhos abertos e a boca fechada (mas arqueada num sorriso muito agradável e enigmático), observando o ventríloquo que ora olhava para ela, ora para seu boneco, como se não entendesse nada, mas, isso sim, farejasse o perigo, o momento da revelação não solicitada e posteriormente tampouco entendida, essa classe de revelação que passa diante de nós nos deixando somente a certeza de um vazio, um vazio que logo escapa até da palavra que o contém. E o ventríloquo sabia que isso era muito perigoso. Perigoso principalmente para as pessoas como ele, hipersensíveis, de espírito artístico e com feridas ainda não cicatrizadas por completo. E Florita também olhava para Reinaldo quando se cansava de olhar para o ventríloquo, e ele lhe dizia: Florita, não vá ficar inibida, não vá ficar tímida, considere este programa como se

fosse a sua casa. E também olhava, embora menos, para o público, onde estavam sentadas várias amigas suas, esperando suas palavras. Coitadinhas, pensou, que aperto devem estar passando. E então não pôde mais e entrou em transe. Fechou os olhos. Abriu a boca. Sua língua começou a trabalhar. Repetiu o que já tinha dito: um deserto muito grande, uma cidade muito grande, no norte do estado, meninas assassinadas, mulheres assassinadas. Que cidade é?, se perguntou. Diga, que cidade é? Quero saber como se chama essa cidade do demônio. Meditou por uns segundos. Estou com o nome na ponta da língua. Eu não me censuro, senhoras, ainda mais se tratando de um caso assim. É Santa Teresa! É Santa Teresa! Estou vendo claramente. Lá matam as mulheres. Matam minhas filhas. Minhas filhas!, gritou ao mesmo tempo que cobria a cabeça com um xale imaginário e Reinaldo sentia um calafrio descer como um elevador pela coluna vertebral, ou subir, ou as duas coisas ao mesmo tempo. A polícia não faz nada, disse após uns segundos, com outro tom de voz, muito mais grave e varonil, os putos dos tiras não fazem nada, só olham, mas olham o quê? Olham o quê? Nesse momento Reinaldo tentou contê-la e fazê-la parar de falar, mas não conseguiu. Xô, tire as mãos de mim, fez Florita. É preciso avisar o governador do estado, disse com a voz rouca. Não é brincadeira. O doutor José Andrés Briceño tem de saber disso, tem de ficar a par do que fazem com as mulheres e as meninas dessa bela cidade de Santa Teresa. Uma cidade que não só é bela mas também industriosa e trabalhadora. É preciso romper o silêncio, amigas. O doutor José Andrés Briceño é um homem bom e íntegro e não vai deixar impunes tantos assassinatos. Tanta negligência e tanta obscuridade. Depois fez voz de menina e disse: algumas vão num carro preto, mas são mortas em qualquer lugar. Depois disse, com a voz bem timbrada: pelo menos poderiam respeitar as virgens. Ato contínuo deu um pulo, perfeitamente captado pelas câmeras do estúdio 1 da tevê de Sonora, e caiu no chão como que derrubada por uma bala. Reinaldo e o ventríloquo foram rápido acudi-la mas quando tentavam levantá-la, cada um por um braço, Florita rugiu (nunca na vida Reinaldo a tinha visto assim, propriamente uma erínia): não me toquem, seus putos insensíveis! Não se preocupem comigo! Será que não entendem do que estou falando? Depois se levantou, olhou para o público, aproximou-se de Reinaldo e perguntou o que tinha acontecido, e ato contínuo pediu desculpas olhando diretamente para a câmera.

Por aqueles dias Lalo Cura encontrou uns livros na delegacia, que ninguém lia e que pareciam destinados a ser alimento dos ratos, no alto das prateleiras entupidas de relatórios e pastas que todo o mundo havia esquecido. Levou-os para casa. Eram oito livros e, de início, para não abusar, levou três: *Técnicas para o instrutor policial*, de John C. Klotter, *O informante na investigação policial*, de Malachi L. Harney e John C. Cross, e *Métodos modernos de investigação policial*, de Harry Söderman e John J. O'Connell. Uma tarde comentou com Epifanio o que havia feito e este disse que eram livros enviados do DF ou de Hermosillo, que ninguém lia. De modo que acabou levando para casa os cinco que havia deixado. O que mais gostava (e o primeiro que leu) foi *Métodos modernos de investigação policial*. Ao contrário do que o título anunciava, o livro havia sido escrito fazia muito tempo.

A primeira edição mexicana datava de 1965. A edição que ele tinha era a décima reimpressão, de 1992. De fato, no prólogo da quarta edição, que aqui se reproduzia, Harry Söderman se queixava de que a morte de seu querido amigo, o finado inspetor geral John O'Connell, havia feito recair sobre seus ombros a tarefa da revisão. E mais adiante dizia: neste trabalho de modificação (do livro) senti muita falta da inspiração, da rica experiência e da valiosa colaboração do finado inspetor O'Connell. Provavelmente, pensou Lalo Cura ao ler o livro clareado por uma precária lâmpada durante as noites do cortiço ou iluminado pelos primeiros raios de sol que filtravam por sua janela aberta, o próprio Söderman já devia estar morto fazia tempo, e ele nunca saberia. Mas isso não importava, ao contrário, essa falta de certeza se transformava num estímulo a mais para ler. E lia, e às vezes ria do que diziam o sueco e o gringo, outras vezes ficava espantado, como se lhe houvessem dado um tiro na cabeça. Naqueles dias, também, a rápida solução do assassinato de Silvana Pérez ocultou em parte os anteriores fracassos policiais e a notícia saiu na televisão de Santa Teresa e nos jornais da cidade. Alguns policiais pareciam mais contentes que de costume. Numa cafeteria, Lalo Cura encontrou uns policiais jovens, de entre dezenove e vinte anos, que comentavam o caso. Como é possível, disse um deles, que Llanos a estuprasse, se era seu marido? Os outros riram, mas Lalo Cura levou a pergunta a sério. Ele a estuprou porque a forçou, porque a obrigou a fazer uma coisa que ela não queria, disse. Caso contrário, não seria estupro. Um dos policiais jovens perguntou a ele se pensava estudar Direito. Quer virar doutor, cabra? Não, respondeu Lalo Cura. Os outros olharam para ele como se ele estivesse se fazendo de implicante. De resto, em dezembro de 1994 não houve mais assassinatos de mulheres, pelo menos que se soubesse, e o ano terminou em paz.

Antes de acabar o ano de 1994, Harry Magaña viajou para Chucarit e localizou a moça que escrevia cartas de amor a Miguel Montes. Ela se chamava María del Mar Enciso Montes e era prima de Miguel. Tinha dezessete anos e estava apaixonada por ele desde os doze. Era muito magra e tinha cabelos castanhos, queimados pelo sol. Perguntou a Harry Magaña por que queria ver seu primo, Harry disse que era seu amigo e falou de um dinheiro que certa noite Miguel tinha lhe emprestado. Depois a moça apresentou-o aos pais, que tinham um pequeno armazém onde também vendiam peixes em salmoura, que eles mesmos compravam dos pescadores, percorrendo a costa de Huatabampo até Los Médanos, às vezes até mais ao norte, até Isla Lobos, onde quase todos os pescadores eram índios e tinham câncer de pele, a que não pareciam dar importância, e quando enchiam de peixe a caminhonete voltavam para Chucarit, depois eles próprios tratavam de salgá-los. Harry Magaña simpatizou com os pais de María del Mar. Naquela noite ficou lá para jantar. Mas antes saiu e percorreu Chucarit em companhia da moça à procura de um lugar onde pudesse comprar alguma coisa, um mimo para os pais que tinham aberto as portas de casa para ele com tanta hospitalidade. Não encontrou nada, salvo um bar aberto onde quis comprar uma garrafa de vinho. A moça o aguardou do lado de fora. Quando saiu ela perguntou se queria conhecer a casa de Miguel. Harry disse que sim. O carro rumou então para os arredores de Chucarit. Sob a proteção de

umas árvores, uma velha casa de adobe se mantinha de pé. Não mora mais ninguém lá, disse María del Mar. Harry Magaña desceu do carro e viu um chiqueiro, um curral com a cerca destrocada e as tábuas apodrecidas, um galinheiro onde algo se mexeu, talvez um rato ou uma cobra. Depois empurrou a porta e um bafo de bicho morto lhe bateu na cara. Teve um pressentimento. Voltou ao carro, pegou a lanterna e voltou à casa. Desta vez María del Mar ia atrás dele. No quarto descobriu vários pássaros mortos. Focalizou com a lanterna a parte de cima, entre as vigas feitas de galhos dava para ver parte do forro onde se amontoavam objetos ou excrescências naturais inidentificáveis. O primeiro a ir embora foi Miguel, disse María del Mar no escuro. Depois sua mãe morreu e o pai aguardou um ano vivendo sozinho aqui. Um dia não o vimos mais. Para minha mãe, ele se matou. Para meu pai, foi para o norte procurar Miguel. Não tinham mais filhos? T tinham, respondeu María del Mar, mas morreram ainda bebês. Você também é filha única?, perguntou Harry Magaña. Não, aconteceu a mesma coisa com a minha família. Todos os meus irmãos mais velhos ficaram doentes e morreram quando nenhum ainda tinha passado dos seis. Sinto muito, fez Harry Magaña. O outro quarto era mais escuro ainda. Mas não recendia a morto. Que coisa mais estranha, pensou Harry. Recendia a vida. Talvez a vida suspensa, a visitas fugazes, a risadas de gente ruim, mas a vida. Quando saíram a moça lhe mostrou o céu de Chucarit cheio de estrelas. Espera que Miguel volte um dia?, perguntou Harry Magaña. Espero que volte, mas não sei se vai voltar. Onde você acha que ele está agora? Não sei, disse María del Mar. Em Santa Teresa? Não, disse, se estivesse lá você não teria vindo a Chucarit, não é? É, disse Harry Magaña. Antes de ir embora pegou a mão da moça e disse que Miguel Montes não a merecia. A moça sorriu. Tinha dentes miúdos. Mas eu mereço ele, falou. Não, disse Harry Magaña, você merece coisa muito melhor. Naquela noite, depois de jantar na casa da moça, rumou novamente para o norte. De madrugada chegou a Tijuana. A única coisa que sabia do amigo de Miguel Montes em Tijuana era que se chamava Chucho. Pensou em procurar nos bares e discotecas de Tijuana um garçom ou barman com esse nome, mas não tinha tanto tempo. Nem conhecia ninguém na cidade que pudesse ajudar. Ao meio-dia telefonou para um velho conhecido que morava na Califórnia. Sou eu, Harry Magaña, falou. O sujeito respondeu que não se lembrava de nenhum Harry Magaña. Faz uns cinco anos, fizemos um curso juntos em Santa Bárbara, disse Harry Magaña, não lembra? Pô, fez o outro, claro que sim, o xerife de Huntville, Arizona. Continua sendo xerife? Sim, respondeu Harry Magaña. Depois se perguntaram pela saúde das respectivas mulheres. O policial de East Los Angeles disse que a dele ia bem, cada dia mais gorda. Harry disse que a dele tinha morrido fazia quatro anos. Uns meses depois de ter feito o curso em Santa Bárbara. Sinto muito, disse o outro. Tudo bem, disse Harry Magaña, e os dois guardaram um silêncio incômodo por um instante, até que o policial perguntou como tinha morrido. Câncer, disse Harry, foi rápido. Você está em Los Angeles, Harry?, quis saber o outro. Não, não, estou perto, estou em Tijuana. O que foi fazer em Tijuana? Está de férias? Não, não, disse Harry Magaña. Estou procurando um cara. Procuro por conta própria, entende? Mas só tenho um nome. Quer que te ajude?, perguntou o policial. Não seria mal, disse Harry. De onde está ligando? De uma cabine. Ponha umas moedas e espere uns minutos, disse o policial. Enquanto esperava, Harry

pensou não em sua mulher mas em Lucy Anne Sander, depois parou de pensar em Lucy Anne e ficou observando as pessoas que passavam pela rua, algumas de chapéus feitos de papelão e pintados de preto, roxo ou laranja, todas com grandes sacolas e sorrisos, e por sua cabeça passou a ideia (mas de forma tão fugaz que ele nem sequer notou) de voltar a Huntville e esquecer todo aquele assunto. Depois ouviu a voz do policial de East Los Angeles que lhe dava um nome: Raúl Ramírez Cerezo, e um endereço: rua Oro número 401. Sabe falar espanhol, Harry?, perguntou a voz lá da Califórnia. Cada dia menos, respondeu Harry Magaña. Às três da tarde, debaixo de um sol inclemente, tocou no 401 da rua Oro. Abriu uma menina de uns dez anos vestindo uniforme escolar. Estou procurando o senhor Raúl Ramírez Cerezo, disse Harry. A menina sorriu, deixou a porta aberta e desapareceu na escuridão. A princípio Harry não soube se entrava ou se esperava do lado de fora. Talvez tenha sido o sol que o empurrou para dentro. Sentiu o cheiro de água, de plantas recentemente regadas, de vasos quentes depois de regados. Do cômodo saíam dois corredores. No final de um via-se um quintal de ladrilhos cinzentos e uma parede coberta por uma trepadeira. O outro corredor estava mais escuro ainda que o vestibulo, ou seja lá o que fosse o cômodo onde estava. O que deseja?, perguntou uma voz de homem. Estou procurando o senhor Ramírez, disse Harry Magaña. Quem é o senhor?, disse a voz. Um amigo de Don Richardson, da polícia de Los Angeles. Ora, ora, disse a voz, que interessante. E para que o senhor Ramírez pode lhe servir? Estou procurando um homem, disse Harry. Como todos, disse a voz com um tom entre melancólico e cansado. Naquela tarde acompanhou Raúl Ramírez Cerezo a uma delegacia no centro de Tijuana, onde o mexicano o deixou a sós com mais de mil prontuários. Procure aí, falou. Ao fim de duas horas encontrou um que podia se aplicar muito bem ao Chucho que procurava. É um delinquente de pouca monta, disse Ramírez quando voltou e examinou o prontuário. Ocasionalmente, exerce o proxenetismo. Podemos encontrá-lo esta noite na discoteca Wow, costuma ir lá, mas antes vamos jantar juntos, disse Ramírez. Enquanto comiam num terraço ao ar livre, o policial mexicano contou sua vida. Minha extração social é humilde, falou, e os primeiros vinte e cinco anos foram uma sucessão sem fim de obstáculos. Harry Magaña não tinha a menor vontade de ouvir a ele e sim a Chucho, mas fez que escutava. As palavras em espanhol podiam escorregar por sua pele, quando a isso se propunha e não lhe deixar a mais ínfima marca, coisa que não acontecia, apesar de também já ter tentado, com as palavras inglesas. Entendeu vagamente que a vida de Ramírez, efetivamente, não tinha sido fácil. Operações, cirurgias, uma pobre mãe acostumada com as desgraças. A má fama da polícia, às vezes certa, às vezes falsa, a cruz que todos devemos carregar. Uma cruz, pensou Harry Magaña. Depois Ramírez falou de mulheres. Mulheres de pernas abertas. Bem abertas. O que é que se vê? O que é que se vê? Meu Deus, não se fala dessas coisas quando se está comendo. Um puta buraco. Um puta furo. Uma puta rachadura, como a falha na crosta terrestre que tem na Califórnia, a falha de San Bernardino, acho que se chama assim. Tem isso na Califórnia? Primeira vez que ouço falar. Bom, disse Harry, é que eu vivo no Arizona. Muito longe, sim, senhor, disse Ramírez. Não, aqui ao lado, amanhã volto para casa, disse Harry. Depois ouviu uma longa história sobre filhos. Você ouviu alguma vez com atenção o choro de uma criança, Harry?

Não, respondeu, não tenho filhos. É verdade, disse Ramírez, desculpe, desculpe. Por que me pede desculpas?, pensou Harry. Uma mulher decente e boa. Uma mulher que você, sem querer, trata mal. Por costume. Ficamos cegos (ou, pelo menos, caolhos) por costume, Harry, até que de repente, quando nada mais tem remédio, essa mulher adoece em nossos braços. Essa mulher preocupada com todos, exceto com ela mesma, começa a murchar em nossos braços. E nem mesmo então percebemos, disse Ramírez. Será que contei a ele minha história?, pensou Harry Magaña. Terei chegado a esse grau de infâmia? As coisas não são como a gente enxerga, sussurrou Ramírez. Você acha que as coisas são como enxerga, tal qual, sem maiores problemas, sem perguntas? Não, respondeu Harry Magaña, é sempre preciso fazer perguntas. Correto, disse o policial de Tijuana, é sempre preciso fazer perguntas, e é sempre preciso se perguntar o porquê das nossas próprias perguntas. Sabe por quê? Porque nossas perguntas, ao primeiro descuido, nos dirigem para lugares aos quais não queremos ir. Consegue enxergar o miolo do assunto, Harry? Nossas perguntas são, por definição, suspeitas. Mas precisamos fazê-las. E isso é o mais foda de tudo. A vida é assim, disse Harry Magaña. Depois o policial mexicano ficou em silêncio e ambos observaram as pessoas que caminhavam pela avenida, sentindo nas faces acaloradas a brisa que soprava sobre Tijuana. Uma brisa que recendia a óleo de automóvel, a plantas secas, a laranjas, a cemitério de proporções ciclópicas. Tomamos mais uma cerveja ou vamos logo procurar o tal Chucho? Tomamos outra cerveja, disse Harry Magaña. Quando entraram na discoteca, deixou Ramírez tomar a iniciativa. Ele chamou um dos leões de chácara, um sujeito com musculatura de fisiculturista e uma regata que grudava em seu tórax como uma malha e lhe disse algo no ouvido. O leão de chácara ouviu-o com os olhos baixos, depois encarou-o e parecia que ia dizer algo, mas Ramírez disse vai, e o leão de chácara desapareceu entre as luzes da discoteca. Seguiu Ramírez até o corredor posterior. Entraram no banheiro masculino. Havia dois caras, mas assim que viram o policial caíram fora. Ramírez ficou se olhando por um instante no espelho. Lavou as mãos e o rosto, depois tirou um pente do blusão e se penteou cuidadosamente. Harry Magaña não fez nada. Ficou quieto, encostado na parede de cimento não revestida, até que Chucho apareceu na porta e perguntou o que queriam. Venha cá, Chucho, disse Ramírez. Harry Magaña fechou a porta do banheiro. Foi Ramírez quem fez as perguntas, e Chucho respondeu a todas. Conhecia Miguel Montes. Era amigo de Miguel Montes. Que soubesse, Miguel Montes ainda morava em Santa Teresa, onde vivia com uma puta. Não sabia o nome da puta, mas sabia que era moça e que tinha trabalhado certo tempo numa casa chamada Asuntos Internos. Elsa Fuentes?, perguntou Harry Magaña, e o cara se virou, olhou para ele e fez que sim. Tinha o olhar turvo dos pobres diabos que sempre perdem. Acho que se chama assim, falou. E como posso saber, Chuchito, que você não está mentindo?, indagou Ramírez. Porque ao senhor eu nunca minto, *boss*, disse o proxeneta. Mas preciso confirmar, Chuchito, disse o policial mexicano sacando um canivete do bolso. Era um canivete automático, com cabo de madrepérola e uma fina lâmina de aço de quinze centímetros. Eu nunca minto, *boss*, gemeu Chucho. Isso é importante para o meu amigo, Chuchito, como posso saber que você não vai telefonar para Miguel Montes assim que sairmos? Eu nunca faria isso, nunca, nunca, em se tratando do senhor, *boss*, essa

ideia nem poderia me passar pela cabeça. O que fazemos, Harry?, perguntou o policial mexicano. Acho que esse babaca não está mentindo, disse Harry Magaña. Quando abriu a porta do banheiro viu do outro lado duas putas de baixa estatura e o leão de chácara do estabelecimento. As putas eram cheinhas e deviam ser sentimentais, pois quando viram Chucho são e salvo correram para abraçá-lo entre risos e lágrimas. Ramírez foi o último a sair do banheiro. Algum problema?, perguntou ao leão de chácara. Nenhum, respondeu este com uma voz fininha. Tudo bem, então? Suave, disse o gorila. Ao saírem à rua encontraram uma fila de gente jovem que pretendia entrar na discoteca. Harry Magaña distinguiu, no final da calçada, a figura de Chucho que andava abraçado com suas duas putas. Sobre ele pendia uma lua cheia que lhe trouxe lembranças do mar, um mar que ele havia visitado em não mais de três ocasiões. Vai para a cama, disse Ramírez quando ficou ao lado de Harry Magaña. Medo demais, emoções demais para não desejar uma poltroninha, um copinho de uísque, um programinha de tevê e uma comidinha preparada por suas duas piranhas. A verdade verdadeira é que elas só servem mesmo pra cozinhar, disse o policial mexicano como se conhecesse as putas desde a escola primária. Na fila havia também alguns turistas americanos que falavam aos gritos. O que você vai fazer agora, Harry?, perguntou Ramírez. Vou para Santa Teresa, respondeu Harry Magaña olhando para o chão. Naquela noite seguiu o caminho das estrelas. Ao cruzar o rio Colorado viu um aerólito no céu, ou uma estrela cadente, e formulou em silêncio um desejo, tal como sua mãe havia lhe ensinado. Percorreu a rodovia solitária de San Luis a Los Vidrios. Parou aí, tomou duas xícaras de café num restaurante sem pensar em nada, sentindo como o líquido quente descia por seu esôfago e o queimava. Depois percorreu a rodovia Los Vidrios-Sonoyta e então rumou para o sul, para Caborca. Enquanto procurava a saída passou pelo centro da cidadezinha, tudo parecia fechado, menos o posto de gasolina. Foi para leste e atravessou Altar, Pueblo Nuevo e Santa Ana, até alcançar a rodovia de quatro pistas que ia para Nogales e Santa Teresa. Chegou à cidade às quatro da manhã. Na casa de Demetrio Águila não encontrou ninguém, por isso não deitou nem um instante na cama. Lavou o rosto e os braços, esfregou com água fria o peito e as axilas, e pegou na mala uma camisa limpa. O Assuntos Internos ainda não havia fechado quando chegou e pediu para ver a madame. O cara com quem falou olhou debochado para ele. Estava atrás de um balcão de madeira lavrada, um cenário concebido para uma só pessoa, um animador ou um apresentador de números, e parecia mais alto do que era. Aqui não tem nenhuma madame, senhor, respondeu. Então gostaria de falar com o encarregado, disse Harry Magaña. Não tem nenhum encarregado, senhor. Quem é que manda?, perguntou Harry Magaña. Tem uma *encarregada*, senhor. Nossa encarregada de relações públicas, senhor. A senhorita Isela. Harry Magaña tentou sorrir e disse que queria falar um minuto com a senhorita Isela. Suba à discoteca e pergunte por ela, disse o animador. Harry Magaña entrou num salão e viu um homem de bigode branco dormindo numa poltrona. As paredes eram cobertas de tecido vermelho, almofadado, como se o salão fosse a cela de segurança de um manicômio de putas. Na escada, com o corrimão também atapetado de vermelho, cruzou com uma puta que acompanhava um cliente e agarrou-a pelo braço. Perguntou se Elsa Fuentes ainda trabalhava ali. Sai fora, disse a puta, e continuou a

descer. Na discoteca havia bastante gente, mas a música que se ouvia eram boleros ou tristes *danzones* do sul. Os pares mal se moviam no escuro. Com dificuldade localizou um garçom e perguntou onde podia encontrar a senhorita Isela. O garçom indicou uma porta na outra extremidade da discoteca. A senhorita Isela estava acompanhada por um homem de uns cinquenta anos, de terno preto e gravata amarela. Quando o convidaram a sentar, o tipo se afastou e se encostou na janela que dava para a rua. Harry Magaña disse que procurava Elsa Fuentes. Posso saber por quê?, quis saber a senhorita Isela. Por nenhum motivo bom, respondeu Harry Magaña com um sorriso. A senhorita Isela riu. Era magra e bem proporcionada, tinha tatuada no ombro esquerdo uma borboleta azul e provavelmente ainda não havia feito vinte e dois anos. O tipo da janela tentou rir mas só saiu uma careta que mal fez tremer seu lábio superior. Não trabalha mais aqui, disse a senhorita Isela. Quanto tempo faz?, perguntou Harry Magaña. Um mês, algo assim, disse a senhorita Isela. Sabe onde eu poderia encontrá-la? A senhorita Isela olhou para o homem da janela e perguntou a ele se podia dizer. Por que não?, fez o homem. Se não lhe dermos a dica, vai conseguir de outro jeito. Este gringo parece teimoso. É verdade, disse Harry Magaña, sou teimoso. Então acabe logo com esse suspense, Iselita, e diga pra ele onde mora Elsa Fuentes, disse o homem. A senhorita Isela tirou de uma gaveta um livro de contabilidade de capa grossa, bastante comprido, e procurou nas suas folhas. Elsa Fuentes mora, pelo que sabemos, na rua Santa Catarina, 23. Onde fica isso?, perguntou Harry Magaña. Na colônia Carranza, disse a senhorita Isela. Vá perguntando por aí que chega lá, disse o homem. Harry Magaña se levantou e agradeceu. Antes de ir embora, virou-se e esteve a ponto de perguntar se conheciam ou tinham ouvido falar de Miguel Montes, mas se arrependeu a tempo e não disse nada.

Foi difícil chegar à rua Santa Catarina, mas acabou chegando. A casa de Elsa Fuentes tinha paredes caiadas e porta de ferro. Bateu duas vezes. As casas vizinhas estavam em completo silêncio, se bem que havia cruzado na rua com três mulheres que saíam para trabalhar. As três mulheres se juntaram mal saíram de suas casas e desapareceram rapidamente depois de lançarem um olhar para o seu carro. Sacou o canivete, se agachou e abriu a porta sem dificuldade. Na parte de dentro, a porta tinha um ferro que fazia as vezes de tranca e que não estava fechado, pelo que supôs que não havia ninguém. Fechou a porta, deixou cair o ferro e começou a busca. Os cômodos não ofereciam um aspecto de abandono, mas de decência não isenta de coqueteria. Nas paredes havia cântaros pendurados, um violão, ramalhetes de ervas medicinais que exalavam um cheiro bom. O quarto de Elsa Fuentes estava com a cama desfeita, no mais, no entanto, seu aspecto era impecável. A roupa no armário estava arrumada, em cima da mesinha de cabeceira havia várias fotografias (em duas delas aparecia junto de Miguel Montes), a poeira não tivera tempo para se acumular no chão. A geladeira exibia bastante comida. Não havia acendido nada, nem sequer uma vela junto da imagem de uma santa, tudo parecia disposto para esperar o regresso da mulher. Procurou indícios da estada de Miguel Montes ali, mas não encontrou nada. Sentou numa

poltrona da sala decidido a esperar. Não soube em que momento adormeceu. Quando acordou, porém, já era meio-dia e ninguém havia tentado abrir a porta. Foi à cozinha e procurou alguma coisa para comer. Tomou um copo grande de leite depois de verificar a data de validade na embalagem. Pegou uma maçã num cesto de plástico junto da janela e comeu-a enquanto tornava a revistar todos os cantos da casa. Não quis fazer café para não acender o fogão. Na cozinha a única coisa que estava passada era o pão, que havia endurecido. Procurou um caderno de endereços, uma reserva de passagem de ônibus, algum mínimo sinal de luta que tivesse passado despercebido. Revistou o banheiro, olhou embaixo da cama de Elsa Fuentes, remexeu o saco de lixo. Abriu três caixas de sapatos e só achou sapatos. Olhou embaixo do colchão. Levantou os três tapetes pequenos, todos com motivos árabes, sinais da coqueteria de Elsa Fuentes, e não encontrou nada. Ocorreu-lhe então examinar o forro do teto. No quarto e na sala não havia nada. Na cozinha, porém, distinguiu uma fissura. Subiu numa cadeira e futucou com o canivete até o gesso cair no chão. Aumentou o buraco e enfiou a mão. Encontrou uma sacola de plástico com dez mil dólares e uma caderneta. Guardou o dinheiro no bolso e folheou a caderneta. Havia números de telefone sem nome nem indicações, como que dispostos ao acaso. Supôs serem clientes. Uns poucos números tinham um nome, Mamãe, Miguel, Lupe, Juana e outros que apareciam com seus apelidos, provavelmente colegas de trabalho. Entre os telefones reconheceu alguns que não eram do México, mas do Arizona. Guardou a caderneta com o dinheiro e decidiu que já era hora de ir embora. Estava nervoso e o corpo pedia aos gritos umas xícaras de café. Ao ligar o carro teve a impressão de que o espiavam. Tudo, no entanto, estava tranquilo e só umas crianças corriam jogando futebol no meio da rua. Tocou a buzina e as crianças demoraram um bocado para se afastar. Pelo retrovisor viu que uma Rand Charger aparecia do outro lado da rua. Rodou suavemente e deixou a Rand Charger alcançá-lo. O motorista e o cara que o acompanhava não demonstraram o menor interesse por ele e na esquina a Rand Charger passou e deixou-o para trás. Dirigiu até o centro e parou num restaurante bastante concorrido. Pediu um prato de ovos mexidos com presunto e uma xícara de café. Enquanto esperava a comida foi ao balcão e perguntou a um rapaz se podia telefonar. O rapaz, que vestia uma camisa branca e uma gravata-borboleta preta, perguntou se queria telefonar para os Estados Unidos ou para o México. Para aqui, para Sonora, respondeu Harry Magaña, tirando a caderneta e mostrando os números. Okey, disse o rapaz, telefone para onde quiser, depois eu lhe passo a conta, está bem? Correto, disse Harry Magaña. O rapaz pôs o telefone do lado, depois foi atender outros clientes. Primeiro telefonou para a mãe de Elsa Fuentes. Atendeu uma mulher. Perguntou por Elsa. Elsita não está, disse a mulher. A senhora não é a mãe dela?, indagou. Sim, sou a mãe dela, mas Elsita mora em Santa Teresa, respondeu a mulher. E para onde estou telefonando então?, perguntou Harry Magaña. Como?, fez a mulher. Onde a senhora mora? Em Toconilco, disse a mulher. E isso fica onde, senhora?, perguntou Harry Magaña. No México, senhor, respondeu a mulher. Mas em que lugar do México? Perto de Tepehuanes, respondeu a mulher. E Tepehuanes fica onde?, vociferou Harry Magaña. Ora, em Durango, senhor. No estado de Durango?, indagou Harry Magaña anotando numa folha de papel a palavra Toconilco, a palavra Tepehuanes e finalmente a

palavra Durango. Antes de desligar pediu o endereço. A mulher deu, de forma arrevesada, mas sem pôr nenhum reparo. Vou lhe mandar um dinheiro da parte da sua filha, disse Harry Magaña. Deus lhe pague, respondeu a mulher. Não, senhora, a mim não, à sua filha, disse Harry Magaña. Então que assim seja, que Deus pague à minha filha e ao senhor também. Depois fez um sinal para o rapaz da gravata-borboleta, dando-lhe a entender que ainda não havia terminado e voltou para a mesa onde o esperavam seus ovos mexidos e sua xícara de café. Antes de telefonar novamente pediu que repetissem o café, e com a xícara na mão foi mais uma vez para o balcão. Discou o número de Miguel Montes (se bem que podia ser outro Miguel, pensou) e, como temia, ninguém atendeu a chamada. Depois ligou para a tal de Lupe e a conversa foi mais caótica ainda do que a que acabava de ter com a mãe de Elsa Fuentes. O que conseguiu tirar a limpo foi que Lupe morava em Hermosillo, que não queria saber nem de Elsa Fuentes nem de Santa Teresa, que de fato havia conhecido Miguel Montes mas que também não queria saber dele (se é que ainda estava vivo), que sua vida em Santa Teresa havia sido um equívoco do começo até o fim e que não queria se equivocar duas vezes. Em seguida telefonou para outras duas mulheres, a que aparecia sob a epígrafe Juana e uma (ou um, pois não estava claro se era mulher) que aparecia sob o apelido de Vaca. Os dois telefones, informou uma voz pré-gravada, estavam fora de uso. A última tentativa fez quase ao acaso. Ligou para um dos telefones do Arizona. Uma voz de homem, deformada pela secretária eletrônica, pediu que deixasse um recado, que ele se encarregaria de telefonar. Pediu a conta. O rapaz da gravata-borboleta fez uma operação matemática num papel que tirou do bolso e perguntou se tinha comido bem. Muito bem, disse Harry Magaña. Fez a sesta na casa de Demetrio Águila, na rua Luciérnaga, e sonhou com uma rua de Huntville, a principal, batida por uma tempestade de areia. É preciso ir procurar as meninas do ateliê de miçangas!, gritava alguém às suas costas, mas ele não dava atenção e continuava mergulhado na leitura de uma pilha de documentos, papéis xerocados que pareciam escritos numa língua que não era deste mundo. Ao acordar tomou uma chuveirada de água fria e se enxugou com uma toalha branca, grande, agradável ao tato. Depois telefonou para o auxílio à lista e deu o número de Miguel Montes. Perguntou em que lugar da cidade estava registrado aquele número. A mulher que o atendeu pediu para esperar um instante, depois recitou o nome de uma rua e um número. Antes de desligar perguntou em nome de quem estava registrado o telefone. Em nome de Francisco Díaz, senhor, disse a telefonista. Começava a anoitecer rapidamente em Santa Teresa quando Harry Magaña chegou à rua Portal de San Pablo, que corria paralela à avenida Madero-Centro, num bairro que ainda conservava os vestígios do que havia sido: casas de um ou dois andares, feitas de cimento e tijolo, de classe média, habitado antigamente por funcionários públicos e profissionais liberais jovens. Nas calçadas agora só se viam velhos e grupos de adolescentes que passavam correndo ou de bicicleta ou montados em carros caindo aos pedaços, sempre depressa, como se tivessem algo de muito urgente a fazer naquela noite. Na realidade, o único que tem algo de urgente a fazer sou eu, pensou Harry Magaña, e permaneceu dentro do carro, sem se mexer, até que tudo ficou às escuras. Atravessou a rua sem que ninguém o visse. A porta era de madeira e não parecia difícil de abrir. Empunhou o canivete e a fechadura não resistiu. Da sala saía um

corredor comprido que acabava num quintalzinho iluminado pelas luzes de um quintal vizinho. Tudo estava na mais completa desordem. Ouviu os ruídos abafados de uma televisão de outra casa e um suspiro. Soube de imediato que não estava sozinho. Nesse momento Harry Magaña lamentou não estar armado. Espiou no primeiro quarto. Um sujeito atarracado, de costas largas, estava tirando um fardo volumoso de debaixo da cama. A cama era baixa e era difícil tirar o volume. Quando por fim conseguiu e começou a arrastá-lo para o corredor, o tipo se virou e olhou para ele sem surpresa. O volume estava enrolado num plástico e Harry Magaña sentiu que a náusea e a raiva o estavam sufocando. Por um instante os dois permaneceram imóveis. O sujeito atarracado usava um macacão preto, provavelmente o macacão oficial de uma maquiladora, e sua expressão era de chateação e até de vergonha. O trabalho pesado sobra para mim, parecia dizer. Com um sentimento de fatalidade Harry Magaña pensou que na realidade não estava ali, a poucos minutos do centro, na casa de Francisco Díaz, que era o mesmo que não estar na casa de ninguém mas no campo, entre a poeira e o mato, numa casinha com curral para os animais, um galinheiro e um forno a lenha, no deserto de Santa Teresa ou em qualquer deserto. Ouviu alguém fechar a porta de entrada e depois passos na sala. Uma voz que chamava o sujeito atarracado. Também ouviu este responder: estou aqui, com nosso camarada. A raiva aumentou. Desejou cravar o canivete no coração do sujeito. Pulou em cima dele olhando de viés, desesperado, para as duas sombras que já havia visto a bordo da Rand Charger e que avançavam pelo corredor.

O ano de 1995 foi inaugurado com o achado, no dia 5 de janeiro, de outra morta. Desta vez se tratava de um esqueleto enterrado a pouca profundidade num pasto pertencente ao assentamento Hijos de Morelos. Os camponeses que o desenterraram não sabiam que se tratava de uma mulher. Pensaram, ao contrário, que se tratava de um homem baixinho. Junto ao esqueleto não havia roupas nem nada que identificasse os despojos. Do assentamento avisaram a polícia, que demorou seis horas para aparecer e que, além de tomar a declaração de todos os que haviam participado do achado, fez perguntas sobre se faltava algum camponês, se tinham ocorrido brigas recentemente, se o comportamento de algum camponês havia variado nos últimos tempos. Claro, dois jovens tinham ido embora do assentamento, como acontecia todos os anos, para Santa Teresa, Nogales ou para os Estados Unidos. Brigas, havia sempre, mas nunca sérias. O comportamento dos camponeses variava, dependendo da estação do ano, da colheita, do pouco gado que lhes restava, enfim, da economia, como o de todo o mundo. O legista de Santa Teresa não demorou a comprovar que o esqueleto pertencia a uma mulher. Se a isso se acrescentasse que não havia roupas ou restos de roupas no buraco onde foi enterrada, a conclusão era mais clara que água: tratava-se de um assassinato. Como havia sido assassinada? Isso ele não podia dizer. Quando? Provavelmente fazia uns três meses, mas sobre este último ponto preferia não arriscar nenhum juízo contundente, pois a decomposição de um cadáver é variável, de modo que, se alguém quisesse uma data exata, o melhor era levar a ossada para o Instituto Anatômico

Forense de Hermosillo ou, melhor ainda, do DF. A polícia de Santa Teresa emitiu um comunicado público no qual, vagamente, o que fazia no fim das contas era se eximir de qualquer responsabilidade. O assassino podia muito bem ser um motorista vindo do estado de Baja California e se dirigindo para Chihuahua, e a morta uma carona pega em Tijuana, assassinada em Saric e enterrada, por acaso, ali.

No dia 15 de janeiro apareceu a morta seguinte. Tratava-se de Claudia Pérez Millán. O corpo foi encontrado na rua Sahuaritos. A assassinada vestia um suéter preto e tinha dois anéis de bijuteria em cada mão, além da aliança de casamento. Não estava de saia nem de calcinha, mas estava calçada com sapatos de imitação de couro, vermelhos, sem salto. O corpo, que havia sido violentado e estrangulado, estava enrolado num cobertor branco, como se o assassino planejasse transportar o corpo para outro lugar e de repente houvesse se decidido ou as circunstâncias o tivessem obrigado a abandoná-lo detrás de uma lata de lixo da rua Sahuaritos. Claudia Pérez Millán tinha trinta e um anos e vivia com o marido e dois filhos na rua Marquesas, não longe de onde foi encontrado o cadáver. Quando a polícia se apresentou em seu domicílio ninguém abriu a porta, embora fossem audíveis o choro e os gritos vindos de dentro. Providos da ordem judicial apropriada, a porta do domicílio da morta foi arrombada e num dos quartos da casa, trancados à chave, foram encontrados os menores de idade Juan Aparicio Pérez e seu irmão, Frank Aparicio Pérez. No quarto havia um balde de água potável e dois pacotes de pão de forma. Interrogados os menores em presença de um psicólogo infantil, os dois admitiram que fora o pai, Juan Aparicio Regla, que os havia trancado na noite anterior. Depois ouviram barulhos e gritos, mas não precisaram quem gritava nem quem produzia os barulhos, até que dormiram. Na manhã seguinte não havia mais ninguém na casa e quando ouviram a polícia desataram a berrar. O suspeito Juan Aparicio Regla possuía um carro, que também não foi encontrado, pelo que se deduz que fugiu nele depois de cometer o uxoricídio. Claudia Pérez Millán trabalhava de garçonne numa cafeteria do centro. Juan Aparicio Regla não tinha profissão conhecida, alguns acreditavam que trabalhava numa maquiladora, outros que era “galinheiro”, atravessando emigrantes para os Estados Unidos. Lançou-se uma ordem imediata de busca e captura, mas quem sabia das coisas tinha certeza de que nunca mais tornariam a vê-lo pela cidade.

Em fevereiro morreu María de la Luz Romero. Tinha catorze anos, media um metro e cinquenta e oito, usava cabelos até a cintura, mas pensava em cortá-los qualquer dia desses, como havia confessado a uma das irmãs. Trabalhava fazia pouco na maquiladora EMSA, uma das mais antigas de Santa Teresa, que não ficava em nenhum parque industrial mas no meio da colônia La Preciada, como uma pirâmide cor de melão, com seu altar de sacrifícios oculto detrás das chaminés e dos enormes portões por onde entravam os operários e os caminhões. María de la Luz Romero saiu às sete da noite de casa, acompanhada por umas amigas que tinham ido buscá-la. Disse aos irmãos que ia dançar no Sonorita, uma discoteca operária

situada nos limites da colônia San Damián com a colônia Plata, e que comeria alguma coisa por lá. Seus pais não estavam em casa porque naquela semana faziam o turno da noite. María de la Luz, de fato, comeu com as colegas, de pé, numa caminhonete que vendia *tacos* e *quesadillas* na calçada em frente à discoteca, na qual entraram às oito da noite, encontrando-a repleta de jovens que conheciam, seja porque também trabalhavam na EMSA, seja porque os tinham visto no bairro. Segundo uma de suas amigas, María de la Luz dançou sozinha, ao contrário das outras que já tinham namorados ou conhecidos. Em duas ocasiões, porém, foi abordada por dois jovens diferentes que quiseram convidá-la para uma bebida ou um refresco, o que María de la Luz recusou, da primeira vez porque não gostava do rapaz, da segunda por timidez. Às onze e meia da noite foi embora, em companhia de uma amiga. As duas moravam mais ou menos perto e voltar juntas era muito mais agradável do que sozinhas. Elas se separaram umas cinco ruas antes da casa de María de la Luz. Aí se perde seu rastro. Interrogados alguns moradores que residiam no trajeto que ainda lhe faltava fazer, todos declararam não ter ouvido nenhum grito nem tampouco algum pedido de socorro. Seu cadáver apareceu dois dias depois, na beira da rodovia de Casas Negras. Havia sido estuprada e golpeada na cara várias vezes, em certos momentos com especial violência, apresentando-se inclusive uma fratura no palatino, coisa muito pouco comum num espancamento e que levou o legista a supor (mas é claro que com a mesma velocidade descartou a ideia) que durante o sequestro o carro em que María de la Luz era transportada tivesse sofrido um acidente na estrada. A morte havia sido produzida pelas facadas que exibia no tórax e no pescoço, afetando os pulmões e múltiplas artérias. O caso foi investigado pelo policial judiciário Juan de Dios Martínez, que tornou a interrogar as amigas que a tinham acompanhado à discoteca, o dono e alguns garçons da discoteca, e os moradores das casas ao longo das cinco ruas que María de la Luz havia percorrido ou tentado percorrer a sós antes de ser sequestrada. Os resultados foram decepcionantes.

Em março não apareceu nenhuma morta na cidade, mas em abril apareceram duas, com poucos dias de diferença, e também as primeiras críticas à atuação da polícia, incapaz não só de parar a onda (ou o gotejar incessante) de crimes sexuais mas também de prender os assassinos e devolver a paz e a tranquilidade a uma cidade de natureza laboriosa. A primeira morta foi encontrada num quarto do hotel Mi Reposo, no centro de Santa Teresa. Estava debaixo da cama, enrolada num lençol, vestindo unicamente um sutiã branco. Segundo o gerente do Mi Reposo, o quarto da morta era de um cliente, de nome Alejandro Peñalva Brown, que o tinha alugado fazia três dias e do qual não se tinha notícia. Interrogados, as funcionárias da limpeza e os dois recepcionistas declararam que o citado Peñalva Brown só tinha se deixado ver no primeiro dia da sua estada no hotel. As faxineiras, por sua vez, juraram que no segundo e no terceiro dia não haviam encontrado nada debaixo da cama, mas essa última afirmação, segundo a polícia, bem podia ser um embuste para encobrir a falta de esmero com que limpavam os quartos. No livro de registro do hotel, o endereço que Peñalva Brown havia deixado era de Hermosillo. Avisada a polícia de Hermosillo, logo se descobriu

que o tal de Peñalva Brown nunca tinha morado naquele endereço. Nos braços da morta, uma mulher de aproximadamente trinta e cinco anos, morena e robusta, havia numerosas marcas de agulha, o que levou a polícia a investigar nos ambientes de droga da cidade, sem encontrar indícios que levassem à identificação do cadáver. Segundo o laudo médico-legal, a morte se deveu a uma overdose de cocaína de má qualidade em mau estado. Não se descartou a hipótese de que a cocaína havia sido administrada pelo suspeito Peñalva Brown, nem tampouco que este soubesse que estava lhe dando veneno. Duas semanas depois, quando os esforços tinham se concentrado no esclarecimento do crime da segunda desconhecida, duas mulheres apareceram na delegacia, onde declararam que conheciam essa morta. Ela se chamava Sofía Serrano e havia trabalhado como operária em três maquiladoras e como garçonne, e que ultimamente se virava como puta nos terrenos baldios da colônia Ciudad Nueva, atrás do cemitério. Não tinha família em Santa Teresa, só alguns amigos, todos pobres, e com isso o corpo foi entregue aos alunos da faculdade de Medicina da Universidade de Santa Teresa.

A segunda morta apareceu perto de um lixão da colônia Estrella. Havia sido violentada e estrangulada. Pouco depois foi identificada como Olga Paredes Pacheco, de vinte e cinco anos, funcionária de uma loja de roupas da avenida Real, perto do centro, solteira, um metro e sessenta de estatura, domiciliada na rua Hermanos Redondo, na colônia Rubén Darío, onde morava com a irmã mais moça, Elisa Paredes Pacheco, ambas bem conhecidas no bairro por sua simpatia, afabilidade e seriedade. Os pais haviam morrido cinco anos antes, primeiro o pai, de câncer, depois a mãe, de ataque cardíaco, num intervalo de apenas dois meses, e Olga se encarregou das responsabilidades domésticas com eficiência e naturalidade. Que se saiba, não tinha namorado. Sua irmã, de vinte e cinco anos, sim, tinha namorado, com o qual pensava se casar. O namorado de Elisa, um jovem advogado recém-formado pela Universidade de Santa Teresa, trabalhava no escritório de um advogado comercialista muito reputado na cidade, e fora isso possuía um alibi para a noite em que se supõe que Olga foi sequestrada. Muito abalado com a morte da futura cunhada, durante o interrogatório (informal) que lhe fizeram confessou não ter a mais remota ideia de quem podia querer tão mal a Olga a ponto de chegar ao extremo de matá-la e se mostrou obcecado pelo azar, pelo destino trágico que, segundo ele, rondava a família da sua namorada, primeiro com a morte dos pais, depois com a morte da irmã. As poucas amigas de Olga ratificaram o que foi dito pela irmã e pelo jovem advogado. Todo o mundo gostava dela, era uma santa-teresense como poucas, quer dizer, íntegra, de palavra, honesta e séria. Além do mais sabia se vestir, com elegância e bom gosto. Sobre o gosto no vestir o legista estava de acordo e, além disso, descobriu uma coisa curiosa no cadáver: a saia que ela usava na noite da morte e com a qual foi encontrada, estava vestida do avesso.

Em maio o cônsul americano visitou o prefeito de Santa Teresa e depois, em companhia

deste, fez uma visita informal ao chefe de polícia. O cônsul se chamava Abraham Mitchell, mas a mulher e os amigos o chamavam de Conan. Era um sujeito de um e noventa de altura e cento e cinquenta quilos de peso, com a cara sulcada por rugas e as orelhas talvez grandes demais, que adorava viver no México e acampar no deserto e só cuidava pessoalmente dos casos graves. Quer dizer que quase nunca tinha nada a fazer, salvo ir a festas representando seu país e visitar sub-repticiamente uma noite a cada dois meses, em companhia de compatriotas apreciadores das libações alcoólicas, as duas *pulquerías* mais famosas de Santa Teresa. O xerife de Huntville havia desaparecido e todas as informações disponíveis diziam que estava em Santa Teresa na última vez que foi visto. O chefe de polícia quis saber se estava em Santa Teresa em missão oficial ou como turista. Como turista, claro, disse o cônsul. Nesse caso, o que posso saber?, perguntou Negrete, passam por aqui centenas de turistas cada dia. O cônsul meditou um instante e acabou dando razão ao chefe de polícia. Melhor não mexer na merda, pensou. Mesmo assim, por deferência ao prefeito, que era seu amigo, foi permitido que ele ou a pessoa que ele considerasse idônea consultasse as fotos dos desconhecidos mortos na cidade desde novembro de 94 até aquela data, e nenhum deles foi identificado por Rory Campuzano, auxiliar do xerife, que veio de Huntville expressamente por esse motivo. Provavelmente o xerife enlouqueceu, disse Kurt A. Banks, e se suicidou no deserto. Ou está vivendo na Flórida com um travesti, disse Henderson, o outro funcionário do consulado. Conan Mitchell olhou para eles com uma expressão grave e disse que não era piedoso falar assim de um xerife dos Estados Unidos. Em maio, de resto, não morreu assassinada nenhuma mulher em Santa Teresa, e o mesmo se repetiu no mês de junho. Mas em julho apareceram duas mortas e os primeiros protestos de uma associação feminista, Mulheres de Sonora pela Democracia e a Paz (MSDP), cuja direção ficava em Hermosillo e que em Santa Teresa só tinha três filiadas. A primeira morta apareceu no pátio de uma oficina de automóveis, na rua Refugio, quase no fim, bem perto da estrada de Nogales. A mulher tinha dezenove anos e havia sido violentada e estrangulada. Seu cadáver foi encontrado dentro de um carro pronto para o desmonte. Vestia calça de brim, blusa branca ligeiramente decotada e botas de caubói. Três dias depois ficou-se sabendo que se tratava de Paula García Zapatero, moradora da colônia Lomas del Toro, operária da maquiladora TECNOSA e natural do estado de Querétaro. Morava com outras três conterrâneas e que se saiba não tinha namorado, mas havia tido uma história sentimental com dois colegas da mesma maquiladora. Eles foram localizados e interrogados durante alguns dias, e ambos puderam provar seus álibis, mas um deles acabou no hospital com um choque nervoso e três costelas quebradas. Enquanto ainda se investigava o caso de Paula García Zapatero apareceu a segunda morta de julho. Seu corpo foi achado atrás de uns depósitos da Pemex, na estrada de Casas Negras. Tinha dezenove anos, era magra, tez morena e cabelos negros e compridos. Havia sido violentada anal e vaginalmente, repetidas vezes, segundo o laudo médico-legal, e o corpo apresentava múltiplos hematomas que revelavam que haviam exercido contra ela uma violência desmedida. O corpo, no entanto, foi encontrado completamente vestido, calças de brim, calcinha preta, meias-calças marrom-claras, sutiã branco, blusa branca, peças que não exibiam nem o mais ínfimo rasgão, do que se deduzia que o assassino ou os

assassinos, depois de despi-la, molestá-la e matá-la, a tinham em seguida vestido antes de abandonar o corpo detrás dos depósitos da Pemex. O caso de Paula García Zapatero foi conduzido pelo policial judiciário Efraín Bustelo e o caso de Rosaura López Santana foi atribuído ao policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo, e ambos entraram rapidamente num beco sem saída, pois não havia nem testemunhas nem nada que ajudasse a polícia.

Em agosto de 1995 foram encontrados os corpos de sete mulheres, Florita Almada apareceu pela segunda vez na tevê de Sonora e dois policiais de Tucson estiveram em Santa Teresa fazendo perguntas. Estes últimos se reuniram com os funcionários do consulado Kurt A. Banks e Dick Henderson, já que o cônsul estava passando uma temporada em seu rancho, em Sage, Califórnia, na realidade uma cabana de madeira apodrecida, do outro lado da Ramona Indian Reservation, enquanto sua mulher descansava uns meses na casa da irmã em Escondido, perto de San Diego. A cabana tivera terras antes, mas as terras o pai de Conan Mitchell vendera e agora só restavam mil metros quadrados de jardim agreste, onde ele se distraía matando ratos-do-mato armado com uma Remington 870 Wingmaster, lendo romances de caubói e assistindo vídeos pornográficos. Quando se cansava pegava o carro e ia para Sage, ao bar, onde alguns velhos o conheciam desde garoto. Às vezes Conan Mitchell ficava olhando os velhos e pensava que era impossível que tivessem aquele tipo de lembranças da sua infância, pois alguns não pareciam muito mais velhos que ele. Mas os velhos faziam dançar suas dentaduras postiças e recordavam as travessuras do garoto Abe Mitchell como se as estivessem vendo naquele instante, e não havia outro remédio para Conan senão fingir que ele também achava graça. A verdade é que não tinha lembranças precisas da sua infância. Se lembrava do pai e do irmão mais velho, e às vezes se lembrava de temporais, mas a chuva não era de Sage, e sim de outro lugar onde havia morado. A superstição de morrer calcinado por um raio o acompanhava desde a infância, e disso sim ele lembrava, se bem que, salvo sua mulher, tinha contado isso a pouca gente. A verdade é que Conan Mitchell não era de falar muito. Essa era uma das razões pelas quais gostava de viver no México, onde tinha duas empresas de transporte. Os mexicanos gostavam de falar, mas preferem não o fazer com pessoas importantes, ainda mais se são americanos. Essa ideia, que era dele e sabe Deus como tinha se forjado na sua cabeça, lhe dava uma grande tranquilidade quando estava ao sul da fronteira. Mas de vez em quando, e sempre por imposição de sua mulher, precisava passar temporadas na Califórnia ou no Arizona, que ele aceitava com resignação. Nos primeiros dias a mudança não parecia afetá-lo. Na segunda semana, incapaz de suportar o barulho (barulho que se dirigia a ele e que lhe cobrava respostas), ia embora para Sage, se trancar na sua velha cabana. Quando os policiais de Tucson chegaram a Santa Teresa, fazia vinte dias que Conan não estava mais lá, coisa que no fundo os policiais agradeceram, pois tinham notícias de sua incompetência. Henderson e Banks fizeram o papel de cicerones. Os policiais percorreram a cidade, visitaram bares e discotecas, foram apresentados a Pedro Negrete, com quem mantiveram uma longa conversa sobre o narcotráfico, se reuniram com os judiciários Ortiz Rebolledo e Juan de Dios Martínez,

falaram com dois legistas do necrotério da cidade, examinaram alguns dossiês de mortos sem nome encontrados no deserto e visitaram o bordel Asuntos Internos, onde treparam com umas putas. Depois, tal como haviam chegado, foram embora.

No que diz respeito a Florita Almada, sua segunda aparição televisiva foi menos espetacular que a primeira. Falou, por expresso desejo de Reinaldo, dos três livros que havia escrito e publicado. Não eram bons livros, disse, mas para uma mulher que havia sido analfabeta até depois dos vinte anos não careciam de mérito. Todas as coisas deste mundo, afirmou, inclusive as maiores, comparadas com o universo eram na realidade pequeninas. O que queria dizer com isso? Que o ser humano, se assim se propusesse, podia se superar. Não queria dizer que um camponês, só para dar um exemplo, da noite para o dia fosse capaz de dirigir a NASA, nem sequer de trabalhar na NASA, mas quem podia afirmar que o filho desse camponês, guiado pelo exemplo e pelo carinho do pai, não chegaria um dia a trabalhar lá? Ela, para dar outro exemplo, teria gostado de estudar e ser professora, pois esse, no seu modesto entender, talvez fosse o melhor trabalho do mundo, ensinar as crianças, abrir com toda a delicadeza os olhos das crianças para que vissem ainda que só uma pontinha dos tesouros da realidade e da cultura, que no fim das contas eram a mesma coisa. Mas não foi possível e ela estava em paz com o mundo. Às vezes sonhava que era professora e que vivia no campo. Sua escola ficava no alto de um morro de onde se via o povoado, as casas marrons, algumas brancas, os tetos amarelo-escuros onde às vezes se instalavam os velhos olhando as ruas de terra. Do pátio da escola podia ver as meninas subindo para a sala de aula. Cabeloiras negras recolhidas em rabo de cavalo ou em tranças, ou presas com tiaras. Rostos morenos e sorrisos brancos. Ao longe, os camponeses lavravam a terra, extraíam frutos do deserto, pastoreavam rebanhos de cabras. Ela podia entender as palavras deles, suas formas de dizer bom-dia ou boa-noite, com que clareza podia entendê-los, todas as palavras deles, as que não mudavam e as que iam mudando a cada dia, cada hora, cada minuto, ela as entendia sem o menor problema. Bem, assim eram os sonhos. Havia sonhos em que tudo se encaixava e havia sonhos em que nada se encaixava e o mundo era um caixão cheio de chiados. Apesar de tudo, ela estava em paz com o mundo, pois embora não houvesse estudado para ser professora, como era seu sonho, agora era ervanária e, segundo alguns, vidente, muitíssima gente lhe era grata por algumas coisas que havia feito por eles, nada importante, pequenos conselhos, pequenas indicações, como por exemplo recomendar que incorporassem à sua dieta a fibra vegetal, que não é comida para seres humanos, quer dizer, que nosso aparelho digestivo não pode degradar e absorver, mas que é boa para ir ao banheiro ou para fazer o número dois ou, com o perdão de Reinaldo e do distinto público, para defecar. Só o aparelho digestivo dos animais herbívoros, dizia Florita, dispõe de substâncias capazes de digerir a celulose e portanto de absorver seus componentes, as moléculas de glicose. A celulose e outras substâncias similares são o que chamamos de fibra vegetal. Seu consumo, apesar de não nos proporcionar elementos energéticos aproveitáveis, é benéfico. Não sendo absorvida, a fibra faz que o bolo alimentício, em seu percurso pelo tubo digestivo, mantenha seu volume.

E isso gera pressão dentro do intestino, o que estimula sua atividade, fazendo que os restos da digestão avancem facilmente ao longo de todo o tubo digestivo. Ter diarreia é bom, salvo raras exceções, mas ir ao banheiro uma ou duas vezes por dia proporciona tranquilidade e temperança, uma espécie de paz interior. Não uma grande paz interior, não sejamos exagerados, mas sim uma pequena e reluzente paz interior. Que diferença entre o que representa a fibra vegetal e o que representa o ferro! A fibra vegetal é comida de herbívoros, é pequena e não nos alimenta, mas nos proporciona uma paz do tamanho de um feijão saltador. O ferro, pelo contrário, representa a dureza para com os outros e para consigo mesmo em sua máxima expressão. De que ferro estou falando? Ora, do ferro com que se fazem as espadas. Ou com que se faziam as espadas e que também representa a inflexibilidade. Em todo caso, com o ferro se dava a morte. O rei Salomão, esse rei tão inteligente, provavelmente o mais inteligente que já houve na história, filho por sua vez do rei Davi e protetor da infância, se bem que em certa ocasião se disse que quis rachar uma criança em dois, quando mandou construir o templo de Jerusalém proibiu taxativamente que se utilizasse ferro como meio de suporte na construção, nem mesmo no menor detalhe, e também proibiu que se utilizasse ferro na circuncisão, uma prática, diga-se de passagem e sem intenção de ofender, que quem sabe tivesse sua razão de ser naquela época e naqueles desertos, mas que agora, com as medidas higiênicas modernas, me parece um exagero. Eu acredito que os homens deveriam circuncidar-se aos vinte e um anos, se quisessem, e se não quisessem, então tudo bem. Voltando ao ferro, dizia Florita, é preciso acrescentar que nem os gregos nem os celtas o empregaram quando se tratava de colher ervas medicinais ou mágicas. Pois o ferro significava morte, inflexibilidade, poder. E isso é incompatível com as práticas curativas. Embora os romanos vissem depois no ferro uma longa série de virtudes terapêuticas para aliviar ou sarar diversas afecções, como as mordidas de cachorro raivoso, as hemorragias, a disenteria, as hemorroidas. Essa ideia foi transmitida à Idade Média, na qual além do mais se acreditava que os demônios, as bruxas e os bruxos fugiam do ferro. E como não iam fugir, se com o ferro os matavam! Rematados palermas teriam que ser para não sair correndo! Naqueles anos obscuros, com o ferro se praticava a sorte adivinhatória chamada sideromancia, que consistia em aquecer ao rubro um pedaço de ferro na forja e depois lançar sobre ele ciscos de palha que ao arder produziam reflexos brilhantes, parecidos com as estrelas. Bem polido produzia um brilho ofuscante que servia para proteger os olhos do olhar peçonhento das bruxas. Esse ferro bem polido me faz pensar, desculpem a digressão, dizia Florita Almada, nos óculos escuros de alguns dirigentes políticos, de alguns líderes sindicais ou de alguns policiais. Para que tapam os olhos, me pergunto? Passaram uma noite em claro estudando formas para que o país progrida, para que os operários tenham maior segurança no trabalho ou um aumento salarial, para que a delinquência bata em retirada? Pode ser. Não digo que não. Talvez suas olheiras se devam a isso. Mas o que aconteceria se eu me aproximasse de um deles, lhe tirasse os óculos e visse que *não tem* olheiras? Me dá medo imaginar. Me dá raiva. Muita raiva, queridas amigas e amigos. Porém mais medo e raiva lhe dava, e isso tinha de dizer ali, estar diante das câmeras, no lindo programa de Reinaldo, chamado tão acertadamente *Uma hora com Reinaldo*, um programa ameno e sadio, onde

todos podiam rir e passar um momento agradável e, de passagem, aprender algo de novo, pois Reinaldo era um rapaz muito culto e sempre se preocupava em levar convidados interessantes, uma cantora, um pintor, um engolidor de fogo aposentado do DF, um arquiteto de interiores, um ventríloquo e seu boneco, uma mãe de quinze filhos, um compositor de baladas românticas, ela, dizia, ali, aproveitando a oportunidade que lhe davam, tinha o dever de falar de outras coisas, quer dizer, não podia falar de si mesma, não podia cair nessa tentação do ego, nessa frivolidade que talvez não fosse frivolidade nem pecado nem nada caso se tratasse de uma guria de dezessete ou dezoito anos, mas que numa mulher de setenta era imperdoável, embora a minha vida, disse, dê para vários romances e pelo menos uma telenovela, mas Deus que a livrasse, e sobretudo a Virgem Maria, de desandar a falar de si mesma, Reinaldo me perdoará, ele quer que eu fale de mim mesma, mas tem uma coisa mais importante que a minha pessoa e os meus ditos milagres, que não são milagres, não me cansarei de repetir, mas sim o fruto de muitos anos de leitura e de lida com as plantas, quer dizer, meus milagres são produto do trabalho e da observação e, pode ser, digo *pode ser*, também um dom natural, disse Florita. E depois disse: me dá muita raiva, me dá medo e raiva o que está acontecendo neste bonito estado de Sonora, que é meu estado natal, o solo em que nasci e provavelmente vou morrer. E depois disse: estou falando de visões que tirariam o fôlego do mais macho dos machos. Em sonhos eu vejo os crimes e é como se um aparelho de televisão explodisse e eu continuasse vendo, nos pedacinhos de tela espalhados pelo meu quarto, cenas horríveis, prantos que não acabam nunca. E disse: depois dessas visões não consigo dormir. Posso tomar o que for para os nervos que não faz resultado. Casa de ferreiro, espeto de pau. Fico então acordada até amanhecer, tento ler e fazer alguma coisa de útil e de prático, mas por fim sento à mesa da cozinha e fico matutando sobre esse problema. E finalmente disse: estou falando das mulheres barbaramente assassinadas de Santa Teresa, estou falando das meninas, mães de família e trabalhadoras de todo tipo que a cada dia aparecem mortas nos bairros e nos arredores desta industriosa cidade do norte do nosso estado. Falo de Santa Teresa. Falo de Santa Teresa.

No que diz respeito às mulheres mortas em agosto de 1995, a primeira se chamava Aurora Muñoz Álvarez e seu cadáver foi encontrado no acostamento da rodovia Santa Teresa-Cananea. Morreu estrangulada. Tinha vinte e oito anos e vestia um legging verde, camiseta branca e tênis cor-de-rosa. Segundo o laudo médico-legal, havia sido espancada e chicoteada: nas suas costas ainda podiam ser vistas as marcas de um cinto de tira larga. Trabalhava como garçoneiro num café do centro da cidade. O primeiro em que a suspeita recaiu foi seu namorado, com o qual não estava bem, segundo algumas testemunhas. Esse indivíduo se chamava Rogelio Reinoso e trabalhava na maquiladora Rem&Co e não tinha álibi para a tarde em que sequestraram Aurora Muñoz. Passou uma semana de interrogatório em interrogatório. Ao cabo de um mês, quando já estava instalado na prisão de Santa Teresa, foi solto por falta de provas. Não houve nenhuma outra detenção. Segundo as testemunhas oculares, que em nenhum momento pensaram que se tratava de um sequestro, Aurora

Muñoz entrou num Peregrino preto em companhia de dois elementos que parecia conhecer. Dois dias depois de aparecer o corpo da primeira vítima de agosto, foi encontrado o corpo de Emilia Escalante Sanjuán, de trinta e três anos, com profusão de hematomas no tórax e no pescoço. O cadáver foi encontrado no cruzamento da Michoacán com a General Saavedra, na colônia Trabajadores. O laudo do legista afirma que a causa da morte foi estrangulamento, depois de ter sido violentada numerosas vezes. O relatório do policial judiciário que se encarregou do caso, Angél Fernández, assinala, pelo contrário, que a causa da morte foi intoxicação. Emilia Escalante Sanjuán morava na colônia Morelos, na zona oeste da cidade, e trabalhava na maquiladora NewMarkets. Tinha dois filhos pequenos e vivia com a mãe, que trouxera de Oaxaca, de onde era natural. Não tinha marido, mas uma vez por mês ia às discotecas do centro, em companhia das colegas de trabalho, onde costumava beber e sair com algum homem. Meio puta, disseram os policiais. Uma semana depois apareceu o corpo de Estrella Ruiz Sandoval, de dezessete anos, na estrada de Casas Negras. Tinha sido violentada e estrangulada. Vestia jeans e blusa azul-escura. Tinha os braços amarrados nas costas. Seu corpo não apresentava marcas de tortura nem de pancadas. Havia desaparecido de casa, onde morava com os pais e irmãos, três dias antes. O caso foi conduzido por Epifanio Galindo e Noé Velasco, da polícia de Santa Teresa, para aliviar os judiciários, que se queixaram do excesso de trabalho. Um dia depois de ser encontrado o cadáver de Estrella Ruiz Sandoval, encontraram o corpo de Mónica Posadas, de vinte anos, no terreno baldio próximo da rua Amistad, na colônia La Preciada. Segundo o laudo médico-legal, Mónica havia sido violentada anal e vaginalmente, mas também encontraram restos de sêmen em sua garganta, o que contribuiu para que se falasse, nos círculos policiais, de um estupro “pelos três condutos”. Houve no entanto um policial que disse que um estupro completo era o que se fazia pelos cinco condutos. Perguntado sobre quais eram os outros dois, respondeu que as orelhas. Outro policial disse que tinha ouvido falar de um sujeito de Sinaloa que violentava pelos sete condutos. Quer dizer, pelos cinco conhecidos, mais os olhos. E outro policial disse ter ouvido falar de um cara do DF que estuprava pelos oito condutos, que eram os sete mencionados, digamos os sete clássicos, mais o umbigo, em que o cara do DF fazia uma incisão não muito grande com a faca e depois enfiava ali seu pau, mas, é claro, para fazer isso tinha de ser muito Taras Bulba. O caso é que o estupro “pelos três condutos”, se estendeu, se popularizou na polícia de Santa Teresa, adquiriu um prestígio semioficial que às vezes se viu refletido nos relatórios redigidos pelos policiais, nos interrogatórios, nas conversas off the record com a imprensa. No caso de Mónica Posadas, ela não só havia sido violentada “pelos três condutos” mas também estrangulada. O corpo, que acharam semioculto detrás de umas caixas de papelão, estava nu da cintura para baixo. As pernas estavam manchadas de sangue. Tanto sangue que vista de longe, ou vista de certa altura, um desconhecido (ou um anjo, posto que ali não havia nenhum edifício do qual se pudesse vê-la) teria dito que usava meias vermelhas. A vagina estava dilacerada. A vulva e as virilhas apresentavam sinais claros de mordidas e dilaceramentos, como se um cachorro vadio tivesse tentado comê-la. Os judiciários centraram as investigações no círculo familiar e entre os conhecidos de Mónica Posadas, que vivia com sua família na rua San Hipólito, a

uns seis quarteirões do terreno baldio onde foi encontrado seu corpo. A mãe e o padrasto, assim como o irmão mais velho, trabalhavam na maquiladora Overworld, onde Mónica havia trabalhado durante três anos, ao fim dos quais resolveu pedir demissão e tentar a sorte na maquiladora Country&SeaTech. A família de Mónica provinha de um pequeno povoado de Michoacán, de onde havia chegado para se instalar em Santa Teresa dez anos antes. No começo, a vida, em vez de melhorar, pareceu piorar e seu pai decidiu atravessar a fronteira. Nunca mais se soube dele e passado um tempo o deram por morto. Então a mãe de Mónica conheceu um homem trabalhador e responsável com o qual acabaria se casando. Desse novo casamento nasceram três filhos, um dos quais trabalhava numa fabriqueta de botas e os outros iam à escola. Ao ser interrogado, o padrasto não demorou muito para cair em contradições flagrantes e acabou admitindo sua culpa no assassinato. De acordo com a sua confissão, amava Mónica em segredo desde que ela tinha quinze anos. Sua vida havia sido desde então um tormento, disse aos judiciários Juan de Dios Martínez, Ernesto Ortiz Rebolledo e Efraín Bustelo, mas sempre se conteve e manteve o respeito por ela, em parte porque era sua enteada, em parte porque a mãe dela também era mãe de seus filhos. Seu relato sobre o dia do crime era vago e cheio de lacunas e esquecimentos. Na primeira declaração disse que foi de madrugada. Na segunda disse que já havia amanhecido e que só Mónica e ele estavam em casa, pois ambos trabalhavam no turno da tarde aquela semana. O cadáver ele escondeu num armário. No meu armário, disse aos judiciários, um armário em que ninguém mexia porque era meu armário e eu exigia respeito pelas minhas coisas. De noite, enquanto a família dormia, enrolou o corpo num cobertor e abandonou-o no terreno baldio mais próximo. Indagado sobre as mordidas e o sangue que cobria as pernas de Mónica, não soube responder. Disse que a estrangulou e que só se lembrava disso. O resto tinha se apagado da sua memória. Dois dias depois de descoberto o cadáver de Mónica no terreno baldio da rua Amistad, apareceu o corpo de outra morta na rodovia Santa Teresa-Caborca. De acordo com o laudo médico-legal, a mulher devia ter entre dezoito e vinte e dois anos, mas podia ser que tivesse entre dezesseis e vinte e três. A causa da morte, sim, era clara. Morte por disparo de arma de fogo. A vinte e cinco metros de onde foi achada foi descoberto o esqueleto de outra mulher, parcialmente enterrada em posição de decúbito ventral, que conservava um blusão azul e sapatos de couro, de meio salto e boa qualidade. O estado do cadáver tornava impossível determinar as causas da morte. Uma semana depois, quando agosto chegava ao fim, foi encontrado na rodovia Santa Teresa-Cananea o corpo de Jacqueline Ríos, de vinte e cinco anos, empregada de uma perfumaria da colônia Madero. Vestia calça jeans e blusa cinza-pérola. Tênis brancos e roupa de baixo preta. Morreu por disparos de arma de fogo no tórax e no abdome. Dividia casa com uma amiga na rua Bulgária, na colônia Madero, e ambas sonhavam em ir um dia viver na Califórnia. No quarto, que dividia com a amiga, foram encontrados recortes de atrizes e atores de Hollywood e fotos de diversos lugares do mundo. Primeiro queríamos ir morar na Califórnia, arranjar um trabalho decente e bem pago, e depois, já estabelecidas, correr o mundo em nossas férias, disse sua amiga. Ambas estudavam inglês numa escola de línguas da colônia Madero. O caso ficou por esclarecer.

Esses putos desses judiciários sempre deixam os casos por esclarecer, disse Epifanio a Lalo Cura. Depois pôs-se a buscar em seus papéis até que deu com um caderninho. O que você acha que é isto?, perguntou. Um caderno de endereços, respondeu Lalo Cura. Não, disse Epifanio, isto é um caso por esclarecer. Ocorreu antes de você chegar a Santa Teresa. Não lembro o ano. Foi pouco antes de dom Pedro te trazer, disto sim eu me lembro, mas não lembro o ano exato. Talvez tenha sido em 1993. Em que ano você chegou? Em 93, disse Lalo Cura. Ah, é? É, confirmou Lalo Cura. Bom, então isso aconteceu *meses* antes de você chegar, disse Epifanio. Nessa época mataram uma locutora de rádio e jornalista. Ela se chamava Isabel Urrea. Mataram a tiros. Nunca ninguém soube quem foi o assassino. Procuraram, mas não encontraram. Claro, não ocorreu a ninguém correr os olhos pela agenda de Isabel Urrea. Os cabras pensaram que tinha sido uma tentativa frustrada de roubo. Falaram num centro-americano. Um pobre diabo desesperado que precisava de grana para cruzar a fronteira, um ilegal, entende?, ilegal até mesmo no México, o que é dizer muito, porque aqui somos todos ilegais em potencial, e ninguém liga se há um ilegal a mais ou a menos. Estive entre os que revistaram a casa dela para ver se encontravam alguma pista. Claro, não encontraram nada. A agenda de Isabel Urrea estava na sua bolsa. Lembro que me sentei numa poltrona, com um copo de tequila ao lado, tequila de Isabel Urrea, e que dei uma olhada na agenda. Um judiciário me perguntou onde tinha achado a tequila. Mas ninguém me perguntou onde tinha encontrado a agenda nem se havia algo importante nela. Eu a li, alguns nomes me diziam alguma coisa, depois pus a agenda entre as provas. Um mês depois dei uma volta pelos arquivos da delegacia e lá estava a agenda, junto com outros pertences da locutora. Enfiei-a no bolso do paletó e levei-a. Assim, pude estudá-la com mais calma. Encontrei os telefones de três traficantes. Um deles era Pedro Rengifo. Também encontrei os números de vários judiciários, entre eles um chefe de Hermosillo. O que faziam esses telefones na agenda de uma simples locutora? Ela tinha entrevistado eles, levado à rádio? Era amiga deles? E se não era amiga quem tinha dado os telefones pra ela? Mistério. Eu teria podido fazer alguma coisa. Ligar para um dos que apareciam ali e pedir dinheiro. Mas não tenho tesão por dinheiro. De modo que fiquei com a porra do caderninho e não fiz nada.

Nos primeiros dias de setembro apareceu o corpo de uma desconhecida que depois seria identificada como Marisa Hernández Silva, de dezessete anos, desaparecida em inícios de julho a caminho da escola preparatória Vasconcelos, na colônia Reforma. De acordo com o laudo médico-legal, havia sido violentada e estrangulada. Um dos seios estava quase completamente mutilado e no outro faltava o mamilo, que havia sido arrancado a mordidas. O corpo foi localizado na entrada do lixão clandestino chamado El Chile. O telefonema que pôs a polícia de sobreaviso foi dado por uma mulher que tinha ido ao lixão jogar fora uma geladeira, ao meio-dia, hora em que não há vagabundos no lixão, só algum bando ocasional de garotos ou cachorros. Marisa Hernández Silva estava estirada entre dois grandes sacos de

plástico cinza cheios de restos de fibra sintética. Vestia a mesma roupa que no momento do seu desaparecimento: calça de brim, blusa amarela e tênis. O prefeito de Santa Teresa decretou o fechamento do lixão, mas depois mudou a ordem de fechamento (seu secretário o informou sobre a impossibilidade jurídica de fechar algo que, para todos os efeitos, nunca fora aberto) pela ordem de demolição, remoção, destruição daquele lugar infecto em que se infringiam todas as leis municipais. Durante uma semana manteve-se uma vigilância policial nas fronteiras de El Chile e durante três dias uns poucos caminhões de lixo, auxiliados pelos dois únicos caminhões-basculantes de propriedade municipal, removeram os dejetos para o lixão da colônia Kino, mas, ante a magnitude do trabalho e a escassez de forças para realizá-lo, logo cederam.

Por aquela época, Sergio González, o jornalista do DF, tinha se firmado na seção de cultura do seu jornal e seu salário era maior, com o que podia pagar a pensão mensal à ex-mulher e ainda sobrar dinheiro bastante para viver sem aperto, e tinha até uma amante, uma jornalista da seção de política internacional, com a qual dormia de vez em quando, mas com a qual não podia bater papo, tão diferentes eram suas cabeças. Não havia esquecido — mas ele próprio se questionava sobre a persistência dessa lembrança — os dias que passou em Santa Teresa nem os assassinatos de mulheres, nem aquele assassino de padres chamado de Penitente, que desapareceu tão misteriosamente quanto apareceu. Às vezes, pensava, ser jornalista cultural, no México, era a mesma coisa que ser jornalista da “nota vermelha”, a seção policial. E ser jornalista da nota vermelha era a mesma coisa que trabalhar na seção de cultura, se bem que para os jornalistas da seção policial todos os jornalistas culturais eram veados (jornalistas “puturais”, como os chamavam), e para os jornalistas culturais todos os da nota vermelha eram perdedores natos. Algumas noites, depois de terminado o trabalho, ia beber com alguns velhos jornalistas da seção policial, que por sinal era a editoria em que se achava a porcentagem mais elevada de jornalistas mais velhos do jornal, seguidos, a boa distância, dos de política nacional e, depois, pelos de esportes. Geralmente acabavam numa boate de putas da colônia Guerrero, um enorme salão presidido por uma estátua de gesso de Afrodite com mais de dois metros, provavelmente, pensava ele, um lugar que havia gozado de certa glória licenciosa na época de Tin Tan** e que desde então não fez outra coisa senão cair, uma dessas quedas intermináveis e mexicanas, isto é, uma queda pespontada de quando em quando por uma risada em surdina, por um tiro em surdina, por um queixume em surdina. Uma queda mexicana? Na realidade, uma queda latino-americana. Os jornalistas policiais gostavam de beber naquele lugar, mas raramente iam para a cama com uma puta. Falavam de velhos casos, memoravam histórias de corrupção, extorsões e sangue, cumprimentavam ou conversavam à parte com os policiais que também pintavam por lá, intercâmbio de informações, era como chamavam isso, mas raramente iam com uma puta. De início, Sergio González os imitava, até que deduziu que se não trepavam com nenhuma era, basicamente, porque já tinham trepado, e fazia muitos anos, com todas elas e porque não estavam mais em idade de jogar dinheiro fora por aí. De modo que parou de imitá-los e

procurou uma puta jovem e bonita, com a qual ia para um hotel próximo. Numa ocasião, perguntou a um desses jornalistas mais velhos que opinião tinha dos assassinatos de mulheres que ocorriam no norte. O jornalista respondeu que aquela era uma zona de traficas e que com certeza nada do que acontecia ali era alheio, numa ou noutra medida, ao fenômeno do tráfico de drogas. Pareceu-lhe uma resposta óbvia, ele poderia ter dado outra qualquer, e de quando em quando pensava nela, como se, apesar da obviedade das palavras do jornalista ou da sua simplicidade, a resposta orbitasse em torno da sua cabeça enviando sinais. Seus poucos amigos escritores, os que iam visitá-lo na redação de cultura, não tinham a menor ideia do que acontecia em Santa Teresa, embora as notícias sobre as mortes chegassem a conta-gotas ao DF, e Sergio pensou que provavelmente não lhes importava muito o que acontecia naquele rincão distante do país. Os colegas do jornal, inclusive os da seção da nota vermelha, também se mostravam indiferentes. Uma noite, depois de fazer amor com uma puta, enquanto fumavam deitados na cama, perguntou o que ela dizia de tanto sequestro e de tantos corpos de mulheres achados no deserto, e ela disse que nem sabia direito do que ele estava falando. Então Sergio contou para ela tudo o que sabia das mortes e relatou a viagem que fizera a Santa Teresa e por que tinha ido, porque precisava de dinheiro, porque acabava de se divorciar, e depois falou das mortes de que ele, como leitor de jornal, tinha notícias, e dos comunicados à imprensa de uma associação de mulheres cuja sigla ele lembrava, MSDP, embora houvesse esquecido o que queriam dizer essas siglas, Mulheres de Sonora Democráticas e Populares?, e enquanto falava a puta bocejava, não porque não lhe interessasse o que ele dizia, mas porque estava com sono, de modo que provocou a irritação de Sergio, que exasperado lhe disse que em Santa Teresa estavam matando putas, que pelo menos demonstrasse um pouco de solidariedade classista, ao que a puta respondeu que não, que tal como ele havia contado a história as que estavam morrendo eram operárias, e não putas. Operárias, operárias, falou. Então Sergio pediu desculpa e como que atingido por um raio viu um aspecto da situação que até aquele momento lhe havia escapado.

O mês de setembro ainda guardava outras surpresas para os moradores de Santa Teresa. Três dias depois do encontro do cadáver mutilado de Marisa Hernández Silva apareceu o corpo de uma desconhecida na rodovia Santa Teresa-Cananea. A morta devia ter em torno de vinte e cinco anos e tinha uma luxação congênita na anca direita. No entanto, ninguém deu por falta dela e ninguém, depois de sair na imprensa os detalhes dessa malformação, se apresentou na polícia com informações tendentes a esclarecer sua identidade. O corpo foi encontrado com as mãos amarradas, tendo sido utilizado para tal fim a correia de uma bolsa de mulher. Morrera por um golpe na nuca e apresentava feridas a canivete em ambos os braços. Porém o mais significativo de tudo era que, igual à jovem Marisa Hernández Silva, um de seus seios havia sofrido uma amputação e o mamilo do outro seio havia sido arrancado a mordidas.

No mesmo dia em que encontraram a desconhecida da rodovia Santa Teresa-Cananea, os funcionários municipais que tentavam remover o lixão El Chile acharam um corpo de mulher em estado de putrefação. Não se pôde determinar a causa da morte. Tinha cabelos negros e compridos. Vestia uma blusa clara com figuras escuras que a decomposição tornava indiscerníveis. Usava calça de brim marca Jokko. Ninguém compareceu à polícia com informação concernente a esclarecer sua identidade.

Em fins de setembro foi encontrado o corpo de uma menina de treze anos com cara de oriental, no morro Estrella. Como Marisa Hernández Silva e como a desconhecida da rodovia Santa Teresa-Cananea, seu peito direito tinha sido amputado e o mamilo esquerdo arrancado a mordidas. Vestia calça de brim da marca Lee, de boa qualidade, camiseta e um blusão vermelho. Era muito magra. Tinha sido violentada repetidas vezes e esfaqueada, e a causa da morte era ruptura do hioide. O que mais surpreendeu os jornalistas, no entanto, é que ninguém reclamou ou reconheceu o cadáver. Como se a menina houvesse chegado a Santa Teresa e houvesse vivido ali de forma invisível até o assassino ou os assassinos a notarem e a matarem.

Enquanto os crimes se sucediam, Epifanio continuou trabalhando, sozinho, na investigação da morte de Estrella Ruiz Sandoval. Falou com os pais e os irmãos que ainda moravam na casa. Não sabiam nada. Falou com uma irmã mais velha, que era casada e morava agora na rua Esperanza, na colônia Lomas del Toro. Viu fotos de Estrella. Era uma moça bonita, alta, com uma cabeleira formosa e feições agradáveis. A irmã disse a ele quem eram as amigas na maquiladora onde ela trabalhava. Esperou-as na saída. Percebeu ser a única pessoa mais velha a esperar, as outras eram crianças, algumas inclusive com livros escolares. Junto das crianças havia um tipo com uma carrocinha de sorvete verde. A carrocinha tinha toldo branco. Como se quisesse fazê-las desaparecer, chamou a criança com um assobio e comprou sorvete para todos, menos para um que ainda não tinha três meses e que a irmã, de uns seis anos, levava no colo. As amigas de Estrella se chamavam Rosa Márquez e Rosa María Medina. Perguntou por elas às operárias que saíam e uma delas lhe apontou Rosa Márquez. Disse a ela que era da polícia e pediu que chamasse a outra amiga. Depois se afastaram caminhando do parque industrial. Enquanto recordavam Estrella, a que se chamava Rosa María Medina pôs-se a chorar. As três gostavam de cinema e aos domingos, não todos, iam ao centro e costumavam ver o programa duplo do cine Rex. Outras vezes só ficavam olhando as lojas, em especial as vitrines de roupas femininas, ou iam a um centro comercial que havia na colônia Centeno. Ali, aos domingos, tocavam grupos musicais e não se cobrava entrada. Perguntou a elas se Estrella tinha planos para o futuro. Claro que tinha, queria estudar, não ficar a vida toda trabalhando na maquiladora. E o que queria estudar? Queria aprender a mexer com computador, disse Rosa María Medina. Depois Epifanio perguntou se elas também queriam aprender uma profissão e elas

responderam que sim, mas não era fácil. Só saía com vocês ou tinha outras amigas?, quis saber. Nós éramos suas melhores amigas, responderam. Namorado, não tinha. Uma vez teve um. Mas isso fazia muito tempo. Elas não o conheceram. Quando perguntou que idade tinha Estrella quando namorou, as duas moças pensaram um pouco e disseram que pelo menos doze anos. E como é que ninguém dava em cima de uma gata como ela? As amigas riram e disseram que muita gente quis namorar Estrella, mas que ela não queria perder tempo. Para que vamos querer um homem se já trabalhamos, ganhamos nosso salário e somos independentes?, perguntou Rosa Márquez. É verdade, disse Epifanio, também penso assim, mas de vez em quando, principalmente quando se é jovem, não faz mal sair e se divertir, às vezes é até uma necessidade. Nós já nos divertíamos sozinhas, responderam as moças, e nunca sentimos essa necessidade. Antes de chegarem à casa de uma delas, ele lhes pediu que, mesmo se não adiantasse nada, descrevessem os caras que tinham querido namorar ou fazer amizade com Estrella. Pararam na rua e Epifanio anotou cinco nomes sem sobrenome, todos trabalhadores da mesma maquiladora. Depois acompanhou Rosa María Medina umas ruas mais. Não acredito que tenha sido um deles, disse a moça. Por que não acredita? Porque têm cara de boa gente, disse a moça. Vou falar com eles, disse Epifanio, depois te conto. Em três dias localizou os cinco homens da lista. Nenhum tinha cara de má pessoa. Um deles era casado, mas na noite em que Estrella desapareceu estava em casa com a mulher e os três filhos. Os outros quatro tinham álibis mais ou menos seguros e, sobretudo, nenhum dos cinco tinha carro. Voltou a falar com Rosa María Medina. Desta vez esperou-a sentado na porta da casa da moça. Quando ela chegou perguntou escandalizada por que não havia tocado a campainha. Toquei, disse Epifanio, sua mãe abriu e me convidou a tomar um café, mas depois teve de ir trabalhar e fiquei te esperando aqui. A moça convidou-o a entrar, mas Epifanio preferiu continuar sentado do lado de fora, disse que porque fazia menos calor do que dentro. Perguntou à moça se fumava. Ela primeiro ficou de pé, a um lado, depois sentou numa pedra achatada e disse que não fumava. Epifanio observou a pedra: era muito curiosa, tinha forma de cadeira, mas sem encosto, e o fato da mãe ou alguém da família tê-la colocado ali, naquele jardimzinho, indicava bom gosto e até delicadeza. Perguntou à moça onde tinham encontrado aquela pedra. Foi meu pai que encontrou, disse Rosa María Medina, em Casas Negras, e trouxe para cá no muque. Foi lá que encontraram o corpo de Estrella, comentou Epifanio. Na rodovia, disse a moça fechando os olhos. Meu pai encontrou essa pedra por acaso em Casas Negras, numa festa, e se apaixonou por ela. Ele era assim. Depois disse que o pai tinha morrido. Epifanio quis saber quando. Faz um montão de anos, respondeu a moça com uma expressão de indiferença. Acendeu um cigarro e pediu que ela contasse outra vez, da maneira que quisesse, as saídas que fazia com Estrella e com a outra, como se chama?, Rosa Márquez, aos domingos. A moça começou a falar, com os olhos fixos nos poucos vasos com plantas que sua mãe tinha no diminuto jardim da entrada, às vezes levantando a vista e fitando-o como para avaliar se o que lhe contava era proveitoso ou apenas perda de tempo. Quando terminou, só uma coisa havia ficado clara para Epifanio: que não só saíam aos domingos, mas às vezes iam ao cinema na segunda ou na quinta, ou iam dançar, tudo dependia dos turnos na maquiladora, que eram flexíveis e obedeciam a

protocolos de produção que estavam fora da compreensão dos operários. Mudou então de perguntas e quis saber como se divertiam às terças, por exemplo, se aquele era o dia livre da semana. A rotina, segundo a moça, era parecida, mas de certo modo era um pouco melhor, porque as lojas do centro estavam todas abertas, o que não acontecia nos dias oficiais de descanso. Epifanio apertou-a um pouco. Quis saber qual era o cinema favorito, fora o Rex, a que outros cinemas tinham ido, se alguém tinha abordado Estrella em algum lugar, a que lojas iam, mesmo que não entrassem e só ficassem espiando as vitrines, a que cafeterias iam, o nome delas, se em alguma ocasião tinham ido a uma discoteca. A moça disse que nunca tinham estado numa discoteca, que Estrella não gostava desses lugares. Mas você sim, disse Epifanio. Você e sua amiguinha Rosa Márquez. A moça não quis encará-lo e disse que às vezes, quando saíam sem Estrella, iam às discotecas do centro. E Estrella não? Estrella nunca acompanhou vocês? Nunca, disse a moça. Estrella só queria saber de coisas de computadores, queria aprender, queria progredir, disse a moça. Tanto computador, tanto computador, não engulo uma palavra do que você está contando, minha gatinha, disse Epifanio. Não sou sua gatinha, coisa nenhuma, replicou a moça. Ficaram um instante sem dizer nada. Epifanio riu um pouco e acendeu outro cigarro, ali, sentado na entrada da casa, observando o ir e vir da gente. Tem um lugar, disse a moça, mas não lembro onde, fica no centro, é uma loja de computadores. Fomos lá umas vezes. Rosa e eu esperávamos do lado de fora, só ela entrava e ficava conversando com um cara muito alto, mas muito alto mesmo, muito mais que o senhor, disse a moça. Um cara muito alto, e que mais?, perguntou Epifanio. Alto e louro, disse a moça. E que mais? Bom, Estrella no começo parecia entusiasmada, quer dizer, da primeira vez que entrou e falou com esse homem. Segundo me disse era o dono da loja e entendia muito de computadores, além do mais dava pra ver que tinha dinheiro. Da segunda vez que fomos vê-lo, Estrella saiu toda vermelha. Perguntei o que havia acontecido mas ela não quis me dizer. Estávamos as duas sozinhas, depois fomos à feira da colônia Veracruz e esquecemos tudo. E quando foi isso, gatinha?, perguntou Epifanio. Já disse que não sou sua gatinha, seu grosso, rebateu a moça. Quando foi isso?, perguntou Epifanio, que já começava a ver um cara muito alto e louro andando no escuro, num comprido corredor escuro, para cima e para baixo, como se estivesse à sua espera. Uma semana antes de matarem ela, respondeu a moça.

* * *

A vida é dura, disse o presidente municipal de Santa Teresa. Temos três casos que não dão margem a nenhuma dúvida, disse o policial judiciário Ángel Fernández. É preciso examinar as coisas com lupa, disse o sujeito da câmara de comércio. Eu examino tudo com lupa, examino e repito, até meus olhos se fecharem de sono, disse Pedro Negrete. Trata-se de não mexer no vespeiro, disse o presidente municipal. A verdade é clara, nem pensar, disse Pedro Negrete. Temos um assassino serial, como nos filmes dos gringos, disse o policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo. É preciso tomar muito cuidado com onde se pisa, disse o sujeito da câmara de comércio. Em que um assassino serial se distingue de um assassino normal e

comum?, perguntou o policial judiciário Ángel Fernández. É muito simples: o assassino serial deixa sua assinatura, entendem?, não tem um motivo, mas tem uma assinatura, disse o policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo. Como não tem um motivo? Por acaso se move por impulsos elétricos?, disse o presidente municipal. Neste tipo de assuntos é preciso medir muito bem as palavras, para não se meter onde não se deve, disse o sujeito da câmara de comércio. Há três mulheres mortas, disse o policial judiciário Ángel Fernández mostrando o polegar, o indicador e o médio aos que estavam na sala. Quem dera fossem somente três, disse Pedro Negrete. Três mulheres mortas de quem cortaram o seio direito e arrancaram a dentadas o mamilo esquerdo, disse o policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo. O que isso lhes parece?, disse o policial judiciário Ángel Fernández. Que há um assassino serial?, disse o presidente municipal. Claro, disse o policial judiciário Ángel Fernández. Seria coincidência demais que ocorresse a três filhos da mãe despachar assim suas vítimas, disse o policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo. Soa lógico, disse o presidente municipal. Mas o fato é que a coisa pode não ficar nisso, disse o policial judiciário Ángel Fernández. Se dermos rédeas à imaginação podemos chegar a qualquer lugar, disse o sujeito da câmara de comércio. Estou vendo aonde vocês querem chegar, disse Pedro Negrete. E você concorda?, perguntou o presidente municipal. Se as três mulheres apareceram com a teta direita amputada foram assassinadas pela mesma pessoa, por que não pensar que essa pessoa matou outras mulheres?, disse o policial judiciário Ángel Fernández. É científico, disse o policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo. O assassino é científico?, perguntou o sujeito da câmara de comércio. Não, o *modus operandi*, a forma como esse filho de uma puta começa a tomar gosto pelo que faz, respondeu o policial judiciário Ernesto Ortiz Rebolledo. Eu me explico: o assassino começou estuprando e estrangulando, que é uma maneira normal, digamos, de matar alguém. Ao ver que não o pegavam, seus assassinatos foram se personalizando. A besta saiu à superfície. Agora cada crime traz sua assinatura pessoal, disse o policial judiciário Ángel Fernández. Qual a sua opinião, senhor juiz?, perguntou o presidente municipal. Tudo é possível, respondeu o juiz. Tudo é possível, mas sem cair no caos, sem perder a bússola, disse o sujeito da câmara de comércio. O que parece claro é que quem matou e mutilou essas três pobres mulheres é a mesma pessoa, disse Pedro Negrete. Pois trate de encontrá-lo e acabemos logo com essa história, disse o presidente municipal. Mas com discrição, se não for pedir muito, disse o sujeito da câmara de comércio.

Juan de Dios Martínez não foi convidado para essa reunião. Soube que ia ser feita, soube que Ortiz Rebolledo e Ángel Fernández iriam e que o tinham deixado de fora. Quando Juan de Dios Martínez fechava os olhos, porém, só via o corpo de Elvira Campos na penumbra do seu apartamento na colônia Michoacán. Às vezes a via na cama, nua, achegando-se a ele. Outras vezes a via no terraço, rodeada de objetos metálicos, objetos fálicos, que resultaram ser telescópios dos mais variados tipos (mas na realidade só havia três telescópios), com os quais observava o céu estrelado de Santa Teresa e depois anotava algo a lápis num caderno. Quando se aproximava, por trás dela, e espiava o caderno, só via números de telefone, a

maioria de Santa Teresa. Era um lápis comum, um lápis qualquer. O caderno era um caderno escolar. Ambos os objetos, lhe parecia, não tinham nada a ver com os objetos que a diretora costumava utilizar. Naquela noite, depois de saber da reunião de que fora excluído, ligou para ela e disse que precisava vê-la. Um momento de fraqueza. Ela respondeu que não podia e desligou. Juan de Dios Martínez pensou que a diretora, vez por outra, o tratava como um paciente. Lembrou-se que uma vez ela tinha falado da idade, a idade dela e a dele. Estou com cinquenta e um anos, dissera, e você com trinta e quatro. Daqui a um tempo, por mais que eu me cuide, serei uma moçoira solitária e você ainda será jovem. O que você quer, ir para a cama com alguém que podia ser sua mãe? Juan de Dios nunca a tinha ouvido empregar palavras de gíria. Uma moçoira? Sinceramente, não tinha passado por sua cabeça considerá-la uma velha. Porque me mato fazendo ginástica. Porque me cuido. Porque me mantenho magra e compro os antirrugas mais caros que há no mercado. Antirrugas? Loções, cremes suavizantes, coisas de mulheres, ela falou com uma voz neutra que o assustou. Gosto de você como você é, disse ele. Sua voz não lhe pareceu convincente. Mas, se abria os olhos e observava o mundo real e procurava controlar seus tremores, tudo continuava mais ou menos no mesmo lugar.

Quer dizer que Pedro Rengifo é traficante?, exclamou Lalo Cura. Isso mesmo, disse Epifanio. Se tivessem me dito não teria acreditado, disse Lalo Cura. Porque você ainda está muito cru, disse Epifanio. Uma índia velha e gorda trouxe um prato de *pozole* para cada um. Eram cinco da manhã. Lalo Cura havia trabalhado a noite toda num carro patrulha aplicando multas de trânsito. Quando estavam parados numa esquina alguém bateu no vidro do carro. Nem Lalo Cura nem o outro policial o viram chegar. Era Epifanio, insone e com pinta de estar de porre, apesar de não estar de porre. Vou levar o garoto, disse ao outro patrulheiro. Este deu de ombros e ficou sozinho na esquina, debaixo de uns jacarandás com tronco pintado de branco. Epifanio não estava de carro. A noite era fresca e a brisa do deserto deixava ver todas as estrelas. Caminharam em direção ao centro, sem falar, até que Epifanio lhe perguntou se estava com fome. Lalo Cura disse que sim. Então vamos comer, disse Epifanio. Quando a índia velha e gorda serviu o *pozole*, Epifanio ficou olhando para o prato de barro como se houvesse visto refletido na superfície deste uma imagem que não era a dele. Sabe de onde vem o *pozole*, Lalito?, perguntou. Não tenho a menor ideia, respondeu Lalo Cura. Não é uma comida do norte, mas do centro do país. É um prato típico do DF. Foi inventado pelos astecas, disse. Pelos astecas?, pois está uma delícia, disse Lalo Cura. Você comia *pozole* em Villaviciosa?, perguntou Epifanio. Lalo Cura pôs-se a pensar, como se Villaviciosa houvesse ficado muito longe, e disse que não, que a verdade verdadeira é que não, se bem que agora lhe parecesse estranho não ter provado antes de morar em Santa Teresa. Vai ver que provei e não lembro mais, falou. Este *pozole* na realidade não é igual ao *pozole* original dos astecas, disse Epifanio. Falta um ingrediente. E qual é esse ingrediente?, perguntou Lalo Cura. Carne humana, disse Epifanio. Não amole, disse Lalo Cura. Mas é verdade, os astecas cozinhavam o *pozole* com pedaços de carne humana, disse Epifanio. Não

acredito, disse Lalo Cura. Bom, tanto faz, talvez eu esteja enganado ou o cabra que me contou essa estava enganado, apesar de entender pacas do assunto, disse Epifanio. Depois falaram de Pedro Rengifo, e Lalo Cura se perguntou como era possível não ter percebido que dom Pedro era um narcotraficante. Porque você ainda é um moleque, respondeu Epifanio. E depois disse: por que você acha que ele tem tantos guarda-costas? Porque é rico, ora, respondeu Lalo Cura. Epifanio deu uma risada. Bom, vamos dormir, que o senhor está mais dormindo que acordado.

Em outubro não apareceu nenhuma mulher morta em Santa Teresa, nem na cidade nem no deserto, e as obras para eliminar o lixão clandestino de El Chile foram interrompidas definitivamente. Um jornalista de *La Tribuna de Santa Teresa* que fez a nota da remoção ou demolição do lixão disse que nunca na vida havia visto tanto caos. Perguntado se o caos era produzido pelos trabalhadores municipais empenhados em vão no intento, respondeu que não, que o caos era produzido pelo podredouro inerte. Em outubro chegaram cinco judiciários enviados por Hermosillo para reforçar o efetivo de policiais judiciários que já estava na cidade. Um deles veio de Caborca, o outro de Ciudad Obregón e os três restantes de Hermosillo. Pareciam tipos decididos. Em outubro Florita Almada tornou a aparecer no programa *Uma hora com Reinaldo* e disse que havia consultado seus amigos (algumas vezes chamava-os de amigos, outras de protetores) e que eles lhe disseram que os crimes iam continuar. Também disseram que tomasse cuidado, que havia gente que não a via com bons olhos. Mas eu não me preocupo, disse ela, para quê, se já sou velha. Depois tentou falar, diante das câmeras, com o espírito de uma das vítimas, mas não conseguiu e desmaiou. Reinaldo achou que o desmaio era fingido e tentou ele mesmo reanimá-la, acariciando seu rosto e dando-lhe de beber golinhos d'água, mas o desmaio não tinha nada de fingido (na realidade era uma lipotimia), e Florita acabou no hospital.

Louro e muito alto. Dono ou talvez empregado de confiança de um negócio de computadores. No centro. Epifanio não demorou muito para encontrar a loja. O sujeito se chamava Klaus Haas. Media um metro e noventa e tinha cabelos louríssimos, de um amarelo canário, como se tingisse os cabelos toda semana. Da primeira vez que foi à loja, Klaus Haas estava sentado à sua mesa falando com um cliente. Um adolescente baixinho e bem moreno veio ao seu encontro e perguntou em que podia ser útil. Epifanio apontou para Haas e perguntou quem era. O chefe, disse o adolescente. Quería falar com ele, disse. Agora está ocupado, disse o adolescente, se me disser o que está procurando talvez eu possa encontrar para o senhor. Não, fez Epifanio. Sentou-se, acendeu um cigarro e se dispôs a esperar. Entraram outros dois clientes. Depois entrou um tipo de guarda-pó azul e deixou umas caixas de papelão num canto. Haas cumprimentou-o da mesa levantando a mão. Tinha braços compridos e fortes, pensou Epifanio. O adolescente se aproximou e deixou-lhe um cinzeiro. No fundo da loja havia uma moça escrevendo à máquina. Quando os clientes

foram embora apareceu uma mulher com pinta de secretária e começou a olhar os notebooks. Enquanto olhava ia anotando preços e características. Vestia saia e sapatos de salto alto, e Epifanio pensou que seguramente trepava com o chefe. Depois chegaram outros dois clientes, e o adolescente deixou a mulher e foi atendê-los. Haas, alheio a tudo, continuava conversando com o homem do qual Epifanio só podia ver as costas. As sobrancelhas de Haas eram quase brancas e de vez em quando ria ou sorria por causa de algo que o outro dizia e seus dentes resplandeciam como os de um ator de cinema. Epifanio apagou o cigarro e acendeu outro. A mulher se virou e olhou para a rua, como se alguém a esperasse lá fora. Sua cara lhe pareceu conhecida, como se a houvesse prendido tempos atrás. Quanto tempo?, pensou. Uma pá de tempo. Mas a mulher não aparentava mais de vinte e cinco, de modo que se a tinha detido mesmo devia ter sido quando ela não passava dos dezessete. Pode ser, pensou Epifanio. E depois pensou que o negócio do louro não ia mal. Tinha clientes fixos e se dava ao luxo de ficar sentado à sua mesa, batendo papo sem pressa. Epifanio pensou então em Rosa María Medina e em sua credibilidade. Estou cagando para a credibilidade dela, disse para si. Meia hora depois não havia mais ninguém na loja. Ao sair, a mulher olhou para ele como se também o reconhecesse. As risadas de Haas e de seu amigo tinham se extinguido. Detrás do balcão, que tinha forma de ferradura, o louro o esperava com um sorriso. Tirou do bolso do paletó a foto de Estrella Ruiz Sandoval e mostrou-a a ele. O louro olhou a foto, sem tocá-la, depois fez um gesto estranho com os lábios, enrugando o inferior e montando-o no lábio superior, e olhou para ele como que perguntando o que queria com aquilo. Conhece a moça? Acho que não, respondeu Haas, mas passa muita gente por esta loja. Depois se apresentou: Epifanio Galindo, da polícia de Santa Teresa. Haas estendeu-lhe a mão e ao apertá-la ele teve a sensação de que os ossos do louro eram de ferro. Gostaria de ter dito a ele que não mentisse, que tinha testemunhas, mas em vez disso preferiu sorrir. Às costas de Haas, sentado em outra mesa, o adolescente fazia que conferia uns papéis, mas na realidade não perdia uma palavra.

* Ovos *rancheros* ou *a la ranchera*: tortilha de milho frita, com um ovo estrelado e molho de tomate em cima. Ovos à mexicana: ovo mexido com tomate, cebola e chiles. (N. T.)

** Célebre comediante do cinema mexicano, muito atuante entre os anos 1940 a 1960. (N. T.)

Depois de fechar a loja, o adolescente montou numa moto japonesa e deu uma volta pelas ruas do centro, devagar, como se esperasse ver alguém, até que, ao chegar à rua Universidad, acelerou e começou a se distanciar em direção à colônia Veracruz. Parou a moto em frente a uma casa de dois andares e pôs a corrente antirroubo. Sua mãe o esperava fazia dez minutos com a comida pronta. O adolescente deu um beijo nela e ligou a tevê. A mãe entrou na cozinha. Tirou o avental e pegou uma bolsa de imitação de couro. Deu um beijo no adolescente e saiu. Volto já, falou. O adolescente pensou em perguntar aonde ia, mas acabou não dizendo nada. De um dos quartos veio o choro de uma criança. O adolescente, a princípio, não fez caso e continuou vendo tevê, mas quando o choro ficou mais forte se levantou, entrou no quarto e saiu de volta com um bebê de poucos meses nos braços. O bebê era branco e corpulento, o oposto do irmão. O adolescente sentou-o no colo e continuou comendo. Na tevê passava um noticiário. Viu um grupo de negros correndo pelas ruas de uma cidade americana, um homem que falava de Marte, um grupo de mulheres que saíam do mar e desandavam a rir na frente das câmeras. Mudou de canal com o controle remoto. Dois jovens boxeavam. Trocou novamente de canal, não gostava de boxe. A mãe parecia ter se evaporado, mas o bebê não chorava mais e o adolescente não se incomodava em ter de carregá-lo. A campainha da porta soou. O adolescente ainda teve tempo de mudar de canal — uma novela —, depois se levantou com a criança nos braços e abriu a porta. Quer dizer que mora aqui, disse Epifanio. É, respondeu o adolescente. Atrás de Epifanio entrou um policial baixote, porém mais alto que o adolescente, e sentou na poltrona sem pedir licença. Estava jantando?, perguntou Epifanio. Estava, respondeu o adolescente. Continue, continue, disse Epifanio enquanto entrava nos outros quartos e saía rapidamente, como se um só olhar bastasse para revistar todos os cantos da casa. Como você se chama?, perguntou Epifanio. Juan Pablo Castañón, respondeu o adolescente. Bem, Juan Pablo, primeiro sente-se e continue comendo disse Epifanio. Sim, senhor, disse o adolescente. E não fique nervoso porque pode deixar cair esta criaturinha, disse Epifanio. O outro policial sorriu.

Uma hora depois foram embora e Epifanio tinha as coisas bem mais claras do que antes. Klaus Haas era alemão mas tinha se naturalizado americano. Era dono de duas lojas em Santa Teresa, nas quais vendia de walkmans a computadores, e também tinha uma loja assim em Tijuana, que o obrigava a se ausentar uma vez por mês, para conferir as contas, pagar os empregados e repor o estoque. Também viajava para os Estados Unidos de dois em dois meses, mas nisso não havia regularidade nem data fixa, salvo na duração de suas ausências, que nunca excediam três dias. Havia vivido uns anos em Denver, de onde tinha ido embora por uma história de rabo de saia. Gostava de mulher, mas que se soubesse não era casado nem tinha namorada. Costumava frequentar discotecas e bordéis do centro, e era amigo de alguns dos proprietários dessas casas, para os quais havia instalado um dia câmeras de vigilância ou programas informáticos de contabilidade. Pelo menos num caso o adolescente tinha certeza do que dizia, porque ele é que tinha feito a programação. Como chefe era justo e razoável, e não pagava mal, mas às vezes ficava uma fera sem nenhuma razão e era capaz

de dar uns tapas em qualquer um, pouco lhe importando de quem se tratasse. Nunca havia batido nele, mas brigara por chegar atrasado uma vez ou outra, isso sim. Em quem ele deu uns tapas, então? O adolescente disse que numa secretária. Perguntado sobre se a secretária em quem tinha dado os tapas era a atual secretária, o adolescente disse que não, que era a de antes, que ele não tinha conhecido. Como sabia então que tinha batido nela? Porque era o que diziam os empregados mais antigos, os do depósito, onde o louro guardava parte da sua mercadoria. Os nomes dos empregados foram todos perfeitamente anotados. Por fim Epifanio mostrou a foto de Estrella Ruiz Sandoval. Você a viu na loja? O adolescente olhou a foto e disse que sim, que o rosto não lhe era estranho.

A visita seguinte que Epifanio fez a Klaus Haas foi por volta da meia-noite. Tocou a campainha e teve de esperar um bom tempo até abrirem, embora na casa ainda houvesse luzes. A casa ficava na colônia El Cerezal, um bairro de classe média com casas de um ou dois andares, nem todas de construção recente, onde se podia ir a pé comprar pão ou leite, por calçadas arborizadas e tranquilas, longe do barulho da colônia Madero, que ficava um pouco adiante, e longe do estrépito do centro. Foi o próprio Haas que abriu a porta. Vestia camisa branca, por fora das calças, e de início não o reconheceu ou fez que não o reconhecia. Epifanio mostrou seu distintivo, como se estivesse brincando, e perguntou se lembrava dele. Haas perguntou o que ele queria? Posso entrar?, perguntou Epifanio. A sala era bem mobiliada, com poltronas e um grande sofá branco. De um móvel bar Haas tirou uma garrafa de uísque e serviu-se um copo. Perguntou se Epifanio queria um. Epifanio moveu a cabeça negativamente. Estou em serviço, falou. Haas balançou a cabeça num riso estranho. Foi como se dissesse haaa, ou raaa, ou como se espirrasse, mas só uma vez. Epifanio sentou numa poltrona e perguntou se tinha um bom álibi para o dia em que mataram Estrella Ruiz Sandoval. Haas olhou para ele de cima a baixo e, após uns segundos, disse que às vezes não se lembrava nem do que havia feito na noite anterior. Sua cara ficou vermelha e as sobrancelhas pareceram mais brancas do que na realidade eram, como se estivesse fazendo um esforço de contenção. Tenho duas testemunhas que afirmam ter visto o senhor com a vítima, disse Epifanio. Quem?, perguntou Haas. Epifanio não respondeu. Correu os olhos pela sala e fez um gesto de assentimento. Isto deve ter lhe custado uma fortuna, falou. Trabalho muito e ganho algum dinheiro, disse Haas. Pode me mostrar?, perguntou Epifanio. O quê?, respondeu Haas. A casa, disse Epifanio. Não venha com babaquices, homem, disse Haas, se quiser revistar minha casa apareça com uma ordem judicial. Antes de ir embora, Epifanio falou: eu acho que o senhor matou essa menina. Essa e quem sabe quantas mais. Chega de babaquice, disse Haas. Até breve, disse Epifanio, e estendeu a mão. Chega de babaquice, disse Haas. O senhor tem muito culhão, falou Epifanio já na porta. Pelo amor de Deus, homem, pelo amor de Deus, chega de babaquice, me deixe em paz, disse Haas.

Por intermédio de um amigo da polícia de El Adobe, ele conseguiu a ficha policial de Klaus Haas. Ficou sabendo assim que ele nunca havia vivido em Denver, mas sim em Tampa, Flórida, onde havia sido acusado de tentativa de estupro de uma mulher chamada Laurie Enciso. Ficou preso um mês, depois Laurie Enciso retirou a queixa e o soltaram. Havia outras denúncias contra ele por exibicionismo e comportamento impróprio. Quando quis averiguar que diabo queriam dizer os gringos com comportamento impróprio disseram que se referiam basicamente a bolinação, insinuações verbais exaltadas e uma terceira falta composta pelas duas primeiras. Em Tampa também, Haas havia sido multado em várias ocasiões por comércio sexual com prostitutas, nada do outro mundo. Havia nascido em Bielefeld, na então República Federal da Alemanha em 1955 e emigrado em 1980 para os Estados Unidos. Em 1990 resolveu mudar de país, apesar de já estar com a nacionalidade americana. Viver no México, no norte do estado de Sonora, foi sem dúvida uma decisão feliz, pois em pouco tempo abriu uma segunda loja em Santa Teresa, onde sua carteira de clientes não parava de crescer, e outra em Tijuana, que não parecia ir mal. Uma noite, acompanhado por dois policiais de Santa Teresa e um judiciário, entrou na loja que Haas tinha no centro (a outra ficava na colônia Centeno). A loja era muito maior do que pensava. Várias dependências dos fundos estavam cheias de caixas de componentes de computador que o próprio Haas montava. Mas numa delas havia uma cama, um castiçal com uma vela e um grande espelho junto da cama. A luz não funcionava, mas o judiciário que ia com Epifanio de imediato notou que não funcionava porque alguém havia tirado a lâmpada. Havia dois banheiros. Um muito asseado, com sabonete, papel higiênico e chão limpo. Junto da latrina havia uma escova que Haas obrigava seus empregados, acostumados a só dar a descarga, a usar. O outro banheiro estava tão sujo que, mais que abandonado, embora tivesse água e a corrente da descarga estivesse intacta, parecia estar ali de propósito para ilustrar um fenômeno assimétrico e incompreensível. Depois vinha um comprido corredor que desembocava numa porta que dava para um beco. O beco exibia uma ampla variedade de lixo e caixas de papelão, mas dali dava para ver uma das esquinas mais movimentadas da cidade, numa das ruas mais concorridas da noite de Santa Teresa. Depois desceram ao porão.

Dois dias depois, Epifanio, dois judiciários e três policiais de Santa Teresa foram à loja levando os mandados judiciais que os capacitaram a deter Klaus Haas, cidadão americano de quarenta anos, como suspeito do estupro, tortura e assassinato de Estrella Ruiz Sandoval, cidadã mexicana de dezessete anos, mas ao chegar à loja, conforme disseram os empregados, o chefe não havia aparecido por ali naquele dia, e então a equipe se dividiu, e enquanto um judiciário e dois policiais de Santa Teresa iam num carro à outra loja, situada na colônia Centeno, Epifanio, um judiciário e o outro policial de Santa Teresa partiam para a casa do germano-americano na colônia El Cerezal, onde se distribuíram estrategicamente, o policial de Santa Teresa vigiando a parte dos fundos enquanto Epifanio e o judiciário batiam na porta, que, para sua surpresa, foi aberta pelo próprio Haas, com cara de estar no auge de um resfriado ou gripe, em todo caso com sintomas notórios de ter passado uma péssima noite.

Haas foi imediatamente informado, sem que os policiais aceitassem seu convite para entrar na casa, de que estava detido desde aquele momento preciso, dito isso, mostraram o mandado de detenção e deixaram-no ler sumariamente os mandados de busca e apreensão que pesavam sobre a casa e suas duas lojas, e ato contínuo algemaram-no, pois o detido era alto e corpulento e ninguém sabia que atitude podia tomar após assimilar o fato consumado. Depois meteram-no na parte de trás do carro patrulha, no qual se dirigiram de imediato para o 1º distrito, e deixaram o agente da polícia de Santa Teresa vigiando o domicílio do detido.

O interrogatório de Klaus Haas durou quatro dias e foi realizado pelos policiais Epifanio Galindo e Tony Pintado, e pelos policiais judiciários Ernesto Ortiz Rebolledo, Ángel Fernández e Carlos Marín. Presenciou o interrogatório o chefe de polícia de Santa Teresa, Pedro Negrete, que levou, como convidados especiais, dois juízes da cidade e César Huerta Cena, chefe da Subprocuradoria Geral de Justiça da Zona Norte de Sonora. O detido teve dois surtos de violência descontrolada, pelo que teve de ser dominado pelos agentes que o interrogavam. Depois disso, Haas reconheceu ter tido relações com Estrella Ruiz Sandoval, que foi visitá-lo em sua loja de computadores em três ocasiões. Cinco policiais de Hermosillo, do Grupo Especial Antissequestro da Polícia Judicial do Estado de Sonora, procuraram provas incriminatórias tanto na casa de Haas como em suas duas lojas de Santa Teresa, com especial atenção para o porão da loja situada no centro da cidade, e encontraram restos de sangue num dos cobertores do cômodo do porão e também no chão. Os parentes de Estrella Ruiz Sandoval se prestaram a fazer o teste de DNA, mas as mostras de sangue se perderam antes de chegar a Hermosillo, de onde tinham de ir para um laboratório em San Diego. Indagado a esse respeito, o detido Haas disse que o sangue era provavelmente de uma das mulheres com que havia mantido relações durante o período menstrual. Quando Haas deu essa informação, o policial judiciário Ortiz Rebolledo perguntou se ele se achava muito macho. O normal, respondeu Haas. Um homem normal não trepa com uma mulher que sangra, disse Ortiz Rebolledo. Eu sim, foi a resposta de Haas. Só os porcos fazem isso, disse o judiciário. Na Europa somos todos porcos, rebateu Haas. Então o judiciário Ortiz Rebolledo ficou excessivamente nervoso e foi substituído no interrogatório por Ángel Fernández e pelo policial de Santa Teresa, Epifanio Galindo. Os peritos do Grupo Antissequestro não encontraram impressões digitais no recinto do porão, mas na garagem da casa de Haas acharam vários objetos perfurocortantes, entre eles um facão cuja lâmina media setenta e cinco centímetros, antigo mas em perfeito estado de conservação, e dois grandes canivetes de caça. Essas armas estavam limpas e não se pôde detectar nelas um só vestígio de sangue ou de tecidos. Durante seu interrogatório, Klaus Haas teve de ser levado duas vezes para o Hospital Geral de Sepúlveda, a primeira para que fosse atendido por causa de uma gripe, que se complicou com uma febre altíssima, a segunda para que tratassem de um ferimento que se fez no olho e na sobrancelha direita quando se dirigia da sala de interrogatório para a sua cela. No terceiro dia de prisão, por sugestão da própria polícia de Santa Teresa, Haas concordou em telefonar para seu cônsul na cidade, Abraham Mitchell, que se encontrava em

paradeiro desconhecido. Um funcionário, de nome Kurt A. Banks, atendeu o telefonema e no dia seguinte compareceu à delegacia, onde conversou por dez minutos com seu compatriota, passados os quais saiu sem fazer nenhum protesto. Pouco depois, o detido Klaus Haas foi posto num furgão e levado para a cadeia da cidade.

Enquanto Haas esteve na delegacia, alguns policiais foram vê-lo. A maioria foi ter com ele no xadrez, mas lá Haas só dormia ou fingia dormir, o rosto tapado com um cobertor, e eles puderam admirar apenas seus enormes pés ossudos. Às vezes se dignava a falar com o policial que lhe trazia o rancho. Falavam de comida. O policial perguntava a ele se gostava da comida mexicana e Haas dizia que não era mal, depois ficava em silêncio. Epifanio Galindo levou Lalo Cura para ver Haas durante um dos interrogatórios. Lalo o achou um sujeito astuto. Não parecia astuto, mas supôs que era pela forma que usava para responder às perguntas que os judiciários faziam. E também lhe pareceu um sujeito incansável, que fazia os sujeitos que estavam fechados com ele na sala insonorizada suar e perder a paciência, sujeitos que lhe juravam amizade e simpatia e diziam fale, descarregue-se, no México não existe pena de morte, tire de dentro de você o que está te matando, e que depois batiam nele e o insultavam. Mas Haas era incansável e parecia sair da realidade (ou tentava tirar os judiciários da realidade) com frases inesperadas e perguntas incoerentes. Por meia hora Lalo Cura observou o interrogatório, e teria ficado duas ou três horas mais, porém Epifanio mandou-o embora porque a qualquer momento iam chegar o chefe e outras pessoas importantes que não queriam que aquilo se transformasse numa atração de circo.

Na prisão de Santa Teresa puseram Haas numa cela individual até sua febre baixar. Só havia quatro celas individuais. Uma delas era ocupada por um narcotraficante acusado de matar dois policiais americanos, a outra por um advogado acusado de fraude, a terceira por dois guarda-costas do traficante e a quarta pelo dono de um rancho de El Alamillo que havia estrangulado a mulher e matado a tiros os dois filhos. Para Haas ficar sozinho, transferiram os guarda-costas do traficante para uma cela ocupada por cinco detentos na galeria número três. As celas individuais só tinham uma cama, aparafusada no chão, e quando deixaram Haas em seu novo lar ele descobriu, pelo cheiro, que estiveram ali duas pessoas, uma que dormia na cama e outra que dormia numa esteira no chão. Na primeira noite que passou na prisão, demorou para dormir. Andava pela cela e de vez em quando dava palmadas nos braços. O rancheiro, que tinha sono leve, disse que parasse de fazer barulho e que tratasse de dormir. Haas perguntou no escuro quem tinha falado. O rancheiro não respondeu e por um minuto Haas ficou imóvel, silencioso, esperando que alguém lhe dissesse alguma coisa. Quando se deu conta de que ninguém ia responder continuou dando voltas pela cela e dando palmadas nos braços, como se matasse mosquitos, embora ali não houvesse mosquitos, até que o rancheiro tornou a dizer que não fizesse barulho. Desta vez Haas não parou nem perguntou quem estava falando. A noite foi feita para dormir, seu gringo de merda, ouviu o

rancheiro dizer. Depois ouviu-o virar na cama e imaginou que o tipo tapava a cabeça com o travesseiro, o que lhe provocou um ataque de riso. Não tape a cabeça, disse em voz alta e bem timbrada, você vai morrer do mesmo jeito. E quem vai me matar, gringo de merda, você? Eu não, seu filho da puta, respondeu Haas, vai vir um gigante e o gigante vai te matar. Um gigante?, disse o rancheiro. Exatamente o que você ouviu, seu filho da puta, disse Haas. Um gigante. Um homem muito grande, muito grande, e vai matar você e todos os outros. Você está louco, gringo de merda, disse o rancheiro. Por um instante ninguém disse nada e o rancheiro pareceu adormecer de novo. Logo depois, no entanto, Haas disse que ouvia os passos dele. O gigante já estava a caminho. Era um gigante ensanguentado da cabeça aos pés e já tinha se posto a caminho. O advogado comercialista acordou e perguntou de que estavam falando. Sua voz era suave, astuta e assustada. O compadre aqui endoidou, disse a voz do rancheiro.

* * *

Quando Epifanio foi visitar Haas, um dos carcereiros comentou que o gringo não deixava os outros presos dormirem. Falava de um monstro e passava as noites acordado. Epifanio quis saber a que tipo de monstro o gringo se referia e o carcereiro disse que falava de um gigante, um amigo dele, provavelmente, que viria resgatá-lo e matar todos os que o tinham ferrado. Como ele não consegue dormir, não respeita o sono de ninguém, disse o carcereiro, e também não respeitava os mexicanos, que chamava de índios ou sebentos. Epifanio quis saber por que sebentos, e o carcereiro, muito sério, respondeu que, segundo Haas, os mexicanos não se lavavam, não tomavam banho. Acrescentou que, segundo Haas, os mexicanos tinham uma glândula que os fazia segregar uma espécie de suor oleoso, mais ou menos como os negros, que, segundo Haas, tinham uma glândula que os fazia segregar um cheiro particular e inconfundível. Mas a verdade era que o único que não tomava banho era Haas, que os funcionários da prisão preferiam não obrigar a ir ao chuveiro enquanto não recebessem ordens do juiz ou do prefeito em pessoa, o qual, pelo visto, estava conduzindo o assunto com luvas de pelica. Quando Epifanio ficou frente a frente com Haas este não o reconheceu. Tinha olheiras profundas e parecia muito mais magro do que quando o viu pela primeira vez, mas não se via nenhum dos ferimentos produzidos durante o interrogatório. Epifanio ofereceu um cigarro, mas Haas disse que não fumava. Depois Epifanio falou da prisão de Hermosillo, que era um edifício de construção recente, com galerias amplas e pátios enormes dotados de instalações esportivas. Se ele se declarasse culpado, falou, se encarregaria de que o transferissem para lá, onde ia ter uma cela só para ele, porém muito melhor do que esta. Só então Haas olhou-o nos olhos pela primeira vez e disse deixe de babaquice. Epifanio se deu conta de que Haas o havia reconhecido e sorriu para ele. Haas não retribuiu o sorriso. Tinha uma cara, pensou Epifanio, esquisita, não sei, como que escandalizado. Moralmente escandalizado. Perguntou pelo monstro, pelo gigante, perguntou se o gigante era ele mesmo, e aí sim Haas riu. Eu mesmo? Você não entende nada, cuspiu. Vai pra puta que pariu.

Os presos das celas individuais podiam sair ao pátio da galeria ou podiam ficar na cela e só sair muito cedo, das seis e meia às sete da manhã, quando o pátio era vetado ao resto dos presos, ou a partir das nove da noite, quando em teoria tinha sido realizada a contagem noturna e os internos haviam voltado para as suas celas. O rancheiro uxoricida e filicida e o advogado comercialista saíam somente à noite, depois do jantar. Davam um passeio pelo pátio, falavam de negócios e de política, depois voltavam para suas celas. O traficante compartilhava os horários de pátio com os outros presos e podia ficar horas encostado numa parede, fumando e contemplando o céu, enquanto seus guarda-costas, nunca longe demais, marcavam com sua presença um perímetro invisível ao redor do chefe. Klaus Haas, quando a febre baixou, resolveu sair “no horário normal”, conforme explicou ao carcereiro. Quando este perguntou se não tinha medo de que o matassem no pátio, Haas fez uma expressão de desprezo e mencionou a palidez cadavérica dos rostos do rancheiro e do advogado, que a luz do sol nunca tocava. A primeira vez que saiu ao pátio, o narcotraficante, que até então não tinha se interessado por ele, lhe perguntou quem era. Haas deu seu nome e se apresentou como especialista em computação. O traficante olhou-o de alto a baixo e continuou andando, como se sua curiosidade tivesse se esgotado de forma instantânea. Alguns presos, poucos, usavam os restos remendados do que havia sido o uniforme da prisão, mas a maioria se vestia como bem entendia. Havia os que vendiam refrigerantes levados em caixas que conservavam o frio, caixas de plástico que eles carregavam com um braço só e que punham no chão perto de onde se jogavam partidas de futebol de quatro jogadores por time ou de basquete. Outros vendiam cigarros e fotos pornográficas. Os mais discretos distribuíam droga. O pátio tinha a forma de um V. A metade do chão era de cimento, a outra metade de terra, e era cercado por dois muros com torres de vigilância onde se viam guardas entediados fumando maconha. Na parte estreita do V se viam as janelas de algumas celas, com roupa estendida pendurada nas barras da grade. Na parte aberta, havia uma grade metálica de uns dez metros de altura, detrás da qual corria um caminho pavimentado que levava a outras dependências da casa de detenção, e mais além havia outra grade, menos alta, mas adornada com uma crina de arame farpado, que parecia surgida diretamente do deserto. A primeira vez que saiu ao pátio, por uns minutos, Haas teve a impressão de que estava andando por um parque de uma cidade estrangeira onde ninguém sabia quem ele era. Por um instante sentiu-se livre. Mas ali todos sabiam tudo, disse para si mesmo, e esperou que se aproximasse dele o primeiro preso. Ao cabo de uma hora lhe ofereceram drogas e cigarro, mas ele só comprou um refrigerante. Enquanto tomava, assistindo a uma partida de basquete, uns presos se aproximaram dele e perguntaram se era verdade que matara todas aquelas mulheres. Haas disse que não. Então os presos perguntaram sobre seu trabalho e se dava grana vender computadores. Haas respondeu que tinha altos e baixos. E que um empresário nunca sabia direito se ia dar ou não. Quer dizer então que você é empresário, disseram os presos. Não, replicou Haas, sou um especialista em informática que montou um negócio próprio. Disse aquilo com tanta seriedade e convicção que alguns assentiram. Depois Haas quis saber o que

eles faziam lá fora e a maioria caiu na risada. A gente se vira, foi a única frase que ouviu. Ele também caiu na risada e convidou os cinco ou seis que o rodeavam a tomar um refrigerante.

A primeira vez que foi aos chuveiros, um sujeito que chamavam de Anel quis estuprá-lo. O sujeito era grande mas comparado com Haas era pequeno, e pela cara que fez via-se que fazia aquilo como se as circunstâncias o obrigassem a interpretar aquele papel. Se dependesse dele, dizia sua cara, teria batido uma punheta tranquilamente em sua cela. Haas encarou-o e perguntou como era possível que um adulto se comportasse assim. Anel não entendeu e riu. Tinha uma cara larga e o rosto imberbe e seu riso não era desagradável. Os presos que estavam a seu lado também riram. O amigo do Anel, um preso mais moço chamado Peru, sacou um estilete de sob a toalha e disse que calasse o bico e fosse com eles a um canto. Um canto?, disse Haas. Uma porra de canto? Dois dos amigos que Haas tinha feito no pátio se puseram atrás do Peru e o agarraram pelos braços. O rosto de Haas estava escandalizado. Anel tornou a rir e disse que não era para tanto. Num canto não é para tanto?, gritou Haas. Num canto como cachorros não é para tanto? Outro dos amigos de Haas se postou junto da porta e ninguém pôde mais entrar nem sair dos chuveiros. Faz ele chupar seu pau, gringo, gritou um dos presos. Obriga esse cabra a te fazer um boquete, gringo. Agora mesmo. Enraba ele. As vozes dos presos subiram de tom. Haas tomou o estilete do Peru e disse para Anel ficar de quatro. Se você não tremer, seu babaca, não acontece nada. Se tremer ou tiver medo, vai ficar com dois buracos pra cagar. Anel tirou a toalha e ficou de quatro no chão. Não, aí não, disse Haas, debaixo do chuveiro. Anel se levantou com uma expressão de indiferença e se meteu debaixo d'água. Os cabelos, ondulados e penteados para trás, caíram sobre seus olhos. Disciplina, seus putos, só peço um pouco de disciplina e respeito, disse Haas quando por sua vez entrou no corredor de chuveiros. Depois se ajoelhou atrás de Anel, sussurrou a este que abrisse bem as pernas e introduziu lentamente o estilete até o cabo. Alguns puderam ver que de tempos em tempos Anel sufocava um grito. Outros puderam ver que do cu de Anel saíam gotas de sangue escuro que a água desfazia em segundos.

Os amigos de Haas se chamavam Tempestade, Tequila e Tutanramón. Tempestade tinha vinte e dois anos e estava cumprindo pena por ter matado o capanga de um traficante que queria abusar de sua irmã. Na prisão, tinham tentado matá-lo duas vezes. Tequila tinha trinta anos e era soropositivo, o que muito poucos sabiam porque ele ainda não havia desenvolvido a doença. Tutanramón tinha dezoito anos e seu apelido vinha de um filme. Seu nome verdadeiro era Ramón, mas tinha ido ver mais de três vezes *A vingança da múmia*, que era seu filme favorito, e seus amigos, ou talvez ele mesmo, como acreditava Haas, o apelidaram de Tutanramón. Haas os agradava lhes comprando latas de conserva e drogas. Eles lhe serviam de moço de recados ou de segurança. Às vezes Haas ouvia-os falar de suas coisas, de seus assuntos, da sua vida familiar, do que mais desejavam e do que mais temiam, e não entendia nada. Pareciam extraterrestres. Outras vezes era Haas que falava e seus três amigos

escutavam imersos num silêncio comovente. Haas falava de contenção, de autoesforço, de autoajuda, o destino dos indivíduos está nas mãos de cada indivíduo, um homem podia vir a ser Lee Giacoca caso se propusesse a isso. Eles não tinham ideia de quem era Lee Giacoca. Supunham se tratasse de um capo da máfia. Mas não perguntavam nada com medo de que Haas perdesse o fio da meada.

Quando Haas foi transferido para a galeria junto com os outros presos, o traficante foi ter com ele para se despedir, detalhe que Haas agradeceu emocionado. Se você tiver algum problema me avise, falou, mas só se tiver um problemão, não me incomode com babaquices. Tento não incomodar, disse Haas. Já percebi, disse o traficante. Na visita do dia seguinte, sua advogada perguntou se queria que ela iniciasse os trâmites para que tornassem a colocá-lo numa cela individual. Haas disse que estava bem assim, que mais cedo ou mais tarde ia ter de deixar a cela individual mesmo e que era melhor aceitar a realidade o quanto antes. O que posso fazer por você?, perguntou a advogada. Me trazer um celular, disse Haas. Não é fácil deixarem você ter um celular na prisão, disse a advogada. É fácil, é fácil, disse Haas. Traga um.

Uma semana depois pediu à advogada outro celular, e pouco depois mais outro. O primeiro ele vendeu a um tipo que cumpria pena pela morte de três pessoas. Era um homem comum, meio baixinho, a quem mandavam regularmente dinheiro de fora, na certa para que ficasse de bico calado. Haas disse a ele que a melhor maneira de controlar os negócios era com um celular, e o sujeito pagou três vezes o que o telefone havia custado. O outro, ele vendeu para um açougueiro que tinha matado um dos seus empregados, um adolescente de quinze anos, com uma faca de retalhar carne. Quando perguntavam ao açougueiro, meio de piada, por que tinha matado o garoto, ele respondia que por ser ladrão e por abusar da sua confiança. Os detentos então riam e perguntavam se não tinha sido, isso sim, por ele não se deixar enrabar. O açougueiro abaixava a cabeça e negava então várias vezes, com obstinação, mas de seus lábios não saía uma só palavra contra essa suspeita. Da prisão, ele queria continuar tomando conta de seus dois açougues pois achava que a irmã, que agora estava à frente dos negócios, o roubava. Haas vendeu o telefone para ele e ensinou-o a utilizar a agenda e a mandar mensagens. Cobrou cinco vezes o valor original do aparelho.

Haas dividia a cela com outros cinco detentos. O que mandava era um sujeito chamado Farfán. Tinha cerca de quarenta anos e Haas nunca tinha visto homem mais feio. O cabelo crescia a partir da metade da testa, tinha olhos de ave de rapina postos como que por acaso no meio de uma cara de filiação suína. Era barrigudo e fedorento. Tinha um bigode ralo, que crescia de forma desigual e ao que costumavam aderir restos minúsculos de comida. Nas raras ocasiões em que ria, fazia-o como um burro e só nesses momentos seu rosto parecia

suportável. Quando Haas chegou à cela pensou que Farfán não demoraria a se meter com ele, mas a verdade é que não só não se meteu como parecia perdido numa espécie de labirinto, onde todos os presos eram figuras imateriais. Tinha amigos na galeria, outros durões que o utilizavam como protetor, mas só procurava a companhia de um preso tão feio quanto ele, um tal de Gómez, um sujeito magro com cara de lombriga, que tinha uma pinta do tamanho de um punho na bochecha esquerda e olhos vítreos de drogado perene. Costumavam ver-se no pátio e no refeitório. No pátio se cumprimentavam com um movimento de cabeça e, embora participassem de grupos maiores, no fim sempre se afastavam deles e terminavam tomando sol encostados na parede ou andando absortos da quadra de basquete até a grade. Entre si não falavam muito, talvez porque não tivessem muita coisa a se dizer. Farfán, quando entrou na prisão, era tão pobre que nem o defensor público ia visitá-lo. Gómez, que estava lá por roubar caminhões, tinha sim advogado, e depois de se conhecerem conseguiu que o advogado cuidasse dos papéis de Farfán. A primeira vez que se enrabaram foi numa das dependências da cozinha. Na verdade Farfán violentou Gómez. Deu-lhe umas porradas, atirou-o contra uns sacos e violentou-o duas vezes. A raiva de Gómez foi tão grande que tentou matar Farfán. Uma tarde esperou-o na cozinha, onde Farfán trabalhava lavando pratos e carregando sacos de feijão, e tentou apunhalá-lo com um estilete, mas Farfán não demorou muito para subjugá-lo. Tornou a violentá-lo e depois, enquanto ainda mantinha Gómez debaixo de seu corpo, disse que uma situação como aquela tinha de acabar de uma maneira ou de outra. Como compensação, consentiu que Gómez o enrabasse. Mais ainda, devolveu o estilete como prova de confiança, depois baixou as calças e se jogou na palha. Deitado ali, de bunda para cima, Farfán parecia uma porca, mesmo assim Gómez o enrabou e reataram a amizade.

Como Farfán era o mais forte, às vezes obrigava os outros a saírem da cela. Pouco depois aparecia Gómez e os dois começavam a transar, depois, quando ambos haviam acabado, ficavam fumando e conversando ou permaneciam em silêncio, Farfán encostado em seu catre e Gómez encostado no de outro detento, olhando para o teto ou para as volutas de fumaça que saíam pela janela aberta. Por vezes, parecia a Farfán que a fumaça adquiria formas estranhas: cobras, braços, pernas que se dobravam, cintos que estalavam no ar, submarinos de outra dimensão. Entrecerrava os olhos e dizia: que suave, que doideira mais suave. Gómez, que era mais prático, perguntava o que era suave, de que estava falando, e Farfán não sabia explicar. Então Gómez se levantava e começava a olhar para todos os lados, como se procurasse os fantasmas do seu amigo, e acabava dizendo: você não está batendo bem.

Haas não entendia como um pau podia ficar ereto diante de um olho do cu como o de Farfán ou de Gómez. Podia entender que um homem ficasse com tesão por um adolescente, um efebo, pensava, mas não que um homem ou o cérebro desse homem pudesse enviar

sinais para que o sangue enchesse as esponjas do pênis, uma a uma, difícil como isso era, com o simples chamado de um buraco como o de Farfán ou o de Gómez. Animais, pensava. Bestas imundas atraídas pela imundice. Em seus sonhos se via percorrendo os corredores da prisão, as diferentes galerias, e podia ver seus olhos iguais aos de um falcão enquanto caminhava com passo firme por aquele labirinto de rancos e pesadelos, atento ao que acontecia em cada cela, até que de repente não podia mais continuar avançando e parava à beira de um abismo (pois a prisão de seus sonhos era como um castelo erigido à beira de um abismo insondável). Ali, incapaz de retroceder, levantava os braços, como se clamasse ao céu (tão ensombreado quanto o abismo), depois tentava falar alguma coisa, falar, avisar, aconselhar a uma legião de Klaus Haas em miniatura, mas se dava conta, ou por um instante tinha a impressão, de que alguém havia costurado seus lábios. Dentro da boca, porém, notava algo. Não era sua língua, não eram seus dentes. Um pedaço de carne que tentava não engolir enquanto com a mão arrancava os fios da costura. O sangue escorria por seu queixo. Sentia as gengivas como que anestesiadas. Quando por fim conseguia abrir a boca cuspiu o pedaço de carne, depois ficava de joelhos na escuridão e o procurava. Ao encontrá-lo, e depois de apalpá-lo detidamente, se dava conta de que era um pênis. Alarmado, levava a mão à braguilha, com medo de não encontrar seu pênis, mas ele estava lá, de modo que o pênis que tinha nas mãos era o pênis de outra pessoa. De quem?, pensava enquanto de seus lábios continuava manando sangue. Depois sentia muito sono, se encolhia à beira do abismo e adormecia. Então o que costumava acontecer era que tinha outros sonhos.

Violentar mulheres e depois matá-las lhe parecia mais *atraente*, mais *sexy* do que enterrar o pau no buraco purulento de Farfán ou no buraco cheio de merda de Gómez. Se continuarem se enrabando vou matá-los, pensava às vezes. Primeiro mato Farfán, depois mato Gómez, os três T vão me ajudar, me dar a arma e o álibi, a logística, depois jogo os corpos no abismo e ninguém voltará a se lembrar deles.

Quinze dias depois de ter ingressado no presídio de Santa Teresa, Haas deu o que se poderia chamar de sua primeira coletiva de imprensa, da qual participaram quatro jornalistas do DF e a quase totalidade da mídia escrita do estado de Sonora. Durante a entrevista Haas reiterou sua inocência, disse que durante o interrogatório lhe administraram “substâncias estranhas” para conseguir dobrar sua vontade. Não se lembrava de ter assinado nada, nenhuma declaração autoinculpatória, mas assinalou que se houvesse uma fora obtida após quatro dias de tortura física, psicológica “e médica”. Avisou aos jornalistas que ocorreriam “coisas” em Santa Teresa que demonstrariam que ele não era o assassino de mulheres. Na prisão, insinuou, a gente ficava a par de muitas novidades. Entre os jornalistas vindos do DF estava Sergio González. Sua presença ali não se devia, como na primeira ocasião, a sua necessidade de dinheiro e consequente trabalho extra. Quando soube que Haas havia sido detido, falou com o chefe da seção policial e pediu, como um favor especial, que o deixasse

acompanhar o caso. O chefe não pôs nenhum reparo e quando se soube que Haas queria falar com a imprensa, telefonou a Sergio na seção de cultura e disse que se quisesse ir, podia. O caso está encerrado, disse o chefe, não consigo entender direito o interesse que você tem por ele. Sergio González também não entendia muito bem. Pura morbidez ou talvez a certeza de que no México nunca nada se encerrava totalmente? Quando a coletiva improvisada terminou, a advogada de Haas se despediu de todos os jornalistas com um aperto de mão. Quando chegou a vez de Sergio, este notou que ela tinha passado, sem ninguém perceber, um papel a ele. Sergio enfiou a mão no bolso e guardou o papel. Ao sair da prisão, enquanto esperava um táxi, examinou-o. No papel só havia um número de telefone.

A coletiva de Haas foi um pequeno escândalo. Em alguns meios se perguntou desde quando um detento podia convocar a imprensa e falar com ela, na prisão, como se esta fosse sua casa, e não o lugar que o Estado e a justiça lhe destinavam para pagar um crime ou, como recordavam as peças do caso, para *cumprir pena*. Disseram que o prefeito havia recebido grana de Haas. Disseram que Haas era herdeiro, o único herdeiro, de uma riquíssima família europeia. De acordo com essa notícia, Haas nadava em dinheiro e tinha a seu serviço toda a prisão de Santa Teresa.

Naquela noite, depois da coletiva, Sergio González ligou para o número que a advogada tinha dado. Haas atendeu. Ficou sem saber o que dizer. Alô?, disse Haas. O senhor tem um telefone, disse Sergio González. Quem fala?, perguntou Haas. Sou um dos jornalistas que estiveram hoje com o senhor. O do DF, disse Haas. É, respondeu Sergio González. Com quem o senhor esperava falar?, perguntou Haas. Com a sua advogada, reconheceu Sergio. Ora, ora, ora, disse Haas. Por um instante ambos ficaram em silêncio. Quer que lhe conte uma coisa?, indagou Haas. Aqui na prisão, nos primeiros dias eu tinha medo. Pensava que os outros presos, ao me verem, pulariam em cima de mim para vingar a morte de todas essas meninas. Para mim, estar na prisão era exatamente igual a ser abandonado num sábado ao meio-dia num desses bairros, a colônia Kino, a San Damián, a colônia Las Flores. Um linchamento. Morrer esfolado. Entende? A turba cuspiendo em mim, depois me chutando, depois me esfolando. Sem possibilidade de dizer nada. Mas logo me dei conta de que na prisão ninguém ia me esfolar. Em todo caso, *não* pelo que me acusavam. O que isso quer dizer?, perguntei a mim mesmo. Que esses cabras eram insensíveis aos assassinatos? Não. Aqui, uns mais, outros menos, todos são sensíveis ao que acontece lá fora, digamos assim, às pulsações da cidade. O que acontecia então? Perguntei a um preso. Perguntei o que achava das mulheres mortas, das mocinhas mortas. Olhou para mim e disse que eram umas putas. Quer dizer que mereciam a morte?, perguntei. Não, disse o preso. Mereciam ser comidas tantas vezes quanto o cara tivesse vontade de comê-las, mas não a morte. Perguntei então se acreditava que eu as tinha matado e o cara me disse que não, não, você com certeza não, gringo, como se eu fosse um gringo de merda, que pode ser que eu seja mesmo, no fundo,

mas cada vez sou menos. O que você quer me dizer?, perguntou Sergio González. Que na prisão sabem que sou inocente, disse Haas. E como sabem?, Haas se perguntou. Isso demorei um pouco mais para descobrir. É como um ruído que você ouve num sonho. O sonho, como todos os sonhos que se sonham em espaços fechados, é contagioso. De repente você sonha o sonho e pouco depois a metade dos detentos o sonha. Mas o ruído que alguém ouviu não é parte do sonho, e sim da realidade. O ruído pertence a outra ordem de coisas. Entende? Alguém e depois todos ouviram um ruído num sonho, mas o ruído não se produziu num sonho, e sim na realidade, o ruído é real. Entende? Está claro, senhor jornalista? Creio que sim, respondeu Sergio González. Creio que estou entendendo. Sim, sim, tem certeza que sim?, perguntou Haas. O senhor quer dizer que tem alguém na prisão que sabe com toda certeza que o senhor não pôde cometer os assassinatos, disse Sergio. Exatamente, disse Haas. E sabe quem é essa pessoa? Tenho algumas ideias, disse Haas, mas preciso de tempo, o que no meu caso é paradoxal, não acha? Por quê?, perguntou Sergio. Ora, porque aqui a única coisa que tenho em abundância é tempo. Mas preciso de mais tempo ainda, muito mais, disse Haas. Depois Sergio quis perguntar a Haas sobre sua confissão, sobre a data do julgamento, sobre o tratamento dispensado pela polícia, mas Haas disse que falariam disso em outra oportunidade.

Naquela mesma noite, o policial judiciário José Márquez confidenciou ao policial judiciário Juan de Dios Martínez uma conversa que havia escutado sem querer numa das dependências da polícia de Santa Teresa. Os que falavam eram Pedro Negrete, o judiciário Ortiz Rebolledo, o judiciário Ángel Fernández e o segurança de Negrete, Epifanio Galindo, mas para dizer a verdade Epifanio Galindo foi o único que não abriu a boca. O tema da conversa era a coletiva que o suspeito Klaus Haas tinha dado. Para Ortiz Rebolledo, a culpa era do prefeito. Com certeza Haas lhe dera dinheiro. Ángel Fernández concordava com ele. Pedro Negrete disse que provavelmente havia mais alguma coisa ali. Um peso extra para fazer a vontade do prefeito pender numa ou noutra direção. Surgiu então o nome de Enrique Hernández. Acho que foi Enriquito Hernández que convenceu o prefeito, disse Negrete. Pode ser, disse Ortiz Rebolledo. Filho de uma grande puta, disse Ángel Fernández. E foi tudo. Depois José Márquez entrou na sala onde estavam os outros, cumprimentou, fez menção de ficar mas Ortiz Rebolledo, com um gesto, indicou que era melhor dar o fora, e quando saiu o próprio Ortiz Rebolledo trancou a porta para que não voltassem a ser incomodados.

Enrique Hernández tinha trinta e seis anos. Trabalhou por algum tempo para Pedro Rengifo, depois para Estanislao Campuzano. Tinha nascido em Cananea e quando ganhou dinheiro o bastante comprou um rancho nos arredores, onde criava gado bovino, e uma casa, a melhor que pôde encontrar, no centro da cidade, a poucos passos da praça do mercado. Todos os seus homens de confiança, além do mais, eram naturais de Cananea. Supunha-se

que era encarregado de transportar a droga que chegava pelo mar a Sonora, em algum ponto entre Guaymas e Cabo Tepoca, com uma frota de cinco caminhões e três Suburban. Sua missão consistia em deixar a muamba a salvo em Santa Teresa, depois outra pessoa se encarregava de transportá-la para os Estados Unidos. Mas um dia Enriquito Hernández entrou em contato com um salvadorenho que estava metido no negócio e que, como ele, queria ser independente, e o salvadorenho o pôs em contato com um colombiano, e de repente Estanislao Campuzano se viu sem encarregado de transporte no México e com Enriquito transformado em concorrente. O volume dos negócios, de todo modo, não era comparável. Para cada quilo que Enriquito transportava, Campuzano transportava vinte, mas o rancor não conhece diferenças de peso, de modo que Campuzano, com paciência e sem se precipitar, esperou sua hora. Claro, não lhe convinha entregar Enriquito por motivos relacionados com o tráfico de drogas, mas sim tirá-lo de circulação, de forma legal e, depois de se encarregar dele por baixo do pano, se aprumar novamente. Chegado o momento (uma história de rabo de saia em que Enriquito exagerou na mão e acabou matando quatro pessoas de uma mesma família), Campuzano avisou a Procuradoria de Sonora, distribuiu dinheiro e pistas, e Enriquito deu com os costados no xadrez. Durante as duas primeiras semanas não aconteceu nada, mas na terceira semana quatro pistoleiros se apresentaram num galpão nos arredores de San Blas, no norte do estado de Sinaloa, e depois de matar os dois seguranças levaram um carregamento de cem quilos de coca. O galpão pertencia a um camponês de Guaymas, no sul do estado de Sonora, que tinha morrido havia mais de cinco anos. Campuzano destacou para investigar o assunto um de seus homens de confiança, um tal de Sergio Cansino (aliás Sergio Carlos, aliás Sergio Camargo, aliás Sergio Carrizo), que, depois de perguntar no posto de gasolina e nos arredores do galpão, só tirou a limpo que durante o roubo mais de uma pessoa tinha visto por ali uma Suburban preta como as que os homens de Enriquito Hernández usavam. Depois, Sergio tentou encontrar o dono dela nos ranchos da região, e em sua busca chegou a El Fuerte, mas ali ninguém, nem os poucos rancheiros que encontrou, tinha dinheiro para comprar um veículo assim. O dado não era tranquilizador, mas era só isso, pensou Estanislao Campuzano, um dado que precisava ser conferido. A Suburban bem podia ser de um turista americano perdido por aquelas poeiradas, ou podia ser de um judiciário que passava por ali, ou de um alto funcionário de férias com a família. Pouco depois, quando ia pela estrada de terra de La Discórdia a El Sasabe, na fronteira com os Estados Unidos, foi assaltado um caminhão de Estanislao Campuzano carregado com vinte quilos de coca, tendo sido mortos o motorista e o ajudante, que estavam desarmados, pois contavam atravessar naquela tarde para o Arizona e ninguém atravessa armado ao mesmo tempo que transporta droga. Ou passa com armas, ou com droga, mas não com as duas coisas juntas. Dos homens que iam no caminhão nunca mais se soube. Da droga, tampouco. O caminhão apareceu dois meses depois num ferro-velho de Hermosillo. Segundo Sergio Cansino o dono do ferro-velho havia comprado o caminhão, em péssimo estado aliás, de três viciados que eram delinquentes habituais e informantes da polícia de Hermosillo. Falou com um deles, apelidado de Elvis, que disse que tinha ganhado o caminhão, em troca de uma mixaria, de um colhudão de Sinaloa. Quando Sergio perguntou

como sabia que era de Sinaloa, Elvis respondeu que pelo modo de falar. Quando perguntou como sabia que era colhudo, Elvis respondeu que pelos olhos. Olhava como um colhudo, sem medo de nada, nem dos x-9 nem dos poderosos, um colhudo de verdade, um cara que tanto te dá um tiro no fígado como troca seu caminhão por um Marlboro ou por uma barrufada. Ele te deu o caminhão em troca de um baseado?, perguntou Sergio rindo. Meio baseado, respondeu o Elvis. Com essa sim Campuzano subiu nas tamancas.

Por que Enriquito Hernández, à sua maneira, claro, está protegendo Haas?, perguntou-se o policial judiciário Juan de Dios Martínez. Como se beneficia? A quem prejudica protegendo Haas? E também se perguntou: até quando pensa protegê-lo? Por um mês, dois meses, todo o tempo que acreditar necessário? E por que descartar a simpatia, a amizade? Não seria possível que Enriquito tivesse ficado amigo de Haas? Não era possível que a proteção estivesse determinada somente pela amizade? Não, não, disse Juan de Dios Martínez para si mesmo, Enriquito Hernández não tinha amigos.

Em outubro de 1995 não apareceu nenhuma mulher morta em Santa Teresa nem em seus arredores. Desde meados de setembro a cidade, como se costuma dizer, respirava em paz. Em novembro, no entanto, foi encontrada uma desconhecida no barranco de El Ojito, que posteriormente foi identificada como Adela García Estrada, de quinze anos, desaparecida uma semana antes, empregada da maquiladora EastWest. De acordo com o laudo médico-legal, a causa da morte foi a ruptura do hioide. Vestia uma camiseta cinza com a estampa de um grupo de rock e, por baixo da camiseta, um sutiã branco. Mas o peito direito estava mutilado e o mamilo do peito esquerdo havia sido arrancado a mordidas. Cuidaram do caso o policial judiciário Lino Rivera e, depois, os policiais judiciários Ortiz Rebolledo e Carlos Marín.

No dia 20 de novembro, uma semana depois de encontrado o cadáver de Adela García Estrada, foi achado o corpo de uma desconhecida num terreno baldio da colônia La Vistosa. Aparentemente a desconhecida tinha uns dezenove anos e as causas da morte eram várias facadas no tórax, produzidas por uma arma de dois gumes, todas ou quase todas mortais. A desconhecida vestia um colete cinza-pérola e calça preta. Quando no laboratório da perícia tiraram a calça descobriram que por baixo desta vestia outra, de cor cinza. As manias dos seres humanos são um mistério, sentenciou o legista. Encarregou-se do caso o policial judiciário Juan de Dios Martínez. Ninguém reclamou o corpo.

Quatro dias depois, apareceu o cadáver mutilado de Beatriz Concepción Roldán à margem da estrada Santa Teresa-Cananea. A causa da morte era um ferimento, presumivelmente

infligido com um facão ou uma faca de grandes dimensões, que lhe tinha aberto um talho do umbigo ao seio. Beatriz Concepción Roldán tinha vinte e dois anos, media um metro e sessenta e cinco, era magra, de pele morena. Tinha cabelos compridos, até o meio das costas. Trabalhava como garçoneiro num estabelecimento da Madero-Norte e vivia com Evodio Cifuentes e uma irmã deste, chamada Eliana Cifuentes, mas ninguém registrou seu desaparecimento. Em diversas partes do corpo o cadáver exibia hematomas, mas facada só uma, a que causou sua morte, de modo que o legista deduziu que a vítima não se defendeu ou estava inconsciente no instante em que foi mortalmente agredida. Depois que sua foto apareceu no *La Voz de Sonora*, um telefonema anônimo a identificou como Beatriz Concepción Roldán, moradora da colônia Sur. Quando a polícia se apresentou, quatro dias depois, no domicílio da vítima, encontrou o imóvel, de quarenta metros quadrados e dois quartos pequenos, mais sala com móveis forrados de plástico transparente, completamente abandonado. Segundo alguns vizinhos, o chamado Evodio Cifuentes e sua irmã Eliana não apareciam ali havia uns seis dias, aproximadamente. Uma das vizinhas os viu sair arrastando duas malas cada um. Examinada a casa, poucos pertences pessoais dos irmãos Cifuentes foram encontrados. Desde o início o caso foi investigado pelo policial judiciário Efraín Bustelo, que não demorou a descobrir que os irmãos Cifuentes tinham pouco mais entidade que um par de fantasmas. Não havia fotos deles. As descrições que pôde obter eram vagas, quando não contraditórias: Cifuentes era baixinho e magro e sua irmã tinha características físicas nada memoráveis. Segundo um vizinho acreditava lembrar, Evodio Cifuentes trabalhava na maquiladora File-Sis, mas ali não tinham registrado ninguém que se chamasse assim, nem agora nem nos três últimos meses. Quando Efraín Bustelo pediu as listas de trabalhadores de seis meses antes, disseram que lamentavelmente, por uma falha técnica, elas tinham sido perdidas ou extraviadas. Antes que Efraín Bustelo perguntasse quando podiam conseguir essas listas para ele dar uma espiada, um executivo de File-Sis lhe entregou um envelope com dinheiro e Bustelo se esqueceu do assunto. Provavelmente naquelas listas, se é que ainda existiam, se é que ninguém as tinha queimado, pensou, também não ia encontrar rastro de Evodio Cifuentes. Emitiu-se um mandado de prisão dos dois irmãos, que circulou como circula um mosquito ao redor de uma chama por várias delegacias da República. O caso ficou por esclarecer.

Em dezembro, num terreno baldio da colônia Morelos, na altura da rua Colima com a rua Fuentesanta, não longe da escola preparatória Morelos, foi encontrado o cadáver de Michelle Requejo, desaparecida uma semana antes. O corpo foi achado por uns garotos que costumavam jogar beisebol no lugar. Michelle Requejo morava na colônia San Damián, ao sul da cidade, e trabalhava na maquiladora HorizonW&E. Tinha catorze anos e era magra e sociável. Que se saiba, não tinha namorado. Sua mãe trabalhava na mesma empresa e em suas horas livres ganhava uns trocados extras como adivinha e curandeira. Atendia basicamente mulheres do bairro ou algumas colegas de trabalho que tinham problemas amorosos. Seu pai trabalhava na maquiladora Aguilar&Lennox. Costumava fazer turnos

dobrados toda semana. Tinha duas irmãs com menos de dez anos, que iam à escola, e um irmão de dezesseis, que trabalhava com o pai na Aguilar&Lennox. O corpo de Michelle Requejo apresentava vários ferimentos à faca, alguns nos braços e outros no tórax. Estava vestida com uma blusa preta, que apresentava rasgos produzidos, presumivelmente, pela mesma faca. As calças eram justas, de tecido sintético, e estavam abaixadas até os joelhos. Calçava tênis preto, da marca Reebok. As mãos estavam amarradas nas costas e pouco depois alguém indicou que o nó era idêntico ao que amarrava Estrella Ruiz Sandoval, o que fez alguns policiais sorrirem. O caso foi conduzido por José Márquez, que comentou algumas das suas particularidades com Juan de Dios Martínez. Este lhe fez notar que as causalidades curiosas não se limitavam apenas aos nós, mas também a que, antes, num terreno baldio junto da escola preparatória Morelos, já se havia cometido um crime. José Márquez não se lembrava do caso. Juan de Dios Martínez contou que era uma mulher que nunca pôde ser identificada. Naquela noite, os dois judiciários foram ao lugar onde foi encontrado o cadáver de Michelle Requejo. Observaram por um momento as sombras do terreno. Depois desceram do carro e caminharam no mato rasteiro pisando em sacolas de plástico com matéria mole dentro. Acenderam cigarros. Fedia a cadáver. José Márquez disse que começava a estar farto daquele trabalho, falou de um cargo de chefe de segurança em Monterrey e perguntou onde ficava a escola. Juan de Dios Martínez apontou para um lugar no escuro. Ali, falou. Andaram naquela direção. Atravessaram várias ruas de terra e sentiram que eram vigiados. José Márquez levou a mão ao coldre e, apesar de não ter sacado a pistola, conseguiu se tranquilizar. Chegaram ao gradil da escola iluminado por um poste solitário. A morta estava ali, disse Juan de Dios Martínez, apontando com o indicador para um ponto impreciso perto da estrada da Nogales. Foi descoberta pelo zelador da escola. O assassino ou os assassinos devem ter chegado de carro. Tiraram a morta da mala e atiraram-na no terreno. Não podem ter levado menos de cinco minutos. Calculo uns dez minutos, porque o lugar não é próximo da estrada. Iam para Cananea ou vinham de Cananea. Eu diria, pelo lugar onde jogaram o cadáver, que iam em direção a Cananea. Por quê, mano?, perguntou José Márquez. Porque se você vem de Cananea, antes de chegar a Santa Teresa há um montão de lugares melhores para se desfazer de um corpo. Além do mais, creio que não se apressaram. Pelo que me disseram, o cadáver estava meio empalado. Putz, fez José Márquez. Pois é, Pepito, e é difícil pôr um corpo assim, dessa maneira, como dizer, já preparado, na mala de um carro. O mais provável é que a tenham empalado junto da escola. Mas que animais, mano, disse José Márquez. Jogaram a moça no chão e depois enfiaram a estaca no cu, já pensou? Que barbaridade, mano, disse José Márquez. Mas ela já não estava viva, não é? Não, de fato ela já não estava viva, disse Juan de Dios Martínez.

As duas mortas seguintes também foram achadas em dezembro de 1995. A primeira se chamava Rosa López Larios, tinha vinte e nove anos e seu corpo foi encontrado atrás de uma grande torre da Pemex, onde à noite alguns casais se reuniam para fazer amor. No início vinham de carro ou de caminhonete, mas o lugar ficou na moda e não era raro ver

adolescentes de moto ou bicicleta, e até alguns casais de jovens trabalhadores que chegavam a pé, pois perto dali havia um ponto de ônibus. Detrás da torre da Pemex pensavam construir outro edifício, o que finalmente não foi feito, e agora só há uma esplanada e, para lá da esplanada, havia uns barracões pré-fabricados, atualmente vazios, que por um tempo foram ocupados pelos trabalhadores da empresa. Todas as noites, às vezes de forma provocadora, com o rádio ligado a todo volume, porém no mais das vezes discretamente, os carros se alinhavam na esplanada e os jovens que chegavam de moto ou bicicleta abriam as portas sem tranca dos barracões, onde acendiam lanternas e velas e punham música, às vezes até preparavam um jantar. Detrás dos barracões, numa leve ladeira, se erguia um bosque de pinheiros baixos, que a Pemex plantou ali quando construiu a torre. Alguns jovens, procurando mais intimidade, se embrenhavam no bosque munidos de cobertores. Foi ali que encontraram o corpo de Rosa López Larios. Foram dois jovens de dezessete anos que o acharam. A garota pensou que era alguém dormindo, mas quando a focalizaram com a lanterna se deram conta de que estava morta. A garota desatou a gritar e saiu correndo apavorada. O rapaz teve coragem suficiente, ou muita curiosidade, para virar o corpo e espiar a cara da morta. Os gritos da moça alertaram os ocupantes da esplanada. De imediato alguns carros foram embora. Num dos carros havia um tira municipal, que foi quem deu parte do achado e tentou evitar, inutilmente, a debandada generalizada. Quando a polícia chegou sobravam apenas alguns adolescentes assustados, e o polícia municipal que mantinha todos sob a mira do revólver. Às três da manhã apareceram no local dos fatos o policial judiciário Ortiz Rebolledo e o policial de Santa Teresa Epifanio Galindo. A essa altura, os outros policiais haviam conseguido que o municipal guardasse seu Taurus Magnum não regularizado e se acalmasse. Epifanio interrogou a moça na esplanada, encostado num carro patrulha, enquanto Ortiz Rebolledo subia até o pequeno bosque para dar uma olhada no cadáver. Rosa López tinha morrido devido a múltiplos ferimentos de arma branca que também destroçaram sua blusa e seu suéter. Não tinha nenhum documento que a identificasse, e assim a princípio foi catalogada como desconhecida. Dois dias depois, no entanto, depois de sua foto aparecer nos três jornais de Santa Teresa, uma mulher que disse ser sua prima a identificou como Rosa López Larios e disse à polícia tudo o que sabia, inclusive o endereço da morta, à rua San Mateo, na colônia Las Flores. A torre da Pemex ficava perto da estrada de Cananea, a qual, sem ser próxima da colônia Las Flores, também não ficava excessivamente longe, de modo que havia a possibilidade de a vítima ter se dirigido àquele local a pé ou de ônibus, talvez para um encontro. Rosa López Larios morava com duas amigas, trabalhadoras veteranas como ela de diversas maquiladoras instaladas no Parque Industrial General Sepúlveda. As amigas disseram que Rosa tinha namorado, um tal de Ernesto Astudillo, natural do estado de Oaxaca, que trabalhava distribuindo refrigerantes para a Pepsi. No depósito de refrigerantes da Pepsi disseram que, de fato, trabalhava lá um tal de Astudillo, como auxiliar do caminhão que fazia a rota da colônia Las Flores à colônia Kino, mas que não aparecia no trabalho havia quatro dias, pelo que, no que concerne à empresa, já podia ser dado como despedido. Localizada sua residência, procedeu-se a uma busca legal, mas no lugar só se encontrava um amigo do tal de Astudillo, o qual dividia com

ele a moradia, uma casinha de menos de vinte metros quadrados. Interrogado o amigo, soube-se que Astudillo tinha um primo ou um amigo de quem gostava como se fosse um primo carnal, que exercia o ofício de “galinheiro”. O caso foi pras picas, disse Epifanio Galindo. No entanto, procuraram o amigo de Astudillo entre os “galinheiros”, mas nessa categoria o silêncio é a norma e não se pôde apurar nada. Ortiz Rebolledo abandonou o caso. Epifanio seguiu outras linhas de investigação. Perguntou-se o que aconteceria se Astudillo estivesse morto. Se houvesse morrido, por exemplo, três dias antes dos meninos terem descoberto o corpo da namorada. Perguntou-se o que ela foi procurar, quem Rosa López Larios foi procurar na torre da Pemex, no dia ou na noite que a mataram. O caso, efetivamente, tinha ido pras picas.

A segunda morta de dezembro foi Ema Contreras, mas desta vez foi fácil achar o assassino. Ema Contreras vivia na rua Palo Cifuentes, na colônia Álamos. Uma noite, os vizinhos ouviram um homem gritar. Conforme contaram depois, dava a impressão de que o homem estava sozinho e tinha pirado. Por volta das duas da manhã o homem parou de perorar e se calou. A casa então submergiu no silêncio geral. Por volta das três da manhã dois tiros acordaram os vizinhos. A casa estava com as luzes apagadas, mas ninguém teve a menor dúvida de que o barulho provinha de lá. Seguiram-se outros dois tiros e ouviram alguém dar um grito. Passados alguns minutos viram um homem sair, entrar num carro estacionado na frente da casa e desaparecer. Um dos vizinhos chamou a polícia. Um carro patrulha apareceu por volta das três e meia da manhã. A porta da casa estava aberta de par em par e os policiais não hesitaram em entrar. No quarto maior encontraram o corpo de Ema Contreras, com as mãos e os pés amarrados, e com quatro tiros, dois dos quais lhe destroçaram o rosto. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Juan de Dios Martínez, que depois de comparecer às quatro da manhã ao local dos fatos e revistar a casa não demorou a chegar à conclusão de que o assassino era o coabitante (ou amásio) da vítima, o policial Jaime Sánchez, o mesmo que dias antes e munido de um Magnum Taurus brasileiro havia tentado evitar a debandada dos casais na torre da Pemex. Foi lançada pela rádio uma ordem de busca e captura. Às seis da manhã ele foi encontrado no bar Serafino's. A essa hora o Serafino's estava fechado, mas em seu interior rolava uma partida de pôquer. Próximo da mesa dos jogadores e espectadores, no balcão, um grupo de notívagos, no qual havia mais de um policial, bebia e conversava. Jaime Sánchez estava nesse grupo. Quando recebeu a informação, Juan de Dios Martínez deu ordem de cercar o local e não deixá-lo sair sob nenhum pretexto, mas também deu ordem para que ninguém entrasse até ele chegar. Jaime Sánchez falava de mulheres quando viu o judiciário entrar no bar acompanhado por outros dois policiais. Continuou falando. Na mesa de jogo, junto aos espectadores, estava o judiciário Ortiz Rebolledo, que ao ver Juan de Dios se levantou e perguntou o que o trazia ali àquelas horas. Vim prender alguém, respondeu Juan de Dios, e Ortiz Rebolledo olhou para ele com um grande sorriso de orelha a orelha. Você e esses dois?, perguntou. E depois: que escrotidão, por que não vai chupar uma pica em outro lugar? Juan de Dios olhou para ele como se não o conhecesse, empurrou-o para o lado

e foi até onde estava Jaime Sánchez. Dali chegou a ver que Ortiz Rebolledo retinha o braço de um dos dois policiais, o qual não parava de falar. Com certeza está contando quem vim prender, pensou Juan de Dios. Jaime Sánchez se entregou sem opor resistência. Juan de Dios procurou debaixo do casaco deste até dar com o coldre e o Magnum Taurus. Foi com ele que você matou ela?, perguntou. Me esquentei e perdi o controle, disse Sánchez. Não me humilhe na frente dos meus amigos, acrescentou. Estou cagando e andando para os seus amigos, disse Juan de Dios passando as algemas nele. Quando saíram do bar o pôquer continuou como se nada houvesse acontecido.

Em janeiro de 1996 Klaus Haas tornou a reunir a imprensa. Desta vez não vieram tantos jornalistas como da primeira, mas os que compareceram ao presídio de Santa Teresa não encontraram o menor empecilho para o desenrolar normal do seu trabalho. Haas perguntou aos jornalistas como era possível que, estando o assassino (isto é, ele) encarcerado, continuassem sendo cometidos assassinatos. Falou, sobretudo, do nó com que fora amarrada Michelle Requejo, idêntico ao nó que tinha Estrella Ruiz Sandoval, a única das mulheres mortas que, segundo Haas, teve contato direto com ele, devido, frisou, a seu interesse por informática e computadores. O jornal *La Razón*, onde trabalhava Sergio González, enviou um jornalista novato da seção policial, que leu o dossiê do caso no avião que o levou a Hermosillo. No dossiê estavam as crônicas de Sergio González, que ficou no DF escrevendo uma longa resenha sobre a nova narrativa mexicana e latino-americana. Antes de mandarem o novato, o chefe da seção subiu os cinco andares que o separavam da cultura, se bem que quase nunca tomasse o elevador, e perguntou a ele se queria ir. Sergio encarou-o sem responder e por fim moveu a cabeça negativamente. Em janeiro, também, a filial em Santa Teresa do grupo Mulheres de Sonora pela Democracia e a Paz organizou uma coletiva de que participaram exclusivamente os jornais de Santa Teresa, na qual expuseram os tratamentos vexatórios e sem consideração que os parentes das mulheres mortas sofriam, e mostraram as cartas que pretendiam enviar sobre esse problema ao doutor José Andrés Briceño, do PAN, e à Procuradoria Geral da República. Cartas que nunca foram respondidas. A seção de Santa Teresa do MSDP cresceu em três militantes e vinte simpatizantes. Janeiro de 1996, no entanto, não foi um mês ruim para a polícia da cidade. Três homens morreram a tiros num bar próximo da antiga linha férrea, presumivelmente num ajuste de contas entre traficantes. O cadáver degolado de um centro-americano apareceu num local de travessia utilizado por “galinheiros”. Um sujeito gorducho e baixinho, que usava uma gravata estranhíssima, cheia de arco-íris e mulheres peladas com cabeça de bicho, se deu um tiro na boca jogando roleta-russa numa casa noturna da Madero-Norte. Mas não foram encontrados cadáveres de mulheres, nem nos terrenos baldios da cidade, nem nos arredores, nem no deserto.

Mas no começo de fevereiro um telefonema anônimo avisou a polícia sobre um corpo

abandonado dentro de um velho galpão ferroviário. O corpo, segundo o laudo médico-legal estabeleceu, era de uma mulher de aproximadamente trinta anos, se bem que visto assim, a olho, qualquer um teria dito quarenta. Tinha dois ferimentos de arma branca de prognóstico mortal. Também mostrava ferimentos profundos nos antebraços. Segundo o legista, foram provavelmente causados por uma faca, uma faca grande, de lâmina grossa, como as que se veem nos filmes americanos. Indagado a esse respeito, o legista esclareceu que se referia aos filmes americanos de faroeste e às facas de caçar urso. Quer dizer, uma faca *muito* grande. No terceiro dia da investigação, o legista deu outra pista importante. A mulher morta era uma índia. Podia ser uma iáqui, mas ele não acreditava, e podia ser uma pima, mas nisso também não acreditava. Havia a possibilidade de ser uma índia maia, do sul do estado, mas francamente tampouco acreditava nisso. Que tipo de índia podia ser? Bem, podia ser uma séri, mas de acordo com o legista, por determinadas características físicas, era improvável que fosse. Também podia ser uma índia pápaga, o que seria mais natural, já que os pápagos são os índios geograficamente mais próximos de Santa Teresa, mas ele achava que também não era uma índia pápaga. No quarto dia, o legista, que seus alunos começaram a chamar de o doutor Mengele de Sonora, disse que a índia assassinada, depois de muito quebrar a cabeça e de muitas medições, era sem dúvida nenhuma uma índia tarahumara. O que fazia uma tarahumara em Santa Teresa? Provavelmente trabalhava de empregada doméstica em alguma casa de classe média ou alta. Ou esperava a vez para entrar nos Estados Unidos. A investigação se centrou nos “galinheiros” informantes e nas casas cujas empregadas houvessem abandonado o trabalho sem avisar. Logo caiu no esquecimento.

A morta seguinte foi encontrada entre a estrada de Casas Negras e uma várzea sem nome onde abundavam matagais e flores silvestres. Foi a primeira morta encontrada em março de 1996, mês funesto em que se encontrariam mais cinco cadáveres. Entre os seis policiais que foram ao local dos fatos estava Lalo Cura. A morta tinha dez anos, aproximadamente. Sua estatura era de um metro e vinte e sete centímetros. Calçava sandálias de plástico transparente, presas com fivela de metal. Tinha cabelos castanhos, mais claros na parte que cobria a testa, como se os tingisse. No corpo foram contados oito ferimentos à faca, três na altura do coração. Um dos policiais pôs-se a chorar quando a viu. Os caras da ambulância desceram à várzea e amarraram-na na maca, porque a subida poderia ser acidentada e uma escorregada podia derrubar seu corpinho no chão. Ninguém foi reclamá-la. Segundo declarou oficialmente a polícia, ela não morava em Santa Teresa, o que fazia lá? Como havia chegado? Isso não disseram. Seus dados foram enviados por fax a várias delegacias do país. Foi encarregado das investigações o policial judiciário Ángel Fernández e o caso foi logo arquivado.

Poucos dias depois, na mesma altura da várzea mas do outro lado da estrada de Casas Negras, foi encontrado o cadáver de outra menina, esta de aproximadamente treze anos de

idade, morta por estrangulamento. Como a vítima anterior, também não trazia nenhum documento que ajudasse a identificá-la. Estava vestindo short de cor branca, camiseta cinzenta com o distintivo de um time de futebol americano. Segundo o laudo médico-legal estava morta havia pelo menos quatro dias, de modo que cabia a possibilidade de que ambos os cadáveres tivessem sido desovados no mesmo dia. Para Juan de Dios Martínez essa ideia era meio estranha, para dizer uma coisa leve, porque, se o assassino desovou o primeiro cadáver na várzea, por força teve de deixar o carro não longe da estrada de Casas Negras, com o segundo cadáver dentro, correndo com isso o risco não só de que um carro patrulha parasse, mas até que passassem por ali uns desocupados e o roubassem, e o mesmo podia ser dito na hipótese de que houvesse desovado o primeiro cadáver do outro lado da estrada, isto é, perto do povoado chamado El Obelisco, que nem era propriamente um povoado nem tampouco chegava a ser subúrbio de Santa Teresa, era antes um refúgio dos mais miseráveis dentre os miseráveis que todos os dias chegavam do sul da república e passavam as noites ali, inclusive morriam ali, nos casebres que não consideravam como suas casas, e sim mais uma estação no caminho rumo a algo diferente ou que pelo menos os alimentasse. Alguns não chamavam o lugar de El Obelisco, mas de El Moridero, o morredouro. E em parte tinham razão, porque ali não havia nenhum obelisco e em compensação a gente morria muito mais depressa do que em outros lugares. Mas houve um obelisco, quando os limites da cidade eram outros, mais reduzidos, e Casas Negras era um povoado, digamos, independente. Um obelisco de pedra ou, melhor dizendo, três pedras, uma em cima da outra, formando uma figura nada estilizada, mas que com um pouco de imaginação ou senso de humor se podia considerar um obelisco primitivo ou um obelisco desenhado por uma criança que acaba de aprender a desenhar, um bebê monstruoso que vivia nos arredores de Santa Teresa e que passeava pelo deserto comendo escorpiões e lagartos e que nunca dormia. O mais prático, pensou Juan de Dios Martínez, era se desfazer dos dois cadáveres no mesmo lugar, primeiro um, depois o outro. E não arrastar o primeiro cadáver até a várzea que ficava longe demais da estrada, mas desová-lo ali mesmo, alguns metros para lá do acostamento. E o mesmo com o segundo cadáver. Por que andar até os arredores de El Obelisco, com os riscos que isso embutia, se podia jogá-lo em qualquer outro lugar? A não ser, disse consigo, que no carro viessem três assassinos, um para dirigir e os outros dois para se desfazerem rapidamente das meninas mortas, que não pesavam quase nada e que, levadas pelos dois, era certamente como carregar uma mala pequena. A escolha de El Obelisco, então, adquiria outra luz, outros contornos. Pretendiam os assassinos que a polícia desviasse suas suspeitas para os moradores daquele lago de barracos de papelão? Mas, nesse caso, por que não se desfazer dos dois cadáveres naquele lugar? Por apreço à *verossimilhança*? E por que não pensar que as duas meninas, quem sabe, moravam em El Obelisco? Em que outro lugar de Santa Teresa podia haver meninas de dez anos de quem ninguém desse falta? Então os assassinos não tinham carro? Atravessaram a estrada com a primeira menina até a várzea próxima de Casas Negras e a deixaram estirada ali? E por que, se eles se deram tanto trabalho, não a enterraram? Porque o solo da várzea estava endurecido e eles não tinham ferramentas? O caso foi conduzido pelo policial judiciário Ángel Fernández, que deu uma batida em El Obelisco e deteve vinte

pessoas. Quatro delas foram para a prisão por delitos comprovados de roubo. Outra morreu no xadrez do 2º distrito, de acordo com o legista, devido a uma tuberculose. Ninguém quis assumir nenhuma das duas mortes.

* * *

Uma semana depois do achado do cadáver da menina de treze anos nos arredores de El Obelisco, foi encontrado o corpo sem vida de uma mocinha de aproximadamente dezesseis anos à margem da estrada de Cananea. A morta media quase um metro e sessenta, tinha cabelos negros e compridos, e era de complexão magra. Só tinha um ferimento por arma branca, no abdome, profundo, que havia literalmente atravessado seu corpo. Mas a morte, segundo o laudo do perito, se produziu por estrangulamento e ruptura do hioide. Do lugar onde se encontrou o cadáver dava para ver uma sucessão de morros baixos e casas dispersas, amarelas ou brancas, de teto baixo, e um ou outro galpão industrial em que as maquiladoras guardavam seus componentes de reserva, e caminhos que saíam da estrada e se desfaziam como sonhos sem motivo algum. A vítima, segundo a polícia, provavelmente pedia carona para Santa Teresa e havia sido estuprada. Foram inúteis as tentativas de identificá-la e o caso foi arquivado.

Quase ao mesmo tempo foi encontrado o cadáver de outra garota, de aproximadamente dezesseis anos, esfaqueada e mutilada (mas as mutilações podem ter sido obra dos cachorros do lugar), na encosta do morro Estrella, no noroeste da cidade, a muitos quilômetros de onde apareceram as três primeiras vítimas de março. De complexão magra e cabelos negros e compridos, a morta, disseram alguns policiais, parecia irmã gêmea da presumida carona encontrada na estrada de Cananea. Como esta, também não levava nenhum papel que facilitasse a sua identificação. Na imprensa de Santa Teresa falou-se das *irmãs malditas*, e depois, adotando a versão dos policiais, das *gêmeas infaustas*. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Carlos Marín e não demorou para ser classificado como caso não resolvido.

Quando março já ia terminando, no mesmo dia foram encontradas as duas últimas vítimas. A primeira se chamava Beverly Beltrán Hoyos. Tinha dezesseis anos e trabalhava numa maquiladora do Parque Industrial General Sepúlveda. Seu desaparecimento se deu três dias antes de seu cadáver ser encontrado. Sua mãe, Isabel Hoyos, se apresentou numa delegacia do centro, e depois de esperar cinco horas foi atendida e sua denúncia, com muita má vontade, foi redigida e assinada e passou para a etapa policial seguinte. Beverly, ao contrário das vítimas anteriores de março, tinha cabelos castanhos. Quanto ao mais, havia algumas semelhanças: de complexão magra, um metro e sessenta e dois de altura, cabelos compridos. Seu corpo foi encontrado por uns garotos num dos terrenos baldios a oeste do

Parque Industrial General Sepúlveda, um local de difícil acesso para automóveis. O cadáver apresentava diversos ferimentos por arma na zona torácica e abdominal. Tinha sido violentada vaginal e analmente, depois vestida pelos assassinos, pois a roupa, a mesma que usava quando desapareceu, não mostrava um só rasgão, buraco ou queimadura de bala. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Lino Rivera, que iniciou e esgotou suas pesquisas interrogando as colegas de trabalho e tentando encontrar um namorado inexistente. Não se revistou a região do crime e ninguém tirou os moldes das numerosas pegadas que havia no local.

A segunda vítima daquele dia e a última do mês de março foi encontrada num lote baldio a oeste da colônia Remedios Mayor e do lixão clandestino El Chile, e ao sul do Parque Industrial General Sepúlveda. De acordo com o policial judiciário José Márquez, que foi encarregado do caso, era muito atraente. Tinha pernas compridas, corpo esguio mas não magro, peito farto, cabeleira abaixo dos ombros. Tanto a vagina como o ânus mostravam sinais de abrasões. Depois de violentada esfaquearam-na até matá-la. Segundo o legista, a mulher devia ter entre dezoito e vinte anos. Não tinha documentos que facilitassem sua identificação e ninguém foi reclamar o cadáver, pelo que seu corpo, após uma espera prudente, foi enterrado em vala comum.

No dia 2 de abril, no programa do Reinaldo, Florita Almada apareceu acompanhada por algumas ativistas do MSDP. Florita Almada disse que estava ali apenas para apresentar aquelas mulheres, que tinham uma coisa importante a dizer. Ato contínuo as ativistas do MSDP falaram da impunidade que se vivia em Santa Teresa, do pouco caso policial, da corrupção e do número de mulheres mortas que crescia sem parar desde 1993. Depois agradeceram ao amável público e a nossa amiga Florita Almada e se despediram, não sem antes intimarem o governador do estado, o doutor José Andrés Briceño, a pôr fim a essa situação insustentável num país onde se diz respeitarem os direitos humanos e a lei. O diretor da rede de televisão chamou Reinaldo para uma conversa e esteve a ponto de suspendê-lo. Reinaldo teve um ataque de nervos e disse que o despedisse, se o tinham mandado despedi-lo. O diretor da rede chamou-o de bichona agitadora. Reinaldo se trancou em seu camarim e conversou por telefone com umas pessoas de Los Angeles que tinham uma emissora de rádio e que gostariam de contratá-lo. O produtor do programa disse ao diretor que era melhor deixar Reinaldo em paz. O diretor mandou sua secretária buscar Reinaldo. Reinaldo não quis ir e continuou ao telefone. O chicano com quem estava falando contou a ele a história de um assassino serial de Los Angeles, um cara que só matava homossexuais. Meu Deus, fez Reinaldo, aqui tem um que só mata mulheres. O cara de Los Angeles era um divulgador dos locais gays. Sempre tem gente assim, disse Reinaldo, lobos atrás de um rebanho de ovelhas. O cara de Los Angeles seduzia os homossexuais nos locais de homossexuais ou nas ruas em que a prostituição masculina costumava se agrupar, depois os levava para algum lugar onde

os matava. Era sanguinário como Jack, o Estripador. Literalmente despedaçava suas vítimas. Vão fazer um filme sobre ele?, perguntou Reinaldo. Já fizeram, respondeu o chicano do outro lado da linha. Quer dizer que a polícia o prendeu? Claro, disse o chicano. Que alívio!, fez Reinaldo. E quem trabalha no filme? Keanu Reeves, respondeu o chicano. Keanu como o assassino? Não, como o policial que pega o assassino. E quem faz o assassino. Aquele louro, como se chama?, disse o chicano, aquele que tem o nome igualzinho ao do personagem de um romance de Salinger. Ai, não li esse escritor, disse Reinaldo. Não leu Salinger?, espantou-se o chicano. Pois é, não li, disse Reinaldo. Uma enorme lacuna na sua vida, querido, disse o chicano. É que ultimamente só leio escritores gays, disse Reinaldo. Se possível, escritores gays que tenham uma cultura literária parecida com a minha. Você me explica isso em Los Angeles, disse o chicano. Quando desligaram Reinaldo fechou os olhos e se imaginou morando num bairro com grandes palmeiras, com casas pequenas mas bonitas e vizinhos aspirantes a ator, que ele entrevistaria muito antes de alcançarem a fama. Depois falou com o produtor do programa e com o diretor da rede e ambos, na porta do seu camarim, pediram que esquecesse o acontecido e continuasse. Reinaldo disse que ia pensar, que tinha outras propostas. Naquela noite deu uma festa em seu apartamento e já de madrugada uns amigos sugeriram que fossem à praia ver o amanhecer. Reinaldo trancou-se em seu quarto e ligou para Florita Almada. A vidente atendeu ao terceiro toque. Reinaldo perguntou se a tinha acordado. Florita Almada disse que sim mas que não tinha importância, porque estava sonhando com ele. Reinaldo pediu que contasse o sonho. Florita Almada falou de uma chuva de meteoritos numa praia de Sonora e descreveu um menino parecido com ele. E esse menino olhava os meteoritos cair?, perguntou Reinaldo. Exatamente, respondeu Florita Almada, olhava a chuva de meteoritos enquanto o mar acariciava suas panturrilhas. Que bonito, disse Reinaldo. Também achei, disse Florita Almada. Como é bonito seu sonho, Florita, disse Reinaldo. É sim, disse ela.

O programa com Florita Almada e as mulheres do MSDP foi visto por muita gente. Elvira Campos, a diretora do hospital psiquiátrico de Santa Teresa, viu e comentou com Juan de Dios Martínez, que não tinha visto. Dom Pedro Rengifo, ex-patrão de Lalo Cura que vivia quase sem sair do seu rancho nos arredores de Santa Teresa, também viu, mas não comentou com ninguém, embora seu homem de confiança, Pat O'Bannion, estivesse a seu lado. Tequila, um dos amigos de Klaus Haas, viu na penitenciária de Santa Teresa e comentou com Haas, mas este não deu bola. Não tem a menor importância o que dizem ou pensam essas velhas chatas, disse. O assassino continua matando e eu estou preso. Isso é um fato incontroverso. Alguém deveria pensar *nisso* e tirar *conclusões*. Naquela mesma noite, quando dormia em sua cela, Haas disse: o assassino está fora e eu estou dentro. Mas vai chegar nesta porra de cidade alguém pior que eu e pior que o assassino. Está ouvindo seus passos se aproximando? Está ouvindo seus passos? Cale a boca logo de uma vez, porra, disse Farfán do seu catre. Haas se calou.

Na primeira semana de abril foi encontrado o corpo de outra mulher nos terrenos baldios que se estendem a leste dos velhos armazéns ferroviários. A morta não tinha identificação, salvo um crachá sem foto que a credenciava como operária da maquiladora Dutch&Rhodes, em nome de Sagrario Baeza López. O corpo apresentava múltiplos ferimentos de arma branca, assim como sinais de ter sido violentado. Tinha aproximadamente vinte anos. A polícia foi ao escritório da Dutch&Rhodes, e resultou que a operária Sagrario Baeza López estava viva. Interrogada, declarou que não conhecia, nem de vista, a morta. Que tinha perdido o crachá fazia pelo menos seis meses. E, finalmente, que levava uma vida ordenada, dedicada ao trabalho e à família, com a qual vivia na colônia Carranza, e que nunca tivera problemas com a justiça, o que foi corroborado por algumas colegas de trabalho suas. De fato, nos arquivos da Dutch&Rhodes se encontrou a data exata em que o novo crachá foi entregue a Sagrario Baeza com a advertência de que ela tivesse mais cuidado e não o perdesse. O que fazia a morta com o crachá funcional de outra pessoa?, perguntou-se o policial judiciário Efraín Bustelo. Por uns dias investigaram o pessoal da Dutch&Rhodes, para saber se a morta era outra das trabalhadoras da empresa, mas as únicas mulheres que tinham saído não coincidiam com as características físicas da morta. Três delas, de idade compreendida entre vinte e cinco e trinta anos, optaram por cruzar para os Estados Unidos. Outra, uma mulher gorda e baixota, havia sido despedida por tentar criar um sindicato. O caso foi arquivado sem barulho.

* * *

Na última semana de abril acharam outra mulher morta. De acordo com o legista, antes de morrer havia sido golpeada em todo o corpo. A morte, no entanto, se produziu por estrangulamento e ruptura do hioide. O cadáver foi encontrado no deserto, a uns cinquenta metros de uma estrada secundária que vai para o leste, para as montanhas, num lugar onde não era raro ver aterrissar de vez em quando as avionetas dos barões da droga. Foi encarregado do caso o policial judiciário Ángel Fernández. A morta não tinha documentos que a identificassem e seu desaparecimento não aparecia em registro algum de nenhuma delegacia de Santa Teresa. Sua foto não saiu nos jornais, apesar de a polícia ter enviado três cópias de seu rosto mutilado a *El Heraldo del Norte*, *La Voz de Sonora* e *La Tribuna de Santa Teresa*.

Em maio de 1996 não foram encontrados mais cadáveres de mulheres. Lalo Cura participou de uma investigação sobre carros roubados, que terminou com cinco detenções. Epifanio Galindo foi à prisão visitar Haas. A conversa foi breve. O presidente municipal de Santa Teresa declarou à imprensa que a população podia ficar tranquila, que o assassino estava preso e que os assassinatos de mulheres cometidos posteriormente eram obra de delinquentes comuns. Juan de Dios Martínez se encarregou de um caso de lesões e roubo.

Em dois dias capturou os culpados. Na prisão de Santa Teresa um preso preventivo de vinte e um anos se suicidou. O cônsul americano Conan Mitchell foi caçar no rancho que o empresário Conrado Padilla possuía nas encostas da Sierra. Lá estavam também seus amigos, o reitor da Universidade Pablo Negrete e o banqueiro Juan Salazar Crespo, mais um terceiro personagem que ninguém conhecia, um sujeito gordo e baixo, de cabelos ruivos e que não saiu um só dia para caçar com eles pois afirmou que as armas o deixavam nervoso e que além do mais estava doente do coração, chamado René Alvarado. Esse tal de René Alvarado era de Guadalajara e segundo contou se dedicava a negócios na Bolsa. Pela manhã, enquanto iam caçar, Alvarado se enrolava num cobertor e sentava no terraço, virado para as montanhas, sempre em companhia de um livro.

Em junho foi assassinada uma dançarina do bar El Pelicano. Segundo as testemunhas oculares, a dançarina estava no salão, dançando seminua, quando apareceu seu marido, Julián Centeno, que sem trocar uma só palavra com a vítima descarregou nela quatro balaços. A dançarina, conhecida pelo nome de Paula ou de Paulina, embora em outras casas noturnas de Santa Teresa também fosse conhecida pelo nome de Norma, caiu fulminada e não recobrou a consciência, apesar de duas de suas colegas terem tentado reanimá-la. Quando a ambulância chegou estava morta. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Ortiz Rebolledo, que se apresentou de madrugada no domicílio de Julián Centeno, encontrando-o vazio e com claros sinais de uma fuga apressada. O tal de Julián Centeno tinha quarenta e cinco anos, e a dançarina segundo suas colegas de trabalho, não passava dos vinte e três. Ele era de Veracruz, ela do DF, e haviam chegado a Sonora fazia um par de anos. Segundo a dançarina, eram casados legalmente. No começo, ninguém soube dizer como se chamava a tal Paula ou Paulina. Em sua casa, um apartamento de reduzidas dimensões e poucos móveis, situado na rua Lorenzo Covarrubias, 79, na colônia Madero-Norte, não se encontraram papéis que esclarecessem a identidade da vítima. Era possível que Centeno os houvesse queimado, mas Ortiz Rebolledo se inclinou pela possibilidade de que a tal Paulina teria vivido todos estes últimos anos sem um só papel que desse fé da sua vida, coisa nada inusual entre algumas profissionais de cabaré e algumas putas nômades. Um fax do Registro de Identificação Policial do DF, no entanto, disse que Paulina se chamava Paula Sánchez Garcés. Em seu prontuário estavam anotadas várias detenções por prostituição, ofício a que, parece, se dedicava desde os quinze anos. Segundo suas colegas do El Pelicano, a vítima tinha se apaixonado recentemente por um cliente, um sujeito do qual só sabiam o nome de batismo, Gustavo, e que pensava abandonar Centeno para viver com ele. A busca por Centeno foi infrutífera.

Poucos dias depois do assassinato de Paula Sánchez Garcés apareceu perto da rodovia de Casas Negras o cadáver de uma jovem de dezessete anos, aproximadamente, de um metro e setenta de altura, cabelos compridos e compleição magra. O cadáver apresentava três

ferimentos por arma perfurocortante, abrasões nos pulsos e nos tornozelos, e marcas no pescoço. A morte, de acordo com o laudo médico-legal, se deveu a um dos ferimentos com arma branca. Estava vestida com uma camiseta vermelha, sutiã branco, calcinha preta e sapato vermelho de salto. Não estava de calça nem saia. Feito um esfregaço vaginal e outro anal, chegou-se à conclusão de que a vítima tinha sido violentada. Posteriormente, um auxiliar do legista descobriu que os sapatos que a vítima usava eram no mínimo dois números maiores que o dela. Não se encontrou identificação de nenhum tipo e o caso foi arquivado.

Em fins de julho foi encontrado o cadáver de outra desconhecida, na saída da colônia El Cerezal, perto da estrada de Pueblo Azul. O corpo, pertencente a uma mulher de aproximadamente vinte e um anos, estava literalmente costurado a facadas. Mais tarde o legista contaria vinte e sete, somando os ferimentos leves e os graves. No dia seguinte ao achado do cadáver, apresentaram-se na delegacia os pais de Ana Hernández Cecilio, de dezessete anos, desaparecida fazia uma semana, que reconheceram a morta como sua filha. Três dias depois, no entanto, quando a suposta Ana Hernández Cecilio já tinha sido enterrada no cemitério de Santa Teresa, apareceu na delegacia a verdadeira Ana Hernández Cecilio, que disse que havia fugido com o namorado. Os dois continuavam morando em Santa Teresa, na colônia San Bartolomé, e trabalhavam numa maquiladora do Parque Industrial Arsenio Farrel. Os pais de Ana Hernández corroboraram o depoimento da filha. Foi então ordenada a exumação do cadáver encontrado na estrada de Pueblo Azul e deu-se prosseguimento às investigações, para as quais foram designados os policiais judiciais Juan de Dios Martínez e Ángel Fernández, e o policial de Santa Teresa Epifanio Galindo. Este último percorreu a colônia Maytorena e a colônia El Cerezal, acompanhado de um velho camelô que havia sido da polícia. Dessa forma ficou sabendo que um tal de Arturo Olivárez tinha sido abandonado pela mulher. O estranho era que a mulher não tinha levado os filhos, um menino de dois anos e uma menina de apenas alguns meses. Enquanto seguia outras pistas, Epifanio pediu ao camelô ex-polícia que o mantivesse informado sobre os movimentos do tal Olivárez. Soube assim que o suspeito às vezes visitava um tal de Segovia, que descobriram ser primo irmão de Olivárez. Segovia morava numa colônia da zona oeste de Santa Teresa, e não tinha profissão conhecida. Até um mês antes, raramente aparecia na colônia Maytorena. Puseram Segovia sob vigilância e encontraram um par de testemunhas que disseram tê-lo visto voltar para casa com manchas de sangue na camisa. As testemunhas eram vizinhos de Segovia e não tinham boas relações com ele. Segovia ganhava a vida como intermediário nas rinhas de cachorro realizadas em alguns pátios da colônia Aurora. Juan de Dios Martínez e Ángel Fernández entraram na casa de Segovia quando este não estava. Não encontraram nada que o incriminasse diretamente no assassinato da desconhecida da estrada de Pueblo Azul. Perguntaram a um policial que tinha cachorros de briga se conhecia Segovia. A resposta do policial foi afirmativa. Encarregaram-no de vigiá-lo. Dois dias mais tarde o policial disse que ultimamente Segovia não se limitava a fazer de intermediário mas

que apostava também. Claro, perdia tudo, mas passada uma semana tornava a apostar. Alguém está passando dinheiro pra ele, disse Ángel Fernández. Seguiram Segovia. Cada semana, no mínimo, ia ver o primo. Epifanio Galindo seguiu Olivárez. Descobriu que estava vendendo as coisas da casa. Olivárez está pensando em dar o fora, disse Epifanio. Domingo, jogava futebol num time do bairro. O campo de futebol ficava nuns terrenos junto da estrada de Pueblo Azul. Quando Olivárez viu os policiais se aproximarem, dois à paisana e três de uniforme, parou de jogar e esperou-os sem sair da cancha, como se esta fosse um espaço mental que o protegia de qualquer desventura. Epifanio perguntou seu nome e passou-lhe as algemas. Olivárez não resistiu. Os outros jogadores e a trintena de espectadores que assistiam à partida ficaram imóveis. O silêncio, contaria naquela noite Epifanio a Lalo Cura, era total. Com um gesto, o policial assinalou o deserto que se estendia do outro lado da estrada e perguntou se tinha matado a moça ali ou em casa. Ali mesmo, disse Olivárez. Os meninos estavam com a mulher de um amigo de Olivárez que tomava conta deles nos domingos de futebol. Matou sozinho ou seu primo ajudou? Meu primo ajudou, disse Olivárez, mas não muito.

Toda vida, disse aquela noite Epifanio a Lalo Cura, por mais feliz que seja, sempre acaba em dor e sofrimento. Depende, disse Lalo Cura. Depende de quê, cabra? De muitas coisas, disse Lalo Cura. Se te acertam um tiro na nuca, por exemplo, e o filho da puta do assassino chega sem que você ouça, você vai para o outro mundo sem dor nem sofrimento. Moleque safado, disse Epifanio. Te acertaram muitos tiros na nuca?

A morta se chamava Erica Mendoza. Era mãe de dois filhos pequenos. Tinha vinte e um anos. Seu marido, Arturo Olivárez, era um sujeito ciumento e costumava maltratá-la. A noite em que Olivárez resolveu matá-la estava bêbado e na companhia do primo. Assistiam a uma partida de futebol na tevê e falavam de esporte e de mulheres. Erica Mendoza não via a tevê porque estava preparando o jantar. As crianças dormiam. De repente Olivárez se levantou, pegou uma faca e pediu que seu primo o acompanhasse. Os dois levaram Erica até o outro lado da estrada de Pueblo Azul. Segundo Olivárez, a mulher a princípio não protestou. Depois se internaram no deserto e a violentaram. Primeiro Olivárez a violentou. Depois disse ao primo que fizesse a mesma coisa, a que a princípio o primo se negou. No entanto, a atitude de Olivárez o convenceu de que sua oposição seria fatal. Depois dela ter sido violentada pelos dois, Olivárez começou a desferir punhaladas na mulher. Depois, com as mãos, cavaram um buraco obviamente insuficiente e deixaram nele o corpo da vítima. De volta para casa, Segovia temeu que Olivárez invocasse com ele ou com as crianças, mas este parecia haver tirado um peso das costas e estava descontraído, em todo caso tão descontraído quanto as circunstâncias permitiam. Continuaram vendo tevê, jantaram e três horas depois Segovia foi para casa. O trajeto que Segovia precisou fazer foi longo e acidentado, devido à hora. Andou três quartos de hora até a colônia Madero, onde esperou por meia hora o ônibus

Avenida Madero-Avenida Carranza. Desceu na colônia Carranza e andou em direção ao norte, atravessando a colônia Veracruz e a colônia Ciudad Nueva até chegar à avenida Cementerio, de onde foi em linha reta para sua casa na colônia San Bartolomé. Ao todo, mais de quatro horas. Quando chegou já havia amanhecido, mas por ser domingo havia pouca gente nas ruas. O feliz desenlace do caso Erica Mendoza deu uma margem de confiança à polícia de Santa Teresa nos meios de comunicação.

Nos meios de comunicação do estado de Sonora, pois no DF um grupo feminista chamado Mulheres em Ação (MA) apareceu num programa de tevê denunciando o pinga-pinga incessante de mortes em Santa Teresa e pedindo ao governo o envio de policiais do DF para resolver a situação, já que a polícia de Sonora era incapaz, quando não cúmplice, de enfrentar um problema que visivelmente a excedia. No mesmo programa se tratou do tema do assassino serial. Por trás das mortes havia um assassino serial? Dois assassinos seriais? Três? O apresentador do programa citou Haas, que estava na prisão e cuja data de julgamento ainda não havia sido marcada. As Mulheres em Ação disseram que Haas, provavelmente, era um bode expiatório e desafiaram o apresentador a mencionar uma só prova de peso contra ele. Também falaram do MSDP, as feministas de Sonora, companheiras cujo trabalho solidário e reivindicativo se realizava nas mais adversas condições, e desqualificaram a vidente que havia aparecido com elas num programa de tevê regional, uma velhinha de somenos importância que, ao que parece, queria explorar os crimes em benefício próprio.

Às vezes Elvira Campos desconfiava de que todo o México havia enlouquecido. Quando viu na tevê as mulheres do MA reconheceu uma delas como ex-colega de universidade. Estava mudada, *muito mais velha*, pensou com estupor, *com mais rugas, bochechas caídas*, mas era a mesma pessoa. A doutora González León. Ainda exerceria a medicina? E por que esse desdém para com a vidente de Hermosillo? A diretora do centro psiquiátrico de Santa Teresa ficou com vontade de perguntar mais coisas acerca dos crimes a Juan de Dios Martínez, mas soube que fazê-lo equivalia a estreitar a relação, entrar, *juntos*, num quarto fechado do qual só ela tinha a chave. Às vezes Elvira Campos pensava que o melhor seria ir embora do México. Ou se suicidar antes de fazer cinquenta e cinco. Quem sabe cinquenta e seis?

Em julho foi encontrado o cadáver de uma mulher a uns quinhentos metros do acostamento da estrada de Cananea. A vítima estava nua e segundo Juan de Dios Martínez, que se encarregou do caso até ser substituído pelo policial judiciário Lino Rivera, o assassinato se deu ali mesmo, pois na mão fechada da vítima se encontrou capim, que era a única coisa que crescia naquela zona. Segundo o legista, a morte se devia a traumatismo craniencefálico ou a três ferimentos perfurocortantes no tórax, sem poder dar uma resposta

concludente já que o estado de putrefação do cadáver não permitia fazê-lo sem estudos patológicos posteriores. Esses estudos foram realizados por três alunos de medicina legal da Universidade de Santa Teresa e suas conclusões se perderam depois de arquivadas. A vítima tinha entre quinze e dezesseis anos. Nunca foi identificada.

Pouco depois, perto da linha de fronteira, num local semelhante àquele em que foi encontrada Lucy Ann Sander, os policiais judiciais Francisco Álvarez e Juan Carlos Reyes, lotados na brigada antinarcóticos, encontraram o corpo de uma moça de aproximadamente dezessete anos. Interrogados pelo policial judiciário Ortiz Rebolledo, os da área de narcóticos disseram ter recebido um telefonema do lado americano, de uns colegas da patrulha de fronteiras, que os avisavam que havia uma coisa estranha perto da linha. Álvarez e Reyes pensaram que podia se tratar de um pacote de cocaína, presumivelmente perdido por um grupo de ilegais, e foram ao local indicado pelos americanos. Segundo o legista, a vítima apresentava o hioide quebrado, quer dizer, tinha morrido estrangulada. Antes foi submetida a abusos sexuais que incluíam a violação anal e vaginal. Examinaram-se as queixas de desaparecimento e descobriu-se que a morta era Guadalupe Elena Blanco. Havia chegado a Santa Teresa fazia menos de uma semana, em companhia do pai, da mãe e de três irmãos menores, procedentes de Pachuca. No dia do seu desaparecimento tinha uma entrevista de trabalho numa maquiladora do Parque Industrial El Progreso e não tornou mais a aparecer. Segundo os empregados da maquiladora, não compareceu à entrevista. Nesse mesmo dia os pais deram queixa do desaparecimento. Guadalupe era magra, media um metro e sessenta e três, tinha cabelos compridos e pretos. No dia que foi à entrevista de trabalho na maquiladora vestia calça de brim e uma blusa verde-escura, recém-comprada.

* * *

Pouco depois, num beco que confinava com a parte dos fundos de um cinema, apareceu o cadáver esfaqueado de Linda Vázquez, de dezesseis anos. Segundo os pais, Linda foi ao cinema acompanhada de uma amiga, María Clara Soto Wolf, de dezessete anos, colega de colégio da vítima. Interrogada em seu domicílio pelos policiais judiciais Juan de Dios Martínez e Efraín Bustelo, María Clara declarou ter ido ao cinema com a amiga para ver um filme do Tom Cruise. Terminada a sessão, María Clara se ofereceu para levar Linda em casa, mas esta disse que tinha um encontro com o namorado, de modo que María Clara foi embora e Linda ficou na entrada do cinema, olhando as fotos dos filmes que iam passar nas semanas seguintes. Quando María Clara tornou a passar pelo cinema, já a bordo do seu carro, Linda continuava lá. Mas não havia escurecido totalmente. Não houve nenhuma dificuldade para localizar o namorado, um rapaz de dezesseis anos chamado Enrique Sarabia, que negou que tivesse um encontro com Linda. Não só seus pais mas também a empregada da casa e dois amigos estavam dispostos a testemunhar que naquele dia Enrique não saiu de casa, onde ficou jogando no micro e depois caiu na piscina. De noite chegaram

dois casais amigos dos pais, que também podiam corroborar seu álibi. Nos arredores do cinema ninguém viu nem ouviu nada, se bem que pelos ferimentos que o corpo de Linda exibia era fácil deduzir que ela tinha se defendido. Juan de Dios Martínez e Efraín Bustelo decidiram dar uma prensa na bilheteira do cinema. Ela disse que tinha visto uma moça que esperava na entrada e que pouco depois foi abordada por um rapaz que não parecia ser da mesma condição social. Teve a impressão de que entre ambos havia mais do que uma relação amistosa. Não pôde dizer mais nada porque quando não vendia ingressos ficava lendo dentro da bilheteria. Mais sorte tiveram numa loja de fotografia. O dono estava abaixando as portas metálicas quando viu Linda e o desconhecido. Por alguma razão pensou que iam assaltá-lo e apressou-se a passar o cadeado e ir embora. A descrição que deu do desconhecido era bastante completa: um metro e setenta e quatro, blusão de brim com um distintivo nas costas, calça preta de brim e botas de caubói. Os judiciários perguntaram pela insígnia nas costas. O dono da loja de fotografia disse que não se lembrava direito, mas achava que era uma caveira. Juan de Dios Martínez trouxe um livro do grupo que combatia os bandos juvenis (dois policiais que naquele momento tinham sido transferidos para a brigada antidrogas) e lhe mostrou mais de vinte insígnias. O sujeito reconheceu sem hesitar a que o desconhecido usava. Naquela mesma noite montou-se uma operação que capturou dúzias de membros da gangue dos Caciques. Tanto a bilheteira como o dono da loja reconheceram na roda de suspeitos um tal de Jesús Chimal, de dezoito anos, que fazia bicos numa oficina de motos da colônia Rubén Darío, e tinha antecedentes por delitos menores. O interrogatório de Chimal foi dirigido pelo chefe de polícia em pessoa, acompanhado por Epifanio Galindo e pelo judiciário Ortiz Rebolledo. Ao cabo de uma hora, Chimal confessou ser o assassino de Linda Vázquez. De acordo com a sua história, fazia três semanas que namorava a vítima, que tinha conhecido num concerto de rock nos arredores de El Adobe. Chimal se apaixonou por ela como nunca antes tinha se apaixonado por ninguém até então. Viam-se sem que os pais de Linda soubessem. Em duas ocasiões Chimal tinha ido à casa dela, enquanto os pais haviam viajado para a Califórnia. Segundo Chimal, todos os anos os pais de Linda costumavam ir pelo menos uma vez à Disneylândia. Lá, na casa solitária, fizeram amor pela primeira vez. Na tarde do crime, Chimal convidou Linda para assistir a outro concerto, este no Arenas, um local onde também se realizavam lutas de boxe. Linda disse que não podia ir. Caminharam um instante: deram a volta no quarteirão, depois entraram no beco. Lá os amigos de Chimal, quatro homens e uma mulher, esperavam dentro de um Peregrino preto que tinham acabado de roubar. Linda conhecia a mulher e outros dois. Falaram do concerto. Fumaram maconha. Linda também. Falaram de uma casa abandonada perto de um assentamento onde não havia mais camponeses. Um dos rapazes sugeriu que fossem até lá. Linda se negou. Alguém recriminou Linda por alguma coisa. Alguém a acusou de alguma coisa. Linda quis ir embora mas Chimal não deixou. Pediu que entrasse no carro e que fizessem amor. Linda não quis. Então Chimal e os outros começaram a bater nela. Depois, para que não contasse nada aos pais, esfaquearam-na. Naquela mesma noite, graças à informação proporcionada por Chimal, detiveram os outros, menos um, o qual, de acordo com seus pais, sumiu de Santa Teresa poucas horas depois do crime. Todos os presos

reconheceram sua culpa.

Em fins de julho uns garotos encontraram os restos de Marisol Camarena, de vinte e oito anos, dona do cabaré Los Héroes del Norte. O corpo dela tinha sido posto num tambor de duzentos litros que continha ácido corrosivo. Só ficaram sem se dissolver as mãos e os pés. Conseguiram identificá-la graças aos implantes de silicone. Dois dias antes havia sido sequestrada por dezessete indivíduos, em sua casa, que ficava em cima do cabaré. A criada, Carolina Arancibia, de dezoito anos, conseguiu escapar de uma sorte presumivelmente idêntica se escondendo no forro da casa em companhia da filha da assassinada, um bebê de dois meses. Dali ouviu os homens falarem, ouviu-os rir, ouviu gritos, xingamentos, o barulho de vários carros que arrancavam. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Lino Rivera, que interrogou vários clientes habituais do cabaré, mas os dezessete raptos e assassinos nunca foram encontrados.

Do dia 1º ao dia 15 de agosto houve uma onda de calor e foram achadas outras duas mortas. A primeira se chamava Marina Rebolledo e tinha treze anos. Seu cadáver foi encontrado atrás da escola secundária 30, na colônia Félix Gómez, a poucos metros do edifício da polícia judiciária do estado. Era morena, de cabelo comprido, complexão magra e media um metro e cinquenta e seis. Vestia a mesma roupa que usava no momento em que desapareceu: short amarelo, blusa branca, meias da mesma cor e sapatos pretos. A menina havia saído de casa, na rua Mistula, 38, na colônia de Veracruz, às seis da manhã para acompanhar a irmã que trabalhava na maquiladora do Parque Industrial Arsenio Farrel, e não voltou mais. Naquele mesmo dia seus familiares deram queixa de desaparecimento. Foram detidos dois amigos da menina, de quinze e dezesseis anos, mas ao cabo de uma semana de xadrez soltaram os dois. No dia 15 de agosto foi encontrado o cadáver de Angélica Nevares, de vinte e três anos, mais conhecida pelo codinome de Jessica, perto de um canal de esgoto a oeste do Parque Industrial General Sepúlveda. Angélica Nevares morava na colônia Plata e era dançarina do cabaré Mi Casita. Também havia trabalhado como dançarina no cabaré Los Héroes del Norte, cuja dona Marisol Camarena não fazia muito tinha sido achada dentro de um tambor de ácido. Angélica Nevares era natural de Culiacán, no estado de Sinaloa, e vivia em Santa Teresa fazia cinco anos. No dia 16 de agosto a onda de calor abrandou e começou a soprar o vento das montanhas, um pouco mais fresco.

No dia 17 de agosto foi encontrada em seu quarto, pendurada na ponta de uma corda, a professora Perla Beatriz Ochoterena, de vinte e oito anos, natural do povoado de Morelos, quase na fronteira entre os estados de Sonora e Chihuahua. A professora Ochoterena dava aula na escola secundária 20 e era, conforme seus amigos e conhecidos, uma pessoa amável e serena. Morava num apartamento da rua Jaguar, a duas ruas da avenida Carranza, que

dividia com outras duas professoras. Em seu quarto foram encontrados muitos livros, sobretudo de poesia e ensaio, que a professora Ochoterena comprava por reembolso postal de livrarias do DF ou de Hermosillo. De acordo com suas companheiras de apartamento era uma mulher sensível e inteligente, que havia começado praticamente do zero (Morelos, em Sonora, é um povoado bonito mas minúsculo onde virtualmente não há nada, salvo paisagens cinematográficas) e tudo o que tinha fora obtido com o trabalho e o afinho constantes. Também disseram que gostava de escrever e que uma revista literária de Hermosillo havia publicado, sob pseudônimo, algumas poesias suas. O caso foi conduzido por Juan de Dios Martínez e desde a primeira olhada não teve dúvida de que se tratava de um suicídio. No escritório da professora Ochoterena encontraram uma carta, sem destinatário, em que tentava explicar que não suportava mais o que acontecia em Santa Teresa. Na carta dizia: todas essas meninas mortas. Era uma carta sentida, pensou Juan de Dios, e também um pouco brega. Na carta dizia: não suporte mais. Dizia: procuro viver, como todo o mundo, mas como? O judiciário buscou entre os papéis da professora algum de seus poemas, mas não encontrou nenhum. Anotou vários títulos da sua biblioteca. Perguntou a suas companheiras de apartamento se a professora tinha namorado. Suas companheiras disseram que nunca a tinham visto com um homem. A professora Ochoterena era discreta a ponto de às vezes encher a paciência dos amigos. Parecia se interessar somente por suas aulas, por seus alunos, por seus livros. Não tinha muita roupa. Era bem-arrumada e trabalhadora e nunca protestava. Juan de Dios perguntou o que queriam dizer com nunca protestava. As companheiras de apartamento deram um exemplo: às vezes elas se esqueciam de fazer sua parte do trabalho na casa, como lavar os pratos ou varrer, coisas assim, e a professora Ochoterena fazia, mas não jogava isso na cara de ninguém. Na realidade, *nunca* jogava nada na cara de ninguém, sua vida parecia isenta de críticas e recriminações.

No dia 20 de agosto foi encontrado num ermo, perto do cemitério do oeste, o corpo de uma nova vítima. Tinha entre dezesseis e dezoito anos e não portava nenhum tipo de documentação. O corpo foi encontrado nu, salvo uma blusa branca, envolto num velho cobertor amarelo com elefantes pretos e vermelhos estampados. A perícia estabeleceu que a causa da morte foram os ferimentos perfurocortantes no pescoço e outro bem próximo da aurícula. Na primeira declaração, a polícia afirmou que não tinha havido estupro. Quatro dias depois retificaram e disseram que sim, houvera estupro. O legista encarregado de realizar a autópsia declarou à imprensa que eles, a equipe de patologistas da polícia e da Universidade de Santa Teresa, nunca tiveram a menor dúvida sobre o estupro e que assim se manifestaram no primeiro (e único) laudo oficial. O porta-voz da polícia informou que o mal-entendido se devia a um problema de interpretação desse laudo. O caso foi conduzido pelo policial judiciário José Márquez e logo foi arquivado. A desconhecida foi enterrada em vala comum na segunda semana de setembro.

Por que a professora Ochoterena se suicidou? Segundo Elvira Campos, provavelmente estava deprimida. Talvez começasse a se manifestar nela um surto psicótico. Ela era sem dúvida uma mulher solitária e hipersensível. Juan de Dios Martínez leu para ela alguns dos títulos que havia anotado ao acaso na biblioteca da professora. Leu algum desses livros?, a diretora perguntou a ele. Juan de Dios admitiu que nenhum. São bons livros, disse a diretora, alguns difíceis de encontrar, pelo menos aqui, em Santa Teresa. Encomendava no DF, disse Juan de Dios.

A morta seguinte foi Adela García Ceballos, de vinte anos, trabalhadora da maquiladora Dun-Corp, assassinada a facadas na casa dos pais. O homicida era Rubén Bustos, de vinte e cinco anos, com quem até então Adela havia vivido na rua Taxqueña, 56, na colônia Mancera, e com o qual tinha um filho de um ano. Fazia uma semana que o casal ia mal, e Adela tinha ido morar com os pais. Segundo Bustos, a mulher pensava em abandoná-lo definitivamente por outro homem. A captura de Bustos foi relativamente fácil. Ele se entrincheirou em sua moradia na colônia Mancera, mas só tinha uma faca para se defender. O policial judiciário Ortiz Rebolledo entrou disparando na casa e Bustos se refugiou debaixo da cama. Os policiais cercaram a cama, de onde Bustos não queria sair, e ameaçaram crivá-lo de balas. Lalo Cura estava no grupo de policiais. De vez em quando o braço de Bustos aparecia saindo de debaixo da cama, empunhando a mesma faca que matou Adela, e tentava feri-los nas canelas. Os policiais riam e davam pulos para trás. Um deles ficou de pé em cima da cama e Bustos tentou trespassar o colchão com a faca para feri-lo na sola dos pés. Um dos policiais, um tal de Cordero, famoso no 3º distrito pelo tamanho do pau, pôs-se a urinar mirando diretamente para debaixo da cama. Bustos viu a urina correr pelo chão até chegar onde ele estava e desatou a soluçar. Finalmente Ortiz Rebolledo se cansou de rir e disse a ele que se não saísse o matava ali mesmo. Os policiais viram um farrapo rastejar para fora e o arrastaram para a cozinha. Lá um deles encheu uma panela d'água e derramou-a nele. Ortiz Rebolledo agarrou Cordero pelo pescoço e avisou-o que se restasse um só vestígio de cheiro de mijo no carro ele ia pagar caro. Cordero, embora estivesse sufocando, riu e prometeu que aquilo não aconteceria. E se ele se mijar, chefe?, perguntou. Sei distinguir o cheiro de cada mijo, respondeu Ortiz Rebolledo. A urina deste cuzão deve feder a medo e a sua fede a tequila. Quando Cordero entrou na cozinha Bustos estava chorando. Entre soluços dizia algo sobre seu filho. Falava dos pais, mas não dava para entender se estava se referindo aos pais dele ou aos pais de Adela, que foram testemunhas do assassinato. Cordero encheu a panela de água e derramou-a nele com toda força. Tornou a enchê-la e tornou a jogá-la. As pernas das calças dos dois policiais que vigiavam Bustos estavam todo molhadas, bem como seus sapatos pretos.

O que era que a professora não suportava?, perguntou Elvira Campos. A vida em Santa

Teresa? As mortes em Santa Teresa? As meninas menores de idade que morriam sem que ninguém fizesse nada para evitar? Isso bastava para levar uma jovem mulher ao suicídio? Uma universitária teria se suicidado por essa razão? Uma camponesa que precisara dar duro para conseguir ser professora teria se suicidado por essa razão? Uma entre mil? Uma entre cem mil? Uma entre um milhão? Uma entre cem milhões de mexicanos?

Em setembro quase não houve assassinatos de mulheres. Houve brigas. Houve tráfico e detenções. Houve festas e noitadas quentes. Houve caminhões carregados de cocaína atravessando o deserto. Houve avionetas Cessna voando rasante no deserto como espíritos de índios católicos dispostos a degolar todo o mundo. Houve conversas ao pé do ouvido e gargalhadas tendo como música de fundo *narcocorridos*.^{*} No último dia de setembro, no entanto, encontraram os cadáveres de duas mulheres nas bandas de Pueblo Azul. O lugar onde foram achados era usado pelos motoqueiros de Santa Teresa para tirar rachas. As duas mulheres vestiam roupa de andar em casa, uma delas inclusive estava de chinelo e penhoar. Não encontraram nos cadáveres documentos que servissem para identificá-las. O caso foi conduzido pelo policial judiciário José Márquez e pelo policial judiciário Carlos Marín, que pela marca da roupa supuseram que podiam ser americanas. Informada a polícia do Arizona, finalmente as mortas resultaram ser as irmãs Reynolds, de Rillito, nos arredores de Tucson, Lola e Janet Reynolds, de trinta e quarenta e cinco anos respectivamente, ambas com antecedentes por tráfico de drogas. Márquez e Marín supuseram o resto: as irmãs ficaram devendo uma compra, não muito, pois nunca movimentaram muita droga, e se esqueceram de pagar. Talvez tivessem problemas de liquidez, talvez tenham dado uma de machonas (segundo a polícia de Tucson, Lola era uma mulher invocada), talvez seus fornecedores tenham ido procurá-las, chegaram de noite e encontraram as irmãs indo para a cama, talvez tenham cruzado a fronteira com elas e já em Sonora as mataram, ou talvez as tenham matado no Arizona, dois tiros na cabeça de cada uma, meio sonolentas ainda, depois cruzaram a fronteira e as abandonaram perto de Pueblo Azul.

Em outubro encontraram o corpo de outra mulher no deserto, ao sul de Santa Teresa, entre duas estradas vicinais. O corpo se encontrava em estado de decomposição e os legistas disseram que iam levar dias para determinar as causas da morte. O cadáver tinha unhas pintadas de vermelho, o que fez os primeiros policiais que chegaram ao local pensarem que era uma puta. Pelas roupas deduziram que era jovem: calça de brim e blusa decotada. Mas não é raro ver velhas de sessenta anos vestidas dessa maneira. Quando finalmente chegou o laudo da perícia (provável morte por ferimento de arma branca) ninguém mais se lembrava da desconhecida, nem mesmo os meios de comunicação, e o corpo foi atirado sem mais demora na vala comum.

Em outubro, também, Jesús Chimal, da gangue dos Caciques, autor da morte de Linda Vázquez, ingressou na penitenciária de Santa Teresa. Embora a cada dia entrasse gente nova, o aparecimento do jovem assassino despertou um inusitado interesse entre a população reclusa, como se estivessem sendo visitados por um cantor famoso ou pelo filho de um banqueiro que ia alegrá-los, pelo menos um fim de semana. Klaus Haas sentiu a excitação das galerias e se perguntou se quando ele chegou havia acontecido a mesma coisa. Não, desta vez a expectativa era diferente. Tinha algo de horripilante e algo que aliviava. Os presos não falavam diretamente do tema, mas de alguma maneira aludiam a ele quando falavam de futebol ou de beisebol. Quando falavam da família. De bares e de putas que só existiam na imaginação. Inclusive o comportamento de alguns detentos mais conflituosos melhorou. Como se não quisessem fazer feio. Mas fazer feio aos olhos de quem?, se perguntava Haas. Chimal *era esperado*. Sabiam que ia para lá. Sabiam que cela ele ia ocupar e sabiam que tinha matado a filha de um cara abonado. Segundo o Tequila, os presos que haviam pertencido aos Caciques eram os únicos que andavam à margem de todo aquele teatro. No dia em que Chimal chegou eles também foram os únicos que se aproximaram para cumprimentá-lo. Chimal, por sua vez, não chegou sozinho. Acompanhavam-no três outros detidos pelo assassinato de Linda Vázquez e nenhum deles se separava do outro nem para ir fazer suas necessidades. Um cara da gangue dos Caciques que já estava em cana há um ano passou a Chimal um estilete de ferro. Outro passou por baixo da mesa três cápsulas de anfetamina. Nos dois primeiros dias Chimal se comportou como um doido. Não parava de se virar e de olhar o que acontecia às suas costas. Dormia com o estilete na mão. Levava a anfetamina para todos os lados, como um escapulário mínimo que o protegeria de todos os males. Seus três companheiros não ficavam para trás. Quando passeavam pelo pátio, iam em fileira de dois. Movimentavam-se como um comando perdido numa ilha tóxica de outro planeta. Às vezes Haas olhava para eles de longe e pensava: pobres garotos, pobres moleques perdidos num sonho. No oitavo dia que estavam na prisão pegaram os quatro na lavanderia. De repente, os carcereiros desapareceram. Quatro detentos controlavam a porta. Quando Haas chegou deixaram-no passar como se fosse mais um, um da família, coisa que Haas agradeceu sem palavras, apesar de nunca ter deixado de desprezá-los. Chimal e seus três camaradinhas estavam imobilizados no centro da lavanderia. Havia amordaçado os quatro com esparadrapo. Dois dos Caciques já estavam nus. Um deles tremia. Da quinta fila, encostado numa coluna, Haas observou os olhos de Chimal. Pareceu-lhe evidente que queria dizer alguma coisa. Se tivessem tirado o esparadrapo, pensou, talvez houvesse discursado para seus próprios captores. De uma janela os carcereiros observavam a cena que se produzia na lavanderia. A luz que saía daquela janela era amarela e fraca, em comparação com a luz que os tubos fluorescentes da lavanderia irradiavam. Os carcereiros, notou Haas, haviam tirado o quepe. Um deles estava com uma máquina fotográfica. Um sujeito chamado Ayala se aproximou dos Caciques pelados e fez um corte no saco de cada um. Os que os mantinham imobilizados se retesaram. Eletricidade, pensou Haas, pura vida. Ayala parecia ordenhá-los até que os ovos caíram envoltos em gordura, sangue e algo cristalino que não soube (nem lhe importava saber) o que era. Quem é esse cara?, perguntou Haas. É o Ayala, murmurou

Tequila, o fígado negro da fronteira. Fígado negro?, pensou Haas. Mais tarde o tequila explicaria que entre as muitas mortes que Ayala tinha nas costas estavam a de oito emigrantes que ele atravessou para o Arizona a bordo de uma picape. Depois de três dias desaparecido Ayala voltou a Santa Teresa, mas da picape e dos emigrantes não se soube nada até que os gringos encontraram os restos do veículo, com sangue por todos os lados, como se Ayala, antes de voltar sobre seus passos, tivesse se dedicado a esfrangalhar os corpos. Alguma coisa grave aconteceu por aqui, disseram os da *border patrol*, mas a ausência de cadáveres contribuiu para que o caso fosse esquecido. O que Ayala terá feito com os cadáveres? Segundo o Tequila, comeu-os, tão grande era a sua loucura e a sua maldade, mas Haas duvidava que existisse alguém capaz de devorar, por mais louco ou faminto que estivesse, oito emigrantes ilegais. Um dos Caciques que acabavam de castrar desmaiou. O outro estava de olhos fechados e as veias do pescoço parecia que iam explodir. Junto a Ayala estava agora Farfán, os dois atuando como mestres de cerimônia. Suma com isso, disse Farfán. Gómez pegou os ovos no chão e comentou que pareciam ovos de tartaruga. Macios, macios, disse. Alguns espectadores concordaram e ninguém riu. Depois Ayala e Farfán, cada um com um cabo de vassoura de uns setenta centímetros de comprimento, se dirigiram para Chimal e o outro Cacique.

No início de novembro mataram María Sandra Rosales Zepeda, de trinta e um anos, que costumava se prostituir na calçada do bar Pancho Villa. María Sandra havia nascido num vilarejo do estado de Nayarit e aos dezoito anos chegou a Santa Teresa, onde trabalhou na maquiladora HorizonW&E e na El Mueble Mexicano. Aos vinte e dois anos começou a se virar como puta. Na noite em que a mataram havia pelo menos cinco colegas dela na rua. Segundo testemunhas oculares uma Suburban preta parou perto das mulheres. Dentro dela havia pelo menos três homens. A música tocava a todo volume. Os homens chamaram uma das mulheres e falaram um instante com ela. Depois a mulher se afastou da Suburban e os homens chamaram María Sandra. Esta se encostou na janela abaixada da Suburban, como se estivesse disposta a discutir por um instante a tarifa que pensava pedir. Mas a conversa mal durou um minuto. Um dos homens sacou uma arma e disparou à queima-roupa. María Sandra caiu para trás e durante os primeiros instantes as putas que esperavam na calçada não souberam o que acontecia. Viram então um braço sair pela janela do carro e dar o tiro de misericórdia em María Sandra, que jazia no chão. Depois a Suburban arrancou e desapareceu na direção do centro da cidade. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Ángel Fernández e em seguida juntou-se a ele, por iniciativa própria, Epifanio Galindo. Ninguém se lembrava da placa da Suburban. A puta que tinha falado com os desconhecidos disse que eles perguntaram por María Sandra. Falavam dela como se a conhecessem de nome, como se alguém a houvesse mencionado nos melhores termos. Eram três e os três queriam fazer um programa com ela. Não se lembrava direito dos rostos. Eram mexicanos, falavam como sonorenses e pareciam relaxados, dispostos a passar uma noite na farra. De acordo com um dos informantes de Epifanio Galindo, três homens apareceram uma hora

depois do assassinato de María Sandra no bar Los Zancudos. Os caras eram muito marrentos e tomavam mesclal como quem come amendoim. A certa altura um deles sacou uma arma da cintura e apontou para o teto, como se quisesse acertar uma aranha. Ninguém disse nada e o cara tornou a guardar a arma. Segundo o informante tratava-se de uma pistola Glock austríaca com carregador de quinze balas. Depois se juntou a eles uma quarta pessoa, um magrelo alto vestindo camisa branca, com o qual beberam por um tempo e depois foram embora a bordo de um Dodge vermelho. Epifanio perguntou ao seu cagete se não tinham chegado numa Suburban. Este disse que não sabia, só sabia que tinham ido embora num Dodge vermelho. O calibre das balas que acabaram com a vida de María Sandra era 7,65 mm. Browning. A Glock usava balas de calibre 9 mm. Parabélum. Provavelmente, pensou Epifanio, mataram a coitada com uma pistola-metralhadora Skorpion, de fabricação tcheca, uma arma que Epifanio não gostava, mas que ultimamente começava a se ver bastante em Santa Teresa em vários modelos, especialmente entre os grupos pequenos que se dedicavam ao narcotráfico ou entre sequestradores vindos de Sinaloa.

A notícia mal ocupou uma coluna interna nos jornais de Santa Teresa e poucos meios de informação do resto da república a ecoaram. Ajuste de contas na prisão, dizia o título. Quatro membros da gangue dos Caciques detidos à espera de julgamento pelo assassinato de uma adolescente foram massacrados por alguns detentos do presídio de Santa Teresa. Seus corpos sem vida foram encontrados amontoados no quarto onde se guarda o material de limpeza da lavanderia. Mais tarde foram encontrados os cadáveres de outros dois ex-membros dos Caciques nas dependências sanitárias. Membros da própria instituição penitenciária e da polícia investigaram o crime, sem esclarecer os motivos nem a identidade dos autores.

Quando ao meio-dia foi se encontrar com a sua advogada, Haas disse a ela que havia presenciado o assassinato dos Caciques. Toda a galeria estava lá, disse Haas. Os guardas olhavam de uma espécie de claraboia do andar de cima. Tiravam fotos. Ninguém fez nada. Foram empalados. Destroçaram o olho do cu deles. São palavras feias?, indagou Haas. Chimal, o chefe, pedia aos gritos que o matassem. Jogaram água nele cinco vezes, para que voltasse a si. Os carrascos se afastavam para que os guardas pudessem tirar boas fotos. Se afastavam e afastavam os espectadores. Eu não estava na primeira fila. Podia ver tudo porque sou alto. Estranho: não me revirou o estômago. Estranho, muito estranho: vi a execução até o fim. O carrasco parecia feliz. Ele se chama Ayala. Foi ajudado por outro tipo, um sujeito muito feio, que está na minha cela, ele se chama Farfán. O amante de Farfán, um tal de Gómez, também participou. Não sei quem matou os Caciques que encontraram depois no banheiro, mas esses quatro foram mortos por Ayala, Farfán e Gómez, ajudados por outros seis que seguravam os Caciques. Talvez tenham sido mais. Tire seis e ponha doze. E todos os da galeria assistimos à festa e não fizemos nada. E você acha, disse a advogada, que lá fora não sabem? Ai, Klaus, que ingênuo você é. Eu sou é bobo, disse Haas. Mas se sabem, por que

não dizem? Porque as pessoas são discretas, respondeu a advogada. Os jornalistas também? Estes são os mais discretos de todos, disse a advogada. Neles a discrição equivale a dinheiro. Discrição é dinheiro?, perguntou Haas. Agora você está começando a entender, disse a advogada. Por acaso você sabe por que mataram os Caciques? Não, respondeu Haas, só sei que não estavam num mar de rosas. A advogada riu. Por dinheiro, falou. Aqueles animais mataram a filha de um homem cheio da grana. O resto é sobra. Puro blá-blá-blá, disse a advogada.

Em meados de novembro foi encontrado no barranco de Podestá o corpo de outra mulher morta. Tinha múltiplas fraturas no crânio, com perda de massa encefálica. Algumas marcas no corpo indicavam que ofereceu resistência. O cadáver foi achado com as calças abaixadas até os joelhos, pelo que se supôs que havia sido violentada, se bem que depois da realização do papanicolau a hipótese foi descartada. Ao fim de cinco dias pôde-se identificar a morta. Seu nome era Luisa Cardona Pardo, de trinta e quatro anos de idade, natural do estado de Sinaloa, onde exerceu a prostituição desde os dezessete anos. Vivia em Santa Teresa havia quatro anos e trabalhava na maquiladora EMSA. Anteriormente trabalhou de garçonne e teve uma banquinha de flores no centro. Não figurava em nenhuma ficha policial da cidade. Morava com uma amiga numa casa modesta, mas com luz elétrica e água corrente, na colônia La Preciada. Sua amiga, trabalhadora como ela da EMSA, contou à polícia que de início Luisa falava em emigrar para os Estados Unidos e que até chegou a tratar com um “galinheiro”, mas finalmente resolveu ficar na cidade. A polícia interrogou alguns colegas de trabalho e depois encerrou o caso.

Três dias depois de achado o cadáver de Luisa Cardona foi encontrado no mesmo barranco de Podestá o corpo de outra mulher. Os patrulheiros Santiago Ordóñez e Olegario Cura encontraram o cadáver. O que faziam Ordóñez e Cura naquele lugar? Xeretavam, segundo admitiu Ordóñez. Mais tarde disse que estavam ali porque Cura havia insistido em ir. A zona para a qual tinham sido designados naquele dia ia da colônia El Cereza à colônia Las Cumbres, mas Lalo Cura disse que estava com vontade de ver o lugar onde haviam encontrado o corpo de Luisa Cardona, e Ordóñez, que era quem guiava o carro, não fez nenhuma objeção. Pararam o carro patrulha na parte alta do barranco e desceram por uma trilha escarpadíssima. O barranco Podestá não era muito grande. As fitas de plástico que delimitavam a atuação da política científica ainda estavam ali, enredadas entre as pedras de cor amarela ou cinza e o mato. Por um bom momento, segundo Ordóñez, Lalo Cura fez umas coisas estranhas, como se medisse o terreno e a altura das escarpas, olhando para a parte alta do barranco e calculando o arco que o corpo de Luisa Cardona deve ter descrito enquanto caía. Depois de um momento, Lalo Cura disse a ele que o assassino ou os assassinos jogaram o cadáver precisamente ali para que fosse encontrado o quanto antes. Tendo Ordóñez retrucado que aquele não era exatamente um lugar muito movimentado,

Lalo Cura apontou para o alto de uma das escarpas da pirambeira. Ordóñez ergueu os olhos e viu três garotos, ou talvez um adolescente e dois garotos, todos de calça curta, que os observavam atentamente. Depois Lalo Cura saiu andando para a parte sul do barranco, e Ordóñez ficou sentado numa pedra, fumando e pensando que talvez melhor seria se tivesse entrado para o corpo de bombeiros. Ao cabo de um momento, quando Lalo já havia desaparecido da sua vista, ouviu um assobio do colega e foi na mesma direção. Quando o alcançou viu que a seus pés jazia um corpo de mulher. Estava vestida com algo que parecia uma blusa, rasgada num lado, e nua da cintura para baixo. Segundo Ordóñez a expressão de Lalo Cura era muito esquisita, não de surpresa, mas de felicidade. Como de felicidade? Ele ria? Sorria?, perguntaram. Não sorria, disse, Ordóñez, ele estava concentrado, concentrado pacas, como se não estivesse ali, não naquele momento, como se estivesse no barranco de Podestá mas em outra hora, na hora que tinham matado aquela fulana. Quando chegou perto dele, Lalo Cura disse que não se mexesse. Em suas mãos tinha um caderninho, havia sacado um lápis e anotava tudo o que via. Tem uma tatuagem, ouviu Lalo Cura dizer. Uma tatuagem bem feita. Pela postura eu diria que quebraram o pescoço dela. Mas antes, provavelmente, a estupraram. Onde tem a tatuagem?, perguntou Ordóñez. Na coxa esquerda, ouviu seu colega dizer. Depois Lalo Cura se levantou e procurou nos arredores a peça de roupa que estava faltando. Só achou jornais velhos, latas enferrujadas, sacolas de plástico arreventadas. Suas calças não estão aqui, disse. Depois mandou Ordóñez subir até o carro e chamar a polícia. A morta media um metro e setenta e dois, tinha cabelos compridos de cor negra. Não trazia nada que a identificasse. Ninguém reclamou o cadáver. O caso não demorou a ser arquivado.

Quando Epifanio perguntou por que cargas-d'água tinha ido ao barranco Podestá, Lalo Cura respondeu que fora porque era da polícia. O senhor é um moleque de merda, disse a ele Epifanio, não se meta onde não é chamado, cabra. Depois, Epifanio agarrou-o pelo braço, olhou-o nos olhos e disse que queria saber a verdade. Achei esquisito, respondeu Lalo Cura, nesse tempo todo nunca ter aparecido uma morta no barranco Podestá. E como é que o senhor sabe, cabra?, replicou Epifanio. Porque leio os jornais, disse Lalo Cura. Porra de moleque babaca, quer dizer que lê jornal? Leio, disse Lalo Cura. E lê livros também, suponho. Claro, disse Lalo Cura. As porras de livros de veado que dei pro senhor? Os *Métodos modernos de investigação policial*, do ex-diretor-chefe do Instituto Nacional de Polícia Técnica da Suécia, o senhor Harry Söderman, e do ex-presidente da Associação Internacional de Chefes de Polícia, o ex-inspetor John J. O'Connell, disse Lalo Cura. E se os citados supertiras eram tão bons por que agora são uns putos de uns ex?, perguntou Epifanio. E aí, responda a esta, cabra. O senhor não sabe, seu babaquete, que na investigação policial não existem métodos modernos? O senhor ainda não fez vinte anos, estou enganado? Não está, não, Epifanio, disse Lalo Cura. Pois vá com cuidado, valentão, essa é a primeira e única norma, disse Epifanio, soltando o braço do rapaz, dando-lhe um abraço e levando-o para comer no único lugar onde serviam *pozole* no centro de Santa Teresa, naquelas horas turvas

da noite.

Em dezembro, e estas foram as últimas mortas de 1996, encontraram dentro de uma casa vazia da rua García Herrero, na colônia El Cerezal, os corpos de Estefanía Rivas, de quinze anos, e de Herminia Noriega, de treze. Ambas eram irmãs por parte de mãe. O pai de Estefanía desapareceu pouco depois dela nascer. O pai de Herminia vivia no domicílio familiar e trabalhava como vigia noturno na maquiladora MachenCorp, onde também integrava o quadro de funcionários, como operária, a mãe das meninas, as quais, por sua vez, se limitavam a estudar e a ajudar nos afazeres domésticos, embora Estefanía, para o ano seguinte, planejasse largar a escola e começar a trabalhar. Na manhã em que as sequestraram iam para a escola, junto com duas irmãs menores, uma de onze e outra de oito anos. As duas pequenas, assim como Herminia, iam à Escola Primária José Vasconcelos. Depois de deixá-las lá, Estefanía, como sempre, se dirigia à sua escola, a umas quinze ruas de distância, um trajeto que percorria a pé todos os dias. No dia do sequestro, porém, um carro parou junto das quatro irmãs, e um homem saiu e enfiou aos empurrões Estefanía no carro, depois saiu de novo e enfiou Herminia, e o carro desapareceu. As duas pequenas ficaram paralisadas na calçada, depois voltaram para casa, onde não havia ninguém, de modo que bateram na porta da vizinha, onde contaram a história e, por fim, se puseram a chorar. A mulher que as acolheu, uma trabalhadora da maquiladora HorizonW&E, foi chamar outra vizinha, depois telefonou para a maquiladora MachenCorp tentando localizar os pais das meninas. Na MachenCorp informaram que eram proibidos os telefonemas privados e desligaram. A mulher tornou a telefonar e disse o nome e o cargo do pai, pois pensou que a mãe, por ser operária como ela, sem dúvida era considerada de um nível inferior, quer dizer, demissível a qualquer momento ou por qualquer razão ou capricho da razão, e desta vez a telefonista a deixou esperando tanto tempo que as moedas acabaram e a ligação caiu. Não tinha mais dinheiro. Desconsolada, a vizinha voltou para casa, onde a esperava a outra vizinha e as meninas, e por um momento as quatro experimentaram o que era estar num purgatório, uma longa espera inerte, uma espera cuja coluna vertebral era o desamparo, coisa muito latino-americana, aliás, uma sensação familiar, uma coisa que se você pensasse bem experimentava todos os dias, mas sem angústia, sem a sombra da morte sobrevoando o bairro como um bando de urubus e espessando tudo, subvertendo a rotina de tudo, pondo todas as coisas de pernas para o ar. Assim, enquanto esperavam que chegasse o pai das meninas, a vizinha pensou (para matar o tempo e o medo) que gostaria de ter um revólver e sair à rua. Fazer o quê? Ora, disparar uns tiros para o ar para aliviar a raiva e gritar viva o México para se armar de coragem ou para sentir um calor derradeiro e depois cavar com as mãos, numa velocidade louca, um buraco na rua de terra batida e se enterrar nele, molhada até os ossos, para todo o sempre. Quando finalmente chegou o pai foram todos juntos à delegacia mais próxima. Ali, depois de expor sumariamente (ou atabalhoadamente) seu problema, deixaram-nos esperando mais de uma hora até aparecerem dois policiais judiciários. Os judiciários tornaram a fazer as mesmas perguntas e outras novas, relativas sobretudo ao carro que levou

Estefanía e Herminia. Pouco depois, na sala onde estavam sendo interrogadas as meninas, havia quatro judiciários. Um deles, que parecia boa gente, pediu à vizinha para acompanhá-las e levou as meninas à garagem da delegacia, onde perguntou a elas que carro, dos que estavam parados ali, se parecia com o carro que havia levado suas irmãs. Com os dados que as meninas proporcionaram, o judiciário disse que era para procurar um Peregrino ou um Arquero de cor preta. Às cinco da tarde a mãe apareceu na delegacia. Uma das vizinhas já tinha ido embora e a outra não parava de chorar acariciando a menorzinha. Às oito da noite chegou Ortiz Rebolledo e organizou dois grupos operacionais de busca, um que se encarregaria de investigar as pessoas próximas das garotas, sob o comando dos judiciários Juan de Dios Martínez e Lino Rivera, o outro que se encarregaria de localizar, com apoio da polícia municipal, o Peregrino ou Arquero ou Lincoln em que se diz que as sequestraram, coordenados pelos judiciários Ángel Fernández e Efraín Bustelo. Juan de Dios Martínez se mostrou publicamente em desacordo com essa linha de investigação, já que, a seu ver, os dois grupos operacionais deviam somar esforços para localizar o carro do sequestro. Alegou como principal razão o fato de que pouca gente, para não dizer ninguém, do círculo de amigos, conhecidos ou colegas de trabalho da família Noriega, possuía nem digamos um Peregrino preto ou um Chevy Astra preto, mas pertenciam todos virtualmente à classe pedestre, sendo alguns tão pobres que para ir ao trabalho nem sequer tomavam ônibus, preferindo fazer o caminho a pé e assim poupar umas poucas moedas. A resposta de Ortiz Rebolledo foi contundente: qualquer um podia roubar um Peregrino, qualquer um podia roubar um Arquero, ou um Bocho ou um Jetta, não era necessário que tivesse dinheiro nem carteira de motorista, só que soubesse abrir um carro e pô-lo em movimento. Desse modo, os grupos operacionais ficaram estruturados como Ortiz Rebolledo determinou, e os policiais, com expressão cansada, como soldados pegos num *continuum* temporal que não param de rumar para a mesma derrota, se puseram a trabalhar. Naquela mesma noite, depois de fazer algumas averiguações, Juan de Dios Martínez soube que Estefanía tinha um namorado ou pretendente, um rapaz meio amalucado, de uns dezenove anos, chamado Ronald Luis Luque, vulgo Lucky Strike, vulgo Ronnie, o Mágico, em cuja ficha policial figuravam duas prisões por roubo de carro. Ao sair da prisão, Ronald Luis havia dividido casa com um tal de Felipe Escalante, que conheceu na prisão. Escalante era um profissional do roubo de automóveis e também havia sido investigado, mas nunca inculpado, como estuprador de menores. Durante cinco meses Ronald Luis morou com Escalante, depois foi embora. Juan de Dios Martínez foi ver Escalante naquela mesma noite. Segundo este, seu ex-colega de cela não tinha ido embora por vontade própria mas porque ele o tinha posto na rua, pelo fato de que Lucky Strike não colaborava economicamente com nada. Atualmente Escalante trabalhava como servente de supermercado e não se dedicava mais a atividades delituosas. Faz muitos anos que não puxou um carro, chefe, juro por esta, disse beijando os dedos em cruz. De fato, nem sequer tinha uma lata velha, fazendo agora, podes crer, todos os seus trajetos de caminhão ou a pé, que é mais barato, sem falar na sensação de liberdade. Perguntado se o chamado Lucky Strike se dedicava, ainda que ocasionalmente, ao roubo de carros, Escalante disse não acreditar, mas só Deus sabe, não podia botar as mãos no fogo pelo

mencionado, porque o dito cujo não levava o menor jeito para esse tipo de rolo. Outros interrogados pareceram corroborar o que foi declarado por Escalante: Ronnie, o Mágico, era um malandro folgado, mas não era ladrão, nem um cara violento, pelo menos de uma violência gratuita, e a maioria, embora não tenha dito que sim nem que não, não o achava capaz de sequestrar a namorada e a irmã da namorada. Agora Ronald Luis morava com os pais e continuava sem arrumar trabalho. Para lá se dirigiu Juan de Dios Martínez e falou com o pai, que foi quem abriu resignadamente a porta e informou que seu filho tinha ido embora poucas horas depois de ocorrer o sequestro de Estefanía e Herminia. O judiciário perguntou se podia dar uma espiada na maloca. A casa é sua, disse o pai. Juan de Dios Martínez ficou um instante examinando a sós o quarto que Ronnie compartilhava com três irmãos mais moços, muito embora desde o primeiro momento tenha se dado conta de que ali não havia nada a procurar. Depois saiu ao pátio e acendeu um cigarro enquanto contemplava o entardecer alaranjado e violáceo que caía sobre a cidade fantasma. Disse aonde ia?, perguntou. Para Yuma, respondeu o pai. E o senhor, já esteve em Yuma alguma vez? Nos meus tempos de rapaz, muitas vezes; passava, trabalhava, a *migra* me prendia, me mandavam de volta para o México, depois tornava a passar, muitas vezes, disse o pai. Até que me cansei e resolvi ficar aqui trabalhando, cuidando da minha velha e dos moleques. O senhor acha que vai acontecer a mesma coisa com Ronald Luis? Deus queira que não, disse o pai. Três dias depois, Juan de Dios Martínez ficou sabendo que o grupo operacional encarregado de localizar o carro preto empregado no sequestro tinha se dissolvido. Quando foi pedir explicações a Ortiz Rebolledo este respondeu que a ordem veio de cima. Pelo que parece os policiais incomodaram alguns peixes gordos, cujos filhos, a juventude dourada de Santa Teresa, possuíam a quase totalidade da frota de Peregrinos da cidade (um carro na moda entre os jovens abonados, assim como o Arcángel ou o conversível Desertwind), que falaram com as autoridades pertinentes para que os tiras parassem de encher o saco. Quatro dias depois um telefonema anônimo avisou a polícia sobre uns tiros dentro de uma casa na rua García Herrero. A patrulha compareceu ao local ao cabo de meia hora. Tocaram a campainha várias vezes, e ninguém respondeu. Interrogados, os vizinhos disseram não ter ouvido nada, mas a repentina surdez podia se dever ao volume da tevê, que era muito alto e dava para ouvir da rua. No entanto um menino disse que quando passeava de bicicleta tinha ouvido disparos. Quando perguntaram quem morava na casa, as respostas dos vizinhos foram contraditórias, de modo que os patrulheiros pensaram que podia se tratar de traficantes e que talvez o melhor fosse cair fora e deixar quieto o assunto. Mas um dos vizinhos disse que havia visto parado em frente da casa um Peregrino preto. Os policiais sacaram então suas armas e voltaram a tocar a campainha, com idêntico resultado, da casa da rua García Herrero, 677. Então se comunicaram por rádio com a delegacia e esperaram. Meia hora depois apareceu por lá outro patrulheiro, para reforçar a vigilância, segundo disseram, e pouco mais tarde Juan de Dios Martínez e Lino Rivera. De acordo com este último a ordem era aguardar a chegada do resto dos judiciários. Mas Juan de Dios Martínez disse que não havia tempo, e os patrulheiros, por expressa indicação sua, derrubaram a porta. Juan de Dios Martínez foi o primeiro a entrar. A casa cheirava a porra e a álcool, falou. Que cheiro têm a

porra e o álcool? Um cheiro ruim, disse Juan de Dios Martínez, têm um cheiro francamente ruim. Mas a gente logo se acostuma. Não é como o cheiro da carne em decomposição, a que você não se acostuma nunca e que se mete dentro da sua cabeça, até nos pensamentos e, por mais que você se lave e mude de roupa três vezes por dia, você continua cheirando por muitos dias, semanas às vezes, às vezes meses inteiros. Atrás dele entrou Lino Rivera e mais ninguém. Não toque em nada, este último se lembra que Juan de Dios lhe disse. Primeiro examine a sala. Normal. Móveis baratos, mas decentes, uma mesinha com jornais, não toque neles, disse Juan de Dios, na saleta de jantar duas garrafas vazias de tequila Sauza e uma garrafa vazia de vodka Absolut. A cozinha limpa. Normal. Restos de comida do McDonald's na lata de lixo. Chão limpo. Pela janela da cozinha um quintalzinho, metade acimentado, a outra metade de terra, com mato aderido no muro que o separava de outro quintal. Normal. Depois voltaram sobre seus passos. Primeiro Juan de Dios, atrás dele Lino Rivera. O corredor. Os quartos. Dois quartos. Num deles, estendido na cama, de boca para baixo, o cadáver despido de Herminia. Ah, filhos da puta, Juan de Dios ouviu seu colega murmurar. No banheiro, encolhido debaixo do chuveiro, as mãos amarradas nas costas, o cadáver de Estefanía. Fique no corredor. Não entre, disse Juan de Dios. Ele sim entrou no banheiro. Entrou e se ajoelhou junto do corpo de Estefanía e o examinou detidamente, até perder a noção do tempo. Às suas costas ouviu a voz de Lino chamando pelo rádio. Mande vir o legista, disse Juan de Dios. Segundo o legista, Estefanía foi assassinada com dois tiros na nuca. Antes havia sido espancada e se notavam sinais de estrangulamento. Mas não morreu estrangulada, disse o legista. Brincaram de estrangulá-la. Nos tornozelos eram visíveis os sinais de abrasão. Diria que a penduraram pelos pés, disse o legista. Juan de Dios procurou uma viga ou um gancho no teto. A casa estava cheia de policiais. Alguém havia coberto Herminia com um lençol. Encontrou no outro quarto: um gancho no teto, bem no meio das duas camas. Fechou os olhos e imaginou Estefanía pendurada de cabeça para baixo. Chamou dois policiais e mandou que procurassem a corda. O legista estava no quarto de Herminia. Nela também meteram uma bala na nuca, disse quando o viu junto dele, mas não creio que tenha sido essa a causa da morte. Por que então dispararam?, perguntou Juan de Dios. Para ter certeza. Saíam da casa todos os que não forem da polícia científica, gritou Juan de Dios. Os policiais foram saindo pouco a pouco. Na sala dois homens de cócoras com cara de exaustos procuravam impressões digitais. Todos fora, gritou Juan de Dios. Sentado numa poltrona Lino Rivera lia uma revista de boxe. As cordas estão aqui, chefe, disse um dos policiais. Obrigado, disse Juan de Dios, e agora caia fora, cabra, só podem ficar aqui os da científica. Um sujeito que tirava fotos baixou a câmera e piscou um olho para ele. Isso não acaba, hein, Juan de Dios? Não acaba, não acaba, respondeu a ele deixando-se cair no sofá onde estava Lino Rivera e acendendo um cigarro. Fique frio, cabra, disse-lhe o judiciário. Antes que ele terminasse de fumar o cigarro, o legista o chamou ao quarto. As duas foram estupradas, eu diria que várias vezes, pelos dois condutos, mas pode ser que a do banheiro tenha sido estuprada pelos três. As duas foram torturadas. Numa delas a causa da morte é clara. Na outra nem tanto. Amanhã mando um laudo confiável. Agora mande liberar a rua que vou levá-las para o necrotério, disse o legista. Juan de Dios saiu ao quintal e disse a um

policial que iam levar os cadáveres. A calçada estava cheia de curiosos. Estranho, pensou Juan de Dios quando a ambulância desapareceu em direção ao Instituto Anatômico Forense, de repente, em alguns segundos, tudo mudou. Uma hora depois, quando apareceram Ortiz Rebolledo e Ángel Fernández, Juan de Dios estava interrogando os vizinhos. Segundo alguns, no 677 morava um casal, segundo outros moravam três rapazes, melhor dizendo, um homem e dois rapazes, que só apareciam para dormir, e segundo outros morava lá um sujeito meio estranho, que não dirigia a palavra a ninguém do bairro, e que às vezes passava dias inteiros sem aparecer, como se trabalhasse fora de Santa Teresa, e outras vezes passava dias inteiros sem sair de casa, assistindo tevê até tarde da noite ou escutando *corridos* e *danzones*, e depois dormindo até mais de meio-dia. Os que garantiam que no 677 morava um casal disseram que possuíam uma Kombi ou uma caminhonete parecida, que costumavam sair e chegar juntos do trabalho. Que trabalho? Não sabiam, mas um disse que os dois na certa trabalhavam de garçom. Os que pensavam que naquela casa morava um homem em companhia de dois rapazes acreditavam que o homem dirigia uma caminhonete, que podia ser, efetivamente, uma Kombi. Os que garantiram que morava ali um sujeito sozinho foram incapazes de lembrar se ele tinha um carro ou não, mas disseram que era visitado com frequência por uns amigos que, estes sim, tinham carro. Resumindo, quem caralho mora aqui?, perguntou Ortiz Rebolledo. Vamos precisar investigar, respondeu Juan de Dios antes de ir para casa. No dia seguinte, já feitas as autópsias, o legista confirmou suas primeiras apreciações e acrescentou que a morte de Herminia não se devia à bala alojada na nuca mas a uma parada cardíaca. A coitadinha, disse o legista a um grupo de judiciários, não pôde resistir à tortura e às vexações. Não deu. A arma utilizada provavelmente era uma pistola Smith&Wesson calibre 9 mm. A casa onde foram encontrados os cadáveres era de propriedade de uma senhora que não sabia de nada, uma velha dama da alta sociedade de Santa Teresa, que vivia dos aluguéis de suas propriedades, entre as quais se contava a maioria das casas vizinhas. O aluguel era administrado por uma imobiliária, pertencente a um neto da anciã. De acordo com os papéis em poder do administrador, todos por sinal em ordem, o inquilino do 677 se chamava Javier Ramos e realizava seus pagamentos mensais no banco. Investigado o banco, descobriu-se que o tal Javier Ramos tinha feito um par de depósitos elevados, suficientes para pagar uns seis meses de aluguel mais as contas de luz e água, e ninguém mais tinha tornado a vê-lo. Como um dado curioso, mas a ser levado em conta, Juan de Dios Martínez averiguou no Registro de Imóveis que as casas do quarteirão seguinte da rua García Herrero pertenciam, em sua totalidade, a Pedro Rengifo e que as casas da rua Tablada, que corria paralela à García Herrero, eram de propriedade de um tal de Lorenzo Juan Hinojosa, que era um laranja do traficante Estanislao Campuzano. Além disso, todos os imóveis da rua Hortensia e Licenciado Cabezas, que eram paralelas à Tablada, estavam registradas no nome do presidente municipal de Santa Teresa ou de alguns de seus filhos. Também: que dois quarteirões ao norte, as casas e os edifícios da rua Ingeniero Guillermo Ortiz eram propriedade de Pablo Negrete, irmão de Pedro Negrete e reitor benemérito da Universidade de Santa Teresa. Que coisa mais estranha, se disse Juan de Dios. O cara está com os cadáveres e treme. Depois levam os cadáveres e para de tremer. Será que Rengifo está metido

no crime das meninas? Campuzano estará metido até o pescoço? Rengifo era o trafica bom. Campuzano o trafica mau. Que estranho, que estranho, se disse Juan de Dios. Ninguém estupra e mata na própria casa. Ninguém estupra e mata *perto* da própria casa. A não ser que esteja doido e queira que o peguem. Duas noites depois de achados os cadáveres, se reuniram num clube privado anexo ao campo de golfe o presidente municipal de Santa Teresa, o doutor José Refugio de las Heras, o chefe de polícia Pedro Negrete e os senhores Pedro Rengifo e Estanislao Campuzano. O encontro durou até as quatro da manhã e se esclareceram algumas coisas. No dia seguinte toda a polícia da cidade, poder-se-ia dizer, pôs-se à caça de Javier Ramos. Procuraram-no até debaixo das pedras do deserto. Mas a verdade é que nem sequer foram capazes de fazer um retrato falado convincente dele.

Durante muitos dias Juan de Dios Martínez pensou nos quatro infartos que Herminia Noriega sofreu antes de morrer. Às vezes punha-se a pensar nisso enquanto comia ou enquanto urinava no banheiro de uma cafeteria ou num pê-efe frequentado por policiais judiciários, ou antes de dormir, justo no momento de apagar a luz, ou talvez segundos antes de apagar a luz, e quando isso acontecia simplesmente não *podia* apagar a luz e se levantava da cama, se aproximava da janela e espiava a rua, uma rua vulgar, feia, silenciosa, escassamente iluminada, depois ia à cozinha, botava a água para ferver e fazia um café, e às vezes, enquanto tomava o café quente e sem açúcar, um café de merda, ligava a tevê e ficava assistindo aos programas que chegavam pelos quatro pontos cardeais do deserto, nessa hora pegava os canais mexicanos e americanos, canais de loucos aleijados que cavalgavam sob as estrelas e cumprimentavam com palavras ininteligíveis, em espanhol ou spanglish, mas ininteligíveis todas aquelas porras de palavras, e então Juan de Dios Martínez deixava a xícara de café em cima da mesa, cobria a cabeça com as mãos e de seus lábios escapava um ulular tênue e preciso, como se chorasse ou lutasse para chorar, mas quando finalmente retirava as mãos apareciam, iluminada pela tela da tevê, suas fuças de sempre, sua pele infecunda e seca de sempre, sem o mais ínfimo rastro de uma lágrima.

Quando contou a Elvira Campos o que estava acontecendo, a diretora do centro psiquiátrico ouviu-o em silêncio e depois, muito tempo depois, enquanto ambos descansavam nus na penumbra do quarto, confessou que ela às vezes sonhava que largava tudo. Quer dizer, que largava tudo de forma radical, sem paliativos de nenhum tipo. Sonhava, por exemplo, que vendia seu apartamento e outras propriedades que tinha em Santa Teresa, seu carro e suas joias, vendia tudo até alcançar uma cifra respeitável, depois sonhava que pegava um avião para Paris, onde alugava um apartamentinho bem pequenininho, um estúdio, digamos que entre Villiers e a Porte de Clichy, depois ia ver um médico famoso, um cirurgião plástico que realizava maravilhas, para que fizesse um lifting, para que lhe desse um jeito no nariz e nas maçãs do rosto, para que aumentasse seus seios, enfim, para que quando saísse da mesa de cirurgia parecesse outra, uma mulher diferente, já

não de cinquenta e tantos anos mas de quarenta e tantos ou, melhor, quarenta e poucos, irreconhecível, nova, mudada, rejuvenescida, se bem que, é claro, por algum tempo andasse coberta de ataduras por todas as partes, como se fosse a múmia, não a múmia egípcia mas a múmia mexicana, o que lhe agradava, sair para passear no metrô, por exemplo, sabendo que os parisienses olhavam para ela sub-repticiamente, uns até cediam o lugar, pensando ou imaginando as dores horríveis, queimaduras, acidente de trânsito, pelos que havia passado aquela desconhecida silenciosa e estoica, e depois descer do metrô e entrar num museu ou numa galeria de arte ou numa livraria de Montparnasse, e estudar francês duas horas por dia, com alegria, com ilusão, que bonito é o francês, que idioma mais musical, tem um *je ne sais quoi*, e depois, uma manhã chuvosa, tirar as ataduras, devagar, como um arqueólogo que acabava de encontrar um osso indescritível, como uma menina de gestos lentos que desfaz, passo a passo, um presente que quisesse dilatar no tempo, para sempre?, quase para sempre, até que finalmente cai a última atadura, onde cai?, no chão, no carpete ou na madeira, porque o assoalho é de primeira, e no assoalho todas as ataduras estremecem como cobras, ou todas as ataduras abrem os olhos sonolentos como cobras, mas ela sabe que não são cobras, e sim anjos da guarda das cobras, e depois alguém lhe oferece um espelho e ela se contempla, se aceita, se aprova com um gesto no qual redescobre a soberania da sua meninice, o amor de seu pai e de sua mãe, depois assina alguma coisa, um papel, um documento, um cheque, e sai pelas ruas de Paris. Rumo a uma nova vida?, perguntou Juan de Dios Martínez. Imagino que sim, respondeu a diretora. Eu gosto de você como você é, disse Juan de Dios Martínez. Uma nova vida sem mexicanos nem México nem doentes mexicanos, disse a diretora. Você me deixa louco do jeito que você é, disse Juan de Dios Martínez.

No fim do ano de 1996 foi publicado ou dito em alguns meios mexicanos que no norte se rodavam filmes com assassinatos reais, snuff-movies, e que a capital do snuff era Santa Teresa. Uma noite dois jornalistas encapuzados falaram com o general Humberto Paredes, ex-chefe de polícia do DF, em seu castelo murado da colônia del Valle. Os jornalistas eram o veterano Macario López Santos, um macaco velho com mais de quarenta anos de seção policial, e Sergio González. O jantar com que o general os recebeu consistia em *tacos* de carne de porco, carregados de chile, e tequila La Invisible. Qualquer outra coisa que se pusesse no bucho de noite só lhe causava acidez. No meio do jantar, Macario López perguntou o que ele dizia da indústria de snuff em Santa Teresa, e o general respondeu que durante sua extensa vida profissional havia visto muitas barbaridades, mas que nunca tinha visto um filme dessas características e que duvidava que existissem. Mas existem, disse o velho jornalista. Pode ser que existam, pode ser que não, replicou o general, o estranho é que eu, que vi e soube de tudo, não tenha visto nenhum. Os dois jornalistas convieram que isso, efetivamente, era estranho, mas soltaram a sugestão de que talvez, na época em que o general esteve na ativa, aquela modalidade de horror ainda não tinha se desenvolvido. O general não concordou: segundo ele, a pornografia havia atingido seu desenvolvimento total pouco antes da Revolução Francesa. Tudo o que se podia ver num filme holandês atual ou numa coleção

de fotos ou num livrinho erótico já havia sido *fixado* com anterioridade ao ano de 1789, e em larga medida era uma repetição, uma virada de parafuso num olhar que já olhava. General, disse Macario López Santos, o senhor às vezes fala igualzinho a Octavio Paz, não o estará lendo? O general soltou uma risada e disse que a única coisa que havia lido, e isso fazia muitos anos, era *O labirinto da solidão*, e que não havia entendido nada. Na época eu era bem mocinho, disse o general olhando para os jornalistas fixamente, devia ter uns quarenta anos. Ah, esse general, disse Macario López. Depois falaram sobre a liberdade e o mal, sobre as estradas da liberdade onde o mal é como uma Ferrari, e após um instante, quando uma velha empregada tirou a mesa e perguntou se os senhores iam querer café, voltaram ao tema dos snuff-movies. Segundo Macario López a situação no México havia experimentado algumas acomodações inéditas. Por outro lado, nunca como então tinha havido tanta corrupção. A isso havia que acrescentar o problema do narcotráfico e das montanhas de dinheiro que se moviam ao redor desse novo fenômeno. A indústria do snuff, nesse contexto, era somente um sintoma. Um sintoma virulento no caso de Santa Teresa, mas um sintoma somente, no fim das contas. A resposta do general foi tranquilizadora. Disse que não acreditava que a corrupção de agora fosse maior do que a de outros governos do passado. Se a comparávamos com a que houve durante o governo de Miguel Alemán, por exemplo, era menor, e também era menor comparada com a dos seis anos de López Mateos. O desespero agora talvez fosse maior, mas não a corrupção. O narcotráfico, concedeu, era uma coisa nova, mas o peso real do narcotráfico na sociedade mexicana (e também na americana) era supervalorizado. A única coisa necessária para fazer um filme snuff, disse aos dois, era dinheiro, só dinheiro, e dinheiro existia antes que o tráfico se instalasse, e a indústria pornográfica também, e no entanto o filme, o tal filme, não foi feito. Pode ser que o senhor não tenha visto, general, disse Macario López. O general riu, e seu riso se perdeu entre as alamedas do jardim escuro. Eu vi tudo, meu bom Macario, respondeu. Antes de ir embora, o velho jornalista policial comentou que não tivera o prazer de cumprimentar nenhum guarda-costas ao chegar à velha casa murada da colônia del Valle. O general respondeu que isso era em razão de ele não ter mais guarda-costas. E por quê, general?, perguntou o jornalista. Os inimigos se renderam? Os serviços de segurança estão cada dia mais caros, Macario, disse o general enquanto os acompanhava por um caminho bordeado de buganvílias até o portão, e eu prefiro gastar meus pesos em caprichos mais agradáveis. E se o atacarem? O general levou a mão ao ombro e mostrou aos jornalistas uma Desert Eagle israelense, calibre 50 Magnum, com carregador de sete tiros. No bolso, disse a eles, levava sempre dois carregadores sobressalentes. Mas não creio que precise utilizá-la, disse a eles, sou velho demais e meus inimigos devem acreditar que estou comendo capim pela raiz no cemitério. Tem gente muito rancorosa, observou Macario López Santos. Isso é verdade, Macario, disse o general, no México não sabemos perder nem ganhar com verdadeiro espírito esportivo. Claro que aqui perder significa morrer, e ganhar, às vezes, também significa morrer, de modo que é difícil manter um espírito esportivo, mas, bom, comentou o general, alguns de nós topamos a parada. Ah, esse general, riu Macario López.

Em janeiro de 1997 foram detidos cinco integrantes da gangue dos Bisontes. Foram acusados de vários assassinatos cometidos após a prisão de Haas. Os detidos eram Sebastián Rosales, de dezenove anos, Carlos Camilo Alonso, de vinte, René Gardea, de dezessete, Julio Bustamante, de dezenove, e Roberto Aguilera, de vinte. Os cinco tinham antecedentes de abusos sexuais e dois deles, Sebastián Rosales e Carlos Camilo Alonso, haviam estado em prisão preventiva pelo estupro de uma menor, María Inés Rosales, prima carnal de Sebastián, a qual retirou a denúncia poucos meses depois dele ter ingressado na prisão de Santa Teresa. De Carlos Camilo Alonso se disse que era inquilino da casa da rua García Herrero onde foram encontrados os corpos de Estefanía e Herminia. Os cinco foram acusados de terem sequestrado, violentado, torturado e assassinado as duas mulheres mortas encontradas no barranco Podestá, assim como da morte de Marisol Camarena, cujo cadáver foi encontrado num tambor cheio de ácido, e da morte de Guadalupe Elena Blanco, além dos assassinatos de Estefanía e Herminia. No interrogatório a que foram submetidos, Carlos Camilo Alonso perdeu todos os dentes e sofreu ruptura do septo nasal, diz-se que numa tentativa de suicídio. Roberto Aguilera terminou com quatro costelas quebradas. Julio Bustamante foi trancafiado num calabouço com dois enrabadores, os quais o sodomizaram até se cansar, além de submetê-lo a uma surra de três horas e lhe quebrar os dedos da mão esquerda. Organizou-se uma sessão de reconhecimento e dos dez vizinhos da rua García Herrero só dois reconheceram Carlos Camilo Alonso como o inquilino do 677. Duas testemunhas, uma das quais era um conhecido cagete da polícia, declararam ter visto Sebastián Rosales, durante a semana em que sequestraram Estefanía e Herminia, a bordo de um Peregrino preto. Segundo o próprio Rosales disse a eles, era um carro que ele acabava de roubar. Em poder dos Bisontes foram encontradas três armas de fogo: duas pistolas CZ modelo 85 de 9 mm e uma Heckler&Koch alemã. Outra testemunha, no entanto, disse que Carlos Camilo Alonso se gabava de possuir uma Smith&Wesson como a que havia sido utilizada para matar as duas irmãs. Onde estava a arma? Segundo a mesma testemunha, Carlos Camilo disse que tinha vendido a uns traficantes gringos que ele conhecia. Por outro lado, quando os Bisontes já estavam detidos, descobriu-se por acaso que um deles, Roberto Aguilera, era irmão mais moço de um tal de Jesús Aguilera, interno do presídio de Santa Teresa e apelidado de Tequila, grande amigo e protegido de Klaus Haas. As conclusões não tardaram a se materializar. Era muito provável, disse a polícia, que a série de assassinatos protagonizados pelos Bisontes tenham sido assassinatos de encomenda. Haas pagava, de acordo com essa versão, três mil dólares por cada morta que reunisse características semelhantes a seus próprios assassinatos. A notícia não demorou a ser espalhada pela imprensa. Houve vozes que pediram a demissão do prefeito. Disseram que a prisão estava em poder de bandos organizados de criminosos e que sobre todas elas reinava Enriquito Hernández, o traficante de Cananea e verdadeiro manda-chuva da prisão, de onde continuava controlando impunemente seus negócios. No *La Tribuna de Santa Teresa* saiu um artigo que associava Enriquito Hernández e Haas ao tráfico de drogas disfarçado de negócio legal de importação e exportação de componentes de computadores para um lado e outro da fronteira. O artigo não

era assinado e o jornalista que o escreveu só havia visto Haas uma vez na vida, o que não foi obstáculo a que pusesse na boca de Haas declarações que este nunca tinha dado. O caso dos assassinatos seriais de mulheres foi concluído com sucesso, declarou à televisão de Hermosillo (e foi reproduzido nas notícias das grandes cadeias do DF) José Refugio de las Heras, presidente municipal de Santa Teresa. Tudo o que a partir de agora acontecer entra para o rol dos crimes comuns e correntes, próprios de uma cidade em constante crescimento e desenvolvimento. Acabaram-se os psicopatas.

Uma noite enquanto lia George Steiner, recebeu um telefonema que a princípio não foi capaz de identificar. Uma voz muito excitada e com sotaque estrangeiro dizia é tudo mentira, é tudo armação, não como se acabasse de ligar mas como se já estivessem conversando havia uma meia hora. O que deseja?, perguntou, com quem quer falar? Não é o Sergio González?, perguntou a voz. Sou eu. E aí, sangue bom, tudo em cima, disse a voz. Parecia vir de muito longe, pensou Sergio. Quem está falando?, perguntou. Ai meu caralho, não me conhece mais?, fez a voz com um quê de espanto. Klaus Haas?, perguntou Sergio. Ouviu do outro lado da linha uma risada e depois uma espécie de vento metálico, o barulho do deserto e o barulho dos cárceres de noite. O próprio, sangue bom, tô vendo que não me esqueceu. Não, não esqueci, disse Sergio. Como podia esquecer o senhor? Tenho pouco tempo, disse Haas. Só queria te dizer que não é verdade esse papo de que eu paguei os Bisontes. Precisava ter muito biscoito pra pagar tantas mortes. Biscoito?, fez Sergio. Grana, disse Haas. Sou amigo do Tequila, um porra-louca que é chamado assim, e o Tequila é irmão de um dos Bisontes. Mas é só isso. E mais nada, juro por esta, disse a voz com sotaque estrangeiro. Conte para a sua advogada, disse Sergio, eu não escrevo mais sobre os crimes de Santa Teresa. Do outro lado, Haas deu uma risada. É o que todo o mundo diz. Vai espalhando. Minha advogada já sabe, falou. Não posso fazer nada pelo senhor, disse Sergio. Ah é, não diga, eu acho que pode sim, disse Haas. Sergio voltou a ouvir o barulho de encanamento, arranhões, um vento violento que chegava por rajadas. O que eu faria se estivesse preso?, pensou Sergio. Me refugiaria num canto, tapado com a minha colcha, como uma criança? Tremeria? Pediria socorro, choraria, tentaria me suicidar? Querem me ferrar, disse Haas. Adiam o julgamento. Têm medo de mim. Querem me ferrar. Depois ouviu o barulho do deserto e algo que lhe pareceram os passos de um animal. Estamos todos ficando loucos, pensou. Haas? O senhor está na linha? Ninguém respondeu.

Depois da detenção em janeiro da gangue dos Bisontes, a cidade respirou. O melhor presente de Reis: *La Voz de Sonora* deu em manchete a notícia da prisão dos cinco manos. Claro que houve mortos. Morreu esfaqueado um ladrão cujo teatro de operações eram as ruas do centro, morreram dois tipos ligados ao narcotráfico, morreu um criador de cachorros, mas ninguém encontrou nenhuma mulher violentada, torturada e depois assassinada. Isso no mês de janeiro. E no mês de fevereiro a mesma coisa se repetiu. As mortes habituais, sim, as

costumeiras, gente que começava se divertindo e que acabava se matando, mortes que não eram cinematográficas, mortes que pertenciam ao folclore mas não à modernidade: mortes que não assustavam ninguém. O assassino serial estava oficialmente atrás das grades. Seus imitadores ou seguidores ou empregados também. A cidade podia respirar tranquila.

* Corridos (canção popular mexicana, interpretada a duas vozes) exaltando as drogas. (N. T.)

Em janeiro, o correspondente de um jornal de Buenos Aires, de passagem por Los Angeles, parou três dias em Santa Teresa e escreveu uma crônica sobre a cidade e os assassinatos de mulheres. Tentou ver Haas na cadeia, mas a permissão lhe foi negada. Assistiu a uma tourada. Esteve no bordel Asuntos Internos e foi para a cama com uma puta chamada Rosana. Visitou a discoteca Comino's e o bar Serafino's. Conheceu um colega, jornalista do *El Herald del Norte*, e consultou nesse jornal o dossiê sobre mulheres desaparecidas, sequestradas e assassinadas. O jornalista do *Heraldo* apresentou-o a um amigo que o apresentou a outro amigo que dizia ter visto um filme snuff. O argentino disse que queria ver. O amigo do amigo do jornalista perguntou quantos dólares estava disposto a pagar. O argentino disse que não pagava nem meio dólar por uma nojeira com essas características, que só queria vê-la por interesse profissional e também, tinha de reconhecer, por curiosidade. O mexicano marcou encontro numa casa da zona norte da cidade. O argentino tinha olhos verdes, media um metro e noventa e pesava quase cem quilos. Foi ao encontro marcado e assistiu o filme. O mexicano era baixote e meio gordinho, e enquanto assistiam o filme ficou quieto, sentado num sofá ao lado do argentino, como uma senhorita. Durante todo o tempo que durou o filme o argentino esperou o momento em que o mexicano ia pegar na sua pica. Mas o mexicano não fez nada, salvo respirar ruidosamente, como se não quisesse perder nem um centímetro cúbico do oxigênio previamente respirado pelo argentino. Quando o filme acabou, o argentino pediu a ele, com bons modos, uma cópia, mas o mexicano não quis nem ouvir falar no assunto. Naquela noite foram tomar umas cervejas num lugar chamado El Rey del Taco. Enquanto bebiam, o argentino pensou por um instante que todos os garçons eram zumbis. Achou normal. O lugar era enorme, cheio de murais e pinturas alusivas à infância do Rei do Taco e sobre as mesas pairava um ar denso, de pesadelo aprisionado. Em determinado momento o argentino achou que alguém havia posto uma droga na sua cerveja. Despediu-se repentinamente e voltou para o hotel de táxi. No dia seguinte pegou um ônibus que o levou a Phoenix e aí tomou um avião para Los Angeles, onde durante o dia entrevistava atores que se deixavam entrevistar, que eram poucos, e durante as noites escrevia um longo artigo sobre os assassinatos de mulheres em Santa Teresa. O artigo era centrado na indústria do cine pornô e na subindústria clandestina dos snuff-movies. O termo snuff-movie, segundo o argentino, havia sido inventado na Argentina, não por um nacional mas por um casal de americanos que foi até lá fazer um filme. Os americanos se chamavam Mike e Clarissa Epstein e contrataram dois atores portenhos de certo renome, mas em baixa, e vários jovens, alguns dos quais logo ficaram muito conhecidos. A equipe técnica também era argentina, salvo o câmara, um amigo do Epstein chamado JT Hardy, que chegou em Buenos Aires um dia antes de começar a filmagem. Isso havia acontecido em 1972, quando na Argentina se falava de revolução, de revolução peronista, de revolução socialista e até de revolução mística. Pelas ruas perambulavam os psicanalistas e os poetas que das janelas eram observados pelos bruxos e pela gente obscura. Quando JT chegou a Buenos Aires, esperavam-no no aeroporto Mike e Clarissa Epstein, que a cada dia que passava mais entusiasmados ficavam com a Argentina. Enquanto se dirigiam de táxi para a casa que haviam alugado na periferia da cidade, Mike confessou que aquilo, e para se expressar melhor estendeu os braços

abarcando tudo, era como o oeste, o oeste americano, melhor que o oeste americano, porque lá, no oeste, observando bem, os caubóis só serviam para campear gado, e aqui, no pampa vislumbrado com uma clareza cada vez maior, os vaqueiros eram caçadores de zumbis. O filme vai ser de zumbis?, quis saber JT. Tem alguns, disse Clarissa. Naquela noite, em homenagem ao câmara, foi dado um churrasco típico do país no jardim dos Epstein, à beira da piscina, do qual participaram os atores e a equipe técnica. Dois dias depois foram para o Tigre. Ao fim de uma semana de filmagem toda a equipe voltou para Buenos Aires. Descansaram uns dois dias, os atores, jovens na maioria, foram ver seus pais e amigos, e JT leu, à beira da piscina dos Epstein, o roteiro. Não ficou sabendo de grande coisa e, o que é pior, não reconheceu no escrito nenhuma das cenas que havia filmado no Tigre. Pouco depois, numa frota de dois caminhões e uma caminhonete, foram para o pampa. Pareciam, disse um dos atores argentinos, um bando de ciganos internando-se no desconhecido. A viagem foi interminável. Dormiram a primeira noite numa espécie de motel para caminhoneiros, e Mike e Clarissa protagonizaram sua primeira briga. Uma atriz argentina de dezoito anos desatou a chorar e disse que queria ir para casa, perto da mãe e dos irmãozinhos. Um dos atores argentinos com pinta de galã encheu a cara e apagou no banheiro, e os outros atores tiveram de arrastá-lo até seu quarto. No dia seguinte Mike acordou todos bem cedinho e voltaram, cabisbaixos, para a estrada. Comiam, para economizar, à beira dos rios, como se estivesse fazendo piquenique. As moças cozinham bem e até os rapazes pareciam ter suas aptidões no preparo de churrascos. A dieta era à base de carne e vinho. Quase todos tinham máquina fotográfica e nas paradas para comer aproveitavam para se fotografar mutuamente. Alguns falavam em inglês com Clarissa e com JT, para praticar, diziam. Mike, pelo contrário, falava com todos em espanhol, um espanhol infestado de expressões de lunfardo que fazia os jovens sorrirem. No quarto dia de viagem, quando JT acreditava se encontrar no meio de um pesadelo, chegaram a uma estância, onde foram recebidos pelos dois únicos empregados, um casal cinquentão que se encarregava da manutenção da casa e dos currais. Mike conversou um instante com eles, disse que era amigo do patrão, depois todos apearam dos caminhões e tomaram posse da casa. Naquela mesma tarde começaram o trabalho. Filmaram uma cena no campo, um cara que preparava uma fogueira, uma moça que estava amarrada numa cerca de arame, dois caras que falavam de negócios sentados no chão comendo pedaços enormes de carne. A carne estava quente, de modo que os caras a trocavam de mão a cada tanto para não se queimar. De noite deram uma festa. Falou-se de política, da necessidade de fazer uma reforma agrária, dos donos da terra, do futuro da América Latina, e os Epstein e JT ficaram calados, em parte porque o tema não lhes interessava, em parte porque tinham coisas mais interessantes em que pensar. Naquela noite JT descobriu que Clarissa chifrava Mike com um dos atores, mas Mike parecia não dar bola. No dia seguinte filmaram no interior da sede da estância. Cenas de sexo, as que mais agradavam a JT, um perito na preparação da iluminação indireta, no ofício de propor e sugerir. O empregado da estância carneou um garrote, que eles comeriam ao meio-dia, e Mike acompanhou-o com vários sacos de plástico. Quando voltou os sacos estavam cheios de sangue. A filmagem daquela manhã foi o que há de mais parecido com uma carnificina. Dois dos atores simulavam matar uma atriz, que depois

esquartejavam, enrolavam seus restos em pedaços de saco de pano e iam enterrá-la no campo. Foram usados pedaços da carne do garrote abatido na madrugada e a quase totalidade das suas vísceras. Uma das argentinas chorou e disse que estavam filmando uma nojeira. A empregada da estância, pelo contrário, parecia divertir-se muito. No terceiro dia de filmagem, um domingo, apareceu na estância a patroa a bordo de um Bentley. O único Bentley que JT se lembrava de ter visto era o de um produtor de Hollywood, numa época remota, quando ele ainda pensava que em Hollywood podia encontrar seu futuro. A patroa tinha uns quarenta e cinco anos, era uma loura bonita e elegante que falava um inglês muito mais correto que o dos três americanos. Os rapazes argentinos no início trataram-na com reserva. Como se desconfiassem dela e como se ela, necessariamente, tivesse de desconfiar deles, o que não era o caso. Além do mais, a dona da estância mostrou ser uma pessoa das mais práticas: reorganizou a despensa de maneira que nunca faltasse comida, mandou trazer outra mulher para ajudar a empregada nas tarefas de limpeza, estabeleceu horários para as refeições, pôs seu Bentley a serviço do diretor do filme. De repente, a estância deixou de ser uma aldeia índia. Melhor dizendo: a estância perdida no pampa deixou de ser Esparta e se transformou em Atenas, como sonoramente expressou um dos jovens atores durante as noitadas que a partir da chegada da dona eram organizadas diariamente no amplo e acolhedor pórtico. Dessas noitadas, que às vezes se prolongavam até as três ou quatro da manhã, JT recordaria a disponibilidade para ouvir da anfitriã, seus olhos vivos, sua pele que brilhava ao luar, as histórias que contava sobre a sua infância no campo e sua adolescência num internato suíço. Às vezes, sobretudo quando estava sozinho em seu quarto, deitado e coberto até a cabeça, JT pensava que talvez aquela mulher fosse a mulher que ele havia procurado em vão toda a sua vida. O que vim fazer aqui, senão conhecê-la? Que sentido tem o nojento e incompreensível filme de Mike senão a possibilidade de eu vir parar neste país perdido e conhecê-la? Significava algo eu estar sem trabalho quando Mike me chamou? Claro que significava! Significava que eu não tinha outro remédio senão aceitar sua oferta e assim conhecê-la. A dona da estância se chamava Estela, e JT era capaz de repetir seu nome até ficar com a boca seca. Estela, Estela, dizia seguidas vezes, debaixo das cobertas, como uma lagarta ou um rato insone. Mas de dia, quando se encontravam ou quando conversavam, o câmara era todo discrição e prudência. Não se permitia olhares de carneiro degolado, não se permitia sugestões nem arroubos amorosos. Sua relação com a anfitriã não se desviou em nenhum momento dos estritos limites da cortesia e do respeito. Quando terminou a filmagem, a dona da estância se ofereceu a levar em seu Bentley os Epstein e JT, mas este preferiu fazer a viagem de volta para Buenos Aires com a equipe de atores. Três dias depois os Epstein foram deixá-lo no aeroporto e JT não se atreveu a lhes perguntar diretamente por Estela. Tampouco perguntou nada sobre o filme. Em Nova York tentou inutilmente esquecê-la. Os primeiros dias foram tingidos de melancolia e tristeza, e JT pensou que jamais se recuperaria. Aliás, se recuperar para *quê*? Com o passar do tempo, no entanto, seu espírito compreendeu que não havia perdido nada mas que havia ganhado muito. Pelo menos, disse a si mesmo, *conheci* a mulher da minha vida. Outros, a maioria, a entreveem no cinema, a sombra de grandes atrizes, o olhar do seu verdadeiro amor. Eu, pelo contrário, a vi em carne

e osso, ouvi sua voz, vi sua silhueta recortada sobre o pampa infinito. Falei com ela e ela *também* falou comigo. De que posso me queixar? Em Buenos Aires, enquanto isso, a montagem do filme foi feita por Mike num estúdio que ele alugava por hora, baratíssimo, na rua Corrientes. Um mês depois de terminada a filmagem uma das jovens atrizes se apaixonou por um revolucionário italiano que estava de passagem por Buenos Aires e foi com ele para a Europa. Correu o boato que ambos, a atriz e o italiano, sem especificar o motivo, tinham desaparecido. Depois, sem que se saiba por quê, foi dito que a atriz tinha morrido durante a rodagem do filme de Epstein, e pouco depois se murmurou, mas é preciso esclarecer que ninguém levou a sério, que Epstein e sua trupe a tinham matado. De acordo com essa última versão, Epstein queria filmar um assassinato real e tinha se valido para tais propósitos, com a anuência dos outros atores e do staff técnico, todos, naquela altura do delírio, submersos em missas satânicas, da atriz menos conhecida e mais inerme do elenco. Inteirado dos boatos, Epstein se encarregou pessoalmente de propagá-los e a história, com ligeiras variantes, chegou a alguns círculos cinéfilos dos Estados Unidos. No ano seguinte o filme estreou em Los Angeles e Nova York. O fracasso foi absoluto. Era um filme dublado em inglês, caótico, com um roteiro fraquíssimo e atuações lamentáveis. Epstein, que voltou aos Estados Unidos, tratou de explorar o filão mórbido, mas um comentarista da tevê demonstrou, fotograma por fotograma, que a suposta cena do crime real era uma impostura. Essa atriz, concluiu o crítico, merecia estar morta por sua péssima atuação, mas a verdade é que, a não ser neste filme, ninguém teve o bom senso de liquidá-la. Depois de *Snuff*, Epstein fez mais dois filmes, ambos de baixo orçamento. Clarissa, sua mulher, ficou em Buenos Aires, onde passou a viver com um produtor de cinema argentino. Seu novo companheiro, de filiação peronista, participou posteriormente como membro ativo de um batalhão da morte que começou matando trotskistas e montoneros, e que terminou fazendo desaparecer crianças e empregadas domésticas. Durante a ditadura militar, Clarissa voltou para os Estados Unidos. Um ano antes, quando rodava o que seria seu último filme (e em cujos créditos seu nome não aparece), Epstein morreu ao cair no poço de um elevador. O estado em que ficou o cadáver depois de uma queda de catorze andares foi, de acordo com as testemunhas, indescritível.

Na segunda semana de março de 1997 a ronda macabra recomeçou com o achado de um corpo numa zona desértica do sul da cidade, chamada El Rosario, que entrava nos planos urbanísticos municipais e onde se pensava construir um bairro de casas estilo Phoenix. O corpo foi encontrado semienterrado a uns cinquenta metros do caminho que cruzava El Rosario e que conectava o lugar a uma estrada de terra que subia pela parte leste do barranco de Podestá. O corpo foi descoberto por um camponês de um rancho dos arredores que passava por ali a cavalo. Segundo o laudo médico-legal a morte se deveu a estrangulamento, com ruptura do hioide. No cadáver, apesar do seu estado de decomposição, era possível apreciar marcas de pancadas produzidas por um objeto contundente na cabeça, nas mãos e nas pernas. Provavelmente houve estupro. A fauna cadavérica encontrada no corpo indicava

como data de falecimento aproximadamente a primeira ou a segunda semana de fevereiro. Não há identificação, mas seus dados coincidem com os de Guadalupe Guzmán Prieto, de onze anos, desaparecida dia oito de fevereiro, ao entardecer, na colônia San Bartolomé. Foram realizados estudos de antropometria e odontologia para estabelecer a identidade, com resultados positivos. Posteriormente pratica-se no cadáver nova necropsia que confirma os golpes e hematomas no crânio, a equimose no pescoço, assim como a ruptura do hioide. De acordo com um dos policiais judiciais encarregados do caso, existe a possibilidade de ter sido enforcada com as mãos. Detectam-se também golpes na coxa direita e nos glúteos. Os pais reconheceram o cadáver como o de sua filha Guadalupe. Segundo *La Voz de Sonora*, o corpo estava bem conservado, o que ajudou a identificá-lo, com a pele apergaminhada, como se as terras estéreis e amarelas de El Rosario propiciassem uma espécie de mumificação.

Quatro dias depois de achado o cadáver da menina Guadalupe Guzmán Prieto foi encontrado no morro Estrella, na encosta leste, o corpo de Jazmín Torres Dorantes, também de onze anos. A causa da morte foi atribuída a um choque hipovolêmico produzido pelas mais de quinze facadas que seu agressor ou seus agressores lhe desferiram. O esfregaço vaginal e anal determinou que havia sido violentada repetidas vezes. O cadáver estava completamente vestido: camiseta cáqui, calça de brim azul e tênis baratos. A menina morava na zona oeste da cidade, na colônia Morelos, e havia sido sequestrada, embora seu caso não houvesse vindo a público, fazia vinte dias. A polícia deteve oito jovens da colônia Estrella, membros de um bando dedicado ao roubo de carros e ao tráfico no varejo de drogas como autores do crime. Três dos jovens foram encaminhados ao juizado de menores, e seis outros terminaram detidos preventivamente no presídio de Santa Teresa, embora não houvesse nenhuma prova concludente contra eles.

Dois dias depois de encontrado o cadáver de Jazmín, um grupo de crianças localizou num terreno baldio a oeste do Parque Industrial General Sepúlveda o corpo sem vida de Carolina Fernández Fuentes, de dezenove anos de idade, trabalhadora da maquiladora WS-Inc. Segundo o legista a morte havia ocorrido fazia duas semanas. O corpo estava completamente nu, mas a quinze metros dali foi achado um sutiã azul, manchado de sangue, e a uns cinquenta metros uma meia três quartos de náilon preta, de qualidade mediana. Interrogada, a pessoa que compartilhava moradia com Carolina, trabalhadora como ela da WS-Inc., declarou que o sutiã era da morta, mas que a meia, sem dúvida nenhuma, não pertencia à sua amiga e companheira tão querida, porque ela só usava meias-calças e nunca tinha posto uma meia três quartos, peça que considerava mais de puta que de uma operária da indústria maquiladora. Feita a análise pertinente, no entanto, resultou que tanto a meia como o sutiã tinham manchas de sangue e que em ambos os casos as manchas procediam da mesma pessoa, Carolina Fernández Fuentes, motivo pelo qual correu o boato de que a tal Carolina levava uma vida dupla ou que na noite em que encontrou a morte havia participado

voluntariamente de uma orgia, pois também se encontraram restos de sêmen em sua vagina e no ânus. Durante dois dias a polícia interrogou alguns homens da WS-Inc. que podiam estar relacionados com sua morte, sem nenhum êxito. Os pais de Carolina, originários do povoado de San Miguel de Horcasitas, viajaram para Santa Teresa e não fizeram declarações. Reclamaram o cadáver da filha, assinaram os papéis que lhes deram para assinar e voltaram de ônibus para Horcasitas com o que restava de Carolina. A causa da morte foram cinco facadas perfurocortantes no pescoço. Segundo os peritos, não morreu no lugar em que foi encontrada.

Três dias depois do achado do corpo de Carolina, no aziago mês de março de 1997, foi localizada uma mulher entre dezesseis e vinte anos numa das pedreiras próximas da estrada de Pueblo Azul. O cadáver estava num estado avançado de decomposição, fazendo supor que estava morta havia pelo menos quinze dias. O corpo estava completamente nu e só portava brincos dourados, de latão, em formato de elefantinhos. Foi permitido que várias famílias de desaparecidas o vissem, mas ninguém o reconheceu como o corpo de uma das suas filhas, irmãs, primas ou esposas. Segundo o legista, o cadáver apresentava sinais de mutilação no seio direito e o mamilo do peito esquerdo tinha sido arrancado, provavelmente com uma mordida ou empregando uma faca, a putrefação do corpo impossibilitava ter uma ideia mais exata. Atribuiu-se oficialmente a causa da morte à ruptura do hioide.

Na última semana de março foi descoberto o esqueleto de outra mulher, a uns quatrocentos metros da estrada de Cananea, no meio, poder-se-ia dizer, do deserto. Os descobridores foram três estudantes e um professor de história americanos, da Universidade de Los Angeles, que viajavam de moto pelo norte do México. Segundo os americanos, eles enveredaram de moto por uma estrada vicinal, em busca de uma aldeia iáqui, e se perderam. Segundo os policiais de Santa Teresa, os gringos saíram do caminho para cometer atos nefandos, isto é, para se enrabar mutuamente, e meteram os quatro no xadrez à espera dos acontecimentos. Caída a noite, quando os estudantes e seu professor estavam havia mais de oito horas presos, Epifanio Galindo apareceu na delegacia e quis ouvir a história. Os americanos repetiram e até traçaram um mapa que indicava o local exato onde encontraram o cadáver semienterrado. À pergunta de se não era possível terem confundido os ossos de uma rês ou de um coioote com os de um ser humano, o professor respondeu que nenhum animal, salvo, talvez, um primata, possuía a caveira de uma pessoa. O tom de voz com que disse isso incomodou Epifanio, que decidiu comparecer ao local dos fatos no dia seguinte, de manhãzinha, e em companhia dos gringos, para o que determinou que de modo a agilizar os trâmites estes permanecessem à mão, isto é, como convidados da polícia de Santa Teresa, numa cela em que só estivessem os quatro, assim como os alimentassem por conta do erário público, não com o rancho carcerário mas com comida decente que um policial foi buscar na cafeteria mais próxima. E, apesar dos protestos dos estrangeiros, assim se fez. No dia

seguinte, Epifanio Galindo, vários policiais e dois policiais judiciais compareceram, acompanhados dos descobridores do corpo, ao local dos fatos, um lugar conhecido como El Pajonal, denominação que sob todos os pontos de vista era muito mais a expressão de um desejo do que uma realidade, pois ali não havia nem capim nem nada que se parecesse com isso, só deserto e pedras e, de quando em quando, arbustos verdes-cinza cuja simples vista entristecia o semblante de quem observasse semelhante ermo. Ali, mal enterrados, no exato local assinalado pelos gringos, encontraram os ossos. Segundo o legista, tratava-se de uma mulher jovem de quem haviam quebrado o hioide. Não estava de roupa nem de sapato nem com nada que facilitasse sua identificação. Trouxeram o cadáver sem roupas ou a despiram antes de enterrá-la, disse Epifanio. Você chama isso de enterrar?, perguntou o legista. É, meu caro, não capricharam, disse Epifanio, não capricharam.

No dia seguinte, foi encontrado o cadáver de Elena Montoya, de vinte anos, ao lado de uma estrada vicinal que vai do cemitério ao rancho La Cruz. A mulher havia desaparecido de seu domicílio fazia três dias e já havia sido feita uma denúncia por desaparecimento. O corpo apresentava ferimentos perfurocortantes na região abdominal, abrasão dos pulsos e dos tornozelos e marcas no pescoço, além de um ferimento no crânio produzido por um objeto contundente, talvez um martelo ou uma pedra. O caso foi conduzido pelo policial judicial Lino Rivera e sua primeira medida foi interrogar o marido da morta, Samuel Blanco Blanco, o qual permaneceu sob interrogatório durante quatro dias, ao fim dos quais soltaram-no por falta de provas. Elena Montoya trabalhava na maquiladora Cal&Son e tinha um filho de três meses.

No último dia de março uns garotos catadores de lixo encontraram um cadáver no lixão El Chile, em estado de decomposição total. O que restava dele foi trasladado ao Instituto Anatômico Forense da cidade, onde o fizeram passar por todos os protocolos de rigor. Resultou que se tratava de uma mulher entre quinze e vinte anos. Não foi possível determinar as causas da morte, a qual, segundo os legistas, havia ocorrido mais de doze meses antes. Esses dados, porém, puseram em alerta a família González Reséndiz, de Guajauato, cuja filha desapareceu nessa data, de modo que a polícia de Guajauato solicitou à de Santa Teresa o relatório anatômico da desconhecida encontrada em El Chile, insistindo em particular no envio das provas odontológicas. Uma vez recebidas as provas, confirmou-se que a morta era Irene González Reséndiz, de dezesseis anos, fugida do domicílio paterno em janeiro de 1996, depois de brigar com a família. Seu pai era um conhecido político do PRI da província e sua mãe havia aparecido num programa de tevê de grande audiência pedindo à sua filha, diante das câmeras e ao vivo, que voltasse para casa. Uma foto de Irene, uma foto tipo de passaporte, veio colada por um tempo nas garrafas de leite, com suas marcas pessoais e um telefone. Nenhum policial de Santa Teresa jamais viu essa foto. Nenhum policial de Santa Teresa tomava leite. Só Lalo Cura.

Os três legistas de Santa Teresa não se pareciam. O mais velho deles, Emilio Garibay, era gordo, grande e asmático. Às vezes tinha ataques de asma no necrotério, quando fazia a autópsia de um cadáver, e aguentava a crise. Se dona Isabel, a auxiliar, estivesse por perto, ela tirava do seu jaleco, pendurado no cabide, o inalador e Garibay abria a boca, como um pintinho, e se deixava bombear. Mas quando estava sozinho, aguentava firme e continuava fazendo seu trabalho. Tinha nascido ali, em Santa Teresa, e tudo parecia indicar que morreria lá. Sua família pertencia à classe média alta, aos donos de terra, e muitos enriqueceram vendendo terrenos ermos às maquiladoras que nos anos oitenta começaram a se instalar daquele lado da fronteira. Emilio Garibay, no entanto, não havia feito negócios. Ou não muitos. Era professor da faculdade de Medicina e, como legista, desgraçadamente, nunca lhe faltou trabalho, de modo que tempo para outras coisas, como os negócios, por exemplo, ele não tinha. Era ateu e fazia anos não lia nenhum livro, apesar de entesourar em sua casa uma biblioteca mais do que decente sobre temas da sua especialidade, além de alguns livros de filosofia, história do México e um ou outro romance. Às vezes pensava que não lia mais precisamente por ser ateu. Digamos que a não leitura era o escalão mais elevado do ateísmo, ou pelo menos do ateísmo tal como o concebia. Se você não crê em Deus, como crer num livrinho à toa?, pensava.

O segundo legista se chamava Juan Arredondo e era de Hermosillo, capital do estado de Sonora. Seus estudos médicos, ao contrário de Garibay, que cursou a UNAM, ele fez na faculdade de Medicina da Universidade de Hermosillo. Tinha quarenta e cinco anos, era casado com uma santa-teresense com a qual tinha três filhos e sua simpatia política se inclinava para a esquerda, para o PRD, apesar de nunca ter militado nesse partido. Como Garibay, alternava seu trabalho forense com o ensino da sua especialidade na Universidade de Santa Teresa, onde era apreciado pelos alunos, que consideravam-no, mais que um professor, um amigo. Sua distração era ver tevê e comer com a família em casa, mas quando vinham convites para congressos no exterior ficava louco e usava todos os meios para conseguir uma passagem. O diretor, que era amigo de Garibay, o desprezava, e às vezes, por puro desprezo, o beneficiava. Por esse meio havia viajado três vezes aos Estados Unidos, uma à Espanha e outra a Costa Rica. Numa ocasião representou o Instituto Anatômico Forense e a Universidade de Santa Teresa num simpósio realizado em Medellín, Colômbia, e quando voltou parecia outro. Não temos a menor ideia do que acontece por lá, disse à mulher, e não tornou a falar no assunto.

O terceiro forense se chamava Rigoberto Frías e tinha trinta e dois anos. Era natural de Irapuato, Irapuato, e por um tempo trabalhou no DF, de onde saiu repentinamente sem nenhuma explicação. Trabalhava havia dois anos em Santa Teresa, onde chegou recomendado por um ex-colega de Garibay, e era, a juízo de seus próprios colegas, metódico e eficiente. Trabalhava como auxiliar de cátedra na faculdade de Medicina e vivia sozinho numa rua tranquila da colônia Serafín Garabito. Seu apartamento era pequeno mas mobiliado com gosto. Tinha muitos livros e quase nenhum amigo. Com seus alunos,

fora das horas de aula, mal falava e não tinha vida social, pelo menos não no círculo docente. Às vezes, a uma ordem de Garibay, os três legistas iam tomar café da manhã juntos, de madrugada. Naquela hora só estava aberta uma cafeteria de estilo americano, que não fechava durante as vinte e quatro horas do dia, e onde se reunia a gente das imediações que não havia pregado o olho: auxiliares e enfermeiras do Hospital General Sepúlveda, motoristas de ambulância, familiares e amigos de acidentados, putas, estudantes. A cafeteria se chamava Runaway e na calçada, junto de uma das suas vidraças, havia uma boca de lobo da qual escapavam grandes golfadas de vapor. O letreiro do Runaway era verde e volta e meia o vapor se tingia de verde, um verde intenso, como um bosque subtropical, e, quando Garibay via isso, indefectivelmente falava: puta merda, que bonito. Depois não dizia mais nada e os três legistas esperavam a garçonete, uma adolescente meio gordinha e muito morena, de Aguascalientes, conforme haviam entendido, que levava café para eles e perguntava o que queriam comer. Geralmente o jovem Frías não comia nada ou, eventualmente, um donut. Arredondo costumava pedir um pedaço de bolo com sorvete. E Garibay, uma chuleta sangrenta. Tempos atrás, Arredondo tinha dito que aquilo era péssimo para as articulações. Na sua idade, não devia, falou. Não se lembrava da resposta de Garibay, mas foi sucinta e peremptória. Enquanto esperavam trazerem o desjejum, os legistas permaneciam em silêncio, Arredondo olhando o dorso das mãos, como se procurasse uma gotinha de sangue, Frías olhando a mesa ou com a vista perdida no teto ocre do Runaway e Garibay olhando para a rua e os poucos carros que passavam. Às vezes, muito raramente, faziam companhia a eles dois estudantes que ganhavam um dinheirinho extra como ajudantes de laboratório ou de mesa cirúrgica, e então costumavam falar um pouco mais, mas em geral permaneciam em silêncio, imersos até o pescoço naquilo que Garibay chamava de a certeza do trabalho bem feito. Depois, cada um pagava a sua conta e saíam juntos para a rua como urubus, e um deles, de quem era a vez, voltava a pé para o Instituto Anatômico enquanto os outros dois desciam para o estacionamento subterrâneo, se separavam sem se despedir e pouco depois saía um Renault, Arredondo agarrado com as duas mãos no volante, que se perdia pela cidade, e pouco depois saía outro carro, o Gran Marquis de Garibay, e as ruas o tragavam qual uma tristeza cotidiana.

Nessa mesma hora os policiais que acabavam o serviço se juntavam para tomar o café da manhã na cafeteria Trejo's, um lugar oblongo e com poucas janelas, parecido com um caixão de defunto. Ali tomavam café e comiam ovos *a la ranchera*, ou ovos com toicinho ou ovos estrelados. E contavam piadas. Às vezes eram monográficas. As piadas. E abundavam aquelas sobre mulheres. Por exemplo, um policial perguntava: como é a mulher perfeita? De meio metro, orelhuda, cabeça chata, sem dentes e horrorosa. Por quê? De meio metro para que chegue exatamente à altura da sua cintura, cabra, orelhuda para você manejar com facilidade, cabeça chata para você ter um lugar onde botar a cervejinha, sem dentes para que não cause nenhum estrago no seu pau e feia pra caralho para que ninguém a roube de você. Alguns achavam graça. Outros continuavam comendo seus ovos e tomando café. O que havia

contado a primeira prosseguia. Perguntava: por que as mulheres não sabem esquiar? Silêncio. Porque na cozinha não neva nunca. Alguns não entendiam. A maioria dos tiras nunca tinha esquiado na vida. Esquiar no meio do deserto? Mas alguns riam. E o contador de piadas dizia: aí, gente boa, definam uma mulher. Silêncio. E a resposta: é um conjunto de células medianamente organizadas ao redor de uma vagina. Então alguém achava graça, um judiciário, boa essa, González, um conjunto de células, só você. E outra, esta mais internacional: por que a Estátua da Liberdade é mulher? Porque precisavam de alguém com a cabeça oca para instalar o mirante. E outra: em quantas partes se divide o cérebro de uma mulher? Depende, gente boa! Depende de quê, González? Depende da força com que você bate nela. E já pegando pesado: por que as mulheres não podem contar até setenta? Porque quando chegam ao sessenta e nove estão com a boca cheia. E mais pesado: quem é mais burro que um homem burro? (Essa era fácil.) Uma mulher inteligente, ora. E mais pesado ainda: por que os homens não emprestam o carro para a mulher? Porque do quarto até a cozinha não tem estrada. E no mesmo estilo: o que faz uma mulher fora da cozinha? Espera o chão secar. E uma variante: o que faz um neurônio no cérebro de uma mulher? Turismo, ora. E então o mesmo judiciário que tinha rido tornava a rir e a dizer boa essa, González, muito inspirada, neurônio, só você, turismo, muito inspirada. E González, incansável, prosseguia: como você escolheria as três mulheres mais burras do mundo? Por sorteio. Sacaram, gente boa? Por sorteio! Dá na mesma! E: o que fazer para ampliar a liberdade de uma mulher? Dar uma cozinha maior para ela. E: o que fazer para ampliar ainda mais a liberdade de uma mulher? Ligar o ferro de passar numa extensão. E: qual é o dia da mulher? O dia que menos se espera, ora. E: quanto uma mulher demora para morrer de um tiro na cabeça? Umas sete ou oito horas, depende de quanto a bala demore para encontrar o cérebro. Cérebro, só você, ruminava o judiciário. E se alguém criticava González por contar tantas piadas machistas, González respondia que mais machista era Deus, que nos fez superiores. E continuava: como se chama uma mulher que perdeu noventa e nove por cento do seu quociente intelectual? Muda, ora. E: o que faz o cérebro de uma mulher numa colherinha de café? Boia. E: por que as mulheres têm um neurônio a mais que os cachorros? Para que não beba a água da latrina quando estiver limpando o banheiro. E: o que faz um homem quando joga uma mulher pela janela? Polui o meio ambiente, ora. E: no que uma mulher se parece com uma bola de squash? Quanto mais forte você bate, mais rápido volta. E: por que cozinha tem janela? Para que as mulheres vejam o mundo. Até que González se cansava, tomava uma cerveja, se deixava cair numa cadeira e os outros policiais tornavam a se dedicar a seus ovos. Então o judiciário, exausto com a noite de trabalho, ruminava: quanta verdade de Deus está escondida por trás das piadas populares. E coçava o saco e punha em cima da mesa seu revólver Smith&Wesson modelo 686, de um quilo e quase duzentos gramas de peso, que fazia um ruído seco, como o de um trovão ouvido a distância, ao se chocar com a superfície da mesa, atraindo a atenção dos cinco ou seis policiais mais próximos, que escutavam, não, que *avistavam* suas palavras, as palavras que o judiciário pensava dizer, como se fossem uns costas-molhadas* perdidos no deserto e *avistassem* um oásis ou um povoado ou uma manada de cavalos selvagens. Verdade de Deus, dizia o judiciário. Quem caralho será que inventa as

piadas?, dizia o judiciário. E os ditos? De onde caralho saem? Quem é o primeiro a *bolar*? Quem é o primeiro a *dizer*? E após alguns segundos de silêncio, com os olhos cerrados, como se houvesse adormecido, o judiciário abria o olho esquerdo e dizia: olho vivo no caolho, cabras. As mulheres da cozinha para a cama, e porrada nelas no caminho. Ou então dizia: as mulheres são como as leis, foram feitas para serem violadas. E as gargalhadas eram gerais. Uma grande capa de risos se elevava no local oblongo, como se os policiais capeassem a morte. Não todos, claro. Alguns, nas mesas mais distantes, traçavam seus ovos com chile, ou seus ovos com carne, ou seus ovos com feijão em silêncio, ou conversando entre si, de suas coisas, isolados do resto. Desjejuavam, por assim dizer, acotovelados na angústia e na dúvida. Acotovelados no essencial que não levava a lugar nenhum. Transidos de sono: quer dizer, de costas para as risadas que propugnavam outro sono. Por seu lado, acotovelados nos extremos do balcão, outros bebiam sem dizer nada, mal olhando para o bochicho, ou murmurando quanta babaquice, ou sem murmurar nada, simplesmente fixando a retina nos tiras corruptos e nos judiciários.

Na manhã das piadas de mulher, por exemplo, quando González e seu companheiro, o patrulheiro Juan Rubio, saíram do Trejo's, Lalo Cura estava à espera deles. E quando González e seu companheiro quiseram se livrar de Lalo Cura, Epifanio saiu de um canto e disse que era melhor eles darem bola para o rapaz. Segundo o patrulheiro Juan Rubio, tinham trabalhado a noite inteira e estavam cansados, mas Epifanio era Epifanio, não dava para contrariá-lo. A polícia de Santa Teresa gostava tanto desse tipo de evento quanto de piada de mulher. Na realidade, muitíssimo mais. Os dois carros rumaram para um lugar discreto. A pouca velocidade. Afinal, que pressa tinham para quebrar o pau. Na frente o carro que González dirigia, seguido a poucos metros pelo de Epifanio. Deixaram para trás as ruas calçadas e os edifícios de mais de três andares. Viram pelos vidros do carro o sol se levantar. Puseram óculos escuros. De um dos carros saiu a notícia do evento, e pouco depois de chegarem ao terreno baldio apareceram por lá uns dez carros de polícia. Os tiras desciam de seus carros e se ofereciam mutuamente cigarros ou riam ou chutavam as pedras do lugar. Os que tinham garrafas tomavam uns tragos e faziam comentários inocentes sobre o tempo ou sobre os negócios que tinham uns com os outros. Ao cabo de meia hora todos os carros abandonaram o terreno baldio deixando detrás de si uma nuvem de poeira amarela que ficou suspensa no ar.

Me fale da sua genealogia, diziam os filhos da puta. Me cite a sua árvore genealógica, diziam os camaradas. Cabras chupadores da própria pica. Lalo Cura não perdia a cabeça. Seus veados filhos da puta. Quero ver o brasão de vocês. Você já esteve melhor. Peita ele, Pedrito. Mas sem perder a linha. Respeitando o uniforme. Sem abrir as pernas nem correr da raia, com pinta de que tá tudo dominado. Algumas noites, na penumbra da vizinhança, quando largava os livros de criminologia (não vá amarelar agora, cabra), enjoado com tantas

impressões digitais, manchas de sangue e sêmen, elementos de toxicologia, investigações sobre furtos, roubos com arrombamento, marcas de pés, como fazer esboços do local do delito e fotos do cenário de um delito, meio dormindo, varado entre o sono e a vigília, escutava ou recordava vozes que lhe falavam da fundadora da sua família, da árvore genealógica que remontava até 1865, uma órfã sem nome, de quinze anos, violentada por um soldado belga numa casa de adobes de um só cômodo, nos arredores de Villaviciosa. No dia seguinte o soldado morreu degolado e nove meses depois nasceu uma menina que chamaram de María Expósito. A órfã, a primeira, dizia a voz ou as vozes que iam se revezando, morreu de febre puerperal e a menina cresceu como agregada na mesma casa em que foi concebida, que passou a ser propriedade de uns camponeses que a partir de então cuidaram dela. Em 1881, quando María Expósito tinha quinze anos, durante as festas de São Dimas, um forasteiro bêbado a levou em seu cavalo cantando a toda voz: *Que merda é esta/ Disse Dimas a Gesta*. Na encosta de um morro que parecia um dinossauro ou um lagarto monstruoso, violentou-a repetidas vezes e desapareceu. Em 1882 María Expósito teve uma menina que foi batizada María Expósito Expósito, disse a voz, e essa menina foi o assombro dos camponeses de Villaviciosa. Desde bem pequena demonstrou ter uma grande inteligência e vivacidade, e apesar de nunca ter aprendido a ler e escrever teve fama de sábia, conhecedora de ervas e unguentos medicinais. Em 1898, depois de se ausentar do povoado por sete dias, María Expósito apareceu uma manhã na praça de Villaviciosa, um espaço aberto e árido no centro do povoado, com um braço quebrado e o corpo todo machucado. Nunca quis explicar o que aconteceu, nem as velhas que dela cuidaram insistiram que o fizesse. Nove meses mais tarde nasceu uma menina que foi chamada de María Expósito e como sua mãe, que nunca se casou nem teve mais filhos nem viveu com nenhum homem, iniciou-se nos segredos da curandeirice. Mas a jovem María Expósito só se assemelhava à mãe no bom caráter, algo que aliás todas as Marías Expósitos de Villaviciosa compartilharam, e embora algumas tenham sido reservadas e outras falantes, o bom caráter e o ânimo para atravessar os episódios de violência ou pobreza extrema foram comuns a todas. A infância e a adolescência da jovem María Expósito foram, no entanto, mais desafogadas que as da sua mãe e da sua avó. Em 1914, aos dezesseis anos, ainda pensava e se comportava como uma menina cujo único trabalho era acompanhar a mãe uma vez por mês na busca de ervas esquisitas e lavar a roupa na parte de trás de casa, numa velha tina de madeira e não em lavadouros públicos, que ficavam um pouco longe. Naquele ano apareceu no povoado o coronel Sabino Duque (que morreria fuzilado por covardia em 1915) procurando homens corajosos, e os de Villaviciosa tinham fama de ser mais corajosos que ninguém, para lutar pela Revolução. Vários rapazes do vilarejo se alistaram. Um deles, que até então María Expósito tinha visto só como um companheiro ocasional de brincadeiras, da sua idade e aparentemente tão pueril quanto ela, decidiu lhe confessar seu amor na noite antes de ir para a guerra. Para tal fim escolheu uma tulha que ninguém mais usava (pois os de Villaviciosa tinham cada vez menos o que armazenar) e ante os risos que sua declaração despertou na moça violentou-a ali mesmo, desesperada e desajeitadamente. De madrugada, antes de partir, prometeu que voltaria e se casaria com ela, mas sete meses depois morreu numa escaramuça com os federais, e ele e seu

cavalo foram arrastados pelo rio Sangre de Cristo. Assim, pois, nunca mais voltou a Villaviciosa, como tantos outros jovens do povoado que iam para a guerra ou trabalhar como pistoleiros de aluguel e nunca mais se sabia nada deles ou se sabiam histórias pouco fiáveis ouvidas aqui e por ali. Em todo caso, nove meses depois nasceu María Expósito Expósito, e a jovem María Expósito, transformada em mãe de um dia para o outro, pôs-se a trabalhar vendendo nos povoados vizinhos as poções da sua mãe e os ovos do seu galinheiro, e não se deu mal. Em 1917 ocorreria algo pouco frequente na família Expósito: María, depois de uma de suas viagens, ficou grávida novamente e desta vez teve um menino. Se chamou Rafael. Seus olhos eram verdes como os de um distante tataravô belga e seu olhar tinha aquele ar estranho que os forasteiros percebiam no olhar dos habitantes de Villaviciosa: um olhar opaco e intenso de assassino. Nas raras ocasiões que lhe perguntaram pela identidade do pai do menino, María Expósito, que paulatinamente havia adotado as palavras e a atitude de bruxa de sua mãe, apesar de nunca ter ido mais longe que vender as poções, confundindo os frascos para reumatismo com as garrafinhas para as varizes, respondia que o pai era o diabo e que Rafael era seu retrato vivo. Em 1934, durante uma farra homérica, o toureiro Celestino Arraya e seus colegas do clube Os Peões da Morte chegaram de madrugada a Villaviciosa e se instalaram numa taberna que não existe mais e que na época até oferecia cama para os viajantes. Aos gritos pediram um churrasco de cabrito que lhes foi servido por três moças do povoado. Uma dessas moças era María Expósito. Ao meio-dia se foram e três meses depois María Expósito confessou à mãe que ia ter um filho. E quem é o pai?, perguntou seu irmão. As mulheres guardaram silêncio e o rapaz tratou de investigar por conta própria os passos da irmã. Uma semana depois Rafael Expósito pediu emprestada uma carabina e foi andando para Santa Teresa. Nunca estivera num lugar tão grande, e as ruas asfaltadas, o Teatro Carlota, os cinemas, a sede da prefeitura e as putas que na época trabalhavam na colônia México, ao lado da linha de fronteira e do vilarejo americano de El Adobe, o surpreenderam em grau extremo. Resolveu ficar três dias na cidade, aclimatar-se um pouco, antes de realizar seu feito. No primeiro dia procurou os locais frequentados por Celestino Arraya e um lugar para dormir de graça. Descobriu que em certos bairros as noites eram iguais aos dias e se fez a promessa de não dormir. No segundo dia, enquanto caminhava para cima e para baixo pela rua das putas, uma iucateque baixota e benfeita de corpo, de cabelos nigérrimos e compridos até a cintura, teve dó dele e levou-o para onde morava. Num quarto de pensão lhe preparou uma sopa de arroz e depois foram para a cama até a noite. Para Rafael Expósito foi a primeira vez. Quando se separaram a puta mandou que esperasse no quarto ou, caso saísse, no café da esquina ou na escada. O rapaz disse que estava apaixonado por ela e a puta foi embora feliz. No terceiro dia foram ao Teatro Carlota ouvir as canções românticas de Pajarito de la Cruz, o trovador dominicano que fazia uma turnê por todo o México, e as *rancheras* de José Ramírez, no entanto do que o rapaz mais gostou foram as coristas e os números de mágica de um ilusionista chinês de Michoacán. Ao entardecer do quarto dia, de barriga cheia e ânimo sereno, Rafael Expósito se despediu da puta, foi pegar a carabina no lugar onde a tinha escondido e se dirigiu resolutamente para o bar Los Primos Hermanos, onde encontrou Celestino Arraya. Segundos depois de atirar nele soube sem o mais ínfimo resquício de

dúvida que o havia matado e sentiu-se vingado e feliz. Não fechou os olhos quando os amigos do toureiro esvaziaram seus revólveres nele. Foi enterrado na vala comum de Santa Teresa. Em 1935 nasceu outra María Expósito. Era tímida e doce, e de uma estatura que deixava pequenos inclusive os homens mais altos do povoado. Desde os dez anos se dedicou a vender, com a mãe e a avó, as poções medicinais da bisavó, e a acompanhar esta última ao raiar do dia na busca e seleção de ervas. Às vezes os camponeses de Villaviciosa viam sua longa silhueta recortada contra o horizonte, subindo e descendo morros, e achavam extraordinário que pudesse existir uma moça tão alta e capaz de dar tais passadas. Foi a primeira da sua estirpe, disse a voz ou as vozes, que aprendeu a ler e a escrever. Aos dezoito anos foi violentada por um camelô e em 1953 nasceu uma menina que chamaram de María Expósito. Naqueles dias conviviam cinco gerações de Marías Expósitos nos arredores de Villaviciosa e o ranchinho havia crescido com cômodos acrescentados e uma cozinha grande com um fogão a óleo e um forno a lenha onde a mais velha preparava as misturas e os remédios. De noite, na hora de jantar, sempre estavam juntas as cinco, a menina, a compridona, a melancólica irmã de Rafael, a infantilizada e a bruxa, e costumavam falar de santos e de doenças de que elas jamais padeceram, do tempo e dos homens, que consideravam uma peste, tanto o tempo como os homens, e davam graças aos céus, embora sem excessivo entusiasmo, disse a voz, por serem somente mulheres. Em 1976, a jovem María Expósito encontrou no deserto dois estudantes do DF que lhe disseram estar perdidos mas que pareciam, isso sim, estar fugindo de alguma coisa e que, depois de uma semana vertiginosa, nunca mais tornou a ver. Os estudantes viviam no próprio carro e um deles parecia estar doente. Pareciam estar drogados, falavam muito e não comiam nada, mas ela levava para eles tortillas e feijão que roubava de casa. Falavam, por exemplo, de uma nova revolução, uma revolução invisível que já estava sendo gestada mas que demoraria para sair nas ruas pelo menos cinquenta anos ou mais. Ou quinhentos. Ou cinco mil. Os estudantes conheciam Villaviciosa mas o que queriam era encontrar a estrada de Ures ou de Hermosillo. Todas as noites fizeram amor com ela, dentro do carro ou na terra quente do deserto, até que uma manhã ela chegou ao local e não os encontrou. Três meses depois, quando sua tataravó perguntou quem era o pai da criança que ela esperava, a jovem María Expósito teve uma estranha visão de si mesma: se viu pequena e forte, se viu trepando com dois homens no meio de um lago de sal, viu um túnel cheio de vasos com plantas e flores. Contra os desejos da família, que pretendeu batizar o menino com o nome de Rafael, María Expósito chamou-o de Olegario, que é o santo a que os caçadores se encomendam e que foi um monge catalão do século XII, bispo de Barcelona e arcebispo de Tarragona, e também decidiu que o primeiro sobrenome de seu filho não seria Expósito, que é um nome de órfão, como haviam explicado os estudantes do DF numa das noites que passou com eles, disse a voz, mas Cura, e assim o registrou na paróquia de São Cipriano, a trinta quilômetros de Villaviciosa, Olegario Cura Expósito, apesar do interrogatório a que o sacerdote a submeteu e a sua incredulidade acerca da identidade do suposto pai. A tataravó disse que era pura soberba antepor o nome de Cura ao de Expósito, que era o dela de sempre, e pouco depois morreu, quando Lalo tinha dois anos e andava pelado pelo quintal de casa, espiando as coisas

amarelas ou brancas, sempre fechadas, de Villaviciosa. E quando Lalo tinha quatro anos morreu outra velha, a infantilizada, e quando fez quinze morreu a irmã de Rafael Expósito, disse a voz ou as vozes. E quando Pedro Negrete veio buscá-lo para que fosse trabalhar sob as ordens de Pedro Rengifo, só viviam a compridona Expósito e a sua mãe.

Viver neste deserto, pensou Lalo Cura enquanto o carro dirigido por Epifanio se afastava do terreno baldio, é como viver no mar. A fronteira entre Sonora e o Arizona é um grupo de ilhas fantasmais ou encantadas. As cidades e os povoados são barcos. O deserto é um mar interminável. É um bom lugar para os peixes, principalmente para os peixes que vivem nas fossas mais profundas, não para os homens.

As mortas do mês de março fizeram que os jornais do DF formulassem em voz alta algumas perguntas. Se o assassino estava preso, quem havia matado todas essas mulheres? Se os asseclas ou cúmplices do assassino também estavam presos, quem era o culpado de todas aquelas mortes? Até que ponto era real essa infame e improvável patota juvenil chamada Os Bisontes e até que ponto era criação da polícia? Por que se adia sucessivamente o julgamento de Haas? Por que as autoridades federais não mandavam um supervisor especial para dirigir as investigações? No dia 4 de abril Sergio González conseguiu que seu jornal o enviasse para escrever uma nova matéria sobre os assassinatos de Santa Teresa.

No dia 6 de abril foi encontrado o cadáver de Michele Sánchez Castillo, perto dos galpões de armazenamento de uma engarrafadora de refrigerantes. O achado foi obra dos trabalhadores da própria empresa, encarregados da limpeza daquele local. A uns cinquenta metros do cadáver foi recuperado um pedaço de ferro com manchas de sangue e restos de couro cabeludo, pelo que se supõe que foi com esse objeto que a mataram. Michele Sánchez estava enrolada nuns cobertores velhos, junto de uma pilha de pneus, num lugar em que não era estranho encontrar gente de passagem ou bêbados do bairro dormindo e que a engarrafadora, de uma forma ou de outra, tolerava. Gente de paz, segundo os guardas noturnos, mas que caso se irritassem eram capazes de tocar fogo nos pneus, o que tornaria a situação mais irritante ainda. A vítima apresentava vários golpes na cara e lacerações de caráter leve na região torácica, e uma fratura no crânio, mortal, justo atrás do ouvido direito. Vestia calça preta com enfeites brancos, que a polícia encontrou abaixada até os joelhos, blusa rosa, com grandes botões pretos, levantada acima dos seios. Os sapatos eram do tipo de mineiros, com sola de pneu. Estava de sutiã e calcinha. Às dez da manhã o lugar estava repleto de curiosos. Segundo o judiciário José Márquez, encarregado da investigação, a mulher foi atacada e morta no mesmo lugar. Os jornalistas que o conheciam pediram que os deixasse se aproximar para tirar uma foto e o judiciário não pôs objeção. Não se sabia quem era porque não levava nenhum tipo de identificação consigo. Mas parecia ter menos de vinte

anos, disse José Márquez. Entre os jornalistas que se aproximaram do cadáver estava Sergio González. Nunca tinha visto uma morta. As pilhas de pneus formavam, a intervalos, uma forma parecida com cavernas. Se a noite era fria não era um mau lugar para dormir. Era preciso entrar de joelhos. Provavelmente sair era mais difícil ainda. Viu duas pernas e um cobertor. Ouviu que os jornalistas de Santa Teresa pediam a José Márquez que a puxasse e que este achava graça. Não quis continuar ali e foi andando até a estrada, onde havia parado seu Beetle alugado. No dia seguinte a vítima foi identificada como Michele Sánchez Castillo, de dezesseis anos. A autópsia, segundo o laudo médico-legal, estabeleceu que a morte se deveu a um traumatismo craneiocefálico severo e que não foi violentada sexualmente. Foram encontrados restos de pele nas unhas, pelo que era possível afirmar que havia lutado com seu agressor até o final. Os golpes na cara e nos flancos eram mais uma evidência da luta que manteve com o assassino. Pelo esfregaço vaginal se podia concluir também que não fora violentada. Seus familiares disseram que Michele foi visitar uma amiga no dia cinco de abril, de onde saiu para procurar trabalho numa maquiladora. Segundo o comunicado da polícia provavelmente foi atacada e assassinada entre a noite do dia cinco e a madrugada do dia seis. Não foram encontradas impressões digitais na barra de ferro.

Sergio González entrevistou o policial judiciário José Márquez. Chegou quando a noite acabava de se instalar sobre a cidade e o edifício da polícia judiciária estava quase vazio. Um sujeito que fazia as vezes de zelador indicou como chegar à sala de José Márquez. Não cruzou com ninguém pelo corredor. A maioria das salas mantinha as portas abertas e em algum lugar impreciso se ouvia o ruído de uma máquina de xerox. José Márquez atendeu-o consultando o relógio e logo em seguida pediu que, para ganhar tempo, o acompanhasse até o vestiário. Enquanto o judiciário se despia, Sergio perguntou como era possível Michele Sánchez ter chegado viva ao pátio dos fundos da engarrafadora. É perfeitamente possível, respondeu Márquez. Pelo que soube, disse Sergio, as mulheres são sequestradas num lugar, levadas a outro lugar, onde são violentadas e depois mortas, e por fim seus corpos são jogados num terceiro lugar, neste caso nos fundos do galpão de armazenamento. Às vezes isso acontece, respondeu Márquez, mas nem todos os assassinatos seguem o mesmo padrão. Márquez meteu sua roupa numa sacola e enfiou um agasalho esportivo. O senhor deve estar se perguntando, disse enquanto acomodava debaixo do blusão do agasalho o coldre com seu Desert Eagle calibre 357 Magnum, por que este edifício está tão vazio. Sergio disse que o mais lógico era pensar que todos os judiciários estavam na rua, trabalhando. A esta hora, não, replicou Márquez. Por quê, então?, disse Sergio. Porque hoje tem um jogo de futsal entre o time da polícia de Santa Teresa e o nosso. O senhor vai jogar?, perguntou Sergio. Pode ser que sim, pode ser que não, sou reserva, respondeu Márquez. Quando deixaram o vestiário, o policial disse que Sergio não devia procurar uma explicação lógica para os crimes. Isto é uma merda, é a única explicação, disse Márquez.

No dia seguinte viu Haas e os pais de Michele Sánchez. Haas lhe pareceu, se isso era possível, mais frio do que nunca. E também mais alto, como se no cárcere seus hormônios houvessem disparado e ele estivesse alcançando sua estatura final. Perguntou por Michele Sánchez, perguntou se ele tinha alguma opinião a respeito, perguntou pelos Bisontes e por todas as mortas que literalmente brotavam do deserto de Santa Teresa depois da sua detenção. A resposta de Haas foi chocha e sorridente, e Sergio pensou que, ainda que ele não fosse o culpado pelas últimas mortes, com certeza era culpado por *algo*. Depois, quando deixou a prisão, pensou como é que podia julgar alguém por seu sorriso ou por seus olhos. Quem era ele para se atrever a julgar?

A mãe de Michele Sánchez disse a ele que desde havia um ano tinha sonhos terríveis. Ela acordava no meio da noite ou no meio do dia (quando trabalhava nos turnos da noite) com a certeza de ter perdido para sempre sua pequenina. Sergio perguntou se Michele era a mais moça das suas filhas. Não, tenho outros dois mais moços, disse a mulher. Mas em meus sonhos era a Michele que eu perdia. Por quê? Não sei, disse a mulher, Michele era uma menininha, em meus sonhos tinha uns dois anos, três no máximo, e de repente desaparecia. Eu não via quem a tomava de mim. Não via nada mais que uma rua vazia ou um quintal vazio ou um quarto vazio. Antes a minha pequenina estava lá. E quando eu voltava a olhar não estava mais. Sergio perguntou se as pessoas tinham medo. As mães sim, disse a mulher. Alguns pais também. Mas as pessoas, não acredito. Antes de se despedir, na esplanada de acesso ao Parque Industrial Arsenio Farrel, a mulher disse que os sonhos começaram na mesma época em que viu pela primeira vez Florita Almada na televisão, Florita Almada, a Santa, como a chamam. Um enxame de mulheres chegava andando ou descia dos ônibus fretados pelas diversas maquiladoras do Parque. Os ônibus são de graça?, perguntou Sergio distraído. Aqui nada é de graça, disse a mulher. Depois perguntou quem era essa tal de Florita Almada. Uma velhinha que aparece de vez em quando na tevê de Hermosillo, no show de Reinaldo. Ela sabe o que se esconde por trás dos crimes e nos alertou, mas não levamos a sério, ninguém leva ela a sério. Ela viu a cara dos assassinos. Se o senhor quiser saber mais alguma coisa vá vê-la e quando a tiver visto me telefone ou me escreva. Vou fazer isso, disse Sergio.

Haas gostava de sentar no chão, encostado na parede, na parte sombreada do pátio. E gostava de pensar. Gostava de pensar que Deus não existia. Uns três minutos, no mínimo. Também gostava de pensar na insignificância dos seres humanos. Cinco minutos. Se não existisse a dor, pensava, seríamos perfeitos. Insignificantes e alheios à dor. Perfeitos, caralho. Mas lá estava a dor para foder com tudo. Por fim pensava no luxo. O luxo de ter memória, o luxo de saber um idioma ou vários idiomas, o luxo de pensar e não sair correndo. Depois abria os olhos e contemplava, como de um sonho, alguns dos Bisontes que davam voltas,

como se pastassem, do outro lado, na parte ensolarada do pátio. Os Bisontes pastam no pátio da prisão, pensava, e isso o tranquilizava como um sedativo de ação rápida, pois às vezes, sem muita frequência, Haas iniciava o dia como se houvessem introduzido a ponta de uma faca em sua cabeça. Tequila e Tempestade estavam a seu lado. Às vezes se sentia como um pastor incompreendido até pelas pedras. Alguns presos pareciam se movimentar em câmera lenta. O dos refrigerantes, por exemplo, que se aproximava com três coca-colas geladas para eles. Ou os que jogavam basquete. Na noite anterior, antes de se deitar, um vigia foi buscá-lo e lhe disse para segui-lo, que dom Enrique Hernández queria vê-lo. O narcotraficante não estava a sós. A seu lado estava o prefeito e um sujeito que lhe disseram ser o advogado dele. Acabavam de jantar e Enriquito Hernández lhe ofereceu uma xícara de café, que Haas recusou dizendo que lhe tirava o sono. Todos riram menos o advogado, que não deu sinal de tê-lo ouvido. Vou com a sua cara, gringo, disse o narcotraficante, só queria que você soubesse que o caso dos Bisontes está sendo investigado. Está claro? Claríssimo, dom Enrique. Depois o convidaram a sentar e lhe perguntaram sobre a vida na prisão. No dia seguinte ele disse ao Tequila que o negócio estava nas mãos de Enriquito Hernández. Diga ao seu amigo. Tequila meneou a cabeça afirmativamente e falou: que bom. Que gostoso estar aqui, na sombrinha, disse Haas.

Segundo a encarregada do Departamento de Delitos Sexuais de Santa Teresa, uma entidade governamental que tinha apenas meio ano de existência, a proporção de assassinatos em toda a república mexicana era de dez homens para uma mulher, enquanto a proporção em Santa Teresa era de quatro mulheres para cada dez homens. A encarregada se chamava Yolanda Palacio e era uma mulher de uns trinta anos, de pele clara e cabelos castanhos, formal, mas por trás da sua formalidade se vislumbrava o desejo de ser feliz, o desejo da festa permanente. Mas o que é *a festa permanente*?, perguntou-se Sergio González. Talvez o que diferencie alguns do resto de nós, que vivemos na tristeza cotidiana. Vontade de viver, vontade de lutar, como dizia seu pai, mas lutar contra o quê, contra o inevitável? Lutar *contra* quem? E para conseguir o quê? Mais tempo, uma certeza, o vislumbre de algo essencial? Como se houvesse algo nesta porra de país, pensou, como se houvesse isso nesta porra de planeta chupador da própria pica. Yolanda Palacio havia estudado direito na Universidade de Santa Teresa, depois se especializou em direito penal na Universidade de Hermosillo, mas não gostava de tribunais, descobriu um pouco tarde, nem de transformar-se em litigante, de modo que se dedicou à pesquisa. Sabe o senhor quantas mulheres são vítimas de delitos sexuais nesta cidade? Mais de duas mil todo ano. E quase a metade são menores de idade. Provavelmente um número semelhante não denuncia o estupro, de modo que estaríamos falando de quatro mil estupros por ano. Quer dizer, a cada dia violentam mais de dez mulheres aqui, fez um gesto como se os estupros estivessem sendo cometidos no corredor. Um corredor mal iluminado por uma lâmpada fluorescente amarela, exatamente igual à lâmpada fluorescente que permanecia apagada na sala de Yolanda Palacio. Alguns dos estupros, claro, acabam em assassinato. Mas não quero exagerar, a maioria se conforma com violentar e pronto, acabou, vamos a outra coisa. Sergio não soube o que dizer. O senhor sabe

quantas pessoas trabalham no Departamento de Delitos Sexuais? Só eu. Antes eu tinha uma secretária. Mas ela se cansou e foi para Ensenada, onde tem família. Puxa vida, fez Sergio. Isso, isso mesmo, puxa vida, muito puxa vida aqui, puxa vida ali, muito nossa, muito que horror, muito não é possível, mas na hora do vamos ver ninguém aqui tem memória para nada, nem palavra para nada, nem peito para fazer nada. Sergio olhou para o chão e depois para a cara cansada de Yolanda Palacio. Aliás, falando em puxa vida, puxa vida, não quer almoçar?, estou morta de fome, aqui perto tem um restaurante que se chama El Rey del Taco, se gosta da comida tex-mex devia ir. Sergio se levantou. É minha convidada, disse. Isso eu dava como certo, respondeu Yolanda Palacio.

No dia 12 de abril foram encontrados os restos de uma mulher num campo perto de Casas Negras. Os que a encontraram disseram que viram que se tratava de uma mulher pelos cabelos, negros e compridos até a cintura. O cadáver estava num estado de decomposição avançada. O exame do legista estabeleceu que a vítima tinha entre vinte e oito e trinta e três anos, um metro e sessenta e sete de altura e que as causas da morte foram dois golpes contundentes fortíssimos na região tempoparietal. Não trazia identificação. Num dos bolsos da calça foram encontradas as chaves de um carro. Seu perfil não se encaixava no das desaparecidas de Santa Teresa. Provavelmente estava morta havia um par de meses. O caso foi arquivado.

Sem que soubesse muito bem por quê, pois não acreditava em videntes, Sergio González procurou Florita Almada nos estúdios do Canal 7 de Hermosillo. Falou com uma secretária, depois com outra, depois com Reinaldo. Este lhe disse que não era fácil ver Florita. Nós, seus amigos, disse Reinaldo, a protegemos. Protegemos sua intimidade. Somos um escudo humano em torno da Santa. Sergio se identificou como jornalista e disse que a intimidade de Florita estava garantida. Reinaldo marcou um encontro para aquela noite. Sergio voltou para o hotel e tentou escrever o rascunho da crônica sobre os assassinatos de mulheres, mas ao cabo de um instante se deu conta de que não podia escrever nada. Desceu ao bar do hotel e ficou bebendo e lendo jornais locais. Depois subiu ao seu quarto, tomou um banho e tornou a descer. Meia hora antes da hora marcada por Reinaldo pegou um táxi e pediu que desse algumas voltas pelo centro antes de se dirigir ao encontro. O taxista perguntou de onde era. Do DF, disse Sergio. Cidade maluca, disse o taxista. Uma vez me assaltaram sete vezes no mesmo dia. Só faltou me estuprarem, disse o taxista rindo no espelho retrovisor. As coisas mudaram, disse Sergio, agora são os taxistas que assaltam as pessoas. Ouvi falar disso, falou o taxista, já era hora. Depende de como se veja a coisa, disse Sergio. O encontro era num bar de clientela masculina. O lugar se chamava Popeye e um brutamonte de mais de cem quilos vigiava a porta. Dentro havia um balcão em zigue-zague, mesinhas anãs iluminadas com pequenas lâmpadas e cadeiras forradas de cetim roxo. Pelos alto-falantes se ouvia música new age e os garçons se vestiam de marinheiro. Reinaldo e um desconhecido o esperavam

sentados nuns tamboretos altos demais, junto do balcão. O desconhecido tinha cabelos lisos, cortados na moda, e vestia roupa cara. Se chamava José Patricio e era advogado de Reinaldo e de Florita. Quer dizer que Florita Almada precisa de advogado? Todo mundo precisa de um, disse José Patricio muito sério. Sergio não quis tomar nada e pouco depois os três entraram na BMW de José Patricio e seguiram por ruas cada vez mais escuras rumo à casa de Florita. Durante a viagem, José Patricio quis saber como era a vida de um jornalista policial no DF, e Sergio teve de confessar que, na realidade, trabalhava na área de cultura e espetáculos. Explicou em linhas gerais como havia entrado em contato com os crimes de Santa Teresa, e José Patricio e Reinaldo o escutaram com atenção e recolhimento, como garotinhos que ouvem pela enésima vez a mesma história que os aterroriza e imobiliza, assentindo gravemente com a cabeça, cúmplices no mesmo segredo. Mais adiante, no entanto, quando faltava pouco para chegar à casa de Florita, Reinaldo quis saber se Sergio conhecia um famoso apresentador da Televisa. Sergio reconheceu que o conhecia de nome, mas que nunca havia encontrado com ele numa festa. Reinaldo contou então que esse apresentador foi apaixonado por José Patricio. Por um tempo vinha todos os fins de semana para Hermosillo e convidava José Patricio e seus amigos para irem à praia, onde gastava dinheiro a rodo. José Patricio, na época, estava apaixonado por um gringo, um professor de Direito de Berkeley, e não dava a menor bola para ele. Uma noite, contou Reinaldo, o famoso apresentador me levou ao seu quarto de hotel e me disse que tinha uma coisa a me propor. Pensei que, como se sentia despeitado, queria ir para a cama comigo ou me levar para o DF, para que eu iniciasse aí uma nova carreira na televisão, apadrinhado por ele, mas a única coisa que o apresentador queria era conversar e que Reinaldo o escutasse. No início, disse Reinaldo, eu só sentia desprezo. Não é um homem atraente e em pessoa é pior ainda que na tevê. Nessa época ainda não conhecia Florita Almada, e minha vida era a vida de um pecador. (Risos.) Enfim: eu o desprezava, provavelmente também sentia um pouquinho de inveja por sua sorte, que considerava desproporcional. O caso é que fui com ele até o seu quarto, disse Reinaldo, a melhor suíte do melhor hotel de Bahía Kino, de onde costumávamos dar passeios de iate até a ilha Tiburón ou a ilha Turner, o maior luxo, como você pode imaginar, disse Reinaldo olhando para as casas pobres que ladeavam a avenida pela qual transitava o BMW de José Patricio, e ali estava o famoso apresentador, o queridinho da Televisa, sentado aos pés da cama, com um copo na mão, os cabelos desalinhados e os olhos puxados que quase não dava para ver, e quando me vê, quando se dá conta de que estou no quarto, de pé, esperando, vai e solta que aquela noite provavelmente vai ser a última noite da sua vida. Como você há de entender, fiquei gelado, porque pensei no ato: primeiro esse puto me mata, depois se mata, só para dar um desgosto póstumo a José Patricio. (Risos.) É assim que se diz, não é, póstumo? Mais ou menos, disse José Patricio. Aí eu disse pra ele, prosseguiu Reinaldo, ei, deixa de brincadeira. É melhor a gente sair para dar uma volta. E enquanto eu ia falando procurava com os olhos a pistola. Mas não vi pistola em lugar nenhum, se bem que o apresentador podia perfeitamente tê-la escondida debaixo da camisa, como os pistoleiros, se bem que naquele instante ele não tinha pinta de pistoleiro mas de estar desesperado e sozinho. Eu me lembro de que liguei a tevê e pus um programa noturno

que transmitiam de Tijuana, um talk-show, e disse a ele: tenho certeza que você, com os mesmos meios, faria melhor, mas o apresentador nem sequer se dignou a dar uma olhada na tevê. A única coisa que fazia era olhar para o chão e murmurar que a vida não tinha sentido e que era melhor morrer de uma vez do que continuar vivendo. Blá-blá-blá. Qualquer coisa que eu dissesse, compreendi então, seria demais. Ele nem sequer me ouvia, só me queria por perto, para o caso de, para o caso de quê?, sei lá, mas para o caso de, com certeza. Me lembro que saí à varanda e contemplei a baía. Era noite de lua cheia. Que bonita a costa, refleti, e o pior é que a gente não se dá conta, salvo em situações extremas, quando nem podemos desfrutá-la. Que bonita a costa e a praia e o firmamento repleto de estrelas. Mas logo me cansei e voltei a me sentar na poltrona do quarto e, para não ver a cara do apresentador, tornei a olhar para a tevê, onde um cara contava que tinha em seu poder, dizia com essas palavras, *em seu poder*, como se estivesse contando uma história medieval ou uma história política, o recorde de expulsões dos Estados Unidos. Sabem quantas vezes havia entrado ilegalmente nos Estados Unidos? Trezentas e quarenta e cinco vezes! E trezentas e quarenta e cinco vezes tinha sido preso e deportado para o México. E tudo no lapso de quatro anos. A verdade é que fiquei imediatamente interessado. Imaginei-o no meu programa. Imaginei as perguntas que faria a ele. Fiquei bolando como entrar em contato com ele, porque a história, isso ninguém pode negar, era muito interessante. O cara da tevê de Tijuana fez uma pergunta-chave: de onde ele tirava dinheiro para pagar os galinheiros que o levavam para o outro lado? Porque era claro que, dado o ritmo desenfreado das suas expulsões, nos Estados Unidos ele não tinha materialmente tempo para trabalhar e poupar uma graninha. A resposta do sujeito foi alucinante. Disse que de início pagava o que lhe pediam, mas que depois, digamos, após a décima deportação, regateava e pedia descontos, e que depois da quinquagésima deportação os galinheiros e coiotes o levavam com eles por amizade, e que após a centésima deportação provavelmente, achava ele, o levavam por dó. Agora, disse ao apresentador de Tijuana, levavam-no como amuleto, porque no entender dos galinheiros ele dava sorte, pois sua presença, de certa forma, aliviava o estresse dos outros: se ia cair alguém, esse alguém seria ele, não os outros, pelo menos se os outros soubessem deixá-lo de lado uma vez cruzada a fronteira. Expliquemos: ele tinha se transformado numa carta marcada, no bilhete marcado, de acordo com suas próprias palavras. Então o apresentador, que era ruim, lhe fez uma pergunta cretina e depois uma pergunta boa. A cretina foi perguntar se ele pensava em inscrever seu recorde no Guinness dos recordes. O sujeito nem sabia de que merda o outro estava falando, nunca na vida tinha ouvido falar do Guinness. A boa foi perguntar se ele ia continuar tentando. Tentando o quê? Tentando passar para o outro lado, disse o apresentador. O cara disse que sim, se Deus permitisse e lhe desse saúde, em nenhum momento havia apagado da cabeça a ideia de viver nos Estados Unidos. Não está cansado?, perguntou o apresentador. Não fica com vontade de voltar para sua cidade ou procurar um trabalho aqui em Tijuana? O sujeito sorriu com vergonha e disse que quando metia uma ideia na cabeça não tinha jeito. Era um sujeito maluco, maluco, maluco, um maluco de verdade, disse Reinaldo, mas eu estava no hotel mais maluco de Bahía Kino, e junto de mim, sentado no pé da cama, estava o apresentador mais maluco da tevê do DF, de modo que o que

eu podia pensar realmente? Claro, o apresentador não pensava mais em se suicidar. Continuava sentado no pé da cama, mas tinha os olhos, uns olhos de cachorro cansado, cravados na tevê. O que acha?, perguntei. Pode existir uma pessoa assim? Não é encantador? Não é a inocência personificada? Então o apresentador se levantou e pegou a pistola que aquele tempo todo ele havia escondido debaixo de uma perna ou debaixo de uma nádega, e eu tornei a empalidecer e ele me fez um gesto, um gesto apenas perceptível, como se me dissesse que eu já não tinha por que me preocupar e entrou no banheiro sem fechar a porta, e eu pensei, ai, caralho, ele vai se suicidar, mas o que ele fez foi mijar demoradamente, tudo ficava como que em família, tudo se encaixava, a tevê ligada, a porta aberta, a noite como uma luva sobre o hotel, o emigrante clandestino perfeito, o emigrante que eu queria levar para o meu programa e que talvez o apresentador apaixonado por José Patricio queria levar para o seu programa, o costas-molhadas monstruoso, o rei do azar, o homem que carregava nos ombros o destino do México, o costas-molhadas sorridente, esse ser igual a um sapo, esse inerte bicho sebo e pouco inteligente, esse pedaço de carvão que em outra reencarnação poderia ter sido um diamante, esse intocável que não havia nascido na Índia mas no México, tudo se encaixava, de repente tudo se encaixava e já não havia por que se suicidar. De onde eu estava vi que o apresentador da Televisa guardava a pistola em seu *nécessaire*, fechava o *nécessaire* e o enfiava numa gaveta do banheiro. Perguntei se queria que fôssemos ao bar do hotel tomar uma bebida. Vamos, disse, mas antes quis ver o fim do programa. Na tevê já estavam falando com outro cara, creio que um treinador de gatos. Que canal é esse?, perguntou o apresentador. O 35 de Tijuana, respondi. O 35 de Tijuana, disse ele como se falasse sonhando. Depois saímos do quarto. No corredor o apresentador parou, tirou um pente do bolso de trás da calça e se penteou. Como estou?, me perguntou. Divino, respondi. Depois chamamos o elevador e esperamos. Que dia, fez o apresentador. Concordei com a cabeça. Quando o elevador chegou entramos e descemos ao bar sem trocar uma palavra. Pouco depois nos separamos e cada um foi se deitar.

Depois de comer, quando ambos contemplavam a noite através das vidraças do Rey del Taco, Yolanda Palacio disse a ele que nem tudo era ruim em Santa Teresa. Nem tudo, no que dizia respeito às mulheres. Como se estando com o estômago satisfeito, cansados e com vontade de dormir, ambos apreciassem as coisas boas, os detalhes falseados da esperança. Fumaram. Sabe qual é a cidade com o índice de desemprego feminino mais baixo do México? Sergio González viu a lua do deserto, um fragmento, um corte helicoidal, assomando por entre os tetos. Santa Teresa?, perguntou. Pois é, Santa Teresa, disse a encarregada do Departamento de Delitos Sexuais. Aqui quase todas as mulheres têm trabalho. Um trabalho mal pago e explorador, com horários de meter medo e sem garantias sindicais, mas trabalho afinal de contas, o que para muitas mulheres chegadas de Oaxaca ou de Zacatecas é uma bênção. Um corte helicoidal? Não pode ser, pensou Sergio. Uma ilusão de óptica sim, umas nuvens estranhas em forma de cigarrilhas, roupa estendida ao vento noturno, a mosca ou o mosquito de Poe. Quer dizer que não há desemprego feminino aqui?,

perguntou. Não encha o saco, disse Yolanda Palacio, claro que há desemprego, feminino e masculino, só que aqui a taxa de desemprego feminino é muito menor que no resto do país. De fato, pode-se dizer, *grosso modo*, que todas as mulheres de Santa Teresa têm trabalho. Pegue os números e compare.

Em maio assassinaram em seu domicílio Aurora Cruz Barrientos, de dezoito anos. Foi encontrada na cama conjugal, com múltiplos ferimentos de arma branca, quase todos no tórax, os braços abertos como se clamasse ao céu, no meio de uma grande mancha de sangue coagulado. Quem encontrou foi uma vizinha e amiga, que achou esquisito as cortinas da casa ainda estarem fechadas. A porta estava aberta e a vizinha entrou na casa, onde de imediato notou alguma coisa estranha, que não soube precisar. Ao chegar ao quarto e ver o que haviam feito a Aurora Cruz, desmaiou. A casa se situava na rua Estepa, 870, na colônia Félix Gómez, um bairro de classe média baixa. O caso foi confiado ao policial judiciário Juan de Dios Martínez, que se apresentou no local dos fatos uma hora depois de a casa ser tomada pela polícia. O esposo de Aurora Cruz, Rolando Pérez Mejía, estava trabalhando na maquiladora City Keys e ainda não havia sido avisado da morte da mulher. Os policiais que revistaram a casa encontraram uma cueca, presumivelmente de Pérez Mejía, largada no banheiro e manchada de sangue. Nas primeiras horas da tarde uma patrulha foi à City Keys e levou Pérez Mejía ao 2º distrito. Em sua declaração ele assegura que antes de ir trabalhar tomou café da manhã com a mulher, como todas as manhãs, e que a relação entre os dois era harmoniosa pois não deixavam que os problemas, econômicos, principalmente, interferissem em suas vidas. Estavam casados, segundo Pérez Mejía, havia um ano e pouco, e nunca tinham brigado. Quando lhe foi mostrada a cueca manchada de sangue, Pérez Mejía a reconheceu como sua, ou parecida com uma que tinha, e Juan de Dios Martínez pensou que entregaria os pontos. Mas o marido, apesar de chorar amargamente ao ver sua cueca, o que não deixou de parecer estranho a Juan de Dios, pois uma cueca não é uma foto nem uma carta, mas somente isso, uma cueca, não entregou os pontos. De qualquer modo, ficou detido à espera de novos acontecimentos, que não tardaram a chegar. Primeiro apareceu uma testemunha dizendo ter visto um homem rondando nas proximidades da casa de Aurora Cruz. O homem, segundo essa testemunha, era um jovem com pinta de esportista que tocava a campainha das casas e grudava a cara nos vidros como se quisesse se certificar de que estavam vazias. Pelo menos foi o que ele fez em três casas, uma delas a de Aurora Cruz, e depois desapareceu. O que aconteceu depois? A testemunha não sabia, pois ele tinha ido trabalhar, não sem antes avisar a mulher e a mãe da mulher, que vivia com eles, da presença do intruso. Segundo a mulher da testemunha, pouco depois de seu marido ir embora ela passou um instante diante de janela, mas não viu nada. Um pouco depois também saiu para trabalhar e na casa só ficou a sogra, que, como antes fizeram seu genro e sua filha, ficou espiando a rua da janela, sem ver nem notar nada suspeito, até que seus netos se levantaram e ela teve de cuidar do café deles antes de despachá-los para a escola. Mais ninguém no bairro, por outro lado, viu o bisbilhoteiro de aparência esportiva. Na maquiladora onde trabalhava o

marido da vítima vários trabalhadores atestaram que Rolando Pérez Mejía havia chegado, como todas as manhãs, pouco antes de começar seu turno. Segundo o laudo médico-legal, Aurora Cruz havia sido violentada pelos dois condutos. O estuprador e assassino, segundo o legista, era uma pessoa de grande energia, um tipo jovem, sem dúvida, e completamente desenfreado. Perguntado por Juan de Dios Martínez o que queria dizer com desenfreado, o legista respondeu que a quantidade de sêmen encontrada no corpo da vítima e nos lençóis era anormal. Podem ter sido duas pessoas, disse Juan de Dios Martínez. Poder, pode, respondeu o legista, mas para se assegurar já tinha mandado amostras à polícia científica de Hermosillo para confirmar, se não o DNA, pelo menos o tipo de sangue do agressor. Pelos dilaceramentos anais, o legista se inclinava a crer que as violações por esse conduto se produziram quando a vítima já era cadáver. Por uns dias, sentindo-se cada vez mais doente, Juan de Dios investigou alguns jovens do bairro relacionados com gangues juvenis. Uma noite precisou ir ao médico, que confirmou que estava com gripe e receitou descongestionantes e paciência. A gripe se complicou ao fim de uns dias com placas bacterianas na garganta e ele teve que tomar antibiótico. O marido da vítima passou uma semana no xadrez do 2º distrito, depois o soltaram. As mostras de sêmen enviadas a Hermosillo foram perdidas, não se sabia direito se no caminho de ida ou no de volta.

Florita em pessoa abriu a porta para eles. Sergio não esperava que fosse tão velha. Florita cumprimentou Reinaldo e José Patricio com um beijo e estendeu a mão a Sergio. Viemos chateadérrimos, ouviu Reinaldo dizer. A mão de Florita estava toda rachada, como se fosse a mão de uma pessoa que passava muito tempo manipulando produtos químicos. A sala era pequena, com duas poltronas e um aparelho de televisão. Nas paredes havia fotos em branco e preto. Numa das fotos viu Reinaldo e outros homens, todos sorridentes, vestidos como se fossem fazer piquenique, ao redor de Florita: os adeptos de uma seita ao redor da sua sacerdotisa. Ofereceram chá ou cerveja. Sergio pediu uma cerveja e perguntou a Florita se era verdade que ela podia *ver* as mortes ocorridas em Santa Teresa. A Santa parecia intimidada e demorou um pouco para responder. Arrumou a gola da blusa e o casaquinho de lã, talvez apertado demais. Sua resposta foi vaga. Disse que às vezes, como qualquer um, via coisas e que as coisas que via não eram necessariamente visões mas imaginações, coisas que lhe passavam pela cabeça, como na de qualquer um, o imposto que dizem que a gente precisava pagar para viver numa sociedade moderna, se bem que ela fosse do parecer de que todo o mundo, vivesse onde vivesse, podia em determinado momento *ver* ou *imaginar* coisas, e que ela, de fato, ultimamente só imaginava assassinatos de mulheres. Uma charlatã de bom coração, pensou Sergio. Por que de bom coração? Porque todas as velhinhas do México tinham bom coração? É antes um coração de pedra, pensou Sergio, para aguentar tanto. Florita, como se houvesse lido seu pensamento, fez que sim várias vezes. E como sabe que esses assassinatos são os de Santa Teresa?, perguntou Sergio. Pela carga, respondeu Florita. E pela sequência. Instada a se explicar melhor, disse que um assassinato comum (se bem que não existissem assassinatos comuns) terminava quase sempre com uma imagem líquida, lago

ou poço que depois de ser sulcado tornava a se acalmar, enquanto uma sucessão de assassinatos como os da cidade fronteiriça, esses projetavam uma imagem *pesada*, metálica ou mineral, uma imagem que queimava, por exemplo, que queimava cortinas, que dançava, mas que quanto mais cortinas queimava mais escuro ficava o quarto ou a sala ou o galpão ou a tulha onde aquilo acontecia. E a senhora pode ver o rosto dos assassinos?, perguntou Sergio sentindo-se repentinamente cansado. Às vezes, respondeu Florita, às vezes vejo o rosto deles, filhinho, mas quando acordo, esqueço. Como a senhora diria que é a cara deles, Florita? São caras comuns (se bem que não existem no mundo, pelo menos não no México, caras comuns). Ou seja, a senhora não diria que são caras de assassinos? Não, eu só diria que são caras grandes. Grandes? É, grandes, como que inchadas, como que cheias. Como máscaras? Eu não diria isso, respondeu Florita, são caras, não são máscaras nem disfarces, só que estão inchadas, como se tomassem cortisona demais. Cortisona? Ou qualquer outro corticoide que inche, disse Florita. Quer dizer que estão doentes? Não sei, depende. Depende de quê? Da maneira como você os encare. Eles se consideram pessoas doentes? Não, de maneira nenhuma. Sabem que estão sadios, então? Saber, saber mesmo, neste mundo ninguém sabe nada com certeza, filhinho. Mas eles acreditam ser sadios? Digamos que sim, falou Florita. E as vozes deles, ouviu alguma vez?, perguntou Sergio (me chamou de filhinho, que coisa mais estranha, me chamou de filhinho). Muito poucas vezes, mas uma vez ou outra sim, ouvi-os falar. E o que dizem, Florita? Não sei, falam em espanhol, um espanhol arrevesado que não parece espanhol, também não é inglês, às vezes penso que falam uma língua inventada, mas não pode ser inventada porque entendo algumas palavras, de modo que eu diria que é espanhol o que falam e que eles são mexicanos, só que a maior parte das suas palavras são incompreensíveis para mim. Me chamou de filhinho, pensou Sergio. Só uma vez, de modo que é legítimo pensar que não se trata de um cacoete de linguagem. Uma charlatã de bom coração. Ofereceram outra cerveja, que ele recusou. Disse que se sentia cansado. Disse que tinha de voltar ao hotel. Reinaldo olhou para ele com rancor mal dissimulado. Que culpa tenho eu?, pensou Sergio. Foi ao banheiro: recendia a velha, mas no chão havia dois vasos com plantas de um verde intenso, quase preto. Não é má ideia, plantas no banheiro, pensou Sergio enquanto ouvia as vozes de Reinaldo, José Patricio e Florita que pareciam discutir na sala. Da minúscula janelinha do banheiro dava para ver um quintalzinho acimentado e úmido, como se acabasse de chover, onde, junto a vasos de plantas, distinguiu vasos de flores vermelhas e azuis, de uma variedade desconhecida. Ao voltar para a sala não tornou a sentar. Estendeu a mão a Florita e prometeu que lhe enviaria o artigo que pretendia publicar, mas ele sabia muito bem que não ia enviar nada. Tem uma coisa que eu entendo, disse a Santa quando os acompanhou até a porta. Disse olhando para Sergio nos olhos e depois para Reinaldo. O que é que você entende, Florita?, perguntou Sergio. Não diga, Florita, falou Reinaldo. Todo o mundo, quando fala, deixa transparecer, ainda que em parte, suas alegrias e suas tristezas, não é verdade? Verdade de Deus, disse José Patricio. Pois quando essas minhas imagens falavam entre si, apesar de eu não entender as suas palavras, me dava perfeita conta de que suas alegrias e suas tristezas eram *grandes*, disse Florita. Tão grandes quanto?, perguntou Sergio. Florita olhou-o nos olhos. Abriu a porta. Sergio pôde sentir a noite de

Sonora tocando seus ombros como um fantasma. *Imensas*, disse Florita. Como se elas se soubessem impunes? Não, não, não, respondeu Florita, a impunidade não tem nada a ver com isso.

No dia 1º de junho Sabrina Gómez Demetrio, de quinze anos de idade, chegou a pé ao hospital do IMSS Gerardo Regueira, com múltiplos ferimentos de arma branca e duas balas nas costas. Foi imediatamente internada na unidade de urgência, onde após poucos minutos faleceu. Pronunciou poucas palavras antes de morrer. Disse seu nome e a rua onde morava com as irmãs e os irmãos. Disse que esteve trancada numa Suburban. Disse algo sobre um homem que tinha cara de porco. Uma das enfermeiras que tentavam parar a hemorragia perguntou se esse homem a tinha sequestrado. Sabrina Gómez disse que lamentava nunca mais ver os irmãos.

Em junho Klaus Haas convocou por telefone uma entrevista coletiva no presídio de Santa Teresa, a que compareceram seis jornalistas. A coletiva havia sido desaconselhada por sua advogada, mas Haas naqueles dias parecia ter perdido o controle que até então havia exibido e não quis ouvir um só argumento contra seu plano. Tampouco, segundo a sua advogada, revelou a ela o tema da entrevista. Só disse que agora estava de posse de um dado de que antes não dispunha e que queria torná-lo público. Os jornalistas que foram não esperavam nenhuma declaração nova nem muito menos algo que iluminasse o poço escuro em que tinha se transformado o aparecimento regular de mortas na cidade, na periferia da cidade ou no deserto que circundava Santa Teresa como um punho de ferro, mas foram porque afinal de contas Haas e as mortas eram notícia. Os grandes jornais do DF não mandaram seus representantes.

Em junho, dias depois de Haas ter prometido por telefone uma declaração, conforme suas próprias palavras, sensacional aos jornalistas, apareceu morta perto da estrada de Casas Negras Aurora Ibáñez Medel, cujo desaparecimento havia sido registrado umas duas semanas antes por seu marido. Aurora Ibáñez tinha trinta e quatro anos e trabalhava na maquiladora Interzone-Berny, tinha quatro filhos de idades compreendidas entre catorze e três anos e estava casada desde os dezessete anos com Jaime Pacheco Pacheco, mecânico, que estava desempregado quando sua mulher desapareceu, vítima de uma redução de pessoal das oficinas da Interzone-Berny. De acordo com laudo médico-legal, a morte tinha sido causada por asfixia e no pescoço da vítima, apesar do tempo transcorrido, ainda se viam lesões típicas de estrangulamento. O hioide não estava quebrado. Provavelmente Aurora havia sido violada. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Efraín Bustelo, com assistência do policial judiciário Ortiz Rebolledo. Depois de fazer algumas averiguações acerca da vítima detiveram Jaime Pacheco, que depois de ser submetido a um interrogatório confessou o crime. O

motivo, disse Ortiz Rebolledo à imprensa, foram os ciúmes. Não de um homem em particular, mas de todos os homens com que ela poderia ter cruzado ou pela situação, que era nova e insuportável. O pobre Pacheco pensou que sua mulher ia abandoná-lo. Perguntado pelo meio de transporte que utilizou para levar, enganando-a, a mulher além do quilômetro trinta da estrada de Casas Negras, ou para se desfazer do cadáver naquela estrada, na hipótese de tê-la matado em outro lugar, ponto sobre o qual Pacheco não quis falar apesar da dureza do interrogatório, declarou que um amigo lhe emprestou o carro, um Coyote 87, amarelo com desenhos de labaredas vermelhas nas laterais, amigo que a polícia não encontrou ou não procurou com o afinco que o caso merecia.

Junto a Haas, olhando para a frente, rígida, como se por sua cabeça passassem as imagens de um estupro, estava sua advogada, e ao redor os repórteres de *El Heraldo del Norte*, *La Voz de Sonora*, *La Tribuna de Santa Teresa*, os três jornais locais, e os de *El Independiente de Phoenix*, *El Sonorense de Hermosillo* e *La Raza de Green Valley*, um jornal de poucas páginas, de publicação semanal (às vezes quinzenal ou mensal), que sobrevivia quase sem anúncios, das assinaturas de alguns chicanos de classe média baixa da região compreendida entre Green Valley e Sierra Vista, ex-trabalhadores rurais estabelecidos em Río Rico, Carmen, Tubac, Sonoita, Amado, Sahuarita, Patagonia, San Xavier, e em cujas páginas só saíam histórias de crimes, quanto mais horrendos melhor. Só havia um fotógrafo, Chuy Pimentel, de *La Voz de Sonora*, que se manteve atrás do círculo formado pelos jornalistas. De vez em quando a porta se abria e aparecia um carcereiro que olhava para Haas e para sua advogada como se perguntasse se eles precisavam de alguma coisa. Numa ocasião a advogada pediu ao carcereiro que trouxesse água fresca. O carcereiro assentiu e respondeu agorinha mesmo, e desapareceu. Passado um instante apareceu com duas garrafas d'água e várias latas geladas de refrigerante. Os jornalistas agradeceram e quase todos se decidiram por uma lata, salvo Haas e sua advogada, que preferiram tomar água. Por uns minutos ninguém disse nada, nem a menor observação, todos beberam.

Em julho encontraram o corpo de uma mulher numa vala de esgoto, a leste da colônia Maytorena, não muito longe de uma estrada de terra e de uma torre de alta tensão. A mulher tinha entre vinte e vinte e cinco anos aproximadamente, e de acordo com os legistas estava morta fazia pelo menos três meses. O cadáver apresentava as mãos amarradas nas costas, com corda de plástico, como a que se usa para embalar grandes volumes. Na mão esquerda trazia uma luva preta, comprida, que cobria até a metade do braço. Não se tratava, por sinal, de uma luva barata, mas de uma luva de veludo, como as que usam as vedetes, mas só as vedetes de certo prestígio. Depois de tirar a luva, encontraram dois anéis, um no dedo médio, de prata de lei, o outro no anular, de prata com uma serpente lavrada. Também trazia no pé direito uma meia de homem, marca Tracy. E o mais surpreendente de tudo: amarrado ao redor da nuca, como um estranho mas não totalmente impossível chapéu, encontraram um

sutiã preto, de boa qualidade. Quanto ao mais, a mulher estava nua e não tinha nenhum papel que servisse para uma posterior identificação. O caso, após os trâmites de rigor, foi arquivado e seu corpo atirado na vala comum do cemitério de Santa Teresa.

Em fins de julho as autoridades de Santa Teresa, em colaboração com as autoridades do estado de Sonora, convidaram o investigador Albert Kessler a vir à cidade. Quando a notícia se tornou pública alguns jornalistas, sobretudo do DF, perguntaram ao presidente municipal José Refugio de las Heras se a presença do ex-agente do FBI era uma aceitação tácita de que as investigações da polícia mexicana haviam fracassado. O doutor de las Heras respondeu que não, que de modo algum, que o senhor Kessler vinha a Santa Teresa dar um curso de capacitação profissional de quinze horas para um seleto grupo de alunos escolhidos entre os melhores policiais de Sonora e que Santa Teresa havia sido selecionada como sede desse curso, em detrimento, por exemplo, de Hermosillo, não só por sua pujança industrial mas também por seu triste histórico de assassinatos serial, uma mácula desconhecida ou quase desconhecida até então no México, que eles, as autoridades do país, desejavam deter a tempo, e que melhor maneira para extirpar uma mácula do que formar um corpo policial especializado no assunto?

Vou lhes dizer quem assassinou Estrella Ruiz Sandoval, de cuja morte me acusam injustamente, disse Haas. Foram os mesmos que mataram pelo menos outras trinta jovens desta cidade. A advogada de Haas abaixou a cabeça. Chuy Pimentel tirou a primeira foto. Nela se veem os rostos dos jornalistas que olham para Haas ou consultam seus cadernos de anotações, sem nenhuma excitação, sem nenhum entusiasmo.

Em setembro encontraram o corpo de Ana Muñoz Sanjuán detrás de umas latas de lixo na rua Javier Paredes, entre a colônia Félix Gómez e a colônia Centro. O cadáver estava completamente nu e apresentava indícios de estrangulamento e estupro, que mais tarde seriam confirmados pelo legista. Depois das primeiras investigações determinou-se sua identidade. A vítima se chamava Ana Muñoz Sanjuán, morava na rua Maestro Caicedo da colônia Rubén Darío, onde dividia moradia com outras três mulheres, tinha dezoito anos e trabalhava de garçonne na cafeteria El Gran Chaparral, na área histórica de Santa Teresa. Seu desaparecimento não foi notificado à polícia. As últimas pessoas com que foi vista foram três homens que respondiam pelos apelidos de Mono, Tamaulipas e Velha. A polícia tentou localizá-los mas a terra parecia tê-los engolido. O caso foi arquivado.

Quem está convidando Albert Kessler?, se perguntaram os jornalistas. Quem vai pagar pelos serviços do senhor Kessler? Quanto? A cidade de Santa Teresa, o estado de Sonora? De

onde vai sair o dinheiro para os honorários do senhor Kessler? Da Universidade de Santa Teresa, dos fundos secretos da polícia do estado? Há dinheiro de particulares nisso? Há algum mecenas por trás da visita do eminente investigador americano? E porque agora, logo agora, trazem um especialista em assassinos seriais, e não antes? Será que no México não há criminologistas capazes de colaborar com a polícia? O professor Silverio García Correa, por exemplo, não é suficientemente bom? Não foi por acaso o melhor psicólogo de sua geração na UNAM? Não obteve o master em criminologia pela Universidade de Nova York e outro master pela Universidade de Stanford? Não teria saído mais barato contratar o professor García Correa? Não teria sido mais patriótico encarregar um mexicano de um problema mexicano em vez de um americano? E, a propósito, o investigador Albert Kessler sabe falar espanhol? Se não sabe, quem vai lhe servir de intérprete? Trará seu intérprete ou vão lhe dar um daqui?

Haas disse: estive investigando. Disse: recebi informações. Disse: na prisão tudo se sabe. Disse: os amigos dos amigos são seus amigos e contam coisas. Disse: os amigos dos amigos dos amigos cobrem um amplo raio de ação e fazem favores. Ninguém riu. Chuy Pimentel continuou tirando fotos. Nelas se vê a advogada que parece a ponto de limpar umas lágrimas. De raiva. Os olhares dos jornalistas são olhares de répteis: observam Haas, que olha para as paredes cinzentas como se na erosão do cimento estivesse escrito seu roteiro. O nome, diz um dos jornalistas, sussurra, mas é suficientemente audível para todos. Haas parou de olhar para a parede e seus olhos consideraram quem falou. Em vez de responder diretamente, explicou mais uma vez sua inocência no assassinato de Estrella Ruiz Sandoval. Não a conheci, disse. Depois cobriu o rosto com as mãos. Uma moça linda, disse. Quem dera eu a tivesse conhecido. Sente-se enjoado. Imagina uma rua cheia de gente, ao crepúsculo, que vai se esvaziando harmoniosamente, até que não sobra ninguém, somente um carro parado numa esquina. Depois cai a noite e Haas sente sobre a sua mão os dedos da sua advogada. Dedos grossos demais, curtos demais. O nome, disse outro jornalista, sem o nome não avançamos nada.

Em setembro, num terreno baldio da colônia Sur, enrolado num cobertor e em sacos de plástico preto foi encontrado o corpo nu de María Estela Ramos. Tinha os pés amarrados com um fio e apresentava sinais de tortura. Foi encarregado do caso o policial judiciário Juan de Dios Martínez, que estabeleceu que o cadáver tinha sido jogado no terreno baldio entre meia-noite e uma e meia da madrugada do sábado, pois o resto do tempo o terreno havia sido utilizado como ponto de encontro de vendedores e compradores de droga e por bandos de adolescentes que iam ouvir música lá. Depois de confrontar diversas declarações, ficou estabelecido que, por um motivo ou outro, entre meia-noite e uma e meia, não havia ninguém por lá. María Estela Ramos morava na colônia Veracruz e não costumava passar por ali. Tinha vinte e três anos e um filho de quatro e dividia a casa com duas colegas de

trabalho na indústria maquiladora, uma delas desempregada no momento dos fatos, porque, segundo contou a Juan de Dios, havia tentado organizar um sindicato. O que o senhor acha?, falou. Me despediram porque eu exigia meus direitos. O policial judiciário deu de ombros. Perguntou a ela quem ia cuidar do filho de María Estela. Eu, disse a sindicalista frustrada. O moleque não tem família, não tem avós? Acho que não, respondeu a mulher, mas tentaremos descobrir. Segundo o legista, a causa do óbito foi um golpe com objeto contundente na cabeça, mas também tinha cinco costelas fraturadas e ferimentos de arma branca, de tipo superficial, nos braços. Tinha sido violentada. E sua morte se deu pelo menos quatro dias antes de os drogados a encontrarem no meio do lixo e do mato do terreno baldio da Sur. Segundo suas colegas, María Estela tinha ou tivera um namorado, que chamavam de China. Ninguém sabia seu nome real, mas sabiam onde trabalhava. Juan de Dios foi procurá-lo numa loja de material de construção na colônia Serafín Garabito. Perguntou pelo China e disseram que não conheciam ninguém ali com esse nome. Descreveu-o, como as colegas de María Estela haviam feito antes, mas a resposta foi a mesma: nunca havia trabalhado ali ninguém, nem no balcão nem no depósito, com aquele nome nem com aquelas características. Botou seus caguetes para trabalhar e por uns dias se dedicou exclusivamente a procurá-lo. Mas foi como procurar um fantasma.

O senhor Albert Kessler é um profissional de grande prestígio, disse o professor García Correa. O senhor Kessler, pelo que me contam, foi um dos pioneiros do traçado de perfis psicológicos de assassinos seriais. Soube que trabalhou para o FBI e que antes trabalhou para a polícia militar dos Estados Unidos ou para a inteligência militar, o que é quase um oxímoro, pois a palavra inteligência raramente é aplicada à palavra militar, disse o professor García Correa. Não, não me sinto ofendido nem preterido pelo fato de não terem me encarregado desse trabalho. As autoridades do estado de Sonora me conhecem muito bem e sabem que sou um homem cuja única deusa é a Verdade, disse o professor García Correa. No México sempre nos deslumbramos com uma facilidade espantosa. Fico de cabelo em pé quando vejo, ouço ou leio na imprensa alguns adjetivos, alguns elogios que parecem vertidos por uma tribo de macacos enlouquecidos, mas que se há de fazer, somos assim e com os anos a gente se acostuma, disse o professor García Correa. Ser psicólogo criminologista é como ser criptologista no polo norte. É como ser criança numa ala de pedófilos. É como ser orador num país de surdos. É como ser camisinha no reino das amazonas, disse o professor García Correa. Se vexam você, você se acostuma. Se desaparecem suas economias, as economias de toda uma vida, que você guardava para se aposentar, você se acostuma. Se seu filho rouba você, você se acostuma. Se você precisa continuar trabalhando quando por lei deveria se dedicar ao que lhe desse vontade de fazer, você se acostuma. Se ainda por cima baixam o seu salário, você se acostuma. Se para arredondar sua renda você precisa trabalhar para advogados desonestos e detetives corruptos, você se acostuma. Mas é melhor vocês não porem isto na matéria, rapazes, porque se não eu estaria arriscando meu cargo, disse o professor García Correa. O senhor Albert Kessler, como eu ia dizendo, é um investigador de grande prestígio.

Pelo que soube, trabalha com computadores. Trabalho interessante. Também serve de conselheiro ou de consultor em alguns filmes de ação. Não vi nenhum, porque faz muito não vou ao cinema e o lixo de Hollywood só me dá sono. Mas, pelo que disse meu neto, são filmes divertidos em que os bons sempre ganham, disse o professor García Correa.

O nome, disse o jornalista. Antonio Uribe, disse Haas. Por um instante os jornalistas se entreolharam, para ver se o nome dizia alguma coisa para algum deles, mas todos deram de ombros. Antonio Uribe, disse Haas, é esse o nome do assassino de mulheres de Santa Teresa. Após um silêncio acrescentou: e arredores. E arredores?, perguntou um dos jornalistas. O assassino de Santa Teresa, disse Haas, e também das mulheres mortas que apareceram nos arredores da cidade. Você conhece esse tal de Uribe?, perguntou um dos jornalistas. Vi uma vez, uma vez só, respondeu Haas. Depois tomou fôlego, como se ele se dispusesse a contar uma longa história e Chuy Pimentel aproveitou para tirar uma foto dele. Nela se vê Haas, por efeito da luz e da postura, muito mais magro, o pescoço mais comprido, como o de um peru, mas não um peru qualquer e sim um peru cantor ou que naquele momento se dispunha a *eleva*r seu canto, não simplesmente cantar, mas *elevá-lo*, um canto agudo, estridente, um canto de vidro moído mas com uma forte reminiscência de cristal, quer dizer de pureza, de entrega, de falta absoluta de dubiedade.

No dia 7 de outubro foi encontrado a trinta metros da linha do trem, no meio do mato que confina com uns campos de beisebol, o corpo de uma mocinha de idade compreendida entre catorze e dezessete anos. O corpo apresentava sinais claros de tortura, com múltiplos hematomas nos braços, tórax e pernas, bem como ferimentos penetrantes de arma branca (um policial se distraiu contando, mas se cansou ao chegar ao trigésimo quinto ferimento), nenhum dos quais, no entanto, causou dano ou penetrou em nenhum órgão vital. A vítima não tinha papéis que facilitassem sua identificação. De acordo com o legista, a causa da morte foi estrangulamento. O mamilo do peito esquerdo apresentava sinais de mordida e estava meio arrancado, sustentando-se tão só por algumas cartilagens. Outro dado facilitado pelo legista: a vítima tinha uma perna mais curta que a outra, o que em princípio se pensou que facilitaria a identificação, detalhe que posteriormente revelou-se infundado, pois dos desaparecimentos denunciados nas delegacias de Santa Teresa nenhum correspondia a essas características. O dia em que o corpo foi achado por um grupo de adolescentes jogadores de beisebol, compareceram ao local dos fatos Epifanio e Lalo Cura. O local estava repleto de policiais. Havia alguns judiciários, alguns municipais, membros da polícia científica, da Cruz Vermelha e jornalistas. Epifanio e Lalo Cura passearam pelo lugar até chegarem ao ponto exato em que ainda jazia o cadáver. Não era baixa. Media pelo menos um metro e sessenta e oito. Estava nua, com exceção de uma blusa branca cheia de manchas de sangue e de terra, e um sutiã branco. Quando se afastaram dali, Epifanio perguntou a Lalo Cura o que lhe parecera. A morta?, perguntou Lalo. Não, o local do crime, falou Epifanio acendendo um

cigarro. Não há local do crime, disse Lalo. Limparam-no conscienciosamente. Epifanio ligou o motor do carro. Conscienciosamente não, disse, como uns babacões, mas no caso o resultado é o mesmo. Limparam.

O ano de 1997 foi bom para Albert Kessler. Dera conferências na Virgínia, no Alabama, em Kentucky, em Montana, na Califórnia, em Oregon, em Indiana, no Maine, na Flórida. Havia percorrido universidades e falara com ex-alunos que agora eram professores e tinham filhos grandes, alguns já casados até, o que nunca deixava de surpreendê-lo. Havia ido a Paris (França), a Londres (Inglaterra), a Roma (Itália), onde seu nome era conhecido e onde os que assistiam as suas conferências chegavam com seu livro, traduzido para o francês, o italiano, o alemão, o espanhol, para que ele pusesse sua assinatura e alguma frase carinhosa ou alguma frase engenhosa, coisa que muito lhe agradava. Havia viajado a Moscou (Rússia) e São Petersburgo (Rússia), e a Varsóvia (Polônia), e tinha sido convidado a ir a muitos outros lugares, pelo que cabia imaginar que 1998 ia ser um ano tão movimentado quanto esse. O mundo, na realidade, é pequeno, pensava às vezes Albert Kessler, sobretudo quando ia de avião, numa poltrona de primeira classe ou de business, e esquecia por uns segundos a conferência que ia dar em Tallahassee ou em Amarillo ou em New Bedford e ficava olhando as caprichosas formas das nuvens. Quase nunca sonhava com assassinos. Tinha conhecido muitos e seguira a pista de muitos mais, porém raramente sonhava com algum deles. Na realidade, sonhava pouco ou tinha a sorte de esquecer os sonhos no exato momento em que acordava. Sua mulher, com a qual vivia fazia mais de trinta anos, costumava se lembrar dos sonhos que tinha e às vezes, quando Albert Kessler parava em casa, contava-os enquanto tomavam juntos o café da manhã. Ligavam o rádio, um programa de música clássica, e tomavam café, suco de laranja, comiam pão congelado, que sua mulher punha no micro-ondas e ficava delicioso, crocante, melhor do que qualquer outro pão que ele havia comido em qualquer outro lugar. Enquanto untava o pão com manteiga, sua mulher contava o que havia sonhado naquela noite, quase sempre com parentes dela, quase todos mortos, ou com amigos, de ambos, que fazia tempo não viam. Depois sua mulher se trancava no banheiro e Albert Kessler saía ao jardim, espiava o horizonte de telhados vermelhos, cinzentos, amarelos, as calçadas limpas e arrumadas, os carros último tipo que os filhos mais moços dos vizinhos paravam na entrada de cascalho, e não na garagem. No bairro sabiam quem era ele e o respeitavam. Se quando estava no jardim aparecia um homem, antes de entrar no carro e partir levantava a mão e dizia bom dia, senhor Kessler. Todos eram mais moços que ele. Não muito moços, médicos ou executivos médios, profissionais liberais que ganhavam a vida trabalhando duro e que procuravam não prejudicar ninguém, mas sobre este último ponto a gente nunca sabe. Quase todos eram casados e tinham um ou dois filhos. Às vezes havia churrascos nos jardins, junto da piscina, e uma ocasião, porque sua mulher suplicou, foi a uma dessas comilanças e tomou meia cerveja Bud e um copo de uísque. No bairro não morava nenhum policial e o único que parecia ter alguma coisa na cabeça era um professor universitário, um careca gorducho que finalmente resultou ser um imbecil consumado que

só sabia falar de esportes. Um policial ou um ex-policial, pensava às vezes, só está melhor mesmo com uma mulher ou com outro policial, outro tira do seu mesmo nível. No seu caso, só a segunda parte era verdade. Fazia muito tempo que as mulheres não lhe interessavam, salvo se eram policiais e se dedicavam à investigação de homicídios. Em certa ocasião, um colega japonês lhe disse para dedicar seus momentos de lazer à jardinagem. O japonês era um tira aposentado como ele e, durante uma época, ou era o que diziam, tinha sido o ás da brigada criminal de Osaka. Seguiu seu conselho e ao voltar para casa disse à mulher para despedir o jardineiro, que dali em diante ele se ocuparia pessoalmente do jardim. É claro que não demorou a estragar tudo e o jardineiro voltou. Por que tentei curar, além do mais por meio da jardinagem, um estresse que não tenho?, se perguntou. Às vezes, quando voltava depois de vinte ou trinta dias de turnê, promovendo o livro ou assessorando escritores policiais e diretores de thrillers ou convidado por universidades ou por departamentos de polícia que estavam encalacrados com um assassinato insolúvel, olhava para a mulher e tinha a vaga impressão de que não a conhecia. Mas a conhecia sim, sobre isso não tinha a menor dúvida. Talvez fosse sua forma de andar e se locomover pela casa ou sua forma de convidá-lo a ir, de tarde, quando já começava a anoitecer, ao supermercado a que ela ia sempre e onde comprava esse pão congelado que ele comia de manhã e que parecia recém-saído de um forno europeu e não de um micro-ondas americano. Às vezes, depois de fazer as compras, paravam cada um com seu carrinho na frente de uma livraria onde havia a edição de bolso do seu livro. Sua mulher apontava com o indicador e dizia para ele: você continua lá. Ele, invariavelmente, assentia com a cabeça e depois continuavam batendo perna pelas lojas do shopping. Conhecia ou não conhecia ela? Conhecia, claro que sim, só que às vezes a realidade, a mesma realidade pequenina que servia de âncora da realidade, parecia perder os contornos, como se o passar do tempo exercesse um efeito de porosidade nas coisas, e apagasse e tornasse mais leve o que por si mesmo, por sua própria natureza, já era leve e satisfatório e real.

Só o vi uma vez, disse Haas. Foi numa discoteca ou num lugar que parecia uma discoteca mas que talvez fosse apenas um bar com a música alta demais. Eu estava com uns amigos. Amigos e clientes. E lá estava esse jovem, sentado numa mesa, com gente conhecida por alguns que estavam comigo. Junto dele estava seu primo, Daniel Uribe. Me apresentaram os dois. Pareciam dois jovens bem-educados, os dois falavam inglês e se vestiam como se fossem rancheiros, mas estava na cara que não eram rancheiros. Eram fortes e altos, mais alto Antonio Uribe que seu primo, notava-se que faziam academia, puxavam ferro e cuidavam do corpo. Notava-se também que se preocupavam com a aparência. Tinham uma barba de três dias, mas cheiravam bem, o corte do cabelo era adequado, as camisas limpas, as calças limpas, tudo de grife, as botas de caubói reluzentes, a roupa de baixo provavelmente limpa e também de grife, numa palavra, dois jovens modernos. Conversei um instante com eles (sobre coisas sem interesse, as coisas que a gente fala e ouve num lugar assim e que se poderia dizer que são coisas de homens: carros novos, DVDs, CDs de canções rancheiras,

Paulina Rubio, *narcocorridos*, aquela negra cujo nome não lembro, Whitney Huston?, não, ela não, Lana Jones?, também não, um negra que agora não lembro como se chama), e tomei um drinque com eles e com os outros, depois todos saímos da discoteca, não me lembro o motivo, todos de repente do lado de fora, e ali, na noite, deixei de ver esses Uribe, foi a única vez que os vi, mas eram eles, e depois um dos meus amigos me enfiou no seu carro e saímos dali como se fosse explodir uma bomba.

No dia 10 de outubro, perto dos campos de futebol da Pemex, entre a estrada de Cananea e a linha férrea, foi encontrado o cadáver de Leticia Borrego García, de dezoito anos de idade, semienterrada e em avançado estado de decomposição. O corpo estava enrolado num saco industrial de plástico e de acordo com o laudo médico-legal a morte se devia a estrangulamento com ruptura do hioide. O cadáver foi identificado pela mãe, que havia registrado a ocorrência do desaparecimento um mês antes. Por que o assassino se deu ao trabalho de cavar um pequeno buraco e fazer como se a enterrasse?, perguntou-se Lalo Cura enquanto esteve xeretando pelo lugar. Por que não jogá-la diretamente num lado da estrada de Cananea ou entre os escombros dos antigos armazéns da estrada de ferro? Será que o assassino se deu conta de que deixava o corpo da vítima ao lado de um campo de futebol? Por um instante, até o mandarem cair fora de lá, Lalo Cura observou de pé o lugar onde encontraram o corpo. No buraco teria cabido com dificuldade o corpo de uma criança ou de um cachorro, de maneira nenhuma o de uma mulher. Era um assassino com pressa de se desfazer da vítima? Era de noite e ele não conhecia o lugar?

Na noite antes do investigador Albert Kessler chegar a Santa Teresa, às quatro da manhã, Sergio González Rodríguez recebeu um telefonema de Azucena Esquivel Plata, jornalista e deputada do PRI. Quando atendeu, temeroso de que fosse alguém da família comunicando um acidente, ouviu uma voz de mulher, vigorosa, mandona, imperativa, uma voz que não estava acostumada a pedir perdão nem a que lhe dessem desculpas. A voz perguntou se ele estava sozinho. Sergio disse que estava dormindo. Mas está sozinho, cabra, ou não está?, disse a voz. Naquele momento seu ouvido ou sua memória auditiva a reconheceu. Só podia ser Azucena Esquivel Plata, a María Félix da política mexicana, a mais-mais, a Dolores del Río do PRI, a Tongolele da lascívia de alguns deputados e de quase todos os jornalistas políticos com mais de cinquenta anos, mais próximos dos sessenta, que caíam de boca como jacarés no pântano, mais mental do que real, comandado, alguns diziam que inventado por Azucena Esquivel Plata. Estou sozinho, falou. E de pijama, ou estou errada? Não, não está. Então vista-se e desça à rua, passo daqui a dez minutos pra te pegar. Na realidade Sergio não estava de pijama mas lhe pareceu pouco delicado contradizê-la já desde o início, de modo que enfiou uma calça jeans, meias e um suéter e desceu para a entrada do edifício. Em frente da porta viu uma Mercedes com as luzes apagadas. Da Mercedes também o viram, pois uma das portas se abriu e uma mão com os dedos cheios de joias lhe fez sinal que entrasse. Num

canto do banco de trás, enrolada numa manta escocesa, estava a deputada Azucena Esquivel Plata, a mais-mais, que apesar do escuro da noite e como se fosse a filha bastarda de Fidel Velázquez, cobria os olhos com uns óculos escuros de armação preta e hastes largas e pretas, parecidos com os que às vezes Steve Wonder usava e que alguns cegos costumam pôr para que os curiosos não vejam seus globos oculares vazios.

Primeiro voou para Tucson e de Tucson pegou uma avioneta que o deixou no aeroporto de Santa Teresa. O procurador do estado de Sonora comentou com ele que dentro em pouco, um ano, um ano e meio talvez, se iniciariam as obras de construção do novo aeroporto de Santa Teresa, que ia ser suficientemente grande para que ali aterrizassem Boeings. O presidente municipal da cidade lhe deu as boas-vindas e quando passavam pelo controle da alfândega um mariachi pôs-se a tocar em sua homenagem e a cantar uma canção em que se mencionava, ou assim acreditou, seu nome. Preferiu não perguntar nada e sorriu, o presidente municipal afastou com um empurrão o funcionário da alfândega que carimbava os passaportes e ele próprio pôs o carimbo para o ilustre convidado. No momento de carimbar o passaporte de Kessler adotou uma pose de imobilidade total. O carimbo erguido, o sorriso esculpido de orelha a orelha, para que os fotógrafos reunidos pudessem tirar suas fotos com total tranquilidade. O procurador do estado fez uma piada e todos riram, menos o funcionário da alfândega, cuja expressão não parecia feliz. Depois todos embarcaram numa caravana de automóveis e se dirigiram para a prefeitura, em cujo salão principal o ex-agente do FBI deu sua primeira coletiva. Perguntaram se ele já tinha em mãos o dossiê ou algo parecido com um dossiê sobre os assassinatos de mulheres em Santa Teresa. Perguntaram se era verdade que Terry Fox, o protagonista do filme *Os olhos manchados*, era realmente, quer dizer, na vida real, um psicopata, como sua terceira mulher havia declarado antes de se divorciar. Perguntaram se já havia estado no México e, caso a resposta fosse afirmativa, se gostava do país. Perguntaram se era verdade que R. H. Davis, o romancista que escreveu *Os olhos manchados*, *O assassino entre as crianças* e *Codinome*, era incapaz de dormir com as luzes de casa apagadas. Perguntaram se era verdade que Ray Samuelson, diretor de *Os olhos manchados*, proibiu que Davis entrasse no set onde rodavam o filme. Perguntaram se uma série de assassinatos como os de Santa Teresa teria sido possível nos Estados Unidos. Sem comentários, disse Kessler, e depois, com movimentos muito comedidos, cumprimentou os jornalistas, agradeceu-os pela presença e foi para o hotel, onde tinha reservada para si a melhor suíte, que não era a suíte presidencial ou a suíte matrimonial, como costuma acontecer em quase todos os hotéis, mas a suíte do deserto, porque do seu terraço, que ficava voltado para o sul e para o oeste, se apreciava a grandeza e a solidão do deserto de Sonora em toda a sua extensão.

São de Sonora, disse Haas, mas também são do Arizona. Como assim?, perguntou um dos jornalistas. São mexicanos, mas também americanos. Têm dupla nacionalidade. Existe dupla

nacionalidade entre mexicanos e americanos? A advogada fez que sim sem levantar a cabeça. E onde vivem?, perguntou um dos jornalistas. Em Santa Teresa, mas também têm casa em Phoenix. Uribe, fez um dos jornalistas, o nome não me é estranho. É, a mim também não, disse outro jornalista. Não serão parentes do Uribe de Hermosillo? Qual Uribe? Aquele cabra de Hermosillo, disse o jornalista do *El Sonorense*, o dos transportes. O da frota de caminhões. Chuy Pimentel fotografou nesse momento os jornalistas. Jovens, mal vestidos, alguns com cara de que se vendiam a quem pagasse mais, rapazes trabalhadores com cara de sono e noite mal dormida que se olhavam entre si e punham para funcionar uma espécie de memória compartilhada, inclusive o enviado de *La Raza de Green Valley*, que mais do que jornalista parecia boia-fria, entendia e se aplicava com certa eficiência ao exercício de se lembrar, de contribuir com mais um grau de definição para o quadro. Uribe de Hermosillo. Uribe da frota de caminhões. Como se chama? Pedro Uribe? Rafael Uribe? Pedro Uribe, disse Haas. Tem algo a ver com os Uribe desta história? É pai de Antonio Uribe, disse Haas. E depois disse: Pedro Uribe tem mais de cem caminhões de transporte. Transporta mercadorias de várias maquiladoras, tanto de Santa Teresa como de Hermosillo. Seus caminhões atravessam a fronteira cada hora ou cada meia hora. Também tem propriedades em Phoenix e Tucson. Seu irmão, Joaquín Uribe possui vários hotéis em Sonora e Sinaloa, e uma cadeia de cafeterias em Santa Teresa. É pai de Daniel. Os dois Uribe são casados com americanas. Antonio e Daniel são os filhos mais velhos. Antonio tem duas irmãs e um irmão. Daniel é filho único. Antes Antonio trabalhava no escritório do pai em Hermosillo, mas faz tempo que não trabalha mais em lugar nenhum. Daniel sempre foi um destrambelhado. Os dois são protegidos do narcotraficante Fabio Izquierdo, que por sua vez trabalha para Estanislao Campuzano. Dizem que Estanislao Campuzano foi padrinho de batismo de Antonio. Seus amigos são filhos de milionários, como eles, mas também policiais e traficantes de Santa Teresa. Por onde andam gastam dinheiro a rodo. São eles os assassinos seriais de Santa Teresa.

No dia 10 de outubro, o mesmo dia em que se encontrou o corpo de Leticia Borrego García perto dos campos de futebol da Pemex, foi achado o cadáver de Lucía Domínguez Roa, na colônia Hidalgo, numa calçada da rua Perséfone. No primeiro relatório policial se disse que Lucía exercia a prostituição, que era viciada em drogas e que a causa da morte provavelmente havia sido uma overdose. Na manhã seguinte, no entanto, a declaração da polícia variou ostensivamente. Foi dito então que Lucía Domínguez Roa trabalhava de garçonne num bar da colônia México e que sua morte foi ocasionada por um tiro no abdome, com munição calibre 44, provavelmente um revólver. Não havia testemunhas do assassinato e não se descartava que o assassino houvesse disparado de dentro de um carro em movimento. Tampouco se descartava que a bala fosse destinada a outra pessoa. Lucía Domínguez Roa tinha trinta e três anos, era separada e morava sozinha num quarto da colônia México. Ninguém soube dizer o que ela fazia na colônia Hidalgo, mas era provável, segundo a polícia, que estivesse dando um passeio e que topou com a morte por puro acaso.

O Mercedes entrou na colônia Tlalpan, deu várias voltas e finalmente seguiu por uma rua calçada de pedra, cheia de cercas vivas, com casas iluminadas pela lua que pareciam desabitadas ou destruídas. Durante o trajeto Azucena Esquivel Plata permaneceu em silêncio, fumando enrolada em sua manta escocesa, e Sergio ficou olhando pela janela. A casa da deputada era grande, térrea, com pátios onde antigamente entravam carruagens e velhas cavaliças e cochoss talhados diretamente na pedra. Seguiu-a até uma sala onde havia na parede um Tamayo e um Orozco. O Tamayo era vermelho e verde. O Orozco preto e cinza. As paredes da sala, branquíssimas, evocavam de algum modo um hospital particular ou a morte. A deputada perguntou o que ele queria beber. Sergio disse que um café. Um café e uma tequila, disse a deputada sem erguer a voz, simplesmente como se comentasse o que os dois queriam naquelas horas da madrugada. Sergio olhou para trás, para ver se havia algum serviçal, mas não viu ninguém. Ao cabo de uns minutos, no entanto, apareceu uma mulher de idade mediana, mais ou menos da geração da deputada, porém muito mais envelhecida pelo trabalho e pelos anos, com uma tequila e uma xícara de café fumegante. O café era esplêndido e Sergio disse isso à sua anfitriã. Azucena Esquivel Plata riu (na realidade só mostrou os dentes e deixou escapar um som de ave noturna que arremedava o riso) e disse que se provasse a tequila que ela tinha ia saber o que era bom. Mas vamos ao que interessa, disse sem tirar os enormes óculos escuros. O senhor ouviu falar de Kelly Rivera Parker? Não, respondeu Sergio. Era o que eu temia, disse a deputada. De mim o senhor ouviu falar? Claro, disse Sergio. Mas de Kelly não? Não, disse Sergio. Esta porra de país é assim, disse Azucena, e por uns minutos permaneceu em silêncio, observando o copo de tequila contra a luz de um abajur de mesa ou olhando para o chão ou de olhos fechados, porque tudo isso, e mais, ela podia fazer debaixo da impunidade dos seus óculos. Eu conhecia Kelly desde que éramos pequenas, disse a deputada como se falasse sonhando. No princípio não fui muito com a cara dela, achava que era fresca demais, ou era o que eu imaginava na época. Seu pai era arquiteto e trabalhava para os novos ricos da cidade. Sua mãe era gringa e o pai a tinha conhecido quando estudava em Harvard ou Yale, uma das duas. Claro, não tinha ido para lá, estou falando do pai, por conta de seus pais, os avós de Kelly, mas graças a uma bolsa do governo. Suponho que como estudante era bastante bom, não? Com certeza, disse Sergio, ao ver que o silêncio tornava a se apossar do ânimo da deputada. Como estudante de arquitetura foi bom, sim, mas como arquiteto era uma merda. O senhor conhece a casa Elizondo? Não, respondeu Sergio. Fica em Coyoacán, disse a deputada. É um horror de casa. Foi o pai de Kelly que a construiu. Não conheço, disse Sergio. Agora mora lá um produtor de cinema, um bêbado impenitente, um sujeito acabado que não faz mais filmes. Sergio encolheu os ombros. Um dia desses vão encontrá-lo morto e seus sobrinhos venderão a casa Elizondo a uma construtora para que ergam ali um edifício de apartamentos. Na realidade, cada vez restam menos marcas da passagem pelo mundo do arquiteto Rivera. Que puta aidética mais fogosa é a realidade, o senhor não acha? Sergio assentiu com a cabeça e depois disse que sim, que era verdade. O arquiteto Rivera, o arquiteto Rivera, fez a deputada. Após um instante de silêncio, falou: a mãe era uma mulher muito formosa, bela é a palavra, belíssima. A senhora

Parker. Uma mulher moderna e bela que o arquiteto Rivera tratava como uma rainha, diga-se de passagem. E era melhor que tratasse mesmo, porque quando os homens a viam ficavam loucos por ela, e se ela tivesse querido largar o arquiteto bons partidos não lhe faltariam. O caso é que não o largou nunca, se bem que quando eu era pequena se falava às vezes que um general e um político a cortejavam e que ela não via com maus olhos as insinuações deles. O senhor sabe como essa gente é maledicente. Mas ela devia gostar do Rivera porque nunca o deixou. Só tiveram uma filha, Kelly, que na realidade se chamava Luz María, como a avó. A senhora Parker ficou grávida mais vezes, claro, mas tinha dificuldade com a gravidez. Imagino que tinha algum problema no útero. Talvez esse útero não suportasse mais filhos mexicanos e abortasse de forma natural. Pode ser. Já se viram coisas mais estranhas. O caso é que era filha única e essa desgraça ou essa sorte marcou seu caráter. Por um lado era ou parecia uma moça fresca, a típica lourinha filha de emergentes, e por outro tinha uma personalidade, já de pequena, forte, decidida, uma personalidade que eu me atreveria a chamar de original. O caso é que a princípio não fui com a cara dela mas depois, quando a fui conhecendo melhor, quando me convidou a ir à sua casa e eu a convidei à minha, fui simpatizando cada vez mais com ela, até que nos tornamos inseparáveis. Essas coisas costumam marcar para sempre, disse a deputada como se cuspsse na cara de um homem ou de um fantasma. Imagino, disse Sergio. Não quer mais um café?

No mesmo dia da sua chegada a Santa Teresa, Kessler saiu do hotel. Primeiro desceu ao lobby. Falou um instante com o recepcionista, perguntou pelo computador do hotel e pelas conexões de rede. Em seguida foi ao bar, onde tomou um copo de uísque que deixou pela metade depois de se levantar e ir ao lavabo. Quando saiu parecia ter lavado o rosto e não olhou para nenhum dos que estavam nas mesas do bar ou sentados nas poltronas e se dirigiu ao restaurante. Pediu um prato de salada César e pão preto de forma com manteiga e uma cerveja. Enquanto esperava a comida se levantou e deu um telefonema do aparelho que fica na entrada do restaurante. Então tornou a sentar e tirou de um dos bolsos do paletó um dicionário inglês-espanhol e procurou algumas palavras. Depois um garçom pôs a salada na mesa e Kessler tomou alguns goles de cerveja mexicana e besuntou um pedaço de pão com manteiga. Tornou a se levantar e foi ao banheiro. Mas não chegou a entrar. Em vez disso, tendo dado um dólar e trocado umas palavras em inglês com o homem encarregado da limpeza do banheiro do restaurante, dobrou por um corredor lateral, abriu uma porta e atravessou outro corredor. No final apareceram as cozinhas do hotel, sobre as quais pairava uma nuvem recendendo a temperos picantes e carnes com molho, e Kessler perguntou a um dos auxiliares de cozinha onde era a saída para a rua. Na esquina, um táxi o esperava, ele entrou. Vamos dar uma volta pelos bairros baixos, disse em inglês. O taxista disse okey e partiram. A corrida durou aproximadamente duas horas. Deram voltas pelo centro da cidade, pela colônia Madero-Norte e pela colônia México, quase até chegar à fronteira onde se divisava El Adobe, que já ficava em território americano. Depois voltaram à Madero-Norte e se internaram pelas ruas da colônia Madero e da colônia Reforma. Isso não é o que eu quero,

disse Kessler. E o que o senhor quer, chefe?, indagou o taxista. Bairros pobres, a zona das maquiladoras, os lixões clandestinos. O taxista tornou a cruzar a colônia Centro e tomou a direção da colônia Feliz Gómez, onde pegou a avenida Carranza e atravessou a colônia Veracruz, a colônia Carranza e a colônia Morelos. No fim da avenida havia uma espécie de praça ou esplanada de grandes proporções, de um amarelo intenso, na qual se acumulavam caminhões, ônibus de transporte público e barracas onde as pessoas vendiam e compravam desde hortaliças e galinhas até bijuteria. Kessler disse ao taxista que parasse, que tinha vontade de dar uma olhada. O taxista disse que era melhor não, chefe, que ali a vida de um gringo não valia grande coisa. O senhor acha que nasci ontem?, disse Kessler. O taxista não entendeu a expressão e insistiu em que não descesse. Pare aqui, porra, disse Kessler. O taxista freou e pediu que pagasse. O senhor vai embora?, perguntou Kessler. Não, disse o taxista, eu espero, mas ninguém me garante que o senhor vá voltar com algum dinheiro nos bolsos. Kessler caiu na gargalhada. Quanto você quer? Vinte dólares está bom, disse o taxista. Kessler lhe deu uma nota de vinte e desceu do táxi. Por um instante, com as mãos nos bolsos e a gravata solta, bateu perna pela feirinha improvisada. Perguntou a uma velhinha que vendia abacaxi com chile para onde iam os caminhões e os ônibus, pois todos saíam na mesma direção. Vão para a garagem em Santa Teresa, respondeu a velhinha. E lá embaixo o que tem?, perguntou em espanhol apontando com o dedo na direção contrária. O parque, respondeu a velhinha. Comprou por delicadeza um pedaço de abacaxi com chile, que jogou no chão mal se afastou dali. Viu que não aconteceu nada comigo?, disse ao taxista de volta ao carro. Deve ter sido por milagre, respondeu o taxista sorrindo pelo retrovisor. Vamos ao parque, disse Kessler. No final da esplanada, que era de terra, o caminho se bifurcava em duas direções, que por sua vez tornavam a se bifurcar em mais duas. Os seis caminhos eram pavimentados e confluíam no Parque Industrial Arsenio Farrel. As instalações industriais eram altas e a iluminação que caía dos grandes postes de luz inundava tudo com um halo incerto de pressa, de acontecimento importante, o que não era verdade, pois se tratava somente de mais um dia de trabalho. Kessler tornou a descer do táxi e respirou o ar da indústria maquiladora, o ar operário do norte do México. Os ônibus que chegavam com os trabalhadores e os que abandonavam o parque com os trabalhadores. Um ar úmido e fétido, como de óleo queimado, fustigou seu rosto. Acreditou ouvir risadas e uma música de acordeão enganchadas no vento. Ao norte do Parque Industrial se estendia um mar de telhados construídos com material catado no lixo. Ao sul, para lá dos casebres perdidos, divisou uma ilha de luz e soube de imediato que era outro Parque Industrial. Perguntou ao taxista qual o nome do parque. O taxista saiu do carro e olhou por um instante na direção indicada por Kessler. Deve ser o Parque Industrial General Sepúlveda, falou. Começou a anoitecer. Fazia tempo que Kessler não via um entardecer tão bonito. As cores redemoinhavam ao crepúsculo e aquilo o fez lembrar de um entardecer que vira muitos anos antes no Kansas. Não era exatamente igual, mas quanto às cores era idêntico. Ele estava ali, lembrou-se, na estrada, com o xerife e um colega do FBI, e o carro parou por um momento, talvez porque um dos três tivesse de descer para urinar, e então viu. Cores vivas no oeste, cores como borboletas gigantescas dançando enquanto a noite avançava como um pernetá

pelo leste. Vamos embora, chefe, disse o taxista, não abusemos da sorte.

E que prova você tem, Klaus, para afirmar que os Uribe são os assassinos seriais?, perguntou a jornalista do *El Independiente de Phoenix*. Na prisão sabe-se de tudo, respondeu Haas. Alguns jornalistas fizeram gestos afirmativos com a cabeça. A jornalista de Phoenix disse que isso era impossível. É só uma lenda, Klaus. Uma lenda inventada por detentos. Um substituto falaz da liberdade. Na prisão se sabe o pouco que chega à prisão, só isso. Haas olhou para ela com raiva. Eu quis dizer, falou, que na prisão se sabe de tudo o que acontece às margens da lei. Isso não é verdade, Klaus, disse a jornalista. É verdade, disse Haas. Não, não é, disse a jornalista. É uma lenda urbana, uma invenção dos filmes. Os dentes da advogada rangeram. Chuy Pimentel a fotografou: o cabelo negro, tingido, cobrindo seu rosto, o contorno do nariz levemente aquilino, as pálpebras silhuetaadas a lápis. A depender dela, todos os que a rodeavam, as sombras nas margens da foto, teriam desaparecido no ato, e também aquela sala, e a prisão, com carcereiros e encarcerados, os muros centenários do presídio de Santa Teresa, e de tudo não teria ficado mais que uma cratera, e na cratera só teria havido silêncio e a vaga presença dela e de Haas, agrilhoados na fossa.

* * *

No dia 14 de outubro, num lado da estrada de terra que leva da colônia Estrella aos ranchos além da periferia de Santa Teresa, foi localizado o corpo de outra mulher morta. Vestia uma camiseta azul-marinho de mangas compridas, um blusão rosa com listas verticais pretas e brancas, calça jeans marca Lewis, um cinto largo com fivela forrada de veludo, botas de salto fino, de cano médio e meias brancas, calcinha preta e sutiã branco. A morte, segundo o laudo médico-legal, se deveu a asfixia por estrangulamento. Ao redor do pescoço trazia um fio elétrico branco, de um metro de comprimento, com um nó no meio e quatro pontas, que foi previsivelmente utilizado para estrangulá-la. Foram identificadas também marcas externas da violência ao redor do pescoço, como se antes de usar o fio tivessem pretendido estrangulá-la com as mãos, escoriações no braço esquerdo e na perna direita, e marcas de golpes nos glúteos, como se a houvessem chutado. Segundo o laudo médico-legal, estava morta havia três ou quatro dias. Sua idade foi calculada entre vinte e cinco e trinta anos. Posteriormente foi identificada como Rosa Gutiérrez Centeno, de trinta e oito anos de idade, ex-operária da indústria maquiladora e, no momento do seu óbito, garçone de uma cafeteria do centro de Santa Teresa, desaparecida fazia quatro dias. Foi identificada pela filha, de mesmo nome e com dezessete anos de idade, com a qual morava na colônia Álamos. A jovem Rosa Gutiérrez Centeno viu o cadáver da mãe nas dependências do necrotério e disse que era ela. Caso restasse alguma dúvida declarou que o blusão rosa com listas verticais pretas e brancas era seu, de sua propriedade, e que costumava compartilhá-lo com a mãe, como compartilhavam tantas coisas.

Houve várias épocas, disse a deputada, em que nos víamos todo dia. Claro, quando garotas, no colégio, não tínhamos outra alternativa. Passávamos os recreios juntas, compartilhávamos brincadeiras e falávamos das nossas coisas. Às vezes ela me convidava para ir à sua casa e eu costumava ir, encantada, embora meus pais e meus avós não gostassem muito que eu frequentasse meninas como Kelly, não por ela, claro, mas por seus pais, com medo de que o arquiteto Rivera de alguma maneira aproveitasse a amizade da filha para ter acesso ao que minha família considerava sacrossanto, o círculo restrito da nossa intimidade, que havia resistido às investidas da revolução, à repressão que houve depois do levantamento cristero e à marginalização em que assavam em fogo brando os restos do porfirismo, na realidade os restos do iturbidismo mexicano. Para o senhor ter uma ideia: com Porfirio Díaz minha família não estava mal, mas com o imperador Maximiliano esteve melhor, e com Iturbide, com uma monarquia iturbidista sem sobressaltos e interrupções, esteve em seu momento ótimo. Para a minha família, fique sabendo, os mexicanos de verdade éramos muito poucos. Trezentas famílias em todo o país. Mil e quinhentas ou duas mil pessoas. O resto eram índios rancorosos ou brancos ressentidos ou seres violentos vindos não se sabe de onde para levar o México à ruína. Ladrões, a maioria. Arrivistas. Aproveitadores. Gente sem escrúpulos. O arquiteto Rivera, como o senhor pode imaginar, encarnava para eles o protótipo do alpinista social. Davam por certo que sua mulher não era católica. Provavelmente, pelo que cheguei a escutar, a consideravam uma puta. Enfim, lindezas desse tipo. Mas nunca me proibiram de visitá-la (apesar de, como disse, não ser do agrado deles) ou que a convidasse, cada vez com maior frequência, à minha casa. A verdade é que Kelly gostava da minha casa, eu diria que gostava mais que da sua, e no fundo é compreensível que assim fosse e isso dizia muito do seu gosto, que já de menina se manifestava com grande lucidez. Ou com grande teimosia, que talvez seja a palavra mais adequada. Neste país sempre confundimos lucidez com teimosia, não acha? Acreditamos ser lúcidos, mas na realidade somos teimosos. Nesse sentido, Kelly era muito mexicana. Era teimosa e obstinada. Mas teimosa do que eu, o que diz tudo. Por que ela gostava da minha casa mais que da sua? Porque a minha tinha classe e a dela só tinha estilo, entende a diferença? A casa de Kelly era bonita, muito mais cômoda que a minha, com mais conforto, quero dizer, uma casa com luz, com uma sala grande e agradável, ideal para receber visitas ou dar festas, com um jardim moderno, com gramado e cortador de grama, uma casa racional, como se costumava dizer naqueles anos. A minha, o senhor já pode apreciar, é esta mesma, claro que muito mais descuidada do que está agora, um casarão que recendia a múmias e velas, mais que uma casa era uma capela gigantesca, mas onde estavam presentes os atributos da riqueza e da permanência do México. Uma casa sem estilo, às vezes feia como um barco afundado, mas com classe. Sabe o que é ter classe? Ser, em última instância, soberano. Não dever nada a ninguém. Não ter que dar explicações de nada a ninguém. E assim era Kelly. Não quero dizer que ela tivesse consciência disso. Nem eu. Éramos duas meninas, éramos simples e complicadas como meninas e não nos complicávamos com palavras. Mas ela era assim. Pura vontade, pura explosão, puro desejo de prazer. O senhor tem filhas? Não, respondeu Sergio. Nem filhas nem filhos. Bom, se algum

dia tiver filhas vai saber do que estou falando. A deputada guardou silêncio por um instante. Eu só tive um filho, disse. Vive nos Estados Unidos, está estudando. Às vezes gostaria que não voltasse nunca para o México. Acho que seria melhor para ele.

Naquela noite, foram buscar Kessler no hotel para um jantar de cerimônia na casa do presidente municipal. Na mesa estavam o procurador do estado de Sonora, o subprocurador, dois policiais judiciários, um tal de doutor Emilio Garibay, chefe do departamento forense e catedrático de patologia e medicina legal da Universidade de Santa Teresa, o cônsul dos Estados Unidos, Mr. Abraham Mitchell, que todos chamavam de Conan, os empresários Conrado Padilla e René Alvarado, e o reitor da universidade, dom Pablo Negrete, acompanhados de suas esposas, os que tinham, ou sozinhos, muito mais fúnebres e silenciosos os solteiros, embora um destes últimos parecesse feliz com sua condição e não parava de rir e contar piadas, e havia um que apesar de casado tinha sido convidado sem a esposa. Durante o jantar, não se falou dos crimes mas de negócios (a situação econômica daquela faixa de fronteira era boa e ainda podia melhorar) e de filmes, em especial daqueles em que Kessler havia trabalhado como assessor. Depois do café e do desaparecimento dir-se-ia quase instantâneo das mulheres, previamente instruídas por seus cônjuges, os homens, recolhidos na biblioteca, que mais do que biblioteca parecia uma sala de troféus ou uma sala de caça de um rancho de luxo, abordaram, com prudência a princípio excessiva, o grande tema. Para sobressalto de alguns, Kessler respondeu às perguntas iniciais com outras perguntas. Perguntas que dirigiu, além do mais, às pessoas equivocadas. Por exemplo, perguntou a Conan Mitchell o que ele, como cidadão americano, acreditava que estava acontecendo em Santa Teresa. Os que sabiam inglês traduziram. A alguns não pareceu de bom-tom começar pelo americano. Menos ainda lhe fazer a pergunta em sua condição de cidadão americano. Conan Mitchell disse que não tinha uma ideia formada a esse respeito. Ato contínuo, Kessler fez a mesma pergunta ao reitor Pablo Negrete. Este deu de ombros, ensaiou um sorriso, disse que seu mundo era o da cultura, tossiu e se calou. Finalmente Kessler quis saber a opinião do doutor Garibay. Quer que eu responda como morador de Santa Teresa ou como legista?, perguntou Garibay por sua vez. Como cidadão comum, disse Kessler. Um legista nunca será um cidadão comum, disse Garibay, cadáveres demais. A menção aos cadáveres diminuiu o entusiasmo dos que ali se reuniam. O procurador do estado de Sonora entregou-lhe um dossiê. Um dos policiais judiciários disse acreditar que havia, de fato, um assassino serial, mas que este já estava na prisão. O subprocurador contou a Kessler a história de Haas e da gangue dos Bisontes. O outro policial judiciário quis saber o que pensava Kessler sobre os assassinos imitativos. Kessler custou a entender a pergunta até que Conan Mitchell sussurrou para ele *copycats*. O reitor da universidade o convidou a dar umas aulas magistrais. O presidente municipal reiterou quão feliz se sentia com sua presença na cidade. Quando voltou ao hotel, num dos carros oficiais da prefeitura, Kessler pensou que toda aquela gente era, de fato, muito simpática e hospitaleira, exatamente como ele pensava que eram os mexicanos. De noite, cansado, sonhou com uma cratera e com um cara que

dava voltas ao redor dessa cratera. Esse cara provavelmente sou eu, ele se disse no sono, mas não deu a menor importância e a imagem se apagou.

Quem começou a matar foi Antonio Uribe, disse Haas. Daniel o acompanhava e depois o ajudava a se desfazer dos cadáveres. Mas pouco a pouco Daniel foi se interessando, se bem que esta não é a palavra correta, disse Haas. Qual é a palavra correta?, perguntaram os jornalistas. Eu diria se não houvesse mulheres ouvindo, respondeu Haas. Os jornalistas riram. A jornalista do *El Independiente de Phoenix* disse que, por ela, podia deixar de nove horas. Chuy Pimentel fotografou a advogada. Uma mulher bonita, a seu modo, pensou o fotógrafo: um bom porte, alta, de expressão orgulhosa, o que será que faz uma mulher assim passar a vida em tribunais e visitando seus clientes na prisão? Diga, Klaus, falou a advogada. Haas olhou para o teto. A palavra correta, disse, é excitando. Excitando?, disseram os jornalistas. Daniel Uribe, de tanto ver o que o primo fazia, foi se *excitando*, disse Haas, e pouco depois também começou a violentar e a matar. Cacilda, exclamou a jornalista do *El Independiente de Phoenix*.

Nos primeiros dias de novembro um grupo de excursionistas de um colégio particular de Santa Teresa encontrou os restos de uma mulher na encosta mais abrupta do morro La Asunción, também conhecido como morro Dávila. Pelo celular do professor encarregado do grupo telefonaram para a polícia, que compareceu ao local do fato cinco horas depois, quando já faltava pouco para escurecer. Na subida do morro um dos policiais, o policial judiciário Élmer Donoso, escorregou e quebrou as duas pernas. Auxiliados pelos excursionistas, que não tinham saído do local, transportaram o judiciário para um hospital de Santa Teresa. Na manhã seguinte, de madrugada, o judiciário Juan de Dios Martínez, ajudado por vários policiais, voltou ao morro La Asunción acompanhado pelo professor que havia denunciado o achado da ossada, que foi localizada desta vez sem nenhum problema, tendo sido os ossos recolhidos e transportados para as dependências médico-legais da cidade, onde se determinou que os restos pertenciam a uma mulher, sem ser possível estabelecer as causas da morte. Os restos não dispunham de tecidos moles e nem sequer tinham mais fauna cadavérica. No local onde foram achados, o judiciário Juan de Dios Martínez descobriu uma calça carcomida pela intempérie. Como se houvessem tirado sua calça antes de jogá-la no matagal. Ou como se a houvessem subido até lá nua e houvessem posto numa sacola a calça, que depois atirariam a vários metros da morta. A verdade é que nada tinha sentido.

Aos doze anos paramos de nos ver. O arquiteto Rivera teve a péssima ideia de morrer de forma inesperada, sem aviso prévio, e de repente a mãe de Kelly se viu não só sem marido mas também cheia de dívidas. A primeira medida que tomou foi mudar Kelly de colégio, e depois vendeu a casa de Coyoacán e foram morar num apartamento da colônia Roma. Mas

Kelly e eu continuamos nos falando por telefone e nos vimos em duas ou três ocasiões. Depois deixaram o apartamento da Roma e foram para Nova York. Me lembro que, quando ela se foi, passei dois dias inteiros chorando. Pensava que nunca mais ia tornar a vê-la. Aos dezoito anos entrei na universidade. Creio que fui a primeira mulher da minha família a fazê-lo. Provavelmente me deixaram continuar estudando porque ameacei me matar se não deixassem. Primeiro estudei Direito, depois Jornalismo. Aí me dei conta de que se quisesse continuar viva, quero dizer continuar viva como o que eu era, como Azucena Esquivel Plata, tinha de dar um giro de cento e oitenta graus nas minhas prioridades, que até então não se diferenciavam substancialmente das prioridades da minha família. Eu, como Kelly, era filha única, e os membros da minha família definhavam e morriam um atrás do outro. Não fazia parte da minha natureza, como o senhor pode supor, nem definir nem morrer. Eu gostava demais da vida. Gostava do que a vida podia oferecer a mim, a ninguém mais que a mim, e que eu, além do mais, estava segura de merecer. Na universidade comecei a mudar. Conheci outro tipo de gente. No Direito, os jovens tubarões do PRI, no Jornalismo, os perdigueiros da política mexicana. Todos me ensinaram alguma coisa. Meus professores gostavam de mim. No começo, isso era algo que me desconcertava. Por que eu, que parecia saída de um rancho ancorado nos primeiros anos do século XIX? Tinha algo especial? Era particularmente atraente ou inteligente? Boba eu não era, isso é certo, mas também não era muito inteligente. Por que então despertava essa simpatia entre meus professores? Por ser a última dos Esquivel Plata em que corria sangue pelas veias? Se fosse isso, e daí, por que isso tinha de me fazer diferente? Eu poderia escrever um tratado sobre as motivações secretas da sentimentalidade dos mexicanos. Como somos tortuosos. Como parecemos ou nos mostramos simples diante dos outros e no fundo como somos tortuosos. Que pouquinha coisa nós somos e de que maneira tão espetacular nos contorcemos diante de nós mesmos e diante dos outros, nós mexicanos. E tudo isso para quê? Para ocultar o quê? Para fazer crer o quê?

* * *

Às sete da manhã acordou. Às sete e meia, banhado e já vestindo um terno cinza-pérola, camisa branca e gravata verde, desceu para tomar o café da manhã. Pediu um suco de laranja, um café e duas torradas com manteiga e geleia de morango. A geleia era boa, a manteiga não. Às oito e meia, enquanto dava uma olhada nos relatórios sobre os crimes, dois policiais chegaram para buscá-lo. A atitude dos policiais era de submissão total. Pareciam duas putas a quem se permitia pela primeira vez vestir seu cafetão, mas isso Kessler não notou. Às nove deu uma conferência de portas fechadas exclusivamente para um grupo seletivo de vinte e quatro policiais, a maioria à paisana, mas havia um ou outro fardado. Às dez e meia visitou as dependências da polícia judiciária e ficou um instante examinando e brincando com os micros e os programas de identificação de suspeitos ante o olhar satisfeito do séquito de policiais que o acompanhavam. Às onze e meia todos foram comer num restaurante especializado em comida mexicana e nortista, que não ficava longe do edifício

dos policiais judiciários. Kessler pediu um café e um sanduíche de queijo, mas os judiciários insistiram em que provasse tira-gostos mexicanos que o dono do restaurante em pessoa trouxe em duas grandes bandejas. Ao ver os tira-gostos, Kessler pensou na comida chinesa. Depois do café, sem que pedisse, puseram na frente dele um copinho com suco de abacaxi. Provou e notou de imediato o álcool. Muito pouco, só para aromatizar ou para servir de contraponto ao aroma do abacaxi. O copo cheio de gelo picado, bem fino. Alguns tira-gostos eram crocantes e o recheio indecifrável, outros tinham pele macia, como se se tratasse de frutas fervidas, mas recheadas de carne. Numa bandeja estavam os picantes, na outra os que mal eram apimentados. Kessler provou um par desta última. Bons, disse, muito bons. Depois provou os picantes e tomou o resto do suco de abacaxi. Comem bem esses filhos da puta, pensou. À uma saiu com os judiciários que falavam inglês para visitar dez lugares que Kessler escolheu previamente dentre os dossiês que havia recebido. Atrás do seu carro foi outro com mais três judiciários. Primeiro estiveram no barranco de Podestá. Kessler desceu do carro, aproximou-se do barranco, tirou fora um mapa da cidade e fez algumas anotações. Depois pediu aos judiciários que o levassem ao condomínio Buenavista. Quando chegaram nem sequer desceu do carro. Estendeu o mapa diante de si, fez em cima dele quatro garatujas incompreensíveis para os judiciários, depois pediu que o levassem ao morro Estrella. Chegaram pelo sul, passando pela colônia Maytorena, e quando Kessler perguntou como se chamava aquele bairro e os judiciários disseram, insistiu em parar e caminhar um instante. O carro que os seguia parou junto deles e o que dirigia perguntou com um gesto aos do carro principal o que estava acontecendo. O judiciário que estava na rua, junto a Kessler, encolheu os ombros. Por fim todos desceram e saíram andando atrás do americano, enquanto as pessoas olhavam de través para eles, alguns temendo o pior, outros pensando que se tratava de uma quadrilha de traficantes, embora alguns tenham reconhecido no velho que ia na frente do grupo o grande detetive do FBI. Ao cabo de quatro quarteirões Kessler descobriu uma biboca com mesas ao ar livre, debaixo de uma parreira e de umas lonas listadas de azul e branco amarradas nuns paus. O chão era de madeira aparelhada e o local estava vazio. Vamos nos sentar um instante, disse ele a um dos judiciários. Do pátio se via o morro Estrella. Os judiciários juntaram duas mesas, sentaram, trataram de acender cigarros e não puderam evitar de sorrir uns para os outros, como se dissessem estamos aqui, senhor, prontos para o que o senhor mandar. Rostos jovens, pensou Kessler, enérgicos, rostos de rapazes sadios, alguns vão morrer antes de ficar velhos, antes de ficar enrugados pela idade ou pelo medo ou pelas especulações inúteis. Uma mulher de meia idade, com um avental branco, surgiu dos fundos da birosca. Kessler disse que queria um suco de abacaxi com gelo, como o que havia tomado de manhã, mas os policiais o aconselharam que pedisse outra coisa, que a água com que faziam os sucos naquele bairro não era de se confiar. Demoraram a encontrar a palavra inglesa “potable”. O que vocês vão tomar, amigos?, perguntou Kessler. *Bacanora*, disseram os policiais, e explicaram que era uma bebida que só se destilava em Sonora, feita de uma espécie de agave que crescia unicamente lá, e em nenhum outro lugar do México. Então vamos provar a *bacanora*, disse Kessler, enquanto uns guris apareciam na birosca, espiavam o grupo de tiras e saíam correndo. Quando a mulher voltou trazia uma bandeja com cinco

copos e uma garrafa de *bacanora*. Ela mesma serviu e ficou esperando a reação de Kessler. Muito bom, disse o detetive americano enquanto o sangue lhe subia à cabeça. O senhor está aqui por causa das mortas, senhor Kessler?, perguntou a mulher. Como sabe meu nome?, replicou Kessler. Vi o senhor ontem na televisão. Também vi seus filmes. Ah, meus filmes, fez Kessler. O senhor espera acabar com as mortes?, perguntou a mulher. É difícil responder a essa pergunta, mas vou tentar, é tudo o que posso prometer, disse Kessler, e o judiciário traduziu para a mulher. De onde estavam, sob as lonas listadas de azul e branco, o morro Estrella parecia uma estrutura de gesso. As estrias negras deviam ser lixo. As estrias marrons, casas ou barracos que se aguentavam em precário e estranho equilíbrio. As estrias vermelhas, talvez pedaços de ferro bicados pela intempérie. Boa a *bacanora*, disse Kessler quando se levantou da mesa e deixou cair uma nota de dez dólares que os judiciários lhe devolveram de imediato. Aqui o senhor é nosso convidado, senhor Kessler. Aqui o senhor está na sua casa, senhor Kessler. Para nós é uma honra estar com o senhor. Patrulhar com o senhor. Estamos patrulhando?, indagou Kessler com um sorriso. A mulher os viu ir embora do fundo da birosca, meio velada, como uma estátua, por uma cortina azul que separava a cozinha ou o que fosse das mesas. Quem terá levado aqueles ferros para o alto do morro?, pensou Kessler.

E você, Klaus, desde quando sabe disso tudo? Desde há muito, respondeu Klaus. E por que não contou antes? Porque precisava verificar a informação, respondeu Haas. Como pode verificar a informação estando na prisão?, perguntou a jornalista do *El Independiente*. Não voltemos ao mesmo ponto, disse Haas. Tenho meus contatos, tenho amigos, tenho gente que se inteira das coisas. E segundo seus contatos onde estão agora esses Uribe? Desapareceram faz seis meses, respondeu Haas. Desapareceram de Santa Teresa? Correto, desapareceram de Santa Teresa, mas tem gente que diz tê-los visto em Tucson, em Phoenix e até em Los Angeles, disse Haas. Como nós podemos verificar? É simples, arranjem o telefone dos pais deles e perguntem por eles, respondeu Haas com um sorriso de triunfo.

No dia 12 de novembro o judiciário Juan de Dios Martínez ouviu pela frequência da polícia que haviam encontrado o corpo de outra mulher assassinada em Santa Teresa. Apesar de não ter sido escalado para o caso dirigiu-se ao local dos fatos, entre as ruas Caribe e Bermudas, na colônia Félix Gómez. A morta se chamava Angélica Ochoa e, como relataram os policiais que faziam o isolamento da rua, parecia mais um ajuste de contas do que um delito sexual. Pouco antes do crime ser cometido dois policiais viram um casal discutindo acaloradamente na calçada, perto da discoteca El Vaquero, mas não quiseram intervir porque pensaram se tratar da clássica briga de namorados. Angélica Ochoa tinha um impacto de arma de fogo na têmpora esquerda com orifício de saída pelo ouvido direito. Uma segunda bala na face, com saída do lado direito do pescoço. Uma terceira bala no joelho direito. Uma quarta na coxa esquerda. E uma quinta e última bala na coxa direita. A sequência dos disparos, pensou Juan de Dios Martínez, provavelmente começou pela quinta bala e

terminou pela primeira, o tiro de misericórdia na têmpora esquerda. Onde estavam, quando os disparos se produziram, os policiais que tinham visto o casal brigar? Interrogados, não souberam dar uma explicação coerente. Disseram ter ouvido os tiros, deram meia volta, retornaram à rua Caribe e lá só encontraram Angélica estirada no chão e os curiosos que começavam a aparecer nas portas das biroskas vizinhas. No dia seguinte do acontecimento a polícia declarou que o crime era de índole passional e que o provável homicida se chamava Rubén Gómez Arancibia, um cafetão do lugar também conhecido pelo apelido de Veada, não porque se parecesse com esse animal mas porque costumava contar que tinha *veadeado* muitos homens, que é como dizer que havia caçado muitos homens, à traição e levando vantagem, como era de esperar de um cafifa de segunda ou terceira categoria. Angélica Ochoa era sua mulher e pelo que parece o Veada tinha ouvido dizer que ela pretendia abandoná-lo. Na certa, pensou Juan de Dios sentado ao volante do seu carro, o carro parado numa esquina escura, o assassinato não havia sido premeditado. Na certa, no começo, o Veada só quis machucar ou atemorizar ou dar um aviso, daí o tiro na coxa direita, depois, ao ver a cara de dor ou de surpresa de Angélica, à raiva se somou o senso de humor, o abismo do humor, que se manifestou num desejo de simetria, e então disparou na coxa esquerda. A partir desse momento não pôde mais se conter. As portas estavam abertas. Juan de Dios encostou a cabeça no volante e tentou chorar mas não conseguiu. As tentativas da polícia para encontrar o Veada foram inúteis. Havia desaparecido.

Aos dezenove anos comecei a ter amantes. Minha lenda sexual é conhecida em todo o México, mas as lendas nunca são verdadeiras, e menos que em qualquer outro lugar, no México. A primeira vez que fui com um homem foi por curiosidade. Isso mesmo que você ouviu. Nem por amor nem por admiração nem por medo, que é o que o resto das mulheres costumam fazer. Teria podido ir por dó, porque no fundo aquele cara com que trepei pela primeira vez me dava dó, mas a pura verdade é que foi por curiosidade. Dois meses depois eu o larguei e fui com outro, um babaca que acreditava que ia fazer a revolução. O México é pródigo em babacas desse tipo. Garotos de uma imbecilidade supina, arrogantes, que quando se encontram com uma Esquivel Plata perdem a cabeça, querem trepar logo, como se o ato de possuir uma mulher como eu equivalesse a tomar o Palácio de Inverno. O Palácio de Inverno! Eles, que não são capazes nem de aparar a grama da Dacha de Verão! Bom, esse também larguei logo, agora é um jornalista de certa reputação, que cada vez que toma um porre conta que ele foi o primeiro amor da minha vida. Os amantes que vieram depois eu tive porque gostava deles na cama ou porque me chateava e eles eram espirituosos ou divertidos ou tão esquisitos, tão infinitamente esquisitos, que só me faziam rir. Numa época, como o senhor sem dúvida deve saber, fui uma personagem com certo interesse na esquerda universitária. Cheguei até a viajar a Cuba. Depois me casei, tive meu filho, e meu marido, que também era de esquerda, entrou para o PRI. Comecei a trabalhar na imprensa. Aos domingos ia para casa, quero dizer à minha antiga casa, onde apodrecia lentamente minha família, e ficava lá dando voltas pelos corredores, pelo jardim, vendo os álbuns de fotografia,

lendo os diários de antepassados desconhecidos, que mais do que diários pareciam missais, ficando um tempão imóvel, sentada junto do poço de pedra que há no pátio, submersa num silêncio expectante, fumando um cigarro atrás do outro, sem ler, sem pensar, às vezes até sem poder me lembrar de nada. A verdade é que me entediava. Queria fazer coisas, mas não sabia concretamente que coisas queria fazer. Meses depois me divorciei. Meu casamento não durou dois anos. Claro, minha família tentou me dissuadir, ameaçaram me deixar na rua, disseram, e com toda razão do mundo aliás, que era a primeira Esquivel que rompia o sagrado sacramento do matrimônio, um tio padre, um velhinho de uns noventa anos, dom Ezequiel Plata, quis conversar comigo, ter umas conversas informais informativas, mas então, quando eles menos esperavam, fui possuída pelo monstro do mando ou pelo monstro da liderança, como se diz agora, e botei cada um e todos em conjunto em seus devidos lugares. Numa palavra: entre estas paredes eu me transformei no que sou e no que serei até morrer. Disse a eles que havia acabado o tempo das carolices e das encheções de saco. Disse a eles que não ia mais tolerar veados na família. Disse a eles que a fortuna e as propriedades dos Esquivel não paravam de minguar cada ano que passava e que a esse passo meu filho, por exemplo, ou meus netos, se meu filho saísse a mim e não a eles, não iam ter onde cair mortos. Disse a eles que não queria vozes discordantes enquanto eu falasse. Disse a eles que se alguém não estivesse de acordo com as minhas palavras que fosse embora, a porta era grande e maior ainda era o México. Disse a eles que a partir daquela noite relampejante (porque de fato relampejava em algum lugar da cidade, e das janelas nós o víamos) se acabavam as esmolas dispendiosas para a Igreja, que nos garantia o Céu, mas que na terra estava nos sangrando fazia mais de cem anos. Disse a eles que não tornaria a me casar, mas avisei que ouviriam de mim coisas muito mais horríveis. Disse a eles que estavam morrendo e que eu não queria que morressem. Todos empalideceram e ficaram boquiabertos, mas ninguém enfartou. Os Esquivel, no fundo, somos duros. Poucos dias depois, me lembro como se fosse hoje, tornei a ver Kelly.

Naquele dia Kessler estive no morro Estrella, passeou pela colônia Estrella e pela colônia Hidalgo, percorreu os arredores da estrada de Pueblo Azul e viu os ranchos vazios como caixas de sapato, construções sólidas, sem graça, sem utilidade, que se erguiam nas viradas dos caminhos que iam desembocar na estrada de Pueblo Azul, depois quis ver os bairros que confinavam com a fronteira, a colônia México, bem ao lado de El Adobe, que já era Estados Unidos, os bares, restaurantes e hotéis da colônia México e sua avenida principal permanentemente submetida ao estrondoso barulho dos caminhões e dos carros que se dirigiam para o posto de fronteira, depois fez sua comitiva descer para o sul pela avenida General Sepúlveda e pela estrada de Cananea, onde virou e entraram na colônia La Vistosa, um lugar em que a polícia quase nunca se aventurava, disse-lhe um dos judiciários, o que dirigia o carro, e o outro confirmou com uma expressão de pesar, como se a ausência da polícia na colônia La Vistosa, na colônia Kino e na colônia Remedios Mayor fosse como uma mancha vergonhosa que eles, rapazes jovens e enérgicos, portassem com pesar, e por

que com pesar?, porque a impunidade lhes doía, disseram, a impunidade de quem?, das gangues que controlavam a droga nessas colônias abandonadas pela mão de Deus, coisa que fez Kessler pensar, pois a princípio, olhando pelas janelas do carro a paisagem que se fragmentava, era difícil imaginar qualquer um daqueles moradores comprando droga, consumindo é fácil, mas comprando é difícil, dificílimo, revirando os bolsos até o fundo para reunir as moedas suficientes para comprá-la, coisa que, aí sim, era imaginável nos guetos negros e hispânicos do norte, os quais pareciam bairros residenciais, no entanto, em comparação com esse caos abandonado, mas os dois judiciários assentiram, seus queixos fortes e jovens, é verdade, aqui corre muita coca e todo o lixo da coca, e então Kessler tornou a olhar a paisagem fragmentada ou em processo de fragmentação constante, como um quebra-cabeças que se fazia e se desfazia a cada segundo, e disse ao que dirigia que o levasse ao lixão El Chile, o maior lixão clandestino de Santa Teresa, maior que o lixão municipal, onde iam jogar lixo e detritos não só os caminhões das maquiladoras mas também os caminhões de lixo contratados pela prefeitura e os caminhões e caminhonetes de lixo de algumas empresas privadas que trabalhavam com subcontratos ou em zonas licitadas que os serviços públicos não cobriam, e o carro saiu então das ruelas de terra e pareceu retroceder, voltar à colônia La Vistosa e à estrada, mas depois virou e entrou numa rua mais larga, igualmente desolada, onde até o mato estava coberto por uma grossa camada de pó, como se por aqueles lugares houvesse caído uma bomba atômica e ninguém tivesse percebido, salvo os afetados por ela, pensou Kessler, mas os afetados não contam porque enlouqueceram ou porque estão mortos, embora andem e olhem para nós, olhos e olhares saídos diretamente de um filme de faroeste, do lado dos índios ou dos maus, claro, quer dizer, olhares de loucos, olhares de gente que vive em outra dimensão e cujos olhares necessariamente já não nos tocam, percebemos porém não nos tocam, não aderem à nossa pele, nos traspassam, pensou Kessler enquanto fazia o gesto de que ia abaixar o vidro. Não, não abaixe, disse um dos judiciários. Por quê? O cheiro, cheira a morte. Não cheira bem. Dez minutos depois chegaram ao lixão.

O que a senhora pensa disso tudo?, um dos jornalistas perguntou à advogada. A advogada baixou a cabeça, depois olhou para o jornalista e para Haas. Chuy Pimentel a fotografou: parecia que lhe faltava ar e que os pulmões fossem explodir a qualquer momento, se bem que, ao contrário de quem tem falta de ar, ela não estava vermelha mas profundamente pálida. Isso foi uma ideia do senhor Haas, respondeu, com a qual eu não necessariamente me identifico. Depois falou do estado indefeso em que estava o senhor Haas, dos julgamentos que eram adiados, das provas que se perdiam, das testemunhas coagidas, do limbo em que vivia seu defendido. Qualquer um, em seu lugar, perderia os nervos, sussurrou. A jornalista do *El Independiente* fitou-a com sarcasmo e interesse. A senhora mantém uma relação sentimental com Klaus, não é?, perguntou. A jornalista era jovem, ainda não tinha chegado aos trinta anos, e estava acostumada a tratar com gente que falava de forma direta e às vezes brutal. A advogada tinha mais de quarenta e parecia cansada, como se estivesse há vários dias

sem dormir. Não vou responder a essa pergunta, disse. Não vem ao caso.

No dia 16 de novembro foi encontrado o cadáver de outra mulher nos terrenos dos fundos da maquiladora Kusai, na colônia San Bartolomé. A vítima, de acordo com as primeiras averiguações, tinha entre dezoito e vinte e dois anos, e a causa da morte, segundo o laudo médico-legal, foi asfixia devida a estrangulamento. O corpo estava totalmente nu e sua roupa se encontrava a cinco metros de distância, escondida entre o mato. De qualquer forma, não se encontrou a roupa toda mas só uma calça legging de cor preta e uma calcinha vermelha. Dois dias depois o corpo foi identificado pelos pais como o de Rosario Marquina, de dezenove anos, desaparecida no dia doze de novembro quando foi dançar no salão Montana, na avenida Carranza, não longe da colônia Veracruz, onde moravam. Por acaso tanto a vítima como os pais trabalhavam, precisamente, na maquiladora Kusai. De acordo com os legistas, antes de morrer a vítima foi violentada numerosas vezes.

Kelly apareceu como um presente. A primeira noite que nos vimos ficamos acordadas até o amanhecer contando nossas vidas. A dela, em síntese, tinha sido um desastre. Tentou ser atriz de teatro em Nova York, atriz de cinema em Los Angeles, tentou ser modelo em Paris, fotógrafa em Londres, tradutora na Espanha. Quis estudar dança contemporânea, mas largou no primeiro ano. Quis ser pintora e quando expôs pela primeira vez se deu conta de que havia cometido o pior erro da sua vida. Não tinha se casado, não tinha filhos, não tinha família (sua mãe acabara de morrer depois de uma longa enfermidade), não tinha projetos. Era o momento justo de voltar para o México. No DF não demorou a encontrar trabalho. Tinha amigos e tinha a mim, que era, não duvide um segundo, sua melhor amiga. Mas não foi necessário recorrer a ninguém (pelo menos a ninguém que eu conhecia) porque logo começou a trabalhar no que poderíamos chamar de circuitos das artes. Quer dizer, preparava vernissages, projetava e imprimia catálogos, ia para a cama com os artistas, conversava com os compradores, tudo por conta de quatro marchands que naqueles tempo eram os marchands do DF, os tipos fantasmagóricos que estavam por trás das galerias e dos pintores e manipulavam os cordões do assunto. Na época eu havia abandonado minha militância na esquerda inútil, não se ofenda, e me aproximava cada vez mais de certos setores do PRI. Uma vez meu ex-marido me disse: se você continuar escrevendo o que escreve vão marginalizar você ou pior ainda. Eu não parei para pensar que significado tinha a palavra pior, e continuei escrevendo e fazendo artigos. O resultado foi que não só não me marginalizaram mas recebi sinais de que os de cima estavam cada vez mais interessados em mim. Foi uma época incrível. Éramos jovens, não tínhamos muitas responsabilidades, éramos independentes e não nos faltava dinheiro. Foi por aqueles anos que Kelly resolveu que o nome que melhor lhe caía era Kelly. Eu ainda a chamava de Luz María, mas as outras pessoas a chamavam de Kelly, até que um dia ela mesma me disse. Me disse: Azucena, não gosto de Luz María Rivera, não gosto como soa, prefiro Kelly, todo mundo me chama assim, você também vai

chamar? E eu respondi: não tem problema. Se quer que eu te chame de Kelly, eu te chamo. E a partir daí comecei a chamá-la de Kelly. No começo me parecia meio gozação. Uma cafonice tipicamente americana. Mas logo me dei conta de que o nome lhe ia bem. Talvez porque Kelly tinha um ligeiro ar de Grace Kelly. Ou porque Kelly é um nome curto, duas sílabas, enquanto Luz María era mais comprido. Ou porque Luz María evocava algo religioso e Kelly não evocava nada ou evocava uma foto. Em algum lugar devo ter umas cartas dela assinadas Kelly R. Parker. Creio que até os cheques ela chegou a assinar assim, Kelly Rivera Parker. Tem gente que acredita que nome é destino. Eu não creio que isso seja verdade. Mas se fosse, ao escolher esse nome, de alguma maneira Kelly deu o primeiro passo para entrar na invisibilidade, para entrar no pesadelo. O senhor acredita que nome seja destino? Não, respondeu Sergio, e é melhor que não acredite. Por quê?, suspirou com curiosidade a deputada. Tenho um nome comum, disse Sergio fitando os óculos escuros da sua anfitriã. Por um momento, a deputada levou as mãos à cabeça, como se estivesse com enxaqueca. Quer que eu lhe diga uma coisa? Todos os nomes são comuns, todos são vulgares. Chamar-se Kelly ou Luz María no fundo é a mesma coisa. Todos os nomes se desvanecem. Deveriam ensinar isso às crianças desde o primário. Mas temos medo de fazê-lo.

O lixão de El Chile não impressionou Kessler tanto quanto as ruas que pôde percorrer, sempre num carro de polícia escoltado por outro carro de polícia, nas colônias onde costumavam se dar os sequestros. As colônias Kino, La Vistosa, a Remedios Mayor e La Preciada no sudoeste da cidade, a colônia Las Flores, a colônia Plata, a Álamos, a Lomas del Toro na zona oeste, próximas dos parques industriais e cravadas, como se fossem uma dupla coluna vertebral, nas avenidas Rubén Darío e Carranza, e a colônia San Bartolomé, a Guadalupe Victoria, a Ciudad Nueva, a colônia Las Rositas na parte noroeste da cidade. Caminhar por aquelas ruas, em plena luz do dia, disse ele à imprensa, mete medo. Quero dizer: a alguém como eu, mete medo. Os jornalistas, nenhum dos quais morava naqueles bairros, concordaram. Os policiais, pelo contrário, sorriram com dissimulação. O tom de Kessler lhes pareceu ingênuo. O tom de um gringo. Um gringo bom, claro, porque os gringos maus têm outro tom, falam de outra maneira. De noite, para uma mulher, disse Kessler, é um perigo. Também: é uma temeridade. A maioria das ruas, se excetuarmos as artérias maiores por onde passam os ônibus, tem uma iluminação deficiente ou carecem totalmente de iluminação. Em alguns bairros a polícia não entra, disse ao presidente municipal, o qual se remexeu em seu assento como se houvesse sido picado por uma cobra e fez uma cara de infinita tristeza e de infinita compreensão. O procurador do estado de Sonora, o subprocurador, os judiciários, disseram que o problema talvez, quem sabe, eventualmente, havia a possibilidade de que fosse, digamos, é um modo de dizer, um problema da polícia municipal, a qual estava a cargo de Pedro Negrete, irmão gêmeo do reitor da universidade. E Kessler perguntou quem era Pedro Negrete, se haviam sido apresentados, e os dois judiciários mocinhos mas enérgicos que o escoltavam a toda parte e cujo inglês não era mau lhe disseram que não, que a verdade era que eles não haviam visto dom Pedro perto do senhor

Kessler, e Kessler pediu que o descrevessem, porque pode ser que o tenha visto, sim, no primeiro dia, no aeroporto, e os judiciários fizeram uma descrição sumária do chefe de polícia, não com muita vontade, um retrato falado ruim, como se depois de ter mencionado Pedro Negrete tivessem se arrependido de tê-lo feito. E o retrato falado não disse nada a Kessler. Era um retrato mudo. Feito de palavras ocas. Um sujeito duro e autêntico, disseram os judiciários mocinhos e enérgicos. Um ex-membro da polícia judiciária. Deve ser igual ao irmão reitor, pensou Kessler. Mas os judiciários riram e o convidaram para um último copo de *bacanora* e lhe disseram que não, que não se fizesse aquela ideia, porque dom Pedro não se parecia nada, mas nada de nada mesmo, com dom Pablo, que era o reitor e que era um homem alto, magro, puro osso, se diria, enquanto dom Pedro tinha ficado mais atarracado, largo de ombros porém atarracado, e com umas gordurinhas porque gostava da boa mesa e não desgostava nem da comida nortista nem dos hambúrgueres americanos. Então Kessler perguntou a si mesmo se devia falar com aquele policial. Se devia ir visitá-lo. E também se perguntou por que razão o chefe de polícia local não tinha ido visitá-lo, a ele, que afinal de contas era o convidado. De modo que anotou seu nome no caderninho de notas. Pedro Negrete, ex-judiciário, chefe da polícia municipal da cidade, homem respeitado, não veio me cumprimentar. Depois se dedicou a outros assuntos. Se dedicou a estudar um a um os assassinatos de mulheres. Se dedicou a tomar copinhos de *bacanora*, cacete como era boa. Se dedicou a preparar suas duas conferências na universidade. E uma tarde saiu pela porta dos fundos, como fizera no dia que chegou, e foi de táxi à feira de artesanato, que alguns chamavam de feira indígena e outros de feira do Norte, comprar um souvenir para sua mulher. E como da primeira vez, sem que se desse conta, um carro chapa fria da polícia seguiu-o durante todo o trajeto.

Quando os jornalistas deixaram o presídio de Santa Teresa, a advogada encostou a cabeça na mesa e pôs-se a soluçar baixinho, com uma descrição que contradizia sua figura de mulher branca. As índias choram assim. Algumas mestiças. Mas não as brancas, menos ainda as brancas que fizeram estudos universitários. Quando sentiu que a mão de Haas pousava sobre seu ombro, não numa carícia mas num gesto amistoso ou talvez nem mesmo amistoso mas testemunhal, as poucas lágrimas que havia deixado escorrer na superfície da mesa (uma mesa que recendia a desinfetante e, estranhamente, a cordite) secaram e ela levantou a cabeça e observou o rosto pálido do seu defendido, do seu namorado, do seu amigo, um rosto tenso e ao mesmo tempo relaxado (como se podia estar relaxado e tenso ao mesmo tempo?), que a observava com rigor científico, mas não daquela sala presidiária, e sim dos vapores sulfurosos de outro planeta.

No dia 25 de novembro foi encontrado o cadáver de María Elena Torres, de trinta e dois anos, no interior da sua moradia, situada na rua Sucre da colônia Rubén Darío. Dois dias antes, 23 de novembro, uma manifestação de mulheres percorreu as ruas de Santa Teresa,

mais especificamente da universidade à presidência municipal, em protesto contra os assassinatos de mulheres e a impunidade. A passeata foi convocada pelo MSDP e a ela se somaram diversas organizações não governamentais, assim como o PRD e alguns grupos estudantis. Segundo as autoridades não participaram mais de cinco mil pessoas. Segundo os organizadores, foram mais de sessenta mil as pessoas que marcharam pelas ruas de Santa Teresa. María Elena Torres ia entre eles. Dois dias depois a esfaquearam em sua própria casa. Um dos ferimentos atravessou o pescoço, provocando uma hemorragia que acabou causando sua morte. María Elena Torres morava sozinha, pois não fazia muito se separara do marido. Não tinha filhos. Segundo os vizinhos havia discutido com o marido. Quando a polícia se apresentou na pensão em que morava o marido, este já tinha fugido. Foi encarregado do caso o policial judiciário Luis Villaseñor, recém-chegado de Hermosillo, que após uma semana de interrogatórios chegou à conclusão de que o assassino não era o marido fugido mas o namorado de María Elena, um tal de Augusto ou Tito Escobar, com o qual a vítima se encontrava fazia um mês. O tal de Escobar morava na colônia La Vistosa e não tinha profissão conhecida. Quando foram procurá-lo, já não estava lá. Tal como o marido, tinha fugido. Em sua casa encontraram três homens. Depois de passar por um interrogatório eles declararam ter visto o tal de Escobar voltar uma noite para casa com a camisa manchada de sangue. O judiciário Villaseñor confessou que nunca na vida tivera de interrogar três tipos que fedessem tanto. A merda, falou, era como uma segunda pele. Os três homens trabalhavam catando lixo no lixão clandestino de El Chile. Na casa onde moravam não só não havia chuveiro mas tampouco água corrente. Como caralho, se perguntou o judiciário Villaseñor, o tal de Escobar havia conseguido se tornar amante de María Elena? No final do interrogatório Villaseñor levou os três detidos para o pátio e lhes deu uma surra com um pedaço de mangueira. Depois obrigou-os a se despir, jogou-lhes um sabão e esguichou-os com a mangueira durante quinze minutos. Depois, enquanto vomitava, pensou que os dois atos não careciam de certa lógica. Como se um propiciasse o outro. A surra com o pedaço de mangueira verde. A água que saía da mangueira preta. Pensar aquilo o reconfortou. Com a descrição conjunta dos catadores de lixo foi feito um retrato falado do suposto assassino e se alertou as polícias de outras localidades. O caso, no entanto, não prosperou. O ex-marido e o namorado simplesmente desapareceram e nunca mais se soube deles.

* * *

Claro, um dia acabou o trabalho. Os marchands ou as galerias mudam. Os pintores mexicanos não. Eles são sempre pintores mexicanos, como os mariachis, digamos, mas os marchands um dia voam para as ilhas Cayman e as galerias fecham ou reduzem o salário de seus funcionários. Uma coisa assim deve ter acontecido com Kelly. Ela passou então a organizar desfiles de moda. Nos primeiros meses tudo correu bem. A moda é como a pintura, mais fácil porém. Roupas é mais barato, ninguém alimenta muitas ilusões ao adquirir um vestido, enfim, no começo correu bem, ela tinha experiência e amizades, as pessoas confiavam, se não nela, em seu gosto, os desfiles que Kelly organizou foram um sucesso. Mas

era má administradora de si mesma e de seus rendimentos, e sempre, que eu me lembre, estava sem dinheiro. Às vezes, seu ritmo de vida conseguia me tirar do sério e tínhamos umas brigas tremendas. Em mais de uma ocasião lhe apresentei homens solteiros ou divorciados que estariam dispostos a se casar com ela e a financiar seu ritmo de vida, mas Kelly nesse ponto era de uma independência irretocável. Não quero dizer com isso que fosse uma santa. De santa não tinha nada. Sei de homens (sei porque esses mesmos homens me contaram com lágrimas nos olhos) de quem arrancou o quanto pôde. Mas nunca sob um amparo legal. Se lhe davam o que ela pedia, que fosse porque era ela que pedia, Kelly Rivera Parker, e não porque se sentissem obrigados com a esposa ou com a mãe (se bem que a esta altura da vida Kelly já tinha decidido que não ia ter filhos) ou com a amante oficial. Havia alguma coisa em sua natureza que rechaçava qualquer noção de compromisso sentimental, embora esse viver constantemente sem compromissos a pusesse numa situação delicada, situação que Kelly, por sinal, jamais atribuía a suas atitudes mas sim às reviravoltas imprevisíveis do destino. Vivia, como Oscar Wilde, acima das suas possibilidades. O mais incrível de tudo é que isso nunca amargurava seu caráter. Bom, vez por outra sim, vez por outra eu a vi raivosa, colérica, mas esses arrebatamentos passavam ao fim de uns poucos minutos. Outra das suas qualidades, à qual eu sempre correspondi, era sua solidariedade com os amigos. Pensando bem, pode ser que não seja precisamente uma qualidade. Mas ela era assim, um amigo ou uma amiga eram uma coisa sagrada, e ela sempre ia estar ao lado de seus amigos. Por exemplo, quando entrei no PRI houve uma ligeira comoção doméstica, para dar um nome àquilo. Alguns jornalistas que me conheciam fazia anos pararam de falar comigo. Outros, os piores, continuaram falando mas sobretudo desandaram a falar mal pelas minhas costas. Este país de machões, como o senhor sabe, sempre foi cheio de bichonas. Senão, não se pode explicar a história do México. Mas Kelly sempre esteve do meu lado, nunca me pediu uma explicação, nunca fez um comentário a esse respeito. Os outros, o senhor sabe, disseram que entrei para ficar por cima. Claro que entrei para ficar por cima. Só que há formas e formas de estar por cima, e eu já tinha me cansado de pregar no deserto. Eu queria poder, isso eu não discuto. Queria ter as mãos livres para mudar algumas coisas neste país. Isso também eu não nego. Queria melhorar a saúde pública e o ensino público e contribuir com meu grãozinho de areia para preparar o México para a entrada no século XXI. Se isso é estar por cima, eu queria estar por cima. Claro, foi pouco o que consegui. Tive mais ilusões do que cabeça, seguramente, e não demorei a me dar conta do meu erro. A gente acredita que de dentro pode melhorar algumas coisas. Primeiro você tenta melhorar de fora, depois acredita que se estivesse dentro as possibilidades reais de mudança seriam maiores. Pelo menos, a gente acredita que de dentro vai ter mais liberdade de ação. Falso. Há coisas que não mudam nem de fora nem de dentro. Mas aqui vem a parte mais divertida. A parte mais incrível da história (e para mim dá na mesma que seja a história do nosso triste México ou da nossa triste América Latina). Aqui vem a parte in-crí-vel. Quando você comete erros de dentro, os erros perdem seu significado. Os erros deixam de ser erros. Os erros, as cabeçadas na parede, se transformam em virtudes políticas, em contingências políticas, em *presença* política, em pontos midiáticos a seu favor. Estar e errar é, na hora da verdade, que são todas as horas ou

pelo menos todas as horas a partir das oito *p. m.* até as cinco *a. m.*, uma atitude tão coerente como ficar na moita e esperar. Não importa que você não faça nada, não importa que meta os pés pelas mãos, o importante é que você esteja. Onde? Lá, ora bolas, lá onde tem de estar. Foi assim que eu deixei de ser conhecida e me tornei famosa. Era uma mulher atraente, não tinha papas na língua, os dinossauros do PRI riam com meus repentes, os tubarões do PRI me consideravam uma deles, a ala esquerda do partido comemorava de forma unânime meus extravasamentos. Eu não me dava conta nem da metade. A realidade é como um cafetão drogado. O senhor não acha?

A primeira conferência de Albert Kessler na Universidade de Santa Teresa foi um sucesso de público que poucos recordavam. Excetuando-se duas palestras dadas no lugar fazia anos, uma pelo candidato do PRI à presidência da nação, outra por um presidente eleito, nunca antes o anfiteatro universitário, com capacidade para mil e quinhentas pessoas, tinha lotado daquela maneira. Segundo as estimativas mais conservadoras, o público que foi ouvir Kessler superou largamente as três mil pessoas. Foi um acontecimento social, pois todo mundo que era alguém em Santa Teresa queria conhecê-lo, ser apresentado a tão ilustre visitante ou, pelo menos, vê-lo de perto, e também um acontecimento político, pois até os grupos mais recalcitrantes da oposição pareceram se acalmar ou optar por uma atitude mais discreta e menos barulhenta do que a mostrada até então, e inclusive as feministas e os grupos de parentes de mulheres e meninas desaparecidas resolveram esperar o milagre científico, o milagre da mente humana posta em ação por aquele Sherlock Holmes moderno.

A notícia com a declaração de Haas acusando os Uribe saiu nos seis jornais que enviaram seus correspondentes ao presídio de Santa Teresa. Cinco deles, antes de publicá-la, ouviram a polícia, que, como os grandes jornais do México, de forma expressa não deu a menor credibilidade a ela. Ligaram também para a casa dos Uribe e falaram com seus parentes, que disseram que Antonio e Daniel estavam viajando ou não moravam mais no México ou haviam transferido sua residência para o DF, onde estudavam em uma das de lá. A jornalista do *El Independiente de Phoenix*, Mary-Sue Bravo, conseguiu inclusive o endereço do pai de Daniel Uribe e tentou entrevistá-lo, mas todas as tentativas acabaram de forma infrutífera. Joaquín Uribe sempre tinha alguma coisa a fazer ou não se encontrava em Santa Teresa ou acabava de sair. Durante os dias que permaneceu em Santa Teresa, Mary-Sue Bravo se encontrou por acaso com o jornalista de *La Raza de Green Valley*, que havia sido o único jornal que cobriu a coletiva de Haas a não ouvir a polícia, arriscando-se dessa maneira a ser processado pela família Uribe e pelos organismos oficiais do estado de Sonora que se ocupavam do caso. Mary-Sue Bravo o avistou através das vidraças de um restaurante barato da colônia Madero, onde o jornalista do *La Raza* almoçava. Não estava sozinho, a seu lado havia um tipo parrudo que Mary-Sue acreditou ter pinta de polícia. De início, a jornalista do *El Independiente de Phoenix* não deu maior importância ao fato e seguiu caminho, mas

poucos metros depois teve um pressentimento e voltou. Encontrou o jornalista do *La Raza* sozinho, traçando uns *chilaquiles*. Cumprimentaram-se e ela perguntou se podia sentar. O jornalista do *La Raza* disse que era claro. Mary-Sue pediu uma coca-cola light e por um instante falaram de Haas e da fugidia família Uribe. Depois o jornalista do *La Raza* pagou sua conta e foi embora deixando Mary-Sue sozinha no restaurante cheio de caras que, igual ao jornalista, tinham pinta de boias-frias e emigrantes ilegais.

No dia 1º de dezembro foi encontrado o cadáver de uma jovem entre dezoito e vinte e dois anos no leito de um arroio seco, nos arredores de Casas Negras. O achado foi feito por Santiago Catalán, que estava caçando e estranhou a conduta que nesse momento, ao se aproximar do arroio, seus cachorros mostraram. De repente, conforme relatou a testemunha, os cachorros começaram a tremer, como se houvessem farejado um tigre ou um urso. Mas como aqui não tem tigres nem ursos, imaginei que tinham farejado o *fantasma* de um tigre ou de um urso. Conheço meus cachorros e sei que quando dão de tremer e gemer é por uma causa justificada. Então veio aquela curiosidade e, depois de dar uns chutes nos cachorros para que se comportassem como machos, me dirigi resolutamente para o arroio. Quando se meteu no leito seco, cuja profundidade não excedia cinquenta centímetros, Santiago Catalán não viu nada nem sentiu nenhum cheiro, e até os cachorros pareceram se acalmar. Mas ao chegar à primeira curva ouviu um ruído e os cachorros tornaram a latir e a tremer. Uma nuvem de moscas envolvia o cadáver. Santiago Catalán ficou tão impressionado que soltou os cachorros e disparou um tiro para o ar. As moscas se retiraram por um momento e ele pôde se dar conta de que o corpo era de uma mulher. Se lembrou também que por ali já haviam encontrado corpos de mulheres jovens assassinadas. Por uns segundos ficou com medo de que os assassinos continuassem no local e lamentou ter disparado. Depois, extremando as precauções, saiu do leito seco e observou o panorama a seu redor. Só cactos de variadas espécies e, ao longe, toda a gama da cor amarela se superpondo por placas. De volta a seu rancho, chamado El Jugador e situado nos arredores de Casas Negras, telefonou para a polícia e indicou o lugar exato do achado. Depois lavou a cara pensando na morta, mudou de camisa e antes de sair de novo mandou que um de seus empregados o acompanhasse. Quando a polícia chegou ao leito seco, Catalán ainda portava a espingarda e o cinturão com as munições. O cadáver estava de barriga para cima e só tinha a calça posta numa perna, na altura da canela. Viam-se quatro ferimentos de arma branca no abdome e três no peito, assim como uma lesão no pescoço. Era de tez morena, cabelos negros tingidos, caindo nos ombros. A poucos metros encontraram o calçado: tênis Converse preto com cadarços brancos. O resto da roupa tinha desaparecido. A polícia rastreou o leito em busca de pistas, mas não acharam ou não foram capazes de achar nada. Quatro meses depois, por puro acaso, conseguiu-se identificá-la. Tratava-se de Úrsula González Rojo, de vinte ou vinte e um anos, sem família, residente, nos últimos três anos, na cidade de Zacatecas. Fazia três dias que havia chegado a Santa Teresa quando foi sequestrada e em seguida assassinada. Esse último detalhe foi relatado por uma amiga de Zacatecas, para quem Úrsula telefonou. Dava para perceber que

estava feliz, disse, porque ia arrumar trabalho numa maquiladora. A identificação foi possível graças aos Converse e a uma pequena cicatriz nas costas em forma de raio.

* * *

A realidade é como um cafetão drogado no meio de uma tempestade com raios e trovões, disse a deputada. Ficou calada um instante, como se se dispusesse a escutar os trovões distantes. Depois pegou seu copo de tequila, que voltava a estar cheio, e disse: eu cada dia tinha mais trabalho, essa é a pura verdade. Ocupada a cada dia com jantares, viagens, reuniões, planejamentos que não levavam a lugar nenhum, salvo a causar meu cansaço infinito, cada dia com entrevistas, cada dia com desmentidos, aparições na tevê, amantes, caras com que eu trepava sei lá por quê, para manter viva a lenda, talvez, ou talvez porque me agradassem, ou talvez por que me convinha trepar com eles, uma vez só, isso sim, que provassem mas não se acostumassem, ou talvez simplesmente porque gosto de trepar quando e onde me der vontade, e eu não tinha tempo para nada, meus negócios nas mãos dos meus advogados, o patrimônio Esquivel Plata, que não minguava mais, não vou mentir, e sim crescia, nas mãos dos meus advogados, meu filho nas mãos dos seus professores, e eu com cada vez mais trabalho: problemas hidrográficos no estado de Michoacán, estradas em Querétaro, entrevistas, estátuas equestres, rede de esgoto, toda a merda de um bairro passando pelas minhas mãos. Por essa época, suponho, descuidei um pouco dos meus amigos. Kelly era a única que eu via. Assim que eu tinha um tempinho, ia à casa dela, um apartamento na colônia Condesa, e tratávamos de conversar. Mas a verdade é que eu chegava tão cansada que a comunicação era um problema. Ela me contava coisas, disso me lembro com clareza, me contava coisas da sua vida, em mais de uma ocasião me explicou algo e depois me pediu dinheiro, e o que eu fiz foi pegar meu talão de cheques e assinar um no valor que ela necessitava. Outras vezes eu adormecia em plena conversa. Outras vezes saíamos juntas para jantar e ríamos, mas eu quase sempre tinha a cabeça em outro lugar, pensava num problema ainda não resolvido, tinha dificuldade para acompanhar o fio da conversa. Kelly nunca me recriminou por isso. Cada vez que eu aparecia na televisão, por exemplo, no dia seguinte me mandava rosas com um bilhete dizendo como eu tinha me saído bem e quão orgulhosa se sentia de mim. Nunca deixou de me mandar um presente no dia do meu aniversário. Enfim, detalhes como esses. Claro, com o tempo eu me dei conta de algumas coisas. Os desfiles de moda que Kelly organizava iam se espaçando cada vez mais. A agência de modelos que ela tinha deixou de ser o que era, um lugar elegante e dinâmico, e se transformou num escritório meio obscuro e quase sempre fechado. Uma vez fui com Kelly à sua agência, e o abandono em que estava me impressionou. Perguntei o que acontecia. Olhou para mim sorrindo, com um dos seus típicos sorrisos despreocupados, e disse que as melhores modelos mexicanas preferiam assinar contrato com agências americanas e europeias. Era lá que estava o dinheiro. Quis saber o que acontecia com seu negócio. Kelly então abriu os braços e disse é isso aqui. Abraçava o escuro, a poeira, as cortinas abaixadas. Tive um tremor premonitório. Deve ter sido premonitório. Não sou uma mulher que

estremeça com qualquer coisa. Sentei numa poltrona e procurei raciocinar. O aluguel daquelas salas era alto e me pareceu que não valia a pena continuar pagando tanto por uma coisa moribunda. Kelly me disse que de vez em quando organizava desfiles de moda e nomeou lugares que me pareceram pitorescos, lugares inusitados ou impensáveis para desfiles de alta costura, se bem que imagino que de alta costura não tinham nada, depois disse que com o que ganhava dava para manter aberto o escritório. Também me explicou que agora organizava festas, não no DF, mas em capitais de província. Como é isso?, perguntei. É muito simples, respondeu Kelly, suponha um momento que você é uma fulana rica de Aguascalientes. Vai dar uma festa. Suponha que quer que essa festa seja uma grande festa. Quer dizer, uma festa que impressione seus amigos. O que faz uma festa ser memorável? O bufê de comidas, os garçons, a orquestra, enfim muitas coisas, mas há uma coisa sobretudo que faz a diferença. Sabe qual é? Os convidados, falei. Exatamente, os convidados. Se você é uma fulana de Aguascalientes, tem muito dinheiro e muita vontade de dar uma festa memorável, você entra em contato comigo. Eu supervisiono tudo, como se fosse um desfile de moda. Cuido da comida, dos empregados, da decoração, da música, mas sobretudo, e dependendo do dinheiro de que você disponha, me ocupo dos convidados. Se quiser que vá o galã da sua telenovela favorita, você fala comigo. Se quiser que vá um apresentador de televisão, você fala comigo. Digamos que eu me encarrego dos convidados famosos. Tudo depende do dinheiro. Levar um apresentador famoso a Aguascalientes talvez não seja possível. Mas se a festa for em Cuernavaca, talvez eu consiga fazê-lo aparecer por lá. Não digo que seja fácil nem que seja barato, mas posso tentar. Levar um galã de telenovela a Aguascalientes é possível, sim, mas também não sai barato. Se o galã não estiver em seu melhor momento, por exemplo, se não trabalhou no último ano e meio, a possibilidade de que apareça na sua festa é maior. E o preço não é excessivo. Qual é o meu trabalho? Convencê-los a ir. Primeiro telefone, vou tomar um café com eles, sondeo. Depois falo da festa. Digo que caso se deixem ver por lá, vai rolar um dinheirinho para eles. Chegando a esse ponto, geralmente passamos a pechinchar. Eu ofereço pouco. Eles pedem mais. Acertamos lentamente nossas posições. Dou o nome dos anfitriões. Digo que é gente importante, gente da província, mas gente importante. Faço-os repetir o nome da mulher e do marido várias vezes. Perguntam se eu vou estar lá. Claro que vou. Supervisionando tudo. Perguntam pelos hotéis de Aguascalientes, de Tampico, de Irapuato. Bons hotéis. Além do mais, todas as casas onde vamos têm um montão de quartos de hóspedes. No final chegamos a um acordo. No dia da festa apareço eu e dois ou três convidados famosos, e a festa é um sucesso. E isso dá dinheiro suficiente? Mais do que suficiente, disse Kelly, o único problema é que há temporadas de seca, ninguém quer ouvir falar de grandes festas, e como eu não sei guardar dinheiro, passo por apertos. Depois saímos, fomos não me lembro aonde, a uma festa, pode ser, ou ao cinema ou jantar com amigos, e não tornamos a falar no assunto. De qualquer modo, nunca a ouvi se queixar. Suponho que às vezes as coisas iam bem para ela, às vezes iam mal. Uma noite, porém, me ligou e disse que estava com um problema. Pensei que se tratava de dinheiro e disse que podia contar comigo. Mas não era dinheiro. Estou atolada num problema, disse. Está devendo dinheiro?, perguntei. Não, não é isso, respondeu. Eu

estava na cama, meio adormecida, e me pareceu que o timbre da sua voz era outro, era a voz de Kelly, claro, mas sua voz soava estranha, como se ela estivesse sozinha em sua agência de modelos, com as luzes apagadas, sentada numa cadeira sem saber o que dizer ou sem saber por onde começar. Acho que estou metida numa encrenca, falou. Se é uma encrenca com a polícia, disse a ela, diga onde está que eu vou te pegar agora mesmo. Disse que não era esse tipo de encrenca. Pelo amor de Deus, Kelly, fale claro ou me deixe dormir, pedi. Por uns segundos pareceu que tinha desligado ou que havia deixado o telefone em cima da cadeira e ido embora. Logo depois ouvi sua voz, como a voz de uma menina, que dizia não sei, não sei, várias vezes, e com a certeza de que esse não sei ela não dizia a mim mas a ela mesma. Perguntei então se estava bêbada ou drogada. De início não me respondeu, como se não tivesse ouvido, depois riu, não estava nem bêbada nem drogada, garantiu, talvez houvesse tomado um par de uísques com soda, nada mais. Depois se desculpou pelo telefonema intempestivo. Ia desligar. Espere, disse eu, alguma coisa está acontecendo com você, a mim você não engana. Tornou a rir. Não está acontecendo nada, falou. Desculpe, com os anos ficamos mais histéricas, disse, boa noite. Espere, não desligue, não desligue, disse eu. Está acontecendo alguma coisa, não minta para mim. Nunca menti, ela replicou. Houve um silêncio. Só quando éramos meninas, disse Kelly. Ah, é? Quando eu era menina, mentia para todo o mundo, não sempre, claro, mas mentia. Agora não minto mais.

Uma semana depois, folheando distraidamente *La Raza de Green Valley*, Mary-Sue Bravo ficou sabendo que o jornalista que havia coberto a célebre e, no fim das contas, decepcionante declaração de Haas havia desaparecido. Assim dizia seu próprio jornal, que por sinal era o único que reproduzia a notícia, uma notícia vaga e local, tão local que os únicos que pareciam interessados por ela eram os que dirigiam *La Raza*. De acordo com a notícia, Josué Hernández Mercado, era esse seu nome, tinha desaparecido havia cinco dias. Era encarregado de escrever sobre os assassinatos de mulheres em Santa Teresa. Tinha trinta e dois anos, vivia sozinho, em Sonoita, numa casa modesta. Havia nascido na Cidade do México, mas desde os quinze anos vivia nos Estados Unidos e havia se naturalizado cidadão americano. Tinha dois livros de poesia publicados, ambos em espanhol, por uma pequena editora de Hermosillo, provavelmente pagos por ele mesmo, e duas peças de teatro, escritas em chicano ou spanglish e publicadas numa revista texana, *La Windowa*, em cujo revolto seio se abrigava um grupo imprevisível de escritores que escreviam nessa neolíngua. Como jornalista do *La Raza* havia publicado uma longa série de trabalhos sobre os boias-frias da região, um ofício que conhecia por seus pais e que ele próprio havia exercido. Sua formação era autodidata e heroica, terminava dizendo a notícia, que mais do que notícia, pensou Mary-Sue, parecia um obituário.

No dia 3 de dezembro é encontrado o corpo de outra mulher jogada num terreno baldio da colônia Maytorena, perto da estrada de Pueblo Azul. Está vestida e sem sinais de violência

externa. Posteriormente é identificada como Juana Marín Lozada. Segundo o legista, a causa da morte foi fratura de vértebras cervicais. Ou o que é a mesma coisa: alguém lhe quebrou o pescoço. Encarregam do caso o policial judiciário Luis Villaseñor, que como primeira medida interroga o marido, depois o detém como suposto homicida. Juana Marín morava na colônia Centeno, um bairro de classe média, e trabalhava numa loja especializada em computadores. De acordo com o relatório de Villaseñor, provavelmente a mataram numa casa, sem excluir o próprio domicílio dela, depois a atiraram no terreno baldio da colônia Maytorena. Não se sabe se foi violentada, se bem que após o esfregaço vaginal tenham sido encontrados sinais de que havia mantido relações sexuais nas últimas vinte e quatro horas. De acordo com o relatório de Villaseñor, Juana Marín mantinha supostamente relações extraconjugais com um professor de computação de uma escola próxima da loja em que trabalhava. Outra versão dizia que o amante era alguém que trabalhava no canal de televisão da Universidade de Santa Teresa. O marido ficou detido por duas semanas, depois foi libertado por falta de provas. O caso ficou sem solução.

Três meses depois, Kelly desapareceu em Santa Teresa, Sonora. Desde o telefonema eu não havia tornado a vê-la. Sua sócia ligou para mim, uma mulher jovem e feia que a adorava e que após muitos esforços conseguiu entrar em contato comigo. Ela me disse que Kelly teria de ter voltado de Santa Teresa duas semanas antes e que não voltara. Perguntei se havia tentado entrar em contato com ela. Disse que seu celular havia pifado. Toca, toca, toca, e ninguém atende, falou. Eu achava que Kelly era capaz de embarcar numa relação sentimental e desaparecer por uns dias, de fato tinha feito isso uma ou outra vez, mas não a achava capaz de não telefonar para a sócia, nem que fosse para lhe indicar como tocar o negócio durante o período que planejava se ausentar. Perguntei se tinha entrado em contato com as pessoas para quem ela trabalhava em Santa Teresa. Respondeu afirmativamente. Segundo a pessoa que a contratou, Kelly foi para o aeroporto um dia depois da festa, para pegar o voo Santa Teresa-Hermosillo, onde contava pegar outro avião para o DF. Quando foi isso?, perguntei. Faz duas semanas, disse ela. Imaginei-a chorosa, agarrada ao telefone, bem-vestida mas sem graça, com a maquiagem escorrendo, depois pensei que era a primeira vez que ela me telefonava, que era a primeira vez que falávamos dessa maneira e me preocupei. Ligou para os hospitais de Santa Teresa ou para a polícia?, perguntei. Disse que sim e que ninguém sabia de nada. Saiu do rancho em direção ao aeroporto e desapareceu, simplesmente evaporou no ar, disse com uma voz estridente. Do rancho? A festa foi num rancho, disse ela. Quer dizer que tiveram de levá-la, alguém a deixou no aeroporto. Não, disse ela. Kelly tinha alugado um carro. E o carro onde está? Foi encontrado no estacionamento do aeroporto, disse ela. Quer dizer que chegou ao aeroporto, disse eu. Mas não pegou o avião, disse ela. Perguntei o nome das pessoas que a tinham contratado. Ela disse que a família Salazar Crespo e me passou um telefone. Vou ver o que posso averiguar, falei. Na realidade, eu acreditava que Kelly não tardaria a reaparecer. Provavelmente estava metida numa aventura sentimental e, do jeito que a coisa se desenrolava, com certeza quase

total era com um homem casado. Imaginei-a em Los Angeles ou São Francisco, duas cidades perfeitas para amantes que querem passar bons momentos sem chamar a atenção. De modo que procurei encarar a coisa com calma e esperar. Passada uma semana, no entanto, a sócia voltou a ligar e me disse que continuava sem saber nada da minha amiga. Falou de um ou dois contratos perdidos, de que não sabia o que fazer, numa palavra, o que ela queria me dizer era que se sentia sozinha. Imaginei-a mais desnorteada que nunca, dando voltas por aquele escritório escuro, e senti um tremor. Perguntei que notícias tinha de Santa Teresa. Havia falado com a polícia, mas a polícia não sabia de nada ou não queria lhe dizer nada. Simplesmente evaporou, disse. Naquela tarde, do meu escritório, liguei para um amigo de confiança, que por um tempo trabalhou para mim, e expus o caso. Ele me disse que o melhor era conversar pessoalmente e marcamos encontro no El Rostro Pálido, uma cafeteria da moda, não sei mais se existe, se ainda existe ou já fechou, as modas no México, o senhor sabe, se desvanecem ou se escondem como as pessoas e ninguém sente falta delas. Expliquei ao meu amigo o caso de Kelly. Ele me fez algumas perguntas. Anotou o nome de Salazar Crespo num caderninho e me disse que naquela noite me ligaria. Quando nos despedimos e eu entrei no carro, pensei que outra pessoa já estaria ou começaria a ficar assustada, mas eu a única coisa que sentia, cada vez mais, era ira, uma raiva imensa, toda a raiva que os Esquivel Plata haviam acumulado desde havia décadas ou séculos, e que se instalava de repente no meu sistema nervoso, e também pensei, com raiva e com arrependimento, que essa ira ou essa raiva devia ter se instalado antes e não sido propulsada, não sei se é essa a palavra, não sido propiciada por uma amizade particular, ainda que essa amizade particular sem dúvida ia muito além do próprio conceito de amizade particular, mas sim por tantas outras coisas que eu havia visto desde que tinha o uso da razão, mas que nada, que nada, que nada, esta merda de vida é assim, eu me disse chorando e rangendo os dentes. Naquela noite, por volta das onze, meu amigo ligou e a primeira coisa que disse foi perguntar se meu telefone era seguro. Mau sinal, más notícias, pensei no ato. Minha atitude, de qualquer modo, voltava a ser fria como o gelo. Disse que o telefone era completamente seguro. Meu amigo me disse então que o nome que eu tinha lhe passado (evitou pronunciá-lo) pertencia a um banqueiro que, segundo suas informações, lavava dinheiro para o cartel de Santa Teresa, o que significa dizer para o cartel de Sonora. Sei, disse eu. Disse em seguida que tal banqueiro de fato possuía não apenas um rancho nos arredores da cidade, mas vários ranchos, no entanto segundo suas informações em nenhum deles tinham dado uma festa nos dias em que minha amiga esteve por lá. Quer dizer, não deram nenhuma festa pública, falou, com fotógrafos de coluna social, essas coisas. Entende? Sim, falei. Depois disse que o referido banqueiro, até onde ele sabia e seus informantes confirmaram, tinha boas relações com o partido. Tão boas quanto?, perguntei. De estima e consideração, sussurrou. Até que ponto?, insisti. Profundas, muito profundas, disse meu amigo. Nos demos boa-noite e eu fiquei pensando. Profundas queria dizer remotas no tempo, na linguagem cifrada que utilizávamos, remotas no tempo, remotíssimas, quer dizer, de milhões de anos atrás, quer dizer, com os dinossauros. E quem eram os dinossauros do PRI?, pensei. Vários nomes me vieram à cabeça. Dois deles, lembrei, eram do norte ou tinham negócios lá. Eu não conhecia nenhum deles pessoalmente. Por um

instante estive pensando num amigo comum. Mas não queria meter nenhum amigo em nenhuma encrenca. A noite, eu me lembro como se tivesse sido há dois dias, e não anos atrás, estava fechada, sem estrelas, sem lua, e a casa, esta casa, estava silenciosa e não se ouvia nem mesmo as aves noturnas que vivem no jardim, mas eu sabia que meu guarda-costas estava ali por perto, acordado, talvez jogando dominó com meu motorista, e que se tocasse a campainha uma das minhas empregadas não demoraria a aparecer. No dia seguinte, na primeira hora, depois de passar a noite sem dormir, peguei um avião para Hermosillo e de lá outro para Santa Teresa. Quando anunciaram ao presidente municipal, o doutor José Refugio de las Heras, que a deputada Esquivel Plata estava à sua espera, ele suspendeu todos os assuntos que tinha em mãos e não demorou a aparecer. Provavelmente tínhamos nos visto alguma vez. De qualquer modo, eu não me lembrava dele. Quando o vi, sorridente e obsequioso como um cachorrinho, me deu vontade de esbofeteá-lo mas me contive. Um desses cachorros que se mantêm de pé nas patas traseiras, não sei se me explico. Perfeitamente, disse Sergio. Depois ele me perguntou se já tinha tomado meu café da manhã. Respondi que não. Mandou trazer um café da manhã sonorenses, um típico desjejum da fronteira, e enquanto esperávamos, dois funcionários vestidos de garçom se encarregaram de preparar uma mesa junto à janela da sua sala. Dali se via a praça velha de Santa Teresa e as pessoas que iam de um lado para o outro por motivos de trabalho ou para matar o tempo. Me pareceu um lugar horroroso, apesar da luz, que parecia dourada, de um dourado levíssimo de manhã e de um dourado intenso e espesso de tarde, como se o ar, ao crepúsculo, caminhasse preñado da poeira do deserto. Antes de começar a comer disse a ele que estava ali por causa de Kelly Rivera. Disse que ela havia desaparecido e que queria que a encontrassem. O prefeito chamou seu secretário, que se pôs a tomar notas. Como se chama a sua amiga, deputada? Kelly Rivera Parker. E mais perguntas: o dia que desapareceu, o motivo da sua estada em Santa Teresa, idade, profissão, e o secretário anotava tudo o que eu ia dizendo, e quando acabei de responder às suas perguntas o presidente municipal mandou que fosse correndo chamar o chefe dos policiais judiciários, um tal de Ortiz Rebolledo, e que o trouxesse de imediato à prefeitura. Não falei nada sobre Salazar Crespo. Queria ver o que acontecia. O doutor e eu nos pusemos a comer ovos *a la ranchera*.

Mary-Sue Bravo pediu a seu chefe de redação que a deixasse investigar o desaparecimento do jornalista do *La Raza*. O chefe de redação respondeu que provavelmente Hernández Mercado tinha pirado de vez e que era possível que agora estivesse vagando pelo parque estadual de Tubac ou pelo parque estadual de Patagonia Lake, comendo frutinhas silvestres e falando sozinho. Não tem fruta silvestre nesses parques, replicou Mary-Sue. Então babando e falando sozinho, respondeu o chefe de redação, mas acabou encarregando-a de cobrir a notícia. Primeiro ela foi a Green Valley, à redação do *La Raza*, e falou com o diretor do jornal, outro cara com pinta de boia-fria, e com o jornalista que havia escrito sobre o desaparecimento de Hernández Mercado, um rapaz de dezoito anos, talvez dezessete, que levava muito a sério o trabalho de jornalista. Depois foi a Sonoita em companhia do rapaz, e

esteve na casa de Hernández Mercado, o rapaz abriu para ela com uma chave que dissera ficar guardada na redação do *La Raza*, se bem que Mary-Sue teve a impressão de ser uma gazua, e no escritório do xerife. Este lhe disse que Hernández Mercado provavelmente se encontrava agora na Califórnia. Mary-Sue quis saber por que ele pensava assim. O xerife disse que o jornalista tinha muitas dívidas (por exemplo, devia seis meses de aluguel e o dono da casa pensava despejá-lo) e o que ganhava trabalhando no jornal mal dava para comer. O rapaz confirmou, a contragosto, as palavras do xerife: no *La Raza* pagavam pouco porque era um jornal do povo, disse. O xerife riu. Mary-Sue quis saber se Hernández tinha carro. O xerife disse que não, que quando tinha de sair de Sonoita ia de ônibus. O xerife era um tipo agradável e acompanhou-a ao ponto de ônibus, onde perguntaram por Hernández, mas a informação obtida foi caótica e imprestável. No dia do seu desaparecimento, segundo o velho que vendia as passagens, o motorista e as poucas pessoas que viajavam diariamente, Hernández podia ter pegado o ônibus como podia não ter. Antes de partir de Sonoita, Mary-Sue quis ver mais uma vez a casa do jornalista. Tudo estava no lugar, não se viam marcas de violência, o pó se acumulava nos escassos móveis. Mary-Sue perguntou ao xerife se tinha ligado o micro de Hernández. O xerife respondeu que não. Mary-Sue ligou e pôs-se a procurar, ao acaso, os arquivos do jornalista e poeta do *La Raza de Green Valley*. Não encontrou nada interessante. Um romance iniciado, aparentemente de mistério, escrito em spanglish. Artigos publicados. Retratos da vida diária dos colonos e peões dos ranchos do sul do Arizona. Os artigos sobre Haas, quase todos de caráter sensacionalista. E pouca coisa mais.

No dia 10 de dezembro uns empregados do rancho La Perdición informaram a polícia do achado de uma ossada nas terras situadas nos limites do rancho, na altura do quilômetro vinte e quatro da estrada de Casas Negras. De início acreditaram se tratar de um animal, mas ao encontrar a caveira se deram conta do erro. Segundo o laudo médico-legal, tratava-se de uma mulher, e as causas da morte, devido ao tempo transcorrido, não puderam ser determinadas. A uns três metros do corpo foi encontrada uma calça de malha e um par de tênis.

* * *

Ao todo passei duas noites em Santa Teresa, dormindo no Hotel México, e embora todo mundo se mostrasse disposto a atender ao meu mais insignificante capricho, na realidade não avançamos nada. O tal de Ortiz Rebolledo parecia um catador de cocos. O doutor José Refugio de las Heras parecia da outra facção. O subprocurador tinha cara de ai-que-saco. Todos incorreram em mentiras e incoerências. Por ora, me asseguraram que ninguém havia denunciado o desaparecimento de Kelly, mas eu sabia que sua sócia tinha feito isso. O nome de Salazar Crespo não veio à baila uma só vez. Ninguém me falou dos desaparecimentos de mulheres, que já eram de domínio público, nem muito menos relacionou Kelly com esses lamentáveis casos. Na noite antes de partir liguei para os três jornais locais e anunciei que ia

dar uma coletiva no meu hotel. Nela contei o caso de Kelly, que depois saiu na imprensa nacional, e disse que como política e feminista, além de amiga, não ia sossegar enquanto não descobrisse a verdade. Comigo mesma pensava: não sabem com quem se meteram, seu bando de cagões, vou fazer vocês mijarem nas calças. Naquela noite, depois da minha coletiva, me tranquei no quarto do hotel para dar uma série de telefonemas. Falei com os deputados do PRI, amigos de confiança, que me disseram que eu contava com o apoio deles para o que desse e viesse. Claro que eu não esperava outra coisa. Depois liguei para a sócia de Kelly e disse a ela que estava em Santa Teresa. A pobre coitada, tão feia, tão rematadamente feia, desatou a chorar e, não sei por quê, me agradeceu. Depois liguei para casa e perguntei se alguém tinha ligado naqueles dias. Rosita me leu a lista de telefonemas. Nada fora do comum. Tudo ia como sempre. Tentei dormir, não consegui. Fiquei um bom tempo espiando pela janela os edifícios escuros da cidade, os jardins, as avenidas pelas quais mal passava de quando em quando um carro último tipo. Dei voltas pelo quarto. Notei que tinha dois espelhos. Num extremo e no outro, junto da porta e que não refletiam um ao outro. Mas se você adotava determinada postura, então sim um espelho parecia ser o espelho do outro. Quem não aparecia era eu. Que curioso, eu me disse, e por um instante, enquanto esperava o sono fiquei conferindo e ensaiando poses. Assim até alcançar as cinco da manhã. Quanto mais eu estudava os espelhos, mais inquieta me sentia. Compreendi que àquela hora era ridículo me deitar. Tomei uma chuveirada, mudei de roupa, fiz a mala. Quando deram as seis desci para tomar o café da manhã no restaurante, que naquela hora ainda estava fechado. Mas um dos empregados do hotel foi para a cozinha e me preparou uma laranjada e um café bem forte. Tentei comer, mas não consegui. Às sete um táxi me levou para o aeroporto. Ao passar por uns bairros da cidade pensei em Kelly, no que Kelly havia pensado ao ver a mesma coisa que eu via agora, e então soube que voltaria. A primeira coisa que fiz ao regressar ao DF foi ir ver um amigo que havia trabalhado na Procuradoria Geral de Justiça do Distrito Federal e lhe pedi que me recomendasse um bom detetive, um homem acima de qualquer suspeita, um tipo que fosse como tem que ser. Meu amigo me perguntou qual era o problema. Contei. Me recomendou Luis Miguel Loya, que havia trabalhado na Procuradoria Geral da República. Por que não continua lá?, perguntei. Porque ganha mais na iniciativa privada, disse meu amigo. Fiquei pensando que meu amigo não tinha me contado tudo o que precisava me contar, porque desde quando a iniciativa privada e o serviço público são incompatíveis no México? Mas me limitei a agradecer e fiz uma visita ao tal Loya. Este, claro, tinha sido avisado por meu amigo e me esperava. Loya era um tipo estranho. Mais para o baixote, porém com pinta de boxeador, sem um grama de gordura, apesar de que, quando o conheci, devia ter mais de cinquenta anos. Bons modos, bem-vestido, o escritório era grande e trabalhavam para ele pelo menos umas dez pessoas, entre secretárias e sujeitos com pinta de espancadores profissionais. Tornei a contar a história de Kelly, falei do banqueiro Salazar Crespo, de sua ligação com os traficantes, da atitude das autoridades de Santa Teresa. Não me fez perguntas cretinas. Não tomou notas. Nem mesmo quando me perguntou em que telefone podia me encontrar. Suponho que estivesse gravando tudo. Quando fui embora, ao me estender a mão disse que em três dias daria notícias. Recendia a uma loção pós-barba ou a

uma água-de-colônia que eu não conhecia. Uma mistura de alecrim com lavanda, com um leve aroma de fundo, mas muito leve, de café importado. Me acompanhou até a porta. Três dias. Quando me disse isso me pareceu muito pouco tempo. Vivê-los, esperar que transcorram pode se converter numa eternidade. Voltei, desanimada, para o meu trabalho. No segundo dia de espera recebi a visita de um grupo de feministas para as quais minha atitude após o desaparecimento de Kelly havia parecido digna e coerente numa mulher. Eram três e, pelo que pude entender, seu grupo não era muito numeroso. De bom grado eu as teria posto para correr do meu escritório a tapa, mas provavelmente estava deprimida, sem saber com clareza o que tinha de fazer, e as convidei a ficar um pouco comigo. Se não falávamos de política, elas até podiam ser simpáticas. Uma delas, aliás, havia estudado no mesmo colégio de freiras que Kelly e eu estudamos, e embora fôssemos dois anos mas adiantadas, tínhamos recordações comuns. Tomamos chá, falamos de homens, dos nossos respectivos trabalhos, as três eram professoras universitárias e duas delas eram divorciadas, me perguntaram por que eu nunca tinha casado, eu ri, porque no fundo, confessei, sou mais feminista do que qualquer uma. No terceiro dia Loya me telefonou às dez da noite. Disse que já tinha preparado um primeiro relatório e que se eu quisesse podia me mostrar já. É tarde, falei. Onde o senhor está? No meu carro, respondeu Loya, a senhora não precisa sair, vou à sua casa. O dossiê de Loya tinha dez páginas. Seu trabalho havia consistido em fazer um levantamento detalhado das atividades profissionais de Kelly. Apareciam alguns nomes, gente do DF, festas em Acapulco, Mazatlán, Oaxaca. Segundo Loya, a maioria das encomendas de Kelly podiam ser consideradas, sem mais, como prostituição encoberta. Prostituição de altas esferas. Suas modelos eram putas, as festas que organizava eram só para homens, inclusive sua comissão se assemelhava à de uma cafetina de luxo. Disse a ele que não podia acreditar. Joguei-lhe os papéis na cara. Loya se inclinou, recolheu os papéis no chão e tornou a me entregar. Leia por inteiro, falou. Continuei lendo. Merda, merda pura. Até que apareceu o nome de Salazar Crespo. Segundo Loya, Kelly já tinha trabalhado outras vezes para Salazar Crespo, ao todo quatro vezes. Li também que entre 1990 e 1994 Kelly havia viajado pelo menos dez vezes de avião a Hermosillo e que, dessas dez vezes, em sete ocasiões havia pegado outro avião para Santa Teresa. Os encontros com Salazar Crespo estavam indicados no item “organização de festas”. A julgar pelos voos de Hermosillo ao DF nunca passou mais de duas noites em Santa Teresa. A quantidade de modelos que levava para essa cidade era variável. No começo, em 1990 ou 91, chegou a ir com quatro ou cinco. Depois só ia com duas e nas últimas viagens foi sozinha. Talvez então realmente organizasse festas. Outro nome aparecia junto ao de Salazar Crespo. Um tal de Conrado Padilla, empresário sonorenses com interesses em algumas maquiladoras, em algumas empresas de transporte e no matadouro de Santa Teresa. Para esse Conrado Padilla ela havia trabalhado em três ocasiões, segundo Loya. Perguntei quem era Conrado Padilla. Loya deu de ombros e me disse que era um sujeito com muito dinheiro, quer dizer um sujeito exposto a todos os perigos, a todas as desgraças. Perguntei se ele tinha estado em Santa Teresa. Não, respondeu. Perguntei se ele tinha enviado algum empregado seu. Não, respondeu. Disse a ele que fosse a Santa Teresa, que eu o queria ver lá, no miolo do caso, e que continuasse investigando. Ele

pareceu pensar por um instante na minha proposta, ou antes, pareceu buscar as palavras que precisava me dizer. Por fim falou que não queria que eu perdesse nem meu dinheiro nem meu tempo. Que, tal como ele enxergava a coisa, o caso estava encerrado. Quer dizer que acha que Kelly está morta?, gritei. Mais ou menos, respondeu sem perder um pinga da compostura. Como assim mais ou menos?, gritei. Ou alguém está morto ou não está morto, porra! No México alguém pode estar mais ou menos morto, ele me respondeu com toda seriedade. Olhei para ele com vontade de lhe dar uma bofetada. Que tipo mais frio e reservado esse. Não, falei quase separando as sílabas, nem no México nem em nenhum outro lugar do mundo alguém pode estar mais ou menos morto. Pare de falar como se fosse um guia de turismo. Ou minha amiga está viva, e então quero que a encontre, ou minha amiga está morta, e então quero seus assassinos. Loya sorriu. Está rindo de quê?, perguntei. Achei graça do guia de turismo, falou. Estou farta dos mexicanos que falam e se comportam como se tudo isso fosse *Pedro Páramo*, falei. É que talvez seja mesmo, disse Loya. Não, não é, posso garantir, disse eu. Por um instante Loya permaneceu em silêncio, sentado com as pernas cruzadas, com muita dignidade, pensando no que acabava de dizer. Posso levar meses, anos até, disse Loya finalmente. E além do mais, acrescentou depois, não creio que me deixem fazer o trabalho. Quem? Sua própria gente, deputada, seus próprios companheiros de partido. Vou lhe dar cobertura, vou respaldar o senhor a cada momento, falei. A senhora parece se superestimar, disse Loya. Porra, claro que me superestimo, senão eu não estaria onde estou, falei. Loya tornou a ficar em silêncio. Por um instante pensei que ele havia adormecido, mas estava com os olhos bem abertos. Se o senhor não fizer o trabalho, arranjurei outro, disse sem olhar para ele. Após um instante ele se levantou. Acompanhei-o até a porta. Vai trabalhar para mim? Vou ver o que posso fazer, mas não prometo nada, respondeu, e se perdeu pelo caminho que leva à rua, onde estavam meu guarda-costas e meu motorista desafiando-se num jogo de palavras pornográfico, como dois zumbis.

Uma noite Mary-Sue Bravo sonhou que uma mulher estava sentada aos pés da sua cama. Sentiu o peso de um corpo afundando o colchão, mas quando se esticou não tocou em nada. Naquela noite, antes de ir para a cama, havia lido na internet algumas notícias sobre os Uribe. Uma delas, assinada por um jornalista de um conhecido diário do DF, dizia que Antonio Uribe estava efetivamente desaparecido. Seu primo Daniel Uribe se encontrava, ao que parece, em Tucson, o jornalista tinha falado com ele por telefone. Segundo Daniel Uribe, toda a informação dada por Haas era uma sucessão de embustes facilmente rebatíveis. Sobre o paradeiro de Antonio, no entanto, não dava nenhum detalhe ou os detalhes que o jornalista arrancou eram ambíguos, inexatos, dilatatórios. Quando Mary-Sue acordou, a sensação de que havia outra mulher no quarto não desapareceu enquanto ela não se levantou da cama e tomou um copo d'água na cozinha. No dia seguinte ligou para a advogada de Haas. Não sabia muito bem o que queria perguntar, o que queria ouvir, mas a necessidade de escutar sua voz se impôs a qualquer imperativo lógico. Depois de se identificar perguntou como estava seu cliente. Isabel Santolaya disse que do mesmo jeito que nos últimos meses.

Perguntou se tinha lido as declarações de Daniel Uribe. A advogada disse que sim. Vou tentar entrevistá-lo, disse Mary-Sue. Tem alguma coisa que gostaria que eu perguntasse a ele? Não, nada, respondeu a advogada. Pareceu a Mary-Sue que a advogada falava como falam as pessoas submetidas a um transe hipnótico. Depois, sem quê nem por quê, perguntou como ia a sua vida. Minha vida não tem importância, respondeu a advogada. O tom com que disse isso foi igual ao que empregaria uma mulher arrogante se dirigindo a uma adolescente intrometida.

No dia 15 de dezembro, Esther Perea Peña, de vinte e quatro anos, foi morta por um tiro no salão de baile Los Lobos. A vítima estava sentada numa mesa em companhia de três amigas. Numa das mesas vizinhas um sujeito bem-apegoado, de terno preto e camisa branca, sacou uma arma e começou a manipulá-la. Era uma pistola Smith&Wesson modelo 5906 com carregador de quinze tiros. Segundo testemunhas, o mesmo sujeito havia tirado Esther e uma das suas amigas para dançar, o que havia transcorrido num clima de distensão e cordialidade. As duas acompanhantes do sujeito da pistola, segundo a versão das testemunhas, pediram que guardasse a arma. O sujeito não deu bola. Ao que parece queria impressionar alguém, presumivelmente a própria vítima ou a amiga da vítima com a qual havia dançado antes. Segundo outras testemunhas, o sujeito disse ser policial judiciário, lotado na brigada de narcóticos. Pinta de judiciário ele tinha mesmo. Em determinado momento, enquanto manipulava a arma, a bala que estava na câmara partiu e feriu Esther mortalmente. Quando a ambulância chegou a jovem tinha morrido e o agressor desaparecera. O judiciário Ortiz Rebolledo encarregou-se pessoalmente do caso e na manhã seguinte pôde informar a imprensa que a polícia tinha encontrado o corpo de um homem (cujas roupas e características físicas coincidiam com as do assassino de Esther) jogado nos antigos terrenos de esporte da Pemex, com uma Smith&Wesson igualzinha à do assassino de Esther e com um tiro na têmpora direita. Ele se chamava Francisco López Ríos e tinha uma vasta ficha de ladrão de automóveis. Mas não era um assassino nato e matar alguém, ainda que de forma accidental, devo tê-lo alterado bastante. O sujeito se suicidou, disse Ortiz Rebolledo. Caso encerrado. Mais tarde Lalo Cura comentaria com Epifanio que era estranho não ter sido feito o reconhecimento do cadáver. E também era estranho não terem aparecido os acompanhantes do homicida. E que também era estranho que a Smith&Wesson, recolhida aos depósitos da polícia, houvesse desaparecido. E que o mais estranho de tudo era um ladrão de carros se suicidar. O senhor conheceu esse Francisco López Ríos?, Epifanio lhe perguntou. Eu o vi uma vez e não diria que era um tipo atraente, disse Lalo Cura. Não, parecia muito mais um rato. Tudo é estranho, disse Epifanio.

* * *

Durante dois anos tive Loya trabalhando no caso. Durante dois anos tive tempo para forjar uma imagem que pouco a pouco foi se firmando nos meios de comunicação: a da mulher

sensibilizada contra a violência, a da mulher que representava a mudança no seio do partido, não só uma mudança geracional mas também uma mudança de atitude, uma visão aberta e não dogmática da realidade mexicana. Na realidade, eu só ardia de rancor pelo desaparecimento de Kelly, pela piada macabra de que havia sido objeto. Cada vez me importava menos a consideração que podia alcançar naquilo que chamamos de público, os eleitores, que no fundo eu não via ou, se via, de forma acidental ou episódica, eu desprezava. À medida que conhecia outros casos, no entanto, à medida que ouvia outras vozes, minha raiva foi adquirindo uma estatura, digamos, de massa, minha raiva se tornou coletiva ou expressão de algo coletivo, minha raiva, quando se deixava contemplar, via a si mesma como o braço vingador de milhares de vítimas. Sinceramente, acho que eu estava enlouquecendo. Aquelas vozes que eu escutava (vazes, nunca rostos nem vultos) provinham do deserto. No deserto eu vagava com uma faca na mão. Na lâmina da faca meu rosto se refletia. Tinha cabelos brancos e as maçãs do rosto chupadas e cobertas por pequenas cicatrizes. Cada cicatriz era uma pequena história que eu me esforçava em vão por recordar. Terminei tomando calmantes. A cada três meses eu me encontrava com Loya. Por expresso desejo dele nunca ia vê-lo em seu escritório. Às vezes me ligava ou eu ligava para ele, num telefone seguro, e nunca dizíamos grande coisa quando nos telefonávamos, porque não há nada, dizia Loya, cem por cento seguro. Graças aos relatórios de Loya fui construindo um mapa ou montando um puzzle do lugar onde Kelly havia desaparecido. Soube assim que as festas que o banqueiro Salazar Crespo dava eram na realidade orgias e que Kelly presumivelmente era a orquestradora dessas orgias. Loya havia falado com uma modelo que trabalhou para Kelly durante uns meses e que agora vivia em San Diego. Essa modelo disse que Salazar Crespo dava as festas indistintamente em dois ranchos de sua propriedade, ranchos improdutivos, pedaços de terra que os ricos comprem e que não exploram nem com gado nem com agricultura. É simplesmente uma extensão de terra tendo no meio uma casa grande, com um salão amplo e muitos quartos, às vezes, mas não sempre, uma piscina, na realidade não são lugares cômodos, não há um gosto feminino nessas propriedades. No norte são chamadas de narcorranchos, porque muitos narcotraficantes têm ranchos desse tipo, mais do que ranchos, fortalezas no meio do deserto, algumas até com torres de vigilância onde instalam seus atiradores de elite. No máximo, deixam um empregado, sem chaves para entrar na casa principal, encarregado de nada, de vagar por uns pedregais improdutivos, encarregado de vigiar para que não se instale por ali uma matilha de cachorros selvagens. Esses pobres homens só têm um telefone celular e vagas instruções que pouco a pouco vão esquecendo. Segundo Loya, não é estranho que às vezes um deles morra e ninguém fique sabendo, ou que simplesmente desapareça, atraído pelo Simurg do deserto. Depois, de repente, o narcorrancho volta à vida. Primeiro chegam uns empregados subalternos, vamos dizer três ou quatro, a bordo de uma Kombi, e preparam num dia a casa grande. Depois chegam os guarda-costas, os saradões, em suas Suburbans pretas ou em seus Spirit ou Peregrinos, e a primeira coisa que fazem ao chegar, além de se pavonear, é traçar um perímetro de segurança. Finalmente aparece o dono e seus homens de confiança. Mercedes Benz ou Porsches blindados serpeando em meio ao recato do deserto. De noite as luzes se apagam. É

possível ver carros de todo tipo, até Lincoln Continental e velhos Cadillacs de colecionador que levam e pegam gente no rancho. Trackers carregados de carne, os doces que chegam em Chevys Astra. E músicas e gritos a noite toda. Eram essas as festas que, conforme me disse Loya, Kelly contribuía para organizar em suas viagens ao norte. Segundo Loya, a princípio Kelly levava modelos dispostas a ganhar dinheiro em pouco tempo. A moça que vivia em San Diego tinha contado que nunca eram mais de três. Nas festas havia outras mulheres, mulheres que Kelly em princípio não conhecia, mocinhas, mais moças que as modelos, que Kelly vestia adequadamente para as festas. Putinhas de Santa Teresa, suponho. O que acontecia naquelas noites? O de costume. Os homens enchiam a cara ou se drogavam, viam partidas de futebol ou de beisebol gravadas em vídeo, jogavam cartas, saíam ao pátio para fazer tiro ao alvo, falavam de negócios. Ninguém nunca fez um filme pornográfico ou pelo menos foi o que a garota de San Diego garantiu a Loya. Às vezes, num quarto, os convidados viam filmes pornográficos, a modelo tinha entrado uma vez, por engano, e viu o de sempre, tipos hieráticos com as caras iluminadas pelo brilho do vídeo pornô. É sempre assim. Digo: hieráticos, como se ver um filme de gente trepando transformasse os espectadores em estátuas. Mas ninguém, segundo a modelo, nem filmou nem gravou nos narcorranchos um filme desse tipo. Às vezes alguns convidados se punham a cantar *rancheras* e *corridos*. Às vezes, esses convidados saíam ao pátio e percorriam o rancho como se fossem numa procissão, cantando com toda a alma. E numa ocasião foram pelados, talvez um ou outro cobrindo as partes pudendas com uma tanga ou uma sunga de leopardo ou de tigre, desafiando o frio que faz nesses lugares às quatro da manhã, cantando e rindo, contando piadas sujas, como se fossem serviçais de Satanás. Não são palavras minhas. São as palavras que a modelo que vivia em San Diego disse a Loya. Mas nada de vídeos pornôs, isso não. Depois Kelly parou de contar com as modelos e não as chamou mais. Segundo Loya, provavelmente a decisão veio da própria Kelly, posto que as modelos tinham uma tarifa alta e as putinhas de Santa Teresa cobravam pouco e Kelly não andava com a economia muito em ordem. As primeiras viagens ela fez por conta de Salazar Crespo, mas através dele conheceu gente importante da região e era possível que também tenha organizado festas para um tal de Sigfrido Catalán, que tinha uma frota de caminhões de lixo e diziam que trabalhava para a maioria das maquiladoras de Santa Teresa, e para Conrado Padilla, um empresário com interesses em Sonora, Sinaloa e Jalisco. Tanto Salazar Crespo como Sigfrido Catalán e Padilla, segundo Loya, tinham conexões com o cartel de Santa Teresa, quer dizer com Estanislao Campuzano, que em algumas ocasiões, não muitas, a bem da verdade, havia participado dessas festas. Provas, o que qualquer tribunal civilizado consideraria provas, não havia, mas durante o tempo que trabalhou para mim Loya reuniu uma quantidade enorme de depoimentos, conversas de bordel ou de bêbados, nas quais se dizia que Campuzano não ia, mas às vezes ia sim. Em todo caso, narcotraficantes não faltavam nas orgias de Kelly, sobretudo dois deles, considerados braços direitos de Campuzano, um que se chamava Muñoz Otero, Sergio Muñoz Otero, que era o chefe dos traficantes de Nogales, e um tal de Fabio Izquierdo, que por um tempo foi chefe dos traficantes de Hermosillo, e que depois tinha trabalhado abrindo rotas para os transportes de droga, de Sinaloa a Santa Teresa, ou de

Oaxaca, de Michoacán e até de Tamaulipas, que era território do cartel de Ciudad Juárez. A presença de Muñoz Otero e Fabio Izquierdo em algumas festas de Kelly, Loya dava por certa. De modo que lá está Kelly, sem modelos, trabalhando com moças de baixa extração social ou já diretamente com putas, em narcorranchos entregues à sorte de Deus, e em suas festas temos um banqueiro, Salazar Crespo, um empresário, o tal Catalán, um milionário, o tal Padilla, e se não Campuzano pelo menos dois de seus homens mais notórios, Fabio Izquierdo e Muñoz Otero, além de outras personalidades da sociedade, do crime e da política. Uma coleção de próceres. E uma bela manhã ou uma bela noite minha amiga desaparece no ar.

Durante uns dias, da redação do *El Independiente de Phoenix*, Mary-Sue tentou entrar em contato com o jornalista do DF que havia entrevistado Daniel Uribe. Ele quase nunca parava no jornal e as pessoas com que ela falava se negavam a lhe dar seu celular. Quando por fim conseguiu falar com ele, o jornalista, que tinha voz de bêbado e de má pessoa, pensou Mary-Sue, ou pelo menos de arrogante, não quis lhe passar o telefone de Daniel Uribe, com pretexto de que devia proteger a intimidade das suas fontes. Em má hora, Mary-Sue lhe recordou que eram colegas, que ambos trabalhavam para a imprensa, e o tipo do DF respondeu a ela que nem se fossem amantes. De Josué Hernández Mercado, o jornalista desaparecido do *La Raza*, nada se sabia. Uma noite Mary-Sue pôs-se a procurar no arquivo que tinha sobre o caso Haas até dar com a matéria que Hernández Mercado havia escrito depois da concorrida coletiva na penitenciária de Santa Teresa. O estilo de Hernández Mercado era para causar efeito e pobre quase no mesmo grau. A matéria era recheada de lugares-comuns, inexatidões, afirmações temerárias, exageros e mentiras flagrantes. Às vezes Hernández Mercado pintava Haas como bode expiatório de uma conjuração de ricos sonorenses, às vezes Haas aparecia como o anjo da vingança ou um detetive trancado numa cela, mas de modo algum derrotado, que pouco a pouco ia encurralando seus verdugos graças unicamente à sua inteligência. Às duas da manhã, tomando seu último café antes de sair do jornal, Mary-Sue pensou que ninguém com um pouco de miolo na cabeça podia ter se dado ao trabalho de matar e dar sumiço no cadáver de uma pessoa por ter escrito um besteiro assim. Mas então o que aconteceu com Hernández Mercado? Seu chefe de redação, que também havia trabalhado até tarde, deu várias respostas possíveis. Se cansou e se mandou. Pirou e se mandou. Se mandou pura e simplesmente. Uma semana mais tarde o jornalista adolescente que a tinha acompanhado até Sonoita telefonou para ela. Queria saber como estava a matéria que Mary-Sue ia escrever sobre Hernández Mercado. Não vou escrever nada, ela respondeu. O jornalista adolescente quis saber por quê. Porque não há mistério, disse Mary-Sue. Hernández deve estar vivendo e trabalhando na Califórnia. Não creio, disse o jornalista adolescente. Mary-Sue achou que o rapaz tinha gritado. Ao fundo, escutou o barulho de um caminhão ou de vários caminhões, como se o telefonema fosse feito do pátio de uma empresa de transporte. Por que não quer acreditar?, perguntou. Porque estive na casa dele, respondeu o rapaz. Eu também estive na casa dele e não vi nada que me fizesse pensar

que o tenham sequestrado. Foi embora porque quis ir. Não, ouviu o rapaz dizer. Se tivesse ido por vontade própria, teria levado os livros. Livro pesa, replicou Mary-Sue, além do mais sempre dá para comprar de novo. Na Califórnia tem mais livrarias do que em Sonoita, disse, querendo fazer piada, mas no ato se deu conta de que aquela asseveração era desprovida de qualquer senso de humor. Não, não estou falando desses livros, mas dos dele, disse o rapaz. Que livros *dele*?, indagou Mary-Sue. Os que ele escreveu e publicou. Esses ele não teria abandonado nem que o mundo acabasse. Por um instante Mary-Sue tentou se lembrar da casa de Hernández Mercado. Na sala havia alguns livros, no quarto também. Todos juntos não somavam mais de cem exemplares. Não era uma grande biblioteca, mas para um tipo como o jornalista boia-fria talvez fosse bastante e mais do que bastante. Não lhe ocorreu pensar que entre aqueles volumes podiam estar os que Hernández Mercado havia escrito. E você acha que ele não teria ido embora sem eles? De jeito nenhum, ora, disse o rapaz, eram como se fossem seus filhos. Mary-Sue pensou que os livros assinados por Hernández Mercado não deviam pesar muito e que de modo algum poderia tornar a comprá-los na Califórnia.

No dia 19 de dezembro, nuns terrenos próximos à colônia Kino, a poucos quilômetros do assentamento Gavilanes del Norte, foram encontrados dentro de um saco de plástico os restos de uma mulher. Segundo declaração da polícia, era outra vítima da gangue dos Bisontes. Segundo os legistas, a vítima tinha entre quinze e dezessete anos de idade, media entre um metro e cinquenta e cinco e um metro e sessenta de altura, e o assassinato tinha sido cometido aproximadamente um ano antes. Dentro da sacola foi encontrado uma calça azul-marinho, barata, como as que usam as mulheres das maquiladoras para trabalhar, uma camiseta e um cinto de plástico preto, com fivela grande também de plástico, desses cintos chamados “fantasia”. O caso foi conduzido pelo policial judiciário Marcos Arana, recém-transferido de Hermosillo, onde estava lotado na brigada de narcóticos, mas no primeiro dia apareceram no lugar do achado os judiciários Ángel Fernández e Juan de Dios Martínez. Este último, quando foi informado de que deixasse o caso nas mãos de Arana, para que tivesse seu batismo de fogo, deu uma volta a pé pelos arredores até chegar às portas do assentamento Gavilanes del Norte. A casa principal conservava o teto e as janelas, mas as outras edificações davam um aspecto de lugar arrasado por um furacão. Por um instante, Juan de Dios deu voltas pelo assentamento fantasma, para ver se encontrava pelo menos um camponês ou um menino, ou mesmo um cachorro, mas nem cachorros restavam mais por lá.

O que quero que o senhor faça?, disse a deputada. Quero que escreva sobre isso, que continue escrevendo sobre isso. Li seus artigos. São bons, mas muitas vezes bate onde só tem ar. Eu quero que bata certo, em carne humana, em carne impune, e não em sombras. Quero que vá a Santa Teresa e fareje bem a cidade. Quero que a morda. No começo eu não

conhecia Santa Teresa. Tinha algumas ideias gerais, como todos, mas creio que comecei a conhecer a cidade e o deserto a partir da minha quarta visita. Agora não posso tirá-los da cabeça. Sei o nome de todos ou de quase todos. Conheço algumas atividades ilícitas. Mas não posso recorrer à polícia mexicana. Na Procuradoria Geral acreditariam que fiquei maluca. Também não posso entregar minhas informações à polícia gringa. Por uma questão de patriotismo, afinal de contas, doa a quem doer (começando por mim), sou mexicana. E além disso deputada mexicana. Isso ou nós resolvemos na porrada, como sempre, ou afundamos todos. Tem gente a quem não quero fazer mal e a quem, no entanto, sei que vou fazer. Paciência, porque os tempos estão mudando e o PRI também precisa mudar. De modo que só me resta a imprensa. Talvez por meus anos de jornalista, o respeito que sinto por alguns de vocês se mantenha incólume. Além do mais, embora o sistema esteja cheio de defeitos, pelo menos gozamos de liberdade de expressão, e isso o PRI quase sempre respeitou. Falei *quase* sempre, não faça essa cara de incredulidade, disse a deputada. Aqui você publica o que quer sem problemas. Enfim, não vamos discutir sobre isso, não é? O senhor publicou um romance supostamente político em que a única coisa que faz é distribuir merda sem nenhum fundamento e não lhe aconteceu nada, não é? Nem censuraram nem pediram para censurar. Foi meu primeiro romance, disse Sergio, é muito ruim. A senhora leu? Li, disse a deputada, li tudo o que escreveu. É muito ruim, disse Sergio, e em seguida: aqui não se censura nem se lê, mas a imprensa é outra coisa. Os jornais, sim, são lidos. Pelo menos as manchetes. E após um silêncio: o que aconteceu com Loya? Loya morreu, disse a deputada. Não, não o mataram nem deram sumiço nele. Simplesmente morreu. Tinha câncer e ninguém sabia. Era um homem reservado. Agora sua agência de investigação é dirigida por outra pessoa, talvez nem exista mais, talvez seja agora um escritório de consultoria ou de assessoria empresarial. Não tenho a menor ideia. Antes de morrer, Loya me entregou todas as pastas relativas ao caso Kelly. O que não pôde me entregar, destruiu. Eu intuí algo de ruim, mas ele preferiu não me dizer nada. Foi para os Estados Unidos, para uma clínica de Seattle, onde aguentou três meses e morreu. Era um homem estranho. Só estive na casa dele uma vez, morava sozinho num apartamento da colônia Nápoles. Por fora era um lugar comum, de classe média, mas por dentro era outra coisa, não sei como descrever, era Loya, como um espelho de Loya ou como o autorretrato de Loya, isso, um autorretrato inconcluso. Tinha muitos discos e livros de arte. As portas eram blindadas. Tinha a foto de uma mulher mais velha numa moldura dourada, um gesto bem melodramático. A cozinha estava completamente reformada, era grande e cheia de utensílios de cozinheiro profissional. Quando soube que tinha pouco tempo de vida, me ligou de Seattle e a seu modo se despediu de mim. Me lembro que perguntei se estava com medo. Não sei por que lhe fiz essa pergunta. Ele me respondeu com outra. Me perguntou se eu estava com medo. Não, não estou, respondi. Então eu também não, disse ele. Agora quero que o senhor utilize tudo o que Loya e eu reunimos e cutuque o vespeiro. Claro, não vai estar sozinho. Estarei sempre a seu lado, mesmo que o senhor não me veja, para ajudá-lo em cada momento.

O último caso de 1997 foi bem parecido com o penúltimo, só que em vez do saco de plástico com o cadáver no extremo oeste da cidade, o saco foi encontrado no extremo leste, na estrada de terra que corre, digamos, paralela à linha fronteira que depois se bifurca e se perde ao chegar às primeiras montanhas e aos primeiros desfiladeiros. A vítima, segundo os legistas, estava morta havia muito tempo. De aproximadamente dezoito anos de idade, media entre um metro e cinquenta e oito e um metro e sessenta. O corpo estava nu, mas dentro do saco foram encontrados um par de sapatos de salto alto, de couro, de boa qualidade, pelo que se pensou que podia se tratar de uma puta. Também foi encontrada uma calcinha branca, tipo tanga. Tanto este caso como o anterior foram encerrados após três dias de investigações nem um pouco entusiasmadas. O Natal em Santa Teresa foi comemorado como de costume. Montaram presépios, estouraram *piñatas*, tomaram tequila e cerveja. Até nas ruas mais humildes ouvia-se gente rindo. Algumas dessas ruas eram totalmente escuras, parecendo buracos negros, e os risos que saíam não se sabe de onde eram o único sinal, a única informação que os vizinhos e os estranhos tinham para não se perderem.

* Nome que se dá aos emigrantes ilegais. (N. T.)

A PARTE DE ARCHIMBOLDI

Sua mãe era caolha. Tinha cabelo muito louro e era caolha. Seu olho bom era azul e manso, como se não fosse muito inteligente, mas em compensação era boa à beça. Seu pai era pernetta. Havia perdido a perna na guerra e passara um mês num hospital militar próximo de Düren, pensando que daquela não ia sair e vendo como os feridos que podiam se mexer (ele não!) roubavam cigarros dos feridos que não podiam se mexer. Quando quiseram roubar os dele, no entanto, agarrou pelo pescoço o ladrão, um sujeito sardento, de largas maçãs do rosto, ombros largos, cadeiras largas, e disse; alto! com o tabaco de um soldado não se brinca! Então o sardento se afastou, e caiu a noite, e o pai teve a impressão de que alguém olhava para ele.

Na cama ao lado uma múmia. Tinha olhos negros como dois poços profundos.

— Quer fumar? — ele perguntou.

A múmia não respondeu.

— Fumar é bom — disse ele, e acendeu um cigarro e procurou a boca da múmia entre as bandagens.

A múmia estremeceu. Talvez não fume, pensou ele, e retirou o cigarro. A lua iluminou a ponta do cigarro, que estava manchada por uma espécie de mofo branco. Tornou então a introduzi-lo entre os lábios do outro, ao mesmo tempo que lhe dizia: fume, fume, esqueça de tudo. Os olhos da múmia não o largavam, é um companheiro de batalhão que me reconheceu. Mas por que não me diz nada? Talvez não possa falar, pensou. A fumaça, de repente começou a sair por entre a gaze. Está fervendo, pensou, fervendo, fervendo.

A fumaça saía da múmia pelas orelhas, pela garganta, pela testa, pelos olhos, que nem assim paravam de mirá-lo, até que ele soprou, retirou o cigarro dos lábios do outro e continuou soprando mais um pouco a cabeça enfaixada até a fumaça desaparecer de todo. Depois apagou o cigarro no chão e dormiu.

Quando acordou a múmia não estava mais a seu lado. Onde está a múmia?, perguntou. Morreu esta manhã, disse alguém de uma cama. Então ele acendeu um cigarro e ficou esperando o café da manhã. Quando lhe deram alta foi coxeando até a cidade de Düren. Lá, pegou o trem que o deixou em outra cidade.

Nessa cidade esperou vinte e quatro horas na estação, tomando sopa do exército. Quem distribuía a sopa era um sargento pernetta como ele. Conversaram por um instante, enquanto o sargento esvaziava colherões de sopa nos pratos de alumínio dos soldados e ele comia, sentado num banco de madeira, um banco como de carpinteiro, que havia a seu lado. Segundo o sargento tudo estava a ponto de mudar. A guerra chegava ao fim e ia começar uma nova época. Ele respondeu, enquanto comia, que nada ia mudar nunca. Nem mesmo eles,

que tinham perdido cada um uma perna, haviam mudado.

Cada vez que respondia, o sargento ria. Se o sargento dizia branco, ele dizia preto. Se o sargento dizia dia, ele dizia noite. E quando ouvia suas respostas o sargento ria e perguntava se faltava sal na sopa, se estava muito insossa. Depois se encheu de esperar um trem que, a seu ver, não ia chegar nunca e retomou a caminhada.

Vagou durante semanas pelo campo, comendo pão duro e roubando frutas e galinhas nas fazendolas. Durante a viagem a Alemanha se rendeu. Quando lhe contaram, ele disse: melhor. Uma tarde chegou à sua aldeia e bateu na porta de casa. Sua mãe abriu e ao vê-lo tão imundo e esmolambado não o reconheceu. Depois o abraçaram e lhe deram de comer. Ele perguntou se a caolha tinha se casado. Disseram que não. Naquela noite foi vê-la, sem mudar de roupa nem tomar banho apesar dos rogos da mãe para que pelo menos fizesse a barba. Quando a caolha o viu de pé diante da porta da sua casa reconheceu-o no ato. O pernetá também a viu, à janela, e ergueu a mão e cumprimentou-a formalmente, com certa rigidez inclusive, mas esse cumprimento também poderia ter sido interpretado como um gesto que equivalia a dizer que a vida era assim. A partir desse momento afirmou a quem quisesse ouvir que em seu vilarejo todos estavam cegos e que a caolha era uma rainha.

Em 1920 nasceu Hans Reiter. Não parecia um menino mas uma alga. Canetti e creio que também Borges, dois homens tão diferentes, disseram que assim como o mar era o símbolo ou o espelho dos ingleses, o bosque era a metáfora onde viviam os alemães. Dessa regra Hans Reiter ficou de fora desde o momento que nasceu. Não gostava da terra e ainda menos dos bosques. Também não gostava do mar ou o que o comum dos mortais chama de mar e que na realidade é só a superfície do mar, as ondas eriçadas pelo vento que pouco a pouco foram se convertendo na metáfora da derrota e da loucura. O que ele gostava era do fundo do mar, essa outra terra, cheia de planícies que não eram planícies e vales que não eram vales e precipícios que não eram precipícios.

Quando a caolha o banhava numa tina, o menino Hans Reiter sempre escorregava das suas mãos ensaboadas e descia até o fundo, de olhos abertos, e se as mãos de sua mãe não o fizessem subir de volta à superfície ele teria ficado por lá, contemplando a madeira escura e a água escura onde boiavam partículas da sua própria sujeira, pedaços mínimos de pele que navegavam como submarinos para algum lugar, uma enseada do tamanho de um olho, uma angra escura e serena, se bem que a serenidade não existia, só existia o movimento que é a máscara de muitas coisas, inclusive da serenidade.

Uma vez o pernetá, que às vezes espiava como a caolha banhava o filho, disse que não o subisse de volta, para ver o que ele fazia. Do fundo da tina, os olhos cinzentos de Hans Reiter contemplaram o olho azul da mãe, depois virou de lado e ficou observando, quietinho, os

fragmentos do seu corpo que se distanciavam em todas as direções, como sondas espaciais lançadas às cegas através do universo. Quando o ar terminou, parou de observar essas partículas mínimas que se perdiam e começou a segui-las. Ficou vermelho e se deu conta de que estava atravessando uma zona muito parecida com o inferno. Mas não abriu a boca nem fez o menor gesto de subir, embora sua cabeça estivesse a somente dez centímetros da superfície e dos mares de oxigênio. Finalmente os braços da mãe o içaram no ar e ele abriu o berreiro. O pernetá, enrolado em seu velho capote militar, olhou para o chão e deu uma cusparada no meio da lareira.

Aos três anos Hans Reiter era mais alto que todos os meninos de três anos da sua aldeia, mais alto também que qualquer menino de quatro anos, e nem todos os meninos de cinco anos eram mais altos que ele. De início andava com passos inseguros e o médico da aldeia disse que isso se devia à sua altura e aconselhou a lhe darem mais leite para fortalecer o cálcio dos ossos. Mas o médico se enganava. Hans Reiter andava com passos inseguros porque se movia pela superfície da terra como um escafandrista novato pelo fundo do mar. Na realidade, ele vivia e comia e dormia e brincava no fundo do mar. Com o leite não houve problema, sua mãe tinha três vacas e galinhas, e o menino estava bem alimentado.

O pernetá às vezes ficava vendo-o andar pelo campo e punha-se a pensar se na sua família tinha havido alguma vez uma pessoa tão alta. O irmão de um tataravô ou bisavô, diziam, havia servido Frederico, o Grande, num regimento composto apenas por homens com mais de um metro e oitenta ou um metro e oitenta e cinco. Esse regimento ou batalhão de luxo tivera muitas baixas, pois era sumamente fácil mirar e tê-los como alvo.

Em certa ocasião, pensava o pernetá enquanto via o filho se movimentar desajeitado pelas beiras dos pomares vizinhos, o regimento prussiano havia ficado frente a frente com um regimento russo de características semelhantes, camponeses de um metro e oitenta ou um metro e oitenta e cinco vestindo as casacas verdes da Guarda Imperial Russa, e tinham se enfrentado e a mortandade foi terrível, inclusive quando os regimentos de ambos os exércitos haviam retrocedido, aqueles dois regimentos de gigantes continuaram engalfinhados numa luta corpo a corpo que só cessou quando os generais em chefe enviaram ordens irrestritas de retirada para novas posições.

Antes de ir para a guerra, o pai de Hans Reiter media um metro e sessenta e oito. Quando voltou, talvez porque lhe faltasse uma perna, media tão só um metro e sessenta e cinco. Um regimento de gigantes é uma coisa de loucos, pensava. A caolha media um metro e sessenta e pensava que os homens, quanto mais altos, melhores.

Aos seis anos, Hans Reiter era mais alto que todos os meninos de seis, mais alto que todos os meninos de sete, mais alto que todos os meninos de oito, mais alto que todos os meninos

de nove e que a metade dos meninos de dez. Fora isso, aos seis anos havia roubado um livro pela primeira vez. O livro se chamava *Alguns animais e plantas do litoral europeu*. Escondeu-o debaixo da cama embora na escola ninguém nunca tenha dado pela falta do livro. Naquela mesma época começou a mergulhar. No ano de 1926. Nadava desde os quatro, enfiava a cabeça na água, abria os olhos, depois sua mãe zangava com ele porque o dia todo ficava de olhos vermelhos e ela temia que as pessoas, ao vê-lo, pensassem que o menino passava o dia chorando. Mas não soube mergulhar até os seis anos. Enfiava a cabeça, afundava um metro, abria os olhos e olhava. Isso sim. Mas mergulhar não. Aos seis decidiu que um metro era muito pouco e se atirou de cabeça no fundo do mar.

O livro *Alguns animais e plantas do litoral europeu* ele tinha todinho na cabeça, como se costuma dizer, e enquanto mergulhava ia virando as páginas lentamente. Descobriu assim a *Laminaria digitata*, que é uma alga grande, composta por um talo robusto e uma folha larga, como dizia o livro, em forma de leque de que saíam numerosas seções em tiras que pareciam, na realidade, dedos. A *Laminaria digitata* é uma alga de mares frios como o Báltico, o Mar do Norte e o Atlântico. É encontrada em grandes grupos, no nível mais baixo da maré e sob as costas rochosas. A maré baixa costuma deixar descobertos os bosques dessa alga. Quando Hans Reiter viu pela primeira vez um bosque de algas se emocionou tanto que se pôs a chorar debaixo d'água. Parece difícil que um ser humano chore quando está mergulhando de olhos abertos, mas não esqueçamos que Hans tinha somente seis anos então e que de certo modo era uma criança singular.

A *Laminaria digitata* é marrom-clara e se parece com a *Laminaria hyperborea*, que possui um talo mais áspero, e com a *Saccorhiza polyschides*, que tem um talo com protuberâncias bulbosas. Essas duas algas, no entanto, vivem nas águas profundas e embora às vezes, alguns meio-dias de verão, Hans Reiter nadasse até se afastar da praia ou das pedras onde deixava a roupa e depois mergulhava, nunca conseguiu vê-las, só em alucinações, lá no fundo, um bosque quieto e silencioso.

Por essa época começou a desenhar num caderno todo tipo de algas. Desenhou a *Chorda filum*, que é uma alga composta por longos e finos cordões que podem, no entanto, alcançar oito metros de longitude. Não têm ramos e sua aparência é delicada, mas na realidade são muito fortes. Crescem abaixo da marca de maré baixa. Desenhou também a *Leathesia difformis*, que é uma alga composta por bulbos arredondados de cor marrom-olivácea, que cresce nas pedras e sobre outras algas. Seu aspecto é estranho. Nunca viu nenhuma, mas sonhou muitas vezes com elas. Desenhou a *Ascophyllum nodosum*, uma alga parda de padrão desordenado que apresenta ampolas ovóides ao longo dos seus ramos. Existem, entre as *Ascophyllum nodosum*, algas diferenciadas macho e fêmea que produzem estruturas frutais similares a uvas-passas. No macho são amarelas. Na fêmea de uma cor esverdeada. Desenhou a *Laminaria saccharina*, que é uma alga composta por uma única ramagem comprida com forma de cinto. Quando está seca dá para apreciar em sua superfície cristais de uma substância doce, que é o manitol. Cresce nas costas rochosas presa em múltiplos objetos

sólidos, mas muitas vezes é arrastada pelo mar. Desenhou a *Padina pavonia*, que é uma alga pouco frequente, de pequeno tamanho, em forma de leque. É uma espécie das águas quentes, podendo ser encontrada desde as costas meridionais da Grã-Bretanha até o Mediterrâneo. Não existem espécies afins. Desenhou a *Sargassum vulgare*, uma alga que vive nas praias rochosas e pedregosas do Mediterrâneo e que, entre as ramagens, possui pequenos órgãos reprodutores pedunculados. Pode ser encontrada tanto em níveis baixos de água como em grandes profundidades. Desenhou a *Porphyra umbilicalis*, que é uma alga particularmente bonita, de até vinte centímetros de comprimento e cor vermelho-púrpura. Cresce no Mediterrâneo, no Atlântico, no Canal da Mancha e no Mar do Norte. Existem várias espécies de *Porphyra* e todas elas são comestíveis. Os galeses, sobretudo, são os que mais as comem.

— Os galeses são uns porcos — disse o perneta em resposta a uma pergunta do filho. — Uns porcos absolutos. Os ingleses também são uns porcos, mas um pouco menos que os galeses. Se bem que a verdade é que são tão porcos quanto, mas tentam parecer um pouco menos, e como sabem fingir bem acabam parecendo. Os escoceses são mais porcos que os ingleses e só um pouco menos porcos que os galeses. Os franceses são tão porcos quanto os escoceses. Os italianos são leitões. Leitões dispostos a comer a própria mãe porca. Dos austríacos se pode dizer o mesmo: porcos, porcos e porcos. Nunca confie num húngaro. Nunca confie num boêmio. Eles lambem a sua mão enquanto devoram o seu mindinho. Nunca confie num judeu: ele come o seu polegar e ainda deixa a sua mão toda babada. Os bávaros também são uns porcos. Quando falar com um bávaro, filho, trate de estar com o cinto bem afivelado. Com os renanos é melhor nem falar: antes do galo cantar eles vão cortar uma perna sua. Os poloneses parecem galinhas, mas se você arrancar quatro penas deles vai ver que têm pele de porco. A mesma coisa acontece com os russos. Parecem cães famintos mas na realidade são porcos famintos, porcos dispostos a comer quem quer que seja, sem perguntar duas vezes, sem sombra de remorso. Os sérvios são iguais aos russos, mas em escala menor. São como porcos disfarçados de cachorros chihuahuas. Os chihuahuas são cachorros anões, do tamanho de um pardal, que vivem no norte do México e aparecem em alguns filmes americanos. Os americanos são uns porcos, claro. E os canadenses, grandes porcos sem misericórdia, se bem que os piores porcos do Canadá são os porcos franco-canadenses, assim como os piores porcos dos Estados Unidos são os porcos irlandeses. Os turcos tampouco se salvam. São porcos sodomíticos, como os da Saxônia e os da Vestefália. Acerca dos gregos só posso dizer que são como os turcos: porcos peludos e sodomíticos. Só os prussianos se salvam. Mas a Prússia não existe mais. Onde está a Prússia? Você a vê? Eu não vejo. Às vezes tenho a impressão de que morreram todos na guerra. Às vezes, pelo contrário, tenho a impressão de que enquanto eu estava no hospital, naquele imundo hospital de porcos, os prussianos emigraram em massa, para longe daqui. Às vezes vou até os rochedos, olho o Báltico e procuro adivinhar para onde foram as naus dos prussianos. Para a Suécia? Para a Noruega? Para a Finlândia? Impossível: são terras de porcos. Para onde então? Para a

Islândia, a Groenlândia? Tento adivinhar e não consigo. Onde estão então os prussianos? Me aproximo dos rochedos e procuro por eles no horizonte cinzento. Um cinzento revoltado como pus. E não uma vez por ano. Uma vez por mês! Uma vez a cada quinze dias! Mas nunca os vejo, nunca adivinho para que ponto do horizonte se lançaram. Só vejo você, sua cabeça entre as ondas que aparece e desaparece, e então sento numa rocha e fico quieto por um longo momento, olhando para você, transformado eu também em outra rocha, e apesar de às vezes meus olhos perderem você de vista ou apesar da sua cabeça aparecer a uma grande distância de onde então havia afundado, não temo por você, pois sei que você voltará a sair, que as águas não podem fazer nada com você. Às vezes, inclusive, adormeço, sentado numa rocha, e quando acordo sinto tanto frio que nem sequer dou uma olhada no mar para verificar se você ainda está lá. O que faço, então? Me levanto e volto ao vilarejo batendo o queixo. E ao entrar nas primeiras ruas começo a cantar para que os vizinhos tenham a ideia equivocada de que fui encher a cara na taberna de Krebs.

O jovem Hans Reiter também gostava de caminhar, como um escafandrista, mas não gostava de cantar porque os escafandristas, precisamente, nunca cantam. Às vezes saía do seu vilarejo rumo ao leste, por um caminho de terra rodeado de bosques, e chegava à Aldeia dos Homens Vermelhos, que se dedicavam a vender turfa. Seguindo em direção ao leste, estava a Aldeia das Mulheres Azuis, rodeada por um lago que secava no verão. As duas aldeias pareciam aldeias fantasmas, habitadas por mortos. Mais além da Aldeia das Mulheres Azuis estava o Vilar dos Gordos. Ele tinha um mau cheiro, cheiro de sangue e carne em decomposição, um cheiro denso e espesso muito diferente do cheiro do seu próprio povo, que recendia a roupa suja, a suor colado na pele, a terra mijada, que é um cheiro sutil, um cheiro parecido com o da *Chorda filum*.

No Vilar dos Gordos, como não podia deixar de ser, havia muitos animais e vários açougues. Às vezes, fazendo o caminho de volta, movimentando-se como um escafandrista, via moradores do Vilar dos Gordos perambulando sem ter o que fazer pelas ruas da Aldeia das Mulheres Azuis ou pela Aldeia dos Homens Vermelhos e pensava que talvez a gente dessas duas aldeias, que agora eram fantasmas, havia morrido nas mãos de gente vinda do Vilar dos Gordos, que nas artes de matar deviam ser temíveis e implacáveis, se bem que com ele nunca se metiam, entre outras razões porque era um escafandrista, quer dizer porque não pertencia a este mundo, ao qual só ia como explorador ou de visita.

Em outras ocasiões seus passos o levavam para o oeste e, assim, podia passar pela rua principal da Aldeia Ovo, que a cada ano se afastava mais dos rochedos, como se as casas se movessem por si mesmas e tendessem a buscar um lugar mais seguro perto das elevações e dos bosques. Depois da Aldeia Ovo vinha a Aldeia Porco, uma aldeia que ele supunha que seu pai jamais visitava, onde havia muitos chiqueiros e as varas de porcos mais alegres daquela região da Prússia, que pareciam cumprimentar o caminhante sem dar importância à sua condição social, idade, estado civil, com grunhidos amistosos, quase musicais, ou sem o quase, musicais mesmo, enquanto os aldeões ficavam imóveis, de chapéu na mão, ou

cobriam o rosto com ele, não se sabia se por modéstia ou por vergonha.

Mais adiante estava o Arraial das Garotas Tagarelas, moças que iam a festas e bailes desenfreados em povoados maiores ainda cujos nomes o jovem Hans Reiter ouvia e esquecia na mesma hora, moças que fumavam na rua e falavam de marinheiros de um grande porto e que serviam em barcos chamados assim e assado e cujos nomes o jovem Hans Reiter esquecia na mesma hora, moças que iam ao cinema e viam filmes emocionantíssimos, interpretados por atores que eram os homens mais bonitos do planeta e por atrizes que, quem quisesse estar na moda, tinha de imitar e cujos nomes o jovem Hans Reiter esquecia na mesma hora. Quando voltava para casa, como um escafandrista noturno, sua mãe perguntava onde havia passado o dia e o jovem Hans Reiter respondia a primeira coisa que lhe ocorria, menos a verdade.

A caolha olhava-o então com seu olho azul e o menino sustentava o olhar com seus dois olhos cinzentos, e de um canto, perto da lareira, o perneto olhava os dois com seus dois olhos azuis e a ilha da Prússia parecia ressurgir, por três ou quatro segundos, do precipício.

Aos oito anos Hans Reiter deixou de se interessar pela escola. Até então, já escapara por um triz de se afogar um par de vezes. A primeira foi no verão e quem o tirou da água foi um jovem turista de Berlim que estava passando as férias no Arraial das Garotas Tagarelas. O jovem turista viu um menino cuja cabeça aparecia e desaparecia perto de uns rochedos e depois de comprovar que era mesmo um menino, pois o turista era míope e à primeira vista pensou que era uma alga, tirou o casaco em que levava uns papéis importantes e desceu pelas pedras até não poder mais prosseguir e teve de pular na água. Em quatro braçadas chegou aonde estava o menino e, depois de observar a costa desde o mar procurando um lugar adequado para sair, começou a nadar até um ponto a uns vinte e cinco metros de onde tinha se jogado n'água.

O turista se chamava Vogel e era um tipo de um otimismo fora de qualquer compreensão. Pode ser que, na realidade, não fosse otimista mas louco, e que as férias que passava no Arraial das Garotas Tagarelas obedecessem a uma ordem do seu médico, o qual, preocupado com a sua saúde, procurava tirá-lo de Berlim a qualquer pretexto. Se alguém conhecia Vogel de forma mais ou menos íntima, logo sua presença se tornava insuportável. Acreditava na bondade intrínseca do gênero humano, dizia que uma pessoa de coração limpo podia viajar a pé de Moscou a Madri sem que ninguém a molestasse, nem bicho nem polícia nem muito menos fiscal da alfândega algum, pois o viajante tomaria as providências necessárias, entre elas afastar-se de vez em quando dos caminhos e seguir sua caminhada através dos campos. Era apaixonadigo e desastrado, daí a razão de não ter namorada. De vez em quando falava, pouco se importando com quem ouvia, das propriedades lenitivas da masturbação (como exemplo dava Kant), que devia ser praticada desde a mais tenra idade até a mais provecta, o que em geral fazia rir as moças do Arraial das Garotas Tagarelas que tiveram a oportunidade de ouvi-lo e que aborrecia e enojava sobremaneira seus conhecidos de Berlim que já conheciam de sobra essa teoria e que achavam que Vogel, ao explicá-la com tanta

contumácia, o que fazia, realmente, era se masturbar diante deles ou com eles.

Mas também tinha um alto conceito da coragem e quando viu um menino, embora a princípio tenha lhe parecido uma alga, se afogando, não hesitou um momento em se lançar ao mar, que naquela parte dos rochedos não era propriamente calmo, e resgatá-lo. Outra coisa era necessário assinalar, e essa coisa é que o equívoco de Vogel (confundir um garoto de pele bronzeada e cabelos louros com uma alga) o atormentou naquela noite, quando tudo já havia passado. Em sua cama, às escuras, Vogel reviveu os acontecimentos do dia como sempre fazia, isto é, com grande satisfação, até que de repente tornou a ver o garoto se afogando e tornou a se ver olhando para ele e hesitando se tratava-se de um ser humano ou de uma alga. De imediato o sono abandonou-o. Como pude confundir um garoto com uma alga?, perguntou-se. E depois: em que um garoto pode se parecer com uma alga? E depois: há alguma coisa que um garoto possa ter em comum com uma alga?

Antes de se fazer uma quarta pergunta Vogel pensou que talvez seu médico de Berlim tivesse razão e ele estava ficando louco, ou talvez louco — o que se costuma entender por louco — não, mas sim que estava enveredando, para chamar a coisa de algum modo, pela senda da loucura, pois um garoto, pensou, não tem nada em comum com uma alga e quem, olhando de um rochedo, confunde um garoto com uma alga é uma pessoa que não tem os parafusos bem apertados, não um louco, exatamente, pois aos loucos falta um parafuso, mas sim alguém que não os tem bem apertados e que, portanto, deveria ter mais cuidado com o que o concerne à sua saúde mental.

Depois, já que não ia poder dormir aquela noite inteira, pôs-se a pensar no garoto que havia salvo. Era magérrimo, se lembrou, e alto demais para a sua idade, e falava mal pra danar. Quando lhe perguntou o que havia acontecido o menino respondeu:

— Nãceu na.

— O quê? — perguntou Vogel. — O que você disse?

— Nãceu na — repetiu o garoto. E Vogel compreendeu que nãceu na significava: não aconteceu nada.

E assim com o resto do vocabulário, que pareceu a Vogel muito pitoresco e divertido, pelo que se pôs a fazer perguntas a esmo, só pelo gosto de ouvir o garoto, que a tudo respondia com a maior naturalidade, por exemplo, como se chama este bosque, perguntava Vogel, e o garoto respondia oosque destav, que queria dizer o bosque de Gustav, e: como se chama aquele bosque lá longe, e o garoto respondia oosque dereta, que queria dizer o bosque de Greta, e: como se chama o bosque negro que está à direita do bosque de Greta, e o garoto respondia oosque seome, que queria dizer o bosque sem nome, até que chegaram ao alto do rochedo onde Vogel havia deixado seu blusão com os papéis importantes no bolso e o menino, a pedido de Vogel, que não o deixou entrar outra vez no mar, pegou sua roupa mais abaixo, num buraco que parecia de gaivota, depois se despediram, não sem antes se apresentarem:

— Eu me chamo Heinz Vogel — disse Vogel como se falasse com um idiota. — E você, como se chama?

O menino respondeu Hans Reiter, pronunciando seu nome com clareza, depois apertaram

as mãos e cada um se afastou numa direção diferente. Vogel se lembrava disso rolando na cama, sem querer acender a luz e sem poder dormir. Em que aquele garoto podia parecer uma alga?, se perguntava. Na tenuidade, nos cabelos queimados pelo sol, no rosto comprido e tranquilo? E também se perguntava: devo voltar a Berlim, devo levar meu médico mais a sério, devo começar a estudar a mim mesmo? Finalmente se cansou de tantas perguntas, bateu uma punheta e o sono veio vindo.

* * *

A segunda vez que o jovem Hans Reiter esteve a ponto de se afogar foi no inverno, quando acompanhou uns pescadores que puxavam a rede em frente da Aldeia das Mulheres Azuis. Anoitecia e os pescadores começaram a falar em luzes que se movem no fundo do mar. Um disse que eram os pescadores mortos buscando o caminho das suas aldeias, de seus cemitérios em terra firme. Outro disse que eram líquens brilhantes, líquens que só brilhavam uma vez por mês, como se descarregassem numa só noite o que haviam levado trinta dias para acumular. Outro disse que era um tipo de anêmona que só existia naquela costa e que o brilho era irradiado pelas anêmonas fêmeas para atrair as anêmonas machos, embora em geral, quer dizer, no mundo inteiro, as anêmonas fossem hermafroditas, nem machos nem fêmeas mas machos e fêmeas num mesmo corpo, como se a mente adormecesse e quando voltasse a despertar uma parte da anêmona houvesse trepado com a outra parte, como se dentro de um existisse uma mulher e um homem ao mesmo tempo, ou um veado e um homem no caso das anêmonas estéreis. Outro disse que eram peixes elétricos, uma variedade muito estranha, com os quais era bom tomar cuidado, porque se caíam na sua rede não se diferenciavam em nada dos outros, mas ao comê-los as pessoas ficavam doentes, com horríveis abalos elétricos no estômago que às vezes até provocavam a morte.

E enquanto os pescadores falavam, a curiosidade irreprimível do jovem Hans Reiter, ou a sua loucura, que às vezes o levava a fazer coisas que era melhor não fazer, ocasionou que, sem aviso prévio, se deixasse cair do barco e submergisse no fundo do mar atrás das luzes ou da luz daqueles ou daquele peixe singular, e no princípio os pescadores não se alarmaram nem desataram a gritar ou a gemer pois todos conheciam as peculiaridades do jovem Reiter, no entanto, ao cabo de alguns segundos sem avistar sua cabeça, se preocuparam, porque embora fossem prussianos instruídos também eram gente do mar e sabiam que ninguém pode aguentar sem respirar mais de dois minutos (ou algo assim), em todo caso não um garoto cujos pulmões, por mais alto que o garoto seja, não são suficientemente fortes para ser submetidos a tal esforço.

Afinal, dois deles mergulharam naquele mar escuro, um mar de manada de lobos, e nadaram debaixo d'água em torno do barco tentando localizar o corpo do jovem Reiter, sem sucesso, pelo que tiveram de subir, tomar fôlego e, antes de mergulhar outra vez, perguntar aos do barco se o moleque melequento já tinha subido. E então, sob o peso da resposta negativa, tornaram a desaparecer entre as ondas escuras que evocavam animais do bosque e um que não havia mergulhado juntou-se a eles, e foi ele que a uns cinco metros de

profundidade viu o corpo do jovem Reiter flutuando como uma alga desenraizada, subindo, alvíssimo no espaço marinho, e foi ele que o agarrou pelas axilas e levou-o para a tona, e foi ele também que fez o jovem Reiter vomitar toda a água que havia engolido.

Quando Hans Reiter fez dez anos, a caolha e o pernetá tiveram o segundo filho. Foi uma menina a que deram o nome de Lotte. A menina era muito graciosa e talvez tenha sido a primeira pessoa a viver na superfície da terra que interessou (ou que comoveu) Hans Reiter. Com muita frequência seus pais o deixavam cuidando da pequena. Em pouco tempo aprendeu a trocar fralda, preparar mamadeira, passear com a menina no colo até ela dormir. Para Hans, sua irmã era a melhor coisa que tinha lhe acontecido e tentou, em várias ocasiões, desenhá-la no mesmo caderno em que desenhava algas, mas o resultado sempre foi insatisfatório, às vezes a menina parecia um saco de lixo largado numa praia de seixos rolados, outras vezes parecia um *Petrobius maritimus*, que é um inseto marinho que habita as fendas e as rochas e que se alimenta de restos, quando não uma *Lipura maritima*, que é outro inseto, pequeníssimo, cor de ardósia escura ou cinzenta, cujo hábitat são as poças das rochas.

Com o tempo, forçando sua imaginação ou forçando seu gosto ou forçando sua própria natureza artística, conseguiu desenhá-la como uma sereiazinha, mais peixe que menina, mais gorda que magra, mas sempre sorridente, sempre com uma disposição invejável para sorrir e enxergar as coisas pelo lado bom, que refletia fidedignamente o caráter da sua irmã.

Aos treze anos Hans Reiter parou de estudar. Isso aconteceu em 1933, ano em que Hitler subiu ao poder. Aos doze tinha começado a estudar numa escola no Arraial das Garotas Tagarelas. Mas, por várias razões, todas elas perfeitamente justificáveis, não gostava da escola, de modo que se distraía pelo caminho, que para ele não era horizontal ou acidentadamente horizontal ou ziguezagueantemente horizontal, mas vertical, uma prolongada queda para o fundo do mar onde tudo, as árvores, o capim, os pântanos, os bichos, as cercas, se transformava em insetos marinhos ou em crustáceos, em vida suspensa e *alheia*, em estrelas do mar e aranhas do mar, cujo corpo, sabia o jovem Reiter, é tão minúsculo que nele não cabe o estômago do animal, de modo que o estômago se estende pelas suas patas, que por sua vez são enormes e misteriosas, quer dizer, encerram (ou pelo menos para ele encerravam) um enigma, pois a aranha do mar possui oito patas, quatro de cada lado, mais outro par de patas, muito menores, na realidade infinitamente menores e *inúteis*, no extremo mais próximo da cabeça, e essas patas ou patinhas diminutas pareciam ao jovem Reiter que não eram isso, patas ou patinhas, e sim mãos, como se a aranha do mar, num longo processo evolutivo, houvesse desenvolvido finalmente dois braços e por conseguinte duas mãos, mas ainda não soubesse que os tinha. Quanto tempo a aranha do mar ainda ia passar ignorando que tinha mãos?

— Prove — dizia em voz alta a si mesmo o jovem Reiter —, milano ou domilano ou demilano. Totempo.

E assim ia para a escola no Arraial das Garotas Tagarelas e, evidentemente, sempre chegava tarde. E além do mais pensando em outras coisas.

Em 1933 o diretor da escola chamou os pais de Hans Reiter. Só a caolha foi. O diretor a fez entrar em sua sala e disse a ela, em poucas palavras, que o menino não era capacitado para estudar. Estendeu os braços, como para desdramatizar o que acabava de dizer, e sugeriu que o pusessem como aprendiz de algum ofício.

Foi o ano em que Hitler ganhou. Nesse ano, antes de Hitler ganhar, passou uma comitiva de propaganda pela aldeia de Hans Reiter. A comitiva chegou primeiro ao Arraial das Garotas Tagarelas, onde fez um comício no cinema, que foi um sucesso, e no dia seguinte foi à Aldeia Porco e à Aldeia Ovo, e de tarde chegaram à aldeia de Hans Reiter, onde tomaram cerveja na taberna, junto com os campônios e os pescadores, trazendo e explicando a boa-nova do nacional-socialismo, um partido que faria a Alemanha ressurgir das cinzas e a Prússia também ressurgir das cinzas, num ambiente franco e sem tensões, até que alguém, certamente um língua de trapo, falou do pernetá, que era o único que havia regressado vivo do front, um herói, um sujeito duro, um prussiano de pura cepa, talvez um pouco preguiçoso, um conterrâneo que contava histórias da guerra de arrepiar, histórias que ele tinha vivido, nisso punham especial ênfase os da aldeia, tinha vivido, eram verdadeiras, mas não só eram verdadeiras mas quem as contava as tinha vivido, e então um da comitiva, um com ares de grão-senhor (isso é necessário frisar porque seus acompanhantes não tinham, precisamente, ar de grão-senhor, eram tipos comuns, tipos dispostos a beber cerveja e comer peixe e salsicha, e a soltar peido, e a rir e cantar, esses tipos, cabe assinalar e repetir, porque é de justiça fazê-lo, não tinham esses ares, ao contrário, tinham ar de povo, de vendedores que vão de povoado em povoado e que surgem do povo e vivem junto ao povo, e quando morrem sua memória se desvanece na memória do povo), disse que talvez, só talvez, fosse interessante conhecer o soldado Reiter, e depois perguntou por que o soldado Reiter não estava, precisamente, na taberna, conversando com os camaradas nacional-socialistas que só queriam o bem para a Alemanha, e um dos aldeões, um que tinha um cavalo caolho de que cuidava mais que o soldado Reiter da sua mulher caolha, disse que o supracitado não estava na taberna porque não tinha dinheiro nem para tomar um caneco de cerveja, o que levou os membros da comitiva a dizerem era só o que faltava, que eles pagariam a cerveja ao soldado Reiter, e então o tipo que se dava ares de grão-senhor apontou para um aldeão com o dedo e disse que fosse à casa do soldado Reiter e o trouxesse à taberna, coisa que o aldeão fez de imediato, mas quando reapareceu, quinze minutos depois, informou a todos ali reunidos que o soldado Reiter não tinha querido vir e que as razões brandidas por ele eram que não tinha roupa adequada para ser apresentado a viajantes tão ilustres como os que integravam a comitiva, além do mais estava sozinho com a filha, porque a caolha ainda não havia voltado do trabalho e que a filha, como era lógico, não podia ficar sozinha em casa, um argumento que comoveu os da comitiva (que eram uns porcos) até quase as lágrimas, pois não só eram uns porcos mas também uns homens sentimentais, e a sorte daquele veterano e mutilado de

guerra tocou o mais profundo de seus corações, o que não ocorreu com o sujeito que se dava ares de grão-senhor, o qual se levantou e depois de dizer, como prova de cultura, que se Maomé não ia à montanha, a montanha iria a Maomé, ordenou ao aldeão que o guiasse até a casa do pernetá, à qual não permitiu que ninguém da comitiva o acompanhasse, só ele e o aldeão, e assim esse membro do partido nacional-socialista manchou as botas com a lama das ruas da aldeia e seguiu o aldeão até quase chegar à orla do bosque, onde ficava a casa da família Reiter, que ele observou com olho de entendido um instante antes de entrar, como se calibrasse o caráter do *páter-famílias* pela harmonia ou pela fortaleza das linhas da casa, ou como se lhe interessassem sobremaneira as construções rústicas dessa parte da Prússia, depois entraram na casa e efetivamente dormia num berço de madeira uma menina de três anos e efetivamente o pernetá vestia farrapos, pois seu capote militar e seu único par de calças decente estavam naquele dia na tina ou pendurados úmidos no pátio, o que não foi um óbice a que a recepção fosse amável, seguramente o pernetá, a princípio, sentiu-se orgulhoso, privilegiado, pelo fato de um membro da comitiva ir cumprimentá-lo expressamente em casa, mas depois as coisas desandaram ou pareceram desandar, pois as perguntas do tipo que se dava ares de grão-senhor paulatinamente começaram a não agradar a ele e as afirmações, que mais que afirmações eram profecias, também começaram a não lhe agradar, e então a cada pergunta o pernetá respondia com uma afirmação, geralmente sem nexos ou extravagante, e a cada afirmação do outro o pernetá acrescentava uma pergunta que, de certa forma, desmontava a afirmação em si ou a punha em dúvida ou a fazia parecer uma afirmação pueril, totalmente carente de significado prático, o que por sua vez começou a exasperar o sujeito que se dava ares de grão-senhor, o qual confessou ao pernetá que havia sido piloto durante a guerra e que havia derrubado doze aviões franceses e oito ingleses e que conhecia perfeitamente os sofrimentos que um soldado experimentava no front, num esforço vão para encontrar um território comum, ao que o pernetá respondeu que seus maiores sofrimentos não haviam sido no front mas no maldito hospital militar perto de Düren, onde seus compatriotas não só roubavam cigarros mas qualquer coisa que se pudesse roubar, até as almas roubavam para comerciar com elas, já que era bem provável que nos hospitais militares alemães existisse um número elevado de satanistas, algo que, aliás, disse o pernetá, era compreensível, pois uma temporada longa num hospital militar empurrava as pessoas para o satanismo, afirmação que exasperou o autorrevelado aviador, o qual também estivera internado três semanas num hospital militar, em Düren?, perguntou o pernetá, não, na Bélgica, disse o tipo que se dava ares de grão-senhor, e o tratamento que havia recebido obedecia e não raro excedia todos os requisitos não só do sacrifício mas também da amabilidade e da compreensão, médicos varonis e maravilhosos, enfermeiras bonitas e eficientes, uma atmosfera de solidariedade, resistência e coragem, inclusive até um grupo de freiras belgas havia mostrado um alto sentido do dever, enfim, todos haviam contribuído para que a estada dos feridos fosse ótima, dentro das circunstâncias que se pode esperar, claro, porque um hospital não é certamente um cabaré ou um bordel, e depois passaram a outros assuntos, como a criação da Grande Alemanha, a construção de um Hinterland, a limpeza das instituições do Estado, a que se devia seguir a limpeza de toda a nação, a criação de novos

postos de trabalho, a luta pela modernização, e enquanto o ex-piloto falava o pai de Hans Reiter ia ficando cada vez mais nervoso, como se temesse que a pequena Lotte desatasse a chorar de uma hora para a outra, ou como se ele se desse conta de repente e de estalo de que não era um interlocutor válido para aquele sujeito com ares de grão-senhor e que talvez o melhor que podia fazer era atirar-se aos pés daquele sonhador, daquele centurião dos ares, e acusar a si mesmo do que já era óbvio, da sua ignorância, da sua pobreza e da coragem que havia perdido, mas não fez nada disso, e sim a cada palavra do outro movia a cabeça, como se não estivesse convencido (na realidade estava aterrorizado), como se lhe custasse compreender todo o alcance de seus sonhos (que na realidade não compreendia em absoluto), até que de repente ambos, o ex-piloto com ares de grão-senhor e ele, viram entrar o jovem Hans Reiter na casa, o qual sem lhes dirigir a palavra tirou a irmã do berço e levou-a para o pátio.

— Quem é ele? — perguntou o ex-piloto.

— Meu filho mais velho — respondeu o perneta.

— Parece um peixe-girafa — disse o ex-piloto, e caiu na risada.

* * *

Assim, pois, em 1933 Hans Reiter abandonou a escola porque seus professores o acusaram de falta de interesse e de cabular aulas, o que era rigorosamente verdadeiro, e seus pais e parentes conseguiram um trabalho para ele num barco de pesca, cujo mestre o despediu ao cabo de três meses, porque o jovem Reiter se interessava mais em olhar o fundo do mar do que em ajudá-lo a jogar as redes, depois foi trabalhar como operário agrícola, sendo também despedido em pouco tempo por ser vagabundo, e como colhedor de turfa, e como aprendiz de ferreiro no Vilar dos Gordos, e ajudante de um agricultor que ia vender suas verduras em Stettin, que também o despediu, pois era mais um estorvo que um ajudante, até que finalmente o puseram para trabalhar na casa de campo de um barão prussiano, uma casa que ficava no meio do bosque, junto de um lago de águas negras, onde também trabalhava a caolha, limpando o pó dos móveis, dos quadros, das enormes cortinas, das tapeçarias e das diversas salas, cada uma com seu nome misterioso que evocava etapas de uma seita secreta, onde o pó se acumulava irremediavelmente, salas que, por outro lado, tinham de ser arejadas para que perdessem o cheiro de umidade e abandono que a cada tanto se apoderava delas, e também limpando o pó dos livros da imensa biblioteca do barão, o qual raramente lia algum dos seus exemplares, livros antigos que o pai do barão havia preservado e que a este haviam sido legados pelo avô do barão, ao que parece o único daquela vasta família que lia livros, e que havia inculcado em seus descendentes o amor pelos livros, um amor que não se traduzia na leitura deles mas sim na conservação da biblioteca, que estava exatamente igual, nem maior nem menor, como o avô do barão a tinha deixado.

E Hans Reiter, que nunca na vida tinha visto tantos livros juntos, limpava a poeira deles, um a um, tratava-os com cuidado, mas também não os lia, em parte porque com seu livro da vida marinha já tinha o suficiente, em parte porque temia a aparição repentina do barão, que

raramente visitava a casa de campo, ocupado que estava com os assuntos de Berlim e de Paris, mas de quando em quando aparecia por lá seu sobrinho, filho da irmã mais moça do barão prematuramente falecida e de um pintor que tinha se instalado no sul da França e que o barão odiava, um rapaz de uns vinte anos que costumava passar uma semana na casa de campo, completamente sozinho, sem importunar ninguém, e que se trancava na biblioteca sem limite de tempo, lendo e bebendo conhaque até adormecer na poltrona.

Outras vezes quem aparecia era a filha do barão, mas suas visitas eram mais curtas, não duravam mais de um fim de semana, se bem que para a criadagem esse fim de semana equivalesse a um mês pois a filha do barão nunca chegava sozinha e sim com um séquito de amigos, às vezes mais de dez, todos despreocupados, todos vorazes, todos bagunceiros, que transformavam a casa numa coisa caótica e barulhenta, pois suas festas diárias se prolongavam até a madrugada.

Em certas ocasiões a chegada da filha do barão coincidia com uma estada na casa do sobrinho do barão e então o sobrinho do barão, apesar dos rogos da prima, ia embora quase de imediato, às vezes sem nem sequer esperar a charrete puxada por um percherão que em casos assim costumava levá-lo à estação de trem do Arraial das Garotas Tagarelas.

A chegada da prima provocava no sobrinho do barão, tímido por natureza, um estado de catatonia e de atabalhoamento tal que a criadagem, quando comentava os acontecimentos do dia, não podia deixar de ser unânime em seu juízo: ele a amava ou ele gostava dela ou ele morria por ela ou ele sofria por ela, opiniões que o jovem Hans Reiter ouvia, comendo pão com manteiga, as pernas cruzadas, sem dar palpite algum, embora a verdade era que ele conhecia muito melhor o sobrinho do barão, que se chamava Hugo Halder, do que o resto dos serviçais, os quais pareciam cegos ante a realidade ou só enxergavam o que queriam enxergar, isto é, um jovem órfão apaixonado e agonizante e uma jovem órfã (se bem que a filha do barão tivesse pai e mãe, como bem sabiam todos) assanhada e à espera de uma vaga, densa redenção.

Uma redenção que recendia a fumaça de turfa, a sopa de repolho, a vento enredado na espessura do bosque. Uma redenção que recendia a espelho, pensou o jovem Reiter, a ponto de engasgar com o pão.

E por que o jovem Reiter conhecia melhor o jovem Hugo Halder que o resto da criadagem? Por uma razão muito simples. Ou por duas razões muito simples que, entrelaçadas ou combinadas, proporcionavam um retrato mais completo e também mais complicado do sobrinho do barão.

Primeira razão: ele o tinha visto na biblioteca, quando passava o espanador nos livros, ele tinha visto, do alto da escada móvel da biblioteca, o sobrinho do barão adormecido, respirando forte ou roncando, falando sozinho, mas não frases inteiras como costumava fazer a doce Lotte, e sim monossílabos, farrapos de palavras, partículas de insultos, na defensiva, como se no sonho estivessem a ponto de matá-lo. Também tinha lido os títulos dos livros que o sobrinho do barão lia. A maioria eram livros de história, o que quer dizer que o sobrinho do

barão gostava ou se interessava pela história, coisa que ao jovem Hans Reiter, à primeira vista, parecia repulsivo. Passar a noite toda tomando conhaque e fumando e lendo livros de história. Repulsivo. O que o levava a se perguntar: e tanto silêncio só para isso? E também havia escutado suas palavras quando, por um ruído qualquer, o ruído de um rato ou o suave raspar que faz um livro de lombada de couro ao ser posto de volta em seu lugar entre outros dois livros, acordava, palavras de desconcerto total, como se o mundo houvesse mudado de eixo, palavras de desconcerto total e não de apaixonado, palavras de sofredor, palavras que emanavam de uma cilada.

A segunda razão tinha mais peso ainda. O jovem Hans Reiter havia acompanhado, levando as malas, Hugo Halder numa das tantas ocasiões em que este havia decidido partir depressa da casa de campo ante a repentina irrupção da prima. Para chegar da casa de campo à estação de trem do Arraial das Garotas Tagarelas havia dois caminhos. Um, o mais comprido, passava pela Aldeia Porco e pela Aldeia Ovo, margeando às vezes os rochedos e o mar. O outro, muito mais curto, corria por uma trilha que dividia em dois um imenso bosque de carvalhos, faias e álamos para reaparecer nos arredores do Arraial das Garotas Tagarelas, junto a uma fábrica de conservas abandonada, bem perto da estação.

A imagem é a seguinte: Hugo Halder caminha à frente de Hans Reiter com o chapéu na mão e observando com atenção o dossel do bosque, um ventre escuro pelo qual se movimentam furtivos animais e aves que não consegue reconhecer. Dez metros atrás caminha Hans Reiter com a mala do sobrinho do barão, que pesa demais e que portanto passa, a cada certo tempo, de uma mão para a outra. De repente ambos ouvem o grunhido de um javali ou do que creem ser um javali. Talvez só se trate de um cachorro. Talvez o que ouviram tenha sido o motor distante de um carro a ponto de enguiçar. Estas duas últimas opções são altamente improváveis mas não impossíveis. O certo é que ambos, sem se dizer nada, aceleram o passo e de repente Hans Reiter tropeça e cai, cai também a mala esparramando seu conteúdo pela trilha escura que corta o bosque escuro. E junto com a roupa de Hugo Halder, que não se dera conta do tombo e que se distancia cada vez mais, o jovem e exausto Hans Reiter distingue talheres de prata, candelabros, caixinhas de madeira laqueada, medalhões esquecidos nos muitos aposentos da casa de campo, que o sobrinho do barão certamente empenhará ou venderá mal em Berlim.

Claro, Hugo Halder soube que Hans Reiter o tinha descoberto e isso contribuiu para aproximá-lo do jovem criado. O primeiro sinal foi dado na mesma tarde em que Hans Reiter levou a mala para a estação de trem. Ao se despedir, Halder pôs em suas mãos umas tantas moedas de gorjeta (era a primeira vez que lhe dava dinheiro e também era a primeira vez que Hans Reiter recebia dinheiro que não fosse o correspondente ao seu minguado salário). Na visita seguinte que fez à casa de campo lhe deu um suéter de presente. Disse que era dele e que não cabia mais porque tinha engordado um pouco, o que à simples vista não era verdade. Numa palavra, Hans Reiter deixou de ser invisível e sua presença se fez credora de uma outra atenção.

Vez ou outra, quando estava na biblioteca lendo ou fingindo ler seus livros de história, Halder mandava chamar Reiter, com quem mantinha conversas cada vez mais demoradas. No começo perguntava pelo resto dos serviçais. Queria saber o que pensavam dele, se sua presença os importunava, se o suportavam, se alguém sentia por ele algum rancor. Depois passaram aos monólogos. Halder falava da sua vida, da sua mãe morta, de seu tio, o barão, da sua única prima, aquela moça inatingível e atrevida, das tentações que Berlim oferecia, cidade de que gostava mas que lhe produzia ao mesmo tempo sofrimentos sem conta, em certas ocasiões de uma agudeza insuportável, do estado de seus nervos, sempre a ponto de estourar.

Depois quis que o jovem Hans Reiter lhe contasse, por sua vez, coisas da sua vida, o que fazia?, o que queria fazer?, quais eram seus sonhos?, o que pensava que o futuro lhe reservava?

Sobre o futuro, como não podia deixar de ser, Halder tinha suas próprias ideias. Acreditava que logo se inventaria e se poria à venda uma espécie de estômago artificial. A ideia era tão disparatada que ele próprio era o primeiro a rir dela (foi a primeira vez que Hans Reiter o viu rir, e o riso de Halder desagradou-o profundamente). Sobre seu pai, o pintor que vivia na França, ele nunca falava, mas em compensação gostava de saber coisas acerca dos pais das outras pessoas. Achou divertida a resposta que o jovem Reiter lhe deu a esse respeito. Disse que sobre o pai não sabia nada.

— É verdade — disse Halder —, a gente nunca sabe nada sobre nosso pai.

Um pai, disse, é uma galeria imersa na mais profunda escuridão, na qual caminhamos às cegas procurando a porta de saída. No entanto insistiu para que o jovem serviçal lhe dissesse pelo menos o aspecto físico do pai, ao que o jovem Hans Reiter respondeu que sinceramente não sabia. Nesse ponto Halder quis saber se morava com ele ou não. Sempre morei com ele, respondeu Hans Reiter.

— E qual o aspecto físico dele? Você não é capaz de descrevê-lo?

— Não sou capaz porque não sei — respondeu Hans Reiter.

Por uns segundos ambos permaneceram em silêncio, um olhando as unhas, o outro olhando o teto da biblioteca. Parecia difícil acreditar, mas Halder acreditou.

Poder-se-ia dizer, forçando muito o termo, que Halder foi o primeiro amigo que Hans Reiter teve. Cada vez que ia à casa de campo passava mais tempo com ele, ou trancados na biblioteca, ou andando e conversando pelo parque que rodeava a propriedade.

Halder, além disso, foi o primeiro que o fez ler alguma coisa que não fosse o livro *Alguns animais e plantas do litoral europeu*. Não foi fácil. Primeiro perguntou a ele se sabia ler. Hans Reiter disse que sim. Depois perguntou se já tinha lido algum livro bom. Frisou a última parte da frase. Hans Reiter disse que sim. Que tinha um bom livro. Halder perguntou que livro era. Hans Reiter disse que era *Alguns animais e plantas do litoral europeu*. Halder disse que com certeza era um livro de divulgação e que ele se referia a um bom livro literário. Hans Reiter disse que não sabia qual era a diferença entre um bom livro de dição

(divulgação) e um bom livro liário (literário). Halder disse que a diferença consistia na beleza, na beleza da história que se contava e na beleza das palavras com que se contava essa história. Ato contínuo começou a dar exemplos. Falou de Goethe e de Schiller, falou de Hölderlin e de Kleist, falou maravilhas de Novalis. Disse que tinha lido todos esses autores e que cada vez que os relia tornava a chorar.

— A chorar — disse —, a chorar, entende, Hans?

Ao que Hans Reiter replicou que nunca o tinha visto com um livro desses autores, mas com livros de história. A resposta de Halder pegou-o de surpresa. Halder disse:

— É que não sei bem história e preciso me atualizar.

— Para quê? — perguntou Hans Reiter.

— Para reparar essa capenguice.

— Capenguice não dá para reparar — disse Hans Reiter.

— Dá sim — contestou Halder —, com um pouco de esforço tudo se repara neste mundo. Quando eu tinha a sua idade — disse Halder, um exagero evidente —, li Goethe até me faltar, apesar de Goethe, claro, ser infinito, enfim, li Goethe, Eichendorff, Hoffman, e descuidei dos meus estudos de história, que também são necessários, como se diz, para amolar os dois gumes da faca.

Depois, enquanto entardecia e eles ouviam crepitar o fogo na lareira, os dois tentaram se pôr de acordo sobre que livro seria o primeiro que Hans Reiter leria mas não chegaram a acordo algum. Ao anoitecer, finalmente, Halder disse que pegasse o livro que quisesse e o devolvesse uma semana depois. O jovem serviçal concordou que essa era a melhor solução.

Em pouco tempo as pequenas subtrações que o sobrinho do barão realizava na casa de campo aumentaram devido, segundo ele, a dívidas de jogo e a compromissos ineludíveis com certas damas que não podia deixar abandonadas. A inabilidade de Halder para dissimular seus furtos era enorme e o jovem Hans Reiter decidiu ajudá-lo. Para que não sentissem falta dos objetos subtraídos sugeriu a Halder que ordenasse ao resto da criadagem que fizesse transferências arbitrárias, esvaziasse aposentos a pretexto de arejá-los, subisse dos porões os velhos baús e tornasse a descê-los. Numa palavra: mudasse as coisas de lugar.

Sugeriu também, e nisso aliás colaborou ativamente, que se dedicasse às raridades, à rapina das antiguidades verdadeiramente antigas e portanto esquecidas, diademas aparentemente sem nenhum valor que haviam pertencido à sua bisavó ou tataravó, bengalas de madeiras preciosas com castão de prata, as espadas que seus antepassados haviam utilizado nas guerras napoleônicas ou contra os dinamarqueses ou contra os austríacos.

Halder, de resto, sempre fora generoso com ele. A cada nova visita lhe entregava o que chamava de sua parte do butim, que na realidade nada mais era que uma gorjeta um tanto desmedida, mas que para Hans Reiter constituía uma fortuna. Essa fortuna, claro, ele não mostrou aos pais, porque eles não teriam demorado a acusá-lo de ladrão. Tampouco comprou nada para si. Arranjou uma caixa de biscoitos, onde introduziu as poucas notas e as muitas moedas, escreveu num papel “este dinheiro pertence a Lotte Reiter”, e enterrou-a no bosque.

O acaso ou o demônio quis que o livro que Hans Reiter escolhesse para ler fosse o *Parsifal*, de Wolfram von Eschenbach. Quando Halder o viu com o livro sorriu e disse que não ia entender, mas também disse que não estranhava que houvesse escolhido aquele livro e não outro, de fato, disse a ele que esse livro, mesmo que não o entendesse nunca, era o mais indicado para ele, da mesma forma que Wolfram von Eschenbach era o autor em quem ele encontraria mais clara semelhança consigo próprio ou com seu espírito ou com o que ele desejava ser e, lamentavelmente, não seria jamais, embora só lhe faltasse um pouquinho assim, disse Halder quase grudando as pontas do polegar e do indicador.

Wolfram, descobriu Hans, disse sobre si mesmo: eu fugia das letras. Wolfram, descobriu Hans, rompe com o arquétipo do cavaleiro cortesão e lhe é negado (ou ele se nega a si mesmo) o aprendizado, a escola dos clérigos. Wolfram, descobriu Hans, ao contrário dos trovadores e dos *Minnesänger*, se recusa a servir à dama. Wolfram, descobriu Hans, declara não possuir artes, mas não para ser tomado por inculto, e sim como uma forma de dizer que está livre da carga do latinório e que é um cavaleiro laico e independente. Laico e independente.

Claro, houve poetas medievais alemães mais importantes do que Wolfram von Eschenbach. Friedrich von Hausen é um deles, Walther von der Vogelweide é outro. Mas a soberba de Wolfram (*eu fugia das letras, eu não possuía artes*), uma soberba que dá as costas, uma soberba que diz *morrei, eu viverei*, lhe confere um halo de mistério vertiginoso, de indiferença atroz, que atraiu o jovem Hans como um gigantesco ímã atrai um fino prego.

Wolfram não tinha terras. Wolfram portanto estava submetido ao serviço de vassalagem. Wolfram teve alguns protetores, condes que concediam visibilidade a seus vassalos ou pelo menos a alguns dos seus vassalos. Wolfram disse: *meu estilo é a profissão do escudo*. E enquanto Halder lhe contava todas essas coisas de Wolfram, digamos assim, para situá-lo no local do crime, Hans leu do princípio ao fim o *Parsifal*, às vezes em voz alta, quando estava no campo ou quando percorria o caminho que levava da sua casa ao trabalho, e não só entendeu, como também gostou. E o que mais gostou, o que o fez chorar e contorcer-se de risos, deitado na relva, foi que Parsifal às vezes cavalgava (*meu estilo é a profissão do escudo*) levando debaixo da armadura sua roupa de louco.

Os anos que passou em companhia de Hugo Halder foram proveitosos para ele. A rapina continuou, às vezes com um ritmo alto, outras com ritmo decrescente, este último em parte porque já restava pouco para roubar na casa de campo sem que a prima de Hugo ou o resto da criadagem percebesse. Só numa ocasião o barão apareceu em seus domínios. Chegou num carro preto com as cortinas abaixadas e pernoitou uma noite.

Hans acreditou que o veria, que talvez o barão se dirigisse a ele, mas nada disso aconteceu. O barão só passou uma noite na casa de campo, percorrendo as alas da casa que estavam mais abandonadas, numa permanente mobilidade (e num permanente silêncio), sem incomodar

os criados, como se estivesse sonhando e não pudesse se comunicar verbalmente com ninguém. De noite, ceou pão preto e queijo, e ele próprio desceu à adega e escolheu a garrafa de vinho que abriu para acompanhar sua frugal refeição. Na manhã seguinte desapareceu antes de clarear o dia.

A filha do barão, pelo contrário, ele viu muitas vezes. Sempre acompanhada por seus amigos. Em três ocasiões, no tempo em que Hans trabalhou lá, sua chegada coincidiu com uma estada de Halder, e as três vezes Halder, profundamente coibido ante a presença da prima, fez de imediato a mala e foi-se embora. Da última vez, quando atravessavam o bosque que havia selado, de certa forma, sua cumplicidade, Hans perguntou a ele o que o deixava tão nervoso. A resposta de Halder foi curta e mal-humorada. Disse que ele não o entenderia e continuou caminhando sob o dossel do bosque.

Em 1936 o barão fechou a casa de campo e despediu os criados, deixando lá somente o guarda-florestal. Por algum tempo, Hans ficou sem fazer nada, depois passou a engrossar as fileiras dos exércitos de trabalhadores que construíam estradas no Reich. Todos os meses mandava para a família o salário quase completo, pois suas necessidades eram frugais, apesar de nos dias de folga ir com outros companheiros para as tabernas dos vilarejos mais próximos onde bebiam cerveja até ficarem estirados no chão. Entre os jovens peões era sem dúvida o que melhor aguentava a bebida, e num par de ocasiões participou de concursos organizados espontaneamente para ver quem bebia mais em menos tempo. Mas ele não gostava de bebida, ou não gostava mais que da comida, e no dia em que sua brigada estava trabalhando perto de Berlim deu baixa e sumiu.

Não demorou para encontrar na cidade grande o endereço de Halder, em cuja casa se apresentou em busca de ajuda. Halder lhe arranjou um trabalho de ajudante numa papelaria. Morava então num quarto de uma casa de operários, onde lhe alugaram uma cama. Compartilhava o quarto com um sujeito de uns quarenta anos que trabalhava de vigia noturno de uma fábrica. O sujeito se chamava Füchler e tinha uma doença, provavelmente de origem nervosa, como ele próprio admitia, que certas noites se manifestava em forma de reumatismo, em outras como doença cardíaca ou imprevistos ataques de asma.

Viam-se pouco, ele e Füchler, pois um trabalhava de noite e o outro de dia, mas quando se encontravam o convívio era excelente. Segundo esse tal de Füchler lhe confessou, muito tempo atrás fora casado e tivera um filho. Quando seu filho tinha cinco anos adoeceu e em pouco tempo morreu. Füchler não pôde suportar a morte do filho e após três meses de luto, trancado no porão da casa, encheu uma mochila com o que encontrou e foi embora sem dizer nada a ninguém. Por um tempo vagabundeou pelas estradas da Alemanha vivendo da caridade ou do que o acaso lhe oferecesse. Anos depois voltou a Berlim, onde um amigo o reconheceu na rua e lhe ofereceu trabalho. Esse amigo, que já tinha morrido, trabalhava de supervisor na fábrica onde Füchler atualmente era vigia. A fábrica não era muito grande e por muito tempo se dedicou a produzir armas de caça, mas ultimamente tinha se convertido e agora se dedicava a produzir fuzis.

Uma noite, voltando do trabalho, Hans Reiter encontrou o vigia Füchler deitado na cama. A mulher que alugava o quarto tinha subido para ele um prato de sopa. O aprendiz da

papelaria se deu conta de imediato de que seu companheiro de quarto ia morrer.

As pessoas sadias fogem do contato com pessoas doentes. Essa regra é aplicável a quase todo o mundo. Hans Reiter era uma exceção. Não temia nem os sadios nem tampouco os doentes. Não se aborrecia nunca. Era prestativo e tinha em alta estima a noção, essa noção tão vaga, tão maleável, tão desfigurada, da amizade. Os doentes, por sinal, são sempre mais interessantes que os sadios. As palavras dos doentes, inclusive dos que são capazes apenas de balbuciar, sempre são mais importantes que as palavras dos sadios. Aliás, toda pessoa sadia é uma futura pessoa doente. A noção do tempo, ah, a noção do tempo dos doentes, que tesouro escondido num buraco no deserto. Os doentes, aliás, mordem de verdade, enquanto as pessoas sadias fazem que mordem mas na realidade só mastigam ar. Aliás, aliás, aliás.

Antes de morrer, Füchler propôs a Hans que, se este quisesse, podia ficar com seu trabalho. Perguntou quanto ganhava na papelaria. Hans disse. Uma miséria. Escreveu uma carta de apresentação para o novo supervisor, onde se fazia responsável pelo comportamento do jovem Reiter, a quem, disse, conhecia desde sempre. Hans pensou no assunto o dia inteiro, enquanto descarregava caixas de lápis e caixas de borrachas e caixas de cadernetas e varria a calçada da papelaria. Quando voltou para casa disse a Füchler que parecia uma boa ideia, que mudaria de trabalho. Naquela mesma noite se apresentou na fábrica de fuzis, que ficava nos arrabaldes, e depois de uma breve conversa com o supervisor chegaram a um acordo pelo qual ficaria quinze dias como experiência. Pouco depois Füchler morreu. Como não tinha ninguém a quem entregar seus pertences, ficou com eles. Um capote, um par de sapatos, um cachecol de lã, quatro camisas, várias camisetas, sete pares de meias. A navalha de Füchler ele deu ao dono da casa. Debaixo da cama, numa caixa de papelão, encontrou várias histórias de caubói. Ficou com elas.

A partir de então, o tempo livre de Hans Reiter se multiplicou. De noite trabalhava percorrendo o pátio de paralelepípedo da fábrica e os corredores frios das salas compridas com grandes vidraças para aproveitar ao máximo a luz solar, e de manhã, depois de comer um desjejum em alguma banca de ambulante do bairro operário onde vivia, dormia de quatro a seis horas e depois tinha as tardes livres para ir ao centro de Berlim de bonde, onde se apresentava na casa de Hugo Halder, com o qual saía para passear ou visitar cafés e restaurantes onde o sobrinho do barão invariavelmente costumava encontrar alguns conhecidos aos quais propunha negócios que nunca ninguém aceitava.

Por aquela época Hugo Halder morava num dos becos que há junto da Himmelstrasse, num apartamento pequeno abarrotado de móveis antigos e pinturas empoeiradas penduradas na parede e seu melhor amigo, além de Hans, era um japonês que trabalhava como secretário do encarregado de assuntos agrícolas na delegação do Japão. O japonês se chamava

Noburo Nisamata mas Halder e também Hans o chamavam de Nisa. Tinha vinte e oito anos e era de temperamento afável, dado a aclamar as piadas mais inocentes e disposto a ouvir as ideias mais disparatadas. Geralmente se reuniam no café A Virgem de Pedra, a poucos passos da Alexanderplatz, onde Halder e Hans costumavam chegar primeiro e comer alguma coisa, uma salsicha com um pouco de chucrute, até que o japonês chegava, uma ou duas horas mais tarde, impecavelmente vestido, e apenas tomava um copo de uísque sem água nem gelo, antes de sair às carreiras do café e se perder na noite berlinense.

Então Halder assumia a direção. Ia de táxi até o cabaré Eclipse, onde se apresentavam as piores cabareteiras de Berlim, um grupo de mulheres idosas e sem talento que havia encontrado o sucesso na exibição sem disfarces do seu fracasso, e onde, apesar das gargalhadas e dos assobios, se você tivesse familiaridade suficiente com um garçom para que este conseguisse uma mesa isolada, dava para conversar sem maiores problemas. O Eclipse era, além do mais, uma casa barata, se bem que durante essas noites de gandaia berlinense o dinheiro não tinha importância para Halder, entre outras razões porque o japonês sempre pagava. Depois, já de cara cheia, costumavam ir ao Café dos Artistas, onde não havia variedades mas onde se podia ver alguns pintores do Reich e, coisa que dava a Nisa um grande prazer, você podia compartilhar a mesa com uma dessas celebridades, muitos dos quais Halder conhecia havia muito e com alguns até tinha intimidade.

Do Café dos Artistas, geralmente às três da manhã iam para o Danúbio, um cabaré de luxo, onde as dançarinas eram altíssimas e muito bonitas, e onde em mais de uma ocasião tiveram problemas com o porteiro ou com o maître para que Hans pudesse entrar, pois a indumentária deste, carente de solenidade, não se ajustava à etiqueta exigida. Nos dias de semana, aliás, Hans abandonava seus amigos às dez da noite para sair correndo até a parada do bonde e chegar na hora em seu trabalho de vigia noturno. Durante aqueles dias, se fizesse tempo bom, ficavam horas sentados no terraço de um restaurante da moda, falando dos inventos que passavam pela cabeça de Halder. Este jurava que um dia, quando tivesse tempo, os patentearia e ficaria rico, o que provocava estranhos acessos de hilaridade no japonês. O riso de Nisa tinha algo de histérico: ria não só com os lábios, com os olhos e com a garganta mas também com as mãos, com o pescoço e com os pés, que davam ligeiras sapateadas no chão.

Em certa ocasião, depois de explicar a eles a utilidade de uma máquina que produziria nuvens artificiais, Halder perguntou inesperadamente a Nisa se o seu encargo na Alemanha era o que ele dizia mesmo ou se cumpria a função de agente secreto. A pergunta, de supetão, pegou Nisa desprevenido e de início ele não a entendeu direito. Depois, quando Halder explicou seriamente a função de um agente secreto, Nisa teve um frouxo de riso como Hans nunca tinha visto na vida, a tal ponto que de repente caiu desmaiado na mesa, e ele e Halder tiveram de levá-lo às pressas para o banheiro, onde lhe jogaram água na cara e conseguiram reanimá-lo.

Nisa, por seu lado, não falava muito, seja por descrição ou porque não desejava ofendê-los com sua má pronúncia do alemão. De vez em quando, porém, dizia coisas interessantes. Por exemplo, que o zen era uma montanha que morde o próprio rabo. Dizia que o idioma que

havia estudado era o inglês e que fora destinado a Berlim por um dos muitos equívocos do ministério. Dizia que os samurais eram como peixes numa cachoeira mas que o melhor samurai da história foi uma mulher. Dizia que seu pai tinha conhecido um monge cristão que viveu quinze anos sem nunca sair da ilha de Endo, a poucas milhas de Okinawa, e que a ilha era de rocha vulcânica e não tinha água.

Quando dizia essas coisas costumava acompanhá-las de um sorriso. Halder, por sua vez, o contradizia afirmando que Nisa era xintoísta, que só gostava das putas alemãs, que além de alemão e de inglês sabia falar e escrever corretamente em finlandês, sueco, norueguês, dinamarquês, neerlandês e russo. Quando Halder dizia essas coisas, Nisa ria devagarinho, hi hi hi, e mostrava a Hans seus dentes, e seus olhos brilhavam.

Em certas ocasiões, porém, sentado nos terraços ou em torno de uma mesa escura de cabaré, o trio se instalava sem quê nem por quê num silêncio obstinado. Pareciam petrificar-se de repente, esquecer o tempo e voltar-se inteiramente para dentro, como se deixassem de lado o abismo da vida cotidiana, o abismo das pessoas, o abismo da conversa e decidissem assomar a uma região como que lacustre, uma região romântica tardia, onde as fronteiras eram cronometradas de crepúsculo a crepúsculo, dez, quinze, vinte minutos que duravam uma eternidade, como os minutos dos condenados à morte, como os minutos das parturientes condenadas à morte que compreendem que mais tempo não é mais eternidade e que no entanto desejam com toda a sua alma mais tempo, e esses vagidos eram os pássaros que cruzavam de vez em quando e com tanta serenidade a dupla paisagem lacustre, como excrescências luxuosas ou como batidas do coração. Depois, como é natural, saíam com câibras do silêncio e tornavam a falar de inventos, de mulheres, de filologia finlandesa, da construção de estradas na geografia do Reich.

Em não poucas ocasiões as correrias noturnas deles acabavam no apartamento de uma tal de Grete von Joachimsthaler, velha amiga de Halder com quem ele mantinha uma relação cheia de subterfúgios e mal-entendidos.

À casa de Grete costumavam ir músicos, inclusive um maestro que afirmava que a música era a quarta dimensão e que Halder estimava muito. O maestro tinha trinta e cinco anos e era admirado (as mulheres desmaiavam por ele) como se tivesse vinte e cinco e respeitado como se tivesse oitenta. Em geral, quando ia terminar as noitadas no apartamento de Grete, sentava-se ao piano, que não tocava nem com a ponta do mindinho, e de imediato era rodeado por uma corte de amigos e seguidores abobados, até que decidia se levantar e emergir como um apicultor de um enxame de abelhas, só que esse apicultor não ia protegido por um filó nem por um chapéu, e aí da abelha que se atrevesse a picá-lo, nem que fosse só em pensamento.

A quarta dimensão, dizia, contém as três dimensões e lhes atribui, de passagem, seu valor real, quer dizer, anula a ditadura das três dimensões, e anula, portanto, o mundo

tridimensional que conhecemos e em que vivemos. A quarta dimensão, dizia, é a riqueza absoluta dos sentidos e do Espírito (com maiúscula), é o olho (com maiúscula), isto é, o Olho, que se abre e anula os olhos, que comparados com o Olho são apenas uns pobres orifícios de lama, fixos na contemplação ou na equação nascimento-aprendizado-trabalho-morte, enquanto o Olho sobe o rio da filosofia, o rio da existência, o rio (rápido) do destino.

A quarta dimensão, dizia, só era exprimível mediante a música. Bach, Mozart, Beethoven.

Era difícil se aproximar do maestro. Quer dizer, não era difícil se aproximar fisicamente, mas era difícil que ele, cego pelos refletores, separado dos demais pelo fosso, conseguisse ver alguém. Uma noite, no entanto, o trio pitoresco composto por Halder, o japonês e Hans captou sua atenção e ele perguntou à anfitriã quem eram. Ela disse que Halder era um amigo, filho de um pintor que em outros tempos fora promissor, sobrinho do barão Von Zumpe, que o japonês trabalhava na embaixada japonesa e que o jovem alto, desengonçado e mal vestido era sem dúvida um artista, um pintor, provavelmente, que Halder protegia.

O maestro, então, quis conhecê-los e a anfitriã, refinada, chamou o surpreso trio com o indicador e os conduziu a um canto isolado do apartamento. Por um instante, como é natural, não souberam o que dizer uns aos outros. O maestro lhes falou, mais uma vez, pois naquela época era seu tema favorito, da música ou da quarta dimensão, não ficava muito claro onde uma acabava e a outra começava, talvez o ponto de união entre ambas, a julgar por certas palavras misteriosas do maestro, fosse o próprio maestro, em quem confluíam de forma espontânea os mistérios e as respostas. Halder e Nisa assentiam a tudo, mas o mesmo não se dava com Hans. Segundo o maestro, a vida — tal qual — na quarta dimensão era de uma riqueza inimaginável etc. etc., mas o que era verdadeiramente importante era a distância com que você, imerso nessa harmonia, podia contemplar os humanos assuntos, com equanimidade, numa palavra, sem pesos artificiais que oprimissem o espírito entregue ao trabalho e à criação, à única verdade transcendente da vida, aquela verdade que cria mais vida e depois mais vida e mais vida, uma torrente inesgotável de vida, alegria e luminosidade.

O maestro falava e falava da quarta dimensão e de algumas sinfonias que havia regido ou que pretendia reger proximamente, sem tirar os olhos deles. Seus olhos eram como olhos de um falcão que voa e ao mesmo tempo se compraz do seu voo, mas que também mantém o olhar vigilante, o olhar capaz de discernir o mais ínfimo movimento lá embaixo, no desenho confuso da terra.

Talvez o maestro estivesse meio de pileque. Talvez o maestro estivesse cansado e pensasse em outras coisas. Talvez as palavras que o maestro dizia não expressassem de modo algum seu estado de espírito, seu humor, sua disposição temerosa ante o fenômeno artístico.

Naquela noite, porém, Hans perguntou a ele ou perguntou a si mesmo em voz alta (era a primeira vez que falava) o que pensariam os que viviam ou frequentavam a quinta dimensão. De início o maestro não entendeu direito, apesar do alemão de Hans ter melhorado muito desde que foi trabalhar nas brigadas de estradas e mais ainda desde que vivia em Berlim. Depois captou a ideia e parou de olhar para Halder e para Nisa a fim de concentrar seu olhar

de falcão ou de águia ou de abutre carniceiro nos olhos cinzentos e tranquilos do jovem prussiano, que já estava formulando outra pergunta: o que pensariam os que tinham acesso livre à sexta dimensão daqueles que se instalavam na quinta ou na quarta dimensão? O que pensariam os que viviam na décima dimensão, isto é, os que percebiam dez dimensões, da música, por exemplo? O que era Beethoven para eles? O que era Mozart para eles? O que era Bach para eles? Provavelmente, respondeu a si mesmo o jovem Reiter, só ruído, ruído como de folhas amarrotadas, ruído como de livros queimados.

Nesse momento, o maestro ergueu a mão no ar e disse, ou antes sussurrou confidencialmente.

— Não fale de livros queimados, caro jovem.

Ao que Hans respondeu:

— Tudo é um livro queimado, caro maestro. A música, a décima dimensão, a quarta dimensão, os berços, a produção de balas e de fuzis, as histórias do oeste: tudo livros queimados.

— Do que está falando? — indagou o maestro.

— Só estava dando a minha opinião — disse Hans.

— Uma opinião como qualquer outra — disse Halder, tentando, se possível, pôr um ponto final jocoso, que não o indispusse com o maestro nem que indispusse este com seu amigo —, uma típica intervenção de adolescente.

— Não, não, não — disse o maestro —, a que se refere quando fala de histórias do oeste?

— Histórias de caubói — disse Hans.

Essa declaração parece ter tirado um peso de cima do maestro, que depois de trocar umas tantas palavras amáveis com eles não demorou a deixá-los. Mais tarde o maestro diria à anfitriã que Halder e o japonês pareciam boas pessoas, mas que o adolescente amigo de Halder funcionava, sem sombra de dúvida, como uma bomba-relógio: uma mente tosca e poderosa, irracional, ilógica, capaz de explodir no momento menos indicado. O que não era verdade.

Aliás, as noites no apartamento de Grete von Joachimsthaler costumavam acabar, quando os músicos já tinham ido, na cama ou na banheira, uma banheira como havia poucas em Berlim, uma banheira de dois metros e meio de comprimento por um metro e meio de largura, esmaltada de negro e com patas de leão, onde Halder e depois Nisa massageavam interminavelmente Grete, das têmporas aos dedos dos pés, ambos impecavelmente vestidos, às vezes inclusive de sobretudo (por expresso desejo de Grete), enquanto esta adotava ares de sereia, umas vezes de cara para cima, outras vezes de cara para baixo, outras debaixo d'água!, sua nudez coberta unicamente pela espuma.

Durante essas noites amorosas, Hans esperava na cozinha, onde preparava um lanchinho para si e tomava uma cerveja, depois andava, o copo de cerveja numa mão e o lanche na outra, pelos amplos corredores do apartamento ou se punha às grandes janelas da sala das quais se contempla o amanhecer que escorregava como uma onda pela cidade

afogando todos.

Às vezes Hans se sentia febril e acreditava que era a necessidade de sexo que fazia sua pele arder, mas se enganava. Às vezes Hans deixava as janelas abertas para que se dissipasse o cheiro de fumaça da sala, apagava as luzes e sentava numa poltrona enrolado em seu capote. Então notava o frio e sentia sono e fechava os olhos. Uma hora depois, quando já havia amanhecido totalmente, sentia as mãos de Halder e Nisa que o sacudiam e diziam que precisavam ir embora.

A senhora Von Joachimsthaler nunca aparecia por aquelas horas. Só Halder e Nisa. E Halder sempre com um envelope que tentava dissimular debaixo do sobretudo. Já na rua, ainda adormecido, via que as pernas das calças dos amigos estavam molhadas e também as mangas dos ternos, e que as pernas e as mangas exalavam um vapor morno ao entrarem em contato com o ar frio da rua, um vapor só um pouco menos denso que aquele que saía das bocas de Nisa e Halder, que naquela hora da manhã se dirigiam, rejeitando os táxis, ao café mais próximo para um desjejum reforçado, e pela sua própria boca.

Em 1939 Hans Reiter foi convocado para o exército. Após uns meses de treinamento destinaram-no ao regimento 310 de infantaria hipomóvel, cuja base ficava a trinta quilômetros da fronteira polonesa. O regimento 310 mais o regimento 311 e o 312 pertenciam à divisão de infantaria hipomóvel 79, comandada então pelo general Kruger, que por sua vez pertencia ao décimo corpo de infantaria, comandado pelo general Von Bohle, um dos principais filatelistas do Reich. O regimento 310 era comandado pelo coronel Von Berenberg e era formado por três batalhões. O recruta Hans Reiter foi incorporado ao terceiro batalhão, destinado primeiro a auxiliar de metralhadora, depois a membro de uma companhia de assalto.

O capitão responsável por esse último corpo era um esteta chamado Paul Gercke, o qual acreditou que a altura de Reiter era a indicada para infundir respeito e inclusive temor, digamos, numa carga de exercício ou num desfile militar das companhias de assalto, mas ele sabia que em caso de combate real e não simulado a mesma altura que o havia levado àquele posto ia ser, a longo prazo, sua perdição, pois na prática o melhor soldado de assalto é o que mede pouco, é magro como um aspargo e se move com a velocidade de um esquilo. Claro, antes de se transformar em soldado de infantaria do regimento 310, da divisão 79, Hans Reiter, posto ante a alternativa de escolher, tentou que o mandassem servir num submarino. Essa pretensão, avalizada por Halder, que acionou ou disse ter acionado todas as suas amizades militares e civis, a maioria das quais, suspeitava Hans, eram mais imaginárias do que reais, só provocou ataques de riso nos marinheiros que controlavam as listas de alistamento da marinha alemã, em especial nos que conheciam as condições de vida nos submarinos e as medidas reais dos submarinos, onde um sujeito que media um metro e noventa terminaria com toda segurança se transformando numa maldição para o resto dos seus companheiros.

O caso é que, apesar das suas influências, imaginárias ou não, Hans foi recusado da

maneira mais indigna pela marinha alemã (onde recomendaram jocosamente, que fosse ser tanquista) e teve de se contentar com seu primeiro destino, a infantaria hipomóvel.

Uma semana antes de partir para o campo de treinamento, Halder e Nisa lhe deram um jantar de despedida que acabou num bordel, onde lhe suplicaram que perdesse a virgindade de uma vez por todas, em honra à amizade que os unia. A puta que lhe coube (escolhida por Halder e provavelmente amiga de Halder e provavelmente, também, sócia frustrada de alguns dos múltiplos negócios de Halder) era uma camponesa da Baviera, muito meiga e calada, se bem que quando se punha a falar, o que não fazia com frequência dir-se-ia que por economia, se revelava uma mulher prática em todos os sentidos, entre eles o sexual, e inclusive com uns rasgos de avaréza que repugnaram Hans profundamente. Claro, naquela noite não fez amor, apesar de ter dito aos amigos que sim, mas no dia seguinte tornou a visitar a puta, que se chamava Anita. Durante a segunda visita, Hans perdeu a virgindade, e houve ainda mais duas visitas, suficientes para que Anita decidisse se espraiar sobre a sua vida e sobre a filosofia que regia a sua vida.

Quando chegou a hora de ir embora, foi sozinho. Notou que era estranho ninguém o acompanhar até a estação de trem. De Anita tinha se despedido na noite anterior. De Halder e Nisa não sabia nada desde a primeira visita ao bordel, como se ambos os amigos houvessem dado como pacífico que na manhã seguinte ele iria embora, o que não era certo. Faz uma semana, pensou, Halder vive em Berlim como se eu já tivesse ido embora. A única pessoa de que se despediu no dia da partida foi da sua senhoria, que lhe disse ser uma honra servir à pátria. Em sua nova bagagem de soldado só levava umas poucas peças de roupa e o livro *Alguns animais e plantas do litoral europeu*.

Em setembro começou a guerra. A divisão de Reiter avançou até a fronteira e cruzou-a depois de terem feito as divisões panzer e as divisões de infantaria motorizada que abriam caminho. Internaram-se no território polonês à marcha forçada, sem combater e sem tomar muitas precauções: os três regimentos se movimentavam numa atmosfera geral de romaria, como se aqueles homens avançassem para um santuário religioso e não para uma guerra na qual inevitavelmente alguns deles encontrariam a morte.

Atravessaram vários vilarejos, sem saqueá-los, em perfeita ordem, mas sem nenhum tipo de arrogância, sorrindo para as crianças e para as mocinhas, e de vez em quando cruzavam com soldados de moto que voavam pela estrada, às vezes em direção ao leste, às vezes em direção ao oeste, trazendo ordens para a divisão ou trazendo ordens para o estado-maior do corpo. Deixaram a artilharia para trás. Às vezes, ao chegar no alto de um morro, olhavam para o leste, para onde supunham que estava o front, e não viam nada, só uma paisagem adormecida com os últimos clarões do verão. Para o oeste, pelo contrário, podiam avistar a poeirada da artilharia regimental e divisionária que se esforçava para alcançá-los.

No terceiro dia de viagem o regimento de Hans desviou por outra estrada de terra. Pouco antes do anoitecer chegaram a um rio. Do outro lado do rio se erguia um bosque de pinheiros e álamos, e atrás do bosque, disseram a eles, havia uma aldeia onde um grupo de

poloneses tinha consolidado posição. Montaram as metralhadoras e os morteiros e lançaram foguetes luminosos, mas ninguém respondeu. Duas companhias de assalto atravessaram o rio depois da meia-noite. No bosque, Hans e seus companheiros ouviram o arrulhar de uma coruja. Quando saíram do outro lado descobriram, como um vulto negro incrustado ou embutido na escuridão, a aldeia. As duas companhias se dividiram em vários grupos e prosseguiram seu avanço. A cinquenta metros da primeira casa o capitão deu a ordem e todos saíram correndo em direção à aldeia e alguns até pareceram surpresos quando se deram conta de que a aldeia estava vazia. No dia seguinte, o regimento prosseguiu o avanço para o leste, por três caminhos distintos, em paralelo à rota principal que o grosso da divisão seguia.

O batalhão de Reiter encontrou um destacamento de poloneses que ocupava uma ponte. Intimaram-nos a render-se. Os poloneses se negaram e abriram fogo. Um companheiro de Reiter, depois do combate, que durou apenas dez minutos, apareceu com o nariz quebrado do qual manava sangue em abundância. Segundo contou, ao atravessar a ponte se dirigiu em companhia de uns dez soldados até a orla de um bosque. Nesse momento, do galho de uma árvore se desprende um polonês que o atacou a socos. Claro, o companheiro de Reiter não soube o que fazer pois no pior dos casos ou no melhor dos casos, quer dizer no caso mais extremo, ele tinha se imaginado vítima de um ataque à faca ou de um ataque à baioneta, quando não de um ataque com arma de fogo, mas nunca de um ataque a socos. No momento em que recebeu os murros do polonês na cara, claro está, ficou com raiva, porém mais forte que a raiva foi a surpresa, a impressão recebida, a qual o deixou incapacitado para responder, seja a socos, como seu agressor, ou utilizando o fuzil. Simplesmente levou um soco no estômago, que não doeu, e depois um gancho no nariz, que o deixou meio tonto, e depois, enquanto caía no chão, viu o polonês, a sombra que era o polonês naquele momento, que em vez de roubar sua arma como teria feito alguém mais esperto, tentava voltar para o bosque, e a sombra de um dos seus companheiros que disparava, e depois mais disparos e a sombra do polonês que caía crivado de balas. Quando Hans e o resto do batalhão atravessaram a ponte não havia cadáveres inimigos estirados de um lado da estrada, e as únicas baixas do batalhão eram dois feridos leves.

* * *

Foi durante aqueles dias, enquanto caminhavam sob o sol ou sob as primeiras nuvens cinzentas, enormes, intermináveis nuvens cinzentas que anunciavam um outono memorável, e seu batalhão deixava para trás aldeia após aldeia, que Hans pensou que debaixo do seu uniforme de soldado da Wehrmacht trazia posta uma roupa de louco ou um pijama de louco.

Uma tarde seu batalhão cruzou com um grupo de oficiais do estado-maior. De que estado-maior? Não sabia, mas eram oficiais de estado-maior. Enquanto caminhavam pela estrada, os oficiais tinham se reunido num morro bem próximo do caminho e olhavam para o céu,

atravessado nesse momento por uma esquadrilha de aviões que se dirigia para o leste, talvez Stukas, talvez caças, alguns oficiais apontavam para eles com o indicador ou com toda a mão, como se dissessem *heil Hitler* aos aviões, enquanto outro oficial observava, um pouco apartado, em atitude de ensimesmamento total, as comidas que naquele momento um ordenança depositava cuidadosamente numa mesa portátil, comidas que tirava de uma caixa de proporções consideráveis, de cor preta, como se aquilo se tratasse de uma caixa especial de alguma indústria farmacêutica, essas caixas onde se colocam os medicamentos perigosos ou que ainda não foram suficientemente testados, ou pior ainda, como se aquilo se tratasse de uma caixa de um centro de pesquisas científicas onde os cientistas alemães depositavam, usando luvas, aquilo que podia destruir o mundo e também destruir a Alemanha.

Perto do ordenança e do oficial que observava a disposição que o ordenança dava às comidas em cima da mesa, se encontrava, de costas para todos, outro oficial, este com o uniforme da Luftwaffe, cansado de ver passar os aviões, que segurava numa mão um comprido cigarro e na outra um livro, uma operação simples mas que àquele oficial da Luftwaffe parecia custar imensos esforços pois a brisa que soprava sobre o morro onde estavam todos levantava constantemente as folhas do livro, impedindo a leitura, o que levava o oficial da Luftwaffe a utilizar a mão com que segurava o comprido cigarro para manter fixas (ou imóveis ou paradas) as folhas do livro levantadas pela brisa, coisa que não fazia nada além de piorar a situação, pois o cigarro ou a brasa do cigarro tendia indefectivelmente a queimar as folhas do livro ou a brisa esparramava nas folhas a cinza do cigarro, o que incomodava muito o oficial, que então inclinava a cabeça e soprava, com muito cuidado, pois estava de cara para o vento e ao soprar a cinza corria o risco de que ela terminasse por se alojar em seus olhos.

Junto a esse oficial da Luftwaffe, mas sentados em duas cadeiras de dobrar, havia um par de velhos soldados. Um deles parecia general do exército. O outro parecia disfarçado de lanceiro ou de hussardo. Ambos se entreolhavam e riam, primeiro o general e depois o lanceiro, e assim sucessivamente, como se não compreendessem nada ou como se compreendessem algo que nenhum dos oficiais de estado-maior estacionados naquele morro soubesse. Ao pé do morro estavam estacionados três carros. Junto aos carros, de pé e fumando, os motoristas, e dentro de um dos carros havia uma mulher, muito bonita e elegantemente vestida, a qual se parecia muitíssimo, ou assim pareceu a Reiter, com a filha do barão Von Zumpe, o tio de Hugo Halder.

O primeiro combate propriamente dito de que Reiter participou foi nas redondezas de Kutno, onde os poloneses eram poucos e estavam mal armados mas não mostravam nenhum desejo de se render. O encontro durou pouco, pois acabou resultando que os poloneses tinham sim vontade de se render e o que acontecia era que não sabiam como. O grupo de assalto de Reiter atacou uma granja e um bosque onde o inimigo havia concentrado os restos da sua artilharia. Quando os viu partir, o capitão Gercke pensou que Reiter provavelmente morreria. Para o capitão foi como ver uma girafa partir num pelotão de lobos, coiotes e

hienas. Reiter era tão alto que qualquer recruta polaco, o mais burro de todos, sem dúvida o escolheria como alvo.

No ataque à granja morreram dois soldados alemães e outros cinco ficaram feridos. No ataque ao bosque morreu outro soldado alemão e mais três foram feridos. Com Reiter não aconteceu nada. O sargento que comandava o grupo disse naquela noite ao capitão que Reiter, longe de servir como alvo fácil, havia de certo modo assustado os defensores. De que modo?, perguntou o capitão, dando gritos?, proferindo insultos?, sendo implacável?, tinha assustado a eles, quem sabe, porque no combate se transfigurava em outro?, num guerreiro germânico alheio ao medo e à compaixão?, ou talvez se transfigurasse num caçador, o caçador essencial, o que todos nós levamos dentro de nós, astuto, rápido, sempre um passo à frente da presa?

Ao que o sargento, depois de pensar bem, respondeu que não, que não era precisamente isso. Reiter, disse, era diferente, mas na realidade era o mesmo de sempre, o que todos conheciam, o que acontecia era que havia entrado em combate como se não houvesse entrado em combate, como se não estivesse ali ou como se a coisa não fosse com ele, o que não significava que não cumprisse ou desobedecesse as ordens, isso não, claro, nem que estivesse em transe, alguns soldados, sufocados pelo medo, entram em transe, mas não é transe, é só medo, enfim, que ele, o sargento, não sabia, mas que Reiter tinha alguma coisa e isso até os inimigos percebiam, que atiraram nele várias vezes sem nunca acertar, o que os deixava cada vez mais nervosos.

A divisão 79 seguiu combatendo nos arredores de Kutno, mas Reiter não voltou mais a participar de nenhum outro confronto. Antes do fim de setembro a divisão inteira foi transferida, desta vez de trem, para o front ocidental, onde já estava o resto do décimo corpo de infantaria.

De outubro de 1939 até junho de 1940 não se moveriam. Em frente estava a Linha Maginot, mas eles, ocultos entre bosques e pomares, não podiam vê-la. A vida ficou pacata: os soldados ouviam rádio, comiam, tomavam cerveja, escreviam cartas, dormiam. Alguns falavam do dia em que precisassem rumar direto para as defesas de concreto armado dos franceses. Os que escutavam riam nervosos, faziam piada, contavam histórias familiares.

Uma noite alguém disse que a Dinamarca e a Noruega tinham se rendido. Naquela noite Hans sonhou com o pai. Viu o pernetá, incrustado em seu capote militar, contemplando o Báltico e se perguntando onde tinha se escondido a ilha da Prússia.

O capitão Gercke às vezes se aproximava dele para bater um papo. O capitão perguntou se ele tinha medo de morrer. Que perguntas o senhor me faz, capitão, respondeu Reiter, claro que tenho. Quando respondia dessa maneira o capitão ficava olhando para ele um bom tempo, depois dizia em voz baixa, como se falasse consigo mesmo:

— Maldito embusteiro, não me venha com mentiras, a mim você não engana. Você não

tem medo de nada!

Depois o capitão ia conversar com outros soldados e sua atitude mudava conforme o soldado com quem falava. Por esses mesmos dias, deram ao seu sargento a cruz de ferro de segunda classe por méritos alcançados durante os combates na Polônia. Celebraram a condecoração tomando cerveja. À noite, Hans saía da barraca e se espichava de costas na terra fria do campo para olhar as estrelas. As baixas temperaturas não pareciam afetá-lo muito. Costumava pensar na família, na pequena Lotte que a essa altura já tinha dez anos, na escola. Às vezes, sem remorso, lamentava ter abandonado tão cedo os estudos pois intuía vagamente que a vida teria sido melhor para ele se tivesse continuado.

De resto, não achava desconforto na ocupação de soldado e não sentia necessidade, ou talvez fosse incapaz, de pensar seriamente no futuro. Às vezes, quando estava sozinho ou com seus companheiros, fingia que era um escafandrista e que estava outra vez passeando no fundo do mar. Ninguém, claro, se dava conta, se bem que, se houvessem observado mais atentamente os movimentos de Reiter, alguma coisa, uma ligeira variação em sua forma de andar, em sua forma de respirar, em sua forma de olhar, teriam notado. Uma certa prudência, uma premeditação em cada passo, uma economia pulmonar, uma vitriosidade nas retinas, como se seus olhos se inchassem por efeito de um bombeamento deficiente de oxigênio ou como se, só naqueles momentos, todo o seu sangue frio o abandonasse e ele se visse de repente incapaz de controlar o pranto, que aliás nunca chegava.

Por esses mesmos dias, enquanto esperavam, um soldado do batalhão de Reiter enlouqueceu. Dizia que ouvia todas as manhãs as transmissões radiofônicas, as alemãs e também, coisa mais surpreendente, as francesas. Esse soldado se chamava Gustav e tinha vinte anos, a mesma idade de Reiter, e nunca havia feito parte da equipe de transmissões do batalhão. O médico que o examinou, um muniquense com ar de cansado, disse que Gustav tinha um surto de esquizofrenia auditiva, que consiste em ouvir vozes dentro da cabeça e lhe receitou banhos frios e tranquilizantes. O caso de Gustav, no entanto, se diferenciava num ponto essencial da maioria dos casos de esquizofrenia auditiva: nesta, as vozes que o paciente ouve se dirigem a ele, falam com ele ou o repreendem, enquanto no caso de Gustav as vozes que ele ouvia simplesmente se limitavam a transmitir ordens, eram vozes de soldados, de batedores, de tenentes fazendo o relatório diário, de coronéis falando ao telefone com seus generais, de capitães da intendência reclamando cinquenta quilos de farinha, de pilotos passando as informações atmosféricas. A primeira semana de tratamento pareceu melhorar o soldado Gustav. Andava meio tonto e resistia aos banhos frios, mas já não gritava nem dizia que estavam envenenando sua alma. Na segunda semana escapou do hospital de campanha e se enforcou numa árvore.

Para a divisão de infantaria 79 a guerra no front ocidental não se revestiu de um caráter épico. Em junho, quase sem sobressaltos, cruzaram a Linha Maginot, depois da ofensiva do

Somme, e participaram do cerco de alguns milhares de soldados franceses na região de Nancy. Depois a divisão foi aquartelada na Normandia.

Durante a viagem de trem, Hans ouviu uma história curiosa sobre um soldado da 79 que tinha se perdido nos túneis da Linha Maginot. O setor em que o soldado se perdeu, conforme ele pôde verificar, se chamava setor Charles. O soldado, claro, tinha nervos de aço, ou assim se dizia, e continuou procurando uma saída para a superfície. Depois de andar uns quinhentos metros debaixo da terra chegou ao setor Catherine. O setor Catherine, nem é preciso dizer, não se diferenciava em nada do setor Charles, salvo nos letreiros. Depois de andar mil metros chegou ao setor Jules. Nesse momento o soldado começou a ficar nervoso e a dar rédea larga à sua imaginação. Imaginou-se aprisionado para sempre naqueles corredores subterrâneos, sem que nenhum companheiro viesse em seu auxílio. Desejou gritar e embora tenha se contido no início, com medo de alertar os franceses que pudessem ter ficado escondidos, acabou cedendo ao desejo e pôs-se a berrar tanto quanto seus pulmões permitiam. Mas ninguém respondeu e ele continuou andando, com a esperança de que em algum momento encontraria a saída. Deixou para trás o setor Jules e entrou no setor Claudine. Depois veio o setor Émile, o setor Marie, o setor Jean-Pierre, o setor Bérénice, o setor André, o setor Silvia. Chegando a este, o soldado fez uma descoberta (que outro teria feito muito antes), que consistia em constatar como era estranha a ordem quase imaculada dos corredores. Depois pôs-se a pensar na utilidade deles, quer dizer na utilidade militar, e chegou à conclusão de que não tinham utilidade nenhuma e de que provavelmente ali nunca tinha havido soldados.

Nesse ponto o soldado acreditou que tinha enlouquecido ou, pior ainda, que tinha morrido e que aquilo era seu inferno particular. Cansado e sem esperanças, jogou-se no chão e dormiu. Sonhou com Deus em pessoa. Ele estava dormindo debaixo de uma macieira, na campina alsaciana, e um cavaleiro rural se aproximou dele e acordou-o com uma suave paulada nas pernas. Sou Deus, disse-lhe, se me vender sua alma, que aliás já me pertence, tiro você dos túneis. Me deixe dormir, respondeu o soldado e tentou continuar dormindo. Eu falei que sua alma já me pertence, ouviu a voz de Deus dizer, de modo que, por favor, não seja mais palerma do que normalmente é e aceite minha oferta.

O soldado então acordou, olhou para Deus e perguntou onde precisava assinar. Aqui, disse Deus, tirando um papel do ar. O soldado tentou ler o contrato, mas ele estava escrito em outra língua, nem em alemão nem em inglês nem em francês, disso tinha certeza. E com que eu assino?, perguntou o soldado. Com seu sangue, como sempre, respondeu Deus. Ato contínuo o soldado sacou seu canivete de mil e uma utilidades e feriu a palma da mão esquerda, depois untou a ponta do indicador no sangue e assinou.

— Bom, agora pode continuar dormindo — disse Deus.

— Eu queria sair logo dos túneis — pediu o soldado.

— Tudo vai acontecer conforme o planejado — disse Deus, e lhe deu as costas e começou a descer pela trilhazinha de terra em direção a um vale onde havia uma aldeia cujas casas eram pintadas de verde, branco e marrom-claro.

O soldado achou conveniente fazer uma oração. Juntou as mãos e ergueu os olhos para o

céu. Então se deu conta de que todas as maçãs da macieira tinham secado. Agora pareciam uvas-passas ou, melhor dizendo, ameixas secas. Ao mesmo tempo ouviu um ruído que lhe pareceu vagamente metálico.

— O que estará acontecendo? — exclamou.

Do vale surgiam compridos penachos de fumaça negra que ao chegar a certa altura ficavam suspensos. Uma mão agarrou-o pelo ombro e sacudiu-o. Eram os soldados da sua companhia que haviam descido ao túnel pelo setor Bérénice. O soldado pôs-se a chorar de felicidade, não muito, mas o suficiente para se desafogar.

Naquela noite, enquanto comia, contou o sonho que tivera dentro dos túneis a seu melhor amigo. Este disse que era normal sonhar besteiras quando a gente está numa situação assim.

— Não era uma besteira — respondeu —, eu vi Deus no sonho, vocês me resgataram, estou de novo entre os meus, e no entanto não consigo ficar totalmente tranquilo.

Depois, com a voz mais calma, retificou:

— Não consigo me sentir totalmente seguro.

Ao que seu amigo respondeu que numa guerra ninguém podia se sentir totalmente seguro. E ali acabou a conversa. O soldado foi dormir. Seu amigo foi dormir. Fez-se silêncio no vilarejo. As sentinelas puseram-se a fumar. Quatro dias depois, o soldado que vendeu a alma a Deus ia caminhando por uma rua e um carro alemão o atropelou e matou.

Durante a estada do seu regimento na Normandia, Reiter costumava se banhar nos rochedos de Portbail, perto de Ollonde, ou nos do norte de Carteret. Seu batalhão estava concentrado no vilarejo de Besneville. De manhã saía, com as armas e uma mochila onde levava queijo, pão e meia garrafa de vinho, e ia andando até a praia. Ali escolhia uma pedra, fora da vista de qualquer um, e, depois de nadar e mergulhar pelado horas a fio, se estendia em sua pedra e comia e bebia e relia seu livro *Alguns animais e plantas do litoral europeu*.

Às vezes encontrava estrelas-do-mar, que ele ficava espiando tanto quanto seus pulmões aguentavam, até que finalmente se decidia a tocar nelas antes de emergir. Uma vez viu um par de peixes ósseos, *Gobius paganellus*, perdidos numa selva de algas, que ele seguiu por um instante (a selva de algas era como a cabeleira de um gigante morto), até que uma angústia estranha, poderosa, se apossou dele e ele teve de sair rapidamente, porque se houvesse ficado um pouco mais debaixo d'água a angústia o teria arrastado para o fundo.

Às vezes sentia-se tão bem, cochilando na sua laje úmida, que nunca mais teria se reincorporado ao batalhão. E em mais de uma ocasião pensou seriamente nisso, desertar, viver como um vagabundo na Normandia, encontrar uma gruta, comer da caridade dos camponeses ou de pequenos furtos que iria realizando e que ninguém denunciaria. Teria olhos de nictalope, pensou. Com o tempo minhas roupas ficariam reduzidas a farrapos e finalmente viveria nu. Nunca mais voltaria para a Alemanha. Um dia morreria afogado e radiante de felicidade.

Naqueles dias, a companhia de Reiter passou por uma visita médica. O médico que o atendeu achou-o, dentro do cabível, completamente sadio, com exceção dos olhos, que exibiam um avermelhamento nada natural e cuja causa o próprio Reiter conhecia sem possibilidade de erro: as longas horas de mergulho com rosto descoberto nas águas salgadas. Mas não disse ao médico com medo de ser castigado ou de que o proibissem de voltar ao mar. Naquele tempo, para Reiter teria sido um sacrilégio mergulhar com óculos. Escafandro sim, óculos de mergulho decididamente não. O médico receitou umas gotas e disse para ele conseguir com seu superior um pedido para ser atendido pelo oftalmologista. Ao ir embora, o médico pensou que aquele rapaz compridão provavelmente era um viciado, e assim escreveu em seu diário: como é possível encontrar jovens morfinômanos, heroínômanos, talvez politoxicômanos nas fileiras do nosso exército? O que representam? São um sintoma ou são uma nova enfermidade social? São o espelho do nosso destino ou são o martelo que fará em pedaços nosso espelho e também nosso destino?

Em vez de morrer afogado e radiante de felicidade, um dia, sem aviso prévio, suspenderam as folgas e o batalhão de Reiter, que estava no vilarejo de Besneville, se uniu a dois outros batalhões do regimento 310 que estavam estacionados em St-Saveur-le-Vicomte e Bricquebec, e todos subiram num trem militar que se dirigiu para o leste e que em Paris se uniu a outro trem no qual vinha o regimento 311, e embora faltasse o terceiro regimento da divisão, o qual pelo visto jamais se reintegraria a esta, começaram a percorrer a Europa na direção oeste-leste, e assim passaram pela Alemanha e a Hungria, e finalmente a divisão 79 chegou à Romênia, seu novo destino.

Algumas tropas se instalaram perto da fronteira com a União Soviética, outras perto da nova fronteira com a Hungria. O batalhão de Hans ficou instalado nos Cárpatos. O quartel da divisão, que não pertencia mais ao décimo corpo, mas a um novo, o 49, que acabava de ser formado e que por ora tinha sob seu comando apenas uma divisão, situou-se em Bucareste, mas de vez em quando o general Kruger, novo chefe do corpo, acompanhado pelo antes coronel Von Berenberg, agora general Von Berenberg, novo chefe da 79, visitava as tropas e se interessava por seu grau de preparação.

Agora Reiter vivia longe do mar, entre montanhas, e abandonou por ora qualquer ideia de deserção. Durante as primeiras semanas da sua estada na Romênia não viu mais que soldados de seu próprio batalhão. Depois viu camponeses, os quais se mexiam constantemente, como se tivessem formigas nas pernas e nas costas, que iam de um lado para o outro com trouxas onde guardavam seus pertences e que só falavam com suas crianças que os seguiam como ovelhas ou como cabritos. Os entardeceres nos Cárpatos eram intermináveis, mas o céu dava a impressão de estar demasiado baixo, apenas uns metros acima das suas cabeças, o que contribuía para proporcionar uma sensação de asfixia nos soldados, ou de inquietude. O cotidiano, apesar de tudo, voltava a ser apazível, imperceptível.

Uma noite, alguns soldados do seu batalhão se levantaram antes de amanhecer e depois de subirem em dois caminhões partiram para as montanhas.

Os soldados, mal se instalaram nos bancos de madeira da parte posterior do caminhão, tornaram a pegar no sono. Reiter não conseguiu. Sentado bem ao lado da saída, afastou a lona que fazia as vezes de teto e ficou contemplando a paisagem. Seus olhos de nictalope, permanentemente avermelhados apesar das gotas que pingava todas as manhãs, vislumbraram uma série de pequenos vales escuros entre duas cadeias de montanhas. De quando em quando os caminhões passavam por pinheirais enormes, que se aproximavam do caminho de forma ameaçadora. Ao longe, numa montanha mais baixa, descobriu a silhueta de um castelo ou de uma fortaleza. Ao amanhecer se deu conta de que era apenas um bosque. Viu morros ou formações rochosas que pareciam barcos a ponto de afundar, com a proa erguida, como um cavalo enfurecido e quase vertical. Viu trilhas escuras, entre montanhas, que não levavam a lugar nenhum, mas que uns pássaros negros, que só podiam ser aves carniceiras, sobrevoavam a grande altura.

Na metade da manhã chegaram a um castelo. No castelo só encontraram três romenos e um oficial das SS que fazia as vezes de mordomo e que logo os botou para trabalhar, depois de lhes dar como desjejum um copo de leite frio e um pedaço de pão duro que alguns soldados deixaram de lado com gestos de asco. As armas, salvo quatro deles que montaram guarda, um dos quais foi Reiter, a quem o oficial das SS considerou pouco apto para os trabalhos de faxina e arrumação do castelo, eles deixaram na cozinha e puseram-se a varrer, a esfregar, a tirar o pó das lâmpadas, a pôr lençóis limpos nos quartos.

Por volta das três da tarde chegaram os convidados. Um deles era o general Von Berenberg, o chefe da divisão. Com ele vinha o escritor do Reich Herman Hoensch e dois oficiais do estado-maior da 79. No outro carro vinha o general romeno Eugenio Entrescu, que tinha então trinta e cinco anos e era a estrela ascendente do exército de seu país, acompanhado do jovem erudito Pablo Popescu, de vinte e três anos, e da baronesa Von Zumpe, que os romenos haviam acabado de conhecer na noite anterior numa recepção na embaixada alemã e que em princípio devia ter viajado no carro do general Von Berenberg, mas que, ante os galanteios de Entrescu e do caráter divertido e jocoso de Popescu, havia finalmente terminado por ceder ao oferecimento deles, que se baseava razoavelmente no maior espaço de que dispunha a baronesa no carro romeno, com menos passageiros que o carro alemão.

A surpresa de Reiter, quando viu a baronesa Von Zumpe descer, foi enorme. Porém o mais estranho de tudo foi que desta vez a jovem baronesa se deteve diante dele e perguntou, autenticamente interessada, se a conhecia, porque o rosto dele, disse a baronesa, lhe parecia familiar. Reiter (sem abandonar a posição de sentido, mantendo uma expressão aparvalhada e olhando para o horizonte em atitude marcial ou talvez não olhando para lugar nenhum) respondeu que ele, claro, a conhecia porque havia servido na casa de seu pai, o barão, desde tenra idade, bem como sua mãe, a senhora Reiter, de quem talvez a baronesa se lembrasse.

— É verdade — disse a baronesa, e pôs-se a rir —, você era o menino comprido que andava por tudo que é lugar.

- Era eu — confirmou Reiter.
- O confidente do meu primo — disse a baronesa.
- Amigo do seu primo — disse Reiter —, o senhor Hugo Halder.
- E o que você faz aqui, no castelo de Drácula? — perguntou a baronesa.
- Sirvo o Reich — respondeu Reiter, e pela primeira vez olhou para ela.

Pareceu-lhe lindíssima, muito mais do que quando a conheceu. A uns passos deles, esperando, estavam o general Entrescu, que não podia deixar de sorrir, e o jovem erudito Popescu, que em várias oportunidades havia exclamado: fantástico, fantástico, a espada do destino corta mais uma vez a cabeça da hidra do acaso.

Os convidados fizeram uma refeição ligeira e saíram para explorar os arredores do castelo. O general Von Berenberg, inicialmente entusiasta dessa exploração, logo se sentiu cansado e se retirou, de modo que o passeio, dali em diante, foi encabeçado pelo general Entrescu, que caminhava dando o braço à baronesa e tendo à sua esquerda o jovem erudito Popescu, que se ocupava em desfiar e ponderar um acúmulo de informações na maioria das vezes contraditórias. Junto de Popescu ia o oficial das SS e, mais atrás, o escritor do Reich Hoensch e os dois oficiais de estado-maior. Fechando a marcha ia Reiter, que a baronesa insistiu em ter a seu lado alegando que antes de servir ao Reich havia servido à sua família, pedido a que Von Berenberg acedesse de imediato.

Logo chegaram a uma cripta escavada na rocha. Uma porta de barras de ferro, com um escudo de armas roído pelo tempo, impedia a entrada. O oficial das SS, que parecia se comportar como se fosse dono da propriedade, tirou uma chave do bolso e franqueou a entrada. Depois acendeu uma lanterna e todos trataram de se introduzir na cripta, menos Reiter, a quem um dos oficiais indicou por sinais que permanecesse de guarda na porta.

De modo que Reiter ficou plantado ali, contemplando a escada de pedra que descia para a escuridão, o jardim ermo pelo qual haviam chegado e as torres do castelo que dali se viam e se assemelhavam a duas velas cinzentas num altar abandonado. Depois tirou um cigarro da jaqueta, acendeu e pôs-se a olhar para o céu cinzento, para os vales distantes, e pôs-se também a pensar no rosto da baronesa Von Zumpe enquanto a cinza do cigarro caía no chão e ele, encostado na pedra, pouco a pouco adormecia. Sonhou então com o interior da cripta. A escada descia para um anfiteatro que a lanterna do oficial das SS iluminava só parcialmente. Sonhou que os visitantes riam. Todos, menos um dos oficiais de estado-maior, que procurava sem parar de chorar um canto onde pudesse se esconder. Sonhou que Hoensch recitava um poema de Wolfram von Eschenbach e depois escarrava sangue. Sonhou que eles todos se dispunham a devorar a baronesa Von Zumpe.

Acordou sobressaltado e estava a ponto de sair correndo escada abaixo para comprovar com seus próprios olhos que nada do que sonhara era real.

Quando os visitantes voltaram à superfície, qualquer um, até o observador mais obtuso, teria podido perceber que estavam divididos em dois grupos, os que emergiam com o rosto empalidecido, como se houvessem visto algo assombroso lá embaixo, e os que apareciam

com um meio sorriso esboçado no rosto, como se acabassem de ter mais uma lição sobre a ingenuidade da raça humana.

Naquela noite, durante o jantar, falaram da cripta, mas também falaram de outras coisas. Falaram da morte. Hoensch disse que a morte em si era somente uma miragem em constante construção, mas que na *realidade* não existia. O oficial das SS disse que a morte era uma necessidade: ninguém em são juízo, disse, admitiria um mundo cheio de tartarugas ou cheio de girafas. A morte, concluiu, era a reguladora. O jovem erudito Popescu disse que a morte, segundo a sabedoria oriental, era somente um trânsito. O que não estava claro, disse, ou pelo menos para ele não ficava claro, era a que *lugar*, a que realidade conduzia esse trânsito.

— A pergunta — disse — é para onde. A resposta — respondeu a si mesmo — é para onde meus méritos me levarem.

O general Entrescu opinou que isso era o de menos, que o importante era se mover, a dinâmica do movimento, o que equiparava os homens e todos os seres vivos, inclusive as baratas, às grandes estrelas. A baronesa Von Zumpe disse, e talvez tenha sido a única a falar com franqueza, que a morte era uma chatice. O general Von Berenberg preferiu não expressar sua opinião, do mesmo modo que os dois oficiais de estado-maior.

Depois falaram do assassinato. O oficial das SS disse que a palavra assassinato era uma palavra ambígua, equívoca, imprecisa, vaga, indeterminada, que se prestava a jogos de palavras. Hoensch concordou. O general Von Berenberg disse que preferia deixar as leis para os juízes e os tribunais penais, e que se um juiz dizia que tal ato era um assassinato, era um assassinato, e que se o juiz e o tribunal sentenciassem que não era, então não era, e não se fale mais no assunto. Os dois oficiais de estado-maior opinaram a mesma coisa que seu chefe.

O general Entrescu confessou que seus heróis infantis eram sempre assassinos e malfeitores, pelos quais sentia, disse, um grande respeito. O jovem erudito Popescu lembrou que um assassino e um herói se assemelham na solidão e na, pelo menos inicial, incompreensão.

A baronesa Von Zumpe, por sua vez, disse que nunca na vida, como é natural, havia conhecido um assassino, mas um malfeitor sim, se é que se podia chamá-lo assim, um ser odiável mas envolto numa aura misteriosa que o tornava atraente às mulheres, tanto assim, disse, que uma tia sua, a única irmã de seu pai, o barão Von Zumpe, se apaixonou por ele, o que quase enlouqueceu seu pai, que desafiou para um duelo o conquistador do coração da irmã, o qual, para surpresa de todo mundo, aceitou o desafio, que teve lugar no bosque do Coração de Outono, nos arredores de Potsdam, um lugar que ela, a baronesa Von Zumpe, havia visitado muitos anos depois para ver com seus próprios olhos o bosque de grandes árvores cinzentas e a clareira, um desnível de terreno de uma extensão de cinquenta metros, onde seu pai tinha se batido com aquele homem inesperado, que havia chegado lá, às sete da manhã, com dois mendigos como padrinhos, dois mendigos, claro, completamente bêbados, enquanto os padrinhos de seu pai eram o barão de X e o conde de Y, enfim, uma vergonha tão grande que o próprio barão de X, vermelho de ira, esteve a ponto de matar, com sua

própria arma, os padrinhos do namorado da irmã do barão Von Zumpe, o qual se chamava Conrad Halder, como sem dúvida o general Von Berenberg lembrará (esse assentiu com a cabeça, embora não soubesse do que a baronesa Von Zumpe estivesse falando), o caso foi muito comentado na época, antes que eu nascesse, claro, pois o barão Von Zumpe naqueles anos ainda era solteiro, enfim, naquele pequeno bosque de nome tão romântico se realizou o duelo, com armas de fogo, naturalmente, e embora eu ignore que regras foram utilizadas suponho que os dois apontaram e dispararam ao mesmo tempo: a bala do barão, meu pai, passou a poucos centímetros do ombro esquerdo de Halder, enquanto o tiro deste, que evidentemente também havia errado o alvo, ninguém ouviu, convencidos que estavam de que meu pai tinha pontaria muito melhor do que ele e de que se alguém tinha de cair esse alguém era Halder e não meu pai, mas então, oh surpresa, todos, inclusive meu pai, viram que Halder, em vez de abaixar o braço, continuava apontando e então compreenderam que ele não havia disparado e que o duelo, portanto, não tinha acabado, e aqui aconteceu o mais surpreendente de tudo, principalmente se levarmos em conta a fama que levava consigo o pretendente da irmã de meu pai, o qual, em vez de disparar neste, escolheu uma parte da sua anatomia, creio que o braço esquerdo, e atirou contra si mesmo a queima-roupa.

O que aconteceu em seguida não sei. Suponho que levaram Halder a um médico. Ou talvez o próprio Halder tenha se dirigido com seus próprios pés, em companhia dos padrinhos-mendigos, a um médico que tratasse do seu ferimento, enquanto meu pai ficava imóvel no bosque do Coração de Outono, fervendo de raiva ou talvez lívido com o que acabava de presenciar, enquanto seus padrinhos acudiam para consolá-lo e diziam que não se preocupasse, que de personagens como aquele se podia esperar qualquer tipo de ridículo.

Pouco depois Halder fugiu com a irmã de meu pai. Durante um tempo viveram em Paris, depois no sul da França, onde Halder, que era pintor, embora eu nunca tenha visto um quadro seu, costumava passar longas temporadas. Depois, pelo que soube, se casaram e montaram casa em Berlim. A vida não lhes foi favorável, e a irmã de meu pai ficou gravemente enferma. No dia da sua morte, meu pai recebeu um telegrama e naquela noite viu Halder pela segunda vez. Encontrou-o bêbado e seminu, enquanto seu filho, meu primo, que então tinha três anos, vagava pela casa, que ao mesmo tempo era o estúdio de Halder, totalmente nu e lambuzado de tinta.

Naquela noite conversaram pela primeira vez e provavelmente chegaram a um acordo. Meu pai se encarregou do sobrinho e Conrad Halder se foi para sempre de Berlim. De vez em quando chegavam notícias dele, todas precedidas por algum pequeno escândalo. Seus quadros berlinenses ficaram em poder de meu pai, que não teve forças para queimá-los. Uma vez perguntei onde os guardava. Não quis me dizer. Perguntei como eram. Meu pai olhou para mim e disse que eram só mulheres mortas. Retratos da minha tia? Não, disse meu pai, outras mulheres, todas mortas.

Ninguém naquele jantar, claro, tinha visto alguma vez um quadro de Conrad Halder, com exceção do oficial das SS, que definiu o pintor como artista degenerado, uma desgraça, sem

dúvida, para a família Von Zumpe. Depois falaram de arte, do heroico da arte, de naturezas-mortas, de superstições e de símbolos.

Hoensch disse que a cultura era uma cadeia formada por elos de arte heroica e de interpretações supersticiosas. O jovem erudito Popescu disse que a cultura era um símbolo e que esse símbolo tinha a imagem de um salva-vidas. A baronesa Von Zumpe disse que a cultura era, basicamente, o prazer, o que proporcionava e dava prazer, e o resto era só charlatanice. O oficial das SS disse que a cultura era o chamado do sangue, um chamado que se ouvia melhor de noite que de dia, e além do mais, disse, era um decodificador do destino. O general Von Berenberg disse que a cultura, para ele, era Bach, e que isso lhe bastava. Um dos seus oficiais de estado-maior disse que para ele era Wagner e que para ele também isso bastava. O outro oficial de estado-maior disse que para ele a cultura era Goethe e que para ele também, em concordância com o que seu general havia expressado, isso bastava e às vezes sobrava. A vida de um homem só é comparável à vida de outro homem. A vida de um homem, disse, só serve para desfrutar com plena consciência a obra de outro homem.

O general Entrescu, que achou muito divertido o que acabava de dizer o oficial de estado-maior, disse que para ele, ao contrário, a cultura era a vida, não a vida de um só homem nem a obra de um só homem, mas a vida em geral, qualquer manifestação desta, até a mais vulgar, e pôs-se a falar das paisagens de fundo de alguns pintores renascentistas e disse que essas paisagens a gente podia ver em qualquer lugar da Romênia, e pôs-se a falar de madonas e disse que naquele preciso momento estava vendo o rosto de uma madona mais bela que as de qualquer pintor renascentista italiano (a baronesa Von Zumpe corou), e finalmente pôs-se a falar de cubismo e de pintura moderna e disse que qualquer parede abandonada ou qualquer parede bombardeada era mais interessante do que a mais famosa obra cubista, para não falar do surrealismo, disse, que cai rendido ante o sonho de qualquer camponês analfabeto da Romênia. Dito isso produziu-se um curto silêncio, curto mas prenhe de expectativa, como se o general Entrescu houvesse pronunciado uma palavra inadequada ou uma palavra malsoante ou de péssimo gosto ou houvesse insultado seus convidados alemães, pois dele (dele e de Popescu) havia sido a ideia de visitar aquele lúgubre castelo. Um silêncio que no entanto foi quebrado pela baronesa Von Zumpe ao lhe perguntar, com um tom de voz cujo diapasão ia do cândido ao mundano, o que sonhavam os camponeses da Romênia e como ele sabia o que sonhavam esses camponeses tão peculiares. Ao que o general Entrescu respondeu com um riso franco, um riso aberto e cristalino, um riso que nos círculos elegantes de Bucareste a gente definia, não sem acrescentar um matiz ambíguo, como o riso inconfundível de um super-homem, e depois, olhando nos olhos a baronesa Von Zumpe, disse que nada do que acontecia com seus homens (em referência aos seus soldados, a maioria deles camponeses) lhe era estranho.

— Eu me introduzo nos sonhos deles — disse —, eu me introduzo em seus pensamentos mais vergonhosos, estou em cada tremor, em cada espasmo das suas almas, eu me meto em seus corações, esquadrinho suas ideias mais primárias, escruto seus impulsos irracionais, suas emoções inexprimíveis, durmo em seus pulmões durante o verão e em seus músculos durante o inverno, e faço tudo isso sem o menor esforço, sem pretendê-lo, sem pedi-lo nem

procurá-lo, sem coerção alguma, impelido tão só pela devoção e pelo amor.

Quando chegou a hora de dormir ou de passar para a outra sala ornada com armaduras, espadas e troféus de caça, onde os aguardavam licores, docinhos e cigarros turcos, o general Von Berenberg se desculpou e pouco depois se retirou para o seu aposento. Um dos seus oficiais, o seguidor de Wagner, o imitou enquanto o outro, o seguidor de Goethe, preferiu estender a noitada mais um pouco. A baronesa Von Zumpe, por sua vez, disse que não estava com sono. O escritor Hoensch e o oficial das SS encabeçaram a marcha para a sala. O general Entrescu sentou-se junto da baronesa. O intelectual Popescu permaneceu de pé, junto da lareira, observando com curiosidade o oficial das SS.

Dois soldados, um deles era Reiter, fizeram as vezes de garçons. O outro era um tipo gordo, de cabelo avermelhado, chamado Krause, que parecia a ponto de dormir.

Primeiro elogiaram a bateria de docinhos e depois, sem pausa, puseram-se a falar do conde Drácula, como se houvessem esperado a noite toda por aquele instante para fazê-lo. Não demoraram a se dividir em dois grupos, os que acreditavam no conde e os que não acreditavam nele. Entre esses últimos estavam o oficial de estado-maior, o general Entrescu e a baronesa Von Zumpe, entre os primeiros estavam o intelectual Popescu, o escritor Hoensch e o oficial das SS, se bem que Popescu afirmasse que Drácula, cujo nome verdadeiro era Vlad Tepes, chamado de o Empalador, era romeno, e Hoensch e o oficial das SS afirmavam que Drácula era um nobre germânico, que havia abandonado a Alemanha acusado de uma traição ou de uma deslealdade imaginária, e que tinha se instalado com alguns dos seus fiéis na Transilvânia muito tempo antes do nascimento de Vlad Tepes, a quem não negavam uma existência histórica nem uma origem transilvana, mas cujos métodos, delatados por seu apelido ou alcunha, pouco ou nada tinham a ver com os métodos de Drácula, que mais do que empalador era estrangulador, às vezes degolador, e cuja vida no, digamos assim, estrangeiro havia sido uma constante vertigem, uma constante penitência abismal.

Para Popescu, em compensação, Drácula era apenas um patriota romeno que havia oposto resistência aos turcos, feito pelo qual todas as nações europeias, em certa medida, deviam ser gratas. A história é cruel, disse Popescu, cruel e paradoxal: o homem que freia o impulso conquistador dos turcos se transforma, graças a um escritor inglês de segunda linha, num monstro, num crápula interessado unicamente no sangue humano, quando a verdade é que o único sangue que Tepes se interessava em derramar era o sangue turco.

Chegando a esse ponto, Entrescu, que apesar da bebida que havia tomado em abundância durante o jantar e que continuava ingerindo em abundância no que restava do pós-jantar não parecia bêbado — na verdade, dava a impressão de ser, com o melindroso oficial das SS, que mal molhava os lábios no álcool, o mais sóbrio do grupo —, disse que não era estranho, se você observasse desapassionadamente os grandes fatos da história (inclusive os fatos em branco da história, mas esta última observação, claro, ninguém entendeu), que um herói se transformasse num monstro ou num vilão da pior espécie ou que alcançasse, sem pretender,

a invisibilidade, da mesma maneira que um vilão ou um ser anódino ou um medíocre de alma boa se transformasse, com o passar dos séculos, num farol de sabedoria, um farol magnético capaz de enfeitiçar milhões de seres humanos, sem ter feito nada que justificasse tal adoração, vá lá, sem nem sequer tê-la pretendido ou desejado (se bem que todo homem, inclusive os rufiões da pior espécie, em algum segundo da sua vida sonha consigo mesmo reinando sobre os homens e sobre o tempo). Será que Jesus Cristo — perguntou-se — suspeitava que um dia sua Igreja se ergueria até nos mais ignotos rincões do orbe? Será que Jesus Cristo — perguntou-se — teve alguma vez o que hoje chamamos de uma ideia do mundo? Será que Jesus Cristo, que aparentemente tudo sabia, soube que a terra era redonda e que no leste viviam os chineses (esta última frase ele cuspiu como se lhe custasse um grande esforço pronunciá-la) e a oeste os povos primitivos da América? E respondeu a si mesmo que não, se bem que, claro, ter uma ideia do mundo, de certa maneira, é coisa fácil, todo o mundo tem, geralmente uma ideia circunscrita à sua aldeia, limitada ao torrão, às coisas tangíveis e medíocres que cada um tem diante dos olhos, e essa ideia do mundo, mesquinha, limitada, cheia de sebo familiar, costuma sobreviver e adquirir, com o passar do tempo, autoridade e eloquência.

E então, dando uma virada inesperada, o general Entrescu pôs-se a falar de Flávio Josefo. Aquele homem inteligente, covarde, prudente, adulator, tirador de vantagem, cuja ideia do mundo era muito mais complexa e sutil, se você observasse com atenção, do que a ideia do mundo de Cristo, mas muito menos sutil do que a ideia do mundo daqueles que, conforme se diz, o ajudaram a traduzir sua *História* para o grego, isto é, os filósofos menores gregos, assalariados por certo tempo do grande assalariado, que deram forma a seus escritos informativos, elegância ao vulgar, que converteram os balbucios de pânico e morte de Flávio Josefo em algo distinto, gentil e galhardo.

Depois Entrescu pôs-se a imaginar em voz alta esses filósofos assalariados, viu-os vagabundear pelas ruas de Roma e pelos caminhos que levam ao mar, viu-os sentados na beira desses caminhos, enrolados em suas capas, construindo mentalmente uma ideia do mundo, viu-os comendo em tabernas portuárias, locais escuros e recendendo a frutos do mar e especiarias, a vinho e frituras, até que por fim foram se desvanecendo, da mesma maneira que Drácula se desvanecia, com sua armadura tingida de sangue e sua roupa tingida de sangue, um Drácula estoico, um Drácula que lia Sêneca ou que se comprazia em ouvir os *Minnesänger* alemães e cujas façanhas no leste da Europa só tinham paralelo nas gestas descritas em *La chanson de Roland*. Tanto do ponto de vista histórico, quer dizer político, suspirou Entrescu, quanto do ponto de vista simbólico, quer dizer poético.

Chegando a esse ponto Entrescu pediu desculpas por ter se deixado levar pelo entusiasmo e se calou, instante que Popescu aproveitou para falar de um matemático romeno nascido em 1865 e falecido em 1936, que nos últimos vinte anos da sua vida tinha se dedicado a procurar “uns números misteriosos” que estão ocultos em alguma parte da vasta paisagem visível para o homem, mas que não são visíveis, e que podem viver entre as pedras ou entre um dormitório e outro e inclusive entre um número e outro, como se fosse uma matemática alternativa camuflada entre o sete e o oito à espera de um homem capaz de enxergá-la e

decifrá-la. O único problema era que para decifrá-la seria preciso vê-la e que para vê-la seria preciso decifrá-la.

Quando o matemático, explicou Popescu, falava de decifrar, na realidade se referia a compreender, e quando falava de ver, explicou Popescu, na realidade se referia a aplicar, ou era o que ele acreditava. Talvez não, disse depois de titubear. Talvez seus discípulos, entre os quais eu me incluo, se equivoquem ao escutar suas palavras. Em todo caso, o matemático, como aliás era inevitável, uma noite perdeu a razão e tiveram de mandá-lo para um manicômio. Popescu e outros dois jovens de Bucareste foram visitá-lo lá. De início não os reconheceu, mas com o correr dos dias, quando seu semblante já não era de louco furioso mas tão só de um homem velho e derrotado, lembrou deles ou fingiu lembrar e lhes sorriu. No entanto, a pedido da família, não saiu do manicômio. Suas contínuas recaídas fizeram os médicos aconselharem, de resto, uma internação sem limite de tempo. Um dia Popescu foi vê-lo. Os médicos tinham dado um caderninho ao matemático, que nele desenhava as árvores que rodeavam o hospital, retratos de outros pacientes e esboços arquitetônicos das casas que se viam do parque. Por um bom tempo ficaram em silêncio, até que Popescu se decidiu a falar com franqueza. Abordou, com a típica imprudência de um jovem, a loucura ou a suposta loucura de seu mestre. O matemático riu. A loucura não existe, disse. Mas o senhor está aqui, constatou Popescu, e isto é uma casa de loucos. O matemático não pareceu ouvi-lo: a única loucura que existe, se é que podemos chamá-la assim, disse, é uma descompensação química, que pode ser facilmente curada administrando-se produtos químicos.

— Mas o senhor está aqui, querido professor, está aqui, está aqui — gritou Popescu.

— Para minha própria segurança — disse o matemático.

Popescu não entendeu. Pensou que falava com um louco de pedra, com um louco sem remédio. Levou as mãos ao rosto e permaneceu assim um tempo indeterminado. A certa altura acreditou que estava adormecendo. Então abriu os olhos, esfregou-os e viu o matemático sentado diante dele, observando-o, as costas eretas, as pernas cruzadas. Perguntou se tinha acontecido alguma coisa. Vi o que não devia ver, disse o matemático. Popescu pediu que se explicasse melhor. Se fizesse isso, respondeu o matemático, tornaria a enlouquecer e provavelmente morreria. Mas estar aqui, disse Popescu, para um homem do seu gênio, é como estar enterrado vivo. O matemático sorriu bondosamente. Você se engana, disse, aqui tenho, precisamente, tudo de que necessito para não morrer: remédios, tempo, enfermeiras e médicos, um caderninho para poder desenhar, um parque.

Pouco depois, porém, o matemático morreu. Popescu foi ao enterro. Quando este terminou, foi com os outros discípulos do falecido a um restaurante, onde comeram e esticaram o almoço até o anoitecer. Contaram-se anedotas do matemático, falou-se da posteridade, alguém comparou o destino do homem com o destino de uma puta velha, um que mal devia ter dezoito anos e que acabava de voltar de uma viagem à Índia com seus pais recitou um poema.

Dois anos depois, por puro acaso, Popescu encontrou numa festa um dos médicos que tratou do matemático durante sua internação no manicômio. Era um tipo jovem e sincero,

com um coração humano, ou seja, com um coração sem duplicidades de nenhuma sorte. Além do mais estava um pouco bêbado, o que tornou mais fácil as confidências.

Segundo esse médico, o matemático, ao ser internado, apresentava um quadro agudo de esquizofrenia, que evoluiu favoravelmente em poucos dias de tratamento. Uma noite em que estava de plantão foi a seu quarto conversar um pouco, pois o matemático, inclusive com soníferos, quase não dormia, e a direção do hospital permitia que ele mantivesse a luz acesa enquanto considerasse conveniente. Sua primeira surpresa foi ao abrir a porta. Ele não estava na cama. Por um segundo pensou na possibilidade de uma fuga, mas ao cabo de um instante o encontrou encolhido num canto em penumbra. Agachou-se junto dele e depois de verificar que estava em perfeito estado físico perguntou o que acontecia. Então o matemático disse: nada, e olhou-o nos olhos, e o médico viu um olhar de medo absoluto como nunca tinha visto antes na vida, nem mesmo em seu trato diário com tantos e tão variados dementes.

— E como é o olhar de medo absoluto? — Popescu perguntou a ele.

O médico arrotou um par de vezes, remexeu-se na poltrona e respondeu que era um olhar como se fosse de piedade, mas piedade vazia, como se à piedade, depois de um périplo misterioso, só restasse a pele, como se a piedade fosse um odre de pele cheio d'água, por exemplo, nas mãos de um cavaleiro tártaro que se interna na estepe a galope e nós o vemos diminuir até desaparecer, e depois o cavaleiro regressa, ou o fantasma do cavaleiro regressa, ou sua sombra, ou sua ideia, e traz consigo o odre vazio, já sem água, pois durante a viagem bebeu-a toda, ou ele e seu cavalo beberam toda, e o odre agora está vazio, é um odre normal, um odre vazio, na verdade o anormal é um odre inchado de água, mas o odre inchado de água, o odre monstruoso inchado de água não concita o medo, não o desperta, nem muito menos o isola, em compensação o odre vazio sim, e foi isso que ele viu na cara do matemático, o medo absoluto.

O mais interessante porém, disse o médico a Popescu, foi que ao fim de um instante o matemático já tinha se recuperado e a expressão alienada do seu rosto se esvaiu sem deixar rastros, e, que ele soubesse, nunca mais voltou. E era essa a história que tinha para contar Popescu, que, como antes fez Entrescu, se desculpou por ter se excedido e provavelmente por tê-los aborrecido, o que os outros se apressaram a negar, embora suas vozes carecessem de convicção. A partir desse momento, a noitada começou a enlanguescer e pouco tempo depois todos se retiraram para seus quartos.

Mas para o soldado Reiter as surpresas ainda não tinham acabado. De madrugada, sentiu alguém sacudi-lo. Abriu os olhos. Era Kruse. Sem decifrar suas palavras, as palavras que Kruse sussurrava em seu ouvido, agarrou-o pelo pescoço e apertou-o. Outra mão pousou em seu ombro. Era o soldado Neitzke.

— Não o machuque, imbecil — disse Neitzke.

Reiter soltou o pescoço de Kruse e ouviu a proposta. Depois vestiu-se depressa e seguiu-os. Saíram do porão que fazia as vezes de barracamento e atravessaram o comprido corredor onde os esperava o soldado Wilke. Wilke era um sujeito pequenino, de não mais de um

metro e cinquenta e oito, de rosto seco e olhar inteligente. Ao chegarem perto dele todos o cumprimentaram com um aperto de mão, pois Wilke era assim, cerimonioso, e seus companheiros sabiam que com ele era preciso seguir um protocolo. Depois subiram uma escada e abriram a porta. O cômodo a que chegaram estava vazio e fazia frio, como se Drácula tivesse acabado de sair. Só havia um velho espelho que Wilke despendurou da parede de pedra deixando a descoberto uma passagem secreta. Neitzke sacou uma lanterna e passou-a a Wilke.

Andaram mais de dez minutos, subindo e descendo escadas de pedra, até não saberem se estavam no ponto mais alto do castelo ou se haviam regressado ao porão por um caminho alternativo. A passagem se bifurcava a cada dez metros e Wilke, que encabeçava a marcha, se perdeu várias vezes. Enquanto caminhavam, Kruse sussurrou que havia algo estranho nos corredores. Perguntaram o que parecia estranho e Kruse respondeu que não havia ratos. Tanto melhor, disse Wilke, odeio rato. Reiter e Neitzke concordaram com ele. Também não gosto de rato, disse Kruse, mas nos corredores de um castelo, principalmente se o castelo é antigo, sempre há ratos, e aqui não topamos com nenhum. Os outros meditaram em silêncio sobre a observação de Kruse, e após um instante disseram que ela não carecia de perspicácia. Era mesmo estranho não terem visto um só rato. Finalmente pararam e focalizaram a lanterna para trás e para a frente, o teto da passagem e o chão que se estendia serpenteando como uma sombra. Nem um único rato. Melhor. Acenderam quatro cigarros e cada um disse como faria amor com a baronesa Von Zumpe. Depois continuaram dando voltas em silêncio até que começaram a suar e Neitzke disse que o ar estava viciado.

Ensaíaram então o caminho de volta, com Kruse encabeçando a marcha, e não demoraram a chegar ao quarto do espelho, onde Neitzke e Kruse se despediram dos dois. Depois de se despedirem dos amigos, meteram-se outra vez no labirinto, mas agora sem falar para que o som de seus murmúrios não tornasse a confundi-los. Wilke acreditou ouvir passos, passos que deslizavam atrás dele. Reiter andou um instante com os olhos fechados. Quando mais se desesperavam, encontraram o que estavam procurando: um corredor lateral, estreitíssimo, que deslizava pelas paredes de pedra aparentemente grossas, todas ocas, pelo visto, e onde havia aberturas ou diminutas frestas que permitiam uma visão quase perfeita dos quartos espiados.

Viram assim o aposento do oficial das SS, iluminado por três velas, e viram o oficial das SS acordado, envolto num robe, escrevendo algo numa mesa junto à lareira. Sua expressão era de abandono. E embora isso fosse tudo o que havia para ver, Wilke e Reiter bateram-se mutuamente nas costas, pois só então se deram conta de que iam pelo bom caminho. Continuaram avançando.

Pelo tato descobriram outras aberturas. Quartos iluminados pela luz da lua ou na penumbra, onde, se grudavam o ouvido na pedra perfurada, podiam ouvir os roncoss ou os suspiros de um adormecido. O próximo quarto iluminado era o do general Von Berenberg. Só uma vela, posta num castiçal na mesa de cabeceira, cuja chama se mexia como se alguém houvesse deixado aberta a enorme janela do aposento, criando sombras e fantasmas que no início camuflaram o lugar em que se achava o general, aos pés da grande cama com dossel,

ajoelhado, rezando. O rosto do general Von Berenberg estava contraído, notou Reiter, como se seus ombros precisassem suportar um peso enorme, não a vida dos seus soldados, de maneira nenhuma, nem a vida da sua família, nem mesmo sua própria vida, mas o peso da sua consciência, coisa que Reiter e Wilke perceberam antes de se retirarem daquela abertura e que deixou os dois profundamente admirados ou horrorizados.

Finalmente, depois de cruzar outros pontos de vigilância imersos na escuridão e no sonho, chegaram onde na verdade queriam chegar, o quarto iluminado por nove velas da baronesa Von Zumpe, um quarto presidido pelo retrato de um soldado monge ou de um guerreiro que tinha a atitude concentradíssima e atormentada de um eremita, em cujo rosto, pendurado a um metro da cama, se podiam observar todos os dissabores da abstinência, da penitência e da renúncia.

Coberta por um homem nu com abundância de pelos na parte superior das costas e nas pernas, descobriram a baronesa Von Zumpe, cujos cachos louros e parte da testa alvíssima sobressaíam ocasionalmente por debaixo do ombro esquerdo de quem a estava castigando. Os gritos da baronesa de início alarmaram Reiter, que demorou para compreender que eram gritos de prazer e não de dor. Quando a cópula terminou o general Entrescu se levantou da cama e eles o viram caminhar até uma mesa onde descansava uma garrafa de vodca. Seu pênis, do qual pingava uma nada desprezível quantidade de secreção seminal, ainda estava ereto ou semiereto e devia medir uns trinta centímetros, refletiu mais tarde Wilke, sem errar no cálculo feito a olho.

Mais que um homem, Wilke contou aos companheiros, parecia um cavalo. E também era incansável como um cavalo, tanto que, depois de tomar um copo de vodca, voltou para a cama onde a baronesa Von Zumpe cochilava e, depois de mudá-la de posição, começou a fodê-la de novo, de início com movimentos imperceptíveis, mas depois com tal violência que a baronesa, de costas, para não gritar mordeu a palma da mão até sangrar. A essa altura Wilke tinha desabotoado a braguilha e se masturbava apoiado no muro. Reiter ouviu-o gemer a seu lado. Primeiro pensou que era um rato agonizando, por acaso, junto a eles. Um filhote de rato. Mas quando viu o pênis de Wilke e a mão de Wilke se movendo para a frente e para trás sentiu nojo e deu-lhe uma cotovelada no peito. Wilke não prestou a menor atenção e continuou se masturbando. Reiter olhou para a sua cara: o perfil de Wilke lhe pareceu curiosíssimo. Parecia a gravura de um operário ou de um artífice, um pedestre inocente a quem um raio de lua deixa cego de repente. Parecia estar sonhando ou, melhor dizendo, estar quebrando por um instante os enormes muros negros que separam a vigília do sono. De modo que o deixou em paz e ao cabo de um instante também começou a se apalpar, primeiro com discrição, por cima, depois abertamente, tirando o pênis e acomodando-o ao ritmo do general Entrescu e da baronesa Von Zumpe, que agora não mordida mais a mão (uma mancha de sangue havia crescido no lençol, junto de suas faces suadas) mas chorava e dizia palavras que nem o general nem eles entendiam, palavras que iam além da Romênia, além da Alemanha e da Europa inclusive, além de uma propriedade no campo, além de umas amizades de vagos contornos, além do que eles, Wilke e Reiter, talvez não o general Entrescu, entendiam por amor, por desejo, por sexualidade.

Depois Wilke gozou na parede e sussurrou, ele também, sua oração de soldado, e pouco depois Reiter gozou na parede e mordeu os lábios sem dizer palavra. Depois Entrescu se levantou, e eles viram, ou acreditaram ver, gotas de sangue em seu pênis reluzente de sêmen e fluxo vaginal, depois a baronesa Von Zumpe pediu um copo de vodca, depois viram Entrescu e a baronesa abraçados, de pé, cada um segurando seus respectivos copos com ar absorto, depois Entrescu recitou um poema em sua língua, que a baronesa não entendeu mas cuja musicalidade elogiou, depois Entrescu fechou os olhos e fingiu que escutava alguma coisa, a música das esferas, então abriu os olhos, sentou junto à mesa e pôs a baronesa em cima da sua vara outra vez ereta (a famosa vara de trinta centímetros, orgulho do exército romeno), e recomeçaram os gritos e os gemidos e os prantos, e enquanto a baronesa descia pela vara de Entrescu ou enquanto a vara de Entrescu subia por dentro da baronesa Von Zumpe, o general romeno empreendeu uma nova recitação, recitação que acompanhava com o movimento de ambos os braços (a baronesa agarrada ao seu pescoço), um poema que mais uma vez nenhum deles entendeu, com exceção da palavra Drácula, que se repetia a cada quatro versos, um poema que podia ser marcial ou podia ser satírico ou podia ser metafísico ou podia ser marmóreo ou podia ser, inclusive, antialemão, mas cujo ritmo caía como uma luva, como se fosse feito especialmente para tal ocasião, poema que a jovem baronesa, sentada a cavalo nas pernas de Entrescu, comemorava curvando-se para trás e para a frente, como uma pastorinha enlouquecida nas vastidões da Ásia, cravando as unhas no pescoço do seu amante, esfregando o sangue que ainda manava da sua mão direita na cara do seu amante, untando de sangue as comissuras de seus lábios, sem que por isso Entrescu deixasse de recitar esse poema no qual a cada quatro versos ecoava a palavra Drácula, um poema que seguramente era satírico, decidiu Reiter (com uma alegria infinita) enquanto o soldado Wilke tornava a bater uma punheta.

Quando tudo acabou, se bem que para o inesgotável Entrescu e para a inesgotável baronesa tudo estava muito longe de ter acabado, voltaram em silêncio pelos corredores secretos, colocaram em silêncio o espelho móvel em seu lugar, desceram em silêncio até o improvisado barracamento subterrâneo e deitaram em silêncio junto de suas respectivas armas e mochilas.

Na manhã seguinte o destacamento abandonou o castelo depois da partida dos dois carros com os convidados. Só o oficial das SS ficou com eles enquanto varriam, lavavam e arrumavam tudo. Depois o mesmo oficial, após julgar o trabalho como de sua inteira satisfação, ordenou que partissem, e o destacamento subiu no caminhão e começaram a descer para a planície. No castelo só ficou o carro, sem motorista, o que não deixava de ser curioso, do oficial das SS. Enquanto se afastavam dali, Reiter o viu: tinha subido a uma ameia e observava a marcha do destacamento, espichando cada vez mais o pescoço, pondo-se na ponta dos pés, até que o castelo, de um lado, e o caminhão, de outro, desapareceram por completo.

Durante seu serviço na Romênia, Reiter solicitou e obteve duas licenças que utilizou para visitar os pais. Lá, na sua aldeia, passava o dia recostado nos rochedos olhando para o mar, mas sem vontade de nadar e muito menos de mergulhar, ou dava longos passeios pelo campo que invariavelmente terminavam no solar do barão Von Zumpe, vazio e com a pompa perdida, que agora era vigiado pelo ex-guarda-florestal, com o qual às vezes parava para conversar, se bem que as conversas, se é que se pode chamá-las assim, eram um tanto frustrantes. O guarda-florestal perguntava como ia a guerra e Reiter encolhia os ombros. Reiter, por sua vez, perguntava pela baronesa (na realidade perguntava pela baronesinha, que era como os do lugar a conheciam) e o guarda-florestal encolhia os ombros. Os encolhimentos de ombro podiam significar que a pessoa não sabia nada ou que a realidade era cada vez mais vaga, mais parecida com um sonho, ou então que tudo ia mal e que o melhor era não perguntar nada e armar-se de paciência.

Também passava muito tempo com a irmã Lotte, que naquela época tinha mais de dez anos e adorava o irmão. Essa devoção fazia Reiter rir e ao mesmo tempo o deixava triste até submergi-lo em pensamentos fatais nos quais nada tinha sentido, mas evitava tomar uma decisão porque estava seguro de que uma bala acabaria por matá-lo. Ninguém se suicida numa guerra, pensava enquanto estava na cama ouvindo a mãe e o pai roncar. Por quê? Por comodidade, ora, para adiar o momento, porque o ser humano tende a deixar nas mãos de outro sua responsabilidade. A verdade é que durante uma guerra é quando as pessoas mais se suicidam, mas Reiter era então jovem demais (apesar de não se poder mais dizer que pouco instruído) para sabê-lo. Também, em ambas as licenças, visitou Berlim (de passagem para a sua aldeia) e tentou em vão encontrar Hugo Halder.

Não o achou. No seu antigo apartamento morava uma família de funcionários públicos com quatro filhas adolescentes. Quando perguntou se o inquilino anterior havia deixado suas novas coordenadas, o pai da família, membro do partido, respondeu secamente que não sabia, mas antes de Reiter partir, na escada, uma das filhas, a mais velha, a mais bonita, o alcançou e disse que ela sabia onde Halder morava naquele momento. Depois continuou descendo a escada e Reiter a seguiu. A moça o arrastou até um parque público. Ali, num canto a salvo de olhares indiscretos, se virou, como se o visse pela primeira vez, e pulou nele estampando-lhe um beijo na boca. Reiter a afastou e lhe perguntou por que cargas-d'água o beijava. A moça respondeu que se sentia feliz em vê-lo. Reiter observou seus olhos, de um azul desmaiado, como os olhos de uma cega, e se deu conta de que estava falando com uma louca.

Mesmo assim, quis saber que informação a moça tinha sobre Halder. Ela lhe disse que se não a deixasse beijá-lo não diria. Tornaram a se beijar: a língua da moça a princípio estava muito seca e Reiter a acariciou com sua língua até umedecê-la inteiramente. Onde mora Hugo Halder agora?, perguntou. A moça sorriu para ele como se Reiter fosse um guri um tanto obtuso. Não adivinha?, perguntou. Reiter mexeu a cabeça negativamente. A moça, que não devia ter mais de dezesseis anos, desatou a rir tão alto que Reiter pensou que, se ela continuasse a rir assim, não demoraria a aparecer a polícia, e não lhe ocorreu melhor forma

de calá-la do que beijá-la na boca outra vez.

— Me chamo Ingeborg — disse a moça quando Reiter tirou seus lábios dos dela.

— Eu me chamo Hans Reiter — disse ele.

Ela então fitou o chão de areia e pedrinhas e empalideceu visivelmente, como se estivesse a ponto de desmaiar.

— Meu nome — repetiu — é Ingeborg Bauer, espero que você não se esqueça de mim.

A partir daquele momento falaram em sussurros cada vez mais tênues.

— Não esquecerei — disse Reiter.

— Jure — disse a moça.

— Juro — disse Reiter.

— Por quem você jura, por sua mãe, por seu pai, por Deus? — perguntou a moça.

— Juro por Deus — respondeu Reiter.

— Não acredito em Deus — disse a moça.

— Então juro por minha mãe e por meu pai — disse Reiter.

— Esses juramentos não valem — disse a moça —, os pais não valem, a gente está sempre querendo esquecer que tem pais.

— Eu não — disse Reiter.

— Você também — disse a moça —, e eu, e todo o mundo.

— Então juro pelo que você quiser — disse Reiter.

— Jura por sua divisão? — perguntou a moça.

— Juro pela minha divisão, pelo meu regimento e pelo meu batalhão — disse Reiter, e depois acrescentou que jurava também pelo seu corpo de exército e pelo seu exército.

— A verdade, não diga a ninguém — disse a moça —, é que eu não acredito no exército.

— No que você acredita? — perguntou Reiter.

— Em poucas coisas — respondeu a moça depois de meditar um segundo sobre sua resposta. — Às vezes até me esqueço das coisas em que acredito. São muito poucas, muito poucas, e as coisas em que não acredito são muitas, muitíssimas, tantas que conseguem esconder as coisas em que acredito. Neste momento, por exemplo, não me lembro de nenhuma.

— Você acredita no amor? — perguntou Reiter.

— Não, francamente não — respondeu a moça.

— E na honestidade? — perguntou Reiter.

— Ufa, menos que no amor — respondeu a moça.

— Acredita no pôr do sol — perguntou Reiter —, nas noites estreladas, no amanhecer diáfano?

— Não, não, não — respondeu a moça com um gesto de evidente nojo —, não acredito em nenhuma coisa ridícula.

— Tem razão — disse Reiter. — E nos livros?

— Menos ainda — respondeu a moça —, além do mais na minha casa só tem livro nazista, política nazista, história nazista, economia nazista, mitologia nazista, poesia nazista, romances nazistas, peças de teatro nazistas.

— Não tinha ideia de que os nazistas escreveram tanto — disse Reiter.

— Você, pelo que vejo, tem ideia de bem poucas coisas, Hans — disse a moça —, menos de me beijar.

— É verdade — disse Reiter, que sempre estava disposto a admitir sua ignorância.

A essa altura, eles passeavam pelo parque de mãos dadas e de vez em quando Ingeborg parava e beijava Reiter na boca, e quem houvesse visto os dois teria pensado que eram apenas um jovem soldado e sua namorada que não tinham dinheiro para ir a outro lugar, que estavam muito apaixonados e que tinham muitas coisas para se contar. Não obstante, se esse observador hipotético tivesse se aproximado do par e olhado em seus olhos teria se dado conta de que a moça era louca e de que o jovem soldado sabia disso e no entanto não ligava. Na realidade, a essa altura do encontro, já não importava a Reiter que a jovem fosse louca, muito menos ainda o endereço de seu amigo Hugo Halder, ele só queria saber de uma vez por todas quais eram as poucas coisas que pareciam dignas de um juramento a Ingeborg. De modo que perguntou e perguntou e citou, numa tentativa, as irmãs da moça, a cidade de Berlim, a paz no mundo, as crianças do mundo, os pássaros do mundo, a ópera, os rios da Europa, as imagens, ai, de ex-namorados, sua própria vida (a de Ingeborg), a amizade, o humor e tudo mais o que lhe ocorreu, recebendo uma resposta negativa depois da outra, até que por fim, depois de darem voltas por todos os recantos do parque, a moça lembrou duas coisas pelas quais ela dava por válido um juramento.

— Quer saber quais são?

— Claro que quero saber! — exclamou Reiter.

— Espero que não ria quando eu disser.

— Não vou rir — disse Reiter.

— Diga eu o que disser você não vai rir?

— Não vou rir — repetiu Reiter.

— A primeira são as tempestades — disse a moça.

— As tempestades? — fez Reiter espantadíssimo.

— Só as grandes tempestades, quando o céu fica negro e o ar fica cinza. Trovões, raios e relâmpagos e camponeses mortos ao atravessar um pasto — disse a moça.

— Eu te entendo — disse Reiter, que francamente não gostava de tempestade. — E qual é a segunda coisa?

— Os astecas — disse a moça.

— Os astecas? — fez Reiter, mais perplexo que com as tempestades.

— Sim, sim, os astecas — disse a moça —, os que viviam no México antes da chegada de Cortés, os das pirâmides.

— Quer dizer que os astecas, esses astecas — disse Reiter.

— São os únicos astecas — disse a moça —, os que viviam em Tenochtitlán e Tlatelolco, que faziam sacrifícios humanos e moravam em duas cidades lacustres.

— Quer dizer que viviam em duas cidades lacustres — disse Reiter.

— Sim — disse a moça.

Por um instante ficaram em silêncio. Depois a moça disse: eu imagino essas cidades como

se fossem Genebra e Montreux. Uma vez estive com minha família de férias na Suíça. Pegamos um barco de Genebra a Montreux. O lago Lemman é maravilhoso no verão, mas talvez haja mosquitos demais. Passamos a noite numa pousada em Montreux e no dia seguinte voltamos em outro barco para Genebra. Já esteve no lago Lemman?

— Não — respondeu Reiter.

— É muito bonito, e não existem só essas duas cidades, há muitos lugares à beira do lago, como Lausanne, que é maior do que Montreux, ou Vevey, ou Evian. Na realidade, há mais de vinte cidades, muitas delas diminutas. Dá para imaginar?

— Vagamente — disse Reiter.

— Olhe, este é o lago — a moça desenhou o lago no chão com a ponta do sapato —, aqui está Genebra, aqui, na outra ponta, Montreux, e o resto são outras cidades. Imagina agora?

— Sim — respondeu Reiter.

— Pois é assim que eu imagino — disse a moça apagando com o sapato o mapa — o lago dos astecas. Só que muito mais bonito. Sem mosquitos, com uma temperatura agradável o ano inteiro, com uma multidão de pirâmides, tantas e tão grandes que é impossível contá-las, pirâmides superpostas, pirâmides que ocultam outras pirâmides, todas tingidas de vermelho com o sangue das pessoas sacrificadas todos os dias. E imagino os astecas, mas isso talvez não te interesse — disse a moça.

— Claro que me interessa — retrucou Reiter, que nunca antes havia pensado nos astecas.

— São uma gente muito estranha — disse a moça —, se você olhá-los nos olhos com atenção, percebe em pouco tempo que são loucos. Mas não estão trancados num manicômio. Ou talvez sim. Mas aparentemente não. Os astecas se vestem com muita elegância, são muito cuidadosos ao escolher as roupas que põem cada dia, você diria que passam horas no quarto de vestir, escolhendo a roupa mais adequada, e depois põem na cabeça uns chapéus emplumados muito caros, e joias nos braços e nos pés, além de colares e de anéis, e tanto os homens como as mulheres pintam o rosto, depois saem para passear pela beira do lago, sem se falar, observando absortos as canoas que navegam, cujos tripulantes, se não são astecas, preferem baixar os olhos e continuar pescando ou se afastar rapidamente dali, pois alguns astecas têm caprichos cruéis, e depois de passear como filósofos entram nas pirâmides, que são todas ocas, com o interior semelhante ao das catedrais e cuja única iluminação é uma luz zenital, uma luz filtrada por uma grande pedra de obsidiana, quer dizer uma luz escura e brilhante. A propósito, você já viu alguma vez uma pedra de obsidiana? — indagou a moça.

— Não, nunca — disse Reiter —, ou talvez sim e não tenha me dado conta.

— Você teria se dado conta no ato — disse a moça. — Uma obsidiana é um feldspato negro ou de um verde escuríssimo, coisa por si só curiosa porque os feldspatos costumam ser brancos ou amarelados. Os feldspatos mais importantes são o ortócio, a albita e a labradorita, caso você não saiba. Mas meu feldspato preferido é a obsidiana. Bom, voltemos às pirâmides. No ponto mais alto deles fica a pedra dos sacrifícios. Adivinhe de que material é feita?

— De obsidiana — respondeu Reiter.

— Exato — disse a moça —, uma pedra parecida com a mesa de uma sala de cirurgia, onde os sacerdotes ou médicos astecas deitavam suas vítimas antes de lhes arrancar o

coração. Mas agora vem o que vai te surpreender de verdade, essas camas de pedra eram transparentes! Eram polidas de tal modo ou escolhidas de tal modo que resultavam em pedras de sacrifício transparentes. E os astecas que estavam dentro da pirâmide observavam o sacrifício, vamos dizer, do interior, porque, como você terá adivinhado, a luz zenital que iluminava as entranhas da pirâmide provinha de uma abertura justo debaixo da pedra de sacrifícios. De modo que no princípio a luz é negra ou cinza, uma luz atenuada que só deixa ver as silhuetas dos astecas que estão, hieráticos, no interior das pirâmides, mas depois, quando se espalha o sangue da nova vítima na claraboia de obsidiana transparente, a luz fica vermelha e negra, de um vermelho muito vivo e de um negro muito vivo, de um tal modo que já não se distinguem só as silhuetas dos astecas mas também suas feições, umas feições transfiguradas pela luz vermelha e pela luz negra, como se a luz exercesse o poder de personalizar cada um deles, e isso, em resumo, é tudo, mas *isso* pode durar muito tempo, *isso* escapa do tempo ou se instala em outro tempo, regido por outras leis. Quando os astecas abandonam o interior das pirâmides, a luz do sol não os incomoda. Eles se comportam como se houvesse um eclipse do sol. E voltam aos seus afazeres diários, que consistem basicamente em passear, tomar banho, depois voltar a passear e ficar um bom tempo parado contemplando coisas indiscerníveis ou estudando os desenhos que os insetos fazem na terra e em comer acompanhados de seus amigos, mas todos em silêncio, que é quase a mesma coisa que comer sozinho, e de vez em quando em fazer a guerra. E no céu há sempre um eclipse que os acompanha — disse a moça.

— Puxa vida — disse Reiter, que estava impressionado com os conhecimentos da sua nova amiga.

Por um instante, sem se propor, os dois passearam em silêncio por aquele parque, como se fossem astecas, até que a moça perguntou a ele por quem ia jurar, se pelos astecas ou pelas tempestades.

— Não sei — respondeu Reiter, que já tinha se esquecido por que cargas-d'água tinha de jurar.

— Escolha — disse a moça —, e pense bem porque é muito mais importante do que você imagina.

— O que é importante? — perguntou Reiter.

— Seu juramento — disse a moça.

— E por que é importante? — indagou Reiter.

— Para você, eu não sei — respondeu a moça —, mas para mim é importante porque marcará meu destino.

Nesse momento Reiter se lembrou que precisava jurar que nunca se esqueceria dela e sentiu uma pena enorme. Por um momento foi difícil respirar, depois sentiu que as palavras entalavam na sua garganta. Decidiu que juraria pelos astecas, já que não gostava de tempestade.

— Juro pelos astecas — disse —, nunca vou te esquecer.

— Obrigada — disse a moça e continuaram passeando.

Ao fim de um instante, embora já sem interesse, Reiter perguntou o endereço de Halder.

— Mora em Paris — respondeu a moça com um suspiro —, o endereço eu não sei.

— Ah — fez Reiter.

— É normal que viva em Paris — disse a moça.

Reiter pensou que talvez ela tivesse razão e que a coisa mais normal do mundo era Halder ter se mudado para Paris. Quando começou a anoitecer, Reiter acompanhou a moça até a porta de casa e foi correndo para a estação.

O ataque à União Soviética começou no dia 22 de junho de 1941. A divisão 79 estava enquadrada no 11º Exército alemão e poucos dias depois as vanguardas da divisão atravessaram o rio Prut e entraram em combate, ombro a ombro com os corpos do exército romeno, que se mostraram muito mais ardorosos do que os alemães esperavam. O avanço, no entanto, foi tão rápido quanto o que experimentaram as unidades do 17º Exército e o então assim chamado 1º Grupo Panzer, que com o correr da guerra mudaria sua denominação, junto com o 2º Grupo Panzer, o 3º Grupo Panzer e o 4º Grupo Panzer, para a mais intimidatória de Exército Panzer. Os meios materiais e humanos do 11º Exército eram, como dá para deduzir, infinitamente menores, sem contar a orografia da região e a escassez das estradas. O ataque, além disso, não contou com o fator surpresa que havia favorecido o Grupo de Exército Sul, Centro e Norte. Mas a divisão de Reiter deu de si o que dela esperavam seus comandantes, e atravessaram o Prut e combateram e continuaram combatendo pelas planícies e as colinas da Bessarábia, e depois atravessaram o Dniester, chegaram aos arrabaldes de Odessa e depois avançaram, enquanto os romenos paravam, e combateram com tropas russas em retirada, e depois atravessaram o rio Bug, e continuaram avançando, deixando atrás de si uma esteira de aldeias ucranianas incendiadas e granadeiros incendiados e bosques que de repente punham-se a arder, como se por efeito de uma combustão misteriosa, bosques que pareciam ilhas escuras no meio de intermináveis campos de trigo.

Quem toca fogo nesses bosques?, Reiter às vezes perguntava a Wilke, e Wilke dava de ombros, o que também faziam Neitzke, Kruse e o sargento Lemke, esgotados de tanto andar, pois a divisão 79 era uma divisão hipomóvel, quer dizer, uma divisão que se movia por tração animal, e ali os únicos animais eram as mulas e os soldados, e as mulas serviam para arrastar o material pesado e os soldados para marchar e combater, como se a guerra relâmpago jamais houvesse introduzido seu olho branco no organograma da divisão, como nos tempos napoleônicos, dizia Wilke, marchas e contramarchas e marchas forçadas, ou antes, sempre marchas forçadas, dizia Wilke, e depois dizia, sem se levantar do chão, como o resto dos seus companheiros, não sei quem demônios incendeia os bosques, nós com certeza não fomos, não é mesmo, rapazes?, e Neitzke dizia não, nós não, e Kruse e Barz diziam a mesma coisa, e até o sargento Lemke dizia que não, nós queimamos aquela aldeia ali ou bombardeamos aquela aldeia da esquerda ou da direita, mas o bosque não, e seus homens concordavam e ninguém dizia mais nenhuma palavra, só ficavam olhando o fogo do bosque, como o fogo ia transformando a ilha escura em ilha vermelho-alaranjada, talvez tenha sido o batalhão do

capitão Ladenthin, dizia um, eles vinham por ali, devem ter encontrado resistência no bosque, talvez tenha sido a companhia de sapadores, dizia outro, mas a verdade é que não haviam visto nada, nem soldados alemães nos arredores nem soldados soviéticos resistindo naquele setor, só o bosque negro no meio de um mar amarelo e debaixo de um céu azul brilhante, e de repente, sem aviso prévio, como se estivessem num grande teatro de trigo e o bosque fosse o cenário e o prosscênio desse teatro circular, o fogo que devorava tudo e que era bonito.

* * *

Depois de cruzar o Bug, a divisão cruzou o Dnieper e penetrou na península da Crimeia. Reiter combateu em Perekop e em várias aldeias próximas de Perekop cujo nome nunca soube mas por cujas ruas de terra andou, afastando cadáveres, mandando que velhos, mulheres e crianças entrassem em suas casas e não saíssem. Às vezes se sentia enjoado. Às vezes notava que ao se levantar bruscamente a vista se turvava, ficava negra, cheia de pontinhos granulados semelhantes a uma chuva de meteoritos. Mas os meteoritos se moviam de uma maneira muito estranha. Ou não se moviam. Eram meteoritos imóveis. Às vezes se lançava, com seus companheiros, à conquista de uma posição inimiga sem tomar a menor precaução, o que lhe granjeou a fama de temerário e corajoso, embora ele só buscasse uma bala que levasse paz ao seu coração. Uma noite, sem querer, falou do suicídio com Wilke.

— Nós, cristãos, nos masturbamos mas não nos suicidamos — disse-lhe Wilke, e Reiter, antes de dormir, ficou pensando nas palavras dele, pois desconfiava que por trás da piada de Wilke talvez se escondesse uma verdade.

No entanto nem por isso mudou de parecer. Durante a batalha pela tomada de Tchornomorsk, em que teve um papel destacado o regimento 310 e em especial o batalhão de Reiter, este expôs sua vida em pelo menos três ocasiões, a primeira ao assaltar uma casamata de tijolo nos arredores de Kirovsk, no entroncamento entre Tchernishov, Kirovsk e Tchornomorsk, uma casamata que não teria resistido a uma só descarga de artilharia, uma casamata que emocionou Reiter só em vê-la, porque revelava a pobreza e a inocência, como se houvesse sido construída por crianças e fosse defendida por outras crianças. A companhia carecia de munição de morteiros e decidiram tomá-la de assalto. Pediram voluntários. Reiter foi o primeiro a dar um passo à frente. Uniu-se a ele quase imediatamente o soldado Voss, que também era um valente ou um suicida em potencial, mais outros três soldados. O assalto foi rápido: Reiter e Voss avançaram pelo flanco esquerdo da casamata, os outros três pelo direito. Quando estavam a vinte metros, uns disparos de fuzil saíram do interior da casamata. Os três que iam pelo flanco direito se jogaram no chão. Voss vacilou. Reiter continuou correndo. Ouviu o zumbido de uma bala que passou a poucos centímetros da sua cabeça mas não se agachou. Pelo contrário, seu corpo pareceu se empinar num vão afã de ver os rostos dos adolescentes que iam acabar com a sua vida, mas não pôde ver nada. Outra bala roçou seu braço direito. Sentiu que alguém o empurrava pelas costas e o derrubava. Era Voss, que embora temerário ainda conservava algo de bom senso.

Por um instante viu como seu companheiro, depois de tê-lo jogado no chão, saía rastejando em direção à casamata. Viu pedras, mato, flores silvestres e as solas ferradas de Voss que o deixava para trás, levantando uma diminuta nuvem de pó, diminuta para ele, disse consigo, mas não para as caravanas de formigas que cruzavam a terra de norte a sul enquanto Voss rastejava de leste a oeste. Depois se levantou e começou a atirar para a casamata, por cima do corpo de Voss, e voltou a ouvir as balas que assobiavam perto do seu corpo, enquanto ele disparava e andava, como se estivesse passeando e tirando fotos, até que a casamata explodiu atingida por uma granada, e depois por outra, e mais outra, arremessadas pelos soldados do flanco direito.

A segunda ocasião em que esteve a ponto de morrer foi na tomada de Tchernomorsk. Os dois principais regimentos da divisão 79 começaram o ataque depois de toda a artilharia divisionária ter se concentrado no setor do cais, uma zona da qual partia a estrada que unia Tchernomorsk a Evpatoria, Frunze, Inkerman e Sebastopol, e que carecia de acidentes geográficos consideráveis. O primeiro ataque foi rechaçado. O batalhão de Reiter, que se mantinha na reserva, saiu com a segunda vaga. Os soldados saíram correndo por cima dos alambrados enquanto a artilharia corrigia o tiro e fustigava os ninhos de metralhadoras soviéticos que haviam sido localizados. Enquanto corria, Reiter começou a suar como se de repente, numa fração de segundo, tivesse ficado doente. Pensou que desta vez, sim, morreria e a proximidade do mar contribuiu para reafirmar essa ideia. Primeiro atravessaram um descampado, depois subiram por um pomar, com uma casinha de cujas janelas, uma janela diminuta, assimétrica, um velho de barba branca os fitou. Pareceu a Reiter que o velho estava comendo alguma coisa, porque mexia as mandíbulas.

Do outro lado do pomar havia um caminho de terra e pouco além viram cinco soldados soviéticos arrastando com dificuldade um canhão. Mataram os cinco e continuaram correndo. Uns seguiram pelo caminho, outros se meteram num pequeno bosque de pinheiros.

No bosque, Reiter viu uma figura entre as ramagens e parou. Era a estátua de uma deusa grega, ou foi o que imaginou. Tinha os cabelos presos, era alta e sua expressão era impassível. Ensopado de suor Reiter desatou a tremer e esticou o braço. O mármore ou a pedra, foi incapaz de precisar, estava frio. A localização da estátua não carecia de certo nonsense, pois aquele lugar oculto pelos galhos do arvoredado não era o local mais adequado para colocar uma escultura. Por um instante, breve e doloroso, Reiter pensou que devia perguntar alguma coisa à estátua, mas não lhe ocorreu nenhuma pergunta e seu rosto se deformou numa careta de sofrimento. Depois saiu correndo.

O bosque terminava numa quebrada da qual se via o mar, o porto e uma espécie de passeio à beira-mar bordado de árvores e bancos para sentar e casas brancas e edifícios de três andares que pareciam hotéis ou clínicas de saúde. As árvores eram grandes e escuras. Entre as colinas se distinguia uma ou outra casa em chamas, e no porto, apequenado, um grupo de pessoas se acotovelavam para entrar num barco. O céu era muito azul e o mar parecia calmo, sem uma onda. Pela esquerda, seguindo um caminho que descia ziguezagueante, apareceram os primeiros homens do seu regimento enquanto uns poucos russos fugiam e outros

levantavam os braços e saíam de uns armazéns de peixe cujas paredes estavam enegrecidas. Os homens que iam com Reiter desceram pela colina em direção a uma praça em torno da qual se erguiam dois edifícios novos, de cinco andares, pintados de branco. Ao chegar à praça, atiraram neles de várias janelas. Os soldados se protegeram detrás das árvores, menos Reiter, que continuou andando como se não tivesse ouvido nada até chegar à porta de um dos edifícios. Uma das paredes era decorada com um mural no qual se via um velho marinheiro lendo uma carta. Algumas linhas dela eram perfeitamente visíveis ao espectador, mas eram escritas em alfabeto cirílico e Reiter não entendeu nada. Os ladrilhos do chão eram grandes, de cor verde. Não havia elevador, de modo que Reiter começou a subir pela escada. Ao chegar no primeiro andar atiraram nele. Viu uma sombra aparecer, depois sentiu uma agulhada no braço direito. Continuou subindo. Tornaram a atirar nele. Ficou imóvel. O ferimento quase não sangrava e a dor era perfeitamente suportável. Vai ver que já estou morto, pensou. Depois pensou que não estava e que não devia desmaiar, não até receber uma bala na cabeça. Dirigiu-se a um dos apartamentos e abriu a porta com um pontapé. Viu uma mesa, quatro cadeiras, um aparador de vidro cheio de pratos, com alguns livros em cima. No quarto encontrou uma mulher e duas crianças pequenas. A mulher era bem jovem e fitou-o aterrorizada. Não vou fazer nada, disse a ela, e procurou sorrir enquanto retrocedia. Depois entrou em outro apartamento e dois milicianos de cabelo cortado a zero levantaram os braços e se renderam. Reiter nem olhou para eles. Dos outros apartamentos foi saindo gente com aspecto de famintos ou de reclusos de um reformatório. Num quarto, junto a uma janela aberta, encontrou dois velhos fuzis que jogou na rua ao mesmo tempo que fazia a seus companheiros sinais para que cessassem de atirar.

A terceira vez em que esteve a ponto de morrer foi semanas depois, durante o ataque a Sebastopol. O avanço dessa vez foi contido. Cada vez que as tropas alemãs tentavam tomar uma linha de defesa, a artilharia da cidade descarregava sobre elas uma chuva de projéteis. Nas imediações da cidade, junto das trincheiras russas, amontoavam-se os corpos destrocados dos soldados alemães e romenos. Em mais de uma ocasião a luta foi corpo a corpo. Os batalhões de assalto chegavam a uma trincheira onde encontravam marinheiros russos e combatiam por cinco minutos, ao fim dos quais um dos dois lados retrocedia. Mas logo tornavam a aparecer mais marinheiros russos gritando hurra e a peleja recomeçava. Para Reiter a presença dos marinheiros naquelas trincheiras poeirentas estava carregada de presságios funestos e libertadores. Um deles, certamente, o mataria e então ele tornaria a mergulhar nas profundidades do Báltico ou do Atlântico ou do Mar Negro, pois todos os mares, afinal, eram um só mar e no fundo do mar o aguardava um bosque de algas. Ou simplesmente desapareceria, nada mais.

Segundo Wilke, aquilo era coisa de louco, de onde saíam os marinheiros russos?, o que faziam os marinheiros russos ali, a vários quilômetros do seu elemento natural, o mar e os navios? A não ser que os Stukas houvessem afundado todos os barcos da frota russa, fantasiava Wilke, e que o Mar Negro houvesse secado, coisa em que ele, evidentemente, não acreditava. Mas isso ele só dizia a Reiter, pois os outros aceitavam tudo o que viam ou lhes acontecia como algo normal. Num dos ataques morreu Neitzke e vários outros da sua companhia.

Uma noite, nas trincheiras, Reiter se ergueu em toda a sua estatura e ficou olhando as estrelas, mas sua atenção, inevitavelmente, se viu desviada para Sebastopol. A cidade, ao longe, era uma massa negra com bocas vermelhas que se abriam e se fechavam. Os soldados a chamavam de trituradora de ossos, mas naquela noite não pareceu a Reiter uma máquina mas a reencarnação de um ser mitológico, um animal vivo que tinha dificuldade para respirar. O sargento Lemke mandou que se agachasse. Reiter olhou-o de cima, tirou o capacete, coçou a cabeça e antes que pudesse pô-lo de novo uma bala o derrubou. Ao cair sentiu como outra bala penetrava em seu tórax. Olhou para o sargento Lemke com olhos apagados: ele lhe pareceu igual a uma formiga que paulatinamente ia se tornando cada vez maior. A uns quinhentos metros dali caíram vários projéteis de artilharia.

Duas semanas depois recebeu a cruz de ferro. Um coronel a entregou no hospital de campanha de Novoselivsk, apertou-lhe a mão, disse que tinha relatórios estupendos sobre sua atuação em Tchernomorsk e Mikolaivka, e foi embora. Reiter não podia falar pois uma bala tinha atravessado sua garganta. O ferimento no tórax já não apresentava gravidade, e pouco depois foi trasladado da península da Crimeia para Krivoi Rog, na Ucrânia, onde havia um hospital maior e onde tornaram a operá-lo da garganta. Depois da operação voltou a comer normalmente, a mexer o pescoço como antes, mas continuou sem poder falar.

Os médicos que tratavam dele não sabiam se lhe davam uma licença para voltar à Alemanha ou o mandavam de volta para a sua divisão, que por então continuava sitiando Sebastopol e Kerch. A chegada do inverno e o contra-ataque soviético que conseguiu dismantelar em parte as linhas alemãs adiou a decisão e afinal Reiter não foi enviado para a Alemanha nem reincorporado à sua unidade.

Mas como tampouco podia permanecer no hospital foi enviado, com outros três feridos da divisão 79, à aldeia de Kostekino, às margens do Dnieper, que alguns chamavam pelo nome de Granja Modelo Budienny e outros pelo nome de Riacho Doce, devido a um riacho, afluente do Dnieper, cujas águas eram de uma doçura e de uma pureza inabituais na comarca. Kostekino, aliás, não chegava nem sequer a ser uma aldeia. Umas tantas casas dispersas sob as colinas, cercas de madeira que caíam de tão velhas, dois celeiros apodrecidos, uma estrada de terra que no inverno ficava intransitável com a neve e o barro e que comunicava a aldeola com um vilarejo por onde passava o trem. Nos arredores havia um *sovcoz* abandonado que cinco alemães tentavam fazer funcionar de novo. A maior parte das casas estava abandonada, segundo alguns porque os aldeões haviam fugido ante a irrupção do exército alemão, segundo outros porque o exército vermelho os havia alistado à força.

Nos primeiros dias Reiter dormiu no que devia ter sido um escritório de agronomia ou quem sabe a sede do Partido Comunista, o único edifício de tijolo e cimento do povoado, mas o convívio com os poucos alemães que viviam em Kostekino, os técnicos e os convalescentes, não demorou a lhe ser intolerável. Decidiu então se instalar numa das muitas isbás vazias. Todas pareciam, à primeira vista, iguais. Uma noite, enquanto tomava café na casa de tijolos, Reiter ouviu uma versão distinta: os aldeões nem tinham sido

engajados à força nem tinham fugido. O despovoamento era consequência direta da passagem por Kostekino de um destacamento do Einsatzgruppe C, que eliminou fisicamente todos os judeus da aldeia. Como não podia falar não fez nenhuma pergunta, mas no dia seguinte tratou de estudar com maior atenção todas as casas.

Em nenhuma delas encontrou rastro algum que indicasse a origem ou a religião de seus antigos moradores. Acabou se instalando numa que ficava perto do Riacho Doce. A primeira noite que passou lá teve pesadelos que o acordaram várias vezes. Não conseguia, no entanto, se lembrar com que estava sonhando. A cama em que dormia era uma cama estreita e muito mole, perto da lareira, no primeiro andar da casa. O segundo andar era uma espécie de sótão onde havia outra cama e uma janela redonda e mínima, como a vigia de um navio. Num baú encontrou vários livros, a maioria em russo, mas alguns, para sua surpresa, em alemão. Como sabia que muitos dos judeus do leste conheciam a língua alemã supôs que a casa de fato havia pertencido a um judeu. Às vezes, no meio da noite, depois de acordar de um pesadelo gritando e acender a vela que sempre deixava do lado da cama, ficava quieto um longo tempo, sentado com as pernas fora das cobertas, olhando os objetos que dançavam com a luz da vela, sentindo que nada tinha remédio, enquanto o frio o ia gelando paulatinamente. Às vezes, de manhã, ao acordar, tornava a ficar quieto olhando o teto de barro e palha e pensava que aquela casa tinha um não sei quê de feminino.

Perto dali moravam uns ucranianos que não eram de Kostekino e que haviam chegado pouco tempo antes para trabalhar no antigo *sovcoz*. Quando saía da casa os ucranianos o cumprimentavam tirando os gorros e inclinando-se ligeiramente. Reiter, nos primeiros dias, nem respondia aos cumprimentos. Mas depois, timidamente, levantava a mão e os cumprimentava como se lhes desse adeus. Todas as manhãs ia ao Riacho Doce. Com a faca fazia um buraco, enfiava uma panelinha e tirava um pouco de água que bebia ali mesmo sem se importar com quão fria estava.

Com a chegada do inverno todos os alemães se encerraram no edifício de tijolo e às vezes davam festas que duravam até o amanhecer. Ninguém se lembrava deles, como se o colapso do front os houvesse feito desaparecer. Às vezes, os soldados saíam em busca de mulheres. Outras vezes faziam amor entre si e ninguém dizia nada. Isto é o paraíso congelado, disse a Reiter um de seus velhos companheiros da 79. Reiter olhou para ele como se não entendesse nada e o companheiro lhe deu um tapinha nas costas e disse pobre Reiter, pobre Reiter.

Em certa ocasião, depois de muito tempo sem fazer isso, Reiter se olhou num espelho encontrado num canto da sua isbá e demorou a se reconhecer. Tinha uma barba loura e emaranhada, os cabelos compridos e sujos, os olhos secos e vazios. Merda, pensou. Depois tirou o curativo da garganta: o ferimento cicatrizava aparentemente sem maiores problemas, mas o curativo estava sujo e as crostas de sangue lhe davam uma sensação apegaminhada, por isso resolveu jogá-lo na lareira. Depois procurou por toda a casa algo que servisse para substituir o curativo, e foi assim que encontrou os papéis de Boris Abramovitch Ansky e o esconderijo atrás da lareira.

O esconderijo era extremamente simples mas também extremamente engenhoso. A lareira, que também servia de fogão, tinha a boca suficientemente larga e a chaminé suficientemente alta para que uma pessoa, agachada, pudesse se introduzir nela. Se a largura era perceptível à simples vista, a profundidade da lareira, vista de fora, era indecifrável, pois suas paredes negras de fuligem exerciam aqui a função da mais sutil camuflagem. O olhar não podia enxergar o buraco que se formava no fundo da lareira, buraco pequeno mas suficiente para que uma pessoa, sentada e com os joelhos bem dobrados, permanecesse ali protegida pelo escuro. Mas para que o esconderijo funcionasse à perfeição, meditou Reiter na solidão da sua isbá, era necessário que houvesse duas pessoas: a que se escondia e alguém que ficava do lado de fora e punha uma panela com sopa para esquentar, depois acendia o fogo da lareira e o atiçava de vez em quando.

Por muitos dias esse problema ocupou sua mente, pois acreditava que sua solução o levaria a conhecer melhor a vida ou a forma de pensar ou o grau de desespero que um dia afligiu Boris Ansky ou alguém que Boris Ansky conhecia muito bem. Em várias ocasiões tentou acender o fogo de dentro. Só conseguiu uma vez. Pendurar uma panela com água ou pôr o samovar junto dos tições se mostrava uma tarefa impossível, de modo que finalmente concluiu que quem havia construído o esconderijo o fez pensando que alguém, um dia, se esconderia e outra pessoa o ajudaria a se esconder. O que salva, pensou Reiter, e o que o salva. O que viverá e o que morrerá. O que fugirá quando cair a noite e o que ficará e se tornará vítima. Às vezes, de tarde, se enfiava no esconderijo, armado somente com os papéis de Boris Ansky e uma vela, e ficava ali até alta noite, até ficar com câibra em seus músculos e com o corpo gelado, lendo, lendo.

Boris Abramovitch Ansky tinha nascido em 1909, em Kostekino, naquela mesma casa agora ocupada pelo soldado Reiter. Seus pais eram judeus, como quase todos os moradores da aldeia, e ganhavam a vida com o comércio de blusas, que o pai comprava no atacado em Dnepropetrovsk e, em certas ocasiões, em Odessa, depois revendia por todas as aldeias da comarca. A mãe criava galinhas e vendia ovos, e não precisavam comprar verduras porque possuíam uma horta pequena mas muito bem aproveitada. Só tiveram um filho, Boris, já em idade avançada, como o Abraão e a Sara bíblicos, coisa que os encheu de alegria.

Em certas ocasiões, quando Abraham Ansky se reunia com os amigos, costumava fazer piada a esse respeito e dizia, falando de como seu filho era mimado, que às vezes pensava que deveria tê-lo sacrificado quando era pequeno. Os ortodoxos da aldeia se escandalizavam ou faziam como se estivessem escandalizados e os outros riam abertamente quando Abraham Ansky concluía: mas em vez de sacrificá-lo, sacrifiquei a galinha! Uma galinha!, uma galinha!, não um carneiro nem meu primogênito mas uma galinha!, a galinha dos ovos de ouro!

Aos catorze anos, Boris Ansky se alistou no exército vermelho. A despedida dos pais foi comovente. Primeiro o pai desatou a chorar descontrolado, depois a mãe e por fim Boris se atirou em seus braços e também desandou a chorar. A viagem para Moscou foi inesquecível.

No caminho via rostos incríveis, ouviu conversas e monólogos incríveis que anunciavam o princípio do paraíso, e tudo o que encontrou, seja andando lá fora ou no trem, o afetou vivamente, pois aquela era a primeira vez que saía da sua aldeia, excetuadas as duas viagens em que acompanhou o pai vendendo blusas pela comarca. Em Moscou, dirigiu-se a um posto de recrutamento e ao se alistar para combater Wrangel lhe disseram que Wrangel já tinha sido derrotado. Então Ansky disse que queria se alistar para combater os poloneses, e lhe disseram que os poloneses já tinham sido derrotados. Então Ansky gritou que queria se alistar para combater Krasnov ou Denikin, e lhe disseram que Denikin e Krasnov já tinham sido derrotados. Então Ansky disse que, bem, ele queria se alistar para combater os cossacos brancos ou os tchecos ou Koltschak ou Yudenitsch ou as tropas aliadas e lhe disseram que todos eles já haviam sido derrotados. As notícias demoram a chegar no seu povoado, lhe disseram. E também disseram: de onde você é, rapaz? E Ansky disse que de Kostekino, à beira do Dnieper. Então um velho soldado que fumava cachimbo perguntou seu nome. Depois perguntou se era judeu. E Ansky disse que sim, que era judeu, e olhou nos olhos do velho soldado e só então se deu conta de que ele era caolho e ainda por cima lhe faltava um braço.

— Tive um camarada judeu, na campanha contra os poloneses — disse o velho soltando fumaça pela boca.

— Como se chama — perguntou Ansky —, eu talvez o conheça.

— Será que você conhece todos os judeus do país dos soviets, garoto? — perguntou o soldado caolho e maneta.

— Não, claro que não — respondeu Ansky ficando vermelho.

— Se chamava Dimitri Verbitsky — disse o caolho do seu canto — e morreu a cem quilômetros de Varsóvia.

Depois o caolho se remexeu, se cobriu com uma manta até o pescoço e disse: nosso comandante se chamava Korolenko e também morreu naquele dia. Então, numa velocidade supersônica, Ansky imaginou Verbitsky e Korolenko, viu Korolenko zombando de Verbitsky, ouviu as palavras que Korolenko dizia pelas costas de Verbitsky, entrou nos pensamentos noturnos de Verbitsky, nos desejos de Korolenko, nas vagas e mutáveis esperanças de ambos, em suas convicções e cavalgadas, nos bosques que deixavam para trás e nas terras inundadas que atravessavam, nos barulhos da noite ao relento e nas conversas ininteligíveis dos soldados pelas manhãs, antes de voltar a montar. Viu aldeias e lavouras, viu igrejas e fumaceiras incertas que se erguiam no horizonte, até chegar o dia em que ambos morreram, Veritsky e Korolenko, um dia perfeitamente cinzento, totalmente cinzento, absolutamente cinzento, como se uma nuvem de mil quilômetros de comprimento houvesse passado por aquelas terras, sem se deter, interminável.

Nesse momento, que não chegou a durar nem um segundo, Ansky decidiu que não queria ser soldado, mas também nesse momento o suboficial do posto do exército estendeu-lhe um papel e disse para assinar. Já era um soldado.

Os três anos seguintes ele passou viajando. Esteve na Sibéria e nas minas de chumbo de

Norilsk, percorreu a bacia do Tunguska escoltando técnicos de Omsk que procuravam jazidas de carvão, esteve em Yakutsk, subiu o Lena até o oceano Glacial ártico, além do círculo polar, acompanhou um grupo de engenheiros e um médico neurologista até as ilhas de Nova Sibéria onde dois dos engenheiros enlouqueceram, um deles na variante do doido manso, mas o outro na variante do doido perigoso, que precisaram liquidar ali mesmo por indicação do neurologista, que explicou que aquela classe de loucos não tinha remédio, ainda mais no meio da brancura daquela paisagem que cegava ou perturbava a mente, depois esteve no mar de Okhotsk com um destacamento de intendência que levava mantimentos para um destacamento de exploradores perdidos, mas o destacamento de intendência, ao fim de poucos dias, também se perdeu e eles mesmos acabaram comendo as provisões dos exploradores, depois esteve num hospital de Vladivostok, depois em Amur, depois conheceu as margens do lago Baikal, onde chegavam milhares de aves, e na cidade de Irkutsk, e finalmente esteve perseguindo bandidos no Casaquistão, antes de voltar a Moscou e se dedicar a outras coisas.

Essas outras coisas foram a leitura e a visita a museus, a leitura e os passeios pelo parque, a leitura e a ida quase maníaca a todo tipo de concertos, *soirées* teatrais, conferências literárias e políticas, das quais tirou muitos e muito bons ensinamentos e que soube aplicar à bagagem de coisas vividas que tinha acumulado. Também nessa época conheceu Efraim Ivánov, o escritor de ficção científica, conheceu-o num café de literatos, o melhor café de literatos de Moscou, na realidade no terraço do café, onde Ivánov tomava vodca numa mesa afastada, sob os galhos de um carvalho enorme que chegava ao terceiro andar do prédio, e fizeram amizade, em parte porque interessaram a Ivánov as ideias extravagantes de Ansky, em parte porque este demonstrava, pelo menos naquela época, uma admiração sem reservas nem resquícios pela obra do escritor científico, como Ivánov gostava de se chamar em vez de escritor fantástico, que era a denominação oficial e popular para classificar o tipo de obras que fazia. Por aqueles anos Ansky pensava que a revolução não tardaria a se estender por todo o mundo, pois só um imbecil ou um niilista não podia ver nela ou intuir nela o potencial de progresso e felicidade que trazia. A revolução, pensava Ansky, terminará abolindo a morte.

Quando Ivánov lhe dizia que isso era impossível, que a morte acompanhava o homem desde tempos imemoriais, ele respondia que se tratava precisamente disso, justo disso, inclusive *exclusivamente* disso, abolir a morte, aboli-la para sempre, mergulhar-nos no desconhecido até encontrarmos outra coisa. A abolição, a abolição, a abolição.

Ivánov era membro do partido desde 1902. Naquela época tentara escrever contos à maneira de Tolstói, Tchekhov, Górkí, quer dizer, havia tentado plagiá-los sem muito êxito, de modo que, após uma longa reflexão (toda uma noite de verão), decidiu astutamente escrever à maneira de Odoévski e Lachéchnikov. Cinquenta por cento de Odoévski e cinquenta por cento de Lachéchnikov. Não se saiu mal, em parte porque os leitores haviam esquecido, com essa falta de memória característica dos leitores, o pobre Odoévski (nascido em 1803 e falecido em 1869) e o pobre Lachéchnikov (nascido em 1792 e falecido, como

Odoévski, em 1869), em parte porque a crítica literária, tão aguçada como sempre, nem extrapolou nem fez associações nem se deu conta de nada.

Em 1910 Ivánov era o que se costuma chamar de um escritor promissor, do qual se esperavam grandes coisas, mas Odoévski e Lachéchnikov, como moldes a imitar, já não davam para mais do que deram, de modo que a produção artística de Ivánov sofreu uma parada ou, dependendo da ótica, um naufrágio, do qual não pôde salvá-lo nem sequer a nova mistura que tentou *in extremis*: misturar o hoffmaniano Odoévski e o fã de Walter Scott Lachéchnikov com a estrela ascendente de Górkí. Seus relatos, teve que aceitar isso, não interessavam mais, e sua economia, e seu orgulho mais ainda, se ressentiram disso. Até a revolução de outubro, Ivánov trabalhou esporadicamente em revistas científicas, em revistas agrícolas, como revisor de provas, como vendedor de lâmpadas elétricas, como ajudante num escritório de advocacia, sem descuidar dos seus trabalhos no partido, onde fazia praticamente tudo o que era preciso, desde redigir e imprimir panfletos até conseguir papel e servir de intermediário com os escritores afins e com alguns companheiros de viagem. E fez tudo isso sem se queixar nem abandonar seus inveterados costumes: a visita diária aos lugares onde se reunia a boêmia moscovita e a vodca.

O triunfo da revolução não melhorou nem suas expectativas literárias nem as laborais, muito pelo contrário, o trabalho duplicou e em não poucas ocasiões triplicou, às vezes até quadruplicou, mas Ivánov cumpriu seu dever sem se queixar. Um dia lhe pediram um conto cujo tema devia versar sobre a vida na Rússia no ano de 1940. Em três horas Ivánov escreveu seu primeiro conto de ficção científica. Intitulava-se *O trem dos Urais*. Um garoto que viajava no trem cuja velocidade média era de duzentos quilômetros, contava com sua própria voz o que acontecia diante dos seus olhos: fábricas reluzentes, campos bem lavrados, aldeias novas e modelares constituídas por dois ou três edifícios de mais de dez andares, visitadas por alegres delegações estrangeiras que anotavam os progressos alcançados para aplicá-los depois em seus respectivos países. O garoto que viajava no *Trem dos Urais* ia visitar o avô, um ex-combatente do exército vermelho que, tendo obtido um diploma universitário numa idade imprópria para o estudo, dirigia um laboratório dedicado a complicadas pesquisas envoltas no maior dos mistérios. Ao saírem da estação de mãos dadas, o avô, um tipo enérgico que não aparentava mais de quarenta anos embora fosse óbvio que tinha muito mais, contava ao garoto alguns dos avanços logrados ultimamente, mas o neto, uma criança afinal de contas, obrigava-o a contar histórias da revolução e da guerra contra os brancos e contra a intervenção estrangeira, ao que o avô, um velho afinal de contas, acedia com prazer. Isso era tudo. Sua acolhida pelos leitores foi um acontecimento.

O primeiro a ficar surpreso, há que se dizer, foi o próprio escritor. O segundo foi o chefe de redação, que havia lido o conto com um lápis, para corrigir os erros, e que não o achou grande coisa. Chegaram à redação da revista cartas pedindo mais colaborações desse “desconhecido Ivánov”, desse “promissor Ivánov”, “um escritor que crê no amanhã”, “um autor que infunde fé no futuro pelo que estamos lutando”, e as cartas vinham de Moscou e de Petrogrado, mas também chegaram cartas de combatentes e ativistas políticos dos rincões mais distantes que tinham se sentido identificados com a figura do avô, o que deu insônia ao

chefe de redação, um marxista dialético, metódico, materialista e nada dogmático, um marxista que como bom marxista havia estudado não só Marx mas também Hegel e Feuerbach (e inclusive Kant), que ria gostosamente quando relia Lichtenberg, e que havia lido Montaigne e Pascal e conhecia bastante bem os escritos de Fourier, que não podia acreditar que entre tantas coisas boas (ou, sem exagerar, entre algumas coisas boas) que havia publicado a revista, fosse esse conto, sentimentalóide e sem amarras científicas, o que mais havia emocionado os cidadãos da terra dos soviets.

Alguma coisa vai mal, pensou. Naturalmente, à noite de insônia do chefe de redação se somou a noite de glória e vodka de Ivánov, que resolveu comemorar seu primeiro sucesso nas piores baiúcas de Moscou e depois na Casa do Escritor, onde jantou com quatro amigos que pareciam os quatro cavaleiros do Apocalipse. A partir desse momento só pediram a Ivánov contos de ficção científica e ele, atentando muito bem ao primeiro, que havia escrito como que por descuido, repetiu a fórmula com variantes que foi extraíndo do profundo caudal da literatura e de algumas publicações de química, biologia, medicina, astronomia, que acumulava em seu quarto como o agiota acumula as promissórias, as cartas de crédito, os cheques sem fundo. Dessa maneira seu nome ficou conhecido em todos os rincões da União Soviética e ele não demorou a se estabelecer como escritor profissional, um homem que vivia unicamente do que lhe rendiam seus livros, que participava de congressos e palestras em universidades e fábricas e cujos trabalhos eram disputados pelas revistas e jornais literários.

Mas tudo envelhece, e a fórmula do futuro radiante mais o herói que no passado havia contribuído para criar esse futuro radiante mais o garoto (ou a garota) que no futuro, que em suas narrativas era presente, desfrutava de toda essa cornucópia e da inventiva comunista, também envelheceu. Quando Ansky conheceu Ivánov este já não era um sucesso de vendas e seus romances e contos, que muitos consideravam bregas ou intragáveis, já não despertavam o entusiasmo que despertaram em outra época. Mas Ivánov continuava escrevendo, e continuavam a publicá-lo, e ele continuava recebendo todo mês um salário por suas visões arcádicas. Era, todavia, membro do partido. Pertencia à Associação de Escritores Revolucionários. Seu nome figurava nas listas oficiais de criadores soviéticos. Exteriormente, era um homem feliz, solteiro, que tinha um quarto grande e confortável numa casa de um bom bairro de Moscou, que de vez em quando ia para a cama com prostitutas já não tão jovens com as quais terminava cantando e chorando, que comia pelo menos quatro vezes por semana no restaurante dos escritores e poetas.

Em seu foro interior, no entanto, Ivánov sentia que faltava alguma coisa. O passo decisivo, o rasgo de audácia. O momento em que a larva, com um sorriso de abandono, se transforma em borboleta. Apareceu então o jovem judeu Ansky e suas ideias disparatadas, suas visões siberianas, suas incursões em terras malditas, a torrente de experiência selvagem que só um jovem de dezoito anos pode ter. Mas Ivánov também tivera dezoito anos e nem de longe experimentou jamais algo parecido ao que Ansky contava. Talvez, pensou, seja porque ele é judeu e eu não. Logo descartou essa ideia. Talvez seja por sua ignorância, pensou. Por seu caráter impulsivo. Por seu desprezo às normas que regem uma vida, inclusive uma vida

burguesa, pensou. E depois pensou em quão repulsivos eram, vistos de perto, os artistas ou pseudoartistas adolescentes. Pensou em Maiakóvski, a quem conhecia pessoalmente, com quem havia conversado numa ocasião, talvez duas, e em sua enorme vaidade, uma vaidade que escondia, provavelmente, sua falta de amor ao próximo, seu desinteresse pelo próximo, sua ânsia desmedida de fama. Depois pensou em Lérmontov e em Pushkin, superestimados como os astros de cinema ou os cantores de ópera. Nijinski. Gúrov. Nadson. Blok (que conheceu pessoalmente e que era insuportável). Obstáculos para a arte. Se acham sóis e queimam tudo, mas não são sóis, são apenas meteoritos errantes e ninguém, no fundo, dá bola para eles. Humilham mas não queimam. E, afinal, são sempre eles os humilhados, mas humilhados mesmo, chutados e cuspidos, execrados e mutilados, humilhados mesmo, para que aprendam, bem humilhados.

Para Ivánov, um escritor de verdade, um artista e um criador de verdade era basicamente uma pessoa responsável e com certo grau de maturidade. Um escritor de verdade tinha de saber ouvir e saber agir no momento justo. Tinha de ser razoavelmente oportunista e razoavelmente culto. A cultura excessiva desperta receios e rancores. O oportunismo excessivo desperta suspeitas. Um escritor de verdade precisava ser alguém razoavelmente tranquilo, um homem com senso comum. Nem falar alto demais nem provocar polêmicas. Precisava ser razoavelmente simpático e precisava saber não conquistar inimigos gratuitos. Sobretudo, não elevar a voz, a não ser que todos os demais a elevassem. Um escritor de verdade precisava saber que por trás dele está a Associação de Escritores, o Sindicato de Artistas, a Confederação de Trabalhadores da Literatura, a Casa do Poeta. O que é a primeira coisa que a pessoa faz quando entra numa igreja?, se perguntava Efraim Ivánov. Tira o chapéu. Admitamos que não se persigne. Está bem, que não se persigne. Somos modernos. Mas o mínimo que se pode fazer é descobrir a cabeça! Os escritores adolescentes, pelo contrário, entravam na igreja e não tiravam o chapéu nem que os moessem a paulada, que era, lamentavelmente, o que acabava acontecendo. E não só não tiravam o chapéu: riam, bocejavam, faziam cafajestadas, soltavam peidos. Alguns até aplaudiam.

O que Ansky tinha a oferecer, no entanto, era tentador demais para que Ivánov, apesar das suas reservas, não aceitasse. O pacto, ao que parece, foi firmado no quarto do escritor de ficção científica.

Um mês depois, Ansky entrou para o partido. Seu padrinho foi Ivánov e uma ex-amante deste, Margarita Afanasievna, que trabalhava como bióloga num instituto de Moscou. Nos papéis de Ansky esse dia é comparado ao de um casamento. Comemoraram-no no restaurante dos escritores e depois vagaram por diversos botecos de Moscou, levando a reboque Afanasievna, que bebia como uma condenada e que naquela noite esteve bem próxima do coma etílico. Num dos botecos, enquanto Ivánov e dois escritores que tinham se juntado a eles cantavam canções de amores perdidos, de olhares que a pessoa não voltaria mais a ver,

de palavras de veludo que a pessoa não voltaria mais a ouvir, Afanasievna acordou e agarrou com sua mão pequeníssima, por cima da calça, o pênis e os testículos de Ansky.

— Agora que você é comunista — disse sem olhar nos olhos dele, a vista cravada num lugar indeterminado entre seu umbigo e o pescoço —, vai precisar ter isto de aço.

— É verdade? — perguntou Ansky.

— Não deboche de mim — disse a voz embolada de Afanasievna. — Eu te identifiquei. À primeira vista percebi quem você é.

— E quem sou? — indagou Ansky.

— Um judeu remelento que confunde a realidade com seus desejos.

— A realidade — murmurou Ansky — às vezes é o puro desejo.

Afanasievna riu.

— E isso como se cozinha? — perguntou.

— Sem tirar a vista do fogo, camarada — murmurou Ansky. — Preste atenção, por exemplo, em certas pessoas.

— Quem? — perguntou Afanasievna.

— Nos doentes — disse Ansky. — Nos tuberculosos, por exemplo. Para os médicos eles estão morrendo, e sobre isso não há discussão possível. Mas para os tuberculosos, principalmente em algumas noites, alguns entardeceres particularmente longos, o desejo é a realidade e vice-versa. Ou preste atenção nos impotentes.

— Que tipo de impotentes? — perguntou Afanasievna sem soltar os genitais de Ansky.

— Nos impotentes sexuais, claro — murmurou Ansky.

— Ah — exclamou Afanasievna, e soltou uma risadinha sarcástica.

— Os impotentes sofrem — murmurou Ansky — mais ou menos como os tuberculosos, e *sentem* desejo. Um desejo que com o tempo não só suplanta a realidade mas se impõe a ela.

— Você acha — perguntou Afanasievna — que os mortos sentem desejo sexual?

— Os mortos não — respondeu Ansky —, mas os mortos-vivos sim. Quando fui soldado na Sibéria conheci um caçador de quem tinham arrancado os órgãos sexuais.

— Órgãos sexuais! — zombou Afanasievna.

— O pênis e os testículos — disse Ansky. — Ele mijava por um canudinho, sentado ou de joelho, como se estivesse montado.

— Ficou claro — disse Afanasievna.

— Pois bem, esse homem, que além do mais não era jovem, uma vez por semana, fizesse o tempo que fizesse, ia ao bosque procurar seu pênis e seus testículos. Todos pensavam que um dia morreria, pego pela neve, mas o sujeito sempre regressava à aldeia, às vezes após uma ausência de meses, e sempre com a mesma notícia: não tinha encontrado. Um dia decidiu não sair mais. Pareceu envelhecer de repente: devia andar por volta dos cinquenta mas do dia para a noite aparentava oitenta anos. Meu destacamento partiu da aldeia. Quatro meses depois voltamos a passar por ali e perguntamos que fim havia levado o homem sem atributos. Disseram que tinha se casado e levava uma vida feliz. Um dos meus camaradas e eu quisemos vê-lo: nós o encontramos preparando os avios para mais uma longa estada no bosque. Não aparentava mais oitenta anos e sim cinquenta. Ou talvez nem sequer

aparentasse cinquenta mas, em certas partes do seu rosto, nos olhos, nos lábios, nas mandíbulas, quarenta. Quando fomos embora, dois dias depois, pensei que o caçador tinha conseguido impor seu desejo à realidade, que, a seu modo, ele havia transformado seu entorno, a aldeia, os aldeões, o bosque, a neve, o pênis e os testículos perdidos. Imaginei-o urinando de joelhos, com as pernas bem abertas no meio da taiga gelada, caminhando rumo ao norte, aos desertos brancos e às nevascas brancas, com a mochila carregada de armadilhas e com uma absoluta inconsciência daquilo que nós chamamos de destino.

— É uma história bonita — disse Afanasievna retirando a mão dos genitais de Ansky. — Pena que eu seja uma mulher velha demais e que viu coisas demais para acreditar nela.

— Não se trata de acreditar — disse Ansky —, trata-se de compreender e depois de mudar.

A partir desse momento, as vidas de Ansky e de Ivánov seguiram, pelo menos na aparência, caminhos distintos.

A atividade do jovem judeu tornou-se frenética. Em 1929, por exemplo, aos vinte anos de idade, participou da criação de revistas, nas quais nunca apareceu nada seu, em Moscou, Leningrado, Smolensk, Kiev, Rostov. Foi membro fundador do Teatro das Vozes Imaginárias. Tentou que uma editora publicasse uns escritos póstumos de Khlebnikov. Entrevistou, como jornalista de um jornal que nunca veio à luz, os generais Tukhatchévski e Blucher. Teve uma amante, a doutora em medicina Maria Zamiatina, dez anos mais velha que ele e casada com um alto dirigente do partido. Fez amizade com Grigori Yakovín, grande conhecedor da história contemporânea alemã, com quem manteve longas conversas na rua sobre a língua alemã e sobre o iídiche. Conheceu Zinoviev. Escreveu em alemão um curioso poema sobre a deportação de Trótski. Também escreveu em alemão uma série de aforismos intitulados *Considerações sobre a morte de Evguenia Bosch*, pseudônimo da dirigente bolchevique Evguenia Gotlibovna (1879-1924), de quem Pierre Broué diz: “Afilia-se ao partido em 1900, bolchevique em 1903. Detida em 1913, deportada, evadida em 1915, refugiada nos Estados Unidos, milita com Piatakov e Bukharin e se opõe a Lênin na questão nacional. De volta, depois de revolução de fevereiro, desempenha um papel dirigente na sublevação de Kiev e na guerra civil. Signatária da declaração dos 46. Suicida-se em 1924 num gesto de protesto”. E escreveu um poema em iídiche, laudatório, vulgar, cheio de barbarismos, sobre Ivan Rajia (1887-1920), um dos fundadores do partido finlandês, assassinado provavelmente por seus próprios companheiros num conflito entre dirigentes. Leu os futuristas, os membros do grupo Centrífuga, os imaginistas. Leu Bábel, as primeiras narrativas de Platonov, Boris Pilniak (de quem não gostou nem um pouco), Andrei Biely, cujo romance *Petersburgo* o deixou insone durante quatro dias. Escreveu um ensaio sobre o futuro da literatura, cuja primeira palavra era “nada” e cuja última palavra era “nada”. Ao mesmo tempo sofre por causa da sua relação com Maria Zamiatina, que tem, além dele, outro amante, um médico especialista em doenças pulmonares, um homem que trata de tuberculosos! e que vive a maior parte do tempo na Crimeia e que Maria Zamiatina descreve como um Jesus Cristo reencarnado, sem barba e de jaleco branco, um jaleco branco que

reaparecerá nos sonhos de Ansky de 1929. E não parou de dar duro na Biblioteca de Moscou. Às vezes, quando se lembrava, escrevia cartas a seus pais, que eles respondiam com carinho, saudade e coragem, pois não lhe falavam da fome nem da escassez que campeava pelas outrora férteis terras do Dnieper. E também teve tempo para escrever uma estranha peça humorística intitulada *Landauer*, baseada nos últimos dias do escritor alemão Gustav Landauer, que em 1918 escreveu o *Discurso para escritores* e que em 1919 foi executado por sua participação na república dos soviets de Munique. E também em 1929 leu um romance recém-publicado, *Berlim Alexanderplatz*, de Alfred Döblin, que lhe pareceu notável e memorável e eminente e que o impeliu a buscar mais livros de Döblin, encontrando na Biblioteca de Moscou *Os três saltos de Wang-lun*, de 1915, *A guerra de Wadzek contra a turbina a vapor*, de 1918, *Wallenstein*, de 1920, e *Montanhas, mares e gigantes*, de 1924.

Enquanto Ansky lia Döblin ou entrevistava Tukhatchévski ou fazia amor em seu quarto da rua Petrov em Moscou com Maria Zamiatina, Efraim Ivánov publicava seu primeiro grande romance, o que lhe abriria as portas do céu, recuperando, por um lado, a devoção dos leitores e, por outro, granjeando pela primeira vez o respeito daqueles que ele considerava seus iguais, os escritores, os escritores de talento, aqueles que guardavam o fogo de Tolstói e Tchekhov, aqueles que guardavam o fogo de Púshkin, o fogo de Gógol, que de repente se fixaram nele, que o viram, de fato, pela primeira vez, e que o aceitaram.

Górki, que na época ainda não havia voltado a estabelecer sua residência definitiva em Moscou, escreveu-lhe uma carta com carimbo italiano onde se via o dedo admonitório do pai fundador, mas onde também se percebia uma torrente de simpatia e de gratidão leitora.

Seu romance, dizia, me fez passar momentos... muito divertidos. Em suas páginas dá para discernir... uma fé, uma esperança. Da sua imaginação não se pode dizer que esteja... esclerosada. Não, de modo algum se pode dizer... isso. Já há quem fale do... Júlio Verne soviético. Depois de refletir demoradamente, no entanto, creio que o senhor é... melhor que Júlio Verne. Uma pena guiada por intuições... revolucionárias. Uma pena... grande. Como não se podia esperar menos, em se tratando de um... comunista. Mas falemos francamente... como soviéticos. A literatura proletária fala ao homem... de hoje. Expõe os problemas que talvez só se solucionarão... amanhã. Mas se dirige... ao operário atual, não ao operário... futuro. Em seus próximos livros talvez o senhor devesse levar isso... em conta.

Se Stendhal, como dizem, dançou ao ler a crítica que Balzac fez sobre *A cartuxa de Parma*, Ivánov derramou incontáveis lágrimas de felicidade ao receber a carta de Górki.

O romance, tão unanimemente comemorado, se chamava *O crepúsculo* e seu argumento era muito simples: um jovem de catorze anos abandona a família para juntar-se às fileiras da revolução. Logo está lutando contra as tropas de Wrangel. No meio de um combate é ferido e seus companheiros o dão por morto. Mas antes que as aves carniceiras se cevassem com os cadáveres, uma nave extraterrestre desce no campo de batalha e o leva, junto com outros mortalmente feridos. Depois a nave entra na estratosfera e põe-se a girar em torno da Terra. Todos os feridos saram rapidamente dos seus ferimentos. Depois, um ser magérrimo e

altíssimo mais parecido com uma alga do que com um ser humano, faz a eles uma série de perguntas do tipo: como se criaram as estrelas?, onde termina o universo?, onde começa? Claro que ninguém sabe respondê-las. Um diz que Deus criou as estrelas e que o universo começa e termina onde Deus quer. A esse, jogam no espaço. O resto, fazem dormir. Ao acordar, o adolescente de catorze anos se encontra num quarto pobre, com uma cama pobre e um armário pobre onde estão penduradas suas roupas de pobre. Ao se pôr à janela contempla extasiado a paisagem urbana de Nova York. As aventuras do jovem na cidade grande, não obstante, são desafortunadas. Conhece um músico de jazz que lhe conta de frangos falantes e provavelmente pensantes.

— O pior de tudo — diz o músico — é que os governos do planeta sabem disso e por isso há tantos aviários.

O jovem objeta que os frangos são criados para serem comidos. O músico contesta que isso é o que os frangos querem. E termina dizendo:

— Filhos da puta de frangos masoquistas, botaram na bunda dos nossos dirigentes.

Conhece também uma moça que trabalha como hipnotizadora numa boate de striptease e pela qual se apaixona. A moça é dez anos mais velha que o jovem, quer dizer, tem vinte e quatro, e não quer se apaixonar por ninguém, apesar de ter vários amantes, entre eles o jovem, pois acredita que o amor consumirá seus poderes de hipnotizadora. Um dia a moça desaparece e o jovem, depois de procurá-la em vão, decide contratar os serviços de um detetive mexicano que foi soldado de Pancho Villa. O detetive tem uma teoria estranha: crê na existência de numerosas Terras em universos paralelos. Terras a que se pode ir mediante a hipnose. O jovem acredita que o detetive está roubando seu dinheiro e decide acompanhá-lo em suas investigações. Uma noite encontram um mendigo russo que está gritando num beco. O mendigo grita em russo e só o jovem entende suas palavras. O mendigo diz: fui soldado de Wrangel, um pouco de respeito, por favor, combati na Crimeia e fui evacuado por um navio inglês em Sebastopol. Então o jovem lhe pergunta se esteve na batalha em que foi ferido. O mendigo olha para ele e diz que sim. Eu também, diz o jovem. Não pode ser, responde o mendigo, isso faz vinte anos e, então, você nem tinha nascido.

Depois o jovem e o detetive mexicano vão para o oeste em busca da hipnotizadora. Encontram-na em Kansas City. O jovem pede que o hipnotize e o mande de volta ao campo de batalha onde devia ter morrido ou aceite seu amor e não fuja mais. A hipnotizadora responde que não pode fazer nem uma coisa nem outra. O detetive mexicano se interessa pela arte da hipnose. Enquanto o detetive começa a contar uma história à hipnotizadora, o jovem abandona o bar de beira de estrada e sai andando pela noite. Passado um tempo para de chorar.

Caminha horas a fio. Quando já está longe de tudo vê uma silhueta na beira da estrada. É o extraterrestre com forma de alga. Cumprimentam-se. Conversam. A conversa é, muitas vezes, ininteligível. Os temas de que tratam são diversos: línguas estrangeiras, monumentos nacionais, os últimos dias de Karl Marx, a solidariedade operária, o tempo da mudança medido em anos terrestres e em anos estelares, a descoberta da América como uma encenação teatral, um vazio abissal — como se fosse pintado por Doré — de máscaras.

Depois o rapaz segue o extraterrestre que deixa a estrada e os dois caminham por um trigal, cruzam um riacho, uma colina, outro campo cultivado, até chegarem a um curral fumegante.

O capítulo seguinte mostra o adolescente, que não é mais adolescente mas um jovem de vinte e cinco anos, trabalhando num jornal de Moscou onde se transformou em repórter estrela. O jovem recebe o encargo de entrevistar um líder comunista em algum lugar da China. A viagem, avisam-no, é extremamente dura e as condições, quando chegar a Pequim, podem ser perigosas, já que há muita gente que não quer que nenhuma declaração do líder chinês chegue ao exterior. O jovem, apesar das advertências, aceita o trabalho. Quando, depois de muito penar, por fim chega ao porão onde se esconde o chinês, o jovem decide que não só o entrevistará mas que também o ajudará a escapar do país. O rosto do chinês, iluminado por uma vela, tem uma notável semelhança com o detetive mexicano ex-soldado de Pancho Villa. O chinês e o jovem russo, por outro lado, acabam contraindo a mesma doença, produzida pela pestilência do porão. Têm febre, suam, falam, deliram, o chinês diz enxergar dragões voando rasante pelas ruas de Pequim, o jovem diz ver uma batalha, talvez só uma escaramuça, e grita hurra e chama seus companheiros para que não parem a investida. Depois os dois ficam um bom tempo imóveis, como mortos, e aguentam até chegar o dia da fuga.

Com trinta e nove graus de febre, o chinês e o russo atravessam Pequim e escapam. No campo aguardam-nos dois cavalos e algumas provisões. O chinês nunca havia montado. O jovem o ensina como é. Durante a viagem atravessam um bosque e depois umas montanhas enormes. O brilho das estrelas no céu parece sobrenatural. O chinês se pergunta: como se criaram as estrelas?, onde termina o universo?, onde começa? O jovem ouve-o e vagamente se lembra de um ferimento num flanco cuja cicatriz ainda dói, da escuridão, de uma viagem. Também se lembra dos olhos de uma hipnotizadora, mas os traços da mulher permanecem ocultos, mutáveis. Se fechar os olhos, pensa o jovem, tornarei a encontrá-la. Mas não os fecha. Penetram num vasto campo nevado. Os cavalos enfiam as patas na neve. O chinês canta. Como se criaram as estrelas? O que somos no meio do insondável universo? Que memória nossa sobreviverá?

De repente o chinês cai do cavalo. O jovem russo o examina. O chinês é como um boneco de fogo. O jovem russo toca a testa do chinês, depois sua própria testa e verifica que a febre está devorando os dois. Não sem esforço amarra o chinês em sua montaria e retoma a marcha. O silêncio naquele campo nevado é absoluto. A noite e o passar das estrelas pela abóbada celeste não dão sinais de que uma hora vão acabar. Ao longe uma enorme sombra negra parece se superpor à escuridão. É uma cadeia de montanhas. Na mente do russo toma forma a possibilidade certa de morrer nas próximas horas no campo nevado ou durante a passagem das montanhas. Uma voz dentro dele suplica que feche os olhos, que se os fechar verá os olhos e o rosto adorado da hipnotizadora. Diz a ele que se os fechar voltará às ruas de Nova York, voltará a caminhar para a casa da hipnotizadora onde ela, sentada numa poltrona, na penumbra, o espera. Mas o russo não fecha os olhos e continua a cavalgar.

Não só Górkí leu *O crepúsculo*. Outras pessoas famosas também o fizeram, e embora estas não tenham enviado cartas expressando sua admiração ao autor, não esqueceram, porém, seu nome, pois não só eram gente famosa mas também memoriosa.

Ansky cita quatro, numa espécie de ascensão vertiginosa. O professor Stanislav Strumilin leu. Pareceu-lhe confuso. O escritor Alexei Tolstói leu. Pareceu-lhe caótico. Andrei Jdanov leu. Parou na metade. E Stálin leu. Pareceu-lhe suspeito. Claro, nada disso chegou aos ouvidos do bom Ivánov, que emoldurou a carta de Górkí e pendurou-a na parede, bem à vista de seus cada dia mais numerosos visitantes.

Sua vida, aliás, experimentou mudanças notáveis. Foi-lhe concedida uma dacha nos arrabaldes de Moscou. Algumas vezes lhe pediam autógrafo no metrô. Tinha uma mesa reservada todas as noites no restaurante dos escritores. Passava as férias em Ialta, com outros colegas igualmente famosos. Ah, as noites do Hotel Outubro Vermelho de Ialta (ex-hotel da Inglaterra e França), no enorme terraço à beira do Mar Negro, ouvindo os acordes distantes da orquestra Volga Azul, em noites quentes com milhares de estrelas cintilando lá longe, enquanto o dramaturgo da moda soltava uma frase engenhosa e o romancista metalúrgico a retrucava com uma sentença inapelável, as noites de Ialta, com mulheres extraordinárias que sabiam beber vodka sem desmaiar até as seis da manhã e com jovens suados da Associação de Escritores Proletários da Crimeia que vinham pedir conselhos literários às quatro da tarde.

Às vezes, quando estava a sós, ainda mais quando estava a sós e *na frente* de um espelho, o pobre Ivánov se beliscava para se convencer de que não sonhava, de que tudo era real. E, de fato, tudo era real, pelo menos na aparência. Negras e pesadas nuvens pairavam sobre ele, mas ele só percebia a brisa longamente ansiada, o ventinho cheiroso que limpava seu rosto de tantas misérias e medos.

De que Ivánov tinha medo?, Ansky se perguntava em seus cadernos. Não do perigo físico, já que como ex-bolchevique muitas vezes esteve perto da detenção, da prisão e da deportação, e embora não se pudesse dizer que fosse um tipo valente, também não se podia afirmar, sem faltar com a verdade, que fosse uma pessoa covarde e sem peito. O medo de Ivánov era de índole literária. Isto é, seu medo era o medo que sente a maioria daqueles cidadãos que um belo (ou horrendo) dia decidem transformar o exercício das letras e, sobretudo, o exercício da ficção em parte integrante das suas vidas. Medo de serem ruins. Também, medo de não serem reconhecidos. Mas, sobretudo, medo de serem ruins. Medo de que seus esforços e seus labores caíam no esquecimento. Medo da pisada que não deixa marca. Medo dos elementos do acaso e da natureza que apagam as marcas pouco profundas. Medo de jantarem sozinhos e de que ninguém repare na sua presença. Medo de não serem apreciados. Medo do fracasso e do ridículo. Mas sobretudo medo de serem ruins. Medo de habitar, por todo o sempre, o inferno dos escritores ruins. Medos irracionais, pensava Ansky, sobretudo se os medrosos

contrabalançavam seus medos com *aparências*. O que vinha a ser a mesma coisa que dizer que o paraíso dos bons escritores, segundo os ruins, era habitado por aparências. E que o bom (ou a excelência) de uma obra girava em torno de uma aparência. Uma aparência que variava, claro, de acordo com a época e os países, mas que sempre se mantinha como tal, aparência, coisa que parece e não é, superfície e não fundo, pura pose, e a pose era inclusive confundida com a vontade, cabelos e olhos e lábios de Tolstói e verbas percorridas a cavalo por Tolstói e mulheres defloradas por Tolstói num tapete queimado pelo fogo da aparência.

Em todo caso, pesadas nuvens pairavam sobre Ivánov, embora este não as visse nem em sonhos, porque Ivánov, naquela altura da vida, só via Ivánov, caindo inclusive no ridículo mais espantoso durante uma entrevista realizada por dois jovens do *Jornal Literário dos Komsomoles da Federação Russa*, que lhe fizeram, entre muitas outras, as seguintes perguntas:

Jovens komsomoles: Por que acredita que sua primeira grande obra, a que cai nas boas graças das massas operárias e camponesas, foi escrita pelo senhor já perto dos sessenta anos? Quantos anos levou pensando na trama de O crepúsculo? É a obra da sua maturidade?

Efraim Ivánov: Tenho só cinquenta e nove anos. Ainda falta tempo para fazer sessenta. E gostaria de lembrar que Dom Quixote foi escrito pelo espanhol Cervantes mais ou menos na mesma idade.

Jovens komsomoles: O senhor acredita que sua obra é o Dom Quixote do romance científico soviético?

Efraim Ivánov: Tem algo disso, sem dúvida, tem algo disso.

De modo que Ivánov se considerava o Cervantes da literatura fantástica. Via nuvens com forma de guilhotina, via nuvens com forma de tiro na nuca, mas na realidade só se via a si mesmo cavalcando ao lado de um Sancho misterioso e útil pelas estepes da glória literária.

Perigo, perigo, diziam os mujiques, perigo, perigo, diziam os kulaks, perigo, perigo, diziam os signatários da *Declaração dos 46*, perigo, perigo, diziam os popes mortos, perigo, perigo, dizia o fantasma de Ines Armand, mas Ivánov nunca se distinguiu por seu bom ouvido nem por discernir com antecedência a proximidade das nuvens pesadas nem a cercania das tempestades, e após um périplo um tanto medíocre como articulista e palestrante, resolvido com brilhantismo pois não lhe pediam nada além de ser medíocre, voltou a se encerrar em seu quarto moscovita, acumulou resmas de papel e mudou a fita da sua máquina de escrever, e depois começou a procurar Ansky, pois queria entregar a seu editor, no mais tardar em quatro meses, um novo romance.

Por esses dias, Ansky trabalhava num projeto radiofônico que devia cobrir toda a Europa e chegar também ao último rincão da Sibéria. Em 1930, diziam os cadernos, Trótski foi expulso da União Soviética (na realidade foi expulso em 1929, erro atribuível à transparência informativa russa) e o ânimo de Ansky começava a fraquejar. Em 1930 Maiakóvski se suicidou. Em 1930, por mais ingênuo ou imbecil que alguém fosse, dava para ver que a revolução de outubro tinha sido derrotada.

Mas Ivánov queria outro romance e procurou Ansky.

Em 1932 publicou seu novo romance, intitulado *O meio-dia*. Em 1934 apareceu outro, intitulado *O amanhecer*. Nos dois abundavam os extraterrestres, os voos interplanetários, o tempo deslocado, a existência de duas ou mais civilizações avançadas que visitavam periodicamente a Terra, as lutas, amiúde trapaceiras e violentas, dessas civilizações, os personagens errantes.

Em 1935 retiraram as obras de Ivánov das livrarias. Poucos dias depois, mediante uma circular oficial, comunicaram a ele sua expulsão do partido. Segundo Ansky, Ivánov passou três dias sem poder se levantar da cama. Sobre ela, tinha seus três romances e constantemente os relia buscando alguma coisa que justificasse sua expulsão. Gemia, soltava ais queixosos e procurava sem sucesso refugiar-se nas lembranças da infância. Acariciava a lombada dos livros com uma melancolia de cortar o coração. Às vezes se levantava, ia até a janela e ficava horas olhando a rua.

Em 1936, com o início do primeiro grande expurgo, foi detido. Passou quatro meses num calabouço e assinou todos os papéis que puseram diante dele. Ao sair, e visto o tratamento de leproso que recebeu de seus ex-amigos literatos, tentou escrever a Górkí para que intercedesse por ele, mas Górkí, gravemente enfermo, não respondeu a sua carta. Depois Górkí morreu e Ivánov foi ao enterro. Quando o viram ali, um poeta e um romancista, ambos jovens e do círculo de Górkí, se dirigiram a ele e lhe perguntaram se não tinha vergonha na cara, se tinha pirado, se não entendia que sua simples presença era um insulto à memória do mestre.

— Górkí me escreveu — respondeu Ivánov. — Górkí gostou do meu romance. É o mínimo que posso fazer por ele.

— O mínimo que você pode fazer por ele, camarada — disse o poeta —, é se suicidar.

— Sim, não é má ideia — disse o romancista —, pule de uma janela da sua casa e o assunto fica resolvido.

— O que vocês estão dizendo, camaradas? — soluçou Ivánov.

Uma moça que usava um casaco de couro que lhe chegava até quase os joelhos se aproximou deles e perguntou o que estava acontecendo.

— É o Efraim Ivánov — respondeu o poeta.

— Ah, nesse caso nem falar — disse a moça —, mandem ele ir embora.

— Não posso — disse Ivánov, a cara banhada em prantos.

— Não pode por quê, camarada? — perguntou a moça.

— Porque as pernas não me respondem mais, sou incapaz de dar um passo.

Por uns segundos a moça olhou-o nos olhos. Ivánov, agarrado em cada braço pelos dois jovens escritores, não podia oferecer uma imagem de maior desamparo, o que levou a moça a acompanhá-lo finalmente para fora do cemitério. Mas, uma vez na rua, Ivánov continuava sem conseguir recobrar o controle de si, de modo que a moça o acompanhou até a parada do bonde e depois decidiu (Ivánov não parava de chorar e dava a impressão de que ia ter uma lipotimia de uma hora para a outra) entrar no bonde com ele, e desse modo, adiando a despedida a cada certo trecho, ajudou-o a subir a escada de casa, ajudou-o a abrir a porta do seu quarto, ajudou-o a se deitar na cama, e enquanto Ivánov continuava se desfazendo em

lágrimas e palavras incoerentes a moça pôs-se a examinar sua biblioteca, bastante pobre aliás, até que a porta se abriu e entrou Ansky.

Ela se chamava Nádia Yurenieva e tinha dezenove anos. Nessa mesma noite fez amor com Ansky, depois que Ivánov conseguiu dormir após vários copos de vodca. Fizeram amor no quarto de Ansky e quem os houvesse visto teria dito que fodiam como se dali a umas horas fossem morrer. Na realidade, Nádia Yurenieva fodia como fazia grande parte das moscovitas durante aquele ano de 1936, e Boris Ansky fodia como se de repente, e já perdida toda esperança, houvesse encontrado seu único e verdadeiro amor. Nenhum dos dois pensava (ou queria pensar) na morte, mas ambos se mexiam, ou se trançavam, ou dialogavam, como se estivessem à beira do abismo.

Ao amanhecer dormiram e quando Ansky acordou, pouco depois do meio-dia, Nádia Yurenieva não estava mais lá. A princípio, o que Ansky sentiu foi desespero, depois medo, e depois de se vestir saiu correndo até a casa de Ivánov para que este lhe desse alguma pista que lhe permitisse encontrar a moça. Encontrou Ivánov ocupado em escrever cartas. Devo esclarecer esse assunto, dizia, devo desfazer esse embuste e só assim me salvarei. Ansky perguntou a que embuste se referia. Aos malditos romances de ficção científica, gritou Ivánov com todas as suas forças. O grito foi dilacerante, como uma garra, mas não uma garra que ferisse Ansky ou os adversários reais de Ivánov, foi antes parecido com uma garra que depois de ser jogada ficasse pairando no meio do quarto, como um balão de hélio, uma garra com consciência de si, um animal-garra que se perguntava que diabos fazia naquele quarto um tanto desarrumado, quem era aquele velho sentado à mesa, quem era o jovem de pé e de cabelos desgrenhados, antes de cair no chão, esvaziada, devolvida de novo ao nada.

— Meus Deus, que grito soltei — disse Ivánov.

Depois puseram-se a falar da jovem Nádia, Nadesha, Nadiushka, Nadiushkina, e Ivánov, antes de soltar o verbo, quis saber se tinham feito amor. Depois quis saber por quantas horas tinham feito. E depois se Nadiushka era experiente ou não. E depois as posições. E como Ansky respondia sem reticências a todas as suas perguntas, Ivánov foi levando para o lado sentimental. Jovens filhos da puta, dizia. Jovens filhíssimos da puta. Ah, porquinha. Que par de porcos. Ai, o amor. E o lado sentimental, esse lado que só podia ver mas não tocar, lhe fez lembrar que estava nu, não ali, sentado à mesa, ao contrário, estava bem enrolado num roupão vermelho, um roupão ou um robe, para ser mais preciso, com as siglas do Partido Comunista da Federação Russa bordadas na lapela, e um lenço de seda no pescoço, presente de um escritor francês meio veado que ele conheceu num congresso e do qual nunca leu nada, mas nu no sentido figurado, nu em todas as outras frentes, a política, a literária, a econômica, e esta certeza o fez cair de volta na melancolia.

— Nádia Yurenieva é, creio eu, estudante ou aprendiz de poeta — disse —, e me odeia profundamente. Eu a conheci no enterro de Górkí. Ela e outros dois brutalhões me puseram de lá para fora. Não é má pessoa. Os outros também não. Com certeza são bons comunistas, de bom coração, soviéticos decentes. Entenda: eu os compreendo.

Depois Ivánov fez a Ansky um gesto para que se aproximasse.

— Se dependesse deles — murmurou em seu ouvido —, teriam me dado um tiro ali mesmo, filhos da puta, e depois teriam arrastado meu corpo até o buraco da vala comum.

O hálito de Ivánov recendia a vodca e esgoto, era um hálito ácido e espesso, de coisa em decomposição, que lembrava casas vazias junto a pântanos, um anoitecer às quatro da tarde, o vapor que subia pelo mato enfermo até cobrir as janelas escuras. Um filme de terror, pensou Ansky. Em que tudo está parado, e está parado porque se sabe perdido.

* * *

Mas Ivánov disse ai, o amor, e Ansky, a seu modo, também disse ai, o amor. De modo que nos dias que se seguiram pôs-se a procurar, incansavelmente, Nádia Yurenieva, e por fim a encontrou, vestida com seu casaco de couro comprido, sentada num dos anfiteatros da Universidade de Moscou, com pinta de órfã, de órfã voluntariosa, escutando as arengas ou os poemas ou as vacuidades rimadas de um cafona (ou seja lá o que fosse!) que recitava olhando para seu auditório enquanto com a mão esquerda segurava seu manuscrito bobo em que de vez em quando dava uma olhada com gesto teatral e desnecessário, pois estava na cara que tinha boa memória.

Nádia Yurenieva viu Ansky, se levantou discretamente e saiu do anfiteatro em que o péssimo poeta soviético (tão inconsciente e paspalhão e fresco e timorato e melindroso quanto um poeta lírico mexicano, na realidade quanto um poeta lírico latino-americano, esses pobres fenômenos raquíticos e inflados) desfiava suas rimas sobre a produção de aço (com a mesma ignorância supina e arrogante com que os poetas latino-americanos falavam do seu eu, da sua idade, da sua alteridade), e saiu às ruas de Moscou, seguida por Ansky, que não se aproximava dela mas permanecia nos seus calcanhares, a uns cinco metros, distância que foi se encurtando à medida que o tempo passava e o passeio se prolongava. Nunca como então Ansky entendeu melhor — e com maior alegria — o suprematismo, criado por Kasimir Maliévitch, nem o primeiro ponto daquela declaração de independência firmada em Vitebsk no dia 15 de novembro de 1920 e que diz assim: “Fica estabelecida a quinta dimensão”.

Em 1937 detiveram Ivánov.

Tornaram a interrogá-lo demoradamente, depois o jogaram numa cela sem luz e se esqueceram dele. Seu interrogador não tinha a mais ínfima noção de literatura e seu principal interesse era saber se Ivánov tinha mantido reuniões com membros da oposição trotskista.

Durante o tempo em que ficou em sua cela, Ivánov fez amizade com um rato a que deu o nome de Nikita. De noite, quando o rato aparecia, Ivánov tinha longos papos com ele. Não falavam, como se poderia supor, de literatura nem muito menos de política mas das suas respectivas infâncias. Ivánov contava ao rato coisas sobre sua mãe, na qual costumava pensar com frequência, e coisas sobre seus irmãos, mas evitava falar do pai. O rato, num russo apenas sussurrado, falava por sua vez dos esgotos de Moscou, do teto dos esgotos onde, devido ao florescimento de certos detritos ou a um processo de fosforescência inexplicável, sempre há estrelas. Falava também da tibiez da mãe, das travessuras sem sentido das irmãs e do enorme riso que essas travessuras costumavam provocar nele e que ainda hoje, na lembrança, desenhavam um sorriso em seu esquelético focinho de rato. Às vezes Ivánov se deixava levar pelo abatimento, apoiava uma face na palma da mão e perguntava a Nikita o que seria deles.

O rato então o fitava com uns olhos tristes e perplexos na mesma medida e esse olhar fazia Ivánov compreender que o pobre rato era ainda mais inocente do que ele. Uma semana depois de o terem jogado na cela (para Ivánov, porém, mais que uma semana havia passado um ano) voltaram a interrogá-lo e sem necessidade de bater fizeram-no assinar vários papéis e documentos. Não voltou para a cela. Levaram-no diretamente para um pátio, alguém lhe deu um tiro na nuca e depois jogaram seu cadáver na traseira de um caminhão.

A partir da morte de Ivánov, o caderno de Ansky se torna caótico, aparentemente desconexo, no entanto no meio do caos Reiter encontrou uma estrutura e certa ordem. Ele fala dos escritores. Diz que os únicos escritores viáveis (mas não explica a que se refere com a palavra viável) são os que provêm do lumpen e da aristocracia. O escritor proletário e o escritor burguês, diz ele, são apenas figuras decorativas. Fala sobre o sexo. Lembra Sade e uma misteriosa figura russa, o monge Lapishin, que viveu no século XVII e que deixou vários escritos (acompanhados dos correspondentes desenhos) sobre práticas sexuais grupais na região compreendida entre os rios Dvina e Petchora.

Só o sexo?, só o sexo?, se pergunta repetidamente Ansky em notas escritas nas margens. Fala sobre seus pais. Fala sobre Döblin. Fala sobre a homossexualidade e a impotência. O continente americano do sexo, diz. Faz piada sobre a sexualidade de Lênin. Fala sobre os drogados de Moscou. Os doentes. Os assassinos de crianças. Fala sobre Flávio Josefo. Suas palavras sobre o historiador são tingidas de melancolia, contudo pode ser que essa melancolia seja fingida. Mas perante quem finge Ansky, se sabe que ninguém vai ler seu caderno? (Se é perante Deus, então Ansky trata Deus com certa condescendência, talvez porque Deus não tenha estado perdido na península de Kamtchatka, passando frio e fome, e ele sim.) Fala sobre os jovens judeus russos que fizeram a revolução e que agora (isso foi escrito

provavelmente em 1939) estão morrendo como moscas. Fala de Yuri Piatakov, assassinado em 1937, depois do segundo processo de Moscou. Menciona nomes que Reiter lê pela primeira vez na vida. Depois, algumas páginas adiante, torna a mencioná-los. Como se ele próprio temesse tê-los esquecido. Nomes, nomes, nomes. Os que fizeram a revolução, os que tombariam devorados por essa mesma revolução, que não era a mesma mas outra, não o sonho mas o pesadelo que se esconde atrás das pálpebras do sonho.

Fala de Lev Kamenev. Cita-o junto a muitos outros nomes que Reiter também ignora. E fala das suas andanças por diversas casas de Moscou, gente amiga que presumivelmente o ajudava e que Ansky, por precaução, nomeia com números, por exemplo: hoje estive na casa de 5, tomamos chá e conversamos até meia-noite passada, depois fui embora a pé, as calçadas estavam cobertas de neve. Ou então: hoje estive com 9, ele me falou de 7, depois pôs-se a divagar sobre a doença, a conveniência ou não de encontrar uma cura para o câncer. Ou ainda: esta tarde, no metrô, vi 13, sem que ele notasse minha presença, eu cochilava, sentado, e deixava que os trens passassem, e 13 lia um livro no banco ao lado, um livro sobre homens invisíveis, até que apareceu seu trem, e então ele se levantou, entrou, sem fechar o livro, apesar do trem vir cheio. E também diz: nossos olhos se encontraram. Foder com uma cobra.

E não tem nenhuma piedade de si mesmo.

No caderno de Ansky aparece, e é a primeira vez que Reiter lê algo sobre ele, muito antes de ver uma pintura sua, o pintor italiano Arcimboldo, Giuseppe ou Joseph ou Josepho ou Josephus Arcimboldo ou Arcimboldi ou Arcimboldus, nascido em 1527 e falecido em 1593. Quando estou triste ou entediado, diz Ansky no caderno, mas é difícil imaginar Ansky entediado, ocupado em fugir vinte e quatro horas por dia, penso em Giuseppe Arcimboldo e a tristeza e o tédio se evaporam como numa manhã de primavera, junto a um pântano, a passagem imperceptível da manhã que vai dissipando as emanções que sobem da ribeira, dos caniços. Também há anotações sobre Courbet, que Ansky considera o paradigma do artista revolucionário. Debocha, por exemplo, da concepção maniqueísta que alguns pintores soviéticos têm de Courbet. Tenta imaginar o quadro de Courbet *Retorno da Conferência*, onde aparece um conjunto de padres e dignidades eclesiásticas completamente bêbadas e que foi recusado pelo Salão Oficial e pelo Salão dos Recusados, o que cobre de ignomínia, a juízo de Ansky, os recusados recusadores. O destino de *Retorno da Conferência* lhe parece não só exemplar e poético mas também clarividente: um católico endinheirado compra o quadro e mal chega à sua casa trata de queimá-lo.

As cinzas de *Retorno da Conferência* sobrevoam não apenas o céu de Paris, lê o jovem soldado Reiter com lágrimas nos olhos, lágrimas que lhe doem ou que o *despertam*, mas também o céu de Moscou e o céu de Roma e o céu de Berlim. Fala de *O ateliê do artista*. Fala da figura de Baudelaire que aparece na extremidade do quadro, lendo, e que representa a Poesia. Fala da amizade de Courbet com Baudelaire, com Daumier, com Jules Vallès. Fala da amizade de Courbet (o Artista) com Proudhon (o Político) e equipara as sensatas opiniões deste com as de uma perdiz. Todo político com poder, em matéria de arte é como uma

perdiz monstruosa, gigantesca, capaz de esmagar montanhas com seus pulinhos, enquanto todo político sem poder é só como um pároco de aldeia, uma perdiz de tamanho natural.

Imagina Courbet na revolução de 1848, depois o vê na Comuna de Paris, onde a imensa maioria dos artistas e literatos brilharam (literalmente) por sua ausência. Courbet não. Courbet participa ativamente e após a repressão é detido e encarcerado em Sainte-Pélagie, onde se dedica a desenhar naturezas-mortas. Uma das acusações que o Estado levanta contra ele é a de ter incitado a multidão a derrubar a coluna da praça Vendôme, se bem que a esse respeito Ansky não esteja muito certo ou sua memória falha ou ele fala de ouvir dizer. O monumento a Napoleão da praça Vendôme, o monumento puro e simples da praça Vendôme, a coluna Vendôme da praça Vendôme.

Em todo caso, o cargo público que Courbet ocupava depois da queda de Napoleão III o capacitava a proteger os monumentos de Paris, o que sem dúvida, e tendo em vista os acontecimentos posteriores, há que ser visto como uma piada monumental. A França, porém, não está para piadas e embarga todos os seus bens. Courbet vai para a Suíça. Ali, em 1877, morre com a idade de cinquenta e oito anos. Depois vêm umas linhas escritas em iídiche que Reiter não entende direito. Supõe que sejam de dor ou de amargura. Depois divaga sobre alguns quadros de Courbet. O chamado *Bom dia, senhor Courbet!*, lhe sugere o início de um filme, um filme que começaria de forma bucólica e que pouco a pouco iria se transformando num filme de terror. *As senhoritas nas margens do Sena* evoca em Ansky o breve descanso dos espiões e dos naufragos, e também diz: espiões de outro planeta, e também: corpos que se desgastam mais rápido que outros corpos, e também: doenças, transmissão de doenças, e também: disposição de resistir, e também: onde se aprende a resistir?, em que tipo de escola ou de universidade?, e também: fábricas, ruas desoladas, bordéis, prisões, e também: a Universidade Desconhecida, e também: enquanto o Sena corre, corre, corre, e aqueles rostos espantosos de rameiras contêm mais beleza do que a mais bela dama ou aparição surgida do pincel de Ingres ou Delacroix.

Depois há anotações caóticas, horários de trens que saem de Moscou, a luz de um meio-dia cinzento caindo vertical sobre o Kremlin, as últimas palavras de um cadáver, o reverso de uma trilogia romanesca cujos títulos anota: *O verdadeiro amanhecer*, *O verdadeiro entardecer*, *O tremor do crepúsculo*, cuja estrutura e argumentos poderiam ter tornado decente, talvez dignificado um pouco mais os três últimos romances, a frente de gelo da tapeçaria, assinados por Ivánov, mas a que este dificilmente teria concordado em conceder a autoria, ou talvez não, quem sabe esteja julgando mal Ivánov, já que, por todas as informações que possuo, não me delatou, quando o mais fácil teria sido me delatar, o mais fácil teria sido dizer que não era ele o autor daqueles três romances, pensa e escreve Ansky, e no entanto isso ele não fez, delatou todos aqueles que seus torturadores queriam que delatasse, velhos e novos amigos, dramaturgos, poetas e romancistas, mas de mim não disse uma palavra. Cúmplices na impostura até o fim.

Que belo par teríamos feito em Bornéu, disse Ansky com ironia. E depois lembra uma anedota que Ivánov lhe contou tempos atrás e que contaram a ele durante uma festa na redação da revista na qual então trabalhava. Foi numa homenagem informal a um grupo de

antropólogos soviéticos que acabavam de voltar para Moscou. A anedota, metade verdade, metade lenda, transcorria em Bornéu, numa região selvagem e montanhosa onde um grupo de cientistas franceses se embrenhava. Após vários dias de caminhada, os franceses chegavam à nascente de um rio e depois de atravessar o rio encontravam na zona mais densa da mata um grupo de indígenas que viviam praticamente na idade da pedra. A primeira coisa que os franceses pensaram, naturalmente, explicou um dos antropólogos soviéticos, um sujeito gordo, grande, com grandes bigodes meridionais, foi que os indígenas eram ou podiam ser canibais e, por segurança e para desfazer já de início qualquer tipo de equívoco, perguntaram a eles, utilizando para tanto as diversas línguas dos indígenas da costa e acompanhando as perguntas com gestos bastante explícitos, se comiam carne humana ou não.

Os indígenas entenderam e responderam com um rotundo não. Os franceses então se interessaram pelo que comiam, pois a juízo deles uma dieta carente de proteínas animais era um desastre. Indagados a esse respeito os indígenas responderam que caçavam, de fato, mas pouco, pois na mata alta não havia muitos animais, mas que em compensação comiam, cozinhada de múltiplas formas, a polpa de uma árvore que depois de ser examinada pelos céticos franceses mostrou-se um excelente sucedâneo para mitigar o déficit proteico. O resto da dieta deles era constituído por uma ampla gama de frutas da selva, raízes, tubérculos. Os indígenas não plantavam nada. O que a selva quisesse lhes dar, lhes daria, e o que não quisesse lhes dar, estaria para sempre vedado a eles. A simbiose deles com o ecossistema em que viviam era total. Quando cortavam as cascas de algumas árvores para utilizá-las como assoalho das pequenas cabanas que construíam, na realidade estavam contribuindo para que as árvores não adoecessem. A vida deles era parecida com a dos lixeiros. Eles eram os lixeiros da selva. A linguagem deles, porém, não era grosseira como a dos lixeiros de Moscou ou de Paris, nem eles eram grandes como estes nem exibiam uma musculatura considerável nem tinham o olhar deles, um olhar de inquilinos da merda, mas eram baixinhos e delicados, falavam como que à meia-voz, como passarinhos, procuravam não tocar nos estrangeiros e sua concepção do tempo não tinha nada a ver com a concepção do tempo dos franceses. Devido a isso, provavelmente, disse o antropólogo soviético de grandes bigodes, forjou-se a catástrofe, devido à concepção do tempo, pois ao fim de cinco dias com eles os antropólogos franceses pensaram que já havia confiança, que já eram compadres, cupinchas, bons amigos, e decidiram mergulhar no idioma dos indígenas e em seus costumes, e descobriram então que os indígenas, quando tocavam em alguém, não olhavam esse alguém nos olhos, fosse este um francês ou outro da mesma tribo, por exemplo, se um pai acariciava seu filho procurava sempre olhar para outro lugar, e se uma menina se aninhava no regaço da mãe, a mãe olhava para os lados ou para o céu, e a menina, se já tinha juízo, olhava para o chão, e os amigos que saíam juntos para colher tubérculos se olhavam na cara, quer dizer nos olhos, mas se depois de uma jornada afortunada se tocavam os ombros com as mãos, ambos desviavam o olhar, e os antropólogos também notaram e anotaram em suas cadernetas que quando davam a mão se punham de lado e, se eram destros, passavam a mão direita por baixo da axila do braço esquerdo e a deixavam mole ou só apertavam um pouco, e se eram canhotos passavam a mão esquerda por baixo da axila do braço direito, e então um dos antropólogos, contava

gargalhando a ponto de chacoalhar o queixo o antropólogo soviético, decidiu mostrar como eles se cumprimentavam, os que vinham de mais além das zonas baixas, de mais além do mar, de mais além de onde o sol se põe, e mediante gestos ou utilizando o outro antropólogo francês como par, indicou a maneira de cumprimentar que usavam em Paris, duas mãos que se apertam e que se mexem ou vibram enquanto os rostos se mantêm inalterados ou expressam afeto ou surpresa e os olhos focalizam, francos, os olhos do outro, ao mesmo tempo que os lábios se abrem e dizem bonjour, monsieur Jouffroy ou bonjour, monsieur Delhorme ou bonjour, monsieur Courbet (mas era evidente, pensou Reiter lendo o caderno de Ansky, que não havia ali, e se houvesse teria sido um acaso perturbador, nenhum monsieur Courbet), pantomima que os indígenas assistiam com boa vontade, alguns com um sorriso nos lábios, outros como que submersos num poço de compaixão, pacientes e a seu modo bem-educados e discretos, em todo caso, até que o antropólogo tentou experimentar o cumprimento com eles.

Segundo o do bigodão, isso aconteceu na pequena aldeia, se é que se pode chamar de aldeia um conjunto de palhoças camufladas ao acaso da mata. O francês se aproximou de um indígena e fez que ia lhe dar a mão. O indígena, mansamente, afastou o olhar e passou a mão direita por baixo da axila de seu braço esquerdo. Mas então o francês o surpreendeu, puxou sua mão e por conseguinte seu corpo, lhe deu um bom aperto, sacudiu seu braço, simulou surpresa e alegria e disse:

— Bonjour, monsieur l'indigène.

E não lhe soltou a mão e tratou de olhá-lo nos olhos e sorriu para ele e lhe mostrou a brancura do seu sorriso e não lhe soltou a mão, ao contrário, bateu inclusive com a esquerda no ombro dele, bonjour, monsieur l'indigène, como se de fato se sentisse muito feliz, até que o indígena soltou um grito aterrador, e depois do grito pronunciou uma palavra, incompreensível para os franceses e para o guia dos franceses, e depois dessa palavra outro indígena se precipitou sobre o antropólogo pedagogo que ainda não soltava a mão do primeiro indígena, e com uma pedra abriu-lhe o crânio, e então o antropólogo soltou a mão.

Resultado: os indígenas se revoltaram e os franceses precisaram se retirar apressadamente para o outro lado do rio deixando para trás o compatriota morto e causando por sua vez uma baixa mortal no bando dos indígenas nas escaramuças da fuga. Por muitos dias, na montanha e depois no bar de um povoado costeiro de Bornéu, os antropólogos quebraram a cabeça para encontrar o motivo que havia transformado subitamente uma tribo pacífica em violenta e aterrorizada. Depois de dar muitos tratos à bola acreditaram ter encontrado a chave do enigma na palavra que o indígena pronunciou “agredido” ou “aviltado” com o saudável e mais que inocente aperto de mãos. A palavra em questão era dayiyi, que significa canibal ou impossibilidade, mas que também tinha outras acepções, uma delas “o que me violenta”, e que dita depois de um alarido significava ou podia significar “o que me violenta pelo cu”, quer dizer “o canibal que me fode pelo cu e depois come meu corpo”, mas que também podia significar “o que me toca (ou me violenta) e olha nos meus olhos (para comer minha alma)”. O caso é que os antropólogos franceses subiram novamente a montanha depois de um descanso no litoral, mas não tornaram a ver os indígenas.

Quando não podia mais, Ansky voltava a Arcimboldo. Gostava de recordar as pinturas de Arcimboldo, de cuja vida ignorava ou fingia ignorar quase tudo, e que certamente não era uma vida imersa no tremor permanente de Courbet, mas em cujas telas encontrava algo que na falta de uma palavra melhor Ansky definia como simplicidade, um qualificativo que a muitos eruditos e exegetas da obra arcimboldiana não teria agradado.

A técnica do milanês lhe parecia a alegria personificada. O fim das aparências. Arcádia antes do homem. Não todas, certamente, pois por exemplo *O assado*, um quadro invertido que pendurado de uma maneira é, efetivamente, um grande prato metálico de carnes assadas, entre as quais se distinguem um leitão e um coelho, e umas mãos, provavelmente de mulher ou de adolescente, que tentam tapar a carne para que não esfrie, e que pendurado ao contrário nos mostra o busto de um soldado, com capacete e armadura, e um sorriso satisfeito e temerário a que faltam alguns dentes, o sorriso atroz de um velho mercenário que olha para você, e seu olhar é mais atroz ainda do que seu sorriso, como se soubesse coisas de você, escreve Ansky, de que você nem sequer desconfia, lhe parecia um quadro de terror. O *jurista* (um juiz ou um alto funcionário com a cabeça feita de peças de caça miúda e o corpo de livros) também lhe parecia um quadro de terror. Mas os quadros das quatro estações eram alegria pura. Tudo dentro de tudo, escreve Ansky. Como se Arcimboldo houvesse aprendido uma só lição, mas esta houvesse sido da maior importância.

E aqui Ansky desmente sua falta de interesse pela vida do pintor e escreve que quando Leonardo da Vinci deixa Milão em 1516 lega a seu discípulo Bernardino Luini seus livros de notas e alguns desenhos, os quais, passado o tempo, o jovem Arcimboldo, amigo do filho de Luini, talvez houvesse consultado e estudado. Quando estou triste ou abatido, escreve Ansky, fecho os olhos e revivo os quadros de Arcimboldo e a tristeza e o abatimento se desfazem, como se um vento superior a eles, um vento *mentolado*, soprasse de repente pelas ruas de Moscou.

Depois vêm as anotações, desordenadas, sobre a sua fuga. Há amigos que conversam uma noite inteira sobre as vantagens e as inconveniências do suicídio. Dois homens e uma mulher que, nos intervalos ou nos tempos mortos que lhes deixa sua conversa sobre o suicídio, também conversam sobre a vida sexual de um conhecido poeta desaparecido (na realidade, já assassinado) e sobre sua mulher. Um poeta acmeísta e sua mulher reduzidos à miséria e à indignidade sem repouso. Um par que na pobreza e na marginalização constrói um jogo muito simples. O jogo do sexo. A mulher do poeta trepa com outros. Não com outros poetas, pois o poeta e portanto sua mulher estão na lista negra e os outros poetas fogem deles como se fossem leprosos. A mulher é muito bonita. Os três amigos que conversam nos cadernos de Ansky a noite toda, assentem. Os três a conhecem ou em alguma ocasião conseguiram vê-la. Belíssima. Uma mulher imponente. Profundamente apaixonada. O poeta também trepa com outras mulheres. Não com poetisas nem com as mulheres ou

irmãs de outros poetas, pois o acmeísta em questão é veneno ambulante e todos fogem dele. Além do mais, não se pode dizer que seja bonito. Não, não. É feio até. O poeta, no entanto, trepa com operárias que conhece no metrô ou fazendo fila em algum comércio. Feio, feio, mas de trato doce e uma língua de veludo.

Os amigos riem. De fato, o poeta pode recitar, pois sua memória é boa, as poesias mais tristes, e as jovens e não tão jovens operárias derramam lágrimas quando o escutam. Depois vão para a cama. A mulher do poeta, cuja beleza a exime de ter boa memória, mas cuja memória é mais prodigiosa ainda que a do poeta, infinitamente mais prodigiosa, vai para a cama com operários ou com marinheiros de licença ou com imensos capatazes viúvos que não sabem mais o que fazer com sua vida e com sua força e para os quais a irrupção daquela mulher maravilhosa parece um milagre. Também fazem amor em grupo. O poeta, sua mulher e outra mulher. O poeta, sua mulher e outro homem. Geralmente são trios, mas em certas ocasiões são quartetos e quintetos. Às vezes, guiados por um pressentimento, apresentam com pompa e grande protocolo seus respectivos amantes, que ao cabo de uma semana se apaixonam entre si e nunca mais tornam a vê-los, nunca mais tornam a participar dessas pequenas orgias proletárias, ou talvez sim, isso nunca se sabe. De qualquer modo, isso tudo acaba quando o poeta vai preso e ninguém mais sabe nada dele, porque o assassinam.

Depois, os amigos voltam a falar sobre o suicídio, sobre seus inconvenientes e suas vantagens, até amanhecer e então um deles, Ansky, abandona a casa e abandona Moscou, sem documentos, à mercê de qualquer delator. Então há paisagens, paisagens vistas através do cristal e cristais de paisagens, e caminhos de terra e pousadas sem nome onde se juntam os jovens vagabundos escapados de um livro de Makarenko, e há adolescentes sofridos e adolescentes resfriados de cujo nariz escorre um fio de água, e riachos e pão duro e uma tentativa de roubo que Ansky evita, mas não diz como evita. Finalmente aparece a aldeia de Kostekino. E a noite. E o rumor do vento que o reconhece. E a mãe de Ansky que abre a porta e não o reconhece.

As últimas anotações do caderno são concisas. Poucos meses depois de chegar à aldeia seu pai morreu, como se o estivesse esperando para mergulhar de cabeça no outro mundo. Sua mãe se ocupou do funeral e de noite, quando todos dormiam, Ansky esgueirou-se até o cemitério e ficou um bom tempo junto ao túmulo, pensando em coisas vagas. De dia costumava dormir no sótão, coberto até a cabeça, numa escuridão total. De noite descia ao térreo e lia à luz da lareira, ao lado da cama onde sua mãe dormia. Numa das suas últimas anotações menciona a desordem do universo e diz que só nessa desordem somos concebíveis. Noutra, se pergunta o que restará quando o universo morrer e o tempo e o espaço morrerem com ele. Zero, nada. Essa ideia, no entanto, o faz rir. Detrás de toda resposta se esconde uma pergunta, Ansky lembra que os camponeses de Kostekino dizem. Detrás de toda resposta inapelável se esconde uma pergunta mais complexa ainda. A complexidade, não obstante, o faz rir, e às vezes sua mãe o ouve rir no sótão, como quando tinha dez anos. Ansky pensa em universos paralelos. Por aqueles dias Hitler invade a Polônia e a Segunda Guerra Mundial

começa. Queda de Varsóvia, queda de Paris, ataque à União Soviética. Só na desordem somos concebíveis. Uma noite Ansky sonha que o céu é um grande oceano de sangue. Na última página do caderno traça uma rota para se juntar aos guerrilheiros.

Ficava por elucidar o esconderijo para uma só pessoa no interior da lareira. Quem o fez? Quem se escondeu ali?

Depois de muito cismar, Reiter decidiu que o construtor havia sido o pai de Ansky. Provavelmente o esconderijo foi feito antes de Ansky voltar para a aldeia. Também cabia a possibilidade de que o pai o tivesse construído depois do regresso do filho, o que certamente era mais lógico, pois só então os pais souberam que Ansky era um inimigo do Estado. Mas Reiter intuiu que o esconderijo, cuja obra imaginou muito lenta, artesanal, sem pressa, havia sido concebido muito antes da volta de Ansky, o que conferia ao pai uma auréola de adivinho ou de demente. Também chegou à conclusão de que ninguém havia usado o esconderijo.

Não descartou, é claro, a visita regulamentar dos funcionários do partido, que teriam fuçado a isbá procurando algum rastro de Ansky, e lhe pareceu provável, quase certo, que durante essas visitas este se metesse dentro da lareira. Mas na hora da verdade ninguém tinha se escondido ali, nem mesmo a mãe de Ansky, quando chegou o destacamento do Einsatzgruppe C. Imaginou, isso sim, a mãe de Ansky pondo a salvo o caderno do filho e depois, em sonho, a viu sair e se dirigir junto com os outros judeus de Kostekino para onde a aguardava a disciplina alemã, nós, a morte.

Também viu Ansky em sonho. Viu-o caminhar pelo campo, de noite, transformado numa pessoa sem nome, que dirigia seus passos para oeste, e também o viu morrer a tiros.

Durante vários dias Reiter pensou que tinha sido ele que havia disparado em Ansky. De noite tinha pesadelos horríveis que o despertavam e o faziam chorar. Às vezes ficava quieto, encolhido na cama, ouvindo como a neve caía sobre a aldeia. Não pensava mais no suicídio porque acreditava estar morto. De manhã a primeira coisa que fazia era ler o caderno de Ansky, que abria numa página qualquer. Outras vezes dava longos passeios pelo bosque nevado, até chegar ao velho sovcoz onde os ucranianos trabalhavam às ordens de dois desmotivados alemães.

Quando ia ao edifício principal da aldeia buscar sua comida, sentia-se como se estivesse em outro planeta. Ali sempre estava acesa a lareira e dois enormes panelões de campanha cheios de sopa inundavam de vapor o andar térreo. Recendia a repolho e a tabaco, e seus companheiros estavam em mangas de camisa ou nus. Preferia, de longe, o bosque onde se sentava na neve até a bunda começar a gelar. Preferia a isbá onde acendia o fogo e se instalava diante da lareira relendo o caderno de Ansky. De quando em quando erguia os olhos e contemplava o interior da lareira, como se dali uma sombra que irradiava timidez e simpatia estivesse a mirá-lo. Um calafrio de prazer corria então por seu corpo. Às vezes imaginava que vivia com a família Ansky. Via a mãe, o pai e o jovem Ansky percorrendo os

caminhos da Sibéria e terminava tapando os olhos. Quando o fogo da lareira ficava reduzido a pequenos tições brilhantes na escuridão, com sumo cuidado se introduzia no esconderijo, que estava quente, e ficava ali um bom tempo, até o frio do amanhecer despertá-lo.

Uma noite sonhou que estava de novo na Crimeia. Não se lembrava em que parte, mas era a Crimeia. Disparava seu fuzil no meio de múltiplas fumaceiras que brotavam aqui e ali como gêiseres. Depois ia andando e encontrava um soldado do exército vermelho morto, de barriga para baixo, com uma arma ainda na mão. Ao se inclinar para virá-lo e ver seu rosto, temia, como tantas outras vezes havia temido, que aquele cadáver tivesse o rosto de Ansky. Ao agarrar o cadáver pela jaqueta, pensava: não, não, não, não quero carregar esse peso, quero que Ansky viva, não quero que morra, não quero ser eu o assassino, apesar de ter sido eu sem querer, apesar de ter sido eu acidentalmente, apesar de ter sido eu sem perceber. Então, sem surpresa, com alívio até, descobria que o cadáver tinha seu rosto, o rosto de Reiter. Ao acordar desse sonho, de manhã, recuperou a voz. A primeira coisa que disse foi:

— Não fui eu, que alegria.

No começo do verão de 1942 lembraram-se dos soldados de Kostekino e Reiter foi devolvido à sua divisão. Esteve na Crimeia. Esteve em Kerch. Esteve nas margens do Kuban e nas ruas de Krasnodar. Percorreu o Cáucaso até Budenovsk e viajou com seu batalhão pela estepe Kalmuka, sempre com o caderno de Ansky debaixo da jaqueta, entre sua roupa de louco e seu uniforme de soldado. Comeu pó e não viu soldados inimigos, mas viu Wilke e Kruse e o sargento Lemke, se bem que não tenha sido fácil reconhecê-los pois tinham mudado, não só sua fisionomia mas também suas vozes, agora Wilke, por exemplo, falava sozinho em dialeto e quase ninguém entendia, salvo Reiter, e a voz de Kruse havia mudado, falava como se lhe houvessem extirpado os testículos fazia muito tempo, e o sargento Lemke já não gritava a não ser em raríssimas ocasiões, a maior parte das vezes se dirigia a seus homens com uma espécie de murmúrio, como se estivesse cansado ou como se as longas distâncias percorridas o houvessem adormecido. Em todo caso, o sargento Lemke foi ferido gravemente quando tentavam em vão abrir caminho em direção a Tuapse e em seu lugar puseram o sargento Bublitz. Depois chegou o outono, a lama, o vento, e depois do outono os russos contra-atacaram.

A divisão de Reiter que já não pertencia ao 11º Exército mas ao 17º, bateu em retirada de Elista para Proletarskaya, e depois subiram bordeando o rio Manytch até Rostov. Depois continuaram retrocedendo para oeste, até o rio Mius, onde foi restabelecido o front. Chegou o verão de 1943 e os russos voltaram a atacar e a divisão de Reiter voltou a retroceder. E cada vez que retrocediam eram menos os que continuavam vivos. Kruse morreu. O sargento Bublitz morreu. Voss, que era corajoso, primeiro foi promovido a sargento, depois a tenente, e com Voss o número de baixas dobrou em menos de uma semana.

Reiter adquiriu o costume de olhar os mortos como quem olha um lote à venda ou uma chácara ou uma casa de campo, e depois revistar os bolsos deles para ver se tinham alguma comida guardada. Wilke fazia a mesma coisa, mas em vez de fazê-lo em silêncio cantarolava:

os soldados da Prússia se masturbam, mas não se suicidam. No batalhão alguns companheiros os batizaram de vampiros. Reiter não dava a mínima. Nos momentos de descanso tirava um pedaço de pão e o caderno de Ansky de sob a jaqueta e punha-se a ler. Às vezes Wilke sentava a seu lado e logo adormecia. Uma vez perguntou se ele é que havia escrito o caderno. Reiter fitou-o como se a pergunta fosse tão cretina que não merecesse resposta. Wilke tornou a perguntar se ele é que tinha escrito. Reiter achou que Wilke estava dormindo e falando em sonho. Tinha os olhos semicerrados, a barba por fazer e os pômulos e a mandíbula pareciam querer sair-lhe da cara.

— Foi um amigo que escreveu — disse.

— Um amigo morto — disse a voz adormecida de Wilke.

— Mais ou menos — disse Reiter, e continuou lendo.

Reiter gostava de dormir escutando o barulho da artilharia. Wilke também não podia suportar um silêncio prolongado demais e antes de fechar os olhos cantarolava. O tenente Voss, pelo contrário, costumava tapar os ouvidos ao dormir e demorava para acordar ou se readaptar à vigília e à guerra. Às vezes era preciso sacudi-lo e ele dizia que diabo está acontecendo e dava socos no escuro. Mas ganhava medalhas e uma vez Reiter e Wilke o acompanharam ao quartel divisionário para que o general Von Berenberg em pessoa pendurasse em seu peito a mais alta distinção que um soldado da Wehrmacht podia obter. Esse foi um dia feliz para Voss mas não para a divisão 79, que por então tinha menos efetivos do que um regimento, pois de tarde, enquanto Reiter e Wilke comiam salsichas junto de um caminhão, os russos se lançaram sobre suas posições, com o que Voss e eles dois tiveram de voltar de imediato à primeira linha. A resistência foi breve e tornaram a retroceder. Na retirada, a divisão ficou reduzida ao tamanho de um batalhão e boa parte dos soldados pareciam loucos fugidos de um manicômio.

Por vários dias marcharam para oeste como puderam, mantendo a ordem das companhias ou em grupos que o acaso ia juntando ou desagregando.

Reiter se foi sozinho. Às vezes via passar esquadrilhas de aviões soviéticos e às vezes o céu, um minuto antes de um azul ofuscante, se nublava e desabava de repente um temporal que durava horas. De uma colina viu passar uma coluna de tanques alemães rumo ao leste. Pareciam ataúdes de uma civilização extraterrestre.

Caminhava de noite. De dia se refugiava como melhor podia e se dedicava a ler o caderno de Ansky, a dormir e a espiar o que crescia ou se queimava ao seu redor. Às vezes se lembrava das algas do Báltico e sorria. Às vezes se punha a pensar na irmãzinha e também sorria. Fazia tempo que não tinha notícias deles. Seu pai nunca lhe havia escrito e Reiter desconfiava que era porque não sabia escrever muito bem. A mãe, sim, havia escrito. O que dizia em suas cartas? Reiter tinha esquecido, não eram cartas muito longas mas ele as tinha esquecido por completo, só lembrava da caligrafia, uma letra grande e trêmula, seus erros gramaticais, sua nudez. As mães nunca deviam escrever cartas, pensava. Das cartas da irmã, pelo contrário, lembrava perfeitamente e isso o fazia sorrir, de barriga para baixo, oculto pelo mato, enquanto o sono ia se apossando dele. Eram cartas em que sua irmã falava das coisas dela e da aldeia, da escola, dos vestidos que usava, dele.

Você é um gigante, dizia a pequena Lotte. A princípio essa afirmação desconcertou Reiter. Mas depois pensou que para uma menina, uma menina, além do mais, tão doce e impressionável como Lotte, sua estatura era a mais parecida que tinha visto à de um gigante. Seus passos ecoam no bosque, dizia Lotte em suas cartas. Os passarinhos do bosque ouvem o som dos seus passos e param de cantar. Os que estão trabalhando no campo ouvem você. Os que estão escondidos em quartos escuros ouvem você. Os jovens das Juventudes Hitleristas ouvem e vão esperar você na entrada do povoado. Tudo é alegria. Você está vivo. A Alemanha está viva. Etcétera.

Um dia, sem saber como, Reiter voltou para Kostekino. Na aldeia já não restavam alemães. O *sovcoz* estava vazio e só em umas poucas isbás apareceram as cabeças de velhos desnutridos e trêmulos que o informaram que os alemães haviam evacuado os técnicos e todos os ucranianos jovens que trabalhavam na aldeia. Reiter dormiu naquele dia na isbá de Ansky e se sentiu muito mais à vontade do que se tivesse voltado para casa. Acendeu o fogo na lareira e se jogou vestido em cima da cama. Mas não pôde dormir logo. Pôs-se a pensar nas aparências de que falava Ansky em seu caderno e pôs-se a pensar em si mesmo. Sentia-se livre, como nunca antes havia sido em sua vida, e embora mal alimentado e portanto fraco, também se sentia com força para prolongar esse impulso de liberdade, de soberania, até onde fosse possível. A possibilidade, não obstante, de que tudo aquilo não fosse mais que aparência o preocupava. A aparência era uma força de ocupação da realidade, ele se disse, inclusive da realidade mais extrema e limítrofe. Vivia nas almas das pessoas e também em seus gestos, na vontade e na dor, na forma em que você ordena as lembranças e na forma em que você ordena as prioridades. A aparência proliferava nos salões dos industriais e no submundo. Ditava normas, se voltava contra suas próprias normas (em revoltas que podiam ser sangrentas, mas que nem por isso deixavam de ser aparentes), ditava novas normas.

O nacional-socialismo era o reino absoluto da aparência. Amar, refletiu, via de regra, é outra aparência. Meu amor por Lotte não é aparência. Lotte é minha irmã e é pequena e acredita que sou um gigante. Mas o amor, o amor comum e corrente, o amor de casal, com almoços e jantares, com ciúmes e dinheiro e tristeza, é teatro, ou seja, é aparência. A juventude é a aparência da força, o amor é a aparência da paz. Nem juventude nem força nem amor nem paz podem me ser concedidos, se disse com um suspiro, nem eu posso aceitar um presente semelhante. Só o vagabundear de Ansky não é aparência, pensou, só os catorze anos de Ansky não são aparência. Ansky viveu toda a sua vida numa imaturidade raivosa porque a revolução, a verdadeira e única, também é imatura. Depois adormeceu e não teve sonhos, e no dia seguinte foi ao bosque pegar gravetos para a lareira e quando voltava para a aldeia entrou, por curiosidade, no edifício onde haviam vivido os alemães durante o inverno de 42, e encontrou o interior abandonado e em ruínas, sem panelões nem sacos de arroz, sem cobertores nem fogo nas salamandras, os vidros quebrados e as venezianas despregadas, o chão sujo e com grandes manchas de barro ou de merda que grudavam na sola das botas se você cometia o deslize de pisar nelas. Numa parede um soldado havia escrito a carvão Viva Hitler, noutra havia uma espécie de carta de amor. No andar de cima alguém tinha se distraído desenhando nas paredes e no teto! cenas cotidianas dos alemães que

havia vivido em Kostekino. Assim, num canto estava desenhado o bosque e cinco alemães, reconhecíveis por seus quepes, carregavam lenha ou caçavam passarinhos. Noutro canto dois alemães faziam amor enquanto um terceiro, com ambos os braços enfaixados, os observava escondido detrás de uma árvore. Noutro, quatro alemães jaziam dormindo depois de jantar e junto deles se adivinhava o esqueleto de um cachorro. No último canto aparecia o próprio Reiter, com uma comprida barba ruiva, à janela da isbá dos Ansky, enquanto do lado de fora da casa desfilavam um elefante, uma girafa, um rinoceronte e um pato. No centro do afresco, para dar algum nome a isso, se erguia uma praça com calçamento de pedras, uma praça imaginária que Kostekino nunca teve, cheia de mulheres ou de fantasma de mulheres com os cabelos eriçados, que iam de um lado para o outro dando gritos, enquanto dois soldados alemães vigiavam o trabalho de uma equipe de jovens ucranianos que erguiam um monumento de pedra cuja forma ainda era indiscernível.

Os desenhos eram toscos e infantiloides e a perspectiva era pré-renascentista, mas a disposição de cada elemento deixava adivinhar uma ironia e portanto uma mestria secreta muito maior do que a que se oferecia ao primeiro olhar. De volta à sua isbá, Reiter pensou que o pintor tinha talento, mas que enlouquecera como o resto dos alemães que passaram o inverno de 42 em Kostekino. Também pensou na sua inesperada aparição no mural. O pintor certamente acreditava que ele é que tinha ficado louco, concluiu. A figura do pato, fechando a marcha que o elefante encabeçava, assim o deixava supor. Lembrou-se que por aqueles dias ainda não recuperara a voz. Também se lembrou que por aqueles dias lia e relia sem trégua o caderno de Ansky, memorizando cada palavra e sentindo algo muito estranho que às vezes se parecia com a felicidade e outras vezes com uma culpa vasta como o céu. E que ele aceitava a culpa e a felicidade e que inclusive, algumas noites, as somava, e que o resultado dessa soma sui generis era felicidade, mas uma felicidade sinistra que o dilacerava sem a menor consideração e que para Reiter não era a felicidade, mas sim Reiter.

Uma noite, três dias depois de chegar a Kostekino, sonhou que os russos irrompiam na aldeia e que para escapar deles se atirava no riacho, o Riacho Doce, e que depois de nadar pelo Riacho Doce chegava ao Dnieper, e que o Dnieper, as ribeiras do Dnieper, estavam cheias de russos, tanto na margem esquerda como na margem direita, e que uns e outros se riam ao vê-lo aparecer no meio do rio e disparavam contra ele, e sonhou que ante os disparos afundava no rio e se deixava arrastar pela correnteza, subindo à superfície só para tomar um pouco de ar e voltar a afundar, e que desse modo percorria quilômetros e quilômetros de rio, às vezes contendo a respiração três minutos ou quatro ou cinco, o recorde mundial, até que a corrente o afastava de onde estavam os russos, mas mesmo então Reiter não deixava de afundar, saía, respirava e afundava, e o fundo do rio era como uma calçada de pedras, de vez em quando via cardumes de peixes pequenos e brancos, e de vez em quando topava com um cadáver já sem carne, só os ossos limpos, e esses esqueletos que balizavam o passar do rio podiam ser alemães ou soviéticos, não se sabia, pois as roupas haviam apodrecido e a correnteza as tinha arrastado rio abaixo, e no sonho de Reiter a ele também a correnteza arrastava rio abaixo, e às vezes, sobretudo de noite, saía à superfície e se fazia de morto, para poder descansar ou talvez dormir cinco minutos enquanto o rio se deslocava incessante para

o sul com ele nos braços, e quando saía o sol Reiter tornava a afundar e a mergulhar, voltava ao fundo gelatinoso do Dnieper, e assim transcorriam os dias, às vezes passava perto de uma cidade e via suas luzes ou, se não havia luzes, ouvia um rumor vago, como o arrastar de móveis, como se pessoas doentes estivessem mudando móveis de lugar, e às vezes passava debaixo de pontões militares e via as sombras transidas de frio dos soldados na noite, sombras que se projetavam na superfície crespada das águas, e uma manhã, por fim, o Dnieper desembocou no Mar Negro, onde morria ou se transformava, e Reiter se aproximou da margem do rio ou do mar, com passos trêmulos, como se fosse um estudante, o estudante que nunca foi, que regressa para cair na areia depois de nadar até o esgotamento, estonteado, no zênite das férias, só para descobrir com horror, enquanto sentava na praia mirando a imensidão do Mar Negro, que o caderno de Ansky, que levava debaixo da jaqueta, tinha ficado reduzido a uma espécie de polpa de papel, a tinta apagada para sempre, a metade do caderno colada na sua roupa ou na sua pele e a outra metade reduzida a partículas que boiavam por baixo das suaves marolas.

Nesse momento Reiter acordou e decidiu que devia partir de Kostekino o mais depressa possível. Vestiu-se em silêncio e preparou seus escassos pertences. Não acendeu nenhuma luz nem atizou o fogo. Pensou no tanto que ia precisar andar naquele dia. Antes de sair da isbá tornou a colocar cuidadosamente o caderno de Ansky no esconderijo da lareira. Que agora outro o encontre, pensou. Depois abriu a porta, fechou-a com muito cuidado e se afastou da aldeia a grandes passadas.

Vários dias depois encontrou uma coluna da sua divisão e voltou à monotonia de resistir e bater em retirada, até que os soviéticos os destroçaram no Bug, a oeste de Pervomaysk, e os restos da 79 passaram a fazer parte da divisão 303. Em 1944, enquanto se dirigiam para Jassy com a brigada motorizada russa nos calcanhares, Reiter e outros soldados do seu batalhão viram uma poeira azul que subia para o céu do meio-dia. Depois escutaram gritos e cantos muito apagados e instantes depois Reiter viu em seu binóculo um grupo de soldados romenos que cruzava um pomar às carreiras, como se estivessem possuídos por um demônio ou pelo medo, e se internava num caminho de terra que corria paralelo à estrada por onde se retirava sua divisão.

Não tinham muito tempo, pois os russos iam chegar de uma hora para outra, mas Reiter e alguns dos seus companheiros decidiram ir ver o que havia acontecido. Desceram da colina que usavam como observatório e atravessaram, a bordo de um veículo armado com uma metralhadora, os matagais que separavam os dois caminhos. Viram uma espécie de castelo rural romeno, deserto, com as janelas fechadas e um pátio calçado de pedra que se prolongava até os estábulos. Depois saíram numa esplanada onde ainda havia soldados romenos que haviam ficado para trás e que jogavam dados ou carregavam em carroças (que depois eles mesmos puxavam) quadros e móveis do castelo. No fim da esplanada havia uma grande cruz feita com grandes pedaços de madeira envernizada em tons escuros provavelmente arrancados do grande salão da propriedade rural. Na cruz, enterrada na terra

amarela, havia um homem nu. Os romenos que sabiam alguma coisa de alemão perguntaram a eles o que faziam ali. Os alemães responderam que fugiam dos russos. Não vão demorar a chegar, disseram alguns romenos.

— E o que significa aquilo? — perguntou um alemão indicando o homem crucificado.

— O general do nosso corpo de exército — responderam os romenos enquanto se apressavam em colocar nas carroças seu butim.

— Vocês vão desertar? — perguntou um alemão.

— Isso — respondeu um romeno —, ontem à noite o terceiro corpo de exército decidiu desertar.

Os alemães se entreolharam, como se não soubessem se disparavam contra os romenos ou desertavam com eles.

— E para onde vão agora? — perguntaram.

— Para oeste, para as nossas casas — responderam alguns romenos.

— Pensaram bem nisso?

— Mataremos quem nos impedir — disseram os romenos.

A maioria, como para reafirmar suas palavras, pegou os fuzis e houve até algum que se pôs a apontá-lo sem o menor recato. Por um instante pareceu que os dois grupos iam começar a disparar. Justo nesse momento Reiter desceu do veículo e não fazendo caso da atitude dos romenos e dos alemães saiu andando em direção à cruz e ao crucificado. Este tinha sangue seco no rosto, como se houvessem quebrado seu nariz a coronhadas na noite anterior, seus olhos estavam arroxeados e os lábios inchados, mas mesmo assim o reconheceu no ato. Era o general Entrescu, o homem que tinha se deitado com a baronesinha Von Zumpe no castelo dos Cárpatos e que ele e Wilke espiaram do corredor secreto. Tinham rasgado a sua roupa, provavelmente quando ainda estava vivo, deixando-o completamente nu com exceção das botas de cavalgar. O pênis de Entrescu, uma vara soberba que em ereção media, segundo os cálculos que Wilke e ele fizeram naquela noite, uns trinta centímetros, era movido lentamente pelo vento do entardecer. Aos pés da cruz havia uma caixa de fogos de artifício, com os quais o general Entrescu divertia seus convidados. A pólvora devia estar molhada ou os artefatos caducos pois a única coisa que faziam ao estourar era provocar uma nuvenzinha de fumaça azul que não demorava a subir ao céu e desaparecer. Um dos alemães, detrás de Reiter, fez um comentário sobre o membro viril do general Entrescu. Alguns romenos riram e todos, um mais rápido que o outro, se aproximaram da cruz como se de repente esta houvesse começado a imantar.

Os fuzis já não apontavam para ninguém e os soldados os empunhavam como se fossem ferramentas da lavoura e eles camponeses cansados desfilando sempre à beira do abismo. Sabiam que os russos estavam por chegar e os temiam, mas nenhum resistiu a se aproximar pela primeira vez da cruz do general Entrescu.

— Como ele era? — perguntou um alemão, sabendo que ele próprio dava a resposta.

— Não era má pessoa — respondeu um romeno.

Depois todos permaneceram em recolhimento, alguns de cabeça baixa, outros mirando o general com olhos de alucinados. Não ocorreu a ninguém perguntar como o haviam matado.

Provavelmente o espancaram, depois o jogaram no chão e continuaram batendo. O pau da cruz estava escurecido pelo sangue e a crosta chegava, escura como uma aranha, à terra amarela. Não ocorreu a ninguém dizer que o despregassem.

— Vocês vão demorar a encontrar outro exemplar como este — disse um alemão.

Os romenos não entenderam. Reiter contemplou o rosto de Entrescu: estava de olhos fechados mas a impressão que dava era a de estar de olhos bem abertos. As mãos estavam presas na madeira com grandes pregos prateados. Três para cada mão. Os pés estavam pregados com grossos cravos de ferreiro. À esquerda de Reiter um romeno juvenzinho, de não mais de quinze anos, cujo uniforme era grande demais, rezava. Perguntou se havia mais alguém na propriedade. Responderam que só eles, que o terceiro corpo ou o que restava do terceiro corpo havia chegado fazia três dias à estação de Litacz e que o general, em vez de procurar um lugar mais seguro a oeste, decidiu visitar seu castelo, que encontraram vazio. Não havia serviçais nem nenhum animal vivo que pudessem comer. Durante dois dias o general se trancou em seu quarto e não quis sair. Os soldados ficaram vagando pela casa, até que acharam a adega, cuja porta arrombaram. Apesar da reserva de alguns oficiais, todos começaram a se embriagar. Naquela noite a metade do terceiro corpo desertou. Os que ficaram, assim fizeram por vontade própria, e não coagidos por ninguém, assim fizeram porque gostavam do general Entrescu. Ou algo parecido. Alguns foram roubar nos povoados vizinhos e não voltaram. Outros gritaram ao general, do pátio, que tornasse a assumir o comando e decidisse o que fazer. Mas o general continuava trancado no quarto e não abria a porta para ninguém. Numa noite de bebedeira os soldados arrombaram a porta. O general Entrescu estava sentado numa poltrona, rodeado de candelabros e círios, vendo um álbum de fotografias. Então aconteceu o que aconteceu. A princípio Entrescu se defendeu fustigando-os com sua vara de montar. Mas os soldados estavam loucos de fome e de medo e o mataram e depois o pregaram na cruz.

— Devem ter demorado muito para fazer esta cruz tão grande — disse Reiter.

— Fizemos antes de matar o general — disse um romeno. — Não sei por que fizemos, mas fizemos antes mesmo de nos embriagar.

Depois os romenos voltaram a carregar seu butim e alguns alemães os ajudaram, enquanto outros decidiram ir dar uma volta na casa, para ver se sobrava algo de álcool nas adegas, e o crucificado ficou só mais uma vez. Antes de se ir, Reiter perguntou se conheciam um tal de Popescu, um que sempre ia com o general e que provavelmente trabalhava como secretário dele.

— Ah, o capitão Popescu — fez um romeno meneando a cabeça afirmativamente e com o mesmo tom de voz que teria empregado para dizer o capitão Ornitorrinco. — Esse já deve estar em Bucareste.

Enquanto se afastavam, em direção aos matagais, levantando uma nuvenzinha de poeira no caminho, Reiter acreditou distinguir umas aves negras sobrevoando a esplanada de onde o general Entrescu vigiava o curso da guerra. Um dos alemães, o que ia junto da metralhadora, comentou, rindo, o que iam pensar os russos quando vissem aquele crucificado. Ninguém respondeu.

De derrota em derrota, Reiter voltou finalmente à Alemanha. Em maio de 1945, aos vinte e cinco anos de idade, depois de passar dois meses escondido num bosque, rendeu-se a uns soldados americanos e foi internado num campo de prisioneiros nos arrabaldes de Ansbach. Ali tomou uma chuva pela primeira vez em muitos dias e a comida era boa.

A metade dos prisioneiros de guerra dormia em barracões que uns soldados negros americanos haviam construído, a outra metade dormia em grandes barracas de campanha. A cada dois dias apareciam no campo visitantes que revisavam, seguindo uma estrita ordem alfabética, os documentos dos prisioneiros. No início punham uma mesa ao ar livre e os prisioneiros iam passando e respondendo um a um as perguntas deles. Depois os soldados negros, ajudados por uns tantos alemães, instalaram um barracão especial, de três salas, e as filas agora se faziam em frente a esse barracão. Reiter não conhecia ninguém no campo. Seus companheiros da 79 e depois da 303 tinham morrido ou caído prisioneiros dos russos ou desertado, como ele próprio havia feito. O que restava da divisão se dirigia a Pilsen, no Protetorado, quando Reiter, no meio da confusão, foi embora por conta própria. No campo de prisioneiros de Ansbach procurava não se relacionar com ninguém. Havia soldados que cantavam durante as tardes. De seus postos de vigilância os negros olhavam para eles e riam, mas como ninguém, aparentemente, entendia a letra das canções, os deixavam cantar até chegar a hora de dormir. Outros costumavam dar passeios de um extremo ao outro do campo, de braços dados e conversando sobre os temas mais singulares. Dizia-se que de repente começariam as hostilidades entre soviéticos e aliados. Especulava-se sobre as condições da morte de Hitler. Falava-se da fome e de como a colheita de batatas, mais uma vez, salvaria a Alemanha do desastre.

Ao lado do catre de campanha de Reiter dormia um tipo de uns cinquenta anos, um combatente da Volkssturm. O tipo tinha deixado crescer a barba e seu alemão era doce e baixinho. Como se nada do que sucedia ao seu redor pudesse afetá-lo. De dia costumava conversar com outros dois ex-combatentes da Volkssturm, que o acompanhavam durante os passeios e as refeições. Às vezes, porém, Reiter o via sozinho, escrevendo com um lápis de grafite em papéis de todo tipo que tirava dos bolsos e que depois guardava com extremo cuidado. Uma vez, antes de dormir, perguntou o que escrevia, e o tipo disse que tentava pôr seus pensamentos por escrito. Coisa que, acrescentou, não era nada fácil. Reiter não perguntou mais nada, mas a partir desse momento o ex-combatente da Volkssturm, sempre de noite, sempre antes de dormir, encontrava um pretexto para trocar algumas palavras com ele. Segundo contou, sua mulher tinha morrido quando os russos entraram em Küstrin, de onde eram, mas ele não guardava rancor de ninguém, guerra é guerra, dizia, e quando a guerra terminava o melhor era perdoar uns aos outros e começar de novo.

Começar como?, quis saber Reiter. Começar do zero, sussurrou em seu alemão pausado, com alegria e também com imaginação. O tipo se chamava Zeller e era magro e retraído. Ao vê-lo passear pelo campo, sempre em companhia dos outros dois ex-combatentes da Volkssturm, sua figura, talvez por contraste com a de seus acompanhantes, irradiava uma

grande dignidade. Uma noite Reiter perguntou se tinha família.

— Minha mulher — respondeu Zeller.

— Mas sua mulher está morta — disse Reiter.

— Também tive um filho e uma filha — ouviu-o sussurrar —, mas eles também morreram. Meu filho na batalha da frente oriental de Kursk e minha filha durante um bombardeio da cidade de Hamburgo.

— E não há outros parentes? — perguntou Reiter.

— Dois netinhos, gêmeos, uma menina e um menino, mas eles também morreram no bombardeio em que morreu minha filha.

— Meu Deus — disse Reiter.

— Morreu também meu genro, mas não no bombardeio, e sim dias depois, de dor pela morte dos filhos e da mulher.

— É terrível — disse Reiter.

— Suicidou-se tomando veneno de rato — sussurrou Zeller no escuro. — Agonizou durante três dias em meio aos mais horríveis suplícios.

Reiter não soube mais o que dizer, em parte porque o sono o ia vencendo, e a última coisa que ouviu foi a voz de Zeller que dizia que a guerra era a guerra e que mais valia entender tudo, tudo, tudo. A verdade é que Zeller tinha uma serenidade invejável. Aliás, essa serenidade só se via perturbada quando apareciam mais prisioneiros ou quando voltavam os visitantes que os interrogavam um a um no interior dos barracões. Ao fim de três meses chegou a vez daqueles cujos sobrenomes começavam por Q, R e S, e Reiter pôde falar com os soldados e com alguns tipos vestidos de civil que lhe pediram cortesmente que ficasse de frente e de perfil e que depois procuraram um par de fichas num dossiê que provavelmente estava cheio de fotografias. Depois um dos civis perguntou o que ele tinha feito durante a guerra, e Reiter precisou contar que estivera na Romênia com a 79 e depois na Rússia, onde havia sido ferido várias vezes.

Os soldados e os civis quiseram ver seus ferimentos, e ele teve que se despir e mostrá-los. Um dos civis, um que falava alemão com sotaque berlinense, perguntou se comia bem no campo de prisioneiros. Reiter disse que comia como um rei e, quando o que havia feito a pergunta traduziu-a para os outros, todos riram.

— Gosta da comida americana? — perguntou um dos soldados.

O civil traduziu a pergunta e Reiter respondeu:

— A carne americana é a melhor carne do mundo.

Todos tornaram a rir.

— Tem razão — disse o soldado —, mas o que você come não é carne americana e sim comida para cachorro.

Desta vez a risada fez que o tradutor (que preferiu não traduzir a resposta) e alguns soldados rolassem no chão. Um soldado negro apareceu na porta com o semblante preocupado e perguntou se tinham problemas com o prisioneiro. Mandaram-no fechar a porta e cair fora, que não havia problemas, que estavam contando piadas. Depois um deles puxou um maço de cigarros e ofereceu um a Reiter. Para fumar mais tarde, disse Reiter, e

guardou-o atrás da orelha. Depois os soldados ficaram sérios de repente e começaram a anotar os dados que Reiter foi lhes proporcionando: ano e lugar de nascimento, nome dos pais, endereço dos pais e de pelo menos dois parentes ou amigos etcétera.

Essa noite Zeller perguntou o que havia acontecido durante o interrogatório e Reiter contou tudo. Perguntaram em que ano e mês você entrou no exército? Sim. Perguntaram onde era sua sessão de recrutamento? Sim. Perguntaram em que divisão havia servido? Sim. Havia fotos? Sim. Você as viu? Não. Quando terminou seu interrogatório particular Zeller cobriu a cara com a manta e pareceu adormecer, mas ao cabo de um instante Reiter ouviu-o resmungar no escuro.

Na visita seguinte, que ocorreu uma semana depois, só vieram ao campo dois interrogadores e não houve filas nem interrogatórios. Mandaram formar os prisioneiros e os soldados negros e foram passando em revista as fileiras e separando delas um total de dez homens, aproximadamente, que levaram para dois furgões, onde foram introduzidos depois de os algemarem. O comandante do campo disse que aqueles prisioneiros eram suspeitos de ser criminosos de guerra, depois ordenou romper fileiras e que a vida seguisse seu curso normal. Quando os visitantes voltaram, passada uma semana, dedicaram-se às letras T, U e V, e Zeller desta vez ficou nervoso de verdade. Seu sotaque doce não sofreu nenhuma diminuição, mas seu discurso e sua forma de falar mudaram: as palavras lhe saíam aos borbotões dos lábios, seu murmúrio noturno tornou-se irrefreável. Falava depressa e como que impelido por uma razão que escapava do seu controle e que ele mal compreendia. Esticava o pescoço em direção a Reiter, se apoiava num cotovelo e começava a sussurrar e a se lamentar e a imaginar cenas de esplendor que formavam, tudo junto, um quadro caótico de cubos escuros que se sobrepunham uns sobre os outros.

De dia as coisas mudavam, a figura de Zeller voltava a irradiar dignidade e decoro, e embora não se relacionasse com ninguém exceto seus velhos camaradas da Volkssturm, quase todo o mundo o respeitava e o considerava uma pessoa decente. Para Reiter, no entanto, que precisava suportar suas disquisições noturnas, o semblante de Zeller mostrava uma deterioração progressiva, como se em seu interior se desenrolasse uma luta sem quartel entre forças diametralmente opostas. Que forças eram essas? Reiter ignorava, só intuía que ambas as forças provinham de uma única fonte, que era a loucura. Uma noite Zeller disse a ele que não se chamava Zeller mas Sammer e que em boa lógica tinha a obrigação de se apresentar aos interrogadores alfabéticos na próxima visita destes.

Naquela noite Reiter não teve sono e a lua cheia filtrava pelo pano da barraca de campanha como café fervendo por um coador feito com uma meia.

— Eu me chamo Leo Sammer e algumas das coisas que te disse são verdade e outras não — disse o falso Zeller mexendo-se no catre como se o corpo inteiro pinicasse. — Meu nome te soa familiar?

— Não — respondeu Reiter.

— Não tem por que soar, meu filho, não sou nem fui um homem famoso, mas na época

em que você esteve longe de casa meu nome cresceu como um tumor canceroso e agora aparece escrito nos papéis mais inesperados — disse Sammer com seu alemão doce e cada vez mais veloz. — Claro, nunca estive na Volkssturm. Combati, não quero que imagine que não combati, fiz isso, como qualquer alemão bem-nascido, mas servi em outros teatros, não no campo de batalha militar mas no campo de batalha econômico e político. Minha mulher, graças a Deus, não morreu — acrescentou depois de um longo silêncio em que Reiter e ele contemplaram a lua que envolvia a barraca de campanha como a asa de uma ave ou uma garra. — Meu filho morreu, isso é verdade. Meu pobre filho. Um jovem inteligente que gostava de esporte e de leitura. Que mais se pode pedir a um filho. Sério, um atleta, um bom leitor. Morreu em Kursk. Eu, na época, era subdiretor de um organismo encarregado de proporcionar trabalhadores ao Reich, cujos escritórios principais estavam instalados num povoado polonês a poucos quilômetros do Governo Central.

Quando me deram a notícia deixei de crer na guerra. Minha mulher, para completar, deu sinais de insanidade mental. Não desejo a ninguém minha situação. Nem ao meu pior inimigo! Um filho morto na flor da idade, uma mulher com enxaquecas constantes e um trabalho extenuante que requeria o máximo esforço e concentração de minha parte. Mas fui em frente graças ao meu caráter metódico e à minha tenacidade. Na realidade, trabalhava para esquecer minhas desgraças. Em todo caso, o resultado foi que me fizeram diretor do organismo estatal em que prestava meus serviços. De um dia para o outro, o trabalho triplicou. Não só precisava enviar mão de obra para as fábricas alemãs como também tratar de manter em funcionamento a burocracia daquela região polonesa em que sempre chovia, um triste território provinciano que tentávamos germanizar, onde todos os dias eram cinzentos e a terra parecia coberta por uma mancha gigantesca de fuligem e ninguém se divertia de maneira civilizada, com o resultado de que até as crianças de dez anos eram alcoólatras, imagine só, pobres crianças, umas crianças selvagens, aliás, que só gostavam de álcool, como disse, e de futebol.

Às vezes eu os via da janela da minha sala: jogavam na rua com uma bola de trapo e suas corridas e pulos eram verdadeiramente lamentáveis, pois o álcool ingerido os fazia cair a todo instante ou perder gols feitos. Enfim, não quero aborrecê-lo, eram partidas de futebol que costumavam acabar aos socos. Ou aos pontapés. Ou quebrando garrafas de cerveja vazias no cocuruto dos rivais. E eu via tudo da janela e não sabia o que fazer, meu Deus, como acabar com aquela epidemia, como melhorar a situação daqueles inocentes.

Confesso: eu me sentia só, muito só, muito só. Com minha mulher não podia contar, a coitada não saía do quarto às escuras a não ser para me pedir de joelhos que a deixasse voltar para a Alemanha, para a Baviera, onde se reuniria com a irmã. Meu filho tinha morrido. Minha filha vivia em Munique felizmente casada e alheia aos meus problemas. O trabalho se acumulava e meus colaboradores perdiam os nervos com assiduidade cada vez maior. A guerra não ia bem e além do mais eu havia deixado de me interessar. Como pode a guerra interessar a alguém que perdeu um filho? Minha vida, numa palavra, se desenrolava sob permanentes nuvens negras.

Chegou então uma nova ordem: tinha que me encarregar de um grupo de judeus que

vinham da Grécia. Creio que vinham da Grécia. Pode ser que fossem judeus húngaros ou judeus croatas. Não creio, os croatas matavam eles mesmos seus judeus. Talvez fossem judeus sérvios. Suponhamos que fossem gregos. Me enviavam um trem cheio de judeus gregos. Para mim! E eu não tinha nada preparado para recebê-los. Foi uma ordem que chegou de repente, sem aviso prévio. Meu organismo era civil, não era militar nem das SS. Eu não tinha especialistas no assunto, só enviava trabalhadores estrangeiros para as fábricas do Reich, mas o que ia fazer com aqueles judeus? Enfim, resignação, eu me disse, e uma manhã fui à estação esperá-los. Levei comigo o chefe da polícia local e todos os policiais que pude conseguir no último minuto. O trem que vinha da Grécia parou num desvio. Um oficial me fez assinar uns papéis confirmando que me entregava quinhentos judeus, entre homens, mulheres e crianças. Assinei. Depois me aproximei dos vagões e o cheiro era insuportável. Proibi que abrissem todos. Aquilo podia se transformar num foco de infecção, eu me disse. Depois telefonei a um amigo, que me pôs em contato com um sujeito que dirigia um campo de judeus perto de Chelmno. Expliquei meu problema, perguntei o que podia fazer com os meus judeus. Devo dizer que naquele povoado polonês não havia mais judeus, só crianças bêbadas, mulheres bêbadas e velhos que passavam o dia perseguindo os pálidos raios de sol. O sujeito de Chelmno me disse que ligasse para ele dali a dois dias, que ele também, embora eu não acreditasse, tinha problemas diários para resolver.

Agradei e desliguei. Voltei ao desvio. O oficial e o maquinista do trem me esperavam. Convidei-os para almoçar. Café, salsicha, ovos fritos e pão quente. Comeram como porcos. Eu não. Eu estava com a cabeça em outro lugar. Me disseram que precisavam desocupar o trem, que suas ordens eram regressar para o sul da Europa naquela mesma noite. Encarei-os e disse que assim faria. O oficial disse que podia contar com ele e com a sua escolta para esvaziar os vagões em troca de os funcionários da estação darem uma mão na limpeza. Disse que estava de acordo.

Procedemos. O cheiro que os vagões exalaram ao ser abertos fez até mesmo a mulher encarregada dos banheiros da estação franzir o nariz. Na viagem morreram oito judeus. O oficial mandou formar os sobreviventes. Não tinham bom aspecto. Ordenei que os levassem para um curtiço abandonado. Disse a um dos meus funcionários que fosse à padaria e comprasse todo o pão disponível para reparti-lo entre os judeus. Mande pôr na minha conta, disse, mas vá rápido. Depois fui para o escritório despachar outros assuntos urgentes. Ao meio-dia me avisaram que o trem da Grécia saía do povoado. Da janela da minha sala via aqueles meninos bêbados jogando futebol e por um instante me pareceu que eu também havia bebido demais.

Dediquei o resto da manhã a procurar acomodações menos provisórias para os judeus. Um dos meus secretários sugeriu que os pusesse para trabalhar. Na Alemanha?, indaguei. Aqui, respondeu ele. Não era má ideia. Mande que dessem vassouras a uns cinquenta judeus, divididos em brigadas de dez, e que varressem meu povoado fantasma. Depois voltei aos assuntos principais: de várias fábricas do Reich me pediam, pelo menos, dois mil trabalhadores, do Governo Central também tinha missivas me solicitando mão de obra disponível. Dei vários telefonemas: disse que tinha quinhentos judeus disponíveis, mas eles

queriam poloneses ou prisioneiros de guerra italianos.

Prisioneiros de guerra italianos? Nunca na vida tinha visto um prisioneiro de guerra italiano! E todos os homens poloneses disponíveis eu já havia mandado. Só tinha ficado com o estritamente necessário. De modo que liguei de novo para Chelmno e perguntei outra vez se lhes interessavam os meus judeus gregos.

— Se mandaram para o senhor, por algum motivo deve ser — me respondeu uma voz metálica. — Fique o senhor com eles.

— Mas eu não administro um campo de judeus — falei —, nem tenho a devida experiência.

— O senhor é o responsável por eles — me respondeu a voz —, se tiver alguma dúvida pergunte a quem os mandou.

— Meu caro senhor — respondi —, quem os enviou está, suponho, na Grécia.

— Então pergunte aos Assuntos Gregos, em Berlim — disse a voz.

Sábia resposta. Agradei e desliguei. Por uns segundos fiquei pensando na conveniência ou não de ligar para Berlim. Na rua, de repente, apareceu uma brigada de varredores judeus. Os meninos bêbados pararam de jogar bola e subiram na calçada, de onde os espiaram como se fossem animais. Os judeus, de início, olhavam para o chão e varriam conscienciosamente, vigiados por um policial do povoado, mas depois um deles levantou a cabeça, não passava de um adolescente, e olhou para os meninos e para a bola que permanecia parada debaixo da botina de um daqueles moleques. Por uns segundos pensei que iam começar a jogar. Varredores contra beberrõezinhos. Mas o policial fazia bem seu trabalho e pouco depois a brigada de judeus havia desaparecido e os meninos voltaram a ocupar a rua com seu arremedo de futebol.

Tornei a me afundar em meus papéis. Trabalhei sobre uma carga de batatas que tinha se perdido em algum lugar entre a região que eu controlava e a cidade de Leipzig, que era seu destino final. Ordenei que investigassem o assunto. Nunca confiei nos caminhoneiros. Trabalhei também num caso de beterrabas. Num caso de cenouras. Num caso de sucedâneo do café. Mandei chamar o prefeito. Um dos meus secretários chegou com um papel em que se assegurava que as batatas tinham saído da minha região em transporte ferroviário, não em caminhões. As batatas chegaram à estação em carros puxados por bois ou cavalos ou burros, que há de tudo, mas não em caminhões. Havia uma cópia do conhecimento de carga, mas tinha se perdido. Encontre essa cópia, ordenei. Outro dos meus secretários chegou com a notícia de que o prefeito estava doente, de cama.

— É grave? — perguntei.

— Um resfriado — disse meu secretário.

— Pois que se levante e venha — falei.

Quando fiquei a sós me pus a pensar na minha pobre mulher, prostrada na cama, com as cortinas fechadas, e esse pensamento me deixou tão nervoso que comecei a percorrer minha sala de um lado para o outro, porque se ficasse parado corria o risco de sofrer uma embolia cerebral. Tornei então a ver a brigada de varredores aparecer pela rua razoavelmente limpa e a sensação de que o tempo se repetia me deixou subitamente paralisado.

Mas, graças a Deus, não eram os mesmos varredores, eram outros. O problema era que se pareciam muito. O policial que os vigiava, no entanto, era diferente. O primeiro policial era magro e alto e caminhava bem reto. O segundo policial era gordo, baixote e além do mais tinha uns sessenta anos, mas aparentava dez mais. Os meninos poloneses que jogavam futebol sem dúvida sentiram a mesma coisa que eu e tornaram a subir na calçada a fim de abrir passagem para os judeus. Um dos meninos disse alguma coisa a eles. Supus, colado no vidro da janela, que estava insultando os judeus. Abri a janela e chamei o policial.

— Senhor Mehnert — chamei de cima —, senhor Mehnert.

O policial, a princípio, não sabia quem o chamava e girava a cabeça de um lado para o outro, desorientado, o que provocou a risada dos meninos bêbados.

— Aqui em cima, senhor Mehnert, aqui em cima.

Finalmente me viu e se perfilou. Os judeus pararam de trabalhar e esperaram. Todos os meninos bêbados olhavam para a minha janela.

— Se algum desses molambentozinhos insultar meus trabalhadores, passe fogo, senhor Mehnert — disse bem alto para que todo o mundo ouvisse.

— Não tem nenhum problema, excelência — disse o senhor Mehnert.

— O senhor me ouviu bem? — perguntei aos gritos.

— Perfeitamente, excelência.

— Atire à descrição, à descrição, está claro, senhor Mehnert?

— Claro como água, excelência.

Depois fechei a janela e voltei aos meus afazeres. Não fazia cinco minutos que estudava uma circular do Ministério da Propaganda, quando um dos meus secretários me interrompeu para dizer que o pão havia sido entregue aos judeus, mas que não fora o bastante para todos. Por outro lado, ao supervisionar a entrega, descobriu que dois deles haviam morrido. Dois judeus mortos?, repeti apatetado. Mas se todos os que desceram do trem desceram por conta própria! Meu secretário deu de ombros. Morreram, disse.

— Bom, bom, bom, vivemos tempos estranhos, não acha? — falei.

— Eram dois velhos — disse meu secretário. — Para ser mais exato, um velho e uma velha.

— E o pão? — indaguei.

— Não foi o bastante para todos — disse meu secretário.

— Temos de reparar isso — falei.

— Tentaremos — disse meu secretário —, mas hoje é impossível, vai ter que ser amanhã.

O tom da sua voz me desagradou profundamente. Com um gesto indiquei que se retirasse. Tentei voltar a me concentrar no trabalho, mas não consegui. Fui à janela. Os garotos bêbados tinham ido embora. Decidi sair para dar uma volta, o ar frio acalma os nervos e fortalece a saúde, mas eu bem que teria ido para casa, onde me esperava a lareira acesa e um bom livro para deixar as horas passarem. Antes de sair disse à minha secretária que se houvesse algo urgente podia me localizar no bar da estação. Já na rua, ao virar uma esquina, me encontrei com o prefeito, o senhor Toppelkirsch, que vinha me ver. Vestia um sobretudo, um cachecol que o tapava até o nariz e vários suéteres que engordavam sobremaneira sua

figura. Explicou que não tinha podido vir antes porque estava com quarenta graus de febre.

Não exageremos, disse a ele sem parar de andar. Pergunte ao doutor, disse ele atrás de mim. Ao chegar à estação encontrei vários camponeses que esperavam a chegada de um trem regional procedente do leste, da zona do Governo Central. O trem, me informaram, estava com uma hora de atraso. Tudo eram más notícias. Tomei um café com o senhor Toppelkirsch e estivemos falando dos judeus. Estou a par, disse o senhor Toppelkirsch pegando com ambas as mãos sua xícara de café. Tinha mãos muito brancas e finas, cruzadas de veias.

Por um momento pensei nas mãos de Cristo. Mãos dignas de serem pintadas. Depois perguntei o que podíamos fazer. Devolvê-los, disse o senhor Toppelkirsch. Do seu nariz escorria um fiozinho de água. Indiquei-o com o dedo. Não pareceu me entender. Assoe o nariz, falei. Ah, desculpe, disse ele, e depois de procurar nos bolsos do sobretudo tirou fora um lenço branco, muito grande e não muito limpo.

— Como vamos devolvê-los? — perguntei. — Por acaso tenho um trem à minha disposição? E se tivesse: não deveria ocupá-lo com algo mais produtivo?

O prefeito sofreu uma espécie de espasmo e deu de ombros.

— Bote-os para trabalhar — falou.

— E quem os alimenta? A administração? Não, senhor Toppelkirsch, repassei todas as possibilidades e só há uma viável: delegá-los a outro organismo.

— E se, provisoriamente, emprestássemos a cada camponês da nossa região um par de judeus, não seria uma boa ideia? — disse o senhor Toppelkirsch. — Pelo menos até descobrirmos o que fazer com eles.

Olhei-o nos olhos e baixei a voz:

— Isso vai contra a lei, e o senhor sabe — falei.

— Bem — disse ele —, eu sei, o senhor também sabe, mas nossa situação não é boa e não cairia mal um pouco de ajuda, não creio que os camponeses iriam protestar — falou.

— Não, nem pensar — disse eu.

Mas pensei e esses pensamentos me submergiram num poço muito fundo e escuro onde só via, iluminado por faíscas que vinham sei lá de onde, o rosto ora vivo, ora morto do meu filho.

Despertou-me o tilintar dos dentes do senhor Toppelkirsch. Está se sentindo mal?, perguntei. Ele fez menção de me responder mas não conseguiu e logo em seguida desmaiou. Do bar liguei para o meu escritório e disse que mandassem um carro. Um dos meus secretários me disse que havia conseguido entrar em contato com os Assuntos Gregos, de Berlim, e que eles declinaram toda responsabilidade. Quando o carro apareceu, o dono do bar, um camponês e eu conseguimos juntos colocar nele o senhor Toppelkirsch. Mande o chofer deixá-lo em casa e depois voltar à estação. Enquanto isso joguei uma partida de dados ao pé da lareira. Um camponês que havia emigrado da Estônia ganhou todas as partidas. Tinha os três filhos no front e cada vez que ganhava pronunciava uma frase que me parecia, se não misteriosa, em todo caso muito estranha. A sorte é aliada da morte, dizia. E fazia olhos de carneiro degolado, como se os outros precisassem se compadecer dele.

Creio que era um tipo muito popular no povoado, principalmente entre as polonesas, que não tinham nada a temer de um viúvo com três filhos já crescidos e ausentes, um velho, pelo que sei, bastante vulgar, mas não tão avaro como costumam ser os camponeses, que de vez em quando lhes dava um pouco de comida ou uma roupa em troca de elas passarem uma noite na sua granja. Um donjuán. Um pouco depois, quando acabou a partida, me despedi dos presentes e voltei ao meu escritório.

Tornei a ligar para Chelmno, mas desta vez não obtive comunicação. Um dos meus secretários disse que o funcionário de Assuntos Gregos de Berlim tinha lhe sugerido ligar para o quartel das SS no Governo Central. Um conselho muito obtuso, pois embora nosso povoado e nossa região, aldeias e granjas incluídas, se achassem a poucos quilômetros do governo Central, na realidade administrativamente pertencíamos a um Gau alemão. O que fazer, então? Decidi que por aquele dia já tinha sido o bastante e me concentrei em outros assuntos.

Antes de ir embora para casa me ligaram da estação. O trem ainda não havia chegado. Paciência, disse. Em meu foro interior eu sabia que não ia chegar nunca. A caminho de casa começou a nevar.

No dia seguinte levantei cedo e fui tomar o café da manhã no centro de convivência do povoado. Todas as mesas estavam vazias. Pouco depois, perfeitamente vestidos, penteados e barbeados, se apresentaram dois dos meus secretários com a notícia de que naquela noite outros dois judeus tinham morrido. De quê?, perguntei. Ignoravam. Simplesmente estavam mortos. E desta vez não se tratava de dois velhos mas de uma mulher jovem e seu filho de oito meses, aproximadamente.

Abatido, baixei a cabeça e me contemplei por alguns segundos na superfície escura e mansa do meu café. Talvez tenham morrido de frio, falei. Esta noite nevou. É uma possibilidade, disseram meus secretários. Senti que tudo girava à minha volta.

— Vamos ver esse alojamento — falei.

— Que alojamento? — sobressaltaram-se meus secretários.

— O dos judeus — disse eu já de pé e encaminhando-me para a saída.

Tal como imaginava, o estado do antigo curtume não podia ser pior. Os próprios policiais que estavam de vigia se queixavam. Um dos meus secretários me disse que de noite passavam frio e que os turnos não eram respeitados escrupulosamente. Disse-lhe que acertasse com o chefe de polícia o caso dos turnos e que trouxessem cobertores. Inclusive para os judeus, naturalmente. O secretário sussurrou que ia ser difícil encontrar cobertores para todos. Disse que tentasse, que pelo menos queria ver a metade dos judeus com um cobertor.

— E a outra metade? — perguntou o secretário.

— Se forem solidários, cada judeu dividirá seu cobertor com outro, senão problema deles, mais eu não posso fazer — falei.

Quando voltei ao meu escritório notei que as ruas do povoado estavam mais limpas do que nunca. O resto do dia transcorreu de maneira normal, até que de noite recebi um telefonema de Varsóvia, do Departamento de Assuntos Judaicos, um organismo cuja existência até então desconhecia. Uma voz que tinha um tom marcadamente adolescente me perguntou se era

verdade que eu tinha quinhentos judeus gregos. Disse que sim e acrescentei que não sabia o que fazer com eles, pois ninguém tinha me avisado da sua chegada.

— Parece que houve um erro — disse a voz.

— Parece — disse eu, e fiquei em silêncio.

O silêncio se prolongou por um bom momento.

— Esse trem tinha de ser descarregado em Auschwitz — disse a voz de adolescente —, ou assim creio, não sei muito bem. Espere um momento.

Durante dez minutos mantive o fone grudado na orelha. Nesse intervalo de tempo apareceu minha secretária com uns papéis para eu assinar e um dos meus secretários com um memorando sobre a pobre produção de leite da nossa região e outro secretário, que quis me dizer alguma coisa mas eu o mandei se calar e que escreveu num papel o que tinha a me dizer: batatas roubadas em Leipzig por seus próprios cultivadores. O que me espantou muito, pois essas batatas haviam sido cultivadas em granjas alemãs, por gente que acabava de se estabelecer na região e que procurava manter um comportamento exemplar.

Como?, escrevi no mesmo papel. Não sei, escreveu o secretário abaixo da minha pergunta, provavelmente falsificando folhas de embarque.

Sim, não seria a primeira vez, pensei, mas não os meus camponeses. E mesmo que fossem eles os culpados, o que eu podia fazer? Meter todos na prisão? E quem ia ganhar com isso? Deixar que as terras ficassem abandonadas? Multá-los e empobrecê-los mais do que já estavam? Decidi que não podia fazer isso. Investigue mais, escrevi abaixo da sua mensagem. E depois escrevi: bom trabalho.

O secretário sorriu para mim, ergueu a mão, moveu os lábios como se dissesse *Heil Hitler* e se foi na ponta dos pés. Nesse momento a voz adolescente me perguntou:

— O senhor continua na linha?

— Estou aqui — falei.

— Olhe, tal como está a situação não dispomos de transporte para ir buscar os judeus. Administrativamente pertencem à Alta Silésia. Falei com meus superiores e concordamos em que o melhor e mais conveniente é que o senhor mesmo se desfaça deles.

Não respondi.

— O senhor entendeu? — perguntou a voz em Varsóvia.

— Sim, entendi — falei.

— Nesse caso tudo está esclarecido, não é?

— É, sim — falei. — Mas gostaria de receber essa ordem por escrito — acrescentei. Ouvi uma risada musical do outro lado da linha. Podia ser a risada do meu filho, pensei, uma risada que evocava tardes no campo, rios azuis cheios de trutas, cheiro de flores e de capim arrancado com as mãos.

— Não seja ingênuo — disse a voz sem a menor arrogância —, essas ordens nunca são dadas por escrito.

Naquela noite não pude dormir. Compreendi que o que me pediam era que eliminasse os judeus gregos por minha conta e risco. Na manhã seguinte liguei do meu escritório para o prefeito, o chefe dos bombeiros, o chefe de polícia e o presidente da Associação de Veteranos

de Guerra, e marquei encontro com eles no centro de convivência. O chefe dos bombeiros me disse que não podia ir porque tinha uma égua a ponto de parir, mas eu lhe disse que não se tratava de uma partida de dados e sim de algo muito mais urgente. Quis saber qual era o assunto. Vai saber quando nos virmos, falei.

Quando cheguei ao centro todos estavam lá, ao redor de uma mesa, ouvindo os chistes de um velho garçom. Em cima da mesa havia pão quente recém-saído do forno, manteiga e geleia. Ao me ver, o garçom se calou. Era um homem velho, de baixa estatura e extremamente magro. Sentei-me numa cadeira vaga e disse a ele que me servisse uma xícara de café. Quando assim o fez, pedi que se fosse embora. Depois, em poucas palavras expliquei aos demais a situação em que nos encontrávamos.

O chefe dos bombeiros disse que era preciso chamar imediatamente as autoridades de algum campo de prisioneiros onde aceitassem os judeus. Eu disse que já tinha falado com um tipo de Chelmno, mas ele me interrompeu e disse que devíamos entrar em contato com um campo da Alta Silésia. A discussão se foi por esses meandros. Todos tinham amigos que conheciam alguém que por sua vez era amigo de etcétera. Deixei-os falar, tomei meu café tranquilamente, parti um pão pela metade, untei-o com manteiga e comi. Depois passei geleia na outra metade e comi. O café era bom. Não era como o café de antes da guerra, mas era bom. Quando terminei disse a eles que todas as possibilidades haviam sido consideradas e que a ordem de se desfazer dos judeus gregos era taxativa. O problema é como, falei. Ocorre aos senhores alguma maneira?

Meus comensais olharam um para o outro e ninguém disse uma palavra. Mais para quebrar o silêncio, perguntei ao prefeito como ia seu resfriado. Não creio que eu sobreviva a este inverno, disse ele. Todos nós rimos, pensando que o prefeito fazia piada, mas na realidade ele tinha falado sério. Depois falamos sobre coisas do campo, uns problemas de limites que dois granjeiros tinham por causa de um riachinho que, sem que ninguém pudesse dar uma explicação convincente acerca do fenômeno, de um dia para o outro havia mudado de curso, uns dez metros inexplicáveis e caprichosos, que incidiam nos títulos de propriedade de duas granjas vizinhas cuja fronteira o maldito riachinho assinalava. Também me perguntaram sobre o carregamento de batatas desaparecidas. Esvaziei a importância do assunto. Logo aparecerão, falei.

Na metade da manhã voltei ao meu escritório e os meninos poloneses já estavam bêbados e jogando bola.

Deixei passar mais dois dias sem tomar nenhuma providência. Não morreu nenhum dos meus judeus e um dos meus secretários organizou com eles três brigadas de jardinagem, ademais das cinco brigadas de varredores. Cada brigada era composta por dez judeus e, além de conservar as praças do povoado, se dedicaram a desmatar alguns terrenos à beira da estrada, terrenos que os poloneses nunca haviam cultivado e que nós, por falta de tempo e mão de obra, tampouco. Não fiz muito mais, que me lembre.

Uma enorme sensação de tédio foi se apoderando de mim. De noite, ao chegar em casa, jantava sozinho na cozinha, gelado de frio, com a vista fixa em algum ponto impreciso das paredes brancas. Já nem sequer pensava no meu filho morto em Kursk, nem ligava o rádio

para escutar as notícias ou para ouvir música ligeira. De manhã jogava dados no bar da estação e ouvia, sem compreender inteiramente, as piadas sujas dos camponeses que se reuniam ali para matar o tempo. Passaram-se assim dois dias de inatividade que foram como um sonho e que decidi prolongar por mais outros dois.

O trabalho, porém, se acumulava e uma manhã compreendi que não podia mais continuar me esquivando dos problemas. Chamei meus secretários. Chamei o chefe de polícia. Perguntei de quantos homens armados eu podia dispor para solucionar o problema. Ele me disse que dependia, mas que chegada a hora podia dispor de oito.

— E o que fazemos com eles depois? — perguntou um dos meus secretários.

— Vamos resolver isso agora mesmo — disse eu.

Mande o chefe de polícia ir embora mas que procurasse se manter em contato permanente com meu escritório. Depois, seguido por meus secretários, saí à rua e entramos todos no meu carro. O chofer nos levou aos arredores do povoado. Durante uma hora rodamos por estradas de comarca e antigos caminhos de carroça. Em algumas partes ainda havia um pouco de neve. Parei num par de granjas que me pareceram adequadas e falei com os granjeiros, mas todos inventavam desculpas e faziam objeções.

Fui bom demais com essa gente, eu me dizia mentalmente, já é hora de me mostrar duro. A dureza, no entanto, não combina com o meu caráter. A uns quinze quilômetros do povoado havia um grotão que um dos meus secretários conhecia. Fomos ver. Não era mau. Era um lugar apartado, cheio de pinheiros, de terra escura. A parte baixa do grotão estava coberta por um mato de folhas carnudas. Segundo o meu secretário, na primavera vinha gente caçar coelho ali. O lugar não era distante da estrada. Quando voltamos à cidade eu já havia decidido o que era preciso fazer.

Na manhã seguinte fui procurar pessoalmente o chefe de polícia em sua casa. Na calçada, em frente ao meu escritório, se concentraram oito policiais, aos quais se somaram quatro dos meus homens (um dos meus secretários, meu chofer e dois funcionários administrativos) e dois granjeiros voluntários que estavam ali simplesmente porque desejavam participar. Disse a eles que agissem com eficiência e que voltassem ao meu escritório para me informar do sucedido. O sol ainda não havia saído quando se foram.

Às cinco da tarde voltaram o chefe de polícia e meu secretário. Pareciam cansados. Disseram que tudo havia saído conforme o planejado. Foram ao antigo curtume e saíram do povoado com duas brigadas de varredores. Caminharam quinze quilômetros. Saíram da estrada e se dirigiram a passos lentos para o grotão. E ali aconteceu o que tinha de acontecer. Houve caos? Reinou o caos? Imperou o caos?, perguntei. Um pouco, responderam ambos com um ar desgostoso, e preferi não aprofundar o assunto.

Na manhã seguinte se repetiu a mesma operação, só que com algumas mudanças: em vez de dois voluntários contamos com cinco, e três policiais foram substituídos por outros três que não haviam participado das tarefas do dia anterior. Entre meus homens também houve mudanças: enviei o outro secretário e não mandei nenhum funcionário administrativo, mas o chofer continuou na comitiva.

No meio da tarde desapareceram outras duas brigadas de varredores e de noite mandei o

secretário que não havia estado no grotão e o chefe dos bombeiros organizarem quatro novas brigadas de varredores entre os judeus gregos. Antes de anoitecer fui dar uma volta pelo grotão. Tivemos um acidente ou um quase acidente e saímos da estrada. Meu chofer, notei rápido, estava mais nervoso que de costume. Perguntei o que acontecia. Pode me falar com franqueza, disse-lhe.

— Não sei, excelência — respondeu. — Eu me sinto estranho, deve ser por falta de sono.

— Não tem dormido? — perguntei.

— Está difícil, excelência, está difícil, Deus sabe que tento, mas está difícil.

Garanti que não tinha nada com que se preocupar. Depois pôs o carro de volta na estrada e seguimos viagem. Quando chegamos peguei uma lanterna e me embrenhei por aquele caminho fantasmal. Os animais pareciam ter se retirado de repente da área que circundava o grotão. Pensei que a partir daquele momento ali era o reino dos insetos. Meu chofer, um pouco relutante, vinha atrás de mim. Ouvi-o assobiar e disse que se calasse. O grotão à primeira vista estava igual ao que vi pela primeira vez.

— E o buraco? — perguntei.

— Para lá — respondeu o chofer indicando com um dedo um dos extremos do terreno.

Não quis realizar uma inspeção mais minuciosa e voltei para casa. No dia seguinte, meu pelotão de voluntários, com as variantes de rigor que eu, por questão de higiene mental, havia imposto, voltou ao trabalho. No final da semana haviam desaparecido oito brigadas de varredores, o que fazia um total de oitenta judeus gregos, mas depois do descanso dominical surgiu um novo problema. Os homens começaram a sentir a dureza do trabalho. Os voluntários das granjas, que a certa altura alcançaram a cifra de seis homens, se reduziram a um. Os policiais do povoado alegaram problemas nervosos e quando tratei de falar com eles me dei conta de que efetivamente o estado de seus nervos já não dava para muito mais. O pessoal do meu escritório se mostrou relutante a continuar fazendo parte das operações ou ficaram subitamente doentes. Minha própria saúde, descobri uma manhã ao me barbear, estava por um fio.

Pedi a eles, não obstante, um derradeiro esforço, e naquela manhã, com notável atraso levaram outras duas brigadas de varredores rumo ao grotão. Enquanto os esperava foi impossível trabalhar. Tentei, mas não pude. Às seis da tarde, quando já estava escuro, voltaram. Ouvi-os cantar pelas ruas, ouvi-os se despedirem, compreendi que a maioria estava bêbada. Não os culpei.

O chefe de polícia, um dos meus secretários e meu chofer subiram ao escritório onde eu os aguardava envolto nos mais negros presságios. Me lembro que se sentaram (o chofer permaneceu de pé, junto à porta) e que não foi necessário que me dissessem nada para que eu compreendesse quanto e em que medida os consumia a tarefa encomendada. Vamos ter que fazer alguma coisa, falei.

Naquela noite não dormi em casa. Dei um passeio pelo povoado, em silêncio, enquanto meu chofer dirigia fumando um cigarro que eu próprio lhe havia oferecido. Em algum momento adormeci no banco de trás do meu carro, enrolado numa manta, e sonhei que meu filho gritava em frente, em frente!, sempre em frente!

Acordei entorpecido. Eram três da manhã quando me apresentei na casa do prefeito. A princípio ninguém abriu e quase pus a porta abaixo a pontapés. Depois ouvi uns passinhos hesitantes. Era o prefeito. Quem é?, perguntou com uma voz que eu tomei como a de uma doninha. Naquela noite conversamos até amanhecer. Na segunda-feira seguinte, em vez de sair com as brigadas de varredores para fora do povoado, os policiais esperaram o aparecimento dos meninos futebolistas. Ao todo, me trouxeram quinze meninos.

Mandeí introduzi-los no auditório da prefeitura e para lá me dirigi acompanhado de meus secretários e do meu chofer. Quando os vi, tão sumamente pálidos, tão sumamente magros, tão sumamente necessitados de futebol e de álcool, senti piedade deles. Mais do que meninos, pareciam, ali, imóveis, esqueletos de meninos, esboços abandonados, vontade e ossos.

Disse que haveria vinho para todos eles e também pão e salsichas. Não reagiram. Repeti o vinho e a comida e acrescentei que provavelmente também haveria algo para levarem às suas famílias. Interpretei o silêncio deles como uma resposta afirmativa e os enviei ao grotão a bordo de um caminhão, acompanhados por cinco policiais e um carregamento de dez fuzis e uma metralhadora que, segundo me informaram, engasgava sem mais nem menos. Depois ordenei que o resto da polícia, acompanhada por quatro camponeses armados, que obriguei a participar sob pena de denunciar seus roubos contínuos contra o Estado, levasse para o grotão três brigadas completas de varredores. Também dei ordens para que naquele dia não saísse do antigo curtume nenhum judeu, sob nenhum pretexto.

Às duas da tarde os policiais que haviam levado os judeus ao grotão regressaram. Comeram todos no bar da estação e às três iam outra vez a caminho do grotão escoltando outros trinta judeus. Às dez da noite voltaram todos, os escoltadores, os meninos bêbados e os policiais que por sua vez haviam escoltado e instruído os meninos no manejo das armas.

Tudo tinha corrido bem, me contou um dos meus secretários, os meninos trabalhavam por empreitada, os que queriam olhar olhavam e os que não queriam olhar se afastavam e voltavam quando tudo havia terminado. No dia seguinte, fiz correr entre os judeus o boato de que todos estavam sendo transferidos, em pequenos grupos devido à nossa falta de meios, para um campo de trabalho habilitado para a sua estada. Depois falei com um grupo de mães polonesas, a quem me custou muito tranquilizar, e supervisionei do meu escritório dois novos envios de judeus rumo ao grotão, cada grupo composto por vinte pessoas.

Mas os problemas surgiram quando voltou a nevar. Segundo um dos meus secretários era impossível cavar novas valas no grotão. Disse a ele que isso me parecia impossível. No fim, o *quid* da questão estava na maneira como haviam sido cavadas as valas, horizontais e não verticais, ao longo do grotão e não em profundidade. Organizei um grupo e decidi remediar o assunto naquele mesmo dia. A neve havia apagado o mais ínfimo vestígio dos judeus. Começamos a cavar. Poucos instantes depois, ouvi um velho granjeiro chamado Barz gritar que havia algo ali. Fui ter com ele. Sim, ali havia algo.

— Continuo cavando? — perguntou Barz.

— Não seja burro — respondi —, torne a tapar tudo, deixe como estava.

Cada vez que alguém encontrava algo eu lhe repetia a mesma coisa. Pare. Tape. Vá cavar

em outro lugar. Lembre-se de que não se trata de encontrar mas de *não* encontrar. Mas todos os meus homens, um atrás do outro, iam encontrando algo e efetivamente, tal como meu secretário tinha dito, parecia que no fundo do grotão já não havia lugar para mais nada.

Mas no fim minha tenacidade acabou alcançando a vitória. Encontramos um lugar *vazio* e pus todos os meus homens a trabalhar nele. Disse que cavassem fundo, sempre para baixo, mais baixo ainda, como se quiséssemos chegar no inferno, e também cuidei que a vala fosse larga como uma piscina. De noite, iluminados por lanternas, pudemos dar por terminado o trabalho e fomos embora. No dia seguinte, devido ao mau tempo, só pudemos levar para o grotão vinte judeus. Os meninos se embriagaram como nunca. Alguns não conseguiam ficar de pé, outros vomitaram durante a viagem de volta. O caminhão que os trazia deixou-os na praça principal do povoado, não longe do meu escritório, e muitos ficaram ali, debaixo da marquise do coreto, abraçados uns contra os outros enquanto a neve não parava de cair e eles sonhavam com partidas étlicas de futebol.

Na manhã seguinte, cinco dos meninos apresentavam um quadro típico de pneumonia e o resto, uns mais, uns menos, se achava num estado lamentável que os impedia de ir trabalhar. Quando mandei que o chefe de polícia substituísse os meninos por homens nossos, de início ele se mostrou relutante, mas acabou obedecendo. Naquela tarde se desfez de oito judeus. Me pareceu um número insignificante e assim lhe fiz saber. Foram oito, me respondeu, mas pareciam ser oitocentos. Olhei-o nos olhos e compreendi.

Disse que íamos esperar que os meninos poloneses se recuperassem. A má sorte nos perseguia, porém, não parecia disposta a nos deixar, por mais esforços que fizéssemos para conjurá-la. Dois meninos poloneses morreram de pneumonia, debatendo-se numa febre que, segundo o médico do povoado, estava povoada de partidas de futebol sob a neve e por buracos brancos onde desapareciam as bolas e os jogadores. Em sinal de luto enviei para as mães deles um pouco de toucinho defumado e uma cesta com batatas e cenouras. Depois esperei. Deixei a neve cair. Deixei meu corpo gelar. Uma manhã fui ao grotão. Ali a neve era macia, excessivamente macia até. Por uns segundos pareceu que eu caminhava num grande prato de nata. Quando cheguei à beira e olhei para baixo me dei conta de que a natureza havia feito seu trabalho. Magnífico. Não vi rastros de nada, só neve. Depois, quando o tempo melhorou, a brigada dos meninos bêbados voltou a trabalhar.

Falei com eles. Disse que estavam trabalhando bem e que suas famílias agora tinham mais comida, mais possibilidades. Eles olharam para mim e não disseram nada. Em suas expressões, no entanto, percebia-se a letargia e o desânimo que tudo aquilo produzia neles. Bem sei que prefeririam estar na rua bebendo e jogando futebol. Por outro lado, no bar da estação só se falava da proximidade dos russos. Alguns diziam que Varsóvia ia cair a qualquer momento. Sussurravam. Mas eu ouvia os sussurros e também, por minha vez, sussurrava. Maus presságios.

Uma tarde me disseram que os meninos bêbados tinham bebido tanto que caíram um atrás do outro na neve. Zanguei com eles. Pareceram não entender minhas palavras. Tanto fazia. Um dia perguntei quantos judeus gregos nos restavam. Ao fim de meia hora um dos meus secretários me entregou um papel com um quadro em que se detalhava tudo, os

quinhentos judeus chegados no trem do sul, os que morreram durante a viagem, os que morreram durante sua estada no antigo curtume, aqueles de que nós nos encarregamos, aqueles de que se encarregaram os meninos bêbados etcétera. Ainda me sobravam mais de cem judeus e todos estávamos exaustos, meus policiais, meus voluntários e os meninos poloneses.

Que fazer? O trabalho era demais para nós. O homem, disse comigo mesmo contemplando o horizonte metade rosa, metade cloaca da janela do meu escritório, não suporta muito tempo certos afazeres. Eu, pelo menos, não suportava. Tentava, mas não conseguia. E meus policiais tampouco. Quinze, vá lá. Trinta, também. Mas quando você chega aos cinquenta o estômago se revolve, a cabeça se revira e começam as insônias e pesadelos.

Suspendi os trabalhos. Os meninos voltaram a jogar futebol na rua. Os policiais voltaram a suas ocupações. Os camponeses voltaram para suas granjas. Ninguém de fora se interessava pelos judeus, de modo que botei-os para trabalhar nas brigadas de varredores e deixei que uns tantos, não mais de vinte, fizessem trabalhos no campo, responsabilizando os granjeiros por sua segurança.

Uma noite me tiraram da cama e me disseram que havia um telefonema urgente. Era um funcionário da Alta Galícia, com quem eu nunca havia falado antes. Me disse para preparar a evacuação dos alemães da minha região.

— Não há trens — falei —, como posso evacuar todos?

— Problema seu — disse o funcionário.

Antes que ele desligasse disse que tinha um grupo de judeus em meu poder, o que faço com eles? Não me respondeu. As linhas tinham sido cortadas ou ele precisava ligar para outros como eu ou o caso dos judeus não lhe interessava. Eram quatro da manhã. Não pude voltar para a cama, disse à minha mulher que íamos embora, depois mandei chamar o prefeito e o chefe de polícia. Quando cheguei ao meu escritório encontrei os dois com cara de quem dormiu pouco e mal. Ambos tinham medo.

Tranquilei-os, disse que se agíssemos com rapidez ninguém correria perigo. Pusemos nossa gente para trabalhar. Antes de raiar o dia os primeiros evacuados já haviam empreendido o caminho para oeste. Fiquei até o fim. Passei mais um dia e uma noite na aldeia. Ao longe se ouvia o barulho dos canhões. Fui ver os judeus, o chefe de polícia é testemunha, e disse a eles para irem embora. Depois levei os dois polícias que montavam guarda e deixei os judeus abandonados à sua sorte no antigo curtume. Suponho que isso é a liberdade.

Meu chofer me disse que tinha visto alguns soldados da Wehrmacht passarem sem parar. Subi à minha sala sem saber muito bem o que procurava ali. Na noite anterior havia dormido no sofá umas poucas horas e já havia queimado tudo o que se tinha para queimar. As ruas do povoado estavam vazias, mas detrás de algumas janelas se adivinhavam as cabeças das polonesas. Depois desci, entrei no carro e partimos, disse Sammer a Reiter.

Fui um administrador justo. Fiz coisas boas, guiado por meu caráter, e coisas ruins, obrigado pelo acaso da guerra. Agora, no entanto, os meninos poloneses bêbados abrem a boca e dizem que eu arruinei a infância deles, disse Sammer a Reiter. Eu? Eu arruinei a infância deles? O álcool é que arruinou! O futebol é que arruinou! Aquelas mães vadias e sem critério é que arruinaram! E não eu.

— Outro em meu lugar — disse Sammer a Reiter — teria matado com as próprias mãos todos os judeus. Eu não fiz isso. Não é do meu caráter.

Um dos homens com que Sammer costumava dar longas caminhadas pelo campo de prisioneiros era o chefe de polícia. O outro era o chefe dos bombeiros. O prefeito, Sammer contou a Reiter certa noite, morrera de pneumonia pouco depois de terminada a guerra. O chofer havia desaparecido numa encruzilhada, depois que o carro deixou definitivamente de funcionar.

Às vezes, de tarde, Reiter espiava Sammer de longe e se dava conta de que este por sua vez também o observava, um olhar de relance em que se transluziam o desespero, os nervos, e também o medo e a desconfiança.

— Fazemos coisas, dizemos coisas, de que depois nos arrependemos com toda a alma — Sammer lhe disse um dia, quando faziam fila para o café da manhã.

E outro dia lhe disse:

— Quando os policiais americanos voltarem e me interrogarem, tenho certeza de que me prenderão e serei submetido ao escárnio público.

Quando Sammer falava com Reiter, o chefe de polícia e o chefe dos bombeiros ficavam apartados, a alguns metros deles, como se não quisessem se imiscuir nas angústias do ex-chefe. Uma manhã encontraram o cadáver de Sammer a meio caminho entre a barraca de campanha e as latrinas. Alguém o havia estrangulado. Os americanos interrogaram uns dez prisioneiros, entre eles Reiter, que disse não ter ouvido nada fora de comum naquela noite, depois levaram o corpo e o enterraram na vala comum do cemitério de Ansbach.

Quando Reiter pôde sair do campo de prisioneiros foi para Colônia. Lá, viveu nuns alojamentos perto da estação, depois num porão que dividia com um veterano de uma divisão blindada, um tipo silencioso que tinha a metade do rosto queimada e que podia passar dias inteiros sem comer nada, e outro tipo que dizia ter trabalhado num jornal e que, ao contrário de seu companheiro, era amável e loquaz.

O tanquista veterano devia ter uns trinta ou trinta e cinco anos, o ex-jornalista rondava os sessenta, mas ambos, às vezes, pareciam crianças. Durante a guerra, o jornalista havia escrito uma série de artigos em que descrevia a vida heroica em algumas divisões panzer tanto no leste como no oeste, cujos recortes conservava e que o taciturno tanquista já tivera a oportunidade de ler com aprovação. Às vezes abria a boca e lhe dizia:

— Otto, você captou a essência do que é a vida de um tanquista.

O jornalista, fazendo um gesto de modéstia, respondia:

— Gustav, meu maior prêmio é que seja precisamente você, um tanquista veterano, quem me garante que não me equivoquei totalmente.

— Não se equivocou em nada, Otto — replicava o tanquista.

— Agradeço as suas palavras, Gustav — dizia o jornalista.

Os dois trabalhavam ocasionalmente em serviços de remoção de entulho para a prefeitura ou vendendo o que às vezes encontravam debaixo dos escombros. Quando fazia bom tempo iam para o campo e Reiter ficava por uma ou duas semanas com o porão só para si. Nos primeiros dias em Colônia ele se dedicou a arranjar uma passagem de trem para voltar à sua aldeia. Depois encontrou trabalho de porteiro num bar que atendia a uma clientela de soldados americanos e ingleses que davam boas gorjetas e para os quais de vez em quando realizava uns trabalhinhos extras, como procurar um apartamento em determinado bairro ou lhes apresentar mulheres ou pô-los em contato com gente que se dedicava ao mercado negro. De modo que ficou em Colônia.

Durante o dia escrevia e lia. Escrever era fácil, pois só necessitava de um caderno e de um lápis. Ler era um pouco mais difícil, pois as bibliotecas públicas ainda estavam fechadas e as poucas livrarias (a maioria ambulantes) que se podiam encontrar estavam com os preços dos livros nas nuvens. Mesmo assim, Reiter lia e não era só ele que lia: às vezes erguia o olhar de seu livro e toda a gente ao seu redor também estava lendo. Como se os alemães só se preocupassem com a leitura e a comida, o que era falso, mas às vezes, sobretudo em Colônia, parecia verdade.

Já o interesse pelo sexo, notava Reiter, havia decaído notavelmente, como se a guerra houvesse acabado com as reservas de testosterona nos homens, de ferormônios, de desejo, e ninguém mais quisesse fazer amor. Só quem fodia, a juízo de Reiter, eram as putas, pois esse era o seu ofício, e algumas mulheres que saíam com as forças de ocupação, mas até nestas últimas o desejo na realidade encobria outra coisa: um teatro de inocência, um matadouro congelado, uma rua solitária e um cinema. As mulheres que ele via pareciam meninas recém-despertadas de um pesadelo horrível.

Uma noite, enquanto vigiava a porta do bar na Spenglerstrasse, uma voz feminina que surgiu na escuridão pronunciou seu nome. Reiter olhou, não viu ninguém e pensou que se tratava de uma das putas, que davam mostras de um humor estranho, por vezes incompreensível. Quando tornaram a chamar, no entanto, reconheceu que aquela voz não pertencia a nenhuma das mulheres que frequentavam o bar e perguntou à voz o que queria.

— Só queria te dizer alô — disse a voz.

Depois viu uma sombra e em duas passadas se plantou na calçada em frente e conseguiu agarrá-la pelo braço e arrastá-la para a luz. A moça que o havia chamado pelo nome era muito jovem. Quando perguntou o que queria dele, a moça respondeu que era sua namorada e que era francamente triste o fato dele não a reconhecer.

— Devo estar muito feia — disse —, mas se você ainda fosse um soldado alemão, você

procuraria dissimular isso.

Reiter mirou-a com atenção e por mais esforços que fizesse não conseguia se lembrar dela.

— A guerra tem muito a ver com a amnésia — disse a moça.

Depois falou:

— Amnésia é quando alguém perde a memória e não se lembra de nada, nem do próprio nome nem do nome da namorada.

E acrescentou:

— Também existe uma amnésia seletiva, que é quando alguém se lembra de tudo ou acredita que se lembra de tudo e só esqueceu uma coisa, a única coisa importante em sua vida.

Conheço esta moça, pensou Reiter ao ouvi-la falar, mas foi impossível recordar onde e em que circunstâncias a conhecera. De modo que decidiu proceder com calma e perguntou a ela se queria tomar alguma coisa. A moça olhou para a porta do bar e após refletir um instante aceitou. Tomaram um chá sentados numa mesa próxima do corredor de entrada. A mulher que os serviu perguntou a Reiter quem era aquela menina.

— Minha namorada — respondeu Reiter.

A desconhecida sorriu para a mulher e mexeu a cabeça afirmativamente.

— É uma moça muito simpática — disse a mulher.

— E muito trabalhadora, além do mais — disse a desconhecida.

A mulher fez um gesto com a boca, torcendo as comissuras dos lábios para baixo, como se dissesse: uma garota com iniciativa. Depois disse: é o que veremos, e se afastou. Pouco depois, Reiter levantou a gola do casaco de couro preto e voltou à porta, pois começava a chegar gente, e a desconhecida permaneceu sentada na mesa, lendo de quando em quando as páginas de um livro e olhando a maior parte das vezes para as mulheres e os homens que iam enchendo o bar. Pouco depois, a mulher que havia servido a xícara de chá a pegou pelo braço com a desculpa de que necessitava da mesa para os clientes e levou-a para a rua. A desconhecida se despediu amavelmente da mulher, mas esta não lhe respondeu. Reiter falava com dois soldados americanos e a moça preferiu não se aproximar. Em vez disso atravessou a rua, se acomodou no saguão da casa em frente e dali ficou observando por um tempo o movimento constante na porta do bar.

Enquanto trabalhava, com o canto dos olhos Reiter espiava o saguão da casa em frente e às vezes acreditava enxergar um par de olhos de gato, brilhantes, que o observavam da escuridão. Quando o trabalho amainou penetrou no saguão e quis chamá-la, mas se deu conta de que não sabia seu nome. Com ajuda de um fósforo encontrou-a dormindo num canto. De joelhos, enquanto o fósforo se consumia entre seus dedos, ficou uns segundos observando seu rosto adormecido. Então se lembrou.

Quando ela acordou Reiter ainda estava a seu lado, mas o saguão tinha se transformado numa peça com ligeiro ar feminino, com fotos de artistas grudadas nas paredes e uma coleção de bonecas e ursos de pelúcia em cima de uma cômoda. No chão, pelo contrário, se

empilhavam caixas de uísque e garrafas de vinho. Uma colcha verde a cobria até o pescoço. Alguém a tinha descalçado. Sentiu-se tão bem que voltou a fechar os olhos. Mas então ouviu a voz de Reiter que lhe dizia: você é a garota que morava no apartamento que fora de Hugo Halder. Sem abrir os olhos, ela assentiu.

— Não me lembro do seu nome — disse Reiter.

Pôs-se de lado, dando-lhe as costas, e disse:

— Sua memória é lamentável, eu me chamo Ingeborg Bauer.

— Ingeborg Bauer — repetiu Reiter, como se naquelas duas palavras se resumisse seu destino.

Depois dormiu de novo e quando acordou estava sozinha.

Naquela manhã, enquanto passeava com Reiter pela cidade destruída, Ingeborg Bauer disse que vivia, com uns desconhecidos, num edifício perto da estação de trem. Seu pai havia morrido num bombardeio. Sua mãe e suas irmãs fugiram de Berlim antes da cidade ser sitiada pelos russos. Primeiro estiveram no campo, em casa de um irmão da sua mãe, mas no campo, ao contrário do que elas acreditavam, não havia o que comer e as meninas costumavam ser violentadas pelos tios e primos. Segundo Ingeborg Bauer, os bosques estavam cheios de valas onde os moradores enterravam os que vinham da cidade, depois de roubá-los, estuprá-los e matá-los.

— Violentaram você também? — perguntou Reiter.

Não, ela não, mas uma das suas irmãs menores foi estuprada por um dos primos, um garoto de treze anos que queria entrar para as Juventudes Hitleristas e morrer como herói. De modo que sua mãe decidiu continuar fugindo e foram para uma cidade pequena de Westerwald, em Hesse, de onde sua mãe era originária. Lá a vida era chata e ao mesmo tempo muito estranha, disse Ingeborg Bauer a Reiter, pois os habitantes da cidade viviam como se não houvesse guerra, apesar de muitos homens terem ido para o front com o exército e a própria cidade ter sofrido três bombardeios aéreos, nenhum deles devastador, mas bombardeios mesmo assim. Sua mãe foi trabalhar numa cervejaria e as filhas realizaram trabalhos esporádicos, ajudando em escritórios ou cobrindo faltas numa fabriqueta ou trabalhando de moças de recado, e de vez em quando até tinham tempo, as menores, de ir à escola.

Apesar do vai e vem constante, a vida era chata, e quando a paz chegou Ingeborg não aguentou mais e uma manhã, quando sua mãe e suas irmãs estavam fora, foi para Colônia.

— Eu tinha certeza — disse a Reiter — que ia te encontrar aqui ou encontrar alguém muito parecido com você.

E isso era tudo o que havia acontecido, em linhas gerais, desde que eles se beijaram no parque, quando Reiter procurava Hugo Halder e ela, em troca, lhe contou a história dos astecas. Claro, Reiter não demorou a se dar conta de que Ingeborg tinha ficado louca, se é que já não estava quando a conheceu, e também se deu conta de que estava doente ou talvez fosse só fome o que ela tinha.

Levou-a para morar com ele no porão, mas como Ingeborg tossia muito e não parecia estar bem dos pulmões, procurou uma nova moradia. Encontrou-a na água-furtada de um edifício semidesabado. Não havia elevador e alguns lances da escada eram inseguros, com degraus que cediam gradativamente ao peso dos usuários, quando não com buracos que se abriam para o vazio, um vazio feito de materiais de construção onde ainda dava para ver ou adivinhar os fragmentos das bombas. Mas eles não tiveram problemas em morar ali: Ingeborg mal pesava quarenta e nove quilos, e Reiter, apesar de muito alto, era magro e ossudo e os degraus suportaram perfeitamente bem seu peso. Não sucedeu o mesmo com outros inquilinos. Um brandenburguês pequeno e simpático que trabalhava para as tropas de ocupação caiu no buraco entre o segundo e o terceiro andar e quebrou a cabeça. Cada vez que ele via Ingeborg a cumprimentava com interesse e afeto e indefectivelmente lhe dava todas as vezes a flor que levava na lapela.

De noite, antes de ir trabalhar, Reiter certificava-se de que não faltava nada a Ingeborg para que ela não precisasse descer à rua iluminando a escada tão só com uma vela, mas no fundo Reiter sabia que faltavam a Ingeborg (e a ele também) tantas coisas que fazia que suas precauções se tornassem, no instante mesmo em que as tomava, completamente inúteis. A princípio a relação entre os dois excluiu o sexo. Ingeborg estava muito débil e a única coisa que tinha vontade de fazer era falar e, quando estava só e as velas não escasseavam, ler. Reiter, às vezes, costumava trepar com as moças que trabalhavam no bar. Não eram sessões excessivamente apaixonadas, muito pelo contrário. Faziam amor como se falassem de futebol, às vezes até sem parar de fumar ou sem parar de mascar chiclete americano, que começava a estar na moda e era bom para os nervos, o chiclete e trepar dessa maneira, impessoalmente, apesar do ato estar longe de ser impessoal, sendo antes objetivo, como se alcançada a nudez do matadouro o resto fosse de uma teatralidade inaceitável.

Antes de trabalhar no bar, Reiter tinha transado com outras moças, na estação de Colônia ou em Solingen ou em Remscheid ou em Wuppertal, operárias e camponesas que gostavam que os homens (desde que tivessem um aspecto saudável) gozassem em suas bocas. Algumas tardes Ingeborg pedia que Reiter lhe contasse essas aventuras, assim as chamava, e Reiter, acendendo um cigarro, contava.

— Essas moças de Solingen acreditavam que o sêmen contém vitaminas — dizia Ingeborg —, tal como as moças que você comeu na estação de Colônia. Entendo-as perfeitamente — dizia Ingeborg —, eu também andei vagando durante um tempo pela estação de Colônia e falei com elas e me comportei como elas.

— Você também chupou a pica de desconhecidos acreditando que o sêmen ia te alimentar? — perguntou Reiter.

— Eu também — disse Ingeborg. — Desde que tivessem um aspecto saudável, desde que não dessem a impressão de estar roídos pelo câncer ou pela sífilis — disse Ingeborg. — As camponesas que vagavam pela estação, as operárias, as loucas que tinham se perdido ou fugido de casa, todas nós acreditávamos que o sêmen era um alimento precioso, um extrato de todo tipo de vitaminas, o melhor método para não pegar gripe — disse Ingeborg. — Algumas noites, antes de dormir, encolhida num canto da estação de Colônia, eu pensava na

primeira camponesa que teve essa ideia, uma ideia absurda, se bem que certos médicos renomados dizem que a anemia pode ser curada tomando sêmen diariamente — disse Ingeborg. — Mas eu pensava na moça camponesa, na moça desesperada que chegou por dedução empírica a essa mesma ideia. Eu a imaginava deslumbrada na cidade silenciosa contemplando as ruínas de tudo e dizendo para si mesma que aquela era a imagem que ela sempre tivera da cidade. Eu a imaginava laboriosa, com um sorriso no rosto, ajudando a todos que lhe pedissem, e curiosa, também, percorrendo as ruas e as praças e reconstruindo o perfil da cidade em que sempre, no fundo, tinha querido viver. Também, durante aquelas noites, eu a imaginava morta, de qualquer doença, uma doença que não lhe causasse uma agonia excessivamente lenta nem excessivamente rápida. Uma agonia razoável, o tempo suficiente para deixar de chupar picas e envolver-se em sua própria crisálida, em suas próprias dores.

— E por que você acha que essa ideia ocorreu a uma moça e não a muitas ao mesmo tempo? — perguntou Reiter. — Por que você acha que essa ideia ocorreu a uma moça, a uma camponesa, precisamente, e não a um espertinho que desse modo conseguiu uma chupada grátis?

Uma manhã, Reiter e Ingeborg fizeram amor. A moça estava febril e suas pernas, debaixo da camisola, pareceram a Reiter as pernas mais bonitas que ele tinha visto na vida. Ingeborg acabava de fazer vinte anos e Reiter tinha vinte e seis. A partir de então começaram a trepar diariamente. Reiter gostava de fazê-lo junto da janela, com Ingeborg sentada em cima dele, e de fazerem amor olhando-se nos olhos ou olhando para as ruínas de Colônia. Ingeborg gostava de fazer amor na cama, onde chorava e se mexia e gozava seis ou sete vezes, com as pernas em cima dos ombros ossudos de Reiter, a quem chamava de amor, meu amante, meu homem, doçura minha, palavras que faziam Reiter corar, pois essas expressões lhe pareciam meio cafonas e naquela época ele havia declarado guerra à cafonice e ao sentimentalismo e às melosidades e ao afetado e ao carregado e ao artificioso e ao bobinho, mas não dizia nada, já que o desconsolo que adivinhava nos olhos de Ingeborg, e que o prazer não conseguia apagar totalmente, o imobilizava como se ele, Reiter, fosse um rato e acabasse de cair numa ratoeira.

Claro, costumavam rir, mas nem sempre da mesma coisa. Reiter, por exemplo achava muita graça na história do vizinho brandenbarguês caindo pelo buraco da escada. Ingeborg dizia que o brandenbarguês era uma boa pessoa, sempre com uma palavra amável nos lábios, e além do mais não podia esquecer as flores que ele lhe dava. Reiter avisava então que não se devia confiar nas boas pessoas. A maioria delas, dizia, são criminosos de guerra que mereciam ser enforcados em via pública, imagem que causava calafrios em Ingeborg. Como podia uma pessoa que todos os dias conseguia uma flor para pôr na lapela ser um criminoso de guerra?

O que suscitava a hilaridade de Ingeborg, pelo contrário, eram coisas ou situações de aparência mais abstrata. Às vezes Ingeborg ria dos desenhos que a umidade traçava nas

paredes da água-furtada. Sobre o gesso ou o reboco, via compridas fileiras de caminhões saírem de uma espécie de túnel, que ela chamava, sem nenhum motivo, de túnel do tempo. Outras vezes ria das baratas que de vez em quando entravam na casa. Ou dos passarinhos que observavam Colônia pousados nos tetos artesoados e enegrecidos dos edifícios mais altos. Às vezes ria até de sua própria doença, uma doença sem nome (isso a fazia rir muito), que os dois médicos a que tinha ido, um deles frequentador do bar onde Reiter trabalhava e o outro um velho de cabelos brancos, barba branca e voz enérgica e teatral, cujas consultas Reiter pagava com garrafas de uísque, uma por consulta, e que provavelmente, de acordo com Reiter, era criminoso de guerra, diagnosticaram de forma vaga, a meio caminho entre uma doença nervosa e uma doença pulmonar.

Quanto ao mais, passavam muitas horas juntos, às vezes falando dos temas mais insólitos, às vezes Reiter sentado à mesa escrevendo num caderno de capa cor de bambu seu primeiro romance e Ingeborg estirada na cama, lendo. A limpeza da casa era Reiter que costumava fazer, assim como as compras, e Ingeborg cozinhava, coisa em que se saía extremamente bem. As conversas à mesa eram estranhas e às vezes se transformavam em longos monólogos ou em solilóquios ou em confissões.

Falavam de livros, de poesia (Ingeborg perguntava a Reiter por que não escrevia poesia e Reiter respondia que toda poesia, em qualquer uma das suas múltiplas disciplinas, estava contida ou podia estar contida num romance), de sexo (tinham feito amor de todas as maneiras possíveis, ou assim acreditavam, e teorizavam sobre novas maneiras mas só achavam a morte) e da morte. Quando a velha dama fazia sua aparição, geralmente já tinham acabado de comer e a conversa esmorecia, enquanto Reiter, com ares de grão-senhor prussiano, havia acendido um cigarro e Ingeborg descascava, com uma faquinha de lâmina curta e cabo de madeira, uma maçã.

Também: o diapasão das suas vozes baixava então até se transformar num murmúrio. Em certa ocasião Ingeborg perguntou se ele havia matado alguém. Depois de pensar um momento, Reiter respondeu afirmativamente. Por uns segundos, que se prolongaram mais que o devido, Ingeborg olhou fixamente para ele: os lábios descarnados, a fumaça que subia pela saliência de seus pômulos, os olhos azuis, o cabelo louro e não muito limpo e talvez necessitando de um corte, as orelhas de adolescente camponês, o nariz que, em contraposição às orelhas, era proeminente e nobre, a testa de Reiter pela qual parecia mover-se uma aranha. Uns segundos antes ela teria podido crer que Reiter havia matado alguém, qualquer um, durante a guerra, mas depois de fitá-lo teve certeza de que ele se referia a outra coisa. Perguntou quem ele tinha matado.

— Um alemão — respondeu Reiter.

Na mente fantasiosa e sempre pronta ao desvario de Ingeborg a vítima não podia ser outra que aquele Hugo Halder, o antigo inquilino da sua casa berlinense. Quando perguntou se fora ele, Reiter riu. Não, não, Hugo Halder era seu amigo. Depois ficaram calados um bom tempo e os restos de comida pareceram congelar na mesa. Finalmente Ingeborg perguntou se estava arrependido e Reiter fez um sinal com a mão que podia significar qualquer coisa. Depois disse:

— Não.

E acrescentou após um longo intervalo; às vezes sim, às vezes não.

— Você o conhecia? — sussurrou Ingeborg.

— Quem? — perguntou Reiter como se o acordassem.

— A pessoa que você matou.

— Sim — disse Reiter —, se conhecia, dormia ao meu lado, muitas noites, e não parava de falar.

— Era uma mulher? — sussurrou Ingeborg.

— Não, não era uma mulher — respondeu Reiter —, era um homem.

Ingeborg também riu. Depois desatou a falar sobre a atração que algumas mulheres sentem pelos assassinos de mulheres. O prestígio dos assassinos de mulheres entre as putas, por exemplo, ou entre as mulheres dispostas a amar até os limites. Para Reiter essas mulheres eram umas histéricas. Para Ingeborg, pelo contrário, essas mulheres, que dizia conhecer, eram só jogadoras, mais ou menos como os jogadores de cartas que acabam se suicidando de madrugada ou como os frequentadores dos hipódromos que acabam se suicidando em quartos de pensões baratas ou hotéis perdidos em becos frequentados unicamente por gângsteres ou por chineses.

— Às vezes — disse Ingeborg —, quando estamos fazendo amor e você me agarra pelo pescoço, cheguei a pensar que você era um assassino de mulheres.

— Nunca matei uma mulher — disse Reiter. — Nem me passou pela cabeça.

Não tornaram a falar do assunto até uma semana depois.

Reiter disse que era possível que a polícia americana e também a polícia alemã estivessem à sua procura ou que seu nome figurasse numa lista de suspeitos. O tipo que ele havia matado, contou, se chamava Sammer e era um assassino de judeus. Então você não cometeu nenhum crime, ela quis lhe dizer, mas Reiter não deixou.

— Tudo isso aconteceu num campo de prisioneiros — disse Reiter. — Não sei quem Sammer pensou que eu era, mas não parava de me contar coisas. Estava nervoso porque a polícia americana ia interrogá-lo. Por precaução, tinha mudado de nome. Fazia se chamar de Zeller. Mas eu não creio que a polícia americana procurasse Sammer. Também não procurava Zeller. Para os americanos Zeller e Sammer eram dois cidadãos alemães acima de qualquer suspeita. Os americanos procuravam criminosos de guerra de certo prestígio, gente dos campos de extermínio, oficiais das SS, peixes graúdos do partido. E Sammer era somente um pequeno funcionário sem maior importância. Eles me interrogaram. Me perguntaram o que sabia dele, se ele tinha me falado de inimigos entre os outros prisioneiros. Eu disse que não sabia de nada, que Sammer só falava de seu filho morto em Kursk e das enxaquecas de que sua mulher sofria. Examinaram minhas mãos. Eram policiais jovens e não tinham muito tempo a perder num campo de prisioneiros. Mas não ficaram muito convencidos. Anotaram meu nome em seus cadernos e tornaram a me interrogar. Me perguntaram se eu havia sido membro do Partido Nacional-Socialista, se conhecia muitos nazistas, o que minha

família fazia e onde viviam. Tentei ser sincero e dar respostas claras. Pedi que me ajudassem a encontrar meus pais. Depois o campo de prisioneiros começou a esvaziar à medida que chegavam novos hóspedes. Mas eu continuava dentro. Um companheiro me disse que a vigilância era apenas nominal. Os soldados negros tinham outras coisas na cabeça e não se preocupavam muito conosco. Uma manhã, durante uma transferência de prisioneiros, entrei na fila e saí sem nenhum problema.

Por algum tempo estive vagando por diversas cidades. Estive em Coblença. Trabalhei nas minas que começavam a reabrir. Passei fome. Tinha a impressão de que o fantasma de Sammer estava colado à minha sombra. Pensei em mudar de nome também. Finalmente cheguei a Colônia e pensei que qualquer coisa que pudesse acontecer comigo a partir de então já tinha acontecido e que era inútil continuar arrastando a sombra infecta de Sammer. Uma vez me detiveram. Foi depois de um rolo no bar. Chegaram os PMs e levaram alguns de nós para a delegacia. Procuraram meu nome num dossiê, mas não encontraram nada e me deixaram ir embora.

Naqueles dias conheci uma velha que vendia cigarros e flores no bar. Às vezes eu comprava um ou dois cigarros dela e nunca lhe criei problemas para entrar. A velha me disse que durante a guerra tinha sido adivinha. Uma noite me pediu que a acompanhasse até sua casa. Morava na Reginastrasse, num apartamento grande mas tão cheio de objetos que mal dava para andar. Um dos quartos parecia o depósito de uma loja de roupas. Já vou te contar por quê. Quando chegamos ela serviu dois copos de aguardente, sentou à mesa e pegou umas cartas. Vou tirar cartas para você, me disse. Numas caixas encontrei muitos livros. Lembro de ter pego as obras completas de Novalis e a *Judite* de Friedrich Hebbel, e enquanto folheava esses livros a velha me disse que eu tinha matado um homem etcétera. A mesma história.

— Fui soldado — falei.

— Na guerra estiveram a ponto de te matar várias vezes, está escrito aqui, mas você não matou ninguém, o que tem seu mérito — disse a velha.

Será que dá para ver?, pensei. Será que dá para ver que sou um assassino? Claro que eu não me sentia um assassino.

— Recomendo que mude de nome — disse a velha. — Creia em mim. Fui adivinha de muitos chefões das SS e sei o que digo. Não cometa a estupidez típica dos romances policiais ingleses.

— De que está falando? — perguntei.

— Dos romances policiais ingleses — disse a velha —, do gancho dos romances policiais ingleses que primeiro infectou os romances policiais americanos, depois os romances policiais franceses, alemães e suíços.

— E qual é essa estupidez? — perguntei.

— Um dogma — disse a velha —, um dogma que pode ser resumido com estas palavras: o assassino sempre volta ao local do crime.

Ri.

— Não ria — disse a velha —, creia em mim, que eu sou das poucas pessoas em Colônia

que gostam verdadeiramente de você.

Parei de rir. Pedi que me vendesse a *Judite* e as obras de Novalis.

— Pode ficar para você, toda vez que vier me visitar pode ficar com dois livros — falou —, mas agora preste atenção numa coisa muito mais importante que a literatura. Você precisa mudar de nome. Você não pode voltar nunca mais ao local do crime. Você precisa quebrar a corrente. Entendeu?

— Entendi alguma coisa — respondi, mas na realidade só havia entendido, e com muito gosto, a oferta dos livros.

Depois a velha me disse que minha mãe estava viva e que todas as noites pensava em mim, e que minha irmã vivia e todas as manhãs e todas as tardes e todas as noites sonhava comigo, e que meus passos, como os passos de um gigante, ecoavam na abóbada cranial da minha irmã. Do meu pai não disse nada.

Depois começou a amanhecer e a velha disse:

— Ouvi cantar um rouxinol.

Depois me pediu para segui-la até um quarto, o que estava cheio de roupas, como o quarto de um vendedor de roupa usada, e fuçou entre os montes de roupa até reaparecer, vitoriosa, com um casaco de couro preto, e me disse:

— Este casaco é para você, estive à sua espera esse tempo todo, desde que seu dono anterior morreu.

Peguei o casaco, experimentei, e efetivamente parecia feito expressamente para mim.

Posteriormente Reiter perguntou à velha quem havia sido o dono anterior do casaco, mas sobre esse ponto as respostas da velha eram contraditórias e vagas.

Uma vez disse que havia pertencido a um esbirro da Gestapo, outra que havia sido de um namorado seu, um comunista morto num campo de concentração, e em certa ocasião disse até que o dono anterior do casaco foi um espião inglês, o primeiro (e único) espião inglês que havia pulado de paraquedas nas cercanias de Colônia no ano de 1941, para fazer um reconhecimento do terreno tendo em vista uma futura sublevação dos cidadãos de Colônia, coisa que aos próprios cidadãos de Colônia que tiveram a oportunidade de ouvi-lo pareceu uma barbaridade, pois a Inglaterra na época estava perdida, a juízo dos cidadãos de Colônia e dos cidadãos de toda a Europa, e embora esse espião, segundo a velha, não fosse inglês mas escocês, ninguém o levou a sério, ainda mais quando os poucos que tiveram a oportunidade de conhecê-lo o viram beber (bebia como um cossaco e, embora sua resistência ao álcool fosse admirável, seus olhos ficavam turvos e ele espiava de esguelha as pernas das mulheres, mas mantinha certa coerência verbal e uma espécie de elegância fria que aos honrados antifascistas e cidadãos de Colônia que tiveram contato com ele parecia um traço próprio de um caráter temerário e audacioso, sem por isso resultar menos encantador), enfim que em 1941 o mar não estava para peixe.

A velha adivinha só viu o espião inglês, segundo contou a Reiter, em duas ocasiões. Na primeira hospedou-o em sua casa e tirou-lhe as cartas. Tinha a sorte a seu lado. Na segunda e

última lhe deu roupas e documentos, pois o inglês (ou escocês) voltava para a Inglaterra. Foi então que o espião se desfez do seu casaco de couro. Outras vezes, no entanto, a velha não queria nem ouvir falar do espião. Sonhos, dizia, fantasias, representações carentes de substância, miragens de velha razoavelmente desesperada. E então voltava a dizer que o casaco de couro havia sido de um esbirro da Gestapo, um dos que se encarregaram de localizar e reprimir os desertores que em fins de 44 e início de 45 se fortaleceram (fortalecer é uma maneira de dizer) na nobre cidade de Colônia.

Depois a saúde de Ingeborg piorou e um médico inglês disse a Reiter que a moça, aquela moça bonita e charmosa, provavelmente não ia viver mais de dois ou três meses, depois ficou olhando para Reiter, que se pôs a chorar sem dizer palavra, se bem que na realidade, mais do que olhar para Reiter, o médico inglês ficou olhando e apreciando com olhos de peleteiro ou de marroquineiro seu precioso casaco de couro preto, e finalmente, enquanto Reiter continuava chorando, perguntou onde o tinha comprado, onde comprei o quê?, o casaco, ah, em Berlim, mentiu Reiter, antes da guerra, numa loja chamada Hahn&Förster, disse, e então o médico disse que os peleteiros Hahn e Förster ou seus herdeiros provavelmente tinham se inspirado nos casacos de couro de Mason&Cooper, fabricantes de casacos de couro de Manchester, que também tinham sucursal em Londres e que em 1938 lançaram um casaco exatamente igual ao que Reiter usava, com as mangas idênticas, a gola idêntica e o mesmo número de botões, ao que Reiter respondeu encolhendo os ombros e enxugando com a manga do casaco as lágrimas que escorriam por suas faces, e então o médico, comovido, avançou um passo, pôs a mão em seu ombro e disse que ele também tinha um casaco de couro assim, como o de Reiter, só que o dele era de Mason&Cooper, e o de Reiter de Hahn&Förster, se bem que ao tato, e Reiter podia acreditar em sua palavra pois ele era um entendido, um fã de casacos de couro preto, ambos eram iguais, ambos pareciam provir do mesmo lote de couro que Mason&Cooper utilizaram em 1938 para fazer aqueles casacos que eram autênticas obras de arte, obras de arte, de resto, irreproduzíveis, pois embora a casa Mason&Cooper continuasse de pé, durante a guerra, segundo sabia, o senhor Mason havia morrido durante um bombardeio, não por culpa das bombas, apressou-se em declarar, mas por culpa do seu delicado coração que não pôde suportar uma corrida para o abrigo ou que não pôde suportar o assobio do ataque, o barulho dos destroços e das detonações ou que talvez não tenha podido suportar o ulular das sirenes, vá saber, o caso é que o senhor Mason teve um ataque do coração e a partir desse momento a casa Mason&Cooper experimentou uma ligeira queda, não na produção mas na qualidade, se bem que dizer qualidade seja um pouco exagerado, seja um pouco purista, disse o médico, pois a qualidade da casa Mason&Cooper era e continuaria sendo inquestionável, se não no detalhe, na disposição mental, se é que essa expressão era válida e permitida, dos novos modelos de casacos de couro, naquele intangível que fazia um casaco de couro ser uma peça de artesanato, uma vestimenta artística que caminhava com a história mas que também caminhava contra a história, não sei se me explico, disse o médico, e Reiter então tirou o casaco e o colocou em

suas mãos, observe-o quanto quizer, disse sentando-se numa das duas cadeiras que havia no consultório e continuava chorando, e o médico ficou com o casaco pendurado nas mãos e só então pareceu acordar do sonho dos casacos de couro e pôde dizer umas palavras de alento ou umas palavras que tentaram compor uma frase de alento, sabendo embora que nada podia mitigar a dor de Reiter, e depois tratou de lhe colocar o casaco nos ombros, e voltou a pensar que aquele casaco, o casaco de um porteiro de um bar de putas de Colônia, era exatamente igual ao dele, e por um momento chegou até a pensar que *era* o dele, só que um pouco mais gasto, como se seu próprio casaco houvesse saído do seu armário numa rua de Londres, houvesse atravessado o Canal e o norte da França com o único propósito de torná-lo a ver, a ele, seu dono, um médico militar inglês de vida licenciosa, um médico que atendia grátis os indigentes, contanto que os indigentes fossem seus amigos ou, no máximo, amigos dos seus amigos, e por um momento até pensou que o jovem alemão que chorava havia mentido, que não havia comprado o casaco em Hahn&Förster, mas que aquele casaco de couro preto era um Mason&Cooper autêntico, adquirido em Londres, na casa Mason&Cooper, mas, afinal, disse o médico consigo mesmo, enquanto ajudava o choroso Reiter a pôr o casaco (tão peculiar ao tato, tão agradável, tão familiar), a vida é basicamente um mistério.

Nos três meses que se seguiram, Reiter se arranjou para passar a maior parte do tempo junto de Ingeborg. Conseguiu frutas e verduras no mercado negro. Conseguiu livros para que ela lesse. Cozinhou e fez a faxina da água-furtada que compartilhavam. Leu livros de medicina e procurou remédios de todo tipo. Uma manhã apareceram na casa as duas irmãs e a mãe de Ingeborg. A mãe falava pouco e tinha um comportamento correto, mas as irmãs, uma de dezoito e a outra de dezesseis, só pensavam em sair e conhecer os lugares mais interessantes da cidade. Um dia Reiter disse a elas que o lugar mais interessante de Colônia era, precisamente, sua água-furtada, e as irmãs de Ingeborg riram. Reiter, que só ria quando estava com Ingeborg, também riu. Uma noite levou-as a seu trabalho. Hilde, a de dezoito, olhava para as putas que faziam ponto no bar com um ar de superioridade, mas naquela noite saiu com dois jovens tenentes americanos e não voltou até já bem avançado o dia seguinte, ante o alarme da mãe que acusou Reiter de trabalhar como cafetão.

A doença, de resto, havia aguçado o apetite sexual de Ingeborg, mas a água-furtada era pequena e todos dormiam no mesmo cômodo, o que coibia Reiter quando voltava do trabalho às cinco ou às seis da manhã e Ingeborg exigia que fizesse amor com ela. Quando tratava de explicar que com quase toda certeza sua mãe os ouviria, pois não era surda, Ingeborg ficava zangada e dizia que ele não a desejava mais. Uma tarde a irmã mais moça, Grete, a de dezesseis, levou Reiter para dar um passeio pelos quarteirões destruídos do bairro e disse que sua irmã tinha sido examinada por vários psiquiatras e neurologistas de Berlim e que todos terminaram dando um diagnóstico de loucura.

Reiter fitou-a: parecia com Ingeborg mas era mais cheinha e mais alta. Na verdade, era tão alta e tinha uma pinta tão atlética que parecia uma lançadora de dardo.

— Nosso pai foi nazista — disse a irmã —, e Ingeborg também, naquele tempo, era

nazista. Pode perguntar pra ela. Participou das Juventudes Hitleristas.

— Quer dizer que, na sua opinião, ela está louca? — perguntou Reiter.

— Louca de pedra — disse a irmã.

Pouco depois, Hilde disse a Reiter que Grete estava começando a se apaixonar por ele.

— Quer dizer que, na sua opinião, Grete está apaixonada por mim?

— Apaixonada até o delírio — disse Hilde revirando os olhos.

— Que interessante — fez Reiter.

Um amanhecer, depois de chegar silenciosamente em casa procurando não acordar nenhuma das quatro mulheres, Reiter entrou na cama e se colou ao corpo quente de Ingeborg e se deu conta no ato de que Ingeborg estava com febre e seus olhos se encheram de lágrimas e sentiu que ficava enjoado, mas tão paulatinamente que a sensação não era de todo desagradável.

Depois notou que a mão de Ingeborg pegava seu pau e o masturbava, e com a mão levantou a camisola de Ingeborg até a cintura, procurou seu clitóris e começou por sua vez a masturbá-la, pensando em outras coisas, em seu romance, que caminhava, nos mares da Prússia e nos rios da Rússia e nos monstros benéficos que moravam nas profundezas da costa da Crimeia, até que junto da sua mão sentiu a mão de Ingeborg introduzindo dois dedos na vagina e depois untava com esses dedos a entrada do seu cu e pedia a ele, não, mandava, que a penetrasse, que a sodomizasse, mas já, no ato, sem maior dilação, coisa que Reiter fez sem pensar duas vezes nem medir as consequências do que fazia, pois bem sabia como Ingeborg reagia quando ele a enrabava, mas naquela noite sua vontade funcionava como a vontade de um homem adormecido, incapaz de prever o que quer que fosse e atento somente ao instante, e assim, enquanto fodiam e Ingeborg gemia, viu se levantar de um canto não uma sombra mas um par de olhos de gato, e os olhos se levantaram e ficaram flutuando no escuro, e depois outro par de olhos se levantou e se instalou na penumbra, e ouviu Ingeborg ordenar aos olhos, com voz enrouquecida, que se deitassem, e então Reiter notou que o corpo de sua mulher começava a suar e ele também começou a suar e pensou que aquilo era bom para a febre, e fechou os olhos e continuou acariciando com a mão esquerda o sexo de Ingeborg e quando abriu os olhos viu cinco pares de olhos de gato flutuando no escuro, e aquilo sim lhe pareceu um sinal inequívoco de que estava sonhando, pois três pares de olhos, os das irmãs e os da mãe de Ingeborg, tinham certa lógica, mas cinco pares de olhos escapavam de qualquer coerência espaço-temporal, a não ser que cada uma das irmãs houvesse convidado aquela noite um respectivo amante, o que tampouco entrava nas suas previsões nem era factível ou crível.

No dia seguinte, Ingeborg estava mal-humorada e tudo o que suas irmãs e sua mãe faziam ou diziam lhe parecia feito ou dito contra ela. A situação, a partir de então, ficou tão tensa que nem ela podia ler nem ele podia escrever. Às vezes Reiter tinha a impressão de que Ingeborg estava com ciúme de Hilde, quando para ser justa era de Grete que devia ter ciúme. Às vezes, antes de ir trabalhar, Reiter via da janela da água-furtada os dois oficiais com que Hilde saía, que se punham a gritar o nome dela e a assobiar da calçada em frente. Em mais de uma ocasião desceu a escada com ela e aconselhou-a que tivesse cuidado. Despreocupada,

Hilde respondia:

— O que podem me fazer? Me bombardear?

Depois ria e Reiter também ria com suas respostas.

— No máximo farão comigo o que você faz com Ingeborg — ela lhe disse uma vez, e Reiter ficou um tempão se repetindo a resposta.

O que eu faço com Ingeborg. Mas o que ele fazia com Ingeborg senão amá-la?

Por fim, um dia a mãe e as irmãs resolveram voltar para o povoado do Westerwald, onde a família tinha se estabelecido, e Reiter e Ingeborg ficaram novamente sozinhos. Agora podemos nos amar com tranquilidade, disse-lhe Ingeborg. Reiter fitou-a: Ingeborg tinha se levantado e estava pondo um pouco de ordem na casa. A camisola era cor de marfim e seus pés estavam ossudos, encompridados e quase da mesma cor. A partir daquele dia a saúde dela melhorou notavelmente e quando chegou a data fatídica anunciada pelo médico inglês estava melhor do que nunca.

Pouco depois pôs-se a trabalhar num ateliê de costura que transformava os vestidos antigos em vestidos novos, os vestidos fora de moda em vestidos na moda. No ateliê tinham três máquinas de costura, mas graças à iniciativa da dona, uma empreendedora e pessimista que não tinha a menor dúvida de que a Terceira Guerra Mundial começaria no mais tardar em 1950, o negócio prosperou. A princípio o trabalho de Ingeborg consistia em costurar pedaços de tecido de acordo com os moldes que a senhora Raab preparava, mas em pouco tempo e devido ao trabalho ingente da pequena empresa, seu trabalho consistiu em visitar lojas de moda feminina e obter encomendas que ela mesma se encarregava de entregar.

Por aqueles dias Reiter terminou de escrever seu primeiro romance. Intitulou-o *Lüdicke* e teve de percorrer becos perdidos de Colônia à procura de alguém que alugasse uma máquina de escrever, pois decidiu que não ia pedir emprestado nem alugar de nenhum conhecido, quer dizer de ninguém que soubesse que ele se chamava Hans Reiter. Finalmente encontrou um velho que possuía uma velha máquina francesa e que, embora não se dedicasse a alugá-la, abria uma exceção para os escritores.

A soma que o velho pediu era alta e a princípio Reiter pensou que o melhor era continuar procurando, mas quando viu a máquina, perfeitamente conservada, sem uma partícula de pó, com todas as letras dispostas a deixar sua marca no papel, resolveu que podia se dar ao luxo de pagar. O velho pedia o dinheiro adiantado e naquela mesma noite, no bar, Reiter pediu e obteve vários empréstimos das moças. No dia seguinte voltou e mostrou o dinheiro ao velho, mas este puxou uma caderneta de uma escrivania e quis saber seu nome. Reiter disse o primeiro que lhe passou pela cabeça.

— Eu me chamo Benno von Archimboldi.

O velho então olhou-o nos olhos e disse que não bancasse o espertinho, que qual era seu nome verdadeiro.

— Meu nome é Benno von Archimboldi, senhor — disse Reiter —, e se o senhor acha que estou brincando o melhor é que eu me vá.

Por uns instantes ambos permaneceram em silêncio. Os olhos do velho eram marrons escuros, mas sob a tênue luz do seu escritório pareciam ser negros. Os olhos de Archimboldi

eram azuis e pareceram ao velho olhos de um jovem poeta, olhos cansados, maltratados, avermelhados, mas jovens e em certo sentido puros, se bem que fazia muito que o velho havia deixado de crer na pureza.

— Este país — disse ele a Reiter, que naquela tarde se transformou, talvez, em Archimboldi —, tentou jogar no abismo vários países em nome da pureza e da vontade. Para mim, como o senhor há de compreender, a pureza e a vontade são pura frescura. Graças à pureza e à vontade nos transformamos todos, entenda bem, todos, todos, num país de covardes e brutamontes, o que no fim das contas é a mesma coisa. Agora choramos, nos afligimos, dizemos não sabíamos!, ignorávamos!, foram os nazistas!, nós teríamos agido de outra maneira! Sabemos gemer. Sabemos provocar dó e pena. Não nos importa que zombem de nós, desde que se compadeçam de nós e nos perdoem. Teremos bastante tempo para inaugurar uma longa ponte de amnésia. O senhor entende o que quero dizer.

— Entendo sim — respondeu Archimboldi.

— Fui escritor — disse o velho.

— Mas parei. Esta máquina de escrever foi meu pai que me deu, um pai carinhoso e culto que chegou a viver até os noventa e três anos de idade. Um homem basicamente bom. Um homem que acreditava, nem é preciso dizer, no progresso. Pobre do meu pai. Acreditava no progresso e, claro, acreditava na bondade intrínseca do ser humano. Eu também acredito na bondade intrínseca do ser humano, mas isso não significa nada. Um assassino, no fundo, é bom. Nós, alemães, sabemos disso muito bem. E daí? Posso passar a noite bebendo com um assassino e talvez, ao contemplarmos a aurora, nos ponhamos a cantar ou a trautear uma peça de Beethoven. E daí? O assassino pode chorar no meu ombro. Normal. Ser assassino não é fácil. Disso sabemos bem, o senhor e eu. Não é nada fácil. Exige pureza e vontade, vontade e pureza. A pureza do cristal e uma vontade de ferro. Posso inclusive desatar a chorar no ombro do assassino e sussurrar-lhe palavras doces como “irmão”, “camarada”, “companheiro de infortúnio”. Nesse momento o assassino é bom, já que é intrinsecamente bom, e eu sou um idiota, já que sou intrinsecamente um idiota, e ambos somos sentimentais, já que nossa cultura tende irrefreavelmente à sentimentalidade. Mas quando a obra acaba e estou só, o assassino abrirá a janela do meu quarto e entrará com seus passinhos de enfermeiro e me degolará até não restar uma gota do meu sangue.

Pobre do meu pai. Fui escritor, fui escritor, mas meu cérebro indolente e voraz me comia as entranhas. Abutre do meu próprio Prometeu ou Prometeu do meu próprio abutre, um dia me dei conta de que podia vir a publicar excelentes artigos nas revistas e jornais, e até livros que não desmereceriam o papel em que estavam impressos. Mas soube também que jamais conseguiria me aproximar ou enveredar por aquilo que chamamos uma obra-prima. O senhor vai me dizer que a literatura não consiste unicamente em obras-primas mas está, sim, povoada de obras ditas menores. Eu também acreditava nisso. A literatura é um vasto bosque e as obras-primas são os lagos, as árvores imensas ou estranhíssimas, as eloquentes flores preciosas ou as grutas escondidas, mas um bosque também é composto de árvores comuns, de

matagais, de charcos, de plantas parasitas, de cogumelos e florezinhas silvestres. Eu me enganava. As obras menores, na realidade, não existem. Quero dizer: o autor de uma obra menor não se chama fulaninho ou cicraninho. Fulaninho e cicraninho existem, disso não há dúvida, e sofrem e trabalham e publicam em jornais e revistas e de vez em quando até publicam um livro que não desmerece o papel em que está impresso, mas esses livros ou esses artigos, se o senhor olhar com atenção, *não são escritos por eles*.

Toda obra menor tem um autor secreto e todo autor secreto é, por definição, um escritor de obras-primas. Quem escreveu tal obra menor? Aparentemente um escritor menor. A mulher desse pobre escritor pode atestar, ela o viu sentado à mesa, debruçado sobre as páginas em branco, contorcendo-se e deslizando sua pena pelo papel. Parece um testemunho irrefutável. Mas o que viu é apenas a parte exterior. A casca da literatura. Uma aparência — disse o velho ex-escritor a Archimboldi, e Archimboldi se lembrou de Ansky. — Quem na verdade está escrevendo essa obra menor é um escritor secreto que só aceita os ditados de uma obra-prima.

Nosso bom artesão escreve. Está absorto naquilo que vai plasmando bem ou mal no papel. Sua mulher, sem que ele saiba, o observa. É ele efetivamente quem escreve. Mas se sua mulher tivesse visão de raios X perceberia que não assiste propriamente a um exercício de criação literária mas a uma sessão de hipnotismo. Dentro do homem que está sentado escrevendo *não há nada*. Nada que seja ele, quero dizer. Esse pobre homem faria muito melhor dedicando-se à leitura. A leitura é prazer e alegria de estar vivo ou tristeza de estar vivo, e sobretudo é conhecimento de perguntas. A escrita, em compensação, costuma ser vazio. Nas entranhas do homem que escreve *não há nada*. Nada, quero dizer, que sua mulher, num momento dado, possa reconhecer. Escreve um ditado. Seu romance ou livro de poemas, decentes, decentinhos, saem não por um exercício de estilo ou vontade, como o pobre desgraçado crê, mas graças a um exercício de *ocultamento*. É necessário haver muitos livros, muitos pinheiros enfeitiçantes, para que velem de olhares avessos o livro que realmente importa, a porra da gruta da nossa desgraça, a flor mágica do inverno!

Desculpe as metáforas. Às vezes eu me excito e fico romântico. Mas ouça. Toda obra que não seja uma obra-prima é, como diria, a peça de uma vasta camuflagem. O senhor foi soldado, imagino, e sabe ao que me refiro. Todo livro que não seja uma obra-prima é carne de canhão, esforçada infantaria, peça sacrificável, dado que reproduz, de múltiplas maneiras, o esquema da obra-prima. Quando compreendi essa verdade parei de escrever. Minha mente, porém, não parou de funcionar. Ao contrário, quando não escrevia, ela funcionava melhor. Eu me perguntei: por que uma obra-prima necessita estar oculta?, que estranhas forças arrastam-na para o segredo e o mistério?

Eu sabia que escrever era inútil. Ou que só valia a pena se você estivesse disposto a escrever uma obra-prima. A maior parte dos escritores se engana ou brinca. Talvez enganar-se e brincar sejam a mesma coisa, duas faces da mesma moeda. Na realidade nunca deixamos de ser crianças, crianças monstruosas cheias de machucados, de varizes, de furúnculos, de manchas na pele, mas crianças afinal de contas, isto é, nunca deixamos de nos aferrar à vida pois que somos vida. Também se poderia dizer: somos teatro, somos música. Da mesma

maneira, poucos são os escritores que renunciavam. Brincamos de ser imortais. Nós nos enganamos no julgamento das nossas próprias obras e no julgamento sempre impreciso das obras dos outros. A gente se vê no Nobel, dizem os escritores, como quem diz: a gente se vê no inferno.

Uma vez vi um filme americano de gângsteres. Numa cena um detetive mata um malfeitor e antes de disparar o tiro mortal diz a ele: a gente se vê no inferno. Está brincando. O detetive está brincando e se enganando. O malfeitor, que o encara e o insulta pouco antes de morrer, também está brincando e se enganando, embora o campo de brincadeiras e o campo de enganos dele tenham se reduzido quase ao zero absoluto, já que no plano seguinte vai morrer. O diretor do filme também brinca. O roteirista idem. A gente se vê no Nobel. Fizemos história. O povo alemão nos agradece por isso. Uma batalha heroica que será recordada pelas gerações vindouras. Um amor imortal. Um nome escrito no mármore. A hora das musas. Inclusive uma frase aparentemente tão inocente quanto dizer: ecos de uma prosa grega — não contém mais que brincadeira e engano.

A brincadeira e o engano são a venda e são o impulso dos escritores menores. Também: são a promessa da sua felicidade futura. Um bosque que cresce a uma velocidade vertiginosa, um bosque que ninguém refreia, nem mesmo as Academias, ao contrário, as Academias se encarregam de que cresça sem problemas, e os empresários e as universidades (criadouros de chatos), e as oficinas estatais e os mecenas e as associações culturais e as declamadoras de poesia, todos contribuem para que o bosque cresça e oculte o que tem de ocultar, todos contribuem para que o bosque reproduza o que tem de reproduzir, já que é inevitável que assim o faça, mas sem nunca revelar o que é que reproduz, que mansamente reflete.

Um plágio, dirá o senhor? Sim, um plágio, no sentido em que toda obra menor, toda obra saída da pena de um escritor menor não pode não ser um plágio de alguma obra-prima. A pequena diferença é que aqui falamos de um plágio *consentido*. Um plágio que é uma camuflagem que é uma peça num cenário caótico que é uma charada que provavelmente nos leva ao vazio.

Numa palavra: o melhor é a experiência. Não direi que não se obtenha experiência no convívio constante com uma biblioteca, mas acima da biblioteca prevalece a experiência. A experiência é a mãe da ciência, costuma-se dizer. Quando eu era moço e ainda pensava que faria carreira no mundo das letras, conheci um grande escritor. Um grande escritor que provavelmente havia escrito uma obra-prima, se bem que a meu ver toda a sua produção era uma obra-prima.

Não vou dizer o nome dele. Nem convém ao senhor que eu o diga nem é indispensável fazê-lo em função da história. Conforme-se com saber que era alemão e que um dia veio a Colônia dar umas conferências. Claro, não perdi uma só das três palestras que ele deu na universidade da nossa cidade. Na última consegui um lugar na primeira fila e, mais que ouvi-lo (na realidade ele repetia coisas que tinha dito na primeira e na segunda conferência), eu me dediquei a observá-lo em detalhe, suas mãos, por exemplo, umas mãos enérgicas e ossudas, seu pescoço de velho parecido com o pescoço de um peru ou de um galo depenado, suas maçãs do rosto ligeiramente esclavas, seus lábio exangues, lábios que se podia cortar com

uma navalha e dos quais se podia ter certeza de que não sairia uma gota de sangue, suas têmporas grisalhas como um mar revolto, e sobretudo seus olhos, uns olhos profundos e que, dependendo de ligeiros movimentos da sua cabeça, às vezes pareciam dois túneis sem fundo, dois túneis abandonados e a ponto de vir abaixo.

Claro, terminada a conferência sua pessoa foi monopolizada pelos notáveis da cidade e eu não pude nem sequer apertar sua mão e dizer quanto o admirava. Passou-se o tempo. Esse escritor morreu e eu continuei, como é lógico, lendo-o e relendo-o. Chegou o dia em que decidi deixar a literatura. Deixei-a. Não há trauma nesse passo, mas libertação. Cá entre nós, confesso que é como deixar de ser virgem. Um alívio, deixar a literatura, ou seja, deixar de escrever e limitar-se a ler!

Mas esse é outro tema. Falaremos disso quando você me devolver a máquina. A lembrança da visita desse grande escritor à minha cidade, no entanto, não me abandonava. Entrementes, comecei a trabalhar numa fábrica de instrumental ótico. Ganhava bem a vida. Era solteiro, tinha dinheiro, ia toda semana ao cinema, ao teatro, a exposições, e além do mais estudava inglês e francês, e frequentava livrarias onde comprava os livros que bem queria.

Uma vida confortável. Mas a lembrança da visita do grande escritor não me abandonava e, o que é pior, de repente me dei conta de que só me lembrava da terceira conferência e que minhas recordações se circunscreviam a seu rosto, como se esse rosto houvesse pretendido me dizer algo que finalmente não disse. Mas o quê? Um dia, por motivos que não vêm ao caso, acompanhei um amigo médico ao depósito de cadáveres da universidade. Não creio que o senhor tenha estado lá. O depósito fica nos porões e é uma comprida galeria de ladrilhos brancos e teto de madeira. No meio há um anfiteatro onde se fazem autópsias, dissecações e demais monstruosidades científicas. Depois há duas saletas, a do chefe do departamento de medicina legal e a de outro professor. Nos extremos se encontram as salas refrigeradas onde estão os cadáveres, corpos de indigentes ou de pessoas sem documentos que a morte visitou em hotéis ordinários.

Naquela época demonstrei um interesse sem dúvida doentio por essas instalações que meu amigo médico se encarregou amavelmente de me mostrar com toda profusão de explicações e até assistimos à última autópsia do dia. Depois meu amigo se encerrou com o chefe do departamento em sua sala e eu fiquei sozinho no corredor, aguardando-o, enquanto os estudantes iam embora e uma espécie de letargia crepuscular filtrava por baixo das portas como gás venenoso. Passados dez minutos da espera, ouvi um ruído que me sobressaltou, proveniente de um dos depósitos. Garanto que naquela época isso bastava para assustar qualquer um, mas eu nunca fui excessivamente covarde e me dirigi para lá.

Ao abrir a porta um sopro de ar frio me bateu em cheio no rosto. No fundo do depósito, junto de uma maca, um homem tentava abrir um dos nichos para depositar nele um cadáver, no entanto, por mais que forçasse, o nicho ou gaveta em questão não cedia. Sem sair do lado da porta perguntei se precisava de ajuda. O homem se endireitou, era muito alto, e olhou para mim de uma forma que, então, me pareceu desconsolada. Talvez essa impressão de desconsolo em seu olhar tenha me animado a me aproximar dele. Enquanto assim fazia, flanqueado por cadáveres, acendi um cigarro para temperar meus nervos e, ao chegar junto

dele, a primeira coisa que fiz foi lhe oferecer outro cigarro, talvez forçando uma camaradagem que não existia.

O funcionário do necrotério só então olhou para mim e tive a impressão de haver retrocedido no tempo. Seus olhos eram exatamente iguais aos olhos do grande escritor cujas conferências em Colônia eu havia assistido como um peregrino. Confesso que até pensei por uns segundos que estava, naquele preciso momento, ficando louco. Tirou-me do apuro a voz do funcionário do necrotério, em nada parecida com a voz intimista do grande escritor. Disse: é proibido fumar aqui.

Não soube o que responder. Acrescentou: a fumaça prejudica os mortos. Ri. Forneceu uma nota explicativa: a fumaça prejudica sua conservação. Fiz um gesto que não me comprometia com nada. Ele tentou pela última vez: falou dos filtros, falou da umidade, pronunciou a palavra pureza. Tornei a lhe oferecer um cigarro e resignadamente anunciou que não fumava. Perguntei se trabalhava ali fazia muito tempo. Com um tom impessoal e uma voz levemente estridente, disse que trabalhava na universidade desde muito antes da guerra de 14.

— Sempre no necrotério? — indaguei.

— Não conheci outro lugar — respondeu.

— É curioso — falei —, mas seu rosto, principalmente seus olhos, me lembram os olhos de um grande escritor alemão. — Nesse momento disse o nome do escritor.

— Nunca ouvi falar dele — foi a resposta.

Em outra época essa resposta teria me inquietado, mas graças a Deus eu vivia uma nova vida. Comentei que trabalhar no necrotério sem dúvida o levava a reflexões atinadas ou pelo menos originais acerca do destino humano. Olhou para mim como se eu estivesse debochando dele ou falando em francês. Insisti. Aquele ambiente, falei estendendo os braços e abarcando todo o depósito, era de certa maneira o lugar ideal para pensar na brevidade da vida, no insondável que é o destino dos homens, na futilidade das porfias mundanas.

Com um sobressalto de horror, de repente me dei conta de que estava falando com ele como se ele fosse o grande escritor alemão e aquela fosse a nossa conversa que nunca se produziu. Não tenho muito tempo, ele me disse. Tornei a mirar seus olhos. Não tive a menor dúvida: eram os olhos do meu ídolo. E sua resposta: *não tenho muito tempo*. Quantas portas essa resposta abria! Quantos caminhos ficavam de repente desimpedidos, visíveis, depois dessa resposta!

Não tenho muito tempo, preciso carregar cadáveres de cima para baixo. Não tenho muito tempo, preciso respirar, comer, beber, dormir. Não tenho muito tempo, preciso me movimentar no ritmo da engrenagem. Não tenho muito tempo, estou vivendo. Não tenho muito tempo, estou morrendo. Como o senhor há de compreender, não houve mais perguntas. Ajudei-o a abrir o nicho. Quis ajudá-lo a enfiar o cadáver, mas minha falta de jeito para essas lides fez que o lençol que o cobria escorregasse e então vi o rosto do cadáver e fechei os olhos e abaixei a cabeça e deixei-o trabalhar em paz.

Quando saí, meu amigo me observava em silêncio da porta do depósito. Tudo bem?, me perguntou. Não pude ou não soube responder. Talvez tenha dito: tudo mal. Mas não era isso

que queria dizer.

Antes que Archimboldi se despedisse, depois de tomar uma xícara de chá, o homem que lhe alugou a máquina de escrever disse a ele:

— Jesus é a obra-prima. Os ladrões são as obras menores. Por que estão lá? Não para realçar a crucifixão, como algumas almas cândidas creem, mas para ocultá-la.

Numa das tantas travessias que fez pela cidade em busca de alguém que lhe alugasse uma máquina de escrever, Archimboldi voltou a encontrar os dois vagabundos com que havia compartilhado um porão antes de se mudar para a água-furtada.

Aparentemente poucas coisas haviam mudado para seus ex-companheiros de infortúnio. O velho jornalista havia tentado arranjar trabalho no novo jornal de Colônia, onde não o aceitaram por seu passado nazista. Seu caráter jovial e bonachão foi desaparecendo conforme se prolongava o período de adversidades e começavam a se manifestar os achaques próprios da idade. O tanquista veterano, pelo contrário, trabalhava agora numa oficina de conserto de motores e havia entrado para o Partido Comunista.

Quando ambos estavam juntos no porão, não paravam de brigar. O tanquista recriminava o jornalista por sua militância nazista e sua covardia. O velho jornalista se punha de joelhos e jurava aos berros que sim, que era um covarde, mas que nazista, nazista mesmo, nunca tinha sido. Escrevíamos o que mandavam. Se não quiséssemos ser despedidos, tínhamos de escrever o que mandavam, gemia ante a indiferença do tanquista, que acrescentava às suas recriminações o fato irrefutável de que enquanto ele e outros como ele combatiam dentro de tanques que se avariavam e pegavam fogo, o jornalista e outros como ele se resignavam a escrever mentiras propagandísticas, passando por cima dos sentimentos dos tanquistas, das mães dos tanquistas e até das namoradas dos tanquistas.

— Isso — dizia ele — nunca te perdoarei, Otto.

— Mas não é culpa minha — gemia o jornalista.

— Chore, chore — dizia o tanquista.

— Tentávamos fazer poesia — dizia o jornalista —, tentávamos deixar o tempo passar e nos manter vivos para ver o que viria depois.

— Pois já viu, porco asqueroso, o que veio depois — replicava o tanquista.

Às vezes o jornalista falava do suicídio.

— Não vejo outra solução — disse a Archimboldi quando este foi visitá-los. — Como jornalista estou liquidado. Como operário não tenho a menor chance. Como funcionário de alguma administração local, sempre estarei marcado por meu passado. Como trabalhador independente, não sei fazer nada direito. Para que prolongar então meu sofrimento?

— Para pagar sua dívida com a sociedade, para espiar suas mentiras — gritou para ele o tanquista, que permanecia sentado à mesa, fingindo estar imerso na leitura de um jornal, mas na realidade ouvindo-o.

— Você não sabe o que diz, Gustav — respondeu o jornalista. — Meu único pecado, já te disse cem mil vezes, foi o da covardia, e estou pagando caro por ele.

— Tem que pagar mais caro ainda, Otto, mais caro ainda.

Durante essa visita, Archimboldi sugeriu ao jornalista que talvez sua sorte mudasse se ele fosse para outra cidade, uma cidade menos castigada do que Colônia, uma cidade menor onde ninguém o conhecesse, uma possibilidade que não havia passado pela cabeça do jornalista e que a partir desse momento ele começou a considerar seriamente.

Archimboldi levou vinte dias para passar à máquina seu romance. Fez uma cópia com papel-carbono, depois procurou, na biblioteca pública que acabava de reabrir suas portas, os nomes de duas editoras para as quais pudesse enviar o manuscrito. Ao fim de um longo escrutínio se deu conta de que as editoras de muitos dos seus livros favoritos fazia tempo tinham deixado de existir, algumas por problemas econômicos ou por negligência ou desinteresse de seus donos, outras porque os nazistas haviam fechado ou haviam encarcerado seus editores e algumas porque haviam sido aniquiladas pelos bombardeios aliados.

Uma das bibliotecárias, que o conhecia e sabia que ele escrevia, perguntou se tinha algum problema e Archimboldi contou que procurava editoras literárias que ainda estivessem em atividade. A bibliotecária disse que podia ajudá-lo. Ficou um tempo examinando uns papéis, depois deu um telefonema. Quando voltou, entregou a Archimboldi uma lista de vinte editoras, o mesmo número de dias que ele havia investido em datilografar seu romance, o que sem dúvida era um bom presságio. Mas o problema era que ele só tinha o original e uma cópia e que portanto tinha de escolher unicamente duas. Naquela noite, em pé na porta do bar, de quando em quando pegava o papel e o estudava. Nunca como então os nomes das editoras lhe pareceram tão bonitos, tão distintos, tão cheios de promessas e de sonhos. Decidiu, porém, ser prudente e não se deixar levar pelo entusiasmo. O original ele foi deixar pessoalmente numa editora de Colônia. Ela tinha a vantagem de que, se o rejeitasse, o próprio Archimboldi podia reaver o manuscrito para enviá-lo, ato contínuo, a outra editora. A cópia de papel-carbono ele mandou para uma casa de Hamburgo que havia publicado livros da esquerda alemã até 1933, quando o governo nazista não só fechou a empresa como pretendeu mandar para um campo de prisioneiros seu editor, o senhor Jacob Bubis, coisa que teria feito se o senhor Bubis não tivesse se antecipado tomando o caminho do exílio.

Um mês depois de fazer ambas as remessas, a editora de Colônia respondeu que seu romance *Lüdicke*, apesar dos inegáveis méritos que possuía, lamentavelmente não se enquadrava em seus projetos editoriais, mas que não deixasse de enviar seu próximo romance. Não quis dizer a Ingeborg o que havia acontecido e naquele mesmo dia foi reaver seu manuscrito, o que levou algumas horas, pois na editora ninguém parecia saber onde estava e Archimboldi não se mostrou de modo algum disposto a ir embora sem ele. No dia seguinte levou-o pessoalmente a outra editora de Colônia, que o rejeitou um mês e meio depois, mais ou menos com as mesmas palavras da primeira editora, talvez acrescentando mais adjetivos, talvez lhe desejando uma melhor sorte em sua próxima tentativa.

Sobrava apenas mais uma editora em Colônia, uma editora que de vez em quando publicava um romance, um livro de poesia, um livro de história, mas cujo catálogo era composto basicamente de manuais práticos de uso cotidiano que tanto ensinavam a manter adequadamente um jardim como a correta administração dos primeiros socorros ou a reutilização dos escombros das casas destruídas. A editora se chamava O Conselheiro, e, ao contrário das duas tentativas anteriores, desta vez apareceu para receber o manuscrito o editor em pessoa. E não foi por falta de empregados, como ele observou a Archimboldi, pois na editora trabalhavam pelo menos cinco pessoas, mas porque o editor gostava de ver a cara que tinham os escritores que pretendiam publicar na casa. A conversa que tivera foi, como Archimboldi a recordava, estranha. O editor tinha cara de gângster. Era moço, apenas um pouco mais velho que ele, vestia um terno de excelente corte que no entanto estava um pouco apertado, como se sub-repticiamente, do dia para a noite, ele houvesse engordado dez quilos.

Durante a guerra havia servido numa unidade de paraquedistas, mas nunca, apressou-se a esclarecer, pulou de paraquedas, embora vontade para isso não lhe tenha faltado. Em seu histórico militar se contava a participação em várias batalhas, em diferentes teatros de operações, sobretudo na Itália e na Normandia. Assegurava ter experimentado um bombardeio de saturação da aviação americana. E dizia conhecer a fórmula para suportá-lo. Como Archimboldi havia feito toda a guerra no leste não tinha a menor ideia do que significava um bombardeio de saturação, e assim lhe disse. O editor, que se chamava Michael Bittner mas que gostava ou lhe agradava que seus amigos o chamassem de Mickey, como o camundongo, explicou que um bombardeio de saturação era quando um montão de aviões inimigos, mas um montão grande, enorme, superlativo, deixava cair suas bombas num terreno limitado do front, um pedaço de campo previamente demarcado, até que não restasse dele nem um tufo de mato.

— Não sei se me expliquei com clareza, Benno — disse olhando fixamente Archimboldi nos olhos.

— O senhor se explicou com clareza meridiana, Mickey — disse Archimboldi ao mesmo tempo que pensava que o fulano em questão não só era pesado mas também ridículo, daquele ridículo que só têm os histriões e os pobres diabos convencidos de ter participado de um momento determinante da história, quando é bem sabido, pensou Archimboldi, que a história, que é uma puta simples, não tem momentos determinantes mas é uma proliferação de instantes, de brevidades que competem entre si em monstruosidade.

Mas o que Mickey Bittner queria, o pobre coitado embutido em seu terno apertado de tão bom corte, era explicar o efeito que causava nos soldados o bombardeio de saturação e o sistema que bolou para combatê-lo. O barulho. A primeira coisa é o barulho. O soldado está em sua trincheira ou em sua posição mal fortificada e de repente ouve o barulho. Barulho de aviões. Mas não barulho de caças ou de caças-bombardeiros, que é um barulho rápido, se assim posso falar, um barulho de voo baixo, mas um barulho que chega do mais alto do céu,

um barulho rouco e cavernoso que não pressagia nada de bom, como se uma tempestade se aproximasse e as nuvens se chocassem umas com as outras, mas o problema é que não há nuvens nem tempestade. Claro, o soldado ergue a vista. A princípio não vê nada. O artilheiro ergue a vista. Não vê nada. O metralhador, o servidor de uma peça de morteiro, o batedor, erguem a vista e não veem nada. O motorista do blindado ou de um canhão de assalto ergue a vista. Também não vê nada. Por precaução, porém, o motorista tira seu blindado da estrada. Estaciona-o debaixo de uma árvore ou cobre-o com uma malha de camuflagem. Logo depois aparecem os primeiros aviões.

Os soldados olham para eles. São muitos, mas os soldados acreditam que vão bombardear alguma cidade na retaguarda. Cidade ou pontes ou linhas férreas. São muitos, tantos que enegrecem o céu, mas seus objetivos certamente estão em alguma zona industrial da Alemanha. Para surpresa geral, os aviões soltam suas bombas e as bombas caem numa área limitada. Depois da primeira onda vem uma segunda onda. O barulho então torna-se ensurdecedor. As bombas caem e abrem crateras na terra. Os arvoredos pegam fogo. Os pequenos bosques, principal trincheira da Normandia, começam a desaparecer. Todos as cercas saltam. Os terraços desmoronam. Muitos soldados ficam surdos momentaneamente. Uns poucos não conseguem suportar aquilo e saem correndo. Nesse momento já está sobre o campo demarcado a terceira onda de aviões descarregando suas bombas. O barulho, isso parecia impossível, torna-se maior. É melhor dizer barulho. Podia-se chamar de estrondo, rugido, fragor, martelar, suma estridência, mugido dos deuses, mas barulho é uma palavra simples que designa igualmente mal aquilo que não tem nome. O metralhador morre. Sobre seu corpo morto cai em cheio outra bomba. Seus ossos e farrapos de carne se espalham por lugares que trinta segundos depois serão batidos por outras bombas. O servidor da peça de morteiro é volatilizado. O motorista do blindado põe em marcha seu veículo e tenta procurar um refúgio melhor mas no caminho recebe o impacto de uma bomba, e depois outras duas bombas transformam o veículo e o motorista numa só coisa informe a meio caminho entre a sucata e a lava. Depois vem a quarta e quinta ondas. Tudo arde. Aquilo não parece a Normandia mas a lua. Quando os bombardeiros terminam de descarregar no terreno previamente delimitado não se ouve um só passarinho. De fato, nas áreas vizinhas, tanto à esquerda quanto à direita das divisões que foram castigadas, onde não caiu uma só bomba, tampouco se ouve um só pássaro.

Aparecem então as tropas inimigas. Para eles, penetrar nesse território cinza-aço, fumegante, cheio de crateras, é uma experiência que não carece de certo horror. Dentre a terra ferozmente removida se ergue de quando em quando um soldado alemão com olhos de louco. Alguns se rendem chorando. Outros, os paraquedistas, os veteranos da Wehrmacht, alguns batalhões de infantaria SS abrem fogo, tentam restabelecer a linha de comando, atrasar o avanço inimigo. Uns poucos desses soldados, os mais indômitos, mostram claros sinais de ter bebido. Entre estes sem dúvida está o paraquedista Mickey Bittner, pois sua receita para aguentar qualquer tipo de bombardeio é precisamente esta: beber schnaps, beber conhaque, beber aguardente, beber grapa, beber uísque, beber qualquer bebida forte, inclusive vinho se não houver remédio, para dessa maneira evadir-se dos barulhos, ou para confundir os

barulhos com as pulsações e circunvoluções do cérebro.

Depois Mickey Bittner quis saber de que falava o romance de Archimboldi, se era seu primeiro romance ou já tinha uma obra literária nas costas. Archimboldi disse que era seu primeiro romance e contou em linhas gerais o argumento. Vejo possibilidades, disse Bittner. Ato contínuo acrescentou: mas este ano não poderemos publicá-lo. Depois falou: claro, nem falar em adiantamento. E mais tarde esclareceu: daremos cinco por cento do preço de capa, um trato mais que justo. E depois confessou: na Alemanha não se lê mais como antes, agora há coisas mais práticas em que pensar. E então Archimboldi teve a certeza de que aquele sujeito falava por falar e que provavelmente todos os merdas de paraquedistas, os cães de Student, falavam por falar, só para ouvir a própria voz e comprovar que ninguém, ainda, os havia enforcado.

Durante uns dias Archimboldi esteve pensando que a Alemanha realmente precisava era de uma guerra civil.

Não tinha fé alguma em que Bittner, que certamente não entendia nada de literatura, fosse publicar seu romance. Sentia-se nervoso e perdeu a vontade de comer. Quase não lia, e o pouco que lia o perturbava tanto que mal começava um livro precisava fechar as páginas, pois se punha a tremer e experimentava desejos irrefreáveis de sair à rua e caminhar. Fazer amor, sim, fazia, mas às vezes, no meio do ato, ia para outro planeta, um planeta nevado em que ele memorizava o caderno de Ansky.

— Onde você está? — dizia Ingeborg quando isso acontecia.

Até a voz da mulher que amava chegava a ele como se estivesse muito longe. Após dois meses sem resposta, nem negativa nem afirmativa, Archimboldi compareceu à editora e pediu para falar com Mickey Bittner. A secretária disse que o senhor Bittner agora se dedicava à importação-exportação de bens de primeira necessidade e que muito raramente se podia encontrá-lo na editora, que continuava sendo dele, naturalmente, embora ele quase nunca aparecesse por lá. Depois de insistir, Archimboldi obteve o endereço do novo escritório de Bittner, instalado nos arredores de Colônia. Num bairro de velhas fábricas do século XIX, em cima de um armazém onde se acumulavam grandes embalagens, ficava o escritório do novo negócio de Bittner, mas tampouco o encontrou por lá.

No lugar dele havia três paraquedistas veteranos e uma secretária com cabelos tingidos de cor prateada. Os paraquedistas informaram que Mickey Bittner se encontrava naquele momento na Antuérpia, fechando contrato para uma remessa de bananas. Depois todos caíram na risada e Archimboldi demorou a se dar conta de que riam das bananas e não dele. Depois os paraquedistas puseram-se a falar de cinema, de que gostavam muito, assim como a secretária, e perguntaram a Archimboldi em que frente estivera e em que arma servira, ao que Archimboldi respondeu que no leste, sempre no leste, e na infantaria hipomóvel, embora nos últimos anos não havia visto uma mula ou um cavalo nem por acaso. Os paraquedistas,

ao contrário, haviam combatido sempre no oeste, na Itália, na França e um pouco em Creta, e tinham aquele ar cosmopolita dos veteranos da frente oeste, um ar de jogadores de roleta, de notívagos, de degustadores de bom vinho, de gente que entrava nos bordéis e cumprimentava as putas pelo nome, um ar que se contrapunha ao que costumavam exhibir os veteranos da frente do leste, que mais pareciam mortos-vivos, zumbis, habitantes de cemitérios, soldados sem olho nem boca, mas com pênis, pensou Archimboldi, porque o pênis, o desejo sexual, lamentavelmente é a última coisa que o homem perde, quando deveria ser a primeira, mas não, o ser humano continua fodendo, fodendo ou fodendo-se, o que vem a ser a mesma coisa, até o último suspiro, como o soldado que ficou enterrado sob um montão de cadáveres e ali, debaixo dos cadáveres e da neve, construiu com sua ombreira regulamentar uma caverninha, e para passar o tempo bolinava a si mesmo, cada vez com maior atrevimento, pois uma vez desaparecidos o susto e a surpresa dos primeiros instantes, só lhe restavam o medo da morte e o tédio, e para matar o tédio começou a se masturbar, primeiro com timidez, como se estivesse no processo de sedução de uma jardineirazinha ou de uma pastorinha, depois com decisão cada vez maior, até que conseguiu se violentar à sua inteira satisfação, e assim ficou quinze dias, encerrado em sua covinha de cadáveres e neve, racionando a comida e dando rédeas largas a seus desejos, os quais não o debilitavam, ao contrário, pareciam se retroalimentar, como se o soldado bebesse seu próprio sêmen ou como se depois de ter ficado louco houvesse encontrado a saída esquecida em direção a uma nova conduta, até que as tropas alemãs contra-atacaram e o encontraram, e aqui havia um dado curioso, pensou Archimboldi, pois um dos soldados que o livrou do montão de cadáveres malcheirosos e da neve que fora se acumulando, disse que o soldado em questão recendia a algo estranho, quer dizer não recendia a sujeira nem a merda nem a urina, tampouco fedia a podridão ou a vermes, vá, o sobrevivente cheirava *bem*, um cheiro forte, pode ser, mas *bom*, como de perfume barato, perfume húngaro ou perfume cigano, com um leve aroma de iogurte, talvez, com um leve aroma de raízes, talvez, mas o que predominava não era, certamente, o cheiro de iogurte ou de raízes mas outra coisa, uma coisa que surpreendeu a todos os que estavam ali, tirando a pazadas os cadáveres para enviá-los além das linhas e lhes dar uma sepultura cristã, um cheiro que *dividia as águas*, como fez Moisés no Mar Vermelho, para que o soldado em questão, que mal podia ficar em pé, pudesse passar, mas passar para onde?, qualquer um sabia, para a retaguarda, para um manicômio na pátria, certamente.

Os paraquedistas, que não eram más pessoas, convidaram Archimboldi para participar de um negócio que tinham de resolver naquela mesma noite. Archimboldi perguntou a que horas acabaria o negócio, pois não desejava perder seu trabalho no bar, e os paraquedistas garantiram que às onze da noite tudo estaria concluído. Ficaram de se encontrar às oito num bar perto da estação e antes de se despedirem a secretária piscou o olho para ele.

O bar se chamava O Rouxinol Amarelo e a primeira coisa que chamou a atenção de Archimboldi quando os paraquedistas apareceram foi que todos vestiam casacos de couro

preto, muito parecidos com o dele. O trabalho consistia em esvaziar parte de um vagão de trem de uma carga de fogareiros do exército americano. Junto ao vagão, numa via afastada, encontraram um americano que primeiro exigiu uma certa quantidade de dinheiro, que contou até a última nota, e depois os avisou, como quem repete uma proibição já sabida a crianças de entendimento curto, que só podiam esvaziar aquele vagão e não outro, e que daquele vagão só podiam esvaziar as caixas com a marca PK.

Falava em inglês e um dos paraquedistas respondeu em inglês dizendo que não se preocupasse. Depois o americano desapareceu no escuro e outro dos paraquedistas apareceu com um caminhãozinho, de luzes apagadas, e depois de destrancar o cadeado do vagão começaram a trabalhar. Ao cabo de uma hora já tinham terminado e dois paraquedistas subiram na boleia e Archimboldi e o outro paraquedista se acomodaram atrás, no reduzido espaço que as caixas deixavam. Rodaram por ruas afastadas, algumas sem iluminação pública, até o escritório que Mickey Bittner tinha no subúrbio. Esperava-os lá a secretária, com uma garrafa térmica de café quente e uma garrafa de uísque. Quando descarregaram tudo subiram ao escritório e puseram-se a falar do general Udet. Os paraquedistas, enquanto misturavam o uísque com o café, deram vazão às recordações históricas, que nesse caso também eram recordações varonis ponteadas por risadas de desencanto, como se dissessem sou escolado nisso, a mim não enganam, conheço a natureza humana, o choque incessante das vontades, minhas recordações históricas estão escritas em letras de fogo e são meu único capital, e assim se puseram a evocar a figura de Udet, o general Udet, o ás da aviação que tinha se suicidado pelas calúnias propagadas por Göring.

Archimboldi não sabia muito bem quem era Udet e tampouco perguntou. O nome não lhe era estranho, como eram os outros nomes, mas é só. Dois dos paraquedistas tinham visto Udet em certa ocasião e falavam dele nos melhores termos.

— Um dos melhores homens da Luftwaffe.

O terceiro paraquedista ouvia e meneava a cabeça, não muito seguro do que afirmavam seus companheiros, mas de modo algum disposto a contradizê-los, e Archimboldi ouvia espantado, pois se tinha alguma certeza era de que durante a Segunda Guerra Mundial havia motivos mais que de sobra para se suicidar, mas evidentemente não pelos fuxicos de um sujeitinho como Göring.

— Quer dizer que Udet se suicidou pelas intrigas de salão de Göring? — falou. — Quer dizer que esse Udet não se suicidou por causa dos campos de extermínio nem pelas carnificinas no front nem pelas cidades em chamas, mas porque Göring afirmou que era um inepto?

Os três paraquedistas olharam para ele como se o vissem pela primeira vez, mas não demonstraram muita surpresa.

— Talvez Göring tivesse razão — disse Archimboldi servindo-se um pouco mais de uísque e tapando a xícara com o dorso da mão quando a secretária pretendeu enchê-la de café. — Talvez esse Udet no fundo fosse inepto — disse. — Talvez esse Udet, realmente, fosse um feixe de nervos toscos e esfiapados — disse. — Talvez esse Udet fosse um veado, como quase todos os alemães que se deixaram sodomizar por Hitler — disse.

— Você é austríaco por acaso? — perguntou um dos paraquedistas.

— Não, também sou alemão — disse Archimboldi.

Por um instante os três paraquedistas ficaram em silêncio, se perguntando se o matavam ou se contentavam em lhe dar uma surra. A segurança de Archimboldi, que de quando em quando lhes lançava olhares de raiva em que se podiam ler muitas coisas menos medo, os dissuadiu de uma resposta agressiva.

— Pague-o — disse um deles à secretária.

Esta se levantou e abriu um armário metálico em cuja parte inferior havia um pequeno cofre. O dinheiro que pôs nas mãos de Archimboldi equivalia à metade do seu salário mensal no bar da Spenglerstrasse. Archimboldi guardou o dinheiro no bolso de dentro do casaco sob o olhar nervoso dos paraquedistas (que estavam certos de que ele escondia ali uma pistola ou pelo menos uma faca) e depois procurou a garrafa de uísque mas não achou. Perguntou por ela. Guardei, disse a secretária, você já bebeu bastante, garotinho. Archimboldi gostou da palavra garotinho, mesmo assim pediu mais.

— Tome o último trago depois caia fora que temos o que fazer — disse um dos paraquedistas.

Archimboldi assentiu com a cabeça. A secretária lhe serviu dois dedos de uísque. Archimboldi bebeu lentamente, saboreando a bebida, que supôs ser também de contrabando. Em seguida se levantou e dois dos paraquedistas o acompanharam até a porta da rua. Lá fora estava escuro e embora soubesse muito bem para onde tinha de ir, não conseguiu evitar meter os pés nos buracos e poças que pontilhavam aquele bairro.

* * *

Dois dias depois Archimboldi tornou a se apresentar na editora de Mickey Bittner e a mesma secretária da vez anterior, que o reconheceu, disse que haviam encontrado seu manuscrito. O senhor Bittner estava em sua sala. A secretária perguntou se desejava vê-lo.

— Ele deseja me ver? — perguntou Archimboldi.

— Creio que sim — disse a secretária.

Por uns segundos lhe passou pela cabeça que talvez Bittner agora quisesse publicar seu romance. Também podia querer vê-lo para lhe oferecer outro trabalho em seu negócio de importação-exportação. Pensou, no entanto, que se o visse provavelmente lhe quebraria o nariz e disse que não.

— Boa sorte, então — disse a secretária.

— Obrigado — respondeu Archimboldi.

Enviou o manuscrito recobrado a uma editora de Munique. Depois de pô-lo no correio, voltando para casa, se deu conta de repente de que durante aquele tempo todo não havia escrito quase nada. Comentou isso com Ingeborg depois de fazerem amor.

— Que perda de tempo — disse ela.

— Não sei como isso pôde me acontecer — disse ele.

Naquela noite, enquanto trabalhava na porta do bar, entreteve-se pensando num tempo de

duas velocidades, um era muito lento e as pessoas e objetos se moviam nesse tempo de forma quase imperceptível, o outro era muito rápido e tudo, até as coisas inertes, cintilavam de velocidade. O primeiro se chamava Paraíso, o segundo, Inferno, e a única coisa que Archiboldi desejava era não viver jamais em nenhum dos dois.

Uma manhã recebeu uma carta de Hamburgo. A carta estava assinada pelo senhor Bubis, o grande editor, que nela dizia palavras lisonjeiras, mas sem exagerar, digamos coisas lisonjeiras nas entrelinhas, sobre *Lüdicke*, uma obra que estaria interessado em editar, se é que o senhor Benno von Archimboldi, claro, já não tinha editor, e nesse caso sentiria muito, pois seu romance não carecia de méritos e era, de certa maneira, inovador, enfim, um livro que ele, o senhor Bubis, havia lido com sumo interesse e em cuja impressão, sem dúvida, apostaria, embora do jeito que andava o negócio editorial na Alemanha, o máximo que podia oferecer de adiantamento era tanto e tanto, uma soma ridícula, bem sabia ele, uma soma que quinze anos atrás jamais teria mencionado, mas que em compensação lhe garantia uma edição cuidadosa e a distribuição do livro em todas as boas livrarias, não só na Alemanha mas também na Áustria e na Suíça, onde o selo Bubis era recordado e respeitado pelos livreiros democráticos, um símbolo da edição independente e rigorosa.

Depois o senhor Bubis se despedia amavelmente, pedindo-lhe que se algum dia passasse por Hamburgo não hesitasse em visitá-lo, e juntava à carta um pequeno boletim da editora, impresso em papel barato mas com belos caracteres, onde era anunciado o próximo lançamento de dois livros “magníficos”, uma das primeiras obras de Döblin e um volume de ensaios de Heinrich Mann.

Quando Archimboldi mostrou a carta a Ingeborg esta denotou surpresa porque ignorava quem era esse tal de Benno von Archimboldi.

— Sou eu, claro — disse Archimboldi.

— E por que mudou de nome? — quis saber.

Depois de pensar por um instante Archimboldi respondeu que por segurança.

— Talvez os americanos estejam me procurando — disse. — Talvez os policiais americanos e alemães tenham juntado as peças.

— Juntar as peças por um criminoso de guerra? — perguntou Ingeborg.

— A justiça é cega — lembrou-lhe Archimboldi.

— Cega quando convém — replicou Ingeborg —, e a quem convém expor à luz do dia a roupa suja de Sammer? A ninguém!

— Nunca se sabe — disse Archimboldi. — De qualquer modo o mais seguro para mim é que se esqueçam de Reiter.

Ingeborg fitou-o surpresa:

— Você está mentindo — disse.

— Não, não estou — disse Archimboldi, e Ingeborg acreditou, porém mais tarde, antes que ele fosse trabalhar, disse a ele com um enorme sorriso:

— Você tem certeza que vai ser famoso!

Até aquele momento Archimboldi nunca tinha pensado na fama. Hitler era famoso. Göring era famoso. A gente que ele amava ou lembrava com saudade não era famosa, mas satisfazia certas necessidades. Döblin era seu consolo. Ansky era sua força. Ingeborg era sua alegria. O desaparecido Hugo Halder era a leveza da sua vida. Sua irmã, da qual não sabia

nada, era sua própria inocência. Claro, também eram outras coisas. Inclusive, às vezes, eram todas as coisas juntas, mas não a fama, que quando não se cimentava no arrivismo, cimentava-se no equívoco e na mentira. Além do mais, a fama era redutora. Tudo o que ia parar na fama e tudo o que procedia da fama inevitavelmente se reduzia. As mensagens da fama eram primárias. A fama e a literatura eram inimigas irreconciliáveis.

Aquele dia todo pensou em por que tinha mudado de nome. No bar todos sabiam que se chamava Hans Reiter. As pessoas que conhecia em Colônia sabiam que se chamava Hans Reiter. Se a polícia finalmente resolvesse persegui-lo pelo assassinato de Sammer, pistas em nome de Reiter não iam faltar. Por que então adotar um *nom de plume*? Talvez Ingeborg tenha razão, pensou Archimboldi, talvez no fundo eu tenha a certeza de que vou ficar famoso e com a mudança de nome tomo as primeiras disposições ante a minha segurança futura. Mas talvez tudo isso signifique outra coisa. Talvez, talvez, talvez...

Um dias após receber a carta do senhor Bubis, Archimboldi escreveu garantindo que seu romance não estava comprometido com nenhuma outra editora e que o adiantamento que o senhor Bubis havia prometido lhe parecia satisfatório.

Pouco depois chegou uma carta do senhor Bubis na qual ele o convidava para ir a Hamburgo conhecê-lo pessoalmente e, aproveitando, assinar o contrato. Nos tempos de hoje, dizia o senhor Bubis, não confio no correio alemão nem em sua proverbial pontualidade e infalibilidade. E ultimamente, sobretudo depois que voltei da Inglaterra, adquiri a mania de conhecer pessoalmente a todos os meus autores.

Antes de 33 publiquei, explicava, muitos romances da literatura alemã, e em 1940, na solidão de um hotel londrino, comecei a matar o tédio fazendo um cálculo de quantos escritores de quem eu havia publicado a primeira obra tinham se tornado membros do partido nazista, quantos tinham se tornado SS, quantos haviam publicado em jornais violentamente antissemitas, quantos haviam feito carreira na burocracia nazista. O resultado quase me levou ao suicídio, escrevia o senhor Bubis.

Em vez de me suicidar limitei-me a me esbofetear. De repente se apagaram todas as luzes do hotel. Continuei renegando e me esbofetendo. Qualquer um que tivesse me visto teria pensado que eu estava louco. De repente me faltou ar e abri a janela. Descortinou-se então a mim o grande teatro noturno da guerra: contemplei como bombardeavam Londres. As bombas estavam caindo perto do rio, mas na noite pareciam cair a poucos metros do hotel. O feixe de luz dos refletores cruzava o céu. O barulho das bombas era cada vez maior. De vez em quando uma pequena explosão, uma labareda por cima dos globos protetores dava a entender, mas talvez não fosse assim, que um avião da Luftwaffe havia sido atingido. Em que pese o horror que me rodeava continuei me esbofetendo e me insultando. Canalha, cretino, mequetrefe, imbecil, bronco, estúpido, coisas assim, insultos meio pueris ou senis.

Depois alguém bateu na minha porta. Era um camareiro irlandês bem mocinho. Num acesso de loucura acreditei ver em suas feições as feições de James Joyce. Que piada.

— Tem que fechar os contraventos, vovô — disse ele.

— Os o quê? — repliquei vermelho como um camarão.

— As janelas de fora, velho, e descer voando para o subsolo.

Entendi que ele me mandava descer ao porão.

— Espere um momento, jovem — disse-lhe, e passei-lhe uma nota de gorjeta.

— Sua excelência é um mão furada — disse ele antes de se retirar —, mas agora voando para as catacumbas.

— Vá na frente — respondi —, eu vou já.

Quando ele foi embora tornei a abrir a janela e fiquei contemplando os incêndios nos *docks* do rio, depois desatei a chorar pelo que então acreditei ser uma vida perdida e num minuto salva por um triz.

De modo que Archimboldi pediu licença no trabalho e foi de trem para Hamburgo.

A editora do senhor Bubis ficava no mesmo edifício em que funcionara até 1933. Os dois edifícios vizinhos haviam ido abaixo com os bombardeios, assim como vários edifícios do outro lado da rua. Alguns dos funcionários da editora diziam, pelas costas do senhor Bubis, claro, que ele havia dirigido pessoalmente os reides aéreos sobre a cidade. Ou pelo menos naquele bairro específico. Quando Archimboldi o conheceu, o senhor Bubis tinha setenta e quatro anos e às vezes dava a impressão de ser um homem achacadiço, de gênio ruim, avaro, desconfiado, um comerciante que pouco ligava para a literatura, se bem que como regra geral sua disposição natural fosse bem diferente: o senhor Bubis gozava ou simulava gozar de uma saúde invejável, nunca ficava doente, estava sempre pronto a sorrir com qualquer coisa, costumava se mostrar confiante como uma criança e não era avaro, se bem que tampouco se pudesse afirmar que pagasse seus funcionários com largueza.

Na editora, além do senhor Bubis, que fazia de tudo, trabalhava uma revisora, uma funcionária administrativa, que também cuidava das relações com a imprensa, uma secretária, que costumava ajudar a revisora e a funcionária, e um encarregado do depósito, que raramente estava no depósito, situado no porão do edifício, um porão que o senhor Bubis tinha de reformar constantemente pois a água da chuva volta e meia o inundava, e às vezes até a água do lençol freático, como explicava o encarregado da armazenagem, subia e se instalava no porão na forma de grandes manchas de umidade, muito prejudiciais para os livros e para a saúde dos que trabalhavam ali.

Além desses quatro empregados, costumava encontrar-se na editora uma senhora de aspecto respeitável, mais ou menos da idade do senhor Bubis, se não um pouco mais velha, que havia trabalhado para ele até 1933, a senhora Marianne Gottlieb, a funcionária mais fiel da editora, tanto que, segundo se dizia, dirigiu o carro que havia levado Bubis e sua mulher até a fronteira holandesa, onde, depois da polícia fronteiriça ter revistado o veículo sem encontrar nada, haviam seguido caminho até Amsterdam.

Como Bubis e sua mulher tinham conseguido burlar o controle? Não se sabia, mas o mérito, em todas as versões da história, sempre era atribuído à senhora Gottlieb.

Quando Bubis voltou para Hamburgo, em setembro de 1945, a senhora Gottlieb vivia na

pobreza mais absoluta, e Bubis, que por então tinha enviuvado, levou-a para morar com ele em sua casa. Pouco a pouco a senhora Gottlieb foi se recuperando. Primeiro recuperou a razão. Uma manhã viu Bubis e o reconheceu como seu ex-patrão, mas não disse nada. De noite, quando Bubis voltou da prefeitura, pois então trabalhava com assuntos políticos, deparou com o jantar pronto e com a senhora Gottlieb, de pé junto à mesa, à sua espera. Aquela foi uma noite feliz para o senhor Bubis e para a senhora Gottlieb, embora o jantar terminasse com a evocação do exílio e da morte da senhora Bubis, e com um rio de lágrimas por seu túmulo solitário no cemitério judeu de Londres.

Depois a senhora Gottlieb melhorou de saúde, aproveitando para mudar para um pequeno apartamento de onde podia ver um parque destruído mas que na primavera verdejava com a força da natureza, a maior parte das vezes indiferente aos atos humanos, ou não, conforme dizia cético o senhor Bubis, que acatava mas não compartilhava essa sede de independência da senhora Gottlieb. Pouco depois ela pediu que ele a ajudasse a arranjar um trabalho, pois a senhora Gottlieb era incapaz de ficar sem fazer nada. Bubis transformou-a então em sua secretária. Mas a senhora Gottlieb, que nunca falava disso, também havia recebido sua dose de pesadelo e inferno e às vezes, sem causa aparente, sua saúde se quebrantava e ela ficava doente na mesma velocidade com que depois se recuperava. Outras vezes, seu equilíbrio mental é que se ressentia. Vez por outra Bubis tinha de se encontrar com as autoridades inglesas em determinado lugar, e a senhora Gottlieb o mandava para a outra ponta da cidade. Ou lhe marcava encontros com nazistas hipócritas e não redimidos que pretendiam oferecer seus serviços à prefeitura de Hamburgo. Ou adormecia, como se fosse picada pela mosca do sono, sentada em sua sala, com a testa apoiada no tampo da mesa.

Motivos pelos quais o senhor Bubis tirou-a de lá e colocou-a no arquivo de Hamburgo, onde a senhora Gottlieb precisava enfrentar livros e maços de documentos, em suma, papéis, algo com que ela, pelo que supôs o senhor Bubis, estava mais que acostumada. De qualquer maneira, e embora no arquivo fossem bem condescendentes com as condutas extravagantes, a senhora Gottlieb continuou mantendo sua atitude às vezes errática e às vezes de um senso comum exemplar. Também continuou visitando o senhor Bubis, em horas que roubava do descanso, para ver se sua presença podia ser de alguma utilidade. Até que o senhor Bubis se cansou da política e dos interesses municipais e decidiu concentrar sua atividade no que, no fundo, o havia trazido de volta à Alemanha: reabrir a editora.

Com frequência, quando lhe perguntavam por que havia voltado, citava Tácito: *à parte o perigo de um mar temível e desconhecido, quem vai deixar a Ásia, a África ou a Itália e ir para a Germânia, uma terra difícil, um clima duro, triste de habitar e contemplar, se ela não é sua pátria?* Os que ouviam assentiam ou sorriam, depois comentavam entre si: Bubis é dos nossos. Bubis não nos esqueceu. Bubis não nos guarda rancor. Alguns lhe davam tapinhas nos ombros e não entendiam nada. Outros punham umas caras compungidas e diziam quanta verdade encerra essa frase. Grande era Tácito e grande também — em outra escala, claro! — o nosso bom Bubis.

O caso é que Bubis, quando citava o latino, se atinha literalmente ao escrito. A travessia do Canal era algo que sempre o havia horrorizado. Bubis enjoava nos navios, vomitava e

geralmente se mostrava incapaz de sair do camarote, de modo que quando Tácito falava de um mar terrível e desconhecido, embora se referisse a outro mar, ao Báltico ou ao Mar do Norte, Bubis sempre pensava na travessia do Canal e em quão funesta tal travessia era para seu estômago revoltado e, em geral, para sua saúde. Do mesmo modo, quando Tácito falava em deixar a Itália, Bubis pensava nos Estados Unidos, em Nova York concretamente, de onde havia recebido várias ofertas nada desdenháveis para trabalhar na indústria editorial da grande maçã, e quando Tácito mencionava a Ásia e a África, pela cabeça de Bubis passava o iminente Estado de Israel, onde estava certo de que podia fazer muitas coisas, no campo editorial, é claro, além de ser um lugar onde viviam muitos dos seus velhos amigos, os quais gostaria de rever.

No entanto, havia escolhido *a Germânia, triste de habitar e contemplar*. Por quê? Certamente não porque fosse sua pátria, pois o senhor Bubis, embora se sentisse alemão, abominava as pátrias, uma das causas pelas quais, segundo ele, haviam morrido mais de cinquenta milhões de pessoas, mas porque na Alemanha ficava sua editora ou o conceito que ele tinha de editora, uma editora alemã, uma editora com sede em Hamburgo e cujas redes, em forma de pedidos de livros, se estendiam pelas velhas livrarias de toda a Alemanha, cujos livreiros, alguns deles, ele conhecia pessoalmente e com os quais, quando fazia uma viagem de negócios, tomava chá ou café, sentados num canto da livraria, queixando-se permanentemente dos maus tempos, choramingando com o desdém do público pelos livros, gemendo contra os intermediários e os vendedores de papel, plangendo pelo futuro de um país que não lia, numa palavra, passando um momento agradável enquanto mordiscavam uns biscoitinhos ou uns pedacinhos de *Kuchen* até que finalmente o senhor Bubis se levantava e apertava a mão do velho livreiro de, por exemplo, Iserlohn, depois ia a Bochum, visitar o velho livreiro de Bochum, que conservava como relíquias, relíquias à venda, isso sim, livros com o selo de Bubis publicados em 1930 ou em 1927 e que, segundo a lei, a lei da Selva Negra, está claro, deveria ter queimado no mais tardar em 1935, mas que o velho livreiro havia preferido esconder, por puro amor, coisa que Bubis entendia (e pouca gente mais, inclusive o autor do livro, teria podido entender) e agradecia com um gesto que estava além ou aquém da literatura, um gesto, para assim chamá-lo, de comerciantes honrados, de comerciantes em posse de um segredo que talvez remontasse às origens da Europa, um gesto que era uma mitologia ou que abria a porta para uma mitologia cujas duas colunas principais eram o livreiro e o editor, não o escritor, de rumo caprichoso ou sujeito a imponderáveis fantasmas, mas o livreiro, o editor e um longo caminho ziguezagueante desenhado por um pintor da escola flamenga.

De modo que não foi muito estranho o senhor Bubis ter se entediado rapidamente da política e decidido reabrir sua editora, pois no fundo a única coisa que lhe interessava de verdade era a aventura de imprimir livros e vendê-los.

Por aqueles dias, no entanto, pouco antes de voltar a abrir o edifício que a justiça lhe tinha devolvido, o senhor Bubis conheceu em Mannheim, na zona americana, uma jovem

refugiada de pouco mais de trinta anos, de boa família e notável beleza, e, sem que se saiba como, pois o senhor Bubis não tinha fama de donjuán, tornaram-se amantes. A mudança que ele experimentou em consequência dessa relação foi notória. Sua energia, já por si portentosa levando-se em conta a idade, triplicou. Sua vontade de viver se fez avassaladora. Sua convicção quanto ao sucesso de sua nova empresa editorial (se bem que Bubis costumava corrigir quem falava de “nova empresa”, já que para ele era a mesma velha editora de sempre que voltava à superfície após uma pausa prolongada e não desejada) tornou-se contagiosa.

Na inauguração da editora, com todas as autoridades, artistas e políticos de Hamburgo convidados, além de uma delegação de oficiais ingleses aficionados do romance (se bem que, lamentavelmente, do romance policial, ou da variante georgiana do romance de cavalos, ou do romance filatélico), e a imprensa não só alemã mas também francesa, inglesa, holandesa, suíça e até americana, sua noiva, como a chamava com carinho, foi apresentada publicamente e as mostras de respeito correram paralelas à perplexidade que despertou semelhante achado, pois todos esperavam uma mulher de quarenta ou cinquenta anos, mais para o tipo intelectual, alguns acreditavam que fosse, como era tradição na família Bubis, uma judia, outros pensaram, guiados pela experiência, que só ia ser mais uma piada do senhor Bubis, grande apreciador de pilhérias assim. Mas a coisa era séria, como ficou claro durante a festa. A mulher não era judia mas cem por cento ariana, também não tinha quarenta mas trinta e poucos, embora aparentasse no máximo vinte e sete, e dois meses depois a pilhéria ou a piadinha do senhor Bubis se converteu num fato consumado ao se casar, com toda a pompa e flanqueado pelo *who is who* da cidade, na prefeitura vetusta e em processo de reconstrução, numa cerimônia civil inesquecível oficiada pelo prefeito de Hamburgo em pessoa, o qual, aproveitando a ocasião e no auge da rasgação de seda, declarou o filho pródigo e cidadão exemplar.

Quando Archimboldi chegou a Hamburgo, a editora, embora ainda não houvesse alcançado a altura que o senhor Bubis havia estabelecido como segunda meta (a primeira era não ter escassez de papel e manter uma distribuição por toda a Alemanha, as oito restantes só o senhor Bubis conhecia), ia num ritmo aceitável e seu dono e senhor se sentia satisfeito e estava cansado.

Começavam a aparecer escritores na Alemanha que interessavam ao senhor Bubis, não muito, é verdade, quer dizer não tanto, nem de longe como lhe interessavam os escritores em língua alemã da sua primeira etapa e aos quais mantinha uma lealdade louvável, mas alguns dos novos não eram maus, se bem que entre eles não se vislumbresse (ou o senhor Bubis era incapaz de vislumbrar, como ele próprio reconhecia) um novo Döblin, um novo Musil, um novo Kafka (mas se aparecesse um novo Kafka, dizia o senhor Bubis rindo mas com os olhos profundamente entristecidos, eu desandaria a tremer), um novo Thomas Mann. O grosso do catálogo continuava sendo, para chamá-lo assim, o fundo inesgotável da editora, mas também começavam a dar as caras os novos escritores, a mina inesgotável da literatura alemã, além das traduções de literatura francesa e literatura anglo-saxã, que naqueles tempos

e depois da prolongada estiagem nazista conseguiram se firmar com leitores fiéis que garantiam o êxito ou pelo menos que não houvesse perdas na edição.

O ritmo de trabalho, em todo caso, se não era frenético era contínuo, e quando Archimboldi apareceu na editora a primeira coisa que pensou foi que o senhor Bubis, atarefado como aparentava estar, não o receberia. Mas o senhor Bubis, depois de fazê-lo esperar dez minutos, convidou-o a entrar em sua sala, uma sala que Archimboldi não ia esquecer nunca, pois os livros e os manuscritos, esgotados os espaços nas estantes, se acumulavam no chão formando pilhas e torres, algumas de forma tão instável que por sua vez formavam arcadas, um caos que refletia o mundo, rico e portentoso apesar das guerras e das injustiças, uma biblioteca de livros magníficos que Archimboldi teria desejado com toda a sua alma ler, primeiras edições de grandes autores dedicadas de próprio punho ao senhor Bubis, livros de arte degenerada que outras editoras tornavam a pôr em circulação na Alemanha, livros publicados na França e livros publicados na Inglaterra, edições rústicas aparecidas em Nova York, Boston e San Francisco, além de revistas americanas de nomes míticos que para um escritor jovem e pobre constituíam um tesouro, o máximo alarde da riqueza, e que transformavam a sala de Bubis em algo parecido com a caverna de Ali Babá.

Archimboldi tampouco esqueceria a primeira pergunta que Bubis lhe fez depois das apresentações de rigor:

— Qual seu verdadeiro nome, porque o senhor, é claro, não se chama assim?

— É esse o meu nome — respondeu Archimboldi.

Ao que o senhor Bubis replicou:

— O senhor acredita que os anos na Inglaterra ou os anos em geral me converteram num idiota? Ninguém se chama assim. Benno von Archimboldi. Chamar-se Benno, em princípio, já é suspeito.

— Por quê? — quis saber Archimboldi.

— Não sabe? Verdade?

— Juro que não sei — assegurou Archimboldi.

— Por causa de Benito Mussolini, homem de Deus! Onde o senhor está com a cabeça?

Nesse momento Archimboldi pensou que havia perdido tempo e dinheiro viajando a Hamburgo e se viu viajando aquela mesma noite no noturno Hamburgo-Colônia. Com sorte, na manhã seguinte estaria em casa.

— Me chamaram Benno por causa de Benito Juárez — disse Archimboldi —, suponho que o senhor saiba quem é Benito Juárez.

Bubis sorriu.

— Benito Juárez — murmurou, e continuou sorrindo. — Pois então Benito Juárez, hem?

— disse, num tom de voz um pouco mais alto.

Archimboldi fez que sim com a cabeça.

— Pensei que diria que era em homenagem a São Bento.

— Não conheço esse santo — disse Archimboldi.

— Já eu conheço três — falou Bubis. — São Bento de Aniano, que reorganizou a ordem dos beneditinos no século nove. São Bento de Núrsia, que fundou a ordem que leva seu

nome no século VI e que é conhecido como o “Pai da Europa”, um título perigosíssimo, não acha? E são Bento, o Mouro, que era negro, de raça negra, quero dizer, nascido e falecido na Sicília no século XVI e pertencente à ordem franciscana. Qual dos três prefere?

— Benito Juárez — respondeu Archimboldi.

— E o sobrenome, Archimboldi, não vai querer que eu acredite que em sua família todos se chamam assim, não é?

— Eu me chamo assim — disse Archimboldi prestes a deixar aquele homem pequenino e mal-humorado com a palavra nos lábios e sair sem se despedir.

— Ninguém se chama assim — respondeu Bubis com má vontade. — Suponho que nesse caso se trate de uma homenagem a Giuseppe Arcimboldo. E de onde vem esse von? Benno não se conforma com ser Benno Archimboldi? Benno quer deixar patente suas raízes germânicas? De que lugar da Alemanha é o senhor?

— Sou prussiano — respondeu Archimboldi levantando-se disposto a ir embora.

— Espere um momento — resmungou Bubis —, antes de ir para o seu hotel quero que vá ver minha mulher.

— Não vou para hotel nenhum — disse Archimboldi —, volto para Colônia. Peço-lhe que me entregue meu manuscrito.

Bubis voltou a sorrir.

— Teremos tempo para isso — disse.

Tocou uma campainha e antes que a porta se abrisse perguntou pela última vez:

— Não quer mesmo me dizer seu verdadeiro nome?

— Benno *von* Archimboldi — respondeu Archimboldi, olhando-o nos olhos.

Bubis abriu as mãos e as juntou, como se aplaudisse, mas sem nenhum som, e depois a cabeça da sua secretária apareceu na porta.

— Leve este senhor à sala da senhora Bubis — disse.

Archimboldi olhou para a secretária, uma moça loura de cabelos encaracolados, e quando tornou a olhar para o senhor Bubis este já estava mergulhado na leitura de um manuscrito. Seguiu a secretária. A sala da senhora Bubis ficava no fim de um comprido corredor. A secretária bateu na porta com os nós dos dedos, depois, sem esperar resposta, abriu a porta e disse: Anna, o senhor Archimboldi está aqui. Uma voz ordenou que entrasse. A secretária pegou-o pelo braço e empurrou-o para dentro. Depois, dirigindo-lhe um sorriso, saiu. A senhora Anna Bubis estava sentada atrás de uma escrivaninha virtualmente vazia (ainda mais em comparação com a sala do senhor Bubis) onde só havia um cinzeiro, um maço de cigarros ingleses, um isqueiro de ouro e um livro escrito em francês. Archimboldi, apesar dos anos transcorridos, a reconheceu de imediato. Era a baronesa Von Zumpe. Mas ficou quieto e decidido a não dizer, pelo menos de momento, nada. A baronesa tirou os óculos, antes, conforme Archimboldi lembrava, não usava, e o observou com um olhar suavíssimo, como se lhe custasse sair do que estava lendo ou pensando, ou talvez aquele fosse o seu olhar de sempre.

— Benno von Archimboldi? — disse.

Archimboldi assentiu com a cabeça. Por uns segundos a baronesa não disse nada e se

limitou a estudar suas feições.

— Estou cansada — falou. — Que tal sairmos para passear um pouco, talvez tomar um café?

— Acho uma boa ideia — disse Archimboldi.

Enquanto desciam a escada escura do edifício, a baronesa lhe disse, chamando-o de você, que o havia reconhecido e que tinha certeza de que ele também a tinha reconhecido.

— De imediato, baronesa — disse Archimboldi.

— Mas passou muito tempo — disse a baronesa Von Zumpe —, e eu mudei.

— Não no aspecto físico, baronesa — disse atrás dela Archimboldi.

— Seu nome, no entanto, não me lembro — disse a baronesa —, você era filho de uma das nossas empregadas, disse sim me lembro, sua mãe trabalhava na casa do bosque, mas não me lembro do seu nome.

Archimboldi achou divertida a maneira como a baronesa chamava sua antiga mansão solarenga. A casa do bosque evocava uma casa de brincar, uma cabana, um refúgio, algo que estava longe do fluir do tempo e que permanecia embutido numa infância voluntariosa e fictícia, mas certamente amável e indene.

— Agora me chamo Benno von Archimboldi, baronesa — disse Archimboldi.

— Muito bem — disse a baronesa —, você escolheu um nome muito elegante. Um pouco dissonante, mas com certa elegância, sem dúvida.

Algumas ruas de Hamburgo, como pôde apreciar Archimboldi enquanto passeavam, estavam em pior estado do que algumas das ruas mais castigadas de Colônia, embora em Hamburgo ele tenha tido a impressão de que se esforçavam um pouco mais nos trabalhos de reconstrução. Enquanto caminhavam, a baronesa ligeira como uma colegial matando aula e Archimboldi levando ao ombro sua sacola de viagem, contaram um ao outro algumas coisas que haviam acontecido com eles depois de seu último encontro nos Cárpatos. Archimboldi lhe falou da guerra, mas sem entrar em detalhes, lhe falou da Crimeia, do Kuban e dos grandes rios da União Soviética, falou do inverno e dos meses que ficou sem poder falar, e de alguma forma, obliquamente, evocou Ansky, mas sem mencionar seu nome.

A baronesa, por sua vez, e como para fazer contrapeso às viagens forçadas de Archimboldi, lhe falou de suas viagens, todas voluntárias, queridas e portanto felizes, viagens exóticas à Bulgária e à Turquia e a Montenegro, e recepções nas embaixadas alemãs da Itália, Espanha e Portugal, e lhe confessou que às vezes tentava se arrepender do deleite que havia experimentado durante aqueles anos, mas que por mais que intelectualmente, ou talvez fosse mais apropriado dizer moralmente, rechaçasse essa atitude hedonista, a verdade era que sua memória, ao evocá-los, ainda estremecia de prazer.

— Você entende? Você pode me entender? — perguntou a ele enquanto tomavam capuccinos e comiam biscoitos num café que parecia saído de um conto de fadas, ao lado de uma grande vidraça com vista para o rio e para as suaves colinas verdes.

Então Archimboldi, em vez de lhe dizer se a entendia ou se não a entendia, perguntou se ela sabia o que havia acontecido com o general romeno Entrescu. Não tenho a menor ideia, respondeu a baronesa.

— Eu sim — disse Archimboldi —, se a senhora quiser posso contar.
— Adivinho que não me dirá nada de bom — disse a baronesa. — Estou enganada?
— Não sei — admitiu Archimboldi —, dependendo de como se encare é muito ruim ou não tão ruim assim.

— Você o viu? — sussurrou a baronesa olhando para o rio, onde naquele momento se cruzavam duas embarcações, uma rumo ao mar, outra para o interior.

— Vi — respondeu Archimboldi.

— Então não me conte ainda — disse a baronesa —, teremos tempo para isso.

Um dos garçons do café chamou um táxi para ela. A baronesa mencionou um hotel. Na recepção tinham uma reserva em nome de Benno von Archimboldi. Ambos seguiram o mensageiro até um quarto individual. Com surpresa, Archimboldi descobriu num dos móveis um aparelho de rádio.

— Desfaça a sua mala — disse a baronesa — e arrume-se um pouco, esta noite jantamos com meu marido.

Enquanto Archimboldi punha numa cômoda um par de meias, uma camisa e uma cueca, a baronesa se encarregava de sintonizar uma emissora de jazz. Archimboldi entrou no banheiro, fez a barba, jogou água no cabelo e se penteou. Quando saiu as luzes do quarto, salvo o abajur da mesinha de cabeceira, estavam apagadas e a baronesa ordenou que se despisse e entrasse na cama. Desta, tapado com as cobertas até o pescoço e com uma agradável sensação de cansaço, observou a baronesa, de pé, vestindo apenas calcinhas pretas, mudar de emissora até encontrar uma de música clássica.

Permaneceu três dias em Hamburgo ao todo. Em duas oportunidades jantou com o senhor Bubis. Numa falou de si mesmo e na outra conheceu alguns amigos do famoso editor e quase não abriu a boca, com medo de cometer alguma imprudência. No círculo íntimo do senhor Bubis, pelo menos em Hamburgo, não havia escritores. Um banqueiro, um nobre arruinado, um pintor que agora só escrevia monografias sobre pintores do século XVII e uma tradutora de francês, todos muito preocupados com a cultura, todos inteligentes, mas nenhum escritor.

Mesmo assim, mal abriu a boca.

A atitude do senhor Bubis em relação a ele havia experimentado uma transformação notável, que Archimboldi atribuía aos bons ofícios da baronesa, a quem havia terminado por dizer seu verdadeiro nome. Disse na cama, quando faziam amor, e a baronesa não precisou perguntar duas vezes. A atitude dela, aliás, quando exigiu que lhe dissesse o que havia acontecido com o general Entrescu, foi estranha e de certo modo esclarecedora. Ao contar que o romeno tinha morrido nas mãos de seus próprios soldados em debandada, que o espancaram e depois o crucificaram, a única coisa que ocorreu à baronesa perguntar a Archimboldi, como se morrer crucificado durante a Segunda Guerra Mundial fosse algo que se via todos os dias, foi se o corpo na cruz que ele havia visto estava nu ou vestido com seu uniforme. A resposta de Archimboldi foi que, para todos os efeitos práticos, estava nu, mas que na realidade conservava farrapos do uniforme, o bastante para que os russos que vinham

em seus calcanhares, ao chegar àquele lugar, se dessem conta de que o presente que os soldados romenos deixavam para trás era um general. Mas que também estava suficientemente nu para que os russos pudessem verificar com seus próprios olhos o tamanho descomunal dos membros viris romenos, que nesse caso, disse Archimboldi, sem dúvida constituía um exemplo enganoso, pois ele havia visto alguns soldados romenos pelados e seus atributos em nada se diferenciavam, digamos, da média alemã, enquanto o pênis do general Entrescu, flácido e roxo como corresponde a um espancado posteriormente crucificado, media o dobro e o triplo de um pau comum, fosse este romeno ou alemão ou, para dar um exemplo qualquer, francês.

Dito isso Archimboldi ficou calado e a baronesa disse que essa morte não teria sido do desagrado do bravo general. E acrescentou que Entrescu, apesar dos sucessos que lhe atribuíam no campo militar, como tático e como estrategista sempre fora um desastre. Mas como amante, pelo contrário, foi o melhor que já teve.

— Não pelo tamanho do seu pau — esclareceu a baronesa para afastar qualquer equívoco que Archimboldi, a seu lado na cama, pudesse vir a cometer —, mas por uma espécie de virtude zoomórfica: conversando era mais divertido do que um corvo e na cama se transformava numa raia-jamanta.

Ao que Archimboldi opinou que, pelo pouco que havia podido observar durante a curta visita que Entrescu e seu séquito realizaram ao castelo dos Cárpatos, ele achava que o corvo era, precisamente, seu secretário, o tal de Popescu, opinião que foi descartada de imediato pela baronesa, para quem Popescu era só uma cacatua que voava atrás de um leão. Só que o leão não tinha garras ou se as tinha não estava disposto a usá-las, nem dentes para dilacerar ninguém, unicamente um senso um tanto ridículo de seu próprio destino, um destino e uma noção de destino que de certa maneira era o eco do destino e da noção de destino de Byron, poeta que Archimboldi, por esses acasos que se dão nas bibliotecas públicas, havia lido e que de modo algum lhe parecia possível equiparar, nem sequer disfarçado de eco, ao execrável general Entrescu, acrescentando de passagem que a noção de destino não era algo que se podia separar do destino de um indivíduo (de um pobre indivíduo), mas que eram a mesma coisa em si: o destino, matéria inapreensível até se tornar irremediável, era a noção de destino que cada um tinha de si mesmo.

Ao que a baronesa respondeu dizendo com um sorriso que se notava que Archimboldi nunca tinha trepado com Entrescu. O que deu ensejo a que Archimboldi confessasse à baronesa que era verdade, que ele nunca se meteu na cama com Entrescu, mas em compensação foi testemunha ocular de uma das famosas trepadas do general.

— A minha, suponho — disse a baronesa.

— Você supõe corretamente — disse Archimboldi, tratando-a de você pela primeira vez.

— Onde você estava? — perguntou a baronesa.

— Numa câmara secreta — disse Archimboldi.

Então a baronesa sofreu um ataque de riso incontrollável e entre espasmos disse que não estranhava que ele tivesse escolhido como pseudônimo o nome de Benno von Archimboldi. Observação que Archimboldi não entendeu mas aceitou de bom grado, pondo-se ato

contínuo a rir com ela.

De modo que Archimboldi, ao cabo de três dias muito instrutivos, regressou a Colônia num trem noturno onde os passageiros dormiam até nos corredores, e logo estava outra vez na sua água-furtada comunicando a Ingeborg as excelentes notícias que trazia de Hamburgo, notícias que, ao compartilhar, os inundaram de alegria, tanta que de repente começaram a cantar e depois a dançar, sem temer que o chão cedesse sob seus pulos. Depois fizeram amor, e Archimboldi contou como era a editora, o senhor Bubis, a senhora Bubis, a revisora que se chamava Uta e que era capaz de corrigir os erros gramaticais de Lessing, a quem desprezava com um fervor hanseático, mas não a Lichtenberg, a quem amava, a funcionária administrativa ou assessora de imprensa que se chamava Anita e que praticamente conhecia todos os escritores da Alemanha mas que só gostava da literatura francesa, a secretária que se chamava Martha e que era filóloga e tinha lhe dado alguns livros da editora que lhe interessavam, o encarregado do depósito que se chamava Rainer Maria e que, apesar da sua juventude, já tinha sido poeta expressionista, simbolista e decadente.

Também falou dos amigos do senhor Bubis e do catálogo do senhor Bubis. E cada vez que Archimboldi concluía uma oração Ingeborg e ele riam, como se estivessem se contando uma história irresistivelmente cômica. Depois Archimboldi começou a trabalhar seriamente em seu segundo livro e em menos de três meses o terminou.

Lüdicke ainda não tinha saído do prelo quando o senhor Bubis recebeu o manuscrito de *A rosa ilimitada*, que leu em duas noites, ao fim das quais, profundamente alterado, acordou a mulher e disse que teriam de publicar o novo livro do tal Archimboldi.

— É bom? — perguntou a baronesa, meio adormecida e sem se levantar.

— É melhor do que bom — disse Bubis dando voltas pelo quarto.

Depois desatou a falar, sem parar de se movimentar, sobre a Europa, sobre mitologia grega e sobre algo que vagamente se assemelhava a uma investigação policial, mas a baronesa dormiu de novo e não o ouviu.

Durante o resto da noite, Bubis, que costumava sofrer de insônias das quais sabia tirar o máximo proveito, tentou ler outros manuscritos, tentou verificar as contas do seu contador, tentou escrever cartas a seus distribuidores, tudo em vão. Com as primeiras luzes do dia tornou a acordar sua mulher e lhe fez prometer que quando ele não estivesse mais à frente da editora, eufemismo com que designava sua morte, ela não abandonaria o tal Archimboldi.

— Abandoná-lo em que sentido? — perguntou a baronesa, ainda meio adormecida.

Bubis demorou a responder.

— Proteja-o — disse.

Passados alguns segundos acrescentou:

— Proteja-o na medida das nossas possibilidades como editores.

Estas últimas palavras a baronesa Von Zumpe não ouviu, pois tinha adormecido de novo.

Por um instante Bubis contemplou seu rosto, parecido com uma pintura pré-rafaelita. Depois se levantou dos pés da cama e se dirigiu de robe para a cozinha, onde preparou um sanduíche de queijo com pickles, uma receita que um escritor austríaco exilado tinha lhe ensinado na Inglaterra.

— Como é simples preparar uma coisa assim e como é reparador — tinha dito o austríaco.

Simples, sem dúvida. E apetitoso, de sabor estranho. Mas reparador de maneira nenhuma, pensou o senhor Bubis, para suportar uma dieta dessa natureza é preciso ter um estômago de aço. Mais tarde foi à sala e abriu as cortinas para que entrasse a luz acinzentada da manhã. Reparador, reparador, reparador, pensava o senhor Bubis enquanto mordiscava distraidamente seu sanduíche. Precisamos de algo mais reparador do que um lanche de queijo com cebolinha no vinagre. Mas onde buscá-lo, onde encontrá-lo e que fazer com ele quando houvermos encontrado? Nesse momento ouviu a porta de serviço se abrir e escutou, com os olhos fechados, os passinhos miúdos da empregada que vinha todas as manhãs. Teria ficado assim por muitas horas. Uma estátua. Em vez disso deixou o sanduíche na mesa e se dirigiu para o quarto, onde se vestiu para iniciar outro dia de trabalho.

Lüdicke arrecadou duas resenhas favoráveis e uma desfavorável, e ao todo se venderam trezentos e cinquenta exemplares da primeira edição. *A rosa ilimitada*, que saiu após cinco meses, obteve uma resenha favorável e três resenhas desfavoráveis e se venderam duzentos e cinco exemplares. Nenhum outro editor teria se atrevido a publicar um terceiro livro de Archimboldi, mas Bubis não só estava disposto a publicar seu terceiro livro como também o quarto, o quinto e todos os que fossem preciso publicar e que Archimboldi houvesse por bem lhe confiar.

Durante esse tempo, no que diz respeito à questão econômica, as entradas de dinheiro de Archimboldi se tornaram um pouco, só um pouco, maiores. A Casa de Cultura de Colônia pagou-o por duas leituras públicas em diferentes livrarias da cidade, cujos livreiros, não é demais dizê-lo, conheciam pessoalmente o senhor Bubis, leituras que aliás não suscitaram um interesse demasiado notável. À primeira delas, em que o autor leu páginas escolhidas do seu romance *Lüdicke*, assistiram quinze pessoas, contando com Ingeborg, e só três, ao terminar, se atreveram a comprar o livro. À segunda das leituras, páginas escolhidas de *A rosa ilimitada*, assistiram nove, contando outra vez com Ingeborg, e ao terminar restavam na sala, cujas pequenas dimensões mitigaram em parte a ofensa, somente três pessoas, entre as quais se achava, claro, Ingeborg, que horas depois confessaria a Archimboldi que ela também, em determinado momento, tinha pensado em sair da sala.

A Casa de Cultura de Colônia, em colaboração com as recém-constituídas e um tanto desnorteadas autoridades culturais da Baixa Saxônia, também organizou uma série de conferências e leituras que começaram em Oldemburgo com alguma pompa e circunstância, para prosseguir de imediato numa série de cidadezinhas e aldeias, cada vez menores, cada vez mais abandonadas por Deus, onde nenhum escritor havia aceitado ir, turnê que terminou em vilarejos pesqueiros da Frísia, nos quais Archimboldi, imprevisivelmente, encontrou os

auditórios mais nutridos e onde muito pouca gente foi embora antes de terminada a função.

A escrita de Archimboldi, o processo de criação ou a cotidianidade em que se desenvolvia placidamente esse processo, adquiriu robustez e algo que, na falta de uma palavra melhor, chamaremos de confiança. Essa “confiança” não significava, certamente, a abolição da dúvida, nem muito menos que o escritor acreditasse que sua obra tivesse algum valor, pois Archimboldi tinha uma visão da literatura (e a palavra visão também é demasiado retumbante) em três compartimentos que só de uma maneira muito sutil se comunicavam entre si: no primeiro estavam os livros que ele lia e relia e que considerava portentosos e às vezes monstruosos, como as obras de Döblin, que continuava sendo um de seus autores favoritos, ou como a obra completa de Kafka. No segundo compartimento estavam os livros dos autores epigônicos e dos que chamava de a Horda, que ele via basicamente como seus inimigos. No terceiro compartimento estavam seus próprios livros e seus projetos de livros futuros, que ele via como um jogo e que também via como um negócio, um jogo na medida do prazer que experimentava ao escrever, um prazer semelhante ao do detetive antes de descobrir o assassino, e um negócio na medida em que a publicação das suas obras contribuía para engordar, modestamente que fosse, seu salário de porteiro de bar.

Um trabalho, o de porteiro de bar, que, claro, não largou, em parte porque tinha se acostumado a ele, em parte porque a mecânica do trabalho se havia acoplado perfeitamente à mecânica da escrita. Quando terminou seu terceiro romance, *A máscara de couro*, o velho que lhe alugava a máquina de escrever e a quem Archimboldi havia dado um exemplar de *A rosa ilimitada* propôs vender-lhe a máquina a um preço razoável. O preço, sem dúvida, era *razoável* para o ex-escritor, sobretudo levando-se em conta que já quase ninguém alugava a sua máquina, mas para Archimboldi ainda constituía, além de uma tentação, um luxo. De modo que, depois de pensar por uns dias e fazer as contas, escreveu a Bubis pedindo a ele, pela primeira vez, um adiantamento por um livro que ainda não havia iniciado. Naturalmente, explicava para que precisava do dinheiro e prometia solenemente que lhe entregaria seu próximo livro num lapso não menor que seis meses.

A resposta de Bubis não se fez esperar. Uma manhã os entregadores da sucursal da Olivetti em Colônia lhe trouxeram uma esplêndida máquina de escrever nova e Archimboldi só teve de assinar uns comprovantes de recebimento. Dois dias depois chegou uma carta da secretária da editora que lhe fazia saber que, por ordem do chefe, havia sido expedida uma ordem de compra de uma máquina de escrever em seu nome. A máquina, dizia a secretária, é um obséquio da editora. Por alguns dias Archimboldi esteve ébrio de felicidade. Na editora *acreditam* em mim, se repetia em voz alta, enquanto as pessoas passavam a seu lado, em silêncio ou, como ele, falando sozinhas, uma imagem costumeira em Colônia durante aquele inverno.

De *A máscara de couro* se venderam noventa e seis exemplares, o que não era muito, disse a si mesmo com resignação Bubis ao conferir as contas, mas nem por isso o apoio que a editora dava a Archimboldi diminuiu. Ao contrário, naqueles dias Bubis precisou viajar para

Frankfurt e aproveitando a estada na cidade foi um dia a Mainz visitar o crítico literário Lothar Junge, que morava numa casinha nos arredores, junto a um bosque e a uma colina, uma casinha em que se ouviam cantar os passarinhos, coisa que Bubis achou incrível, olhem, até se ouve o canto dos pássaros, disse à baronesa Von Zumpe, com os olhos muito abertos e um sorriso de orelha a orelha, como se a última coisa que houvesse esperado encontrar naquela parte de Mainz fosse um bosque, uma população de pássaros cantores e uma casinha de dois andares, com os muros caiados e de dimensões de conto de fadas, ou seja, uma casinha pequenina, uma casinha de chocolate branco com vigas de madeira à vista como se fossem pedaços de chocolate amargo, e rodeada por um jardimzinho onde as flores pareciam recortes de papel, e um gramado cuidado com mania matemática, e uma trilha de cascalho que fazia barulho, um barulho que eriçava os pelos ou os pelinhos quando se andava por ela, toda traçada com tira-linhas, esquadro e compasso, como observou à meia-voz a baronesa pouco antes de bater com a aldrava (que tinha a forma da cabeça de um veado) na porta de madeira maciça.

O crítico literário Lothar Junge em pessoa os recebeu. Claro, a visita era aguardada e na mesa o senhor Bubis e a baronesa encontraram biscoitinhos com carne defumada, típicos da região, e duas garrafas de licor. O crítico media pelo menos um metro e noventa e cinco e andava por sua casa como se temesse bater a cabeça. Não era gordo, mas também não era magro e se vestia à moda dos professores de Heidelberg, que não tiravam a gravata salvo em situações de verdadeira intimidade. Por um instante, enquanto davam conta dos aperitivos, falaram do panorama atual da literatura alemã, território no qual Lothar Junge se movia com a cautela de um desativador de bombas ou de minas não explodidas. Depois chegou um jovem escritor de Mainz acompanhado da mulher e outro crítico literário do mesmo jornal de Frankfurt em que Junge publicava suas resenhas. Comeram coelho refogado. A mulher do escritor de Mainz só abriu a boca uma vez durante o almoço e foi para perguntar à baronesa onde havia comprado o vestido que usava. Em Paris, respondeu a baronesa, e a mulher do escritor não falou mais nada. Seu rosto, no entanto, se transformou a partir de então num discurso ou memento dos danos sofridos pela cidade de Mainz desde a sua fundação até aquele dia. A soma das suas caretas ou trejeitos, que percorriam à velocidade da luz a distância que medeia entre o ressentimento puro e o ódio larvado pelo marido, no qual via representadas todas as pessoas, a seu juízo ignóbeis, que estavam sentadas à mesa, não passou despercebida a ninguém, exceto ao outro crítico literário, de nome Willy, cuja especialidade era a filosofia e que por conseguinte escrevia sobre livros de filosofia e cuja esperança era publicar algum dia um livro de filosofia, três ocupações, para chamá-las assim, que o tornavam particularmente insensível na hora de se dar conta do que acontecia no rosto (ou na alma) de uma comensal.

Terminado o almoço voltaram à sala para tomar café ou chá, e Bubis, com a plena aquiescência de Junge, aproveitou esse momento, pois também não estava em seus planos ficar mais tempo naquela casinha de brinquedo que o irritava, para arrastar o crítico até o jardim dos fundos, tão cuidado quanto a parte da frente, mas com a vantagem de ser mais amplo e do qual se tinha uma visão mais precisa, se possível, do bosque que abraçava aquele

bairro extramuros. Falaram, antes de mais nada, dos escritos do crítico, o qual morria de vontade de publicar com Bubis. Este mencionou, de forma vaga, a possibilidade, que fazia meses lhe rondava a cabeça, de criar uma nova coleção, evitando, porém, mencionar de que natureza ia ser essa coleção. Depois passaram a falar, mais uma vez, da nova literatura, a que Bubis publicava e a que os colegas de Bubis publicavam em Munique, Colônia, Frankfurt, Berlim, sem esquecer as editoras firmemente estabelecidas em Zurique ou Berna e as que ressurgiam em Viena. Ato contínuo, Bubis lhe perguntou, procurando ser casual, o que achava, por exemplo, de Archimboldi. Lothar Junge, que no jardim caminhava com a mesma precaução que mostrava sob seu próprio teto, a princípio só deu de ombros.

— Já leu? — perguntou Bubis.

Junge não respondeu. Ruminava sua resposta com a cabeça baixa, absorto na contemplação ou na admiração do gramado que, à medida que se aproximavam da orla do bosque, se tornava mais descuidado, menos despojado de folhas caídas e gravetos e inclusive, dir-se-ia, de insetos.

— Se não leu, me diga, que mandarei lhe enviar exemplares de todos os livros dele — disse Bubis.

— Li — admitiu Junge.

— E o que acha? — perguntou o velho editor parando ao pé de uma azinheira cuja simples presença parecia anunciar com voz ameaçadora: aqui acaba o reino de Junge e começa a república hiperbórea. Junge também parou, uns passos adiante, porém, com a cabeça semi-inclinada, como se temesse que um galho viesse desgrenhar seus cabelos ralos.

— Não sei, não sei — murmurou.

Depois, incompreensivelmente, pôs-se a fazer caretas que de alguma maneira o irmanavam com a mulher do escritor de Mainz, a tal ponto que Bubis pensou que de fato deviam ser irmãos e que só assim se compreendia cabalmente a presença do escritor e sua mulher no almoço. Também havia a possibilidade, pensou Bubis, de que fossem amantes, pois é bem sabido que com frequência os amantes adotam os gestos do outro, geralmente os sorrisos, as opiniões, os pontos de vista, enfim, a parafernália superficial que todo ser humano é obrigado a carregar até sua morte, como a pedra de Sísifo, considerado o mais esperto dos homens. Sísifo, sim, Sísifo, o filho de Éolo e Enareta, o fundador da cidade de Éfira, que é o antigo nome de Corinto, uma cidade que o bom Sísifo transformou em guarida de suas alegres estripulias, pois com aquela soltura do corpo que o caracterizava e com aquela disposição intelectual que em toda guinada do destino enxerga um problema de xadrez ou uma trama policial a esclarecer e com essa queda pelo riso, a piada, a troça, a chacota, a galhofa, o logro, a gozação, a picardia, o sarro, a zombaria, a farpa, o arremedo, a engenhosidade, a burla e a caçoada, se dedicou a roubar, quer dizer a despojar de seus bens os viajantes que passavam por lá, chegando inclusive a roubar seu vizinho Autólico, que também roubava, talvez com a improvável esperança de que quem rouba um ladrão tem cem anos de perdão, e por cuja filha, Anticleia, sentiu-se enrabichado, pois Anticleia era muito bonita, um avião, mas a tal Anticleia tinha namorado formal, quer dizer, estava comprometida com um tal de Laertes, posteriormente famoso, o que não fez Sísifo recuar, o

qual Sísifo além do mais contava com a cumplicidade do pai da moça, o ladrão Autólico, cuja admiração por ele havia crescido como cresce a estima que um artista objetivo e honrado sente por outro artista de dotes superiores, de modo que digamos que Autólico se manteve fiel, pois era homem de honra, à palavra dada a Laertes, mas tampouco via com maus olhos ou como burla e escárnio para com seu futuro genro as investidas amorosas que Sísifo prodigalizava a sua filha, a qual finalmente, segundo se diz, se casou com Laertes mas depois de se entregar a Sísifo uma ou duas vezes, cinco ou sete vezes, é possível que dez ou quinze vezes, sempre com a conivência de Autólico que desejava que seu vizinho fecundasse sua filha para assim ter um neto tão astuto quanto Sísifo, e numa delas Anticleia ficou prenha e nove meses depois, já sendo mulher de Laertes, nasceria seu filho, o filho de Sísifo, que foi chamado de Odisseu ou Ulisses e que de fato demonstrou ser tão astuto quanto seu pai, o qual jamais se interessou por ele e continuou vivendo a sua vida, uma vida de excessos e de festas e de prazer, durante a qual se casou com Mérope, a estrela que menos brilha na constelação das Plêiades, precisamente por ter se casado com um mortal, um mortal de merda, um ladrão de merda, um gângster de merda dedicado aos excessos, cego pelos excessos, entre os quais, e embora não fosse o menor, se contava a sedução de Tiro, filha do seu irmão Salmoneu, não porque gostasse de Tiro, não porque Tiro fosse particularmente sexy, mas porque Sísifo odiava seu próprio irmão e desejava machucá-lo, e por esse fato, depois de morto, foi condenado a empurrar nos Infernos uma pedra até o alto de uma colina, de onde ela caía novamente até a base, de onde Sísifo tornava a empurrá-la novamente para o alto da colina, de onde caía novamente até a base, e assim eternamente, um castigo feroz que não era proporcional aos crimes ou pecados de Sísifo e que era isso sim uma vingança de Zeus, pois em certa ocasião, segundo se conta, Zeus passou por Corinto com uma ninfa que havia raptado, e Sísifo, que era esperto como ele só, resolveu tirar proveito dessa informação, e depois passou por ali Asopo, o pai da moça, procurando sua filha como um desesperado, e ao vê-lo Sísifo se ofereceu para lhe dizer o nome do raptor da filha, em troca do que Asopo faria brotar uma fonte na cidade de Corinto, o que demonstra que Sísifo não era um mau cidadão ou então tinha sede, com o que Asopo concordou e fez brotar uma fonte de águas cristalinas e Sísifo delatou Zeus, o qual, irritadíssimo, enviou *ipso facto* Tânatos, a morte, que no entanto não pôde com Sísifo, pois este, com um golpe de mestre que não contradizia com seu humor nem com sua inteligência especulativa, capturou e acorrentou Tânatos, façanha ao alcance de muito poucos, verdadeiramente ao alcance de muito poucos, e durante muito tempo manteve Tânatos acorrentado e durante todo esse tempo não morreu nenhum ser humano na face da terra, uma época dourada em que os homens, sem deixar de ser homens, viviam sem a angústia da morte, quer dizer, sem a aflição do tempo, pois tempo era o que sobrava, que é talvez o que distingue uma democracia, o tempo de sobra, a mais-valia do tempo, tempo para ler e tempo para pensar, até que Zeus precisou intervir pessoalmente e Tânatos foi libertado, e então Sísifo morreu.

Mas as caretas que Junge fazia não tinham nada a ver com Sísifo, pensou Bubis, e sim com um tique facial desagradável, bem, não *muito* desagradável, mas tampouco, evidentemente, agradável, e que ele, Bubis, já tinha visto em outros intelectuais alemães,

como se depois da guerra alguns intelectuais houvessem sofrido um choque nervoso que se manifestava dessa maneira, ou como se durante a guerra houvessem sido submetidos a uma tensão insuportável que, uma vez acabada a contenda, deixava essa curiosa e inofensiva seqüela.

— O que acha de Archimboldi? — repetiu Bubis.

O rosto de Junge ficou vermelho como o entardecer que crescia detrás da colina e em seguida verde como as folhas perenes das árvores do bosque.

— Hum — disse —, hum. — E seus olhos se dirigiram para a casinha, como se esperasse de lá a chegada da inspiração ou da eloquência ou alguma ajuda de qualquer tipo. — Para ser franco — disse. E depois: — Sinceramente, minha opinião não é... — E finalmente: — Que posso dizer?

— Qualquer coisa — disse Bubis —, sua opinião como leitor, sua opinião como crítico.

— Bem — disse Junge. — Eu li, é um fato.

Ambos sorriram.

— Mas não me parece — acrescentou — um autor... Quer dizer, ele é alemão, isso é inegável, sua prosódia é alemã, vulgar, mas alemã, o que quero dizer é que não me parece um autor europeu.

— Americano, talvez? — sugeriu Bubis, que naqueles dias acariciava a ideia de comprar os direitos de três romances de Faulkner.

— Não, tampouco americano, é mais africano — disse Junge, e tornou a fazer caretas sob os galhos das árvores. — Mais exatamente: asiático — murmurou o crítico.

— De que parte de Ásia? — quis saber Bubis.

— Sei lá — disse Junge —, indochino, malaio, em seus melhores momentos parece persa.

— Ah, a literatura persa — fez Bubis, que na realidade não conhecia nem sabia nada da literatura persa.

— Malaio, malaio — disse Junge.

Depois passaram a falar de outros autores da editora, pelos quais o crítico mostrava mais apreço ou interesse, e voltaram ao jardim de onde se contemplava o céu crepuscular. Pouco mais tarde Bubis e a baronesa se despediram com risos e palavras amáveis dos presentes, que não só os acompanharam até o carro como ficaram na rua dando adeus com a mão até que o veículo de Bubis desapareceu na primeira curva.

Naquela noite, depois de comentar com fingida surpresa a desproporção que havia entre Junge e sua casinha, pouco antes de entrar na cama de seu hotel em Frankfurt, Bubis comunicou à baronesa que o crítico não gostava dos livros de Archimboldi.

— Isso tem importância? — perguntou a baronesa que, à sua maneira e conservando toda a sua independência, gostava do editor e tinha em alta estima suas opiniões.

— Depende — disse Bubis de cueca, junto à janela, espiando a escuridão externa por um espaço mínimo da cortina. — Para nós, na realidade, não tem nenhuma importância. Para Archimboldi, em compensação, tem muita.

A baronesa respondeu alguma coisa. Alguma coisa que o senhor Bubis não ouviu. Lá fora tudo estava escuro, pensou, e abriu ligeiramente, só um pouco mais, a cortina. Não viu nada.

Só seu rosto, o rosto do senhor Bubis cada vez mais enrugado e pronunciado e mais e mais escuridão.

O quarto livro de Archimboldi não demorou a chegar à editora. Se chamava *Rios da Europa*, embora falasse basicamente de um só rio, o Dnieper. Digamos que o Dnieper era o protagonista do livro e os demais rios nomeados faziam parte do coro. O senhor Bubis o leu numa sentada, em sua sala, e os risos que lhe provocou a leitura foram ouvidos por toda a editora. Desta vez o adiantamento que mandou a Archimboldi foi maior do que todos os anteriores, a tal ponto que Martha, a secretária, antes de enviar o cheque para Colônia, entrou na sala do senhor Bubis e, mostrando o cheque, perguntou (não uma mas duas vezes) se o valor estava correto, ao que o senhor Bubis respondeu que sim, que era a cifra correta, ou incorreta, tanto fazia, um valor, um número, pensou ele quando tornou a ficar sozinho, sempre é aproximado, não existe número correto, só os nazistas acreditavam no número correto e os professores da matemática elementar, só os sectários, os loucos das pirâmides, os coletores de impostos (que Deus acabe com eles), os numerologistas que liam o destino por três vinténs acreditavam no número correto. Os cientistas, pelo contrário, sabiam que todo número é apenas aproximado. Os grandes físicos, os grandes matemáticos, os grandes químicos e os editores sabiam que a gente sempre transita no escuro.

Naqueles mesmos dias, durante um exame médico de rotina, foi detectada uma infecção pulmonar em Ingeborg. De início Ingeborg não disse nada a Archimboldi, limitando-se a tomar de forma irregular os comprimidos que um médico não muito arguto receitou. Quando começou a tossir sangue, Archimboldi arrastou-a para ver o médico inglês, o qual a encaminhou imediatamente a um especialista alemão em pulmões. Este lhe disse que estava com tuberculose, uma doença bastante comum na Alemanha do pós-guerra.

Com o dinheiro obtido por *Rios da Europa*, Archimboldi, por indicação do especialista, se mudou para Kempten, uma localidade nos Alpes Bávaros cujo clima frio e seco contribuiria para melhorar a saúde da sua mulher. Ingeborg conseguiu uma licença no trabalho por causa da sua saúde e Archimboldi largou o trabalho de porteiro no bar. A saúde de Ingeborg, no entanto, não experimentou mudanças substanciais, mas os dias que passaram juntos em Kempten foram felizes.

Ingeborg não temia a tuberculose pois tinha certeza de que não ia morrer por causa dessa doença. Archimboldi levou a máquina de escrever e em um mês, escrevendo oito páginas por dia, terminou seu quinto livro, que intitulou de *Bifurcaria bifurcata*, cujo argumento, como seu nome claramente indicava, versava sobre algas. Desse livro, a que Archimboldi dedicava não mais de três horas diárias, às vezes quatro, o que mais surpreendeu Ingeborg foi a velocidade com que foi escrito, melhor dizendo, a destreza que Archimboldi mostrava no manejo da máquina de escrever, uma familiaridade de datilógrafa veterana, como se Archimboldi fosse a reencarnação da senhora Dorothea, uma secretária que Ingeborg havia

conhecido quando ainda era menina, certa vez que foi com o pai, por razões que não lembrava mais, ao seu local de trabalho em Berlim.

Lá, disse Ingeborg a Archimboldi, havia filas intermináveis de secretárias que não paravam de escrever à máquina numa galeria um tanto estreita mas muito comprida, percorrida permanentemente por uma brigada de meninos auxiliares vestindo camisa verde e calça curta marrom, que iam constantemente de um lado para o outro levando papéis ou retirando documentos já passados a limpo das bandejas de metal prateado que cada secretária tinha junto a si. E embora cada secretária escrevesse um documento diferente, disse Ingeborg a Archimboldi, o som que produziam todas aquelas máquinas de escrever era uniforme, como se todas estivessem escrevendo a mesma coisa, ou todas fossem igualmente rápidas. Salvo uma.

Então Ingeborg explicou que havia quatro filas de mesas com suas respectivas secretárias. E que presidindo as quatro filas, em frente a elas, havia uma mesa solitária, como que a mesa da diretora, se bem que a secretária que sentava nessa mesa não era diretora de nada, simplesmente era a mais velha, a que estava havia mais tempo naquela repartição ou naquele ministério público onde seu pai a tinha levado e onde ele provavelmente prestava seus serviços.

E quando ela e seu pai chegaram à galeria, ela atraída pelo barulho e seu pai pelo desejo de satisfazer sua curiosidade ou talvez pelo desejo de surpreendê-la, a mesa principal, a mesa soberana (embora não fosse uma mesa soberana, fique claro, precisou Ingeborg) estava vazia e na galeria só estavam as secretárias datilografando em boa velocidade e aqueles adolescentes de calça curta e meias até os joelhos trotando pelos corredores entre uma fila e outra, e também um grande quadro pendurado no alto do teto, na outra extremidade, nas costas das secretárias, e que representava Hitler contemplando uma paisagem bucólica, um Hitler que tinha algo de futurista, o queixo, a orelha, a mecha de cabelo, mas que acima de tudo era um Hitler pré-raphaelita, e as luzes penduradas no teto e que, segundo seu pai, permaneciam acesas vinte e quatro horas por dia, e os vidros sujos das claraboias que percorriam a galeria de ponta a ponta e cuja luz não só não servia para escrever à máquina como tampouco servia para outras coisas, na realidade não servia para *nada*, só para estar ali e para indicar que fora daquela galeria e daquele edifício havia um céu e provavelmente gente e casas, e precisamente nesse momento, depois que Ingeborg e seu pai percorreram uma fila até o fundo e quando já haviam dado a volta e retornavam, pela porta principal entrou a senhora Dorothea, uma velhinha minúscula, vestida de preto e com sapato sem salto de couro trançado não muito adequados para o frio que fazia lá fora, uma velhinha de cabelo branco recolhido num coque, uma velhinha que sentou à sua mesa e inclinou a cabeça, como se nada existisse salvo ela e as datilógrafas, as quais, justo naquele momento e todas em uníssono, disseram bom dia, senhora Dorothea, todas ao mesmo tempo, mas sem olhar para a senhora Dorothea e sem parar de datilografar um só instante, coisa que Ingeborg achou incrível, não sabia se incrivelmente bonito ou incrivelmente atroz, o caso é que depois do cumprimento coral, ela, a menina Ingeborg, ficou quieta, como que fulminada por um raio ou como se estivesse, por fim, numa igreja de verdade onde a liturgia, os sacramentos e a

pompa eram reais, e doíam e palpitavam como o coração arrancado de uma vítima dos astecas, em tamanho grau que ela, a menina Ingeborg, não só ficou quieta como levou a mão ao coração, como se alguém o houvesse arrancado, e então, precisamente então, a senhora Dorothea se despojou de suas luvas de tecido, estendeu, sem olhar para elas, suas mãos translúcidas e com a vista cravada num documento ou num manuscrito que estava do lado começou a escrever.

Nesse instante, disse Ingeborg a Archimboldi, compreendi que a música podia estar em qualquer coisa. O teclar da senhora Dorothea era tão rápido, tão particular, havia tanto da senhora Dorothea em sua datilografia, que apesar do barulho ou do som ou das notas compassadas de mais de sessenta datilógrafas trabalhando ao mesmo tempo, a música que saía da máquina da secretária mais velha se elevava muito acima da composição coletiva das suas colegas, sem se impor a elas, mas acoplando-se, ordenando-as, brincando com elas. Às vezes parecia chegar às claraboias, outras vezes ziguezagueava rente ao chão, acariciando os tornozelos dos garotos de calça curta e dos visitantes. Em alguns momentos, dava-se até ao luxo de reduzir o ritmo e então a máquina de escrever da senhora Dorothea parecia um coração, um enorme coração pulsando no meio da névoa e do caos. Mas esses momentos não abundavam. A senhora Dorothea gostava da velocidade e seu teclar geralmente ia à frente de todos os demais, como se abrisse caminho em meio a uma selva muito escura, disse Ingeborg, muito escura, muito escura...

Bifurcaria bifurcata não agradou ao senhor Bubis, tanto que na verdade nem sequer terminou de lê-lo, mas claro que decidiu publicar o romance pensando que talvez aquele imbecil do Lothar Junge gostasse.

Antes de levá-lo para a gráfica, no entanto, passou-o à baronesa e pediu a ela que lhe desse sua mais sincera opinião. Dois dias depois a baronesa disse que tinha adormecido e que não havia podido passar da página quatro, o que não intimidou o senhor Bubis, que de resto não confiava muito nos juízos literários de sua bela mulher. Pouco depois de mandar o contrato de *Bifurcaria bifurcata* recebeu uma carta de Archimboldi em que este não se mostrava em absoluto de acordo com o adiantamento que o senhor Bubis pretendia lhe pagar. Durante uma hora, enquanto almoçava sozinho num restaurante com vista para o estuário, pensou em como responder à carta de Archimboldi. Sua primeira reação ao lê-la foi de indignação. Depois a carta o fez rir. Finalmente se entristeceu, para o que contribuiu o rio, que àquela hora adquiria uma tonalidade de dourado velho, de folha de ouro, e tudo parecia se desmanchar, o rio, os botes, as colinas, os bosques, e cada coisa partir de seu lado rumo a diferentes tempos e diferentes espaços.

Nada permanece, murmurou Bubis. Nada fica muito tempo com alguém. Na carta Archimboldi dizia que esperava receber um adiantamento de *pelo menos* a mesma quantia que havia recebido por *Rios da Europa*. Considerando bem, ele tem razão, pensou o senhor Bubis: o fato de eu me entediar com um romance não significa que esse romance seja ruim, só significa que não vou poder vendê-lo e que portanto ocupará um espaço precioso no meu

depósito. No dia seguinte mandou a Archimboldi uma quantidade um pouco maior do que a que ele havia recebido por *Rios da Europa*.

Oito meses depois da temporada em Kempten, Ingeborg e Archimboldi voltaram, mas desta vez o lugarejo não lhes pareceu tão charmoso quanto da primeira, pelo que ao cabo de dois dias, e estando ambos muito nervosos, o abandonaram a bordo de uma carroça que se dirigia para uma aldeia no interior da montanha.

A aldeia tinha menos de vinte habitantes e ficava pertinho da fronteira austríaca. Ali alugaram um quarto de um camponês que tinha uma leiteria e que morava sozinho, pois durante a guerra havia perdido os dois filhos, um na Rússia e o outro na Hungria, e sua mulher tinha morrido, segundo dizia, de tristeza, apesar dos aldeões afirmarem que o camponês a jogara num despenhadeiro.

O camponês se chamava Fritz Leube e parecia contente em ter hóspedes mas quando se deu conta de que Ingeborg tossia sangue ficou muito preocupado, pois pensava que a tuberculose era uma doença de fácil contágio. De todo modo, não se viam muito. De noite, quando voltava com suas vacas, Leube preparava uma enorme panela de sopa, que durava uns dois dias e da qual comiam ele e seus dois hóspedes. Se estavam com fome, tanto no porão da casa como na cozinha havia uma grande variedade de queijos e frios dos quais eles podiam dispor à discrição. O pão, grandes pães redondos de dois ou três quilos, ele comprava de uma das aldeãs ou trazia pessoalmente se passava por alguma outra aldeia ou descia a Kempten.

Às vezes o camponês abria uma garrafa de aguardente e ficava até tarde conversando com Ingeborg e Archimboldi, fazendo perguntas sobre a cidade grande (para ele, qualquer cidade que tivesse mais de trinta mil habitantes) e franzindo a testa ante as respostas, muitas vezes mal-intencionadas, que Ingeborg costumava lhe dar. No fim desses serões Leube introduzia a rolha na garrafa, tirava a mesa e antes de ir dormir dizia que nada era comparável à vida no campo. Naqueles dias Ingeborg e Archimboldi, como se pressentissem algo, não paravam de fazer amor. Faziam amor no quarto escuro que alugavam de Leube e faziam amor na sala, em frente à lareira, quando Leube ia trabalhar. Os poucos dias que estiveram em Kempten eles empregaram basicamente em trepar. Na aldeia, certa noite, treparam no estábulo, entre as vacas, enquanto Leube e os aldeões dormiam. De manhã, ao se levantarem, pareciam recém-chegados de um combate. Ambos tinham manchas roxas em diferentes partes do corpo e ambos exibiam umas olheiras enormes que Leube dizia eram olheiras da gente que vivia mal nas cidades.

Para se refazerem, comiam pão preto com manteiga e tomavam grandes xícaras de leite quente. Uma noite, Ingeborg, depois de tossir por muito tempo, perguntou ao camponês de que havia morrido sua mulher. De tristeza, respondeu Leube, como sempre fazia.

— Estranho — disse Ingeborg —, na aldeia ouvi dizer que o senhor a matou.

Leube não pareceu surpreso, pois sabia do falatório.

— Se eu a tivesse matado agora estaria preso — disse. — Todos os assassinos, inclusive os

que matam por um bom motivo, vão para a cadeia mais cedo ou mais tarde.

— Não acredito — disse Ingeborg —, tem muita gente que mata, principalmente que mata a mulher, e que nunca vai parar na cadeia.

Leube deu uma risada.

— Isso só acontece nos romances — disse.

— Não sabia que o senhor lia romances — replicou Ingeborg.

— Quando era jovem lia — disse Leube —, naquela época podia perder tempo sem nenhum problema, meus pais eram vivos. E como se supõe que matei minha mulher? — perguntou Leube após um longo silêncio em que só se ouvia o crepitar do fogo.

— Dizem que a jogou de um despenhadeiro — respondeu Ingeborg.

— De que despenhadeiro? — perguntou Leube, a quem a conversa divertia cada vez mais.

— Não sei — respondeu Ingeborg.

— Aqui tem muitos despenhadeiros, senhora — disse Leube —, tem o despenhadeiro da Ovelha Perdida e o despenhadeiro das Flores, o despenhadeiro da Sombra (que se chama assim porque está sempre envolto em sombras) e o despenhadeiro dos Meninos de Kreuze, o despenhadeiro do Diabo e o despenhadeiro da Virgem, o despenhadeiro de São Bernardo e o despenhadeiro das Lajes, daqui até o posto de fronteira tem mais de cem despenhadeiros.

— Não sei — disse Ingeborg —, de qualquer um deles.

— Não, de qualquer um não, tem que ser um, um especificamente, porque se matei minha mulher jogando-a de um despenhadeiro qualquer é como se eu não a houvesse matado. Precisa ser um, e não qualquer um — repetiu Leube. — Sobretudo — disse depois de outro longo silêncio —, porque há despenhadeiros que se transformam em leitos de rio durante o degelo da primavera e arrastam para o vale tudo o que se jogou nele ou caiu ou tudo o que alguém tentou ocultar. Cachorros despencados, garrotes perdidos, pedaços de madeira — disse Leube com voz quase apagada. — E que mais dizem meus vizinhos? — perguntou Leube após um instante.

— Mais nada — respondeu Ingeborg olhando-o nos olhos.

— Eles mentem — disse Leube —, se calam e mentem, poderiam dizer muitas coisas mais, porém se calam e mentem. São como os animais, não acha?

— Não, a mim não deram essa impressão — replicou Ingeborg, que na realidade mal havia conversado com uns poucos aldeões, todos por demais ocupados em seus trabalhos para perder tempo com uma estranha.

— Mas, apesar disso — disse Leube —, tiveram tempo para informar a senhora acerca da minha vida.

— Muito superficialmente — disse Ingeborg, e depois soltou uma sonora e amarga gargalhada que a fez tossir mais uma vez.

Enquanto a ouvia tossir Leube fechou os olhos.

Quando retirou o lenço da boca, a mancha de sangue era como uma enorme rosa com as pétalas totalmente abertas.

Naquela noite, depois de fazer amor, Ingeborg saiu da aldeia e tomou o caminho da montanha. A neve parecia refratar a luz da lua cheia. Não havia vento e o frio era suportável, mas Ingeborg vestia seu suéter mais grosso, uma jaqueta, botas e gorro de lã. Na primeira curva a aldeia desapareceu de vista e só restou uma fileira de pinheiros e as montanhas que se duplicavam na noite, todas brancas, como freiras que nada esperam do mundo.

Dez minutos depois Archimboldi acordou com um sobressalto e se deu conta de que Ingeborg não estava na cama. Vestiu-se, procurou-a no banheiro, na cozinha e na sala, depois foi acordar Leube. Este dormia como um chumbo e Archimboldi teve de sacudi-lo várias vezes, até que o camponês abriu um olho e fitou-o morto de medo.

— Sou eu — disse Archimboldi —, minha mulher desapareceu.

— Vá procurá-la — disse Leube.

O puxão que deu quase rasgou o camisolão do camponês.

— Não sei por onde começar — disse Archimboldi.

Depois subiu de volta para o quarto, pôs as botas e o casaco e quando desceu encontrou Leube despenteado mas vestido para sair. Ao chegar ao centro da aldeia, Leube lhe deu uma lanterna e disse que era melhor se separarem. Archimboldi pegou o caminho da montanha e Leube começou a descer para o vale.

Ao chegar à curva do caminho Archimboldi acreditou ouvir um grito. Parou. O grito se repetiu, parecia vir do fundo das quebradas, mas Archimboldi compreendeu que era Leube que, caminhando para o vale, tinha se posto a gritar o nome de Ingeborg. Nunca mais vou tornar a vê-la, pensou Archimboldi tremendo de frio. Na correria, tinha se esquecido de pôr luvas e cachecol, e à medida que subia rumo ao posto de fronteira as mãos e a cara se gelaram tanto que já não as sentia, de modo que de vez em quando parava e soprava as mãos ou as esfregava, e beliscava o rosto sem nenhum resultado.

Os gritos de Leube foram se espaçando cada vez mais até desaparecerem totalmente. Por momentos, se confundia e acreditava ver Ingeborg sentada à margem do caminho, olhando para os precipícios que se abriam aos lados, mas quando se aproximava descobria que se tratava apenas de uma pedra ou de um pinheirinho vergado pela ventania. Na metade do caminho a lanterna pifou e ele a guardou num dos bolsos do casaco, mas bem que a teria jogado nas escarpas nevadas. De resto, a lua iluminava o caminho de forma tal que tornava desnecessário o uso da lanterna. Passou por sua cabeça a ideia do suicídio e do acidente. Saiu do caminho e verificou a solidez da neve. Em algumas partes afundou até os joelhos. Em outras, as mais próximas dos desfiladeiros, afundou até a cintura. Imaginou Ingeborg andando sem prestar atenção em nada. Viu-a se aproximar de um dos despenhadeiros. Tropeçar. Cair. Fez a mesma coisa. O luar, no entanto, só iluminava o caminho: o fundo das quebradas continuava sendo negro, de um negro informe, onde se podiam adivinhar volumes e silhuetas indiscerníveis.

Voltou ao caminho e continuou subindo. Em determinado momento se deu conta de que estava suando. Uma transpiração que saía quente de seus poros e que de repente se convertia numa película fria que por sua vez era eliminada por mais transpiração quente... De qualquer modo, parou de sentir frio. Quando já faltava pouco para chegar ao posto de

fronteira viu Ingeborg, de pé junto a uma árvore, com o olhar fixo no céu. O pescoço de Ingeborg, seu queixo, as maçãs do rosto, reluziam como que tocados por uma loucura branca. Aproximou-se correndo e abraçou-a.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Ingeborg.

— Fiquei com medo — respondeu Archimboldi.

O rosto de Ingeborg estava frio como um pedaço de gelo. Beijou-a nas faces até ela se desfazer do abraço.

— Olhe as estrelas, Hans — disse a ele.

Archimboldi obedeceu. O céu estava cheio de estrelas, muitas mais do que as que se viam nas noites de Kempten e muitíssimas mais do que era possível ver na noite mais limpa de Colônia. É um céu muito bonito, querida, disse Archimboldi e tentou pegá-la pela mão e arrastá-la para a aldeia, mas Ingeborg se agarrou num galho de árvore, como se estivessem brincando, e não quis ir embora.

— Você se dá conta de onde estamos, Hans? — disse rindo com um riso que pareceu a Archimboldi uma cascata de gelo.

— Na montanha, querida — disse sem soltar a mão dela e tentando em vão abraçá-la outra vez.

— Estamos na montanha — disse Ingeborg —, mas também estamos num lugar rodeado de passado. Todas essas estrelas — falou —, será que você não entende, você que é tão inteligente?

— O que há para entender? — indagou Archimboldi.

— Olhe as estrelas — disse Ingeborg.

Levantou a vista: de fato, havia muitas estrelas, depois olhou de novo para Ingeborg e deu de ombros.

— Não sou tão inteligente — disse —, você sabe.

— Toda essa luz está morta — disse Ingeborg. — Toda essa luz foi emitida bilhões de anos atrás. No passado, entende? Quando a luz dessas estrelas foi emitida nós não existíamos, nem existia vida na terra, nem mesmo a terra existia. Essa luz foi emitida faz muito tempo, entende?, é o passado, estamos rodeados de passado, o que já não existe ou só existe na recordação ou nas conjecturas agora está ali, em cima da gente, iluminando as montanhas e a neve e não podemos fazer nada para evitá-lo.

— Um livro velho também é o passado — disse Archimboldi —, um livro escrito e publicado em 1789 é o passado, seu autor já não existe, tampouco existe seu impressor nem seus primeiros leitores nem a época em que o livro foi escrito, mas o livro, a primeira edição desse livro, ainda está aqui. Como as pirâmides dos astecas — disse Archimboldi.

— Odeio as primeiras edições e as pirâmides, e também odeio esses astecas sanguinários — disse Ingeborg. — Mas a luz das estrelas me disturba. Elas me dão vontade de chorar — disse Ingeborg com os olhos úmidos de loucura.

Depois, fazendo um gesto para que Archimboldi não a tocasse, saiu andando para o posto de fronteira, que consistia numa pequena cabana de madeira de dois andares, de cuja chaminé surgia uma fina voluta de fumaça negra que se desfazia no céu noturno, com um

cartaz pendurado numa trave em que se anunciava que ali era a fronteira.

Junto à cabana havia um galpão sem paredes onde estava estacionado um pequeno veículo de carga. Não havia nenhuma luz, salvo a tênue claridade de uma vela que filtrava pela folha mal fechada de uma janela do segundo andar.

— Vamos ver se eles têm algo quente para nos dar — disse Archimboldi, e bateu na porta.

Ninguém respondeu. Tornou a bater, desta vez com mais força. O posto de fronteira parecia vazio. Ingeborg, que o esperava fora do alpendre, havia cruzado as mãos sobre o peito e seu rosto havia empalidecido até adquirir a mesma tonalidade da neve. Archimboldi rodeou a cabana. Na parte de trás, junto do depósito de lenha, encontrou uma casa de cachorro de dimensões consideráveis mas não viu nenhum cachorro. Quando voltou ao alpendre da frente Ingeborg continuava de pé, mirando as estrelas.

— Acho que os guardas da fronteira foram embora — disse Archimboldi.

— Tem luz — replicou Ingeborg sem olhar para ele, e Archimboldi não soube se ela se referia à luz das estrelas ou à que se via no segundo andar.

— Vou quebrar uma janela — disse.

Procurou no chão algo sólido e não achou nada, de modo que, depois de abrir totalmente a janela externa de madeira, quebrou um dos vidros com uma cotovelada. Em seguida, utilizando as mãos com cuidado, terminou de tirar os cacos de vidro e abriu a janela interna.

Um cheiro denso, pesado, golpeou seu rosto enquanto ele entrava cautelosamente. Dentro da cabana tudo estava às escuras, salvo um brilho apagado que saía da lareira. Junto dela, numa poltrona, viu um guarda-fronteira com a jaqueta desabotoada e os olhos fechados, como se estivesse dormindo, mas não estava dormindo, e sim morto. Num quarto do primeiro andar, recostado num beliche, encontrou outro, um tipo de cabelos brancos, de camiseta branca e cueca comprida da mesma cor.

No segundo andar, no quarto onde se consumia a vela cuja luz viram do caminho, não havia ninguém. Era apenas um quarto, com uma cama, uma mesa, uma cadeira e com uma pequena estante em que se enfileiravam vários livros, a maioria de aventuras de faroeste. Com uma certa pressa mas medindo seus passos, Archimboldi procurou uma vassoura e um jornal e varreu os vidros que havia quebrado antes para cima do jornal, e ato contínuo os deixou cair pelo buraco da janela lá fora, como se algum dos mortos — de dentro da cabana e não de fora — houvesse sido o causador do estrago. Depois saiu sem tocar em nada, abraçou Ingeborg e assim, abraçados, voltaram para a aldeia enquanto todo o passado do universo caía sobre as suas cabeças.

No dia seguinte, Ingeborg não conseguiu se levantar da cama. Estava com quarenta graus de febre e de tarde começou a delirar. Ao meio-dia, enquanto ela dormia, Archimboldi viu da janela do quarto uma ambulância passar em direção ao posto de fronteira. Pouco depois passou um carro da polícia e umas três horas depois a ambulância desceu em direção a Kempten com seu carregamento de cadáveres, mas o carro não voltou até as seis, quando já era noite, e ao entrar na aldeia parou e os policiais falaram com alguns habitantes.

A eles, provavelmente graças à intercessão de Leube, não incomodaram. De tarde Ingeborg começou a delirar e naquela mesma noite a levaram para o hospital de Kempten. Leube não os acompanhou mas na manhã seguinte, enquanto fumava no corredor junto à porta de entrada do hospital, Archimboldi o viu aparecer, vestindo um paletó de tecido muito velho e gasto, mas não carente de certa distinção, de gravata e umas botinas rústicas que pareciam feitas à mão.

Conversaram uns minutos. Leube disse que ninguém na aldeia sabia da fuga noturna de Ingeborg e que, se alguém perguntasse, era melhor Archimboldi não dizer nada. Depois perguntou se o tratamento que a paciente (disse assim: a paciente) recebia era bom, mas pelo tom com que fez a pergunta dava por certo que não podia ser de outra maneira, pela comida do hospital, pelos remédios que lhe davam, e depois foi embora abruptamente. Antes de ir, sem dizer palavra, deixou entre as mãos de Archimboldi um pacote embrulhado com papel barato, que continha um bom pedaço de queijo, pão e duas espécies de frios, do mesmo tipo que comiam toda noite na sua casa.

Archimboldi não estava com fome e quando viu o queijo e os frios sentiu um irresistível desejo de vomitar. Mas não quis jogar a comida fora e acabou guardando-a na gaveta da mesa de cabeceira de Ingeborg. De noite ela voltou a delirar e não reconheceu Archimboldi. Ao amanhecer vomitou sangue e quando a levaram para fazer umas radiografias gritou para ele que não a deixasse sozinha, que não permitisse que ela morresse num hospital miserável como aquele. Não permitirei, prometeu Archimboldi no corredor, enquanto as enfermeiras se afastavam com a maca em que Ingeborg se debatia. Três dias depois a febre começou a ceder, mas as mudanças de humor de Ingeborg se tornaram mais pronunciadas.

Quase não falava com Archimboldi e quando o fazia era para exigir que a tirasse dali. No mesmo quarto havia duas outras doentes do pulmão que logo se tornaram inimigas irreconciliáveis de Ingeborg. Segundo esta, elas a invejavam por ser berlinense. Ao cabo de quatro dias as enfermeiras estavam fartas de Ingeborg e um médico ou outro olhava para ela como se ela, sentada muito quieta em sua cama, com os cabelos lisos caindo abaixo dos ombros, houvesse se transformado numa encarnação da Nêmesis. Um dia antes de lhe darem alta, Leube apareceu outra vez no hospital.

Entrou no quarto, fez uma ou duas perguntas a Ingeborg, depois entregou um embrulho idêntico ao que dias antes tinha dado a Archimboldi. O resto do tempo permaneceu calado, sentado muito ereto numa cadeira e lançando de vez em quando olhares curiosos para as outras doentes e as visitas que estas recebiam. Ao sair disse a Archimboldi que queria falar com ele a sós, mas Archimboldi não tinha vontade de falar com Leube, de modo que em vez de se dirigir ao restaurante do hospital ficou com ele no corredor, ante o espanto de Leube, que esperava poder conversar num lugar mais reservado.

— Só queria lhe dizer — falou o camponês — que ela tinha razão. Eu matei minha mulher. Atirei-a de um despenhadeiro. Do despenhadeiro da Virgem. Na realidade não me lembro mais. Talvez tenha sido o despenhadeiro das Flores. Mas eu a atirei do despenhadeiro e vi seu corpo cair, destroçado pelas saliências e pelas pedras. Depois abri os olhos e procurei-a. Estava lá embaixo. Uma mancha de cor entre as lajes. Fiquei olhando para ela um bom

tempo. Depois desci, joguei-a nos ombros e subi com ela assim, mas ela já não pesava nada, era como subir com um feixe de gravetos. Entrei em casa pela parte de trás. Ninguém me viu. Lavei-a com cuidado, vesti-a com roupa nova, deitei-a. Como não se deram conta de que estava com todos aqueles ossos quebrados? Eu disse que ela tinha morrido. De que morreu?, me perguntaram. De tristeza, respondi. Quando alguém morre de tristeza é como se a pessoa tivesse os ossos quebrados e machucados por todas as partes e o crânio arreventado. Isso é a tristeza. Eu mesmo fiz o caixão durante uma noite de trabalho e no dia seguinte a enterrei. Depois acertei os papéis em Kempten. Não vou dizer que tudo pareceu normal aos funcionários. Estranharam alguma coisa. Eu vi suas caras de estranheza. Mas não disseram nada e registraram a morte. Depois voltei à aldeia e continuei vivendo. Sozinho para sempre — murmurou após uma longa pausa. — Como deve ser.

— Por que está me contando isso? — perguntou Archimboldi.

— Para que conte à senhora Ingeborg. Quero que ela saiba. É por ela que estou contando ao senhor, para que ela saiba. Combinado?

— Está bem — disse Archimboldi —, vou contar pra ela.

Quando saíram do hospital voltaram de trem para Colônia, mas só puderam ficar por lá três dias. Archimboldi perguntou a Ingeborg se queria ir visitar a mãe. Ingeborg respondeu que entre seus planos já não estava tornar a ver um dia sua mãe e suas irmãs. Quero viajar, disse. No dia seguinte, Ingeborg tirou seu passaporte e Archimboldi conseguiu dinheiro entre os amigos. Primeiro estiveram na Áustria, depois na Suíça e da Suíça foram à Itália. Visitaram, como dois vagabundos, Veneza e Milão, e entre ambas as cidades pararam em Verona e dormiram na pensão em que dormiu Shakespeare e comeram na trattoria onde comeu Shakespeare e que agora se chama Trattoria Shakespeare, e também foram à igreja a que Shakespeare costumava ir meditar ou jogar xadrez com o pároco, já que Shakespeare, como eles, não falava italiano e para jogar xadrez não era necessário falar italiano nem inglês nem alemão nem mesmo russo.

E como em Verona pouco mais havia para ver, percorreram Brescia, Pádua, Vicenza e outras cidades ao longo da linha férrea que une Milão a Veneza, depois estiveram em Mântua e em Bolonha e passaram três dias em Pisa fazendo amor como desesperados, e tomaram banho de mar em Cecina e em Piombino, em frente à ilha de Elba, depois visitaram Florença e entraram em Roma.

De que viveram? Provavelmente Archimboldi, que havia aprendido muito com seu trabalho de porteiro no bar da Spenglerstrasse, se dedicou a pequenos furtos. Roubar os turistas americanos era fácil. Roubar os italianos era um pouco mais difícil. Talvez Archimboldi tenha pedido outro adiantamento à editora e esta o enviou ou quem sabe foi a própria baronesa Von Zumpe que o entregou em mãos, picada pela curiosidade de conhecer a mulher de seu ex-empregado.

O encontro, em todo caso, foi num lugar público e só apareceu Archimboldi, que tomou uma cerveja, pegou o dinheiro e foi embora. Ou foi assim que a baronesa explicou a seu marido numa longa carta escrita num castelo de Senigallia, onde passou quinze dias tostando a pele ao sol e tomando longos banhos de mar. Banhos de mar que Ingeborg e Archimboldi

não tomaram ou que adiaram para outra reencarnação, pois a saúde de Ingeborg, com o passar do verão, se fez cada dia mais frágil e a possibilidade de voltar à montanha ou de se internar num hospital ficava descartada sem discussão possível. O início de setembro os encontrou em Roma, vestidos ambos de calça curta amarelo-areia do deserto ou amarelo-duna, como se fossem fantasmas do Afrika Korps perdidos nas catacumbas dos primeiros cristãos, catacumbas desoladas onde só se ouvia o gotejo impreciso de alguma cloaca vizinha e a tosse de Ingeborg.

Mas logo emigraram para Florença e dali, caminhando ou pegando carona, se dirigiram ao Adriático. Por então a baronesa Von Zumpe se encontrava em Milão, como hóspede de uns editores milaneses, e sentada num café semelhante em tudo a uma catedral românica escreveu uma carta a Bubis em que o informava sobre a saúde de seus anfitriões, que teriam gostado que Bubis estivesse lá, e sobre uns editores de Turim que acabava de conhecer, um velho e muito alegre que sempre que se referia a Bubis o chamava de meu irmão, e o outro moço, esquerdista, muito bonito, que dizia que os editores também, por que não, deviam contribuir para mudar o mundo. Também, por aqueles dias, entre uma festa e outra a baronesa conheceu vários escritores italianos, alguns dos quais tinham livros que talvez fosse interessante traduzir. Claro, a baronesa lia italiano mas suas atividades diárias lhe impediam, de certa maneira, a leitura.

Todas as noites havia uma festa para ir. E quando não havia festa seus anfitriões inventavam uma. Às vezes saíam de Milão numa caravana de quatro ou cinco carros e iam a um vilarejo à beira do lago de Garda chamado Bardolino, onde alguém tinha uma villa, e muitas vezes o amanhecer encontrava todos, exaustos e alegres, dançando numa trattoria qualquer de Desenzano, ante o olhar curioso dos moradores do lugar que haviam virado a noite (ou acabavam de levantar) atraídos pela algaravia.

Uma manhã, porém, recebeu um telegrama de Bubis no qual ele lhe comunicava que a mulher de Archimboldi havia morrido num vilarejo perdido do Adriático. Sem saber direito por quê, a baronesa chorou como se houvesse morrido uma irmã e naquele mesmo dia comunicou a seus anfitriões que partia de Milão rumo àquele vilarejo perdido, sem saber muito bem se precisava tomar um trem, um ônibus ou um táxi, já que o tal vilarejo não constava no guia de viagens da Itália. O jovem editor turinense de esquerda se ofereceu para levá-la de carro e a baronesa, que tivera algumas aventuras com ele, agradeceu com palavras tão sentidas que o turinense, de repente, ficou sem saber o que esperar.

A viagem foi um treno ou um epicédio, dependendo da paisagem que atravessavam, recitado num italiano cada vez mais macarrônico e contagioso. Por fim, chegaram ao vilarejo misterioso esgotados depois de terem repassado uma lista interminável de parentes mortos (tanto da baronesa como do turinense) e amigos desaparecidos, alguns dos quais estavam mortos sem que eles soubessem. Mas ainda tiveram forças para perguntar por um alemão cuja mulher havia morrido. Os aldeões, toscos e atarefados no conserto de redes de pesca e na calafetagem dos barcos, disseram que de fato, fazia uns dias, havia chegado um casal de alemães e que fazia poucos dias o homem tinha ido embora sozinho, porque sua mulher havia morrido afogada.

Para onde tinha ido o homem? Não sabiam. A baronesa e o editor perguntaram ao pároco, mas este também não sabia de nada. Também perguntaram ao coveiro e este repetiu o que tinham ouvido como uma litania: que o alemão tinha ido embora fazia pouco tempo e que a alemã não estava enterrada naquele cemitério, pois tinha morrido afogada e seu cadáver nunca foi encontrado.

De tarde, antes de sair do vilarejo, a baronesa insistiu em subir a uma montanha da qual se dominava toda a região. Viu trilhas ziguezagueantes, de tonalidades amarelo-escuras, como se os bosques fossem globos cheios de chuva, viu colinas cobertas de oliveiras e manchas que se moviam com uma lentidão e uma estranheza que, embora lhe tenham parecido deste mundo, não lhe pareceram suportáveis.

Por muito tempo, de Archimboldi nada se soube. *Rios da Europa*, sem que ninguém esperasse, continuou vendendo e foi lançada uma segunda edição. Pouco depois ocorreu a mesma coisa com *A máscara de couro*. Seu nome apareceu em dois ensaios sobre a nova narrativa alemã, se bem que sempre numa posição discreta, como se o autor do ensaio nunca estivesse totalmente seguro de que não era vítima de uma piada. Alguns jovens o liam. Uma leitura marginal, um capricho de universitários.

Quando haviam transcorrido quatro anos do seu desaparecimento, Bubis recebeu em Hamburgo o volumoso manuscrito de *Herança*, romance de mais de quinhentas páginas, cheio de rasuras, acréscimos e prolixas e não raro ilegíveis anotações de rodapé.

O pacote provinha de Veneza, onde Archimboldi, segundo dizia numa breve carta adjunta ao manuscrito, estivera trabalhando de jardineiro, o que Bubis tomou como uma piada, porque de jardineiro, conforme pensava, alguém pode, com certa dificuldade, encontrar trabalho em qualquer cidade italiana, menos Veneza. A resposta do editor, de qualquer modo, foi rapidíssima. Naquele mesmo dia escreveu perguntando quanto queria de adiantamento e solicitando um endereço mais ou menos seguro para remeter o dinheiro, *seu* dinheiro, que durante aqueles quatro anos tinha ido, muito aos pouquinhos, se acumulando. A resposta de Archimboldi foi mais rápida ainda. Dava um endereço no Cannaregio e se despedia com as palavras de rigor desejando-lhe um bom ano, pois se aproximava o fim de dezembro, a Bubis e à senhora sua esposa.

Durante aqueles dias, dias muito frios em toda a Europa, Bubis leu o manuscrito de *Herança* e, apesar do texto ser caótico, sua impressão final foi de uma grande satisfação, pois Archimboldi correspondia a todas as expectativas que haviam sido depositadas nele. Que expectativas eram essas? Bubis não sabia, nem lhe importava saber. Certamente não eram expectativas sobre seu bom fazer literário, coisa que qualquer escritorzinho pode aprender, nem sobre sua capacidade de fabulação, da qual não tinha dúvidas desde que apareceu *A rosa ilimitada*, nem sobre sua capacidade de injetar sangue novo na estancada língua alemã, algo que, a juízo de Bubis, vinham fazendo dois poetas e três ou quatro narradores, entre os quais

ele contava Archimboldi. Mas não era isso. O que era, então? Bubis não sabia mas pressentia, e o fato de não saber não lhe causava o menor problema, entre outras coisas porque talvez os problemas comessem *ao saber*, e ele era editor e os caminhos de Deus decerto eram inextricáveis.

Como a baronesa se encontrava por aqueles dias na Itália, onde tinha um amante, Bubis telefonou para ela e pediu que fosse visitar Archimboldi.

De muito bom grado teria ido pessoalmente, mas os anos não passam em vão e Bubis já não era capaz de viajar como fizera durante tanto tempo. Assim, portanto, foi a baronesa que apareceu uma manhã em Veneza acompanhada por um engenheiro romano um pouco mais moço do que ela, um sujeito bonitão, magro, de pele bronzeada, que as pessoas às vezes chamavam de arquiteto, às vezes de doutor, embora fosse apenas engenheiro, engenheiro civil e leitor apaixonado de Moravia, cuja casa havia visitado com a baronesa, para que ela tivesse a oportunidade de conhecer o romancista num sarau que Moravia dava em seu amplo apartamento de onde se contemplavam, ao cair a noite cheia de refletores, as ruínas de um circo, ou talvez fosse um templo, túmulos funerários e pedras iluminadas que a mesma luz contribuía para confundir e velar e que os convidados de Moravia contemplavam rindo ou à beira das lágrimas do amplo terraço do romancista. Um romancista que não impressionou a baronesa ou que pelo menos não a impressionou tanto quanto esperava seu amante, para o qual Moravia escrevia com letras de ouro, mas em quem a baronesa não deixaria de pensar nos dias seguintes, sobretudo depois de ter recebido a carta do marido e de viajar, acompanhada pelo engenheiro moraviano, à invernal Veneza, onde se hospedaram no Danieli, de onde pouco depois, tendo tomado um banho e mudado de roupa, a baronesa saíra sozinha, com sua formosa cabeleira despenteada e com uma pressa inexplicável.

O endereço de Archimboldi ficava na rua Turlona, no Cannaregio, e a baronesa supôs, com bom senso, que essa rua não podia ficar muito longe da estação ferroviária, ou, se não fosse assim, muito longe da igreja da Madona do Horto, na qual Tintoretto havia trabalhado a vida inteira. De modo que tomou um *vaporetto* em San Zaccaria e se deixou levar, absorta, pelo Gran Canale, desceu em frente da estação e começou a caminhar e a perguntar, e enquanto isso ia pensando nos olhos de Moravia, que eram atraentes, e nos olhos de Archimboldi, dos quais de repente descobriu que já não lembrava, e pensou também quão dessemelhantes eram as duas vidas, a de Moravia e a de Archimboldi, um burguês e sensato que caminhava com o seu tempo e não se privava, no entanto, de (mas não para ele, e sim para seus espectadores) certas piadas delicadas e atemporais, o outro, sobretudo comparado com o primeiro, essencialmente um lumpen, um *bárbaro germânico*, um artista em permanente incandescência, como dizia Bubis, alguém que não veria jamais as ruínas envoltas em estolas de luz que se apreciavam do terraço de Moravia nem ouviria os discos de Moravia nem sairia de noite a passear por Roma com seus amigos, poetas e cineastas, tradutores e estudantes, aristocratas e marxistas, como fazia Moravia com seus amigos, sempre uma palavra amável, uma observação inteligente, um comentário oportuno,

enquanto Archimboldi mantinha longos solilóquios consigo mesmo, pensou a baronesa ao percorrer a Lista de Spagna até o Campo San Geremia e depois atravessar a ponte Guglie e descer uns degraus até a Fondamenta Pescaria, ininteligíveis solilóquios de moço de serviços ou de soldado descalço vagabundo em terras russas, um inferno povoado de súcubos, pensou a baronesa, e se lembrou então, sem que nada tivesse a ver, que, na Berlim da sua adolescência, algumas pessoas, sobretudo as criadas que vinham do campo, chamavam os pederastas de súcubos, as criadas, as empregadas que arregalavam os olhos bem grandes e com falsa expressão de susto, as empregadinhas que deixavam a família para ir às enormes casas dos bairros dos ricos e que mantinham longos solilóquios que lhes permitiam garantir mais um dia a sua sobrevivência.

Mas Archimboldi mantinha de fato solilóquios consigo mesmo?, pensou a baronesa enquanto tomava a rua del Ghetto Vecchio, ou monologava em presença de outra pessoa? E, se assim fosse, quem era essa outra pessoa? Um morto? Um demônio alemão? Um monstro que ele havia descoberto quando trabalhava em sua casa solarenga da Prússia? Um monstro que se encontrava nos porões da sua casa quando o menino Archimboldi ia trabalhar acompanhado da mãe? Um monstro que se escondia no bosque, propriedade dos barões Von Zumpe? O fantasma dos campos de turfa? O espírito dos penhascos num lado da acidentada estrada que unia as aldeias de pescadores?

Puro palavrório, pensou a baronesa, que nunca havia acreditado nos fantasmas nem em ideologias, somente em seu corpo e nos corpos dos outros, enquanto atravessava a praça do Ghetto Nuovo e depois cruzava a ponte até a Fondamenta degli Ormesini, virava à esquerda e chegava à rua Turlona, só casas velhas, edifícios que escoravam uns aos outros como velhinhos com Alzheimer, uma misturada de casas e corredores labirínticos onde se ouviam vozes distantes, vozes preocupadas que perguntavam e respondiam com grande dignidade, até chegar à porta de Archimboldi, num apartamento que nem da rua nem de dentro se sabia muito bem em que andar ficava, se no terceiro ou no quarto, talvez no terceiro e meio.

Archimboldi abriu a porta. Estava com o cabelo comprido e emaranhado, e a barba cobria todo o seu pescoço. Vestia um suéter de lã, calça larga com manchas de terra, algo nada usual em Veneza, onde só há água e pedras. Ele a reconheceu de imediato, e ao entrar a baronesa notou que as fossas nasais do seu antigo empregado se dilatavam, como se tentasse cheirá-la. O apartamento se compunha de dois cômodos pequenos, separados por um tabique de gesso, e um banheiro, também minúsculo, de construção recente. No cômodo que servia de sala de almoço e cozinha estava a única janela da casa, que dava para um canal que desembocava no Rio della Sensa. A cor do apartamento era de um malva-escuro que, no segundo cômodo, onde ficava a cama e a roupa de Archimboldi, se transmutava em preto, um preto provinciano, pensou a baronesa.

O que fizeram naquele dia e no dia seguinte? Provavelmente conversaram e treparam, mais o último que o primeiro, mas o certo é que de noite a baronesa não voltou ao Danieli, para angústia do seu engenheiro, que havia lido romances que falavam de misteriosos desaparecimentos em Veneza, sobretudo turistas do sexo frágil, mulheres subjugadas carnalmente, mulheres sedadas pela libido de gigolôs venezianos, mulheres escravas que

conviviam, parede com parede, com as esposas legítimas de seus escravizadores, gordas bigodudas que falavam em dialeto e que só saíam das suas tocas para comprar verduras e peixe, mulheres de Cromagnon casadas com homens de Neanderthal e servas educadas em Oxford ou em internatos da Suíça amarradas a uma perna da cama à espera da Sombra.

Mas a verdade é que a baronesa não voltou naquela noite e o engenheiro se embebedou discretamente no bar do Danieli e não foi à polícia, em parte com medo de cair no ridículo, em parte porque intuía que sua amante alemã era desses espíritos que sempre fazem o que querem, sem pedir nem perguntar nada a ninguém. E naquela noite não houve Sombra alguma, embora a baronesa tenha feito perguntas, não muitas, e se mostrado disposta a responder às que Archimboldi houvesse por bem fazer.

Falaram do trabalho de jardineiro, que era verdadeiro, e que ele fazia seja por conta da prefeitura de Veneza nos poucos mas bem conservados jardins públicos ou por conta de particulares (ou advogados) que possuíam jardins internos, alguns esplêndidos, detrás dos muros de seus palácios. Depois fizeram novamente amor. Depois falaram do frio que fazia e que Archimboldi conjurava enrolando-se em cobertores. Depois se beijaram demoradamente e a baronesa não quis perguntar quanto tempo estava sem ir para a cama com uma mulher. Depois falaram de alguns escritores americanos que Bubis publicava e que visitavam Veneza com assiduidade, embora Archimboldi não conhecesse nem houvesse lido nenhum. E depois falaram do desaparecido primo da baronesa, o desventurado Hugo Halder, e da família de Archimboldi, que este, por fim, havia encontrado.

E quando a baronesa se dispunha a lhe perguntar onde havia encontrado a sua família, em que circunstâncias e como, Archimboldi levantou da cama e disse a ela: escute. E a baronesa tratou de escutar, mas não ouviu nada, só silêncio, um silêncio completo. E então Archimboldi disse a ela: é disso que se trata, do silêncio, você o ouve? A baronesa esteve a ponto de responder que não se podia ouvir o silêncio, que só se podia ouvir o som, mas lhe pareceu um pedantismo e não disse nada. E Archimboldi, nu, se aproximou da janela, abriu-a e pôs meio corpo para fora, como se pretendesse se jogar no canal, mas não era essa a sua intenção. E quando trouxe o torso de volta disse à baronesa que se aproximasse e olhasse. E a baronesa se levantou, nua como ele, e se aproximou da janela e viu como nevava sobre Veneza.

A última visita que Archimboldi fez à sua editora foi para conferir, com a revisora, a prova de impressão de *Herança* e acrescentar cerca de cem páginas ao manuscrito original. Aquela foi a última vez que viu Bubis, que morreria alguns anos mais tarde, não sem ter publicado antes outros quatro romances de Archimboldi, e também foi a última vez que viu a baronesa, pelo menos em Hamburgo.

Por aqueles dias Bubis se encontrava imerso nas grandes e não raro ociosas discussões que mantinham os escritores alemães da República Federal e da República Democrática, e por sua sala passavam intelectuais e chegavam cartas e telegramas, e de noite, para variar, telefonemas urgentes que geralmente não levavam a nada. A atmosfera que se respirava na

editora era de uma atividade febril. Às vezes, no entanto, tudo parava, a revisora fazia café para ela e para Archimboldi e chá para uma nova funcionária que cuidava do design gráfico dos livros, pois a editora naquele tempo havia crescido e a equipe de funcionários aumentara, e às vezes, numa mesa vizinha, havia um revisor suíço, um rapaz que ninguém sabia direito de que vivia em Hamburgo, e a baronesa saía da sua sala e a assessora de imprensa fazia a mesma coisa e em certas ocasiões a secretária, e todos se punham a falar de qualquer coisa, do último filme que tinham visto ou do ator Dirk Bogarde, e depois aparecia a funcionária administrativa e até a senhora Marianne Gottlieb dava o ar da sua graça, com um sorriso, na ampla sala onde trabalhavam os revisores, e se os risos eram muito sonoros, até Bubis em pessoa aparecia por ali, com sua xícara de chá na mão, e não falavam só de Dirk Bogarde, também falavam de política e das tramoias que eram capazes de cometer as novas autoridades de Hamburgo ou falavam de alguns escritores que desconheciam o que era a ética, plagiários confessos, sorridentes, com uma máscara bonachona encobrindo um rosto em que se misturavam o medo e a ofensa, escritores dispostos a usurpar *qualquer* reputação, com a certeza de que isso lhes proporcionaria uma posteridade, *qualquer* posteridade, o que provocava o riso das revisoras e dos demais funcionários da editora e inclusive o sorriso resignado de Bubis, pois ninguém melhor do que eles sabia que a posteridade era uma piada de vaudeville que só ouviam os que estavam sentados na primeira fila, e depois se punham a falar dos lapsus calami, muitos deles recolhidos num livro publicado em Paris, isso já fazia muito tempo, intitulado acertadamente *Museu de erros*, e outros selecionados por Max Sengen, caçador de erros. E, do dito ao feito, as revisoras não demoraram muito a pegar o livro (que não era o *Museu de erros* francês nem o de Sengen), cujo título Archimboldi não pôde ver, e se puseram a ler em voz alta uma seleção de pérolas cultivadas:

— “Pobre Maria! Cada vez que percebe o ruído de um cavalo que se aproxima, tem certeza de que sou eu.” *O duque de Monbazon*, Chateaubriand.

— “A tripulação do navio tragado pelas ondas era formada por vinte e cinco homens, que deixaram centenas de viúvas condenadas à miséria.” *Dramas marítimos*, Gaston Leroux.

— “Com a ajuda de Deus, o sol brilhará de novo sobre a Polônia.” *O dilúvio*, Sinkiewicz.

— “Vamos embora!, disse Peter procurando seu chapéu para enxugar as lágrimas.” *Lourdes*, Zola.

— “O duque apareceu seguido de seu séquito, que ia na frente.” *Cartas do meu moinho*, Alphonse Daudet.

— “Com as mãos cruzadas nas costas, Henry passeava pelo jardim, lendo o romance de seu amigo.” *O dia fatal*, Rosny.

— “Com um olho lia, com o outro escrevia.” *À margem do Reno*, Auback.

— “O cadáver esperava, silencioso, pela autópsia.” *O favorito da sorte*, Octave Feuillet.

— “Guilherme não imaginava que o coração pudesse servir para algo mais que a respiração.” *A morte*, Argibachev.

— “Esta espada de honra é o mais belo dia da minha vida.” *A honra*, Octave Feuillet.

— “Começo a enxergar mal, disse a pobre cega.” *Beatriz*, Balzac.

— “Depois de cortarem a sua cabeça, enterraram-no vivo.” *A morte de Mongomer*, Henri

Zvedan.

— “Tinha a mão fria como a de uma serpente.” Ponson du Terrail. — E aqui não se especificava a que obra pertencia o lapsus calami.

Da coleção de Max Sengen destacavam os seguintes. Sem especificar obra nem autor:

— “O cadáver olhava repreensivo para os que o rodeavam.”

— “Que pode fazer um homem morto por uma bala mortífera?”

— “Nas vizinhanças da cidade houve rebanhos inteiros de ursos que iam sempre sós.”

— “Por infelicidade, a boda atrasou quinze dias, durante os quais a noiva fugiu com o capitão e deu à luz a oito filhos.”

— “Excursões de três ou quatro dias eram coisa diária para eles.”

E depois vinham os comentários. O suíço, por exemplo, declarou que era de todo *inesperada* a frase de Chateaubriand, sobretudo porque nela se percebia um fundo de caráter sexual.

— Altamente sexual — disse a baronesa.

— Coisa difícil, em se tratando de Chateaubriand — anotou a revisora.

— Bom, a alusão aos cavalos é clara — sentenciou o suíço.

— Pobre Maria! — terminou dizendo a assessora de imprensa.

Depois falaram de Henry, de *O dia fatal*, de Rosny, um texto cubista, segundo Bubis. Ou a expressão mais ajustada do nervosismo e do ato de ler, segundo a designer gráfica, pois Henry não só lia com as mãos cruzadas nas costas mas além disso ainda o fazia passeando pelo jardim. O que às vezes era muito agradável, segundo o suíço, que foi o único dos presentes que ocasionalmente lia caminhando.

— Também havia a possibilidade — disse a revisora — de Henry ter inventado um artefato que permitisse ler sem segurar o livro com as mãos.

— Mas de que maneira — perguntou a baronesa — virava as páginas?

— Muito simples — disse o suíço —, com um canudo ou uma vareta metálica que se maneja com a boca e que, claro, faz parte do artefato de leitura, o qual certamente tem a forma de uma bandeja-mochila. Também é preciso levar em conta que Henry, que é inventor, ou seja, que pertence à categoria dos homens objetivos, está lendo o romance *de um amigo*, o que implica uma enorme responsabilidade, pois esse amigo vai querer saber se ele gostou ou não do romance, e se gostou vai querer saber se muito ou não, e se gostou muito vai querer saber se Henry considera seu romance uma obra-prima ou não, e se Henry admitir que parece uma obra-prima vai querer saber se escreveu uma obra-mestra das letras francesas ou não, e assim até esgotar a paciência do pobre do Henry, que certamente tem outras coisas melhores a fazer do que pendurar aquele aparelho ridículo no peito e passear de um lado para o outro pelo jardim.

— A frase, de todo modo — disse a assessora de imprensa —, nos indica que Henry *não* gosta do que está lendo. Está preocupado, teme que o livro de seu amigo não alce voo, resiste a admitir o óbvio: que seu amigo escreveu uma porcaria.

— Como você deduz isso? — quis saber a revisora.

— Pela forma como Rosny o apresenta. As mãos cruzadas nas costas: preocupação,

concentração. Lê de pé, sem parar de andar: resistência ante um fato consumado, nervosismo.

— Mas o ato de usar a máquina de leitura — disse a designer gráfica — o salva.

Depois falaram do texto de Daudet, o qual, segundo Bubis, não era um exemplo de lapsus calami mas sim do humor do escritor, e de *O favorito da sorte*, de Octave Feuillet (Saint-Lô 1821-Paris 1890), autor de sucesso em sua época, inimigo do romance realista e naturalista, cujas obras caíram no mais *espantoso* esquecimento, no mais *horroroso* esquecimento, no mais *merecido* esquecimento, e cujo lapso, “o cadáver esperava, silencioso, a autópsia”, de certa maneira prefigura o destino de seus próprios livros, disse o suíço.

— Esse Feuillet não tem nada a ver com a palavra francesa feuilleton? — perguntou a anciã Marianne Gottlieb. — Creio recordar que esse termo indicava tanto o suplemento literário do jornal como o romance publicado por episódios no mesmo.

— Provavelmente são a mesma coisa — disse enigmaticamente o suíço.

— A palavra folhetim certamente vem do nome de Feuillet, o delfim dos romances por episódios — blefou Bubis, que não estava nada seguro daquilo.

— Mas a frase de que mais gosto é a de Auback — opinou a revisora.

— Esse com certeza é alemão — disse a secretária.

— Sim, a frase é boa: “com um olho lia, com o outro escrevia”, não destoaria numa biografia de Goethe — disse o suíço.

— Não se meta com Goethe — disse a assessora de imprensa.

— Esse Auback também poderia ser francês — disse a revisora, que havia passado uma longa temporada na França.

— Ou suíço — disse a baronesa.

— E o que acham de “Tinha a mão fria como a de uma serpente”? — perguntou a administrativa.

— Prefiro o de Henri Zvedan: “Depois de cortarem a sua cabeça, enterraram-no vivo” — disse o suíço.

— Tem certa lógica — disse a revisora. — Primeiro cortam a cabeça. Quem age assim pensa que a vítima morreu, mas é urgente se desfazer do cadáver. Cavam uma sepultura, jogam o corpo dentro dela, cobrem-no de terra. Mas a vítima não morreu. A vítima não foi guillotizada. Cortaram-lhe a cabeça, nesse caso pode significar que o ou a degolaram. Suponhamos que seja um homem. Tentam degolá-lo. Sai muito sangue. A vítima perde os sentidos. Seus agressores o dão por morto. Ao cabo de um instante, a vítima acorda. A terra conteve a hemorragia. Está enterrado vivo. Já está. Só isso — disse a revisora. — Tem sentido?

— Não, não tem sentido — disse a assessora de imprensa.

— É verdade que não tem sentido — admitiu a revisora.

— Algum sentido tem sim, querida — disse Marianne Gottlieb —, há casos extraordinários na história.

— Mas este não tem sentido — disse a revisora. — Não tente me animar, senhora Marianne.

- Eu acho que algum sentido tem sim — disse Archimboldi que não havia parado de rir —, mas o meu favorito não é esse.
- Qual é o seu favorito? — perguntou Bubis.
- O de Balzac — respondeu Archimboldi.
- Ah, esse é fantástico — disse a revisora.
- E o suíço recitou:
- “Começo a enxergar mal, disse a pobre cega.”

Depois de *Herança*, o manuscrito seguinte que entregou a Bubis foi o de *São Tomás*, a biografia apócrifa de um biógrafo cujo biografado é um grande escritor do regime nazista, em que alguns críticos quiseram ver retratado Ernst Jünger, mas evidentemente não se tratava de Jünger, e sim de um personagem de ficção, para chamá-lo de alguma maneira. Naquele tempo ele ainda vivia em Veneza, segundo constava a Bubis, e provavelmente continuava trabalhando de jardineiro, embora os adiantamentos e os cheques que a cada certo tempo seu editor lhe enviava teriam permitido que ele se dedicasse exclusivamente à literatura.

O manuscrito seguinte, no entanto, chegou de uma ilha grega, a ilha de Icária, onde Archimboldi havia alugado uma casinha no meio de umas colinas rochosas, detrás das quais estava o mar. Como a paisagem final de Sísifo, pensou Bubis, e assim lhe fez saber numa carta em que o notificava, como era de costume, sobre a chegada do texto, sua conseguinte leitura, e em que lhe sugeria três formas de pagamento, para que Archimboldi escolhesse a que mais lhe conviesse.

A resposta de Archimboldi surpreendeu Bubis. Nela, dizia que Sísifo, uma vez morto, havia escapado do Inferno mediante um estratagema de ordem legal. Antes de Zeus libertar Tânetos, e sabendo Sísifo que a primeira coisa que a morte faria seria ir no seu encalço, pediu para sua mulher que não cumprisse com as formalidades fúnebres estabelecidas. Assim, portanto, ao chegar aos Infernos, Hades repreendeu-o por isso e todas as potências infernais ergueram, como é normal, gritos aos céus ou à abóbada do Inferno, arrancaram os cabelos e sentiram-se ofendidas. Sísifo, não obstante, disse que a culpa não era dele mas de sua mulher e pediu, digamos, uma licença penal para subir à terra e castigá-la.

Hades pensou no caso: a proposta de Sísifo era razoável e lhe foi concedida liberdade sob fiança, válida unicamente para três ou quatro dias, o suficiente para que tomasse justa vingança e procedesse, embora fosse um pouco tarde, às formalidades fúnebres de rigor. Claro, Sísifo não esperou que lhe dissessem isso duas vezes e voltou à terra, onde viveu felizmente até muito velho, não por nada era o homem mais astuto do orbe, e só regressou aos Infernos quando seu corpo não deu mais de si.

Segundo alguns, o castigo da pedra só tinha uma finalidade: manter Sísifo ocupado e não permitir que sua mente inventasse novas argúcias. Mas no dia em que menos se espera alguma ideia vai ocorrer a Sísifo e ele vai subir de novo à terra, concluía Archimboldi sua carta.

O romance que enviou a Bubis de Icária se chamava *A cega*. Como era de se esperar, esse romance falava de uma cega que não sabia que era cega e sobre uns detetives videntes que não sabiam que eram videntes. Das ilhas não tardaram a chegar a Hamburgo outros livros. O *Mar Negro*, peça de teatro ou romance escrito em diálogos dramáticos, na qual o Mar Negro dialoga, uma hora antes do amanhecer, com o oceano Atlântico. *Leteia*, seu romance mais explicitamente sexual, no qual transporta para a Alemanha do Terceiro Reich a história de Leteia, que se acreditava a mais bela das deusas e que finalmente foi transformada, com Oleno, seu marido, numa estátua de pedra (esse romance foi tachado de pornográfico e depois de ganhar um processo judicial tornou-se o primeiro livro de Archimboldi a esgotar cinco edições). *O vendedor de loteria*, a vida de um aleijado alemão que vende bilhetes de loteria em Nova York. E *O pai*, na qual um filho rememora as atividades de seu pai como psicopata assassino, que começam em 1938, quando o filho tem vinte anos, e terminam, de forma por demais enigmática, em 1948.

Em Icária viveu algum tempo. Depois viveu em Amorgos. Depois em Santorini. Depois em Sifnos, em Siros e em Míconos. Depois viveu numa ilhota pequeníssima, que ele chamava de Hecatombe ou Superego, perto da ilha de Naxos, mas em Naxos mesmo nunca morou. Depois deixou as ilhas e voltou ao continente. Naquela época comia uvas e azeitonas, grandes azeitonas secas cujo sabor e consistência pareciam os de um torrão. Comia queijo branco e queijo curado de cabra que vendiam enrolado em folhas de parreira e cujo cheiro parecia se espalhar por um raio de trezentos metros. Comia pão preto muito duro que precisava amolecer com vinho. Comia peixes e tomates. Figs. Água. A água ele tirava de um poço. Tinha um balde e um galão como os que usam no exército, que enchia de água. Nadava, mas o menino alga tinha morrido. Nadava bem, não obstante. Às vezes mergulhava. Outras vezes ficava sozinho, sentado nas encostas das colinas de mato ralo, até anoitecer ou até amanhecer, ele dizia que pensando, mas na realidade sem pensar em nada.

Quando já morava no continente soube, lendo um jornal alemão numa terrazza de Missolonghi, da morte de Bubis.

Tânatos havia chegado a Hamburgo, cidade que conhecia a dedo, enquanto Bubis estava em sua sala lendo um livro de um jovem escritor de Dresden, um livro ferozmente humorístico que o sacudia de tanto rir. Suas gargalhadas, segundo a assessora de imprensa da editora, eram ouvidas na sala de espera, na sala dos serviços administrativos e também na sala dos revisores e na sala de reuniões e no recinto dos leitores e no banheiro e no cômodo que fazia as vezes de cozinha e despensa e até chegavam à sala da mulher do patrão, que era a mais distante de todas.

De repente as gargalhadas cessaram. Todo o mundo na editora, por uma causa ou outra, se lembrava da hora, onze e vinte e quatro da manhã. Passado um instante, a secretária bateu na

porta da sala de Bubis. Ninguém respondeu. Temendo incomodá-lo não insistiu. Pouco depois tentou lhe transferir um telefonema. Ninguém atendeu o telefone na sala de Bubis. Desta vez o telefonema era urgente e a secretária, após bater várias vezes, abriu a porta. Bubis estava encolhido entre seus livros artisticamente esparramados pelo chão, e estava morto embora sua cara desse a impressão de contentamento.

Seu corpo foi cremado e espalhado nas águas do Alster. Sua viúva, a baronesa, se pôs à frente da editora e declarou não ter a menor intenção de pô-la à venda. Nada se dizia sobre o manuscrito do jovem autor de Dresden, o qual, aliás, já tivera problemas com a censura na República Democrática.

Quando acabou de ler, Archimboldi tornou a ler toda a notícia mais uma vez e depois a ler pela terceira vez, e depois se levantou tremendo e foi caminhar por Missolonghi, que estava cheia de recordações de Byron, como se Byron não houvesse feito outra coisa em Missolonghi além de andar de um lado para o outro, de uma pousada a uma taberna, de um beco à pracinha, quando era bem sabido que a febre não lhe permitia se movimentar e que quem andou e o viu e o reconheceu foi Tânatos, que além de vir buscar Byron fez turismo, pois Tânatos é o maior turista que há sobre a terra.

Depois Archimboldi pensou se conviria enviar um cartão à editora, com os pêsames. E até imaginou as palavras que escreveria nesse cartão. Mas depois lhe pareceu que nada daquilo tinha sentido, e não escreveu nem mandou nada.

Mais de um ano depois da morte de Bubis, quando Archimboldi voltara a viver na Itália, chegou à editora o manuscrito de seu último romance, intitulado *O regresso*. A baronesa Von Zumpe não quis ler. Passou-o à revisora e disse que o preparasse para ser publicado em três meses.

Depois mandou um telegrama ao remetente que vinha no envelope que continha o manuscrito e no dia seguinte tomou um avião com destino a Milão. Do aeroporto foi à estação no tempo certo de pegar um trem para Veneza. De tarde, numa trattoria do Cannareggio, viu Archimboldi e lhe entregou um cheque com o adiantamento de seu último romance e os direitos autorais gerados por seus livros anteriores.

A quantia era respeitável, mas Archimboldi guardou o cheque no bolso e não disse nada. Depois conversaram. Comeram sardinha à veneziana com umas rodela de semolina e tomaram uma garrafa de vinho branco. Levantaram-se e caminharam por uma Veneza muito diferente da Veneza invernal e nevada que haviam desfrutado em seu último encontro. A baronesa confessou que desde então não havia voltado.

— Cheguei não faz muito — disse Archimboldi.

Pareciam dois velhos amigos aos quais não faz falta falar muito. O outono, benigno, mal começava e para conjurar o frio só era necessário um suéter leve. A baronesa quis saber se Archimboldi ainda morava no Cannaregio. Morava, respondeu Archimboldi, mas não mais

na rua Turlona.

Entre seus planos estava ir para o sul.

Durante muitos anos a casa de Archimboldi, suas únicas posses, foram sua mala, que continha roupa, quinhentas folhas em branco e dois ou três livros que estivesse lendo no momento, e a máquina de escrever que Bubis lhe dera. A mala ele carregava com a mão direita. A máquina, carregava com a mão esquerda. Quando a roupa ficava um pouco velha, jogava fora. Quando terminava de ler um livro, dava de presente ou abandonava numa mesa qualquer. Por muito tempo se negou a comprar um computador. Às vezes se aproximava das lojas que vendiam computadores e perguntava aos vendedores como funcionavam. Mas sempre, no último minuto, dava para trás, como um camponês receoso por suas economias. Até que apareceram os micros portáteis. Aí sim comprou um e em pouco tempo o manejava com destreza. Quando aos micros portáteis foi incorporado um modem, Archimboldi trocou seu micro velho por um novo e às vezes passava horas conectado à internet, procurando notícias estranhas, nomes que ninguém mais lembrava, fatos esquecidos. O que fez com a máquina de escrever que Bubis lhe deu? Foi à beira de um desfiladeiro e atirou-a entre as pedras!

Um dia, quando navegava pela internet, encontrou uma notícia referente a um tal de Hermes Popescu, que não demorou a identificar como o secretário do general Entrescu cujo cadáver crucificado havia tido a oportunidade de contemplar em 1944, quando o exército alemão batia em retirada da fronteira romena. Numa página de buscas americana encontrou sua biografia. Popescu havia emigrado para a França depois da guerra. Em Paris frequentou os círculos de exilados romenos, em especial os intelectuais que por um ou outro motivo viviam na margem esquerda do Sena. Pouco a pouco, porém, Popescu se deu conta de que aquilo tudo, em suas próprias palavras, era um absurdo. Os romenos eram visceralmente anticomunistas, escreviam em romeno e suas vidas estavam destinadas a um fracasso apenas mitigado por fracos raios de luz de ordem religiosa ou de ordem sexual.

Popescu logo encontrou uma solução prática. Mediante movimentos hábeis (movimentos dominados pelo absurdo) introduziu-se nos negócios turbulentos em que se misturavam o banditismo, a espionagem, a Igreja e as licenças de construção. Chegou o dinheiro. Dinheiro a rodo. Mas continuou trabalhando. Empreitava equipes de trabalhadores romenos em situação irregular. Depois de húngaros e tchecos. Depois magrebinos. Às vezes, vestindo um casaco de peles, como um fantasma, ia vê-los em seus muquifos. O cheiro dos negros o enjoava, mas ele gostava. Esses putos são homens de verdade, costumava dizer. Em seu foro interior esperava que esse cheiro impregnasse seu capote, sua echarpe de cetim. Sorria como um pai. Às vezes chorava. Em seus tratos com os gângsteres era diferente. A sobriedade o caracterizava. Nem um anel, nem um pingente, nada que brilhasse, nem o mais ínfimo sinal de ouro.

Fez dinheiro e em seguida fez mais dinheiro. Os intelectuais romenos iam vê-lo para que lhe emprestasse dinheiro, tinham gastos, o leite das crianças, o aluguel, uma operação de catarata da esposa. Popescu os ouvia como se estivesse dormindo e sonhando. Concedia tudo, mas com uma condição, que deixassem de escrever suas odiosidades em romeno e o fizessem em francês. Uma vez foi ter com ele um capitão mutilado do 4º corpo do exército romeno, que havia servido sob as ordens de Entrescu.

Ao vê-lo chegar, Popescu pulou como um menino de poltrona em poltrona. Subiu em cima da mesa e dançou uma dança folclórica da região dos Cárpatos. Fez como se urinasse num canto e lhe escaparam algumas gotas. Só faltou dar pulinhos no tapete! O capitão mutilado tentou imitá-lo, mas sua deficiência física (lhe faltava uma perna e um braço) e sua debilidade (estava anêmico) não deixaram.

— Ai, as noites de Bucareste — dizia Popescu. — Ai, as manhãs de Piteshti. Ai, os céus da Cluj retomada. Ai, os escritórios vazios de Turnu-Severin. Ai, as ordenhadoras de Bacau. Ai, as viúvas de Constantza.

Depois foram de braços dados ao apartamento de Popescu, na rue de Verneuil, pertinho da Escola Nacional Superior de Belas-Artes, onde continuaram conversando e bebendo, e o capitão mutilado teve ocasião de lhe fazer um resumo pormenorizado da sua vida, heroica, sim, mas repleta de adversidades. Até que Popescu, enxugando uma lágrima, o interrompeu e perguntou se ele, também, havia sido testemunha da crucifixão de Entrescu.

— Estava lá — disse o capitão mutilado —, fugíamos dos tanques russos, tínhamos perdido toda a artilharia, faltava munição.

— Quer dizer que faltava munição — disse Popescu —, e o senhor estava lá?

— Estava lá — disse o capitão mutilado —, lutando no sagrado solo da pátria, no comando de uns poucos esfarrapados, quando o quarto corpo de exército tinha se reduzido ao tamanho de uma divisão e não havia intendência nem batedores nem médicos nem enfermeiras nem nada que evocasse uma guerra civilizada, só homens cansados e um contingente de loucos que a cada dia ia crescendo mais e mais.

— Quer dizer que um contingente de loucos — disse Popescu —, e o senhor estava lá?

— Lá mesmo — disse o capitão mutilado —, e todos seguíamos nosso general Entrescu, todos esperávamos uma ideia, um sermão, uma montanha, uma gruta resplandecente, um relâmpago no céu azul e sem nuvens, um relâmpago improvisado, uma palavra caridosa.

— Quer dizer que uma palavra caridosa — disse Popescu —, e o senhor estava lá esperando essa palavra caridosa?

— Com ansiedade — disse o capitão mutilado —, eu esperava, os coronéis esperavam, os generais que ainda continuavam conosco esperavam, os tenentes imberbes esperavam, e também os loucos, os sargentos e os loucos, os que iam desertar ao cabo de meia hora e os que já partiam arrastando seus fuzis pela terra seca, os que se iam rumo ao oeste ou ao leste, rumo ao norte ou ao sul, e os que ficavam escrevendo poemas póstumos em bom romeno, cartas à mãezinha, bilhetes molhados de lágrimas para as namoradas que não iam ver mais.

— Quer dizer que cartas e bilhetes, bilhetes e cartas — disse Popescu —, e também se desabrochou a sua veia lírica?

— Não, eu não tinha papel nem pena — disse o capitão mutilado —, eu tinha obrigações, eu tinha homens sob meu comando e tinha de fazer alguma coisa mas não sabia muito bem o quê. O quarto corpo de exército tinha parado nos arredores de uma propriedade rural. Mais que uma propriedade, um palácio. Eu tinha de acomodar os soldados sadios nos estábulos e os soldados doentes nas cavalariças. Na tulha acomodei os loucos e tomei as medidas oportunas para tocar fogo lá se a loucura dos loucos superasse a própria loucura. Eu tinha de falar com o meu coronel e lhe informar que naquela grande propriedade rural não havia alimento algum. E meu coronel tinha de falar com meu general e meu general, que estava doente, tinha de subir a escada até o segundo andar do palácio para informar ao meu general Entrescu que a situação era insustentável, que já recendia a podridão, que o melhor era levantar acampamento e rumar para o oeste à marcha forçada. Mas meu general Entrescu às vezes abria a porta e outras vezes não respondia.

— Quer dizer que às vezes respondia e às vezes não respondia — disse Popescu —, e você foi testemunha ocular de tudo isso?

— Mais que ocular, fui testemunha auditiva — disse o capitão mutilado —, eu e o resto dos oficiais do que sobrava das três divisões do quarto corpo de exército, estupefatos, assombrados, perplexos, alguns chorando, outros lambendo o ranho, alguns se lamentando do cruel destino da Romênia que por sacrifícios e méritos deveria ser o farol do mundo, outros roendo as unhas, todos desanimados, desanimados, desanimados, até que finalmente aconteceu o que se pressagiava. Eu não vi. Os loucos superaram o número dos cordatos. Saíram da tulha. Alguns suboficiais começaram a construir uma cruz. Meu general Danilescu já tinha partido, apoiando-se em sua bengala, e acompanhado por oito homens havia empreendido ao raiar do dia a marcha para o norte, sem dizer uma palavra a ninguém. Eu não me encontrava no palácio quando aconteceu tudo. Estava nos arredores junto com alguns soldados preparando defesas que nunca se usaram. Lembro que cavamos trincheiras e encontramos ossos. É gado infectado, disse um dos soldados. São corpos humanos, disse outro. São garrotes sacrificados, disse o primeiro. Não, são corpos humanos. Continuem cavando, disse eu, esqueçam, continuem cavando. Mas onde cavávamos apareciam ossos. Que merda é esta, bramei. Que terra mais estranha é esta, comentei aos gritos. Os soldados pararam de cavar trincheiras no perímetro do palácio. Ouvimos uma algaravia, mas estávamos sem força para ir ver o que acontecia. Um dos soldados disse que talvez nossos companheiros houvessem encontrado comida e estivessem comemorando. Ou vinho. Era vinho. A adega havia sido esvaziada e havia vinho suficiente para todos. Depois, sentado junto a uma das trincheiras, enquanto examinava uma caveira, vi a cruz. Uma cruz imensa que um grupo de loucos levava pelo pátio do palácio. Quando voltamos, com a novidade de que não se podiam cavar trincheiras porque aquilo parecia e talvez fosse um campo-santo, tudo já estava consumado.

— Quer dizer que tudo já estava consumado — disse Popescu —, e o senhor viu o corpo do general na cruz?

— Vi — disse o capitão mutilado —, todos nós vimos, e depois todos começaram a ir embora dali, como se o general Entrescu fosse ressuscitar de um momento para o outro e

repreendê-los por sua atitude. Antes que eu fosse embora chegou uma patrulha de alemães que também fugiam. Eles nos disseram que os russos estavam a apenas duas aldeias de distância e que não faziam prisioneiros. Depois os alemães foram embora e pouco depois nós também seguimos nosso caminho.

Popescu desta vez não disse nada.

Ambos ficaram em silêncio por um instante, depois Popescu foi à cozinha e preparou um entrecôte para o capitão mutilado, perguntando a ele, da cozinha, como queria a carne, malpassada ou bem passada?

— Ao ponto — disse o capitão mutilado que seguia imerso em suas lembranças daquele infausto dia.

Depois Popescu lhe serviu um grande entrecôte, com um pouco de molho picante, e se ofereceu para cortar a carne em pedacinhos, coisa que o capitão mutilado agradeceu com um ar ausente. Enquanto durou a refeição ninguém disse nada. Popescu se retirou uns segundos, pois disse que precisava dar um telefonema, e ao voltar o capitão mastigava seu último pedaço de entrecôte. Popescu sorriu satisfeito. O capitão levou a mão à testa, como se quisesse se lembrar ou como se alguma coisa lhe doesse.

— Arrote, arrote se seu corpo pede, meu bom amigo — disse Popescu.

O capitão mutilado arrotou.

— Quanto tempo faz que não comia um entrecôte como este, hem? — disse Popescu.

— Anos — disse o capitão mutilado.

— Tinha gosto de glória?

— Certamente — respondeu o capitão mutilado —, se bem que falar do meu general Entrescu foi como abrir uma porta que estava trancada há muito tempo.

— Desabafe — disse Popescu —, está entre compatriotas.

O uso do plural fez o capitão mutilado se sobressaltar e olhar para a porta, mas era evidente que naquela sala só estavam eles dois.

— Vou pôr um disco — disse Popescu —, que tal alguma coisa de Gluck?

— Não conheço esse músico — disse o capitão mutilado.

— Alguma coisa de Bach?

— Sim, gosto de Bach — disse o capitão mutilado entrecerrando os olhos.

Quando voltou a seu lado, Popescu lhe serviu um conhaque Napoléon.

— Alguma coisa o preocupa, capitão, alguma coisa o incomoda, tem vontade de me contar uma história, posso ajudá-lo em alguma coisa?

O capitão entreabriu os lábios mas tornou a fechá-los e negou com a cabeça.

— Não preciso de nada.

— Nada, nada, nada — repetiu Popescu refestelado em sua poltrona.

— Os ossos, os ossos — murmurou o capitão mutilado —, por que o general Entrescu nos fez parar num palácio cujos arredores estavam infestados de ossos?

Silêncio.

— Talvez porque soubesse que ia morrer e queria morrer em sua casa — disse Popescu.

— Onde quer que cavássemos encontrávamos ossos — disse o capitão mutilado. — Os

arredores do palácio transbordavam de ossos humanos. Não havia maneira de cavar uma trincheira sem encontrar os ossos de uma mão, um braço, uma caveira. Que terra era aquela? O que havia acontecido lá? E por que a cruz dos loucos, vista dali, ondulava como uma bandeira?

— Uma ilusão de ótica, com certeza — disse Popescu.

— Não sei — disse o capitão mutilado. — Estou cansado.

— De fato, o senhor está muito cansado, capitão, feche os olhos — disse Popescu, mas o capitão havia fechado os olhos já fazia um bom tempo.

— Estou cansado — repetiu.

— Está entre amigos — disse Popescu.

— Foi um longo caminho.

Popescu assentiu em silêncio.

A porta se abriu e apareceram dois húngaros. Popescu nem olhou para eles. Com três dedos, o polegar, o indicador e o médio, bem perto da boca e do nariz, acompanhava os compassos de Bach. Os húngaros ficaram quietos olhando a cena e esperando um sinal. O capitão dormia. Quando o disco acabou de soar, Popescu se levantou e se aproximou na ponta dos pés do capitão.

— Filho de um turco e de uma puta — disse em romeno, mas seu tom não era violento, e sim reflexivo.

Com um gesto mandou os húngaros se aproximarem. Um de cada lado, eles levantaram o capitão mutilado e o arrastaram para a porta. O capitão pôs-se a roncar com mais força e sua perna ortopédica se desprende sobre o tapete. Os húngaros o deixaram cair no chão e tentaram em vão aparafusá-la de novo.

— Ai, como vocês são desastrados — disse Popescu —, deixem comigo.

Num minuto, como se em toda a sua vida não houvesse feito outra coisa, Popescu pôs a perna no lugar e depois, encorajado, revisou de passagem o braço ortopédico do capitão.

— Tratem de não perder nada pelo caminho — disse.

— Não se preocupe, chefe — disse um dos húngaros.

— Levamos para o lugar de costume?

— Não — disse Popescu —, este é melhor jogar no Sena. E certifiquem-se de que não saia!

— É como se já estivesse feito, chefe — disse o húngaro que havia falado antes.

Nesse momento o capitão mutilado abriu o olho direito e disse com voz enrouquecida:

— Os ossos, a cruz, os ossos.

O outro húngaro fechou sua pálpebra com suavidade.

— Não se preocupem — riu Popescu —, está dormindo.

Muitos anos depois, quando sua fortuna era mais do que considerável, Popescu se apaixonou por uma atriz centro-americana chamada Asunción Reyes, uma mulher de uma beleza extraordinária, com a qual se casou. A carreira de Asunción Reyes no cinema europeu

(tanto no francês como no italiano e no espanhol) foi breve, mas as festas que deu e as festas de que participou foram, literalmente, incontáveis. Um dia Asunción Reyes lhe pediu que, já que tinha tanto dinheiro, fizesse algo por sua pátria. A princípio Popescu acreditou que Asunción se referisse à Romênia mas logo se deu conta de que falava de Honduras. De modo que naquele ano, no Natal, viajou com a mulher para Tegucigalpa, uma cidade que pareceu a Popescu, admirador do bizarro e dos contrastes, dividida em três grupos ou clãs bem diferenciados: os índios e os doentes, que constituíam a maioria da população, e os chamados brancos, na realidade mestiços, que era a minoria que ostentava o poder.

Todos gente simpática e degenerada, afetados pelo calor, pela dieta alimentar ou pela falta de dieta alimentar, gente fadada ao pesadelo.

Possibilidades de negócio havia, disso se deu conta no ato, mas a natureza dos hondurenhos, inclusive dos educados em Harvard, tendia ao roubo, se possível o roubo com violência, de modo que tratou de esquecer sua ideia inicial. Mas Asunción Reyes tanto insistiu que, na segunda viagem natalina que realizou, entrou em contato com as autoridades eclesiásticas do país, as únicas em que confiava. Uma vez feito o contato e depois de falar com vários bispos e com o arcebispo de Tegucigalpa, Popescu andou meditando em que ramo da economia devia investir o capital. Ali, a única coisa que funcionava e dava lucro já estava nas mãos dos americanos. Um dia, porém, durante um sarau com o presidente e com a mulher do presidente, Asunción Reyes teve uma ideia genial. Passou-lhe pela cabeça, simplesmente, que seria bonito Tegucigalpa ter um metrô como o de Paris. Popescu, que não recuava diante da nada e que era capaz de enxergar ganhos na ideia mais estapafúrdia, olhou o presidente de Honduras nos olhos e disse que ele podia construí-lo. Todo mundo se entusiasmou com o projeto. Popescu pôs mãos à obra e ganhou dinheiro. Também ganharam dinheiro o presidente e alguns ministros e secretários. Economicamente, a Igreja tampouco ficou mal parada. Houve inaugurações de fábricas de cimento e contratos com empresas francesas e americanas. Houve alguns mortos e vários desaparecidos. Os prolegômenos duraram mais de quinze anos. Com Asunción Reyes, Popescu encontrou a felicidade, mas depois a perdeu e se divorciaram. Esqueceu o metrô de Tegucigalpa. A morte o surpreendeu num hospital de Paris, dormindo num leito de rosas.

Archimboldi quase não teve relação com escritores alemães, entre outras razões porque os hotéis em que se hospedavam os escritores alemães quando iam ao exterior não eram os hotéis que ele frequentava. Conheceu, isso sim, um prestigioso escritor francês, um escritor mais velho que ele, cujos ensaios literários lhe haviam granjeado fama e reconhecimento, que lhe falou de uma casa onde se refugiavam todos os escritores desaparecidos da Europa. Esse escritor francês também era um escritor que havia desaparecido, de modo que sabia do que falava, por isso Archimboldi aceitou visitar a casa.

Chegaram de noite, num táxi caindo aos pedaços dirigido por um taxista que falava sozinho. O taxista se repetia, dizia barbaridades, tornava a se repetir, se irritava consigo mesmo, até que Archimboldi perdeu a paciência e lhe disse para se concentrar na direção e

calar a boca. O velho ensaísta, a quem o monólogo do taxista não parecia incomodar, lançou um olhar de leve repreensão a Archimboldi, como se este houvesse ofendido o taxista, o único, de resto, que havia no vilarejo.

A casa onde viviam os escritores desaparecidos era rodeada por um imenso jardim cheio de árvores e flores, com uma piscina rodeada por mesas de ferro pintadas de branco, guarda-sóis e espreguiçadeiras. Na parte de trás, à sombra de carvalhos centenários, havia um espaço para jogar bocha, e mais além começava o bosque. Quando chegaram, os escritores desaparecidos estavam na sala, jantando e vendo tevê, que naquela hora transmitia as notícias. Eram muitos e quase todos eram franceses, o que surpreendeu Archimboldi, que nunca teria imaginado que existissem tantos escritores desaparecidos na França. No entanto o que mais lhe chamou a atenção foi a quantidade de mulheres. Havia muitas, todas de idade avançada, algumas vestidas com esmero, com elegância até, e outras em evidente estado de abandono, certamente poetisas, pensou Archimboldi, usando robes sujos e chinelos, meias até o joelho, sem maquiagem, o cabelo grisalho às vezes embutido em gorros de lã que certamente elas mesmas tricotavam.

As mesas eram servidas, pelo menos teoricamente, por duas criadas de branco, mas na realidade a sala de refeições funcionava como um bufê, e cada escritor, levando consigo sua bandeja, se servia do que lhe apetecia. O que acha da nossa pequena comunidade?, perguntou o ensaísta rindo escondido pois naquele momento, no fundo do salão, um dos escritores caíra desmaiado ou fulminado por um ataque e as duas criadas tentavam reanimá-lo. Archimboldi respondeu que ainda era cedo para ter uma ideia. Depois procuraram uma mesa vazia e encheram seus pratos com algo que parecia purê de batata e espinafre, que acompanharam com um ovo cozido e um bife de vitela grelhado. Para beber serviram-se um copinho de vinho da região, um vinho espesso e que tinha sabor de terra.

No fundo da sala de refeições, junto do escritor desmaiado, havia agora um par de homens moços, ambos vestidos de branco, além das duas criadas e de uma roda de cinco escritores desaparecidos que observavam a reanimação do colega. Depois de comer, o ensaísta levou Archimboldi à recepção para formalizar sua estadia na casa, mas como não havia ninguém para os atender foram para a sala de televisão, onde vários escritores desaparecidos cochilavam diante de um locutor que falava de moda e de complicações sentimentais entre gente famosa do cinema e da televisão francesa, de muitos dos quais era a primeira vez que Archimboldi ouvia falar. Depois o ensaísta lhe mostrou seu quarto, um aposento ascético, com uma pequena cama, uma mesa, uma cadeira, uma tevê, um armário, uma geladeira de dimensões reduzidas e um banheiro com chuveiro.

A janela dava para o jardim, que ainda permanecia iluminado. Um aroma de flores e de grama molhada entrou no quarto. Ao longe ouviu o latido de um cachorro. O ensaísta, que tinha ficado sem atravessar o umbral enquanto Archimboldi examinava o quarto, lhe entregou as chaves deste garantindo que ali, se não a felicidade, na qual não acreditava, encontraria a paz e o sossego. Depois Archimboldi desceu com ele até seu quarto, que ficava no primeiro andar e que parecia uma cópia exata do quarto que lhe havia sido destinado, não tanto pela mobília e as dimensões, quanto pela nudez. Qualquer um diria, pensou

Archimboldi, que ele também acabava de chegar. Não havia livros, não havia roupa jogada no chão, não havia lixo nem objetos pessoais, não havia nada que o diferenciasse do seu, com exceção de uma maçã posta num prato branco em cima da mesinha de cabeceira.

Como se lesse seus pensamentos, o ensaísta olhou-o nos olhos. O olhar era de perplexidade. Sabe o que estou pensando e agora ele pensa a mesma coisa e não consegue compreender, da mesma maneira que eu não compreendo, pensou Archimboldi. Na realidade, mais do que de perplexidade, o olhar de ambos era de tristeza. Mas tem a maçã no prato branco, pensou Archimboldi.

— Essa maçã cheira de noite — disse o ensaísta. — Quando apago a luz. Cheira tanto quanto o poema das vogais. Mas tudo submerge, finalmente — disse o ensaísta. — Submerge na dor. Toda a eloquência é da dor.

Entendo, disse Archimboldi, embora não entendesse nada. Depois os dois apertaram as mãos e o ensaísta fechou a porta. Como ainda não estava com sono (Archimboldi dormia pouco, apesar de às vezes ser capaz de dormir dezesseis horas seguidas), foi passear pelas diversas dependências da casa.

Na sala de televisão só havia agora três escritores desaparecidos, os três profundamente adormecidos, e um homem na tevê que, ao que parece, iam assassinar já. Por um instante Archimboldi ficou vendo o filme, mas logo se aborreceu e foi para a sala de refeições, deserta, depois percorreu vários corredores até chegar a uma espécie de ginásio ou sala de massagens, onde um tipo jovem de camiseta branca e calça branca fazia exercícios com peso conversando com um velho de pijama, os quais olharam para ele de través ao vê-lo aparecer e depois continuaram conversando, como se ele não estivesse ali. O sujeito do peso parecia um empregado da casa e o velho de pijama tinha pinta de romancista que merecia ter sido esquecido, mais que desaparecido, o típico romancista francês ruim e azarado, provavelmente nascido com o pé esquerdo.

Ao sair da casa pela porta dos fundos, sentadas juntas num banco de balanço no extremo de um alpendre iluminado, encontrou duas velhinhas. Uma falava com voz melodiosa e doce, como água de riacho que corre por um leito de pedras, a outra permanecia muda olhando para a escuridão do bosque que se estendia para lá das canchas de bocha. A que falava lhe pareceu ser uma poeta lírica, cheia de coisas para contar que não havia podido contar em seus poemas, e a que permanecia calada lhe pareceu uma romancista importante, farta de frases sem sentido e de palavras sem significado. A primeira vestia uma roupa de ar juvenil, quando não infantil. A segunda usava um robe barato, tênis e calça jeans.

Deu boa-noite em francês e as velhas olharam para ele e sorriram, como que convidando-o a sentar com elas, ao que Archimboldi não se fez de rogado.

— É sua primeira noite na casa? — perguntou a velha adolescente.

Antes que pudesse responder, a velhinha silenciosa disse que o tempo estava melhorando e que logo todos teriam de andar em mangas de camisa. Archimboldi disse que sim. A velhinha adolescente riu, talvez pensando em seu guarda-roupa, depois perguntou em que ele trabalhava.

— Sou romancista — respondeu Archimboldi.

— Mas o senhor não é francês — disse a velhinha silenciosa.
— É verdade, sou alemão.
— Da Baviera? — quis saber a velhinha adolescente. — Certa vez estive na Baviera e fiquei encantada. É tudo tão romântico — disse a velhinha adolescente.

— Não, sou do norte — respondeu Archimboldi.

A velhinha adolescente fingiu um calafrio.

— Também estive em Hanôver — disse —, o senhor é de lá?

— Mais ou menos — respondeu Archimboldi.

— Vocês têm uma comida impossível — disse a velhinha adolescente.

Mais tarde Archimboldi quis saber o que elas faziam e a velhinha adolescente disse que tinha sido cabeleireira, em Rodez, até se casar, e então seu marido e os filhos não lhe permitiram continuar trabalhando. A outra disse que era costureira, mas que odiava falar do seu trabalho. Que mulheres mais estranhas, pensou Archimboldi. Quando se despediu delas internou-se no jardim, afastando-se cada vez mais da casa, que continuava parcialmente iluminada como se ainda esperassem a chegada de outro visitante. Sem saber o que fazer, mas aproveitando a noite e o cheiro do campo, chegou até a porta de entrada, um portão de madeira que não fechava bem e que qualquer um teria podido atravessar. Num lado descobriu uma placa que ao chegar com o ensaísta não tinha visto: *Clínica Mercier. Casa de repouso — Centro neurológico*. Sem surpresa compreendeu de imediato que o ensaísta o tinha levado para um manicômio. Pouco mais tarde voltou à casa e subiu a escada até seu quarto, onde pegou a mala e a máquina de escrever. Antes de ir embora quis ver o ensaísta. Depois de bater e ninguém responder, entrou no quarto.

O ensaísta dormia profundamente, com todas as luzes apagadas, mas pela janela com as cortinas abertas filtrava-se a luz do alpendre da frente. A cama mal estava desfeita. Ele parecia um cigarro coberto com um lenço. Como está velho, pensou Archimboldi. Depois saiu sem fazer barulho e ao atravessar o jardim novamente pareceu-lhe ver um tipo vestido de branco se movimentando às carreiras, escondendo-se detrás dos troncos das árvores, por um lado da propriedade, na orla do bosque.

Só quando se viu fora da clínica, na estrada, reduziu o passo e tratou de normalizar a respiração. A estrada, de terra, corria através de bosques e colinas de suaves encostas. De quando em quando, uma rajada de vento movia os galhos das árvores e desgrenhava seus cabelos. O vento era quente. A certa altura atravessou uma ponte. Quando chegou nas cercanias do vilarejo os cachorros desataram a latir. Junto à praça da estação descobriu o táxi que o havia levado à clínica. O taxista não estava, mas ao passar pelo carro Archimboldi viu um vulto no banco de trás que se mexia e de vez em quando gritava. As portas da estação estavam abertas, mas os guichês ainda não tinham aberto para o público. Viu sentados num banco três magrebinos que conversavam e bebiam vinho. Cumprimentaram-se com um movimento de cabeça, depois Archimboldi desceu para os trilhos. Havia dois trens parados junto de uns armazéns. Quando entrou de volta na sala de espera um dos magrebinos tinha ido embora. Sentou-se no extremo oposto e esperou os guichês abrirem. Depois comprou uma passagem para qualquer lugar e se foi do vilarejo.

A vida sexual de Archimboldi se limitava a seu contato com as putas das diversas cidades onde vivia. Algumas putas não lhe cobravam. Cobravam no início, mas depois, quando a figura de Archimboldi começava a fazer parte da paisagem, paravam de cobrar. Ou não era sempre que cobravam, o que com frequência levava a equívocos que se resolviam de forma violenta.

* * *

Durante esses anos todos a pessoa com que Archimboldi manteve uma relação mais ou menos permanente foi a baronesa Von Zumpe. Geralmente o contato era epistolar, mas às vezes a baronesa aparecia pelas cidades ou vilarejos em que Archimboldi parava e eles davam longas caminhadas, de braços dados como dois ex-amantes que já não têm muitas confidências a fazer. Depois Archimboldi acompanhava a baronesa ao hotel, o melhor da cidade ou do vilarejo onde estivessem, e se despediam com um beijo no rosto ou, se o dia havia sido particularmente melancólico, com um abraço. Na manhã seguinte a baronesa partia na primeira hora, muito antes de Archimboldi acordar e ir ao hotel buscá-la.

Nas cartas as coisas eram diferentes. A baronesa falava de sexo, que praticou até uma idade muito avançada, de amantes cada vez mais patéticos ou descartáveis, de festas em que costumava rir como quando tinha dezoito anos, de nomes que Archimboldi nunca tinha ouvido falar apesar de, segundo a baronesa, serem as personalidades do momento na Alemanha e na Europa. Claro, Archimboldi não via tevê, não ouvia rádio nem lia jornal. Ficou sabendo da queda do muro de Berlim graças a uma carta da baronesa que estava naquela noite em Berlim. Às vezes, cedendo ao sentimentalismo, a baronesa pedia que voltasse para a Alemanha. Voltei, respondia Archimboldi. Gostaria que voltasse definitivamente, replicava a baronesa. Que ficasse mais tempo. Agora você é famoso. Uma coletiva não seria mal. Talvez um pouco excessiva para você. Mas pelo menos uma entrevista exclusiva a algum jornalista cultural de prestígio. Só nos meus piores pesadelos, lhe escrevia Archimboldi.

Às vezes falavam dos santos, pois a baronesa, como algumas mulheres de vida sexual intensa, tinha uma veia mística, mas essa veia, bastante inocente, se resolvia esteticamente ou através de uma pulsão de colecionadora de retábulos e talhas medievais. Falavam de Eduardo, o Confessor, morto em 1066, que dá de esmola seu anel régio ao próprio são João Evangelista, o qual, naturalmente, o devolve ao cabo de alguns anos por intermédio de um peregrino que vem da Terra Santa. Falavam de Pelágia ou Pelaia, atriz de teatro de Antioquia, a qual, em seu aprendizado de Cristo, muda de nome várias vezes e se faz passar por homem e adota incontáveis personalidades, como se num arroubo de lucidez ou loucura houvesse decidido que seu teatro era todo o Mediterrâneo e sua única e labiríntica obra o cristianismo.

Com os anos, a letra da baronesa, que sempre escrevia à mão, se fez cada vez mais

vacilante. Às vezes chegavam cartas suas incompreensíveis. Archimboldi só podia decifrar algumas palavras. Prêmios, honrarias, distinções, candidaturas. Prêmios de quem, dele, da baronesa? Certamente dele, pois à sua maneira a baronesa era de uma modéstia extrema. Também podia decifrar: trabalho, edições, a luz da editora, que era a luz de Hamburgo, quando todos já tinham se ido e só restava ela e sua secretária, que a ajudava a descer a escada até a rua onde a esperava um carro parecido com um carro fúnebre. Mas a baronesa sempre se recuperava e depois dessas cartas agônicas chegavam postais da Jamaica ou da Indonésia, onde a baronesa, com uma letra mais firme, lhe perguntava se alguma vez tinha estado na América ou na Ásia, sabendo que Archimboldi jamais tinha se movido do Mediterrâneo.

Em ocasiões, as cartas se espaçavam. Se Archimboldi, como fazia com frequência, mudava de domicílio, mandava uma carta com o novo endereço. Às vezes, de noite, acordava de repente pensando na morte, mas em suas cartas evitava mencioná-la. A baronesa, pelo contrário, e talvez por ter mais anos do que ele, falava da morte com frequência, dos mortos que havia conhecido, dos mortos que havia amado e que agora eram apenas um monte de ossos ou cinzas, das crianças mortas que não havia conhecido e que teria gostado tanto de conhecer e ninar e criar. Em momentos assim podia se ter a impressão de que estava ficando louca, mas Archimboldi sabia que ela sempre mantinha o equilíbrio e que era honesta e sincera. De fato, raras vezes a baronesa disse alguma mentira. Tudo estava claro desde a época em que ela frequentava a casa solarenga da família, erguendo uma nuvem de poeira pelo caminho de terra, em companhia de seus amigos, a juventude dourada berlinense, ignorante e soberba, que Archimboldi via de longe, de uma das janelas da casa, quando desciam de seus carros rindo.

Em certas ocasiões, recordando aqueles dias, perguntou a ela se alguma vez havia sabido de seu primo Hugo Halder. A baronesa respondeu que não, que depois da guerra nunca mais se soube nada de Hugo Halder, e por um tempo, talvez apenas algumas horas, Archimboldi fantasiou com a ideia de que ele era, na realidade, Hugo Halder. Em outra ocasião, falando de seus livros, a baronesa confessou que nunca se deu ao trabalho de ler nenhum deles, pois raramente lia romances “difíceis” ou “obscuros”, como os que ele escrevia. Com os anos, além do mais, esse costume tinha se acentuado e depois de fazer setenta anos o âmbito das suas leituras se restringiu às revistas de moda ou atualidade. Quando Archimboldi quis saber por que continuava a publicá-lo, se não o lia, pergunta muito mais retórica do que outra coisa e cuja resposta conhecia, a baronesa respondeu que a) porque sabia que era bom, b) porque Bubis assim havia indicado, c) porque poucos editores liam os autores que publicavam.

Chegados a esse ponto, é preciso dizer que muito poucos acreditaram que, com a morte de Bubis, a baronesa fosse continuar à frente da editora. Esperavam que vendesse o negócio e se dedicasse a seus amantes e a suas viagens, que eram suas distrações mais conhecidas. No entanto a baronesa tomou as rédeas da editora e a qualidade desta não decaiu nem um pouco, pois ela soube se rodear de bons leitores, e no aspecto puramente empresarial mostrou uma fibra que ninguém, até então, havia visto nela. Numa palavra: o negócio de Bubis continuou

crescendo. Às vezes, meio de piada, meio a sério, a baronesa dizia a Archimboldi que se ele fosse mais moço o nomearia seu herdeiro.

Quando a baronesa fez oitenta anos, nos círculos literários de Hamburgo fazia-se esta pergunta totalmente a sério. Quem se encarregaria da editora de Bubis após a morte dela? Quem seria nomeado oficialmente seu herdeiro? A baronesa havia feito um testamento? A quem legava a fortuna de Bubis? Parentes não havia. A última Von Zumpe era a baronesa. Por parte de Bubis, sem contar sua primeira mulher que havia morrido na Inglaterra, o resto da família havia desaparecido nos campos de extermínio. Nenhum dos dois teve filhos. Não havia irmãos nem primos (salvo Hugo Halder que naquela altura provavelmente estava morto). Não havia sobrinhos (a não ser que Hugo Halder houvesse tido um filho). Dizia-se que a baronesa pensava legar sua fortuna, exceto a editora, a obras beneficentes e que alguns pitorescos representantes de ONGs visitavam seu escritório como quem visita o Vaticano ou o Banco da Alemanha. Para herdeiros da editora não faltavam candidatos. Do que mais se falava era de um jovem de vinte e quatro anos, de rosto parecido com Tadzio e corpo de nadador, poeta e professor auxiliar em Göttingen, que a baronesa havia posto à frente da coleção de poesia da editora. Mas tudo, afinal, ficava no plano fantasmal dos boatos.

— Não vou morrer nunca — a baronesa disse certa vez a Archimboldi. — Ou vou morrer aos noventa e cinco anos, que é a mesma coisa que não morrer nunca.

A última vez que se viram foi numa espectral cidade italiana. A baronesa Von Zumpe usava um chapéu branco e estava de bengala. Falava do Prêmio Nobel e também falava horrores dos escritores desaparecidos, um costume ou hábito ou piada que julgava mais americana do que europeia. Archimboldi vestia uma camisa de manga curta e a ouvia com atenção, porque estava ficando surdo, e achava graça.

E chegamos finalmente à irmã de Archimboldi, Lotte Reiter.

Lotte nasceu em 1930, era loura e tinha olhos azuis, como o irmão, mas não cresceu tanto quanto ele. Quando Archimboldi foi para a guerra Lotte tinha nove anos e o que mais desejava era que lhe dessem licença e ele voltasse para casa com o peito cheio de medalhas. Às vezes ouvia-o em sonhos. Os passos de um gigante. Pés grandes calçados com as maiores botas da Wehrmacht, tão grandes que tiveram de fazer especialmente para ele, pisando o campo, sem ligar para os laguinhos nem para as urtigas, em linha reta para a casa onde seus pais e ela dormiam.

Quando acordava experimentava uma tristeza tão grande que precisava fazer força para não chorar. Outras vezes sonhava que ela também ia para a guerra, só para encontrar o corpo de seu irmão crivado de balas no campo de batalha. Vez ou outra contava esses sonhos a seus pais.

— São apenas sonhos — dizia a caolha —, não sonhe esses sonhos, minha gatinha.

O pernetá, pelo contrário, perguntava por certos detalhes, como por exemplo o rosto dos soldados mortos, como eram?, como estavam?, como se dormissem?, ao que Lotte respondia que sim, exatamente como se dormissem, e então seu pai mexia a cabeça negativamente e

dizia: então não estavam mortos, pequena Lotte, os rostos dos soldados mortos, como explicar, sempre estão sujos, como se houvessem dado duro o dia todo e ao acabar a jornada não houvessem tido tempo de lavar a cara.

No sonho, porém, seu irmão sempre tinha o rosto perfeitamente limpo e uma expressão triste mas decidida, como se apesar de morto ainda fosse capaz de fazer muitas coisas. No fundo, Lotte acreditava que seu irmão era capaz de fazer *qualquer* coisa. E sempre estava atenta para ouvir seus passos, os passos de um gigante que um dia se aproximaria da aldeia, se aproximaria da casa, se aproximaria do pomar onde ela estaria à sua espera e lhe diria que a guerra havia terminado, que voltava para casa para sempre e que a partir desse momento tudo ia mudar. Mas que coisas iam mudar? Não sabia.

A guerra, por outro lado, não terminava nunca e as visitas de seu irmão se espaçaram até se tornarem inexistentes. Uma noite sua mãe e seu pai se puseram a falar dele, sem saber que ela, na cama, tapada até o nariz com um cobertor amarronzado, estava acordada e os ouvia, e falavam dele como se já houvesse morrido. Mas Lotte sabia que seu irmão não havia morrido, pois os gigantes nunca morrem, pensava, ou só morrem quando já estão muito velhos, tão velhos que a gente nem se dá conta de que morreram, simplesmente sentam à porta das suas casas ou debaixo de uma árvore e começam a dormir, e aí estão mortos.

Um dia tiveram que deixar a aldeia. Segundo seus pais era a única coisa que podiam fazer pois a guerra se aproximava. Lotte pensou que se a guerra se aproximava também se aproximava seu irmão, que vivia dentro da guerra como um feto vive dentro de uma mulher gorda, e se escondeu para que não a levassem pois tinha certeza de que Hans apareceria por ali. Durante horas procuraram-na e ao entardecer o pernetá a encontrou escondida no bosque, deu-lhe um bofetão e arrastou-a consigo.

Enquanto se afastavam para oeste, bordeando o mar, cruzaram com colunas de soldados a quem Lotte perguntou aos gritos se conheciam seu irmão. A primeira coluna era composta por gente de todas as idades, homens mais velhos, como seu pai, e garotos de quinze anos, alguns só com a metade do uniforme, e nenhum parecia muito entusiasmado em ir para o lugar aonde iam, embora todos tenham respondido educadamente à pergunta de Lotte dizendo que não conheciam nem haviam visto seu irmão.

A segunda coluna era composta por fantasmas, cadáveres saídos recentemente de um campo-santo, espectros vestidos com uniformes cinzentos ou verde-acizentados e capacetes de aço, invisíveis aos olhos de todos salvo aos de Lotte, que voltou a repetir sua pergunta, à que alguns espantalhos se dignaram responder dizendo que sim, que o haviam visto em terras soviéticas, fugindo como um covarde, ou que o haviam visto nadando no Dnieper e depois morrendo afogado, e que era bem feito para ele, ou que o tinham visto na estepe calmuca, bebendo água como se estivesse morrendo de sede, ou que o haviam visto agachado num bosque da Hungria, pensando em como se dar um tiro com o próprio fuzil, ou que o haviam visto nos arredores de um cemitério, o sacana, sem se atrever a entrar, dando voltas e mais voltas até que caía a noite e o cemitério se esvaziava de parentes e só então o veado parava de andar em círculos e subia nos muros, cravando suas botas ferradas nos tijolos vermelhos e descascados e fazendo seu nariz e seus olhos azuis assomarem do outro lado, o lado dos

mortos, onde jaziam os Grote e os Kruse, os Neitzke e os Kunze, os Barz e os Wilke, os Lemke e os Noack, o lado onde estava o discreto Ladenthin e o valente Voss, e depois, criando coragem, trepava no topo do muro e ficava um instante ali, com suas compridas pernas pendendo, e depois mostrava a língua para os mortos, e depois tirava o capacete e apertava as têmporas com as duas mãos, e depois fechava os olhos e berrava, assim diziam os espectros a Lotte, rindo-se e marchando atrás da coluna dos vivos.

Depois os pais de Lotte se instalaram em Lübeck, com muitos outros da sua aldeia, mas o perneta disse que os russos iam chegar até ali e pegou a família e continuou caminhando para oeste, e então Lotte esqueceu o passar do tempo, os dias pareciam noites e as noites dias, e às vezes os dias e as noites não se pareciam nem um pouco, tudo era um continuum de luminosidade ofuscante e de clarões.

Uma noite Lotte viu umas sombras escutando rádio. Uma das sombras era seu pai. Outra sombra era sua mãe. Outras sombras tinham olhos, narizes e bocas que ela não conhecia. Bocas como cenouras, com os lábios descascados, e narizes como batatas molhadas. Todos cobriam a cabeça e as orelhas com lenços e cobertores e no rádio a voz de um homem dizia que Hitler já não existia, quer dizer, que tinha morrido. Mas não existir e morrer eram coisas diferentes, pensou Lotte. Até então sua primeira menstruação tinha se atrasado. Naquele dia porém, de manhã, havia começado a sangrar e não se sentia bem. A caolha tinha dito que era normal, que isso acontecia mais cedo ou mais tarde com todas as mulheres. Meu irmão, o gigante, não existe, pensou Lotte, mas isso não significa que ele esteja morto. As sombras não se deram conta da sua presença. Alguns suspiraram. Outros começaram a chorar.

— Meu führer, meu führer — clamavam sem alçar a voz, como mulheres que ainda não ficaram menstruadas.

Seu pai não chorava. Sua mãe, sim, chorava, e as lágrimas lhe saíam unicamente pelo olho bom.

— Já não existe — disseram as sombras —, já está morto.

— Morreu como um soldado — disse uma das sombras.

— Já não existe.

Depois foram para Paderborn, onde vivia um irmão da caolha, mas quando chegaram a casa estava ocupada por refugiados e se instalaram lá. Do irmão da caolha nem sinal. Um vizinho disse que, ou se enganava muito, ou nunca mais iam tornar a vê-lo. Por um tempo viveram da caridade, do que os ingleses lhes davam. Depois o perneta ficou doente e morreu. Seu último desejo foi que o enterrassem em sua aldeia com honras militares, e a caolha e Lotte disseram que assim fariam, sim, sim, faremos como você quer, mas seus restos foram jogados na fossa comum do cemitério de Paderborn. Não havia tempo para delicadezas, apesar de Lotte desconfiar de que era *precisamente* aquele o tempo das delicadezas, dos detalhes, das atenções sensíveis.

Os refugiados foram embora e a caolha ficou com a casa do irmão. Lotte encontrou trabalho. Mais tarde estudou. Não muito. Voltou ao trabalho. Largou-o. Estudou um pouco mais. Encontrou outro trabalho, bem melhor. Largou os estudos para sempre. A caolha arranhou um namorado, um velho que havia sido funcionário público na época do Kaiser e

durante os anos do nazismo e que voltava a sê-lo na Alemanha do pós-guerra.

— Um funcionário público alemão — dizia o velho — é algo que não se encontra facilmente, nem sequer na Alemanha.

A isso se reduzia todo o seu engenho, toda a sua inteligência, toda a sua agudeza de pensamento. Certamente, para ele era suficiente. Por então a caolha não queria voltar para a aldeia, que havia ficado na zona soviética. Nem queria voltar a ver o mar. Nem mostrava um interesse excessivo em conhecer o destino de seu filho perdido na guerra. Deve estar enterrado na Rússia, dizia com uma expressão resignada e dura. Lotte começou a sair de casa. Primeiro saiu com um soldado inglês. Depois, quando o soldado foi removido para outro lugar, saiu com um rapaz de Paderborn, um rapaz cuja família, de classe média, não via com bons olhos seu namoro com aquela garota loura e indecente, pois Lotte, naqueles anos, sabia dançar todas as danças da moda do mundo. O que lhe importava era ser feliz e também lhe importava o rapaz, não sua família, e continuaram juntos até que ele foi estudar na universidade e a partir daí a relação se acabou.

Uma noite seu irmão apareceu. Lotte estava na cozinha, passando um vestido, e sentiu seus passos. É Hans, pensou. Quando bateram na porta correu para abrir. Ele não a reconheceu, pois já era uma mulher, conforme disse a ela mais tarde, mas ela não teve necessidade de lhe perguntar nada e se abraçou a ele demoradamente. Naquela noite conversaram até amanhecer e Lotte não só teve tempo de passar seu vestido mas toda a roupa limpa. Ao cabo de algumas horas Archimboldi adormeceu, com a cabeça apoiada na mesa. E só acordou quando a mãe tocou seu ombro.

Dois dias depois ele se foi e tudo voltou à normalidade. Àquela altura a caolha já não tinha como namorado o funcionário público mas um mecânico, um sujeito jovial e com negócio próprio, que se dava muito bem consertando os veículos das tropas de ocupação e os caminhões dos camponeses e dos industriais de Paderborn. Como ele dizia, poderia ter encontrado uma mulher mais moça e mais bonita, mas preferia uma mulher honrada e trabalhadora, que não chupasse seu sangue como um vampiro. A oficina do mecânico era grande e a pedido da caolha arranjou nela um trabalho para Lotte, mas esta não aceitou. Pouco antes de sua mãe se casar com o mecânico, Lotte conheceu na oficina um empregado, um tal de Werner Haas, e como ambos se gostavam e nunca brigavam começaram a sair juntos, primeiro foram ao cinema, depois aos salões de dança.

Uma noite Lotte sonhou que seu irmão aparecia do lado de fora da janela de seu quarto e perguntava por que a mãe ia se casar. Não sei, respondia Lotte da cama. Nunca se case, lhe dizia o irmão. Lotte meneava a cabeça afirmativamente, depois a cabeça do irmão desaparecia e só restava a janela embaçada e um eco de passos de gigante. Mas quando Archimboldi foi a Paderborn, depois do casamento da mãe, Lotte lhe apresentou Werner Haas e os dois pareceram simpatizar um com o outro.

Quando sua mãe se casou, as duas foram morar na casa do mecânico. Ele achava que Archimboldi certamente era um meliante que vivia de golpes ou de roubo ou de contrabando.

— Farejo contrabandistas a cem metros de distância — dizia o mecânico.

A caolha não dizia nada. Lotte e Werner Haas falaram disso. Contrabandista, segundo Werner, era o mecânico, que atravessava peças pela fronteira e que muitas vezes dizia que um automóvel estava consertado quando não estava. Werner, pensava Lotte, era uma boa pessoa e sempre tinha uma palavra amável para qualquer um. Por aqueles dias Lotte deu para pensar que tanto Werner como ela e todos os jovens nascidos por volta de 1930 ou 31 estavam condenados a não ser felizes nunca.

Werner, que era seu confidente, a ouvia sem dizer nada, e depois iam juntos ao cinema, ver filmes americanos ou ingleses, ou saíam para dançar. Alguns fins de semana iam ao campo, sobretudo depois que Werner comprou uma moto, meio inútil, que ele mesmo consertou em suas horas livres. Para esses piqueniques Lotte preparava sanduíches de pão preto e pão branco, um pouco de *Kuchen* e nunca mais de três garrafas de cerveja. Werner por sua vez levava um cantil d'água e de vez em quando doces e chocolates. Às vezes, depois de caminhar e comer no meio do bosque, estendiam uma manta no chão, davam as mãos e dormiam.

Os sonhos que Lotte tinha no campo eram inquietantes. Sonhava com esquilos mortos e com corvos mortos e coelhos mortos, e às vezes, na vegetação, acreditava ver um javali e se aproximava bem devagarinho dele, e quando afastava os galhos via uma enorme javali fêmea caída no chão, agonizando, e a seu lado seis javalizes mortos. Quando isso acontecia se levantava de um pulo e só a imagem de Werner a seu lado, dormindo placidamente, conseguia tranquilizá-la. Por algum tempo pensou em virar vegetariana. Em vez disso, adquiriu o hábito de fumar.

Por aquela época, em Paderborn, como no resto da Alemanha, era corriqueiro as mulheres fumarem, mas poucas, pelo menos em Paderborn, o faziam na rua, passeando ou indo trabalhar. Lotte era uma das que fumavam na rua, pois o primeiro cigarro ela acendia na primeira hora da manhã, e quando ia para o ponto do ônibus já estava fumando o segundo cigarro do dia. Werner, pelo contrário, não fumava, e apesar de Lotte insistir em que fumasse, o máximo a que chegou, para não contrariá-la, foi dar umas tragadas no cigarro dela e quase sufocar com a fumaça.

Quando Lotte começou a fumar, Werner pediu que se casassem.

— Preciso pensar — disse Lotte —, mas não um nem dois dias, e sim semanas e meses.

Werner disse que levasse o tempo necessário, pois ele queria se casar com ela para toda a vida e sabia que a decisão que a gente toma sobre um assunto assim era importante. A partir desse momento as saídas de Lotte com Werner se espaçaram. Quando este se deu conta disso perguntou a ela se não gostava mais dele e quando Lotte respondeu que estava pensando se devia casar ou não, ele lamentou tê-la pedido em casamento. Não davam mais passeios com a mesma assiduidade de antes, nem iam ao cinema nem saíam para dançar. Naqueles dias, Lotte conheceu um homem que trabalhava numa empresa de fabricação de tubos que acabava de se instalar na cidade e começou a sair com esse homem, que era engenheiro, se chamava Heinrich e morava numa pensão do centro, pois sua casa era em Duisburg, que era onde ficava a unidade principal da fábrica.

Pouco depois de começar a sair com ele, Heinrich confessou que era casado e tinha um

filho, mas que não amava a mulher e pensava se divorciar. Lotte não se importou com o fato dele ser casado, mas sim com o de ter um filho, pois ela amava crianças e a ideia de machucar uma criança, ainda que indiretamente, lhe parecia monstruosa. Mesmo assim, saíram juntos cerca de dois meses, e às vezes Lotte falava com Werner, e Werner lhe perguntava como ia com o novo namorado e Lotte respondia que muito bem, normal, como todo o mundo. No fim, porém, se deu conta de que Heinrich não ia se divorciar nunca da sua mulher e rompeu com ele, mas de quando em quando iam ao cinema e depois iam jantar juntos.

Um dia, ao sair do trabalho, encontrou Werner na rua, montado em sua moto, esperando-a. Desta vez Werner não lhe falou de casamento nem de amor mas se limitou a convidá-la para um café e depois levá-la para casa. Paulatinamente voltaram a sair juntos, o que alegrou a caolha e o mecânico, que não tinha filhos e apreciava Werner porque era sério e trabalhador. Os pesadelos de que Lotte padecera desde a infância diminuíram consideravelmente, até que por fim não teve mais pesadelos nem tampouco sonhos.

— Certamente sonho — dizia —, como todas as pessoas, mas tenho a sorte de não me lembrar de nada quando acordo.

Quando disse a Werner que já tinha pensado bastante na proposta e que aceitava se casar com ele, este começou a chorar e gaguejando confessou que nunca tinha se sentido mais feliz do que naquele instante. Dois meses depois se casaram e durante a festa, que foi dada no pátio de um restaurante, Lotte se lembrou do irmão e não soube nesse momento, talvez por ter bebido demais, se o haviam convidado para as bodas ou não.

Passaram a lua de mel num pequeno balneário às margens do Reno, depois voltaram a seus respectivos trabalhos e a vida seguiu exatamente como antes. Viver com Werner, inclusive numa casa de um só quarto, era fácil, pois tudo o que seu marido fazia, fazia para agradá-la. Aos sábados iam ao cinema, aos domingos costumavam ir ao campo na moto ou ir dançar. Durante a semana, apesar de trabalhar pesado, Werner dava um jeito de ajudá-la em todas as coisas da casa. A única coisa que Werner não sabia fazer era cozinhar. No fim do mês, costumava comprar um presente para ela ou levá-la ao centro de Paderborn para que ela escolhesse um par de sapatos ou uma blusa ou um lenço. Para que não faltasse dinheiro, Werner costumava fazer horas extras na oficina ou às vezes trabalhava por sua conta, nas costas do mecânico, consertando tratores ou as colheitadeiras dos camponeses, que não lhe pagavam muito mas que em compensação lhe davam frios, carne e até sacos de farinha que faziam que a cozinha de Lotte parecesse um armazém ou que ambos estivessem se preparando para outra guerra.

Um dia, sem ter dado mostras de doença alguma, o mecânico morreu e Werner se pôs à frente da oficina. Apareceram alguns parentes, primos distantes que exigiram sua parte da herança, mas a caolha e seus advogados acertaram tudo e no fim das contas os jecas foram embora com algum dinheiro e pouca coisa mais. Por então Werner havia engordado e começava a perder cabelo, e embora o trabalho físico não tenha diminuído, as responsabilidades se multiplicaram, o que o tornou mais silencioso que de costume. Os dois mudaram para a casa do mecânico, que era grande, mas ficava logo em cima da oficina,

fazendo assim esfumar-se a fronteira entre o trabalho e a casa, o que produzia em Werner o efeito de estar sempre trabalhando.

No fundo, preferiria que o mecânico não houvesse morrido ou que a caolha houvesse posto na direção da oficina outro qualquer. Claro, a mudança de trabalho também tinha suas compensações. Naquele verão, Lotte e Werner passaram uma semana em Paris. E no Natal foram com a caolha para o lago Constança, pois Lotte adorava viajar. De volta a Paderborn, além do mais, ocorreu algo de novo: pela primeira vez falaram na possibilidade de ter um filho, algo a que nenhum dos dois se mostrava inclinado devido à guerra fria e ao perigo de confronto nuclear, se bem que por outro lado a situação econômica deles nunca havia sido tão boa.

Durante dois meses discutiram, de forma na verdade não muito entusiasmada, sobre a responsabilidade que semelhante passo trazia consigo, até que uma manhã, durante o café, Lotte disse a ele que estava grávida e que não havia mais nada a discutir. Antes da criança nascer, compraram um carro e tiraram férias de mais de uma semana. Estiveram no sul da França, na Espanha e em Portugal. De volta para casa, Lotte quis passar por Colônia e procuraram o único endereço que tinha do irmão.

Na água-furtada onde Archimboldi morara antes com Ingeborg se erguia um novo edifício de apartamentos e ninguém que ali vivia se lembrava de um jovem com as características de Archimboldi, alto e louro, ossudo, ex-soldado, um gigante.

A metade do caminho de volta para casa Lotte permaneceu em silêncio, como que amuada, mas em seguida pararam para comer num restaurante de beira de estrada e puseram-se a conversar sobre as cidades que haviam conhecido e o ânimo melhorou notavelmente. Três meses antes do filho nascer, Lotte parou de trabalhar. O parto foi normal e rápido, apesar da criança pesar mais de quatro quilos e, segundo os médicos, estar mal posicionada. Mas parece que no último minuto o bebê virou e tudo correu bem.

Chamaram-no de Klaus, em homenagem ao pai da caolha, embora Lotte a certa altura tenha pensado em chamá-lo de Hans, como seu irmão. Na realidade, o nome, pensou Lotte, não importava muito, o que importava era a pessoa. Desde o início Klaus se tornou o favorito da avó e do pai, mas era de Lotte que o pequeno mais gostava. Esta às vezes olhava para ele e achava-o parecido com o irmão, como se fosse a reencarnação de seu irmão, mas em miniatura, o que era muito agradável para ela porque até então a figura de seu irmão sempre estivera revestida dos atributos do grande e do desmedido.

Quando Klaus tinha dois anos, Lotte voltou a engravidar, mas aos quatro meses abortou e alguma coisa deu errado porque não pôde mais ter filhos. A infância de Klaus foi como a de qualquer criança de classe média de Paderborn. Gostava de jogar futebol com outros meninos, mas no colégio praticava basquete. Só uma vez chegou com o olho roxo em casa. Conforme explicou, um colega tinha zombado do olho cego de sua avó e tinham brigado. Nos estudos não era muito brilhante, mas tinha uma grande paixão pelas máquinas, fossem do que fossem, e podia passar horas na oficina observando os mecânicos do pai trabalhar. Quase nunca ficava doente, mas nas poucas vezes que isso acontecia tinha fortes acessos de febre que o faziam delirar e ver coisas que mais ninguém via.

Quando tinha doze anos sua avó morreu de câncer no hospital de Paderborn. Davam-lhe constantemente morfina e quando Klaus ia vê-la ela o confundia com Archimbaldi e o chamava de meu filho ou falava com ele no dialeto da sua aldeia natal prussiana. Às vezes lhe contava coisas do avô, do pernetá, dos anos em que o pernetá serviu fielmente ao Kaiser, e da mágoa que sempre o acompanhou de ser baixote e não ter pertencido ao regimento de elite da guarda da Prússia, no qual só admitiam os que mediam mais de um metro e noventa.

— Baixinho na estatura, mas alto na coragem, assim era seu pai — dizia a avó com um sorriso de morfinômana satisfeita.

Até então nunca tinham dito nada a Klaus sobre seu tio. Depois da morte da avó, perguntou a Lotte sobre ele. Na realidade, não é que tivesse muito interesse, mas sentia-se tão triste que pensou que isso o distrairia do seu pesar. Lotte fazia muito não pensava em seu irmão e a pergunta de Klaus, em certo sentido, foi uma surpresa. Por aquela época, Lotte e Werner tinham se metido em negócios imobiliários, negócios de que nada sabiam, e tinham medo de perder dinheiro. Por isso a resposta de Lotte foi imprecisa: disse que seu tio era dez anos mais velho que ela, ou algo assim, e que sua maneira de ganhar a vida não era precisamente um modelo para os jovens, ou algo assim, e que fazia muito tempo que a família não sabia nada dele, pois havia desaparecido da face da terra, ou algo assim.

Mais tarde contou a Klaus que quando era pequena acreditava que seu irmão fosse um gigante, mas que essas coisas costumam acontecer com as meninas.

Em outra ocasião Klaus falou de seu tio com Werner e este lhe disse que era um tipo simpático, muito observador e mais para o calado, se bem que segundo Lotte seu irmão nem sempre tinha sido assim, mas que os canhões, os morteiros, as rajadas de metralhadora da guerra, o tornaram caladão. Quando Klaus perguntou se era parecido com o tio, Lotte respondeu que sim, se pareciam, os dois eram altos e magros, mas Klaus tinha o cabelo muito mais louro do que o irmão e provavelmente o azul dos olhos muito mais claro. Depois Klaus parou de fazer perguntas e a vida seguiu como antes da morte da caolha.

Os novos negócios de Lotte e Werner não deram tão certo quanto esperavam, mas eles tampouco perderam dinheiro, ao contrário, algum dinheiro ganharam, mas não ficaram ricos. A oficina mecânica continuava funcionando a todo vapor e ninguém poderia dizer que as coisas iam mal para eles.

Aos dezessete anos Klaus se meteu em encrencas com a polícia. Não era bom aluno e seus pais tinham se resignado a que não fosse para a universidade, mas aos dezessete se viu envolvido, com outros dois amigos, no roubo de um carro e num incidente posterior de abusos desonestos cometidos contra uma jovem de origem italiana que trabalhava como operária numa pequena fábrica do ramo de serviços sanitários. Os dois amigos de Klaus passaram uma temporada na prisão, pois eram maiores de idade. Klaus foi internado num centro de recuperação de menores durante quatro meses e depois voltou para a casa dos pais. No tempo que passou no centro de recuperação trabalhou na oficina e aprendeu a consertar todo tipo de eletrodomésticos, de um refrigerador a uma simples batedeira. Quando voltou para casa começou a trabalhar na oficina mecânica do pai e por um tempo não se meteu em confusão.

Lotte e Werner tentaram se convencer um ao outro de que o filho estava seguindo um bom caminho. Aos dezoito anos Klaus começou a sair com uma moça que trabalhava numa padaria, mas a relação durou apenas três meses, porque a moça, na apreciação de Lotte, não era precisamente uma beleza. A partir de então, não conheceram mais nenhuma outra namorada de Klaus e chegaram à conclusão de que ele não tinha ou então evitava, por motivos que eles ignoravam, levá-las para casa. Naqueles dias Klaus se afeiou à bebida e ao terminar a jornada de trabalho costumava ir às cervejarias de Paderborn beber com alguns jovens trabalhadores da oficina mecânica.

Em mais de uma ocasião, numa sexta ou sábado à noite, ele se meteu em encrencas, nada do outro mundo, brigas com outros jovens e quebra-quebra em locais públicos, e Werner tinha de ir pagar a multa e tirá-lo da delegacia. Um dia cismou que Paderborn era pequena demais para ele e foi para Munique. Às vezes telefonava para a mãe, a cobrar, e tinham conversas banais e forçadas que deixavam Lotte, paradoxalmente, mais tranquila.

Passaram alguns meses até Lotte vê-lo de novo. Segundo Klaus, não havia futuro na Alemanha nem na Europa e só lhe restava tentar a sorte na América, para onde pensava ir assim que juntasse algum dinheiro. Depois de trabalhar uns meses na oficina embarcou em Kiel num navio alemão cujo destino final era Nova York. Quando se foi de Paderborn Lotte caiu no choro: seu filho era muito alto e não parecia um homem frágil, mas ela caiu no choro assim mesmo porque pressentia que ele não ia ser feliz no novo continente, onde os homens não eram tão altos nem tinham cabelo tão louro, mas eram astutos e tendentes à má índole, o pior de cada casa, gente em que não se podia confiar.

Werner levou-o de carro até Kiel e quando voltou a Paderborn disse a Lotte que o navio era bom, forte, que não afundaria, e que o trabalho de Klaus, camareiro e ocasionalmente lavador de pratos, não tinha perigo nenhum. Mas suas palavras não tranquilizaram Lotte, que tinha se negado ir a Kiel “para não prolongar a agonia”.

Quando Klaus desembarcou em Nova York mandou um postal para a mãe em que aparecia a Estátua da Liberdade. Esta senhora é minha aliada, escreveu no verso. Depois passaram meses sem saber nada dele. E depois mais de um ano. Até que receberam outro postal em que comunicava estar fazendo os trâmites para obter a nacionalidade americana e que tinha um bom trabalho. O endereço que dava era de Macon, no estado da Geórgia, e Lotte e Werner lhe escreveram cada um uma carta cheia de perguntas acerca da sua saúde, da sua economia, de seus planos futuros, que Klaus jamais respondeu.

Com o passar do tempo Lotte e Werner foram se conformando com a ideia de que Klaus tinha voado do ninho e estava bem. Às vezes Lotte o imaginava casado com uma americana, vivendo numa ensolarada casa americana, levando uma vida igual às vidas que se podiam ver nos filmes americanos que passavam na televisão. Nos sonhos de Lotte, porém, a mulher americana de Klaus não tinha rosto, sempre a via de costas, quer dizer, via seu cabelo, só um pouco menos louro que o de Klaus, seus ombros bronzeados e seu corpo delgado mas firme. Via o rosto de Klaus, via-o sério e esperançoso, mas o rosto da mulher ele não via nunca, e o rosto de seus filhos, quando o imaginava com filhos, também não. Na verdade, não via os filhos de Klaus nem sequer de costas. *Sabia* que estavam lá, num dos quartos, mas não os via

nunca, nem tampouco os ouvia, o que era mais estranho ainda pois as crianças quase nunca permanecem em silêncio por muito tempo.

Algumas noites, Lotte, de tanto pensar e imaginar uma suposta vida de Klaus, adormecia e sonhava com o filho. Via então uma casa, uma casa americana mas que ela não identificava como casa americana. Ao se aproximar da casa sentia um cheiro penetrante que a princípio a desagradava, mas depois pensava: a mulher de Klaus deve estar cozinhando uma comida indiana. E assim, em poucos segundos, o cheiro se transformava num cheiro exótico e, apesar de tudo, agradável. Depois via a si mesma sentada numa mesa. Na mesa havia uma jarra, um prato vazio, um copo de plástico e um garfo, mais nada, porém o que mais a preocupava era saber quem tinha aberto a porta para ela. Por mais esforços que fizesse não se lembrava, e isso a fazia sofrer.

Seu sofrimento era como o rangido do giz num quadro-negro. Como se um menino fizesse o giz ranger de propósito num quadro-negro. Ou talvez não fosse giz mas suas unhas, ou talvez não fossem as unhas mas os dentes. Com o tempo, esse pesadelo, o pesadelo da casa de Klaus, como o chamava, se tornou um pesadelo recorrente. Às vezes, de manhã, enquanto ajudava Werner a preparar o café da manhã, dizia:

— Tive um pesadelo.

— O pesadelo da casa de Klaus? — perguntava Werner.

E Lotte, sem olhar para ele, com expressão distraída, confirmava com a cabeça. No fundo, tanto ela quanto Werner esperavam que Klaus, em algum momento, recorresse a eles pedindo dinheiro, mas os anos foram passando e Klaus parecia irremediavelmente perdido nos Estados Unidos.

— Do jeito que o Klaus é — dizia Werner —, não me estranharia que agora estivesse vivendo no Alasca.

Um dia Werner ficou doente e os médicos disseram que precisava parar de trabalhar. Como não tinha problemas econômicos pôs um dos mecânicos mais veteranos à frente da oficina e ele e Lotte se dedicaram a fazer turismo. Fizeram um cruzeiro pelo Nilo, visitaram Jerusalém, viajaram de carro alugado pelo sul da Espanha, percorreram Florença, Roma e Veneza. O primeiro destino que escolheram, porém, foi os Estados Unidos. Visitaram Nova York, depois estiveram em Macon, Geórgia, e descobriram com pesar que a casa em que Klaus havia morado era um apartamento num velho edifício perto do gueto negro.

Durante essa viagem, e talvez devido aos muitos filmes americanos que haviam visto juntos, ocorreu-lhes que o melhor, quem sabe, seria contratar um detetive. Visitaram um em Atlanta e lhe expuseram o problema. Werner sabia um pouco de inglês e o detetive era um sujeito nem um pouco formal, um ex-policia de Atlanta capaz de ir comprar, deixando os dois sentados em sua sala, um dicionário inglês-alemão, voltar correndo e continuar a conversa como se nada houvesse acontecido. Além do mais, não era um vigarista, pois de cara avisou que procurar, depois de tanto tempo, um alemão naturalizado americano era como procurar agulha no palheiro.

— Pode até ser que tenha mudado de nome — disse.

Mas eles queriam experimentar e pagaram os honorários de um mês, e o detetive ficou de,

ao fim desse tempo, mandar o resultado das suas buscas para a Alemanha. Passado o mês chegou um grande envelope em Paderborn, onde o detetive detalhava os gastos e dava conta da investigação.

Resumindo: nada.

Tinha conseguido encontrar um sujeito que havia conhecido Klaus (o zelador do edifício onde ele morava), através do qual chegou a outro sujeito que lhe dera um emprego, mas quando Klaus deixou Atlanta nenhum dos dois lhe perguntou para onde pretendia ir. O detetive sugeria outras linhas de investigação, mas para isso necessitava de mais dinheiro, e Werner e Lotte decidiram responder agradecendo-lhe os incômodos e dando por encerrado, pelo menos por ora, o trato.

Alguns anos depois Werner morreu de uma doença cardíaca e Lotte ficou sozinha. Qualquer outra mulher em sua situação provavelmente teria sido incapaz de levantar a cabeça, mas Lotte não se deixou amedrontar pelo destino e em vez de ficar de braços cruzados multiplicou e triplicou sua atividade diária. E não só manteve lucrativo os investimentos e em funcionamento a oficina, como, com uma sobra de capital, se meteu em outros negócios e se deu bem.

O trabalho, o excesso de trabalho, parecia rejuvenescê-la. Estava sempre metendo o bedelho em tudo, nunca ficava parada, alguns de seus empregados chegaram a odiá-la, mas ela não ligava para isso. Durante as férias, que nunca passavam de sete ou nove dias, procurava o clima quente da Itália ou da Espanha e se dedicava a tomar sol na praia e a ler best-sellers. Algumas vezes ia com amigas ocasionais, mas em regra geral, saía do hotel sozinha, atravessava uma rua e já estava na praia, onde pagava um rapaz para que instalasse uma espreguiçadeira e um guarda-sol. Ali tirava a parte de cima do biquíni, sem se importar que seus peitos já não eram os de antes, ou abaixava o maiô inteiro até abaixo da barriga e dormia ao sol. Quando acordava virava o guarda-sol para ter sombra e retomava o livro. De vez em quando o rapaz que alugava as espreguiçadeiras e as barracas se aproximava e Lotte lhe dava dinheiro para que trouxesse do hotel uma cuba-libre ou uma jarrinha de sangria com muito gelo. Às vezes, de noite, ia ao terraço do hotel ou à discoteca, que ficava no primeiro andar e onde a clientela era formada por alemães, ingleses e holandeses mais ou menos da sua idade, e ficava um instante vendo os pares dançar ou ouvindo a orquestra que de vez em quando interpretava músicas do início dos anos 60. Vista de longe parecia uma senhora de bonitas feições, meio cheinha, distante e com um toque de elegância e um não sei quê de tristeza. De perto, quando um viúvo ou um divorciado a tirava para dançar ou dar um passeio à beira-mar, e Lotte sorria e dizia que não, obrigada, voltava a ser uma menina camponesa e a distinção se evaporava e só ficava a tristeza.

Em 1995, recebeu um telegrama do México, de um lugar chamado Santa Teresa, no qual comunicavam que Klaus estava preso. O telegrama era assinado por uma tal de Victoria Santolaya, advogada de Klaus. A comoção de Lotte foi tão grande que teve de sair do seu escritório, subir em casa e se meter na cama, mas é claro que foi incapaz de dormir. Klaus estava vivo. Isso era tudo o que importava. Respondeu o telegrama e acrescentou seu telefone, e ao cabo de quatro dias, no meio de um diálogo entre telefonistas que queriam

saber se ela aceitava a chamada a cobrar, escutou a voz de uma mulher que lhe falava em inglês, bem devagar, pronunciando cada sílaba, mas de qualquer maneira ela não entendeu nada pois desconhecia o idioma. Afinal a voz da mulher disse, numa espécie de alemão: “Klaus bem”. E: “Tradutor”. E algo mais que soava como alemão ou que para Victoria Santolaya soava como alemão e que ela não entendeu. E um número de telefone, que ditou em inglês, várias vezes, e que ela anotou num papel, pois saber os números em inglês não era uma empresa difícil.

Naquele dia Lotte não trabalhou. Ligou para uma escola de secretariado e disse que queria contratar uma moça que soubesse perfeitamente inglês e espanhol, embora na oficina trabalhasse mais de um mecânico que sabia inglês e que teria podido ajudá-la. Na escola de secretariado lhe disseram que tinham a moça que ela procurava e perguntaram para quando a queria. Lotte explicou que precisava dela de imediato. Três horas depois apareceu na oficina uma moça de uns vinte e cinco anos, de cabelo liso castanho-claro, trajando jeans, que trocou brincadeiras com os mecânicos antes de subir ao escritório de Lotte.

A moça se chamava Ingrid e Lotte lhe explicou que seu filho estava preso no México e que precisava falar com a advogada mexicana dele, mas que esta só falava inglês e espanhol. Depois de falar, Lotte achou que ia precisar explicar tudo outra vez, mas Ingrid era uma moça inteligente e não foi necessário. Pegou o telefone e ligou para um número de informação pública a fim de saber a diferença de horário com o México. Depois ligou para a advogada e falou com ela uns quinze minutos em espanhol, mas de vez em quando passava ao inglês para esclarecer certos termos, e não parava de tomar notas num caderninho. No fim disse: voltaremos a ligar, e desligou.

Lotte estava sentada à mesa e quando Ingrid desligou se preparou para o pior.

— Klaus está preso em Santa Teresa, que é uma cidade do norte do México, na fronteira com os Estados Unidos — falou —, mas está bem de saúde e não sofreu danos físicos.

Antes que Lotte perguntasse por que estava preso, Ingrid sugeriu que tomasse um chá ou um café. Lotte preparou duas xícaras de café e enquanto se movimentava pela cozinha observava Ingrid, que repassava suas notas.

— Acusam-no de ter matado várias mulheres — disse a moça depois de tomar dois goles de chá.

— Klaus nunca faria isso — disse Lotte.

Ingrid moveu a cabeça afirmativamente e disse que a advogada, a tal Victoria Santolaya, precisava de dinheiro.

Naquela noite Lotte sonhou pela primeira vez depois de muito tempo com o irmão. Via Archimboldi caminhando pelo deserto, de calça curta e um chapeuzinho de palha, e em volta tudo era areia, dunas que se sucediam até a linha do horizonte. Ela lhe gritava alguma coisa, dizia pare de andar, por aqui não se vai a lugar nenhum, mas Archimboldi se afastava cada vez mais, como se quisesse se perder para sempre naquela terra incompreensível e hostil.

— É incompreensível e *além do mais* é hostil — dizia a ele, e só nesse momento se dava conta de que era novamente uma menina, uma menina que vivia numa aldeia prussiana

entre o bosque e o mar.

— Não — respondia Archimboldi, mas como se lhe falasse ao pé do ouvido —, esta terra é principalmente chata, chata, chata...

Quando acordou soube que precisava ir para o México sem perder mais um só minuto. Ao meio-dia Ingrid apareceu na oficina. Lotte a viu através da vidraça do seu escritório. Como sempre, antes de subir, Ingrid brincou com um par de mecânicos. Seu riso, atenuado pelos vidros, lhe pareceu fresco e despreocupado. Quando estava diante dela, porém, Ingrid se comportava de forma muito mais séria. Antes de ligar para a advogada tomaram chá com biscoito. Fazia vinte e quatro horas que Lotte não havia posto nada na boca e os biscoitos caíram bem. A presença de Ingrid, além do mais, era reconfortante: era uma moça ajuizada e simples, que sabia brincar no momento adequado e ficar séria quando tinha de ficar séria.

Quando telefonaram para a advogada, Lotte indicou a Ingrid que lhe dissesse que iria pessoalmente a Santa Teresa resolver tudo o que tivesse de ser resolvido. A advogada, que parecia sonolenta, como se acabassem de tirá-la da cama, deu a Ingrid um par de endereços, depois desligaram. Naquela tarde Lotte foi ver seu advogado e lhe expôs o caso. Seu advogado deu uns telefonemas e disse que tivesse cuidado, que não dava para confiar nos advogados mexicanos.

— Isso eu já sei — disse Lotte com segurança.

Também aconselhou-a sobre a melhor maneira de fazer transações bancárias. De noite ligou para a casa de Ingrid e lhe perguntou se gostaria de acompanhá-la ao México.

— Claro que lhe pagarei — disse.

— Como tradutora? — perguntou Ingrid.

— Como tradutora, como intérprete, como dama de companhia, como for — disse Lotte de mau humor.

— Aceito — disse Ingrid.

Quatro dias depois partiram num voo com destino a Los Angeles. Lá tomaram outro voo que ia para Tucson e de Tucson foram para Santa Teresa num carro alugado. Quando pôde ver Klaus a primeira coisa que ele disse foi que estava envelhecida, o que envergonhou Lotte.

Os anos não passam em vão, teria desejado responder, mas as lágrimas impediram. Estavam os quatro, a advogada, Ingrid, ela e Klaus, numa sala com chão e paredes de cimento com manchas de umidade, e uma mesa de plástico imitando madeira aparafusada no chão e dois bancos de ripas de madeira, também aparafusados no chão. Ingrid, a advogada e ela estavam sentadas num banco e Klaus no outro. Não o trouxeram algemado nem com sinais de maus tratos. Lotte notou que havia engordado desde a última vez que o viu, mas isso já fazia muitos anos e Klaus então era apenas um rapazola. Quando a advogada enumerou todos os assassinatos que lhe imputavam, Lotte pensou que aquela gente estava doida. Ninguém em são juízo é capaz de matar tantas mulheres, falou.

A advogada sorriu e disse que em Santa Teresa havia alguém, provavelmente não em são juízo, que matava.

O escritório da advogada ficava na zona nobre da cidade, no mesmo apartamento em que morava. Havia duas portas de entrada mas o apartamento era o mesmo, com três ou quatro

paredes com revestimento extra.

— Também moro num lugar assim — disse Lotte, e a advogada não entendeu, de maneira que Ingrid teve de explicar por conta própria a oficina mecânica e o apartamento que ficava em cima dela.

Em Santa Teresa, por recomendação da advogada, se hospedaram no melhor hotel da cidade, o hotel Las Dunas, se bem que em Santa Teresa não havia duna de tipo algum, nem nos arredores nem num raio de cem quilômetros dali. A princípio Lotte estava disposta a pegar dois quartos, mas Ingrid lhe convenceu que pegasse um só, que era mais barato. Fazia muito tempo que Lotte não compartilhava um quarto com ninguém e nas primeiras noites demorou para dormir. Para se distrair, ligava a televisão, sem som, e assistia da cama: gente falando, gesticulando, tentando convencer outra gente de algo provavelmente importante.

De noite havia muitos programas de telepregadores mexicanos. Era fácil distinguir os telepregadores mexicanos: eram morenos e suavam muito, e os ternos e gravatas que usavam pareciam comprados em lojas de segunda mão, embora provavelmente fossem novos. Também: seus sermões eram mais dramáticos, mais espetaculares, com maior participação do público, um público, por sinal, que parecia drogado e profundamente infeliz, ao contrário do que ocorria com o público dos telepregadores americanos, que andavam igualmente malvestidos mas que pelo menos pareciam ter um trabalho fixo.

Talvez eu pense isso, pensava Lotte na noite da fronteira mexicana, só porque são brancos, alguns talvez descendentes de alemães ou holandeses, e portanto mais próximos de mim.

Quando por fim adormecia, sem desligar a tevê, costumava sonhar com Archimboldi. Via-o sentado numa enorme pedra vulcânica, vestindo farrapos e com um machado na mão, fitando-a tristemente. Talvez meu irmão tenha morrido, pensava Lotte no sonho, mas meu filho está vivo.

No segundo dia que viu Klaus contou-lhe, procurando não ser brusca, que Werner havia morrido havia algum tempo. Klaus escutou-a e meneou a cabeça sem alterar a expressão. Foi um bom homem, falou, mas disse isso com a mesma distância com que se referiria a um companheiro de cárcere.

No terceiro dia, enquanto Ingrid discretamente lia um livro num canto da sala, Klaus perguntou por seu tio. Não sei o que foi feito dele, respondeu Lotte. A pergunta de Klaus, no entanto, a surpreendeu e não pôde evitar de lhe contar que, desde que havia chegado a Santa Teresa, sonhava com ele. Klaus pediu que contasse um sonho. Depois de contar confessou que ele, por muito tempo, também costumava sonhar com Archimboldi e que os sonhos não eram bons.

— Que tipo de sonhos tinha você? — perguntou Lotte.

— Pesadelos — disse Klaus.

Depois sorriu e passaram a falar de outras coisas.

Quando as visitas acabavam, Lotte e Ingrid davam uma volta de carro pela cidade e uma vez foram ao mercado e compraram artesanato indígena. Segundo Lotte, o artesanato indígena certamente foi fabricado na China ou na Tailândia, mas Ingrid gostava e comprou três estatuetas de barro cozido, sem envernizar nem pintar, três figurinhas bem toscas e

muito fortes que representavam um pai, uma mãe e um filho, e deu de presente a Lotte dizendo que aquelas estatuetas lhe trariam boa sorte. Uma manhã foram a Tijuana, ao consulado alemão. Pretendiam fazer a viagem de carro, mas a advogada as aconselhou a pegar o avião que ligava as duas cidades e que saía uma vez por dia. Em Tijuana se hospedaram num hotel do centro turístico, barulhento e cheio de gente que não parecia turista, na opinião de Lotte, e naquela mesma manhã puderam falar com o cônsul e explicar o caso do filho. O cônsul, ao contrário do que Lotte acreditava, já estava a par de tudo e, conforme explicou a elas, um funcionário do consulado tinha ido visitar Klaus, o que a advogada havia negado redondamente.

É possível, disse o cônsul, que a advogada não tenha sabido da visita ou que ainda não fosse advogada de Klaus ou que Klaus tenha preferido não lhe dizer nada. Além do mais, Klaus era, para todos os efeitos, cidadão americano e isso levantava uma série de problemas. Neste caso temos de proceder com muita cautela, concluiu o cônsul, e de nada adiantou Lotte lhe garantir que seu filho era inocente. De qualquer maneira o consulado havia intervindo no assunto e Lotte e Ingrid voltaram para Santa Teresa mais tranquilas.

Nos dois últimos dias não puderam visitar Klaus nem telefonar para ele. A advogada disse que o regulamento interno da prisão não permitia, mas Lotte sabia que Klaus tinha um celular e que às vezes passava o dia falando com o exterior. Mas não tinha a menor vontade de armar um escândalo nem de se pôr contra a advogada, de modo que dedicou aqueles dias a dar voltas pela cidade, que lhe pareceu mais caótica que nunca e de pouco interesse. Antes de partir para Tucson trancou-se em seu quarto de hotel e escreveu uma longa carta ao filho para a advogada entregar quando ela já houvesse partido. Foi com Ingrid ver por fora a casa onde Klaus havia morado em Santa Teresa, como quem visita um monumento, e lhe pareceu aceitável, uma casa em estilo californiano, agradável de ver. Depois foi à loja de informática e aparelhos eletrônicos que Klaus tinha no centro e a encontrou fechada, como a advogada havia avisado, pois a loja era propriedade de Klaus e ele não tinha querido alugá-la já que confiava ser libertado antes do julgamento.

De volta à Alemanha percebeu de repente que a viagem a tinha cansado muito mais do que supunha. Ficou vários dias de cama, sem aparecer no escritório, mas cada vez que o telefone tocava se apressava a responder, na eventualidade da chamada ser do México. Num dos sonhos que teve naqueles dias uma voz muito quente e carinhosa lhe sussurrava no ouvido a possibilidade de que seu filho fosse realmente o assassino de mulheres de Santa Teresa.

— Isso é ridículo — ela gritava, e ato contínuo despertava.

Às vezes quem telefonava era Ingrid. Não falavam muito, a jovem perguntava pela sua saúde e se interessava pelas últimas novidades no caso de Klaus. O problema do idioma havia sido solucionado mediante o envio de e-mails, que Lotte mandava um de seus mecânicos traduzir. Uma tarde Ingrid apareceu na casa dela com um presente: um dicionário alemão-espanhol que Lotte agradeceu efusivamente, embora no fundo estivesse segura de que se tratava de um mimo absolutamente inútil. Pouco depois, porém, enquanto via as fotos que apareciam no dossiê do caso de Klaus que a advogada lhe tinha dado, pegou o dicionário de

Ingrid e procurou algumas palavras. Com o passar dos dias, e com não pouca surpresa, se deu conta de que tinha uma facilidade inata para os idiomas.

Em 1996 voltou a Santa Teresa e pediu a Ingrid que a acompanhasse. Ingrid saía então com um rapaz que trabalhava num escritório de arquitetura, apesar de não ser arquiteto, e uma noite os dois a convidaram para jantar. O rapaz estava muito interessado no que acontecia em Santa Teresa, e por um momento Lotte desconfiou que Ingrid queria viajar com o namorado, mas Ingrid disse que ele ainda não era seu namorado, e que estava disposta a acompanhá-la.

O julgamento, que devia ser realizado em 1996, finalmente foi adiado, e Lotte e Ingrid ficaram nove dias em Santa Teresa visitando Klaus sempre que podiam, passeando de carro pela cidade e trancadas no quarto do hotel vendo tevê. Às vezes, de noite, Ingrid avisava que ia tomar um drinque no bar do hotel ou que ia dançar na discoteca do hotel e Lotte ficava sozinha e então mudava de canal, pois Ingrid sempre punha programas em inglês, e ela preferia assistir aos programas mexicanos, que era uma maneira, pensava ela, de se aproximar do filho.

Em duas ocasiões Ingrid só voltou ao quarto depois das cinco da manhã e sempre encontrou Lotte acordada, sentada aos pés da cama ou numa poltrona e com a tevê ligada. Uma noite em que Ingrid não estava Klaus telefonou e a primeira coisa que veio à cabeça de Lotte foi que Klaus havia fugido daquela prisão horrível na beira do deserto. Klaus perguntou, com um tom de voz normal, relaxado até, como ela ia e Lotte respondeu que bem e não soube o que falar mais. Quando recobrou o controle de si mesma perguntou de onde ligava.

— Da prisão — disse Klaus.

Lotte consultou o relógio.

— Como é que te deixam dar um telefonema numa hora destas? — perguntou.

— Ninguém me deixa nada — disse Klaus, e deu uma risada —, estou ligando do meu celular.

Então Lotte se lembrou de que a advogada dissera que Klaus tinha um celular, e depois continuaram falando de outras coisas, até que Klaus lhe disse que havia tido um sonho e a voz mudou, não era mais uma voz serena, casual, mas uma voz de tons profundos, que lembrou Lotte da vez que vira um ator, na Alemanha, recitar um poema. Não se lembrava do poema, um poema clássico, certamente, mas a voz do ator era de não esquecer nunca.

— O que sonhou? — indagou Lotte.

— Não sabe? — disse Klaus.

— Não — respondeu Lotte.

— Então é melhor que eu não diga — disse Klaus, e desligou.

O primeiro impulso de Lotte foi ligar de imediato e continuar falando com ele, mas não demorou a se dar conta de que não sabia o número dele, de modo que, depois de hesitar alguns minutos, ligou para Victoria Santolaya, a advogada, sabendo embora que ligar àquela hora era de má educação, e quando a advogada por fim atendeu Lotte explicou, numa mistura de alemão, espanhol e inglês, que precisava do número do celular de Klaus. Após um

longo silêncio, a advogada soletrou os números até se assegurar de que Lotte os havia escrito corretamente, depois desligou.

Esse “longo silêncio”, aliás, pareceu a Lotte carregado de interrogações, pois a advogada não deixou o telefone para ir pegar a agenda onde tinha anotado o número de Klaus, mas se *manteve* em silêncio, do outro lado da linha, provavelmente numa atitude pensativa, enquanto decidia se dava ou não dava o número. De qualquer modo Lotte a ouviu *respirar* no meio desse “longo silêncio”, até se poderia dizer que a ouviu *se debater* entre duas possibilidades. Em seguida, Lotte ligou para o celular de Klaus, mas deu ocupado. Esperou dez minutos e tornou a ligar mas continuava dando ocupado. Com quem Klaus falará a estas horas da noite?, pensou.

Quando no dia seguinte foi visitá-lo preferiu não trazer à tona esse assunto nem perguntar nada. A atitude de Klaus, de resto, era a mesma de sempre, distante, frio, como se não fosse ele quem estivesse preso.

Durante essa segunda visita ao México, Lotte, apesar de tudo, não se sentiu tão perdida como da primeira vez. Em algumas ocasiões, enquanto esperava na prisão, falava com as mulheres que iam visitar os presos. Aprendeu a dizer: *bonito niño* ou *lindo chamaco*, quando as mulheres arrastavam consigo um menino ou uma menina, ou: *buena viejita* ou *simpática viejita*, quando via as mães ou avós dos presos, enroladas em xales, que esperavam na fila a hora de entrada com fisionomias impassíveis ou resignadas. Ela mesma, no terceiro dia da estada, comprou um xale, e às vezes, enquanto andava atrás de Ingrid e da advogada, não podia evitar as lágrimas e então o xale servia para cobrir o rosto e ter um pouco de intimidade.

Em 1997 voltou ao México, mas desta vez sozinha porque Ingrid já tinha conseguido um bom emprego e não pôde acompanhá-la. O espanhol de Lotte, que tinha se aplicado em seu aprendizado, era muito melhor e já podia falar no telefone com a advogada. A viagem transcorreu sem nenhum incidente, mas mal chegou a Santa Teresa, pela cara que fez Victoria Santolaya quando a viu e depois pelo abraço excessivamente demorado em que se apertou a ela, compreendeu que havia algo de estranho. O julgamento, que transcorreu como num sonho, durou vinte dias, e no fim declararam Klaus culpado por quatro assassinatos.

Naquela noite a advogada acompanhou-a ao hotel e como não fazia nenhum sinal de ir embora Lotte acreditou que queria lhe dizer algo e não sabia como, de modo que a convidou a tomar alguma coisa no bar, apesar de estar cansada e o que mais desejava era ir para a cama e dormir. Enquanto bebiam junto a uma vidraça da qual se observavam os faróis dos carros que passavam por uma grande avenida margeada de árvores, a advogada, que parecia tão cansada quanto ela, começou a xingar em espanhol, ou assim acreditou Lotte, e depois desatou a chorar sem nenhum recato. Esta mulher está apaixonada pelo meu filho, pensou. Antes dela partir de Santa Teresa, Victoria Santolaya lhe disse que o julgamento esteve eivado de irregularidades e que provavelmente seria declarado nulo. De qualquer modo, garantiu, vou recorrer. Durante a viagem de carro, dirigindo no deserto, Lotte pensou em seu filho, a quem a sentença não havia afetado nem um pouco, e na advogada, e pensou que ambos, de uma maneira muito estranha mas também muito natural, formavam um bom par.

Em 1998 o julgamento foi anulado e marcada a data para um segundo julgamento. Uma noite, falando ao telefone de Paderborn com Victoria Santolaya, perguntou-lhe à queimadura se havia algo mais entre ela e seu filho.

— Sim, tem algo mais — disse a advogada.

— E a senhora não sofre demais? — perguntou Lotte.

— Não mais que a senhora — respondeu Victoria Santolaya.

— Não entendo — disse Lotte —, eu sou mãe dele mas a senhora tinha liberdade de escolher.

— No amor ninguém escolhe — respondeu Victoria Santolaya.

— E Klaus corresponde? — perguntou Lotte.

— Eu é que me deito com ele — disse bruscamente Victoria Santolaya.

Lotte não entendeu a que se referia, mas depois se lembrou que no México, tal como na Alemanha, todo preso tinha direito a uma visita conjugal ou visita de casal. Tinha visto um programa de tevê sobre isso. Os quartos onde os presos ficavam com suas mulheres eram tristíssimos, recordou. As mulheres se esmeravam em arrumá-los, mas só conseguiam transformar, com flores e lenços, os tristes quartos despersonalizados em tristes quartos de prostíbulos baratos. E isso eram nas boas prisões alemãs, pensou Lotte, prisões sem superpopulação, limpas, funcionais, não queria nem pensar como seria uma visita conjugal na prisão de Santa Teresa.

— Acho admirável o que a senhora faz por meu filho — disse Lotte.

— Não é nada — disse a advogada —, o que recebo de Klaus não tem preço.

Naquela noite, antes de dormir, pensou em Victoria Santolaya e em Klaus e imaginou os dois na Alemanha ou em qualquer lugar da Europa e viu Victoria Santolaya com a barriga inchada esperando um filho de Klaus e depois adormeceu como um bebê.

Em 1998 Lotte foi duas vezes ao México e esteve um total de quarenta e cinco dias em Santa Teresa. O julgamento foi adiado para 1999. Quando chegou a Tucson no voo procedente de Los Angeles teve problemas com a locadora de carros, que se negava a lhe alugar um devido à sua idade.

— Sou velha mas sei guiar — disse Lotte em espanhol —, e nunca tive um só acidente.

Depois de perder meia manhã discutindo, Lotte chamou um táxi e foi de táxi para Santa Teresa. O taxista se chamava Steve Hernández, falava espanhol e ao atravessarem o deserto perguntou a ela o que a levava ao México.

— Vou ver meu filho — disse Lotte.

— Da próxima vez que vier — disse o taxista —, diga a seu filho para ir pegá-la em Tucson, porque a viagem não vai ser barata.

— Bem que eu gostaria — disse Lotte.

Em 1999 voltou ao México, e desta vez a advogada foi esperá-la em Tucson. Aquele não foi um bom ano para Lotte. Os negócios em Paderborn não iam bem e ela estava pensando seriamente em vender a oficina e o edifício, inclusive sua casa. Sua saúde não estava boa. Os médicos que a examinaram não encontraram nada, mas Lotte às vezes se sentia incapaz de fazer as coisas mais simples. Cada vez que fazia mau tempo se resfriava e tinha de passar

vários dias de cama, às vezes com febre alta.

Em 2000 não pôde ir ao México, mas falava toda semana com a advogada e esta a mantinha informada sobre as últimas novidades referentes a Klaus. Quando não falavam por telefone, se comunicavam por e-mails e ele até mandou instalar um fax em casa para receber os novos documentos que foram aparecendo em torno do caso das mulheres assassinadas. Naquele ano que não foi ao México, Lotte se preparou conscienciosamente para estar bem de saúde e poder viajar no ano seguinte. Tomou vitaminas, contratou um fisioterapeuta, foi uma vez por semana num chinês que praticava acupuntura. Seguiu uma dieta especial com muita fruta fresca e salada. Parou de comer carne, que substituiu por peixe.

Quando chegou o ano de 2001 se achava disposta para outra viagem ao México, embora sua saúde, apesar de todos os cuidados que tomava, já não fosse a de antes. E seus nervos, como se verá em seguida, tampouco.

Enquanto esperava no aeroporto de Frankfurt o voo que a levaria a Los Angeles, entrou numa livraria e comprou um livro e umas revistas. Lotte não era boa leitora, signifique isso o que significar, e se de quando em quando comprava um livro geralmente era desses que os atores escrevem quando se aposentam ou quando passam muito tempo sem filmar, ou biografias de gente famosa, ou esses livros que os apresentadores de tevê escrevem e que aparentemente são cheios de casos interessantes, mas em que na realidade não há nem sequer um só caso.

Desta vez, porém, por um descuido ou pela pressa para não perder a conexão, comprou um livro intitulado *O rei da selva*, cujo autor era um tal de Benno von Archimboldi. O livro não tinha mais de cento e cinquenta páginas, falava de um perneta e de uma caolha e de seus dois filhos, um menino que gostava de nadar e uma menina que acompanhava o irmão até os penhascos. Enquanto o avião cruzava o Atlântico, Lotte se deu conta, com estupor, de que estava lendo uma parte da sua infância.

O estilo era estranho, a escrita era clara e por ocasiões até transparente, mas a maneira como se sucediam as histórias não levava a lugar nenhum: só restavam as crianças, seus pais, alguns vizinhos e no fim, na realidade, a única coisa que restava era a natureza, uma natureza que pouco a pouco ia se desfazendo num caldeirão fervendo até desaparecer totalmente.

Enquanto os passageiros dormiam, Lotte começou a ler pela segunda vez o romance, pulando as partes que não falavam da sua família ou da sua casa ou de seus vizinhos ou de seu quintal, e no fim não teve nenhuma dúvida de que o autor, o tal de Benno von Archimboldi, era seu irmão, mas também era possível que o autor houvesse falado com seu irmão, possibilidade que Lotte descartou no ato porque a seu ver havia coisas no livro, que seu irmão jamais teria contado para ninguém, sem atinar que, escrevendo, contava para todos.

Na orelha não havia foto do autor, mas sim uma data de nascimento, 1920, o mesmo ano em que seu irmão nasceu, e uma longa lista de títulos, todo publicados pela mesma editora. Também se informava que Benno von Archimboldi havia sido traduzido para uma dúzia de idiomas e que, desde havia alguns anos, era candidato ao Prêmio Nobel. Enquanto esperava

em Los Angeles a conexão para Tucson procurou mais livros de Archimboldi, mas nas livrarias do aeroporto só havia livros de extraterrestres, gente que tinha sido abduzida, encontros de terceiro grau e visões de discos voadores.

Em Tucson a advogada a esperava e no trajeto até Santa Teresa conversaram sobre o caso que, segundo a advogada, estava fazendo muito tempo em ponto morto, o que era bom, mas isso Lotte não entendeu, pois para ela estar em ponto morto era ruim, isso sim. No entanto, preferiu não contrariá-la e ficou olhando a paisagem. Os vidros do carro estavam abaixados e o ar do deserto, um ar baboso e quente, era tudo de que Lotte precisava depois da viagem de avião.

Naquele mesmo dia foi à prisão e sentiu-se feliz quando uma velhinha a reconheceu.

— Felizes os olhos que a veem, senhó — disse a velhinha.

— Ai, Monchita, como vai a senhora? — perguntou Lotte abraçando-a demoradamente.

— Pois aqui onde me vê, *güerita*, no calvário de sempre — respondeu a velhinha.

— Um filho é um filho — sentenciou Lotte, e se abraçaram novamente.

Encontrou Klaus igual a sempre, distante, frio, um pouco mais magro, mas igualmente forte, com a mesma expressão quase imperceptível de desagrado que tinha desde os dezessete anos. Falaram de coisas sem importância, da Alemanha (embora Klaus não parecesse dar a mínima a tudo que tivesse a ver com a Alemanha), da viagem, da situação da oficina mecânica, e quando a advogada foi embora porque tinha de falar com um funcionário da prisão, Lotte lhe contou sobre o livro de Archimboldi que havia lido na viagem. A princípio Klaus não pareceu interessado, mas quando Lotte tirou o livro da bolsa e começou a ler as partes que havia sublinhado o semblante de Klaus mudou.

— Se quiser, deixo o livro com você — disse Lotte.

Klaus assentiu e quis pegar o livro imediatamente, mas Lotte não o soltou.

— Antes me deixe anotar uma coisa — disse enquanto pegava a agenda e anotava as coordenadas da editora. Depois entregou-lhe o livro.

Naquela noite, quando Lotte estava no hotel tomando suco de laranja, comendo biscoitos e vendo os programas noturnos de alguns canais mexicanos, já de madrugada, fez uma chamada de longa distância para a editora de Bubis em Hamburgo. Pediu para falar com o editor.

— Editora — disse a secretária —, a senhora Bubis, mas ela ainda não chegou, ligue mais tarde, por favor.

— Está bem — disse Lotte —, eu ligo mais tarde. — E após hesitar um momento acrescentou: — Diga a ela que quem telefonou foi Lotte Haas, irmã de Benno von Archimboldi.

Depois desligou, ligou para a recepção e pediu que a acordassem dali a três horas. Sem tirar a roupa, foi dormir. Ouviu ruídos no corredor. A televisão continuava ligada, mas sem som. Sonhou com um cemitério onde ficava o túmulo de um gigante. A lápide se quebrava e o gigante punha uma mão para fora, depois a outra, depois a cabeça, uma cabeça ornada com uma comprida cabeleira loura cheia de terra. Acordou antes que a chamassem da recepção. Voltou a pôr som na televisão e ficou um instante rodando pelo quarto e espiando com o

rabo do olho um programa de calouros.

Quando o telefone tocou agradeceu ao recepcionista e tornou a ligar para Hamburgo. A mesma secretária atendeu e disse que a editora havia chegado. Lotte esperou uns segundos até ouvir a voz bem timbrada de uma mulher que havia recebido, assim lhe pareceu, uma boa educação.

— A senhora é a editora? — perguntou Lotte. — Sou a irmã de Benno von Archimboldi, quer dizer, de Hans Reiter — declarou, e ficou calada porque não lhe ocorreu o que mais podia dizer.

— A senhora se sente bem? Posso fazer alguma coisa pela senhora? Minha secretária me disse que está ligando do México.

— Sim, estou ligando do México — disse Lotte a ponto de começar a chorar.

— A senhora mora no México? De que lugar do México telefona?

— Eu vivo na Alemanha, senhora, em Paderborn, e tenho uma oficina mecânica e algumas propriedades.

— Ah, bom — fez a editora.

Só então Lotte se deu conta, sem saber muito bem por quê, talvez pela forma de exclamar que a editora tinha, ou pela forma de perguntar, de que se tratava de uma mulher mais velha do que ela, quer dizer, de uma mulher muito velha.

Então se abriu a comporta e Lotte disse que fazia muito não via seu irmão, que seu filho estava preso no México, que seu marido havia morrido, que não tinha voltado a se casar, que a necessidade e o desespero a tinham feito aprender espanhol, que ainda se atrapalhava com esse idioma, que sua mãe havia morrido e que provavelmente seu irmão ainda não sabia, que pensava em vender a oficina, que havia lido um livro do irmão no avião, que quase morreu de surpresa, que enquanto atravessava o deserto a única coisa que havia feito era pensar nele.

Depois Lotte pediu desculpa e nesse momento se deu conta de que estava chorando.

— Quando pretende voltar a Paderborn? — ouviu a editora lhe perguntar.

E depois:

— Me dê seu endereço.

E depois:

— A senhora era uma menina muito loura e muito pálida e às vezes sua mãe a levava quando ia trabalhar em casa.

Lotte pensou: a que casa se refere?, e: como eu poderia me lembrar disso? Mas depois pensou na única casa onde iam trabalhar algumas pessoas da aldeia, a casa solarenga do barão Von Zumpe, e então se lembrou da casa e dos dias em que ia com sua mãe e a ajudava a limpar o pó, a varrer, a brunir os castiçais, a encerar o chão. Mas antes que pudesse dizer algo, a editora falou:

— Espero que logo tenha notícias de seu irmão. Foi um prazer falar com a senhora. Até a vista.

E desligou. No México, Lotte permaneceu mais um instante com o fone grudado no ouvido. Os ruídos que ouvia eram como os ruídos do abismo. Os ruídos que ouve uma pessoa quando despenca no abismo.

Uma noite, três meses depois dela voltar para a Alemanha, Archimboldi apareceu.

Lotte estava a ponto de se deitar, já tinha posto a camisola e então a campainha tocou. Perguntou pelo interfone quem era.

— Sou eu — disse Archimboldi —, seu irmão.

Naquela noite ficaram conversando até amanhecer. Lotte falou de Klaus e das mortes das mulheres de Santa Teresa. Também falou dos sonhos de Klaus, daqueles sonhos em que aparecia o gigante que ia tirá-lo da prisão, se bem que você, disse a Archimboldi, não pareça mais um gigante.

— Nunca fui — disse Archimboldi dando uma volta pela sala de estar e pela sala de jantar da casa de Lotte, e se detendo junto a uma estante onde se alinhavam mais de uma dúzia de livros seus.

— Não sei mais o que fazer — disse Lotte depois de um longo silêncio. — Não tenho mais forças. Não entendo nada e o pouco que entendo me dá medo. Nada tem sentido — disse Lotte.

— Só está cansada — disse o irmão.

— Velha e cansada. Preciso ter netos — disse Lotte. — Você, sim, que está velho — disse Lotte. — Quantos anos tem?

— Mais de oitenta — respondeu Archimboldi.

— Tenho medo de ficar doente — disse Lotte. — É verdade que você pode ganhar o Prêmio Nobel? — perguntou. — Tenho medo de que Klaus morra. É orgulhoso, não sei a quem puxou. Werner não era assim — disse Lotte. — Papai e você também não. Por que quando você fala de papai o chama de pernetá? Por que mamãe de caolha?

— Porque eram — disse Archimboldi. — Esqueceu?

— Às vezes sim — disse Lotte. — A prisão é horrível, horrível — disse Lotte —, mas pouco a pouco a gente se acostuma. É como contrair uma doença — disse Lotte. — A senhora Bubis foi muito amável comigo, falamos pouco mas foi muito amável — disse Lotte. — Eu a conheço? Eu a vi alguma vez?

— Sim — disse Archimboldi —, mas na época era pequena e não se lembra mais.

Depois tocou com a ponta dos dedos seus livros. Havia de todos os tipos: de capa dura, brochura, edições de bolso.

— Há tantas coisas de que não lembro mais — disse Lotte. — Boas, ruins, piores. Mas das pessoas amáveis nunca me esqueço. E a senhora editora era muito amável — disse Lotte —, embora meu filho esteja apodrecendo numa prisão mexicana. Quem vai se preocupar com ele? Quem vai se lembrar dele quando morrer? — disse Lotte. — Meu filho não tem filhos, não tem amigos, não tem nada — disse Lotte. — Olhe, começou a amanhecer. Quer um chá, um café, um copo d'água?

Archimboldi sentou e esticou as pernas. Seus ossos estalaram.

— Você vai cuidar de tudo?

— Uma cerveja — falou ele.

— Não tenho cerveja — disse Lotte. — Você vai cuidar de tudo?

Fürst Pückler.

Se quiser tomar um bom sorvete de chocolate, baunilha e morango, pode pedir um fürst Pückler. Vão te trazer um sorvete de três sabores, mas não três sabores quaisquer, e sim exatamente chocolate, baunilha e morango. É isso um fürst Pückler.

Quando Archimboldi deixou a irmã foi para Hamburgo, onde pretendia pegar um voo direto para o México. Como o voo saía na manhã seguinte, foi dar uma volta num parque que não conhecia, um parque muito grande e cheio de árvores e pequenos caminhos calçados por onde passeavam mulheres com os filhos e jovens patinadores e de vez em quando estudantes de bicicleta, e se sentou no terraço de um bar, um terraço bem distante do bar propriamente dito, como se fosse um terraço no meio do bosque, pôs-se a ler e pediu um sanduíche e uma cerveja, pagou, depois pediu um fürst Pückler e pagou, porque no terraço tinha-se de pagar imediatamente todas as consumações.

Nesse mesmo terraço, aliás, só estavam ele e a três mesas de distância (mesas de ferro forjado, maciço, elegantes e dir-se-ia difíceis de roubar) havia um cavalheiro de idade avançada mas não tão avançada quanto Archimboldi, lendo uma revista e tomando um capuccino. Quando Archimboldi estava a ponto de terminar seu sorvete o cavalheiro perguntou se havia gostado.

— Sim, gostei — disse Archimboldi e sorriu.

O cavalheiro, impelido ou animado por aquele sorriso amistoso, se levantou da cadeira e sentou a uma mesa de distância.

— Permita que me apresente — falou. — Eu me chamo Alexander fürst Pückler. O, como dizer?, criador desse sorvete — falou — foi um antepassado meu, um fürst Pückler muito brilhante, grande viajante, homem ilustrado, cujas principais paixões eram a botânica e a jardinagem. Claro, ele pensava, se é que alguma vez pensou nisso, que passaria para a, como dizer?, história por algum dos muitos opúsculos que escreveu e publicou, crônicas de viagem principalmente, mas não necessariamente crônicas de viagem para uso, e sim livrinhos que ainda hoje são encantadores e muito, como dizer?, lúcidos, enfim, lúcidos dentro do possível, livrinhos onde parecesse que a finalidade última de cada uma das suas viagens fosse examinar determinado jardim, às vezes jardins esquecidos, abandonados por Deus, entregues à própria sorte, e cuja graça meu ilustre antepassado sabia encontrar em meio a tanto mato e a tanta desídia. Seus livrinhos, apesar de seu, como dizer?, revestimento botânico, estão cheios de observações engenhosas e através deles pode-se ter uma ideia bastante aproximada da Europa de seu tempo, uma Europa muitas vezes convulsa, cujas tempestades em certas ocasiões chegavam aos limites do castelo da família, situado, como o senhor deve saber, nas proximidades de Görlitz. Claro, meu antepassado não era alheio às tempestades, do mesmo modo que não era alheio às vicissitudes da, como dizer?, condição humana. E portanto escrevia e publicava e à sua maneira, humilde mas com boa prosa alemã, alçava a voz contra a injustiça. Creio que não lhe interessava saber para onde vai a alma quando o corpo morre, embora também tenha escrito algumas páginas sobre isso. Interessava-lhe a dignidade e interessavam-lhe as plantas. Sobre a felicidade não disse uma palavra, suponho que porque a

considerava algo estritamente privado e talvez, como dizer?, pantanoso e movediço. Tinha um grande senso de humor, embora algumas das suas páginas pudessem me contradizer com facilidade. E, provavelmente, já que não era um santo nem tampouco um homem valente, deve ter pensado sim na posteridade. No busto, na estátua equestre, nos infólios guardados para sempre numa biblioteca. O que nunca pensou foi que passaria para a história por dar o nome a uma combinação de sorvetes de três sabores. Isso eu posso lhe garantir. E então, que acha?

— Não sei o que pensar — disse Archimboldi.

— Ninguém mais se lembra do fñrst Pñckler botñnico, ninguém mais se lembra do jardineiro exemplar, ninguém leu o escritor. Mas todos, em algum momento da vida, saborearam um fñrst Pñckler, que sño especialmente atraentes e bons na primavera e no outono.

— Por que nño no verño? — indagou Archimboldi.

— Porque no verño sño meio enjoativos. Para o verño o melhor sño os sorvetes feitos com ãgua, nño os de leite.

De repente se acenderam as luzes do parque, mas houve um segundo de escuridño total, como se alguñm houvesse jogado uma manta negra sobre alguns bairros de Hamburgo.

O cavalheiro suspirou, devia rondar os setenta anos, depois disse:

— Que legado mais misterioso, o senhor nño acha?

— Sim, sim, de fato, acho — disse Archimboldi levantando-se e despedindo-se do descendente de fñrst Pñckler.

Pouco depois saiu do parque e na manhñ seguinte partiu para o Mñxico.

Nota à primeira edição

2666 foi publicado pela primeira vez mais de um ano depois da morte do autor. É razoável, pois, se perguntar em que medida o texto que se oferece ao leitor corresponde ao que Roberto Bolaño teria dado a lume se houvesse vivido o bastante. A resposta é tranquilizadora: no estado em que ficou à morte de Bolaño, o romance se aproxima muito do objetivo que ele traçou. Não há dúvida de que Bolaño teria continuado trabalhando mais tempo nele; somente mais uns poucos meses, no entanto: ele mesmo declarava estar perto do fim, já ultrapassado amplamente o prazo que tinha se fixado para terminá-lo. De qualquer modo, o edifício inteiro do romance, e não só seus pilares, já estava erguido; seus contornos, suas dimensões, seu conteúdo geral, não teriam sido, de modo algum, muito distintos dos que ele tem finalmente.

À morte de Roberto Bolaño se disse que o magno projeto de 2666 havia sido transformado numa série de cinco romances, que corresponderiam às cinco partes em que a obra está dividida. O certo é que nos últimos meses de sua vida Bolaño insistiu nessa ideia, cada vez menos confiante que estava para poder culminar seu projeto inicial. Convém informar, no entanto, que nessa intenção se interpuseram considerações de ordem prática (nas quais, diga-se de passagem, Bolaño não era muito versado): ante a cada vez mais provável eventualidade de uma morte iminente, parecia a Bolaño menos pesado e mais rentável, tanto para seus editores como para seus herdeiros, lidar com cinco romances independentes, de curta ou média extensão, do que com um só, descomunal, vastíssimo e, ainda por cima, não concluído completamente.

No entanto, depois da leitura do texto, parece preferível restituir ao romance o seu conjunto. Embora tolerem uma leitura independente, as cinco partes que integram 2666, além dos muitos elementos que compartilham (um tecido sutil de motivos recorrentes), participam inequivocamente de um desígnio comum. Não vale a pena se empenhar em justificar a estrutura relativamente “aberta” que as abarca, ainda menos quando se conta com o precedente de *Os detetives selvagens*. Se este romance tivesse sido publicado postumamente, não teria dado ensejo a todo tipo de especulações acerca do seu inacabamento?

Além do mais, há uma consideração que avaliza a decisão de publicar reunidas — e sem detrimento do que, uma vez estabelecido o marco íntegro da sua leitura, se publiquem separadas posteriormente, permitindo combinações que a estrutura aberta do romance autoriza e inclusive recomenda — as cinco partes de 2666. Bolaño, ele próprio excelente contista e autor de várias *nouvelles* magistrais, sempre se jactou, uma vez que embarcara na redação de 2666, de se haver com um projeto de dimensões colossais, que deixava bem para

trás, tanto em ambição quanto em extensão, *Os detetives selvagens*. A envergadura de 2666 é indissociável da concepção de original de todas as suas partes, também da vontade de risco que o anima, e de sua insensata aspiração de totalidade. Nesse ponto, não é demais recordar a passagem de 2666 em que, depois da conversa com um farmacêutico apaixonado pela leitura, Amalfitano, um dos protagonistas do romance, reflete com indissimulada decepção sobre o prestígio crescente das narrativas breves, redondas (na passagem se citam títulos como *Bartleby, o escrivão*, de Melville, ou *A metamorfose*, de Kafka), em detrimento das mais extensas, ambiciosas e atrevidas (como *Moby Dick*, como *O processo*). “Que triste paradoxo, pensou Amalfitano. Nem mais os farmacêuticos ilustrados se atrevem a grandes obras, imperfeitas, torrenciais, as que abrem caminhos no desconhecido. Escolhem os exercícios perfeitos dos grandes mestres. Ou o que dá na mesma: querem ver os grandes mestres em sessões de treino de esgrima, mas não querem saber dos combates de verdade, nos quais os grandes mestres lutam contra aquilo, esse aquilo que atemoriza a todos nós, esse aquilo que acovarda e põe na defensiva, e há sangue e ferimentos mortais e fetidez” (p. 225).

E depois, tem o título. Esse número enigmático, 2666 — na realidade, uma data —, que atua como ponto de fuga em que se ordenam as diferentes partes do romance. Sem esse ponto de fuga, a perspectiva do conjunto ficaria capenga, não resolvida, suspensa no nada.

Numa das suas abundantes notas relativas a 2666, Bolaño assinala a existência na obra de um “centro oculto” que se esconderia debaixo do que se pode considerar, por assim dizer, seu “centro físico”. Há razões para pensar que esse centro físico seria a cidade de Santa Teresa, fiel representação de Ciudad Juárez, na fronteira do México com os Estados Unidos. Ali convergem, afinal, as cinco partes do romance; ali ocorrem os crimes que configuram seu impressionante pano de fundo (e dos que, num trecho do romance, diz um personagem que “neles se esconde o segredo do mundo”). Quanto ao “centro oculto”..., não o indicaria precisamente esta data, 2666, que ampara todo o romance?

A escrita de 2666 ocupou os últimos anos de vida de Bolaño. Mas a concepção e o desenho do romance são muito anteriores, e retrospectivamente cabe reconhecer suas pulsações neste e naquele livro de Bolaño, mais em particular entre os que foi publicando a partir da conclusão de *Os detetives selvagens* (1998), que não por acaso termina no deserto de Sonora. Chegará o momento de rastrear detidamente essas pulsações. Por ora, basta assinalar uma muito eloquente, que ressoa em *Amuleto*, de 1999. Sua releitura oferece uma pista inequívoca do sentido para que aponta a data de 2666. A protagonista de *Amuleto*, Auxilio Lacouture (personagem prefigurado, por sua vez, em *Os detetives selvagens*), conta como uma noite seguiu Arturo Belano e Ernesto San Epifanio na caminhada rumo à Colônia Guerrero, na Cidade do México, onde os dois se dirigem em busca do chamado Rei dos Putos. Isto é o que ela diz:

“Eu os segui: vi caminharem a passos rápidos pela Bucareli até a Reforma, vi atravessarem a Reforma sem esperar o sinal verde, ambos de cabelos compridos e revoltos, porque nessa hora sopra pela Reforma o vento noturno que é a parte que cabe à noite, a avenida Reforma se transforma num tubo transparente, num pulmão de forma cuneiforme por onde passam as exalações imaginárias da cidade, e depois começamos a caminhar pela avenida Guerrero,

eles um pouco mais devagar que antes, eu um pouco mais deprimida que antes, a Guerrero, a essa hora, se parece mais que tudo com um cemitério, mas não com um cemitério de 1974, nem com um cemitério de 1968, nem com um cemitério de 1975 [data em que ocorre o relato de Auxilio Lacouture], mas com um cemitério do ano de 2666, um cemitério escondido debaixo de uma pálpebra morta ou ainda não nascida, as aquosidades desapaixonadas de um olho que, por querer esquecer algo, acabou esquecendo tudo” (p. 65).*

O texto que aqui damos ao leitor corresponde ao da última versão das diferentes “partes” do romance. Bolaño assinalou muito claramente quais, entre seus arquivos de trabalho, deviam ser considerados definitivos. Apesar disso, foram revisados rascunhos anteriores, a fim de emendar possíveis saltos ou erros, afim também de detectar possíveis pistas acerca das últimas intenções de Bolaño. O resultado das pesquisas realizadas não lançou maiores luzes sobre o texto, e deixa muito pouca margem a dúvidas sobre seu caráter definitivo.

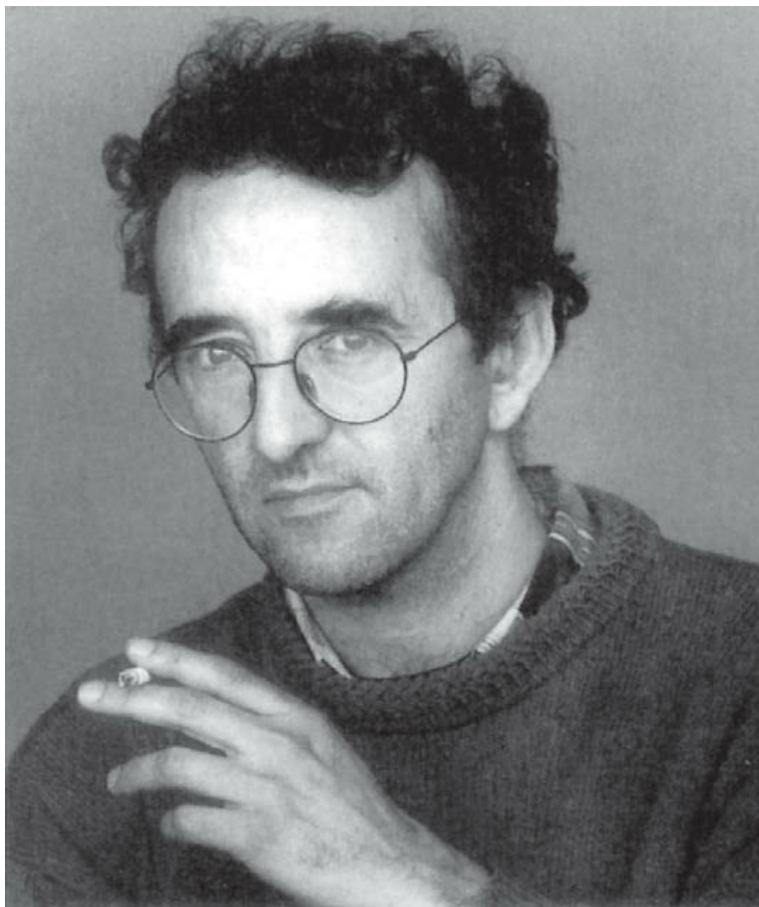
Bolaño era um escritor consciencioso. Costumava fazer vários rascunhos de seus textos, que geralmente redigia num só jato mas que depois burilava com cuidado. A última versão de 2666 oferece nesse sentido, salvo exceções, um nível muito satisfatório de clareza e limpeza: de deliberação, portanto. Mal houve necessidade de introduzir emendas mínimas e corrigir alguns erros evidentes, com a segurança que proporciona aos editores sua familiaridade assídua e perita — mas sobretudo cúmplice — com as “fraquezas” e as “manias” do escritor.

Uma derradeira observação, que talvez não seja demais adicionar. Entre as anotações de Bolaño relativas a 2666 se lê, num apontamento isolado: “O narrador de 2666 é Arturo Belano”. E em outro lugar acrescenta, com a indicação “para o fim de 2666”: “E isso é tudo, amigos. Fiz tudo isso, vivi tudo isso. Se tivesse forças, me poria a chorar. Despede-se de vocês, Arturo Belano”.

Adeus, pois.

Ignacio Echevarría
Setembro de 2004

* *Amuleto*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.



ANNA OSWALDO-CRUZ LEHNER

Roberto Bolaño nasceu em 1953, no Chile, e é considerado um dos grandes nomes da literatura latino-americana contemporânea. Passou a adolescência no México, retornando ao país natal pouco antes do golpe militar, quando foi preso. Começou a publicar seus livros aos quarenta anos de idade, já residindo na Espanha. Entre romances, poesias e contos, lançou mais de dez livros, incluindo *Amuleto*, *Os detetives selvagens*, *Estrela distante*, *Noturno do Chile*, *A pista de gelo* e *Putas assassinas*, todos publicados no Brasil pela Companhia das Letras. Morreu de insuficiência hepática em 2003.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



Esta obra foi publicada com subvenção da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Cultura da Espanha

Título original

2666

Capa

warrakloureiro

Imagem da capa

Sem título (1988), óleo sobre tela de Rodrigo Andrade, 160 x 190 cm.

Reprodução: Romulo Fialdini

Preparação

Julia Bussius

Revisão

Marise Leal

Isabel Jorge Cury

Huendel Viana

ISBN 978-85-438-0856-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br



ROBERTO BOLAÑO

O ESPÍRITO DA FICÇÃO CIENTÍFICA

O romance inédito do autor de
2666 e *Detetives selvagens*


COMPANHIA DAS LETRAS

O espírito da ficção científica

Bolaño, Roberto

9788543808314

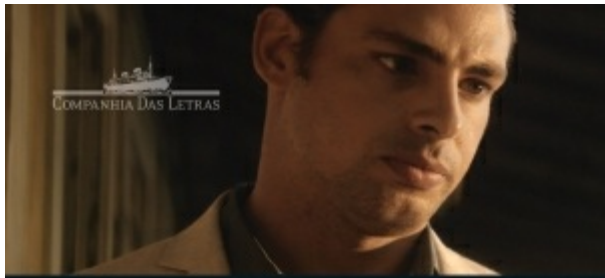
184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito nos anos 1980 e descoberto mais de três décadas depois, o romance inédito de Roberto Bolaño, autor de 2666 e Os detetives selvagens.

Ambientado na Cidade do México nos anos 1970, O espírito da ficção científica conta a história de Remo Morán e Jan Schrella, dois jovens escritores obcecados por poesia e ficção científica. Enquanto o primeiro tenta incansavelmente encontrar seu espaço na literatura, o segundo passa os dias enviando cartas delirantes a seus autores favoritos de ficção científica. Escrito nos anos 1980 e descoberto agora, esse romance traz todos os elementos que fariam de Bolaño um dos autores mais célebres e importantes da literatura latino-americana. Seus fãs encontrarão aqui não apenas a prosa tão facilmente reconhecível — e tão absolutamente inesperada — quanto seus temas mais caros, como a literatura, o amor, a juventude, a amizade, o humor e a rebeldia.

[Compre agora e leia](#)



COMPANHIA DAS LETRAS

MILTON HATOUM

*Romance que inspirou a
minissérie da TV Globo*

DOIS IRMÃOS

Direção: Luiz Fernando Carvalho



Dois irmãos

Hatoum, Milton

9788580861631

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Onze anos depois da publicação de *Relato de um certo Oriente*, Milton Hatoum retoma os temas do drama familiar e da casa que se desfaz. *Dois irmãos* é a história de como se constroem as relações de identidade e diferença numa família em crise. O enredo desta vez tem como centro a história de dois irmãos gêmeos - Yaqub e Omar - e suas relações com a mãe, o pai e a irmã. Moram na mesma casa Domingas, empregada da família, e seu filho. Esse menino - o filho da empregada - narra, trinta anos depois, os dramas que testemunhou calado. Buscando a identidade de seu pai entre os homens da casa, ele tenta reconstruir os cacos do passado, ora como testemunha, ora como quem ouviu e guardou, mudo, as histórias dos outros. Do seu canto, ele vê personagens que se entregam ao incesto, à vingança, à paixão desmesurada. O lugar da família se estende ao espaço de Manaus, o porto à margem do rio Negro: a cidade e o rio, metáforas das ruínas e da passagem do tempo, acompanham o andamento do drama familiar. Prêmio Jabuti 2001 de Melhor Romance

[Compre agora e leia](#)

ELEITO
UM DOS
10 MELHORES
LIVROS DO
ANO PELO
NEW YORK
TIMES



MANUAL DA FAXINEIRA

CONTOS ESCOLHIDOS

LUCIA BERLIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Manual da faxineira

Berlin, Lucia

9788543807522

536 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pela primeira vez no Brasil, a obra de uma lendária contista norte-americana que vem conquistando cada vez mais leitores.

Lucia Berlin teve uma vida repleta de eventos e reviravoltas. Aos 32 anos, já havia vivido em diversas cidades e países, passado por três casamentos e trabalhado como professora, telefonista, faxineira e enfermeira para sustentar os quatro filhos. Lutou contra o alcoolismo por anos antes de superar o vício e tornou-se uma aclamada professora universitária em seus últimos anos de vida.

Desse vasto repertório pessoal, Berlin tira inspiração para escrever os contos que a consagraram como uma mestre do gênero. Com a bravura de Raymond Carver, o humor de Grace Paley e uma mistura de inteligência e melancolia, Berlin retrata milagres da vida cotidiana, desvendando momentos de graça em lavanderias, clínicas de desintoxicação e residências de classe alta da Bay Area.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazim




COMPANHIA DAS LETRAS

O instante certo

Harazim, Dorrit

9788543806242

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.

Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país. Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)

XINRAN



COMPRE-ME O CÉU

A incrível verdade sobre as gerações de filhas únicos da China



Compre-me o céu

Xinran

9788543808826

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste relato pungente e revelador, Xinran investiga as consequências da política do filho único na China.

Este livro fala de homens e mulheres nascidos na China depois de 1979 — as gerações recentes criadas sob a política do filho único. Dentro de suas famílias, são vistos como príncipes, mas tanto afago os tornou isolados, confusos e incapazes de lidar com a vida prática.

Do filho de um executivo incapaz de arrumar a própria mala ao aluno de doutorado que superou a extrema pobreza, Xinran mostra como essas gerações encarnam os medos e as esperanças de um grande país num tempo de mudanças sem precedentes.

É um momento de fragmentação, em que o capitalismo convive com o comunismo, a cidade com o campo e as oportunidades do Ocidente com as tradições do Oriente. Por meio das fascinantes histórias de filhos únicos, capturamos uma faceta decisiva da China contemporânea.

[Compre agora e leia](#)